X

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

SEGUNDA PARTE

POR

MANUEL BERNARDES BRANCO

VOLUME II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

Á MEMORIA

DE

MARIA IZABEL DOS REIS

ACTRIZ

NO

REAL THEATRO DE S. JOÃO

NA

CIDADE DO PORTO

LIBRARY
OCT 12 1971
UNIVERSITY OF TORONTO

Z
2726
B522
V. 2

PROLOGO

Camoens s'est montré tout à l'heure un admirable historien, dont une nation entière répétera les chants; plus tard il devient un poète inimitable.

Magasin Pittoresque, vol. XL, pag. 170.

Lisbonne! Toutes les capitales sont des points d'exclamation: Lisbonne en est un surtout.

CHAUVAIN, *Histoire de Portugal*.

Leitores dados ás letras, não vos lembraes de que nos tempos da vossa escolar mocidade, já nos livros, e já nos recreios, estaveis sempre a encontrar nomes e recordações persicas? Não vos lembraes de que ainda em verdissimos annos, nos collegios e escolas se encontravam dois partidos, e que aos sabbados argumentavam, e umas vezes vencia a Troia e outras a Grecia?

Lembrae-vos, sim; e tambem vos lembraes de que nas sabbatinas, o que mais na vossa tenra mocidade desejaveis, era levar a bandeira da escola, em roda da qual tinheis depois de a enfeitar com vélas de cera e enfeites de todos os feitios, entre os quaes tinham logar distincto os laçarotes e fitas de todas as qualidades?

Os tempos decorreram depressa; e nas aulas de latim tambem havia argumentos, e os que tinham ganhado nos desafios tinham um logar mais selecto, e julgavam-se superiores aos seus collegas, pelo menos durante uma semana, em que eram verdadeiros reis pequenos.

Hoje tambem o latim já desappareceu de Lisboa, porque isso a que aqui se chama latim, poderá ser lingua bunda, mas nunca latim ciceroniano. O grego tambem acabou; a lingua portugueza tambem está nos ultimos paroxismos e arrancos.

Aquelles livros que tratam das nossas glorias de outr'ora conservam-se nas estantes dos ricassos para ostentação e luxo, mas tambem pouco são lidos.

Eis porque ao ouvirdes os nomes de persas ficareis como absortos, e perguntareis a que proposito vem fallar n'este prologo ou n'esta obra em persas!

As causas de um tal desconhecimento são todavia obvias. Nós só lemos livros francezes; e só quando não póde deixar de ser lemos livros portuguezes. E no emtanto, se ha povo que se deva gloriar com os feitos de seus antepassados, é certamente o portuguez. Em todo o mundo, seja na cidade, seja no mais obscuro recanto, em toda a parte as recordações dos nossos maiores nos apparecem — felizmente.

Agora vae o leitor tambem ler os feitos dos nossos maiores na Persia: não n'essa Persia dos livros classicos, mas sim n'um theatro dos feitos dos portuguezes; n'essa Persia aonde os portuguezes chegaram ha dois seculos, e ácerca da qual ha escriptos bastantes livros, e ha de tambem encontrar muitos trechos que lhe hão de dizer quão grande foi a quantidade de sangue portuguez alli derramado.

DICCIONARIO

DOS

ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM ÁCERCA DE ASSUMPTOS PORTUGUEZES

D

«De Thou a mentionné Antoine de Gouveia dans son *Histoire* comme le seul à qui les doctes aient accordé la gloire si rare d'avoir été à la fois un grand philosophe, un grand jurisconsulte et un grand poète. Sa réputation en philosophie lui vient de la lutte qu'il soutint contre Ramus... Comme jurisconsulte, il est encore compté parmi ceux qui ont ouvert aux modernes l'intelligence du droit romain. La première fois que Cujas l'entendit expliquer le Code, il fut sur le point de renoncer à l'enseignement, tant il sentait son inferiorité. Il ne se ravira ensuite que parce qu'il reconnut que chez son redoutable rival la persévérance n'était pas la compagne du genie.» Vicomte de Grouchy, *Étude sur Nicolas de Grouchy*, pag. 25.

DABISTAN.

Historia do Mogol.

Contém uma historia dos progressos da religião christã no Mogol, baseada em noticias dadas pelos padres portuguezes, e dá uma amostra das disputas perante Akbar[1].

A obra é escripta em lingua persa, e trata das missões dos jesuitas portuguezes na Persia.

DAÇA (FR. ANTONIO ——).

Aproveito esta occasião para lembrar aos menos lidos dos amadores de chronicas monasticas, que ha um quarto volume, continuação da *Chronica de fr. Marcos de Lisboa,* impresso em 1611, in-folio, no convento de S. Francisco de Valladolid, por João Godines de Millis e Diogo de Cordova, sendo o seu auctor o chronista geral da ordem, fr. Antonio Daça.

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1874, pag. 186.

Contém 26 pag. preliminares sem numeração, precedidas de um frontispicio gravado, e 344 pag. de texto numeradas, seguidas de 18 pag. de tabuada sem numeração[1].

D. A. D. M. B.

Romance que saca a luz, y compone de rustiquezes y simplicidades, la risa de las mogigangas; el festejo de las danzas del dia del Corpus; el continuo alborozo de las calles de Madrid, el patan de la villa de Alarcon, conocido en esta córte por su celebrada nombre de Olla, Cantaro, Cantarilha Vidrada, á la felicissima y deseada entrada de nuestro amable y Católico Monarca Don Felippe V (Que Dios guarde).

DAFNI TRINACRIO.

I. *Per il fausti sponsati dell' Eccelenze loro la Signora D. Eugenia Maria Giuseppa... nata Contessa della Vidigueira, Marchezza di Nizza &c. ed il signor D. Domenico de Lima Telle &c., Viconte di Villa Nova da Cerveira, Marcheze di Niza, celebrati nel di 21 novembre 1790.* 4.º 12 pag.

II. *Inno per solennizare fausto giorno natalizio di Sua Altezza Real D. Carlota Gioachina, Principessa del Brazile, nostra signora, nel di 25 aprile 1791.* Lisbona, nella stamperia reale, in-4.º, 8 pag.

III. *Il Disegno del nuovo Tempio, dialogo nella ricorrenza del faustissimo giorno natalizio di Sua Maestà Fedelissima D. Maria I, felicemente regnante, il di 17 décembre 1790.* Lisbona, nella stamperia reale, 4.º, 13 pag.

DALLAS (R. CH.).

Ode to the Duke of Wellington, and other poems. London, 1819.

DALRYMPLE.

Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774. Paris, 1783, in-8.º

DALRYMPLE (HEW.).

Bart. of his proceedings as connected with the affairs of Spain and the commencement of the Peninsular War. London, 1830.

Selections from the dispatches and general orders of Field Marshall the Duke of Wellington by Lieut. Colonel Gurwood.

DALRYMPLE (W.).

Travels through Spain and Portugal in 1774, with an account of the Spanish expedition against Algiers, in 1775. 1777.

DAMBERGER (CHR. FR.).

Voyage dans l'intérieur de l'Afrique, depuis le Cap de Bonne Espérance, à travers la Cafrérie, les royaumes de Mataman, Angola &c., en continuant par le désert de Sahara jusqu'à Marroc, de 1781 à 1797, par ——. Traduit de l'allemand par L. H. Delamarre. Paris et Strasbourg, an. 9, 2 vol.

[1] Pereira Caldas, a pag. 7 da reimpressão do folheto *Favores do Céu a Portugal*, Braga, 1871.

DAMPIER (GUILLAUME ——).

E. *Nouveau voyage autour du Monde, où l'on décrit... les isles de Cap Verd, &c.* 4 vol. Amsterdam, 1706.

DANETZI (GEORGE ——).— Jesuita hungaro.

E. *Magnus Indiae Patriarcha et Apostolus Xaverius, Ecclesiae thaumaturgus.* Tyrnaviae, 1680, in-12.

É em verso.

DANTAS.

Les faux D. Sebastiens.

Esta obra foi analysada no *Moniteur Universel* n.º 16, fevereiro de 1866, pag. 175 e 176.

DANTE.

Na epopéa da *Divina Comedia,* entre as maiores illustrações da idade media, está o nome de Pedro Hispano, ou Pedro Julião, auctor das *Summulas Logicas* e do *Thesaurus Pauperum,* e que chegou a ser pontifice sob o nome João XXI[1].

Eis o terceto:

Ugo da Sanvittore è qui con elli
E Pietro Mangiadore e Pietro Hispano
Lo qual già luce in dodici libelli.

DARDE (JEAN ——).— Jesuita, fallecido em París em 1641.

I. *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brésil et les Indes Orientales, tirée des lettres escrites ès années 1620 jusques en 1625. Adressée au R. P. Mutio Vitelleschi, général de la Compagnie de Jésus. Traduite du italien en françois par un père de la même Compagnie.* París, Sebastien Cramoisy, 1628, in-8.º, 451 pag. (o nome do padre Darde enconta-se no privilegio).

II. *Histoire du royaume du Japon, des années 1621 et 1622.* Sebastien Cramoisy, 1627.

DARONDEAU (B.).— Ingénieur hydrographe.

Description nautique de la Côte occidentale d'Afrique, comprise entre le Cap Lopez et le Cap de Bonne Espérance. Annales hydrographiques (1850), première partie. Revue et mise en ordre par ——. Paris, 1850. 4.º, 71 pag.

*
* *

«On trouve à Saint Paul de Loanda des ressources en provisions fraîches, légumes et fruits, entre outres, des mangues excellentes.

«Saint Paul est une ville de ressources; on y trouve à peu près, tout ce qui est nécessaire à la vie, et des navires mêmes pourraient trouver le plus souvent

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

à s'y ravitailler; cependant, il ne fraudrait pas toujours compter d'une manière absolue sur cette faculté, car les approvisionnements du commerce y sont très variables, et il pourrait arriver, comme je l'ai vu à plusieurs époques, qu'on rencontrât les magasins entièrement dépourvous.»

DARRAC (D. FRANCISCO LAIGLESIA Y ——).—Caballero de la Orden de Carlos III, etc.

E. *El mejor triunfo del amor, ó el vaticinio cumplido, con parte de musica. Representada en el teatro de la ciudad de Cadiz, en el dia 7 de setiembre de 1816, en celebracion de la feliz llegada de las serenissimas señoras Infantas de Portugal, y sus augustos enlaces con el Rey nuestro señor y el serenisimo señor Infante D. Carlos. Puesta en musica por D. Esteban Cristiani.* Cadiz. 4.º de 29 folhas.

DAUBRÉ.

As cartas de Mercator e de Ortelio são as primeiras que se podem julgar comparaveis ás antigas cartas gravadas em cobre, em Veneza. As cartas allemãs foram no principio quasi exclusivamente reproduzidas em gravura em madeira, ao passo que na Italia a gravura sobre cobre era habitualmente empregada para o mesmo fim.

A primeira parte do seculo XVI é pois caracterisada por uma apparencia de recuo na arte typographica. Porém um exame attento das cartas d'aquelles tempos nos faz descobrir um progresso real, que dissimula um primeiro aspecto quasi grotesco. Este progresso é devido aos primeiros esforços dos geographos allemães, hollandezes e francezes, para se emanciparem dos auctores classicos anteriores, que até então se tinham escrupulosamente seguido. Suas cartas, tambem emquanto ao hemispherio antigo, como emquanto ao mundo novo, são baseadas em dados geographicos modernos.

Todavia, se compararmos muito de perto taes cartas, das quaes Mr. Nordenskiöld dá a enumeração, da historia contemporanea das descobertas geographicas, vemos quantas difficuldades encontrariam então os geographos n'um tempo em que as explorações recentes do novo mundo, e as dos archipelagos do éste da Asia não chegavam senão com enormes demoras á Europa, e alem d'isto, alguns dados insufficientes de latitudes e longitudes, frequentissimamente faziam caír em erro.

Porém, pelo meiado do seculo XVI uma mudança decisiva sobreveiu na carthographia. Até então os geographos tinham-se contentado com cartas repousando sobre os dados geographicos enumerados e commentados na cosmographia de Ptolomeu, consoante com os itinerarios e com as distancias das localidades. Porém as observações astro-geographicas eram pouco numerosas, e quasi sempre incompletas.

As cartas impressas durante este periodo foram tambem multiplicadas como supplementos ás novas edições da geographia de Ptolomeu. Em onze edições d'esta obra, que appareceram de 1520 a 1550, figuram com 269 cartas antigas, 244 *tabulae novae,* a maioria em duplo folio, ao passo que o numero de outras cartas impressas no mesmo periodo, se eleva tão sómente a 100, se exceptuarmos a cosmographia de Münster, e algumas pequenas gravuras em madeira das obras de Bordonne e de Apiano.

Assim, a litteratura carthographica d'este periodo ainda é pobre, tanto

por causa da sua fabula extensa, como por o que é relativo á composição e execução.

Todavia, a aurora de uma nova phase alli se manifesta; de uma parte, essas novas cartas são baseadas sobre um maior numero de investigações typographicas recentes, e da outrá parte trata-se de empregar methodos de projecção aperfeiçoados.

N'um ponto de vista differente, este mesmo periodo fórma epocha no desenvolvimento da carthographia. Algumas gravuras em madeira, bastantemente toscas, foram já publicadas em Lubeck no anno de 1475[1].

Grandes cartas, igualmente gravadas em madeira, acompanham duas edições de grande merito de Ptolomeu, publicadas em Ulm nos annos de 1482 e 1486.

Algumas cartas isoladas da mesma natureza são impressas na Allemanha no seculo XV, e nos primeiros annos do seculo XVI.

Pondo de parte estas excepções, quasi todas as cartas geographicas até 1513, anno em que a grande edição de Ptolomeu era publicada em Strasbourg com 20 cartas novas, foram impressas na Italia, muitas vezes, todavia, com assistencia de desenhadores e de gravadores da patria de Gutenberg. Porém, a partir do anno que assignalâmos, a principal industria da impressão das cartas se transfere, por pouco tempo, é verdade, ao norte dos Alpes. Ao passo que algumas cartas, pouco numerosas, eram impressas na Italia nos annos de 1513 a 1547, quasi que a totalidade de obras d'este genero no periodo seguinte, 1548 a 1570, são de origem italiana. Depois, a partir de 1570, isto é, do anno em que appareceu a primeira edição do *Theatrum orbis terrarum* de Ortelius, a Hollanda tomou por muito tempo posse da impressão das principaes cartas.

A transferencia d'esta industria para o norte dos Alpes não se fez sem que o final da execução tivesse que soffrer.

D'AURIAC (EUGÈNE ——).

E. *Résolution des États de Portugal en faveur du roi D. Jean IV, précédée d'une étude sur l'avènement de la maison de Bragance et d'une notice sur F. de Grenaille.* Paris. Alphonse de Lemerre, éditeur. 1883, in-8.º

DAUX (ANDRÉ ADOLPHE ——).—Auctor do *Curso de litteratura franceza,* das *Lições de Mythologia,* da *Arte de correspondencia commercial,* do *Mestre de francez,* etc. Professor da escola de estudos commerciaes, e da associação philotechnica.

O Portugal de Camões, offerecido á mocidade portugueza e brazileira. Seguido de um elucidario e indice chronologico. 1889. XIII, 573 pag.

Novo methodo mnemotechnico da lingua franceza, por ——. Obra adoptada pelos melhores collegios da côrte e das provincias. Quinta edição, revista e emendada. Paris. Veuve J. P. Aillaud, Guillard & C.ᵉ 1871. 8.º gr., IV, 240 pag.[2]

O mestre de francez, methodo simples e facil para aprender o francez em seis mezes, por ——. Paris, Id., id., 1872. 8.º gr., III, 240 pag.[2]

---

[1] *Journal des Sçavans.*

[2] Fui mimoseado pelo auctor com um exemplar de cada uma d'estas obras, as quaes agradeço.

DAVID (ERNEST ——).

Vie d'Antoine José da Silva. Paris.

Les operas du juif Antonio José da Silva. 1705-1739. Par ——. (Extrait du journal *Les archives israelites.)* Paris. Imprimerie et librairie A. Wittersheim & Cᵉ. 1880. 8.º gr., 74 pag.

* *

«O homem de genio, cuja vida vamos esboçar, foi tão popular entre os catholicos portuguezes, quanto parcamente conhecido dos israelitas, seus correlegionarios. Eis porque nos pareceu bom escrever sua biographia. Não o podemos citar como um dos heroes do judaismo, mortos por sua fé; não tem o direito de ser contado em o numero dos martyres que preferiram a fogueira á abjuração de sua fé; mas a barbaridade com que o trataram, os atrozes padecimentos physicos e moraes que teve de supportar, e mórmente seu tragico fim, permittem que o façamos figurar entre as extraordinariamente numerosas victimas sacrificadas pela inquisição por haverem commettido o imperdoavel crime de não esquecerem a fé de seus paes. A accusação de judaismo, com que o santo officio o carregou, não foi mais do que um pretexto; o verdadeiro motivo das perseguições das quaes foi o alvo, não era aquelle. Apesar da sua audacia e da sua falta de pudor, o feroz tribunal não ousou confessar sua causa, e a occultou com o manto da religião. Ao passo que fingia perseguir a heresia, não tendia a mais, na realidade, do que a satisfazer a seus proprios rancores, e sabe-se se o odio clerical perdoou ou esqueceu jamais.

Regenerador do theatro portuguez, caído na decadencia desde a morte de Gil Vicente, Antonio José da Silva, que mereceu ser cognominado o *Plauto portuguez,* flagellou nas suas operas os vicios de seu tempo: clero, justiça, medicina, etc.; tudo foi exposto á ferula...

O beaterio, a epiderme dos clericaes, dos invejosos e dos impotentes, se sentiu offendido, e sempre quizeram mal ao dramaturgo por causa das satyras com as quaes elle os feria indirectamente. Sabendo fazer com que o povo risse, por isso mesmo foi criminoso: sua gloria tinha de causar sua morte.

O povo comprehendia seu poeta; acolhia com exclamações de franco jubilo as allusões aos inquisidores e á sua justiça, ao rei e aos seus desregramentos, aos medicos e a seus tartufos. O homem que ousava assim distrahir a multidão, e desviar o espirito d'ella do terror *salutar* dos autos de fé, devia desapparecer a todo o preço; era absolutamente indispensavel convencel-o de heresia e inventar contra elle alguns crimes que permittissem vingar na sua pessoa a divida contrahida por Gil Vicente, e que o santo officio, com grande pesar, lhe não tinha podido fazer pagar. Os inquisidores não deixaram de trabalhar para esse fim.

É o caminho da sua ultima victima, que nós vamos descrever: dissemos a *ultima,* porquanto depois da morte de Antonio José da Silva o santo officio já não teve mais poder para queimar herejes, e não se póde contar por uma victima da inquisição o jesuita Malagrida, que foi enforcado em Lisboa[1], depois do auto

[1] É falso, como o leitor sabe.

de fé de 20 de setembro de 1761, por delictos que não tinham relação com o judaismo.

Mas para comprehendermos bem o sinistro epilogo que terminou tão desastrosamente os dias do nosso heroe, e explicarmos a furia dos tonsurados, segundo a expressão pittoresca de um sabio escriptor portuguez, Theophilo Braga, na sua *Historia do theatro portuguez,* cumpre conhecer sua obra dramatica, e é mister conhecer seu theatro.

*
* *

Seriamos tentados a perguntar como podia acontecer que o povo se não revoltasse contra abominações reprovadas por qualquer sentimento de justiça, se não soubessemos que a plebe hespanhola e portugueza era ainda mais intolerante do que o clero. Tinham-lhe feito crer que a opposição dos judeus á fé de Christo era uma offensa a Deus, e que punir esta offensa era um serviço aos olhos da Divindade. Eis porque, quando os herejes iam ser arrojados ás chammas, o povo concorria em chusma para assistir a estes sacrificios humanos, considerados como actos de fé e de devoção.

*
* *

De maio a outubro de 1737, Antonio José escreveu a sua ultima opera, *O precipicio de Phaetonte,* que foi representada em janeiro de 1738, emquanto definhava nos carceres da inquisição. O precipicio, ai! tinha-se aberto debaixo de seus passos, quando menos o esperava.

A 3 de outubro de 1737, os inquisidores apostolicos contra a heretica pravidade e apostasia, lavraram contra Antonio José da Silva, advogado residente em Lisboa, perto da egreja do Soccorro, um mandato que determinava o sequestro dos seus bens, prendel-o onde quer que se achasse, conduzil-o a logar seguro, levar tambem a sua cama e outros objectos necessarios, e alem d'isso 40$000 réis para pagarem sua comida.

A 5 de outubro, Antonio José, rodeado de sua familia, festejava o segundo anniversario do nascimento de sua filha, quando repentinamente pancadas violentas soam á porta da rua; vozes ameaçadoras fazem-se ouvir. São os obreiros do santo officio, conduzidos por familiares, os quaes vem lançar as garras a marido e mulher. Antonio José foi preso com sua mulher pelos esbirros da inquisição, acompanhados do conde de Athouguia, emquanto o alcaide Fernando Cardoso se entrega a pesquizas, cujo resultado foi a descoberta de 75 réis em dinheiro.

Admirar-se ha o leitor, talvez, de que homens de alto nascimento, como os que acima ficam mencionados, se tivessem feito policias do santo officio; mas cumpre saber que os descendentes da mais antiga nobreza consideravam como honra o serem nomeados empregados e servidores da inquisição, debaixo do nome de familiares. Estavam encarregados da captura dos suspeitos. O respeito extremo que havia para com elles, e o terror que inspirava esta infernal jurisdicção eram taes que os presos se deixavam levar sem o minimo pretexto, desde que um familiar pronunciava estas palavras: —Em nome da santa inquisição— ninguem ousava murmurar. O pae entregava seus filhos, o marido sua mulher, e

se algum accusado désse ares de querer resistir, cada um era obrigado a auxiliar, e ai d'aquelles que recusassem coadjuval-os... O leitor sabe a sorte do grande comico portuguez...

*
* *

Na Hespanha as cousas correram de igual modo. Qual foi a recompensa, diz Amador de los Rios, que receberam de seus longos estudos, de seus trabalhos immortaes os homens illustres, cujos nomes abrilhantaram o seculo XVI? Que responda o sabio Paulo Cespedes, preso, perseguido só pelo crime de ser amigo do virtuoso dr. fr. Bartholomeu Caranza, victima da calumnia; que responda fr. Luiz de Léon, o homem da egreja, que soffreu durante cinco annos a prisão mais horrorosa, por haver traduzido o *Cantico dos canticos;* que responda o mais consummado humanista, Sanchez Brocense, cujo unico crime era o de ter um nome illustre; que responda o sabio Benito Arias Montano, sem que a amizade do proprio Filippe II podesse servir de escudo contra o furor dos inquisidores; que respondam Pedro de Torregiano e fr. André de Léon, mortos ambos n'uma obscura prisão aonde os tinham lançado sua honestidade e seu talento; que respondam finalmente todos esses outros humanistas e litteratos illustres que succumbiram debaixo do furor de seus perseguidores, e que se viram obrigados a justificarem-se de faltas que elles nem sequer tinham imaginado, e de crimes que até a sua propria dignidade obstava a que os commettessem.

*
* *

Os sacrificios de sangue humano, diz Voltaire, que se exprobam ás antigas nações, foram mais raros do que os com que os portuguezes e hespanhoes se mancharam em seus autos de fé.

DAVID LIVINGSTONE (DR.).

E. *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe, et voyages à travers le continent de Saint Paul de Loanda à l'embouchure du Zambeze. De 1840 à 1856. La traduction est de madame H. Loreau. 1859.*

DAVIS (J. F.).

In Cavernam, ubi Camoens, fertur Carmen egregium composuisse. 1831.

I

Hic, in remotis sol ubi rupibus
Frondes per altas mollius incidit,
Fervebat in pulchram camœnam
Ingenium Camoentis ardens;

II

Signum et Poetae marmore lucido
Spirabat olim, carminibus sacrum,
Parvumque, quod vivens amavit,
Effigie decorabat antrum:

III

Sed jam vetustas, aut manus impia
Prostravit Eheu! — Triste Silentium
Regnare nunc solum videtur
Per scopulos, virides et umbras!

IV

At fama nobis restat, at inclytum
Restat Poetae nomen, at ingeni
Stat carmen exemplum perenne,
Aerea nec monumenta quaerit!

V

Sic usque virtus vincit, ad ultimos
Perducta fines temporis, exitus
Spernens sepulchrorumque inane,
Marmoris ac celerem ruinam!

Macau, 1831.

DAY.

E. *Cochin.*

O livro de Day sobre Cochin, é considerado, em geral, obra de valor, porquanto Cochin foi o mais importante estabelecimento portuguez na India continental, proximo a Goa, e tudo quanto com elle tem relação, tem certa importancia para o nosso assumpto[1].

DAY (FRANCIS.).

E. *The land of the Permauls, or Cochin, its past and its present.* Madras., 1863. (Capitulo III.)

D. D. P. L. D. L. E. Y. R.

Sonoros écos que pulsa la voz de el entendimiento, para advertir al Desengaño, en el feliz regresso e progressos victoriosos de nuestro Católico Monarca Felipe Quinto, El Animoso. Guerra da successão.

DEBIDAS *aclamaciones al incomparable valor de nuestro amado Monarca Don Felipe Quinto (que Dios guarde en la restauracion de sus perdidos vassalos). Romance.*

DEBRET.

Voyage pittoresque et historique au Brésil depuis 1816 jusqu'en 1831. Paris, 1834.

---

[1] Tolbort, no *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1874, pag. 133.

se algum accusado désse ares de querer resistir, cada um era obrigado a auxiliar, e ai d'aquelles que recusassem coadjuval-os... O leitor sabe a sorte do grande comico portuguez...

*
* *

Na Hespanha as cousas correram de igual modo. Qual foi a recompensa, diz Amador de los Rios, que receberam de seus longos estudos, de seus trabalhos immortaes os homens illustres, cujos nomes abrilhantaram o seculo XVI? Que responda o sabio Paulo Cespedes, preso, perseguido só pelo crime de ser amigo do virtuoso dr. fr. Bartholomeu Caranza, victima da calumnia; que responda fr. Luiz de Léon, o homem da egreja, que soffreu durante cinco annos a prisão mais horrorosa, por haver traduzido o *Cantico dos canticos;* que responda o mais consummado humanista, Sanchez Brocense, cujo unico crime era o de ter um nome illustre; que responda o sabio Benito Arias Montano, sem que a amizade do proprio Filippe II podesse servir de escudo contra o furor dos inquisidores; que respondam Pedro de Torregiano e fr. André de Léon, mortos ambos n'uma obscura prisão aonde os tinham lançado sua honestidade e seu talento; que respondam finalmente todos esses outros humanistas e litteratos illustres que succumbiram debaixo do furor de seus perseguidores, e que se viram obrigados a justificarem-se de faltas que elles nem sequer tinham imaginado, e de crimes que até a sua propria dignidade obstava a que os commettessem.

*
* *

Os sacrificios de sangue humano, diz Voltaire, que se exprobam ás antigas nações, foram mais raros do que os com que os portuguezes e hespanhoes se mancharam em seus autos de fé.

DAVID LIVINGSTONE (DR.).

E. *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe, et voyages à travers le continent de Saint Paul de Loanda à l'embouchure du Zambeze. De 1840 à 1856. La traduction est de madame H. Loreau. 1859.*

DAVIS (J. F.).

In Cavernam, ubi Camoens, fertur Carmen egregium composuisse. 1831.

I

Hic, in remotis sol ubi rupibus
Frondes per altas mollius incidit,
Fervebat in pulchram camœnam
Ingenium Camoentis ardens:

II

Signum et Poetae marmore lucido
Spirabat olim, carminibus sacrum,
Parvumque, quod vivens amavit,
Effigie decorabat antrum:

III

Sed jam vetustas, aut manus impia
Prostravit Eheu! — Triste Silentium
Regnare nunc solum videtur
Per scopulos, virides et umbras!

IV

At fama nobis restat, at inclytum
Restat Poetae nomen, at ingeni
Stat carmen exemplum perenne,
Aerea nec monumenta quaerit!

V

Sic usque virtus vincit, ad ultimos
Perducta fines temporis, exitus
Spernens sepulchrorumque inane,
Marmoris ac celerem ruinam!

Macau, 1831.

DAY.

E. *Cochin.*

O livro de Day sobre Cochin, é considerado, em geral, obra de valor, porquanto Cochin foi o mais importante estabelecimento portuguez na India continental, proximo a Goa, e tudo quanto com elle tem relação, tem certa importancia para o nosso assumpto[1].

DAY (FRANCIS.).

E. *The land of the Permauls, or Cochin, its past and its present.* Madras., 1863. (Capitulo III.)

D. D. P. L. D. L. E. Y. R.

Sonoros écos que pulsa la voz de el entendimiento, para advertir al Desengaño, en el feliz regresso e progressos victoriosos de nuestro Católico Monarca Felipe Quinto, El Animoso. Guerra da successão.

DEBIDAS *aclamaciones al incomparable valor de nuestro amado Monarca Don Felipe Quinto (que Dios guarde en la restauracion de sus perdidos vassalos). Romance.*

DEBRET.

Voyage pittoresque et historique au Brésil depuis 1816 jusqu'en 1831. Paris. 1834.

---

[1] Tolbort, no *Instituto Vasco da Gama,* Nova Goa, 1874, pag. 133.

DEBRET (J. B.).
E. *Voyage pittoresque et artistique au Brésil.* Paris, 1839.

DECLARATION *of the three states of Portugal, assembled to consider the claims of D. Miguel I, to the crown of Portugal.* Sem logar nem data de impressão, mas provavelmente impresso em Londres, no anno de 1830.

DECENNA *do S. Franciszka Xawera. Decendium perutilis devotionis ad S. Franciscum Xaverium S. J.* Varsoviae. Typis S. J. 1739, in-12.
Id., Braumbergae, typ. S. J., 1747, in-12.

DECRETO *di Sua Maestà il Re Cattolico Filippo V, sopra varie accuse portate al suo Real Consiglio delle Indie contre i Gesuiti del Paraguay. Con la Lettera dell' Illustrissimi e Reverendissimo Signore D. Frà Giuseppe de Peralta, dell' ordine di S. Domenico Vescovo de Buenosayres, che vien citata dal Re nel suo Decreto. Coll' aggiunta di due Lettere di Sua Maestà Cattolica al Provinciale, della Compagnia di Gesù nel Paraguay.* Napoli, 1744. 4.º, 66 pag.

DECRETO *de la Majestad del Rey Católico Felipe V, sobre varias acusaciones dadas en su Real Consejo de Indias contra los Jesuitas del Paraguay. Y la carta del Ilustrisimo e reverendisimo Señor Don Fr. Joseph de Peralta, del Orden de Santo Domingo, obispo de Buenos Ayres, que cita al Rey en su decreto. Y las cartas tambien de Su Majestad Católica al Provincial del Paraguay.* Napoles, 1744. 55 pag. in-4.º

DEDUZIONE *cronologica e analitica, in cui se manifestano le orrende stragi che la Compagnia detta de Gesù fece nel Portogallo e suoi domini, e si riporta quanto successivamente avvene nelle differenti epoche della Chiesa, intorno alla censura, prohibizione e stampa de' libri, &c, datta alla luce dal dr. Giuseppe de Seabra da Silva, tradotta dell' original portoghese.* Lisbona, 1767–1768. 8.º, 5 vol.
—— *La medesima. (Prove della parte 1.ª e della parte 3.ª*

DELACOUR (T.).
E. *La Muleide, réponse á l'epitre aux mules de Don Miguel, par Vienet.* Paris.

DELATOUR (S.).— Curé de Saint Thomas d'Aquin, traducteur des *Silves de Stace,* et des Œuvres de Claudien.
E. *Guerre de Tripoli, poème traduit pour la première fois du latin en français, et precedée d'une notice de la vie de l'auteur, et sur le Recueil intitulé Deliciae Poetarum lusitanorum. Par* ——. Paris, Auguste Vator, librairie, 1847. 8.º, 73–93 pag.

*
* *

Entre os idiomas que se fallam e escrevem na Europa, ha tres, aos quaes ennobrece sua antiga origem, e cuja doçura e harmonia accusam serem rebentões da lingua latina. Um é o italiano... e o outro o hespanhol... Emquanto ao ultimo, o portuguez, ficou desconhecido mesmo alem das fronteiras da peninsula,

na epocha em que, na Africa e na Asia, era a linguagem do commerciante e do viajante; hoje mesmo, que ainda conserva n'essas paragens remotas a vantagem que lhe grangearam deslumbrantes conquistas, apenas participa com seus rivaes da opinião que o considera como um dialecto do idioma latino. Todavia, não receio dizel-o, sua identidade não poderia ser desconhecida, pois, por pouco que o estudem, e que se venha a estabelecer uma comparação entre estes tres idiomas, fica-se convencido de que nunca filho se pareceu mais com sua mãe. Graças á sua filiação, da qual se não póde duvidar, seria ella a lingua da Europa, como o é da Asia e da Africa, se o habitante da Lusitania houvesse achado junto de nós as vantagens e a gloria, que foi procurar tão longe dos nossos climas.

*
* *

Ha uma collecção impressa em Lisboa no anno de 1745, intitulada *Corpus poetarum Lusitanorum*. Uma carta poetica, servindo de introducção á obra, registra os nomes e os titulos. Em o numero de 59, todos elles marcam, todos elles se distinguem por outras tantas composições de alguma extensão. Em identicas collecções, quer nos venham ellas da Allemanha, quer da Italia, paizes tão fecundos em poetas latinos, apenas se encontra um poema didactico; pela maior parte é aos epigrammas, ás eclogas e aos epithalamios, que elles devem sua immortalidade. Não se dá o mesmo nos escriptores portuguezes, pois não se occupam de similhantes bagatellas. Cada volume encerra, pelo menos, um poema que merece a attenção dos leitores:

Pedro Sanches: A elegancia e facilidade de seus versos lhe mereceram o nome de Ovidio portuguez.

Henrique Caiado: Achou um amigo em Policiano, e um panegyrista em Erasmo. Nove eclogas, tres silvas, dois livros de epigrammas, eis os seus titulos á lembrança da posteridade.

Manuel da Costa: Suas poesias se reduzem a dois epitalamios. No dia em que elle apresentou o primeiro ao novo jurisconsulto, tratavam na sua presença da seguinte questão: Póde um jurisconsulto ser poeta? Á sua chegada a conversa mudou de assumpto; escutam-no. A questão é dentro em pouco decidida, a leitura dissipou todas as duvidas, e ganhou todos os votos; uma acclamação unanime proclama Costa grande poeta, e seu epitalamio é uma obra prima.

Mendes Vasconcellos: Teve por mestre em Bordeaux, Gouveia; em Toulouse, Coras; e em Paris, Rébuffe. Acompanhou depois o legado Silva a Trento, e depois do concilio visitou Veneza e Roma. Voltou para Lisboa, e foi conego em Evora. Poder-se-ia dizer com rasão, que entre os poetas latinos da Lusitania a palma lhe pertence.

Miguel Cabedo: A primeira idade familiarisou Cabedo com o grego e latim; depois visitou Orleans e Paris. Tinha adquirido uma tal familiaridade em escrever e fallar estes dois idiomas, que o teriam tomado por natural de Athenas ou Roma. Cinco poemas, aos quaes a fabula forneceu todos os ornamentos e alguns epigrammas, que encantam por sua innocencia, mostram a quem os ler o amor que então havia para com a realeza, bem como para com a virtude.

Antonio Cabedo: Fallecido aos vinte e cinco annos, a Egreja perdeu um

orador que teria honrado o pulpito e a litteratura, um poeta que promettia honrar o Parnaso.

Mello de Sousa: Pela leitura de suas poesias julgal-as-hiamos, não o fructo de alguns ocios, mas a unica occupação da sua vida. Quando se vê Sannazar, durante o espaço de vinte annos, não produzir mais que uns 1:500 versos, e merecer assim a immortalidade, como não se prometterá ella ao auctor de tres poemas igualmente recommendaveis pelo brilho da imaginação e do estylo? Sua paraphrase do livro Job é admiravel. Seu poema *Regeneração da raça humana,* contém verdadeiras bellezas. Sannazaro encontrou em Sousa um rival.

Diogo Paiva de Andrade: Diu, Malaca e Arzilla tiveram panegyristas; Chaul era bem digna de os achar; seu nome, graças a uma epopéa latina, ha de viver ainda quando a lingua actual houver cessado de ser fallada. Quando mesmo Portugal não houvesse produzido mais do que o *Chauleidos,* seus poetas latinos estavam bem longe de merecer a indifferença.

Lopo Serrão: É contado entre os poetas latinos, dos quaes se honra Portugal. Um poema em 14 livros foi o fructo de seus ocios.

Francisco Barcellos: É o auctor do poema *Triumpho da Cruz.*

Antonio Sequeira Durão: Escreveu o poema *Ignatiados.* Seu estylo é de boa escola.

Francisco Macedo: Que gloria para Coimbra, já soberba com a sua illustre academia, em ter produzido um homem tal como Francisco Macedo! Nenhum paiz do mundo, qualquer que tenha sido a extensão dos seus conhecimentos scientificos ou litterarios, viu jámais nascer um igual a este!

Jorge Coelho: A lingua latina, considerada então como uma parte essencial da educação, tornou-se-lhe tão familiar, que se achava habilitado para dar lições a mestres consummados. Ao Cardeal-Rei dedicou sua primeira composição *A Paciencia christã...*

Francisco Bastos: Mas depois da extincção da companhia de Jesus, que progressos tem feito a instrucção litteraria? Estou habilitado para apresentar uma amostra. E vou apresental-a em o n.º 41, anno 1845, do *Jornal da sociedade catholica,* o qual se imprime na capital. É uma elegia á morte de monsenhor Capacini, nuncio em Lisboa, elegia composta, quem o acreditará, por um professor da lingua latina! O tal professor é bem pouco versado no conhecimento da prosodia. Pois este estudo era-lhe bem necessario comtudo. Elle deveria saber o que não ignorava o mais reles estudante dos jesuitas. E cito esta poesia latina para mostrar o estado em que está a versificação latina nos seus successores.

Francisco Cardoso: É a Mr Ferdinand Denis que devo conhecer o poema que resolvi traduzir *O Brazil;* o seu auctor diz em uma nota do *Resumo da litteratura brazileira,* que possue uma obra mui notavel, cuja scena se passa na Africa; é o poema de Tripoli, escripto na lingua latina por Cardoso.

Estas poucas linhas de um homem de gosto fizeram nascer em mim um desejo, ao qual não pude resistir. Examinadas inutilmente as bibliothecas publicas e particulares, mandei-o pedir para Lisboa. Apenas chegado, lio-o com ancia, na esperança de n'elle encontrar o espirito e a imaginação que distinguem as antigas epopéas portuguezas. Mas pouco tempo foi necessario para ficar desenganado. Emprehendi, comtudo, a traducção, menos para n'ella ver uma obra perfeita, do que uma obra desconhecida.

Qual é o seu assumpto? Uma numerosa frota, em 1798, desembarcou os

francezes no Egypto. Tripoli, a este acontecimento inesperado, não se poude livrar de um sentimento de susto. Esta regencia, a mais fraca de quantas orlam o Mediterraneo, achava n'este assombroso successo um presagio da sorte que lhe estava reservada. Ao pensamento do revez que experimentavam, apesar de seu numero e de sua coragem, os mamelukos e os turcos reunidos, que tratamento devia ella esperar? Quando o susto transportava seu pensamento para a epocha, em que os vencedores houvessem consolidado sua conquista, elles lhe pareciam para a estenderem ainda, voltar já os olhos para o oeste do Egypto, e começarem assim a submissão dos estados barbarescos.

Que defeza podia ella oppor? Algumas tropas regulares? Ella não as possuia; e as levas que ella podia chamar ás armas eram pouco proprias para fazerem rosto aos vencedores da Europa. Emquanto á sua marinha, achava-se ella reduzida a alguns miseraveis chavecos, tripulados por homens ainda mais miseraveis, que sómente sabiam atacar fracas embarcações, incapazes de lhes resistir, como se elles proprios o fossem de affrontar um ataque serio.

Eis o que o passado já tinha provado. Uma fragata dinamarqueza viera, em nome do seu soberano, intimar o bey para que diminuisse o tributo que as potencias européas tinham a fraqueza de pagarem aos barbaros da Africa. A perfidia o attrahiu para a enseada de Tripoli, e lhe parecia prometter, como a um navio inimigo, um acolhimento benevolo. Mas á confiança succederam dentro em pouco a surpreza e a indignação, quando, depois de algumas apparencias de amizade, os tripolitanos se aprestaram para subirem á abordagem, e contavam já com uma presa certa. Mas apenas a artilheria se fez ouvir, bastaram alguns tiros para dispersarem a flotilha inimiga, fazerem tremer o bey mesmo dentro do seu proprio fortim, e arrancar-lhe condições mais favoraveis do que tinham sido pedidas ao principio.

Eis porque elle procurou, na crise actual, o meio de tirar ao heroe francez qualquer pretexto para se apossar de seus fracos estados, ou pelo menos para o tratar com rigor; chega mesmo até esquecer que elle é subdito do sultão e alliado dos inglezes. Desde logo seu porto e seu palacio acham-se francos aos francezes fugitivos, que procuram um asylo contra as perseguições dos senhores dos mares. Este procedimento não ficará impune. A frota encarregada de ir combater o vencedor de Aboukir, arrasta comsigo a frota portugueza ás ordens do marquez de Niza. Este almirante deixará a um de seus officiaes o cuidado de castigar o infiel.

Uma observação que para a nação portugueza é motivo de um legitimo orgulho, é que, de todas as potencias secundarias da Europa, era a unica que, mesmo na decadencia da sua marinha, nunca fez a paz com as regencias barbaras. Ter-lhe-hia parecido esta paz indigna da gloria passada, e deshonrar seu glorioso estandarte das cinco chagas, que seu primeiro soberano recebeu em Campo de Ourique. Assim, longe de consentir jámais em saudar o Crescente, ella conservava continuamente no estreito de Gibraltar uma flotilha, que, destinada a repellir as tentativas do inimigo do nome christão, parecia-lhe dizer: «Tal não iras mais ávante.» Esta medida, alem de honrar os portuguezes, aos quaes ella inspirava uma nobre confiança, era ainda uma escola para sua marinha, e um testemunho vivo de sua antiga fé.

Eis porque o almirante, antes de proseguir na sua dorrota para as costas do Egypto, destacou contra o perjuro musulmano um navio para lhe pedir satisfa-

ções de um tal esquecimento da fidelidade que devia ao seu senhor, assim como ao seu alliado. Era commandado por Campbell, official inglez, habil sem duvida, e proprio para a execução de uma surpreza. A elle juntaram-se os bellos nomes portuguezes, capazes, sem soccorro estrangeiro, de assegurar o bom resultado d'esta expedição, mas sacrificados á cega anglomania de um ministro sem patriotismo e sem talento.

Apesar da perspectiva dos perigos em que se incorreria, se a victoria viesse a declarar-se a favor do chefe futuro da republica franceza, hesitou-se por muito tempo em Lisboa ácerca do partido que conviria tomar. Era comprar extraordinariamente cara uma alliança que parecia ser o sacrificio da propria honra, e uma descrença do procedimento havido nos seculos passados. Finalmente o governo consentiu em fazer um tratado, e encarregou seu almirante de obter dos barbaros as concessões mais vantajosas.

Campbell partiu, bem decidido a vencer a irresolução do bey, e arrancar-lhe ao mesmo tempo não só os francezes que elle acabava de reclamar, mas tambem a paz que podér. Saberá, no caso de encontrar alguma opposição, não só ameaçar o tyranno, mas tambem determinal-o pelo constrangimento e pela força.

É possivel, com effeito, para fazer chegar os barbaros á rasão, que haja um outro meio, que não seja o da ameaça e o annuncio de um castigo rigoroso?

Disparam-se alguns tiros de artilheria: Tripoli, pouco acostumada a ouvil-os, e ainda menos a responder-lhes, crê ver já seus baluartes, suas casas e mesquitas em cinzas, seus habitantes anciosos de se livrarem do perigo por meio da fuga, a cidade inteira entregue á pilhagem, e não offerecendo nada mais do que tristes ruinas. O proprio bey se vê accommettido no seu ultimo abrigo, despojado de seus thesouros, condemnado a viver fugitivo ou captivo, n'uma palavra, exposto a todas as consequencias de um saque, ou de uma derrota. Já não hesita por mais tempo: sua coragem acha-se abatida, a resistencia cessou, tudo consente, e a paz é assignada.

Mas era preciso chegar a este extremo? Para justificar a empreza, não teria o poeta imaginado, contra toda a verosimilhança, este refugio aberto por barbaro a inimigos? Não teria elle, para realçar o valor de seu heroe, supposto sua passagem atravez da cidade sublevada, e, para o mostrar impassivel no meio dos perigos, não teria elle ainda encarregado a imaginação de excavar essas minas subterraneas, que o podiam sepultar sem vida n'um abysmo? Eis algumas duvidas ás quaes póde dar logar a obscuridade do acontecimento.

No momento da revolução que ia levar o exercito francez para uma região vizinha dos estados barbarescos, não me admiro de que a expedição de Tripoli tenha feito tão pouco barulho, e que a artilheria d'esta cidade tenha apenas sido ouvida entre os canhões de Aboukir. Tambem, de todos os escriptores que descreveram a lucta das duas frotas, e o resultado do combate, nenhum houve que tivesse levado suas investigações alem da enseada egypciaca, e com agrado algumas linhas á narração d'este facto, que passou desapercebido. A poesia substituiu aqui a historia, porque, sem o poema que eu traduzi, e eis seu principal merecimento, o proprio Portugal quasi que teria perdido a lembrança d'elle.

Estas informações hão de parecer, sem duvida, bem laconicas; mas que me perdoem sua brevidade. Quem d'ella se podesse queixar, ignoral-as-ia, talvez, como eu, que as devo a um joven portuguez, o abbade Roquette, um de meus collegas, o qual, tão instruido como obsequiador, fez entre seus compatriotas uteis

investigações. Encontrou vivendo em Paris um velho de oitenta e tres annos, o barão de Rio da Prata, que, com o posto de major general da esquadra portugueza, tinha acompanhado o almirante Nelson, e tomado parte na batalha de Aboukir. É a elle que devo saber e poder referir estes pormenores. Apesar de parecerem concisos, mereceram-lhe o meu reconhecimento, pois de todas as obras recentemente publicadas ácerca de Portugal e das costas septentrionaes, nenhuma conheço que tenha fallado d'este acontecimento.

Que se sabe do seu auctor? Fecundo em composições latinas emquanto os jesuitas foram encarregados da educação, Portugal produziu alguns imitadores dos poetas do bello seculo. Sete volumes in-4.º attestam o gosto de seus habitantes para com este bello idioma. Com taes mestres trilhava a mocidade os caminhos gloriosos de seus antepassados. Mas depois que, victimas dos desvarios de um ministro irreligioso e preverso, os mestres se viram forçados a deixar Portugal e seus discipulos, a chamma poetica deixou de arder n'aquelle paiz; e alli, como na França, apagou-se ella, sem que uma circumstancia qualquer a tenha vindo reaccender no reinado de seus successores.

Desde este momento, desherdado da sua gloria passada, este reino não produziu um unico homem que tenha tornado conhecidos alguns ensaios em poesia latina. Os discipulos que saíram da «Congregação do oratorio», não deixaram a mais ligeira lembrança que traga á memoria seus antecessores. Durante um longo espaço de tempo, o silencio reinou no Parnaso latino em Portugal. Foi só em 1800 que Lisboa ouviu um filho do Brazil embocar a trombeta heroica. E como foram tão fracos os sons que d'ella saíram! Quanto esta obra está longe do Chauleidos, embora esta tambem seja imperfeita. Sua imaginação é tenue, seu verso mal contornado. Na sua composição esqueceu-se de que o paganismo já não está na moda, e que uma tempestade na qual intervem Neptuno e Plutão toca no ridiculo mui de perto. Empregar ainda a mythologia é esquecer seu paiz e seu seculo.

Mas quem era então este poeta? Fôra necessario um prefacio para nos dar algumas informações ácerca de sua familia, educação e motivos que o obrigaram a deixar sua patria. Mas noticias taes nem se encontram no original, nem na traducção portugueza. O que se sabe a seu respeito é que fôra de um paiz civilisado pelos jesuitas, que estudára no Brazil, que adquirira certa facilidade em compôr penosamente versos latinos; que, vindo a Portugal attrahido pela necessidade ou pela ambição, aproveitou-se para lisonjear o ministro, da expedição emprehendida contra Tripoli; que deu, contra toda a verdade, um certificado de capacidade a Sousa, e recebeu em recompensa de seus elogios, um favor que pareceria entre nós um cruento epigramma; pois seu Mecennas o mandou reger na Bahia, sua patria, uma classe de grammatica latina.

Eis o premio que obteve Francisco Cardoso, pelos louvores prodigalisados a um homem, tão pobre litterato quanto pobre ministro.

Lisboa viu apparecer em 1800, na typographia regia, a primeira edição, cuja celebridade não transpoz os limites d'esta parte da peninsula. Homens familiarisados com as riquezas litterarias de Portugal, ignoravam sua existencia; e M. Chodko, que na *Biographia universal* enumerou as diversas composições do poeta Bocage, não fallou na traducção que faz em verso portuguez de um poema que, sem reputação na Europa, poderia ser ainda um titulo de gloria para o Brazil.

notavel appareceu n'aquella abundante collecção, contentando-nos com fazel-a dos objectos que, com justiça, chamaram com preferencia as attenções de Suas Magestades, que foram: a capa pluvial da abbadessa de Lorvão, obra delicada do seculo XVI; o frontal pertencente á igreja da Madre de Deus, feito de velludo carmezim com formosos medalhões feitos á maneira dos do Escurial, representando passos da vida de Jesus Christo; os bordados a oiro e matizes, de alto relevo, do convento da Conceição, de Beja; os frontaes de Lorvão e de Carnide; a capa pluvial de Belem.

«Não menos interessantes são os manuscriptos portuguezes apresentados na exposição, distinguindo-se entre elles os *Commentarios do Apocalype*, copiados por Egas em 1189, que pertenceu ao mosteiro de Lorvão; a *Biblia* do seculo XV, legada por El-Rei D. Manuel ao mosteiro de Belem, e um livro hieraldico do seculo XVI, com preciosas figuras; a *Biblia hebraica*, codice dos seculos XIII e XIV... (Pag. 189.)

DELISLE.

E. *Lettre de Mr. —— a M. Cassini, sur la question que l'on peut faire si le Japon est une île.* No *Journal des Sçavants*, 1700, de pag. 223 a 229.

Carte de l'Espagne (et du Portugal), dressée par ——, sur la description de R. M. Sylva. Augmentée et verifiée en 1765.

DELLE *cose del Portogallo, raporto à PP. Gesuiti, Racolta ottava.* In Lugano, 1760. Nella stamperia privilegiata della Suprema Superiorità Elvetica, nelle Prefetture italiane. (É obra anti-jesuitica.)

A respeito do logar de impressão, diz o auctor das *Memorias do Marquez de Pombal*, o seguinte: «Lugano é um nome falso, porquanto os folhetos que por aquelle tempo inundaram a Europa, e que se diziam impressos em Lugano, o eram na realidade no palacio de S. Lourenço in Pane e Perra, pois tal era o nome do palacio em Roma occupado pelo commendador Almada, ministro plenipotenciario de Portugal.»

DELLON.

Account of the Inquisition at Goa. Translated from the french. Hull. 1812.

Relation de l'inquisition de Goa. (Com estampas.) Paris, 1688.

Id. (Com 8 estampas.) Amsterdam, 1719.

Narração da inquisição de Goa, e acrescentada com documentos e notas, por Miguel de Abreu. Nova Goa, 1866.

A jurisdicção diocesana no bispado de S. Thomé de Meliapor. Por um portuguez. Nova Goa, 1867.

DELONGCHAMPS (L'ABBÉ ——).

E. *Malagrida, ou le jesuite conspirateur.* Tragedie 32. Paris, 1826.

DEMANCHES (GEORGES ——).

De Madrid a Lisboa.

É este o titulo de um artigo que o citado auctor publicou no *Boletim mensal do club Alpin français*, n.º 5.

DEMATTIO (DR. FORTUNATO —).

E. *Manualetti d'introduzione a gli studi neo latine, spagnolo, portoghese, galego.* Roma, 1876–83.

DEMBROWSKI (CH.)

E. *Deux ans en Espagne et en Portugal. 1838-1840* Paris, 1841.

DEMERSAY (M. ALFRED —).— De l'institut historique et geographique du Brésil, de la société archeologique de l'Orleanais, docteur en medicine, etc. etc.

... Paris, librairie de L. Hachette & Cᵉ 1864.

Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des établissements des jésuites. Paris, 1860–65, 2 vol., 8.º

*
* *

A sociedade de geographia fez a sua primeira sessão de 1864, em 15 de abril, sobre a presidencia do sr. conde Walewski, antigo ministro e senador.

«Por occasião d'esta reunião, os membros do escriptorio central pensaram que a missão scientifica que eu fui desempenhar na Hespanha e em Portugal no decurso dos annos de 1862 e 1863, podia fornecer os elementos de uma leitura publica. Cedi, algum tanto com pesar, a esse desejo tão honroso para mim.

«Reuni, pois, algum tanto á pressa, algumas recordações de viagem, extractadas dos meus relatorios ao sr. ministro d'estado, eliminando as passagens technicas ou sua especialidade, que não offereceriam senão um mediocre interesse ao auditorio numeroso que fez a honra de escutar-me.

«Entrego hoje á impressão este trabalho, forçosamente incompleto, e cujas imperfeições mui reaes estou bem longe de dissimular.

«Não ignoro que estas curtas explicações reclamam um complemento. É de uso quasi geral, que a narração de um viajante abra por agradecimentos dirigidos a esses amigos que deixou no estrangeiro, e que faça seguir com seus nomes a expressão da sua gratidão. Peço para ser dispensado de desempenhar a segunda parte d'este programma. Conservo uma preciosa lembrança de todas as pessoas que, quer na Hespanha, quer em Portugal, me têem acolhido com benevolencia, e que se têem apressado em virem em minha ajuda no remate da tarefa que me tinha sido encarregada. De taes a lista é longa. Experimentaria um verdadeiro embaraço quando a começasse, e maior ainda experimentaria ao findal-a.

«As duas nações peninsulares, muitissimo pouco conhecidas, e muitas vezes mal apreciadas, merecem as mais vivas sympathias da França. Encerram ellas alguns elementos de prosperidade material e moral, ainda cobertos com o pó do passado, mas que fecunda pouco a pouco o sopro vivificante de uma sabia liberdade. Portugal encontrou entre nós, por occasião da empreza cavalheiresca do imperador D. Pedro I, o mais energico concurso. Assim o diz Thiers.»

DENINA.

M. Denina, professor em Turim, publicou n'esta cidade a *Historia das revoluções na Italia,* a qual o abbade Jardin verteu para francez á medida que os livros recebiam a luz da publicidade.

Este titulo de «revoluções» não exprime aqui mais do que a rapidez com a qual o historiador faz passar por debaixo dos olhos de seu auctor tudo quanto o póde interessar. Os auctores das *Revoluções* de Inglaterra, de Hespanha e de Portugal, não tinham a descrever mais do que as vicissitudes do throno occorridas no mesmo reino.

Por mais multiplicadas que sejam taes occorrencias, a ordem natural dos factos serve sempre de fio conductor áquelle que os narra, e a utilidade do assumpto simplifica seu plano e seu andamento. Nada de similhante nas revoluções da Italia.

DENIS (FERDINAND ——).

E. *Busto de D. Henrique, conforme uma antiga miniatura*[1].

*
* *

«N'uma das epochas mais criticas para a civilisação moderna, quando o oriente da Europa já tremia sob o alfange dos Osmanlis, uma estupenda serie de expedições christãs veiu repentinamente restabelecer o equilibrio do lado do occidente, e n'esse equilibrio o genio das cruzadas veiu soltar seu vôo com uma audacia sem exemplo, e por meio de conquistas inesperadas, fez com que dentro em pouco fossem esquecidas a perda de Constantinopla e a quéda do imperio byzantino.

«Era o dia 21 de agosto de 1415. Ceuta, cujas riquezas, fortificações e posição maritima, ainda sem rival no estreito de Gibraltar, faziam a força da Hespanha musulmana, caíu, depois de um ataque arrojadissimo, no poder dos portuguezes. Estes novos cruzados alli tinham entrado atabalhoadamente com os sarracenos; depois, graças ao concurso dos mercadores genovezes estabelecidos na cidade, tinham coroado suas primeiras prosperidades com a occupação inteira da praça.

«O infante D. Henrique, terceiro filho de D. João I, cobriu-se de gloria n'esta expedição.

«Havia nascido em 1394 e apenas na idade de 21 annos, tinha, á frente dos cavalleiros da Ordem de Christo, da qual era então o oitavo grão mestre, tomado parte n'uma tal expedição. Estes intrepidos cavalleiros do infante não eram senão os antigos templarios rejuvenescidos debaixo de um outro nome.

«Na epocha em que Filippe o *Bello*, em vez de reformar a ordem do Templo, tinha preferido destruil-a para empolgar os bens d'ella, D. Diniz, Rei de Portugal, de accordo com os Reis de Castella e de Aragão, nos estados de Portugal fez com que os cavalleiros fossem reintegrados em todos seus direitos.

«A previdencia de El-Rei D. Diniz tinha tambem preparado o material do poder maritimo, ao qual este paiz era d'aqui por diante chamado. Com os pinheiraes que tinha mandado semear foi que em parte foram construidas as frotas, que levando as guerras aos musulmanos africanos, lhes mostraram a superioridade da navegação christã, e os ameaçaram com uma decadencia sem melhoramento.

---

[1] Este artigo em francez foi estampado no *Magasin Pittoresque*, tomo XI, novembro de 1843, pag. 361 e seguintes.

«Tal era a prospera situação de Portugal, quando a tomada de Ceuta lhe deu por um lado a chave do estreito, e por outro um ponto de partida para poder correr ao longo das costas occidentaes de Africa, e caminhar por mares desconhecidos á descoberta do caminho para as Indias.

«D. João I acabava de repartir com seus filhos os negocios do reino, e tinha confiado a D. Henrique os de Africa.

«Por outro lado, Martinho V, eleito Papa, único e legitimo no immortal concilio de Constança, acabava de exhortar todos os principes christãos para as novas cruzadas, das quaes os portuguezes tinham apresentado a iniciativa.

«Foi então que, para melhor se consagrarem a estas santas expedições, que o joven D. Henrique se postou, como primeira atalaia, sobre o pincaro do Cabo de S. Vicente, antigo promontorio, cujo nome ia reapparecer no de villa de Sagres.

«D'alli, e sem sair do reino, podia o infante abarcar n'um só relance de olhos, todos os objectos da sua ambição: o Mediterraneo, a Africa, e esse Oceano ainda envolto em mysterios, chamado pelos arabes o Mar Tenebroso, mas para o qual estava resolvido a lançar as luzes da civilisação christã.

«Repellir do estreito os infieis, converter ao Evangelho as tribus pagãs da Africa, e principalmente dobrar a ponta austral d'este continente para alcançar por mar os christãos da Ethiopia e os das Indias, confundidos sob o nome de subditos do Preste João; levar então soccorros a esses ultimos restos da christandade oriental, e com a alliança d'essas velhas populações atacar o islamismo, ou pelo menos haurir nas fontes até então inexpugnaveis de suas riquezas, tornarem a apoderar-se, n'uma palavra, do Oriente, que parecia escapar sem volta á Europa latina, taes eram os grandes pensamentos que inflammavam o coração de D. Henrique.

«E foi para taes fins que depois da conquista de Ceuta o infante travou relações com os mouros, arabes e judeus, que commerciavam desde longos annos n'esta cidade, aonde as caravanas traziam do interior marfim, oiro e escravos, e de outro lado as riquezas de Meca e do Oriente.

«As narrações dos indigenas poderam explicar a D. Henrique as posições do sul da Africa, e os antigos periplos de Hannon, de Scylax, e de Eudoxo de Cysico. Confirmadas por estas tradições vivas, as vagas noções da geographia de Herodoto, Possidonio, Plinio e Ptolomeu, foram medrando a pouco e pouco, e a relação moderna de Marco Polo, os escriptos contemporaneos de Pierre d'Ailly os trocaram em certeza.

«D'ahi essa fé scientifica que se misturou com a fé religiosa nas descobertas dos portuguezes, como mais tarde na de Christovão Colombo e dos hespanhoes. E, alem d'isso, como hesitar, quando os embaixadores do famigerado Preste João vinham solicitar soccorros do Rei de Aragão no anno de 1427, e quando no concilio de Florença, em 1439, os enviados do patriarcha e do Rei da Ethiopia recebiam e acceitavam, em nome de todos os jacobitas, o decreto da união dos gregos e dos latinos?

«Foi para conseguir o conhecimento de tantas nações diversas, onde se alimentava uma immensa esperança, e de onde tinha de saír a descoberta de metade do globo, que o palacio de Sagres se tornou pelo espaço de quarenta annos o ponto de reunião dos melhores cosmographos e dos mais habeis marinheiros.

«A escola hydrographica catalã lhe forneceu Jacques de Majorca, o dinamarquez lhe recommendou o gentil homem Ballarte, Veneza viu-se arrebatar por elle

Cadamosto, e Christovão Colombo, ainda novo, veiu dar um combate quasi á sua vista, em consequencia do qual, salvo como por milagre, se estabeleceu em Lisboa e esqueceu Genova para se dedicar ao seu glorioso destino.

«Graças, portanto, ao infante D. Henrique, todos os olhares se fixaram sobre as profundezas d'esse Oceano, do qual queria elle a todo o custo, e para gloria de Deus, saber a ultima palavra. Foi assim que se tornou o restaurador dos conhecimentos hydrographicos e nauticos, que lhe grangearam o cognome de *Navegador*, e tão maravilhosamente coadjuvaram os progressos da civilisação.

«A primeira expedição para descobertas occorreu em 1418, e dobrou o cabo «Não», terminus da navegação usual. Mas não estavam alli as verdadeiras difficuldades que tinham de se encontrar no cabo Bojador, umas sessenta leguas mais ao sul. Era este cabo, para os marinheiros supersticiosos, um objecto de terror phantastico, e os preconceitos populares, robustecidos aliás por erros scientificos, tinham feito d'elle o taciturno guarda dos mysterios do Oceano. Como dobrar, com effeito, esse promontorio que se mettia pelo mar dentro umas quarenta leguas para oeste, e formava na sua extremidade algumas correntes formidaveis para as frageis embarcações d'aquella epocha?

«E alem disso, a opinião de que os baixios tornariam a navegação impossivel, que a zona torrida mudaria a raça branca em negra, que, finalmente, toda a esperança de regresso estava perdida, contra os ventos que se precipitam para o Sahara, e que alli substituem o ar escaldado e rarificado pelas areias ardentes do deserto; taes eram os temores dos mais intrepidos marinheiros, desprovidos ainda dos meios de se fazerem com segurança ao mar largo, para sairem das correntes que reinam em volta do cabo Bojador.

«Mas a fé e a sciencia de D. Henrique triumpharam igualmente de todos esses perigos, reaes ou imaginarios. Ensinou a seus cavalleiros a arte de se reconhecerem no mar pelo emprego do compasso nautico e do astrolabio, e lhes communicou o ardor que o animava para a propagação do christianismo.

«Foi então que Gil Eannes, Affonso Gonçalves e Nuno Tristão, todos gentis homens do infante, educados na sua escola e no seu palacio, foram procurar a gloria ou a morte «pelo serviço de Deus».

«Pequenas barcas, sobre as quaes nossos hodiernos marinheiros receiariam aventurar-se longe das costas, foram os instrumentos de suas descobertas: eram barineis, especie de embarcação a remos, ou caravellas armadas com duas vélas latinas. Com estas ultimas foi que Gil Eanes, o primeiro, munido de uma bussola, de mappas, e de instrucções precisas, conseguiu finalmente dobrar o famoso cabo em 1434. Immediatamente outras expedições lhe succederam, as quaes regressaram a Lisboa carregadas de pretos e de oiro em pó, da costa de Africa.

«E sómente então foi que a opinião estabelecida e vencida pelo bom exito, consentiu em proclamar a gloria de D. Henrique.

«Os bens da ordem de Christo tinham occorrido ás despezas das primeiras caravellas, mas a esperança do ganho convidou dentro em pouco algumas companhias de especuladores, que se alistaram sob as bandeiras dos cavalleiros do infante, cuja cruz fez sombra conjunctamente aos interesses do commercio, da sciencia e da religião.

«Estes primeiros bons resultados foram todavia interrompidos por um cruel revez. D. João I havia fallecido em 1433, e durante o reinado de seu filho D. Duarte, foi dada a desgraçada batalha de Tanger. Os portuguezes estiveram a ponto de

n'ella succumbirem no começo de sua carreira gloriosa, não longe do campo de Alcacer-Kibir, onde sua grandeza se eclypsou seculo e meio mais tarde, com seu Rei D. Sebastião.

«Um irmão de D. Henrique, D. Fernando, deixado preso em refens, para grangear para os seus a liberdade da retirada, ficou entre os mouros, que o condemnaram a trabalhar na atafona, por não terem querido os portuguezes entregar Ceuta em troca da sua liberdade. Morreu no reino de Fez depois de seis annos de captiveiro, e foi honrado na sua patria como um martyr, que lhe deveu a conservação de Ceuta, penhor do futuro poder maritimo de Portugal.

«D. Henrique e os cavalleiros de Christo carregaram então com quasi todo o peso das novas emprezas. Todavia, no reinado de D. Affonso V, suas caravellas penetraram, a partir de 1440, até ao Cabo Branco, e fundaram um estabelecimento em Arguim para o commercio do oiro em pó.

«Ao chegarem ao rio do Oiro encontraram os portuguezes alguns negros idolatras, e julgaram ver n'elles os descendentes dos antigos ethiopes. O oiro em pó e a venda dos pretos despertaram cada vez mais a avidez da nação, ao passo que D. Henrique, occupado em converter os novos escravos, os enviava muitas vezes para as terras d'elles, com o fim de por alli propagarem a civilisação christã.

Em 1446, Diniz Fernandes passou a embocadura da ribeira do Senegal, e descobriu Cabo Verde.

«Depois d'aquelle, Nuno Tristão penetrou no Rio Grande, e alli morreu trespassado de frechas envenenadas.

«Outras caravellas penetraram até Guiné, e de lá trouxeram pretos para os mercados de Lisboa e do Porto.

«A companhia que D. Henrique tinha formado para esta expedição, havia obtido o privilegio do commercio das regiões descobertas, assim como o proprio Portugal tinha dentro em pouco de obter da Santa Sé a posse exclusiva d'essas regiões incognitas ao longo das costas de Africa até ás Indias inclusive.

«Privilegios taes reprimiram os abusos da extrema concorrencia que se manifestava então em todos os interesses geraes da christandade. A bulla pontificia assegurava, alem d'isso, a indulgencia plenaria para todos quantos succumbissem n'aquellas expedições, e ao mesmo tempo lançava maldição contra todo e qualquer que perturbasse os portuguezes nas conquistas christãs. Jurisdicção habil, unica para ser capaz de assegurar os direitos das gentes d'aquella epocha, e a qual, com a ajuda de uma arbitragem livremente reconhecida, obteve para a civilisação as descobertas do Cabo da Boa Esperança e do Novo Mundo.

«Seguros de um tal apoio, continuaram os portuguezes suas expedições, consideradas então como muito temerarias. Assim, desde 1448, epocha em que para a chronica de Azurara, historiographo de D. Henrique, suas caravellas navegando a éste no golpho de Guiné, tinham podido traçar a carta de quatrocentas leguas de novas costas ao sul do cabo Bojador, seu ponto de partida.

«Foi poucos annos depois, em 1455, que o veneziano Cadamosto, retido em Portugal no momento em que se encaminhava para os portos de Flandres, veiu a seu turno pôr seu saber e sua intrepidez ao serviço de D. Henrique. Proseguiu as explorações dos cavalleiros de Christo, e descobriu ou visitou de novo as ilhas de Cabo Verde, e, pelo menos, foi o primeiro que deu noções ácerca de Tamboctu e do interior do Sudan.

«Estas descobertas sobre o littoral de Africa, e sobre o caminho das Indias,

tinham grangeado outras mais occidentaes ácerca do caminho que devia conduzir para a America, como, por exemplo, as descobertas dos Açores em 1449.

«Estas novas ilhas, com as da Madeira, já descobertas em 1419, e com a das Canarias, occupadas desde 1402 pelos intrepidos companheiros de Bettencourt, formando tres archipelagos juntos por varias ilhotas ás costas oppostas da Europa e da Africa, deram uma idéa de terras mais distantes para oeste, ao mesmo tempo que ellas desenhavam vagamente os limites de um pequeno mar Mediterraneo escavado, especie de vestibulo do Mediterraneo propriamente dito.

«Porém o pensamento do infante D. Henrique, não se mostrando ainda por mais do que por uma só face, arrojava o espirito dos portuguezes para o sul. Seu pavilhão tinha já penetrado até ao 7° ou 8° alem do equador, no sitio em que o golpho de Guiné, prolongando-se de oeste para éste, lhes apparecia como o limite austral do continente africano.

«Este prolongamento tinha até mesmo persuadido já aos mareantes portuguezes que a Guiné confinava com o Egypto, da mesma sorte que o Senegal lhes havia parecido um ramo do Nilo. Erro geral, mas sobretudo feliz illusão, a qual parecia ser confirmada por alguns geographos antigos, e que, reproduzida pelos cosmographos novos, manteve a perseverança d'aquelles a quem a verdade teria lançado no desalento.

«A esperança de chegar ás Indias e de levar soccorros aos christãos do Preste João das Indias, estava, pois, em todos os espiritos, e D. Henrique via sua obra assás adiantada para estar seguro de que Deus e os homens a conduziriam a bom fim.

«Por um lado o Rei D. Affonso V se tinha apossado de Tanger, de Alcacer e de Arzilla, tres novos padrastos que davam a Portugal as chaves do Mediterraneo e do Oceano. E a base de uma grandeza até então sem igual, sendo assegurada á sua patria, poude o infante D. Henrique deixal-a, para ir, n'uma patria melhor, reunir-se com seus companheiros de armas, primeiros martyres d'essas novas cruzadas. O precursor de Vasco da Gama e de Christovão Colombo morreu em 1460.

«Agora olhemos para as feições d'este Principe, reproduzidas em conformidade com a miniatura do manuscripto do seu eloquente historiographo Gomes Eannes de Azurara, e ao mesmo tempo em harmonia com o busto que d'elle fez um dos nossas estatuarios mais distinctos, mr. Jules Droz. Podemos n'elle reconhecer ao mesmo tempo um grande caracter e um espirito profundamente original.

«É na realidade esse o homem de sabias vigilias, de jejuns austeros, e de estudos infatigaveis, no qual o enthusiasmo e a sciencia, a devoção e a philosophia nos mostram um dos typos mais completos dos heroes da civilisação christã.

«Sua tentativa de dobrar o cabo Bojador foi comparada aos doze trabalhos de Hercules por seus contemporaneos; e elle proprio tinha mandado representar sobre seus brazões as pyramides do Egypto, para attestarem sua ambição de igualarem os mais celebres monumentos da antiguidade.

«Havia tomado como divisa as palavras: *Talent de bien faire,* que davam testemunho de que suas obras tendiam, sobretudo, para o bem da humanidade; nobre divisa, digna d'esse Principe generoso, como de seus grandes projectos, e que seus marinheiros em cada terra recentemente descoberta, gravavam na pedra ou na cortiça das arvores. A lingua franceza era então a lingua da cavallaria.

«Sabemos igualmente como D. Henrique tinha herdado o espirito cavalhei-

resco de nossos cruzados, aniquilado entre nós no chaos do seculo XIV. Pertence, portanto, á França moderna, que reata por toda a parte o fio de suas tradições, prestar homenagem á memoria d'esse heroe, tão querido aos portuguezes, mas que nos traz tambem á memoria o Principe Capetiano Henrique de Borgonha, e as cruzadas francezas conquistadoras do Porto em 1072, e primeiros fundadores de Portugal[1].»

DEPONCET (J. N.).—Jesuita, nascido em 1660 na Lorena.

E. *Pratiques de pitié à l'honneur de Saint François Xavier.* Paris, chez Jean Mariette, 1709. In-12, 257 pag.

Id., id., 1719. In-24, 256 pag.

Pratiques de pieté à l'honneur de Saint François Xavier. Nouvelle édition, corrigée et augmentée de la dévotion de dix vendredis à l'honneur de cet Apôtre des Indes et du Japon. A Bruxelles, chez François Foppens, 1726. In-12, 147 e 85 pag.

Id., 1732, 216 pag.

DEPPING.

E. *Dictionnaire geographique de l'Espagne et du Portugal.* Paris, 1829.

DERANCO (PAUL ——).

E. *Spanish-Deutch-Portuguese. Taschen-Wöterbuch.* Hambourg, 1829.

DESASTRE DE LISBONNE. *Drame heroïque.* Paris, an. XIII, 1804, 40 pag.

DESCHANEL (EMIL ——).

Christophe Colomb et Vasco da Gama. Seconde édition. Paris, 1865.

DESCHAUSSÉ (P. PLACIDE AUGUSTIN ——).

Le Portugal dedié au Roi. Paris.

DESCRIPCION *geographica historica de el reyno de Portugal.* Madrid, 1704.

DESCRIPCION *verdadera y pontual noticia de la solenisima fiesta, alegres regocijos, y festivos applausos, con que se celebraron los reales y deseados casamientos de los señores Principes de España, y los Brasiles, en la ciudad de Badajoz, este presente año de 1729.* Sevilla, por la Viuda de Francisco de Leefdael, 4.º de 4 pag. (sem data).

Bibliotheca da Ajuda.

DESCRIPTIO *Regni Japoniae, per Bernhardum Varenium.* Amstaelodami, 1749.

Continet etiam: Descriptio Regni Siam, per Jodocum Scortenium, translata in latinum, per Bernhardum Varenium.

DESCRIPTIO *Regni Portugalliae geographica.* Lugduni Batavorum, 1641. In-24.

---

[1] Foi o engenhoso e sabio Mr. Ferdinand Denis que descobriu o referido manuscripto unico, e por tanto tempo procurado pelos portuguezes. E esperâmos que esta inapreciavel descoberta o ha de animar a dar-nos dentro em pouco, de combinação com M. J. Droz, uma serie de illustrações litterarias e artisticas, consagradas aos mais celebres navegadores dos seculos XV e XVI.

DESCRIPTION *abregée des ci-devant royaumes et provinces composant actuellement le royaume de l'Espagne et celui du Portugal.* Paris, 1810.

DESCRIPTION *de la decoration architectonica en que se puso la iluminacion que la noche del dia 20 de marzo de 1812 hubo en Cadiz en la casa del señor conde de Palmela, ministro de Portugal, en celebridad de la publicacion de la Constitution politica de la monarquia española.* Cadiz, en la imprenta Tormentaria, 1812. 4.º de 4 pag.

DESCRIPTION *de la vie et mort de Don Antoine,* 18e *Roy de Portugal.* A Paris, chez Gervais Alliot, 1629.

DESCRIZIONE *della Benedizione fatta da Sua Santità delle preziose Fascie da spedirsi alla Regia Prole del R. Principe del Brazile a Lisbona (1795).* In-12 de 7 pag.

Bibliotheca da Ajuda.

DESCRIZIONE *del funebre apparato e seguito in Roma nella reggia chiesa di Sant' Antonio della nazione portoghese in memoria de S. M. Fidelissima Maria I, Regina di Portogallo, del Brazile, e dell' Algarvie. Nel giorno* XX, *marzo* MDCCCXX. In Roma, 1820. Presso Francesco Bourlié. 8.º grande, 12 pag.

Bibliotheca da Ajuda.

Foi orador n'estas pomposas exequias o reverendo Conte Mario Mattei, conego da Basilica Liberiana. As absolvições foram dadas pelo monsenhor Caprano, arcebispo de Iconio, monsenhor Mattei, arcebispo de Cammerino, monsenhor Falzacappa, arcebispo de Athenas, monsenhor Belli, arcebispo de Nazianzo, e monsenhor Fratini, arcebispo de Filippi. Assistiram tambem a estas exequias a infanta de Hespanha, duqueza de Luca e seu filho.

DES. ERAS. ROTEROD.

Compendium Rhetorices ad Damianum a Goes, Equitem Lusitanum. Lovanii, ex-officina Rutgeri Rescii. Anno 1534. Mens. August.

Bibliotheca publica de Lisboa.

D'ESTE (JOÃO BAPTISTA ——).— Judeu converso, nascido na Italia.

I. *Consolação christã e luz para o povo hebreu, sobre os psalmos do real propheta David, que prophetisou dos mysterios altissimos que havia de obrar o santo Rei Messias, etc. Declaradas no sentido litteral.* Lisboa, por Paulo Craesbeck, 1616. 4.º de x - 105 folhas.

II. *Declaração de sete psalmos penitenciaes, com outros da egreja catholica e do juizo final.* Lisboa, 1618.

III. *Dialogo entre Discipulo e Mestre, cathegoricamente, onde se resolvem todas as duvidas que os judeus obstinados costumam fazer contra a verdade da fé catholica.* Lisboa, por Giraldo da Vinha, 1621. 4.º de IV de 199 folhas[1].

DESYTKA *Aposstolska Sw. Xaveria.* W. Praze, 1723, in-12[2].

---

[1] Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico*, vol. III.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*. vol. VI, pa . 275.

DE TRIBUS *in Lusitanos Jesu Socios Publicis judiciis Dissertatio.* Norimbergae, 1792. 4.°, 345 pag.

É uma diatribe contra a morte do padre Malagrida.

DEVOTIE *tot de HH. Ignatius Loyola, instelder der Societyd Jesu, ende Franciscus Xaverius Apostel van Indien ende Japonien, Religieus en Priester der selve Societyd. T' Antwerpen, by Jacobus Bernardus Jouret, boekdrukker en boekverkooper in de Korte Nieuw-straet in 't Gulde Vlies.* 1736. In-12, 254 pag. *Verscheyde practyken van devotie tot deese twee herdruckt in 'it Jaer 1663, 1698, 1717 enz. Uyt welke my twee bysonderbyk behaegen... d' een is die van 't Jaer 1698 tot den H. Ignatius, d' andere van 't Jaer 1717 tot den H. Franciscus Xaverius*[1].

DIALOGO *post-antagonico al villette antagonico di un ciudadano portugués a un aragonez cortesano; y carta apologetica de un aragonez a un portugués ciudadano.* In-4.°, sem logar nem data, 15 pag.

Bibliotheca da Ajuda.

DIARIO *y continuacion de los felices sucesos de las armas del... Rey de Portugal en los Reynos de Castilla, desde la rendicion de la plaza de Alcantara.* Barcelona, 1706, 4.°

DICCIONARIO *portuguez-inglez-allemão.* Leipzig, Wilhelm Baensch Verlagshandlung. XII - 479 pag.

DICTIONAIRE *français-portugais.* Barcelona, 1782.

DIE PORTUGIESEN *in Ost-Indien und Ost-Asien. Aeyidius Albertinus: Historical Relation was sich in etlichen Jahren in Japon namhaftes begeben u. zugetragen.— Zum andern von dem Stands und Gelegenheit des gantzen Ost-Indien. Drittens Beschreibung dés Lants Guinea u Serra Lioa in Africa.* 4 Mün. 1609. Rothes. Albmaroq.

DIEGO *(sic)* **(DR. —— MONTEIRO).**

Dialogos portuguezes e allemães, ou Manual da conversação portugueza e allemã. Com um appendix, contendo tratamentos, formularios e uma comparação das moedas, medidas e pesos. Pelo ——. Hamburgo, 1853. Roberto Kitler.

DIERICX (LUC ——).— Professor de theologia em Anvers.

E. *Actus humani Disputationes theologicae de voluntario peccato, conscientia, fine ultimo, SS. PP. Ignatii, Francisci Xaverii,* ΑΠΟΘΕΟΣΕΙ, §§. *Praeside R. P. Luca Directrix Societatis Jesu, S. Theologiae Professore, Defendet P. Judocus Borlunt ejusdem Societatis.* Antuerpiae, in Collegio Societ. Jesu, 14 Junii, hora matutina. In-fol.

Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 477.

DIÈZ (CATHARINA ——).
Stephanie, Königin von Portugal. Stuttgart, 1864, 8.º, 1 vol., 126 pag.

DIFESE (LE) *d'amore. Cantata per le felicissime Nozze degli Excellentissimi Signori D. Enrico Giuseppe di Carvalho e Mello e D. Maria Antonia di Menezes.* Lisbona, 1764. 4.º. 16 pag.
Bibliotheca da Ajuda.

DIO (FELIX ——).—Jesuita, napolitano.
E. *Orazione del Padre Felice di Dio della Compagnia di Gesu recitata nella Chiesa del Collegio Napolitano in occasione del solenne rendimento di grazie fatto a Dio e a S. Francesco Saverio pel miracoloso risanamento di un giovine religioso della medesima Compagnia.* In Napoli, 1759, presso Giuseppe Raimondi. In-4.º. XXIV pag.

DINOMÈ (ABBÉ ——).—Chanoine honoraire de Blois, membre de la société de geographie de Paris.
Extrait des Nouvelles Annales des Voyages. Mars et Avril. Orleans, 1855.
Coup d'œil rapide sur les informations obtenues depuis la fin du XVIII *siècle, au sujet de l'intérieur de l'Afrique septentrionale, comparées avec les découvertes faites jusqu'à ce jour dans la même region; suivi de reflexions sommaires sur le cours de Konarâ, vulgairement appellée Niger, et sur l'hydrographie de l'Afrique centrale au nord de l'equateur.* 96 paginas.

*
* *

«O coração da Africa tem-se conservado por tanto tempo inaccessivel aos europeus, que não é para surprehender que na falta de resultados authenticos obtidos por alguns exploradores instruidos e conscienciosos, se tenham procurado obter informações ácerca d'esse mysterioso continente junto dos indigenas ou dos musulmanos que, de todos pontos do interior, cumprem a peregrinação de Meca, ou finalmente junto dos mercadores que percorrem em todos os sentidos a Africa central. Alguns obstaculos de mais de um genero, com effeito, se reuniram para opporem um dique quasi invencivel á curiosidade e ao zêlo scientifico: a insalubridade do clima, os costumes inhospitaleiros de um grande numéro de tribus, a intolerancia e o fanatismo cego dos sectarios do Islam, a propria natureza do paiz com a qual se tinha contado, e confiado, como certos dos dados que podiam realmente convir a algumas partes, mas não a todas: que direi eu ainda? Até mesmo projectos mal concebidos ou baseados sobre rasões valiosas em si mesmo, mas das quaes algumas funestas experiencias têem provado a falsidade na applicação, que não tenham contribuido para retardar nossos progressos na geographia da Africa.

«Pelo que diz respeito á famosa Temboctou, cuja inexplicavel celebridade teve, pelo menos, de vantajoso o ter ella estimulado o zêlo dos exploradores e multiplicado o numero d'aquelles que por todo o preço, mesmo pelo de sua vida, têem obtido algumas informações que nol-a fazem apreciar pelo seu justo valor; e, não obstante as estatisticas contradictorias que nos representam a grande

cidade do Deserto umas vezes como muito povoada, outras vezes como participando com muitas outras cidades africanas do aspecto de uma praça forte, pouco animada, contradicção que se tem aliás explicado de maneira a conciliar todas as informações, se é que tinha a extensão de Lisboa, que lhe suppõe tão gratuitamente o marinheiro Robert Adams, nem as proporções gigantescas que o emphatico Sidi-Hamet prodigalisára tão liberalmente áquillo que pretende chamar suas portas e suas muralhas, que nós lhe reconhecemos hoje. Todavia, se os indigenas têem por excessiva exacção sua importancia, confessaremos que Lyon a tem pela sua parte depreciado um pouco.» (Pag. 49.)

. . . . . .

«Mais alguns annos, e os passos do europeu terão ultrapassado o immenso intervallo que separa o Cabo da Boa Esperança do golpho de Sidra.»

DIRRHAIMER (ULRIC ——).—Jesuita, allemão. Prégou na cathedral de Augsbourg, de 1678 a 1684.

E. *Kirchen-Geschichte, das ist Catholisches Christentum, durch die gantze Welt ausgebreit; Insonderheit bey nächst-verflossenen und anjetzo fliessenden Jahr-Hundert. Darinen kürtzlich beschrieben wird: Jedes Landes Art und Gelegenheit, der Einländer Lebens-Sitten, eigenthumliche Secten, Satzungen, Staats-Weesen, Geist- und Weltliche Gepräng; besonders aber und ausführlich beygebracht, die erste Einpflantzung, das Aafnenhmen, und die Erweiterung des allda eingeführten wahren Christ-Glaubens; wie solcher von vielen eifferingen Blut-Zeugen verfochten van Lob-und merck-würdingen Tugend-Thaten vielen anderer Christ-Helden gezieret, und von vielen wundersamen Begebnussen bekräfftiget worden. In vielfältigen Kupffern zu füglicher. Erkanntnuss abgebildet. Erstlich beschrieben und an Tag gegeben, durch R. P. Cornelium Hazart, nunmehr aber aus der Nieder in die Hoch-Teutsche Sprach übersetret und vermehret, durch R. P. Mathiam Soutermans, beyde der Gesellschafft Jesu-Priestern. Der andere Thoil. In sich begreiffend, die Africanischen Ländes, Abassia, Guinea, Angola, Congo, Monomotapa, Marroco und Fessa: Demnach die Americanische, Perú, Paraquaria, Brasilia, Florida, Canada, Mexico und Maragnan. Cum permissu superiorum.* Erstlich gedruckt zu Wien, Verlegts, Johann Jacob Wolrale. 1725, 660 pag.

DISCOURS *de l'auteur des nouvelles ecclésiastiques, pour 1760. Contient la recapitulation des forfaits des jésuites en Portugal.* Sem logar de impressão nem data.

DISCOURS *historique pour le jour de la naissance de la Seren. Reine de Portugal.* Paris, chez Seb. Marbre Cramoisy, 1669. 4.º

DISCOVERIES *of the world by Antonio Galvano.* London.

DISCURSO *demonstrativo del error en que miserablemente viven los desafectos á nuestro verdadero Rey y Señor Felipe V.*

DISCURSO *theologico moral contra o erro de alguns confessores, que na administração do Sacramento da Penitencia perguntavam pelos cumplices a alguns penitentes, ameaçando com negação da absolvição a quem não queria dizer-lh'o.*

Escripto por um defensor do Sacramento da Penitencia. Madrid, na officina dos herdeiros de Francisco del Hierro. Anno de 1746. 4.º, 61 pag.

DISEGNO *della vista della Infante D. Maria di Portogallo, Principessa di Parma.* 4.º

DISSERTATION *touchant l'origine du Nil et autres fleuves; avec la description de plusieurs royaumes qui sont dans l'intérieur de l'Afrique, dont la position et les noms ont été inconnus jusqu'à présent. Tirée des relations mss. des hollandois et des portugais. Traduite du latin d'Isaac Vossius, et augmentée d'une relation fort exacte du P. Païs, de la Compagnie de Jésus, qui a été sur les lieux. Tirée des mémoires du R. P. Kircher, avec des cartes geographiques.* Paris, Louis Billaine, 1667.

DIVERSI *avvisi particulari dall' Indie di Portogallo, ricevuti dall' anno 1551 sino al 1558 dalli reverendi padri della Compagnia di Giesu. Dove s' intende delli paesi, delle genti & costumi loro & la grande conversione di molti popoli, che hanno ricevuto il lume della santa fede & religione christiana. Tradotti nuovamente dalla lingua spagnuola nella italiana. Col privilegio del Summo Pontifice & dell' Illustrissimo Senato Veneto per anni* xv.

Esta preciosa collecção de noticias, onde figuram os escriptos dos missionarios portuguezes, é composta de 4 vol. in-8.º, e dedicada a Victoria Farnese dalla Rovere, duchessa de Urbino. Contém a *Carta de um portuguez, mestre Gaspar, que a escreveu da India, de Ormuz, &* (sic). In Venetia, per Michele Tramezzino, 1565.

Assim como os que escrevem ácerca dos nossos feitos no Oriente consultam Castanheda, João de Barros e Gaspar Correia, assim tambem devem passar a vista por esta soberba collecção, da qual existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

DIX (JOHN A. ——).

A Winter in Madeira and a summer in Spain and Florence. Second edition. New-York, 1851. Com estampas.

DOCHTOROWICZ (FABIANO ——).— Jesuita, russo. Foi superior da casa professa de Varsovia, e reitor dos collegios de Pultonvsk e de Grodno.

Glos Poselski w. Glosie Karnodrieyskim przedtym na Seymie Grodzienskim, w Kosciele S. Franciszka Xawiera Societatis Jesu, przy Laskawey Przytomnosci Nayasnieysrey Krolowy Polskiey z Zbawienna Instruckcya, do Uszu formowany; teraz dla obszenieyszey Dusz Ludzkich Informacyi, Drukarska Sztuka, na Okowydany 1748 W Warzawie, w Drukarmi J. K. MCi y Rzeczypospolity Kollegium Societatis Jesu. In-4.º[1].

DOCTRINE *false, ed erronae, sopra le due Podestà l'ecclesiastica e la secolare, tratte da due libri del padre Antonio Pereira, prete e theologo della congre-*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. III, pag. 273.

gazione dell' Oratorio de Lisbona e confutate con opportune annotazioni. Opera, che sola potrà servire di antidoto e di preservativo contre di tanti libracci, che esbucano da tutte parti, ed anche sbucheranno in appresso su questo fondamentale argomento e le sue diramazioni. In Fuligno, per Giovanni Tomassini, 1783, XII — 264 pag.

DOCUMENTS *relating to the Southern and South Eastern Railways of Portugal and their extensions.* London, Waterlow & Sons, 1869. 8.º gr. 107 pag.

D. JEAN V *de Bragance, poëme en VII chants, dedié à l'Assemblée Nationale de France.* Sem logar de impressão. 48 pag. in-8.º

Traz no principio: *Extrait d'un journal manuscrit de M. L. G. de F., ministre plénipotentiaire de la Cour de *** à celle de Lisbonne, depuis l'année 1741 jusqu'en 1749.*

Parece que o referido poema é burlesco, e trata de umas pancadas que El-Rei D. João V deu n'um padre, e este, com toda a humildade, depois de ter apanhado, deitou a benção a Sua Magestade.

DOLAMIEU.

Viajou em Portugal. D'este viajante falla o conde de Hoffmanseg, pag. 174.

DÖLLINGER.

E. *Gedächtnissrede auf Alexandre Herculano de Carvalho.*

Discurso commemorativo de Alexandre Herculano, lido na sessão de 28 de março de 1878, na classe de sciencias historicas e philosophicas da academia de Munich. Foi publicada a traducção no *Jornal do commercio* de Lisboa.

DOMIDUCA *Oxoniensis sive Musae Academicae Gratulatio ob auspicatissimum Serenissimae Principis Catharinae Lusitanae, Regi suo desponsatae, in Angliam appulsum.* Oxoniae, excudebant A. & L. Lichfield Acad. Typogr. Anno Domini 1662. 4.º, sem paginação.

É uma collecção de poesias em grego, latim e inglez, em honra da nossa D. Catharina, filha de D. João IV.

DON MIGUEL I *usurpator des portugiesischen thrones.* Hambourg, 1832.

DOM SEBASTIEN *et Filippe II. Exposée des négociations entamées en vue du mariage du Roi de Portugal avec Marguerite de Valois.* Par le comte de Saint Mamede. Paris, 1884.

DONA GRATIA *de Ataide, Comtesse de Menezes. Histoire portugaise.* La Haye, 1770.

DONA IGNEZ *de Castro, a tragedy from the portuguese of Nicola Luiz by Adamson John.* New Castle, 1808.

DONDIN (AMÉDÉE ——) et MOUTELET (FELIX ——).

E. *Revolutions modernes. Le Portugal.* Paris, 1872.

Vi um exemplar na bibliotheca publica de Evora.

DONIZETTI.

Don Sebastiano Re di Portogallo, Dramma lirico in cinque atti. 1578. E seguito nella restaurata sala dell' Assemblea filarmonica nella notte del ... Novembre 1844. La musica è del maestro cavalier Caetano Donizetti. Le parole di M. Scribe, Membro dell' Accademia Francese. Transportate in italiano da Cesare Perini da Lucca. Lisbonna. Typ. di Antonio Giuseppe da Rocha, 1844. 8.º gr. 63 pag.

Personagens

D. Sebastiano	Sr. Fortunato Ledi.
D. Antonio	» Gregorio Germano de Carvalho.
João da Silva, inquisidor mór	» Theodoro Francisco Coelho.
Camões	» D. Carlos da Cunha e Menezes.
Ben Selim	» Guilherme José de Almeida.
Zaida (no 1.º acto)	Sr.ª D. Maria Carolina Guedes.
Zaida (no 2.º acto)	» D. Maria Palmira Quintella.
Zaida (no 3.º acto)	» D. Maria Carlota Quintella.

Nos córos cantava, entre muitos outros, José da Silva Mendes Leal Junior, e foi harpista D. Maria Christina Chaves.

DONNER (J. J. C.).

Die Lusiaden des Luis de Camöens verdeutscht von ——. Stuttgart bei Christian. Wilhelm Löflund. XVI—416 pag.

Sophocles, von ——. Heidelberg, 1839. 490 pag., in-8.º

Tem esta ultima obra a controversia de Donner contra Gries a respeito das rimas dos *Lusiadas*.

DORANTES (FRANCISCO MARCOS ——).

Elegia a la muerte del excelentisimo poeta George de Monte Mayor.

Comienza, musa mia dolorosa,
el funesto suceso y desventura,
la muerte arrebatada y presurosa
de nuestro Lusitano, a quien natura
hoy llora muy tierno sentimiento,
y representa al mundo su tristura.
Mi rouca voz resuene y llore al viento,
mis acentos a mover el firmamento,
de uno en uno vayan esparzidos,
dando indicio del crudo y fiero assalto,
de gente en gente a todos los nascidos.

Y con ligero vuelo y veloz salto,
primero a Lusitania se encaminen,
hacia Monte Mayor, sublime y alto,
y alli no solo hieran y lastimen
los tiernos corazones mas al lloro,
a las mas duras peñas aun inclinen.

Ya feneció su bien y su tesoro,
ya su luz, resplendor y su centella,
ya su valor, sus prendas y decoro,
ya escureció el luzero, ya la estrella,
por quien el mismo Febo se regia;
mas ay, quien sufrirá la falta de ella!
Ya su dulce contento y melodia,
su ingenio, suavidad y subtileza,
su ser, estilo, gracia y armonia,
los de Payva, y de Pina y su nobleza,
demuestren quanto mas justo les fuera
morir, que no dar muestra de tristeza.
Con inhumana mano, cruda y fiera,
la demas gente doma el duro pecho,
pues eclypsa su sol, y nueva esfera,
tu celebre Mondego con despecho,
deten tus sacras ondas presurosas,
sabrás el grave caso y triste hecho.
De tus hondas cavernas tenebrosas,
levanta tu cabeza codicioso
de abrir todas tus venas abundosas.

No pongas a tus lagrimas reposo,
mas en tanta abundancia se derramen,
que al Ganges y Nilo excedan caudaloso.
De tus humidas fuentes tantas manen,
que no puedan caber en tus riberas,
y en las del basto mar apenas paren.
Y tus hermosas ninfas, las primeras,
se cubrian de hoy mas funesto velo,
las del Tajo las sigan lastimeras,
en tierno llanto, amargo y triste duelo,
procuran pasar toda la vida,
pues esto les será mayor consuelo.
Ni a la madexa de oro, que escondida,
bajo el verde cendal está, perdonen,
que a nuestro Lusitano está ofrecida.
De hoy mas al verte otros nunca assomen,
ni al valle umbroso rustica campaña,
con dolor su apetito propio domen.
No solo Portugal, mas toda la España
conozca quan gran parte le ha cabido
de aqueste duro caso y grave hazaña:
el Mineyo famoso, ya rendido
estava a nuestro George venturoso,
a quien no poca embidia acá he tenido.
Ninguno ha habido entre ellos tan dichoso,
que llegar a este monte haya intentado.

Que no quede corrido y vergonzoso,
mas fortuna por tierra le ha postrado,
de nuestro mal y daño deseosa,
privandonos de tan felice estado.
La inexorable Parca y rigorosa
cortó con gran desden su dulce hilo,
con inmatura muerte y lastimosa:
quexóse de este amor, y hilo a hilo
las lagrimas de su rostro va bañando,
por verse enagenado de su estilo.

El carcax y los tiros va arrogando,
valor menospreciando y poderio,
y el arco con furor despedazando,
con las alas cayadas y sin brio,
su blanco rostro tiene con la mano,
como quien pierde hoy todo el señorio.
Asi como en la muerte de su hermano
Eneas los sollozos le impidian
la voz, crudo lamento e inhumano,
del mismo oficio ahora le servian,
y los cabellos de oro en torno echados
sus Orientales perlas recebian.
No pueden ser de Venus enxugadas,
porque esta de favor necessitada,
segun tienen los suyos maltratados,
confusa queda, triste y lastimada,
no menos que en aquel infausto dia,
que de su dulce Adonis fué privada.
Sus manos delicadas retorcia,
y tanto el sentimiento la aquexava,
que el ayre con suspiros encendia,
de Palas tiene embidia que mostrava,
con la sobrada pena consumirse,
y mas ser inmortal la atormentava.
Cual suele en el verano derreterse
del Zefiro la nieve sacudida,
y en abundosas aguas convertirse.
Tal de sus ojos sale y tan crecida
el agua con que el campo está bañando,
llorando esta funebre partida.

De la muerte mil veces se ha quejado,
y de falta, desastre y del destino,
impio, cruel, nefando, accelerado,
parecele muy grande desatino,
vivir, y holgar, a muerte sujetarse,
y permutarse el hado, y ser divino.

procura algunas veces de esforzarse,
en medio del dolor mas excesivo,
para plañir de nuevo y lamentarse
Y con senblante fiero, triste, esquivo,
las lagrimas congela, y suspendidos
se muestran en sus ojos bien al vivo
despues del tropel bajan esparzidas:
de fuentes muy mas fertiles saliendo,
y de mejillas mas humedezidas
por rostro, pecho, y seno van corriendo,
ni en el regazo quieren aun pararse,
la tardanza del lloro reprehendiendo.
Cual suele Filomena querellarse
en las umbrosas selvas de Tereo,
sin del suceso de Itys olvidarse.
Cual fué llorado el hijo de Ceneo
de las aves que el pecho desgarravan
con sus picos plañendo el caso feo.
Tales su grande falta lamentavan,
las hijas de Mnemosyne famosas,
y con tales extremos se quejavan,
no se muestran ahora peserosas,
de Aganipe gustar como solia,
mas de siempre planir mas codiciosas.
No las pudo ayudar la Poesia,
o sentir y llorar el caso estraño,
o a les hacer siquiera compañia,
porque con cauteloso ardid y engaño,
la muerte la previno en aquel punto,
que sentió toda España un mal tamaño.
Que conociendo estava el cuerpo junto
della en nuestro George, y le animava,
el uno con el otro hizo difunto,
y como en qualquier caso le quedava
poco espacio de vida, quiso luego
privar de ella a quien ya sin ella estava.
Si quando vió entregar al voraz fuego
la Poesia a Hesiodo y a Homero,
no dió muestra de algun desasociego.
Si quando a Eschilo y Sofocles sincero
y a Archiloco y Sofron Syracusano,
jamás mostró el semblante lastimero,
si quando el Verones y el Mantuano,
y el Sulmones murieron no se ha muerto,
ó quando murió Mena, ó Feliciano.

Fué porque conoció que vendria cierto
nuestro insigne poeta a sustentalla

con su estilo suavisimo y esperto
y pues con elle murió nadie buscalla
procure, pues la Parca nos la quita
que por de más será pensar hallarla,
mas no muere, pues vemos resuscita
su fama con sus obras excelentes,
después que en el Empireo cielo habita.
Ciñendo va las aguas y corrientes,
del Ibero famoso discurriendo,
hasta el Oriental Indio y sus vertientes,
y iran tan grandes fuerzas adquiriendo,
toda la tierra en torno rodeando,
que ningun caso adverso va temiendo.

No podrá la fortuna ir contrastando,
no el aspero furor del crudo viento,
no las ondas del mar amenazando.
Ni la muerte cruel a perdimiento
la traerá jamás a timpo alguno,
mas siempre crecerá con más aumentos
y más que de poeta otro ninguno.
Quien del tierno Cupido la aspereza,
los encumbrados hechos, las hazañas,
el insano furor y la braveza.
Y quien, enternecidas las entrañas
del bellicoso Marte y los engaños
de Buliano suez, y astutas mañas,
y quien mil accidentes tan estraños,
de amor y desamor descantaria,
y de engaños dos mil, y desengaños?
Quien con tanta destreza cantaria
de las hermosas ninfas los amores,
y quien, de los rusticos pastores,
y de lascivos Satyros y Faunos,
y de otros semideos inferiores.
Y quien, contra al juicio de hombres vanos
los escuros autores ha tornado
de escabrosos clarisimos y llanos,
solo Monte Mayor aquesto a obrado
con su estilo suavisimo y esperto.
Y pues, con el murió, nadie buscalla
pretenda desde el uno al otro Polo,
que por demas fuera poder hallalla.
Ya no mas causa, ya no más Apolo,
pues que la poesia queda muerta,
y aquel que fué entre todos un solo.
Ninguna sacra fuente descubierta,
este Pimpla, Bibetheo e Helicona,

ni en Parnaso a ninguno se de puerta.
De hoy mas nadie pretenda aver corona
de murta, ni arrayan ni verde lauro,
ni del Arbol que Alcides se corona.
Desde el excelso Calpe ao Monte Tauro,
se sienta esta disgracia y desventura,
y desde el Indo Hidaspe hasta el Metauro
Quien cantará de Venus la hermosura,
la gracia, suavidad y la belleza,
quien el divino adorno y apostura,
durará su memoria entre las gentes,
contra el licor del invido importuno.
En olvidos pasados y presentes
quedarán con su estilo comparados,
con sus agudos dichos y eminentes.
Seran primero más que nieve yelados
del claro sol los rayos, que perezca
su fama, ni sus hechos señalados.
Primero faltarán, que mal la empezca,
del mar las aguas, peces, las arenas,
y del ayre las aves, que fenezca.
La qual despues sentiendo quan ajenas
estan todas las gentes de consuelo
antes del descontento y pena llenas,
al claustro celestial con sumo vuelo
se irá nuestro hemispherio atraz dejando
ganosa de habitar el alto cielo,
del qual Monte Mayor está gosando.

DORAT.

E. *Lettres d'une chanoinesse de Lisbonne á Melcour, officier français.* La Haye, 1770.

Lettres portugaises, avec les imitations en vers. Paris, Delanec, 1807, in-12, 1 vol.

Lettres portugaises, troisième edition, avec les imitations en vers, par ——. Paris, 1807, 8.°, 1 vol., XXXII — 183 pag.

D'ORSEY.

E. *Colloquial portuguese, seconde edition.*

Practical Grammar of portuguese and english. London, 1860.

Portuguese Ollendorf. London, 1879.

Portuguese Dialogues. London, 1879.

DOZY (R.) et le **DR. W. H. ENGELMANN.**

Glossaire des mots espagnoles et portugaises derivés de l'arabe, par ——. *Seconde edition revue et très considérablement augmentée.* Leyde, 1869, 1 vol. 8.° gr.

DRAKE (E. C.).

E. *A new universal collection of authentic and entertaining voyages and travels, from the earliest accounts to the present time, selected from the best writers*

in all languages, comprehending an account of whatever is curious in the government, commerce, customs, marriages, funerals, &c. Including account of the most remarkable discoveries, settlements, shipwrecks, tortures, massacres. London, 1768.

DR. J. M. SACCHETTI BARBOSA.—Socio da sociedade real de Londres.

A este foi escripto em fórma de carta o appendice ao que se acha escripto na *Materia medica* do dr. J. de Castro Sarmento, sobre a natureza, contentos, effeitos e uso pratico, em fórma de bebida e banhos das aguas das Caldas da Rainha. Londres, 1757.

DRIVER (JOHN ——).

E. *Letters from Madeira, in 1834.* London, 1838.

DROUET (HENRI ——).—Membre de l'academie royale de Lisbonne.

E. *Sur terre et sur mer.*

Excursion d'un naturaliste en France, aux Açores, à la Guyane et à Angola. Paris, 1870, in-8.º, 301 pag.

Lettres Açoreenes, par ——. Poitiers, imprimerie de A. Dupré, 1862. 70 pag., com o retrato photographico do auctor.

DROUET (HENRI ——) et **ARTHUR MORELET.**

Rapport à S. M. le Roi de Portugal, sur un voyage d'exploration scientifique aux îles Açores, éxécutée par MM. Arthur Morelet et Henri Drouet, pendant le printemps et l'été de 1857. Troyes. Chez Bouquot, imprimeur. 1858. 4.º gr. 33 pag.

DUAS CARTAS, *uma a J. A. B. L., e outra a M. G. de L. Que servem de resposta ás que elles escreveram ao auctor da Gazeta litteraria, sobre uns reparos que este fez a alguns logares de um papel que se imprimiu com o titulo de «Oração inaugural». Escriptas por um cirurgião portuguez assistente em Londres.* Londres, na officina de Joam Johnson, 1763, 4.º, 88 pag.

DUBNITZAI (JOÃO ——).—Jesuita hungaro.

E. *Panegyricus D. Francisco Xaverio et D. Ignatio S. J. Fundatori.* Tyrnaviae, 1767–1768, in-12.º

DUBREUIL (COLONEL ——).

Souvenirs du Portugal. Galerie de portraits dessinés d'après nature aux lazarets de Valencia de Alcantara et de Albuquerque, en octobre 1833, par le ——, et dédié par lui a ses camarades. 1834.

É um album de estampas.

DUC DE BRAGANCE. *Manifeste donné à bord de la frégate «Rainha de Portugal». 2 fevrier 1832.* Londres, 1832.

DUCHESNE (ANDRÈ ——).—Geographo do Rei de França, natural de Tours.

Histoire genealogique des ducs de Bourgogne, de la maison de France. Impresso em Paris em 1828, in-4.º Trata da origem dos Reis de Portugal (fol. 16 e 19).

Histoire des Rois, ducs, comtes de Bourgogne et D'Arles. Impresso em 1619, in-4.°, fol., 274 pag. Tambem trata da origem dos Reis de Portugal.

Estas obras são provadas com documentos. O seu auctor falleceu em 1640[1].

Duchesne, maestro de sus Altezas Reales los Señores Infantes de España. Traducido al castellano por el R. P. Josef Francisco de Isla, con algunas notas criticas, que pueden servir de suplemento por el mismo traductor. Barcelona. En la oficina de Carlos Gibert y Tutó. 3 vol., in-8.°

(Siglo duodecimo — 1100)

Por el año fatal de mil y ciento,
Turbó á Alfonso la suerte y el contento:
Pues en Huesca, y Uclès la infiel cuchila
Luengos lutos cortó á toda Castilla.
Pero esta triste suerte
En dicha se trocó; pues con su muerte
Urraca, á quien Raymundo
Dejo viuda, y al tálamo segundo
De Alfonso de Aragon rindió su mano,
Unió al Aragonés, y al Castellano,
Juntando en unas sienes los blasones
De Barras, de Castillos y Leones;
Y Alfonso de Aragon, esclarecido
Su segundo marido,
De dos grandes batalhas victorioso,
Y (lo que és mas glorioso),
Venciendose á si mismo heroicamente,
Con tres coronas adornó la frente,
De Alfonso Emperador (en edad flaca),
Hijo de D. Raymundo y Doña Urraca.
Los Principes Cristianos,
Mal empleadas contra si las manos,
En guerra se hacen menos;
Y deshacen por los sarracenos,
Mientras Alfonso, en Portugal valiente
Se vió Rey de repente;
Por el pueblo aclamado,
Y de Francia ayudado,
Venciendo cinco Reys, que no huyan,
Mostró merecer ser lo que hacian.
Sancho y Fernando á Alfonso succedieron,
Y en sus dos reynos levantar se vieron
Las militares Ordenes gloriosas,
Al barbaro Africano pavorosas.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 241.

Calatrava logró ser la primera:
Seguióse de Santiago la Venera;
Y Alcantara al instante
Nació á turbar las glorias del turbante.
El Navarro vencido,
En rubur y venganza endurecido,
Al castellano, haciendóse implacable,
Le hizo ser á los Moros favorable
En Alarcos Alfonso derrotado,
Victorioso en Tolosa y coronado,
Recobrada su honra,
A su vida dió fin, y á su deshonra.

(Siglo decimo tercio — 1200)

Enrique, deste nombre, rey primeiro,
Logró un reyno fugaz y passagero,
Y en su tiempo de alcanzar la victoria
A un Rey de Portugal colmó de gloria,
De la muerte de Enrique enjugó el llanto
Su sucesor, Fernando el Grande, el Santo,
El que (mientras el nombre
De Jayme de Aragon y su renombre,
El valor y prudencia
Se eterniza en Mallorca y Valencia)
A Baeza quitó á los Africanos,
A Córdova y a Murcia con sus llanos.
Y Sevilla tomada
Vasallo hizo al Rey Moro de Granada.
Alfonso Diez, al que llamaron Sabio,
Por no sé que tintura de Astrolabio,
Lexos de dominar á las Estrellas,
No las mandó, que le mandaron ellas.
Mientras observa el movimento al Cielo,
Cada paso un desbarro era en el suelo,
A su yerno, á su Reyno fastidioso,
Solo contra los moros fué dichoso.
Injustamente Sancho proclamado,
Breve, inquieto y cruel fué su reynado.

(Siglo decimo quarto — 1300)

Fernando el emplazado en mil trescientos
Perdonando á los grandes descontentos,
Las mismas manos, antes non tan fieles,
Le llenaron de palmas y laureles.

Alfónso el Justiciero
Los sediciosos sujetó primero;
Y después sin tardanza,
Volviendo su razon y su venganza
Contra el Aragonés, y el Lusitano,
Y contra el Africano,
En seis nobles funcciones
Arroyó sus banderas y pendones,
Dejando su nombre eternizado
En la ilustre victoria del Salado.
Don Pedro, á quien la gente
El Cruel apellida commumente,
Y con igual pudiera fundamento
Llamarle el Luxurioso, el Avariento,
Perdió el Reyno y la vida
A impuso de una daga fratricida.
A Pedro el Avariento, el Codicioso,
Enrique, el Liberal, el Generoso
Succedió, dando leyes,
Maestro de Soldados y de Reyes;
Y á su hijo Don Juan menos le dexa
En lo que cede, que en lo que aconseje.
Juan Primero, feliz con los Inglezes
Fué desgraciado con los Portugueses.

(D. Sancho II y Alfonso VI)

Don Sancho le succede en la corona,
Y á sus mismos hermanos no perdona,
La muerte á sus intentos puso cabo,
Por dar logar a Don Alfonso el Bravo.
Este ganó á Toledo.
Ayudandóle el Cid; e con denuedo
Corriendo Marte ó rayo la frontera,
Rendió a Mora, Escalona y Talavera.
Al conde de Flora agradecido,
Y al Borgoñon tanbien reconocido,
De amigos hizo yernos,
Dando en sus años tiernos
A Elvira al de Tolosa,
Y al Borgoñon á Urraca por esposa,
Llevandóle por dote (y con justicia),
Tributario el condado de Galicia.
A Henrique de Capeto le interesa
La mano que le dió Doña Teresa,
Y juntamente con su blanca mano,
Feudatario el condado Lusitano.

DUCKETT (DR. RICARDO ——).—Vice presidente do collegio inglez de S. Pedro e S. Paulo, no Bairro Alto, em Lisboa.

Sermão do inclito martyr S. Lourenço, prégado no domingo 11 de agosto de 1872 na igreja parochial de Carnide, pelo ——. Lisboa, typographia universal, 1872. 8.º, 23 pag.

É consagrado este sermão á memoria de Lourenço Richmond, que foi reitor do collegio irlandez de S. Pedro e S. Paulo, em Lisboa.

DUCLOS (MONSIEUR ——).—De l'Academie des inscriptions et belles-lettres. . . . A la Haye. Chez Jean Neaulme, 1746, 2 vol., in-8.º

«. . . Para conhecermos a origem d'estas dissenções, cumpre que nos recordemos que Henrique, depois de haver repudiado Branca de Navarra, sua primeira mulher, sob pretexto de ser ella esteril, tinha desposado Joanna de Portugal. A opinião publica accusava Henrique de impotencia. Pretendiam que, desejando ter filhos para suffocar as intrigas que a esperança de sua successão fazia já nascer em Castella, tinha induzido sua segunda mulher a receber no seu leito a Bertrand de la Cueva, que n'isso ella tinha consentido, e que um tal adulterio politico dera nascimento á Princeza Joanna de Castella. La Cueva foi nomeado conde de Ledesma, e accumulado de bens. Com effeito, depois do segredo importante que lhe fôra confiado, não tinha elle a esperar que não fosse, ou a maior elevação ou a morte. Se o facto é verdadeiro, a rainha Branca não fôra repudiada senão por não haver tido a mesma complacencia que Joanna de Portugal.» (Pag. 402)

No vol. II trata-se das pretensões de Affonso V á corôa de Castella, desde pag. 158 a 441, mas não em todas as paginas.

Duclos affirma que emquanto Luiz, Rei de França, fazia ajustes com o Rei de Portugal, não se esquecia tambem de os fazer com os Reis de Castella Fernando e Izabel. (Pag. 160.)

O Rei de França mandou prestar ao Rei de Portugal tantas honras quantas eram as tenções que tinha de lhe não prestar serviço algum. (Pag. 233).

DUFF (ROBERT FRENCH ——).

The Lusiad of Camoens, by ——. Mathew Lewtas, livreiro em Lisboa, editor. Imprensa nacional, 8.º.

Entre uma alluvião de versões do famoso e nunca assás celebrado poema *Os Lusiadas,* distingue-se uma em inglez, pelo sr. Duff, inglez de nação, que travou lucta com os outros traductores, para apresentar esta obra, cujo original tão conhecido é dos inglezes, e ao qual têem prestado grande homenagem todos os povos, e entre estes mais do que todos os inglezes.

Para exaltar a memoria do grande poeta rival de Homero e de Virgilio, apresentou o sr. Duff, no pendor da sua idade, uma versão que se póde pôr a par das mais bellas que se têem feito.

Tornou-se, portanto, o sr. Duff, um benemerito da litteratura portugueza, com a producção de tal trabalho, n'uma epocha em que as versões dos *Lusiadas* sobem a centenas, já completas, já em partes.

Bem se diz que a posteridade mais tarde ou mais cedo presta testemunho insuspeito áquelle que avançou e nunca retrocedeu no caminho da civilisação.

Camões passou fome e miseria de toda a qualidade; seus inimigos fizeram

que elle esgotasse completamente todas as agruras da vida; porém dormem para todo o sempre na obscuridade mais completa.

Camões, porém, é o chefe, é a guarda avançada que na frente mostra aos estrangeiros as glorias do nosso paiz. Emquanto existirem os livros de Camões, e mórmente *Os Lusiadas,* Portugal póde ufanar-se mais do que nenhum outro paiz. Camões cantou as glorias dos portuguezes e as iniciativas das suas descobertas. Homero e Virgilio cantaram historias da carochinhá. A civilisação tinha já mudado. Já não eram os antigos gregos a dispararem settas e azagaias. Já havia polvora e bala. Já era preciso caminhar por outros logares. Não se incensam agora vultos mythologicos, que talvez nunca existissem. As viagens dos portuguezes não eram historias da carochinha. A tal tarefa se entregaram os portuguezes ainda um pouco ás cegas, para ver se poderiamos chegar por terra á India; resolvido o problema, Gama é o grande descobridor, Camões o grande poeta, que em verso exaltou e engrandeceu um tal feito.

CIX

«The two Alphonsos, now united, stood
Prepared for battle on Tarifa's plain,
In front of that enormous multitude
Of infidels, whose faith was false and vain,
Whom neither field nor mountain could contain:
But still the most undaunted spirits sought
For aid against such odds, and all restrain
Their fears with one supreme consoling thought,
That for his army Christ, their great Redeemer, fought.

CX

«The progeny of Hagar laughed in scorn
To see confronting their superb array
The Christian force, so feeble and forlorn:
And, as their ancient name they cast away,
And falsely call themselves, for vain display,
Brave Saracens of far much brighter fame,
They share the lands, quite certain of their prey;
With false pretexts, and lies to also came
To call their own, a realm to which they had no claim.

CXI

«The barbarous, gigantic Philistine,
Whom kingly Saul so much, and justly feared,
(When, coming to the front of all the line,
The lowly shepherd with his sling appeared,
And quite unarmed, but brave), the monster sneered,
And with his taunts provoked the ragged boy:
But soon, a strange and whizzing noise was heard;
Goliath fell, and Israel saw with joy,
That naught can save whom God determines to destroy.

CXII

«'Twas thus the vile, perfidious Moors contemned,
And scorned the Christian force so weak and slight,
Because they did not know themselves condemned,
And doomed by that divine, superior might
Which puts the deadly powers of hell to flight:
The brave Castilian troops against the king
Of great Morocco now direct the fight;
The Portuguese, who fear no living thing,
Against Granada's host their dauntless armies bring.

CXIII

«The thrusts of lances, spears, and swords rebound
Upon their armour, and sad carnage make,
The various war-cries to the heavens resound:
These call on Mahomet, the others take
Iago's name in that important stake:
With groans of vounded men the air is rife,
The blood, which flows in torrents, forms a lake
In which, the hapless victim of the strife,
Who is not slain at once, by drowning ends his life.

CXIV

«The valiant Lusians soon destroy, and slay
Granada's bands, who, worsted in the fight —
Since neither coats of mail nor steel can stay
The victor's arm — betake themselves to flight:
But not content with victory, so bright,
And quickly won, the Portuguese proceed,
In their triumphant march, and boundless might,
To aid the brave Castilian troops, which need
Their help to crush the herds of Hagar's cursed seed.

CXV

«The burning sun was now in his decline,
Had nearly reached the farthest western bound,
When his resplendent rays must cease to shine,
And he would plunge into the deep profound,
The lap of Thetis, on his daily round:
Of that great triumph, which the monarch gained
O'er all the Moslems on that battle-ground,
Which was with blood and dreadful carnage stained
The glorious memory by all is still retained.

CXVI

«Of those who perished on that fatal day,
Scarcely one fourth were in the battle slain,
But many thousands drowned, and lifeless lay
In water which their blood and corpses stain,
And thirsty warriors in their goblets drain:
Not such the slaughter, nor such blood was spilt
By Rome's sworn enemy on Cannæe's plain,
When Carthaginians such great numbers killed,
The victors with the rings of knights three bushels filled.

CXVII

«If thou so many stubborn souls didst send
To gloomy Pluto's dark, and sad abode
Beside Cocytus, and by force didst bend
The holy city, when the people showed
What reverence to their ancient rites they owed,
O noble Titus! 'twas celestial power,
And not thine own, which used the chastening rod;
The wrath of God, by Prophets seen to lower,
And Jesus crucified foretold the coming hour.

CXVIII

«When this most glorious victory was woon,
Alphonso to his native realm returned,
Rejoicing much at all that had been done,
In hopes to find repose so nobly earned.
Alas! those hopes were sadly overturned:
O grief, most dreadful, painful, and profound!
By which the gloomy sepulchres were spurned,
And she, who naught in life but anguish found,
E'en after her decease, as rightful Queen was crowned.

CXIX

«O thou, pure love! who rulest o'er the hearts
Of mortal men, with thy resistless might
Which such delicious hopes and joys imparts,
Thou wast the cause, that cruel death did smite
Her lovely form, with dread, vindictive spite.
O cruel love! why art thou harsh and rude? —
Nor prayers, nor tears avail us in thy sight —
Alas! thou dost desire, in tyrant's mood,
To see thy impious hands in human blood imbrued.

CXX

«Thou, beautiful Ignez, wast then reclined,
In sweet repose, in thy enchanting bower,
Indulging that delusion of the mind,
When youth and love possess absorbing power,
Which fortune grants them for a fleeting hour.
In much-mourned meadows by Mondego's stream,
Which ne'er exhaust thy tears' incessant shower,
The name inscribed on thy fond heart doth seem
To teach the hills and meads, a never-ending theme.

CXXI

«The loving Prince with fond remembrance clings
To thy fair image, which still occupies
His inmost soul, whilst every moment brings
The dearest hopes, when fairy visions rise,
Though he no longer sees thy beauteous eyes:
By night, thy charms delicious dreams employ,
By day, his ardent mind incessant flies
To that deep love which time shall ne'er destroy,
While memory affords a fruitful source of joy.

CXXII

«To wed the Prince with any lovely dame,
Or one of royal birth, they tried in vain:
For when, pure love, thou dost the heart inflame,
And hast established there thy gentle reign,
All other loves are treated with disdain.
The prudent father saw, with indignation,
The lawless passion no one could restrain:
His heir all marriage held in detestation,
And his strange conduct caused the murmurs of the nation.

CXXIII

«The angry King resolves to take away
The life of fair Ignez, whose charms retain
His son a prisoner beneath her sway:
To quench love's fire he thinks no hopes remain,
But death his hand with guilty blood must stain.
What fury made thee draw that glorious sword,
Which could the rage of frantic Moors restrain,
Against a weak defenceless dame? What stirred
Such cruel wrath, by dread of vengeance undeterred?

CXXIV

«The hapless dame the savage ruffians brought
Before the King, whose heart was now inclined
To pity; but the cruel people sought,
By vilest calumnies, to urge his mind
To doom her to the death he had designed.
With piteous sighs for mercy she implores,
She pines with grief for those she leaves behind;
Her much loved Prince and children she adores,
And these, with anguish, more than death itself, deplores.

CXXV

«With eyes upturned unto the crystal skies,
In meekest attitude the lady stands;
Absorbed in grief, she only lifts her eyes,
Because the cruel monsters bind her hands.
Dissolved in tears, which no restraint commands,
Amidst the sorrows, which her heart oppressed,
At thought of those dear orphans to such bands
Commited, thus their grandsire she addressed,
Whilst love, and racking fears torment the mother's breast:

CXXVI

«If wild and brutal monsters at whose birth,
No touch of pity Nature doth bestow,
If savage birds, who rage the air and earth
In search of prey, such feelings never know,
Yet all to babes, and little children show
Commiseration and maternal care,
To mitigate blind fortune's cruel blow, —
A lioness did Ninus' mother spare,
A she-wolf suckled Rome's twin founders in her lair, —

CXXVII

«O thou, that hast a human face and breast!
(If aught of human kind could ever kill
A tender maiden by her grief oppressed,
Whose only crime, submission to his will,
Who in he heart could ardent love instil)
With pity on these orphans turn thine eye,
Let tenderness for them thy bosom fill,
Since me, though innocent, thou doom'st to die,
Thy cruelty to me, by love for them supply!

CXXVIII

«If thou didst once the Moslem's cursed race
Most ruthlessly destroy, with fire and sword,
Let gentle clemency restore thy grace
To one, who fondly loved, but never erred;
But if my supplication be not heard,
Then banish me, to some far distant clime,
Amidst the Scythian snows, so greatly feared,
Or under Lybian suns, without a crime.
Let me in constant tears and sorrow pass my time!

CXXIX

«Place me were fierce and horrid monsters live,
Some lion or some tiger may be found,
Who will both pity and compassion give,
And thus, these heartless savage me confound
Who know not mercy! There with love profound
And most sincere, of him, for whom I die,
And these dear pledges, life's dull, weary round
Shall pass; whilst I a mother's care supply,
They will to soothe my grief with fond caresses try.

CXXX

«The gracious King to pardon was disposed
By her reproach and tears, which pierced his heart:
To this the furious rabble was opposed;
Resistless destiny still played its part
In this sad tragedy. Upon her dart
Those cruel men, who cast on her the blame,
And every human feeling set apart:
Ye savage butchers! did ye feel no shame
To draw your cruel swords against a helpless dame?

CXXXI

«Against the fair Polyxena, the sole
Surviving comfort of her mother's age,
Pyrrhus, beneath Achilles' shade's control,
Which all her loveliness could not assuage,
Directs his sword, with fierce relentless rage:
And like a patient lamb which meekly dies,
The maiden silent stands on life's last stage;
But on her mother casts her dying eyes,
Who, quite insane, does not her daughter recognize

CXXXII

«The brutal murderers their weapons drew
Against that neck, as alabaster white,
Which bears those eyes by which she doth subdue,
With deepest love, the Prince, her heart's delight,
Who crowns his loved Ignez with Queenly right:
In blood they bathe their swords, and those white flowers,
Which tearful eyes bedewed, impurple quite:
Blind fury all their cruel hearts devours,
Regardless of the wrath to come in future hours.

CXXXIII

«And well mightst thou, O Sun! refuse thy rays,
To look upon that horrid scene of blood,
As thou didst hide thy light, in dread amaze,
When to Thyestes served his sons for food
By Atreus' hands in human blood imbrued.
Ye, lovely valleys, heard the hapless dame,
As in the very grasp of death she stood,
In thrilling tones her Pedro's love proclaim,
While all the distant hills re-echoed back his name.

CXXXIV

«As lilies of the valley from the field
Untimely plucked, and roughly brought away,
Their freshness lose, no more sweet fragrance yield,
By maidens worn upon a festive day,
And roughly treated in their amorous play;
Their colour faded, scent for ever lost;
So this fair damsel pale and lifeless lay,
Her lovely cheeks no rosy blossoms boast,
Her beauty and her charms by ghastly death are crossed.

CXXXV

«Mondego's daughters, in their shady groves,
With plaintive sighs bewailed, for many years,
The fair Ignez and her unhappy loves:
A rivulet which sprang from their sad tears,
Whose wery name her memory endears,
The fount of love, its crystal waters pours,
And thus the emblem of her grief appears:
The waters of the rill refresh the flowers,
Whose blooming beauty decks pure love's enchanting bowers.

DULMAN (GABRIEL ——).— Jesuita, allemão.

E. *Vita P. Philippi Buriel, viri Apostolici Brasilliorum conversionibus intenti, et in Brasilia mortui.* Coloniae, typis viduae Godefridi e Meucheu, 1721. (Em allemão.)[1]

DUMAS (LOUIS CESAR ——).— Professeur de la langue française à Lisbonne. 1871.

I

Non bien loin d'Ajuda, sur un tertre elevé,
A l'immense coup d'œil, l'esprit est captivé:
Sur la gauche, au lointain, se découvre Lisbonne;
La mer brillante à droite; en feu tout l'horizon;
Le soleil l'embrasait, de son brûlant rayon;
En face de hauts monts, tressent une couronne.
Ces monts, ces feux, la mer, la ville, son château,
Bordure riche, noble, entourant le tableau:
Au milieu le bassin, la mer, les eaux du Tage,
Il a baigné Castille, il dort sur cette plage,
L'admirable repos, mais le Tage irrité,
Le pêcheur, le marin, tremblent de sa fierté,
Sans colère, à cette heure, il délasse paisible,
Au moindre bois léger, son onde est accessible;
Là, le puissant vapeur, la barque pour le bain,
Les trois mâts du marchand, le navire de guerre,
Sous maints drapeaux divers en sillonent le sein;
Il peut y recueillir tous les mâts de la terre.
Je méditais rêveur, le spectacle étonnant:
Ce coucher du soleil, cet immense océan;
Le Ciel avait tout à fait mis à ce bout du monde
Alors où m'emporta mon âme vagabonde?
Où fus-je transporté? Je sentais un autre air,
S'emparer de mes sens, serpenter dans mes veines,
J'avais le même Ciel, sous son dais d'autres scènes:
Zephyrs, beau Ciel, climat, nymphe de cette mer,
Vous, surtout du coteau, toi, nymphe de ce Tage,
Tes yeux me reflétaient une insigne mirage,
Prends mon chant, je le laisse en ta divine main,
Saisis toi du crayon, fais mes traits, mon dessin.
Que souvent je louai, ta forme, ta figure,
Les accents de ta voix, de ton cœur la nature.
Mon âme fut séduite à tes attraits divers,
Aide-moi, je t'en prie, à composer mes vers,
Et le monde critique, ou jaloux ou frivole,
Va prêter à mon chant un esprit bénévole;
Donne forme, mesure, un peu de tes atours,
Et le sujet alors, va plaire à tous, toujours.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 123.

— Non, dit-elle soudain, retrace cette histoire,
La peine, le travail, sont les pas de la gloire.
Attristé, j'obéis, car le vaste horizon,
Présenté par la nymphe, étourdit ma raison:
Chaque point plus brillant, d'une plus riche tinte
Mon empressé désir, créaient un labyrinthe
Moi, libre, faire un choix, parmi tant de beautés,
Inquiétude, trouble, en ces difficultés,
Et mon œil inconstant, de l'image éclatante,
Se laissait emporter à la nymphe charmante:
De là parfois du vers, l'irregularité,
Mon âme partagée... éloge... déité...

II

Dans un coin du miroir, sous un ombre légère,
A peine paraissait, la France, l'Angleterre,
Toutes deux s'occupant de guerres, de combats,
De renaissants périls minaient ces deux États:
Une branche Valois, dépérit sur le throne,
Et des Plantagenets, s'éclipse la couronne;
Une fumée épaisse entourait l'allemand,
Assis, pensif, rêveur, près lui Luther enfant.
A l'Est un Mahomet entrait en Italie,
A l'Ouest deux noms seuls, dignes que l'on publie:
Charles V de son sol, chasse le Musulman,
Met son code en lambeaux, dans la noble Ibérie;
L'illustre Emmanuel, du héros de ce chant,
Au bout de l'Univers, étendait sa patrie.
Le milieu du tableau, de brillante couleur;
La plage de Belem, sur ses bords une église
Une foule à l'envi s'y presse, y rivalise;
Elle est foi, sainte ardeur.
Emmanuel du Ciel invoquait la puissance,
Il offrit le secours, de son bras, ses soldats.
«Je ferais respecter ton nom, ó Jehová!
Où le jour prends naissance,
Protège ma cohorte et garde ce héros,
Chéris le Portugal, agrandis sa puissance;
Il n'est pas de vaillance
Sans ton aide, mon Dieu! les coups tombent à faux.»

III

Le Roi se retira, monta sur la tourelle;
Gama, suivi des siens, avança vers le bord
De ce Tage fameux, d'où partirait l'essor,
D'une gloire immortelle.
La foule s'agitait, c'est la mer, c'est son onde,

Le bruit comme l'Eurus, irrité, secouant,
A Cintra dans les pins, même à l'arc Saint Vincent,
Par la bise d'hiver, sa tête furibonde.

IV

L'on se pousse d'ici, l'on se presse de là;
La mère toute en pleurs, tient son fils, le caresse,
L'aviné matelot, embrasse sa maîtresse,
Frères, sœurs se faisaient leurs adieux de tendresse,
Des cris multipliés; aux voyageurs hourra!...

Le jeune marié, baise sa femme encore,
Offrant à son regard, un rejeton d'amour:
«Femme, ne pleurez pas... espère mon retour
A jamais le bonheur, je te fais riche un jour
Oui, je mets à tes pieds les monts d'or de l'aurore.»
Les Futurs se laissant, que de tristes: hélas!
Se trouvent dans les yeux, renferme leur poitrine
Ces riens, ces demi-mots, de fête clandestine
Sont redis aujourd'hui, bien haut par la colline
Aux prétendus un an, est un siècle en: hélas.

L'indifférent riait, mêlé dans ce tapage,
Bruits, cris, cette assemblée, un voyage sur mer
Nous avons découvert
Des îles, le Cap Vert,
Portons plus loin nos vœux... J'étouffe ici sans air,
Dans la foule amassée, encombrant le rivage.

Un groupe de penseurs: «Quel illustre avenir
Prépare à nos enfants, cette porte, cette onde;
Le chemin est ouvert, la conquête du monde,
Est remise en nos mains, l'époque nous seconde:
De l'Inde, les trésors sont à nous sans ferir.»

Le tumulte s'accroît, du bruit dans le lointain;
Le son d'un gros bourdon, se perdait dans la nue:
Un monotone chant à l'ouie, à la vue,
Un gros point amenait, la foule, la cohue;
Un autre en son encontre obstruait le chemin.

Au coucher du soleil, approchez d'un bocage,
Allez à ce bouquet touffu d'Alcantara.
Les oiseaux à l'envie, courent sous son feuillage
Gazouiller, se presser, redoublent leur ramage,
L'ergot prend le brin d'arbre où l'oiseau dormira.
Telle était cette foule au suprême moment
Recherchant une place, au religieux spectacle;
Les marins, les soldats, repoussent cet obstacle:
Prêtres, moines, nonains, sortent du saint cénacle.

Les voilà sur la rive, à genoux suppliant.
Tout t'obéit, Seigneur, la mer, les vents, l'orage,
Par la main prend Gama, cet enfant du pays;
Tu voulus qu'Israel, reprit son héritage
La mer ouvre son sein... Israel a conquis.
Seigneur, que sont les mers!
Elle avait prêché, tes ordres en Judée,
Les sacrilèges rois craignent sa renommée,
Qu'il meure! Un char de feu, le ravit dans les airs...
Ton Saint Nom doit courir, du couchant à l'aurore,
C'est Gama le hérault de ce vaste dessein,
Porter l'idée au loin, en raviver l'Indien,
Comme l'ont fait nos aïeux sur le maure.»
Et le peuple sorti du temple de Belem,
Élevait des flambeaux, chantait: Alleluia;
Le prêtre: Ó Dieux nous t'en prions, beni Gama!
Moines, nonains en chœur, répondirent: «Amen».
Semblables aux Croisés, des vieux temps héroïques
Ils baisent cette croix, salut du genre humain,
Et cent bateaux légers aux cris des saints cantiques,
A bord les transportaient, pour les pays lointains.
La musique, le chant, illustres voix du monde,
Disent des nations, les hauts faits glorieux,
Lisbonne s'en saisit, la foule la seconde,
Escortant le héros: Gama... succès... adieux!

V

Rien n'existait dans le monde,
L'Univers c'est le cahos,
A la parole féconde,
Au seul vouloir du Très-Haut:
Soleil, astres, notre terre,
Ces feux que l'espace encerre,
Naissent par enchantement;
A cette époque nouvelle,
L'immortelle à la mortelle
Donne vie et mouvement.

De cette essence première
Chaque âge ressent l'essor
C'est le Christ sur le Calvaire
Moïsé sur le Thabor.
Sur ces deux monts était née,
Pour les peuples même idée.
Le bien, le mal, ont leur temps,
L'un vit peu, c'est l'artifice,
Sa fin chute précipice,

L'autre existe en tous les temps.
Tout se suit, donc, dans le monde
Le comble de la beauté,
Chez la brune, chez la blonde,
A son jour de royauté.
Gama, le Pays t'appelle
Rends notre terre immortelle
Porte son nom glorieux.
Que jusqu'au bout de la terre
Du Portugal on vénère
Des fils le bras valeureux.

Colomb, caractère immense,
Vint supplier le pays,
Manuel, dans sa puissance,
Dit: «Non, la terre à ses fils».
L'un prend l'Ouest en partage;
L'autre l'Est, en héritage.
Gama, Colomb, noble pair!
Gama c'est à sa patrie,
Qu'il offre forces et vie.
Son mobile: l'Univers!...

Part, chef, nouvel argonaute,
Sois l'hirondelle aux antans,
Reviens, comme aux printemps!
Toi, vent, respecte la flotte,
Mer! montre ton eau propice
De tes écueils l'artifice,
Ciel! garde notre Gama
Ses marins... chacun te crie:
Rends les saints à la patrie!
Hourra! pour tous! à Gama!

VI

A ces hourras nombreux, les ancres sont levées;
Par le souffle des vents, les voiles sont gonflées.
De la tour, Manuel, paraît dire à Gama,
Un drapeau s'agitait: à tous, partez, hourras!
Et la foule revint, sous les toits de Lisbonne
Avec un sentiment de tristesse, d'amour:
—Mère, que c'est donc long attendre ce retour.
—Fille, l'aimes tu bien, confessez, mignone,
Nous pourrions... mais l'enfant répondait par des pleurs.
Toutes deux s'embrassaient, puis: Je suis sans art mère.
L'amour serait-ce un vol, pour en rougir, le taire.
Nul autre... il les aurait, si j'avais mille cœurs.
Ainsi le jeune enfant, dont le jouet se brise,

Remplit une maison de ses gémissements;
L'on console, on promet, que d'art dans les mamans,
Et part un joujou neuf, l'enfant se tranquilise.
A cet âge, l'esprit, sans constance, sans fond,
La joie ou la douleur, n'a pas un cours bien long:
C'est l'air, c'est l'atmosphère, amoncelant l'orage,
Un rayon de soleil, a fondu le nuage...

Cette fête anima, dans le repas du soir
La langue, les esprits... Le retour abondance...
Les périls de la mer, des ondes l'inconstance
La fin offrit des toasts, d'un bonheur, plein d'espoir.
Et la nuit survenait, recouvrant de son aile
La colline, les monts, la ville, les coteaux:
Ses doigts émiettaient, sans nombre des pavots
Dans les sens, le sommeil, endort plaisirs et maux
L'esprit comme le corps y prend force nouvelle.

VII

La flotte sillonait, de l'Atlantique l'onde
La patrie! à ce nom elle ouvrait l'Ocean
Pour Elle pénétrer, jusques au but du monde;
Amantes, quel pouvoir, vous avez sur l'amant.
Amour! il faut aimer, en nous vit cette flamme,
Tout en parle ici-bas: l'oiseau près ses petits,
Le poisson dans les mers, l'étoile par sa flamme,
L'amante de Gama, lui criait: le pays...
Gama sur le tillac, en repos l'équipage.
La boussole à la main, suivait le rhumb des vents,
Les nuits étaient sa part, le jour on voit l'orage,
Il le laissait sans crainte au soin des lieutenants:
A cette heure enfermé, dans son humble cabine,
Les cartes et les plans, il mettait sous ses yeux...

Du commerce, des biens, ce point est l'origine
Ce chemin deviné, par l'Infant... nos aïeux
Belle, riche moisson, pour la terre patrie
Je doublerais le Cap, là, nul n'a pénétré
Les côtes... de là, l'Inde, Ormus en Arabie,
Le nom de Portugal y sera vénéré...
Le repos refusa de serrer sa paupière,
Son esprit exalte, du futur glorieux,
Les quines y planter, répandre la lumière
Sur ces pays lointains, sur ces peuples nombreux
Il laisse cartes, plans, déroulés á sa vue,
Répasse ses projets y fixe son esprit;
Il entend une voix à son âme connue:
Pourquoi tous ces travaux, quel en sera le prix?

VIII

Ó Belem, lève ta tête,
Prends des couronnes de fleurs,
Du plus grand des Inventeurs
Tes murs célèbrent la fête;
Il vit, il prit en passant
Revint t'offrir sa conquête
Mit à tes pieds l'Orient.

De Gama, l'Inde, la plage
Source immense de grandeur
De richesse, de splendeur
Du Portugal en cet âge.
Accourons, pressons nos rangs,
Venons tous lui rendre hommage:
A Gama dans tous les temps.

Toi, belle rive du Tage!
Point du départ de Belem,
Soit sur le marbre ou l'airain,
Laisse nous voir une image:
Le héros, à nos enfants,
Rempli du feu de cet âge,
Du feu, qui brûlait ses ans.

Après tout, dans la statue,
Que voyons-nous? Traits mortels,
Nous voulons, les immortels,
Dont son âme était imbue.
Le corps est le vêtement,
L'âme s'en est revêtue,
Elle est éternellement.

Ce qu'on admira sur terre
Ce qu'on chérissait en toi
Nous reste tel qu'autrefois:
Ton esprit, ton caractère
Tes hauts faits dont le renom
A fait tressaillir la terre.
Éternité! c'est leur nom.

Entre, prends ta récompense:
Belem, ce tombeau royal
Au mérite sans égal,
A Gama reconnaissance.
Va, dort, près Emmanuel,
Tu decuplas sa puissance,
Ton passé reste éternel!...

Belem était pompeux, rayonnant de lumière,
Tous les grands de l'État entourent le tombeau,
Baisent avec respect la chasse du héros,
Dont les os vénérés rappellent la carrière.
Un ancien s'avança: Tes restes précieux,
Sont encore, ô Gama! l'orgueil de la patrie;
Le parfum de la fleur, après qu'elle est flétrie
Garde-nous cet esprit, ce ressort des aïeux!
Si jamais le plaisir dans une ombre peut-être
S'il peut se comparer à celui des humains:
Vois ce peuple... Jouis, places, rives, chemins
Encombrés... Il est fier d'approcher un ancêtre
Aux cris joyeux, au tumulte, aux élans,
De ce peuple, s'enfuyait le mirage,
Disparaissait l'image
Qui me retint sur ces lieux si longtemps.

DUMAS (MM.), commissaires, Balard, rapporteur.
Rapport sur plusieurs mémoires présentés à l'Academie, par M. Lourenço.
Institut Impérial de France. Academie des Sciences. Extrait des Comptes rendus des séances de l'Academie des Sciences, tome LIII, *séance du 19 août 1861.* Mallet Bachelier, imprimeur-libraire des *Comptes rendus des séances de l'Academie des Sciences.* Paris, fol., 4 pag.

DUMOURIEZ (GÉNÉRAL ——).
Campagnes du Maréchal de Schomberg en Portugal, depuis l'année 1662 jusqu'en 1668, par ——. Londres, 1807.

DUMOURIEZ.
Account of Portugal as it appeared in 1766. London, 1797.

DUNAUD.
E. *Lettre historique et critique, dans laquelle on prouve que Henri de Portugal n'est pas de la maison de Bourgogne-duché, mais de celle des comtes de Bourgogne.* No *Mercure,* abril de 1758.

DUNBAR (R. N.).
Sonnet to Camões. A pag. 159 do livro *Indian Hours, or Passion and Poetry of the tropics.* London, 1839, in-8.º

DUNHAM.
History of Spain and Portugal. London, 1832. 5 volumes.

DUPRÉ SAINT MAURE.
E. *Essai sur les relations commerciales du Departement de l'Aude, avec les échelles du Levant, l'Espagne, le Portugal.* Paris, 1808.

DUQUE (EL) *de Braganza, ó la revolucion de Portugal. Drama historico-politico en 5 actos, traducido libremente del francés por D. José Andrew de Co-*

vert-Spring. Representado por primera vez en el teatro de la Cruz, el 5 de maio de 1835. Madrid, imprenta de Repullés. Año 1835, in-8.º pequeno, 87 pag.

DUQUESNE (A. L.)

Dom Pedro V et Dom Louis I, Rois de Portugal et des Algarves. Étude historique par ——, directeur du journal «La Revue de l'Empire». Paris, 1861.

DURAN.

Era hespanhol. Nas suas poesias não se esqueceu de exaltar e engrandecer o nosso paiz. Seus versos são estimados pelos hespanhoes, e parece que se regosijava de escrever ácerca dos portuguezes. Muitos outros hespanhoes, porém, o imitaram, e eis porque na Hespanha ha uma immensidade de versos castellanos em honra dos nossos compatriotas.

*
* *

Ganase a Coimbra, de los moros, con la ayuda de Santiago Apostol.—El Rey arma caballero al Cid, calzandole las espuelas la Infanta D. Urraca.

Cercada tiene á Coimbra
Aquese buen Rey Fernando;
Siete años duró el cerco
Que jamás lo hubo quitado,
Porque el logar es muy fuerte
De muros bien torreado.
No hay vianda en el real,
Porque todo lo habian gastado.
Ya quieren alzar el cerco
Al Rey monjes han llegado
De aquese gran monasterio
Que nombrado era Lormano,
Que con trabajo crecido
Habian mucho trigo alzado,
Mucho mijo y aun legumbres,
Y al Rey todo se lo han dado
Rogandole no alze el cerco,
Que darian vianda abasto.
El Rey se lo agradeció,
Tomó lo que le fué dado,
Partiolo por sus campañas,
Viandas les han abondado;
Quebrantáron muchos muros,
Los moros se han amistado.
Dádose habian al Rey
La villa y todo su algo
Solo fincan con las vidas,
Que el Rey se les ha otorgado.
En tanto que dura el cerco
Un romero habia llegado,
Que viene allá de Grecia,
Al apostol Santiago.
Astiano habia por nombre,
Obispo es intitulado.
Haciendo estaba oracion
Ante el Apostol muy santo.
Astiano oyó decir
Que el Apostol Santiago
Entraba en las grandes lides
Armado y en un caballo
A pelear con los moros
En favor de los cristianos.
El obispo, que lo oyó,
Muy mucho le habia pesado:
—No le digaes, caballero,
Pescador era llamado.
Y con esta gran porfia
Dormido se habia quedado.
. . . . . .

(Anonimo.)

Romance del Conde Alfonso Enriquez, que libra a Lisboa del poder de los moros

Cuando el conde Alfonso Enriquez,
Primer Rey de Portugal,
Hijo del conde Borbon,
De Borgoña natural,
Después que en Campo de Ourique
A muy duro pelear
Venció siete reyes moros
Y los trujo á su mandar,
Y después que por sus hechos
Le vino Dios á premiar
Dandole sus cinco llagas
Por armas y por señal:
Ya que ganó á Santaren
Con mucha guerra y afan,
Y puso á Lisboa cerco
Por la tierra y por la mar,
Salió de dentro el rey de elle,
Llamado Venalmazar:
Pide al conde franca entrada,
La cual se le mandó dar.
—Habrás de saber—le dice,
Que ya que tengo en heredad
A la ciudad de Lisboa
Treinta y siete años y más;
Mi padre cuarenta y tres
En quieta y segura paz;
Mi abuelo la tuvo treinta,
Con guerras y mucho afan.
Al fin la habemos gozado
En feliz seguridad
Desde que el Rey Don Rodrigo
La perdió con Portugal;
Y que aquesta noche estando
En mi casa á mi folgar,
Vi venir una doncella
Al parecer celestial,
La cual hoy me dijo
Ser su entera voluntad
Que sin guerra te entregáse
Mi reino y esta ciudad,
Y que me torne cristiano
Para mi alma salvar;
Y tu que te apartes luego,
Buen conde, de más pecar.
El conde quedó espantado
De lo que al moro oyó hablar:
Inclinadas las rodillas
Comenzó de razonar:
—Mil gracias le doy á Dios,
Por la merced que me hace,
Y pues que de esto se sirve,
Cumplase su voluntad.
En esto luego se entraron
Los dos dentro la ciudad,
Do al moro hicieron cristiano
Y al conde rey natural.

...

Romance de Don Egas Moniz que libra a Guimaraens del sitio de Alfonso VIII de Castilla

La villa de Guimaraens
Don Afonso habia cercado,
Octavo rey de Castilla
Conmovido y alterado
Con Don Alonso Enriquez,
Su infante y su mayorazgo,
Que no obedeciendo al Rey
Contra su edicto y su mando,
Teniendole en menosprecio,
No acudiendo á su llamado,
Ni á las cortes de Castilla,
Aunque que era á ellas citado,
Como tenia obligacion,
Y debe cualquier vasallo,
Cual el era de Castilla
Con juramento obligado,
Y no acudia á sus cosas,
Ni de ellas tenia cuidado.
O fuese por querer suyo,
Ó por mal aconsejado,
Al fin estimaba en poco
Ser de Castilla llamado.

De esto, el Rey ardiendo en ira
Contra el Infante indignado,
Le comenzó á combatir
Teniendolo ya cercado,
Dándole por todas partes
Fieros y duros asaltos,
Perseverando en su intento,
Prometiendo y protestando
Que ha de igualar por el suelo
Su muro reedificado,
De donde los portugueses
Se defienden, aunque en vano,
Porque la porfia del Rey
En uno tiempo ya tan largo
Los tenia tan estrechos,
Tan sin fuerzas y gastados,
Faltos de mantenimientos
Y de vituallas faltos,
Costreñidos de tal suerte
Que estaban determinados
A rendirse, pues se vian
Sin remedio en tal estado,
Y entregar al Rey la villa
Por no recebir más daño.
Todo el pueblo en este acuerdo
La ocazion anda trazando,
Viendo que el Rey persevera
Que su intente lleve al cabo
Sin desistir de su intento
Ni alzar del cerco la mano,
Y para que venga á efecto,
Un dia andaba mirando
El sitio, el logar y asiento,
Por uno y por otro cabo,
Y por donde el dia seguiente
Pueda el pueblo ser entrado
Con mayor facilidad,
Pues casi estaba arruinado.
Los de dentro, temerosos,
El presto fin aguardando,
Viendo que él solicitaba
Su total misería y daño,
Un caballero animoso,
Que era Egas Nuñes llamado,
Viendo el peligroso aprieto
Del cerco en que estan cercados,
Temiendo ver que se entregue
El pueblo ya acobardado,
Que viendo al Rey junto al muro
Todos estaban temblando;
Mas él, con animo fuerte
Y corazon levantado,
Determina de morir
Ó que su pueblo sea salvo,
Y así con firme braveza
Armado subió á caballo
Y sale donde estaba el Rey,
Y ante él puesto, así ha hablado:
—Que razon hay que tu, Alteza,
Con animo tan airado,
Así quiera destruirnos,
Y en ello ponga el cuidado,
Siendo razon más urgente
Que mires por tus vasallos,
Que no hacerles tal guerra,
En la cual no acobardados
Hallarás los corazones,
Que nada les pone espanto,
Ni les forzará á que hagan
Por fuerza tu real mandado,
Pues pueden sufrir el cerco
Y darte guerra diez años,
Sin que les falte comida,
Ni cosa para este caso?
Mas una razon los vence,
Y esta es quien me ha forzado
Que venga á pedir que quieras
Que esto acabe, el cerco alzando,
Pues la fé que en ti tenemos
Nos dá esfuerzo en el quebranto,
Que aceptarás nuestro ruego
Cual te ha sido suplicado.
A esto vengo como tio
Del Infante, y su vasallo,
Por el cual te doy la fé,
Como noble hijo-dalgo,
Que en todo quanto mandares
Seguirá tu real mandado;
Y acabe ya esta contienda
De cristianos á cristianos,
Y vamos contra los moros
Que nos hacen tanto daño,
Entrandóse por Castilla,
Tu poder menospreciando,
Que en lo que toca á nosotros,
Por la fé ya te he dado

Juro en nombre del Infante
Como deudo más cercano,
Que él y todos te obedezcan
Como leales vasallos.
Esto, oído por el Rey,
Luego el cerco levantado,
Egas Nuñez dió la vuelta,
Él libre, y su pueblo salvo.
Fuese el Rey, ordenó Cortes,
Todo aquesto ya pasado,
Citan al Infante á ellas
Por edicto señalado,
Responde que él no ha de ir
A ellas, siendo forzado.
Oyendo Egas Nuñez esto,
Y habiendole al Rey jurado
Que el Infante cumpliria
Lo que de él fuese mandado,
Visto que él era el obligado
A cumplir el juramento
Que hizo como hidalgo,
Con su mujer y sus hijos,
Dispuesto y aparejado
A lo que de él sucediese
Para el Rey siguió su paso
Vestido de peregrino,
Y de aquél modo llegado
A la presencia del Rey,
Le dice, ante él humillado:
— Gran señor, yo me presento
Ante ti, en ti confiado,
Que mirarás con clemencia
La culpa en que soy culpado,
Yo soy aquél caballero
Con quien hablaste en tu campo
Cuando sobre Guimarães
Lo tenias asentado.
Fingiendome que era tio
Del Infante, fuéte dado
Seguro de mi palabra,
Que vendria á tu llamado,
Esto sin más facultad
De la que yo hube tomado,
Pues no es mi deudo el Infante,
Cual de mi te fué afirmado,
Mas es mi Rey y señor,
Y yo, como su vasallo,
Viendo el peligro y aprieto
En que lo tenias cercado,
Quise por aquesta via,
Ser remedio de su daño;
Y así, pues, yo me obligué,
Y por mi fuiste engañado;
Yo, mis hijos y mujer
Paguemos esto pecado.
Esto diciendo, Egas Nuñez
Cruzó en el pecho los brazos,
Y hincado de rodillas
Como estaba se ha quedado.
El Rey de oir la extrañeza,
Aunque de ira incitado
Se admiró, y mirando á Egas
Le dijo, asiendole el brazo:
— Levanta, que tu lealtad
Te hace libre, y tu engaño
Alabo, pues me engañaste
Por hacer á tu Rey salvo,
Y así llevarás el premio
Digno de un hecho tan alto.
Mandóle dar muchos dones,
Aderezos y caballos,
Para volverse á su tierra,
Do vuelto, fué muy loado
De todos, y del Infante,
Conforme al hecho estimado.

(Juan de la Cueva, *Coro Febeo.)*

Romance de Don Pedro I de Portugal e de Doña Ines de Castro

El valeroso Don Pedro,
Gran principe lusitano,
Hijo del Rey Don Alonso,
Sucesor en sus estados,
De una doncella en Galicia,
Dicha Doña Ines de Castro
Y Valladares fué preso
De su hermosura forzado,
Cuya recta descendencia
Fué del tronco claro y alto
De los antiguos de Lemos,
Que resplandecen hoy tanto,

Hija bastarda que fué
De Pedro Hernandez de Castro,
Un valiente caballero,
Del principe primo hermano.
Digo, pues, que como fuése
Este principe casado,
Dió grandes muestras de estar
D'esta Doña Ines prendado,
A quien con sola la vista
Iba su mal declarando,
No gosando aun todas veces
De esto que á nadie és negado,
Que de amor cualquiere afecto
Ofende á un intento casto.
Hizo muchas diligencias
De hablarla, mas todas en vano,
Que la bella Doña Ines
Da á su pretension de mano,
Viendo que el mejor suceso
Tiene de ser en su daño.
Mas como es vispera el bien
Del acaecimento malo,
Sucedió pues que murió
La Princesa en este estado.
Hallóse Don Pedro libre,
Y á su mal medio buscando,
Se casó con Doña Ines
En Berganza, con recato;
En la cual tuvo tres hijos,
De que fué el Rey avisado,
A quien pesó por extremo;
Y de tres malos vasallos
Fué inducido con instancia
Á hacer un hecho villano,
Que proseguiendo adelante
Se dirá el suceso infausto.

(Gabriel Lobo Laso de la Vega, *Romancero y tragedias.)*

Don Pedro I de Portugal e Doña Ines de Castro

Contento con Doña Ines
Está Don Pedro en Coimbra:
No entanto el futuro cetro
Como él poseerla estima,
Y le paga Doña Ines
Con esta voluntad misma:
Y como en el buen estado
La consciencia está abscondida
Ofreciósele á Don Pedro
Una ausencia hacer precisa,
Cosa que él que bien amar
Sabrá bien cuanto lastima.
Sabiendo el Rey Don Alonso
De su hijo la partida,
Con los tres crueles vasallos
Que al mal le persuadian,
Onde está Doña Ines de Castro
Con gran secreto camina,
Confuso, atemorisado,
Porque los tres le decian
Que seria el casamiento
Del reyno total ruina,
Y que el morir Doña Ines
Era lo que convenia.
Hízosele duro al Rey
Su inocente culpa vista,
De que los tres indignados,
Como suprema justicia
Que eran del reyno, tomáron
Sobre si aquesta malicia.
Finalmente, Doña Ines,
Rindió á sus dagas la vida;
Cuya lastimosa muerte
Por el Principe sabida,
Mueve guerra contra el padre,
El cual murió en pocos días
De pesadumbre, y los tres
Se huyeron para Castilla.
Coronóse el Portugués,
Segun su fuero, en Coimbra,
Coronando juntamente
Por reina y mujer legitima,
Los huesos de Doña Ines,
Que desenterrar hacia,
Funestas bodas y exequias
Celebrando un mesmo dia:
Y de los tres, dos cogiendo,
Hizo de ellos cruel justicia.

(Gabriel Lobo Laso de la Vega, *Romancero y tragedias.)*.

Don Pedro I de Portugal e Doña Ines de Castro

Don Pedro, á quien los crueles
Llaman sin razon cruel,
Desde Coimbra á Alcobaza
Cien mil hachas hizo arder.
Todas arden, más que todas
Arde el corazon del Rey,
Lo que va de amor á luces
Y de cera al querer bien.
Sentóse á su lado, y luego
Los hidalgos y la plebe
Y el reino besó en cenizas
La mano que nieve fué.
Para obrar tan gran fineza
No le faltó á Amor ser Rey,
Sin juntarse con las armas
Del monarca portugués.
El sol desconoce el dia
Cuando por tierra la ve
En la noche de sus luces,
Todo el firmamento en pié.
La muerte, que solo es Fénix,
Estas bodas supo hacer,
Donde en la vida y la muerte
Reinan marido y mujer.
Los clarines y clamores
Dan pesame y parabien,
Al vivo, de su firmeza,
Y al cadaver, de su fé.
Lo que sobró del sepulcro
Cubre funesto dosel;
Tálamo y tumulo cobren
A Don Pedro y Doña Ines.

(Anonimo.)

De como Doña Isabel quiso en vano ser Reina de Castilla

Yo me estando en Tordesillas
Por mi placer y holgar,
Vinome al pensamiento
Vinome á la voluntad
De ser reina de Castilla,
Infanta de Portugal.
Mandé hacer unas andas
De plata, que no de al,
Cubiertas con tercio pelo
Forradas en tafetan.
Gasé las aguas del Duero,
Pasélas yo por mi mal,
En los brazos á Don Pedro,
Y por mano á Don Juan.
Fuérame para Coimbra,
Coimbra de Portugal:
Coimbra dès que lo supo
Las puertas mandó cerrar.
Yo triste, que aquesto vi,
Recebiera gran pesar:
Fuérame á un monasterio
Que estaba en el arrabal.
Casa es de religion
Y de grande santidad;
Las monjas estan comiendo,
Ya que querian acabar.
Luego yo cuando lo supe,
Envié con mi mandar
A decir á la abadesa
Que no se tarde en bajar
Que espera Doña Isabel
Para con ella hablar.
La abadesa, que lo supo,
Muy poco tardó en bajar:
Tomárame de la mano,
A lo alto me fué á llevar.
Hízome poner la mesa
Para haber de yantar.
Después que hube yantado
Comenzóme á preguntar
Como vine á la su casa,
Como no entré en la ciudad.
Yo le respondi: Señora,
Eso es largo de contar:
Otro dia hablaremos,
Cuando tengamos lugar[1].

(*Cancionero de romances,* fl. 176 v.) (Anonimo.)

---

[1] Se fosse chamada D. Leonor, e não Izabel, e se em logar de se acolher (como aqui se suppõe), a um mosteiro de Coimbra, fosse n'um de Tordesilhas, poder-se-ía crer que a heroina d'este romance

Romance del Duque de Braganza, Don Juan, que mata su esposa Doña Maria Telles por desconfianzas

Lúnes, se decia, lúnes,
Tres horas antes del dia,
Cuando el duque de Braganza
Con la duquesa reñia.
El duque, con enojo,
Estas palabras decia:
Traidora, me sois, duquesa,
Traidora, falsa, malina,
Porqué pienso que traicion
Me haceis y aleivosia.
No te soy traidora, duque,
Ni en mi linage lo habia.
Echó la mano á la espada,
Viendo que así respondia:
La duquesa, con esfuerzo
Con las manos la tenia:
Dejes la espada, duquesa,
Las manos te cortaria.
Por más cortadas, el duque,
A mi nada se daria,
Si no, vedlo por la sangre
Que mi camisa teñia.
Socorred, mis caballeros,
Socorred por cortesia!
No hay ninguno alli de aquellos
A quin la favor pedia,
Que eran todos portugueses
Y ninguno la entendia,
Sino era un pajecico
Que á la mesa la servia.
— Dejes la duquesa, el duque,
Que nada te merecia. —
El duque muy enojado
Detrás del paje corria,
Y cortóle la cabeza,
Aunque no merecia.
Vuelve el duque á la duquesa
Antes que viniése el dia.
— En tus manos estoy,
Haz de mi á tu fantasia,
Que padre y hermanos tengo
Que te lo demandarian;
Y aunque estén en España,
Allá muy bien se sabria.
— No me amenaceis, duquesa,
Con ellos yo me habria.
— Confesar, me dejes, duque,
Y mi alma ordenaria.
— Confesáos con Dios, duquesa,
Con Dios y Santa Maria. —
— Mirad, duque, eses hijicos
Que entre vos y mi habia. —
— No los lloreis más, duquesa,
Que yo me los criaria. —
Revolvió el duque su espada,
A la duquesa heria:
Dióle sobre su cabeza,
Y á sus piés muerta caia.

---

podéra ser D. Leonor Telles, esposa de El-Rei D. Fernando de Portugal e sogra de D. João I de Castella, que se casou com D. Beatriz, filha d'aquella. Com effeito D. Leonor Telles é uma das mulheres mais notaveis por sua ambição e por suas intrigas. Enamorado d'ella El-Rei D. Fernando, roubou-a a seu marido João da Cunha, e se casou com ella, deixando nas suas mãos todo o governo do reino, no qual se tornou odiosa, engrandecendo a sua familia, e perseguindo a seus emulos. A ninguem perdoou que lhe fizesse sombra, e depois até á sua propria irmã D. Maria, que por se ter casado com o Infante D. João, filho de El-Rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro, podia occupar com elle o throno, foi victima de uma intriga sua, e morta pelas mãos de D. João, seu marido, a quem D. Leonor inspirou ciumes falsos e injustos.

Regente do reino pela morte de D. Fernando, entregou-se aos amores com um fidalgo castelhano, D. João de Andeiro, a quem elevou ao supra summum do favor. Isto irritou os espiritos até ao ponto que o Infante D. João, bastardo de D. Pedro, mestre de Aviz, e depois Rei de Portugal, penetrando no palacio real, descarregou varias punhaladas no favorito, nos braços de D. Leonor, que o defendia. Não se considerando segura em Lisboa, retirou-se para Alemquer, onde a não quizeram receber, e d'alli para Santarem, onde, anciosa de vingança, attrahiu o Rei de Castella, offerecendo-lhe a corôa de Portugal como esposo de D. Beatriz sua filha, e herdeira d'aquelle throno. Arrependida depois, e vendo-se pouco estimada, conspirou contra seu genro, o qual, assustado com as intrigas d'ella, a encerrou no mosteiro de Tordesillas, onde morreu em 1405.

Cuando ya la vido muerta,
Y la cabeza volvia
Vió estar sus dos hijicos
En la cama do dormia,
Que reian y jugaban
Con sus juegos á porfia.
Cuando así jugar los vido,
Muy tristes llantos hacia;
Con lagrimas de sus ojos
Les hablaba y les decia:
—Hijos! cual quedais sin madre,
A la cual yo muerto habia!
Matéla sin merecelo,
Con enojo que tenia.
Donde irás, el triste duque?
De tu vida? que seria?
Como tan grande pecado
Dios te lo perdonaria[1]?

(Cancionero llamado Flor de enamorados.) (ANONIMO.)

Don Juan II de Portugal manda deguellar al duque de Guimaraens y mata por su propia mano al joven duque de Viseo, su primo y cuñado.

Los grandes de Portugal
Se muestran muy enojados
Con gran queja de su Rey
Muy gran odio le han tomado,
Y el duque de Guimaraens
És el que más lo ha mostrado,
El cual con sus tres hermanos
Se siente muy agraviado.
Por muy aspero le acusan
Y de no bien enseñado,
Porque muy mal los trataba,
No haciendo de ellos caso,
Siendo de su misma sangre,
Y sus deudos muy cercanos,
Fuera de lo que su padre
Siempre los habia tratado,

---

[1] Este romance, que é verdadeiramente historico, e o do conde de Alarcos, com cuja catastrophe tem muita similhança, é um dos mais patheticos e interessantes que se podem apresentar. A mesma rudeza, incorrecção e falta de artificio com que está escripto e versificado, lhe dão um ar de verdade e de ingenuidade que penetram muito pelo interior da alma, e que levam o leitor ao mesmo sitio da scena onde, como por encanto, se vê possuido de terror e de compaixão, mas completamente tragicos.

Merece, pois, que se dê uma succinta noticia do caso historico que serviu de assumpto a esta preciosa composição. D. Pedro I de Portugal teve de seu matrimonio com D. Constancia um filho legitimo por nome Fernando, que depois foi successor no reinado. Teve depois, entre outros e de D. Ignez de Castro, ao Infante D. João, que é o d'este romance. Sendo já Rei, D. Fernando apaixonou-se por D. Leonor Telles, casada com D. João Lourenço da Cunha, e sob o pretexto de ser nullo o mencionado matrimonio, lhe raptou a esposa, e se casou com ella, e obrigou o marido a fugir para Castella, em cuja côrte, como fazendo gala da sua affronta, apresentava no seu toucado dois chavelhos de oiro.

D. Fernando teve de D. Leonor uma filha, por nome D. Beatriz, que deveria ser a herdeira, se a isso se não oppozesse o odio dos portuguezes á mãe d'ella, e sua obstinação em considerar como illegitimo seu matrimonio com El-Rei. Temeu-se de taes circumstancias D. Leonor, e como em tal caso o Infante D. João era o mais immediato á corôa, offereceu-lhe a mão de sua filha, para fortalecer e consolidar os direitos de ambos. Porém, como D. João estava casado com D. Maria Telles, irmã d'ella, tornava-se indispensavel afastar um tal empecilho. Invejosa, alem d'isso, de que se D. João subisse ao throno, D. Maria, sendo Rainha, lhe seria superior, traçou um tal enredo, que inspirando furiosos e injustos ciumes a D. João contra sua esposa, e excitando sua ambição com a offerta da mão de D. Beatriz, que lhe assegurava o sceptro, conseguiu que matasse a sua mulher, a innocente D. Maria Telles. O céu, porém, se dispoz a castigar o homicida onde tinha peccado: posto que fugitivo pelo seu delicto, viu casada a D. Beatriz com El-Rei de Castella D. João I, que, receiando-se que lhe embaraçasse os direitos que por sua esposa adquiria ao throno portuguez, o teve preso por longo tempo. No emtanto os portuguezes acclamavam para seu Rei ao Mestre de Aviz D. João, filho tambem bastardo de D. Pedro e de D. Thereza Lourenço, ficando d'este modo frustrados os crimes e as ambições de D. Leonor Telles e de seu cunhado, e acabando a sua vida encerrada n'um mosteiro, por ordem de seu genro o Rei de Castella, contra o qual tinha tambem conspirado.

Y de la humana llaneza
Con que era comunicado;
Agravando el mal presente
Mirando el bien pasado,
Y con este descontento
Estando muy indignados,
Publicaban que era el Rey
Avariento en sumo grado,
Injusto, incapaz que el reyno
Fuése por el gobernado:
Lo cual por el Rey sabido,
Mostrándose muy airado,
Dicen que les levantó,
O que fué de ello informado,
Que el duque y sus tres hermanos,
Que se habian conjurado
De matar á su persona
Y de tomarle su estado
Y darlo á su primo el duque
De Viseo, su cuñado,
Y por esto los prendió
Tomandolos descuidados,
Y procedió contra ellos
Y el proceso sentenciado,
Fué el duque de Guimaraens
En publico degollado:
Esotros sus tres hermanos
Fueron todos desterrados,
Y al duque de Viseo,
Perdonó por ser muchacho.
Y no deude á mucho tiempo
En que aquesto hubo pasado,
Publicó que aqueste duque,
Su primo, queria matarlo,
Y con otros caballeros
Que estaba ya conjurado:
Envió á llamar al duque,
El cual vino á su mandado
De um pequeño logar suyo,
Donde estaba aposentado.
En la camara del Rey
Entró el duque descuidado.
Viendole el Rey ante si,
Que le maten ha mandado;
Pero teniendo respeto,
Nadie quiso ejecutallo,
Por ser su primo del Rey,
Y ser tanbien su cuñado.
El Rey, sacando un puñal,
Fué contra el muy irado,
Diciendole: —Oh traidor!
Y el duque muy fatigado
Viendose llamar traidor,
Respondió muy denodado:
—Vós sois traidor y mentis
En eso que habeis hablado.
Dijole el Rey: —Tu pensabas
Levantarte con mi estado
Y matarme á mi primero;
Pues mal te se ha ordenado.
Que si mi brazo me ayuda,
No verás lo que has pensado.
Y abrazandose con el,
Dos puñaladas le ha dado,
Y dejandole alli muerto,
Entró dentro en su palacio,
Y perguntóle á la Reina
Con rostro disimulado:
—A quien quisiese matarme
Y alzarseme con mi estado,
Que os parece que merece
En pago de su pecado?
La Reyna le respondió:
—El que tal caso ha pensado
Muy cruel muerte merece,
Como traidor y malvado.
Dijo el Rey: —Tened paciencia
Que así he hecho á vuestro hermano.

(Fuentes, *Libro de los cuarenta cantos.)*

La duquesa de Guimaraens se queja al Rey por la muerte que hizo dar a su esposo

—Quéjome de vós, el Rey,
Por haber credito dado
Del buen duque, mi marido,
Lo que fué levantado.
Mandástemelo prender
No siendo en nada culpado
Mal lo hicistes, mi señor!
Mal fuistes aconsejado!

Que nunca os hiso aleve
Para ser tan maltratado;
Antes os sirvió! mezquina!
Poniendo por vos su estado:
Siempre vino á vuestras cortes
Por cumplir vuestro mandado.
No lo hiciera asi, señor,
Si en algo os hubiera errado,
Que gentes y armas tenia
Para darse á buen recaudo;
Mas vino, como inocente
Que estaba de aquel pecado.
Vos, no mirando justicia,
Habeismelo degollado.
No lloro tanto su muerte,
Como vello deshonrado
Con un pregon que decia
Lo por el nunca pensado.
Murió por culpas ajenas
Injustamente juzgado:
El ganó por ello gloria,
Yo para siempre cuitado.
Agora vivo en prisiones
En que vós me habeis echado,
Con una hija que tengo,
Que otro bien no me ha quedado;
Que tres hijos que tenia
Habeismelos apartado:
El uno es muerto en Castilla,
El otro desheredado,
El otro tiene su ama,
No espero verle criado:
Por el cual pueden decir,
Inocente, desdichado.
Y pido de vos enmienda,
Rey, señor, primo y hermano,
A la justicia de Dios
De hecho tan mal mirado,
Por verme a mi con venganza,
Y á él, sin culpa, culpado.

(Anonimo.)

Romance de Doña Isabel.— Porque el Rey tenia hijos de ella, la Reina la mandó matar

Yo me estando en Giromena
Por mi placer y holgar,
Subierame á un mirador
Por más descanso tomar;
Por los campos de Monvela
Caballeros vi assomar:
Ellos de guerra no vienen,
Ni á menos vienen de paz,
Vienen en buenos caballos,
Lanzas y adagas traen:
Desque yo los vi mezquina,
Paremelos á mirar.
Conociera al uno de ellos
En el cuerpo y cabalgar,
Don Rodrigo de Chavella,
Que llaman del Marechale,
Primo hermano de la Reina,
Mi enemigo era mortal.
Desque yo triste le viera,
Luego vi mala señale.
Tomé mis hijos conmigo
Y subime al homenage;
Ya que yo iba á subir,
Ellos en mi casa están:
Don Rodrigo es el primero
Y los otros trás el van,
— Salveos Dios, Doña Isabel.
— Caballeros, bien vengades.
Conoscedesnos, señora,
Pues así vaes á hablar?
—Ya os conozco, Don Rodrigo!
Y os conozco, por mi mal!
A que era vuestra venida?
Quien os ha enviado acá?
— Perdonemedes, señora,
Por lo que os quiero hablar.
Sabed que la Reina mi prima
Acá enviado me ha,
Porque ella es muy mal casada,
Y esta culpa en vós está
Porque el Rey tiene en vós hijos,
Y en ella nunca los hay,
Siendo, como sois, su amiga,
Y ella mujer natural;

Manda que mueraes, señora,
Paciencia queraes prestar.
Respondió Doña Isabel,
Con muy gran honestidad:
—Siempre fuíste, Don Rodrigo,
Todo en mi contrariedad:
Si vós queredes, señor,
Bien sabedes la verdad,
Que el Rey me pedió mi amor,
Yo no sé se lo quise dar,
Teniendo en más á mi honra,
Que no sus reinos mandar.
Quando vió que no queria
Mis padres fuera á mandar;
Ellos tampoco quisieron
Por la su honra guardar.
Desque todo aquesto vido,
Por fuerza me fué á tomar.
Trújome á esta fortaleza,
Dó estoy en este logar;
Tres años he estado en ella
Fuera de mi voluntad,
Y si el Rey tiene en mi hijos,
Plugo á Dios y á su bondad
Y si no los ha en la Reina,
Es así su voluntad.
Porque me habeis de dar muerte,
Pues no merezco male?
Merced os pido, señores,
No me la queraes negare:
Desterraeme de estos reinos,
Que en ellos no estaré más;
Ir me he yo para Castilla,
Ó Aragon, más adelante,
Y si no bastar aquesto,
A Francia me iré á morar.
—Perdonedenos, señora,
Que no se puede hacer más.
Aqui está el duque de Bavia,
Y el marqués de Vilareale,
Y está el obispo de Oporto,
Que os viene á confessar.
Cabe vos está el verdugo
Que os habia de degollar,
Y aun aqueste pajecico
La cabeza ha de llevar.
Respondió Doña Izabel,
Con muy grande honestidad:
—Bien parece que soy sola,
No tengo quien me guardar,
Ni madre ni padre tengo,
Pues no me dejan hablar;
Y el Rey no está en esta tierra,
Que era ido attende el mar;
Mas desque el sea venido
La mi muerte vengará.
—Acabedes, ya, señora,
Acabedes de hablar.
Tomádla, señor obispo,
Y metedla á confesar.
Mientras en la confesion,
Todos tres hablando están
Si era bien hecho ú mal hecho
Esta dama degollar.
Los dos dicen que no muera,
Que en ella culpa no hay.
Don Rodrigo, que és muy cruel,
Dice que la ha de matar.
Sale de la confesion
Con sus tres hijos delante,
El uno dos años tiene,
El otro para ellos vá
Y el otro, que era de teta,
Dandole sale á mamar.
Toda cubierta de negro:
Lastima es de la mirar.
—Adios, adios, hijos mios,
Hoy os quedareis sin madre;
De alta sangre, caballeros,
Por ellos queraes mirar,
Que al fin son hijos de el Rey.
Aunque son de baja madre.
Tiendela en un repostero
Para habella degollar:
Así murió esta señora
Sin merecer ningun mal[1].

(Cancionero de romances.) (Anonimo.)

---

[1] Muita analogia tem este romance com as tradições de D. Ignez de Castro. Porém não sabemos se é d'ella que se trata. Quem era esta D. Izabel de Liar? Quem o Rei portuguez, seu amante que estava

Sobre o mesmo assumpto

En Ceuta estaba el buen Rey,
Ese Rey de Portugal,
Cuando le dieron aviso
De tristesa y de pesar,
Diciendóle que habian muerto
A Doña Isabel Liar,
Y que lo mandó la Reina
Por su mala voluntad.
Don Rodrigo fué el cruel,
El que llaman del Marchal.
Y ese duque de Salinas,
Y el marqués de Villa Real,
Con el obispo de Oporto,
Que la fuera á confesar.
Cuando aquesto supo el Rey,
No hace sino llorar;
Juraba por su corona
Que la habia de vengar.
Mandó tocar sus trompetas,
El real mandára alzar;
Vistióse todo de luto,
Luego se quiso embarcar
Con solo diez caballeros
Que no lo quieren dejar.
No quiso aguardar la flota,
Por no tanto se tardar,
Y dentro de siete dias
A Sevilla fué á llegar,
Y de alli á pocos dias
És llegado á Portugal.
Fuése derecho á palacio,
Dó solia reposar.
La Reina cuando lo supo
Vinóse á lo visitar:
Mas el Rey con mucha saña
De ésta suerte le fué á hablar:
—Mal vengades vós, la Reina,
Malo sea vuestro llegar.
En deciendo estas razones,
La mandó presto tomar,
Y en el mismo repostero
De su amiga fué á finar;
Mandó degollar la Reina,
Don Rodrigo cuartear,
Y á ese duque de Salinas,
Y al marqués de Villa Real,
Y al buen obispo de Oporto
Le mandó descabezar.
Hizo sacar á su amiga
Para con ella casar.
Y por heredar sus hijos,
A Don Pedro y á Don Juan,
Y después con mucha honra
La mandó luego enterrar;
De este modo vengó el Rey
A Doña Isabel Liar[1].

(Anonimo.)

El Rey Don Sebastian

Una bella lusitana,
Dama ilustre y de valia,
Haciendo sus ojos fuentes,
Con llanto estiende la vista
Á la poderosa armada,
Que de Lisboa salia,
La vuelta el mar de Levante,
Por Sebastiano regida.

---

ausente, sem duvida em Africa, quando se verificou a tragedia da sua querida? Quem a Rainha mulher d'aquelle, que, sendo esteril, e invejosa da fecundidade da sua rival, a manda matar, sendo ella morta por El Rei seu esposo, quando voltou de sua jornada, como se vê no seguinte romance? Quem eram o marquez de Villa Reá, D. Rodrigo de Chavela, o duque de Bavia, ou talvez de Baviera, e o bispo do Porto, assassinos de D. Izabel? Não o sabemos; para nós é desconhecido o fundamento da tradição que ha dado assumpto a um romance tão interessante e scintillantemente narrado, que parece feito á vista do successo tragico. De todas as maneiras, ainda que não temos podido até agora fallar da procedencia do romance, é provavel que seja a mesma que a de D. Ignez de Castro, pois Meja de la Cerda, na sua tragedia ácerca d'esta dama, traz um romance quasi igual ao que apresentâmos.

[1] Duran acrescenta que este romance tem mais similhança com a historia de D. Ignez de Castro, do que o anterior.

Y como vido que el norte
Sopla furioso y aprisa,
Dijo con un ay! del alma,
Triste, turbada, afligida:
—Que no hay quien baste
Contra gallardo Rey, mozo, arrogante.
Está mirando por tierra
La mucha gente lucida,
Diferenciados en traje
Y en diferentes divisas
Porque aunque de Christo llevan
La cruz en medio tendida,
El galan y enamorado
Conforme á su intento pinta;
Pero la afligida dàma,
Que vió una roja insignia
En una alta popa puesta
Desde un balcon que partia,
Dijo: —No hay quien baste
Contra gallardo Rey, mozo, arrogante,
Mira las lucidas armas
Que lleva la fidalguia,
Y de telas de oro y plata
Costosas ropas vestidas;
Y las medallas compuestas
De muy rica pedreria,
Cadenas de oro pendientes,
Tantas, que la vista admiran;
Considerando de muchos
La dolorosa partida,
Y que va entre los que parten
El bien de su alma y vida,
Dijo: —No hay quien baste,
Contra gallardo Rey, mozo, arrogante.
Tocan las trompas á leva
Y las cajas resonantes
Con los pifares parleros
Dicen que todos se embarquen.
Los marineros dan voces
Para que el ferro se alce,
Y los ligeros grumetes
Al viento velas esparcen,
Cuando la dama hermosa
Procurando consolarse,
Dice: —Plega Dios que vuelvas
Victorioso y muy pujante,
Y habrá quien baste
Contra gallardo Rey, mozo, arrogante.

(Romancero general.) (Anonimo.)

El Rey Don Sebastian

Discurriendo en la batalla
El Rey Sebastiano bravo,
Bañado en sangre enemiga
Toda la espada y el brazo,
Herida su real persona,
Pero no de herir cansado;
Que en tan valeroso pecho
No pudo haber cansancio,
A todas partes acude,
Do el peligro está más claro
Poniendo en orden su gente
Y temor en el contrario,
Entre los alarbes fieros,
Haciendo en ellos estrago,
Con la prisa y peso de armas
Sale cansado el caballo,
A remediar su peligro
Venir vió un valiente hidalgo;
Las armas traia sangrientas,
Por muchas partes pasado,
En un caballo ligero
Contra moros peleando,
Y sacando de flaqueza
La voz, dice suspirando:
—Deste caballo te sirve,
Inclíto Rey Sebastiano,
Y salvarás en salvarte
Lo queda de tu campo:
Mira el destrozo sangriento,
De tu pueblo lusitano,
Cuya lastimosa sangre
Hace lastimoso lago;
Sin orden tu infanteria
Rompidos los de á caballo,
Señal de triste suceso
Favorable en el contrario.
Que te apartes de esa furia
Te suplican tus vasallos
Llenos de sangre los pechos,
Puestas las vidas al caso.

Pon los ojos en tu fe,
Y recibe mi caballo;
Prefierase el bien común
A la vida de un hidalgo:
No abandones mi deseo,
Huye las manos del daño.
De cuyos ruegos movido,
Respondió el Rey acetando:
—A tal estrecho he venido,
Que tengo de ser forzado
A recibir con tu muerte
La vida que ya desamo:
Pero poca es la ventaja
Que me llevarás, hidalgo,
Que aquí do quiere fortuna,
No está mal morir temprano.
Deciende, le dice el Rey,
Pero no puede el vassallo,
Que mil honrosas heridas
Le traian en tal estado,
Ayudale á decender
El Rey con sus propios brazos,
Echandoselos al cuello,
Y subiendo en el caballo.
—Adios, dice, caballero,
Que á buscar venganza parto
En los fieros enemigos
Y á morir con mis vassallos.
De la sangrienta batalla
Que tuvo el Rey Sebastiano
Con los africanos moros,
Rompido y desbaratado
Se ha escapado un español[1]
De los que Felipe ha enviado
Al soccorro y obediencia
Del bando del lusitano
Despedazadas las armas,
Sin aliento y sin caballo,
En roja sangre teñido,
Por muchas partes llagado,
Arrimóse el español
A un arbol espeso y bajo,
De donde vido en su gente
Aquel mortifero estrago;
Y aun que lacio y macilento,
Dijo, que no oyó un soldado:
—No me pesa de mi muerte,
Pues con una vida pago
La deuda que á Dios le debe
El católico cristiano;
Mas? porqué ha de morir
Un Rey mancebo y lozano,
Y con el todos los suyos,
Por ser mal aconsejado?
Estas razones diciendo,
Llegó el Rey alborotado
Y dijo: —Como, español,
En tal priesa tanto espacio?
—Inclito Rey, le responde,
Oyeme bien lo que hablo,
Y es que te guardes, señor,
Y retires todo el campo,
Y no des al enemigo
Tan abierta y larga mano,
Y que los tuyos perezcan,
Sin que se escape un cristiano:
Mira que una retirada,
Cuando es con acuerdo sano,
Vale más que un vencimiento,
Si el tal se alcanza con daño.
El Rey attento le ha oido,
Y dijole: —Castellano,
Toma para ti el consejo
Que me dás, no todo sano,
Mas con pecho de cobarde,
Que no de diestro soldado.
El capitán, que se vió,
Ser del Rey abandonado
Cobró el aliento perdido
Y tomó presto un caballo
Y con la espada desnuda
Parte al sarraceno campo,
Y dijole: —Excelso Rey,
Porque entiendas que mi brazo
No te ha de echar en afrenta,
Ten cuenta con lo que hajo.

---

[1] A acção d'este soldado hespanhol com El-Rei D. Sebastião, é uma copia d'aquillo que praticou Moncada com El-Rei D. João I de Castella, como se conta no romance n.º 981, que diz: «Si el caballo vos han muerto.»

Tres alcaides tiene muertos
En una hora de espacio,
Y más de diez corredores
De los que andan en el campo.
El Rey, que atencion le tuvo,
Aunque no estaba parado,
Dijo á los suyos: —Sin duda
El español es honrado;
Haced lo mismo vosotros
Los que vos preciais de hidalgos,
Y ninguno vuelva atras,
Mientras no vuelve mi brazo.
Pero la parca cruel,
Que tiene el cuchillo alzado,
A Sebastiano dió muerte,
Y á su reino eterno llanto.

(Anonimo.)

Doña Ines de Castro Coello de Garza, de Portugal

A la Reina de los cielos,
Que con excelencias tantas
Se coronó de laureles
Para llevarse la palma;
A aquella que ave divina
Se remontó bella garza
A lo más alto del cielo,
Adonde está colocada,
Le suplico que me preste
Una pluma de sus alas
Para que escriba mi ingenio
La crueldad más inhumana,
Y la lastima que lloran
De bronce y mármol estatuas.
En ese lucido reino
De la gente lusitana
Nació un principe famoso,
A quien dió nombre la fama
De cruel, aunque para serlo
Le dieron bastante causa.
Por gusto del Rey su padre
Con una Infanta de España
Casó el Principe famoso
Con grandeza soberana,
Y á Portugal, con su Reina,
Pasó por dama, una dama,
Cuya hermosura por grande
Se igualó con su desgracia.
Era Doña Ines de Castro,
Ya lo he dicho, que este basto
Murió luego en Portugal
La Princesa castellana;
Sentió Portugal su muerte
Tanto como le tocaba,
Y el Principe se portó
Con grandeza para honrarla;
Y socegada la pena,
Que el tiempo todo lo acaba
Salió para divertirse
Al jardin, como estilaba,
Donde dió vista á una fuente
De una fabrica tan rara,
Que era toda de alabastro,
Como una taza de plata,
Y allí poniendo sus ojos
Vió reclinada una dama,
Que en los frigidos cristales
Al espejo se miraba.
Llegó el Principe á la fuente,
Porque el fuego busca al agua
Y mirando su hermosura,
Quedó su vista abrazada,
Y á su cariñoso estilo
Volvió Doña Ines de cara.
Quedóse el Principe helado,
Y Doña Ines quedó helada,
Bebiendose los alientos
Por los ojos, hasta el alma.
El fuego venció á la nieve,
Y derretiendo la causa
Que aprisionaba su lengua,
Rendido el Principe habla.
Palabra le dió de esposo
Prometiendo coronarla
Por Reina de Portugal;
Y la dama cortesana
Con justo agradecimiento
Su candido jasmin saca.
Dióle la mano y palabra
Se casaron en secreto

Con union muy voluntaria;
Y temiendo que su padre
Esta accion les estorbara,
Para que más se occultase
Del real palacio la saca,
Apresentando su hechizo
En una quinta que estaba
Convecina del Mondego.
Y su padre, que ignoraba
Los lances que he referido,
Trató luego con Navarra,
Atribuyendole á dicha,
El casarle con su Infante.
Concedióle el Rey navarro,
Y la Infanta Doña Blanca,
Acompañada de grandes
De su corte y de su casa,
Pasó á Lisboa causando
Mil penas eslabonadas.
Visitó el Principe al Rey,
El cual le ordena y le manda
Que pues ha de ser su esposo,
Visitase á Doña Blanca.
Obedecióle Don Pedro,
Y recebióle la Infanta
Con cariñosos cortejos,
Y el Principe así le habla:
—Ilustrisima señora,
Cierto me holgará en alma
Excusar vuestro disgusto
Y el mio, por ser yo causa
De los presentes desaires
En que os miro estimulada;
Mas supuesto que es preciso
Vuestra pena declararla,
Rompa mi voz el silencio,
Pues ya no puedo ocultarla.
Casé, señora, en Castilla,
Primera vez con la Infanta
Por el gusto de mi padre;
Pero pues no está ignorada
La dicha de estos principios,
Pasemos á la sustancia.
Cuando mi querida esposa
Pasó á Portugal, de España
Vino asistiendola entonces
Una bellisima dama,
Una hermosura, un prodigio,
Perdoneme el alabarla
Vuestra alteza en su presencia:
De su belleza informarla
Me importa, porque desculpe
Temeridades osadas
Cuando advertida conozca
De estos extremos la causa.
Es, en fin, por abreviar,
Doña Ines Cuello de Garza,
Tan garza, que su hermosura
Y discrecion remontada,
Por ser un cielo, es el centro
De la gloria de mi alma.
Viola mi vista, y perdida
Pues me la robó su gracia;
Solicité su hermosura,
Y favoreció mis ancias
Tanto, que logré la dicha
De gosar premios por paga.
Ya Doña Ines es mi esposa,
Que está conmigo casada,
Su esposo soy tan gustoso
Que á mi dicha no se iguala
La mayor dicha del mundo,
Porque es mi dicha tan alta:
Y así podrá Vuestra Alteza
Volverse luego á Navarra,
Que solo Ines ha de ser
En Portugal coronada.
Fuése el Principe, y quedó
En blanco la triste Blanca,
Dando á los ojos licencia
Para que tristes lloraran
La pena que padecia;
Y el noble Rey de Navarra
Sintió con grandes extremos
El desaire de su hermana.
Mandó que al arma tocasen
Las trompetas y las cajas,
Y los fuertes capitanes
Se pusiesen en campaña
Con ejercitos valientes
Bien prevenidos de armas,
Hasta ver de Portugal
La corona derribada;
Que para recuperar
El agravio de su hermana
Solo pretende ponerla

Por alfombra de sus plantas.
Sinó el clarin belicoso,
Crujió el parche de las cajas,
Poblóse el campo de picas,
De mosquetes y alabardas
Y con fieros estandartes,
Y banderas tremoladas,
Le puso sitio á Lisboa:
Y temiendo su arrogancia
El portugués pidió treguas
Y á sus consejeros llama:
Y puesto en el trono altivo
Su consejo les demanda.
Era el uno Egas Coello,
Y Alvar Gonzalez llamaban
Al segundo consejero
Y el consejo que le daban
Fué que Doña Ines de Castro
Muriese, que era la causa
De las guerras, que su muerte
Era de mucha importancia.
El Rey replicó que nó,
Que era tirania ingrata.
Replicaron los traidores
Que perderia su fama,
Y que junto con su vida
Su corona peligraba.
Y en fin, tiranos, aleves,
Tantos riesgos alegaban,
Que bajó desde su trono
El Rey dejando firmada
De Doña Ines la sentencia
De que muera degollada.
Al Principe aseguraron
En la prision de un alcazar,
Y partieron á Coimbra
Donde Doña Ines estaba.
Aquí la mano me tiembla,
Aquí la pluma se pára,
Aquí el pulso titubea,
Y la lengua aprisionada
Entre penas y tormentos,
No pronuncia lo que habla.
Le leyeron la sentencia
A aquella cordera mansa,
A aquella que imitó á Abel
Entre el furor y la saña
De tan ingrates Caines;
Y vestida de mil ansias,
Rociaron sus auroras
Perlas, que en la filigrana
De sus hermosas mejillas
Se miraron esmaltadas;
Y sentada en una silla
Las manos atrás atadas,
Llegó el tirano homicida,
Cubrió su cielo una banda,
Cortó el ingrato cuchillo
Su bellissima garganta.
Quedó aquella nieve roja,
Aquella luna eclipsada,
Aquel sol todo nublado,
Aquella luz apagada,
Aquella estrella sin rayos,
Aquelle lucero sin alba,
Sin purpura aquella rosa,
Aquel clavel sin fragancia,
Aquel jasmin deshojado,
Y sin cuello aquella garza,
Abatidos ya sus vuelos,
Y remontada su fama.
Murió Doña Ines de Castro,
Dios le dé gloria á su alma,
Y entre hermosos paraninfos
Se eternice colocada;
Y el Principe más amante
Cuando supo la desgracia,
Sus amorosos extremos
Digalos por mi la fama;
Y dismintiendo la noche,
Con la luz de cien mil hachas,
Le hizo un entierro solemne
Desde Coimbra á Alcobaza,
Donde sobre su cabeza
Puso la corona sacra,
Y luego todos sus grandes
Besaron la mano blanca.
Hizo que todo su reino
Por su Reina la jurára,
Y á los ingratos traidores
Por las traidoras espaldas
Arrancó los corazones,
Porque su culpa pagaran.
Emplazado murió el Rey
Para dar cuenta tan larga:
Quedó Doña Ines sin vida,

Y los traidores sin alma;
Y cuando supo el suceso
Levantó el sitio Navarra,
Y el Principe sin consuelo
Quedó llorando mil ansias.
Rendido pide el ingenio
Perdon de sus muchas faltas.

(*Doña Ines de Castro,* pliego suelto.)

El amante apaleado

Un lencero portugués
Recien venido á Castilla,
Más valiente que Roldan
Y más galan que Macias,
En un lugar de la Mancha,
Que no le saldrá en su vida,
Se enamoró muy despacio
De una bella casadilla,
Que vendiendole ruan
Para faldas de camisa,
Una tarde le contó
Sus amorosas fatigas
Escuchabaselas ella,
Ni muy falsa ni muy fina;
Que es gran alcahuete un fardo
De holanda é hilo de pita.
Derretido el portugués
Al sol de su hermosa vista,
A cada vara que mide
Un palmo le daba encima.
Alababale su tierra,
Su nacion, su fidalguia,
Su musica, sus regalos,
Su espada en Africa limpia,
Prometiendóle en efecto
Las especias de las Indias,
Los olores de Lisboa
Y los barros de la China.
Hicieron los dos concierto
Que en aquella noche misma,
Si el marido fuese al campo,
Campo franco le daria.
Quedóse en casa una pieza
De Ruan y Holanda rica
En rehenes de la junta
De Portugal y Castilla.
Era la villana astuta,
Y él manchego de la vida,
Y en saliendo el portugués,
Hablaron de su desdicha;
Y visto bien el proceso,
Condenaronle en revista
En perdimiento de bienes
Para gastos de justicia,
Y á dos docenas de palos
Con la tranca de una encina,
Guardandóle la cabeza
A honor de su fantasia.
A dos horas de la noche
Se escondió la bella Cinthia,
Cuando el portugués y el cielo
De bayeta se cubrian.
Tomó su espada y guitarra,
Y entre una y otra requinta,
A suspiros fué templando
Desde el bordon á la prima.
Puesto en la calle mirando
A la ventana de arriba,
A su dama reconoce,
Que le cecea y le silba:
Y entonando la garganta,
Suspiros y voz caminan
Al aire y á quien también
Le escucha muerta de risa.

— Afóra, afóra, Rodrigo,
El soberbo castejano,
Acordarsete debiera
De aquel tiempo ya pasado,
Cuando te armé cabaleiro,
No el altar de Santiago:
Miña mai te deu las armas
Miño pai te deu el cabalo:
Castejano malo,
El soberbo castejano.
Apenas esto acabó,
Cuando á su mismo requiebro
Por la calle abajo acuden
Otros galanes del pueblo.
El uno era el sacristan,

Que en otros pasados tiempos
De todo su pié de altar
Le daba contino el medio.
Renunciada la sotana
Y echado al mundo el greguesco,
Viene por la calle abajo
Echando votos y vetos.
Sus mismas pisadas siguen
El boticario y barbero,
Que entrambos cantam romances
De Belardo y de Riselo.
Juntada pues la capilla
Quiso el bonete primero
En un ronca bandurria
Cantar los presentes versos.

Si siempre crecen así
Tu desden y mi pasion,
Bien pueden cantar por mi
Kirieleison.
Se de esta manera crece
Señora, tu disfavor,
Y al mismo punto mi honor
Sé levanta y desvanece;
Y si por amar así
No merezco galardon,
Bien pueden cantar por mi
Kirieleison.
El barbero y boticario,
Que al sacristan conocieron,
En dos guitarras templadas
Esparcen la voz al viento

Zagaleja del ojo rasgado,
Vente á mi, que no soy toro bravo.
Vente á mi, zagaleja, vente,
Que adoro las damas, y no mato la gente.
Zagaleja del ojo negro,
Vente á mi, que te adoro y quiero.
Dejaré que me tomes el cuerno,
Y me lleves, si quieres, al prado:
Vente á mi, que no soy toro bravo.

Determinada la dama,
Al concierto del marido,
Entre los cuatro llamados
Fué el portugués admittido.
Bajó á la puerta y llamóle
Por un pequeño resquicio.
Y entonces, él, victorioso,
Cantando á los otros, dijo:

Pues que Madalena
Remedió meu mal,
Viva Portugal
E morra Castella.

Seja amor testigo
De tamaño ben,
Não chegue ninguen
A zombar conmigo.
Que á espada é rodela,
A forneira sal:
Viva Portugal
E morra Castella.

Entróse dentro con esto,
Y los tres que le miraban,
A tres juntaron así
Quejas, voces y guitarras.

Si para sufrir agravios
Al Amor pintan ciego,
Fuego!
Si para ver y callar
Le ponen aquella venda,
El mismo fuego le encienda
Con que nos suele quemar:
Que sufrir ardor y amar,
Y viendo, fingirse ciego,
Fuego!

Desampararon la calle
Cuando ya el lencero estaba
Desnudo de sus vestidos
Aunque armado de esperanza;
Pero apenas puso el pié
En el lazo de la cama,
Cuando salió el cazador
Detrás de la puerta falsa,
Y á dos manos esgrimiendo
La verde y nudosa tranca,
Al que vive de medir
Midió muy bien las espaldas.

El portugués daba voces:
— Aquí de rey, que me matan!
Pero el Rey, que no lo oía
Tampoco le remediaba.
Echóse por la escalera,
Y quiso por la ventana,
Y hallando apenas la puerta,
Se fué en camisa á su casa.

(Anonimo.)

Á la muerte del Principe de Portugal

Hablando estaba la Reyna,
En cosas bien de notar,
Con la Infanta de Castilla,
Princeza de Portugal:
A grandes voces oyeron
Un caballero llorar,
La ropa echa pedazos,
Sin dejar de se mesar,
Diciendo: — Nuevas os traigo,
Para mil vidas matar:
Non son de reynos estraños
De aquí son, deste lugar:
Desgreñad vuestros cabellos;
Collares ricos dejad,
Derribad vuestras coronas
Y de jerga os enlutad:
Por pedraria y brocado
Vestid disforme sayal;
Despedios de vida alegre:
Con la muerte os remediad.
Entrambas á dos dijeron
Con dolor mui cordial,
Con senblante de mortales,
Bien con voz para expirar:
— Acabadnos, caballero,
De hablar y de matar,
Decid: que nuevas son estas
De tan triste lamentar?
Los grandes Reyes de España
Son varios, ó vales mal?
Que tienen cerco en Granada
Con triunfo imperial.
A que causa dais los gritos
Que al cielo quieren llegar?
Hablad ya, que nos morimos
Sin podernos remediar.
— Sabed, dijo el caballero,
Muy ronco de voces dar,
Que fortuna os es contraria
Con maldita crueldad,
Y el peligro de su rueda
Por vos hubo de pasar.
Yo lloro porque se muere
Vuestro Principe Real,
Aquel solo que paristes,
Reina de dolor sin par,
Y el que mereció con vós,
Real Princesa, casar:
De los Principes del mundo
Al mayor el más igual,
Esforzado, lindo, cuerdo,
Y el que más os pudo amar,
Que cayó de un mal caballo
Corriendo en un arenal,
Do yace quasi defuncto
Sin remedio de sanar.
Si lo quieres ver morir,
Andad, señoras, andad,
Que ya ni ve ni oye,
Ni menos puede hablar.
Suspira por vos, Princeza,
Por señas de lastimar,
Con la candela en la mano
No os ha podido olvidar.
Con él está el Rey su padre
Que quiere desesperar:
Dios os consuele, señoras,
Si es posible conhortar;
Que el remedio de estos males
Es á la muerte llamar.[1]

(Cancionero de diversas obras, etc.) (Montesino.)

---

[1] No anno de 1491, oito mezes depois de casado o Principe D. Affonso, filho de El-Rei D. João II de Portugal, com D. Izabel, primogenita dos Reis catholicos, succedeu o desastre que refere o romance.

DURAND (ABBÉ ——).—Professor de sciencias geographicas na universidade catholica de Paris.

E. *Os precursores de Livingstone no seculos* XIII, XVI e XVII.

Não vi o original francez d'este trabalho, mas d'elle appareceu uma traducção no *Diario de noticias* de 1878.

* *

«Parece que a Africa interior não se tem feito conhecer á Europa, senão ha perto de trinta annos; comtudo ella foi explorada muitos seculos antes, e percorrida na primeira metade do seculo XIII, e posteriormente no seculo XVI, quando os portuguezes se estabeleceram na costa occidental e oriental d'este continente.

«Longe de nós o roubar um só raio de gloria a Livingstone e a Cameron. Em suas excursões perigosas atravez de Africa, estes dois viajantes patentearam uma grande coragem e uma perseverança, que impõe admiração ás gerações presentes e futuras.

«Todavia releva fazer justiça a todos, não podendo nós admittir que a gloria d'estes dois viajantes eclipse a de seus precursores. Livingstone atravessou a Africa desde Moçambique até S. Paulo de Loanda, subindo o valle do Zambeze e descendo o do Zaire. Cameron acaba de fazer o trajecto d'este continente, desde a costa de Zanguebar ou Zanzibar, até á mesma cidade, mas seguindo o trilho aberto desde seculos pelos arabes negreiros até á região paludosa dos Lualabas, e descendo ao sul d'este paiz para atravessar regiões esquecidas. Mas Livingstone e Cameron não foram os primeiros que seguiram similhante derrota.

«Estas veredas sempre foram conhecidas dos negros desde seculos, e os arabes, estacionados em toda a costa oriental de Africa, penetravam, e penetram ainda hoje, até á região dos lagos para traficar com os negros, quer seja permutando miseraveis productos do Oriente com estes infelizes, quer seja roubando-lhes por força pequenos negros e negras, surprehendidos nos bosques ou nos campos, a pequena distancia das granjas.

«Apoz os arabes vieram os portuguezes. Apenas desembarcados nas costas occidental e oriental, penetraram no interior d'este continente. Ha mais de tres seculos que os portuguezes atravessaram a Africa, de um mar a outro, sem interrupção, por um longo periodo de tempo. Grande numero de negros do Congo e das provincias vizinhas, tendo abraçado o christianismo, lhes revelaram as veredas, que elles conheciam ha muito tempo, e cujo segredo guardavam, com receio de perderem o seu trafego. Então os missionarios fundaram no interior das terras estabelecimentos de onde se expandiam a longas distancias...»

DURAND (ALFRED ——).—Professeur dans l'université catholique de Paris.... Paris, 1879.

* *

«Quando Vasco da Gama descobriu a via maritima das Indias, Portugal não levou muito tempo a senhorear-se de todo o litoral africano desde Ceuta, Alcacer e Mazagão até a Abyssinia; e dos rios asiaticos desde Aden, no estreito de Bab-

el-Mandeb até ao Ganges, e desde a embocadura d'este rio até ao Japão, e logo depois até ás ilhas de Java e Borneo.

«O primeiro plano da côrte de Lisboa, não era fazer conquistas territoriaes na India. Entendia que era bastante para uma nação, o ser senhora do mar, para manter n'esses paizes estabelecimentos commerciaes de vulto. Foi para isso que o Cabral e Gama (1500-1502), travaram relações com o rei de Calecut, e estabeleceram uma feitoria n'essa cidade. Então os portuguezes tratavam directamente com o rei, que só lhes vendia as especiarias e outros productos do Malabar. Esta feitoria foi roubada, e seus empregados trucidados pelos indios. Cabral a restabeleceu, e fundou a segunda em Cochim (1501), e Albuquerque a terceira em Coulão. Em breve toda a costa occidental da India foi coberta de estabelecimentos portuguezes, que se elevaram ao numero de trinta, quando menos, desde o Cabo Camorim até Cambaia, sem contar os que se haviam fundado nas duas margens do golpho Persico. Porém o systema adoptado pela politica portugueza não podia manter-se contra as hostilidades, que ameaçavam aniquilar as feitorias isoladas no meio de populações inimigas.

«Ora, quando chegaram os portuguezes, o commercio de toda a India estava nas mãos dos arabes. As suas frotas vinham dos portos do Mar Roxo buscar toda a casta de mercadorias da peninsula, e voltavam a Suez, onde eram vendidas aos negociantes venezianos, que tinham o monopolio na Europa.

«Estabelecendo-se na India os portuguezes, tinham, pois, dado no commercio de Veneza um golpe fatal, do qual esta rainha do Adriatico não poude levantar-se nunca mais. Por isso é que os venezianos nada pouparam para instigar os negociantes arabes contra os portuguezes. Os negociantes arabes, da sua parte, ciosos da competencia dos portuguezes, despacharam frotas a piratear no Mar da India. Apossaram-se elles de navios, bloquearam e destruiram muitos estabelecimentos portuguezes. Do outro lado, os indios, instigados por elles, insurgiram-se e trucidaram os recem-chegados.

«Os portuguezes, accommettidos por inimigos internos e externos, começaram a construir fortalezas, com auctorisação dos reis malabares.

«Porém, Albuquerque, convencido da impossibilidade de resistir a tantos ataques incessantes, mudou da tactica até ahi seguida. Adoptou o unico systema rasoavel em materia de colonisação, que consiste em tomar posse do solo. Conseguintemente, a 25 de novembro de 1510, apossou-se de parte importante de Goa, que veiu a ser a metropole da India portugueza. Por este facto o grande capitão dava á sua patria uma verdadeira colonia territorial, que estabeleceu solidamente, adiantando-se pelo norte até á ilha de Ormuz, e pelo sul até ás de Ceilão e de Sumatra.

«Seus successores tomaram posição na ilha de Tidore, nas Molucas, e Lopo Vaz de Sampaio enviou uma expedição ao litoral do golpho persico, a qual subiu o Euphrates até Bassorá. Feitorias e fortalezas foram desde logo construidas n'esta cidade, como nos portos do golpho. Na costa da Arabia, em Mascate, e igualmente na costa da Persia, em Badassore e em Bender Buschir Ormuz, vindo a ser este um verdadeiro Gibraltar. Os portuguezes ficaram, pois, senhores do commercio de toda a Asia.

«Em 1533 possuiam as principaes vias commerciaes d'este continente com a Europa; o estreito de Bad-el-Mandeb, dominado por Aden, e a ilha de Soutorá, onde elles tinham uma fortaleza poderosa; o golpho persico, pela praça de Mas-

cate e a ilha com o estreito de Ormuz; as veredas da Asia occidental e central, pelo Chat-el-Arab e Bassorá, que é a chave do Euphrates, do Tigre e da China, do Japão e da Oceania, pelos estreitos de Manaar e de Malacá. Na mesma epocha estabeleceram-se na China, em Ning-Pó, e d'ahi até ás ilhas Licon-Tcheu, depois no Japão (1542), em seguida nas Molucas e nas Celebes, e o capitão Francisco de Castro, impellido pela tormenta, descobria o archipelago Mindanáo.

«Durante este intervallo, outros estabelecimentos se fundaram nas costas de Coromandel, de Orissa e de Bengala. Os portuguezes estabeleceram feitorias de escala nas margens dos differentes braços do Ganges, e d'ahi entabolavam relações com o Grão Mogol Akbar. Este rei com elles fez alliança, e alcançou do governo de Goa um corpo de tropas para guardar as cidades da fronteira oriental de Bengala.

«Vemos em 1613 um portuguez chamado Ribeiro de Sousa, acclamado rei pelos peguanos em Sirião, cidade de Pegu. Seu patriotismo teve de passar por uma provação mui dura, pois o emir do vice-rei da India, e as ordens da côrte de Lisboa o obrigaram a abdicar em favor de El-Rei de Portugal. E eis porque uma guarnição portugueza veiu occupar Sirião, mas foi só por algum tempo, porquanto foi assassinada pelos peguanos revoltados.

«Posteriormente, Portugal adquiria pacificamente toda a ilha de Ceylão. O rei d'esta ilha, João Perea Pandar, fazendo-se christão, deixava, por sua morte, o reino em testamento a El-Rei de Portugal, e este era acclamado rei de Ceilão na cidade de Columbo. Senhores do extremo Oriente, os portuguezes adquiriram uma influencia preponderante nos negocios da Asia. Os reis de Sião, de Cambodja, chamaram-nos a seus estados para os defenderem dos subditos revoltados. Foi enviando corpos de tropa para defender dos seus inimigos estes fracos reis, que elles fundaram as colonias que se encontram ainda nas margens do Ganges, na Bengala oriental, e nas ribanceiras do rio de Cambodja.

«Tão admiraveis prosperidades despertaram a inveja das potencias maritimas da Europa. Os hollandezes e os inglezes não tardáram a apoderar-se pouco a pouco da maior parte das cidades portuguezas...»

DURDENT (J. R.).

Beautés de l'Histoire de Portugal. Seconde édition. Paris, 1821.

Beautés de l'Histoire de Portugal, ou abrégé de l'Histoire de ce Pays, depuis l'antiquité jusqu'à nos jours; dans le quel on trouve: La description des mœurs et usages des habitans, leurs découvertes maritimes, leur commerce, leurs guerres, leur heroïsme, et les évenements les plus remarquables que se sont passés dans la Lusitanie à toutes les époques. Ouvrage destiné à l'instruction et à l'amusement de la jeunesse, ornée de six belles gravures, et rédigée par ——. Deuxième édition, revue, corrigée et augmentée du Précis de la révolution de 1820, par A. P. B. Nougent. Paris, 8.º, 436 pag.

As mencionadas seis estampas, representam os seguintes assumptos:

D. João de Castro jura que sua probidade o lançou no extremo da miseria;

O Rei D. Pedro manda prestar honras regias ao corpo de D. Ignez de Castro, a qual tinha fallecido havia sete annos;

Manuel de Sousa de Sepulveda, tendo naufragado na costa de Africa, encontra sua mulher e seus filhos mortos de fome;

Ultimos momentos do celebre Affonso de Albuquerque;

D. João de Castro jura guardar o segredo da conspiração que Almada lhe revelou;

Terremoto de Lisboa.

* *

Este verso de um grande poeta: *Chaque peuple, à son tour, a brillé sur la terre*[1], nunca mais naturalmente se apresenta ao espirito, como quando estudâmos os interessantes *Annaes de Portugal.*

Desde o tempo dos romanos, os habitantes d'esta região foram dignos, debaixo do nome de lusitanos, de occuparem algumas paginas na Historia. É a rasão quem fez dar cabimento n'esta collecção aos acontecimentos que tiveram logar no seu paiz no tempo de Viriato e Annibal, e no tempo de Sertorio.

«Apenas a Peninsula formada pela Hespanha e Portugal saíu, como o resto da Europa, da barbaria, não tardou este ultimo paiz em ter seus soberanos independentes. Então começou a brilhante epocha de sua gloria e suas conquistas nas Indias. Esta epocha encerra o tempo que se passou desde a viagem de Vasco da Gama alem do Cabo da Boa Esperança, até ao momento em que, por causa da imprudente expedição do Rei D. Sebastião, Portugal veiu a ser convertido n'uma provincia da Hespanha. Foi tambem a esta epocha que me appliquei mais particularmente n'esta collecção, consagrada a chamar a attenção dos mancebos para os feitos dignos de serem retidos na memoria.

«Os portuguezes têem no espirito excessiva delicadeza e actividade, para não terem cultivado com bom exito as letras e as artes; mas podemos dizer com rasão que as circumstancias politicas em que se têem encontrado, as guerras longiquas ou no seu proprio territorio, que elles se viram sempre obrigados a sustentar, e, emfim, a falta de animação, obstaram sempre a que elles produzissem um grande numero d'essas obras, que formam n'uma nação uma litteratura propriamente dita, e uma escola de bellas artes. Camões é quasi o unico dos seus poetas que seja conhecido nos paizes estrangeiros, d'aquelles que não têem feito da litteratura um estudo especial. Barros está ataviado com o bello nome de Tito Livio portuguez, mas nem outros historiadores, taes como Faria, o conde da Ericeira, nem o proprio Barros, não têem aquillo que se póde chamar uma reputação europêa.

«Outro tanto se póde dizer das artes. Os bons pintores, taes como Coelho, são em pequeno numero, e confundem-nos mesmo a maior parte das vezes com os da Hespanha, tão pouco apreciados fóra do seu paiz.

«Comtudo, nada d'isto póde ser para os portuguezes motivo para a minima censura. A primeira, a mais poderosa de todas as causas que se oppozeram a que fossem collocados na primeira ordem das nações, é a pequena extensão do seu territorio, e a pequena população. Confinados de algum modo na extremidade da Europa, e quasi que não occupando mais do que uma nesga de terreno n'um paiz tão vasto como as Hespanhas, obrigados incessantemente a ter as armas na mão, e a combaterem, quasi sempre inferiores em numero, não só os mouros, que tinham invadido Hespanha, mas até os proprios hespanhoes, fizeram grandes

---

[1] Voltaire: *Mahomet.*

cousas com fracos meios, no seu proprio territorio. Mais assombrosas as fizeram ainda nas Indias Orientaes, e devemo-nos espantar, não de que sua historia não seja sempre interessante, mas de que ella offereça tantos factos dignos de uma eterna memoria.

DURIO (PIETRO ——).— Canonico Fregiato della medaglia d' oro da S. M. Vittorio Emmanuele. Cavallieri di Santi Maurizio e Lazzaro. Commendatore dell' Ordine Reale e Militare di N. S. J. C.

A S. Maestà Maria Pia di Savoia, Regina di Portugallo. Epigraphe monumentale nel Insigne Santuario di Graglia. Torino, tipografia Scolastica de Sebastiano Franco & Figlio, 1863. In-fol., 2 pag.

Nelle Regali Nozze de gli augusti sposi Luigi I Re di Portogallo e Maria Pia di Savoia. Epigrafi. Torino. Tipi Scolastica di Sebastiano Franco & Figlio, 1862. Folio de 16 pag.

DURO (CESÁREO FERNANDEZ ——).— De la Real academia de la Historia.

E. *La conquista de los Azores en 1583, descrita por el capitan de navio* ——. Madrid, establecimiento tipographico Sucessores de Rivadeneyra, 1886, 8.º gr., 519 pag.

Na qualidade de escriptor hespanhol procura attenuar as barbaridades commetidas por seus compatriotas na tomada dos Açores, e eis porque diz (pag. 92) «que não vale a pena refutar a asserção de que o Rei de Hespanha pediu ao Papa um breve de absolvição por ter mandado matar 2:000 frades, tanto em Portugal, como nos Açores».

É porém possivel que Duro labore em erro. O caracter de Filippe II é bem conhecido.

N'esta obra encontram-se varias poesias compostas por occasião da tomada dos Açores pelos hespanhoes, e uma d'ellas é a seguinte:

Romance

A los veinte y dos de julio,
domingo por la mañana,
á vista de San Miguel,
cerca de Punta Delgada,
doce millas una de otra
se descubren dos armadas
de naves y galeones,
bajeles de muchas almas:
la una del gran Felipe,
otra de la inquieta Francia,
en número desiguales,
pero de igual esperanza:
sesenta son las francesas,
veinte y cinco las de España,
mas el valor de las pocas
despreciava la ventaja.
Del marqués de Santa Cruz
eran estas gobernadas:
las más de Felipe Estrozzi,
grande marechal de Francia.
Los dos generales luego,
como ambiciosos de fama,
puestas en orden sus naves
se presentan en la batalla,
y como diestros corsarios,
con las velas amuradas,
el barlovento y el sol
procuran con grande instancia,
y asi cerca el uno de otro,
que una milla no distaban,
tirandose cañonazos
los dos borloventeavan.

Puesta en su logar la gente,
llenas de tiros las gavias,
tremolavan las banderas,
los gallardetes y flamulas,
mil belicos instrumentos
cerca y legos resonaban,
y en el agua removida
reverberavan las armas.
Así anduvieron tres días
sin trabarse la batalla,
que al tiempo del embestir
de miedo el viento calmaba;
pero llegada la hora
de los hados señalada,
para muchos la postrera,
que no volvieron á Francia,
las armadas enemigas,
de viento y fuerza llevadas,
se embisten con igual ira,
pero no con igual causa,
disparando los cañones,
culebrinas y bombardas
pasamuros y pedreros,
piesas gruesas de campaña.
La gran maquina del cielo,
de arriba desencajada,
parece venir se abajo
y arder toda en pura llama;
mas por entre humo y fuego
las naves y barloadas,
hecho el efecto la pólvora,
vinieron á las espadas,
y allí la furia francesa
y la cólera de España
se concertaron bien pronto
trabandose la batalla.
Cruda, sangrienta, furiosa,
igualmente porfiada,
vieronse golpes estraños,
heridas desaforadas,
cabezas aun boqueando
de los hombros apartadas,
otras hasta el pecho abiertas,
brazos y piernas cortadas,
cuerpos muchos magullados,
otros pasados de lanzas,
otros, quemados de fuego,
otros muertos en el agua.
Y con tempestad furiosa
llueven de las altas gavias
balas, piedras, lanzas, dardos,
armas de peso arrojadas,
ardiente pez y resina,
y bombas alquitranadas,
mil fuegos artificiales
que al mismo mar abrasaban.
La roja sangre caliente
comenzó á teñir el agua.
El marqués de Santa Cruz,
que todo sobre él cargaba,
como capitán prudente,
listo y solicito andaba,
cuando á proa, cuando á popa,
de aquesta y de la otra banda,
con obras y con palabras,
haciendo apretar á muchos
los dientes y las espadas.
A esta hora *San Mateo,*
que era la nao almiranta,
tres gruesas naves francesas
estaban della aferradas,
y con impetu furioso
le daban espesa carga;
pero el buen marqués que a todo
con ojos de Argos miraba,
viendola por todas partes
del enemigo apretada,
despreciando sus contrarios
y la contienda trabada,
haciendo virar las velas,
dando el timon á la banda,
dellos se deshace y vuelve
á socorrer la almiranta,
que como alana entre gozques
rompe por ellos y pasa,
embestiendo á los franceses,
que ya de verlo desmayan.
Mas Don Lope, encarnizado,
del socorro le pesaba,
pues de la honrosa victoria
quisiera solo la fama.
En esto por todas partes
anda igual la batalla
y la mar toda cubierta
de sangre, de gente y de armas.
Era espantoso el estruendo

y el rumor de la batalla;
tanto arnez despedazado
y rota tanta celada;
tanta voz, tantos heridos
que á un mismo tiempo espiraban,
y allí algunos medios vivos
peleaban en el agua.
Mas con gran furia á esta hora,
que ya de cinco pasaban
que se comenzó el combate
y duraba la batalla,
la fortuna de Felipe
atropelló á la de Francia,
que el valeroso marqués,
á fuerza de pura espada,
venció de los enemigos
la almiranta y capitana.
prendiendo á Felippe Estrozzi,
que en viendole rindió el alma,
y al ver los demás franceses
la victoria por España,
de los desmayados brazos
se les cayeron las armas,
y abren paso á los nuestros
por medio de las gargantas.

N'esta mesma obra apparece outro romance sobre o mesmo assumpto, o qual ainda estava inedito, e foi descoberto por D. Juan Perez de Guzman. É do teor seguinte:

Entre las furiosas olas
junto á la punta del agua,
dos famosos generales
se miran con dos armadas.
La una es del Rey Felipe,
poderoso Rey de España,
y la otra de corsarios
de la soberbia de Francia.

El marqués de Santa Cruz,
tan vicioso de honra y fama,
con veinte y cinco navios
se presenta á la batalla.
No teme Felipe Strozzi
del gran español la cara,
porque con sesenta velas
asegura su esperanza.
No les da temor fortuna;
prometense ambos bonanza,
en su poder el francés
y el buen marqués en su causa.
Y como en razon le lleva
el enemigo ventaja,
asegura del peligro
la seguridad del alma.
Ya se refrescan los vientos,
la mar terrible amenaza,
se aparta el bravo francés
á dar fin á la demanda.
Don Lope de Figueroa
sigue la voz esforzada
del general venturoso.
Cierra España! Cierra España!
Ya suena la artilleria,
ya se traban las armadas;
humo espeso cubre el cielo,
sangre roja tiñe el agua,
de las entrañas francesas;
anda sangrienta la espada
de Don Pedro de Toledo,
que es marqués de Villafranca,
de quien felice memoria
de padre y agüelo llama
á buscar trofeos hermosos
en trances por tierra y agua.
Juegan los robustos brazos
del marqués de la Favara,
y el buen Don Pedro de Tassis
que es veedor desta armada;
el de Castro, portugués
animoso se señala,
siguiendo á Don Diego Enriquez,
que al más belicoso iguala.
Don Francisco Bobadilla
adquiere perpetua fama,
y Don Cristobal de Eraso,
gallardo en consejo y armas,
cortan brazos, pasan pechos,

rumpen, parten, despedazan.
Ya se ponen en huida
los franceses, ya desmayan;
rindense los dos navios
capitana y almiranta.
Murió el conde de Vimioso,
á quien le dió justa paga;
feneció Felipe Strozzi
con las últimas palabras:
«Amigos y caballeros,
mal me fué en esta batalla.»

Romance a Neptuno, de Don Alonso Coloma

Ó tu, gran padre del mundo,
que todas las cosas bañas,
donde el sol sus hebras de oro
moja, encubre, alberga y lava!
Cuyas humidas carreras
secretas son y sagradas,
donde las ninfas hermosas
tienen sabrosas moradas,
y á quien los dioses tributo
de conchas marinas pagan,
hermano del Rey supremo,
que tiene el cielo por casa;
á quien en mando y grandeza,
gran padre, no debes nada,
recoge, admite y recibe
esta católica armada,
con que puedes alabarte
tener lo mejor de España,
y del mayor capitán
que pisó la mar salada:
por quien tal vez ya tuviese
tus hondas furiosas bravas
tintas de sangre francesa,
de cuerpos muertos poblada:
y ofrecerte hemos un toro
si lo recoges y guardas,
y jamás en tus honduras
haremos violenta entrada,
ni de tu furia y bravesa
hablaremos en bonanza,
culpando de temerarios
y locos á los que en ti andan.
Mas mira, padre, por ti,
esfuerza bien tus espaldas,
que de la grandesa y peso
del general de esta armada
podrás no menos quejarte,
que la del cielo Atlas.

Relacion del suceso de la isla de San Miguel y rota francesa.—Al ilustrisimo e reverendisimo señor Don Rodrigo de Castro, Arzobispo de Sevilla

Edad dorada y siglo venturoso,
Eterno bien á España el cielo envia,
Lusitania de hoy más tendrá reposo
Viendo opresa la galica osadia.

Que basta ser Felipe victorioso
Para mudar la loca fantasia,
Los secretos y vanos pensamientos
Fundados sobre fragiles cimientos.

El sol cuando naciendo resplandece,
Echando de si rayos rutilantes,
Con su fuerza deshace y enriquece
Las nubes que se oponen de delante.

No menos en opuesto resplandece
Con el resplandor de Austria tan triunfante
La arrogancia francesa y lusitana,
Crisol para apurar la gente hispana.

Qué perfido leon que sigue hircano
Se atreve á levantar el cuello al cielo,
Viendo la no vencida y diestra mano
Que á todos atropella y echa al suelo!

No vale contra el águila el milano,
Cobarde, baladron, de bajo vuelo,
Ni la parlera y muy sagaz picara
Con el halcon ligero se embaraza.

Que fuerza ó que valor hay en mundo,
Que parte tan remota y apartada,
Donde la fama y nombre sin segundo
De Felipe no esté ya divulgada!

Por donde Apolo claro y rubicundo
La luz á los dos polos deseada
En el Indico seno y mar Egeo,
Testigo del naval y gran trofeo.

Y caso ya que por tu mayor daño,
Francés, ver en tal luz jamás quisiste,
Abre los ojos con el desengaño,
Pues las banderas y armas te rendiste.

Muy presto se partió de tu memoria
El bizarro español jamás vencido,
De Carlos la sangrienta y gran victoria,
Y las dos que después han sucedido.

Muy conforme á la muestra es todo el paño
Cuando obra y voluntad del mismo viste,
Pues vienes con el nombre y sombra ajena
Á pagar de tu culpa alguna pena.

Siendo pirata piensas tener gloria,
Ó vencer ayudando al fementido
Traidor, usurpador de ajeno estado,
Bastardo, y como tal ya publicado.

A la Huerta Real la arma natura
Toda, de tal vigor, que al medio-dia
Miré á Apolo en su mayor altura,
Y con tal natural asi seguia.

Si sus hijos tal hacen, se asegura
Ser suyos, y por suyos guarda y cria,
Que el ajeno y bastardo no presuma
Mirar á ajeno con diversa pluma.

Por esta condicion tan excelente
Fué entre todas las aves escojida
Por rey, también por ser la más valiente,
Venciendo y no se hallando vencida.

Entiendame el discreto y el prudente
Y no la vil canalla y abatida,
Y cada cual se mida con su estado,
Y lo tendran por bienaventurado.

Por sucesion legítima ha venido
A Felipe este reino lusitano;
Mas la gente plebeya ha escojido
Por Rey á otro falaz y bien tirano.

Este, del español se halló vencido,
Saliendole su intento frio y vano:
La tierra fué en un punto conquistada,
Pero su condicion nunca mudada.

Cual liebre amedrentada en la carrera,
Huyendo al cazador, no se asegura,
Y parece que vuela de ligera,
Hasta buzcar la matá y espesura,

Va huyendo ya la lusitana fiera,
Dejando el patrio nido y la llanura,
Y para no gastar largas raciones,
Buscó el amparo en tierra de ladrones.

Primero, ha saqueado el gran tesoro;
Del Rey han separado, poderoso,
No guardando ni á su Rey, ni á Dios decoro,
Desenfrenado y falto de reposo.

Con perlas, piedras, con la plata y oro
Quiere mostrarse fuerte y belicoso,
Y con lo que prestó la Inglaterra,
Mueve por mar sangrienta y cruda guerra.

Debajo del amparo de rebeldes,
Deseosos de ver mil novedades,
Y casi todos ellos son infieles,
Sin Dios, y sin obierno desleales.

En una flota junta cien bajeles
Cargados de soldados infernales.
Que cada cual quisiera ser primero
En publicar la secta de Lutero.

Las más veces con animo obstinado,
En las fuerzas ajenas atrevido,
Acomete lo qu el más señalado
No osara en ningún modo ni partido.

No considera ser mudable el hado,
En su intento tan solo embebecido;
Mas al fin se hallará de la jornada,
Con deseos y suerte muy trocada.

Por Dios y por su patria es obligado
Lidiar cualquiera bueno hasta la muerte,
Habiendo su derecho bien mirado,
Si pretende salir con buena suerte.

Mas aquel que se ofusca en el nublado
De la codicia y solo aquesto advierte,
Contra Dios vá y la patria, pues pretende
Dañar á quien jamás daña ni ofende.

Considero á Felipe en mar y tierra
Que teniendo justicia de su parte,
Jamás á los vecinos mueve guerra,
Aunque le favorece el mismo Marte.

Á fuego y sangre es solo el que destierra
Al perfido Lutero y su mal arte;
Por el la ley del Justo es conservada
Y su Iglesia Católica amparada.

Mas el contrario y perfido enemigo,
Que solo al interés está mirando,
No entiende ó considera lo que digo,
Que codicia lo está solicitando.

De su maldad, es claro, y buen testigo
La armada que anduvieron aprestando,
La cual, visto la mar y tiempo cierto,
Desaferró las ancoras del puerto.

Ya desplegan y dan velas al viento,
Cortando con las proas velozmente
De Neptuno el muy ancho y hondo asiento,
No temiendo sus fueros, ni el tridente.

Pero como no aspiran á otro intento,
Sinó á solo robar en el poniente,
Viendo estar la Tercera rebelada,
Allí piensan dar fin á la jornada.

Y esperar pretenden las dos flotas,
La una de las Indias Orientales,
Que por diversos rumbos y derrotas
Se rigen por los dos puntos polares.

La otra, no de tierras tan remotas,
Del Peru y Nueva España Occidentales,
Cargada de oro, de plata y pedreria
La una y otra de la especieria.

Empresa muy altiva y sin concierto
Pretendes alcanzar, mal lusitano,
Conociendo tener en todo el tuerto,
Ciego del interés falso y leviano.

Primero faltará el piloto al puerto,
Y el invierno será vuelto en verano,
El cielo será tierra, el fuego helado,
Que puedas alcanzar lo deseado.

No presumas subir con poco vuelo
Y sin grande valor al alta cumbre,
Que mal puede enseñar la orden del cielo
El que nació privado de la lumbre.

El consuelo se vuelve en desconsuelo,
Cansa el goso y engendra pesadumbre
Al que quiere subir sin fuerza á lo alto,
Pues ha de dar en tierra grande salto.

Notad que nuevo modo y gentil arte,
Y á que punto nos trae su locura,
Querer ejecutar el fiero Marte
Con hacienda, la cual otro procura.

Con este intento sigue nuestra parte,
Esperando alcanzar buena ventura;
Mas Dios, que claramente ve su yerro,
Todo lo volverá en sueño del perro.

Que conociendo el Rey Felipe aquesto,
Y que su mal intento va delante,
Queriendo aquí no echar todo su resto,
Sino lo que conoce ser bastante,

Armó algunos navios muy de presto,
Como el que puede hacerlo en un instante,
Y al invicto Bazan, por mar y tierra,
Nombró por general de aquesta guerra.

Entretanto el rebelde lusitano,
No podiendo llegar á la Tercera,
Pretende en San Miguel probar la mano,
Echando alguna gente en la ribera.

Mas el fuerte Noguera y Sevillano
Procura destorvar esta carrera,
Y de los de la sierra no seguro,
Se piensa retirar al fuerte muro.

De la mar y de la tierra dando salto,
Un escuadron formaron prontamente;
Enarbolan banderas por el alto
Con impetu furioso y diligente.

Los nuestros se defienden del asalto,
Y cada cual se opone al más valiente,
Que el brazo castellano no desmaya,
Y su valor bien muestra la Vizcaya.

Andaba tan dudosa la pelea,
Que si durara más fuera dudoso
Cual fuera el vencedor, por que se emplea
Cada cual en mostrarse belicoso.

Y aunque el francés gallardo se menea,
El valiente español no es perezoso,
Que á do llega la espada castellana,
Corta, cercena, desbarata, allana.

La gente de la tierra se reparte,
Y huyendo presurosa á la alta sierra
Con el temor del sanguino por Marte,
Puesto que siempre gritan: Cierra! Cierra!

Así que el buen Noguera, en esta parte
No se asegura bien de los de tierra,
Y al retirarse quiere de su diestra
Á los franceses dar muy clara muestra.

Heridas cinco ó seis tiene de muerte,
Como el que caramente se vendia;
Y temiendo traicion, se sube al fuerte,
Que pelear, herido, no podia.

Y con esta tan triste y mala suerte,
La tierra al enemigo se vendia;
Mas el buen capitán, con poca gente,
Se defiende y resiste muy valiente.

El francés, aunque herido y maltratado,
Y muertos muchos suyos, con denuedo
Entra por la ciudad muy desmandado,
Saqueando con rostro alegre y ledo.

Mas el bravo español, que está cercado
Tiene de los de fuera poco miedo,
Y se guarda tan bien y se retira,
Que causa gran temor á quien le mira.

No menos que leones vigorosos
Ó toros de Jarama acorralados,
Alzando la cerviz y ojos rabiosos,
Tienen á los de fuera amedrentados.

Están los españoles belicosos,
Y en verles los franceses, espantados,
Viendo tan poca gente y valor tanto,
Lo cual basta á causarles grande espanto.

Con esto, y con jugar la artilleria,
Defienden el pequeño y flaco asiento,
Haciendo centinelas noche y día,
Sin poder descansar solo un momento.

En lo cual bien se vé su bizarria,
Que para uno de dentro hay fuera ciento,
Y en defenderse está puesta la gloria,
Que se puede llamar casi victoria.

Guardate Don Antonio, que rompiendo
El espumoso mar, Bazan se acerca
Amenazando á muerte, y tal entiendo
Que no te has valer de foso ó cerca.

Procura estar alerta y no dormiendo,
Porque tu perdicion está tan cerca,
Que si no te socorres de la huida,
Se acaba tu locura con la vida.

Quien te movió extraño desde Francia
Á perseguir por mar la gente hispana!
La gloria del vencer ó la ganancia,
La cual te hiciera falta en la Toscana.

Allí pagaron bien de su arrogancia
Tus abuelos y padres con lanza,
Y quieres recobrar lo que han perdido
Con el brazo español, jamás vencido!

Y tu, conde traidor de Vimioso,
Que pretendes hacer en tal jornada,
Pudiendo en Portugal ser poderoso,
Sin defender demanda tan pesada?

Aparejate bien, que el riguroso
Trance de menear la fuerte espada
Está tan cerca ya, que la bandera
Seguir del gran Felipe, mejor fuera.

Cuando aquel casto Alfonso destruia
En España al indomito pagano,
Sus banderas, y su real seguia
Del francés el primado toledano.

Al revés se conoce en este día,
Pues se va contra su Rey el lusitano
Prelado, no en las obras del aguarda,
Al qual no sé que fin ni suerte aguarda.

En que me estoy ahora deteniendo,
Que las francesas naves adversarias
Están casi á cañon reconociendo
Los estandartes y águilas contrarias!

La calma los estaba entreteniendo,
Prometiendo á los dos, dos suertes varias,
Pues ha de huir al cabo la francesa,
Haciendo la española grande presa.

Dos vueltas el dorado Apolo ha dado
Á la gran madre y á la mar salada,
Y Eolo en un sueño reposado
Detiene en calma la una y otra armada.

Mas al tercero día ha despertado
Para mirar el fin de esta jornada
Soltando de su cueva en un momento
Su fuerza y refrescando el ancho asiento.

Comienzase en un punto tal estruendo
De cañones y gruesa artilleria,
Un rumor belicoso tan horrendo,
Peor que la vulcanica herreria.

El humo por el aire discurriendo
Ofusca el resplendor del claro día;
No hay truenos ni relampagos del cielo,
Ni rayos tan terribles para el suelo.

El fuerte son y estrepito violento
Fué tanto y tan furioso, que ha subido
Hasta el primero y claro movimiento
Y ha bajado hasta el reino del olvido.

El destrozo cruel y rompimiento,
El fuego en los bajeles escondido,
Hacen que Glauco y Cuetriton, de lejos
Atonitos los miren y perplejos.

Aquí cae la popa arrebatada,
Allí el bauprés colgado va arrastrando,
La jarcia casi toda cercenada,
Al arbol y las velas van volando.

No hay gumena ni triza ya ordenada,
Ni gavia con bandera tremolando,
Que no sienta y reciba parte alguna
De la terrible y belica fortuna.

En mil piezas la nave se reparte,
Y hace por diversas partes agua;
Que la bala la pasa parte á parte
Y el marinero allí no la desagua.

Incierto se demuestra el crudo Marte
Mientras que suena y arde aquesta fragua,
Hasta que vienen prestos á las manos
Españoles, franceses y lusitanos.

Una carga tras otra se dan luego;
Ya se juntan las naves aferradas;
Vuelan mil artificios de fuego
Y máquinas de pez alquitranadas;

Repartese el dudoso y fiero fuego
De modo que se rajan las celadas,
No resisten, de prueba los arnezes,
A los hispanos tajos y reveses.

Don Antonio, que vé su triste suerte,
Recelando de ser muerto ó vencido,
Procura de escaparse de la muerte
Escogiendo la huida por partido.

En la Tercera piensa hacerse fuerte,
Y allí se estar secreto y escondido,
No mirando que el Rey solo procura
Quitar á la Tercera su locura.

Dejémosle ir huyendo, que en alcance
Se va la vizcaina y brava gente,
Y volvamos al riguroso trance
Donde se vé en aprieto el más valiente.

No ha ninguno tan fuerte á quien no alcance,
Ó golpe cierto, ó bala de repente,
Y á veces, sin saber quien le hace el daño,
En todos puede ver su desengaño.

No fué tan señalada la victoria
Naval de Augusto Cesar valeroso,
Ni otras que la verdadera historia
Nos cuenta del de Persia belicoso.

En este se renueva la memoria
De la batalla donde victorioso,
Salió el sarmiento hijo de Carlos Quinto,
Y el turco destrozado y casi extincto.

No tan ligera vuela la cometa
Por la region del aire claro y puro,
Ni sale tan en breve la saeta
Del encorvado arco contra el muro,

Cual la bala que está casi secreta
Y hiere prestamente al más seguro,
Y al más valiente deja boqueando,
Con ansias de la muerte lidiando.

Después que las armadas abordaron
Y las dos capitanas se embestieron,
Los españoles fuertes comenzaron
A pelear, y otra carga dieron.

Como leones bravos aferraron,
Y con tanto valor acometieron,
Que si á la francesa no le dieran
Socorro, en el momento la rindieran.

En esto cinco naves al instante
Cercan la capitana española,
Y el francés se demuestra ir adelante
Por haberla cojido en medio sola.

Al mismo tiempo no se halló distante
Tal socorro, que en breve se enarbola
En la francesa nave el estandarte
De Felipe, por fuerza y hondo Marte.

Los franceses del todo ya rompidos,
Cantando la victoria el castellano,
Todos desbaratados y afligidos
Y maniatado el triste lusitano,

A huir son de presto compelidos
Por aquel espacioso y largo llano,
Y los nuestros, cojiendo los despojos,
Los siguen desde luego con los ojos.

En tal modo la casa les van dando,
Que la nave que fuere más ligera
Las entenas asalta, gavia alzando;
Será buena si llega á la Tercera,

Si primero no pasa, reparando
Los golpes de fortuna en la carrera,
Pagando ya las penas tan debidas,
Rindiendo las banderas con las vidas.

Vive, Felipe, prospero y contento,
Pues la victoria tienes en la mano;
Que el francés dejará su loco intento
Y pondrá el portugués el paso llano.

Pues en tan señalado vencimiento,
El turco belicoso, y el pagano
Moro no osará moverse viendo
Ir los franceses pérfidos, huyendo.

Y tu, Castro, que hiciste que mi pluma
Se atreviese á escribir y volar tanto,
Recibe aquesta inculta y breve suma,
Mientras que me aparejo á largo canto.

Y esto será bastante á que presuma,
Cubierto con la sombra de tu manto,
Volver á ver las musas del Parnaso
Y beber de la fuente de Pegaso.

A pag. 123 começa uma rarissima poesia de Pablo Gumiel, composta por occasião da conquista da ilha de S. Miguel, pelo marquez de Santa Cruz, em tempo de Filippe II.

Resuene por las Españas
mi verso, aunque mal limado,
suene la voz de mi canto
por todo el orbe criado.

Sepase aqueste gran hecho
tan heroyco y sublimado:
señores, tened atencion
de caso tan señalado.

Oyga cada cual attento
si quiere ser informado
de las admirables cosas
que en nuestra España han pasado.

Justo es que sepan todos
un caso tan memorado
sobredicho en nuestros tiempos,
digno de ser recontado;
paso en el año presente
el qual con bien sea llegado
de quinientos sobre mil
si dello no estó olvidado,
juntamente con ochenta
por clara cuenta sumado.
Todo el caso como ha sido
no puede ser numerado,
ni contado por extenso
de la suerte que ha pasado,
que seria no acabar
y entender en lo escusado;
pero diré algunas cosas
en este breve tratado
de aquello que á mi noticia
por nueva cierta ha llegado.
Pasó de aquesta manera
según he sido informado:
nuestro invictissimo Rey,
de gracia y ciencia dotado,
clarífico Don Felipe,
poderozo y esforzado,
temido por mar y tierra,
muy servido y venerado
en aqueste año dichoso
que arriba está declarado,
juntó la maior armada
que jamás Rey ha juntado;
no le iguala Cipion,
ni Anibal no le ha igualado,
ni el fuerte Principe Xerxes,
ni Alexandro señalado,
ni el Rey Menelao de Grecia,
que jamás será olvidado,
ni el Rey Priamo de Troya
con Hector su hijo amado,
ni el valoroso Pompeyo
con el romano senado,
ni el gran capitán Achilles
con Ulises su aliado,
ni el fuerte Principe Antheo
con Hercules afamado,
ni el Rey Lanmedón de Troya,
Rey de Reyes laureado,
ni los fuertes Reyes godos
que en España han gobernado,
ni otros mil cuentos de Reyes
que en este siglo han pasado,
Principes e Emperadores,
señores de gran estado,
ninguno le iguala al nuestro
Felipe calificado,
hijo del gran Carlos Quinto
que en el mundo ha resonado,
de quien tembló Soliman
y los turcos han temblado,
y de quien tembló Selin,
Bayaceto intitulado,
también tembló Barbarroxa,
el maldito renegado,
quando huyendo de Tunez
se salió mal de su grado
porque no le osó esperar
con su campo reformado,
y tembló Martin Lutero,
maldito y descomulgado;
tembló el duque de Sajonia
con Lansgrave su aliado,
y tembló toda Alemania

y Francia, y todo su estado,
y las provincias de Italia
que obedecen su mandado,
y el resto del universo
de todo el mundo formado;
todo temblava de Carlos,
que en buen punto fué engendrado
para bien del cristianismo
y de su pompa y estado.
Pues volviendo á la materia
que hemos arriba apuntado,
el sublime Don Felipe,
nuestro Rey caro y amado,
para el hecho de la guerra
con gran prudencia ha ordenado
que se hajan quatro campos,
por orden muy concertado.
Y el gran duque de Medina,
que es señor de gran ditado,
por general del un campo
fué escogido y señalado,
y al marqués de Santa Cruz,
fué el otro campo entregado,
y al famoso duque de Alba
el otro campo fué dado,
y otro lleva el alto Rey
muy lucido y reformado:
de muchas cosas que llevan
diré algo en mi tratado:
de gentes por mar y tierra
mil naciones se han juntado,
catalanes, vizcaínos
y alemanes no han faltado,
gallegos, italianos
que su parte han ayudado,
y tudescos y flamencos
que por el mar han pasado,
gasiones y venecianos,
según he sido informado,
y gente de las Asturias
y de su gran Principado,
de Castilla y de Leon,
de Navarra y su reinado,
y Aragon y Zaragoza
y Valencia no ha faltado,
y toda el Andalucia
salió con mucho cuidado
con sus fuertes capitanes
cada cual muy bien armado.
y otras mil suertes de gentes
de que yo no estoy acordado;
de Napoles las galeras
por el mar se han abaxado,
y al puerto Santa Maria
todas juntas han llegado,
y con las nuestras de España
todas juntas se han juntado.
Y en San Lucar y en el puerto
mucha gente han alojado,
y en el noble Gibraltar,
que es del mar acompañado,
de los comarcanos pueblos
que cerca del se han hallado,
y pasando el ancho rio
hasta Sevilla han llegado;
de todos los bastimentos
con gran priesa han embarcado.
El número de galeras
por clara cuenta sumado,
yo no lo sabré decir
porque no me fué contado;
pero, poco más ó menos,
según tengo imaginado,
serán doscientas por todas
y aunque de arriba han pasado,
y navios de alto borde
que por el Rey se han tomado,
serán más de quatrocientos,
y aun poco es lo que he hablado,
y de los grandes pertrechos
que con priesa han embarcado,
para el hecho de la guerra
como arriba es declarado,
algunos quiero decir
aunque estoy mal acordado:
de las cosas de comer
todo va bien abastado:
bizcocho, trigo y cevada
y harina no han faltado,
aceite, vinagre, miel,
mucho tocino salado,
mucha carne, y mucho queso,
mucho atun enbarrilado,
muchos bueyes en cecina,
muchas vacas que han matado,
y de vino muchas pipas

que en Caçalla se han comprado.
Mucho del garbanzo y hava,
mucho de todo pescado,
mucho de la fruta seca
y de todo buen recado,
muchas cosas de conservas,
mucho escabeche aliñado
y mucha cebolla y ajo
para el que no es regalado,
mucha de la especia fina
para cualquiera guisado.
Muchas pipas de agua dulce
llevan con mucho cuydado,
y más de treinta mil botas
para llevar han juntado,
y mucho carbon y leña,
porque esté todo sobrado:
de las cosas de comer
basta lo que hemos contado;
de los pertrechos de guerra
muy grandes que han juntado
decir quiero algunos de ellos
que á mi noticia han llegado:
llevan trescientos barcos
que en Sevilla se han labrado,
con trescientos carretones
cada cual bien reforzado
para que lleven los barcos
donde les fuere mandado
para atravesar los rios
donde no se hallare vado,
y hacer con ellos puente
do fuere determinado,
para que pase el gran campo
bien ligero y descansado.
Llevan treinta mil açadas,
y açadores no han faltado,
llevan hachas y hocinos
cada cual bien amolado.
Mucha de la pica y lanza,
mucho puñal y terciado,
mucha de la espada y daga
con rico puño dorado.
Mucho morrion de acero
y coselete doblado,
Mucha de la fina malla,
mucho del pelo cerrado.
Llevarán cien mil quintales
de pólvora, y bien recaudo,
con muchas balas de plomo
y otras de hierro colado,
y otras de balas con cadenas
de acero y hierro templado,
mucha de la cuerda y mecha
darán á culquier soldado.
Mucha de la pez y brea
y alquitran, que no ha faltado;
llevarán sacas de lana
que más de mil han pasado.
Llevan espuertas de esparto
que treinta mil se han contado
para esportear la tierra
donde les fuere mandado.
Llevan cañamo hilado,
llevan mucha de la estopa,
que así fué determinado
para adobar el navio
que estuviere aportillado;
llevan tenazes y clavos
y martillos no han faltado,
y piezas de artilleria
son tantas las que han llevado,
que yo no sabré decir
el número señalado.
Son tantas que no hay quien pueda
dallo por cuenta sumado;
llevan muchos arcabuzes
que en Vizcaya se han forjado,
y escopetas de Turquia
que á los turcos han tomado;
llevan versos y mosquetes
que suelen tirar doblado.
Llevan muchas culebrinas
de largo desconpasado
llevan tyros de batir,
y otros tyros han llevado
que llaman tyros de campo,
tyros de campo formado,
y muchos tyros pedreros
que se embarquen han mandado,
con más de seis mil tapiales
que también se han embarcado,
y llevan bombas de fuego
que es ingenio delicado,
y llevan tantas banderas
que el mundo queda espantado:

llevan muchisimo lienço,
uno basto, otro delgado,
para poder bien curar
al que estuviere llagado,
llevan agujas y hilo,
y navajas no han faltado,
y las cosas de botica
por orden muy concertado,
y medicos y barberos
tambien muchos han llevado,
llevan clerigos y frayles
gentes del sagrado estado
para confesar las gentes
con devocion y cuidado
y predicar la doctrina
del evangelio sagrado
y para que digan misa
do fuere el campo sitiado.
Llevan abrojos y arados
y coyundas no han faltado,
llevan rejas y teleras
y hozes que se han comprado.
Llevan veinte mil carretas
por ir á mejor recado,
cada cual con cuatro bueyes,
todo escogido ganado,
y más de diez mil vagajes
que en mil partes han tornado,
y de mulas y caballos
no hay cuenta los que han llevado
y aun no es nada lo que he dicho
para lo que se ha juntado.
Dicen que en Yelves está
nuestro Rey caro y amado,
y antes de muchos días
se sabrá el fin deseado;
do hace el Rey su jornada
aun no está bien declarado,
porque en su profundo pecho
tiene el secreto guardado
para el servicio de Dios
sea el hecho comenzado
y con salud y victoria
del nuestro Rey venerado
y de todo el cristianismo
en santa iglesia ayuntado
digamos todos amén.
Jesu Cristo sea loado
y su madre santa y pura
concebida sin pecado.

Don Felipe, gran monarca
de nuestro cristiano bando,
tanto vuestro ser abarca,
que el gran turco está temblando
en su lexana comarca.
Tiembla el turco, mala res,
porque ya sabe quien es
la vuestra real persona
donde vos teneys los piés.
Tiemblan los reynos de Arabia,
la Persia y Esclavonia,
y Trasilvania y Turquia,
de vuestra persona sabia
do no cupo cobardia.
Señor, esgrimi una vez
con vuestra espada y pavez,
que aquesos reynos perdidos
todos los porneys rendidos
donde vos teneys los piés.

Romance do succeso da armada que foi ás ilhas Terceiras no anno de 1591, por André Falcão de Rezende

Ya la clarisima estrella
que causa la noche y dia
cursando sus doces casas
en la sextra entrar queria.

Un dia antes del grande
que! oh siempre Virgen Maria!
tu divinal cuerpo y alma
nel cielo se recibia,

Y de tu virginal parto
de nuestra salud nascia,
año sobre tres quinientos
noventa y uno corria,

Cuando la española armada
que el Rey católico envia
del buen puerto de Ferrol
con su general partia.

Don Alonso de Bazan,
que el cargo, el ser y valia
del marqués de Santa Cruz,
su hermano, bien seguia.

Naves siete veces siete,
en aquesta armada iban,
y algunas más carabellas
que de servicio venian.

Ya todas con Almiranta
y ciertas capitanias
el capitán general
en siete escuadras partia,

Orden á cada cual dando
y instruccion justa y guia,
la capitana real,
que *San Pablo* se decia.

Llena va de municiones
y horrisona artilleria,
con trescientos mosqueteros
y noble caballeria,

Y veteranos soldados
de experiencia y gallardia,
á que Don Pedro Bazan,
hijo del marqués, tenia,

Y Don Juan de Maldonado
con general veedoria,
y también los capitanes
Varela y Miguel Garcia.

Y Don Diego de Paresa,
que á Don Lope obedecia,
al *San Pablo, San Felipe,*
y *San Martin* le seguia.

Fortisimos galeones
que en mar torres parecian,
aqueste Gaspar de Sosa
. . . . . .

Con el cual de Don Francisco
de Toledo, el tercio iba,
con su alferez Luiz Velasco
y escogida infanteria.

Y algunos entretenidos
que de Lisboa partian,
cuales Don Jorge Trojano
y Don Francisco Mexia.

Y Don Diego de Leiva,
Morillon también venia,
con otros nobles soldados,
cuantos nombrar no podria.

El galeon *San Martin,*
que ser general solia,
con el tercio lusitano
que en Lisboa se hacia.

A su maestro de campo
Gaspar de Sosa traía,
de valor y buen consejo,
de animo y de valia,

Tal, que esfuerzo y experiencia
á la su edad precedia
de Don Cristobal de Sosa,
cual sobrino ser decia.

Lleva valerosa gente
y muy noble compañia:
Antonio Leite, alto en cuerpo
y alto en caballeria,

Que á su africano abuelo
en nombre y ser parecia;
lleva á Don Diego de Sosa
y á Luiz Alves de Atouguia;

A Juan Roiz Pereira
y á dos hermanos Farias,
Vasco de Carvalho Sosa,
Simon de Araujo, y aun iban

Otros, que el maestro de campo
les da mesa cada día,
con su antiguo alférez Sanchez,
que va con su compañia,

Y á Jeronymo Soarez,
capitán de infanteria,
y al capitán Luiz Herrera,
Valdevez, que en gallardia,
en honra, esfuerzo, primor,
entre mil resplandecia,
Herrera, y dos más tenia
y tales hermanos cuatro
... se hallaria.

Viene el sargento mayor
Garcés, de antigua valia,
con más otros oficiales
que con este terço envia.

Otras catorce banderas
por la flota repartia
nel galeon *San Cristobal*
que el *Portugués* se decia.

Viene Francisco Pereira
con su buena infanteria
y amigos aventureros
que á ventaja se tenian.

El Cristobal de Tojal,
de honra y de experiencia antigua,
y Pedro Alvarez Vieira,
que en esto á nadie cedia.

Texera, experimentado
quel Escoto se decia,
y del tercio lusitano
el auditor también iba.

Que en tan honrosa jornada
Su vejez no le impedia.
y su hijo Luis Falcon,
que es de aquesta compañia.

Alférez, que otras jornadas
ya muy bien servido habia,
el Giraldo, capitán,
en *Santo Tomás* traia

Sus escogidos soldados
que en Lisboa hecho habia:
del capitán Valadares
la gente aqui también iba.

En otra nao Juan Travazos
va con su infanteria,
y en otras van Juan Francisco,
Juan Roiz de Faria,

Villalobos y el Caldera
y el Peralta, aqui venian,
y viene de la Olivera,
del Puerto, la compañia.

Con su alférez, y el de Arcan
la suya también traia,
y el Lobo, y Marcos Hernandez
con dignas capitanias.

Delante la Generala;
la segunda escuadra guia
el claro Don Luis Coutinho
que de Lisboa partia.

En diez navios ligeros
con gente diestra, escogida,
castellana y portuguesa
cual España bien la cria.

Aqui Don Fernando de Agreda
y Don Arias de la Silva
y Pedro Avalos de Ayala
con silla real venian,

Don Francisco Carvajal,
cada cual de infanteria;
el capitán D. Gabriel
que en Lisbca presidia,

Y el portugués Gaspar Limpo,
y el Tavora de Anciania,
animoso capitán
que en la mar envejecia,

Y Manuel Paez, con otros
que en Felipotes traía,
iba Ochiola en la tercera
escuadra, que es vizcaína;

En la cuarta, Sancho Pardo,
y es el que la quinta guia
el valiente Bretendona,
vizcaíno de valia.

Don Bertholomé en la sexta,
y en Santo Tomás venia,
Marcos de Azambucha trae
la setima de Sevilla.

Y el Garibá con patajes
por la flota discurria.
Al postrer día de agosto
el sol ya llegado habia.

Cuando la isla Tercera
al armada aparecia,
claman todos: tierra! tierra!
con aplauso y alegria.

DUROZIEZ.

E. *Réclamations et réponse. Question de priorité soulevée par mr. ——, relativement à la découverte du double souffle crural dans l'insuffisance aortique, par ——.*

Contém os artigos publicados na *Union médicale*, e relativos á questão travada entre um medico de Paris, o dr. Duroziez, especialista distincto das doenças do coração, e o dr. Alvarenga.

«Deu origem a esta questão, o terem os bibliographos da altura da obra do dr. Alvarenga, sobre doenças do coração, indicado entre as descobertas e novos factos, referidos n'esta obra, o duplo sopro que se observa nas arterias cruraes.

«O dr. Duroziez, não se oppondo aos louvores dirigidos ao seu collega, saiu a campo reclamando a descoberta do duplo sopro crural. O distincto professor da escola de medicina de Lisboa redarguiu de prompto, e depois de refutar allegações do adversario, provou peremptoriamente, com trechos de suas obras anteriores, que seis annos antes do dr. Duroziez apontar o phenomeno em questão, já o havia descripto segundo a sua observação, e indicado o verdadeiro valor para o conhecimento e prognostico das doenças do coração.

«Foi mais um triumpho para o illustre especialista, cujo merito e saber têem sido devidamente apreciados, ainda dos estrangeiros, que o conhecem como um grande trabalhador, que mais tem contribuido para o adiantamento da sciencia no tratamento das doenças do coração, com as suas acuradas observações e fino criterio[1]».

DUTARI (GIROLAMO ——).—Jesuita, italiano.

E. *La giornata cristiana e santa proposta al suoi penitenti dall' Apostolo delle Indie S. Francesco Saverio colla breve notizia della novena che si fa ad onore del medesimo Santo nel Mese di Marzo. Si aggiunge la vita cristiana, e modo d' intraprendersela. Opera del Padre ——.* Forli, presso Luigi Bordandini, 1836, in-16, 190 pag.

DUVAL (LE SIEUR ——).

La description et l'alphabet d'Espagne et de Portugal, avec quelques voyages dans le même pays. Paris, chez Charles de Sercy, 1660.

---

[1] *Diario de noticias* do dia 4 de maio de 1880.

E

«Ce royaume a cela de remarquable sur tous ceux de l'Europe, qu'il fut grand dans un âge où tous les autres étaient petits. C'est dans la lie et la corruption de nos temps modernes, qu'il acquit des vertus, qui lui valurent l'empire des trois plus grandes parties du monde. C'est un trait de ses annales dont les historiens ne nous disent qu'aucune autre nation puisse se vanter.»

(Prospectus pour placer à la tête de l'ouvrage intitulé: *Administration du marquis de Pombal.* Amsterdam, 1786.)

E. A. G.

E. *Notes on Portugal by* ——. Philadelphia, 1876, 8.º grande de 152 pag. Trata da historia, litteratura, leis, etc., de Portugal.

EARL OF MUNSTER.

History of the Campaign 1809, in Portugal, by ——.

EBELING (C. D. ——).

E. *Vermichte Auffätze in französischer prose hauptsächlic zum Besten derer welche diese Sprache in Rücksicht in auf bürgerliche Geschäfte lernen wollen gesammlet von* ——. *Aufsehern der Handlungsakademie in Hamburg.* Hamburg, verlegt von C. Herolds Wittwe. 1778, in-8.º

De pag. 340 a 344 traz o seguinte artigo:

«Sabemos que a direcção do iman para o norte, por tanto tempo desconhecida dos povos os mais sabios, foi descoberta n'uma epocha de ignorancia, pelos fins do seculo XIII. Flavio Goia, cidadão de Amalfi, no reino de Napoles, inventou pouco depois a bussola. Mas esta invenção conservou-se por muito tempo sem d'ella fazerem uso.

«Tinham já encontrado as ilhas Canarias sem o soccorro da bussola, ahi pelo começo do seculo XIV. Essas ilhas, que no tempo de Ptolomeu e de Plinio eram chamadas as Afortunadas, foram frequentadas dos romanos, senhores da Africa

Tingitana, da qual não estão muito afastadas. Porém, tendo a decadencia do imperio romano cortado todas as communições entre as nações do Occidente, que todas se tornaram estranhas umas ás outras, estas ilhas foram perdidas para nós. Pelos annos de 1300 os biscainhos as acharam. O principe de Hespanha, Luiz de la Cerda, filho d'aquelle que perdeu o throno, não podendo tornar-se rei de Hespanha, pediu no anno de 1306 ao Papa Clemente V, o titulo de rei das ilhas afortunadas; e como os Papas queriam então dar os reinos reaes e imaginarios, Clemente VI o corôou rei de taes ilhas em Avinhão.

«O primeiro uso bem verificado da bussola, foi feito por alguns inglezes no reinado de Eduardo III. Essa pouca sciencia que se tinha conservado entre os homens, estava encerrada nos claustros. Um frade de Oxford, por nome Linna, habil astronomo para o seu tempo, penetrou até á Islandia e traçou algumas cartas dos mares septentrionaes, das quaes depois se serviram no reinado de Henrique VI.

«Porém foi sómente no começo do seculo XVI que se fizeram as grandes e uteis descobertas. O principe Henrique, de Portugal, filho de D. João I, que as começou, tornou seu nome mais glorioso que o de todos os seus contemporaneos. Era philosopho, e empregou sua philosophia em fazer bem ao mundo. *Talent de bien faire* — era a sua divisa.

«A cinco graus áquem do nosso tropico está um promontorio, que avança para o mar Atlantico, e que tinha sido até então o termo das navegações conhecidas. Davam-lhe o nome de Cabo Não. Este monosyllabo demonstrava que não se podia passar mais alem.

«O Infante D. Henrique encontrou alguns pilotos bastante arrojados para dobrarem o Cabo, e para irem até ao Bojador, que apenas está a dois graus do tropico. Mas este novo promontorio, avançando pelo espaço de vinte e seis milhas no Oceano, bordado de rochas por todos os lados, de bancos de areia e com um mar tempestuoso, os pilotos perderam o animo.

.....

E... CH.

E. *Vie de Sainte Elisabeth d'Aragon, Reine de Portugal. 1271–1336.* Avignon, 1357. 216 pag.

ECHAVARRI (BERNARDO IBANNES DE ——).

Histoire du Paraguay sous les jésuites, et la royauté qu'ils ont exercée pendant un siècle et demi, ouvrage qui renferme des détails très intéressants, et qui peut servir de suite à l'Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes, orné d'une carte du Paraguay, du Chili, etc. Par ——.

ECKERSBERG (J. F. —— OF NORWAY).

Eleven large views of the Island of Madeira. London.

As vistas são as seguintes: Funchal, S. Jorge, S. Vicente, Cabo Girão, Barranco de S. Vicente, Funchal (visto do occidente), Rabaçal, Curral, Penha de Aguia, Barranco de Boa Ventura e a vegetação da Madeira.

Ansichten von d. Insel Madeira, Chromataf m. deuts; engl. Text. gr. gu-fol. Düsseldorf, 1840.

ÉCLAIRCISSEMENT *au sujet des dépêches du Prince Regent de Portugal sur les jésuites.* Paris, 1816.

ECLUSE. V. CLUSIUS.

E. DE MONGLAVE.

Correspondance de Don Pedro I, empereur constitutional du Brésil, avec le feu roi Don Jean VI, son père. Traduite sur les lettres originales; précédée de la vie de cet empereur et suivies de pièces justificatives, par ——. Paris, 1827.

EDER (JOSEPH ——).—Jesuita, allemão.

E. *Novissimus Paedagogus, domesticus ad usum scholarum Societatis Jesu, complectens exempla in omnes regulas Emmanuelis Alvari, in gratiam studiosae Juventutis a P. Josepho Eder, S. J. editus. Editio tertia. Cum speciali Privilegio Soc. Caes. Maj. ac. Facultate Superiorum Ingolstadii, sumptibus Viduae Joannis Andreae de la Haye, anno 1737.* In-8.º, 778 pag.

EDGAR QUINET.

Alguma cousa disse relativamente ás descobertas de Christovão Colombo em o novo mundo.

«Tendes, por acaso, visto um mar tomar terra, depois dos trabalhos de uma grande travessia?

«Á desordem produzida pelas tempestades, succede um repouso solemne. Cada um se conserva immobil, mergulhado no silencio. Nada mais se ouve do que o som brando, curto e regular da sonda, lançada em intervallos iguaes á prôa do navio.

«Depois a ancora precipita-se, toma tranquillamente posse do abysmo, e das ondas encadeadas nas suas encostas.

«Alguma cousa similhante se passa no espirito de Christovão Colombo, no momento de abordar ao mundo novo. A fermentação mystica dá ensejo a uma calmaria sublime: o chaos converte-se em ordem. Na vespera de um grande acontecimento tudo se cala; Deus approxima-se; o homem apazigua-se. O diario de bordo de Christovão Colombo apresenta cada tarde o evidente testemunho d'esta revolução interior.

«Quereis medir o que separa o espirito scientifico e o espirito revelador? Vêde como differem o methodo dos portuguezes para descobrirem a passagem do Cabo da Boa Esperança, e o das jornadas de Christovão Colombo á procura da America. Os portuguezes avançam, e recuam por onde já tinham avançado, recomeçam seu ensaio, apalpam durante cincoenta annos as costas desconhecidas da Africa; é o methodo prudente da experiencia. Costeiam ao longo das margens, procuram, informam-se, esperam; e depois retiram-se de novo com precipitação; duvidam, porém marcham duvidando.

«Olhae, pelo contrario, para a embarcação de Colombo: marcha em linha recta sem desviar, como se visse seu fim com os olhos da alma.

«Segui no mappa os traços de sua primeira viagem; a sublimidade—não ha um momento para hesitação. Uma linha traçada com esquadria ou uma flecha disparada, não seguiria uma direcção mais inflexivel que a esteira do seu navio: o piloto avista o proprio Deus assentado na outra margem, ao cabo do horisonte.

«Escreveu na serie algumas paginas de uma potente emoção. Nada iguala o effeito d'estas palavras escriptas cada tarde no seu diario de bordo.

«Navegou para oeste, que era o seu caminho. O mar calmo e bom como na ribeira de Sevilha; o ar da manhã delicioso. Apenas faltavam os rouxinoes.

«Chega um momento em que as nuvens se tomam pela terra: as esperanças despertam e definham, as duvidas, os terrores dos pilotos, as variações até então desconhecidas da bussola, que parece por si mesma desconcertar-se e perder seu caminho, nem sequer nada toca de leve a alma de Christovão Colombo. E sempre a mesma palavra — navegou para oeste, que era o seu caminho, que era a sua estrada.

«Nenhum espectaculo na historia dos homens tão grande como este soberano repouso na espera certa de um mundo que vae surgir.»

Assim falla Edgard Quinet na obra: *Les révolutions d'Italie.* No entanto, quer-me parecer que em scenas taes os hespanhoes ficam muito alem dos portuguezes. Um Affonso de Albuquerque exclamando: «Mal com os homens por causa do Rei, e mal com o Rei por causa dos homens», são expressões de uma verdadeira sublimidade. Quão eloquentes as palavras de um D. João de Castro exclamando na sua ultima doença: «Não tenho pejo, senhores, de vos declarar, que n'esta casa não houve dinheiro com que comprasse uma gallinha!

EGLAUER (ANTONIO ——).—Jesuita, natural de Lintz, fallecido em Vienna no anno de 1790.

E. *Alle Brief des heil. Franz Xavier, des Indianer Apostel aus dem lateinischen in's deutsche übersetzt.* Wien, Nice. Doll. 1794, in-8.º, 3 vol.

Historia Missionum recentiorum temporum seu Epistolae Missionariorum S. J. ex omnibus orbis partibus. Ex India Orientali. Partes III. Aug. Windelicorum. Nic. Doll. 1794.

Ex Japone. Partes III. Ibid., 1798, in-8.º

EIMERICH.—Jesuita, allemão.

E. *Franciscus Xaverius: tempora studiorum Parisiis Sanctiori Vitae ab Ignatio in itinere pristinae sanitati a Deipara redditus. Ex Horatio Tursellino S. J. (Victae libri I. c. 2, 3 et 4.) In scenam datus ac dedicatus Annunciatae Virginis Sodalitati, ejusdemque Magistratui admodum Reverendissimi Dominis D. D... A perillustri et generosa, praenobili, nobili, lectissimaque Rhetorices Juventute Gymnasii Embricensis Societatis Jesu.* Anno 1668, 10 Aprilis. In 4.º

EINIGE *Nachrichten, von der portugiesischen Litteratur and von Buecheren die über Portugall geschrieben sind.* Frankfurt au der Oder bei Carl Gottieb Straus. 1779, 8.º, 144 pag.

EIN SENDBRIEFF *des Köning von Portugal en Papst Clement den siebenden.*

Id. *Ein Sendbrieffes des Morenkönigs au König Emanuel zu Portugal* Ternaux Compans, pag 26.

EL ALPHONSO, *ó la fundacion del Reyno de Portugal, assegurada y perfecta en la conquista de Lisboa. Poema epico.* Salamanca, 1731, in-4.º

EL DANZANTE *de Alcorcon, que bayla à su don. Por un leal vassallo de nuestro Rey y Señor Phelippe V.* Impresso em Pamplona.

ELISABETH (S.) *reyne* (sic) *de Portugal, dediée à Madame M. Elisabeth d'Erpe, Dame, et Abbesse seculière de Nivelle, Princesse du sainct Empire. Representée à son entrée par la Jeunesse de la Compagnie de Jésus au Seminaire de la dite ville, le 22 may 1624.* A Mons, dans l'imprimerie François Waudré, in-4.°, 8 pag.

ELLIOS (GEORGE ——).
Life of Wellington. With portrait and maps. London, 1815.

EL MONGE DE CISTER. *Traducido de la tercera edicion por Sallustiano Rodrigues Bermejo.* Madrid, 1877, 2 vol. in-8.°

EL POETA *Juan Camacho, con sus coplas lisas y llanas celebra y da la enhorabuena al Excelentisimo Señor Duque de Ossuna, de los triunfos que ha conseguido en las fronteras de Portugal, con la tomada de Serpa y Moura, á la proteccion de la Excelentisima Señora, mi Señora, la Duquesa de Ossuna, su dignisima esposa, en este romance historico.* Guerra da successão.
Bibliotheca publica de Lisboa.

ELVAS. *Wiew of Elvas, forts La Lippe and Lucie with the surrounding country. Fine colour engraved with military cost of England types.* Semith del. Dubourg sc. $0^m,43 \times 0^m,60$.

ELVAS.
Vue de l'aqueduc avec la ville au fond. Lithographie anonyme, vers 1830. $0^m,20$.

ELVAS (R. D' ——).
Beautés et merveilles de la nature au Brésil. Paris, 1839.

EL VIAJE *en valde, del Licenciado Quiero Pensara, y venida de los portugueses á Madrid.* Madrid, 1706.

ELWES (ALFRED ——).
How I crossed Africa: from the Atlantic to the Indian Ocean, through unknown countries; discovery of the great Zambesi affluents, &c. By major Serpa Pinto. Translated from the author's manuscript by ——. In two volumes. Containing 15 maps and facsimiles, and 132 illustrations. The King's rifle. Vol. I. London, Sompson, Low & C.°, 1881. 2 vol.: 1.° XXX - 377 pag. 2.° *The Coillard Family,* VII - 388 pag. Com grande numero de estampas.

EMILIO BIEL.
Lusiadas (Os) de Luiz de Camões. Edição critica commemorativa do terceiro centenario da morte do grande poeta. Publicada no Porto, por ——. Leipzig, 1880.

EMIRA.
Drama para musica. Lisbona, 1738. Texto portuguez e italiano.

EMPRUNT (L') *de Don Miguel (1832), devant le droit des gens et l'histoire.* 2e edition. Paris, 1880.

EMPRUNT *portugais de 1832. Consultations de MM. Dufaure, président du conseil des ministres; Berryer, jurisconsulte; Odilon Barrot, ancient ministre; de Vatimesnil, ancient avocat.* 4.º, 8.º pag.

EMPRUNT *royal de Portugal (1832). Documents authentiques et historiques, avec photogravures, pour servir á la liquidation de cet emprunt.* Paris, 1880, 8.º

EMSLIE (JAMES ——).
Proposed great Madrid and Lisbon railway with branches. 1845.

ENAULT (LUIZ ——).
Publicou em o *Nord,* jornal internacional de Bruxellas, uma analyse da obra de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, *Les Contemporains,* da qual appareceu uma traducção no *Instituto,* jornal de Coimbra, em dezembro de 1859.

*
* *

«Dramatica e maravilhosa historia é a de Portugal. Napoleão I, tão conhecedor dos homens como dos livros, achando n'ella excellente escola de enthusiasmo e de heroismo para as novas gerações, que arrastava em sequito atravez da Europa, já havia recommendado o seu estudo nos lyceus.

«Nunca, e em parte nenhuma, começos mais modestos conduziram a mais magnificos resultados; em parte nenhuma, e nunca, a grandeza do homem melhor se ostentou do que n'esta transformação soberba! Este pequeno condado, vassallo de Castella, sustentado pelo patriotismo e pela exaltação religiosa, as duas grandes forças a que nada resiste, torna-se breve um reino, é Portugal dilata-se desde as margens do Minho até ás praias do Oceano. Leva Portugal dois seculos a constituir-se, mas esses dois seculos foram de heroismo. Nem uma pollegada de terreno sem uma conquista, nem um progresso sem ser pago com sangue! Esmagado por Castella e pelo islamismo, Portugal, similhante a Hercules, suffocando os monstros no berço, em breve rechaçou os dois inimigos. Que importa o theatro acanhado, se os actores são grandes? Affonso Henriques, Moniz, Bernardo Froysas, Peres Correia, Martim de Freitas e Giraldo Giraldes, teriam em torno das frontes, a serem melhor conhecidos seus feitos, a mesma aureola de gloria que tem Bayard, Dunois e Duguesclin. E, em meio d'este heroismo, que nobre sentimento da dignidade humana! Não ha ahi reis despotas, nada de aristocracia oppressiva!

«Apenas Portugal firma a sua politica, funda a constituição, e segura as fronteiras, para logo, na bella expressão de um historiador, principiar a abafar dentro de estreitos limites, e impaciente transbordar de actividade, valor e zêlo, e eil-o que se apressa a lançar sobre Africa a guerra, que tantas vezes esta lhe enviára. D'ahi todas as maravilhas que illustram o seculo seguinte, e as fecundas

meditações do Infante D. Henrique, e o reconhecimento de todas as praias de Africa, e a descoberta da America como magnifica recompensa concedida pelo acaso á audacia dos portuguezes, e o Grande Oceano impunemente atravessado, e as Indias reachadas, e a Asia vassala, e todo o commercio do mundo transformado, e o homem entrando, finalmente, de posse de toda sua morada. Que subita revolução! E que nação poderosa cumpriu nunca maior feito?

«Não é sómente a patria, é o universo, que deve reconhecimento eterno aos nomes gloriosos de Bartholomeu Dias, de Vasco de Gama, de Almeida e de Albuquerque. Seu genio não aproveitou unicamente ao seu paiz: trabalharam para toda a humanidade, e foram os sublimes obreiros da civilisação.

«Já sabiamos o que na antiguidade, Athenas, Tyro, Corintho e Carthago, e na edade media Genova, Veneza, e a Liga Hanseatica deveram de credito, riquezas, e importancia ás suas marinhas. Portugal, porém, pelas maravilhosas descobertas transatlanticas foi o primeiro a ensinar á Europa, que o Oceano, longe de ser uma barreira, não é senão um caminho, e leva longe os fardos que lhe confiam; ensinou, no bello dizer de Campanella, que a chave do mar é a chave do mundo; que não é sómente de seus solos que os estados devem sacar a grandeza e os haveres, mas que podem tambem vir-lhes do extremo do mundo no bojo de seus navios.

«Mas Portugal apenas quedou um instante no zenith da prosperidade! O declinar foi rapido.

«Numerosissimas colonias logo escaparam das mãos gloriosas que as conquistaram, e o soberano transitorio do Oriente em breve percebeu que não havia vencido senão para outrem.

«A nação, porém, que sente em si os principios de energica vitalidade, não consente em se deixar morrer. Sem duvida, as condições da vida politica de Portugal vão mudadas desde que perdeu os fecundos recursos das possessões orientaes; sem duvida tem sido mais de uma vez joguete das revoluções, que potencia inimiga parece aprazer-se em desfechar sobre a Europa; todavia, tem Portugal resistido sempre valorosamente, e apoz cada crise encontrado em si mais força. Vinte vezes tem a Hespanha cubiçado esta bella presa; vinte vezes tem querido unil-a e encorporal-a em Castella; mas está ligada ao nome portuguez demasiada grandeza e gloria, para que a nação portugueza podesse jámais consentir em tal. Em todos os tempos soube Portugal resistir á invasão estrangeira, e os sessenta annos de oppressão e decadencia, soffridos sob os indignos successores de Carlos V, não poderam senão consolidar ainda mais o seu tão vivaz sentimento de nacionalidade. Sem carecer de ninguem, a si se basta com territorio de fertilidade extrema, com excellentes portos, as embocaduras dos mais bellos rios da Peninsula, e com o Oceano, chamando sempre seus navios. Teve o passado, terá tambem o futuro, é convicção nossa. Que lhe falta, pois, para desde já occupar seu logar, e largo, nas preoccupações e no pensamento da Europa? O ser mais, e melhor conhecido.

ENCHERIUS (CAMILLUS ——).— Societatis Jesu.

E. *Inarime seu de Balneis Pithecurarum libri VI. Sereniss. Lusitaniæ Regi Joanni V dicati.* Neapoli, excudebat Felix Mosca, 1726, in-8.º, de 40 pag. não numeradas, 320 numeradas, e mais 23 de sete indices, 7 estampas e algumas vinhetas bem gravadas. A 2.ª estampa é allegorica a D. João V, e tem o retrato d'este em pequeno medalhão.

ENCORE *un mot sur les affaires du Portugal.* London, 1831.

ENCYCLOPEDIE *Méthodique, Grammaire et Littérature. Dedié à M. L. Camus de Néville.* Paris-Liège, 1782-1784. 3 tomos em 6 vol. Tomo III, pag. 85 a 90: *Poëme épique,* par de Jaucourt. *Camoens. Resumé des Lusiades et critique. Tasse et Camoens.* Pag. 112 a 162: *Poesie et poëtes,* par Marmontel. Pag. 123 a 154: *Camoens.*

ENINGER (AUREL ——).
Back et Zulba. Histoire allégorique. Traduction du portugais. Paris, 1750.

EN LOS FELICISSIMOS *desposorios del Serensssimo Rey de Portugal Don Juan V, con la Serenissima Reyna Doña Mariana de Austria. Epitalamio por J. O. S. E. D. E.* Vienna, en la oficina de Juan Diego Kurner. 1708, 4.º de 8 pag.

ENTREMES NUEVO. *No hay tiempo que no se llegue, ni deuda que no pague. Son tanbien protagonistas: un alcaide portugués y varios portugueses.* É relativo á guerra da successão.

EPISTOLA *Gasparis Dias Ferreira in carcere, unde rupit, scripta die 17 Augusti 1649.* Hagae, 1649. É relativa a negocios do Brazil.
Bibliotheca publica de Lisboa.

EPISTOLA *gratulatoria ad Eminentissimos Reverendissimosque Dominos S. R. E. Cardinales Inquisitorem Generalem Scilicet & Patriarcham, in qua adstruitur pontificia potestas, Sanctae Inquisitiones jurisdictio, & contradictorum injustitia; Demonstraturque Sigilli Sacramentalis strictissima obligatio; ac refellitur error introductus circa interrogationes complicum, & denegationem absolutionis: insimulque Admonitio et Exhortatio, ad Regni Episcopos & Confessores: Scripta jamdudum a quodam Anonymo; nun vero pro publica utilitatis mandata.* Matriti, apud Haeredes Francisci del Hierro. Anno 1747, 4.º, 64 pag.

EPISTOLA *Potentissimi ac Invictissimi Regis Emmanuelis Portugalie et Algarbiorum rex. De victoriis nuper in Africa habitis. Ad S. in Xrõ patrem et dñm Leonem X. Pont. Max..* Gothico, in-4.º, 4 folhas não numeradas.
Bibliotheca publica de Lisboa.

EPISTOLAE *Japonicae diversorum Authorum,* Lovanii, 1570.

EPISTOLAE *Jo. Sturnii, Hieronymi Osorii, et aliorum, ad Rogerum Aschamum aliosque nobiles Anglos; semel in Germania cum Aschami Epistolis, seorsim vero nunquae editae M. Jo. Henr. Ackerus recensuit et adnotationibus illustravit, Indicesque plures adjecit.* Sumtu Nicolaï Foersteri Bibliop. Aulae Hanover. 1707.

Mr. Acker, editor d'esta collecção, dá conta no seu prefacio, datado de Iena, dos motivos que o induziram a publicar estas cartas de Sturnius, as quaes não

tinham apparecido até aqui senão conjunctamente com as de Asham, na edição de Allemanha e na de Inglaterra[1].

Um d'estes motivos é o de fazer com que os jovens estudantes, pelo exemplo de Sturmio, que n'estas cartas tanto se approxima (dizem) da elegancia ciceroniana, adquiram instrucção nas boas fontes da antiguidade, e formem seu estylo sobre o dos grandes mestres. Uma outra rasão allegada por Acker, é a tenção de multiplicar os exemplares d'esta obra, que se tinha tornado rara, e de lhe adquirir, por meio d'esta impressão, uma fórma menos intrincada, com o fim de a tornar de um uso mais familiar. Teve o editor cuidado de illustrar, por meio de notasinhas da sua composição, alguns pontos de historia e litteratura contidos n'estas cartas, e alem d'isto entregou-se ao trabalho de introduzir n'ella varias tabellas, contendo, entre outras, uma que comprehende diversas formulas de expressões tiradas d'estas mesmas cartas, e dispostas em conformidade com o methodo seguido por Nicaise Baxius, no seu livro intitulado: *Medulla eloquentiae.*

Este volumesinho contém 43 cartas, entre as quaes ha 25 de Stormius, 2 de Osorio, 3 de Brandisbaens, as outras são de Christophorson, de Cirler, de Cisner, de Izabel Rainha de Inglaterra, de Huber Leodius, de Metelus, de Montius, de Nanius, de Ramus, de Sleidan, de Smith, de Spithon, e de Toxites. D'estas cartas 32 são endereçadas a Roger Asham; as outras o são a alguns inglezes de distincção, taes como Paget, Cook, Cecile, e Halesius; ha tambem uma da Rainha Izabel a Sturmius, e uma d'este a esta Princeza.

EPISTOLAE *Patris Nicolai Pimentae visitatoris Societatis Jesu in India Orientali ad R. P. Claudium Aquavivam, ejusdem Societatis Praepositum Generalem.* Goae, 8 Kal. Januarii, 1599. Mediolani, 1601, in-12, 160 pag.

EPITAPHIO *feito por Buchanan ao portuguez André de Gouveia:*

Alite non fausta genti dum rursus Iberae
Restituis illusas, huc Goveane jaces.
Cura tui Musis fuerit si mutua nulla;
Incolet Elysium clarior umbra nemus.

Opera Lugduni Batavorum, 1622, pag. 342.

EPITOME *Grammaticae Alvari cum interpretatione germanica,* Nurembergae, 17...? in-8.º

A grammatica do nosso Manuel Alvares foi a adoptada em todos os collegios e lyceus do mundo para aprenderem por ella o latim. E ha tambem outra edição in-fol. max., um verdadeiro monumento typographico. Que diriam os nossos antigos latinistas se resuscitassem e vissem a nojenta grammatica chamada do Epiphanio?

ERINNERUNGSBLÄTTER *für gebildete Le ser aus allen.* Ständen Berlin, 1836. Vierter Jahrgang.

Occupa-se de Camões.

---

[1] *Journal des Sçavans,* fevereiro de 1708.

ERMITE (L') ET LE REVENANT.

É um romance francez, mas cujas scenas se passam em Portugal. O primeiro volume tem 208 pag., in-8.º Mas como só possuo o 1.º volume, e esse mesmo com algumas paginas deterioradas e já sem rosto, farei apenas alguns extractos.

*
* *

O capitulo II tem por titulo: «Quem era o ermita Pedro».

«Sómente se póde attribuir (diz o eremita Pedro), ao desconhecido, por uma inspiração do Céu, a qual eu occultei n'este retiro, com o fim de me subtrahir á vingança de um inimigo que me teria perseguido até em alguma côrte, onde eu houvesse apparecido, sob o nome de Pedro Fernando, duque de Aquila, que é o meu verdadeiro nome.

«Destinado a sustentar a honra do meu nascimento, uma das mais antigas e das mais illustres de Hespanha e de Portugal, D. Sancho de Avila, meu pae, que nenhuma cousa tendente á minha educação tinha omittido, fez com que eu entrasse para a Misericordia de Coimbra, com intenção de finalisar alli meus estudos.

«Aquillo que deveria fazer a minha felicidade, tornou-se a causa da fatal aversão que eu tive a desgraça de inspirar, e que perturbou minha vida. Tinha eu o gosto aos estudos, e o desejo de adquirir conhecimentos das bellas letras, as quaes eu considerava como a corôa de todos os conhecimentos. Appliquei-me, pois, com tanto ardor, que passei muito alem de todas as minhas esperanças; obtive, com os elogios dos professores, as mais lisonjeiras recompensas. Exitos taes offendiam o joven D. João Alvares, filho do marquez de tal nome, que entrára para a universidade ao mesmo tempo que eu. Orgulhoso, sem amor ao estudo, longe de ganhar algum premio no seu curso, sómente blasonava das vantagens do seu nascimento. Emquanto a isto a sua vaidade era insupportavel. Nada tinha rectificado a falsidade de suas idéas. Julgava que um nobre portuguez se rebaixava applicando-se ás sciencias, e que ellas tão sómente deviam ser o recurso d'aquelles que apenas têem um tal meio para saírem da obscuridade.

«O ciume, ou para melhor dizer, a aversão que minhas prosperidades lhe tinham inspirado, tinham-no induzido a dar a conhecer suas opiniões, na esperança de me ridicularisar aos olhos de meus camaradas; mas, longe de encontrar approvação, aquelles que marchavam iguaes a mim, combateram-no, e lhe mostraram quanto suas idéas eram ridiculas.

«Os professores nem por isso deixaram de ser obrigados a acharem em um de seus discipulos um detractor d'aquillo que elles ensinavam; as contradições que elle esperimentava, as mofas de que se tornou alvo, augmentaram-lhe a aversão contra mim, a qual era a causa involuntaria da posição desagradavel, onde o tinham collocado sua louca vaidade, e seu desprezo pelas sciencias.

«Não é na idade de dezeseis annos que podemos prever as consequencias de uma injusta aversão; e mesmo que eu houvesse tido o presentimento, não duvido que n'um logar, onde incessantemente ateiam a emulação, houvera eu sacrificado, com receio de um futuro incerto, o prazer de colher algumas palmas justamente merecidas.

«O tempo que deviamos passar nas universidades (pag. 16) escoou sem

trazer alguma modificação ás opiniões de D. João Alvares, e ao seu procedimento para commigo, o qual, sem eu desconfiar, era reservado para alcançar sobre elle algumas vantagens, que deviam excitar e augmentar o seu odio.

«Não fizemos, pois, nossos exercicios na mesma cidade, mas elle não poude ignorar que tinha eu feito os meus de fórma mais brilhante, e que tambem era eu citado como um modelo de destreza e de ligeireza.

«Foi por essa occasião que pela primeira vez vi D. Leonor de Aveiro, cuja belleza me inspirou, embora fosse ella ainda muito nova, a paixão mais ardente e mais respeitavel; pois não era possivel imaginar que aos treze annos podesse ella conhecer o poder dos seus encantos. Tinha a felicidade de a ver quasi todos os dias. Devia eu uma tal felicidade á união que reinava entre sua familia e a minha, e d'ella me aproveitei para agradar á encantadora Leonor, por meio dos meus cuidados e das minhas attenções para com ella...

«Ia eu tocar o meu decimo oitavo anno, quando meu pae julgou conveniente fazer-me entrar para a carreira das armas, para n'ella sustentar a gloria de uma casa que se honrava de parentesco com o duque de Albuquerque, tão celebre pelas suas victorias na India...»

*
* *

Em summa, o livro parece ser um romance de amores, no qual figura a casa do duque de Aveiro; mas, como já disse, apenas possuo o primeiro volume, e esse deteriorado.

ERNEST DE LA ROCHELLE.— De la bibliothèque nationale.

E. *Jacob Rodrigues Pereire, premier instituteur des sourds-mouets en France. Sa vie et ses travaux.* Paris, 1882, 576 pag. in-8.° gr.

O auctor d'esta obra acrescenta que ainda existem muitos membros d'esta familia em Bragança, Lisboa, Porto e Agueda.

*
* *

«Jacob Rodrigues Pereira nasceu em Berlenga, povoação da Extremadura hespanhola, a 11 de abril de 1717. Era filho de Abrahão Rodrigues Pereira, e de Abigail Ribca Rodrigues Pereira, ambos da mesma familia. Expulsos da Hespanha por causa da perseguição que se levantou contra os judeus, tinham-se seus antepassados acolhido em Chacim, na provincia de Traz-os-Montes, em Portugal, ao passo que varios outros membros da sua familia se foram estabelecer em Bragança. E tanto uns como outros estabeleceram fabricas de velludos nas terras em que tinham fixado suas residencias. Tiveram, porém, por causa de perseguições religiosas, de fugirem em 1698 para Hespanha, e até mesmo, por cautela, fingiram-se christãos, e mandaram baptisar os filhos. Jacob Rodrigues recebeu por essa occasião o nome de Francisco Antonio Rodrigues, nome sob o qual publicou mais tarde alguns opusculos. Abraham Rodrigues Pereira era commerciante, e n'essa qualidade achamol-o mais tarde estabelecido em França. Porém a mãe foi apanhada pela inquisição em Bragança, e teve de fazer penitencia á porta da Sé pelo espaço de um anno. Carregada de familia, e já viuva, fugiu de

Portugal em 1741, e foi pôr um estabelecimento em Bordéus, onde fez fortuna, e remettia annualmente uma quantia importante aos parentes que lhe tinham ficado em Portugal.

«Jacob Rodrigues, porém, bem novo se applicou aos estudos mathematicos em París. Em 1734 já pedia informações ácerca dos surdos-mudos, a um seu correspondente por nome Barbot, e n'um discurso recitado por Pereira na academia de bellas-artes de Caen, em 1746, declarou que o motivo que o tinha impellido para taes estudos, fôra a estima que professava a uma irmã, que era muda, e da qual foi o primeiro mestre.

«Por estes tempos, sob o pseudonymo de Francisco Antonio Rodrigues, depois de ter invocado a graça da Immaculada Conceição, conta e canta as gloriosas victorias obtidas no reino de Napoles e sobre o Rheno, pelos indomaveis exercitos catholico e christão em frente das inexpugnaveis praças de Philipsbourg, Gaeta e Penara.

«Em 1735 morria Abrahão Rodrigues Pereira, na Moita, e parece que Jacob Rodrigues tinha acompanhado seu pae a Portugal. Em 1741 achava-se em Bordéus, parece que medroso da inquisição de Portugal, n'uma epocha em que o celebre auctor do espirito das leis erguia sua voz contra ella, por causa de ter mandado queimar em Lisboa uma judia com dezoito annos de idade[1].

«Ao conhecimento do hespanhol e do latim, ajuntava o do portuguez e do hebraico, e eram esses outros tantos recursos que sem duvida lhe não foram inuteis junto de seus correlegionarios e de seus compatriotas. Mas a tarefa que tinha tomado a seu cargo, de instruir os surdos-mudos, n'um idioma que não era o seu, deve tel-o obrigado a penosos trabalhos[2]. O alphabeto manual gravado na obra de Bonet, e apropriado á lingua hespanhola, não podia, sem ser refundido, servir para o ensino da lingua franceza, e elle mesmo nos dirá as modificações que teve de introduzir para conseguir um tal fim. Finalmente, depois de dez annos de pacientes estudos infatigavelmente proseguidos, tanto na França como na Hespanha, sobre a anatomia e physiologia, e depois de numerosas experiencias feitas em surdos mudos, aos quaes recebia gratuitamente em sua casa, a quem instruia, e a quem ensaiava para poderem fallar, Pereira conseguiu tomar plena posse do methodo, cujos resultados em 1745 se tornaram patentes, e poderam ser publicamente admirados.

«Alguns mezes antes, em 1744, tendo-o seus negocios chamado á Rochella, encontrára uma creança de treze annos, de nome Aaron Beaumarin, surdo-mudo de nascença. Tendo-se interessado por elle, n'uma centena de lições o ensinou a conhecer e a proferir, por meio de certos signaes, a maior parte das letras, consoantes e vogaes, e até mesmo a articular algumas palavras, e varias phrases triviaes. Cumpre tambem acrescentar que taes lições eram todos os dias interrompidas pela obrigação do trabalho manual imposto a essa creança, á qual tinham tambem mandado aprender o officio de alfaiate.

«Grande foi a surpreza em toda a cidade com a noticia de que um hespanhol (sic), possuia um segredo para ensinar a fallar os surdos-mudos de nascença.

---

[1] A França, porém, acolhia os judeus. Por um edito de agosto de 1550, Henrique II tinha concedido aos mercadores e aos outros portuguezes chamados christãos novos o direito de se estabelecerem no reino, de alli adquirirem bens, e de os transmittirem. (Pag. 17.)

[2] Id., id., pag. 19.

Marcou-se um dia para se apresentarem as provas publicas, no estabelecimento dos jesuitas, na sala onde ora ensina a hydrographia[1].

«Uma carta datada de 25 de outubro de 1745, dirigida por um membro da academia de la Rochelle, chamado Dupaty, ao redactor do *Mercurio* de França, a qual todavia não foi estampada, nos conservou a narração de uma tão interessante sessão. Este correspondente do *Mercurio*, não dissimula que: «n'um seculo tão illustrado e tão pouco credulo, se gracejou muito ácerca d'essa pretendida maravilha, e declara que muitas pessoas se encaminharam para a casa dos jesuitas, persuadidas de que iriam ver algumas pantomimices, cujos misterios seria facil descobrir, e dispostas a conservarem-se bem precavidas, com o fim de evitarem qualquer surpreza. Elle mesmo parece ter pertencido a esse numero. Dupaty assevera que tanto n'esta prova publica, como em outras, que repetidas vezes se verificaram, o joven Aaron Beaumarin, sendo mudo de nascença, e como tal bem conhecido, não sómente pronunciou as seguintes palavras: «chapéu», «senhora», «navio», «Que quereis vós?», mas ainda outras completamente novas para elle, a quem foram indicadas casualmente, de maneira que a admiração findou para pôr um termo á desconfiança e aos gracejos.

«Algumas pessoas tendo conhecimento do partido que para a instrucção dos surdos-mudos se tira do alphabeto manual, que consiste em ligar o conhecimento de certas posições da mão e dos dedos, não ficaram menos maravilhadas da paciencia infatigavel que na educação dada por Pereira revelava a intelligencia do discipulo[2].

«Outros pensaram, e talvez com rasão, diz Dupaty, que o emprego de um tal methodo não podia chegar bem longe, e que seria quasi impossivel o dar, por um tal meio, a um homem surdo e mudo de nascimento, algumas idéas de ordem intellectual, como, por exemplo, da alma, e de suas differentes funcções. Mas, acode Dupaty, não é sempre cousa de grande alcance ensinarmos um homem que teve a desdita de nascer com taes imperfeições, a conhecer os objectos sensiveis e materiaes que o rodeiam, e o saber pedir aquillo que reclamam as necessidades mais urgentes da vida?

«Alem d'isto, Pereira não perdia a esperança de que seu trabalho e suas reflexões lhe permittissem ir muito mais longe na sua arte, da qual tinha apenas feito um ensaio.

«Dupaty chegava a participar da sua confiança, e a ter como não impossivel, graças a este methodo e a este progresso, chegarem os surdos-mudos a conhecerem as cousas puramente intellectuaes.

«Por esta carta, diz Dupaty ao terminar, começaes a conhecer Pereira, que deve, segundo creio, encaminhar-se de prompto a París; não espereis ver n'elle um d'esses homens cujo exterior brilhante predispõe favoravelmente, e annuncia tudo quanto elles são. Seria enganar-vos o deixar que pensasseis tal. Este lado

---

[1] O sabio anatomista J. Guichard Duverney, aquelle de quem falla Boileau na sua satyra 10.ª, tinha publicado em 1683, e uma segunda vez em 1716, seu *Tratado do orgão do ouvido*, que Pereira cita na sua resposta a Ernaud. Foi mais tarde, de 1736 a 1739, que o celebre cirurgião Lecat fez apparecer seu *Tratado das sensações e das paixões em geral*, no qual rende aos talentos de Pereira uma deslumbrante homenagem.

[2] O *Journal des Sçavans* na sua caderneta de julho de 1747 diz que uma tal surdez foi comprovada por documento de tabellião, com a data de 5 de novembro de 1745.

não é vantajoso; e se n'isto é uma desgraça, tem ao menos a consolação de a compartilhar com muitas outras pessoas de grandes merecimentos. Todavia, fica elle bem indemnisado d'esta desdita, seja ella qual for, emquanto ao espirito, emquanto á candura e á probidade, que não podemos deixar de reconhecer nos seus discursos e nas suas intenções.

«A uma tal experiencia, nova na França, assistia M. de Azy d'Étavigny, director das cinco grandes herdades de la Rochelle. Era dominado por um interesse particular, por ser pae de uma creança surda e muda de nascença, cuja doença os medicos e cirurgiões mais habeis da Europa tinham declarado ser incuravel, e a quem tinha elle primeiramente enviado a uma escola de Amiens para o mandar instruir conjunctamente com outros quatro ou cinco mudos que n'ella se encontravam, e a qual era dirigida por um velho surdo-mudo habilissimo em se fazer entender por meio de signaes.

«O joven Étavigny tinha alli vivido sete ou oito annos, e alli tinha aprendido a pedir por meio de signaes as cousas mais necessarias para a vida. Tinha-o seu pae retirado d'aquella escola para o enviar para o collegio dos benedictinos, de Beaumont-en-Auge, na Normandia; havia dois ou tres annos que alli estava, quando seu pae foi testemunha da experiencia que vimos de contar.

«Ficou maravilhado ao ouvir um surdo-mudo pronunciar sons articulados, o que nunca tinha feito seu filho, então com a idade de dezeseis annos; mas em vez de entregar este mancebo nas mãos de Pereira, M. d'Étavigny, ou por causa de repugnancia em o confiar a um estrangeiro, e mórmente israelita, ou por motivo de economia, o que espantaria n'um tão grande argentario, resolveu comprar o livro de Ammam, do qual sem duvida teria ouvido fallar a Pereira, e o enviou a D. Cazeau, prior da abbadia de Beaumont, e a D. Bailleul, regente do collegio onde estava seu filho, para por elles ser feito, por meio de um custo ordinario, o que Pereira tinha feito na Rochella.

«Infelizmente o livro de Ammam não era mais do que o prospecto de uma pratica, cujo segredo, como Bonet e Wallis, seus predecessores, o instituidor de Amsterdam, tinha guardado o segredo. D. Cazeau e D. Bailleul entraram então a gesticular com o joven Étavigny. Depois de um anno de inuteis esforços para descobrirem aquillo a que chamavam o methodo de Ammam, esses dois honrados benedictinos tiveram a consciencia de aconselharem a M. de Étavigny que confiasse seu filho do unico homem que lhe poderia restituir a palavra. Viu-se então M. d'Étavigny obrigado a dirigir-se a Pereira, e no dia 14 de junho de 1746 fazia com aquelle um contrato pelo qual Pereira se compromettia a ensinar seu filho, surdo-mudo de nascença, a ler e a pronunciar o francez, e alem d'isso a conceber o nome das cousas visiveis as mais ordinarias e necessarias á vida, e a pôl-o em estado de saber, por meio da palavra, á medida que elle as fosse desejando. O preço d'esta educação foi orçado em 3:000 libras, que lhe seriam pagas aos trimestres; a primeira, quando o joven Étavigny estivesse em estado de proferir algumas palavras cuja significação elle fosse percebendo ao mesmo tempo; a segunda, quando soubesse ler, pronunciar e comprender a maioria das cousas visiveis que por alguem lhe fossem mostradas n'um livro; e a terceira, quando Pereira tivesse inteiramente cumprido seus compromissos.

«Por este contrato obrigava-se Pereira a ficar durante um anno na Rochella, e passado este praso, quando mesmo a educação do joven surdo-mudo não esti-

vesse acabada, ser-lhe-ía permittido dirigir-se a París, para onde M. d'Étavigny lhe enviaria seu filho, com o fim de continuar.

«Eis, pois, o nosso instituidor obrigado a separar-se de sua familia com o fim de se encerrar com seu discipulo no collegio de Beaumont, e de dar suas lições ao lado dos dois benedictinos, que perderam as esperanças de acharem no livro de Ammam o segredo que seu auctor não patenteou, e que, sem duvida, tencionavam surprehender o de Pereira.

«Chega a Beaumont a 13 de julho, e começa immediatamente o trabalho, depois de se ter assegurado que os orgãos da palavra não estavam affectados no joven Étavigny por algum vicio de conformação, e que todo o mal reside unicamente no apparelho do ouvido. A tarefa era difficil, pois este mancebo contava então dezeseis annos, e seus orgãos tinham perdido já muito de sua flexibilidade natural, quando Pereira começou a pol-os em movimento. Pelos rapidos progressos que fez em quatro mezes, Pereira assombrou os dois inspectores que o cercavam, e torna-os as suas primeiras e bem imponentes testemunhas perante a posteridade.

«D. Caseau era membro da academia real das bellas lettras de Caen. Manda-a convocar extraordinariamente para lhe apresentar Pereira e seu discipulo, e na sessão de 22 de novembro de 1746, presidida por Mgr. d'Albert de Luynes, bispo de Bayeux, protector da academia, e á qual assistiram, entre outros, os reverendos padres Porée e André[1], o prior da abbadia de Notre Dame de Beaumont tomou a palavra.

«Depois de ter confirmado que o joven Étavigny não tinha jámais podido, até á idade de dezeseis annos, articular uma syllaba, refere que, dentro de oito dias tinha Pereira conseguido fazer-lhe pronunciar as palavras «papá», «mamã», com grande surpreza d'elle, D. Caseau, que confessa ter tido difficuldade em se persuadir que Pereira podesse saír-se airosamente da sua tentativa. Acreditei, disse elle, que, se Pereira houvesse podido fazer comprehender a seu discipulo quaes eram os movimentos dos labios e da lingua, necessarios para pronunciar estas duas palavras, só lhe faltava tempo e paciencia para fazer com que pronunciasse muitas outras. Não me enganei em minhas conjecturas: desde o dia 18 do mez de agosto Pereira me deu uma lista de mais de cincoenta palavras que seu discipulo pronunciava assás distinctamente.

«Convidado por Pereira a informar M. d'Étavigny, que já tinha desempenhado as primeiras condições do seu contrato, o proprio D. Caseau tinha feito com que o surdo-mudo pronunciasse todos os nomes contidos na lista, trocando a ordem pela qual Pereira os tinha distribuido, e para ter a certeza de que elle os pronunciava com intelligencia, quiz que ajuntasse alguns signaes, attestando que tinha idéa clara e distincta do sentido que lhes era preciso ligar. Contente com os progressos do joven Étavigny, não tinha hesitado em informar o pae.

«Desde esta epocha, prosegue D. Caseau, applicou-se Pereira a fazer com

---

[1] O padre Porée, de quem se falla aqui, não é o sabio jesuita que no collegio de Luiz o Grande tivera a Voltaire por discipulo; é seu irmão o oratoriano Charles Gabriel, o antigo bibliothecario de Fenelon, e um dos membros mais distinctos da academia de Caen. O padre André ficou mais conhecido. É o auctor do estimavel *Ensaio sobre o Bello*. Discipulo e amigo de Malebranche, foi perseguido por causa de suas opiniões philosophicas e religiosas pela companhia de Jesus, onde tinha desvairado na dade de dezoito annos. Victor Cousin publicou suas obras philosophicas.

que seu discipulo pronunciasse todas as letras, a fazer-lhe combinar os differentes sons da nossa lingua, e reunir as syllabas, trabalho demorado e penoso da parte do mestre, mas que não me parece ter nada de enfadonho para o discipulo, pois ainda não percebi que o nosso joven mudo patenteasse afastamento para as instrucções que lhe dão. Parece-me, pelo contrario, mais contente do que anteriormente, e Pereira me asseverou, que pelo contrario, anda agora mais alegre, e que algumas vezes se via obrigado a moderar o zêlo com que costuma proceder quando vae dar lições.

«Recordando a opinião de Wallis e de Ammam, que julgam que o mestre deve estar contente quando tem, em tres ou quatro dias, ensinado seu discipulo a bem pronunciar uma syllaba, D. Caseau accrescenta: «Esses grandes homens, que tinham muito reflectido ácerca do mechanismo da pronunciação, e que não ignoravam todas as difficuldades que se encontram na instrucção dos surdos-mudos, teriam talvez olhado como um prodigio que o joven Étavigny estivesse em estado, depois de quatro mezes de instrucção, para pronunciar, embora imperfeitamente, um tão grande numero de palavras do nosso idioma.

«Expondo depois que a difficuldade que Étavigny encontrava ainda em pronunciar, se explicava muito bem pela inacção em que sua lingua tinha ficado durante dezeseis annos, D. Caseau terminava convidando a academia a informar a Europa sabia de uma descoberta tão singular e tão interessante para a sociedade.

«É este o primeiro testemunho publicamente prestado á capacidade de Pereira, como instituidor do ensino dos surdos-mudos, pois a carta de Dupaty, que nós acabâmos de citar, ainda que nós o soubessemos, não tinha sido publicada; mas o que para nós augmenta o interesse d'essa sessão, é que Pereira n'ella pediu a palavra e recitou um discurso preciosissimo por causa das informações que nos deu, e de cujas opiniões elle é uma testemunha. É o que nos induz a reproduzil-o em harmonia com o jornal de Verdun, lembrando que Pereira, oriundo da Hespanha, e estabelecido na França só desde alguns annos, é muito desculpavel de ainda não manejar o nosso idioma com a facilidade de um membro da academia de bellas letras de Caen.

«Tenho a honra, meus senhores, diz Pereira, de apresentar ao vosso judicioso exame, uma parte do fructo que eu colhi em alguns annos de reflexão e de mil experiencias reiteradas ácerca dos meios de ensinar a fallar os surdos e mudos de nascença.

«Este problema, cuja importancia é bem conhecida n'esta illustre assembléa, nada mais tem feito até agora do que augmentar o numero das fabulas, na opinião commum; bastantes sabios têem julgado honral-o com excesso, pondo-o na classe da pedra philosophal, e das longitudes no mar. Mesmo os methodos que até agora têem apparecido ácerca d'este assumpto, não têem servido, por causa da sua insufficiencia, senão para o persuadirem impossivel, e para tornarem incriveis, por conseguinte, os factos que seus auctores nos referem a tal respeito.

«Bastavam estas difficuldades para desgostarem as pessoas a quem as sciencias são mais familiares; n'um homem desprovido de taes vantagens, fazem ellas parecer a empreza temeraria, mesmo depois do bom exito. É facil de crer que não sou eu tão atrevido que pense em combater opiniões taes; é tambem á ignorancia que eu tive, que me julgo devedor de ter conseguido uma tal descoberta.

«Felizmente para mim, senhores, a amizade e a communicação de uma pessoa muda, tendo-me suscitado esta idéa, as consequencias que eu tirei de um

grande numero de observações, e o resultado de sua pratica sobre varios surdos-mudos, me fizeram conceber algumas esperanças de me saír bem da empreza, antes que eu tivesse conhecido plenamente esses apparentes obstaculos. E este conhecimento, que algum tempo antes, teria, sem duvida, destruido meus projectos, não fez mais do que representar-m'os mais gloriosos, e induzir-me a redobrar meus cuidados e minha applicação mais obstinadamente do que em qualquer outro tempo.

«Não é, senhores, que não tenha eu duvidado em algumas occasiões, do bom exito. Acabrunhado bastantes vezes por minhas continuas fadigas, de ordinario infructuosas, teria eu posto de parte minha empreza, se me podesse resolver a julgal-a absolutamente impossivel. Alem d'isto, a grandeza da maior parte dos obstaculos impedindo que eu os veja todos ao mesmo tempo, tem feito com que só os possa ir vencendo successivamente.

«Consegui, finalmente, meus senhores, o ensinar aos surdos-mudos de nascença a articulação das palavras de uma lingua, mas o que é ainda mais difficil e muito mais importante, pol-os em estado de comprehenderem os sons, e de os produzirem por si proprios, tanto verbalmente como por escripto, e todos os seus pensamentos, por meio dos quaes estarão elles tão habilitados, como quaesquer outros homens, para tudo quanto não depender do ouvido.

«Os progressos durante os quatro mezes de lições na pessoa do joven Étavigny, surdo-mudo de nascimento, vão, meus senhores, verificar uma parte de minhas asserções. Haverá ainda logar para sabias objecções, mas não creio que haja uma unica (pelo menos ácerca de tudo quanto é essencial), que eu não tenha previsto, a que não tenha achado uma solução praticavel.»

«.....

«O testemunho que Pereira procurou sempre a favor dos seus trabalhos de qualquer natureza foi o das corporações scientificas. Foi perante a academia de la Rochelle, e depois perante a de Caen, que elle tinha em 1745 e 1746 tentado apresentar Aaron Beaumarin e d'Azy d'Étavigny.

«Pereira já não era um desconhecido. Aos applausos já tão lisonjeiros d'estas duas associações, Pereira estava desejoso de acrescentar o voto de uma mais elevada auctoridade, e se nós o vemos em 1747 e 1749, estabelecer-se primeiramente no caes dos Agostinhos, depois na rua de Saboya, é por isso permittido suppor que era para não se afastar muito da academia das sciencias, que, havia meio seculo, fazia as suas sessões no Louvre.

«Desde 1747 os artigos do *Journal des Sçavans,* do *Mercurio* de França, e do *Journal de Verdun,* tinham publicado seu nome, e chamado a attenção para seus trabalhos.

«Condamine dedicou-lhe os seguintes versos:

Pereire, ton genie et tes adrois secours
Ont rendu la parole à des muets nés sourds.
Des muets ont parlé! Que ne puis-je prétendre
Recouvrer par ton art la faculté d'entendre.

«Buffon tambem lhe teceu os maiores elogios. O Rei de França concedeu-lhe uma pensão de oitocentas libras. Fréron apresentou-o ao Rei Stanislau Leczynski.

Passado tempo o proprio Pereira mostrou ao Rei da Polonia surdos-mudos de nascença, aos quaes elle tinha ensinado a fallar.

«É, porém, na obra de Ernest de la Rochelle, que o grande homem se apresenta com toda a sua gloria, e se vê quanto esta reverte em prol do nosso paiz.

«Emquanto á data precisa da sua nomeação, exarada no *Book of the royal society*, acho-a tambem indicada no *Mercurio* de França, em abril de 1760, onde leio: «A 24 de janeiro a sociedade real de Londres elegeu unanimemente para socios sr. de la Caille, da academia das sciencias, e professor de mathematica no Collegio Mazarin, e ao sr. Pereira, celebre pela sua arte de ensinar surdos-mudos de nascença.

«Quando Isaac Pinto, judeu portuguez, economista e moralista distincto, especialmente conhecido por seu *Tratado da circulação e do credito*, ia dentro em pouco tomar a defeza de seus correligionarios contra Voltaire, que os tinha maltratado muito no seu *Diccionario philosophico*, elle o fez n'uma brochura, da qual Pereira foi o editor em 1762, e que mais tarde Guenée reproduziu no principio das suas *Cartas de alguns judeus portuguezes*.

«Pinto remetteu suas reflexões criticas a Voltaire, o qual, por uma carta datada de 21 de julho de 1762, reconheceu ter andado mal em attribuir a uma nação inteira os vicios de alguns particulares.

*
* *

«Havia mais de dez annos que tudo corria bem para o referido Pereira.

«Seu talento foi reconhecido e proclamado pela academia das sciencias em 1746; em 1751 e em 1753, recompensado pelo rei e aggregado á sociedade real de Londres. Por Buffon foi elogiado. Diderot e J. J. Rousseau, dão testemunho da educação de dois discipulos que mais honra lhe deram, Saboureux de Fontenay e Marie de Marois. Estes fallam de Pereira com a maior admiração. O philosopho Dumarsais diz que elle operava prodigios.

«Ninguem, diz o eminente physiologista Claude Nicolas Lecat, que tinha podido observar os resultados obtidos por Pereira na educação de Étavigny e de Saboureux, ninguem chegou tão longe como o celebre Pereira na arte de corrigir os defeitos dos surdos e dos mudos de nascimento. Não sómente faz com que leiam e escrevam, mas faz até mesmo com que fallem, conversem e discorram com uma extensão de conhecimentos quasi igual á dos outros homens.

«Estava reservado para Pereira, diz Le Cat no *Traité des sens*, transformar um surdo-mudo de nascença em orador e em sabio, o qual parecia condemnado pela natureza a constituir uma classe media entre o bruto e nós. E eis porque é mister convir, que só por isso merece ser posto em o numero d'aquelles que mais mereceram os suffragios do publico, o reconhecimento de todo o genero humano, e as animações de todas as potencias.

«Em 6 de dezembro de 1761 era Pereira admittido á presença da Rainha Maria Lecrinska, e á do joven duque de Berry para lhes mostrar un Solier, a quem Pereira tambem tinha ensinado, e isto já n'uma epocha em que Pereira tinha emulos e inimigos. Ainda assim conseguiu que a academia das sciencias de Paris lhe mandasse em 1768 publicar a sua memoria ácerca dos surdos mudos, no *Recueil des mémoires des savants étrangers*.

«Foi por estes tempos que os correligionarios de Pereira, desejosos de lhe testemunharem seu reconhecimento por causa dos serviços essenciaes que lhes prestava diariamente, e alem d'isso, desejosos de o indemnisarem das despezas consideraveis que lhe impunham suas funcções de agente da nação portugueza, tomaram em 17 de janeiro de 1762 a resolução de dobrarem sua pensão, e não sómente elevarem-na de 400 a 800 francos, mas ainda, com o fim de lhe darem todas as provas de sua gratidão, segurarem depois d'elle a suas irmãs uma pensão de 400 francos em memoria do nome e dos serviços prestados por elle.

«O conde de Saint Florentin conseguiu-lhe o diploma de interprete do Rei para as duas linguas portugueza e hespanhola. Foi elle quem por vezes traduziu para francez as préces que os judeus escreviam em hebraico, pedindo saude para os membros da familia real.

«Em 5 de novembro de 1766 casou com uma parente, Myrian Lopes Dias, e entregou-se á vida commercial.

«O *Mercurio*, de França, de 1771, tambem diz o seguinte: «Segunda feira 15 de março, Mr. Pereira, pensionario e interprete do Rei, da sociedade real de Londres, teve a honra de ser apresentado ao Rei da Suecia pelo sr. conde de Scheffs, seu ministro, bem como tres discipulos d'aquelle, surdos-mudos de nascença, M. de la Voute, gentilhomem du Berry, Le Rat de Rouen, e Madeleine Marois, natural de La Vrillière. Esta ultima, tomando a palavra, fez um discurso a Sua Magestade sueca:

«Real senhor: A arte que desprendeu nossas linguas, nos consolava mediocremente contra os rigores da natureza; porém nossa sorte é hoje digna de inveja. A honra que ella nos alcança de apparecermos perante Vossa Magestade, preenche nossos desejos, e passa alem de nossas esperanças.

«Nós ajuntâmos nossos votos, real senhor, aos de todos vossos subditos, para que o Céu prolongue vosso reinado, e o accumule de prosperidades.»

«Depois d'este comprimento, que a joven Marois recitou mui distinctamente, todos os tres successivamente e por varias vezes responderam verbalmente a differentes perguntas, que a joven Marois comprehendia a maior parte das vezes por um simples movimento dos labios, e que o mestre transmittia aos outros dois pelo signal de um alphabeto manual mui expedito, de sua invenção. Todos os tres leram em voz alta n'um livro tomado e aberto ao acaso, e cada um d'elles teve a honra de fazer a este Principe o mesmo comprimento, escripto e assignado por sua mão.

«O Rei da Suecia deteve-se em frente d'este espectaculo perto de meia hora, e patenteou depois sua satisfação. Informado de que a joven Marois era a unica que não tinha fortuna e era orphã, deu-lhe provas de uma generosidade verdadeiramente real.

«Fôra La Condamine que tinha promovido esta apresentação, e eis os termos pelos quaes o conde de Scheffer, despedindo-se do celebre academico, lhe exprimia, n'esse mesmo dia, o prazer que tivera seu amo ao ver os discipulos de Pereira: «Ámanhã é preciso partir; mas não será, comtudo, sem vos haver agradecido infinitamente as lindas cousas que me tendes enviado, e, em ultimo logar, do prazer que tendes dado ao Rei, meu joven amo, ao ver o espectaculo muito philosophico de Mr. Pereira.

«A noticia que acabâmos de ler ácerca da apresentação dos tres surdos-mudos ao Rei da Suecia, fôra redigida por Pereira a convite de La Condamine,

que lh'a tinha depois enviado, dizendo: «Podeis, senhor, levar esta nota, onde fiz algumas pequenas alterações para melhor, a M. Suard, que vos ha de receber certamente bem. Podeis, se o julgardes a proposito, ir alli da minha parte, e apresentar-lhe meus humildes comprimentos.

«Se achar que a nota é excessivamente longa, a cerceará, no caso que elle julgue a falla de vossos discipulos menos importante que a do Rei de Inglaterra ao seu parlamento, ainda que, por certos motivos, ella seja mais curiosa. Emquanto a este ponto deixae-vos levar por aquillo que M. Suard quizer.= Vosso amigo e criado, *La Condamine.*»

«Em 1777 foi o Imperador Joseph II á França, e durante as seis semanas que esteve em París, sob o pseudonymo de conde de Falkenstein, parece ter sido a sua attenção attrahida para dois homens que se tinham consagrado á educação dos surdos-mudos, pois o vemos successivamente em relações com o abbade de l'Épée, a quem brindou com seu retrato enriquecido de diamantes, e com Pereira, que lhe foi apresentado duas vezes, a 7 e a 8 de maio, em circumstancias que trazem á lembrança uma carta que o leitor vae immediatamente ler. Foi então que mademoiselle Marois recitou a este Principe um comprimento redigido por seu mestre:

«Senhor conde: A grandeza de minha felicidade n'este mundo parece tornar a dar os laços que a tornavam immovel, e que a arte despedaçou. Quanto mais o meu coração sente essa felicidade, senhor conde, tanto menos minha bôca as póde exprimir[1].

«Não foi com seu retrato que Joseph II brindou Pereira, mas sim com um vaso feito dos paus de rhinoceronte, que a familia do celebre educador guardou como recordação de uma tal apresentação.

«Nos primeiros dias d'este mesmo anno de 1777, tinha Pereira recebido de Orleans uma carta pela qual um abbade, que declarava occupar-se, como elle, do ensino a surdos-mudos, solicitava a honra de encetar correspondencia com Pereira, e lhe pedia que tivesse a bondade de o ajudar com seus conselhos.

Não tenho agora, escrevia elle, mais do que o methodo de Mr. l'Épée. O resumido compendio dos seus principios não tira as difficuldades que sobrevem nas minhas operações. Se tiverdes a indulgencia de responder aos meus pedidos, meu reconhecimento será tão grande quanto elle o póde ser.

«Este correspondente era o abbade Deschamps, capellão da igreja de Orleans. Seu pedido foi, como era de esperar, bem acolhido por Pereira, e de modo tal, que pouco depois estava em París, onde nos primeiros mezes do anno publicava uma carta a M. de S.*** (Sailly), capitão de cavallaria, ácerca da instrucção dos surdos-mudos. Expunha o methodo por elle empregado para ensinar a fallar os mudos, e applicava-se a justificar a preferencia que dava á palavra articulada sobre os signaes cujo valor é incerto e arbitrario, e cuja interpretação é difficil para aquelles que a não conhecem. Para apreciarmos o acolhimento que lhe foi dado por Pereira, basta interrogar as cartas do abbade Deschamps.

---

[1] Este discurso, reproduzido na sua dissertação acerca da maneira de ensinar a fallar os surdos-mudos, tambem o foi nos *Avis divers*, de 26 de julho de 1777, e no *Bulletin polymathique du Museum d'instruction publique*, de Bordeaux, de 15 germinal, anno XI.

«Chegado a Orleans escreve-lhe em 25 de setembro:

«Não podendo já ter a honra de vos assegurar de viva voz os meus respeitos, permitti-me que o faça por escripto. Sensivel aos signaes de amizade que tendes tido a bondade de me dar, não sei como exprimir-vos meu reconhecimento. Será para minha applicação o merecer-vos cada vez mais vossa estima e vossa amizade, das quaes eu sou extraordinariamente avido.

«Termina sua missiva declarando-se muito honrado em estar em correspondencia com um tão grande homem como elle.

«Cumpre, porém, notar que na sua carta a M. de Sailly, o abbade Deschamps não falla de Pereira senão para reproduzir, na apreciação dos trabalhos d'aquelles que o precederam a elle mesmo Pereira, o juizo formulado ácerca d'elle em 1765 pelo cavalleiro de Jaucourt.

«Mas em 1779 faz apparecer o seu *Curso elementar de educação de surdos-mudos,* onde rende a Pereira o seguinte testemunho: «O habito em que estâmos de ouvir dizer que os surdos-mudos não podem fallar por se não poderem entender; o tempo immenso que tem percorrido sem lhe darmos uma educação que para elles fosse um remedio para seus males, faz que muitas vezes nos recusemos a acreditar verdades que n'este genero se annunciam. Todavia os prodigios assombrosos que tem operado o celebre M. Pereira, fazem fé. Os papeis publicados atroam com justo titulo com seus elogios. A academia das sciencias, essa sociedade tão conhecida pela sua illustração, tres vezes consignou nos seus annaes os justos tributos de elogio que merecia aquelle illustre educador. O sabio naturalista Mr. de Buffon derrama pelos escriptos de Pereira a gloria que lhe é devida. Le Cat, no seu *Tratado das sensações,* agrupa-se com esses dois homens para applaudirem os bons resultados, e transmittirem á posteridade o talento superior do sabio portuguez. A geração presente subscreve esses testemunhos authenticos prestados ao merito, e as gerações futuras nos hão de invejar a dita de o termos possuido. Seu nome ha de passar á mais remota posteridade: a immortalidade já está grangeada para elle[1].

«E mais adiante, reproduzindo o alphabeto dactylologico, cujo merecimento exalta, diz: «Somos devedores d'este conhecimento a um homem de um merecimento distincto. Teriamos desejado havel-o conhecido mais cedo. Tel-o-hiamos aproveitado para instrucção de nossos discipulos: mas nossa educação, havendo sido principiada com aquelle que nós já lhe demos, d'elle nos temos continuado a servir. Não é esta a unica obrigação que devemos á mesma pessoa. Desejariamos que ella nos permittisse dar-lhe publicamente uma prova sincera do respeito e do reconhecimento que temos para com ella; e fossem quaes fossem as cousas que houvessemos dito, ficariam ellas sempre muito áquem dos nossos sentimentos, e do vasto genio d'elle.»

«Mr. Séguin, que só repreduziu a ultima das duas citações que se acaba de ler, recusa-se a ver n'um trecho tal uma homenagem prestada a Pereira, e pergunta quem foi que disse ao abbade que era mister estar auctorisado por uma licença especial para dar publicamente uma prova de respeito e de reconhecimento.

«Mas uma tal prova já o abbade Deschamps a tinha dado na pagina que

---

[1] *Cours d'éducation*, pag. 43 e 44.

acabâmos de ler, como elle se gaba para com Pereira n'uma carta escripta de Orleans, a 29 de dezembro de 1779.

«Fazei-me o favor, lhe diz elle, de receber com a vossa boa vontade vulgar, os desejos sinceros que eu fórmo a favor de vós... Fiz com o maior prazer uma profissão de fé, publica e em alta voz, do respeito que eu tinha para com um homem tão grande como vós sois. Posso dizer que a ratifico sempre com a mesma satisfação.»

«N'esta carta desculpa-se de haver tardado em reenviar a Pereira um manuscripto que este tivera a bondade de lhe communicar, mas cuja copia ainda não podéra tirar, por causa de suas differentes occupações.

«Noto esta reclamação de Pereira por me parecer que tende a desculpar-se da censura que varias vezes lhe fizeram de ser mui ciumento em guardar o segredo do seu methodo.

«Em summa, tendo os trabalhos do abbade Deschamps sido inspirados e dirigidos por Pereira, são para nós de um grande interesse por nos poderem encaminhar em alguns modos de proceder do mestre. E o que vem acabar de manifestar o parentesco dos dois methodos, é que, tendo sido atacada a obra de Deschamps pelo surdo-mudo Desloges, no interesse do methodo do abbade l'Épée, foi defendida por um outro surdo-mudo nosso conhecido, Saboureux de Fontenay. E querem saber como o abbade Deschamps falla do mestre e do discipulo? Eis a noticia com que elle acompanha a carta de Saboureux: «Este sabio, surdo-mudo de nascença é o auctor d'esta carta. Teria desejado não poder seguir senão os sentimentos do meu coração, e os testemunhos devidos á verdade. Ter-me-hia alongado mais a respeito do seu elogio, se eu não tivesse receio de offender a modestia de um cidadão tão digno de ser admirado e respeitado. É ás lições do grande Pereira que elle deve as vastas luzes do seu espirito, e as qualidades do seu coração. Ao primeiro opusculo do abbade Deschamps, á sua carta a M. de Sailly anda ligada a ultima e uma das mais interessantes publicações de Pereira.

«Em 1777, sob o titulo de *Avisos diversos,* o abbade Aubert, conhecido por suas fabulas, as quaes Voltaire, com uma complacencia toda epistolar, não hesitava em pôr ao lado das de La Fontaine, fazia apparecer um annexo á folha de *Annonces et affiches,* que elle publicava desde 1752. Havia muito tempo que conhecia Pereira, e dezeseis annos antes tinha ouvido o joven Marois harengar ao conde de Saint-Florentin.

«Esta harenga reproduziu-a elle na folha de 31 de maio, annunciando a carta do abbade Deschamps: e em 24 de maio reproduzia uma outra em que citava uma joven menina que tinha muito bem articulado, e apresentado ao seu protector uma cabeça desenhada por ella. É, dizia elle então, uma observação que poderá dar ensejo a maus gracejos, mas que nem por isso parece menos verdadeira; que é mais facil dar a palavra ás raparigas do que aos rapazes; e, ao exemplo do estudante que tinha dado mais honra a Pereira, acrescentava, segundo o que diz o abbade Deschamps, o da filha de um ministro de Genebra.

«É rapariga ainda, diz o abbade Aubert, que nos jornaes estrangeiros citam como exemplo do estado florescente em que se encontra a escola estabelecida perto de Hamburgo por M. Heineck, em favor dos surdos-mudos de nascença, e que, segundo o que nós mesmos havemos dito, esta menina é um verdadeiro prodigio pela maneira distincta como ella agora se enuncia. Entre diversos

assumptos, tendo fallado sem lingua, citava uma menina de Nantes, que, privada de um tal membro, não deixava de sustentar uma conversa, e em o n.º 28, de junho, o amavel abbade reproduzia uma apologia da bibliotheca das mulheres, publicada no *Affiche de province,* de 6 de janeiro de 1762.

«Não contente com recordar assim os titulos de Pereira á admiração dos seus contemporaneos, o abbade Aubert se esforçou por violentar a discrição, na qual se obstinava em encerrar-se, e é á sua amigavel e victoriosa teima que somos devedores da seguinte carta, que mandou publicar em os n.ºs 22 e 26, de julho de 1777, do seu jornal intitulado: *Des avis divers.*

«Eu vos sou devedor, senhor, de um procedimento tão generoso quanto pouco vulgar, e de bom grado vos renovo os agradecimentos que já vos dei pessoalmente. Só vós, que eu saiba, dando ao abbade l'Épée, como tantos outros periodicos, os elogios que merecem sua caridade, seus esforços e seu zêlo em prol dos surdos-mudos, vós só, repito eu, tendes tido espontaneamente, não só a coragem de vos lembrardes de mim em vossas folhas, mas tambem a equidade de recordardes que fui eu o primeiro inventor moderno da arte de ensinar a fallar aquelles infelizes. Vós quereis, senhor, fazer ainda mais. Surprehendido da minha indifferença em publicar meus bons resultados e as honras que me foram conferidas, tanto nos ultimos tempos, como ha desde mais de quinze annos que vos tenho perdido de vista, tendes vós levado a modestia, quando ácerca de tal assumpto vos tenho fallado, até ao ponto de me pedirdes que vos envie tudo quanto eu encontrasse de papeis proprios a vos pôr, pelo menos, em estado de substituir meu silencio, e de comprovar meus direitos para com um publico que já não é, para assim dizer, o publico de 1760, nem com mais forte rasão o de 1750 ou 1745, epocha dos primeiros testemunhos prestados á minha invenção.

«Contente por ter feito com que revivesse uma arte util á humanidade, e da qual temos visto abrirem-se escolas por toda a parte, com melhor ou peior exito, accumulado de applausos, que julgo merecidos, e qual d'elles mais lisonjeiro, e por estes applausos os do publico, pelos beneficios do Rei, e por minha admissão na sociedade real de Londres, satisfeito com a minha sorte, apesar de mediocre: sem ambições, assim como sem invejas, e nada apreciando tanto no mundo, depois da minha reputação de homem honrado, como uma tranquillidade que para mim sempre tem sido querida, e que as enfermidades actuaes me têem tornado necessaria, tenho tido como maxima, desde muito tempo, occupar-me o menos possivel no que diz respeito á minha arte, de tudo quanto se não dirigir á maior perfeição para o bem geral e para a utilidade que d'ella podér resultar tambem para a minha familia em particular. Pois, não receio dizel-o, apesar de todas essas novas escolas, entre as quaes a do mui caritativo e mui edificante abbade l'Épée sempre despertará uma justa admiração, nada tenho visto até hoje que deva obstar a que eu pense que, se alguma vez vier ao mundo em algum estado da Europa um Principe ou grandes personagens surdos-mudos, eu não poderia deixar a meus filhos uma mais bella herança do que a do meu methodo particular.

«Andaria eu tanto peior, se procedesse de outra fórma ou procurasse provar a superioridade d'ell sobre todos os outros a que deu nascimento, quanto a comparação que cada um poder fazer de seus effeitos respectivos ha de ser o meio mais seguro e mais satisfactorio para d'isso se convencer; e aquelles que

não se acham habilitados para fazerem tal comparação, poderão dar credito a seus paes, que estando em estado de fazerem as devidas despezas pozeram seus filhos mudos nas minhas mãos, depois de terem observado essas differenças com todo o interesse que d'elles exige seu amor paterno[1].

*
* *

«O leitor já tem feito idéa dos merecimentos do nosso Pereira na arte de ensinar surdos-mudos. Cumpre tambem que saiba ter elle sido um distincto financeiro, o que se póde ver de pag. 362 por diante da obra que temos estado a recopilar.

«Ha tambem ácerca d'este Pereira uma obra intitulada: *Notice sur la vie de Mr. Pereira et ses travaux,* par Edouard de Seguin. Paris, 1847. Deve ser consultado o vol. das *Mémoires de l'academie de Caen,* anno 1825, e tambem M. de Gerando: *De l'éducation des sourds-mouets,* tomo I, pag. 435.

«Mas comparando o que referem dos resultados obtidos por Pereira com os obtidos sob sua vista por Magnat em Paris e na escola real de Madrid por M. de Villabrile, M. Eugenio Pereira chegou a acreditar e é tambem a opinião de M. Léon Vaïsse, que o que fazia a superioridade de Pereira era outra cousa, e melhor do que um processo particular, isto é — um meio que se não póde adquirir ou transmittir: «que era um conhecimento excepcional das relações da alma e do corpo, e algumas intimas relações que unem a psycologia e a physiologia: que era como uma pratica ao mesmo tempo instinctiva e reflectida da sciencia que devia expor Cabanis na mais celebre das suas obras». (Pag. 477.)

«Amigos leitores: deu grande brado no mundo scientifico o nome do nosso compatriota.

«O que vos posso affirmar, dizia um parente de Pereira, é que, apesar da sua doença hereditaria, mademoiselle de Magnitot, graças aos cuidados intelligentes, dos quaes fôra o objecto da parte de Pereira, conseguira articular e fazer-se comprehender. Acrescentarei em confirmação d'este facto, que foi ella quem me ensinou a ler e a resar minhas orações. Por conseguinte devia ella corrigir minha pronuncia tanto das letras como das palavras. Todavia como as palavras iam-se soltando da bôca lentamente, continuava a fallar-nos por meio de signaes, que ella mesma nos tinha ensinado para as communicações usuaes.

«Mademoiselle de Magnitot tinha um caracter dos mais amaveis: era dotada de uma grande piedade, mas de uma piedade doce e intelligente. Pintava e desenhava maravilhosamente, mas tudo com uma lentidão igual áquella que punha em articular as palavras quando queria fallar.

«Pelo que diz respeito a mademoiselle Marois, sua amiga, ouvi fallar d'ella sem nunca a ter visto. Creio ouvir dizer que ella viera uma ou duas vezes visitar

---

[1] Solier, surdo-mudo de nascença, de Vevay, na Suissa, filho de paes mui conhecidos por causa das casas commerciaes que tinham em Marselha e em Cadiz, só foi ser alumno de Pereira depois de ter estado vinte e sete mezes em outra escola. Este caso vem mencionado no volume V das *Mémoires des savants étrangers,* impresso em Londres em 1768.

Magnitot, e me recordo de um velho quadro representando a cabeça de Alexandre Magno, pintura a oleo, que diziam ser obra d'esta menina. Eis tudo quanto ácerca d'ella sei.

«Tendo n'uma segunda carta, perguntado ao pae de mademoiselle de Magnitot se nos poderia communicar algumas informações ácerca da «dactyologia» de Pereira, respondeu-me: «Emquanto a «dactyologia», recordo-me que por causa da lentidão da sua palavra mademoiselle de Magnitot servia-se com preferencia de signaes manuaes com minha mãe, que os manejava com grande habilidade. Meus irmãos e eu d'elles nos serviamos tambem; porém elles, mais idosos, muito melhor do que eu, que teria hoje difficuldade em tornar a achar na memoria um tal alphabeto.» E aconselhava-me a que visse taes alphabetos, que elle se recorda de ter visto quando menino.

«Cada letra, dizia elle, é representada por fórmas particulares dadas aos dedos da mão direita.

«O que nós procurâmos não é, como M. Magnitot parece crel-o, esse alphabeto manual, do qual o abbade de l'Épée falla tão desdenhosamente, e no qual não andou bem em fazer consistir todo o methodo de Pereira; alphabeto do qual a posteridade, por uma ironia inconsciente, tem na igreja de S. Roque gravados os signaes sobre o cenotaphio d'aquelle que tinha, diz M. Seguin, passado sua vida a escarnecel-os. É esta dactyologia, diz M. Seguin, da qual Pereira na sua resposta a Ernaud, da qual Saboureux de Fontenay e Maria Marois nos fizeram entrever os recursos; é aquella que Isaac Pereira, depois de a ter havido das mãos de Maria de Marois, ia confiar ao abbade Perier, em 1825, e que era já perdida em 1846, como se a delicadeza a mais elementar não se tivesse entrelaçado com o interesse da sciencia e da humanidade, para salvarem um tal deposito de confiança.

«A M. Seguin foi dado o realisar o voto de duas gerações, e particularmente o dos irmãos, que conservavam gravadas no coração e presentes no espirito essas palavras que sua respeitavel mãe lhes tinha muitas vezes repetido: «Lembrae-vos que sois netos de Jacob Rodrigues Pereira.»

«Foi M. Seguin que em 1847 fez com que apparecesse o excellente livro, que eu tive muitas vezes occasião de citar, e no qual contou tão bem a vida, e expoz o methodo de primeiro ensinador de surdos-mudos na França. Foi elle que de Nova-York, onde estava estabelecido desde muitos annos, teve a bondade de dar por escripto resposta ás nossas perguntas, as quaes n'uma recente viagem á Europa confirmou de viva voz, e eu folgo de lhe enviar, alem do Oceano, meus affectuosos agradecimentos pelas suas uteis e benevolas communicações.

«N'este mesmo anno de 1847, seis mezes antes da obra de M. Ed. Seguin, tinha apparecido o livro de Esquiros, intitulado: *Paris, ou les sciences, les institutions et les mœurs, au XIX siècle.*

«No fim do capitulo consagrado aos surdos-mudos, depois de ter commemorado os trabalhos dos abbades de l'Épée, Sicard e Bebian, o auctor, recordando os inuteis esforços para darem audição aos surdos, graças ao tratamento electrico, e ao magnetismo animal, conclue com Itard, que é na educação que é mister procurar os meios de suavisar uma enfermidade incuravel. Mas, querendo transportar a audição para os orgãos da vista, Esquiros não se contenta nem com a linguagem dos signaes, nem com os da escripta. A elles quer ajuntar a palavra, e, reconhecendo que, n'este caminho novo, as tentativas do abbade l'Épée não

foram estereis, não hesita em declarar que seus bons resultados foram deixados muito atrazados de Jacob Rodrigues.

«Voltaremos sempre, diz elle, no tocante aos surdos mudos que fallam, aos discipulos do famoso Pereira. No tornar a achar seu segredo, e em ampliar o uso, é que consiste definitivamente o progresso da educação em nossas escolas. Uma parte sã e intelligente d'estes desgraçados repararia assim sua irreparavel enfermidade: cada um d'elles poderia dizer como Saboureux n'uma carta autographa: «Quasi que não me lembro de haver sido surdo-mudo».

«No tocante ao segredo de Pereira, depois de ter principiado por advertir ao leitor que elle não tem jamais existido senão na imaginação de seus parentes e amigos, tenho deixado fallar tanto uns como outros, como elles quizeram. E d'ahi a vinte annos, sob os auspicios da familia Pereira, uma escola publica foi fundada em Paris para o ensino dos surdos-mudos por meio da palavra, havendo, todavia, dominado por um seculo, o do abbade l'Épée.

«Foi a 15 de setembro de 1880, isto é, um seculo dia por dia, depois da morte de Jacob Rodrigues Pereira, que apparecia na *Liberté* a carta por meio da qual eu annunciava a seu bisneto o triumpho da palavra, proclamado por uma voz quasi unanime pelos membros do congresso de Milão. Fôra dois mezes depois da morte sentida de Isaac Pereira, que, por zêlo para com a memoria de seu bisavô, por amor á sciencia e philantropia, tinha tomado tanto a peito a causa dos surdos-mudos. Não lhe foi dado gosar de um tal triumpho, que tinha preparado, mas nós nem por isso ficâmos desobrigados para com a sua memoria de pagar a divida de todos os surdos-mudos. É até certo ponto sobre seu tumulo que eu deposito este livro.»

ERNESTO (MAGIORA VERGANO CAO.).

Due Componimenti poetici umiliati alla Regina di Portogallo Maria Pia de Savoja. Ancona, 1865.

ERNESTO MONACI.

Canti antichi portoghesi, trati dal codice Vaticano con traduzione e note a cura di —— Monaci. Imola, 1873. Halle, 1875, in-fol.

Il Canzioneri portoghese della Bibliotheca Vaticana, messo a stampa da ——.

ESCALANTE (THOMAS ——).

E. *Vida ejemplar y muerte dichosa del V. P. Bartolomé Castaño, de la Compañia de Jesus de la Nueva España.* Mejico, por Ribera, 1708, in-4.°

«Bartholomeu Castanho, natural de Santarem, no reino de Portugal, entrou para a Companhia com vinte e um annos de idade. Consagrou-se ás missões de Cinaloa e de Sonora, aproveitando-se do seu talento para a musica, com o fim de attrahir os infieis ás verdades evangelicas. Os indios pozeram-lhe o cognome de *Indio sabio de la Sonora.*

Depois de vinte e cinco annos de fadigas veiu a fixar-se no Mexico, onde morreu em 1672, estimado e amado dos habitantes d'esta capital. Contava setenta e um annos de idade[1].»

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 106.

ESCHANEUR (A).—Lauréat de la Academie française.

Este congressista, na exposição anthropologica de Lisboa, em 1880, publicou no *Diario de noticias* de 5 de outubro o seguinte soneto em honra de Lisboa.

Les lettres, la science, ont leur divin flambeau.
Il rayonne partout où brille la pensée,
Et Lisbonne l'a vu, plus splendide et plus beau,
Au foyer qui reçut sa force condensée.

Salut, ville superbe au passé glorieux
Qui comptez maint heros, maint écrivain illustre!
Ton hospitalité, digne de ces ayeux,
De l'antique vertu semble être un nouveau lustre.

Salut, princes aimés, fiers d'unir vos labeurs
A ceux de tant d'obscurs et dévoués semeurs,
Tous vous aurez pour prix la gerbe nourrissante.

Sous un même soleil nous traçons nos sillons.
Il échauffe nos cœurs, grandit les nations.
Soleil de vérité, la force est triomphante!

ESCHWEGE (M. G. C. Dº ——).

E. *Journal von Brasilien, etc.* Maximilien Wied Newied. 4 vol. in-4.º Franckfort sur le Mein.

ESCHWEGE (W. C. Dº ——).

E. *Geographisch und Petrographisch Charte, &c,* ou carta geographica e petrographica, com os profis e alturas de Rio de Janeiro até Villa Rica, por ——. Weimar, 1819.

Vem mencionada no vol. XI dos *Annaes das sciencias, das artes e letras.* Paris, 1821.

ESCOBAR (ANTONIO ——).—Soldado natural de Pincio, que veiu com o duque de Alba á conquista de Portugal.

La felicisima jornada de la Magestad del Rey Don Felipe II en la conquista del reyno de Portugal. Valentiae, 1586[1].

ESMÉNARD (J.).

E. *La Navigation. Poeme par* ——. Paris, chez Giguet et Michaud, 1809, in-8.º, 2 vol.; 1.º, 243 pag.; 2.º, 391 pag.

Este poema canta as conquistas e navegações dos portuguezes, bem como as de outros povos.

Ainsi, quand la Castille, en ses vastes desseins,
Fixait son ancre avide aux bords américains,
Les hardis Portugais, sur les vagues rebelles,

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova,* vol. I, pag. 115.

Et bientot de l'Espagne égalant les succès,
Rivalissent d'orgueil, de gloire et de forfaits.
Sous des astres brûlants, leur audace guerrière
A du double tropique affronté la barrière;
Ils vont livrer l'Asie à de nouveaux combats.
Ó qui pourra jamais, s'attachant à leurs pas,
Suivre au champs de l'Indus leurs fatales conquêtes?
Près du cap redoutable où grondent les tempêtes,
Qui peindra l'Océan, solitaire et jaloux,
Abaissant devant eux ses flots et son courroux?
Ó toi, qu'ils invoquaient sur l'onde asiatique,
Nymphe do Mondego, deité poétique,
Repéte-moi, plutot ces vers pleins de douceur
Que t'apprit Camoens dans tes jours de bonheur:
Ah! que ne puis-je, aux lieux où chantoit ton poète,
Ranimer les accens de sa lyre muette,
Et retrouver encor, sur ces bords qu'il aima,
Près du cyprès d'Inès les lauriers de Gama!
Sous le ciel toujours pur de la Lusitanie,
Déjà, depuis long-temps, l'immortelle Uranie
Près des rives du Taje avoit fixé sa cour.
Ses sublimes leçons, dans cet heureux séjour,
Du pilote attentif éclairant la mémoire,
Ranimoient ce bel art qu'aux siècles de leur gloire,
Du soummet de leur tours et du pied des autels,
La Chaldée et l'Egypte apprirent aux mortels.
Un prince, triomphant du Maure et de l'Arabe,
Conquit sur les vaincus le savant astrolabe,
Qui des cieux inflammés mésure la hauteur,
Et qui, du nautonnier sage modérateur,
Consultant tour à tour la nuit et la lumière,
Lui marque sur les flots sa place et sa carrière.
Bientôt des Portugais le courage agrandi.
Montra leurs pavillons sous les feux du midi,
Du rivage africain parcourut l'étendue,
Et démentit l'erreur en tous lieux répandue
Qu'un soleil dévorant, dans ces sables déserts,
Consumoit la nature et bornoit l'univers.
Mais de faibles tribus, sur ces plages arides,
Ne pouvaient retenir les conquérances avides
Qui cherchaient de l'Indus les chemins oubliés.
De leurs premiers travaux les récits publiés
D'un prince ambitieux fixerent l'espérance;
Il appelle Gama, Gama dont la vaillance
Dirige également sa flotte et ses soldats...

ESPAGNE *et Portugal divisés en ses principales parties ou royaumes.* Amsterdam, chez Paul Mortier, 1693.

ESPAGNE *suivant l'etendue de tous ses royaumes et principautés, compris sous les couronnes de Castille, d'Aragon et de Portugal. Cartes géographiques.* H. Jaillot. 1781.

ESPAÑOL MATRITENSE.

Noticia individual del Sagrado Culto, con que la devocion desta Corte de Lisboa celebró en un octavario de solemnes fiestas la Canonizacion del gloriosisimo S. Andrés Avelino de los Clerigos Regulares Teatinos, en su Iglesia de nuestra Señora de la Divina Providencia, con la descripcion de su magnifico adorno. Hizola, motivado de su devocion, un ——. En Lisboa, en la Imprenta Real Deslandiana. 1713. 4.º, 31 pag.

ESPENERO (FELIPE JACOBO ——).

E. *Theatrum nobilitatis Europae, etc.* Francfort, 1668, fol.

«A fl. 131 traz a genealogia de El-Rei D. Sebastião, e a fl. 119 a do Senhor Rei D. João VI, na primeira parte. É obra muy celebre, sem embargo de que não são mais do que arvores de costados e de outras familias que têem origem real, as quaes têem com os claros cheios a livraria Ericeirana: *Opus Heraldicum.* Outros trabalhos d'este auctor fallam da casa real[1].

ESPION (L') *chinois, ou l'envoyé secret de la cour de Pekin, pour examiner l'état présent de l'Europe.* Traduit du chinois. A Cologne, 1783. 6 vol in-8.º

Encontram-se de vez em quando n'esta obra algumas passagens relativas a Portugal, e no vol. VI algumas cartas relativas aos negocios do nosso paiz.

*
* *

Carta IV.—O Mandarim Ni-u-san, ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Escrevo-te de Lisboa. Deus creou o mundo, e dez mil annos depois escarrou na terra, e fez Portugal. Este reino ainda é mais novo do que o de Hespanha; dir-se-ia que saíu hontem das mãos da natureza.

«Estão alli ainda os homens por formar, as terras por cultivar, e as artes por crear. É a America de Portugal. Portugal está ainda por descobrir.

«Diria de bom grado que este povo está no berço, e que apenas acaba de nascer. Talvez em outro tempo houvesse sido velho; porém tornou a caír na infancia.

«Notei que os governos europeus têem suas idades periodicas de força, de fraqueza, de grandeza e de aviltamento. Os povos são alternativamente poderosos, fracos, activos e desleixados.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 214.

«O estado presente de Portugal é o entorpecimento. Fallar-te-hei d'este povo em algumas das minhas cartas; pertence realmente á mesma terra que produz todos os europeus, porém os homens d'aqui são bem differentes de todos aquelles que produz o resto do continente.»

Carta X.—O Mandarim Sin-ho-ei ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«O Rei de Portugal tem estados immensos. Seu dominio estende-se sobre as quatro partes do globo. Reina, para assim dizer, sobre o universo. Seu sceptro une á Europa a Asia, a Africa e a America. A corôa d'este monarcha cobre o mundo inteiro. Os romanos, que conquistaram todas as nações da terra, não levaram tão longe seu imperio. Comtudo este grande monarcha é tão pequeno, que quasi não dá nas vistas da Europa. Mal se sabe que esta monarchia existe no continente; o motivo é porque apenas tem um numero mui pequeno de vassalos.

«Portugal está tão despovoado, que a villa em que nós fabricâmos a porcellana, tem mais habitantes.

«Esta falta de povoação não é o effeito de um vicio local. Portugal é talvez o paiz da terra mais proprio para a propagação da especie humana. Seu céu é bello e sereno; o physico não é alli sujeito a esses desregramentos que contrariam a natureza nas suas producções; esta falta de população traz sua origem do systema de governo. As leis relativas á agricultura estão alli sem vigor. É permittido a cada cidadão deixar seu campo por lavrar, e a toda a nação o fazer da monarchia um paiz inculto; ora, a cultura, como tu viste em outro logar, é a medida da população.

«Não ha nem colonos nem *ménagers* n'este reino; não se semeia alli, nada alli se colhe. A colheita d'esta monarchia faz-se nos novos mundos; levam-n'a todos os annos a Lisboa em saccos de couro com peças de oiro. É com este genero que ella se abastece de todos os outros.

«Vês, por isso, que esta nação está todos os dias na vespera de morrer de fome. Basta para isto que a colheita falte a duas ou tres nações que lhe fornecem o pão, para que ella o não tenha; pois os povos que fazem commercio de economia, não vendem mais do que o superfluo de sua subsistencia.

«As necessidades physicas devem achar-se no estado principal; as de luxo e de ostentação podem extrahir-se de outra parte, mas é mister sempre que o sustento e o vestuario sejam o fructo da cultura geral. É surprehendente que os povos que se dizem policiados não tenham taes noções, e que lhe possamos exprobar o ignorarem os primeiros elementos do governo politico e civil.»

Carta XIII.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Este reino é mais do que christianissimo, pois tambem é fidelissimo. Comtudo o chefe da religião de Christo começa a consideral-o como heretico. A côrte de Roma tem hoje alguns aggravos d'elle. O primeiro é o de ter duplicado a representação da peça da Santa Sé; pois actualmente ha em Lisboa um papa, alguns cardeaes, alguns monsenhores, e todo o resto da mascarada da santa capella. O Rei de Portugal dá a thiara *in partibus* a um de seus mandarins, e faz cardeaes, que têem o titulo de Principes da Igreja, nomeação que o successor de

S. Pedro diz ser este o unico que tem o direito de a fazer. O segundo é a prisão de um dos seus ministros, ou nuncios, que fizeram conduzir em ultima instancia para fóra do estado por alguns soldados, com as bayonetas caladas; attentado inaudito e que póde ter consequencias infinitas, pois se a bayoneta se envolver uma só vez nos negocios de Roma, a Santa Sé está perdida.»

Carta XVI.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres — De Lisboa.

«Portugal começava a tornar-se rico e poderoso, quando achou um grande thesouro na America, que o arruinou completamente. Este povo mandou homens para aquelles mundos novos, que escavaram a terra; tiram d'ella annualmente uma somma consideravel. Era impossivel imaginar cousa alguma mais propria para empobrecer os portuguezes.

«O oiro e a prata não são os signaes dos valores. Quanto mais estes se multiplicam, tanto mais ha necessidade d'elles para adquirir as cousas que representam.

«Ha cerca de duzentos annos que se comprava por uma onça de oiro na Europa o mesmo valor que se compra hoje por vinte e duas; é porque ha actualmente vinte e duas vezes mais d'este metal do que havia n'aquelle tempo.

«Se suppozermos que as minas portuguezas hão de render em dois seculos a mesma quantidade de oiro que renderam no passado, serão necessarias quarenta e quatro onças para comprar o que apenas custava uma ha quatrocentos annos; se Portugal redobrar a pesquisa das suas minas, para d'ellas extrahir duas vezes mais, verificar-se-ha a mesma proporção.

«Poderiamos predizer antecipadamente a destruição total d'este reino, e calcular com exactidão em que seculo estará completamente arruinado, isto é, em que tempo, á força de riquezas, estará reduzido ao extremo da pobreza.

Carta XIX.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.— De Lisboa.

«O commercio de Portugal faz-se por meio de trocas. Este povo dá oiro aos inglezes, que lhe tornam o valor em industria. Um politico por nome Cromwell, fez este tratado, pelo qual a Gran-Bretanha adquiriu o privilegio de arruinar Portugal, com exclusão de todas as outras nações da Europa; é hoje um dos mais bellos direitos da corôa de Inglaterra; o oiro do Brazil offereceu-lhe os meios de figurar na Europa.

«Sua mão de obra lhe dá soldados. Seus pannos e suas baetas lhe adquirem exercitos.

«Os thesouros de Portugal escoam-se completamente para a Inglaterra.

«É uma politica má a de enriquecer um só governo. Um povo arrisca menos empobrecendo-se em favor de alguns. A disposição de seus thesouros por differentes canaes conserva sua pobreza em equilibrio. Assim elle não teme os exercitos de um estado unico.

«No que diz respeito a ambição, é uma regra geral que a de alguns é menos perigosa que a de um só.

«A republica geral conjura raras vezes contra um só governo: é porque os interesses d'aquelles que d'elle fazem a conquista, são mais difficeis de conciliar para com ella, do que a propria conquista.

Carta XXIII.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«As artes e os officios estão banidos d'este reino. Os portuguezes são neutros na sua propria industria. Vem-lhes ella da Hollanda e da Inglaterra em navios. Emquanto áquelles, meros espectadores, nenhuma outra occupação têem senão a de não trabalhar; dir-se-ia que este povo encarregou os outros povos da Europa de o arruinarem, e que n'elles está descansado emquanto a este cuidado.

«Ha dez ou doze mil estrangeiros n'esta capital que vem de proposito dos paizes d'elles para despojarem o estado de seus thesouros.

«Os portuguezes, vêem-os accumularem grandes bens e desapparecerem depois com suas fortunas, sem que lhes venha jámais á lembrança o aprenderem d'elles o meio de enriquecerem. Estão na escravidão de suas proprias riquezas.

«Alguns portuguezes, um pouco mais activos do que os outros, pedem licença a estes estrangeiros para fazerem alguns pequenos negocios, e aquelles lh'a concedem debaixo da condição de que não hão de ser de grande importancia.

«Na Turquia são os judeus os agentes do commercio e da industria: aqui são os inglezes.

«Quando as frotas do Brazil chegam, repartem elles entre si os thesouros d'estes novos mundos: então os jantares, os bailes, as festas e os divertimentos começam. Os portuguezes, do fundo da sua indigencia, vêem estes festins, onde reina a profusão, a prodigalidade, e se julgam bem felizes em os quererem admittir á dissipação das suas proprias riquezas. Não sei se chegará tempo de darem de mão a estes estrangeiros: existem abusos, que uma vez admittidos tomam a fórma de systema. Seria necessario arriar todas as peças d'esta monarchia para poder prescindir dos que a estão arruinando.

Carta XXVII.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«A navegação em Portugal não está em melhor estado do que as artes: apesar de todos os negocios d'este reino estarem alem-mar, não têem marinha. Os portuguezes não sabem mais do que um caminho sobre o Oceano; toda a sua navegação se reduz em ir á America, e em voltar de lá.

«N'um certo tempo do anno, duzentas ou trezentas machinas de madeira, a que dão o nome de navios, vão por si mesmas ao Brazil sem que os pilotos quasi que pensem n'uma tal cousa. Todo o mundo póde ser bom para esta navegação. Não é preciso ser marinheiro para vir a ser mareante.

«O governo politico não tem marinha sua. Toda a navegação é mercante, e não trata de defender o estado, porque não é este o seu mister. Tenho ouvido dizer que os piratas de Alger ou do Tripoli tinham formado o projecto de vir raptar o Rei de Portugal no seu palacio, que fica na borda do rio, e não vejo motivo porque o não tenham feito, pois de todas as emprezas temerarias d'estes piratas esta é uma das menos arriscadas. Não ha nenhuma defeza maritima n'este porto que se possa oppor á approximação de cincoenta chavecos carregados d'estes corsarios.

«Um povo maritimo é bem fraco quando não tem sequer os meios de livrar seu Rei das incursões dos Barbaros.»

Carta XXI.—O Mandarim Sin-ho ei ao Mandarim Chimpi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Nos outros estados da Europa a administração é ordinariamente embaraçada para porem uma ordem nas finanças; a de Portugal está livre d'este embaraço; aqui não ha finanças; o ministro está livre d'este cuidado e de todos os trabalhos que a acompanham. Não estão obrigados a atormentar-se, como se faz n'outras partes para obstarem á dissipação d'ellas: o negocio está feito. É a propria administração que estabelece a desordem, permittindo o aniquilamento da industria, que era a unica que as podia manter no estado.

«Podemos considerar Lisboa como o deposito geral da distribuição do oiro. Alem de não ter a nação com que subsista, e que seja necessario que ella se despoje continuamente do seu numerario para viver, ha ainda outros meios de evacuação: o oiro é aqui uma mercadoria que se vem comprar para tornar a vender, e com o fim de que a venda seja certa, e que sua saída seja certa, o governo dá tambem peso, que ha sempre a ganhar levando-o para fóra.

«As finanças domesticas da corôa não estão em melhor estado que as do publico; os rendimentos do Rei estão na pilhagem. Não ha auctores de projectos que não façam uma descida a Lisboa e não apanhem alguma cousa da corôa.

«Seus embaixadores e seus residentes nas côrtes estrangeiras, tratam e fazem passar n'este reino homens ociosos e vadios, cujo genio e actividade se reduzem a produzir systemas. Vê-se aqui uma chusma de pensionistas estrangeiros, que não têem outra occupação senão a de comerem um rendimento fixo e permanente. Todas as recompensas em Portugal são vitalicias, isto é: cada pensionista tem o direito de dissipar as finanças do estado até ao fim de seus dias.

Carta XXXV.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Não ha muito tempo que um phenomeno medonho affligiu Portugal. Deus soprou sobre este reino; a terra abriu-se e Lisboa foi immediatamente engulida. Esta capital hoje nada mais é do que um montão de pedras. A nação acampa; faz por necessidade aquillo que os tartaros fazem por escolha.

«Não parece que a justiça divina esteja ainda applacada: sentem-se de vez em quando resentimentos da sua colera.

«Todavia este povo infeliz não póde resolver-se a abandonar o logar da desolação; os que têem escapado á morte vagueiam continuamente á roda d'esta cidade desgraçada, e parecem ter desejos do tumulo, onde estiveram prestes a ser engulidos.

«A nação endurecida já se esqueceu do raio pelo qual quasi ficou fulminada; entregou-se depois a uma alegria desmedida Os prazeres são mais vivos hoje em Lisboa do que o eram antes do terramoto.

«Vê-se alli um grande numero de assembléas, de jogos e de divertimentos.

«Os portuguezes dançam aos pulos em volta dos entulhos da vingança do Eterno! Desgraçados! Arrostam com a divindade e zombam da colera celeste.

«O governo, tão impio como o povo, emprehende reconstruir a capital no mesmo logar em que foi sepultada. Frequenta as casas onde a Providencia lhe indicou abysmos.

«Os habitantes não se curvam debaixo do peso do ceu. Obstinam-se contra

os decretos de Deus, e querem-se tornar mais fortes do que aquelle que com um só dos seus sopros póde destruir todas as nações da terra.

Carta XXXVIII.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Queimaram aqui, n'estes ultimos dias, tres vassallos do Rei de Portugal, que acreditaram que Deus não tinha morrido n'um patibulo entre dois ladrões. Allegavam as rasões que tinham para pensar que o Ente Supremo não se tinha aviltado até uma tal baixeza; mas a inquisição mandou lançal-os nas chammas sem lhes dizer as rasões que ella tinha para pensar de outro modo.

«O apparato d'esta barbaria se faz todos os annos com muita magnificencia; é a crueldade mais solemne que tenho visto na minha vida. Jámais a injustiça e a deshumanidade se mostraram sobre a terra com mais ferocidade e arrogancia.

«O dia em que se queimam os subditos de Sua Magestade Fidelissima é marcado com o cunho das acclamações publicas. É a maior festividade que se celebra n'este reino. Os sinos dos pagodes de todo o reino annunciam-na de vespera, com o fim de que o povo se possa dirigir a Lisboa para tomar parte no jubilo universal.

«É verdade que não ha nada tão divertido no mundo como este apparato de morte. O divertimento começa de manhã, por uma procissão, cuja marcha se abre pelos bonzos da inquisição, acompanhados pelas tropas do Rei, no meio das quaes estão as desgraçadas victimas, que se conduzem ao supplicio.

«Os actores que devem fazer as honras do «auto de fé» (é este o nome que n'aquelle dia dão á peça), são vestidos cada um segundo o seu papel. Os que têem de ser queimados, vão de habito mui grotesco, e os outros, que são apenas condemnados ao azorrague e ás galés, vestem tambem um mui caricato. Cada caracter é marcado pelo trajo; cada um designa o genero de crime do qual vae receber o castigo.

«Vemos em taes procissões bruxos e feiticeiros que voam nos ares, e que assistem regularmente todos os sabbados ao congresso nocturno dos feiticeiros.

«Alguns magicos que mudam o curso da natureza, e dão ordens ao inferno. Encantadores, que se tornam invisiveis, e que fazem com que os outros tambem assim se tornem.

«Herejes, que crêem que o papa é um homem, e a Mãe de Christo uma mulher. Maus christãos que não adoram as imagens.

«Peccadores obstinados, que não celebram a paschoa, e que se abstêem de praticar regularmente um sacrilegio todos os annos.

«Infieis que não crêem em cousas incriveis, e antes querem servir á luz da sua rasão do que á cegueira da dos outros.

«Rebeldes aos mandamentos da Igreja, e que desprezam Deus a ponto de comerem carne na sexta feira e no sabbado.

«Pedreiros livres, accusados do crime abominavel de se reunirem duas vezes por semana n'uma loja, para n'ella beberem uns com os outros.

«Judeus abominaveis até ao ponto de recusarem comer carne de porco, e de não trabalharem ao sabbado, etc.

«O logar da reunião geral da procissão é n'um pagode chamado de S. Domingos, de onde se expedem as barricas de enxofre e as sentenças para as galés.

É o logar menos divertido da praça. O pagode está forrado de preto, e parece trazer o lucto dos assassinios que vão commetter.

«Depois d'esta pausa a procissão continua com a mesma emphasis até á fogueira que deve servir de remate á festa. Os sargentos e os quadrilheiros que acompanham os pacientes á morte, são os primeiros do reino. A nobreza portugueza, aliás tão orgulhosa e altiva, esquece n'esta occasião seu orgulho, e sua arrogancia, para exercer assim um mister aviltante, que deshonra os mais vis mortaes da sociedade civil.

«Não te direi precisamente se o algoz que executa os condemnados do santo officio é fidalgo; em todo o caso, se o não é, poderia sel-o, pois na Europa, entre aquelles que conduzem os criminosos ao patibulo, e os que enforcam, não ha outra differença mais do que a corda. O Rei segue a procissão como os outros, vê perecer de uma tribuna oito ou dez dos seus vassallos, sem que lhe venha jámais á lembrança o perguntar porque os mandam matar.

Carta XLI.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Os monarchas da Europa não estão mais seguros no seu throno do que os da Asia. É provavel que seja uma serie do despotismo absoluto, porque por toda a parte as mesmas causas produzem os mesmos effeitos. Seja como fôr, não ha muito tempo que os grandes d'este reino resolveram matar o Rei. Levada a effeito a conspiração, os assassinos, que eram os primeiros da monarchia, podiam fazer-se senhores d'ella; pois nos primeiros momentos que se seguem a uma acção inopinada, é facil fazer tudo o que se póde ousar.

«A impunidade do crime estava na consummação. Morto o Rei, todas as portas da vingança estavam fechadas á justiça humana. Felizmente para Portugal, a conspiração patenteou-se uma obra prima de imprudencia, pois com o fim de que não fosse descoberta, até mulheres se tinham associado a ella.

«Todavia, parecia impossivel que o monarcha escapasse ao golpe fatal. Os Reis de Portugal têem uma tão grande confiança nos seus vassallos, que andam sem guardas. Sabiam que o Principe se retirava todas as noites de uma casa, pela meia noite, n'uma cadeirinha de porta com um simples creado. Os conjurados, que se tinham postado de distancia em distancia com armas de fogo sobre as avenidas do seu palacio, deviam alcançal-o. Um duque, chefe dos conjurados, foi o primeiro que descarregou sobre elle. O monarcha, sentindo-se ferido, em logar de continuar seu caminho, voltou para traz, e d'este modo deixou nas suas costas todos os seus assassinos.

«Nunca se soube ao certo a causa d'este attentado. Os conjurados não tinham bastante reflexão de espirito pedida pelo trama de um grande crime d'estado, para que o possamos attribuir a ambição; attribuem-no, por isso, a alguns descontentes particulares, e ao ciume que uma dama da sua familia, a quem o Rei visitava regularmente, tinha excitado na alma d'elles.

«Ao lermos a historia de Hespanha e de Portugal, descobrimos que as maiores calamidades que affligiram estas duas monarchias, trazem suas causas d'esta origem. O conde Julião, para vingar a affronta feita a sua mulher, chamou os mouros de Africa, que dominaram n'estes dois reinos durante mais de oito seculos.

Carta XLII.—O Mandárim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Pekin.—De Lisboa.

«Ha uma passagem na ultima conjuração de Portugal, que merece alguma attenção. A administração, não podendo quasi aprofundar o negocio do homicidio commettido na pessoa do monarcha, no meio de sua capital, por seus proprios vassallos, sem desdourar a nação na posteridade, usou de estratagema. Foi assentado por um longo memorial, que era uma sociedade de bonzos, os quaes, depois de entreterem os povos com maximas perigosas, tinham impellido os grandes a assassinarem o Rei.

«Esta accusação fez-se tanto mais voluntariamente, quanto a ambição d'aquelles homens fazia sombra a um certo homem de consideração, o qual encaminhava todo este negocio. Alguns bonzos foram presos e arrastados para as prisões.

«A Europa esperava a todo o momento seu supplicio; mas, embora se tivesse estabelecido um tribunal para os julgar, não se encontraram juizes para os condemnarem. Era necessario, comtudo, um exemplo, embora não fosse para mais do que para persuadir que não era uma vingança particular. A justiça civil, não tendo querido envolver-se n'este negocio, entregou um dos presos a outros bonzos, os quaes têem aqui a superintendencia das fogueiras. A ninguem se podiam dirigir melhor; estes teriam mandado queimar a sociedade inteira dos bonzos accusados.

«É verdade que o supplicio d'este vingou a communidade, da qual era membro; pois o fizeram morrer por crime bem differente d'aquelle pelo qual o accusaram. Não digo que os Principes christãos andem bem em manterem nos seus estados corporações de cidadãos ociosos, seria mister banil-os, quando mais não fosse, por causa do mal que estão causando na população e á industria. Ha, porém, tantos aggravos contra elles, que é uma baixeza, para os expulsar, accusal-os de crimes que elles não praticaram, e que até seu estado obsta a que os pratiquem.»

Carta XLVI.—O Mandarim Ni-u-san ao Mandarim Cham-pi-pi, em Londres.—De Lisboa.

«Fui jantar n'um d'estes ultimos dias a casa de um negociante inglez residente em Lisboa, que havia muito tempo me andava convidando. Como tinha ouvido dizer que os bretões dados ao commercio em Londres passavam uma vida frugal, esperava tambem um jantar frugal; mas, em logar d'este, tratou-se de um esplendido jantar, no qual reinaram a profusão e a abundancia. Depois do jantar fizeram passar os convivas para um segundo aposento, onde alguns lacaios com libré de gala serviram o café em taças de oiro.

«Depois de tomado o café tratou-se de entreter a companhia com algum divertimento. Propozeram-me que jogasse o *whist*. Excusei-me, dando por desculpa a ignorancia em que estava, sobre tal jogo. Então o dono da casa, tomando a palavra, disse, dirigindo-se-me: «Não recuseis, senhor, tomardes parte n'um jogo difficil. Nós jogamos apenas para nos entretermos. É mister ser bem desgraçado, continuou elle, para n'um intervallo em seguida ao jantar perdermos cincoenta moedas em oiro»; isto é, cerca de tresentas onças de prata macissa. Quando

eu soubesse o jogo só este divertimento teria bastado para me enjoar d'elle. Deixaram-me, e os outros convivas sentaram-se em volta das mesas, e começaram a jogar. Estive entretido duas ou tres horas vendo seu jogo, e notei que alguns d'aquelles negociantes tinham perdido n'aquelle espaço, depois do jantar, duzentas ou tresentas peças de oiro para se entreterem.

«Terminada a scena do jogo, o dono da casa mandou a seus lacaios que posessem os cavallos no trem, e um momento depois fez com que eu entrasse n'um trem magnifico, que nos levou ao *Long-Room*. É uma assembléa sustentada pela feitoria ingleza, na qual se ri, come, bebe e se diverte durante todos os dias do anno, desde as seis horas da tarde até á meia noite.

«Havia n'aquella noite um baile de ceremonia. A entrada na sala encantou-me. Nunca vi tanto luxo e magnificencia.

«Poderiamos tomar estes negociantes por pequenos soberanos, e suas mulheres por outras tantas vice-rainhas. Depois de terem dançado cerca de duas horas, passou a sociedade para uma outra sala, onde estava uma mesa com duzentos talheres. Serviram então uma ceia que teria dado honra á magnificencia do maior monarcha da Europa. Sómente as damas se sentaram: os cavalheiros, de pé, atraz d'ellas, as serviram. Depois da ceia levantaram-se da mesa, e os homens sentaram-se por sua vez, e serviram-lhes uma nova ceia.

«Emquanto estes cavalheiros estavam á mesa, voltei eu para a sala de baile, onde me assentei perto de um bretão vestido modestamente, que havia pouco tinha chegado de Londres. Julguei, pelos seus ares, que não estava muito contente com toda esta ostentação.

«—Senhor, lhe disse eu, peço-vos a mercê de me explicardes este enygma. Estâmos aqui n'uma assembléa de commerciantes, cuja parcimonia e economia são ou devem ser suas virtudes principaes; e todavia achâmo-nos n'um logar de profusão e de magnificencia. Qual é, pois, a divindade que preside aqui?

«—A loucura, me respondeu elle. Todas as pessoas que estaes vendo n'estes aposentos, são seus adoradores. Mas o mal é que a Gran-Bretanha perde com este luxo, pois os portuguezes, entre os quaes se fazem estas despezas estravagantes, ficam com aquillo que a nossa industria ao principio lhes tinha apanhado. Podemos dizer que a mão de obra de nossos artistas está convertida aqui em festejos e em divertimentos. Ha na actualidade em estudo um projecto de mascarada, que ha de custar mais de 1:000 guineos á feitoria, isto é, á nação, pois é ella quem ha de pagar as despezas.

«—Peço-vos que me digaes que sorte de mercadores são estes?

«—São, me respondeu, aquelles a quem nós damos o nome de commissarios. Remettem-lhes mercadorias da Inglaterra, e estes as vendem por conta dos negociantes inglezes.

«—E prestam, ao menos, boas contas?

«—Oh! Oh! Emquanto a isso muito boas, pois para que não haja algum erro nos artigos, nada absolutamente vendem. Podemos considerar as fazendas remettidas de Londres para Lisboa, como um objecto de mão morta, que fica perdido para sempre. Ha seis mezes que cheguei de Inglaterra para regular meus negocios com meu correspondente, que esta noite faz as honras do baile, e que está melhor vestido que o Rei George, sem que ainda o tenha podido conseguir. Ameaça-me de que, se eu apertar muito com elle, fazer com que os nossos negocios sejam terminados pela justiça portugueza. Se as cousas chegarem até tal

ponto, minhas contas ficam reguladas: posso retirar-me como vim, pois tem de passar-se um seculo em Lisboa antes que o processo seja julgado.

«Durante aquelle tempo os cavalheiros tinham-se dirigido para as salas onde nós estavamos. Retirámo-nos para um recanto, de onde podiamos ver toda a sociedade sem quasi darem fé de nós.

«— Sem duvida, disse eu ao meu bretão, conheceis vós a carta d'esta assembléa,? Querereis vós ter a bondade de me explicardes as figuras?

«— Conheço algumas, e d'ellas lhe vou fallar. Mas é mister que antes lhe dê uma idéa geral do quadro, sem o que, o enygma se conservaria sempre. Em primeiro logar, todos quantos vêdes aqui são pessoas transplantadas, a quem o acaso ou a indigencia conduziu para aqui. Da pobreza em que nasceram á abastança de que estão gosando, ha uma differença enorme. Ha cousa de seis annos estavam elles arruinados por seu luxo relativo; toda a feitoria havia de fazer bancarota, quando a colera do Céu se tornou para ella um recurso. O terramoto segurou um grande numero de casas que estavam prestes a desabar. O incendio geral operou um prodigio que as casas inglezas, que têem negocios em Lisboa, jamáis haveriam esperado. Queimou os objectos que alli não existiam. Poderiamos comparar este fogo ao fogo gregorio, que queima de longe. Prestae attenção a este homem que está defronte de nós: é um negociante de Hamburgo. Não era rico na vespera do tremor de terra que derribou Lisboa, mas no dia immediato encontrou-se muito opulento. Realisou 50:000 libras esterlinas de fazendas que pertenciam a seus correspondentes, e que tinham sido queimadas. Poderiamos chamar a isto, em termo de incendio, renascerem as cinzas da velhacada.

«—Vedes aquelle homem baixinho ao lado d'aquelle de quem eu acabo de fallar, e que tem os olhos tão vivos? Estava trabalhando no seu balanço quando o phenomeno queimou seus livros. Foi-lhe mui favoravel o tremor de terra, e d'elle colheu duas vantagens grandes, pois ganhou credito no dia em que perdeu sua mulher...

«— Permitti-me que vos pergunte, interrompi eu n'este ponto, quem são esses cavalheiros que trazem uma tão grande fita vermelha nos seus fatos, aos quaes vemos dispersos por varios pontos da sala, e para com os quaes têem tantas deferencias?

«— São fidalgos, ou grandes do reino.

«— Que estão elles fazendo aqui? Parece-me que não estão no seu logar.

«— Eu vol-o vou dizer. Vem affectar de muita consideração em publico, e vão depois rir em particular da loucura dos inglezes.

«— E este gentil commerciante que está no fundo da sala? O commercio deve sentir-se illustrar por ser feito por um homem de tão bella figura!

«— O cavalheiro que vós quereis conhecer, me disse elle, não é negociante, é embaixador da primeira corôa da Europa.

«— É ainda bem novo, lhe disse eu, para estar iniciado nos segredos de uma grande corôa!

«— Um casamento o elevou de repente ao ministerio. Casou com uma viuva cujo marido ainda está vivo. Toda a Europa ficou espantada de o ver subir de repente a um tal logar; mas que quereis? É mister fazer alguma cousa em prol das pessoas que têem assás força de espirito para se porem superiores aos preconceitos.

«— Se me não engano, aquelle que está ao seu lado é tambem agente de alguma corôa...

«— Não vos enganaes; é um ministro, que do commercio se elevou á embaixada; porém isto é muito vulgar no estado republicano onde nasceu. Dizem ter agudeza de engenho; eu, porém, desejava que elle tivesse um pouco mais de bom senso. Nos seus primeiros tempos era pobre: tinha necessidade de fazer um bom casamento, e fel-o muito mau. É verdade que o governo que o fez ministro o abasteceu, mas eu não gosto d'esses homens que se fazem pesados ao estado com o fim de repararem suas loucuras.

«— Quem é aquelle homem de uma tão boa apparencia, mas que está penteado de um modo tão exotico?

«— É, me respondeu elle, um negociante hollandez residente do Rei de Portugal. Este Principe, sem jámais o ter visto nem conhecido, o fez seu ministro, mas encarregou-o ao mesmo tempo de não se intrometter nos negocios do Principe n'aquella côrte. É propriamente um alvará de prudencia para a sua vaidade. Os Principes são como esses artistas habeis, que dão consideração ao mais vil objecto.

«— Se me não engano, vejo alguns outros ministros ao lado d'aquelles de quem acabaes de fallar?

«— Não; aquelles são consules.

«— Que entendeis vós por um tal nome?

«— São os escudeiros dos estados, os aprendizes da politica.

«— Parece-me que a maior parte de taes rapazes são bem velhos! Porventura não sobem gradualmente até chegar a consules?

«Não, respondeu-me; fazem-se de prompto.

ESPINOSA (DR. JUAN DE ——).

Apologetico en favor de D. Luiz de Gongora, contra Manuel de Faria y Sousa. Lima, 1694, 4.º

ESPINOSA (MIGUEL SANTOS ——).

Historia de G. de Espinosa, pastelero en Madrigal, que fingió El Rey D. Sebastiano de Portugal. Xerez, 1683.

ESPRIT (L') *de l'Encyclopedie, ou choix des articles les plus agréables, les plus curieux et les plus piquants do ce grand Dictionnaire.* Paris.

No vol. VII vem um artigo ácerca de Lisboa, o qual tambem se refere a Camões.

ESSAI *de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne, par A. R. Gonçalves Vianna. (Extrait de la Roumania,* tomo III). Paris, 1883, in-8.º gr. 1–70 pag. compacto.

ESSAY (AN) *towards a system of Mineralogy. By Axel Frederic Cronstadt, Mine-master or Superintendent of mines in Sweden. Translated from the original Swedish, with annotations, and an additional treatise on the Blow-pipe. By Gustav von Engestrom, Counsellor of the College of Mines in Sweden.*

The second edition, greatly enlarged and improved, by the addition of the

modern discoveries; and by a new arrangement of the articles by John Hyacinth de Magellan, Talabrico. Lusitanus, et Reg. Soc. Londin. Academiarum Imp. Scientiar. Petropolit. et Bruxell. Reg. Ulisipon. Madrit. et Berolin. Societ. Philos. Philadel. Harl. et Manchest. Socius; et Acad. Reg. Paris. Scientiar. Correspondens. In two volumes. London, Printed for Charles Dilly, in the Poultry. 1788. Vol. II, de pag. 433 até 1:040.

ESSAI *statistique sur le Portugal.* Bordeaux, 1810.

ESSAI *sur les évenements de Portugal.* Paris, 1833.

ÉTAT (L') *de l'Espagne, du Portugal et de la Savoye.* Paris, 1670.

ESTEVÃO (P. THOMAZ ——).— Inglez. Floresceu nos fins do seculo XVI e principios do XVII[1].

E. I. *Doutrina christã em lingua bramana, canarim, ordenada á maneira de dialogo, para ensinar os meninos.* Rachol, 8.º

O *Oriente conquistado* declara que esta obra é a cartilha do padre Marcos Jorge, vulgarmente conhecida pelo nome do seu reformador, o padre mestre Ignacio Martins.

II. *Discurso sobre a vinda de Jesu Christo Nosso Senhor ao mundo, dividida em dois tratados, pelo padre Thomaz Estevão, inglez, da companhia de Jesus.*

Este livro teve tres impressões. A primeira foi impressa em Rachol, com licença da santa inquisição e ordinario no collegio de Todos os Santos da companhia de Jesus; anno 1616. A segunda impressão foi concluida no anno de 1649. A terceira em Goa, com licença da santa inquisição e ordinario no collegio de S. Paulo novo, da companhia de Jesus; anno de 1654.

III. *Paixão de Christo Nosso Redemptor, composta pelo padre Thomaz Estevão, da companhia de Jesus, acrescentada por Pascoal Gomes de Faria, presbytero da ordem e habito do Principe dos Apostolos, S. Pedro, natural de Batthim, freguezia de Nossa Senhora de Guadelupe, da ilha de Goa. Com algumas cantigas que vão no fim.*

ESTEVES (JUAN ANTONIO ——).

E. *Loa alegorica que en celebridad del cumpleaños de la Reina nuestra Señora Doña Mariana Victoria, ha de representar el dia 5 del presente mes de abril la compañia comica española, que con permiso del ilustrisimo y excelentisimo señor presidente del Senado, se halla actualmente representando en el lugar de Belen, y la dedica a tan soberana Magestad su autor ——.* Lisboa, en la imprenta de Antonio Rodriguez Gallardo. Año de 1774. 8.º de 14 pag.

Existe um exemplar na bibiotheca de Ajuda.

ESTREMOZ, *town and fortress of Portugal. Plan. gr. p. J. Suffman.* London, 1801. $0^m,15 \times 0^m,12$.

---

[1] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Grammatica da lingua Concani,* Nova Goa, 1857.

ESTUDIOS *sobre las relaciones mercantiles entre España y Portugal.* Cadiz, imprenta Iberia, 1880. 8.º IV — 122 pag.

ÉTAT *présent du royaume du Portugal. 1766.* Lausanne, 1775.
—— *Nouvelle édition.* Hambourg, 1797.

ÉTUDE *historique sur le marquis de Pombal. 1738-1777.* Bruxelles, 1868, in-8.º

Retrato do marquez de Pombal. Papel especial. Encadernação em carneira vermelha, dourado por folhas, pastas ornadas com a corôa e inicial do ultimo marquez, a quem este exemplar foi offerecido, e com dedicatoria autographa.

ÉTUDES *de grammaire portugaise, par A. P. Gonçalves Vianna.* Louvain, 1884. 15 pag.

ÉTUDES *sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien continent, avant Christophe Colomb.* Paris, 1869.

EUGÈNE EMLER.

Conflict Anglo-Portugais. Opinion de la presse parisienne recueillie au jour le jour du 15 décembre 1889 au 27 janvier 1890. Par ——. Paris.

*
* *

«La presse européenne voit très-clairement la situation engendrée par le conflict créé par l'Angleterre au Portugal. Un journal de Lyon le résumait parfaitement ces jours-ci en disant ce que la géographie a sans cesse repeté: «Il suffit de jetter un coup d'œil sur la carte d'Afrique méridionale, pour voir que les possessions portugaises de la côte orientale et de la côte occidentale du continent noir, c'est-à-dire Angola et Mozambique, gagneraient à se rejoindre. Tel a été, de toute l'eternité, l'objectif du Portugal. C'est vers ce but qu'ont toujours et tendent ses efforts.

«Or, les anglais ont la prétention de créer, eux, nouveaux venus par la, un état, qu'ils appellent le Zambezia, destiné dans leur espirit à être un premier acheminement vers la constitution d'une Afrique anglaise, allant de l'Egypte au Cap.

«Toute la question se résume donc à ceci: les anglais veulent couper quand même les portugais leur barrent la route. Et alors ils envoient promener les portugais.

«Nous tenons de source certaine que lord Salisbury fait litière de la science géographique et des droits historiques soutenus par les sociétés de géographie de Lisbonne, de Madrid, de Montpellier, etc. Ce qu'il veut, avant tout, c'est de s'emparer, au profit de lord Fife, des riches mines d'or situées dans les pays qui appartiennent au Portugal de temps immemorial, et probablement depuis l'immortel Vasco da Gama, chanté par le poète Camoens.

«Notre compatriote, le vaillant capitaine Trivier, qui vient de traverser l'Afrique de part en part, et de rentrer en France lundi dernier, nous éclairera

bientôt dans ses détails, sur l'origine de ce grave conflict que a mis les portugais et les anglais aux prises sur les rives du Nyassa et du Zambèze, et qui vient d'occasioner le nouvel acte de violence du gouvernement anglais qui soulève l'universelle desapprovation.

«Nous disions dernièrement qu'il y avait des tragedies à craindre, parce que le conflict ne nous paraît pas terminé, et que si la force prime un instant le droit, le dernier mot ne sera pas à la force... nous l'esperons bien.

«Il faut tenir compte, en effet, des forces portugaises dans la region où les anglais ont cherché un conflict. Il y a là, 5:000 hommes, armés tout à la européenne. Et le camp de Serpa Pinto possède 4 cannons de 8 centimètres, 3 mitrailleuses et 3 navires de guerre, bateaux de rivière sont à l'ancre devant Tchiroumo.

«..... .....»

EUROPE *vivante ou relation nouvelle historique et politique de tous ses états jusqu'à l'année presente.* De pag. 369 a 384 falla de Portugal.

EVANGELICAL *Christendom. Christian work and the news of the churches.*

É tambem uma obra de propaganda protestante, e vae dando noticia dos seus progressos em todo o mundo. Por exemplo, no dia 1 de maio diz o seguinte:

«Um dos numerosos dias santos que alliviam a facil tarefa de um anno em Lisboa, é o dia da festa do Coração de Jesus. É especialmente do grande tom, e tem origem real, e é celebrado pelo sequito da casa real na Estrella.

«Occupando o cume do monte de Buenos Ayres, seu zimborio é uma das conspicuas notabilidades da cidade vista do rio. Foi fundada no remate do ultimo seculo pela Rainha D. Maria I, em cumprimento de um voto que se cumpriria debaixo da condição do nascimento de um herdeiro. Desde então sua consagração tem sido o refugio d'aquelles que têem derramado lagrimas de Annaz em a casa do Senhor em Shiloh.»

Depois descreve a igreja de S. Roque e da Sé de Lisboa; diz que nenhuma cousa importante possue que a distinga. Alguma cousa diz de S. Vicente e dos tumulos. Falla da Graça; conta uma anecdota, e estende seus passos até á Penha de França, e não se esquece de fallar do lagarto.

EVANGELIUM *Jesu Christi quo Franciscus Xaverius Sanctus ex India Christiana evasit.* Graecii, Widmanstaduis, 1772, in-8.º

EVASIO LEONE.

E. *Le virtu del Trono, cantata per la nascita di S. A. R. D. Antonio di Braganza.* Parma, 1796, in-fol. Edição de muitissimo luxo.

ÉVEQUE (HENRY L'——).

E. *Costume of Portugal dédié a Mr. Antoine d'Araujo d'Azevedo, par* ——.

É um volume contendo cincoenta estampas coloridas com a correspondente explicação em francez e inglez. Sem data nem logar de impressão.

EVORA GLORIOSA.

É uma obra in-folio impressa em Roma no anno de 1728, é muito estimada.

O estampador ou editor diz o seguinte:

«La favella portoghese è così poco usata in questi nostri paesi, che questa è la prima volta, che l'hanno parlato i mei caratteri, essendo necessario a tal fine, non solamente di formar nuove lettere, ma di più copiando l'originale à maniera di quei, che copiano le pitture maravigliandosi non poco i compositore di vedere che parlavano colla stamparcio, che non sapevano proferire con la lingua, e però doverá il benevolo lettore compatire benignamente gl'errori.»

EVREUX (YVES D' ——).

Voyage dans le Brésil, fait durant les années 1613 et 1614, par le père ——. Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque impériale de Paris. Avec une introduction et des notes par Ferdinand Denis. Leipzig, 1864, in-8.° XLVI-456 pag.

*
* *

«A obra que a livraria Hérold escolheu para formar o tomo II de sua *Bibliotheca Americana,* e cujo titulo acabâmos de ler, foi composta por um modesto e laborioso capuchinho, que pertencia na epocha de Luiz XIII, ao convento da rua de Saint Honoré[1]. Este capuchinho, o padre Yves d'Évreux, nomeado superior de uma missão enviada, a pedido de Maria de Médicis, para fundar um convento na ilha do Maranhão, teve a vantagem de residir no Brazil, nos annos de 1613 e 1614, e de se iniciar nos costumes das populações aborigenes d'este futuro imperio, n'uma epocha em que nos faltavam quasi completamente dados ácerca d'esta parte do novo mundo.

«Vinha tanto mais a proposito reimprimir a obra de Yves d'Evreux, quanto ella nunca foi publicada, havendo sido destruida por motivos politicos, com excepção de um só exemplar, ainda assim incompleto, que François de Razilly obteve por meios subtis, que mandou encadernar ricamente com as armas da casa de França, e offereceu a Luiz XIII. Este exemplar foi depositado pelo Rei negligente nas estantes da bibliotheca que Mr. Ferdinand Denis desenterrou do pó para o submetter á apreciação dos americanos. Yves d'Évreux, diz o sabio bibliothecario de Santa Genoveva, não é sómente um pintor habil, um contador ingenuo: é um admiravel observador dos costumes de uma raça, para assim dizer extincta, e nunca serão de mais as vezes que o consultemos. Para não apresentarmos mais de um exemplo, entre os que offerece em grande numero, é elle o unico que descreve os verdadeiros idolos modelados em cera pelos indios, ou esculpidos na madeira.»

EXAME *de la constitucion de D. Pedro, y de los derechos del Infante Don Miguel, dedicado á los portugueses fieles.* Paris, 1827.

---

[1] *Actes de la Société d'Éthnographie Américaine et Orientale,* Paris, 1865, tome IV, pag. 187. Id. tome V, pag. 99.

EXAMEN *de la constitution de D. Pedro et des droits de D. Miguel.* Lisbonne, 1827.

EXCELLENT *et libre discours du droit de la succession Royale au Royaume de Portugal. Et de la légitime succession du Roy Dom Anthoine. Avec plusieurs lettres curieuses des Papes, Roys, Princes et Monarques de Christienté, sur la recognaisance du dit Don Anthoine Roy de Portugal. Utile et nécessaire aux amateurs de justice et d'équité.* A Paris, chez Jean Micard, tenant sa boutique au Palais, en la galerie allant à la Chancellerie. 1607, in-12.

EXÉCUTION *du P. Malagrida, jésuite, auteur du régicide commis sur le Roy de Portugal, le 3 septembre.* 1758, in-12. 12 pag.

EXPÉDITION *de D. Pedro en Portugal.* Paris, 1836.

EXPOSÉ *des droits de D. Maria II et de la question portugaise, avec les pièces justificatives et documens à l'appui.* Paris, 1830. Em duas partes.

EXTRAIT *du bulletin de la société de géographie relatif au Portugal.* Paris, 1847, in-8.°

EXTRAITS *des assertions dangereuses en tout genre par les soit-disants jésuites.*

É contra os feitos dos jesuitas tanto em Portugal como na America.

EYMERICO (N.).

E. *Manuel des Inquisiteurs para uso de las Inquisiciones de España y Portugal. Traduccion del frances par Fr. Marchena.* Montepellier, 1821.

EZIGA (PABLO DE —).— Ex-lector de sagrada theologia, theologo de la nunciatura de España, examinador de su tribunal apostolico, examinador synodal del arzobispado de Granada, y obispado de Guadix, y guardian de su convento de capuchinhos, casa grande de esta ciudad de Granada, etc.

E. *Oracion panegyrica gratulatoria predicada en el religiosisimo convento de San Juan de Dios, de la ciudad de Granada, en la solenisima festividad, que su venerable y santa communidad consagró a su gloriosisimo patriarcha, en la translacion de sus sagradas reliquias, que vino á ejecutar oculta y repentinamente desde la córte de Madrid á esta de Granada, el reverendisimo padre frey Rodrigo Genorymo Venegas, dignisimo general apostolico del sacro orden ospitalario. Dixola el R. P. frey ——. Mandola imprimir a sus expensas el M. R. P. frey Alonso de Jesus y Ortega, Prior que ha sido en los conventos de Priego, y Sevilla, secretario general de su religion, provincial actual de esta provincia, de Andalucia, y prior de este observantissimo convinto de Granada, casa primera de el esclarecido orden de San Juan de Dios. Y la dedica al reverendisimo P. frey Francisco Barradas, comissario general de la nueva España, y fundador del convento de Mejico, del mismo sagrado Orden.* Madrid, en la imprenta de Manuel Martinez. Sem data. Com o retrato de S. João de Deus.

F

«O conde Gorani, tratando das confiscações dos bens dos culpados, a favor da corôa, diz: «Os Reis de Portugal têem sempre tido n'estes casos tal dignidade, que deve servir de lição a outros monarchas.»

Recherches sur la science du gouvernement, vol. I.

F. A. F.

The homily preached in the Church of the Convent of Nossa Senhora da Graça in Lisboa, on Saint Augustine's day the 28th of August 1809. By his Excellency Don Fr. Joachim de Menezes and Attayde, of the Order of Saint Augustine, Bishop of Meliapor, Preacher to his Royal Highness the Prince Regent of Portugal, and one of his Privy Council. Translated into English, is humbly dedicated to the honorable Mr. Williers his Britannic Majesty's Minister in Portugal. By ——. Lisboa, na impressão regia. Anno 1810. 4.°, 50 pag.

F. ALVAREZ RIBERAE.

De successione Regni Portugalliae. Matriti, 1621, 4.°

F. C.

Anonimous poems. Imitations from Camoens. London, 1850.

F. (J. F.)—Vecino de Sevilla.

Copia de Carta, en que se hace una succinta y veridica descripcion del sumptuoso Aparato, que se dispuso en la muy Noble y muy Leal ciudad de Sevilla, para la festiva entrada de los Reyes Católicos, dia 3 de febrero deste Año de 1729. Dá-se en ella pontual noticia del adorno y arcos triumfales, que se hicieron en todas las calles del transito, desde Triana, hasta el Real Alcazar. Y se recopilan los Hyeroglificos, Chronicos, Inscripciones, y Epigrammas, que se pusieron, con toda la demás Obra Poetica Latina, descifrado su concepto en la Española. Escribiala D. ——, *y la remetió á un Amigo suyo residente en Malaga.* Con licencia.

En Sevilla, por la viuda de Francisco Leefdael, en la Casa del Correo Viego. 8.°, 19 pag.

.....
En nuestros pechos, Princesa,
la que es emula de Flora,
venga de Castilla Aurora,
si fué Estrella Portugueza;
mucho este reyno interesa
en lograr sus perfecciones,
pues por ella dos Naciones,
igualando potestades,
estrecharan á unidades
las que parecen uniones.

Viva Maria, decoro
de Lusitania y Castilla,
que ha de ser para Sevilla
Iris de paz, meteoro.
Feliz vuestra soberana
Deidad celebre este union
entre el Hispano Leon,
y la beldad Lusitana;
que Sevilla muy ufana
con tal gloria se gloría;
la que advertiendo este dia
en su esfera esclama fiel
con Felipo é Isabel
vivan Fernando y Maria.
.....

FABER (DIOGO —).—Jesuita hungaro.

E. *Herculis Christiani S. Francisci Xaverii S. J. Indiarum Apostoli et Thaumaturgi labores duodecim.* Tyrnaviae, 1664, in-8.°

FABRETTI (STEPHANI —).

Urbinatis, e Societate Jesu Presbyteri Lyrica et Epistolae. Lugduni, Sumptibus Fratrum Duplain. 1747. 8.° 303 pag.

A pag. 63 traz a seguinte ode em honra de S. Francisco Xavier:

Ode XVIII

Cum Lusitanis aequora classibus
Sulcaret ardens Xaverius fidem
Portare sejunctos in Indos,
Inque rudes Orientis oras;
Leni vehentes dicitur otio
Frenasse ventos nuntius Aliger
Demissus astris, ut futuras
Detegeret, caneretque sortes.
Ibis secundo visere littora
Cupita cursu, ne time; & anchora
Post quinque depromendas lunas
Barbarica requiescet acta.
Oh! quae movebis praelia perfidis
Timendus aris! Impia numinum
Quot signa, quot coges abire
Egregia in cineres ruina
Delubra Divûm! Jam flagrat ignibus
Melinda sacris: jam resonat pios
Edocta cantus assueta
Femineo Socotora sceptro.

Hic, unde conchas extrahit e mari
Piscator audax divitias trahes
Quas ipse Cœlo! quaeve praedas
Estygio referes tyranno!
Quae terra longo tramite prominens
Procurrit undis: est Malabaricis
Culta ab colonis; estque sedes
Imperii, dominansque Goa.
Viden sinistros volvere vortices,
Et fabuloso flumine Nerea
Adire Gangem? dexteroque
In pelago Sumatram natantem?
Viden propinquam, quae tenui maris
Divisa tractu, quaeque freto in brevi,
Et nauta quod formidet, axem
Respecit occiduum, Malacam?
Hinc exeunti laeva suos
Comboia pendet, dives aromatum:
Contraque Bornaeus superbos
Objiciet, retegetque montes.
Tu dexter ito: Javaque proxima
Legenda; grandes tum Celebes; breve
Mox Ambanum; fertilesque
Germine odo rifero Molucae.
Qui fumus faedat & inficit
Nidore, Mori et mentibus igneis
Erumpit: hi plectent rebellem
Per lapides cineresque Tolum.
In parte Eoi quae maris insulae
Sedent sinistra; regia nomina
Tracturae ab Hispano Philippo,
Et dominos habiturae Iberos.
Formosa Sinis proxima & ultima
Adhuc videndi sunt tibi Japones,
Regnata sexdenis Tyrannis
Ruraque, barbaricaeque rupes.
Has ipse terras, haec freta navibus
Lustrans frequenter; jam furialium
Es ludus astrorum futurus,
Jam Boreae, rabidique Cori.
Tunc longa noctis tempora metiens
Insomnis, atris per mare fluctibus
Jactatus, incertusque vitae,
Visere credideris profundum.
Cerno tumentes viribus impiis
Fractos Acenos; & Badagas truces
Metu repulsos: cerno pestes,
Cerno graves abiisse febres,

Mortemque fractis arcubus & fera
Qua falce vitae stamina demetit
Pallere fracta; victimasque
Reddere de pavidis sepulchris.
Ut ista possis; ut tibi serviat
Natura versis legibus; & mare
Dulces det undas; detque Cœlum
Quas cupis & pluvias & ignes;
Tuisque jussis muta animantia
Parere discant! & videas Cruces
Deferre, demersas in alto,
Ungue tibi famulante Cancros;
Ne cuncta laetis prospera cursibus
Itura semper crede: laboribus,
Pœnisque, quas optas, premendus
Assiduis, gravibusque curis.
Hoc somnianti scilicet ubere
Sudore & aegro vectus annelitu
Portendit Indus, plurimaeque
Ante Cruces per inane visae.
Depulsa cedet, victaque, perfidos
Discissa crines, quae modo fulgidis
Secura tot templis & aris
Vana superstitio superbit:
Omnisque veri Numinis India
Edocta cultus, fonte dabit sacro
Lavare cervices, pioque
Colla jugo meliora subdet.
Cernis beatis frigibus aridos
Undare campos, fervere messibus
Montesque vallesque, atque fructu
Spes etiam superare grandes.
Non Amboinum sanguine martyrum
Vides micantem? Non Paravas vides?
Non insulas ponti remotas
Ire pari rutilas coronâ?
Ut laeta scandunt astra coloniae!
Ut ampliores Religio trahit
Ubique vires! Ut frequentes
Thure pio crepitant acerrae!
Sed quo parandi sunt pretio tibi
Cœlo triumphi! Quae mala perferes!
Quae sustinendorum caterva
Te manet horribilis dolorum!
Nudas aduret sole sub igneo
Arena plantas: oraque inhospita
Datura sub dio, quod ursis,
Quodque parat tigribus, cubile.

FABULA *de Acis y Galatea, fiesta armonica en violines, violones, flautas y ubués, á la celebridad de los felices años del Augustisimo Señor Don Juan V, Rey de Portugal, que en su aplauso le dedica la Reyna nuestra Señora Doña Mariana de Austria, en 22 de octobre de 1711.* En Lisboa, en la imprenta real Deslandesiana, 1711.

FAGEO (J. B.)

I. *Limen grammaticum, seu prima Litterarum rudimenta ab Emmanuelis Alvari Institutionibus excerpta a* ——. Patavii, apud Joann. Bapt. Pasquali. (Sem data.) Panormi, 1776, in-8.º; Catinae, 1798, in-8.º; Panormi, 1820, in-8.º

II. *Limen grammaticum seu Prima litterarum rudimenta ab Emmanuelis Alvari Institutionibus olim excerpta a Joanne Baptista Fagaeo ad puerilia studentium ingenia ab ipso Grammaticae limine utiliter exercenda. Nunc demum in hac novissima editione purgatis jam pluribus erroribus, addita sunt quam plurima tum quoad nomem declinationes et verborum conjugationes, tum quoad alia quae desiderari videbantur ad clariorem rerum explicationem pro faciliori incipientium captu. Accedunt nunc primum accentus ad moderandam pronuntiationem necessarii.* Bassani, suis typis Remondini edidit, 1839, in-8.º, 152 pag.

FAIRCHILD (DR. D. W ——.).—De Nova York.

Algumas idéas novas segundo as leis da natureza. Discurso medico muito interessante e instructivo pelo ——. Mostrando a origem das molestias e a sua prevenção e cura pelo systema de absorpção, isto é, pela applicação da almofada para o figado e estomago, de Holman. Contendo tambem opiniões da imprensa e attestados de pessoas da mais alta posição. Brook & Roberts, London, S. E., 8.º gr., 22 pag. numeradas.

FAIRYLIFE *and Fairyland.* Londres, 1870, com quatro photographias.

É um poema lyrico, em que se descreve a famosa quinta de Monserrate, em Cintra.

FALSO (EL) *Nuncio de Portugal. Comedia por un ingenio de esta córte.*

Ácerca d'esta comedia diz Feijoo o seguinte no seu *Theatro Critico,* tomo VI, pag. 152, Madrid, 1734, referindo-se ao estabelecimento da inquisição em Portugal:

«A portentosas chimeras dá passaporte a credulidade dos homens; e o peior é que, quando a multidão conspira em franquear a porta ao embuste, por este mesmo acto a deixa quasi fechada ao desengano. Talvez um reino inteiro admitte como veridico um facto de grande importancia, e de recente data, o qual se diz ter sido passado dentro d'elle. Os que vem depois, achando-o auctorisado com o assentimento commum, se consideram justissimamente dispensados de qualquer exame: ou para melhor dizer, nem sequer chegam a desconfiar de que a materia necessita de exame. Quanto mais o tempo vae correndo, tanto mais a mentira se fortifica. Ao principio só lhe deu acolhimento a falta de consideração do vulgo; depois protegem-n'a já as regras da critica, porque se alguem é dotado de ousadia para reclamar, logo dão as costas á temeridade de contradizer uma opinião tão commum, que já saiu da esphera da opinião Como, dizem, um reino inteiro póde ser enganado no tocante a um feito, que se fosse falso, precisamente havia de constar a todos quantos viviam no tempo, no qual a falsidade assenta sua

data. Porquanto a mesma relação suppõe que foi cousa de grande estrepito, negociada por muito tempo, em que intervieram os primeiros personagens da nação, nem podia ser outra cousa, considerado seu assumpto e suas circumstancias.

*
* *

«Tal é o estado em que se acha a fabulosa historia do estabelecimento da inquisição em Portugal, cuja narração é do teor seguinte:

«Um mancebo, chamado Pedro Savedra, natural de Cordova, não só de excellente penna, mas de insigne acerto em imitar todo o genero de letras, se applicou a usar d'esta habilidade para augmentar sua fortuna: arte infeliz, cujo emprego difficilmente poderá jamais deixar de ser delinquente. Sua ousadia era muita, seus pensamentos altos. Não contente com aquelles curtos ou mediocres interesses, que outros adquirem por tão infame meio, aspirou a outros maiores, nos quaes á proporção do fructo vae crescendo o perigo. Assim fingindo cedulas reaes, despachos do conselho, e portarias dos ministros da fazenda, não sómente sacou das arcas reaes boas quantias de dinheiro, mas logrou pôr em si um habito de S. Thiago, e conseguiu uma commenda de 3:000 ducados. Costuma ser traidora a fortuna das primeiras emprezas, porque dando alento á temeridade para outras mais arriscadas, por fim desampara na força do perigo aos mesmos que metteu n'elle. Assim aconteceu ao nosso Savedra. O acaso de ver um breve apostolico trazido por um religioso que vinha de Roma, dirigido a D. João III, Rei de Portugal, o poz no caminho do precipicio, despertando-lhe a idéa de emprehender um alto negocio, mediante a habilidade que possuia, de imitar a letra, formulas, e estylo do breve. Veiu-lhe, pois, á cabeça tomar o caracter de nuncio apostolico, para introduzir no reino de Portugal o santo tribunal da inquisição. Deve crer-se que tal tentativa não foi motivada pelo zêlo da religião, mas sim que, resolvido a tomar a todo o transe aquelle ar de grandeza, não achou outro meio mais a proposito para pretextar a legacia, ou lhe pareceu que, logrado o fim, como esperava, a grande utilidade que d'elle resultava á religião e ao reino, lhe facilitaria o perdão do delicto.

«Fabricadas, pois, por sua mão as letras e despachos necessarios, e aproveitando-se do dinheiro que tinha negociado com as trapaças antecedentes, para preparar comitiva competente, entrou em Portugal figurando de nuncio. Dispoz tão bem as cousas, e representou seu papel com tanta arte, que foi recebido e tratado como tal. Durou esta farça seis mezes, nos quaes logrou o fim de introduzir a inquisição. Mas, descoberto logo o ardil, ainda que subsistiu o effeito do embuste, foi preso o artifice, e depois de varias competencias entre o tribunal real e o da inquisição, prevalecendo este, foi por elle o réu condemnado ás galés, onde esteve dezoito annos, ao cabo dos quaes saíu d'ellas a pedido do Pontifice Paulo IV, desejoso de o conhecer. Põe a relação a legacia do falso nuncio, e o estabelecimento da inquisição no anno de 1539.

*
* *

«Esta é a historia do embusteiro Savedra, e da sua decantada introducção do tribunal da fé no reino de Portugal. O que parece que deu tão grande curso

a esta patranha entre os hespanhoes, foi uma comedia de auctor incerto *(un ingenio de esta córte),* intitulada: *El falso nuncio de Portugal,* na qual, com estes ou aquelles pormenores, está vertida a historia que acabâmos de referir. Não quero dizer com isto que o auctor da comedia o foi da fabula, pois esta já anteriormente estava estampada por dois escriptores hespanhoes: o primeiro, o dr. Luiz de Páramo, na sua obra *De origine et progressu Sanctae Inquisitionis;* o segundo, D. Pedro Salazar de Mendoza, na vida que escreveu do cardeal Tavera. O que fez o auctor da comedia foi propagar a noticia de modo que se estendesse a todo o genero de pessoas; porque não ha meio tão efficaz para vulgarisar uma historia, como apresental-a em fórma de comedia.

«Tampouco se infira que os dois auctores, ou algum d'elles, tramassem a fabula. Um e outro foram mui serios, para que se lhes possa attribuir uma torpeza tal. O dr. Luiz de Páramo, que foi quem primeiro a deu á luz, escreveu o que encontrou n'uma relação, que diz elle lhe deu o padre fr. Miguel de Santa Maria, religioso jeronolytano, copiada de um manuscripto da bibliotheca do real mosteiro do Escurial. Salazar de Mendoza seguiu a Páramo; pelo que nem um nem outro devem ser havidos como abonadores da verdade da historia.

* *

«Gostoso abraço o empenho de rebater esta fabula, não só pela rasão geral de ser um erro commum, o que directamente a põe debaixo da minha jurisdicção, mas tambem pelo particular motivo de desaffrontar a nação portugueza da injuria que lhe fazem, suppondo-a tão rude que se deixasse enganar por um homunculo só, em negocio de tanta monta, e em taes circumstancias que a mais debil advertencia bastaria para descobrir o enredo. Amo e venero esta nobilissima nação por todas aquellas rasões que a fazem gloriosa em todo o orbe. O nascimento que me fez seu vizinho, e o conhecimento apaixonado. Hão de estranhar o segundo os que sabem o primeiro, porque entre os confinantes de corôas diversas costuma reinar certa especie de emulação, que os torna mal avindos. Mas como o Céu me deu um espirito despreoccupado d'estas opiniões vulgares, estimo igualmente o merito em qualquer parte que o encontro. Nem o paiz onde qualquer individuo nasce, nem o partido que segue, acrescentam um grão de peso n'aquella balança, na qual examino o que vale:

Tros, Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.

«Torno pois a dizer que venero a nação portugueza, por mui relevantes qualidades conciliadoras do meu respeito. Brazões são, que caracterisam a sua gloria militar, continuada até hoje desde os seculos mais remotos, seu ardente zêlo em prol da conservação da fé, sua eminencia em letras, sua fecundidade em produzir excellentes engenhos; finalmente o amor paternal de seus Principes para com seus vassallos, e a inviolavel lealdade dos vassallos para com seus Principes. Não ignoro que é notada sua arrogancia entre as nações, o que tira algum tanto de lustre áquellas virtudes; mas se bem reflectirmos, achar-se-ha, que o que em geral se chama jactancia n'elles, nada é na essencia mais do que chiste e donaire, e n'um ou n'outro individuo um innocente desafogo da vivacidade de espirito.

Tenho visto em muitos com quem tenho tratado, todo o genero de doçura, attenção e urbanidade, o que não é compativel com a soberba que lhe attribuem[1].

FANSHAW (LADY) *wife of Rich. Fanshawe, Ambassador from Charles II to the Court of Madrid. 1665.* London, 1829.

FANSHAW (SIR RICHARD ——).

Spain gave me noble birth: Coimbra Arts:
Lisbon a high-plac'd love and Courtly parts:
Africk, a refuge when the Court dìd frowne:
Warre, at an eye's expence, a fair renowne
Travayl, experience, with noe short sight
Of India, and the World: book which I write
India a life, wich I gave there for Lost
On Mecons waves (a wreck and Exile) tost
To booth, this Poem, held up in one hand
Wilst with the other I swam safe to land:
Tasso, a sonet, and (what's greater yit)
The honour to give Hints to Such a witt
Philip a cordial (the ill Fortune see!)
To cure my wants when those had new killed mee
My country (Nothingo-yes) Immortal Prayse
(So did I, Her) Beasts browze on Bayes.

FARHANG I RASHDI.

É um diccionario biographico dos homens illustres escripto em lingua persa, em 1653. Figuram n'elle nomes de portuguezes[2].

FARKAS (FRANCISCO ——).—Jesuita hungaro.

E. *Panegyricus D. Francisco Xaverio dictus.* Tyrnaviae, 1768, in-12.

FARNACE. *Drama per musica da representarsi in Lisbona nella sala dell'Academia alla Piazza della Trinità l'anno 1735. Dedicato alla Nobilità di Portogallo.* In Bologna. Per Giuseppe Longi. 1625. 4.º, 62 pag. Com a versão portugueza ao lado.

FASTES *militaires et maritimes du Portugal. L'expédition de Ceuta en 1415.* Paris, 1879, in-12.

FATIO (ALFRED MOREL ——).—Distincto philologo francez.

No jornal intitulado *Roumania,* n.º 5, pag. 128 e 134, aprecia com justiça os modernos trabalhos sobre a poesia popular portugueza.

---

[1] Feijoo continua ainda nas paginas seguintes a demonstrar que a historia do falso nuncio não passa de uma patranha. Isto, porém, já não tem interesse depois da historia da introducção em Portugal, por Herculano.

[2] Mr. Blochman no *Instituto Vasco da Gama,* n.º 32, 3.º anno, pag. 187.

Vicente Nogueira et son discours sur la langue et les auteurs d'Espagne. Par ——. *Tiré à part de la* Zeitschrift für Romanische Philologie, tomo III. Halle, Max. Niemeyer. 1879. 4.º 38 pag.

*
* *

«O erudito portuguez, muito esquecido, e sem rasão alguma, para o qual quizera eu chamar a attenção de todos quantos se interessam pela historia litteraria da peninsula iberica, não se apresenta á posteridade, é mister que o reconheçâmos, com uma bem pesada bagagem de obras originaes. Espirito antes critico do que creador, mais apto a assimilar a si o trabalho dos outros, e a aprecial-o, do que a descobrir terras incognitas, e a ampliar os horisontes da sciencia, este amador distincto não compoz uma obra que permitta collocal-o em o numero dos escriptores ou dos sabios do seu paiz, e todavia, espero demonstral-o, seu nome é digno de viver, pois é alguma cousa o haver sido o instigador e o protector de varias emprezas scientificas de uma real importancia, ter contribuido, por sua situação social e suas relações, para a cultura das letras nacionaes, e para a sua diffusão no estrangeiro. Foi um Mecenas, mas um d'esses Mecenas intelligentes, e seriamente *aficionados,* dos quaes não são apenas os escudos que lhes fazem a gloria.

«Vicente Nogueira intervinha directamente nos trabalhos que julgava dignos do seu apoio, e os documentos que vão ser apresentados estabelecem sua competencia, e fazem presentir o que elle teria podido entregar á publicidade, se tivesse sabido sair d'essa posição de protector e de critico.

«Mas não será ao acaso, algum tanto mysterioso, que perturbou a vida d'este homem tão fortemente preparado, e o obrigou a deixar inesperadamente a patria, que é preciso attribuir essa lastimosa improducção? Não o julgo: pois o talento verdadeiramente creador sabe luctar contra os obstaculos d'esta natureza; e, se Nogueira tivesse tido a vontade de produzir algumas obras originaes, sua residencia forçada em Roma, na intimidade de litteratos e de sabios taes, como o cardeal Francesco Barberino, Lucas Holstenio, e o reverendo padre Dupuy, quasi que não poderia ser nociva á divulgação de suas idéas e de suas investigações.

«Não intento n'este logar uma biographia de Vicente Nogueira. As cartas e outros documentos que encontrei, esclarecem, é verdade, certos periodos de sua existencia, e certas tendencias de seu espirito, mas bastantes occorrencias de sua vida ficam ainda tapadas com um véu, que não posso ainda levantar n'esta occasião. Todavia, como todos estes testemunhos se auxiliam mutuamente, e patenteiam mutuamente, pelo menos algumas partes do assumpto, julguei que por isso não devia retardar a publicação.

«Possa a simples coordenação d'estas notas estimular algum erudito portuguez, ou hespanhol, para que escreva uma verdadeira biographia d'este personagem curioso e attrahente. Bons materiaes existem certamente ainda em algumas bibliothecas peninsulares; trata-se de os procurar e de os aproveitar.

«Entre os documentos que o acaso permittiu que eu encontrasse, ha um, de valor particular, que convinha separar dos outros, e rodear de alguns cuidados: quero fallar do discurso ácerca da lingua e dos auctores da Hespanha. Este trecho de historia e de critica litteraria, trabalho de occasião, redigido á pressa,

me dá n'isso, concordo, toda a medida do saber, e do talento do nosso portuguez; todavia é bastante extenso e circumstanciado para que se possa, quando o lemos, conceber uma idéa clara, não só do rumo do seu espirito, mas tambem das aptidões criticas e do gosto litterario do seu auctor. Pareceu-me, pois, conveniente apresental-o em derradeiro logar, com uma glosa de minha invenção, para servir de remate ás notas biographicas, das quaes tenciono formar um ramalhetinho.

«Por mais esquecido que elle tenha sido depois da sua morte por seus compatriotas[1], Nogueira mereceu comtudo a attenção de tres investigadores, que agruparam em volta de seu nome diversas informações muito uteis.

«Com o fim de proceder methodicamente, começarei transcrevendo-as.

«Eis em primeiro logar o artigo inserto pelo primeiro bibliographo portuguez João Soares de Brito no seu[2] *Theatrum Lusitaniae literariae sive bibliotheca scriptorum omnium Lusitanorum; D. Vicentius Nogueyra, patria Olissiponensis egregius, i. é, regius senator et Archiducis Leopoldi cubicularius, utrique Majestati Caesareae et Catholicae consiliarius et Utriusque Signaturae referendarius, vir eruditus et linguarum exoticarum peritia clarus. Scripsit Summam Historiae Lusitanae et Notas marginales apposuit Didaco de Mendoça, Belli Granatensis auctori, quem excudit curavit, et alia. Obiit Romae, quo ipsum sua fata duxere.* D. Franciscus Eman. in Epist. cit.[3]

«Diogo Barbosa Machado, que escreveu perto de um seculo mais tarde, augmentou muito as vistas de seu predecessor; Vicente Nogueira nasceu em Lisboa no anno de 1586, sendo filho do dr. Francisco Nogueira, cavalleiro do habito de S. Thiago, desembargador da casa da supplicação e juiz da corôa, e do conselho d'estado de Portugal. Quando contava doze annos o fez El-Rei moço fidalgo, e tal foi o talento que mostrou em idade tão tenra, que contrahiu grande amizade com o condestavel de Castella, D. Bernardino de Mendonça, e o duque de Feria. Estudando philosophia, se graduou na faculdade de canones, e depois foi senador da casa da supplicação, de que tomou posse a 13 de março de 1613, e conego da cathedral de Lisboa. Soube com perfeição as linguas latina, grega, caldaica, syriaca, arabica, italiana, franceza, e castelhana. Teve bastante instrucção da historia sagrada e profana, como tambem da poesia, mathematica, musica, e algebra. Saindo involuntariamente da patria no anno de 1631, experimentou fóra d'ella a fortuna mais propicia, assim nos logares que teve, como nas estimações que alcançou das pessoas da primeira jerarchia, sendo senhor de Rios Frios, referendario de ambas as signaturas em Roma, conselheiro da Magestade Catholica e Cesarea, e camarista da chave dourada do archiduque de Austria, Leopoldo. Falleceu em Roma no palacio do cardeal Francisco Barberino, vice-cancellario da

---

[1] Por compatriotas entendo tanto hespanhoes como portuguezes. No tempo de Nogueira, Portugal estava unido politicamente á Hespanha, e no ponto de vista litterario e scientifico as duas nações não faziam mais do que uma.

[2] Esta obra não foi impressa, mas Barbosa Machado serviu-se d'ella grandemente. O exemplar manuscripto que possue a bibliotheca nacional, e que parece ter sido apromptado para a impressão, menciona este logar e datas: «Conimbricae, typis academicis, anno christiano MDCLV a restauratione Lusitani Imperii XV. Cum facultate superiorum.

[3] *Bibl. Nat. Nuov. acq. lat.* 1290, pag. 291.

Igreja Romana, em o anno de 1654, quando contava sessenta e oito annos de idade. Sobre sua sepultura se gravou o seguinte epitaphio:

VINCENTIO NOGUEIRAE ULYSSIPONENSI
HEREDITARIO IN RIOS FRIOS DOMINO
UTRIUSQUE SIGNATURAE
IN ROMANA CURIA REFERENDARIO:
CAESAREAE CATHOLICAEQUE MAIESTATIS
A CONSILIIS;
LEOPOLDI AUSTRIAE ARCHIDUCIS
CLAVIS AUREAE CUBICULARIO.
ANIMO FORTI IN ADVERSA FORTUNA,
MODERATO IN SECUNDA;
LIBERALIUM ARTIUM
ET LINGUARUM ETIAM ORIENTALIUM
PERITISSIMO,
PROFUSA IN PAUPERES PIETATE,
MAGNIFICENTIA IN AMICOS SINGULARI,
M. ANTONIUS DE NOBILIBUS BONONIENSIS
GRATI ANIMI MONUMENTUM POSUIT.

«Diversos escriptores lhe celebraram o seu nome, buscando-o para Mecenas das suas obras, como foram Zacuto Lusitano *Praxis. Hist. Med.*, tomo VII; Bento Gil, *De Privilegiis advocatorum;* Luiz Tribaldos, na dedicatoria da *Guerra de Granada*, composta por Diogo de Mendonça; Gabriel Pereira de Castro, *Decis.*, 97, o intitula «peritissimum»; João Soares de Brito, *Theat. Lusit. Litt.*, lit. V, n. 22, *Vir eruditus peritia linguarum exoticarum;* Barthol., *Bibl. Rabin.*, tomo II, pag. 809, *In hebraica lingua admodum versatus;* D. Franc. Manuel, *Carta dos Authores Portuguezes*, que é a primeira das suas cartas; e Lopo Felix da Vega, *Laurel de Apollo*, Sylv. 3.ª:

Don Vicente de Noguera
Tuviera asiento entre latinos grave,
Laurel entre toscanos
Palma entre castellanos,
Por la dulzura del hablar suave,
Y entre franceses y alemanes fuera
Florida primavera,
Que como ella de tantas diferencias
De alegres flores se compone y viste,
Así de varias lenguas y de ciencias,
En que la docta erudicion consiste.
Que libro se escribió que no le viese?
Que ingenio floreció que no le honrase?
En que lengua se habló, que no supiese?
Que ciencia se inventó que no alcanzase?
Oh musas castellanas y latinas,
Francesas, alemanas y toscanas,

Coronad las riberas lusitanas
De lirios, arrayanes y boninas;
No quede en vuestras fuentes cristalinas
Laurel que en ellas su hermosura mire,
Donde Dafne amorosa no inspire
Por no bajar á coronar la frente
Deste, de todos vencedor, Vicente! [1]

«O terceiro erudito, ao qual se deve ter insistido algum tanto ácerca da pessoa do nosso portuguez, é o eminente hellenista João Francisco Boissonade, o qual consagrou a Nogueira uma nota da sua edição das *Cartas de Lucas Holstenius:* «V. Noguerae, cujus meminerunt Noster ad calcem. Epist. XLVII; Gassendius in Syll. Burmann., tomo III, pag. 627, cui eques Lusitanus, vir probus doctusque dicitur. Inter judicia post Thuani Historiam, tomo VII, pag. 82, legenda est longa epistola Vincentii Nogueyra, nam sic nomen effert ipse, ubi multa super se narrat studiisque suis. De cantabrica, ut videtur, lingua exstabant literae Peirescii, pag. 272. Illi praefationem Quaesitorum per epistolas, Fort. Licetus inscripsit. Plura forte de hoc docto viro praebuit Barbosae Bibliotheca Lusitana, qua careo.

«V. Lucae Holstenii epistolae ad diversos, quas ex editis et ineditis codicibus collegit atque illustravit Jo. Franc. Boissonade. Parisiis, 1817, in-8.º pag. 297.»

«A nota refere-se á passagem de uma carta de Holstenius a Peirescio, de Roma, de 7 de março de 1637, onde se falla de Nogueira.

«Vicente Nogueira, natural de Lisboa, onde nasceu em 1586, pertencia a uma familia de origem meio portugueza, meio castellana, estabelecida em Portugal, onde possuia o pequeno senhorio de Rios Frios. Seu pae, o doutor em direito Francisco Nogueira, depois de passados alguns annos na universidade de Coimbra, onde se distinguiu tanto por sua sciencia como por sua modestia, teve que desempenhar importantes funcções administrativas e judiciaes. Foi desembargador da casa da supplicação, e juiz da corôa. Mais tarde, a annexação de sua patria á Hespanha o elevou a um cargo mais consideravel ainda, o de membro do conselho de estado de Portugal, creado por Filippe II logo depois da conquista, o que o obrigou a vir estabelecer uma residencia em Madrid, onde mandou educar dois filhos seus: Paulo Affonso, o primogenito, e Vicente.

«Do primogenito apenas sabemos o que nos diz Luiz Tribaldos, que, depois de ter cursado durante um certo tempo, embora não sendo legista, a carreira administrativa, sua mediocre ambição, ou alguma outra causa, o levou a renunciar suas funcções publicas, para viver celibatario dos rendimentos de uma commenda de S. Thiago, que tinha herdado de seu pae.

---

[1] Compoz:

Carta escripta de Lisboa a 28 de dezembro de 1615, a Jacobo Augusto Thuano, presidente do senado de Paris...

Relações tiradas de varios papeis para a historia del Rey Don Sebastião, com las noticias de Francisco Giraldes, em Roma e Inglaterra, e de Lourenço Pires de Tavora, em Roma, escriptas por Vicente Nogueira em Lisboa, a 12 de setembro de 1618. Conservam-se na livraria do real convento de Thomar, da ordem militar de Christo.

«D. Vicente, de quem nos vamos agora occupar exclusivamente, teve o cuidado de narrar as peripecias de sua existencia até á idade de vinte e nove annos, na curiosa carta que escreveu de Lisboa ao illustre historiador Jacques de Thou, a 28 de setembro de 1615. Então, em todo o ardor dos seus estudos, encontrou um prazer singular em narrar com todos os pormenores sua carreira scientifica ao celebre escriptor, de quem esperava vir a ser o correspondente regular, no tocante ás cousas de Hespanha e de Portugal. De começar a carta por um elogio em fórma de historia, poderiamos concluir que Thou havia enviado ao erudito portuguez um exemplar dos livros publicados da sua grande obra, pedindo-lhe em troca uma especie de autobiographia e informações, ácerca do estado das letras e das sciencias na Peninsula. Esta carta encontra-se de pag. 6 a 8 no opusculo que temos entre mãos, e foi impressa e traduzida nos *Historiorum*, edição de Londres, 1733, tomo VII, 6.ª parte, pag. 82 a 85. Da carta de Nogueira existe tambem uma copia manuscripta na bibliotheca nacional, *Collection Dupuy*, vol. 409, fol. 50, tendo sido esta indicação recebida de Poitiers, a 10 de janeiro de 1616.

«De Thou respondeu n'uma extensa carta em latim, na qual diz: «que esteve por muito tempo hesitando se lhe responderia em latim, sendo lingua vulgar para todos, ou em francez. E embora soubesse que Nogueira conhecia a lingua franceza, todavia, podendo acontecer que uma tal carta fosse cair em mãos de pessoas que o ignorassem, o sentido viesse a ser deturpado, e servisse de assumpto á calumnia, preferira escrever em latim, lingua que todos percebiam. E n'este idioma lhe pede lhe remetta apontamentos ácerca da vida de João de Barros, que escreveu ácerca da India, de Pedro Nunes, prestantissimo mathematico, de Amato, medico excellentissimo, e de Pedro da Estrella, franciscano, pois receia que o que disse a respeito de Barros e de Nunes não esteja exacto, e eis porque pede que o elucide.

«Fatio, segundo se vê n'este trabalho que estamos traduzindo, diz que Noguera[1] escrevêra um trabalho historico ácerca de El-Rei D. Sebastião, trabalho que se guardava no convento de Thomar.

«Nogueira depois pediu a sua demissão dos empregos publicos, com o fim de se entregar tão sómente ás lettras, e em 1625 apparece d'elle a seguinte obra:

«*Obras de Francisco Figueroa, Laureado Pindaro español. Publicadas por el licenciado Luiz Tribaldos de Toledo, cronista mayor del Rey nuestro señor por las Indias, bibliothecario del Conde de Olivares, Duque y gran canciller, etc. Dedicadas á Don Vicente Noguera, referendario de ambas signaturas de Su Santidad, del Consejo de las dos Magestades, Cesarea y Católica, gentil hombre de la Camara del Serenisimo Archiduque de Austria, Leopoldo. Con todas las licencias necesarias.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, impresor del Rey nuestro señor, año 1625. A costa de Antonio Luiz, Mercader.»

---

[1] Esta fórma Noguera, que por toda a parte adoptei n'esta *Memoria*, é auctorisada em primeiro logar pelo proprio D. Vicente, que assignou *Noguera* na sua carta a Peirescio, de 27 de janeiro de 1637, unico documento autographo que d'elle conheço; depois por Luiz Tribaldos de Toledo (Dedicatoria da guerra de Granada. Lisboa, 1627): «Noguera é a fórma castellana; Nogueira a variante portugueza de um nome bastante corriqueiro na peninsula.

Segundo diz Barbosa Machado, o tratado de Bento Gil: *Directorium advocatorum et de privilegiis eorum*, foi impresso sob os auspicios de Nogueira, em Lisboa em 1613.

«Embora o editor o não diga formalmente, a parte que tomou Nogueira na divulgação d'estas obras esquecidas, de um dos melhores poetas lyricos castelhanos do seculo XVI, não se limitou á restituição do manuscripto que lhe tinha sido entregue, nem ás approvações versificadas que se tinha encarregado de obter de Lope de Vega e de Juan de Jauregui, para ornar o livro do poeta de Alcalá e recommendar a leitura d'elle.

«Tribaldos, depois de toda a sorte de elogios, completa do seguinte modo a lista dos conhecimentos philologicos do nosso portuguez:

«V. M. possue como maternas as linguas hebrea, caldea, grega, latina, italiana, e franceza, não fallando da nossa natural, e mais que mediano conhecimento da syriaca, arabiga, tudesca, e o mediano da turca, persa, e ethiopica; de todas as quaes tem procurado saber com particular estudo os fundamentos e regras, mandando com grande despendio vir mestres de mui distantes reinos, porque quem não fizer isto não poderá penetrar os segredos que em taes linguas estão depositados...»

«Dois annos mais tarde, em 1627, quando o mesmo Luiz Tribaldos de Toledo deu a publico a 1.ª edição da *Guerra de Granada,* por Diogo Hurtado de Mendoza, que offereceu d'esta vez tambem a Nogueira, ainda este vivia em Lisboa. Esta publicação da obra historica do celebre esculptor granadino, é sem duvida o melhor serviço que Nogueira prestou ás letras nacionaes. E a este erudito devemos agradecer a empreza, pois independentemente dos conselhos que prodigalisou a Tribaldos, Nogueira se encarregou, pelo menos, da maior parte das despezas da edição princeps.

«Não hesitei em qualificar de princeps a edição da *Guerra de Granada,* publicada em Lisboa em 1627, e em reconhecer a Nogueira e a Tribaldos a honra de terem enriquecido a bibliographia hespanhola com uma obra de primeira ordem.

«Alfred Morel Fatio mostra-se mui conhecedor da litteratura portugueza.»

FAURE (HENRY ——).— Docteur ès lettres, membre correspondant de l'institut de Coïmbre, et de l'Academie des sciences de Lisbonne, chevalier de Notre-Dame de la Conception de Villa Viçosa, etc.

E. *Histoire d'une faculté.* Moulins. imprimerie Crépin Leblond, 1876, 8.º gr., 35 pag.

Diz que vae descrever rapidamente o que se passou em Portugal por occasião do centenario de Pombal[1], e que vae beber as noticias n'uma obra composta por Francisco de Castro Freire, debaixo dos auspicios da universidade.

«A academia das sciencias de Paris tinha encarregado uma commissão de lhe apresentar um relatorio ácerca de um novo methodo de calcular as distancias lunares observadas no mar. O relatorio apresentado na sessão de 10 de março de 1856 louvava o auctor d'este methodo, Mr. Wills Brown, por ter reduzido o calculo a uma simples formula, usando das tábuas dos logarithmos trigonometricos: exprimia elle ao mesmo tempo o pesar de que não existissem na bibliotheca do Instituto, ou no deposito das cartas maritimas, trabalhos que satisfizessem.

«Ora o sr. Rodrigues Ribeiro de Sousa Pinto, director do observatorio de

[1] Queria dizer: Centenario das reformas introduzidas na universidade pelo marquez de Pombal.

Coimbra, mandou inserir no vol. v do *Instituto,* uma nota, pela qual estabelece que a formula de Mr. Wills Brown se encontra na obra do sabio portuguez Travassos, intitulada: *Methodo para a reducção da distancias,* publicada em 1805. É evidente que a academia das sciencias de Paris não conhecia o trabalho de Travassos.»

De maritima veterum Hispania a Sacro Promontorio ad Pyrenaeos usque montes. Addita maritimae Hispaniae tabula Thesim Claromontensi Litterarum Facultati proponebat. Molinis, 1870, 8.º, 131 pag. com um mappa.

* *

«Se exceptuarmos duas tragedias relativas a D. Ignez de Castro, nosso theatro quasi nada tem ido buscar á litteratura portugueza, e todavia tambem essa litteratura teve seus periodos de fecundidade e de gloria.

«Emquanto as principaes producções litterarias da Inglaterra, da Allemanha, de Italia, de Hespanha, e de muitos outros paizes nos são familiares, os *Lusiadas* são talvez a unica obra portugueza, cujo titulo conhece a maioria dos francezes. E não se encontrará n'isso, a despeito do pequeno numero dos nossos concidãos que fallam, ou que simplesmente lêem o portuguez, uma verdadeira injustiça para com uma nação gonerosa e discreta, a quem uma amizade de seculos une á França, e que em todos os tempos tem dado o mais cordial acolhimento, tanto a nossos escriptores como a suas obras?

«Durante uma viagem por nós feita em Portugal, ficámos compenetrados de quanto, do Tejo ao Douro, o simples titulo de francez póde conciliar a nossos compatriotas sympathias affectuosas e honrosas. Para pagar, quanto nossas forças o permittem, a divida de reconhecimento pessoal que então contrahimos, tentámos d'ahi por diante fazermos com que nossos concidadãos conheçam o *Camões* do visconde de Almeida Garrett, o chefe incontestavel da escola moderna em Portugal. Hoje tentâmos o mesmo alvo: a adaptação de um drama celebre do mesmo auctor — *Frei Luiz de Sousa.*

«A apresentação d'este drama, ao qual intitulâmos, não sem rasão, *Corações Heroicos,* é um episodio commovente da Historia de Portugal. O Rei D. Sebastião, morreu, como sabem, a 4 de agosto de 1578, na batalha de Alcacer Kibir. Dois annos depois seu reino estava reunido á Hespanha por seu primo Filippe II. Todavia, como fôra impossivel tornar a achar, ou reconhecer o corpo de D. Sebasbastião, o povo portuguez, no ardor do seu patriotismo, esperou por muito tempo que seu querido Rei voltaria algum dia, e tiraria Portugal aos hespanhoes.

«No mesmo tempo que D. Sebastião, alguns cavalleiros que o acompanhavam desappareceram tambem, n'uma tão funesta jornada. Entre o numero dos desapparecidos achava-se D. João de Portugal, da nobre casa de Vimioso. Sua mulher D. Magdalena de Vilhena julgou-se viuva, e depois de sete annos de indagações infructuosas desposou ella o grande patriota Manuel de Sousa Coutinho. D'esta união nasceu uma filha adoravel e adorada.

«Eis porém que, depois de vinte e tres annos de ausencia, D. João, que prisioneiro fôra levado á Palestina, no dia immediato á batalha, apparece de repente. Com seus passos a desdita e a vergonha entram no palacio de S. Paulo,

onde Sousa e os seus se refugiaram, depois de terem dado aos tyranos de Portugal uma lição de patriotismo.

«D. João é vivo; Magdalena é portanto uma adultera, Sousa o cumplice de uma falta irreparavel, e sua filha Maria o testemunho do seu opprobrio!

«Qual póde ser o desenlace de uma tal situação, n'uma epocha e n'um paiz onde a fé religiosa e o sentimento da honra tem tanta força! A antiguidade, diz Garrett, não teria encontrado outro remedio mais do que o suicidio material; mas um tal suicidio é porventura permittido a christãos convencidos e ferventes?

«Na peça portugueza, para expiarem suas faltas involuntarias, Manuel e Magdalena, quando vêem sua felicidade destruida, o nome glorioso de seus antepassados d'ahi por diante embaciado, sua filha unica morta de vergonha e de magua, envergam tanto um como outro o habito monacal, esse antecipado sudario para quem conserva sempre viva no fundo do coração a lembrança de um ente amado.

«Este assumpto, eminentemente dramatico, foi tratado pelo visconde de Almeida Garrett, com uma simplicidade digna dos antigos mestres. Seus personagens não possuem uma linguagem empolada e declamatoria; fallam e procedem naturalmente, e elevam-se sem esforço até ao heroismo. Encontrâmos no seu *Frei Luiz de Sousa* um reflexo da belleza casta e severa dos tragicos gregos; mas seu drama tem mais elevação religiosa, essa sensibilidade delicada, esse respeito escrupuloso da honra, que nossos grandes tragicos, Corneille, Racine e Voltaire, devem ao espirito vivificante do christianismo.

ACTE PREMIER

SCENE I

Madeleine *(Répétant machinalement ce qu'elle vient de lire.)*

«Charmante illusion, heureux aveuglement
Que la fortune, hélas! dissipe en un moment!...»
Ah! Camoens dit vrai: le bonheur ephemère
N'est qu'une illusion... Mais combien elle est chère
Et combien ce bonheur, auquel on avait cru,
Laisse de vide en nous, lorsqu'il a disparu!...
Douces illusions d'un passé plein de charmes,
Qui chassiez loin de moi le trouble et les alarmes,
Qui me donniez la paix et la sécurité
Vous rassuriez mon cœur: pourquoi l'avoir quitté?
Pourquoi, malgré l'effort de ma raison, le doute,
Hélas! comme cette eau qui tombe goutte à goutte
Et perce le rocher, le doute avec l'effroi
Jusqu'au fond de mon cœur a-t-il pénétré? Quoi?
Vivrai-je désormais dans la crainte énervante
Qui passe promptement du trouble à l'épouvante?...
Ma vie, en apparence, est la même: au dedans
Comme au dehors de moi la paix sans incidents;

Le calme ici régner... Mais j'envisage
Ce calme avec terreur : il précède l'orage !
Je sens flotter dans l'air quelque malheur cruel !...

(Un silence.)

Que lui, que lui, du moins, mon cher Emmanuel,
L'espoir du Portugal, que l'Espagne humilie,
Ignore les tourments dont je suis assaillie !...
Elle est fière de toi, celle qui t'épousa,
O preux, fils de heros, Manuel de Sousa...
Ah ! loin de moi ce doute affreux qui me penètre !...
Que de félicité !... Que de malheur peut-être !...

(Elle retombe dans une profonde méditation. Le livre glisse de ses genoux sur le coussin.)

SCENE II

Madeleine et **Telmo** *(Entrant par la droite.)*

TELMO *(S'approche sans bruit de Madeleine et ramasse le livre.)*

(A demi-voix.)

Les Lusiades! C'est l'œuvre de mon ami.
Mon pauvre Camoens dans la tombe endormi...
De la Lusitanie il a chanté la gloire,
Il a sur le fronton du temple de l'histoire
Inscrit, en lettres d'or, le nom de Portugal,
Hommes du temps présent, voilà votre justice !
L'avenir, pensez vous, remplira votre office ;
Par vos fils on verra ce genie honoré :
Il n'en aura pas moins, avant d'être enterré,
Bu jusqu'au fond le fiel dans sa coupe était pleine...

(Madeleine s'apercevant de sa présence.)

C'est toi, Telmo ?...

TELMO

C'est moi, madame Madeleine.
Je cherchais mon élève, et la croyais ici...

(Il remet le livre sur la table.)

MADELEINE

Marie est dans sa chambre. Ah ! mon livre !... Merci.

(Telmo se dirige vers la gauche; elle s'arrête du geste.)

TELMO

Mais je vais trouver mademoiselle...

(Madeleine se levant.)

Reste... Depuis longtemps, à part, surtout loin d'elle
Je veux t'entretenir... approche... parlons bas...

FAURE (JEAN BAPTISTE ——).—Jesuita, natural de Roma, onde nasceu em 1702.

E. *Commentarium in Bullam Pauli III licet ab initio datam anno 1542, qua Romanam Inquisitionem constituit, et ejus Regimen non Regularibus, sed Clero Seculari commisit. Ostenditur quam opportunum ac necessarium hujusmodi Consilium sit ad Fidem Catholicam conservandam ac propagandam, bonos mores faxendos, pacem ac tranquillitatem inter Catholicos Sanciendam, dissidia et quaerelas ab Ecclesia eliminandas, ipsorummet Regularium, praeterea Clericorum, Laicorum, Academiarum, Populorum denique, ac summorum Principum existimationem, ac benevolentiam Romanae Curiae uberius, ac certius conciliandam. Denique demonstratur Venerabilem Fr. Bartholomæum a Martyribus Dominicanum, Archiepiscopum Bracarensem, una cum aliis Patribus in Tridentino Concilio eandem Sententiam habuisse. Accessit Appendix Historico-Theologica de Proscriptione sub annum 1725 extorta contra Duacenam Academiam Sanctae Romanae Sedi addictissimam.* 1750, in-8.º, 288 pag.

Attribuem-lhe tambem uma defeza do duque de Aveiro.

FAURIEL.

Na sua *Historia da Poesia Provençal,* tomo II, pag. 6, diz: que o trovador Macabrus frequentou as côrtes de áquem dos Pyreneus, nomeadamente a de Portugal, e é o unico trovador positivamente conhecido que tenha visitado esta ultima[1].

FEIJOO (EL M. R. P. M. FR. BENITO GERONYMO ——).—Maestro general de la religion de San Benito, dos veces abbad del collegio de San Vicente de Oviedo, doctor theologo y catedrático de Santo Tomás, escritura y visperas de la universidad de la misma ciudad, y al presente jubilado.

E. *Teatro critico universal ó discursos varios en todo genero de materias, para desengaño de errores communes, dedicados al señor Don Francisco Xavier de Goyeneche, cavallero de el Orden de San Thiago, y Decano de el Real Consejo de Indias, Marquès de Belzunze, señor de las villas de la Olmeda, de el Nuevo Bastan, de Illana, de Saceda, etc.* Madrid, en la imprenta de los Herederos de Francisco del Hierro. Año de 1736.

Continuamente está o padre Feijoo fallando n'esta sua obra, de nossos homens e mulheres notaveis, dos quaes se mostra grande admirador, como D. Bernardo Ferreira, P. Antonio Vieira, Zacuto Lusitano, Antonio de Gouveia, Agostinho Barbosa, e até lhe não esquece o Bandarra.

*
* *

«Na cidade de Lisboa ha muita devoção para com S. Cornelio; porém entranhou-se n'esta devoção um culto irrisorio, supersticioso, sacrilego e detestavel. É este a offerta de uns cornichos (supponho que serão umas vezes de cera, e outras de prata, segundo a vontade e meios de cada um, pois o auctor não de-

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

clara a materia), que apresentam ao santo martyr os que em alguma necessidade imploram seu auxilio. (Vol. VII, pag. 217.) Ao que se ajunta a circumstancia aggravante de estar o povo na persuação de que os que não offerecem os cornichos nada logram, ao passo que os que fazem esta offerta conseguem quanto pretendem. Isto passa, isto tolera-se em Lisboa, um povo tão extremoso de extremada policia, á vista de um arcebispo, de um tribunal da inquisição, e de grande multidão de homens doutos; emfim, como diz o padre Casnedi, á vista de todos: *In oculis omnium.* Falla o auctor d'aquillo que sabia com certeza; porque, apesar de milanez por nascimento, viveu em Lisboa por muito tempo, onde foi qualificador da Suprema, e alli imprimiu sua *Crisis Theologica* no anno de 1719. Que diremos a tal respeito? Que a prudencia politica não resplandece menos no que tolera, do que n'aquillo que corrige; e que não só a Providencia Divina, mas tambem a humana, tem nas permissões mysteriosas, cujos motivos são justos, puros arcanos.»

FEITH.

Escreveu uma tragedia intitulada: *Ignez de Castro.* Falla d'ella o *Journal des Sçavans,* anno 1824, pag. 269.

FELSINA (MICHELE ——).

E. *Commento sopra la Terza Classe di Grammatica del P. Emmanuele Alvaro.* Roma, Angelo Bernabó, 1681, in-12.

FERAUD (F. G.)—Teacher of Languages.

E. *A Vocabulary and Dialogues in three languages: English, Spanish, and Portuguese; on subjects adapted to general use, as well as to military and navals affairs, and will be found peculiarly serviceable to those whom business or duty may cause to visit the Peninsula and its settlements. To which is added an Index of the Portuguese regular and irregular conjugations. By* ——. London, Printed for T. Boosey. 1812. 8.º oblongo, VII–133 pag. afóra o indice.

FERDINAND ALVARES DE TOLEDO (DUQUE DE ALBA).

Correspondencia con Felippe II y otros personages sobre la conquista de Portugal, 1580 y 1481.

Na *Collecion de documentos ineditos para la historia de España.* Vol. XXXII–XXXV.

FERDINAND DENIS.—Francez.

«El-Rei D. Diniz nasceu em 1261 e falleceu em 1325, e é o primeiro soberano que manifestou gosto para com a architectura.

«No castello de Leiria, onde elle habitou, descobrimos nas portas e nas janellas alguns vestigios do gosto architectonico, cujos primeiros indicios se attribuem a este soberano.

«O sello real d'este Principe, que se conserva nos archivos da França, é soberbo. Se a gravura da matriz fosse obra de um artista portuguez, demonstraria ella até um alto ponto o grau de cultura que as artes attingiram n'aquella epocha.

«Algumas pedras gravadas ornam as duas faces. Um fragil impresso nos diz talvez mais hoje, do que grandes monumentos, no que houve de delicadeza e de graça na ornamentação d'aquelle tempo.

«E eis o que Mr. Famin me communicou ácerca dos sellos e das moedas d'este Principe:

«Os archivos da Torre do Tombo possuem dois sellos do Rei D. Diniz. Um acha-se ligado a um contrato de troca de bens com o mosteiro de S João de Tarouca (casa da corôa, prateleira 14, maço 1.º); o outro, na carta de doação a favor do Infante D. Affonso (casa da corôa, gaveta 14.ª, maço 3.º).

«Ferdinand Deniz, conservador da bibliotheca de Santa Genoveva, está occupado n'um ensaio ácerca da Historia da Arte nas pinturas dos manuscriptos, obra que deve apparecer de prompto. A natureza do assumpto, e a erudição do auctor não podem deixar de tornar esta publicação uma das mais importantes e das mais curiosas que podem apparecer relativamente ás artes. Nenhum estrangeiro, creio eu, em nenhuma epocha se occupou tanto de Portugal como Mr. Ferdinand Diniz.

«E eis a lista das suas obras:

I. *Resumé de l'Histoire littéraire du Portugal, suivi du Resumé de l'Histoire littéraire du Brésil.* Paris, 1826, 1 vol. in-18.

II. *Theatre portugais, dans la collection des chefs d'œuvre des théatres étrangers.* 1823, 1 vol. in-8.º

III. *Tableau Chronologique de la Littérature portugaise. (Dans l'Atlas des littératures, publié par Mr. Jarry de Maney.)* 1827. Chez Renouard & C.e

IV. *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poesie. Suivies de Camoens et José Indio.* Paris, 1824, in-8.º

V. *Camoens et ses contemporains. Traduction des poesies diverses de Camoens, dans une traduction des Lusiades, publié par Mrs. Ortaire Fournier et Dessaules.* Paris. Format Charpentier. Chez Gosselin.

VI. *Chronique Chevaleresque d'Espagne et du Portugal.* Paris, 1839, 2 vol., in-8.º Chez Ledoyen, Palais-Royal, et Desforges, rue des Grands-Augustins.

VII. *Ignez de Castro et le Jaloux (O ciumento), de Antonio Ferreira, traduit dans la Collection du Theatre Europeen.*

FERRÉ, O. ET SAINT YVES.

Louise de Gusman (roman portugais). Paris, 1866.

FERISHTAH (KASIM ——).

Foi esta obra traduzida em inglez com o seguinte titulo:

History of the rise of the mahometan power in India, till the year A. D. 1612, translated from the original persian of Mahomed Kasim Ferishto, by John Brigs. London, 1829. 4 vol., in-8.º

Suas *Historias dos Estados Decanis* são assás amplas, e se referem ao periodo em que o poder dos portuguezes estava no seu auge.

«Briggs dá n'um appendice o epitome das guerras dos portuguezes na India. Mas as allusões de Ferishtah aos portuguezes, excepto no capitulo XI, são mui escassas. Dá, sim, uma breve relação da morte do Rei Bahadur, e do cerco de Chaul por Burham Nizam Shah em 1592, mas não faz menção alguma do grande cerco de Diu. Mesmo assim, a constante referencia aos Reis mahometanos pelos

historiadores portuguezes, e a constante communicação que deve ter havido entre os orientaes e os invasores europeus, tornam necessario consultar Ferishtah.»

«Abaixo de Ferishtah deve ser mencionado o *Mir-at-i-Ahmadi*[1], com a sua traducção por Bird, e o *Mir-at-i-Sikandari*, sobre o qual foi fundado o *Mir-at-i-Ahmadi*.

«A *Historia de Beijapur*, por Ferishtah, foi prematuramente encerrada em 1596, sendo que nós buscamos nossas informações até o anno de 1663.

«As seguintes historias supplementares dos estados de Decan, e particularmente de Beijapur, as unicas que têem mais referencias a Goa, são descriptas na lista dos monumentos historicos guardados na livraria da real sociedade asiatica, por Mr. Morléy, e são:

«*Fazkirah i Ahwal i Salatin i Beijapur*, composta em 1806, de duas mais antigas historias da dynastia Adil Shahdi. Morley descreve esta obra como concisa, mas valiosa.

«*Basatin us Salatin*. É tambem um manuscripto moderno (1824), mas o prefacio enumera as auctoridades donde foi compilado.

«*Muntakhab i Tawarikh i Bahri*, contendo a historia da dynastia Nizamshahi.

«*Tarikh Sultan Muhammad Qutbshahi*, historia da dynastia Qutbshahi de Golconda; de que se acha um epitome no Ferishtah de Briggs. Mr. Bird na sua relação de Beijapur, refere-se a outra historia, o *Terikh i Haft Kursi*, e tambem ao *Tarikh i Asad Khani*, que elle parece considerar como a mesma obra sob differente nome; e diz que o *Tarikh i Haft Kursi* foi escripto no reinado de Ali Adil Shah II (1656 a 1672).

«Não vi nenhuma d'estas historias manuscriptas dos estados de Decan; faço d'ellas menção como até certo ponto pertencentes ao assumpto. Os nomes dados pelos auctores portuguezes são frequentemente inintelligiveis, quando se comparam com as relações persianas. Mas não é de esperar que qualquer d'estas historias faça mais do que allusões casuaes aos portuguezes.»

FERNANDES (P. JEAN PATRICE ——).

La Relation historial de las Missions de los Indios que llamam Chiquitos. Madrid, 1726.

Trata das missões de Paraguay.

FERNANDES.— Jesuita, natural de Cordova.

E. *Oito cartas ácerca das missões no Japão de 1551 a 1566, as quaes se encontram em differentes collecções, e entre outras nas Epistolae Selectae ex India, interprete J. Pedro Maffejo.* Venetiis, 1588, pag. 12, 27 e 72.

Duas cartas, a primeira a S. Francisco Xavier; e a segunda ao padre Melchior Nuñes, Rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum, &c. Neapoli, 1573, pag. 89 e 128.

FERNANDEZ DE LOS RIOS (A.).

Mi mission en Portugal, annales de ayer para enseñanza de mañana, par M. F. S. Bendant. Paris, 1827.

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1874, pag. 184.

FERNEL (JOÃO ——).

João Fernel[1] tinha nascido em Montdidier, na diocese de Amiens, de onde procede o cognome de *Ambianas*, que a si mesmo dá em seus livros.

«Começou por ser discipulo em Santa Barbara. Para aqui veiu mais tarde, para completar, ou para melhor dizer, para refazer inteiramente uma educação defeituosissima que tinha recebido em Clermont, no Beauvoisis, pela vontade de sua mãe. Era esta mãe uma d'aquellas que não querem, por modo algum, separar-se de seus filhos. Elle, comtudo, que se sentia chamado a vir a ser alguma cousa, suspirava por mestres mais habeis do que os seus. Por suas supplicas poz seu pae do seu lado, e obteve ser enviado a París[2].

«Contava elle então dezesete ou dezoito annos; teria até mesmo vinte e oito se quizessemos dar credito a seu biographo Guillaume Plancy, o qual diz ter elle morrido na idade de sessenta e dois annos, tendo occorrido a sua morte em 1558, e sua entrada em Santa Barbara em 1523. É porém, mais seguro regularmos-nos pelo epitaphio que foi gravado sobre sua sepultura na egreja de Saint-Jacques la Boucherie. Lia-se n'elle que viveu cincoenta e dois annos (vixit annos LII)[3]. Põe este epitaphio o começo de sua vida universitaria n'uma idade em que se explica melhor a opposição que teve de vencer da parte de sua familia, pois não é um homem approximando-se dos trinta annos pessoa que a mãe retenha em casa quando d'ella quizer saír.

«Fernel, afastando-se de Clermont, tinha jurado a seus parentes que havia de saber bem, pela sua diligencia, reparar o tempo que tinha perdido. Cumpriu sua palavra. No fim de dois annos foi approvado nos seus exames de licença, de maneira tal, que deu nas vistas a alguns principaes, que o solicitaram, a fim de que fosse ensinar a casa d'elles. Mas este pequeno bom exito não correspondia á sua ambição. Tocado da influencia que parece ter corrido no ar por aquelle tempo, e decidido a saber mais do que exigia a faculdade das artes, adiou o começar a ensinar até ao tempo em que houvesse adquirido conhecimento dos auctores.

«Foi observado então pôr-se como que em reclusão no quarto que occupava em Santa Barbara. Renunciando a todos os prazeres, a todas as convivencias, repartiu seu tempo entre as mathematicas, a philosophia, e a leitura de Cicero. Começava o estudo do dia por exercicios de calculo; depois fazia estudos sobre o texto de Aristoteles, mas sobre o texto privado de qualquer commentario, pois tinha reconhecido o mal causado á doutrina pela phantasia dos glosadores. Depois de ter conseguido fixar por si mesmo um sentido que satisfizesse ao seu juizo, trabalhava por desenvolver a idéa do mestre, procurando no estylo dos academicos a fórma com a qual convinha revestil-a. Foi assim que se deitou ao estudo de Platão, mas com a desvantagem de não possuir d'este auctor mais do que a traducção de Marsilio Ficino[4].

«Taes foram suas occupações, até que deixou de ser estudante. Seu genio meditativo e taciturno, achava n'ellas tantos encantos, que não teria jámais pro-

---

[1] J. Quicherat, *Histoire de Sainte Barbe*, vol. I, pag. 170.

[2] De Beauvillé, *Histoire de la ville de Montdidier*, tomo III, pag. 209.

[3] *Vita Fernelii, scriptore G. Plantio, Cenomanno, D. med.*, á frente da *Universa medicina Joannis Fernelii*. D'esta fonte foram bebidas a maior parte das noticias que se seguem.

[4] Vilain, *Essai d'une histoire de la paroisse de Saint Jacques la Boucherie*, pag. 180.

curado outras, se duas circumstancias independentes da sua vontade não o houvessem arrancado á vida solitaria. Em primeiro logar o excesso de assiduidade lhe produziu uma febre intermittente, da qual se não poude curar senão por alguns mezes de campo; depois seu pae cerceou-lhe os meios de subsistencia, declarando-lhe que arranjasse immediatamente qualquer profissão para viver. Indicava-lhe a do fôro como a mais rendosa; mas Fernel, que se não sentia proprio para fallar, e que tinha amor ás experiencias, preferiu a medicina. Acceitou de Diogo de Gouveia uma cadeira de philosophia, a qual foi o seu ganha pão durante uma parte dos seus novos estudos.

«Seu ensino deu brado na universidade de Paris. Não tinham ainda assistido a uma exposição de dialectica tão sobria, tão luminosa, e, para nos servirmos da expressão de Thevet, tão livre das velhas rapsodias: «O que o faz sobre todas as outras cousas recommendar, diz o mesmo auctor, é o methodo que elle tinha de abrir o sentido e intelligencia de Aristoteles, com uma facilidade tal, que não havia espirito tão grosseiro no qual não gravasse elle os verdadeiros sentidos da philosophia; e accrescenta: podem dar prova d'isto as elegantissimas e doutas lições que dictou pelo espaço de dois annos, no collegio de Santa Barbara, onde leu publicamente o curso de philosophia[1].»

«Thevet chama ao curso de Fernel um curso publico, por causa do grande numero de ouvintes que alli iam de fóra. A tradição conservada em Santa Barbara, é que não havia classe bastantemente grande para conter o auditorio, e que no momento da lição viam-se obrigados a pôr a cadeira do professor no pateo[2].

«Esta voga prodigiosa não impediu que Fernel sentisse sua inferioridade no dia em que se achou na presença de Strebeo. O uso excessivamente reiterado do raciocinio, tinha-o feito cair n'uma aridez de espirito, da qual se quiz curar, frequentando as lições d'este mestre. Em vez de começar um segundo curso de philosophia, deu lições particulares, e o que as lições, juntas aos estudos medicos, lhe deixavam de tempo, empregou-o em estudar a arte de composição debaixo da direcção de Strebeo, ao mesmo tempo que, como remuneração, iniciava Strebeo nas sciencias exactas. Nada mais fez até ao momento em que se entregou todo inteiro á medicina.

«Os discipulos de Gelida e de Fernel foram fieis ao programma que seus mestres lhes haviam traçado. Levaram o desprezo dos falsos deuses para os collegios, que não tinham ainda abjurado d'estes. Vemos Antonio de Mouchy, o famoso Démocharès, formado por Gelida[3], e ainda mais ardente do que o seu mestre, apresentar-se d'este modo no collegio de Bergonha, com os *Topicos* de Aristoteles, cuja interpretação elle, o primeiro da sua escola, renovava. Seu discurso de abertura é uma violenta philippica contra os inimigos furiosos de toda a litteratura, os perseguidores infatigaveis do ensino reformado, esses idolatras

---

[1] Accrescenta ainda estas palavras: «De ramentevoir avec quelle industrie il s'en est acquitté, seroit perdre son temps, puisqu'il y a encore plusieurs pour le jour d'uy vivants qui, ce besoing faict, pourront rendre temoignage de sa insuffisance et capacité non assez merveillable.»

[2] *Notes historiques sur le collège Sainte Barbe, recueillies par le principal Monassier*, nos archivos da universidade, cartão 22.

[3] *Antonii Democharis Ressionensis ad ingenuum lectorem extemporaneum carmen*, no fim do tratado de Gelidius, *De quinque universalibus*.

da miseria e da aberração, esses obstinados adeptos da estrategia hespanhola, que não cessam de conspirar contra o progresso, que parecem ter-se dedicado aos deuses infernaes para procurarem abolir os methodos aperfeiçoados, aos quaes elles detestam, só pela rasão de não os terem aprendido[1].

«A quem se dirigiam estas invectivas? Aos velhos professores, que vozeavam na sombra, ao corpo docente de Montaigu, ao qual João Maior, ainda vivo, conservava estreitamente apertado em volta da sua pessoa. Mas não havia já necessidade de fazer caír o peso de uma tão grande colera contra esses pobres grandes homens que tinham passado da moda. Nem suas saudades, nem seus despeitos podiam prevalecer contra o espirito do tempo. Succumbiam elles debaixo do ridiculo; o termo faceto para os designar andava em todas as bôcas: *Fumivenduli triobolares,* vendedores de fumo a tres *liards* cada porção.

*
* *

«Em nenhuma epocha tinha a universidade de París mostrado muito cuidado para com as sciencias exactas. Até ao fim do seculo XV approvou ella que os livros de geometria e de astronomia fossem explicados em lições extraordinarias, quando se apresentassem mestres capazes; inscreveu até mesmo algumas vezes em seus programmas, que deveriam mostrar alguma instrucção n'este genero áquelles que pretendessem ser admittidos aos graus; e, apesar d'isto, o maior numero dos diplomas foram passados a aspirantes que nem uma palavra entendiam de numeros nem de medidas.

«A raridade dos manuscriptos contribuia em grande parte para esta negligencia. Logo que Lefevre de Etaples, cedendo aos conselhos de Hermonymo de Sparta, apresentou as primeiras edições das obras de mathematica[2], estes livros foram recebidos com grande acceitação nos collegios, e n'elles se tornaram o objecto de um ensino seguido. Formaram-se professores, principalmente entre os hespanhoes. Os nomes de Pedro Ciruelo, Gaspar Lax, e Martin Poblacion, foram muito recommendados desde o tempo de Luiz XIII; o de um andaluz que foi creado de Celaya, antes que Celaya viesse a Santa Barbara, Martinez Guijeno, ou Siliceus, fica associado a um tratado de arithmetica que teve o merecimento de ser original, e sobre o qual Oronce Fineo baseou o ensino das sciencias[3].

«Estavam as cousas n'este ponto quando Fernel se apaixonou pelas mathematicas. Aprendeu o que havia nos livros, e ficou dentro em pouco habilitado para dar a Santa Barbara um mestre que, n'esta materia, não cedia a nenhum outro do seu tempo. Suas lições foram ouvidas por um auditorio extraordinario,

---

[1] *Antonii Democharis Ressonei pernecessarium in octo libros Topicorum Aristotelis hypomnema, quae tota disserendi vis in omne problema ingeniore demonstratur.* Paris, Simon de Colines, 1535.

[2] Dedicatoria de Jacques Lefevre a Carlos Bourré, thesoureiro de França, á frente da *Textus de Sphaera Johannis de Sacrobosco.*

[3] Dedicatoria a Luiz Dysque, datada do collegio de Navarra, á frente da *Arithmetica Johannis Martini Silicei in theoricen et praxim scissa,* edição de 1519, Roberto Estevão.

que assistiu ao curso que fez durante os dois annos que durou o seu curso de philosophia. Era noviço de mais, e mettia-se n'um excessivo numero de cousas ao mesmo tempo, motivo por que não podia trilhar o caminho das grandes descobertas; todavia seu espirito investigador lhe mostrava de todos os lados da sciencia cousas que deviam ser aperfeiçoadas. Nem Ptolomeu nem os arabes tinham conhecido a terra tal como ella é; mas havia quarenta annos que a viam augmentar-se todos os annos com um novo paiz, e o céu era observado debaixo de todos os aspectos. Como estes progressos eram devidos principalmente á marinha portugueza, nosso collegio era o logar de París para onde as primeiras noticias eram levadas. Fernel recolhia avidamente tudo isto, e procurou fazer entrar as conquistas do seu seculo no plano da sciencia nautica[1].

«Applicava-se tambem, sendo muito industrioso de mãos, a construir instrumentos de astronomia, mais commodos do que os de que se serviam commummente[2]. Para todas as observações não havia então mais do que planispherios sobrecarregados de rodas, de circulos, e de agulhas, com uma confusão de escalas graduadas, e de projecções em que a vista se perdia. Assim eram concebidos o astrolabio e uma outra machina, á qual davam o nome de horario altimetro. Fernel reduziu o astrolabio a um quadrante unico, e lhe deu o nome de monalosphero. Compoz um horario simplificado para determinar o tempo verdadeiro em todos os instantes do dia e da noite, e para fazer operações trigonometricas. Appropriou finalmente ao estudo do movimento dos planetas um instrumento á parte, que foi chamado *planethodium*.

«O primeiro anno do seu curso foi consagrado ás applicações do monalosphero e do horario, e que o induziu a expor o conhecimento do tempo; as funcções d'aquillo que se chamava então *primeiro mobil*, e toda a geometria pratica. Passou no anno seguinte ao systema do universo, e applicou-se em ultimo logar ás theorias superiores da arithmetica. Estes dois cursos, redigidos a pouco e pouco, foram impressos com um acompanhamento de figuras de um desenho delicado, que as imprensas de Simon de Colines, que d'esta obra foi o editor, nada produziram de mais perfeito como typographia.

«O primeiro volume, intitulado *Monalosphaerium*[3], é datado «do mui frequentado gymnasio de Santa Barbara, 1.º de fevereiro de 1526», isto é, 1527, conforme o computo actual. É dedicado a Diogo de Gouveia, que, partindo no anno precedente para Portugal, tinha animado o joven professor a compor algumas das obras que faltavam para o ensino das sciencias. Lê-se no fim uma poesia composta por um dos discipulos portuguezes, que tinham frequentado o curso. Não levarão a mal encontral-a aqui, quando mais não fosse, como uma amostra da composição poetica que possuiam então nas classes do nosso collegio, antes de Buchanam ter feito ouvir n'elle suas lições.

---

[1] Epistola ao Rei de Portugal, á frente do *Cosmotheria*.

[2] Plantius, *Vita Fernelii*.

[3] *Joannis Fernelii Ambianensis monalosphaerium partibus constans quatuor: prima generalis horarii structuram atque usum in exquisitam monalosphaerii cognitionem praemittit; secunda mobilium solemnitatum criticorumque dierum rationes multa brevitate complectitur: tertia quascumque ex motu primi nobilis depromptas utilitatis elargitur; quarta geometricam praxim breviusculis demonstrationibus dilucidat.* Paris, fol.

Esta poesia é intitulada: *Exhortação de João Bautista a João Ximenes, Manuel de Teive, e outros, seus condiscipulos, jovens dotados de todo o genero de merecimentos.*

Haud vestros vilis, juvenes, situs occupet artus.
Promite Dircaea carmina digna chely.
Nam quae clara tulit partu Phænicia primo,
Quae dedit aut quondam corpore pictus Arabs,
Fernelii recte vos aurea scripta docebunt,
Quem patre cum Phœbo sacra Minerva probat.
Frigidus is novit qua sede moretur Orion,
Nec latet hunc, teneat quem Cynosura polum,
Et quem possideant pluviosae Pleiades orbem,
Et quot venatrix luna vehatur equis;
Telluremque nova didicit metirier arte
Et duodena brevi fingere signa polo:
Doctus in exigua cœlos monstrare tabella,
Quasque habitent sedes Indus et Aethiopes,
Dives et unde fluat spatioso gurgite Ganges,
Et quot prorumpens ostia Nilus habet.
Promptior in logico nemo est certare duello,
Et Stagyritani pandere scripta sophi.
Ergo, sophismatibus pauco post terga relictis
Tempore, sunt alio regna terenda pede.

«A primeira parte do curso do segundo anno appareceu no começo de 1528, debaixo do titulo de *Cosmotheoria*[1]. A obra é dirigida ao Rei de Portugal D. João III, como uma homenagem de Santa Barbara reconhecido para com o Principe que a acabava de dotar tão generosamente, com a creação das cincoenta bolsas. Na epistola dedicatoria Fernel falla com enthusiasmo das descobertas recentes dos portuguezes, e exprime em termos os mais modestos a esperança de que seus methodos hão de poder ser uteis aos emulos de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, para precisarem melhor as posições das terras novas.

«Tres ouvintes do curso, Denis Armenault, João Lelieur, e Honoré de Boissy, forneceram versos em louvor de seu mestre.

«Um terceiro tratado, que representa o complemento das materias ensinadas em 1528, tem por titulo: *Dois livros das proporções*. Tornou-se tão raro, que foi impossivel obtermos um exemplar; todavia o titulo não se encontra consignado n'uma noticia cheia de informações que um sabio medico do ultimo seculo consagrou á memoria de Fernel[2], e este titulo desenvolvido, segundo o costume do

---

[1] *Joannis Fernelii Ambianatis Cosmotheoria libros duos complexa. Prior mundi totius et formam et compositionem, ejus subinde partium (quae elementa et cœlestia sunt corpora) situs et magnitudines, orbium tandem motus quosvis solerter resecat; posterior ex motibus siderum loca et passiones disquirit, interspersis documentis haud pœnitendum aditum ad astronomicas tabulas suppeditantibus, haecque sejunctim tandem expedita praebet planethodium. Cuique capiti perbrevia, demonstrationum loco, adjecta sunt scholia.* Paris, Simon de Colines, 1527, v. st.

[2] Goulin, *Mémoires littéraires, critiques, philologiques, biographiques et bibliographiques, pour servir à l'histoire de la médicine*, pag. 349.

auctor, dá uma idéa sufficiente do que a obra encerra[1]. Trata unicamente das relações dos numeros e das grandezas, não entrando nos problemas de mechanica que terminam os outros tratados, publicados pela mesma epocha, debaixo do titulo de: *Des proportions*. A epistola dedicatoria é dirigida ao veneravel Martin Dolet, a quem Fernel, sem duvida por causa dos obsequios de que lhe era devedor, designa como um protector cheio de zêlo para com os sabios. Sabemos, finalmente, que ha um prefacio apologetico em verso.

«Na entrada das ferias de 1527 teve Fernel a idéa de fazer com seus intrumentos uma grande e fundamental experiencia. Emprehendeu medir um grau do meridiano, suspeitando que os calculos transmittidos pelos antigos não mereciam uma confiança absoluta. Eis, segundo seu proprio testemunho, de que maneira procedeu n'esta operação:

«Comecei reunindo as regras em conformidade, ou com pouca differença, com as figuras que Ptolomeu descreve no 5.º livro do Almagesto. Formavam ellas um triangulo rectangulo, das quaes o lado mais pequeno, representando o raio de um circulo, tinha oito pés. A regra que formava a hypothenusa ou corda do quadrante, mantida n'uma posição fixa, estava dividida cuidadosamente em graus e minutos, para dar mais exactidão ás operações. Um braço movel, munido de uma dupla mira, estava fixo no angulo recto do triangulo, de maneira que girava sobre a hypothenusa.

«Tendo escolhido um dia bonito (foi a 25 de agosto), calculei eu por meio das minhas regras, que em París a elevação do sol no meio dia era de 49° 13′. Como n'aquelle dia o sol occupava o 11° grau de Virgo, cuja declinação boreal é de 7° 51′, julguei em conformidade com a terceira proposição do 3.º livro do meu tratado do monaloshero, que a elevação do equador continha 41° 22′ e por conseguinte que a latitude de Paris era de 48° 38′. Antes de pôr de lado este trabalho, observei ainda, segundo as tábuas de declinação, que no dia seguinte, 26, debaixo da latitude 49° 38′ da região mais septentrional um grau do que París, a elevação do sol ao meio dia deveria ser de 47° 51′, differença resultante tanto da mudança de latitude como da declinação do sol. Era preciso, pelo mesmo motivo, que a elevação do sol, no mesmo logar, á mesma hora, fosse de 47° 26′ a 28, 47°,5′ a 28, de 46° 41′ a 29.

«Continuei estes calculos preparatorios ainda por alguns dias, com o fim de evitar todos os embaraços que poderiam difficultar a experiencia. Parti então, andando o mais direito que pude no sentido do norte, e depois de ter caminhado dia e meio, tomei pelo meio indicado acima, a altura do sol ao meio dia. Achei-a superior áquella que eu tinha calculado para o 27, pois ella era de 48° 6′. Pensei, por conseguinte, que era necessario leval-a mais longe; o que tendo feito, sem me encontrar ainda no dia seguinte com a elevação que eu tinha fixado para o 28, pude todavia reconhecer approximadamente quanto devia ainda avançar. Dirigi-me a este ponto, e no dia 29 pelo meio dia encontrei o que procurava, isto é, a elevação de 46° 41′, que tinha fixado para o 29.

---

[1] *Joannis Fernelii, Ambianatis, de proportionibus libri duo: prior qui de simplici proportione est, et magnitudinum et numerorum tum simplicium tum factorum rationes edocet: posterior ipsas proportiones comparat earumque rationes colligit.* Paris, Simon de Colines.

A dedicatoria escripta *apud clarissimum divae Barbarae gymnasium, ad calendas novembris*, 1527.

«N'estas operações servi-me constantemente do meu horario, tão commodo para achar as horas e o meio dia verdadeiro.

«Tenho-me informado da distancia entre Paris e o logar em que me achava, responderam-me os habitantes: vinte e cinco leguas. Não me contentei com esta avaliação. Entrei n'uma carruagem que ia directamente a Paris, e n'ella me conservei durante todo o tempo do trajecto, de modo que contava as revoluções de uma das rodas, as quaes fixei em 17:024, feita a deducção do que era preciso para as subidas e descidas. O diametro da roda era de 6 pés e com um pouco mais de 6 pollegadas geometricas, por conseguinte sua circumferencia de 20 pés ou 4 passos. Multiplicando por 4 o numero das revoluções, achei 68:096 passos, os quaes fazem 68 milhas italianas, mais 96 passos. Julguei dever converter estes 96 passos em 95 $^1/_4$, para não ter de introduzir fracção no diametro da terra. Por fim, como a operação não seria differente em qualquer logar que a repetissem, quer por terra, quer por mar, concluí que a mesma medida pertencia a todos os graus de um grande circulo. Reconheci que a legua de França contém mais de 2 milhas italianas, o que ainda é provado por outra experiencia. Do palacio na cité, á igreja de Saint Denis contei 5:950 passos, e entre o recinto das duas cidades 4:450 passos. Os passos de que fallo, são os meus, e os dos homens de estatura media. São necessarios 5 para fazerem 6 passos geometricos; por conseguinte, são necessarios 1:000 para fazerem 1:200 passos geometricos ou 400 covados, o que combina com a opinião de Campano e dos outros que compõem a milha de 1:200 passos geometricos, ou 1:000 passos ordinarios, e é a medida que eu mesmo dei á milha.

«Tendo-me por aquelle tempo posto a medir o comprimento de Paris, verifiquei ser de 2:110 passos geometricos. Para a largura achei 2:030 passos, e 7:650 para o contorno[1].»

«Tal é a narração de Fernel na sua *Cosmotheoria*. Traduzimol-a aqui sem córtes, porque se trata de uma cousa que deu brado na historia das sciencias. Montucla[2], e Delambre[3], consideram-na como a primeira experiencia d'este genero que se fez na França, e como a primeira tambem que marca o acordar da observação, desde que os arabes cessaram de cultivar a astronomia. Exprimem estes dois sabios, alem d'isso, o mesmo espanto que o resultado de Fernel seja quasi identico ao que obtiveram, cada um por sua vez, La Caille, Méchain, e o proprio Delambre, embora seu calculo se funde n'uma base falsa.

«Os que desejarem saber em que consiste o erro, deverão recorrer á *Historia da astronomia*. Temos já dito bastante para que a lembrança de uma experiencia, citada algumas vezes com honra, apesar de seus defeitos, se conserve na casa que viu os preparatorios d'ella, que saudam o ousado explorador na sua partida, e que recebeu os parabens pela sua descoberta.

«Fernel terminou seu curso no fim de 1528, sem renunciar por isso á astronomia. Foi esta sciencia o demonio que atormentou sua mocidade, a ponto que os começos de sua carreira medica foram agitados por ella. Estava já doutor e casado, e em vez de tratar de ganhar freguezia, em nada mais pensava do que em

---

[1] *Cosmotheoria*, lib. I, primi capitis scholia.

[2] *Histoire des mathématiques*, tomo I, pag. 576.

[3] *Histoire de l'astronomie au moyen âge*, pag. 382.

travar conhecimento com os outros curiosos como elle, e em fabricar instrumentos novos. Seu gabinete era um deposito de machinas. Vencido, finalmente, pelas observações de seu sogro, e mais ainda pelos gemidos de sua mulher[1], poz tudo isto de parte, e fez bem. Veiu a ser um grande medico, ao passo que se continuasse a arrastar-se atraz dos principios de Ptolomeu, que elle nunca abjurou[2], não teria tido outra reputação mais do que a de um adversario impotente de Copernico.

«Esta parte, porém, da sua vida, nada tem que ver em o nosso collegio. Fique-se sabendo tão sómente, que depois da sua retirada, o ensino das mathematicas desertou de Santa Barbara, assim como dos outros estabelecimentos da universidade. Foi em volta da cadeira regia, creada em 1532, que se agruparam os que queriam applicar-se a este estudo.

*
* *

«Quando o fallecido monsenhor Affre veiu consagrar a nova capella de Santa Barbara, em 1847, vendo traçados nos medalhões que decoram a sacristia, os nomes de Santo Ignacio de Loyola, e de S. Francisco Xavier, inclinou-se ao ouvido do director da casa, e lhe disse, sorrindo: «Não julgava que fosseis tão jesuitas em Santa Barbara». Fallava o bom bispo então como se nunca tivesse sabido que os dois heroes da companhia de Jesus tinham sido educados em o nosso collegio.

«As aventuras de Santo Ignacio em Santa Barbara têem sido contadas com todas as sortes de minuciosidades, mas tambem com muita confusão, de modo que ha difficuldade em bem as collocar no seu logar. Procuraremos, porém, fazel-o o melhor que nos seja possivel, seguindo de preferencia o testemunho do padre Luiz Gonçalves[3], jesuita, que fez sua profissão mesmo no tempo do proprio Ignacio, depois de ter tomado, como elle, seus graus na universidade de París.

«Em 1529 havia em Santa Barbara um estudante hespanhol chamado Amador, que passava por um dos estudantes de maiores merecimentos, não sómente no collegio, mas tambem em todo o povo latino. Diogo de Gouveia baseava n'elle as mais bellas esperanças, e o amava mais do que a todos os outros discipulos.

«Repentinamente, este mancebo, sem que a nós mesmos podessemos explicar porquê, foi dominado por um accesso de devoção, que o desviou completamente do trabalho. Incessantemente a orar ou a meditar, não teve mais ouvidos para as lições, nem tempo para as disputas. Despertou n'elle a caridade ao mesmo tempo que a piedade, e n'uma medida não muito rasoavel. Sua guarda-roupa ia sendo privada diariamente de alguma peça que mandava vender para dar o dinheiro aos pobres. Depois do fato chegou sua vez aos livros. Por fim descobriram certa manhã que Amador tinha desapparecido. Grande consternação dos

---

[1] Plautius, *Vita Fernelii.*

[2] *De abditis rerum causis,* Epistola dedicatoria ao Rei Henrique II, 1548.

[3] *Acta antiquissima S. Ignatii Loyolae,* edição dos Bollandistas; *Acta Sanctorum,* no tomo VII de julho, pag. 634 e seguintes.

mestres e do principal; a que hora tinha elle partido? Por que lado? Onde podia elle estar? Mas antes de terem principiado as pesquizas regularmente, uma legião turbulenta estava no caminho para o ir procurar no logar do seu retiro.

«Não tinha partido sósinho. Dois rapazotes da sua terra, com os quaes elle tinha travado a mais estreita amizade, o acompanharam na sua fuga. Ora o piedoso trio estava desde muito tempo debaixo da vigilancia da mocidade hespanhola, a quem uma tão grande exaltação religiosa desagradava soberanamente. Tinham lançado mão de tudo para os encaminharem para sentimentos mais moderados, e nada tinham conseguido. Prometteram desde então empregar a maior vigilancia em volta d'elles, de maneira que impedissem a loucura em que devia terminar, na opinião de todos, um zêlo tão exagerado.

«Na propria manhã que se seguiu á sua partida, foram informados de que tinham elles passado a noite em o hospital de S. Thiago, na rua de Saint Denis[1]. Immediatamente todos os estudantes dão aviso para se dirigirem a S. Thiago. Um grupo de alguns centenares de estudantes, chega em frente do hospital. Pedem os seus condiscipulos, e como estes dão em resposta que sua resolução é de não voltarem mais para o mundo, arrombam as portas, precipitam-se com as armas na mão dentro do estabelecimento, apoderam-se dos tres reclusos, aos quaes levam á força, obrigando-os a jurar que hão de adiar sua renuncia até tocarem a idade em que se póde legalmente dispor de si.

«Tendo regressado Amador ao collegio, soube-se com todos os pormenores a historia de sua conversão. Era ella a obra de um homem já maduro que a universidade contava, havia um anno, em o numero de seus subalternos. Os hespanhoes, no meio dos quaes elle se tinha introduzido a titulo de compatriota, conheciam-no todos, e davam-lhe o nome de *Peregrino*. Era Inigo ou Ignacio de Loyola.

«Ninguem ignora que o fundador da companhia de Jesus foi primeiramente soldado, que recebeu uma ferida grave no cerco de Pamplona, pelos francezes, que se converteu durante sua convalescença, lendo alguns livros piedosos. Apenas teve a fé, que sentiu nascer em si a ambição de fazer em prol da religião alguma cousa que não tivesse ainda sido tentada; mas que cousa?

«Alternadamente cavalleiro errante em honra da Virgem, eremita, peregrino de Jerusalem, estudante em Barcelona, Alcalá, e Salamanca, em nenhuma d'estas profissões achou em que fixar o vago de seus desejos. Todavia formou-se cada vez mais na mortificação e no desinteresse; o genero de vida que passava, causou-lhe extasis; concebeu o designio de encaminhar os outros para a perfeição que procurava para si proprio, e começou a praticar a direcção espiritual, que devia tornar sua vocação verdadeira. O effeito que produziu em Alcalá, no cerebro de alguns devotos, despertou a attenção da auctoridade ecclesiastica. Foi preso e levado a juizo. O official que o interrogou, nada achando de censuravel na sua doutrina, todo se limitou a uma admoestação que foi dada ao preso por se envolver n'um ministerio que não pertencia aos leigos; mandaram-no estudar para se fazer padre, se quizesse continuar na direcção das consciencias. Igual

---

[1] «Sanctus Jacobus ultra templum Innocentum», disse Gonçalves (cap. VII, n.º 74), e não Saint Jacques du Haut-Pas, segundo a interpretação de Maffei. V. *Bollandistas*, tomo VII de julho, pag. 472.

sentença foi proferida contra elle em Salamanca, onde recomeçou o mesmo teor de vida, depois de ter deixado Alcalá.

«Foi debaixo do golpe d'esta dupla condemnação, que Ignacio veiu a Paris no começo de 1528. Chegou com a bolsa guarnecida de algumas peças de oiro, que devia á caridade, e trazendo adiante de si um burro carregado com seus livros. Associou-se com outros hespanhoes para seguirem o curso de grammatica em Montaigu. Seu dinheiro, cuja guarda elle tinha confiado a um de seus companheiros, foi dissipado por este depositario infiel; ficou dentro em pouco reduzido á penuria, da qual se regosija como de uma graça que lhe fazia o céu. Mendigou seu pão; obteve ir dormir n'aquelle mesmo hospital de Saint Jacques, onde seu exemplo devia conduzir pouco tempo depois seus primeiros discipulos.

«Ficava o hospital longe de Montaigu; pela manhã abria-se tarde, e á tarde fechava cedo. Ignacio procurou obter para si um domicilio mais commodo, offerecendo-se para creado em alguns collegios. Ninguem o quiz receber. Viu-se obrigado a ter paciencia até ás ferias, para se dirigir a Antuerpia, informado de que n'esta cidade havia ricos negociantes hespanhoes, cuja bolsa estava aberta para todos os indigentes do seu paiz. Effectivamente levou d'esta viagem e de uma outra que fez a Londres uma esmola sufficiente para viver até ao fim de seus estudos.

«Foi por este tempo que principiou a insinuar-se na intimidade de Amador e de seus dois companheiros.

«Não é para surprehender, que as cabeças novas, dispostas para a exaltação, tenham sido transformadas de um modo tão completo, por um enthusiasmo da sua idade. Elle, comtudo, attribuia seu bom exito menos ao seu proprio ascendente do que á virtude de uma certa pratica, á qual dava o nome de revelação, por lhe ter vindo á idéa d'ella subitamente, um dia em que estava a ver no campo o rio de Llobregat que passa por Mansera. Era um processo artificial de meditação, consistindo em representar a si mesmo por uma posição fixa e completa aquillo que parece não poder ser comprehendido senão pelos olhos da alma. Por exemplo: para pensar nas consequencias do peccado, era mister imaginar almas como envolvidas n'um corpo de fogo, no meio de um immenso incendio, depois vapores de enxofre, torrentes amargas formadas pelas lagrimas blasphemias proferidas contra Deus, e contra os santos, etc.

«Deviam empregar todos seus sentidos na percepção da cousa assim representada; de tal sorte que se cresse não sómente ver e ouvir, mas apalpar com suas mãos, provar com sua bôca, e cheirar com seu olfacto. O espectaculo a que se entregavam assim, era entremeiado por compasso e medida, de orações, colloquios interiôres, e exame de consciencia. Tornou-se este mechanismo a materia do livro dos exercicios espirituaes, os quaes Ignacio passou ao papel antes de saber escrever em latim. Tinha já chegado, pelo habito, a de nenhum outro modo empregar a vontade que dirigia suas acções. Quando teve a idéa de se pôr como creado ao serviço de um pedagogo, dizia comsigo: «Imaginarei que o mestre é Jesus Christo; darei a um de seus discipulos o nome de S. Pedro, a um outro o de S. Paulo, e assim aos demais. Quando me ordenarem alguma cousa, fazel-a-hei com a idéa de que obedeço a Deus ou a seus santos.»

«Depois do estrepito causado por suas primeiras conferencias piedosas, viu amotinarem-se contra si não sómente seus compatriotas, mas até mesmo quasi toda a universidade. Os rapazes fugiam d'elle como de uma fera; os graduados

prodigalisaram-lhe os signaes de aversão e de desprezo, e foi até mesmo denunciado ao inquisidor pelo famoso Pedro Ortiz, então regente em Montaigu[1].

«Uma bella acção por elle praticada n'aquelle tempo, engrandeceu-o até certo ponto na opinião. Tendo sabido que o companheiro que o tinha roubado, havia caido doente em Rouen, no momento de embarcar para a sua terra, correu a levar-lhe dinheiro e consolações; e como alguem lhe mandou dizer de Paris que sua desapparição subita era reputada como fuga de um impostor, com o fim de representar seu papel, como homem sensato que era, não voltou sem se ter munido de um attestado reconhecido, que declarava o logar em que tinha estado durante sua ausencia.

«Ao chegar, sua primeira visita foi a casa do inquisidor. Pediu-lhe que o interrogasse, e que se elle tinha de ser submettido a julgamento, isto se fizesse depressa, pois sua resolução era começar seu curso de philosophia na proxima abertura das classes. O inquisidor conversou algum tempo com elle, e o mandou embora absolvido.

«É preciso que o espirito de mortificação lhe tenha inspirado o que então praticou, pois foi em Santa Barbara, na casa onde havia mais rancores contra elle, que se foi apresentar como estudante de philosophia. Foi acceito pelo professor João Penna, debaixo da condição expressa de se abster de qualquer tentativa sobre a consciencia de seus condiscipulos.

«Cumpriu sua palavra quanto a Amador, que desde então foi para elle como se nunca tivesse existido; mas os outros lhe pareceram tão apropriados para se entenderem com elle, que a tentação foi mais forte do que a fé jurada.

«Mais tarde, quando em Jesus de Roma fallava ácerca d'este tempo com seus companheiros, contava-lhes que durante as classes a cabeça d'elle lhe parecia ferver, nada ouvia da lição do mestre, e que para serenar seu espirito cumpria que fallasse de religião com alguem. João Penna, que o observava, advertiu-o, e como sua admoestação, reiterada tres vezes, ficou sem resultado, fez queixa a Diogo de Gouveia.

«Este não se tinha ainda consolado da mudança de Amador, enlouquecido, como elle dizia, por este estravagante hespanhol. O relatorio do professor de philosophia o poz no auge da colera; disse que o estudante de quarenta annos seria castigado como se não tivesse mais de dezeseis, e deu ordem para que no dia seguinte recebesse a *sala*.

«Davam este nome a uma correcção mais infamante do que dolorosa, que se administrava da maneira seguinte: Depois do jantar, estando presentes todos os alumnos no refeitorio, os mestres, armados cada um com a sua palmatoria, formavam-se em duas fileiras. O delinquente, despojado de seus fatos até á cintura, devia passar pelo meio d'elles, e receber de cada um uma pancada nas costas[2].

«Ignacio, apesar de informado do castigo que o esperava, não deixou de se dirigir para o collegio, resignado, como estava, a não recuar diante de qualquer genero de humilhação. Todavia, quando fingia sair depois da classe, viu a porta fechar-se diante de si; reflectiu, e achou rasoavel ir explicar-se ao principal.

---

[1] Ribadeneira, *Vita Ignatii*, cap. VI, n.º 109; Orlandini, *Hist. Societ. Jesu*, lib. I, n.º 70; *Epistola de Peralta a Pedro Ortiz*, no principio do commentario de João Major ao segundo livro das *Sentenças*.

[2] Dubonlay, *Hist. Univ.*, tomo VI, pag. 945.

Tiveram ambos uma longa conferencia, ao sair da qual Diogo de Gouveia appareceu no refeitorio de braço dado com o hespanhol. Fel-o assentar á mesa a seu lado, e, acabado o jantar, em vez de dar o signal de castigo, proferiu uma allocução cujo sentido foi certamente alterado pelos apologistas da ordem, representando-a como um acto de contricção para com seu fundador. Chegam até a dizer que o principal se lançou aos pés de seu discipulo e lhe pediu perdão[1]. De tudo isto não se encontra uma unica palavra no P. Gonzalez[2], e o bom senso diz que teria sido ridiculo para Gouveia acolher de tal sorte uma infracção á disciplina do seu collegio, e mesmo á da Igreja. Tudo que elle podesse dizer, era que Ignacio tinha uma vida santa, que se deixou arrastar por um zêlo excessivo, que d'elle tinha obtido o juramento de se comportar d'aqui por diante com mais prudencia, que renovava em seu nome o mesmo juramento perante o collegio, e que por conseguinte lhe perdoava a pena proferida contra elle.

«Desde este momento Santo Ignacio ficou em Santa Barbara, e se poz como interno em casa de seu professor, que em virtude do ajuste feito entre elles, teve de lhe fornecer um quarto, e nada mais do que pão e agua para seu alimento. Um grande esforço de vontade o livrou das distracções, que o tinham assaltado até então. Impoz a si mesmo a obrigação de não ter conversas piedosas até haver obtido seus graus. Pela primeira vez depois que estudava, conseguiu alojar alguma cousa na memoria.

«Suas relações foram pouco numerosas. Apenas teve tres amigos entre os estudantes do collegio; mesmo assim conservou-se a distancia de um d'elles, cuja indole extraordinariamente conforme á sua, lhe teria podido causar attracções. Era Simão Rodrigues de Azevedo, um dos pensionistas do Rei de Portugal, adolescente cheio de fervor religioso e já atormentado pela idéa de ir a Jerusalem[3].

«Emquanto aos outros dois, foram elles seus inseparaveis. Terminavam elles sua philosophia, assim como elle terminava a sua, e ficavam no quarto com elle no corpo principal do edificio, que deitava para a rua Saint Symphorien. D'elles um era um austero e sensato mancebo das montanhas da Saboia, que aprendeu as linguas antigas guardando porcos, e se conservou pastor até aos vinte annos. Chamava-se Pierre Lefèvre[4]. Era o outro Francisco Azpilqueta de Chabier ou Xavier, filho de um gentil-homem navarro, pessoa de litteratura vulgar, e de um comportamento faustoso, mas que, debaixo de uns exteriores frivolos, deixava ver que possuia uma alma heroica[5].

«Lefèvre, sabendo perfeitamente o grego, desempenhava junto de João Penna o mesmo officio de procurador que Postel havia desempenhado junto de Gelida. Foi para Ignacio um repetidor cheio de intelligencia e de assiduidade. Com uma devoção excessiva, tinha muito imperio sobre aquelle. Bastou-lhe saber a obrigação á qual seu discipulo se tinha submettido para banir cuidadosamente de suas conversas qualquer palavra que podesse exaltar a um ou outro[6].

---

[1] Ribadeneira, cap. VII, n.os 114 e 115; Orlandini, lib. I, n.º 171.
[2] Cap. VII, n.º 78.
[3] Orlandini, *Hist. Soc. Jesu.*, lib. I, n.º 88.
[4] Hilarion de Coste, *Histoire catholique du seizième siècle.*
[5] Tursellino, *De vita B. Xaverii*, lib. I, cap. II.
[6] Ribadeneira, cap. VII, n.º 117.

«Emquanto a Xavier não se viu obrigado a tomar uma tal resolução. Longe de ter a devoção de seus dois amigos, nada mais fazia do que escarnecer de seus rigores sobre suas pessoas. Ignacio ria-se de suas lembranças, presentindo que o espirito do mancebo não seria sempre tão rebelde, e que cedo ou tarde o havia de submetter á sua doutrina. Emquanto esperava usou de quanta arte tinha para se robustecer na sua affeição.

«Conta-se que, tendo sido Xavier encarregado do curso de philosophia no collegio de Beauvais, Ignacio, que sabia ser elle amigo da vangloria, trabalhou para o seu bom exito com um zêlo inteiramente mundano. Assistiu ás suas estreias; elle mesmo trouxe tantos ouvintes quantos poude recrutar, e não sómente affectou gabar o seu merecimento, mas andou de modo que os outros fallassem bastante d'elle. Foi por meio de taes cortezias que elle preparou a victoria que não tardou em alcançar, com perigo de sua propria vida, pois apenas se soube que tinha convertido a Xavier, um amigo d'este esteve a ponto de assassinar o convertente. Este facto occorreu quando já nem um nem outro habitavam o collegio [1].

«A residencia de Ignacio em Santa Barbara não é notada pelos hagiographos senão por duas occorrencias de pouca importancia. Uma vez obrigaram-no a fazer uma quarentena de alguns dias fóra da casa, porque tendo sabido que a peste estava n'um convento, alli foi de caso pensado, e tinha imposto a si mesmo o dever de tocar no doente.

«A outra anecdota diz respeito a uma nova explosão de más tenções que houve contra elle no momento em que preparava seu exame de bacharel [2].

«Era esta prova precedida de uma ceremonia a que davam o nome de «apanha da pedra». Em vão procurámos saber em que consistia uma tal cousa. Era sem duvida algum divertimento pago pelo candidato a seus condiscipulos. O que ha de certo, é que o apanhar a pedra custava um escudo de oiro, e que Ignacio hesitou muito tempo antes de se decidir a tal cousa. Deu parte de seus escrupulos a João Penna, que o persuadiu a conformar-se com o uso. Apanhou a pedra, e foi por isso censurado por aquelles cujos olhos estavam continuamente fitos sobre o seu procedimento. Provavelmente teria sido censurado se se tivesse recusado a obrar como os outros. Sua licença foi-lhe conferida pelo chanceller de de Santa Genoveva a 13 de março de 1533, depois dos exames, os quaes não deviam ter sido brilhantes, pois foi collocado sómente o trigesimo na lista dos candidatos recebidos [3]. Obteve, no anno seguinte, seu diploma de mestre em artes. Conserva-se este documento em Roma. Eis em que termos foi concebido:

«A todos quantos as presentes letras virem, o reitor e a universidade de Paris saúda n'aquelle que é a verdadeira salvação de todos. Como todos aquelles que professam a fé catholica, são obrigados, tanto pela equidade natural, como pelos preceitos da lei divina, a darem testemunho a favor da verdade, convem tanto mais ás pessoas da igreja, professores de diversas sciencias, que procuram a verdade em todas as cousas, e n'esta instruem e formam os outros, não se desviarem, nem por preferencia, nem por favor, nem por qualquer outro motivo que

---

[1] Orlandini, *Hist. Soc. Jesu.*, lib. I, n.º 86.

[2] Gonzalez, cap. VII, n.º 84.

[3] Informação communicada aos *Bollandistas*, pelo P. Potau. *Acta SS. Julii*, tomo VII, pag. 441

seja, do recto caminho da verdade e da rasão. Eis porque nós, desejando n'esta parte prestar testemunho á verdade, a todos, e a cada um a quem póde convir, pelo teor das presentes fazemos saber que o nosso muito amado, discreta pessoa mestre Ignacio de Loyola, da diocese de Pampelona, mestre em artes, obteve com todo o bem e honra o grau de mestre na illustre faculdade das artes de Paris, depois de exames rigorosos feitos no anno do Senhor de 1534, depois da Paschoa, em conformidade com os estatutos e costumes da dita faculdade, e com as solemnidades observadas usualmente n'esta parte. Em testemunho do que, fizemos sellar estas presentes com o nosso grande sêllo. Dado em Paris, em nossa assembléa geral reunida solemnemente na igreja dos Mathurinos, no supra dito anno do Senhor 1534, no decimo quarto dia de maio.= Assignado, *Le Roux.*[1]»

«Ignacio deixou Santa Barbara muito mal de saude, por causa do regimen alimenticio, ao qual se tinha condemnado. Não deixou, todavia, de se entregar immediatamente á theologia com Lefèvre e Xavier. Foi sómente então que os informou do segredo de seus exercicios espirituaes.

«Julgou dignos do mesmo favor a tres hespanhoes: Laynez, Salmeron, e Bobadilla, que tinham vindo de proposito a Paris para se associarem com elle, e por fim Simão Rodrigues teve tambem a sua vez de ser iniciado. Reunidos todos os sete na igreja de Montmartre a 15 de agosto de 1534, juraram elles entre si a alliança, que é considerada como o acto da fundação da companhia de Jesus. Deviam encaminhar-se para Veneza tão cedo como podessem, e embarcarem-se para a Palestina, pois suas aspirações não passavam alem de converterem os turcos pela arte da direcção espiritual, e pelo attractivo da frequente communhão.

«Modificaram-se seus projectos apenas tocaram a Italia, a terra classica para a sciencia do governo. Comprehenderam então melhor o que era possivel, e em que sentido convinha operar com o fim de obterem bom exito. Em Veneza conheceram o fundador dos theatinos, e tomaram d'elle a idéa de instruirem a mocidade; em Roma singularisaram seu instituto por um voto de obediencia absoluta ao papa, e desde este momento ficaram sendo os homens praticos que se conheceram depois.

«Na bulla que os auctorisa estão elles nomeados em o numero de dez, tendo augmentado com tres novos companheiros, dos quaes dois devem aqui ser mencionados. Um, Claudio Jay, era um barbista que recebeu o grau de licenciado em 1535; foi o apostolo da sua ordem na Austria, onde fundou o collegio de Vienna. O segundo, Pasquier Drouet, fez seus estudos no collegio de Calvi; por conseguinte não se formou debaixo da direcção dos Gouveias, mas contribuiu pela sua parte para a ruina da obra d'estes, preparando a fundação do brilhante collegio de Clermont, depois Luiz o Grande, que devia absorver a velha Santa Barbara, depois de a ter acabrunhado com dois seculos de desdens[2].

«Se os nomes fizessem as cousas, Santa Barbara teria produzido um jesuita celebre na pessoa de Guilherme Postel. Não é uma das menores singularidades d'este personagem, o ter trajado pelo espaço de trinta annos da sua vida a rou-

---

[1] *Acta SS.*, tomo VII, pag. 442.

[2] Apontamentos fornecidos pelo P. Potau aos *Bollandistas*, lib. c.; Nieremberg, *Honor del gran patriarca S. Ignacio*, tomo I, pag. 606 e 732.

peta distinctiva dos jesuitas, o ter querido ser chamado jesuita, e o ter sido tomado por tal pelos bons universitarios, que, por um tal titulo, não o forravam nem a affrontas nem a maldições.

«Baseava esta pretensão em ter residido pelo espaço de um anno no Jesus de Roma; não se lembrava de que Ignacio o tinha posto na rua como um raciocinador incapaz de submissão. Obstinado em combater a infallibilidade do papa, tratando o dogma de um modo tal, que n'elle queria introduzir uma redemptora ao lado do Redemptor, não pouco seguro na sua imaginação que, quando disputava com os protestantes, arriscava-se a seguir os principios d'elles, e a ir mais longe nas consequencias[1]; que foi elle mais do que um jesuita de phantasia?

«Perguntar-se-ha agora se a Companhia de Jesus se resentiu em alguma cousa da passagem de cinco de seus fundadores pelo nosso collegio.

«Seu nome, se dermos credito a uma tradição que subsistia ainda no ultimo seculo, teve nascimento em Santa Barbara. Santo Ignacio, dizia-se, durante o tempo que esteve aqui, tinha collado uma imagem de Jesus sobre a porta do seu quarto, e por causa d'isto os estudantes chamaram no seu latim *Societas Jesu* e *Jesuitae* ao pequeno nucleo de amigos no meio dos quaes elle tinha acabado por se encerrar. Estes nomes agradaram-lhe, e talvez por serem dados com má intenção; e mais tarde, quando creou o seu instituto, não se entregou ao trabalho de procurar outros[2]. Mas emquanto os barbistas faziam fincapé n'esta relação, os montacuciannos sustentavam com não menor segurança que era entre elles que Santo Ignacio tinha haurido sua devoção para com o nome de Jesus, porque seu collegio tinha sido sempre considerado e definido, desde João Standonck, como a escola especial, em que a mocidade era formada á imitação de Jesus, e que alem d'isto a abreviatura symbolica de IHS, que se tornou a cifra dos jesuitas, estava pintada á entrada da capella de Montaigu.

«Não ha meio de repartir a differença. As pretensões rivaes dos dois collegios, cáem perante a asserção positiva de Ribadeneira, que sua companhia não teve nome antes de 1537, e que o que tomou então provinha de pensamentos concebidos pelo fundador desde os primeiros tempos da sua conversão[3].

«Nós accceitâmos as palavras de Ribadeneira. Se o bom senso, ou a falta de seu testemunho, decidiria que o nome de Jesus se apresentou por si mesmo ao innovador que emprehendeu fazer mais e melhor, como edificação, do que tinham produzido todas as outras obras postas até então debaixo da invocação dos santos.

«Tomariamos do melhor grado por um fructo do nosso terreno o gosto sincero da bella antiguidade que sempre reinou nos collegios dos jesuitas. Quando seus fundadores estudaram em Santa Barbara, este sentimento acabava de fazer explosão; entregavam-se a elle os professores com uma sorte de transporte; passou para os discipulos, e quando estes trataram de assentarem sobre uma base nova a educação da juventude, não sómente não regatearam o logar que convinha dar á cultura litteraria, mas acceitaram como a primeira necessidade d'esta cultura o estudo dos grandes mestres, que não fallaram a lingua do christianismo.

---

[1] *Diccionario de Boyle*, edição annotada.

[2] *Notas historicas de Santa Barbara, colligidas pelo principal, Simon Monassier*, archivos da universidade, cartão 22.

[3] *Dissertação dos Bollandistas acerca da vida de Ignacio de Loyola. Acta SS. Julii*, tomo VII, pag. 437.

«Porém a vantagem mais directa que os companheiros de Ignacio tiveram de sua residencia em Santa Barbara, foi a amizade de Diogo de Gouveia. Não sómente este doutor concebeu para com elles uma viva affeição, mas vendo-os dominados por um tal ardor de proselytismo, julgou-os proprios para a obra que o Rei de Portugal tinha no pensamento, de maneira que instou com este Principe para se servir d'elles na propagação da fé nas suas colonias do Oriente.

«D. João III negociou n'este sentido junto de Ignacio, que fez com que o papa designasse a Francisco Xavier e a Simão Rodrigues, e foi esta a origem da missão das Indias, que tão grande resplendor lançou sobre os começos da companhia[1].

«Não temos de seguir nas suas conquistas espirituaes aquelle a quem cognominaram o Fernão Cortez da religião. Recordemo-nos sómente de que associou a seus trabalhos alguns dos antigos condiscipulos de Paris, e de que sua primeira obra no Oriente foi a reforma do collegio de Goa. Este estabelecimento, elevado dentro de pouco tempo a um grau inaudito de prosperidade, recebeu as colonias de neophytos que o apostolo enviou successivamente das Molucas, da Malasia e do Japão, para os converter em missionarios ou interpretes[2].

FERNANDO DE PENEDA.

Virtuosa vida y santa muerte de la gloriosa Princesa de Portugal Santa Joanna, por Fernando Correia de Lacerda, traducida en castellano, por ——. Sevilha, sem data.

FERNANDO DA SOLEDADE (FR.)

No vol. 4.º, parte 1.ª da *Historia Serafica,* pag. 296, tambem dá Magestade a D. João III.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA.

E. *Historia do descobrimento e conquista da India.*

É obra notavel, e foi estampada em Coimbra entre os annos de 1552 a 1561. Abrange a obra oito livros em gothico.

Como os estrangeiros tambem sabem o que os portuguezes possuem de boa litteratura, n'um leilão do conde de Gosford, em Londres, chegou a quantia fabulosa.

Tambem n'um outro leilão, o de Beckford, se vendeu um exemplar da obra intitulada: *De rebus Emmanuelis,* vertida para latim, e pelo preço de 33 libras.

FERRARI (J.).

Vico et l'Italie. Paris, 1839. 480 pag. in-8.º

Tambem falla de Camões.

FERRER Y CASAUS.

E. *Descripcion estadistica y geographica y portuguesa. Traducida por P. Ferrer.* Madrid, 1817.

---

[1] Ribadeneira, cap. x, n.º 167. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana,* tomo III, pag. 721.

[2] *Xaverii epistolae edente Possino,* n.os 2 e 5; Turselino, *De vita B. Francisci Xaverii,* lib. III, cap. IV.

FERRERO (CHARLES HYACINTHE ——).—Jesuita, natural de Valperge.

Vita di Maria di Savoja, Reina di Portugallo, e della Infanta sua figliuola scritta in lingua Francese dal P. d'Orleans della Compagnia de Gesù, e transportata in italiano dal Padre Carlo Giacinto Ferrero, della medesima Compagnia. In Torino, 1698, per Gio. Battista Fontana, in-8.º

FERREYRA (D. IGNACIO GARCEZ ——).

Elogio parenetico alla magnanima piedad del Rey nuestro señor Don Juan Quinto, en ocasion de ofrecer a Su Santidad un grande socorro para la guerra contra el turco. Escrito por el afecto del ——. Dedicado al excelentisimo señor marqués de Fuentes. En Roma. En la imprenta de Domingos Antonio Ercoles. Año 1716. 8.º 12 pag. em verso.

FERREYRA (L. GREGORIO MARTINEZ ——).

Panegyrico al ilustrisimo e reverendisimo señor Don Pantaleam Rodriguez Pacheco, Eleito Bispo de Elvas. Em Veneza, 1642.

FERRUCCI (GASPAR ——).—Jesuita, italiano, fallecido em 1728.

E. *Correspondenze d'Amore del Sangue divino alla virtù del Apostolo del Oriente Santo Francesco Saverio, Discorsi panegirici per i dieci Venerdi precedenti la sua festa. Dal Padre Gaspare Ferrucci della Compagnia de Giesù, dedicati al Eminentissimo e Reverendissimo D. Francesco, Cardinal Pignatelli Arcivescovo di Napoli.* In Napoli, 1706, nella stamperia di Giacomo Raillard. 4.º, 242 pag.

São dez panegyricos de S. Francisco Xavier. Um milagre é o assumpto d'estes discursos. Um crucifixo do palacio de Xavier derramou sangue das chagas durante os dez annos que Xavier missionou nas Indias, todas as vezes que este santo se achava em algum perigo[1].

FERUS (ou PLACHY) GEORGE ——.—Jesuita, natural de Bischofteinitz, onde nasceu em 1585.

Publicou em lingua bohemia :

Vida de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xavier. Praga, 1629, e reimpressa varias vezes[2].

FERUSSAC (BARON DE ——).

Apresentou no *Bulletin des sciences historiques,* tomo XII, pag. 169 e 170, uma analyse da obra do nosso Fr. Francisco de S. Luiz: *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se téem introduzido na locução portugueza moderna, etc.*

FERVOROSA *preghiera di sua Maestà Maria I, Regina Fedelissima fondatrice augusta del monastero, e del tempio dedicato al Sacro Cuor di Gesù.* Lisbona. Nella stamperia reale, 1790.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. IV, pag. 221.
[2] Id. vol. VI, pag. 145.

FESTA *academica di lettere, e d'arme, de' Signori Convittori del Collegio Clementino per l'anno 1721, Consacrata all' Eminentiss. e Reverendiss. Principe il Sig. Card. di S. Susanna Gioseffo Pereira de la Cerda, Consigliere di Stato della Real Maestà di Portogallo, Vescovo d'Algarve, già Vicerè di quel Regno, già Gran Priore dell'Ordine Equestre di S. Iacopo della Spada, etc.* Roma, 1721. Nella stamperia de Galeazzo Chracas, fol.

FESTE *fatte in Siracusa nella Canonizatione de' Sante Ignatio Loiola e Francesco Xavier nell' anno 1622.* In Messina, nella stamperia di Gio. Franc. Bianco. 1622.

FEUGER (J. FERD ——).
History of the Tranquebar mission published in danish and translated into english from the german of Emil Francke. Tranquebar, 1863, 8.º, 1 vol. 324 pag.

FEVAL (PAUL ——).
Jesuites! Quatorzième édition. Paris, 1878, 8.º, III-358 pag.
Uma secção d'esta obra (de pag. 201 a 265) trata do celebre marquez de Pombal, o perseguidor por excellencia dos jesuitas.

*
* *

«Il ne faut point juger un pays par le nombre de lieues carrées qui determinent sa surface, et Portugal, petit peuple si l'on considère son étendue et sa population, est un gran peuple par son histoire.

«Le Portugal a dans ses annales plus d'hommes qu'il n'est besoin pour tailler de belles statues à toutes les places publiques de Lisbonne, sa capitale illustre; des rois, des navigateurs, des capitaines, des poètes: Camoens, Albuquerque, Gama, Cabral, Henri, Jean, Pedro; l'empire du Brésil est son œuvre, timbrée comme lui même du chevaleresque cimier de Bragance. Ses marchands furent heureux, hardis et puissants, ses flottes couvrirent les Océans, ses colonies diaprerent les mondes; sa noblesse est ancienne et haute entre toutes celles de l'Europe; et si son influence antique a dechu considerablement, etouffé et même un peu confisquée, c'est que nul peuple catholique ne s'est laissé choyer impunément jamais par la pieté protestante et par le desintéressement anglais, toujours portés a faire partout des Irlandais.» (Pag. 203.)

FEW (A) REMARKS *on the present State of the commercial relations of England with Portugal, Spain, and Italy and on the means of improving them.* London, 1872.

*
* *

«O tratado commercial de 1860 entre a Inglaterra e a França, iniciou na Europa uma nova politica commercial, e os dados estatisticos que têem sido publicados relativamente áquelle tratado, têem plenamenle mostrado que sua influencia na prosperidade de ambos os paizes tem sido altamente salutar e bene-

fica. Mui largas reducções de generos foram effectuadas nas tarifas das suas alfandegas. Porém emquanto a Inglaterra fez estas reducções aproveitaveis ás outras nações, a França conservou-se sem querer adoptar um systema similhante. O governo n'aquelle tempo considerava mais conveniente que a França garantisse ás outras nações as vantagens do seu convencional regimen, unicamente por meio de tratados commerciaes e compensações.

«Como isto tem sido mui sensatamente notado pelo Cobden-Club, estes tratados, tornando effectivas reciprocas reducções nas tarifas, concedem á França a dupla vantagem de abrir os mercados ao commercio estrangeiro, e de adquirir ao mesmo tempo mercados para os seus productos, e maiores facilidades para exportação mais vasta do paiz. Assim foi que a adopção de uma tal politica pela França effectuou uma larga reforma no systema commercial da Europa.

«A Belgica, o Zolverein, a Italia, a Suecia, a Austria, a Hespanha e Portugal, sendo assim compellidos a seguirem o mesmo systema, concluiram tratados commerciaes com a França, na qual estipulou ella aquellas reducções mais ou menos consideraveis que houvessem de ser feitas nas casas das alfandegas.

«O tratamento de nação mais favorecida estipulou, como isto tinha sido por antigos tratados commerciaes, não dar á Gran-Bretanha direito algum para aspirar gratuitamente por si mesma para se aproveitar dos beneficios d'aquellas reducções effectuadas por tratados de um caracter oneroso. O governo britannico, por conseguinte, fez todas as diligencias para obter do maior numero acima mencionado, privilegios similares áquelles gosados pela nação mais favorecida *pleno jure,* concluindo com algumas d'ellas novos tratados commerciaes. Por meio d'estes a Inglaterra segurou para si propria não sómente os beneficios de concessões feitas á França por aquellas nações, mas tambem d'aquellas que ainda poderiam ser concedidas para o futuro.

«Hespanha e Portugal são os unicos paizes com os quaes a Inglaterra não tem ainda concluido algum tratado para segurar para si mesmo os privilegios da nação mais favorecida, de um modo satisfactorio, como os que foram estipulados em tratados antigos.

«Nós consideraremos de prompto quaes as consequencias que têem emanado de uma tal omissão.

«As presentes difficuldades financeiras da França, e o tanto ou quanto das idéas antiquadas do agora eminente estadista á frente do governo, a têem induzido a abandonar a politica do commercio livre, iniciada em 1860, e a adoptar um systema que em grande escala modifique o commercio d'aquelle paiz.

«O tratado de commercio e navegação concluido a 23 de janeiro de 1860, entre a Gran-Bretanha e a França, foi denunciado pelo governo francez.

«Pelas leis submettidas á consideração e approvação da assembléa nacional franceza, e mais especialmente pela correspondencia respectiva ao tratado de commercio entre a Gran-Bretanha e a França, ultimamente apresentada em ambas as casas do parlamento, é claramente patenteado que o governo francez vae elevar a escala das tarifas, e o restabelecimento do systema protector.

«No ultimo dia de dezembro, mr. Thiers affirmou o que se segue: «A queixa era que taes tratados tinham sido concluidos sem consultar o paiz; que tinham introduzido absoluta liberdade sem preparativo; que tinham aberto, ou patenteado todos os recursos ao mesmo tempo; que tinham adoptado tarifas insufficientes, arrastadas por commissarios estrangeiros, com exclusão das nacionaes;

e que tinham elevado a um alto grau as tarifas, causando grandes prejuizos para as nossas mais importantes producções, taes como o ferro, tecidos de todos os generos, productos agricolas, e mais do que tudo as construcções navaes, e os effeitos das quaes hão de ser sentidos por longo tempo na Alsacia, Lorena, Champagne, Burgandy, Flandres, Normandia e Britannia.»

FIELDING (HENRY ——).

E. *The Journal of a voyage by ——.*

FIERVILLE.

E. *Le Cardinal Jean Jouffroy et son temps.* Coutances, 1874, in-8.º

Trata da viagem de um Jean Jouffroy a Evora, enviado pela Infanta D. Izabel, que havia casado com Filippe *O Bom,* duque de Borgonha.

FIESTA *que se representó al Nacimiento de el Serenisimo Señor Infante Don Pedro, hijo de los muy altos e muy poderosos Señores Don Juan el V, y Doña Mariana Josefa de Austria, Reyes de Portugal, &c., en el palacio de el Excelentisimo Señor Don Pedro de Basconcellos* (sic), *de el Consejo de Guerra de Su Magestad, Maestro de Campo General de sus Exercitos, y su Embaxador Extraordinario en esta Corte de Madrid, el domingo 12 de setiembre de 1717.* 9 pag.

Seguem-se as comedias: *Finesa contra finesa,* de Calderon de la Barca, e a *Mogiganga,* que se representaram nas ditas festas.

FIGANIÈRE (VISCONDE DE ——).

O sr. visconde de Figanière, Frederico Stuart de Figanière e Morão, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, agraciado com a gran-cruz da ordem de Sant'Anna da Russia, socio honorario do instituto de Coimbra, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa e do instituto historico e geographico do Brazil, socio professor da academia de jurisprudencia e legislação de Madrid, socio academico da sociedade de lingua universal de Madrid, socio effectivo da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, membro honorario do Cobden-club de Londres, filho do fallecido conselheiro Joaquim Cesar de Figanière e Morão, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal nos Estados Unidos, e de sua mulher Catharina Stuart Gilfillan, nasceu em New-York a 2 de outubro de 1827, seguiu os cursos da universidade de Paris, onde acabou os estudos. Começou a carreira diplomatica em 1847 (nomeado por decreto de 19 de fevereiro), na qualidade de segundo addido de legação em Washington, cujo chefe era seu pae. Passou successivamente a primeiro addido, secretario graduado e secretario effectivo, desempenhando por vezes interinamente as funcções de encarregado de negocios em Londres, no Rio de Janeiro, em Madrid, em Paris, e em Londres, onde foi especialmente incumbido de negociar um tratado de commercio. Sua correspondencia relativa a este negocio, que durou perto de um anno, acha-se no *Livro Branco* de 1872, vol. III, de pag. 140 a 298.

Foi promovido finalmente a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto dos Estados Unidos, a 25 de maio de 1870, cargo que não chegou a exercer por o terem transferido em 17 de junho seguinte, na mesma categoria, para a côrte de S. Petersburgo, onde residiu perto de seis annos, praso que ter-

minou em 6 de maio de 1876, tendo pedido a sua exoneração por motivos de conveniencia particular, e passando á disponibilidade.

É grande o numero das publicações d'este illustre escriptor:

Vasco Peres, the Cooper of Alcobaça. Consta este romance de dezoito capitulos, e foi escripto a pedido de Mr. Bonner, editor do *New-York Ledger,* e no qual appareceu em os n.os 35 a 42, de 2 de novembro até 21 de dezembro de 1861. Não traz assignatura nem foi publicado em separado.

Palmitos. Romance em 3 vol. in-8.º Londres, 1873. Editor T. C. Newby. (Não pude ver esta obra, mas consta ser um romance descriptivo da vida na roça e dos colonos portuguezes no Brazil, fundado sob observações do auctor.)

Question du Portugal. Appareceu sem assignatura no jornal de Paris *L'Assemblée nationale,* de 9 de julho de 1850. Trata da reclamação feita ao governo portuguez pelo governo dos Estados Unidos, por causa do apresamento do corsario americano *General Armstrong,* questão que foi mais tarde submettida á arbitragem do Imperador Napoleão III, e decidida a nosso favor. Appareceu uma traducção d'este artigo no jornal de Lisboa *A lei,* sendo subsequentemente reproduzida no *Diario do governo* n.º 174, de 26 de julho de 1850.

The Shoemaker of Seville, conto traduzido do portuguez, e publicado no *New-York Ledger,* n.º 8, de 27 de abril de 1861. Foi publicado sem assignatura.

The Phantom's cave. Conto traduzido do portuguez e publicado no mesmo periodico, n.º 11, de 18 de maio de 1861, sem assignatura.

A Millionaire's revenge. Conto original cujo assumpto é a mocidade do Creso francez do seculo XV, o celebre Jacques Cœur. Publicado no mesmo periodico, n.º 14, de 8 de junho de 1861. Assignado F. F. F.

Entre julho de 1869 e abril de 1870, achando-se encarregado de negocios interino em Londres, escreveu diversos artigos anonymos principalmente sobre a questão da escala alcoolica, os quaes appareceram em varios jornaes d'aquella capital, e seriam longos de enumerar. Entre outros podem-se mencionar os seguintes: no *Times* de 7 de julho de 1869 e de 25 de fevereiro de 1870 (cartas); no *Observer,* de janeiro de 1870 (artigo de fundo); no *Morning Post* (artigo de fundo), de 2 de março de 1870.

Durante a sua residencia na Russia (1870 a 1876), foram publicados no *Journal de Saint Petersbourg* alguns artigos ministrados por elle á redacção, tendo sempre em vista o interesse do serviço. Em o numero de 29 de março (10 de abril de 1875), publicou-se uma traducção da carta de Manuel Godinho de Eredia ao vice-rei da India, ácerca da Australia (seculo XVI), carta que o governo portuguez mandára photographar em *fac-simile* para distribuir pelos eruditos. A traducção do sr. visconde de Figanière foi impressa á parte para acompanhar as copias em portuguez distribuidas ás sociedades scientificas.

O mesmo aconteceu com o jornal de Madrid *La época,* durante a residencia do sr. visconde n'aquella capital, como encarregado de negocios interinos (abril de 1867 a abril de 1868), ao qual forneceu alguns artigos relativos aos interesses portuguezes.

My recollections of Russia. By a diplomatist. É uma serie de artigos publicados sem assignatura no *White Hall Review,* de Londres, desde 21 de outubro de 1876 a 13 de janeiro de 1877, na seguinte ordem: *His Imperial Highness the Cesarewitch, Hereditary Grand Duke; In re about the Russian Parliament; His Highness Prince Gortchacow, Chancellor of the Empire; Privy Councellor Valouieff*

Minister of the (crown count Adlerberg), Minister of the Imperial Household; Privy Councellor Titoff and Prince Serge Ouroussof, members of the Council of the Empire; General Trepoff, Prefect of the Capital and its District; General Milutine, Minister of War, General Timascheff, Minister of Interior, Count Duvtry Tolstoy, Minister of Public Instruction; Life in the Streets.

Appareceram mais á luz no mesmo periodico semanal os seguintes artigos: *The New Portuguese Premier,* em 31 de março de 1877, sem assignatura; trata do duque de Avila e Bolama. *In a garden of Eden,* em 1 de setembro de 1877, assignado *Viriatus;* trata tanto de Cintra como de outros logares proprios para passar o verão em Portugal. *The Demon of the Stepp, a ballad; by Viscount of Figanière, formerly portuguese Envoy at the Court of Russia;* composição original com 25 estancias de 5 versos cada uma. Em 10 de janeiro de 1880.

Notes on Russian Life by one who has lived in Russia. É uma serie de 12 artigos assignados *Basil,* publicados no semanario de Londres *Financial Opinion,* começando em o n.º 9 de agosto de 1877, e concluindo com o de 28 de dezembro do mesmo anno na seguinte ordem: *Le beau monde. Visiting, on freedom of Speech. Russian gastronomy. Evening parties, Court balls. The master's eye; The White Tzar; The Cotillion. Suppers-Wines-Powers of Endurance. The Tchin. The law of Tchin exemplified in some of its social results. A high-handed step Achilles and the civilian. The Functionary at his desk. Language. The great luxury Aspasia and the ermine; Russian turn outs. Funerals; Marriage; Divorce-Shrave-tide; Suicide. The Dwellings; Saevi liminum canes; Something of the penetralia.*

Tambem foram publicados no mesmo periodico *(Financial Opinion),* os seguintes artigos: *Russia, by D. Mackenzie Wallace, &c.* London, 1877. É uma revista critiça do mesmo livro, assignada *Basil* (numeros de 12, 19 e 26 de julho de 1877). *General Kamazoff,* assignado *F* (5 de julho de 1877). *General Lewis Melikoff,* assignado *Basil* (22 de novembro de 1877). *General Todleben,* assignado *Basil* (6 de dezembro de 1877). As tres seguintes cartas, debaixo do pseudonymo de *Plotinus: Roumania as an independent state* (31 de maio de 1877). *Russian centralization* (7 de junho de 1877). *The Russian Selav Committees and European interests* (19 de julho de 1877). E alem d'estes os seguintes artigos: *Portuguese; The march treasury accounts,* assignado *F* (24 de maio de 1877). *Portuguese progress,* assignado *B* (28 de junho de 1877). *The late change of Ministry in Portugal,* debaixo do pseudonymo *Aveido,* que saíu errado, devendo saír *Aveiro.*

O *Financial Opinion* suspendeu a sua publicação em 1878, e não consta que tornasse a apparecer.

Por convite do redactor principal do *Annual register,* de Londres, escreveu o capitulo III do mesmo annuario, relativo ao anno de 1879, sendo um resumo da historia politica de Hespanha e Portugal durante o citado anno.

No anno seguinte escreveu o capitulo V para o mesmo *Annual register,* artigo que principiando a pag. 214, vae findar na 225. N'este capitulo trata com mais alguma miudeza do tratado que esteve prestes a celebrar-se com a Inglaterra ácerca de Lourenço Marques, e do emprestimo de D. Miguel. Não se esqueceu tambem de escrever algumas linhas commemorativas dos festejos em Lisboa por occasião do centenario de Camões.

Notes taken during a trip to Santarem, Batalha and Alcobaça, by F. F. de la F. New-York, printed at the office of *Parker's Journal,* 1852, in-12, 60 pag. Saíu primeiramente esta descripção no *Parker's Journal,* de New-York.

Saiu de Lisboa o sr. Figanière a 19 de março de 1851, em um vapor, e depois de uma fastidiosa viagem de quatro horas e meia, chegou a Villa Franca de Xira, onde o que mais achou do seu gosto, foi a quinta do conde de Farrobo, casa onde havia alojamento para oitenta ou noventa hospedes, acrescendo a esta grandeza, bilhar, sala de baile e um theatro, o qual comportaria umas duzentas pessoas. Alli se acolhia de vez em quando o conde com seus amigos, os quaes alli encontravam prazeres e commodidades principescas. Do sitio do telegrapho era deslumbrante o panorama, e d'este ponto se enxergavam Palmella, Salvaterra, Azambuja e muitas outras povoações. D'aqui passou o sr. visconde para Azambuja e Cartaxo. N'esta ultima villa as casas eram baixas, e, quando muito, apenas algumas teriam um andar, mas por dentro estavam lindissimas, e por fóra bem caiadas. A gente era muito industriosa, e medrava, e emquanto a pobres nem um se via pelas immediações. O vinho era bom, e de melhor paladar que o de Carcavellos.

Em Santarem hospedou-se na hospedaria do Torres, n'uma rua muito estreita. A apparencia exterior era feia e suja, e por dentro só a roupa era limpa. A cidadella ainda estava como dezoito annos antes, por occasião das luctas entre D. Miguel e D. Pedro. Conta de pag. 19 a 28 a historia ou lenda de Santa Iria, e ás sete horas da manhã do dia 23 de março poz-se o sr. visconde a caminho para a Batalha, e gostou das vistas que se desfructavam de Rio Maior, chegando a esta povoação pela uma hora da tarde. Continuando sempre a jornada, passou pelo sitio do Olival, de onde os frades de Alcobaça recolhiam mais de mil pipas de azeite annualmente.

Na Batalha a primeira lembrança que o viajante tem, é a de perguntar: «Porque deverá ser uma tão bella obra artistica sacrificada a um tal deserto?»

Emquanto á igreja ficou maravilhado da magestade e graça das suas proporções. Não lhe esqueceu fallar dos estragos que os francezes fizeram no tumulo do Infante D. Henrique. Louva os desejos dos frades da Batalha de se unirem, depois da morte, aos ossos dos seus companheiros, e exclama: «Digam os philosophos o que disserem, eu creio que devemos morrer com muito mais resignação, sabendo que os nossos restos hão de descançar no meio dos nossos amigos, do que quando conscios de que têem de ser removidos para longe do sitio em que viveram.»

A villa de Aljubarrota nem sequer apresenta o minimo vestigio dos effeitos d'essa famosa batalha ahi ferida no reinado de D. João I. O campo da peleja é cultivado como um jardim. Em Alcobaça ainda se viam os estragos causados pelo fogo que os inglezes lançaram á fabrica de tecidos.

Na igreja, o que achou de mais notavel foi o seu immenso tamanho: 476 palmos de comprimento e 100 de altura. Os azulejos representavam a tomada de Santarem, a visão de S. Bernardo, a chegada dos cinco monges cisterciences, e varios outros assumptos. O mais antigo dos tumulos era o de D. Urraca, mulher de D. Affonso III, cujo corpo foi desenterrado pelos francezes.

A riqueza dos frades, porém, chegou a ser quasi incalculavel.

De Alcobaça passou o sr. visconde ao Cercal, e d'esta povoação a Villa Nova, onde embarcou no vapor da carreira, chegando a Lisboa depois de uma ausencia de nove dias, e de haver percorrido 225 milhas.

Elva. A Story of the Dark Ages. By Viscount de Figanière, G. C. Sainte Anne, late envoy extraordinary and minister plenipotentiary of his Majesty the

King of Portugal at the Imperial Court of Russia, from 1870 to the 1876. Author of Palmitos a Novel. London, Trübner & C.º, Ludgate Hill. 1878, in-8.º, 194 pag.

FIGUEIREDO (MELCHIOR ——).—Nasceu em Goa, no anno de 1529. Entrou para o noviciado d'esta cidade em 1554, e foi primeiramente enviado para as missões das ilhas Molucas. Em 1560 partiu para o Japão, onde trabalhou com muito zêlo e bom exito da salvação d'este povo. Morreu em Goa a 3 de julho de 1607.

Suas cartas saíram impressas na grande collecção publicada pelo arcebispo de Evora.

Carta escripta do porto de Facundá a 22 de outubro de 1565, aos padres e irmãos da Companhia. Evora, por Manuel de Lyra, 1598, in-fol., parte 1.ª

Em hespanhol:

Alcalá, por Juan Iniguez de Lequeriqua, 1575, in-4.º, fl. 238, v.

Coimbra, por Anton. de Mariz, 1570, in-4.º, fl. 531, v.

Carta escripta do Japão, a 13 de setembro, aos irmãos da Companhia de Jesus na India. Evora, por Manuel de Lyra, in-fol., fl. 224, v.

Em hespanhol:

Alcalá, por Juan Iniguez de Lequeriqua, 1575, in-4.º, a fl. 161, v.

Coimbra, por Antonio de Mariz, 1570, in-4.º, fl. 584, v.

Carta escripta de Bungo a 11 de outubro de 1569, aos padres e irmãos da Companhia. Evora, por Manuel de Lyra, fol., fl. 276, v.

Em hespanhol: Alcalá, por Juan de Iniguez Lequeriqua, 1575, in-4.º, fl. 274, v.

Carta escripta do Japão a 21 de outubro de 1570, aos padres e irmãos da Companhia de Jesus de Portugal. Evora, por Manuel de Lyra, 1598, in-fol., fl. 296.

Em hespanhol: Alcalá, por Juan Iniguez de Lequeriqua, 1575, in-4.º, fl. 280, v.

FIGUEROA (CHRISTOPHORUS MOSQUERA DE ——).

E. *Commentario de disciplina militar, en que se escrive la jornada de las islas de los Azores.* Matriti, 1596, 4.º[1]

FILIPECKI (ANDRÉ ——).—Natural da Galicia.

E· *Na uroczystose wielkiego cudotworcy, S. Antoniego Padewskiego, w. Gzozdcu w Kósciele W. XX Bernardynow d. 13. Czerwca R 1779 przez W. X. Andrzeja Filipeckiego, Kanonika Cwowskiego, miane. Lwow. Dr. SS.* Troycy, 1779, in-8.º, 18 pag.

Sermão na festa do grande thaumaturgo Santo Antonio de Padua, na igreja dos reverendos frades bernardos de Gwazdriec, a 13 de junho de 1779.

FILIPPAZZI (DIEGO ——).—Jesuita, siciliano.

Il diletto, panegirico sacro di S. Antonio de Padova. Firenze, Antonino Bonardi, 1658, in-4.º

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nov.*, vol. I, pag. 248.

FILIPPESCHI (GIOVANNI DOMENICO ——).— Compositore Sagro di Su Maestà Cesarea.

La fama. Epitalamio per le felicissime nozze della Sacra Real Maestà di Don Giovanni V, Re di Portogallo, e di Algarve, &c., &c. Con Donna Maria Anna d'Austria. Dedicato alla Sacra Real Maestà Sua da ——. Vienna, appresso Gio. Van Ghelen, 1708, 162 pag. em verso.

FINANCES PORTUGAISES. *Emprunt 1877. Emprunt 1832.* Paris, librairie André Sagnier, 4.º, 10 pag. e mais uma addicional.

FINN (JAMES ——).

History of the Jews in Spain and Portugal. London, 1841, 12.º, xv-486 pag.

FINTA BARONESA (LA), *o li due fratelli. Dramma giocoso per musica.* Texto italiano e portuguez. Lisboa, 1807.

FISCHER (JOÃO ——).— Jesuita, natural de Vienna, e professor de mathematicas e de architectura no collegio dos nobres em Vienna.

E. *Panegyricus S. Ignatio.* Viennae, Kaliwoda, 1732, in-12.

Panegyricus S. Francisco Xaverio. Viennae, Kaliwoda, 1752, in-12[1].

FISCHER (R. R.).

E. *Sketch of the City of Lisbon.* London, 1811.

FITZ CLARENCE.

E. *Account of the British Campayn of 1809 in Spain und Partugal.* Sem data da impressão.

FLACH (JACQUES ——).— Avocat à la cour d'appel de Paris, professeur à l'école des sciences politiques, et à l'école speciale d'architecture.

E. *La Table de Bronze d'Aljustrel. Études sur l'administration des mines au premier siècle de notre ere. Par* ——. Paris, La Rose, 1879, 4.º, 67 pag., 4 tabuas.

*
* *

«A epigraphia antiga acaba de se enriquecer com um monumento juridico digno por todos os respeitos de chamar as attenções. N'uma região montanhosa e deserta de Portugal, uma companhia mineira, continuando trabalhos interrompidos ha alguns seculos, patenteou, no mez de maio de 1876, uma tábua de bronze contendo uma inscripção latina. Encontrou-se esta tábua em uma mina de cobre da pequena villa de Aljustrel, provincia do Alemtejo, districto de Beja. A companhia da mina trastagana, a quem esta mina pertence, mandou transportar para Lisboa a tábua, e alli, com um generoso ardor, que lhe dá muita honra, a poz á disposição do mundo sabio.

«Um professor de historia, de Lisboa, Soromenho, poude, por isso, fazer uma primeira transcripção do texto, e lançar n'um relatorio ao ministro do reino

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 149.

em Portugal, os resultados do seu estudo. Uma parte d'este relatorio, e o proprio texto apresentado pelo professor portuguez, foram publicados por Charles Giraud em o numero de abril de 1877 do *Journal des Sçavans.*

«Desde então a sciencia allemã chegou-se por sua vez. Ajudando-se das reproducções photographicas feitas pelos cuidados do governo portuguez, Hübner rectificou em diversos pontos a leitura de Soromenho, e propoz algumas conjecturas novas, para preencherem as lacunas, por infelicidade excessivamente numerosas, que a descripção apresenta.

«Não contente com ter a certeza da collaboração de mr. Mommsen, recorreu tambem ás opiniões dos srs. Büchler, Büchsenschütz, Hirschfeld, Jordan, Krüger, e agrupou assim em torno de si os homens que mais brilhantemente representam na Allemanha a sciencia da epigraphia juridica.

«O que addiciona ainda maior apreço ao texto assim restaurado, é o começo minucioso com que os srs. Hübner e Mommsen o acompanharam, e não hesitâmos em dizer que, se no decurso do nosso trabalho tivemos de nos desviar das opiniões emittidas por aquelles sabios, não foi jamais sem uma verdadeira deferencia para com sua sagacidade e sciencia.

«O texto publicado por Hübner, *Les metalli Vipascensis,* nas *Ephemeris epigraphica,* foi reproduzido sem alteração pelo *Zeitschrift für Rechtsgeschichte.* Temos ainda um certo numero de observações interessantissimas dos srs. Bruns e Mommsen.

«De todos estes trabalhos nos aproveitámos, e em seguida ao texto que havemos de apresentar mais adiante, achar-se-hão em uma nota as lições e as conjecturas que não houvermos adoptado.

«É um trabalho muito importante relativo á legislação que em tempo dos primeiros imperadores regulava a administração das minas. Flach afasta-se em alguns logares da interpretação que em Portugal foi dada á tábua de Aljustrel, e faz tambem alguns reparos á interpretação de Hübner.

«O auctor faz ver que na inscripção de Aljustrel encontram-se passagens que ou alteram, ou augmentam muito os conhecimentos que havia antes da descoberta d'aquelle bronze.»

FLAGERGUES (MADEMOISELLE PAULINE ——).

Publicou a seguinte poesia, intitulada *Consolation.*

Le silence descend sur la cité rieuse,
Des chants retentissants, cesse le bruit lointain.
A cette heure il est doux de contempler, rêveuse,
Le Ciel bleu, le vieux cloître et l'Océan sans fin,
Et du phare eloigné la tremblante lumière,
Et le mont que les feux et l'onde ont sillonné,
Et la tour sur les eaux dressant sa tête altière
Ainsi qu'un noir géant de foudres couronné.

Il est doux pour un cœur que tout froisse ou se délaisse,
De s'écouter lui-même au sein calme des nuits,
D'étendre cette voix qui nous flatte sans cesse
Et dont l'accent magique endort tous les ennuis

C'est voix c'est la tienne, ô Celeste Espérance,
Ange à l'aile brillante, aux yeux toujours sereins,
Berce-moi comme aux jours de mon heureuse enfance
Et console mon âme injuste en ses changrins !
Terre des orangers ! à ma muse exilée,
Long-temps tu n'as paru qu'un sauvage désert.
Sur tes bords inconnus, je marchais désolée.
Des ombres du trépas mon front déjà couvert
Était comme la fleur que ton soleil dévore.
Ton jour blessait mes yeux, ton air brûlait mon cœur.
Les brises de la nuit, le souffle de l'aurore
Ne m'apportaient jámais ni parfums, ni fraicheur.

A mes seuls souvenirs, je trouvais quelques charmes,
O Tage poétique ! En vogant sur tes eaux,
Je me sentais mourir... mes yeux troublés de larmes
Parcouraient sans plaisir mille mouvants tableaux.
Mais si mon regard triste, au loin, dans tes campagnes,
Parmi les verts lauriers, les citroniers en fleur
Trouvait un chêne tel que ceux de nos montagnes,
Je sentais tout mon sang remonter vers mon cœur !

Ah ! j'avais ce long mal qui ne se peut décrire
Ce besoin incessant des lieux où l'on n'est pas,
Poids qui brise et meurtrit, dard brûlant qui déchire,
Fantôme qui poursuit, lent et cruel trépas,
Ce long mal d'exil, indicible martyre.
Et ce fatal ennui, je le cachais à tous :
Et ma bouche mourante essayait de sourire ;
Et nul ne me disait ; «Vous souffrez ! Qu'avez vous ?»

Je n'avais nul ami ! Mais au Dieu qui console,
Je contais ma douleur et dis en soupirant :
«O mon Dieu, soutiens-moi ! Je suis comme le saule
Que l'orage arracha, qu'emporte le torrent.
Je n'espère qu'en toi, c'est toi seul que j'implore,
Seul tu connais ma peine ; adoucis, ô Seigneur
Ce chagrin, renfermé dans mon cœur, qu'il dévore
Comme au sein de la rose un insecte rongeur !»

Et le Dieu qui console entendit ma prière.
A ce brûlant calice, où je puisais le fiel,
Il donna les vertus d'un baume salutaire,
Sa grace y fit tomber une goutte de miel.
Et de force et de foi, je me sentis armée.
Ma faiblesse eut l'appui d'une invisible main.
Si d'épines encore, ma route était semée,
Un frais gazon parfois, veloutait le chemin.

La fièvre s'eloigna de ma tempe brûlante.
Un songe heureux, parfois, visita mon sommeil,
Et le saint souvenir de la patrie absente
Vint, moins triste et plus doux, saluer mon reveil.
Je vis encore la fleur s'ouvrir sur la verdure,
L'astre briller aux Cieux, l'oiseau fendre les airs,
Mon luth se réveilla pour chanter la nature
Et mon cœur pour bénir le Dieu de l'univers!

Et j'aime maintenant à laisser sur l'aréne
La trace de mes pas. Des vents brumeaux du soir,
J'aspire avec bonheur l'humide et fraîche haleine.
Au pied du cloître antique, il m'est doux de m'asseoir.
J'aime à voir les Zephyres enfler les blanches voiles
Du navire endormi par le flot caressant
J'aime à voir ce Ciel pur, tout scintillant d'étoiles,
S'arrondir sur ma tête en dôme éblouissant.

Terre des orangers! Béau fleuve! Et toi Lisbonne
Qu'il presse avec amour de ses flots azurés;
De ses bords enchantés, gracieuse couronne!
Collines, sombres tours, temples, palais dorés,
Frais jardins, oliviers au vert mélancolique,
Port superbe et couvert de vaisseaux orgueilleux,
Ah! qui n'admirerait vôtre aspect fantastique
Qu'éclaire de la nuit l'astre mysterieux?

Belem, le 16 août 1836.

Envoi à madame de ***. Lisboa, typographia franceza-portugueza, 1840, 8.º 4 pag.

FLECHIER.—Bispo de Nimes.

No segundo volume dos *Sermões* d'este celebre pregador francez, encontra-se um sermão de S. Francisco Xavier. N'este trabalho, porém, o bispo lembra-se principalmente de dar todos os elogios ao santo, e nenhum aos portuguezes.

FLEET (J. F.).—Empregado do serviço civil de Bombaim.

E. I. *On some sanskrit copper-plates found in the Belgaum Collectorate.*

II. *Some further inscriptions relating to the Kadamba Kings of Goa.*

III. *The Journal of the Bombay Branch of the royal Asiatic Society,* vol. IX, n.º XXVII. Bombay, 1872.

Todas estas obras tratam dos reis que reinaram Goa, antes que esta cidade caísse em poder dos portuguezes[1].

---

[1] J. Heliodoro da Cunha Rivara, *Instituto Vasco da Gama,* pag. 255, vol. I.

FLEGETONTE.

La Cryselia de Ladiceli. Famosa e verdadeira historia de varios acontecimentos de amor de armas. Con graciosas digresiones de encantamientos y colloquios pastoriles. Del capitan Flegetonte, comico inflamado. Lisboa, 1621, VIII–312 pag.

FLEICHER (DANIEL ——).—Jesuita, professor de poetica em Vienna. Falleceu em Klagenfurt em 1688.

E. *Gloriosae laureae D. Francisco Xaverio S. J. Apostolo et Thaumaturgo ab utroque orbe impositae. Carmen epicum.* Viennae, 1682, typis Cosmerovii. 8.º

FLEURIAU (BERTRAND GABRIEL ——).—Jesuita.

E. *Rélation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. de Almeida, marquis de Castel-Nuovo, Comte de Assumar, traduite de l'italien.* Paris, 1749.

FLOOW (M. F. DE ——).

Alma l'Incantatrice. Opera seria, libretto de Saint Georges, musica de M. F. de Floow, representada no theatro italiano de Paris a 9 de abril de 1878; cantada por Novelli, Verger, mademoiselle Albani e madame Sanz.

Esta partitura é o desenvolvimento de uma opera do mesmo maestro, *O escravo de Camões,* representada em Paris em 1843, e transformada mais tarde para o theatro de Vienna sob o titulo de *Indra.* O novo libretto em quatro actos foi arranjado para a scena italiana por M. Achilles de Lauzières.

Diz Felix Clement no *Dictionnaire de operas,* quatrième supplément, pag. 886: «Camões é o heroe da peça, e a heroina a bella e encantadora Alma, bailadeira que o guerreiro poeta trouxe das Indias, que o serve com dedicação, consola-o nas desgraças, e por causa d'este despreza o amor que lhe tem El-Rei D. Sebastião, que a viu nas ruas de Lisboa.

«Finalmente, quando, desvairado pelo ciume, o pobre Camões attenta contra os dias do Rei, sem o conhecer, é ainda ella quem lhe obtem o perdão. Este libretto é poetico, interessante e mui musical. Fornece mui naturalmente occasião para brilhar o talento de uma cantora, mademoiselle Albani.»

FLORENCIA (GERONYMO DE ——).—Religioso de la Compañia de Jesus, predicador de su Magestad y Confesor de sus Altezas los Serenisimos Infantes D. Carlos y D. Fernando, Cardenal y Arzobispo de Toledo, en las honras que Su Magestad hizo al Rey Felipe III su padre y Nuestro Señor que Dios Guarde, en San Geronimo el Real de Madrid, a 4 de mayo de 1621.

Sermon que predicó á la Majestad Católica del Rey Don Felipe III, N. S., el padre ——. Dirigido al Rey Nuestro Señor. Año 1621. Impresso em Lisboa. Com todas as licenças necessarias, por João Rodrigues. 4.º, 44 fl.

FLORES (ALFONSO DE ——).—Natural de Salamanca.

E. *De his quae in bello Lusitano juxta urbes Taurum Zamoramque contigere.*

Nenhuma outra indicação nos dá Vidal ácerca d'esta obra, que d'ella nos falla a pag. 400 da sua *Memoria historica da Universidade de Salamanca.*

Historia de la guerra que tuvo el Rey Católico Don Fernando con Don Alonso Rey de Portugal, en las ciudades de Zamora y Toro[1].

FLORES (ANTONIO RODRIGUES ——).—Guarda da mesma universidade.

Antiepitome ou antilegista disfarçado. Dialogos criticos ou colloquios jocoso-serios sobre a controversia entre Canonistas e Legistas ácerca das conezias doutoraes da universidade de Coimbra. Offerecida a Braz Gomes Leal, bedel das duas faculdades, por ——. Salamanca, en la oficina de la viuda de Antonio Ortiz Gallardo, año de 1737. 4.º, 225 pag.

FLORES *indici, seu documenta ex aureis S. Francisci Xaverii S. J. epistolis decerpta.* Brunsbergae, 1607.

—— Id., Godani, 1701, 24.º

FLORI (LUIZ ——):—Jesuita, natural de Tratto, na Perugia.

E. *Vita del P. Giuseppe Anchieta, tradotta dal spagnuolo del P. Stefano Patornina.* Messina, Pietro Brea, 1639.

FOCKY (JAQUES ——).—Jesuita, natural de Vienna.

E. *Xaverius Ulyssipone somnians.* Graecii, 1740, in-16. Em versos elegiacos[2].

FOLTINOVITS (GEORGE ——).—Jesuita, hungaro.

E. *Oratio panegyrica de S. Francisco Xaverio.* Tyrnaviae. 1734, in-12.

FOMENTA *pietatis in D. Franciscum Xaverium S. J. nunc recusa.* Braunsbergae, 1668, in-12.

FONDEIRE (POURCET DE ——).

E. *Lisbonne et le Portugal.* Paris, 1846.

FONS (JOÃO PAULO ——).—Jesuita, e missionario hespanhol celebre,

E. *Compendio de las vidas de Santo Ignacio y S. Francisco Xavier.* Barcelona. Por Estevan Liberos, 1622, in-16. É uma traducção do italiano[3].

FONSECA (D. ANT. EDM. WOLLHEIM DA ——).—Doutor em philosophia, lente emer. na universidade regia de Berlim, membro da sociedade asiatica de Paris, do instituto africano, da sociedade oriental allemã, commendador, cavalleiro, etc.

Diccionario portatil das linguas portugueza e allemã. Terceira edição, revista e augmentada. Leipzig. Frederico Fleischer. 1883. 8.º

1.ª parte, portuguez-allemão, 436 pag.

2.ª parte, allemão-portuguez, 366 pag.

---

[1] Nicol. Ant. *Bibliot. Nov.*, vol. I, pag. 24.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. V, pag. 207.

[3] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. I, pag. 755.

FONTANEY (JEAN ——).—Jesuita, francez, missionario na China, e professor de mathematica e astronomia no collegio dos jesuitas em París. Fez observações astronomicas alem do equador. Em Sião observou um eclypse total da lua, que podia ser de uma grande utilidade para a determinação das longitudes. Em julho de 1686 partiram os missionarios de Sião para Macau; não poderam, porém, chegar a esta cidade por causa da impericia do piloto, e viram-se obrigados a voltarem para Sião, onde souberam que os portuguezes se oppunham á passagem dos missionarios, de Macau á China. Tomaram então um outro caminho, e na sua segunda partida, em junho de 1687, embarcaram n'um navio chinez que se fez de véla para Ning-pho, na provincia Tche-Kiang, aonde chegaram em julho, dois annos e meio depois da sua partida da França. Uns tres mezes depois foram chamados a Pekin pelo imperador. O padre Fontaney pouco se demorou aqui; dirigiu-se para Kiang-ning ou Nanking, em 1688, e estabeleceu n'esta cidade a séde de seus trabalhos apostolicos. Aqui permaneceu mais de dois annos occupado na companhia do padre Gabiani, em prégar a fé. Mas os portuguezes de Macau procuravam meios de serem nocivos aos missionarios da China, e até mesmo a interceptarem-lhes o dinheiro e os livros que recebiam da Europa. Mais tarde, porém, o padre foi mandado para o Cantão.

E. *Lettre du P. Fontaney au Père de la Chaise. Discussions entre les differentes ordres de missionaires. Nouveaux détails sur l'eglise de Pekin. Notions sur Nangasacki et le Japon. Eglises de Canton. Londres, 15 de janeiro de 1705.* Na collecção *Lettres édifiantes,* tomo III, pag. 113 a 142.

FOOTE (COMMANDER ANDREW H. ——).

S. Navy. Lieut. Commanding U. S. Brig Perry an the Coast of Africa, A. D. 1850-1851. New York, D. Appleton & C.º, 1854, 8.º, 390 pag.

O brigue Perry fez-se de véla para a costa occidental de Africa a 28 de novembro de 1849.

«O capitulo II da obra contém a historia das descobertas feitas pelos francezes e portuguezes ao longo da costa de Africa, etc. Mas de que mais trata esta obra é de descrever as horrorosas scenas da escravatura praticadas então mui vulgarmente nas regiões africanas. Falla-se muito dos portuguezes n'este livro.

FORBIN.

Mémoires du Comte de Forbin, chef d'escadre, chevalier de l'Ordre militaire de Saint Louis. Nouvelle édition. A Marseille, chez Jean Mossy, 1781. 2 vol. in-8.º

*
* *.

«... Recebi ordem ao mesmo tempo de me dirigir a Rochefort para alli armar o mais depressa possivel um navio, que devia transportar a Portugal o marquez de Tracy, a quem o Rei de França mandava ir comprimentar o novo Rei D. Pedro pela sua elevação ao throno[1].

«Passados poucos dias achou-se em estado de se fazer de verga de alto o navio que tinha de ir a Portugal. Mr. de Villete, que o devia commandar, e o sr. marquez de Forcy, tendo chegado, fizemos-nos á véla, e depois de uma feliz viagem chegámos a Lisboa.

«Fez Mr. de Forcy sua entrada com a magnificencia digna do monarcha a quem estava representando. Durante a audiencia, o Rei conservou-se sentado, emquanto o embaixador em pé lhe dirigia uma falla; todos os grandes e senhores da côrte estavam em pé, e sem chápéu, e os mais qualificados d'elles estavam encostados á parede, que não tinha tapeçaria alguma ou qualquer ornato.

«Tendo o marquez de Villete querido tambem encostar-se á parede, chegou-se a elle um mestre de cerimonias, com muita gravidade, e advertiu-o de que tão sómente aos grandes de Portugal de primeira ordem era permitido encostarem-se na presença do Rei. O marquez mudou immediatamente de posição, e como era por indole um pouco fanfarrão, esta especie de affronta que recebeu diante de toda a nação, o mortificou muito.» (Pag. 54.)

*
* *

«Durante a residencia que fizemos em Lisboa, visitámos a famosa abbadia de Belem, e n'ella admirámos a magnificencia dos tumulos dos Reis de Portugal, algumas obras de marmore de grande valor, os vastos aposentos de que o mosteiro se compõe, e os jardins, que são os mais bellos do reino. O prior fez-nos mil obsequios. Depois de lhe havermos gabado a belleza d'esta residencia, fallámos-lhe dos religiosos que a habitavam. Ai de mim, senhores! exclamou suspirando. Este mosteiro está bem decaído do seu antigo esplendor, e está bem longe de ser o mesmo que eu conheci outr'ora. Quando eu n'elle ainda era frade novo, estava aqui estabelecido, sem que a isso jamais se faltasse, que uns trinta dos nossos saíssem todas as noites, armados de um punhal, e de uma espada, para irmos á cata de aventuras. Agora este fervor guerreiro affrouxou de tal modo, que apenas existem uns dez ou doze que não tenham degenerado, e que sigam as pégadas de seus antepassados.

«A um tal discurso olhavamos todos uns para os outros, não sabendo o que haviamos de responder, e não tendo a certeza de estar elle a fallar serio.»

Varias outras asserções confirmam isto. Os frades de Belem eram na realidade pimpões. E bem o mostraram durante a lucta entre D. Pedro e D. Miguel.

*
* *

«Estando tudo disposto para a partida, nada mais esperavamos para nos fazermos de véla, do que a audiencia de despedida, a qual apenas se poderia demorar alguns dias, quando um commerciante a quem eu tinha vendido açafrão, veiu ter commigo para me propor o receber na chalupa do Rei uma familia judia que havia de se achar ás 10 horas da noite no logar que me havia de ser indicado, e que me dariam, por isso, como presente, duzentas pistolas, sob condição de que havia ser ella recebida no navio do Rei pelo menos dois dias, no fim dos quaes havia ella de embarcar n'um pequeno navio mercante que se fazia de véla para Bordéus.

«Ouvi esta proposta com muito prazer, e prometti responder dentro do praso de duas horas. Fui immediatamente communicar o succedido a Mr. de Villette, que, encantado de me grangear um lucro tal, respondeu que podia

acceitar a proposta, e que a ella se não oppunha de modo algum. Em consequencia d'esta resposta marcou-se a hora, e eu me dirigi com a chalupa para o ponto que tinha sido indicado. Como ninguem apparecia, e começando a passar a hora, enfastiei-me de esperar, e saltando em terra com o capitão dos marinheiros, demos alguns passos para vermos se descobriamos a tal familia. Adiantei-me, á claridade da lua, para uma rua que ficava a uns duzentos passos da praia, e disse ao capitão que fosse até ao fim, para ver se apparecia alguem.

«Mal se tinha elle afastado de mim, quando vi apparecer uma especie de phantasma. Era um homem de ceroulas, com um barrete branco na cabeça, as pernas nuas, os pés mettidos n'uns sapatos, o braço esquerdo coberto com um broquel; trazia na mão uma espada desembainhada, e vinha contra mim todo esbaforido, não adivinhando eu o que poderia ser aquillo. Apenas esteve a seis passos de mim, apresentei-lhe minha pistola gritando: «Pára!».

«A esta palavra o espadachim saltou com muita ligeireza para o outro lado da rua, e continuou seu caminho sem nada responder.

«Como eu receiava que o capitão, que estava na outra extremidade, ficasse assustado á vista d'este espectro, segui-o mui de perto. Previ mui sensatamente o que teria acontecido, se eu não me houvesse adiantado. O capitão teve medo, na realidade, e começou a gritar com toda a força. Eu respondi-lhe que se conservasse firme, com a pistola na mão, que o iria soccorrer. A taes palavras, o aventureiro, que apparentemente era um doido, continuou seu caminho mui pacificamente, e se retirou sem dizer palavra.

«Um momento depois chegou a familia judia. Compunha-se de pae, mãe, de um rapazinho, e de uma rapariguinha, bem bonita. Embarcámol-os, e lhes perguntei as rasões que tinham para fugir. Responderam-me serem perseguidos pela inquisição, e correrem o risco de serem queimados vivos. O pae pagou-me as duzentas pistolas que tinhamos ajustado, e conduzi os meus passageiros para bordo, de onde embarcaram para Bordéus.

«Forbin embarcou depois para Sião, e n'aquelle paiz foi nomeado almirante e general dos exercitos do Rei d'aquelle paiz.

«Algum tempo depois, tivemos ordem, tanto Constancio com eu, para irmos a Bancok, com o fim de mandarmos trabalhar na construcção de um novo forte que devia ser entregue a soldados francezes, que o Rei de Sião tinha pedido, e aos quaes esperava no regresso dos embaixadores. Alli traçámos um pentagono. Como Bancok é a chave do reino, sustentava alli o Rei n'um pequeno forte quadrado, duas companhias de quarenta homens cada uma, formadas de portuguezes, mestiços ou creoulos da India. Dão um tal nome aos que nasceram na India, de um portuguez e de uma japoneza christã. Estes mestiços, quando souberam ser eu o destinado para os commandar, amotinaram-se.

«E foi um padre a causa de uma tal revolta. Depois de ter dito missa, tomando repentinamente ares de um homem inspirado, voltou-se para o povo, dirigindo-lhe a palavra: «Meus queridos compatriotas, lhes diz elle, a nação portugueza, tendo sido sempre a dominadora das Indias, seria vergonhoso para ella que um francez emprehendesse hoje commandar-vos; marchae, pois, corajosamente, e não consintaes uma tal affronta. Nada temaes. Deus vos ha de abençoar, como sempre tem feito até hoje... No emtanto recebei a sua benção, que eu vos dou da sua parte.» Nada mais foi necessario para os pôr em movimento.

«Estavamos occupados, eu e o Constancio, no arranjo dos trabalhadores,

para se começarem as obras do forte, quando os soldados se revoltaram. O ministro perguntou-lhes a rasão. «É, replicou o coronel, porque elles não querem obedecer a um official francez.

«A este discurso, adiantando-me para um bastião, vi chegar um troço de soldados com a espingarda ao hombro, os quaes marchavam na direcção do forte. Avisei Constancio, e tendo-o chamado á parte, disse-lhe: «Este official é certamente cùmplice na revolta, pois vem avisar-nos quando os sediciosos estão já em marcha. Querem tanto mal a vós como a mim, e por isso vou começar por me apoderar d'este, e o obrigarei a fazer com que retire seus soldados; se resistir, matal-o-hei.»

«A isto, lançando mão á espada, saltei sobre o portuguez, a quem desarmei como se fôra uma creança; e apontando-lhe a ponta da espada ao peito, ameacei-o com a morte, se não gritasse áquelles sediciosos para que se retirassem.

«Constancio n'esta occasião arriscou sua pessoa. Saíu do forte com muita firmeza e sem perturbação, e indo ao encontro dos amotinados, que estavam a dez passos da porta, perguntou-lhes com ar altivo que pretendiam. Responderam unanimes que não queriam o commandante francez que lhes tinham destinado.

«Este ministro, que tinha pelo menos tanto espirito como valor, assegurou-os de que eu devia na verdade commandar os siamezes, mas de fórma alguma os portuguezes.

«Parecia esta resposta serenal-os, quando um da tropa, vendo por uma parte seus camaradas incertos ácerca do que tinham a fazer, e por outra ouvindo o coronel que do alto do bastião lhes gritava com toda a força para que obedecessem a Constancio, tomou a palavra, e empunhando a espada, disse: «Para que servem tantos raciocinios? Por acaso devemos nós fiarmos-nos nas suas promessas?

«Constancio, que se viu a ponto de ser assassinado por este scelerado, lhe tirou a espada; e, depois de ter apaziguado seus camaradas com boas palavras, os enviou para suas casas. Como este attentado podia ter perigosas consequencias, se ficasse impune, o coronel foi preso, e tambem o foram os soldados e officiaes que entraram na sedição. Por ordem de Constancio reuni um conselho de guerra, muito mal ordenado, na verdade, mas estavamos n'um paiz em que nunca se tinha visto. Não deixámos, todavia, de condemnar o soldado que tinha levado a mão á espada, a ter o punho cortado; mais dois, convencidos de terem sido os cabeças de motim, foram condemnados á morte. Houve alguns officiaes exilados, e o resto dos soldados foi condemnado ás galés; mas em vez de para lá os mandarem, foram amarrados a dois e dois, e obrigados a trabalharem nas fortificações. Depois d'isto Constancio e eu nos dirigimos para Louvo.

«Um principe macassar, havendo fugido á oppressão dos hollandezes, na companhia de uns trezentos dos seus, tinha-se acolhido ao reino de Sião, onde o Rei lhe deu abrigo. Mas este principe Macassar, sempre intrigante, conjurou com os principes de Cambaia, Malage e Chiampa, para mandarem matar o Rei e apoderarem se do reino, para o repartirem entre os tres, e matarem tambem todos os christãos portuguezes e japonezes, de sorte que d'elles não escapasse um sequer.

«Constancio de tudo soube, e deu as ordens necessarias para a segurança. Forbin dirigiu-se então para Bancok, com o fim de defender esta praça; mas as tenções de Constancio eram de o mandar matar.

«Por esta occasião tambem Constancio mandou pôr em liberdade a todos os portuguezes que tinham sido condemnados, e mandou tambem que ficassem formando uma companhia, como a formavam anteriormente. Continuando Constancio a odiar e a desejar matar Forbin, este cercou-se de portuguezes, que entendiam o siamez, para não caír n'alguma cilada d'aquellas que Constancio lhe armava frequentemente.

«Depois as cousas iam-se dispondo para a lucta com os macassares, e ao saír do pavilhão, encontrei (diz Forbin), um velho official portuguez, bravo homem, a quem eu tinha feito major, e que estava alli esperando as minhas ordens. «Senhor, lhe disse eu, ide advertir sicranos e beltranos para que estejam promptos; e logo que os macassares houverem passado um certo logar que lhes designei, começareis a investil-os, desarmal-os-heis, e depois prendel-os-heis até que eu vos informe do que se houver de fazer.

«O portuguez, assustado com o que acabava de ouvir, disse-me: «Peço-vos perdão, senhor, mas o que vós propondes não é possivel realisar-se. Vós não conheceis esta nação, como eu, que sou filho das Indias. Crêde-me: esta raça de homens não se deixa prender. Só depois de mortos é possivel agarral-os. Digo-vos ainda mais: que se vós daes a entender que pretendeis prender aquelle capitão que está no pavilhão, e tambem a esses homens que o acompanham, matar-nos-hão a todos, sem que de nós escape um só!»

«Não fiz todo o caso que devia, do conselho que o portuguez me dava; e persistindo no meu projecto, cuja execução me parecia muito facil, lhe repliquei: «Ide, e levae as minhas ordens, taes como as tendes recebido.»

«O major ficou muito triste, e continuando a dar-me bons conselhos, disse-me antes de partir: «Meu Deus! Senhor, vêde bem o que fazeis. Matar-vos-hão infallivelmente. Crêde o que eu tenho a honra de vos dizer, pois é para vosso bem!»

«O zêlo d'este official fez-me pensar. Para nada arriscar, mandei collocar vinte soldados siamezes na garganta do bastião, e outros dez com espingardas; e tendo avançado para a estrada mandei a um mandarim que fosse da minha parte dizer ao capitão que eu estava mortificado com a ordem de parar, que eu tinha, mas que de mim receberia toda a ordem de bom tratamento.

«Este pobre mandarim, que me servia de interprete, obedeceu; e á primeira palavra que proferiu, tendo estes macassares atirado para o chão sua touca, empunharam o criz, e arrojando-se como demonios, mataram n'um instante não só ao interprete, mas tambem aos seis mandarins que estavam no pavilhão. Vendo esta mortandade, retirei-me para meus soldados, que estavam armados, saltei por cima da lança de um d'elles, e aos outros que se chegassem. Um d'estes furiosos correu para mim, e eu lhe enterrei a lança no estomago.

«O macassar, porém, como se fosse insensivel, vinha sempre avançando atravez o ferro que eu lhe tinha enterrado no corpo, e fazia esforços incriveis com o fim de chegar até mim para me atravessar, e tel-o-hia conseguido infallivelmente, se a guarda que estava em logar da lamina, lhe não tivesse tirado todos os meios. Tudo quanto eu tive de melhor a fazer foi recuar, conservando-lhe sempre a lança no estomago, sem ousar jámais repetir o golpe. Finalmente fui soccorrido por outros lanceiros que acabaram de o matar.

«Dos seis macassares ficaram quatro mortos no pavilhão, e os outros dois, embora feridos gravemente, salvaram-se saltando do bastião para baixo. O arrojo, ou antes, a raiva d'estes seis homens, tendo-me feito conhecer que o portuguez

me tinha dito a verdade, comecei-me a temer dos outros quarenta e sete que vinham em marcha. N'esta assustadora situação, mudei a ordem que tinha dado para os deterem, e conhecendo que não havia nenhum outro partido a tomar, resolvi mandar matar a todos, se fosse possivel. Com esta tenção enviei, e andei eu mesmo por todas as partes com o fim de reunir as tropas.

«Comtudo, os macassares que tinham desembarcado em terra, marchavam para o forte. Mandei ordem a um capitão inglez, a quem Constancio tinha posto á frente de quarenta portuguezes, que lhes fosse cortar o caminho e obstar a que elles avançassem. E no caso de recusa da parte d'elles, de atirarem por cima, acrescentando que eu ia ver-me com elle n'um instante, com o fim de o proteger com todas as tropas, quantas eu podesse reunir. Á prohibição que o inglez lhes fez, de passarem mais adiante, pararam immediatamente. Durante aquelle tempo eu fazia com que os meus soldados avançassem na melhor ordem que eu podia. Estavam armados com espingardas e lanças, mas n'elles pouca confiança podia depositar. Eram todos soldados novos, e nada aguerridos.

«Parámos a cincoenta passos dos macassares. Houve entrevistas de um lado e do outro, e eu mandei-lhes dizer que, se quizessem, tinham a liberdade de voltarem para sua galé. Comprehendi que se elles tomavam o partido de tornarem a embarcar, ser-me-hia facil de os mandar matar a todos com tiros de espingarda, pois nada tinham com que se defenderem, pois nunca trazem comsigo armas de fogo. Mandaram-me dizer em resposta que estavam promptos para voltarem para bordo, mas que se tornava indispensavel que lhes entregassem antes seu capitão, sem o qual jámais tornariam a embarcar.

«O capitão inglez, enfastiado de tantas demoras, mandou-me dizer que, visto elles não quererem dar ouvidos á rasão, que ia n'um momento amarrar todos aquelles patifes, que tanto se estavam dando á importancia. E sem esperar minha resposta, avançou contra elles com muita imprudencia.

«Mal se mexeu, logo os quarenta e sete macassares, que até então se tinham conservado acocorados á sua moda, se ergueram subitamente, e tendo envolvido seu braço esquerdo n'uma especie de cinta, com a qual elles estão no costume de se cingirem, formaram com ella uma *Targa*, depois cobrindo seu corpo assim enrodilhado com os braços, cairam sobre os portuguezes com o criz na mão, com tanta intrepidez, que os levaram adiante de si, e os fizeram em postas, quasi antes que nós tivessemos percebido que os macassares os tinham atacado. D'alli, sem perda de tempo, correram contra as tropas que eu commandava.

«Embora eu tivesse mais de mil soldados armados com lanças, e com espingardas, o medo se apoderou d'elles a tal ponto, que tudo foi a terra. Os macassares passaram-lhe por cima do ventre, matando á direita e á esquerda a quantos podiam apanhar, e a mortandade foi pasmosa!

«N'uma tal derrota, empurraram-nos elles dentro em pouco até perto da muralha do novo forte. Seis d'elles, mais furiosos do que os outros, entraram no caneiro que deita para o rio, perto da muralha do pequeno forte quadrado, passaram do outro lado do forte, e fizeram em todos os logares uma mortandade pasmosa, matando sem distincção de sexo, nem de idade, mulheres, creanças, e tudo quanto se lhes apresentava.

«N'esta crise, não podendo já conter o grosso das tropas, deixei-as fugir, e como por arma tão sómente tinha uma lança, ganhei a extremidade do fosso, decidido a arrojar-me para dentro d'elle no caso de ser perseguido. Pensava eu

que, estando o fosso cheio de lodo, não podiam elles chegar até mim com a sua presteza ordinaria, e que, por isso, ficaria eu do melhor partido. Passaram a dez passos de distancia sem darem fé de mim, tão occupados estavam em matar!

«Emquanto aos desgraçados siamezes, nem um sequer pensava em fazer face para se defender, tal era o susto que os dominava!

«Finalmente, não vendo meio algum de os reunir, encaminhei-me para a porta do novo fosso, e subi para um bastião, de onde mandei disparar algumas balas de espingarda contra os inimigos, que, achando-se senhores do campo de batalha, e não tendo já ninguem para matar, se retiraram para a praia. Depois de terem conferenciado uns com os outros por algum tempo, não dando ouvidos a mais do que ao seu furor, e resolvidos a porem-se na necessidade de combater, tornaram a ir para a sua galé, deitaram-lhe fogo, e depois de se terem armado com broqueis e lanças, desceram outra vez para terra com o fim de deitarem mão a quanto encontrassem.

«Começaram por lançar fogo a todas as casas dos soldados, que, segundo o uso do paiz, eram feitas de cannas, e subindo pela extremidade da ribeira, atacaram e mataram indistinctamente a quantos achavam no caminho. Tantas mortes incutiram de tal modo o susto nos arredores, que a ribeira ficou em um instante coberta com as pessoas que passaram a nado, homens e mulheres que levavam seus filhos ás costas.

«Commovido com um tal espectaculo, e indignado por nada mais ver do que mortos no logar onde se tinha combatido, reuni uns vinte soldados armados de espingardas, e embarquei com elles n'um balão, para seguir aquelles furiosos.

«Topei com elles a uma legua do forte; mandei que lhe atirassem pela parte de cima, e os obriguei a desviarem-se da margem. Penetraram nas terras, e d'alli entraram nos bosques que ficavam ao lado. Não tendo, porém, gente bastante para os perseguir, e as forças não sendo iguaes, não me atrevi a repellil-os, e por isso tomei o partido de voltar para o forte.

«Apenas cheguei, vieram-me avisar de que os reis macassares, que tinham passado do outro lado, se tinham apoderado de um convento de Talapões, que tinham matado a todos os monges, e com elles a um mandarim de importancia, em cujo corpo um d'elles tinha deixado seu criz, que me apresentaram.

«Para alli deitei a correr com oitenta dos meus soldados, armados com lanças, pois ainda não sabiam manejar as armas de fogo. Achei, porém, ao chegar, que os siamezes, não se podendo mais defender, tinham-se visto obrigados a deitar fogo ao convento.

«Disseram-me que os macassares se tinham dirigido a um logar distante d'alli uns dois passos, n'um campo coberto de mato espesso, e quasi á altura de tres pés, onde estavam acocorados. Para alli conduzi a minha gente, e com ella formei duas fileiras bem apertadas, ameaçando com a morte ao primeiro que désse signaes de querer fugir. Meus lanceiros ao principio só marchavam passo a passo e ás apalpadellas; porém a pouco e pouco a minha presença os tranquilisou.

«O primeiro macassar com quem topámos, se poz em pé como um furioso, e erguendo seu criz, ia descarregal-o sobre os meus soldados, quando eu me antecipei, e lhe quebrei a cabeça com um tiro de espingarda. Outros quatro foram consecutivamente mortos pelos nossos siamezes, que não se perturbaram n'esta occasião, ajudando-se uns aos outros, e descarregando grandes botes de

lança n'aquelles desgraçados, que combatendo sempre á sua moda vulgar, preferiam encontrar a morte avançando, do que recuar um só passo.

«Como eu pensava em me retirar, fui advertido de que ainda restava um sexto macassar, o qual era um rapaz, aquelle mesmo que tinha matado o mandarim, e lhe havia deixado o criz no corpo. Voltámos para o mato com o fim de procurarmos a este ultimo. Mandei a meus soldados que o não matassem, pois ser-me-hia facil apanhal-o vivo, visto achar-se desarmado. Porém os soldados estavam tão exaltados, e furiosos, que pouca attenção prestaram ao que eu lhes dizia, e o trespassaram com milhares de golpes. Eu tinha perdido 360 homens, e os macassares apenas tinham ficado sem 17.

«Como eu quiz entrar no pavilhão para descançar alguns instantes, por ter d'isso grande necessidade, depois das fadigas que tinha aguentado, fiquei espantado com um espectaculo tanto mais triste, quanto era menos esperado.

«Alem dos cadaveres dos macassares, e dos siamezes, que ainda não tinha havido tempo para levantar, achei estendido á borda da minha cama um joven official chamado Beauregard, filho de um commissario do rei em Brest. Tinha ficado em Sião, e eu o tinha nomeado major de todas as tropas siamezas. Vendo-o n'aquella situação julguei-o morto, e tive o coração penetrado de amargura.

«Não acreditarão, sem duvida, o que passo a dizer, pois, com effeito, tem mais apparencia de fabula, do que de outra qualquer cousa. Posso, todavia, assegurar, que de minha casa nada porei, e que só me reportarei á pura verdade. Tendo-me approximado da cama, e havendo examinado aquelle mancebo de mais perto, vi que ainda estava respirando, mas já não fallava, e tinha a bôca toda coberta de espuma; todas as entranhas e até o estomago tinham saído, e estavam caidas pelas pernas abaixo. Não sabendo que fazer para lhe prestar algum soccorro, pois nem remedios nem cirurgião eu tinha, aventurei-me a tratal-o como podesse.

«Para este effeito, havendo accommodado duas agulhas com retroz, metti as entranhas no seu logar, e cosi a ferida, o que eu tinha visto fazer em similhantes occasiões. Fiz depois duas ligaduras, com que o apertei, e depois de ter batido claras de ovos, que misturei com *Raque,* que é uma especie de aguardente, d'ella me servi para tratar do doente, o que continuei a fazer pelo espaço de dez dias.

«Minha operação teve um exito felicissimo, e Beauregard foi curado; mas, na verdade, elle não teve febre nem algum outro symptoma assustador. Notei, quando lhe metti as tripas no seu logar, que estavam já seccas como pergaminho, e misturadas com sangue coalhado, porém tudo isso não obstou á perfeita cura, que appareceu poucos dias depois.

«No dia seguinte recebi participação de que um dos seis macassares que tinha combatido no pavilhão, não estava morto. Alguns soldados siamezes o tinham preso com medo de que lhes fugisse, e d'elle tinham feito uma especie de novello, á força de o amarrarem. Fui vel-o para o interrogar, e para d'elle ouvir, se fosse possivel, algum esclarecimento, quer em relação a seus camaradas, quer em relação ao que tinham praticado em Luvo e Judá.

«Este demonio, pois a força e a paciencia humana não vão tão longe, tinha passado com um sangue frio assombroso toda a noite nos lamaçaes, tendo dezesete golpes de lança no corpo. Fiz-lhe algumas perguntas, mas disse-me que só poderia responder a ellas se o desamarrassem. Não era para receiar que fugisse, e por isso ordenei a um sargento francez que tinha levado commigo, que o des-

amarrasse. Este encostou sua alabarda a uma pequena arvore, muito perto do ferido, não o julgando em estado de emprehender cousa alguma, e a deixou, depois de o ter desamarrado, no sitio em que primeiramente a tinha posto.

«Mal o macassar foi posto em liberdade, começou a estender as pernas e a estirar os braços, como para os desadormecer. Percebi que continuava a responder ás perguntas que eu lhe fazia, e se virava, procurando ganhar terreno, para se approximar pouco a pouco da alabarda, e deitar-lhe as mãos. Conheci a sua tenção, e dirigindo-me ao sargento, lhe disse: «Conserva-te perto da tua alabarda; vamos a ver até onde este furioso vae levar o seu arrojo.»

«Logo que se viu mais perto, não deixou de se rolar para cima d'ella, para com effeito lhe deitar a mão, mas tendo mais animo do que forças, caiu de bruços quasi morto; vendo então que não havia mais a esperar, mandei que déssem cabo d'elle.

«Eu estava tão espantado de tudo quanto tinha presenciado, que aquelles homens me pareciam differentes de todos os outros, que desejei conhecer onde podia ver aquelles homens de tanta coragem, ou, para melhor dizer, tanta ferocidade.

«Alguns portuguezes, que desde creanças habitavam na India, e a quem interroguei a tal respeito, me disseram serem aquelles povos habitantes da ilha de Calebos ou Macassar, serem mahometanos scismaticos e muito supersticiosos; que seus padres lhes amarravam cartas escriptas com caracteres magicos, que elles mesmos lhes prendiam nos braços, assegurando-lhes que emquanto os trouxessem comsigo, seriam invulneraveis. Que um ponto particular de sua crença não contribuia pouco para os tornar intrepidos e crueis. Consiste este ponto em estarem fortemente persuadidos que todos quantos elles poderem matar sobre a terra, exceptuados os mahometanos, serão outros tantos escravos que os hão de servir no outro mundo. Emfim, acrescentaram elles, que se lhes imprimia tão fortemente desde a infancia o que se chama ponto de honra, que entre elles se reduz a nunca se renderem, e que ainda não havia exemplo de um unico faltar a este dever. Dominados por idéas taes, nem pedem, nem dão jámais quartel; dez macassares com o criz na mão, atacariam cem mil homens.

«Os europeus contratavam casamentos em Sião, duradouros só pelo tempo em que as mulheres eram agradaveis aos homens que as recebiam, e entre elles havia tambem um padre portuguez notavel, por ter casado varias vezes, e a este disse Forbin em certa occasião: «Padre, acho-vos aqui bastantes vezes casado!»

«Por fim já Forbin fallava portuguez, pois n'este idioma explicou a um mestiço as ordens do Rei de Sião.»

FORESIUS (JOÃO ——).— Jesuita, natural de Lugano.

Historia de initio et progressu Missionis Chinensis. Viennae, 1665, in-8.º

Beneficia a thaumaturgo Indiarum apostolo diversis praestita. Graecii, 1669.

FORGEOT.— Jesuita, francez, missionario na China.

Lettre du Père Forgeot au Père Patouillet. A Macao, le 2 décembre 1750. Nas *Lettres Édifiantes,* tomo III, pag. 825 a 830.

FORKEL.

Na *Algeine Litteratur der Munick,* Leipzig, 1792, in-8.º, falla dos musicos portuguezes.

FORLIVESI (FILIPPO ——).

A sua Alteza Reale D. Isabella Maria di Braganza e Borbone, che nel giorno 17 Maggio 1864 dignose assistere la giovane Rosalinda Folivesi Romana, quando nel Ven. Monastero dello Spirito Santo di S. Pudenziana en Roma vestiva l'abito religioso assumendo i nomi d'Ignazia Maria il Sacerdote —— umilmente dedica e consacra i seguente versi, coi quali alla sorte della sua germana lietamente applaude.

. . . . . .
Germana, o tu che docile
Al celestiale invito
Il cuor piegasti all'aura
Di sua virtu rapito,
In te chi l'occhio intende
Del verace gioir l'arcano apprende.

Si, quel sereno giubilo
Che ti colora il viso,
Un dolce pegno, un aura
Ell'é di Paradiso:
Arra amorosa e cara
É dei doni che il cielo a te prepara.
. . . . . .

Parece que a Infanta D. Izabel Maria era mui frequentadora das festividades por occasião das profissões de freiras em Roma.

Ainda possuo varias outras poesias relativas ao mesmo assumpto, e dedicadas á mesma princeza portugueza. V. Rossi Patrizio. As referidas poesias são in-folio, impressas com luxo.

FORMONT (MAXIME ——).—Escriptor francez.

Le mouvement poetique contemporain in Portugal.

O novo trabalho de Maxime Formont compendia a apreciação das ultimas gerações poeticas do nosso paiz, e é dedicado a El-Rei D. Carlos, presidente da academia real das sciencias, da qual Formont recentemente foi nomeado socio correspondente.

FORRESTER (JOSEPH JAMES ——).

A word or two on Port-wine. London, 1844.

Observations on the attempts lately made to reform the abuses practised in Portugal, in the making and treatment of Port-wine. London, 1845.

Wine trade of Portugal. Second edition. Edimbourg, 1845.

—— *short treatise on the unequal and disproportionable imposts levied on Port-wine shipped from Oporto to Great Britain.* London, 1850.

—— *the Oliveira prize essay on Portugal. With a map of the wine districts of Alto Douro.* London, 1853.

—— *companion to Portugal and its capabilities, or a word or two more on Port-wine; shown the rise and progress of the Port-wine trade 1858–1860.* London, 1860.

Portugal and its capabilities. Fourth edition. London, 1860, in-8.º de XXX-270 pag.

Algumas palavras sobre a exposição de Paris, pelo barão de ——, offerecidas aos seus amigos. Porto, typographia commercial, 1856, 8.º gr. 43 pag.

FORTERESSES *portugaises et places frontières des espagnols; 13 petites vues et plans sur une grande planche gr. et color.* Amstaelodami, apud C. Allard vers 1700.

Contém vistas de Lisboa, torre de Belem, Setubal, Evora, Extremoz, Portalegre, Elvas, Olivença, Badajoz, Albuquerque, estreito de Gibraltar, Castello Branco e Villa Farina.

FORTIA D'URBAN ET MIELLE.

Histoire generale du Portugal depuis l'origine des lusitaniens jusqu'à la regence de D. Miguel. 9 volumes in-8,º 30 francs. Chez Garnier.

FORTIS (LEONE ——).

L'ultime hore di Camoens allo spedale di Lisbona. Cena drammatica in versi, di repertoire di madame Ristori. Lisboa, 1859.

Camoens, o un poeta ed un ministro. Dramma in cinco atti, di ——. Italia dramatica, 1851. Torino.

«No theatro de Milão deu-se este drama originàl d'este auctor com o titulo de *Poeta e Re;* o assumpto da peça é a historia da vida de Camões, porém toda alterada; não obstante o publico milanez recebeu este drama com bastantes applausos. Veja-se a *Italia musicale* e o *Spectador,* n.º 8 (2.ª serie), onde vem transcripta a descripção do drama, extrahida do jornal italiano.»

A celebre actriz madame Ristori, segundo diz o visconde de Juromenha nas *Obras de Luiz de Camões,* vol. I, pag. 269, representou em Lisboa uma scena d'este drama em fevereiro de 1851.

FORTUNIO.

La Vierge de Belem, par ——. Paris, E. Dentu, editeur. 1884, 359 pag.

«Recordam-se de que a velha e a nova Inglaterra se uniram, ha alguns annos, n'um immenso e solemne hymno de admiração, e de piedade, a proposito do terceiro centenario de William Shakespeare, seu immortal poeta nacional, que ao mesmo tempo o é do mundo inteiro, e a quem Victor Hugo, ess'outro gigante da poesia, saudou com um livro admiravel.

«O que a Inglaterra tinha feito, tambem Portugal o quiz fazer por sua vez em 1880, terceiro centenario de Camões, esse digno irmão do cysne do Avon, que do mesmo modo devia ser cognominado o cysne do Tejo.

«Porém a patria de Vasco da Gama, e de tantos outros mareantes, quiz alliar no seu culto nacional a memoria de duas das maiores glorias, e decidiu transportar seus restos a Belem, onde um monumento especial lhes será erigido.

«Mas o poeta, a quem Portugal acclama com legitimo orgulho *seu poeta,* supplantou o illustre marinheiro, e Vasco da Gama foi afastado de Camões por alguns enthusiasmos, pois verdade é que o pensamento é o rei do mundo, e que a penna supplanta a espada.

«O nome de Camões andava com effeito em todas as bôcas; em 1880 só comiam hortaliças e pasteis á Camões; as portuguezas só usavam de fazendas á Camões, e os proprios portuguezes só compravam gravatas, berloques e bengalas á Camões...» (Pag. 234.)

FORTY (THE) *fourth Annual Report of the British Protestant School in connexion with Saint George's chapel Lisbon (late the british free school) established in the year 1836, for the education with in cases of distress, board and clothing of the children of resident British Subjects, from the age of five to fourteen*

years. With a list of subscribers and accounts of recepts and expenditure. London, 1881, in-12.

Muitissimos folhetos sobre o mesmo assumpto, que é a propagação do protestantismo n'este paiz, são publicados annualmente.

FOSSA (JACOBO ——).— Regiensi Collegii Gregoriani Nolano.

Efflatio pulveris adversus Emmanuelis Alvari Grammaticas Institutiones ab Orlando Pescettio Veronae excitati. Qua plus centum sptuaginta reprehensiones a —— ex commentariis, et responsis admodum R. Sacerdotis Marianni Benedicti a S. Vito Praedestinae Diœcesis confutantur. Monachii, apud viduam Bergianam impensis Joannis Hertsroy, 1616, in-8.º, 64 pag.

Reproduz em parte a obra de Pescettio, impressa em Verona, em casa de Angelo Fantum, 1609. A resposta occupa 464 pag.

FOUQUÉ.

Les eaux thermales de l'ile de Saint Miguel (Açores) Portugal.— Rapport relatif à l'analyse des eaux thermales de l'ile de San Miguel, par ——. Rapport des observations faites sur les eaux minérales de la vallée de Furnas (même île de Saint Miguel), par le docteur Philomeno da Camara Mello Cabral, pendant les années 1870, 1871, 1872. Lisbonne, 1873[1].

Foi esta obra mandada publicar pela junta geral do districto de Ponta Delgada.

«Resolveu em 1870 a junta geral do districto de Ponta Delgada que se creasse no valle uma estação medica, impondo-se ao seu director a obrigação de apresentar, cada anno, um estudo das aguas, tanto no respeitante á sua composição chimica, como á sua acção sobre o organismo, observando-a nos differentes doentes do hospital e nos da sua particular clinica.

«Era encargo improbo e difficilimo de preencher-se condignamente por um só homem, ainda quando lograsse reunir todos os dotes indispensaveis ao desempenho de tamanha empreza.

«Cremos que assim o reconheceu a propria junta, porque deliberou convidar um distincto chimico francez, mr. Fouqué, para se occupar exclusivamente da analyse das aguas, incumbindo ao dr. Philomeno da Camara Mello Cabral, o exame dos seus effeitos therapeuticos.

«Desembarcou mr. Fouqué em Ponta Delgada a 19 de maio de 1872 e poucos dias depois começou os seus estudos no valle das Furnas, que foi terminar em França no seu gabinete, remettendo em janeiro de 1873 o seu relatorio ao governador civil.»

Estudou mr. Fouqué as aguas mineraes da ilha de S. Miguel, e particularmente as aguas geyserianas das Furnas e da Ribeira Grande.

FOY.

History of the War in the Peninsula. Translated from the french. London, 1827. 2 vol. com retratos.

---

[1] *Instituto,* setembro de 1874. Coimbra.

FOZI (JOSEPH ——).—Jesuita, natural da Calabria.

Informatio pro Venerabili Servo Dei Ignatio Azebedo Societatis Jesu, et Sociis ejus in odium Fidei ab Haereticis interfectis, excerpta a variis Auctoribus, qui de illorum nece scripserunt, et sacrae Rituum Congregationi exhibita. A. P. Josepho Fatio Soc. Jesu in causa Canonazionis Procuratore. Romae, ex typographia Varesiana, 1664, in-4.º, 155 pag. *Appendix Authorum qui de Nece Venerabilis Servi Dei Ignatii Azebedii et Sociorum scripserunt.* Romae, ex typ. Varesii, 1667, in-4.º, 31 pag.

FRADIQUE SPINOLA.

Escola Decurial.

«Singularisavam se os Reis de Portugal com o titulo de obedientes á Sé Apostolica, como vimos em nossos dias no reinado de D. João IV, merecendo pela mesma rasão que os de França, de Christianissimo, e os de Castella o de Catholico, que serviços tinham para isso, e nenhum estendeu mais a fé de Christo que os Reis de Portugal em todas as quatro partes do mundo. O nosso insigne Camões diz com rasão:

De Africa tem maritimos assentos,
E na Asia mais que todas soberana.
Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegára.

FRAGOSO (JUAN ——).—Licenciado.

Discursos de las cosas aromaticas, arboles, y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, e sirven al uso de la medicina. Autor el ——. Madrid, Francisco Sanchez, 1572.

O conde de Ficalho diz que foi vertido para latim por Francisco Sanchez, em 1572.

FRAGOSO (JOANNE ——).

Aromatum, fructum et simplicium aliquot medicamentorum ex India utraque et Orientali et Occidentali, in nobis Europam delatorum, quorum jam est plurimus, Historia brevis utilis et jocunda. Nunc latine edita opera et studio Israelis Spachii. Argentinae, 1600, 8.º, 1 tomo com 115 folhas.

FRAGOSO (D. JUAN DE MATOS ——).

Ver y crer. Comedia famosa de ——. Segunda parte de Doña Ines de Castro. Sevilha, por Francisco de Laefdael.

FRANCISCO DE ANDRADE.

Este cantor portuguez cantou n'um concerto em Munich, depois do qual foi contratado para cantar na opera real em duas noites, contrato que foi renovado para mais tres representações.

Em uma das noites o Principe Regente, que mui poucas vezes frequenta o theatro lyrico, tanto se enthusiasmou ouvindo o nosso compatriota, que lhe offereceu a medalha de oiro de sciencias e artes do Rei de Baviera, medalha que tinha sido conferida a ultima vez á celebre cantora Lucca.

FRANCO (FR. JOSÉ ——).—Sacerdote del Orden de Predicatores, hijo y conventual del Real Convento de San Pablo de Sevilla.

Computo ecclesiastico para todos los clerigos, segun los Sagrados Canones y Concilios, con doscientos años de ephemerides ecclesiasticas. Que ofrece, dedica y consagra al M. A. y M. P. Señor Don Juan Quinto, Rey de Portugal. Sevilla, en casa de Juan Francisco Blas de Quesada. 1734, in-4.º, XXXVI-91 pag.

FRANCO (SALOMON ——).—Parece judeu portuguez.

Truth springing out of the Earth: that is the Truth of Christ proved out of the earthly promises of the Law. London, 1668, 4.º, 1 vol., 71 pag.

FRANÇOIS (M.).

Methodo geographico facil, donde se demuestra el modo de gobierno de todos los paises, sus cualidades, las costumbres de sus habitantes, con otras cosas curiosas. Con un breve compendio de la esfera, y una tabla de las latitudes y longitudes de las principales villas, y ciudades del mundo, segun las ultimas y mas exactas observaciones. Compuesto en idioma francez por mr. ——. Traducido en lengua española, e ilustrado considerablemente por el Lic. Don Juan Manuel Giron, clerigo de menores, colegial que fué en el de Santa Catalina, martir de Alcalà, opositor á los curatos del obispado de Cuenca, y cathedras de aquella universidad. Impresso en Paris, a costa de Pedro Gendron. Se hallará en Cadiz. En la libreria de Luis Bernardes y en la de Bonardel Bonardel en Lisboa. 1758, 8.º

O vol. II tem 430 pag. Do primeiro volume, porém, não encontrei um exemplar.

«Este paiz (falla de Portugal), que é o menor da Europa, é mui illustre, tanto por si mesmo, como pelo seu muito commercio. É mui similhante ao de Hespanha, pela qualidade do paiz, e está muito mais povoado. Seu terreno é mui fertil em vinho, azeite, limões e laranjas.

«Tambem n'elle se encontram muitas minas de estanho, chumbo, crystal de rocha, rubis, esmeraldas, jacinthos, minas de marmore, jaspe, oiro, prata e muita seda.

.....

«Os portuguezes são fortes, animosos, sobrios, mais affeiçoados ao trabalho do que os hespanhoes, e mui versados no mar e no commercio.

.....

«Lisboa é uma cidade mui illustre por sua antiguidade, grandeza, bons edificios, pela grande área que occupa, por seu bom porto, suas riquezas, por ser a capital do reino de Portugal, e por ser tambem a residencia do seu arcebispo, actualmente patriarcha e cardeal. Chamou-se antigamente *Felicitas Julia,* e não occupava mais do que uma collina; hoje encontra-se tão augmentada que occupa sete. Tem cerca de 30:000 casas, quarenta igrejas parochiaes, não contando os conventos. É banhada pelo rio Tejo e tem a configuração de uma estrella.

«Para se fazer um juizo completo ácerca da grandeza d'esta cidade, é mister saber-se que tem 20 conventos de religiosos, 18 de freiras, 31 confrarias, e 30 coros de musica para as festividades sagradas.

«É uma das cidades de mais commercio que tem a Europa, e mui frequentada de nações estrangeiras. É certo que a sua situação é um pouco incommoda, por causa das collinas e valles onde foi edificada. As ruas, em geral, são estreitas.

Tem formosas praças; as melhores, são a praça do palacio, a do Rocio, onde se fazem as corridas de touros e os autos da inquisição.

«O palacio real e as capellas são duas cousas magnificas, exaltadas por todos os estrangeiros, tanto por causa da sua architectura, como pelas muitas riquezas que encerram.

«El-Rei D. João V, cuja memoria ha de ser eterna no coração dos seus vassallos, fez cousas magnificas: o palacio Novo, e n'elle uma congregação de S. Filippe Nery, na qual poz uma mui grande livraria, e gabinete com instrumentos para as demonstrações de physica, em utilidade commum do reino; um famoso aqueducto para conduzir as aguas a esta cidade, desde tres leguas, com arcos tão soberbos, que por debaixo de alguns d'elles póde passar um navio. Actualmente, por ordem de El-Rei, trabalham na costrucção das fontes, que hão de ser magnificas.

.....

«Goa é uma cidade forte, rica, e de muito commercio, embora pouco povoada, e é absolutamente a melhor de quantas os portuguezes têem nas Indias Orientaes, onde sempre reside um vice-rei.

«Macau, fundada n'uma pequena ilha no golpho de Cantão, é a melhor, a mais rica, e a mais forte cidade que os portuguezes possuem nas Indias. Tem muitos castellos, e fortificações nas montanhas vizinhas, que a tornam inexpugnavel. N'ella reside um bispo, e está adornada a cidade com muitas parochias, conventos, e excellentes edificios. Habitam n'ella mais de mil portuguezes, e mais de mil christãos chinos. O commercio que faz é immenso.»

«O auctor, a pag. 35, defende a inquisição pela seguinte fórma:

«Regularmente conciben los estrangeros que este tribunal es muy riguroso, lo que es absolutamente falso, como demuestra la misma experiencia; antes bien es tan piadoso, que dudo se pueda hallar otro tanto.» (Pag. 35.)

FRASCARELLI (CAV. GAETANO ——).— Cavaliere dell' Ordine di Christo in Portugal.

Compoz este soneto por occasião do casamento de SS. MM. D. Luiz com D. Maria Pia de Saboya.

All' ombra dell' altar, quando sciorrai
La fervida preghiera, ti rammenta
Di quella Terra, per cui pianto avrai
Nella piena dei mal, che la tormenta...

Ah! prega... che pur cessi omai
La cruda lotta, che le rende spenta
Quasi del tutto quella fé, che i rai
Le apri alla gloria, per cui fu redenta:

L' inclita maestà dell'alma reggia
Dell' avita pietà sostenti il brío,
Che nell' italo Cielo ancor lumeggia

Prega, che alfin l' Italia sia felice,
E col suo scudo la difendi Iddio,
Perchè non sia più misera e infelice...

Tambem escreveu uma obra mui curiosa dedicada ao duque de Saldanha, onde se encontram 95 recordações de portuguezes. Algumas correcções tambem aqui se encontram á bibliotheca de Barbosa.

FRANCHI (D. J. DE ——).

Historia de la union de Portugal á la corona de Castilla. Barcelona, 1610, in-4.°

FRANCISCO (CATARINA DE S. ——).— Abadessa do mosteiro de Santa Izabel, em Bruxellas.

Vita Sanctae Elisabethae Reginae Portugalliae. Bruxellis, 1628[1].

FRATASSIO (ANELLO ——). — Napolitano. Ensinou primeiramente philosophia em Lae, e depois em Napoles.

Predicha in lode di S. Antonio di Padua. In Neapoli, appresso Giacomo Gaffaro. 1645, in-4.°

FRAZER (SIR A. S.).

Letters of colonel, commanding the royal horse artillery in the army under the Duke of Wellington written during the Peninsular War. London, 1859, 8.°

FREE MASONRY.

Unparalleled sufferings of John Coustos who nine times underwent the most cruel tortures by command of the Inquisition at Lisbon. With portrait and plates. Birmingham, 1790.

FREER (MARTHA WALKER ——).

The married life of Anne of Austria, Queen of France, mother of Luiz XIV, and D. Sebastian, King of Portugal. Historical studies from numerous unpublished sources, including M. S. documents in the Bibliothèque Impériale, and the archives of Spain and Portugal by ——, in two volumes. Second edition. London, 1865. Finstley brothers. 1.° vol., 380 pag.; 2.°, 386 pag.

FRÉMY (M. ARNOULD ——).

Nas scenas da vida moderna, o auctor propoz-se até certo ponto a fazer um parallello das scenas da vida antiga, apresentadas por Luciano, e frequentemente o conseguiu[2]:

LAURA — É um portuguez, Não é?

JULIETA — Sim.

LAURA — Que idade?

JULIETA — Quarenta e sete annos.

LAURA — Boa idade!... Rico?

JULIETA — Oh! Riquissimo. Compra enormes quantidades de aguardente nas immediações de Bordéus... Fornece vinho do Porto a quasi toda a Inglaterra...

---

[1] Nicol. Ant. *Bibl. Nova*, vol. II, pag. 377.

[2] Émile Deschanel, *Les Courtisanes de la Grèce*, pag. 143.

Laura — Muito bem... Como se chama elle?

Julieta — Alvarez Dalvera.

Laura — Onde móra?

Julieta — Boulevard de la Madeleine.

Laura — Bello bairro... É ciumento?

Julieta — Horrivelmente ciumento. Ha poucos dias, no theatro, um mancebo assestou o oculo para mim... Conservou-se furioso durante toda a peça... Repete-me incessantemente, que se de mim tivesse a minima desconfiança, deixar-me-ia sem remissão, e iria procurar uma outra amante.

Laura — Vêde lá então...

Julieta — Deus sabe o que seria de mim. Tenho que sustentar minha mãe, e uma irmãsinha a quem é preciso que eu pague ao collegio.

Laura — Mas tu não gostas muito do teu portuguez, não é assim?

Julieta — Vamos lá... elle tem sido sempre bom para mim!

Laura — E que prova isso? Todos os dias um homem é bom para vós. Mas não é isso uma rasão para o amardes... pelo contrario. Receia-se ser humilhada por elle... Quer-se protestar...

O auctor d'esta obra assevera que no referido livro ha quadros picantes e paginas eloquentes.

FRERET.

Escreveu ácerca do deus Endovelico, ao qual no solo hoje chamado Portugal, rendiam cultos. O trabalho de Freret encontra-se a pag. 179 do vol. III das *Mémoires de l'Academie des Inscriptions.*

FREYTAG ou **FREITAG (FRANCISCO ——).**— Jesuita allemão.

Methodus Xaverianae pietatis decendialii, cum quibusdam considerationibus et instructionibus ad vitam Christianam utilissimis in decem dies distributis. Osnabrugi, 1698, in-12.

FREZIER.

«O templo e convento de Belem, ou de S. Jeronymo, obra primorosa de El-Rei D. Manuel, construido no sitio onde embarcou Vasco da Gama para a descoberta da India, a fim de commemorar essa empreza, serve hoje o mosteiro de casa pia, onde se recolhem umas mil creanças.

«O templo é um modelo de architectura gothica arabica, e pela sua vastidão e altura dá um prova insigne da ousadia dos architectos do XV seculo. A frente d'este mosteiro tem 850 pés de comprimento, e o templo 283. O architecto real francez Frézier, depois de haver descripto os seus accessorios componentes, acrescenta: «Encontrâmos nos antigos templos e mosteiros uma admiravel variedade de elementos bem proporcionados; porém tudo quanto tenho visto de mais bello e de melhor executado n'este genero é sem duvida no templo dos Jeronymos.»

«Esta lisonjeira opinião é corroborada pela de um illustre viajante moderno e estrangeiro, condição esta que sempre preferimos á de nacional, quando esse se acha habilitado para poder ajuizar sem parcialidade e com conhecimento de causa.»

FRIDELLI (ERENBERT XAVIER ——).—Jesuita, natural de Lintz. Missionario jesuita na China.

Brief P. Erenberti Frideli Soc. Jesu, au R. P. Egyendorffer, Soc. Jesu, geschrieben bey Goa, den 2 Decembris 1704. Sieben Jesuiter reisen aus Portugall nach Ost-Indien mit der Königlichen Flott, und zwar auf dem Haupt-Schiff, so allhier beschrieben wird. Viel Audachten werden demselben angestellt. Unterschiedliche Windstille und Sturn-Wetter hemmen die Schiffahrt. Mancherley Fisch und Vögel lassen sich sehen. Zwey Priester aus der Gesellschafft Jesu sterben auf dew Meer, Pater Frideli überstehet drey schwere Franckhei ten. Eine sterbliche Seuch tödtet viel Schiffge nossene: andere hingegen erviel Schiffgenossene: andere hingegen erkrancken. Sic langen nicht ohne Feinds-Forcht bey Goa an, welcher Ort samt seiner herum ligenden Gegend beschrieben wird. Von Bäumen, Früchten, Thieren, Ungezieffer, Schangen und andern dergleichen Seltsamkeiten, so Pater Frideli allda angetroffen. Sitten, Häuser und Gottendienst deeren Indianern in dem Gebiet von Goa. Von dem Collegio Sac. Jesu zu Rutschollo auf der Insul Salsetie. Martherthum V. P. Rudolphi Aquaviva. Soc. Jesu. und seiner Gesellein, pag. 76-83. Tomo v.

Epistola ad R. P. Wolfgangum Eggendorfer S. J. Univ. Grac. in Styria Cancellarium ex Insula Salsete prope Goam 2 Dec. 1704 qua iter suum Ulyssipone Goam usque, quaeque in primo suo adventu tum Goae tum in Salsete observavit, ut et quaedam de Martyrio V. P. Rudolphi Aquaviva et Sociorum refert.

Epistola ad eundem ex Sinarum urbe Chinchian 1 Maji 1706, qua iter suum Goa et adventum in China describit[1].

FRITZ (SAMUEL ——).—Jesuita, bohemio, nascido em 1656 em Trantenau, e fallecido em 1673, e enviado para as missões da America em 1684.

«As margens do Maranhão, ou o rio dos Amazonas, eram habitadas a éste das cordilheiras dos Andes, por indios tão grosseiros como feras[2]. Fritz, desde 1686, começou seus trabalhos com tão grande exito, que em pouco tempo converteu tribus inteiras. Mas as fadigas do seu ministerio lhe causaram uma doença, que o obrigou a fazer-se transportar para o Pará, colonia portugueza na embocadura do rio, antes do que em Quito, onde a viagem teria sido mais difficil, por causa das serranias, que teria necessidade de transpor, e onde houvera sido mais longa, pois as conquistas espirituaes do P. Fritz se estendiam já até ao confluente do rio Negro e do Maranhão, a mais de seiscentas leguas a éste de Borja, no Perú. Partiu a 31 de janeiro de 1689, e só poude chegar ao Pará a 11 de setembro seguinte.

«O governador d'esta cidade, tomando-o por um espião, o mandou prender, e o conservou apertadamente encarcerado até ao mez de julho de 1691. Pol-o finalmente em liberdade, por ordens reiteradas da côrte de Lisboa, que o censurou do seu procedimento, e lhe ordenou que mandasse acompanhar o P. Fritz com grandes honras até á sua missão de Pevas, abaixo da embocadura do Napo, o que foi executado.

«Fritz reappareceu n'um momento em que ninguem o esperava tornar a ver

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. v, pag 205.
[2] Idem, idem, pag. 216.

mais. Como não tinha havido mais noticias d'elle, havia dois annos, pois só voltou no mez de outubro, tinham julgado que teria perecido nas aguas, ou que os selvagens o houvessem assassinado, por elle tinham mandado resar na companhia de Jesus as orações dos defuntos.

«Depois de ter visitado mais de quarenta aldeias, Fritz chegou ao povo de Laguna, na embocadura do Guallaga; subiu este rio, depois o Paranura; atravessou os Andes, passou pelo Moyamamba, Caxmalca e Troxilla, e chegou a Lima, para communicar com o conde de la Monchoa, vice-rei du Peru, as observações que tinha colhido na sua viagem ao longo do grande rio.

«Este zeloso missionario, retrocedeu pelo Maranhão em 1693, e tomou seu caminho por Jaen de Bracamoros, para se instruir do curso dos riachos, que vem do sul. Habilitaram-no suas observações para levantar uma carta do Maranhão. Fez depois, por causa das suas ovelhas, diversas jornadas penosas ao Quito, e a outros logares, e veiu a ser superior geral das missões do Maranhão. Passou quarenta annos no meio dos povos que tinha convertido á fé, e morreu em 20 de março de 1728, na missão de Xiberos, perto de la Laguna.

«Sua grande carta do Maranhão foi gravada em Quito no anno de 1707, e appareceu pela primeira vez na França no anno de 1717, no tomo XV das *Lettres Édifiantes,* primeira edição. Encontram-na em o tomo VIII da segunda, com um resumo de suas memorias ácerca do rio, cujo curso descreve.

«Ulloa diz que lhe falta a exactidão, porque Fritz não tivera os instrumentos necessarios para observar as latitudes e as longitudes, nem para conhecer a direcção dos rios, e determinar as distancias; mas que, por não se ter ainda publicado outra, em que a origem e o curso das aguas, que se lançam no Maranhão, e o curso mesmo d'este rio estivessem marcados até ao mar, não deixou ella de ser bem recebida.

«La Condamine, que percorreu o mesmo caminho que o P. Fritz, a quem dá o nome de Apostolo do Maranhão, declara que a carta d'este missionario é um mappa precioso e unico, e que ella prova a habilidade do seu auctor. Em outra parte, diz: «O P. Fritz, sem pendulo e sem oculo, não poude determinar nenhum ponto na longitude. Apenas tinha um pequeno semi-circulo, com o raio de tres pollegadas, para a latitude, e, finalmente, achava-se doente, quando desceu o rio até ao Pará.»

«Condamine publicou a carta do Maranhão, marcou com linhas accentuadas os erros que se encontravam na carta de Fritz.

«O missionario tinha mostrado que o Napo, que passava ainda pela verdadeira nascente do Maranhão, no tempo do P. Cunha, nada mais era que um riacho subalterno, que com suas aguas engrossava o Amazonas; mas marcou a nascente d'este no lago de Lauricocha, perto de Guanuco, a trinta leguas de Lima, de onde sáe primeiramente com o nome de Tunguragua.

Cartas d'este padre ácerca do Maranhão, encontram-se na obra *Welt-Bolt,* do P. Stöcklein, tomo I, n.º 24 e tomo V, n.ºs 24 e 25.

FRIZON (LEONARDO ——).— Poeta latino, natural de Périgueux, onde nasceu em 1628; entrou para a companhia de Jesus na idade de dezeseis annos. Morreu em Bordeaux no anno de 1700.

Xaverius Thaumaturgus, Panegyricum poema cum operibus XV historicis, oratoriis, theologicis de Sancto Indiarum Apostolo... Ferdinandi Furstenbergii

Episc. ac Princip. Monaster. et Paderborn. Memoriae sacrum, ob fondatam ex voto Basilicam Xaverianam &c. Burdigalae, apud J. Mongironem Millangium et Simonem Boe, 1684, in-8.°, 272 pag.

FROGER.— Ingénieur voluntaire sur le vaisseau le *Faucon Anglois.*

Rélation d'un voyage fait en 1695, 1696 & 1697, aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brésil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy commandée par M. de Gennes. Faites par le S. ——. Enrichie de grand nombre de figures, dessinées sur les lieux. Imprimée par les soins & aux frais du S. de Fer, geographe de Monseigneur le Dauphin. In-12, à Paris. 1698.

Dá noticia d'esta obra o *Journal des Sçavans* pelo anno de 1698.

FRONDONI (ANGELO ——).— Poeta italiano.

Impressioni dell' Isola de Saint Michel, la principale dell' isole Azorianne

I

Del Val das Furnas tanto ben m' han detto
Che di andarvi il desir è in me spuntato,
E un libro che ne parla avend' io letto
Vie più ha contribuito il progettato,
Ma incomodo viaggio, ad effettuare
Onde veder io stesso e esaminare

II

Su un asino seduto adunque e volto
A destra, com' é l'uso del paese,
In vaghi pensamenti il capo avvolto,
Ora salite, or rapide discese
Fra colli, macchie e valli percorrendo
Tocco la metta alfin. Colpo stupendo.

III

Allo scoprir di questa valle il sito
Non ti so dir, lettor mio caro, quanto
Fu grande in me il piacere che ho sentito
Perchè Tasso non sono o Ariosto alquanto
Onde poter descrivier le bellezze
Della natura e in un le sue richezze?

IV

Loureiro, l'avvocato, era mia guida
Dal cinco scendi, ei disse, e al parapetto
Inclinati un pochino; a me t'affida
Ad obbedir all' ordine m' affrento.
Ciò che vidi da quell' altezza in giù
Sol fia possibil riveder lassù.

V

Il canto degli angelli a noi d'intorno,
Gioisi all' apparir d'un altro dì,
Sembravan festeggiar l' astro del giorno
E il contento che in me giammai fatti
Quando della natura in ogni aspetto
Il bel mi si presenta chiaro e netto.

VI

La valle è incantatrice e degna d'essere
Dagli amator del Bello celebrata,
E forestiere no, non havvi un essere
Che avere non la debba visitata
Tanto il sito per sua bellezza piace
E ne infonde nel cor letigia e pace.

VII

E frutta ed acque cristalline e fiori
Si trovan in sì grande profusione
Che dire si potrebbe degli amori
L' amena ed incantevole magione.
Il sito per la sua beltà convita
Al gaudio silenzioso della vita.

VIII

Ma ohimé! par che natura in suoi misteri
Del bene al fianco voglia collocare
Il mal ognora e farne volontieri
Così con questo quello comparare
Per me' discerner ciò che ne conviene
Che insomma è bel per noi e il vero. Il bene.

IX

Dal Val das Furnas parto, e volgo il piede
Ver l' antro di Boteglio à cinco in schiena;
(Tutto al più la distanza non eccede
Quella che da Lisbona a Cintra mena)
Ma se vi giungi a notte sentirai
Dell' alme in pena i dolorosi lai.

X

Nell' entrarvi (a un amico già lo scrissi)
Vedrai un buco che ne schizza in faccia
Un liquido infernal che negli abissi
Compon l' irato Pluto e che minaccia
Ogn' ora, ogni momento di spaccare
La valle e colli e far di zolfo un mare.

XI

É orribile il veder siccome sorte
Il bogliente liquor da quella grotta.
Ó Dante, ben ricordo l'ignea Côrte
Del Bene invidiosa e del Mal ghiotta
Descripta con si gravi e tettri accenti
Da far rabbrividare i miscredenti.

XII

Di notte a l' uom che a quella s' avvicina
(Cari lettori miei, creder vogliate)
Sembr' essa di stregon l' atra fucina
Il loco par dell' anime dannate!
O chiamisi caldaia ó grota, ó forno
Un buco é dessa d' infernal soggiorno.

XIII

Quest' infame caldaia di Boteglio,
Male affamata qui, tentai dipingere,
Se far non ho potuto un poco meglio
Vo' dir: un poco meglio il vero attingere
Gli è che son musicista e non poeta
Benchè io cultivi il verso che me allieta.

XIV

Altre fornaci v' han di forme varie
Che inutil è il nomar — le sono tante
Atteso chè non son straordinarie
Né incutono timor al viandante;
Pero, se il tuo calcagno ha il suol bucato,
Sprizzando, sorge l' acqua del peccato.

XV

Mi piace far sapevole altresi
Che non si trova in tutta Michele
Venefico animale, tal che qui
Si può dormir senza il timor crudele
Di svegliarsi morduto o avvelenato
Sul margine d'un rivo o in mezzo a un prato.

XVI

Scritto in Ponta Delgada il sei d' agosto
Dell' epoca di Christo mille ed otto
Cento sessanta quatro. Tardi o tosto
Si la valle mi piace e m' ha sedotto,
Spero di rivederla e ancor spirare
Di quel bell' aer puro e salutare.

Poesia

I

Grande e splendido fiume lusitano!
quando ti miro in placida corrente
sgorgar gli umori tuoi nell'oceano,
vorace inghottitor di umana gente,
un certo non so che nel petto sento
che spegne i miei rancori in un momento.

II

Ed è così che in me il desir tu poni
di galleggiarti in comodo batello
per aspirar gli effluvii a bien polmoni
— effluvii senza par — quindi bello
irmene al mio travaglio prediletto
che di un vero piacer mi colma il petto.

III

É un balsamo ad un cuore che è malato,
è un rimedio che il viver fa desiare
quell'aere si pur, si ossigenato
capace i morti da risuscitare,
ma da risuscitarli a lunga vita
col cuore in giubilo che al gaudio invita.

IV

Ma viver per morir è brutta cosa!
Se nelle fasi della vita umana
troviamo sempre disinganni a iosa
della vita il desir è cosa strana.
Mi diran: brami adunque di morire?
Nol bramo per istinto, ma il soffrire?

V

Se poi natura ha alfin determinato
che la morte si leghi al nascimento,
è inutil l'inveire contro al fato
se quella della vita è il compimento.
Perciò se in questo mondo ci troviamo
cerchiamo di viver meglio che possiamo.

VI

Del Tago — si ridente e in un stupendo,
che è un incanto ed un fascino per tutti
del Tago-breve già parlato avendo
diverso or parlo. E come de' suoi flutti
potrei tacermi se nell' ira sua
il flagello e il terror talvolta addua?

VII

D'Apollo per amor Muse mie care,
se non mi date aiuta faccio punto
perocché senza voi non posso fare
nulla di buon su questo grave assunto.
Al vostro fido adunque date lena
e mente poetabile e serena.

VIII

Orrendo è il fiume in rabbia sua profonda.
Straripa, svelle piante, abbatè case
e in suo furor il seminato inonda,
del viver del villan l'unica base.
Chi a un tal scompiglio mai non fu presente
imaginar nol puote la sua mente.

IX

Ed io cogli occhi miei l'ho ben veduto
codesto Tago in piena convulsione.
In mirarlo timor faceva e muto
Restava il labbro a tal dezolazione.
Non sono ancor molt anni che un si orribile.
disastro qui accadeva. Fu terribile!

X

Fra l'onde in general sconvolgimento
feluche, barche e navi si cozzavano
e i fianchi aprivano con gran spavento
di coloro che, ahi tristi! le abitavano.
La morte, dominando dappertuto,
a quei cari apportava negro lutto.

XI

Non posso più, o lettor, andare avanti
che le forze mi mancano e l'ingegno,
però approfitto ancor d'alcuni istanti
(questo consiglio non ti mova a sdegno)
per dirti: leggi, studia i gran poeti
e cerca di scrutar i lor secreti.

XII

Allor comprenderai la poesia,
il nobile suo scopo e l'ascendente
che un giorno avrà su la filosofia,
refrattaria, pur troppo! ben sovente
alle arti che infioriscono la vita
por ordinario sempre scolorita.

XIII

Ma viver possiam noi sensa illuzione?
Il Realismo annoia, ovver ne uccide.
L'idealismo è sempre di stagione
poichè all'Umanitate ognor sorride.
É un barbarismo quello per essenza,
questo di nobilitade è l'eccellenza.

XIV

I realisti gridan Realismo!
ed i poeti acclaman l'Entusiasmo.
Io tengo, in quanto a me, per aforismo
l'idea dei sommi vati e spregio il biasmo.
Se di temperamento effetto è questo
o d'altro, a decifrarlo non m'appresto.

XV

Ed in prova di quanto dico e scrivo
permettimi, o lettor, un paragone
che comprovi il mio dir, che in difettivo
terreno non stò della questione.
Cerco a difender ciò che parmi giusto;
Scabro è il sogetto ma in ragioni onusto.

XVI

Cibo in sudicia mensa ben condito,
squisito vino in fiasco mal lavato
Non risvegliano punto l'appetito
di quei che son dotati di um palato
da veri e delicati mangiatori
maestri in gastronomici sapori.

XVII

Ma se in cristal ti dan mediocri vino,
in porcellana insipido alimento
su ornata tavola di bianco lino
con tutti gli accessorii d'ornamento
il pranzo, è ver, a desirar ti lascia
ma pranzerai senza provar ambascia.

XVIII

Se tai ragion, concludo, sono chiare,
dedurne voglio che si mangia ancora
cogli occhi che han lor parte in manducare
e che forbita mensa aggrada ognora.
Se in senso fisico così parlai,
chi nel morate finirebbe mai?

XIX

Litteratura, musica e pittura
piaceri son d'imagine divina
che presentir ne fanno la ventura
d'una esistenza eterna e pellegrina.
Si fuse in me esta fede poco a poco
Come duro metal si fonde al foco.

XX

Fra le arti belle l'arte musicale
E la regina poderosa e bella
Cui l'attraenté possa è si morale
Che all'uomo per sollievo Iddio sol diella.
La preferisco a le di lei sorelle
anchorchè tutte seducenti e belle.

XXI

La musica è un mistero che produce
a mezzo d'un bel giorno il tenebrore,
oppur le ténebre converte in luce
secondo il genio del compositore.
Como disperde il sol nebbia importuna,
Così l'arte i piacer nell' alma aduna.

XXII

Ma infin di metafisiche questioni
ù l'uom con seco mai non è d'accordo
meglio è che cèssino le discussioni
poichè eterno sariane il disaccordo.
Chi si, chi no, per Dio! nessun s'intende;
vivremo noi soltanto di contende?

XXIII

E ver; lo spirito umano varia molto.
Chi per natura inclinasi al patetico,
Chi mostra alla follia ridente il volto,
Ovvero volgesi al peripatetico...
V'ha alfine milia gusti e ognum s'appiglia
a quel che al suo piacer più si assomiglia.

XXIV

Insister non vo' più quest' assunto.
Dell' arti belle piaceme a seguire
ciò che il cuore alla mente have congiunto
e in questo pensamento vo' morire.
Penso, rifletto, osservo e poi deduco;
dirà il tempo se in acqua ho fatto un buco.

Soneto

Perchè troncó la vita il fato avaro
Di Lusitania al Re cui la saggezza,
Unita ai tanti pregi che l'ornaro,
Rispetto infuse in tutti e tenerezza?

Ovunque fu sua morte pianto amaro,
Ne luso qui vegg'io che con tristezza
Di Pietro quinto non dicesse: oh caro!
Oh egregio Re, model di gentilezza!

Gli aflitti consolò di sua persona,
Dimentico di se e quasi del soglio,
Quand'atro scempio il morbo fea in Lisbona.

Deh! volgi dalla sede tua beata
Benigno il guardo ai Lusi, un di tuo orgoglio
Alma dal Ciel e al Ciel tornata.

Il bello sole d' inverno

I

Almo sol dei pianeti signore
cui tu inondi di luce e calore,
la benefica sento virtù
de' tuoi dardi che scocchi quaggiù.

II

Le mie membra riscaldi già stanche
e dai lena alla mente puranche,
sicche, sole, m'infondi allegreza
mitigando l' usual mia tristezza.

III

Quando espongo il mio corpo à tuoi raggi
d'ell' etade no sento gli oltraggi.
Rassegnato così vo vivendo
della vita la fine attendendo.

IV

Benchè gli anni mi pesin sul dosso
occuparmi di spirito ancor posso;
o ch'io legga oppur scriva ore tre
la fatica è straniera per me.

V

Non pertanto non mancan malanni
a chi conta un buon numero d'anni
che perturban la pace d'un vecchio
quasi cieco e infiachito d'orecchio.

. . . . . .

FUERTES (D. MARIANO SORIANO ——).

É o auctor da *Historia de la Musica en España.* N'esta obra traz a noticia da existencia do *Cancioneiro do Conde de Marialva en Barcelona,* o qual foi pela primeira vez citado por fr. Bernardo de Brito; e do referido *Cancioneiro* extrahiu este musicographo as antigas melodias da *Canção do Figueiral, da Reina Graciosa,* e uma composição de Jorge de Montemór.

Falla tambem com assombro da illustre cantora portugueza D. Luiza Todi, na estreia em Madrid, em 25 de agosto de 1792.

Fuertes, segundo assevera o sr. dr. Theophilo Braga n'uma noticia dada para o *Portugal e os estrangeiros,* foi chamado para a côrte de Portugal por El-Rei D. João III, que o nomeou gentil homem da sua camara com uma tença de 1:000 cruzados.

FULIGATTI (DIOGO ——).—Jesuita.

Vita di S. Isabella gloriosa Regina di Portogallo, composta dal P. Giacomo Fuligatti della Compagnia di Giesù. In Roma, per l'Erede di Bartolomeo Zannetti, 1625, in-12.

Compendio della Vita dal P. Francesco Saverio della Compagnia di Giesù. Roma, Bernardino Tani, 1637, in-8.º

Compendium Vitae S. Francisci Xaverii. Roma, 1637, in-4.º

Nicolau Antonio, na *Bibliotheca Nova,* vol. II, pag. 380, diz que esta obra é escripta em italiano.

FUNERALE *celebrato nella Chiesa di Santo Antonio della nazione Portoghese in Roma, per la morte del Re di Portogallo Don Pietro II, l'anno 1707.* Fol.

FURTADO (QUEROBINO FRANCISCO DA GLORIA ——).—De Varca, da comarca de Salsete.

O Moço Instruido. Breve resumo contendo os elementos de civilidade, seguidos de bellos conselhos e excellentes avisos para o regular comportamento do homem em todas as epochas, estados e posições da sua vida, offerecido á mocidade estudiosa de Goa por ——. Impresso na typographia da India portugueza, 1866, 8.º–384 pag.

É uma selecta portugueza para uso das escolas, acompanhada de um grande numero de chistosas anecdotas.

G

«Ni puede dárse más bello panorama que el que ofrece Lisboa, vista desde uno de los ligeros buques que surcan tranquilamente el rio, sin movimiento alguno de balance ni cabeceo, y con la majestad y gallardia con que el cisne hiende las aguas de un sereno estanque...»
(Viaje de SS. MM. y AA. a Portugal en diciembre de 1866, pag. 187.)

G. (A. P. D.)

Sketches of Portuguese life, manners, costume and character. Illustrated by twenty coloured plates by ——. London, Printed for Geo. B. Whittaker, 1826, 4.°, xxv-364 pag.

Pela inspecção das mencionadas vinte estampas coloridas, bem se deixa ver que o fim do auctor é metter os costumes portuguezes a ridiculo.

G. DE L'ISLE.

L'Espagne dressée sur la Description qui en a été faite par R. M. Sylva... rectifiée par les observations de Mrs. de l'Academie des sciences et autres astronomes, par G. de l'Isle, Paris, 1711, chez Buache, avec privilège de 1745.

Carte de l'Espagne et du Portugal, avec une jolie cartouche, les limites des provinces en couleurs. 0m,45 × 0m,62.

Carte de l'Espagne (et du Portugal), dressée par G. Delisle sur la description de R. M. Silva, &c., augmentée et verifiée en 1765. Carta colorida, 0m,47 × 0m,59.

G. G. WINKLER.

Vue du Palais du Roy de Portugal, à Lisbonne. Vue à rebours color, très interessante à cause des costumes civils et militaires qu'elle contient.

Vue de l'embouchure du Tage et du port de Lisbonne. Vue à rebour color. G. B. Probst excudit. Augustae Vindelicorum. 1760. 28 × 41.

G. L. HODGES.

Narrative of the expédition to Portugal en 1832, by ——.

G. P.

Un romance espagnol écrit en France au XV *siècle, par* ——.

Este romance é allusivo á morte do infante D. Affonso, filho de D. João II[1].

Eil-o tal qual o restitue G. P.:

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
Hablando estava la Reyna
En su palacio real
Con la Infanta de Castilla
Princeza de Portugal.

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
Allí vino un caballero
Con grandes lloros llorar:
—Nuevas os traigo, señoras,
Dolorosas de contar.

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
—Ay! no son de reino extraño;
De aquí son, de Portugal.
Vuestro Principe, señoras,
Vuestro Principe Real...

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
Es caído de un caballo
Y el alma quiere á Dios dar;
Si lo querés de ver vivo
Non quered vos tardar.

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!
Allí estaba el Rey su padre,
Que quiere desesperar;
Lloravan todas mujeres
Casadas y por casar.
Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!

G. P. comparou o romance de Fr. Ambrosio Montesino, impresso no *Romanceiro geral*, de Duran, tomo II, pag. 687, e serve-se d'elle para restituir o texto do que publica, texto deturpado no manuscripto francez. Transcreve parte da narração do successo da *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rezende; mas a narração de Ruy de Pina, mais antiga, e que serviu, como é sabido, de fundamento á de Rezende, faz-nos comprehender melhor a profunda impressão produzida nos espiritos pela catastrophe.

G. POWER.

E. *The history of the empire of the Musulmans in Spain and Portugal, by* ——. London, 1815.

GACHARD (M.).—Membre de l'academie et de la commission royale d'histoire de Belgique, correspondant de l'institut de France, des academies de Madrid, Vienne, Turim, Munich, Amsterdam, Buda-Pesth, etc.

E. *Lettres de Philippe II à ses filles, les Infantes Isabelle et Catherine, écrites pendant son voyage en Portugal (1581-1583). Publiées d'après les originaux auto-*

---

[1] *Bibliographia critica de historia e de litteratura*, pag. 59. Porto.

graphes conservés dans les Archives Royales de Turim. Paris, Librairie Plon., 4.º, 232 pag.

*
* *

«No mez de outubro de 1867 visitava eu os archivos reaes de Turim, um dos mais consideraveis e dos mais preciosos depositos de documentos na Italia.

«Entre differentes series de documentos que n'aquelle estabelecimento chamaram minha attenção, houve uma pela qual minha curiosidade foi despertada de um modo mui particular. Era uma collecção de cartas autographas de Filippe II, dirigidas a suas filhas as Infantas D. Izabel e D. Catharina, cartas que, conservadas com um cuidado piedoso pela mais nova d'estas Princezas, passaram assim para os archivos da Casa de Saboya.

«Foram estas cartas escriptas em Portugal durante a sua permanencia n'este paiz, do qual se apossou pela maneira como todos sabem. N'ellas não se encontram revelações nem politicas nem diplomaticas. São cartas intimas, conversas de um pae com suas filhas.

«3 abril 1581.— Primeira carta do Rei a suas filhas, escripta de Thomar.

«Maio 1581.— Diz-lhes que tenciona ir a Lisboa, etc.

«5 junho 1581.— Terceira carta, escripta de Santarem.

«26 junho 1581.— Quarta carta, escripta de Almada. Diz que embarcou em Villa Franca n'um barco e foi pelo rio abaixo, sempre a remo. Em alguns sitios a largura do rio era de duas ou tres leguas (pag. 97), de maneira que se não enxergava nem uma nem outra margem. Diz que o palacio é muito grande, mas muito mal disposto, com muito bons corredores, e vistas, no alto um jardim muito bonito. Que fôra depois a Belem, alli ouvíra missa cantada, e comêra, depois ouvíra vesperas no côro...

«10 julho 1581.— De Lisboa. Diz ás filhas que fôra com seu sobrinho a S. Domingos, que está n'uma praça mui ampla e boa, chamada Rocio, que á tarde estiveram com elle os infantes mouros, que estavam em Lisboa, tio e sobrinho, acompanhados de muitos mouros a pé e a cavallo. Que de manhã sairam de Lisboa 14 ou 15 galeões, naus e caravellas, com 1:000 hespanhoes e 1:000 allemães, os quaes vão á ilha Terceira por causa de D. Antonio. Não havia quem soubesse tocar bem o orgão da capella, e por isso mandara vir de Madrid a Cabezon.

«14 agosto 1581.— Diz que tenciona ir no dia seguinte á Madre de Deus, e depois comer a um convento de franciscanos, que fica perto. Diz que no palacio em que móra o toque dos sinos não o deixa dormir.

«21 agosto 1581.— Diz que esteve adoentado. Foi embarcado á Madre de Deus, e dá noticia d'este mosteiro. Depois foi ao convento de Xabregas, onde comeu. No dia seguinte viu uma procissão que se fez por ter acabado a peste; em algumas cousas eram superiores ás de Madrid as procissões de Lisboa.

«2 outubro 1581.— De Cintra. Conta que fôra a Cascaes, que enjoára alguma cousa e dera uma canellada ao embarcar. D'aqui foi a Penhalonga, onde assistiu ás vesperas, e que no sabbado alli fôra tambem ouvir missa e sermão. Os jardins eram alli muitos e bons, e as fontes muito boas, que bem as desejaria ter em Madrid. Que no domingo fôra á Pena, e que a neve alli era tanta, que a maior parte do tempo não se podia avistar o mosteiro; que havia quasi uma legua de

subida de um mosteiro ao outro. O palacio real era antigo, mas notavel, por causa de varias cousas excellentes[1].

«30 outubro 1581.— Dá noticia de um grande temporal que houve em Lisboa.

«20 novembro 1581.— Diz que fôra á missa a um convento de frades que trajavam de azul escuro, que se chamava Santaboya, onde havia boa vista[2].

«25 dezembro 1581.— Diz que escreve pouco por ter ido á missa do gallo.

«15 janeiro 1582.— Diz que não faz frio, que chove a cantaros, que parece que o céu cáe com a agua, que fôra á missa á Conceição Velha.

«29 janeiro 1582.— Tem muita vontade de ir para Hespanha, por causa das saudades que tem dos filhos. Estão fazendo a torre de S. Julião e outra em Setubal. Chove de um modo extraordinario. Foi á missa á igreja de S. Julião, que era a freguezia do seu palacio, e aonde ainda não tinha ido. Viu deitar um navio ao mar.

«5 março 1582.— Ouviu prégar na capella a Fr. Luiz de Granada, e gostou muito, apesar de estar muito velho, e sem dentes. Foi depois na galeota dar um passeio até Belem, vendo os navios que estavam no rio, que eram muitos, e de todas as partes. Espera em Deus poder ver cedo seus filhos.»

(O traductor d'esta obra, diz que por noticias chegadas de Madrid, dando noticias de Lisboa, sabia-se que nos ultimos dias tinham entrado no porto de Lisboa mais de 400 navios.)

«2 abril 1582.— Foi assistir ao auto de fé. Viu e ouviu tudo muito bem. Esteve a uma janella. Deram-lhe uma lista de nove nomes dos que haviam de figurar no auto. Primeiramente houve sermão. Esteve até que acabou a leitura das sentenças. Retirou-se depois, porque na casa em que estava a justiça secular devia condemnar ao fogo, aquelles aos quaes os inquisidores lhes tinham entregado nas mãos. Quando lá chegou, eram oito horas e retirou á uma.

«16 abril 1582.— Tenciona depois de ámanhã atravessar o rio, ir dormir ao Barreiro, e no outro a Setubal, para ver o porto e o forte que n'elle estão construindo. Houve trovoada que matou dois ou tres homens. Não saiu cansado do auto de fé, pois não chegou a durar quatro horas. Na semana santa houve muitos disciplinantes e penitentes. porém mais de dia que de noite.

«7 maio 1582.— De Almeirim. Foi de Salvaterra a Muge. Na quarta feira foi ao convento de Nossa Senhora da Serra, bonito, posto que pequeno. Havia peste em Portalegre. Na quinta feira ficou no convento. Na sexta feira foi para Muge esperar sua irmã. Sentiu grande prazer em a ver, pois havia vinte e seis annos que a não via, e mesmo no espaço de trinta e quatro annos sómente se tinham visto duas vezes.

«No dia seguinte voltou para Muge, onde apresentou a sua irmã os fidalgos portuguezes. Com ella se dirigiu para Almeirim. Pensa em ir na quinta feira por terra até Salvaterra, e d'ahi por agua até Lisboa.

«25 junho 1582.— De Lisboa. Sua irmã foi a Xabregas. Por occasião do Corpus Christi houve em Lisboa nas ruas muitas danças de mulheres, e algumas

---

[1] N'uma carta escripta de Lisboa, a 20 de setembro de 1581, ao secretario d'estado Villeroy, o embaixador Saint-Gouard lhe dava boas noticias relativas á saude do Rei, o qual passava todo o dia a uma janella, a ver, com muito gosto, descarregarem os navios chegados da India. Pag. 121.

[2] Naturalmente falla dos Loyos, ao Beato Antonio, ou dos Loyos, na freguezia de S. Bartholomeu, perto do Castello.

cantavam muito bem. Não poude, porém, ver muito, porque ia no fim da procissão, e ser esta muito comprida.

«30 julho 1582.— De Lisboa. O Rei vae melhorando. Está prestes a chegar uma nau da India, onde vem um elephante, o qual irá para Madrid. Tem um livro portuguez para mandar de presente a seu filho, e que seria bom que já soubesse fallar este idioma.

«3 setembro 1582.— De Lisboa. Viu da rua Nova a procissão que saíu de S. Julião, a que vulgarmente chamavam S. Gião. Tinha já visto esta procissão no anno anterior, mas a actual fôra muito bella, e embora fallassem d'esta com muita antecedencia, e de desconfiar o Rei de que não corresponderia á espectativa, foi muito alem da idéa que d'ella se tinha feito anteriormente. Por isso tivera muita pena que seus filhos a não vissem, embora n'ella apparecessem diabos como aquelles que Jeronymo Bosh pintou «os quaes, creio eu, lhe causariam medo.» Mando-lhe o programma da procissão «mas vae grande differença entre o ver um objecto, e o ler a descripção d'elle».

«1 outubro 1582.— De Lisboa. Fica muito contente por lhe dizerem que entendem o portuguez, e que façam a diligencia para que o irmão o entenda tambem, e que façam com que leia o portuguez.

«25 outubro 1582.— De Lisboa. É certa a ida do Rei para Hespanha. Ficará um sobrinho em seu logar. Mandou a Extremoz o Calabrez mandar encommendar vasos para flores, os quaes ha de remetter para Madrid.

«8 novembro 1582.— De Lisboa. Diz que a sua saída de Lisboa não poderá ser antes do natal. Foi á Graça, bello convento dos gracianos, pois queria a pouco e pouco despedir-se dos mosteiros.

«3 janeiro 1583.— De Lisboa. Diz que esteve no mosteiro de Belem.

«17 janeiro 1583.— Está para breve o juramento do filho do Rei de Hespanha. Mas o Rei tinha tanto que fazer, que não sabia onde tinha a cabeça.

«31 janeiro 1583.— Dá parte a seus filhos de que o juramento do irmão tinha sido prestado no dia anterior.

«14 fevereiro 1583.— De Aldeia Gallega, Não responde ás cartas por estar de jornada.

«15 março 1583.— Acha-se em Guadelupe.

GAD. (E. BERNARD GEB. ——).

Brief über England und Portugal an einen freund, von ——. Hambourg, 1808, 2 vol., in-8.º

GAFFAREL (PAUL ——).

Histoire du Brésil français, au seizième siècle. Paris, 1878, in-8.º, avec cartes.

GALARDI (MR. ——).

E. *Raisons d'état, et reflexions politiques sur l'histoire et vies des Rois du Portugal* ——. Liège, 1670.

GALEO (PORTUGAIS ——).

E. *Relation du Voyage de Calvin aux Champs Elisées et aux enfers.* Bruxelles, 1734.

GALERIE *agréable du Monde où l'en un grand nombre de cartes et tailles douces, les principaux empires, villes, antiquités, eglises, collèges, palais, habille-*

ments, pompes, &c. Tome I, Royaumes de Portugal et Algarves. Avec 3 cartes et 10 planches gravés, representant deux grandes et belles vues de la ville de Lisbonne, costumes, palais, églises, auto das fés (sic). *Ensemble 29 vues,* Leyde, 1720, fol.

GALLARDO (D. BARTOLOME JOSÉ ——).

Na sua obra *Ensaio de uma bibliotheca española de libros raros y curiosos,* traz algumas estrophes do poema de Pero da Costa Perestrello, sobre a batalha de Lepanto.

GALLARDO (FREDERICO GUARDDON ——).

E. *Cuestion de actualidad. Breves consideraciones sobre el folheto* Hoje *(Hoy), ofensivo a España.* Libreria central, Lisboa, 1868.

GALLEANO RAVARA.

Del vario stile in ch' io piango e ragiono
Fra le vane speranze, e' van dolore,
Ove sia chi per prova intenda amore
Spero trovar pietà non che perdono.

Episodio de D. Ignez de Castro

CXX

Ines gentil, stavi cogliendo in pace
Degli anni tuoi l' avventuroso frutto,
Nell' inganno del cor lieto e mendace,
Che presto la fortuna cambia in lutto;
Sui campi del Mondego, ove non tace
La memoria; e non stette il ciglio asciutto,
Il nome che chiudeva il seno amante,
Alle rupi insegnando ed alle piante.

CXXI

Del tuo Prence un responso avean nel core
Le rimembranze ch' egli anco nutria;
Te inanzi agli occhi suoi traeva amore,
O a te lontana ei col desir venia;
Di notte in braccio a un sogno mentitore,
Nel di sull' ale alla memoria pia;
Che avea presente al guardo ed al pensiero
Era di amor ricordo lusinghiero.

CXXII

D' altre ricche donzelle ed avvenenti
Egli ricusa l' invidiato letto;
Che tutto tu disprezzi amor, se senti
A gentil vezzo il pensier tuo soggetto
Vedendo allor queste bellezze ardenti
Il padre accorto, che sa qual rispetto
Deve a fremente popolo, e pur ama
Il figlio ch' or sè avvincolar non brama;

CXXIII

Pensa Ines torre al mondo ed alla vita,
Per liberar da' lacci il figlio preso;
Per ispegner col sangue d' inaudita
Morte d' un fermo amore il foco inceso
Qual' ira consentia che si invilita
Fosse la spada che sostenne il peso
Dell' impeto Moresco, sprigionata
Contro il sen di donzella delicata?

CXXIV

Traenla già manigoldi atroci
Innanzi al rege che sentia pietade,
Ma il popol con accenti alti e feroci
A condannarla il debil re persuade.
Ella con meste e religiose voci
Dettate dal dolor che il cor le invade
Col sovvenir, lasciando sposo e prole,
Più che di se, ora di lor si duole.

CXXV

Verso il cielo sereno anco levate
Le pupille che il pianto fea pietose,
(Le pupille soltanto che legate
Le hannò le mani quelle turbe esose)
Poscia teneramente innamorate
Sopra i pargoli suoi ella le pose;
Egli orfani plorando, come madre
Allor del Prence così parla al padre:

CXXVI

S' anco le belve che facea natura
Feroci e crude sin dal nascimento,.
E gli augei di rapina, a cui non fura
Unqua la preda un mite sentimento,
In presenza di picciola creatura
Furor visti mutar il fero intento,
Sulla madre di Nino esempio chiaro,
E su fratei que Roma edificaro;

CXXVII

Tu che d' umano tieni e viso e petto,
(Se pur umano egli è svenar donzella
Debole e fiacca sol perchè soggetto
Ritiene il cor, che se la fece ancella)
Agl' innocenti miei porta rispetto
Poichè non n' hai per la mia sorte fella;
Oscura di morir nulla m' importe,
Nè ch' innocente venga tratta a morte.

CXXVIII

Che se vincer sai tu la forza Mora;
E con ferro e con foco apportar morte,
Sappi dar vita con clemenza ancora
A chi non merta si perversa sorte.
Che se tuo core l' innocenza onora,
Me condanna d' esiglio alle ritorte,
Nei freddi Sciti, o nella Libia ardente,
Ove in pianto mi strugga eternamente.

CXXIX

Gettami dove tutta crudeltate
Sogliono usar le tigri e le jene,
Per veder se invenir posso pietade,
Che nei petti mortali non s' inviene.
Là coll' amor che il sovvenir persuade,
Pensando a chi pur nel morir m' è spene,
Queste reliquie educherò, se lice,
Conforto della madre egra infelice.

CXXX

Perdonare voleva il Re, cui forte
Le pie parole avean tocca la mente;
Ma il popol pertinace, o la sua sorte
(Che al fine la trascina) no' l consente.
Il duro acciar strumento della morte
Impugna già la sanguinaria gente...
Contro una donna? viscere di fere,
Questa è bella virtu da cavaliere!

CXXXI

Come sul sen di Polissena bella
Consolazione della matre antica,
Di Pirro il brando greve s' arrovella
Del Pelide a placar l' ombra nemica:
Essa gli occhi coi quali il Cielo abbella,
(Siccome tenera agnelletta amica)
Pon sulla grama madre che delira,
E s' offre poi del sacrifizio all' ira:

CXXXII

Tal contr' Ines li barbari uccisori
Nel collo d' alabastro, da cui pende
Lavoro, con che amor di vivi ardori
Ferì lui che i diritti ne difende,
Bagnarono l' acciaro e i bianchi fiori
Irrorati dal pianto che discende
Dagli occhi belli, rabidi esultando,
Il castigo di Dio quasi fidando.

CXXXIII

Così qual margherita che mietuta
Innanzi tempo fu, candida e bella,
L' ha poscia in serto ad altri fior tessuta,
L' irrequieta man di pastorella
Sta di profumo e di color svestuta:
Tal giaceva la pallida donzella,
Le rose aride in viso illividita,
Senza il vivo color e senza vita.

CXXXIV

Dell' estinta plorar la fine oscura
Le figlie del Mondego, lunga etade,
E per memoria eterna in fonte pura
Del pianto lor mutaron le rugiade,
E nome dierle tale, che ancor dura,
Degli amori di lei in tai contrade.
Vedi qual fresca fonte irriga i fiori,
Che lagrime son le acque, il nome Amori!!!

CXXXV

Ben tu putevi, o Sole, da tal vista
Torcer quel giorno i raggi innorriditi,
Come di Tieste dalla cena trista,
In che i figli da Atreo furo ammaniti!
Ma voi, valli, che ancor suonando attrista
L' estremo dir dei labri irrigiditi,
Il nome di colui che avea perduto,
Avete lungamente ripetuto.

GALLETTI (J. G. A.).
E. *Gesch. von Spanien u. Portugal.* Erfurt., 1800 a 1811.

GALLOIS (LEONARD ——).
Trois mois en Portugal en 1822.

GALVANI (CONTE F. ——).
E. *Alcuni cenni biografici di Sua Maestà la Regina Maria Pia di Portogallo, nata Principessa di Savoia scritti dal ——, nella faustissima circonstanza del suo completo restabilimento in salute e dedicati a Sua Maestà il Re Luigi Primo di Portogallo (30 Aprile de 1879).* Fireze, stabilimento di Ernesto Sborgi, 1879, 4.°, 14 pag.

GALWAY (EARL OF ——).
E. *An account of his conduct in Spain and Portugal.* London, 1711.

GAMA.
The three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty from the Lendas da India of Gaspar Correa. Translated from the portoghese with originals documents, notes and introduction by H. E. J. Stanley. London, 1869.

GAMA MACHADO.

E. *Theorie des ressemblances, ou Essai des ressemblances. Essai philosophique.* Paris, 1844, in-4.º

Gama é um dos portuguezes mais illustres que viveram em paizes estrangeiros.

GANDARA FR. FILLIPPE DE LA ——).—Eremita de Santo Agostinho.

E. *Armas y triunfos del Reino de Galicia.* Impresso em 1662.

Entre as familias, que trata d'aquelle reino, pertence entre outras a Portugal, a de Lemos, que com illustrissima descendencia se conserva com o appellido de Costas[1].

GANDAU.

Traducção para francez das *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto.* 1846.

GARCES (GREGORIO ——).—Jesuita aragonez.

E. *Retrato compendioso del Apostol, y Thaumaturgo Santo Antonio de Padua, con la novena, &c.* Zaragoza, Franc. Magallon. 1801, in-12.

GARCIA (FRANCISCO ——). Jesuita, hespanhol.

E. *Vita ac miracula S. Francisci Xaverii, Apostoli Indiarum.* Toleti, 1673. Per Franciscum Calvum[2].

GARCIA (FRANCISCO ——).—Jesuita, natural de Ballecas.

E. *Vida y milagros de S. Francisco Xavier, Apostol de las Indias.* Toleto, Francisco Calvo, 1673, in-4.º Madrid, Joseph Fernandez de Buendia, 1676, in-4.º

Vida y milagros de S. Francisco Xavier de la Compañia de Jesus, Apostol de las Indias. Por el padre Francisco Garcia, Maestro de Theologia de la misma Compañia de Jesus. En Madrid, por Juan Garcia Infanzon, sem data, 490 pag. Com a novena ao santo e retrato. A approvação do provincial é de Madrid, 15 de junho de 1672. Toledo, 1873.

Novena a S. Francisco Xavier Apostol de las Indias, y la devocion de los diez viernes al mismo santo. Por el padre Francisco Garcia, de la Companhia de Jesus. En Pamplona, en la imprenta de Martin Joseph de Rada, em 1832, sem data, nem paginação. En Villagarcia, en la imprenta del Seminario, 1758, in-32, 32 pag.

Novena a San Francisco Javier, de la Compañia de Jesus, Apostol de las Indias, por el P. Francisco Garcia, de la misma Compañia. Imprenta de D. Benito Monfort. 1820, in-12, 46 pag.

Epitome de la vida, virtudes, y milagros de S. Francisco Xavier, de la Compañia de Jesus, Apostol de las Indias. Sacado de la vida que compuso el P. Francisco Garcia, de la misma Compañia. Reimpresso en Zaragosa por Joseph Fort, 1735, in-24, 152 pag.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 215.

[2] Algambe, *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu,* pag. 229.

GARCIA (D. ANTONIA CUSSAC Y GARCIA ——).

E. *Consideraciones sobre el colera-morbo y su curacion, por* ——. Lisboa, typographia portugueza, 1873.

GARCIA DE REZENDE.

Vimos Portugal, Castella,
Quatro vezes ajuntados,
Por casamentos liados,
Principe natural d'ella,
Que herdava todos reinados.
Todos vimos fallecer,
Em breve tempo morrer,
E nenhum durou tres annos:
Portuguezes, castelhanos
Não os quer Deus juntos ver.

Extrahidos do *Discurso gratulatorio* sobre o dia da feliz restituição e acclamação de D. João IV, escripto por D. Francisco Brandão.

GARIBAY E ZAMALLOA (ESTEVÃO DE ——).—Natural de Mondragon, em Biscaya, chronista del Rey Catholico.

E. *Ilustraciones genealogicas de los Catholicos Reyes de las Españas.* Madrid, 1596.

É um grande livro de arvores; traz muitas da familia real portugueza, e em outras varios ramos das do nosso reino, e no seu *Compendio Historial da Historia de Hespanha,* justamente estimado, no tomo IV, nos livros XXXIV e XXXV, só da familia dos Reis de Portugal, repetindo em outros logares as suas genealogias, largamente historiadas nos oito volumes manuscriptos tantas vezes allegados, e com grande louvor, por D. Luiz de Salazar, que refere ter uma copia authentica dos originaes que estão nos archivos regios[1].

GARIN (HYACINTHE ——).

Les Lusiades de Louis de Camoens. Traduction en vers français par ——. Lisboa. Typographia da companhia nacional editora, 1889, 4.º, 338 pag.

CXVIII

Écoulé quelque temps après cette victoire
Alphonse de retour heureux en ses foyers
Put jouir de la paix acquise par sa gloire
Et gouverner l'État à l'ombre des lauriers.
Puis vint un triste cas vers la fin de ce règne,
Crime qu'il n'est aucun qui ne pleure et complaigne;
Pauvre Inès de Castro, la victime du sort
Mourut innocente, et fut reine après sa mort.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa: *Historia Genealogica da Real Casa Portugueza,* vol. I, pag. 209.

CXIX

Toi seul, perfide amour, dont la force magique
Règne comme tyran sur tous les cœurs unis,
Toi seul fit son malheur, causa sa mort tragique
Comme si cet être pur fût féroce ennemi;
Puis qu'on dit que ta soif plus ne se désaltère
Ni dans les tristes pleurs, ou les larmes amères
Que tu n'est satisfait, âpre et cruel enfant
Qu'en pouvant te baigner les ailes dans le sang.

CXX

Belle Inès, retirée en un secret asyle,
Recueillant les doux fruits de ton riant printemps,
En un calme trompeur, tu t'endormais tranquille,
Sans prévoir du Destin les revers foudroyants.
Dans les près du Mondègue, errant avec tristesse
Tes beaux yeux pour l'absent se remplissaient de pleurs
Aux bosquets, aux échos, tu répétais sans cesse
Le nom de ton amant, délices de ton cœur.

CXXI

Chaque jour de ton prince arrivait un message,
Accents d'amour, regrets d'être éloigné de toi,
Ce que ses yeux jadis en éloquent langage,
Se fixant sur les tiens, te causait tant de joie.
De jour, ces doux pensers, ces tendres souvenances,
La nuit vous rejoignant dans un songe menteur,
Ainsi coulait ta vie en riantes espérances,
Tout était souvenirs de joie et de bonheur.

CXXII

De royales beautés, de puissantes princesses,
Offrant brillants hymens sont toujours refusés,
En effet, pour Amour, quand de traits tu nous blesses,
Rien n'égale l'objet qui nous a maîtrisés.
Le Roi, rude vieillard et s'étonne et s'irrite
Du caprice du fils, de ces refus constants
De dignement s'allier. Le peuple aussi l'excite
Par ses murmures vains, et des cris mécontents.

CXXIII

De supprimer Inès lui vient cruelle envie,
Il croit que par la mort, et répandant le sang,
Il sauvera son fils, de ce joug le délie,
Et que ce feu éteint, le trouve obéissant.
Quelle rage a permis que cette forte épée
Qui tant de fois du Maure a restreint la fureur,
Fût tirée lâchement, et dans le sang trempée
De dame délicate, et d'amours tendre fleur !

CXXIV

La plèbe et les bourreaux entraînant leur capture,
Accourent en tumulte au Roi la présenter.
Le vieillard s'en émeut; mais sa fière nature,
Et la raison d'État, la mort lui font opter.
Alors Inès voyant en ce malheur suprême
Qu'elle perd à jamais son prince et ses enfants,
Ces êtres chéris que plus que sa vie elle aime,
Retrouve au fond du cœur des accents émouvants.

CXXV

Élevant vers le ciel ses yeux noyés de larmes,
Ses yeux ! car un bourreau lui attachait les mains,
Les baissant sur ses fils si chers, si pleins de charmes,
Et dont la tendre enfance exigeait tous ses soins;
Pensant que par sa mort elle les abandonne,
Qu'orphelins sur la terre ils n'auront plus personne
Qui remplace une mère et leur serve d'appui,
A leur cruel aïeul elle s'adresse ainsi :

CXXVI

«Si jusqu'aux animaux altérés de carnage,
Que la nature pousse à leur instinct prevers,
Et les oiseaux de proie assouvissant leur rage,
Ne vivant que de sang dans les plaines de l'air;
Pour les petits enfants changent et s'attendrissent
Les protègent parfois et même les nourissent
Ainsi qu'il advint à la mère de Ninus,
A Rome, aux deux jumeaux Rémus et Romulus :

CXXVII

«Ó Roi, qui tiens d'humain le cœur et la figure,
Et qu'une faible fille oses pourtant tuer
Parce qu'elle a suivi le vœu de la nature,
Abandonnant son cœur à qui l'a su dompter;
Respecte ces enfants qui vont rester sans mère,
Malheureux orphelins et pour cause de toi !
Mais pardonne plutôt ma faute involontaire
Que ton cœur ait pitié des enfants et de moi.

CXXVIII

Et si vaincre tu sais des Maures la résistence,
Répandre le trépas par le fer et le feu,
Sache donner aussi la vie avec clémence,
A qui pour l'en priver, n'a jamais donné lieu.
Si tu crois me devoir punir quoique innocente,
Choisis pour moi bien loin un éternel exil,
Dans la froide Sythie, ou la Lybie ardente,
En pleurs j'y resterai sans crainte du péril.

CXXIX

Mets-moi dans un désert, ou sur aride plage,
Refuge des forbans, des tigres, des lions,
Peut-être y trouverai-je, auprès d'eux, davantage
Que dans les cœurs humains, pitié, consolations.
Dans l'âme conservant mes amours platoniques
Pour l'amant adoré pour qui je vais mourir.
J'éleverai ses enfants, précieuses reliques,
Dans mon malheur encor je pourrai te bénir.»

CXXX

Le roi se sent ému; cette voix passionnée
L'engageait au perdon du déplorable cas;
Mais la plèbe en furie, outre sa destinée
Qui le voulait ainsi, ne lui pardonnent pas.
Vous fûtes bien cruels, indignes chevaliers!
Croyaient-ils donc faire une œuvre méritoire,
Dans le sang innocent souillant leur fin acier
Contre une dame, encor! oh! quelle triste gloire?

CXXXI

Telle fut Polixène, pure innocente et belle,
Succombant comme toi sous un fatal destin,
L'ombre irritée d'Achille voulait sa mort cruelle,
Et Pyrrhus implacable attend le glaive en main.
Elle, les yeux sereins, fixant sa vieille mère
Que la folie atteint d'angoisse et de terreur,
Comme douce brebis, patiente, débonnaire
Se présente au couteau du sacrificateur.

CXXXII

Cependant contre Inès, à sa gorge d'albâtre
Ces attraits enchanteurs pour l'amour seuls formés,
Que le Prince aime tant, dont il est idolâtre,
Les brutaux assassins frappent à coups pressés;
Ils trempent leurs poignards dans les lys et les roses,
Que ses pleurs humectaient et que le sang arrose,
Sans pitié, sans terreur, aveugles, furieux,
Sans foi du châtiment qui va fondre sur eux.

CXXXIII

Tu devais, ô Soleil, du spectacle funeste,
Éloigner tes rayons, comme il advint jadis
A l'horrible banquet où Atrée à Thyeste
Sert à manger les chairs et le cœur de ses fils.
Et vous, profonds vallons, lorsque sa voix plaintive
Au moment d'expirer soupire un dernier mot,
Vous l'avez recueilli: les échos de la rive
Ont longtemps répété son cher nom de Pedro.

CXXXIV

Ainsi la fleur des champs si splendide, si belle,
Étale sur sa tige ses brillantes couleurs,
Arrachée par l'enfant pour orner la chapelle
Se fâne, se flétrit, perd l'enivrant odeur;
Ainsi gissait Inès, ensanglantée, sans vie,
Sa peau, d'un ton si frais, a perdu sa blancheur,
Les roses de son teint se sont évanouies,
Cette illustre beauté n'inspire que douleur.

CXXXV

Les filles du Mondego, cette triste aventure
Dans les veillées longtemps, par leurs pleurs mémorent
Souvenir eternel! En une source pure
Tant de larmes versées à la fin se changèrent.
On lui donna le nom qui dure de nos jours,
De ces tendres amours qui là se sont passées,
Voyez! De fraîches eaux ces fleurs sont arrosées,
Sa source, sont des pleurs, et son nom des amours!

GARNIER (DR.).

Anatomie pathologique et symptomatologie de la fièvre jaune qui a regné à Lisbonne en 1857. Traduit du portugais par le ——. Paris, 1861.

GARNIER (MR.).

Este padre francez foi o encarregado de recitar na egreja de S. Luiz de França, em Lisboa, em 17 de maio de 1793 um discurso gratulatorio pelo nascimento da Princeza da Beira, filha de D. João VI e de D. Carlota Joaquina.

Entre outras cousas diz Mr. Garnier: «En partageant les vives et tendres acclamations d'un peuple célèbre, oui, célèbre moins encore par l'etendue de ces découvertes et de ces conquêtes, que par la fidelité de son attachement à ses Augustes souverains; peuple, que la valeur conduisait à la gloire, je puis donc me flatter de parler à des cœurs sensibles, si c'est un devoir et un honneur pour les ministres de l'autel, de prendre part aux réjouissances publiques, c'est sans doute, lorsque l'intérêt de la religion, et le bonheur de l'état, en sont l'object, et le motif; c'est alors que l'eglise s'empresse de mêler ses Divins Cantiques aux concerts des peuples: c'est alors que la joie, transmise au peuple par l'organe de la religion, en prend la respectable empreinte, et peut éclater dans la Chaise de l'Evangile, sans blesser la magesté du Dieu, qu'on y annonce[1]».

GASTON PARIS.

Lingua portugueza.

«... Disse eu que tinha a fazer uma restricção a uma tão bella theoria: e diz ella respeito a Portugal.

---

[1] Ignacio de Sousa Menezes, *Memorias historicas dos applausos com que a côrte e cidade de Lisboa celebraram o nascimento e baptismo da Princeza da Beira.*

«Mr. Nigra classifica, sem hesitar (pag. XXIX), o portuguez entre os idiomas romanos, onde domina o oxytonismo. Oppõe-o n'este caso ao castelhano, e declara que os romances hespanhoes, onde as assonancias[1] são masculinas, têem por isso mesmo uma origem catalã ou portugueza. Confesso não comprehender a separação assim estabelecida entre o castelhano e o portuguez (introduzido tambem o gallego). Ambas as linguas têem as mesmas leis para a quéda das finaes, menos destructivas que as dos gallos romanos. O italiano (meridional bem entendido), conserva todas as vogaes atonas: o gallo romano apenas conserva o *a*. O hispano-romano umas vezes conserva, outras vezes das vogaes apenas deixa caír o *a*. O portuguez, é verdade, pela quéda mais frequente das consoantes, e pela invasão da nasalisação, apresenta hoje mais palavras oxytonas (principalmente monosyllabas, do que o castelhano); mas é um facto relativamente recente, que não muda o caracter geral da lingua, e que aliás não introduz entre os dois idiomas mais do que uma assás tenue differença.

«A esta observação linguistica accresce uma outra. O thesouro dos romances epicos é em grande parte commum a Castella (quero dizer com isso toda a Hespanha romana, menos a região galliciana portugueza, e a região catalã), e a Portugal.

«A separação que se nota na Italia entre o norte e o sul para a posse de uma poesia popular epica, não existe aqui. Quando mesmo fosse provado (o que me parece muito contestavel), que os romances hespanhoes, onde domina a assonancia, provéem de Portugal, esse mesmo emprestimo attestaria uma facilidade de troca que se não encontra na Italia entre as duas regiões do sul e do norte; e esta facilidade brilha, em todo o caso, no facto admittido por Mr. Nigra, da passagem frequente de romances hespanhoes em Portugal; e os sabios portuguezes pensam até mesmo que quasi todos seus romances lhes provém da Hespanha.

«Se pomos a questão por um outro seu lado, chegâmos ao mesmo resultado. Está bem decidido que a poesia popular portugueza tenha com a da França, da Catalunha, e da alta Italia, alguns laços tão estreitos, como diz Mr. Nigra? Aquillo que caracterisa a esta é a variedade de seus rythmos? Ella emprega versos de um numero muito differente de syllabas, e embora sua fórma preferida seja um longo verso dividido em dois membros, o segundo soffrendo a assonancia, todavia ella admitte outras fórmas, como, por exemplo, os versos de oito syllabas rimando duas a duas. A poesia portugueza, pelo contrario, como a poesia castelhana, não emprega senão dois membros (oito syllabas), com assonancia masculina e feminina. As canções da região italo-franceza, que têem passado para Portugal, como na Hespanha tiveram de abandonar sua propria firma, e de revestirem-se de trajos iguaes a estes dois paizes.

«E realmente eu não vejo na collecção de M. Nigra cinco canções que se acham em Portugal. Têem ellas alli a fórma ordinaria dos romances, e em nada podem servir para apoiarem a theoria de que se trata.

«Vê-se, pois, segundo creio, que Portugal deve ser separado do grupo, no qual M. Nigra o encorporou, e ser aggregado a Castella para formar um grupo á parte, caracterisado, no ponto de vista rythmico, por uma accentuação intermediaria entre a do gallo romano e a do italiano (e do romanico), no ponto

---

[1] *Journal des Sçavans*, 1889, pag. 541.

de vista popular, pela producção de canções epicas (romances), de uma fórma particular.

«Esta fórma está muitissimo pouco afastada d'aquellas canções epicas do grupo gallo-romano para que ellas tenham podido, revestindo-se com ella, introduzir se na região hispano-romana sem excessivas attenções; mas, alem de se terem ellas assim penetrado, são na totalidade muito pouco numerosas, e têem-se quasi sempre visto obrigadas a mudanças mais profundas do que aquelles que as tocavam, quando circulavam de um ponto para outro da região que é propriamente a d'elles.

«Esta região comprehende a França, a Provença, a Catalunha, e a alta Italia. A Catalunha não passa de uma continuação da Provença, pois a linguagem que alli se falla, segundo todas as probabilidades, foi importada do sul da França, nos tempos de Carlos Magno, e de Luiz Bonacheirão.

«A alta Italia não apresenta, bem pesadas as cousas, em toda a sua extensão, a mesma riqueza de cantos populares epicos.

«M. Nigra abrange na região productora d'esses cantos o Piemonte, a Liguria, a Lombardia e Veneza. Porém se estudarmos esses differentes canticos populares, ou os confrontarmos, reconhece-se n'um volver de olhos que é o Piemonte propriamente dito, o verdadeiro lar da poesia popular epica.

«Resumâmos: o thesouro da poesia epica, ou para melhor dizer lyrico-epico, que nós estudâmos, é mais ou menos completamente na sua fórma, e no seu fundo, propria e commum na França, na Catalunha e no Piemonte. Tinha, pois, a juncção de Portugal e da alta Italia toda inteira ás outras provincias, como resultado fazer coincidir, como ponto de attracção, a nossa poesia lyrico-epica, as assonancias principalmente masculinas, com a região onde os emissarios romanos cobrem um *substractum celticum*, e constituir, por conseguinte, um grupo celto-romanico, que apresentava de uma extremidade á outra os mesmos caracteres linguisticos e a mesma poesia popular. Era seductor fazer com que remontasse essa dupla concordancia aos habitos phoneticos e ás aptidões poeticas dos celtas.

GAUDENZIO (CLARETTA BARONNE ——).

Vita di Maria Francesca Elisabetta di Savoja Nemours, Regina di Portogallo, con note e documenti inediti. Torino, 1866, tipi Botta.

Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, Duchessa di Savoja, con documenti. Torino, 1863, tipi Botta.

Vem estas obras mencionadas no catalogo dos livros offerecidos ou adquiridos pela academia real das sciencias de Modena, vol. 8.º

GAUME.

Este escriptor ecclesiastico francez, diz na sua notavel obra as *Tres Romas* (vol. VI, pag. 157), que as egrejas que mais commoção lhe causaram no tempo da Semana Santa, em Roma, foram a de Jesus e a de Santo Antonio dos portuguezes. E acrescenta ainda «que no palacio de Borghesi está um quadro de Santo Antonio prégando ao peixinhos, composto por Veronese.»

GAUTIER (M. ÉDOUARD ——).— Secrétaire adjoint à l'école royale et spéciale des langues orientales, près de la bibliothèque du Roi, etc., etc.

Ceylan ou Recherches sur l'Histoire, la Littérature, les Mœurs et les usages des Chingulais. Par ——. Paris, Nepveu, libraire. 1823, in-12, VIII-291 pag.

Falla-se n'esta obra dos feitos dos nossos em Ceylão.

GAVARINI (SEBASTIANO ——).

L'Oro. Oda all' Illustriss. Reverendiss. et Excellentiss. Signor D. Luigi Sousa, Arcivescovo di Braga, Primate delle Espagne, et Ambaciatore straordinario di Portogallo. Torino, per gl' heredi del Colonaza, 4.º, XVIII pag. Sem data, nem anno.

GAVET et BOUCHER.

Jakaré Ouassou ou les Tupinambas. Chronique brésilienne. Paris, 1830, 8.º

GAVIN (A.).

The mysteries of Popery unveilled in the unparalleled sufferings of John Coustos of the Inquisition of Lisbon. Hartford, 1820.

GAYANGOS (D. PASCHOAL ——).

Memoria sobre la autenticidad de la Cronica denominada del moro Rasis. Leida en la real Academia de la Historia, por ——, al tomar possesion de su plaza de academico supernumerario[1].

Vem esta memoria no tomo VIII das *Memorias de la Real Academia de la Historia.* Madrid, 1852.

Gayangos assevera: «De la version portuguesa de este libro, dado caso que la hubiese, no se conoce ejemplar alguno; de la castellana ha habido y hay varios codices antiguos. Uno de ellos fué propiedad del celebre Ambrosio de Morales, quien lo cita a menudo, tanto en su continuacion de la *Cronica* de Florian de Ocampo, como en las *Antiguedades de las ciudades de España.*»

Gayangos prova que houve tres escriptores com este nome.

*
* *

«A chronica chamada do mouro Rasis parece estar dividida em tres partes distinctas:

«1.ª Descripção topographica da Hespanha, tal qual a possuiram os arabes, e com os limites que tinha seu imperio pelos fins do seculo X, pouco antes da extincção e ruina da dynastia de Umeya.

«2.ª Breve resenha da povoação de Hespanha e sua historia nos tempos

---

[1] Lê-se no volume VIII das *Memorias de la Academia Real de la Historia de Madrid:* «Segun lo que refiere el mismo libro de Rasis, El Rey Don Dinis de Portugal fué quien mandó traducirlo del arabe, y se valió para ello de maestro Mahomad, y de Gil Peres, clerigo. Solian ser entonces las traducciones de dos ingenios, ordenando el uno en romance lo que el otro le explicaba del original. La version portuguesa del libro de Rasis servió de original á la castellana, que hubo de hacerse á poco tiempo, puesto que ya existia en el año de 1312, primero del reinado de D. Alonso XI de Castilla, como expresa una nota del codice que fué de Don Ambrosio de Morales.» Don Diego Clemencin, *Examen y juicio de la descripcion geographica de Espana, atribuida al moro Rasis, leida en la Real Academia de la Historia,* vol. VII, pag. 237.

fabulosos: vinda dos phenicios e carthaginezes, dominação dos romanos, e serie dos reis godos até D. Rodrigo.

«3.ª Historia da Hespanha arabe desde sua conquista por Tarik e Muza até ao anno 366 da hegyra, ou 977 de Christo, reinando em Cordoba Al-Haquem II, denominado *Al-mostanser billah,* nono rei d'aquella esclarecida estirpe.

«Da versão portugueza d'este livro, dado o caso que a tivesse havido, não se conhece exemplar algum; da castelhana tem havido e ha varios codices antigos. Um d'elles foi propriedade do celebre Ambrosio de Moraes, que o cita a miudo, tanto na sua continuação da *Chronica* de Florian de Ocampo, como nas *Antiguedades de las ciudades de España.* Por morte d'este passou para as mãos de Gonzalo Argote de Molina, que o cita igualmente na sua *Nobreza de Andaluzia;* acha-se hoje na bibliotheca do Escurial, e é um codice em folio de letra, ao parecer, do seculo XIV. Outro pertencia ao collegio de Santa Catharina de Toledo, e se conserva actualmente na livraria da sua egreja cathedral. É igualmente em folio, de papel roxo e pardo, escripto segundo alli se diz, no anno 1400, embora pela fórma da letra, que é redonda e grossa, se possa inferir não ser tão antigo.

«O padre Roa possuiu um exemplar antigo de Rasis, (cujo paradeiro se ignora); tambem Rodrigo Caro teve um, não mui antigo, que se conservava na Cartuxa de Sevilha; outro possuiu o bispo de Sigüenza, D. Francisco Hurtado de Mendoza, o qual cita Manuel Rodrigues Escabias no seu *Discurso apologetico por la verdad, en defensa de la antiguedad de Granada,* impresso na dita cidade, no anno 1645, in-folio.

«Por ultimo, na bibliotheca d'esta academia se conserva uma copia tirada no anno 1657 pelo padre Affonso Aljofrin sobre um exemplar antigo que foi de D. Juan de Cardenas y Cordoba, cavalleiro de Calatrava. As copias que possuiram Aldrete, Tamayo de Vargas, Luiz de la Cueva, Bernabé Moreno de Vargas, Resende, Gaspar Barreiros, Dosma Delgado e Lozano, não passavam de meras copias do exemplar de Morales ou do de Toledo, devendo-se advertir que tanto um como outro estão infelizmente incompletos e defeituosos, faltando ao de Morales uma ou mais folhas, desde a morte de Wamba até á batalha de Guadalete, e ao de Toledo toda a parte relativa á entrada dos arabes na Hespanha e successão de seus reis até ao fim. De sorte que, com ambos, não se pode obter um exemplar completo.

«Comparando o texto d'estes dois exemplares, unicos que temos podido consultar, inclinâmo-nos a crer que houve duas edições distinctas da *Chronica*[1].

---

[1] Para prova da nossa asserção, trasladaremos aqui algumas passagens de um e outro codice:
TOLEDO —«Acábase el quarto del mundo en el sol poniente, y es muy buena tierra y muy abondada.»
MORALES —«El quarto del mundo se acaba contra el sol poniente.»
TOL.—«Y llegó ya en España el fructo el uno al otro por todo el año, que non menguó.»
MOR.—«Y llegan en España los fructos los unos á los otros en cada año, que non fallescen.
TOL.—«Y por ende viven y más los omes en estos logares.»
MOR.—«Y por ende guarescen los homes en estos logares.»
TOL.—«El mar meridiano.»
MOR.—«Mar medioterraño.»
TOL.—«Una carrera que llaman los trechos.»
MOR.—«A que nos llamamos el estrecho.»
TOL.—«El corrimiento de las aguas.»
MOR.—«De las nubes.»
TOL.—«Sierra Tajada.»
MOR.—«Sierra del Collado.»

«As variantes que a cada passo se encontram não são d'aquellas que se podem attribuir á ignorancia ou descuido dos copistas[1]. Tambem se observa notavel differença entre o codice que foi de Morales e o da cathedral de Toledo. Toda aquella parte da chronica que se refere á povoação de Hespanha, vinda dos phenicios e carthaginezes, e tempos da dominação romana até á irrupção dos vandalos, suevos e outras nações do norte, falta de todo no exemplar de Morales; e a successão dos Reis godos, que no codice toledano occupou muitas folhas, está referida n'aquelle em poucas linhas. E como seja esta a parte da chronica que maiores e mais fortes ataques tem recebido por parte de nossos criticos modernos, servindo-lhes de argumento para provar que aquella não póde ser obra de nenhum historiador arabe, e para qualifical-a na sua totalidade de aprocripha e desprezivel, convem deixar assentado que o exemplar que teve Morales só contém a descripção topographica da Hespanha arabe, uns breves apontamentos dos Reis godos, desde Athanarico até Wamba, e a parte puramente arabiga, ou seja a historia da conquista de Hespanha, e successão dos amires ou Reis de Cordova. Reduzida, pois, a chronica a estas proporções, e desfeitos os argumentos d'aquelles que julgaram achar na parte interpolada um testemunho efficaz contra toda a obra, não nos houvera sido difficil provar que a chronica attribuida ao mouro Rasis, é real e effectivamente traducção de memorias arabigas escriptas ou existentes na Hespanha no seculo IX de nossa era vulgar. Já em as annotações á nossa traducção ingleza do Almaccari propozemos esta, que então não passava de simples conjectura; estudos e investigações posteriores nos hão dado a conhecer quem foi o verdadeiro auctor da chronica arabiga, ao passo que os muitos extractos e citações que d'ella temos achado nas obras de Ben Hayyan, Ben Al-abbar, Ben Al-jattib, e outros historiadores arabes mais modernos, cotejados com a versão castelhana, nos põem no caso de assegurar, sem que temamos nenhum genero de contradicção, que a obra historica conhecida pelo titulo de *Cronica del moro Rasis*, não é apocripha, como alguns suppozeram, mas sim uma traducção mais ou menos fiel de uma historia mui conhecida pelos arabes hespanhoes.

«Porém, antes de apresentarmos as provas do que acabâmos de affirmar, vamos examinar alguns dos argumentos apresentados contra a authenticidade da chronica.

«A primeira noticia que d'ella encontrâmos é do anno 1239. Ganha Valencia pelo Rei D. Jayme, *o Conquistador*, moveu-se controversia entre as egrejas de Toledo e Tarragona, sobre averiguar a qual dos dois pertenciam a cidade e o territorio novamente encorporados no gremio christão. D. Garcia de Loaysa, na sua *Collecção de los concilios de España*, assegura ter visto na livraria da cathedral de Toledo o processo e actas d'aquelle ruidoso pleito, dos quaes resulta que «tendo-se feito reconhecer por um sarraceno e por um judeu quatro livros arabigos apresentados em juizo, e entre elles uma obra de Rasis (o qual, segundo o sarraceno, escreveu muitos livros de physica), e outro de um tal Abiba Cacabahi, não só nos ditos dois livros, mas tambem nos outros dois, cujos auctores se não

[1] Alguns escriptores, e entre elles o erudito Marquez de Valdeflores, n'uns breves apontamentos que se conservam manuscriptos na bibliotheca d'esta academia, fallam de uma traducção latina, que, dizem, possuiu Rezende; mas é erro. Em sua carta latina a Quevedo, o antiquario portuguez não faz mais do que trasladar do latim o titulo do codice que chegou a ver, sem dizer-nos, sequer, que antiguidade contava, nem qual era a sua procedencia.

declaram, se lia a particularidade de que na divisão dos bispos feita por Constantino, Valencia se achava comprehendida na de Toledo. D. Gregorio Moyan foi o primeiro que, fundando-se n'aquella clausula, attribue por equivoco a Rasis certas obras de physica, e crendo, portanto, que se tratava do medico do mesmo nome, ignorava, comtudo, que houve na Hespanha tres historiadores celebres, conhecidos com o cognome de Rasis; deu por supposto que tanto a citação acima mencionada, como a chronica eram fingidas, e que não existiu Rasis historiador distincto de Rasis medico.

«Nada tem de extraordinario que um mouro, habitante em Toledo, seculo e meio depois da sua conquista, e provavelmente pouco versado na litteratura arabe, confundisse dois escriptores de um mesmo nome, e cresse que o historiador e o medico eram uma e mesma pessoa. Se a citação feita por Laaysa e reproduzida posteriormente pelo cardeal Aguirre, é verdadeira, temos de convir em que já no anno 1239, muito antes do tempo de El-Rei D. Diniz, em cujo reinado se suppõe traduzida a chronica, se conhecia em Hespanha um historiador chamado Rasis, cuja auctoridade se invocava n'um ponto muito controvertido da historia racional.

«O segundo que entrou na questão foi o dr. D. Miguel Casiri, o qual, pelos seus conhecimentos das linguas orientaes, e continuo manejo dos manuscriptos do Escurial, parece ser chamado mais do que outro qualquer para decidir a questão. Casiri não podia negar a existencia de um Rasis historiador e de um Rasis medico, posto que achou a vida d'aquelle no *Diccionario dos homens illustres,* por Ben Al-abbar, e a d'este na bibliotheca dos philosophos arabes, tendo traduzido ambas; seguiu, porém cegamente a opinião de Mayans, e n'uma dissertação sobre *Rasis e seus escriptos,* tratou de provar que a chronica castelhana, a qual corre debaixo do seu nome, era uma compilação indigesta dos antigos chronicões, eivada de algumas noticias extrahidas de maus livros arabigos, toda repleta de erros e fabulas absurdas, á qual se poz, para lhe dar auctoridade, o nome de Rasis. Do mesmo parecer foram Conde, Bourbon, o douto portuguez Jeronymo Contador de Argote[1], e por ultimo o sr. Clemencin, o qual tratou da questão mui detidamente. Na opinião d'este sabio academico, a chronica do mouro Rasis não é traducção do arabe, mas sim uma compilação das tradições historicas da epocha, eivada de fabulas e patranhas.

«Julgou-se a producção de diversas mãos e tempos, conjecturando que a parte que trata da Hespanha primitiva se escreveu antes que a geographia, a qual, na opinião d'elle, se compoz até meiado do seculo XI; porém ao mesmo tempo admittiu não ser tão desprezivel a obra como alguns suppunham, e que, embora na parte da historia antiga contivesse muitas passagens fabulosas, era sem em-

---

[1] Este escriptor não fez outra cousa mais do que reproduzir os argumentos de Mayans e Casiri. Lendo (diz elle), a sobredita historia, ficára admirado de que houvesse escriptores serios que nas suas obras allegassem similhante auctor; porque a sobredita historia com o nome de Rasis não é mais que uma continuada novella, boa para divertimento. Assentou, porém, que a obra ou era supposta, ou corria notavelmente alterada; e que o mouro Mafamede, que a interpretou em tempo de El-Rei D. Diniz, inventára similhantes ficções tão graciosas. Porque Rasis, conforme nos consta por outras obras suas, foi homem douto, e não é crivel que quizesse vender por historia verdadeira similhantes fabulas.» Vejam-se as *Memorias historicas, chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal,* por Thomaz Caetano do Bem, liv. XV.

bargo mui importante e util para a geographia e topographia da Hespanha na idade media, assim como para o periodo da dominação musulmana.

«Outro dos principaes argumentos propostos contra a authenticidade da chronica, é o mesmo titulo, que parece tinha o exemplar de André de Rezende, e que se lê igualmente em quasi todas as copias modernas, a saber: *Rasis el Moro, Cronista de Dalharab, Miramolim de Africa y Rey de Cordova y Marruecos,* acrescentamento de algum copista ignorante, feito só com o fim de dar auctoridade á obra, e que não se encontra nem no exemplar de Toledo, nem no de Ambrosio de Morales, os dois unicos antigos que se conhecem.

«Não se necessita, por certo de grande cabedal de conhecimentos historicos para se saber que não houve Rei algum em Cordova do nome de Dalharab, e que a cidade de Marrocos não se fundou até ao anno de 1077, isto é, mais de um seculo depois da epocha em que escreveu Rasis, e quando já não havia Reis n'aquella cidade[1].

«.....

GAZETTA ILLUSTRATA.

Revista Settimanale. Milano. Anno IV. N.º 29. 18 Luglio 1880. Fol.

Traz uma estampa occupando toda a pagina: *Portogallo; Fieste di Lisbona; Le deputazioni depongono ghirlande a' piedi del monumento di Camoens. (Da uno schizzo del signor Casanova.)*

GEBAUER.

Verzeichniss der Scribenten, insonderheit der Geschichteschreiber von Portugal. (Relação dos escriptores, particularmente dos historiadores de Portugal.)

Ver este trabalho na obra de Gebauer, intitulada: *Der neueste Staat von Portugal.* Halle, 1714.

GEDDE.

Account of the Inquisition in Portugal.

GEDDES (MICHAEL ——).—Chanceller da egreja cathedral de Salisbury.

The Church History of Ethiopia. London, 1696.

GEFUHLE *des Patronats — clerus von Bohonen Bohonenbei Gelegenheit der höchsten Vermählungsfeier Sr. Majestät Dom Pedro V, Konigs von Portugal, mit ihrer Hoheit der Durchlauchtigsten Prinzessin Stephanie von Hohenzollern-Sigmaringen.*

GEIBEL (EMEN. ——).

Romanzero der Spanier und Portugiesen. Stuttgart, 1869, in-8.º

Spanisches Liederbuch. Berlim, 1852, 295 pag., in-16.

Trata de Camões.

---

[1] O exemplar que possuiu Manuel Carvajal parece que se intitulava: *Departimiento de las tierras de España, y de la entrada y conquista del califa de Damasco,* a não ser que, repugnando ao dito escriptor o de Dalharab, rei de Cordova e Marrocos, o substituisse por outro menos absurdo. *(Historia del rebelion, etc.,* liv. I, cap. II.)

GEILLUSTREERD.

Guldens Tijdschrift. Ernst in Luim. Amsterdam. Twede Jaargang, 1861.

Traz contos historicos sobre a vida e aventuras de Luiz de Camões.

GELB (WOLFGANG ——).—Jesuita, allemão.

E. *Consilium magnum seu Devotio novem dierum ad S. Franciscum Xaverium.* Viennae, Kürner, 1688, in-8.º [1].

GEMALDE *neuestes von Lissabon.* Leipzick, 1799.

GENARD (P.).—— Secretario geral da sociedade de geographia de Anvers.

E. *La Belgique et le Portugal. Simples rapprochements.* Anvers, imprimerie veuve de Backer, 1789, 4.º de 19 pag.

*
* *

«N'esta obra indicam se summariamente as importantissimas relações de commercio e a estreita estima que no seculo XVI ligaram o nosso paiz á sociedade flamenga, e particularmente á chamada então Republique de la ville d'Anvers.

«É conhecida a importancia da feitoria que tivemos alli. De 112 casas de commercio portuguezas, estabelecidas então n'aquella cidade, dá o sr. Génard a lista.

«Eram as dos negociantes Jorge Pinto, Filippe Jorge, Manuel Alves Ramires, Antonio Paulo, Rodrigues Alvares, Fernando Ximenes, Ruy Nunes, Alvaro Ruy de Azamor, Salvador Nunes, Alvaro Mendes, Manuel Henrique, Gaspar Ruy, Simeão Soeiro, Antonio Nunes Veiga, Estevão Nunes, Gomes de Moura, Pedro Lopes, Alvaro Ramires, Luiz Ruy, Ruy Gomes de Carvalho, Estevão Lopes, Diogo Henrique, Francisco Pepino, Belchior Gomes, Pedro da Veiga de Lixado, Manuel Ruy de Evora, Leonardo Pedro da Veiga, dr. Gaspar Serrano, Alvaro Serrano, Pedro Lopes Serrano, Simeão Gomes, Alvaro Annes, Miguel Vaz, Lopes Guilherme Vaz, Duarte Vaz, Bernardo Nunes, Gratrano Bernardes, Manuel Faria, Gaspar Fuiz, Julião Montano, Ruy Gomes Mendes, André Dias, Miguel Dias, Diogo Fernandes, Bartholomeu da Ribeira, Manuel Fernandes de Tavira, etc.

«Das minhas investigações resulta um facto que ha de interessar-vos talvez n'este momento em que nos preparámos para receber dignamente o celebre viajante Serpa Pinto — é que o nome d'elle não é estranho á historia das nossas relações com Portugal. A casa Pinto era no seculo XVI uma das principaes da cidade; em 11 de junho de 1573 o Rei D. Sebastião de Portugal conferiu a Jorge Pinto, bem como ao seu collega o cavalheiro Gaspar Maciel (Mariel, escreve o sr. Génard), as funcções de consules da sua nação, que, como é sabido, gosava em Anvers de privilegios extraordinarios [2].»

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 174.

[2] *Commercio de Lisboa,* 19 de novembro de 1879.

GÉNARD (M.).

Note concernant les voyageurs portugais Serpa Pinto, Brito Capello et Ivens, lue en séance générale du 14 janvier 1880, par ——. Anvers, 1880, 6 pag.

GENDRIN (VICTOR ——).

Récit historique, exact et sincère, de quatre voyages faits au Brésil, au Chili, dans les Cordillères des Andes, à Mendoza, dans le désert et à Buenos Ayres. Versailles, 1856.

GENEALOGIA *Regum Lusitaniae.* Londini, ex-officina Richardi Hearn, 1643, in-4.º de VI–156 pag.

GENEBLOUX (PIERQUIN DE ——).—Belga de nação.

Nas *Poésies nouvelles,* Bruxelles, 1828, pag. 239, encontra-se um soneto sob o titulo: *Les adieux de Camoens.*

GENERAL (A.).

Collection of voyages: undertaken either for discovery, conquest settlement, or the opening of trade from the commencement of the portuguese discoveries to the present time. London, 4.º

GENERAL SIR HEN. DALRIMPLE BART.

Of his proceedings as connected with the affairs of Spain, and the commencement of the Peninsular War. London, 1830.

GENERALKARTE *von Portugal u. Spanien nach Th. Lopez von M. Voteski.* Hrsg. von F. Schraembl. color. 1790. 1m·35 × 1m,43.

GENIALDE *Samlung in München Seinev Konigl Hoheit dem Dom Augusto Herzogs von Leuchtenberg und Santa Crus Fürsten von Eichrtadt.*

GENLIS (MADAME LA COMTESSE DE ——).

Ines de Castro. Novela tomada de la Historia de Portugal. Escrita en francés par la ——, y traducida al castellano por Don Salvador Izquierdo. Con licencia. Madrid. Imprenta que fué de Bueno. Abril de 1832. 8.º de 176 pag.

Les tableaux de Mr. le Comte de Forbin, ou la mort de Pline l'ancien, et Inès de Castro, nouvelles historiques par ——. Paris, chez Maradan, libraire. 1817, 8.º VIII–265 pag.

....

«O bello quadro da exhumação e da coroação de Ignes de Castro (pelo sr. conde de Forbin), appareceu com esplendor no salão de pintura ha quatro ou cinco annos. Este assumpto tão terrivel e tão novo, era apropriado para tentar igualmente um artista e um litterato; o pintor engenhoso que o escolheu podia tratal-o melhor do que ninguem, por duas rasões: um duplo talento lhe promettia, se o tivesse querido, um duplo bom resultado.

«Camões, no poema dos *Lusiadas,* fallou das desgraças de Ignez, mas de um modo vago, sem pormenores, sem pintar D. Pedro, sem traçar o caracter impe-

tuoso e feroz d'este desgraçado Principe, que teve ao mesmo tempo uma alma tão sensivel e tão apaixonada.

«Pintei-o eu em conformidade com suas acções e com sua vida: é um retrato historico em uma novella, que, exceptuando a catastrophe que a termina, é todo elle de minha invenção.

«Emquanto á morte de *Plinio o antigo,* é unicamente uma passagem da historia que tive de reunir á de Ignez de Castro, por isso que foi o ultimo quadro do sr. conde de Forbin que me deu o desejo de o escrever. Se houver verdade ao descrever a erupção do vulcão, esse merecimento é inteiramente devido ao quadro, cujo effeito é tão efficaz, que para o bem descrever, basta tel-o bem contemplado.

* * *

Annales de la vertu, ou Cours d'Histoire à l'usage des jeunes personnes, par ——. Paris, chez Mr. Lambert & F. J. Baudouin. 1787.

Este tomo III começa pela descripção chorographica de Portugal, e quasi que de nada mais trata do que do nosso paiz e da Historia de Portugal.

Tambem se não esquece de Camões, e diz o seguinte: «O famoso Camões vivia durante aquelle reinado (D. João III), pelos annos de 1524. Perdeu um olho n'um combate contra os mouros. Durante o curso de uma navegação, seu baixel havendo naufragado, teve bastante presença de espirito para salvar seu poema — *Os Lusiadas* — sustentando-o com a mão esquerda, ao passo que nadava com a direita.

«O assumpto dos *Lusiadas* é a conquista das Indias Orientaes pelos portuguezes. O heroe é Vasco da Gama. Este poema é, segundo dizem, repleto de genio, e fez com que o cognominassem o Virgilio de Portugal. Depois envia o leitor para o diccionario do abbade l'Advocat.

«Descreve-se tambem a maneira como o exercito portuguez foi desbaratado, e como Portugal caíu em poder dos Filippes, etc., etc.

«Falla-se tambem do estado de Portugal, e diz:

«Podemos datar a decadencia de Portugal do tempo em que este reino se converteu n'uma provincia de Hespanha. Durante um periodo tal, a marinha portugueza foi empregada e destruida em serviço dos hespanhoes: seu commercio desceu a tal ponto, que sua frota mercantil diminuiu em mais de duzentos navios de alto bordo.

. . . . . .

«D. José, quando subiu ao throno, entregou toda a sua confiança e uma auctoridade sem limites ao marquez de Pombal, que, sob o nome de Carvalho, tinha já occupado durante o reinado precedente, uma repartição do estado. O primeiro objecto que a attenção do ministro fixou, foi a agricultura, que encontrou completamente abandonada. O tratado de 1703, pelo qual a Inglaterra se obrigava a tomar todos os vinhos de Portugal em troca de suas manufacturas, converteu todos os campos de trigo em vinhedos.

«O marquez de Pombal deu ordens para ser arrancado um terço das vinhas, e de empregar essas terras na cultura do trigo. Occupou-se depois em procurar os meios que podessem fazer florescer o commercio: estabeleceu manufacturas de seda, de lã, e de vidro, corrigiu uma parte dos abusos que se tinham introduzido

na administração publica. Começou por supprimir e suspender as pensões que varias pessoas tinham obtido, não por causa de direitos legitimos, mas por meio da intriga; diminuiu o numero dos directores e recebedores das finanças. Emquanto trabalhava n'aquellas differentes reformas, Portugal viu-se attribulado pela mais terrivel de todas as calamidades: um horroroso tremor de terra enguliu mais de 15:000 pessoas, e destruiu Lisboa.

«O ministro deu então ordem para as provincias que não tinham padecido com o desastre, para darem esmolas e ajudarem os infelizes que acabavam de perder seus bens; mandou fazer planos e projectos para restaurar a cidade de Lisboa por um modo mais regular, e mais commodo, e ao mesmo tempo velou pela segurança e felicidade do povo. Reformou tambem os abusos que se tinham introduzido na igreja; aboliu as procissões do auto de fé, e fez uma lei pela qual nenhum criminoso condemnado pela inquisição não poderia perder a vida ou ser privado de seus bens, senão depois de ser o seu processo anteriormente examinado pelo conselho do clero; nomeou professores para a maior parte das sciencias; estabeleceu duas novas cadeiras, uma para a historia natural, e a outra para as mathematicas; estabeleceu ainda varias escolas publicas, e fundou uma academia real em Mafra, e uma outra em Lisboa. N'esta ultima ensina-se a theoria do commercio em todas as ramificações. Mandou lavrar um decreto pelo qual todos os naturaes do Brazil eram declarados livres, como os proprios portuguezes. Este acto de justiça e de beneficencia, pelo qual alguns milhões de homens foram restabelecidos nos direitos naturaes, dos quaes um governo tyrannico os tinha privado até então, bastaria só por si para immortalisar o ministro, que de tal foi o promotor. Finalmente, por todas estas acções e por todos estes regulamentos salutares, o marquez de Pombal restabeleceu as relações com a igreja, attrahiu sobre si o odio de um grande numero de particulares, mereceu a estima e a admiração da Europa, e os elogios da posteridade.

«Lançaram-lhe em rosto o ter desprezado o que dizia respeito á militança; cumpre, porém, que attribuam ao conde de Lippe a reforma do estado militar em Portugal.» (3.º vol.)

Apresenta a pag. 21, o heroico acto de Martim de Freitas; 22, acto de Pedro Puntoja em 1489; 23, Vasco da Gama; de 24 a 37, D. João IV; de 38 a 42, descoberta da ilha da Madeira; 43, Silveira e Penteado; 44, Rei de Dahomey; 46, tomada de Janapatão; 47 Fernão de Magalhães; 52, Vasco Nunes.

GENTIL (M.).

E. *Nouveau voyage autour du monde par M.* ——, *enrichi de plusieurs plans, vues et perspectives des principales villes et ports du Perou, Chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l'Empire de la Chine beaucoup plus ample et plus circonstancié que celles qui ont paru jusqu'à present, où il est traité des mœurs, religion, politique, education et commerce des peuples de cet empire.* Tome I. A Paris, chez François Flahaut, 1725.

Vem no *Journal des Sçavans* do referido anno uma analyse do primeiro volume d'esta obra.

GEOGRAPHIE *universelle, traduite de l'allemand.* Strasbourg, 1786.

O tomo III trata de Portugal e da Hespanha.

GEORGE MOORE.

Lives of cardinal Alberoni, the duk of Ripperda and Marquis of Pombal... Exhibiting a vew of the kingdoms of Spain an Portugal. By ——.

GEORGES (MR. DE SAINT ——).

L'Esclave du Camoens. Opera comique en un acte, par ——. Paris, 1843, 4.º

GERARD (DE REDERIJKER ——).

Tijschrift voor Leden van Rederijkers-Kamers. Vereenigingen en Genoot Schappen ter Bevordering van Uiterlijke Welsprekendheid enz. Zesde (VI), Jaargang. Leyden, 1859.

De pag. 135 a 199, traz um artigo intitulado: *Camöens te Lissabon.*

GERARDO (ANTONIO ——).

Compendio della vita, opere sante, e miraculi del B. Gio. di Dio. Romae, 1631, in-8.º[1].

GERARDO ou **GERARD (PIERRE ——).**— De origem belgica, e nascido em Nimy-le-Mons. Entrou como irmão coadjuctor para a Companhia de Jesus, em Coimbra, a 20 de outubro de 1694. Era ainda vivo no anno de 1725.

E. *Recolhimento espiritual, ou retiro de oito dias; composto de varias meditações e lições espirituaes, para que as almas devotas se unam com Deus na solidão, e reforma de suas vidas e costumes; composto pelo P. Antonio Ghuyset, da Companhia de Jesus, e agora traduzido em portuguez pelo irmão Pedro Gerardo, da mesma Companhia.* Coimbra, no real collegio das artes da companhia de Jesus, 1719, in-12, 264 pag.

Apparelho para bem morrer, vertido do francez. Coimbra, no real collegio de Jesus, 1724. Ha varias impressões.

Fragoa do amor divino, ou oratorio de suavissimos affectos; instrucção diaria com que as almas devotas se accendem no Divino Amor, vertido do flamengo em portuguez pelo irmão Pedro Gerardo, da Companhia de Jesus, natural de Nimy, arrabalde de Mons, em Haynau, nos Paizes Baixos; com o accrescentamento do apparelho para bem morrer, vertido do francez pelo mesmo irmão. Impressão undecima. Coimbra, no real collegio das artes da Companhia de Jesus, 1732. In-32, 239 pag.

A oitava edição é de 1724[2].

GERDEBAT (LOUIS ——).

Le Marquis de Pombal (1738-1777). Espagne et Portugal, par ——. Paris, 1872, in-32, 20 pag.

GÉRIO (CHEV.).

E. *Louis XIV et Clément IX, dans l'affaire des deux mariages de Marie de Savoie, reine de Portugal.* (1666 a 1668.)

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. II, pag. 376.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 270.

GERSON (JEAN ——).

De l'imitation de Notre Seigneur Jésus Christ. Traduite en français, en grec, en anglais, en allemand, en italien, en espagnol et en portugais. (Texte latin en regard); précedée d'études sur l'Imitation de Notre Seigneur Jésus Christ, d'un Essai sur l'auteur de ce livre, et d'une notice bibliographique. Edition polyglotte, publiée sous la direction de J. B. Monfalcon. Lyon, 1841, 4.°, 1 vol., LXIV-627 pag.

GESCHICHTE *von Italien, Spanien und Portugal.* Wien, 1823.

GESSI ou **GESSIUS** ou **GYPTIUS (JERONYMO ——).**—Natural de Bolonha. Morreu este jesuita em 1623.

Vita di S. Francesco Saverio. Libri III. In Ferrara, per il Baldini, 1620, in-4.°

Vita del Beato Francesco di Xavier, della Compagnia de Giesù. Raccolta da vari Scrittori, e ristretta in tre Libri, e data in luce ad instanza del Signor Ottavio Magnanimi All' Illustrissimo Signore il Sig. Conte Fabio Visconti Borromeo. In Milano. Appresso gli heredi Pacifico Pontio et Gio. Battista Piccaglia, 1620, in-8.°, 264 pag.

GHILLANY (DR. F. W.).

Geschichte des seefahrers ritter Martin Behaim, nach den attesten vorhandenen Urkunden beasbeitet. Nurenberg, 1853, in-4.°

GHOST (THE) *of Harcourt. A Romance. To which is added. The fair Maid of Portugal.* London, 1803.

GIACARDY (E.).

Le Portugal au point de vue commercial. Son avenir. Paris, Charles Bayle, editeur, 1890, 30 pag.

*
* *

«Eu não hesito por um instante a bradar, voz em grita: — A situação de Portugal é admiravel no mundo; é admiravel por causa das suas colonias, e a respeito d'ellas fallaremos mais tarde. Na Europa ella é admiravel por causa de Lisboa, de sua capital, que tem um dos melhores portos do mundo, e vae tornar-se inevitavelmente uma escala de primeira importancia, uma das grandes hospedarias afamadas, onde a velha Europa toda inteira será obrigada a tocar, para ir mais longe commerciar nas costas de Africa.

«E que se não illudam: a adopção dos costumes europeus, a repartição d'essa terra immensa e mysteriosa, é a fortuna de Lisboa, é a grandeza e a prosperidade para Portugal todo inteiro, n'um futuro proximo.

«Fallando de transformações economicas, não seria chegado o momento de pararmos aqui, para bem demonstrarmos quanto esta evolução de Portugal é logica e fatal, e quanto ella deve tambem ser fecunda para o reino?

«Não é uma lei economica a que impelle na hora actual todos os povos pequenos a guiarem-se pelos maiores, e a procururem, primeiro que tudo, seus interesses materiaes? Não é uma lei economica que impelle todos os povos de segunda ordem, em face da grande massa de inglezes, de allemães, de russos ou americanos do norte, a tornarem-se povos commerciantes?

«Ora qual é o mais magnifico ponto de trocas, de estação, de reunião de escala, que mercado mais commodo, que linha de união mais imperiosamente indicada entre a Europa e a Africa, do que o porto incomparavel de Lisboa?

«A França não tem ainda tempo para comprehender isto, e eis porque lhe devemos gritar bem alto, no momento supremo, tempo em que ainda é possivel reparar o mal; mas, dois povos o comprehenderam bem antes de nós, e desde muito tempo rivalisam em actividade, para auferirem da situação o melhor partido, para a empolgar e gosar cynicamente; um é a victima do outro: a victima é o proprio Portugal, o outro é a Inglaterra.

«Portugal, tendo a visão clara do grande futuro commercial, do papel economico que é chamado a desempenhar no mundo, faz ha trinta annos esforços heroicos para se cobrir de caminhos de ferro, para cercar sua capital com um caminho de ferro de cintura, como Paris, para abastecer o seu porto de Lisboa, para dar valor a suas colonias, e, graças a Deus, seus esforços têem sido coroados com bom resultado. Sabe-se com que rapidez marchou n'esta via dos grandes trabalhos, e que seus caminhos de ferro inspiram uma justa confiança aos capitalistas europeus.

«Mas tambem desde muito tempo a Inglaterra monopolisou a maior parte das trocas com o exterior, e, o que é mais grave, proseguindo a respeito de Portugal a politica infame que sustenta para com a Irlanda, ella tudo tem feito para obstar ao desenvolvimento material d'este reino. Seja que seus banqueiros recusem as sommas necessarias para as grandes emissões, seja que seus diplomatas queiram pôr a mão sobre as colonias portuguezas as mais ricas, por toda a parte e em todas as circumstancias, é a mesma duplicidade, os mesmos meios velhacos, as mesmas armas envenenadas, para conservarem seus inimigos e seus tributarios á mercê da Inglaterra. Porém começam a ver com toda a claridade o jogo da Inglaterra, e a Europa inteira começa a penetrar melhor em taes questões.

«Á Inglaterra velhaca e traiçoeira cumpre substituir a França leal e recta. É preciso fazer isto, isto deve ser e ha de ser, tanto no interesse de Portugal, como no da França. Ainda não esqueceu o grito de indignação que se soltou de todos os corações, quando se soube, na Europa, quaes os projectos de espoliação da Inglaterra na Africa.

«Aos commerciantes francezes cumpre saber aproveitar do movimento que se prepara, para ir a Portugal fazer conhecer nossos productos, ao mesmo tempo que havemos de aprender a conhecer vinhos portuguezes. A nós pertence, n'uma palavra, o fazer saber o que podemos, lá em baixo, contar com os nossos bons serviços e com a nossa amizade. E se quizermos ficar seguros de que nos hão de pagar no regresso, se quizermos ficar certos da solidez de nossas relações com Portugal, nada mais temos a fazer do que percorrer a historia d'esse pequeno povo, para ficarmos dentro em pouco edificados pelos seus sentimentos.

«Esta historia dos lusitanos não é, com effeito, composta senão de bravura, de heroismo, e de lealdade! Desde Viriato, o pastor indomavel, que conserva no susto, durante dez annos, o imperio romano, e só foi vencido pela traição e homicidio, depois d'esse glorioso soldado da independencia, que combatia duzentos annos antes da nossa era, até ao povo portuguez de hoje, que vem repellir tão orgulhosamente as ciladas de Albion, podemos dizer que a historia de Portugal é toda ella palpitante em cada pagina, de amor ardente da patria.

«No reinado dos Reis da casa de Borgonha, como sob os monarchas da casa

de Aviz, nos dias fuscos da dominação hespanhola, como na hora presente, sob o dominio da casa de Bragança, tem sempre dado exemplos de virtude a mais varonil; seu commercio e suas conquistas assombraram o mundo; Vasco da Gama, Albuquerque, Luiz de Camões, são heroes ou genios, que honram não sómente seu paiz, mas tambem a humanidade inteira.

«Grandes destinos commerciaes parecem reservados para este povo modesto, mas valente entre todos. Quer sacudir o jugo mortifero da Inglaterra; o futuro sorri-lhe; Africa reserva-lhe um campo vasto de actividade. É o momento preciso para bem mostrar aos commerciantes francezes todo o interesse que elles têem em se tornarem amigos d'esses orgulhosos latinos, e eis o que eu vou tentar conseguir nos capitulos seguintes.

*
* *

«Apesar da perda do Brazil, o commercio geral do reino é ainda superior a 460 milhões, o que não é, como vemos, quantia para desprezar. D'este numero total, 270 milhões representam a importação, e 190 milhões sómente a exportação, o que, evidentemente, é muito desairoso para o paiz, mas que se explica facilmente, se nos lembrarmos que, desde 1703, a Inglaterra impede qualquer producção, e todo o desenvolvimento em Portugal. As alfandegas, a venda de vinhos, e o que é muito mais perigoso, n'uma palavra, os emprestimos, são na realidade os unicos recursos do thesouro depois do nefasto tratado de Metween em 27 de dezembro de 1703, que entregou toda a importação d'este desgraçado paiz ás mãos rapinantes e egoistas dos inglezes. Ainda ha pouco citava eu numeros geraes de importação, tomados como media d'estes ultimos annos. Poderia desgraçadamente citar alguns dos mais tristes tanto para Portugal como para a França ao mesmo tempo. Foi assim que em 1888, por exemplo, a Inglaterra importou para Portugal mercadorias na importancia enorme de 104.856:138 francos.

«Taes dados são officiaes, fornecidos pela estatistica, e não temos que pôr em duvida a exactidão. Porém é conveniente fazermos notar mais uma vez que, se as cousas assim estão, a culpa é nossa, pois os portuguezes muito contra sua vontade se fornecem de objectos inglezes, e se não compram os nossos é unicamente porque os não conhecem, e porque nós não lh'os vamos offerecer. Se me podesse alongar n'este curto trabalho, poderia fornecer sobre um tal assumpto quadros bem instructivos, pois se elles patenteiam a lamentavel inferioridade da França em frente da Inglaterra, pelo contrario demonstra-nos que poderiamos facilmente substituir os inglezes nos tres quartos dos fornecimentos, dos quaes elles até hoje têem tido o monopolio. Desejam um exemplo? Em 1888 a Inglaterra levava para Portugal uns 2.162:700 francos em manteiga, e a França uns 675:005 francos. Não é, pois, uma vergonha?! É porque as manteigas da Normandia e da Bretanha não valem as margarinas inglezas, e é porque nossas costas não estão mais proximas de Portugal que as de Inglaterra?

«A Inglaterra entregava cerca de 1.462:583 francos de arroz, e a França uns 7:983 francos. Para que servem então nossas colonias?

«Os inglezes fabricam vidros e ceramica lastimosos, e d'elles remettiam para Portugal 10.743:241 francos, ao passo que nós expediamos 1.766:190 francos; os numeros succedem-se assim em todos os quadros. Com algumas raras excepções somos vencidos por inglezes e por allemães em productos industriaes, nos quaes

nós somos bem superiores. Na verdade, ao lermos taes estatisticas, julgâmos que estamos a sonhar.

«Toda a gente sabe que Portugal é um dos paizes do globo que mais bello clima possue, e a isto podemos acrescentar sem receio de sermos arguidos de exagerados, que tambem é um dos mais agradaveis. O paiz é de um aspecto pittoresco, e se a industria alli é morta virtualmente, desde 1703, pelo famoso e cynico ministro inglez em Lisboa, que entrelaçou seu nome no tratado que devia anniquillar Portugal durante cerca de dois annos, podemos acrescentar que a agricultura tem feito sensiveis progressos durante os ultimos annos, e que os francezes, ao contrario dos inglezes, fizeram quanto poderam para irem atraz d'esta renovação, e d'este despertamento economico.

«Para obter todos estes felizes resultados, e para os obtermos, para assim dizermos, no dia de ámanhã, basta uma só cousa: que se subtráhiam ao jugo mortal da Inglaterra. Hoje os portuguezes assim o querem resolutamente, tanto nos campos como nas cidades; eis porque acreditâmos no grande futuro d'este pequeno povo tão admiravelmente situado, e tão favorecido por todos os dons da natureza.

«E se eu não receiasse tomar com excesso tempo ao leitor, com numeros e com estatisticas muitas vezes fastidiosas, diria que, apesar de tudo, se muito resta para fazer em Portugal, no ponto de vista da agricultura, e do emprego da terra sob differentes fórmas, cumpre todavia reconhecer que muito se fez n'estes ultimos trinta annos.

GIAMBATTISTA (BIRAGO ——).

Historia della disunione del regno di Portogallo dal Corona di Castiglia. Con l' aggiunta di molti cose notabile del P. Fra Fer. Helveo. Amsterdam, 1647.

GIANNONE (PIERRE ——).— Jurisconsulte et avocat napolitain.

Histoire du Royaume de Naples, traduite de l'italien par ——. Avec de nouvelles notes, reflexions et médailles, fournies par l'auteur, et qui ne se trouvent point dans l'edition italienne. A la Haye, chez Pierre Gosse & Isaac Beauregard, 1742, fol. 4 vol.; 1.º, XXVIII–656 pag.; 2.º, VIII–755 pag.; 3.º, VIII–746 pag.; 4.º, VIII–684 pag.

N'esta obra tão celebre encontram-se noticias que interessam aos portuguezes. Vê-se o grande culto que o nosso Santo Antonio tinha no reino de Napoles, e a pag. 540 do 3.º vol., a brilhante recepção que o Rei d'este paiz fez ao imperador Frederico III e a sua esposa D. Leonor, filha do Rei de Portugal[1].

---

[1] O casamento de Frederico III e de D. Leonor, foi tratado em Napoles entre Affonso, seu tio, os embaixadores do Rei de Portugal, e Eneas Silvio Piccolomini, que veiu a ser Papa, com o nome de Pio II. Dentro de quarenta dias se ultimou este casamento, como refere *Gobelin* (lib. I, pag. 16). Quam rem diebus quadraginta tractatam, cum denique conclusissent coram Rege, Cardinale Morinensi Apostolico Legato, Clivensi, Calabriae, Suessae, Silesiaeque Ducibus, & magna Praelatorum, Comitumque multitudine, in Curia Novi Castri Neapolitani, Aeneas Sylvius de nobilitate virtuteque Contrahentium orationem habuit quae postmodum a multis transcripta est.—Nauclerc explica-se da mesma fórma, pag. 1076, etc.; Fugger, lib. V, cap. VII, e finalmente Eneas Silvio, *Hist. Frid.*, pag. 82, refere que Affonso recebeu esta Princeza em Napoles, e que durante a residencia que ella fez n'esta cidade, foi este casamento ajustado e consummado. Struvius, *Sintag. Hist. Germ. Diss*, §§ 22 e 30 diz a mesma cousa: Invitatus inde ab Alphonso Siciliae Rege cum Nova nupta, & reliquo Comitatu suo Neapolini venit, ubi matrimonium demum fuit consummatum.

De pag. 352 até 361 d'este 3.º vol., trata com alguma minuciosidade da expedição de Filippe II a Portugal, e cita alguns escriptores estrangeiros que trataram d'este mesmo assumpto, como De Thou, Bacon, Jacques Cujas, Summony, etc.

De pag. 484 até 489 descreve a revolução de Portugal: «Ce fut une chose véritablement étonnante, de voir une ville comme Lisbonne, grande, peuplée, et toute en mouvement, livrée en si peu de temps à elle même, et cependant au même instant se gouverner avec tant d'ordre et de tranquillité, que sans que personne fût chargé du commandement, au seul nom du nouveau Roi, chacun sans distinction d'état obéissait promptement.»

No capitulo I do livro XXXVIII, vemos que de Napoles foram mandados por mais de uma vez grandes soccorros aos hespanhoes para tornarem a submetter Portugal ao seu jugo. (Pag. 553 e 554.)

«Apesar da paz concluida com a França pelo tratado dos Pyrenéus, o Rei Filippe IV viveu sempre descontente, inquieto e agitado pelos desgostos; não podia elle dissimular a mortificação que lhe causavam as condições d'este tratado, tão onerosas para a Hespanha; de todas as reflexões, a mais dolorosa para elle, era a de ter sido obrigado a pôr nas mãos dos seus inimigos naturaes, pelo casamento da Infanta com o Rei Luiz XIV, o penhor mais precioso da sua casa; previa todos os inconvenientes que d'aqui resultariam, e que o decurso dos tempos manifestou. Dominado pela tristeza, e sempre prompto a derramar lagrimas, muitas vezes exclamava: «Que muitas vezes a França havia de insultar as desgraças da França!»

«Os resultados infelizes das expedições contra Portugal continuaram a alimentar os pesares de Filippe IV. Quanto mais o perigo se tornava imminente, tanto mais os portuguezes davam provas de coragem e de resolução. Depois de terem obtido varias victorias contra os castelhanos, fizeram uma nova alliança com o Rei de Inglaterra, por meio do casamento da irmã do Rei d'elles, Affonso, que tinha succedido ao Rei João, seu pae, á qual deram em dote sommas immensas, e a cidade de Tanger; emfim, aquelles povos dispozeram-se a defender-se com mais firmeza do que nunca contra os ataques da Hespanha. Tantas adversidades affligiram Filippe IV a ponto que, nos começos de setembro de 1665 caíu doente, e depois de alguns dias de febre violenta, morreu a 17 do mesmo mez.

GIATTINI.

Relatione della gran Monarchia della Cina del P. Alvaro Semedo dall' idioma portoghese tradotta in italiano. Roma, Ermano Scheo, 1643, in-4.º

GIATTINI (JOÃO ——).— Jesuita, natural de Palermo.

Cafres tragedia auctore P. Jo. Baptista Giattino Panormitano Soc. Jesu. Romae, heredes Corbelletti, 1651, in-8.º, 109 pag.

O assumpto é a morte do padre jesuita Gonçalves Silveira, mandado enterrar vivo pelo imperador dos cafres.

GIBBONS (MARIANNA ——) MARITANA.

«*Happy Days*»—*A Sommer Tour to the Azores and Lisbon. Described in a series of Letters written for the Times, Philadelphia, by* ——. Lancaster, Pa.: John A. Hiestand, Printer, 1880, 8.º, 41 pag.

É dedicada aos srs. Manuel Pedro Furtado de Almeida, das Flores, e Filigenio de Andrade Albuquerque Bettencourt, de S. Miguel.

GIBERT (EUGENE ——).—Secretaire de la société academique indo-chinoise, membre de la société de geographie de France.

Le mouvement économique en Portugal et le Vicomte de S. Januario. Paris, 1881. Imprimerie Chaix, 4.º de 14 pag. e com uma gravura em madeira representando o visconde de S. Januario.

«Este valente povo, diz Gibert, não tem senão *querer,* para continuar suas antigas tradições.»

GIBRARIO (LUIGI ——).

Ricordi d'una missione in Portogallo al Re Carlo Alberto. Torino, dalla stamparia reale, 1850, 8.º, de 374 pag.

GIEDROYC (LE PRINCE ROMUALD ——).

E. *Resumé de l'Histoire du Portugal au XIX siècle, par* ——. Paris, librairie d'Amyot, éditeur, 1875. 8.º gr., VIII–256 pag.

«Entre as monarchias constitucionaes do continente da Europa, aquella em que esta fórma de governo funcciona mais regularmente, é sem contradicção, mórmente nos derradeiros tempos, a monarchia portugueza.

«Portugal, vizinho da Hespanha, como a Belgica o é da França, nos dá o exemplo de um estado mais pequeno, porém tranquillo e livre, ao lado de uma potencia maior, porém muitas vezes inquieta e agitada.

«No emtanto este feliz estado de cousas não se operou sem terriveis luctas e fortes abalos. Não era o solo o unico que tremia em Lisboa, e muitas vezes não se soube porque, nem como, o povo se agitou igualmente. Não poderiamos achar o motivo d'essas fluctuações apaixonadas dos espiritos no estudo das commoções que affligiram outros paizes, e se quizessemos exemplos para provar que todas as nações não têem as mesmas necessidades nem as mesmas aspirações, a historia contemporanea de Portugal nos forneceria cem provas para uma d'estas verdadades; ser-nos-hia pois facil o estabelecer que na politica, assim como em muitas outras sciencias é difficil estabelecer regras e principios absolutos.

«O homem, disse Lemke, tende incessantemente, na esphera dos seus conhecimentos, para a descoberta de pontos de apoio immutaveis, para a formula de uma lei geral que estabeleça a ordem e a harmonia na sciencia da qual se occupa. Bastantes theoricos querem até mesmo achar doutrinas e formulas para a sciencia de governar seus similhantes, sem attenção a todas as considerações da civilisação, até mesmo de temperamento e de clima, que modificam até ao infinito a applicação d'essas leis, muitas vezes justas em si mesmo.

«Estabelecei, portanto o *Habeas corpus* na Calabria, o *self government* no Zanzibar, a instrucção obrigatoria nas altas serranias da Suissa e do Tyrol, a liberdade illimitada da imprensa na França, o direito de reunião na Polonia, vereis que triste pratica haveis de ter de theorias abstractamente excellentes.

«Cumpre que cada paiz tenha suas leis proprias, seu governo particular adaptado a suas necessidades e a suas tradições; a generalisação dos principios póde muitas vezes ser mui perigosa, e com effeito, para voltarmos ao paiz do

qual nos vamos occupar, a ordem franceza das cousas, seria, por exemplo, muitas vezes inapplicavel em Portugal, não que n'este paiz, assim como na França, e em todos os outros, não haja partidos, sómente esses partidos são outra cousa e querem cousa differente do que pretendem em outra parte.

«O paiz é francamente, resolutamente realista; os dois ultimos monarchas rigorosamente constitucionaes e liberaes. Toda a gente segue este movimento que tem os soberanos á sua frente, e é n'esta unidade geral, fim e acção, que é mister procurar os matizes de cartistas ou conservadores, de conservadores progressistas, de progressistas simples e de progressistas avançados.

«Existem ainda dois ou tres jornaes e dois ou tres amigos fieis aos filhos de D. Miguel, mas essas raras excepções podem contar-se, e nenhum perigo serio offerecem ao governo. Embora tenham occorrido certos movimentos no tempo dos matizes socialistas, os poucos adherentes que as idéas extremas contam não bastam para formarem um partido.

«A antipathia profunda inspirada pela idéa da união iberica é uma egide contra uma tal pretensão. As grandes unidades nacionaes conduzem directamente para as idéas republicanas. Na sua obra notavel ácerca da dictadura, diz com rasão M. Georges Lachaud: «A unidade da França produziu a revolução de 1789. Se os Estados Geraes houvessem trazido para a reunião d'elles todas as antigas rivalidades de provincias, teriam passado o tempo destruindo as prerogativas do norte em proveito do sul, ou as do meio dia em proveito do norte; e o Rei, a nobreza, o clero, teriam feito rasgar os cadernos de queixumes de Auvergne pelos homens de Bretanha, e os da Alsacia pelos da Gasconha.

«Emquanto as rivalidades entre portuguezes e hespanhoes existirem em cada um dos dois paizes, a monarchia não será discutida.

«Em summa, a opposição em Portugal, qualquer que ella fosse, tem sempre conservado sentimentos sympathicos á familia real; mesmo então vimos o raro exemplo de uma revolta feita, não contra o soberano, mas por causa do amor que lhe tinham. Os irreconciliaveis são felizmente desconhecidos n'aquelle paiz.

«Propomo-nos a narrar por alto aqui, os factos principaes que se passaram em Portugal desde o começo do seculo. Como é difficil improvisar a historia, vimo-nos muitas vezes obrigados a recorrer aos que nos precederam n'este caminho. A unica pretensão que temos n'esta obra de compilador, ás vezes excessivamente servil, é a de reunir alguns factos, e principalmente alguns documentos até agora espalhados, e os quaes tencionamos publicar em seguida a este trabalho, facilitando d'este modo o estudo da historia d'este paiz, tão cheia de peripecias e tão fecunda em grandes ensinos.

«Veremos n'ella um povo passar gradualmente do despotismo o mais absoluto, para o governo parlamentar o mais puro. Depois da reacção triumphante no tempo de D. Maria I, reconheceremos em seu filho D. João, um grande espirito de conciliação, de moderação, ensaios sinceros de liberalismo, que a pratica provava serem prematuros; veremos a luminosa figura do imperador D. Pedro illuminando os dois mundos, querendo o bem, derramando-o talvez com excessiva profusão, e descendo cedo de mais para o tumulo com uma gloria e fama immensas.

«Depois, ao lado d'elle, sua irmã, a Infanta D. Izabel Maria, tão strictamente constitucional durante a sua regencia. As mulheres comprehendem tão raramente o poder ponderado, leva-as de tal maneira, quer para a escravidão, quer para o

dominio absoluto, que se torna indispensavel agradecer infinitamente á Infanta, por ter sido a primeira na Europa, pois governou antes da Rainha Victoria, que soube vergar-se a um regimen novo, e sem se atordoar excessivamente com o poder, nem sem o deixar caír de suas mãos, por ter applicado os preceitos de uma fórma de governo, que funcciona na actualidade com tão grande prosperidade. Veremos depois de novo o triumpho do absolutismo com D. Miguel, sendo sua usurpação por um instante victoriosa, e depois vencida pela valente espada de seu irmão; depois, a Rainha D. Maria II, boa, e tantas vezes obrigada a esconder-se; liberal, e tantas vezes obrigada á repressão. Finalmente, a regencia de D. Fernando, seu marido, um sobrinho emquanto aos seus actos, um discipulo do sabio e justo Leopoldo, dissipando todas as prevenções, e conquistando a estima universal á força de rectidão e de generosidade. Finalmente, percorreremos os reinados dos dois irmãos tão amados, e tão dignos de serem amados. Veremos a desgraça irreparavel que teria causado a morte de um, se o outro não houvesse continuado do mesmo modo a sua obra com mais felicidade, pois se acha rodeado de maiores sympathias ainda, se é possivel. Vel-os-hemos fazendo da ventura do seu povo um estudo constante e aprofundado, applicando-se á pontual observação do pacto fundamental da monarchia. Procuraremos enumerar os brilhantes resultados, os quaes coroaram tão nobres esforços.»

Deve-se notar que os nomes proprios n'esta obra se acham estropiadissimos. O trabalho é apreciavel, mas encontram-se n'elles bastantes inexactidões, o que é desculpavel n'um estrangeiro. Diz-nos que D. Pedro foi creador da independencia do Brazil. Não sei se uma tal asserção se poderá sustentar á luz dos factos.

GIL (DR. D. MANUEL ALCAYDE Y ——).

Discurso politico-moral, que en la sublime accion de gracias que celebró el clero eclesiastico Castrense, del departamento de Cartagena de Levante el dia 10 de noviembre del presente año 1816, por los enlaces venturosos de nuestro muy amado soberano el Señor D. Fernando VII y de S. A. R. su Señor Hermano el Serenisimo Señor Infante Carlos con nuestra Soberana Reyna la Señora D. Maria Francisca de Assis. En Cartagena, por Puchol, 4.º de 24 pag.

GINER (FRANCISCO ——).

Escreveu uma descripção curiosa ácerca da nossa villa de Obidos, publicada em o n.º 132 do jornal hespanhol *La Democracia.* (1880).

GINNARO (BERNARDINO ——).— Jesuita, napolitano. Morreu na casa professa de Napoles, em 1644.

E. *Saverio Orientale ó vero Istorie de' Cristiani illustre dell' Oriente li quali nelle parti Orientali sono stati chiari per virtù e pietà cristiana, dall' Anno 1542, quando S. Francesco Saverio Apostolo dell' Indie, e con esso i Religiosi della Compagnia di Giesù penetrarono á quelle parti sino all' Anno 1600. Raccolte dalle Lettere scritte in Europa da medesimi Religiosi, i quali si sono icci affaticati nella conversione de' gentili, e da altri Autori. Dal R. P. Bernardino Ginnaro Napolitano, della Compagnia di Giesù. Tomo I del Giappone, e de' Cristiani illustri di quei Regni. Parte prima. Dello stato temporale del Giappone.* In Napoli, per Francesco Savio, 1641, in-fol., pag. 320. Parte Seconda. *De' Religiosi della Compagnia di Giesù, chiari per virtù, nel Giappone,* pag. 382. Parte terza. *Dei*

Fedeli di christiana pietà illustri nel Giappone, pag. 300, afóra a Epistola dedicatoria, etc.[1]

Xaverium Orientalem, id est, res praeclaras pro fide Catholica inde usque ab illius gentis libris XVI. Neapoli, apud Franciscum Savium, 1641, in-4.º[2]

GIOTTI (COSINO ——) FIORENTINO.

Ines de Castro. Dramma per musica. Firenza, 1793. Musica de Gaetano Andrersi.

GIOVANNI ANDREAS.

Juizo sobre *Os Luziadas:*

«L' ardita impresa de' Portoghesi di superare il Copo di Buona Speranza, di scoprire l' Indie Orientali, fondarvi colonie e stabilirvi il commercio e la religione, è il vasto argomento della Lusiade del Camões, superiore certamente à viaggi di Ulisse, e al puntiglio d'Achille, ed alle strette navigazioni e alle piccole guerre d'Enea. La novità delle finzioni, la varietà degli accidenti, la belleza e la verità delle descrizioni, ed alcuni tratti sorprendenti, ed affatto singolari, e più di tutto la grazia, l'eleganza, la nobilità, e la forza dello stile sublime senza gonfiezza e colto senza affettazzione, fanno gustare a tutte le dotte nazione il portoghese poema, e lo fanno vivere in tutti i secoli.»

GIOVINAZZI, ou **JUVENATIUS,** em latim.—Vito Maria, natural de Castellanetta na Apulha, onde nasceu em 1727, entrou na companhia de Jesus em 1742. Ensinou litteratura e poesia grega em Napoles. Morreu em Roma no anno de 1805. O padre Giovinazzi tornou-se celebre pelo seu vasto e profundo conhecimento dos auctores latinos, pela sua assombrosa erudição, e por sua grande pericia no estylo lapidar.

E. *In funus Petri III, Lusitaniae Regis Fidelissimi Oratio.* Romae, 1786, apud Aloysum Perego Salvioni. Fol.[3]

Foi dada á luz em nome de Jeronymo Altieri, que a recitou perante Pio VI.

GIRANDEAU (ADRIEN ——).

E. *D. Juan ou Lisbonne sauvée. Tragedie.* Paris, 1830.

GIRARD (ANTOINE ——).—Jesuita, francez.

Abregé de la Vie de Saint François Xavier, et ses nouveaux miracles. Paris, François Muguet, 1662, in-8.º

La vie et les miracles de Saint François Xavier, Apôtre des Indes, de la Compagnie de Jesus, recueillis par le Père Antoine Girard, de la même Compagnie; revus et mis en meilleur ordre. A Bruxelles, chez le Charlier, 1806, in-8.º, IX–305 pag.

GIRARDI (FELIX ——).—Natural de Nola. Entrou para a religião com 15 annos de idade, em 1615. Morreu em Napoles no anno de 1665.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. IV, pag. 274.

[2] Alegambe, *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu,* pag. 114.

[3] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. IV, pag. 275.

E. *S. Francesco Saverio vivo ritratto di S. Paolo, opera del P. Felice Girardi, della Compagnia di Gesù. All Illustrissimi e Eccelentissimi Signore Nicolo Giudice Principe di Cellamare Cavaliere dell' Ordine di S. Giacomo, Consegliere di Stato e Corriero Maggiore nel Regno di Napoli, ec.* In Napoli, appresso Giacinto Passero, 1661, in-12.

GIRAUD (CHARLES ——).

Publicou-se no mez de abril de 1877, no *Journal des Sçavants,* uma parte do relatorio dirigido por Augusto Soromenho ao ministro do reino em Portugal, acompanhado do texto do celebre bronze romano encontrado na mina de Aljustrel.

V. Flach.

GLAZ.— Jesuita, bohemio.

E. *Vida de S. Francisco Xavier.* Praga, 1714. Em allemão.

GLOSSARIA *linguarum brasiliensium.* Erlanger, 1863.

GLOVA *i serce S. J. Ignacy z Loyoli y B. Stanislaw Kostka, Nieba y Zieme kochanie, trzema panegyrikami koscielnemi wslawieni. Pierwsza mial niegdys Ludwi Kardynal Ludowiszyusz, S. R. K. Podkanclerzy, Arcybiskup bononski, na poswieceniu Kaplicy, która przy kosciele swym metropolitanym wyslawil. Drugauczynil w kosciele nowicyackim S. Andrzeja Xiadz Jan Oliva, General S. J. Trzecia tamze miano przez X. Antoniego Wieyre S. J. Majestatow luztanskich Kaznodzieja a potem Apostolskiego w Indyach zachodnich robotnika: z wloskiego na lacinskie przetlumaczone, pierwsze od X. Marka Garsoniusza, Provincyala Parmenskiego, dwa poslednie od X. Jana Boschyusza, obu S. J. teraz polskim jezykiem do druku podane R. P. 1703.* Wilnr, typ. akad. S. J. In-fol. 25 pag.

GOBIEN (P. CHARLES LE ——).— Da companhia de Jesus.

Histoire de l'edit de l'Empereur de la Chine, en faveur de la Religion Chretienne, avec un éclaircissiment sur les honneurs que les Chinois ont fait à Confucius, et aux morts. Par ——. Paris, 1698, chez Jean Anisson, rue de La Harpe.

N'esta obra falla-se de um jesuita portuguez, por nome Pereira, que figurou n'esta perseguição.

GOERGEI (CHRISTOVÃO ——).— Jesuita, hungaro.

E. *Decenna Magni Indiarum Philosophi, seu Theses Xaverianae.* Claudiopoli, 1718.

GOGEISL (ANTONIO ——).— Jesuita, allemão[1].

E. *Brief R. P. Antonii Gogeisl, der Gesell-schaft Jesu Missionnarii in China, aus der Ober-Teutschen Provinz, an R. P. Henricum Hiss, derselben Gesellschaft und Provinz, geschrieben zu Peking, dem 28 November 1746. Inhalt. Anzahl der in China sich dermalen befindenden Missionarien. Zwey berühmte Männer, P. Ca-*

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 185.

rolus Rosende, und P. Ignatius Kögler segnen dieses Zeitliche. Ihre kurze Lebens-Verfassung P. Augustinus Hallerstein wird Praeses des Mathematischen Hof-Gerichts. Seine-Mitwerber un diese Stell. Fruchten, von denen Missionarien heuer gesammlet. Eifer der Neuglaubigen. Seltsane Leibs-Gestalt eines Hinds, und dessen Tauf. Die Bruderschaft von der Zubereitung zum guten Tod wird in China ein-geführet. Ihr Eifer in Fortplanzung der Christen-Lehr. Siege zweyer Christlichen Heldinnen fur ihre Reinigkeit. Einer deren Buhler wird von Gott gestraffet. Einige heidnische Mandarinen seynd denen Christen gunstig: Andere verfolgen selbe. Falscher Ruff von der Freundlichkeit der Chineser gegen die Europäer. Christen werden als Kindr-Mörder angeklagt. Ein Christlicher Chineser weigert sich dem Abgott Fo Dienst zu leinsten, wird deswegen, samt anderen mehr, verfolget. Ihr Abfall von dem Glauben, und folgende Bev. Beständigkeit der Christen zu Cao-chim-hieu. Ein Missionarius wird gefangen und hart gehatten. Auch ein Priester aus dem Orden desheiligen Dominici. Die Europäer werden als Aufruhrer angesehen und uberall aufgesuchet. Kayserlicher Befehl wider das Christenthum wird durch das Reich verkundet. Uble aus selbem zu beförchtende Folgen Hass einiger Grossen des Reichs wider die zu Peking, wohnende Europäer P. de Rocha wird bey dem Kayser angeklaget, und zwar von aller Straf losgesprochen. Aber das Christliche Gesatz wird vom neuen verbotten aufzuheben. Zwey vom Kaiser zu unseren Schutz bestimmte Minister nehmen sich unserer Sach nicht an Offeutliche Glaubens-Bekanntnuss zweyer Christen vor Gericht.

Vem na obra *Neue-Weltbolt,* do P. Stocklein, tomo xxxv, n.º 688, pag. 1 a 24.

GOLDONI.

Ver o seu theatro, onde ha muitas peças feitas expressamente para serem representadas em Portugal.

GOLDSCHMIDT (LE DR. J.).

Madère étudiée comme station d'hiver. Paris, 1880, 8.º

GOLDSMITH (LEWIS ——).

An exposition of the conduct of France towards America. Illustrated by Cases decided in the Council of Prizes in Pairs. London, 1810, 1 vol., IV-133 pag.

GOMEZ (MADELEINE ANGÉLIQUE POISSON ——). — Escriptora franceza, natural de Paris, onde nasceu em 1684, e fallecida em 1770[1]. Compoz romances e varias outras obras, entre as quaes:

Les Journées amusantes. Paris, 1723 e 1724, 8 vol. Ibid., 1728. Londres (La Haye), 1754. Amsterdam (Rouen), 1758, 8 vol., in-12, com estampas.

Tambem tenho visto volumes em cujo rosto se lê: Amsterdam, 1770. Ibid., 1772.

Suas *Jornadas divertidas,* e suas *Cem novellas novas* são ainda lidas, apesar da uniformidade das aventuras, e da monotonia do estylo. As *Jornadas divertidas* são, dos seus escriptos, aquelles que lhe têem grangeado mais reputação; é uma collecção de historietas, contidas sob um plano geral, á imitação da *Rainha de*

---

[1] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. XXI, pag. 162.

Navarra ou da *Viagem ao campo,* de madame Murat. Não apresenta porém, este plano nada de novo. Algumas pessoas enfadadas com o tumulto da cidade, combinam em ir encerrar-se por alguns dias n'uma casa campestre, para alli contarem historias, ou discorrerem ácerca de alguns assumptos de galanteria. São essas dissertações e essas historias que compõem os oito volumes das *Jornadas divertidas.* Consideraram sempre esta collecção, bem como as *Cem novellas novas,* como as duas melhores producções de madame Gomez. A maioria das suas *novellas* são escriptas com gosto e bem intrigadas, as surprezas bem encaminhadas, e as paixões seguem o seu curso natural.

Ás vezes a acção do romance passa-se em Portugal, e o nome dos actores ou heroes tambem são portuguezes, como, por exemplo: vol. VIII, de pag. 77 a 207, a *Historia de Dona Elvira de Zuarés,* cuja acção começa no reinado de D. Sebastião e acaba no de Filippe I.

Madame de Crementine, reine de Sanga, histoire indienne. (Scènes de la conquête des Indes par les portugais.) 2 vols. avec gravures par Scotin, d'après Bonnart. 12. Paris, 1727.

GOMES (PEDRO ——).—Natural de Antequera, na diocese de Sevilha. Entrou para a companhia de Jesus em Portugal, em 1553, com dezoito annos de idade. Depois de ter professado philosophia e theologia, foi mandado para as missões do Japão no anno de 1579. Era provincial em 1590, quando o imperador Tricosama perseguiu cruelmente os christãos[1]; o padre Gomes os animou á constancia com seus discursos e com os livros em japonez que lhes distribuiu. Falleceu no anno de 1600.

E. *Lettera annua del Giapone dal Marzo del* MDXCIII *sino al Marzo del* XCIV, *al dio R. in Christo P. N. il P. Claudio Aquaviva Preposito Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta dal P. Gio. Battista Peruschi Romano, della medesima Compagnia.* In Roma, appresso Luigi Zannetti, 1597, in-8.º, 141 pag. Datada de Nangasachi aos 15 de março de 1594. Assignado Pietro Gomes.

Lettera annua dal Marzo del MDXCIII *sino al Marzo del* XCIV. *Al molto R. in Christo P. N. il P. Claudio Aquaviva Preposito Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta dal P. Gio. Battista Peruschi Romano, della medesima Compagnia. Con licenza de' Superiori.* In Milano, nella Boteglia del quon. Pacifico Pontio, Impressore Archiepiscopale, 1597, in-8.º, 120 pag., datada de Nangasachi, 15 de março de 1594.

GOMRON ou **BENDER ABASSI.**

É um bom porto, onde os inglezes têem arruinado todo o commercio que os portuguezes faziam em Ormûz.

Vide Mr. François, *Methodo geographico facil,* Paris, á custa de Pedro Gendron, pag. 278.

«Daman y Diu pertenece á los portugueses, y Bombay á los ingleses. Cuyas dos naciones pratican un imenso comercio, y tiran considerables sumas de dinero de las mercancías que extrahen.» (Pag. 284.)

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. IV, pag 280.

«Goa é uma cidade forte, rica, e de muito commercio, ainda que está mal povoada, e é absolutamente a melhor de quantas têem os portuguezes nas Indias Orientaes, onde sempre reside um vice-rei. Albuquerque a tomou para o Rei de Portugal no anno de 1510.»

GONZAGA.

Maria de Dirceo. Torino, stamperia sociale.

O editor exclama: «Così oltre il Camões abbiamo in italiano anche il Gonzaga.»

GONZALEZ (FR. FRANCISCO (XAVIER ——).

E. *Reflexiones critico-theologicas sobre la respuesta á la Carta del Ilustrisimo y Sapientisimo Señor D. Fr. Miguel de S. Joseph, Obispo de Guādix y Baza. Juicio reflexo sobre la verdadera causa del terremoto, fundado en las Santas Escrituras, Padres Expositores, Gentiles y la Razon* Sevilla, 4.º, 44 pag. sem numeração e 142 numeradas. Sem data.

GONZALEZ (DON TOMAS ——).— Academico correspondiente, canonigo de la Santa Iglesia de Plasencia, y auditor supernumerario del tribunal de la Rota.

Apuntamientos para la Historia del Rey Don Felipe II de España, por lo tocante a sus relaciones con la Reina Isabel de Inglaterra desde el año 1558 hasta el de 1576. Formados con presencia de la correspondencia diplomatica original de dicha epoca, por ——.

No vol. VII das *Memorias de la Academia Real de Historia de Madrid.*

GONZALEZ.—Escriptor hespanhol.

Leu em maio de 1883, perante a Academia de Historia em Madrid, uma *Memoria sobre a batalha de Alcacer-Kibir, e morte de El-Rei D. Sebastião, baseada em escriptos arabes e rabinicos.*

GORAN (BJORKMAN ——).

Conceito que na Suecia fizeram da litteratura portugueza.

«O jornal *Veckan,* de Stockolmo, publicou recentemente um artigo do illustre escriptor sueco Bjorkman Goran, ácerca da moderna e modernissima litteratura portugueza, citando com palavras de louvor Anthero do Quental, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Camillo Castello Branco, Eugenio de Castro e Oliveira Soares.

GORANNI. V. MONNIER (MARC ——).

GOUJET.

Histoire des Inquisitions, ou l'on rapporte l'origine et le progrès de ce tribunal, leurs variations et la forme de leur Jurisdiction (en Espagne, au Portugal, et aux Indes Orientales). Cologne, 1769.

GOURLAY (WILLIAM ——).— Medico na ilha da Madeira.

E. *Relação das aguas mineraes da ilha portugueza de S. Miguel, impressa*

na Decada II dos Commentarios Medicos de Edimburgh, tomo XVI, pag. 232, not. II, art. I[1].

GOUSSARD (CH.).

Publicou no *Moniteur universel de l'Empire Français,* 1 de outubro de 1858, um artigo interessante ácerca do *Projecto de credito predial,* por Silva Ferrão. Reproduzido no *Moniteur Belge,* de 14 de outubro.

GOUVEA (ANTONIO DE ——).—Bispo de Sirene.

Historia de la vida, muerte y milagros del glorioso Patriarca San Juan de Dios, Fundador de la Orden de la Hospitalidad, compuesto por Don ——. Impresso em Cadiz, 1647.

Foi esta obra vertida para portuguez, impressa em Lisboa, sendo precedida de varias poesias, e entre ellas uma de Lopo Felix de Carpo.

GOUZ (SIEUR DE LA BOULLAYE LE ——).

Les voyages et observations du sieur de ——, où sont décrites les religions, gouvernements et situations des états et royaumes d'Italie, Grèce, Natolie, Syrie, Palestine, Karamenie, Kaldée, Assyrie, Gran-Mogol, Beijapour, Indes orientales des portugais, Arabie, Egypte, Hollande, Grande-Bretagne, Irlande, Danemark, Pologne, isles et autres lieux d'Europe, Asie et Afrique où il a séjourné. Paris, Clousier, 1653. (De 1643 a 1649.)

GOVERNADOR SURIANO DE CRANGANOR.

Escreveu um livro em lingua malabar, a respeito do que observou em Lisboa. Deram noticia da existencia d'esta obra a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, quando em 1863 foi visitar a egreja portugueza de Ollur (India)[2]:

GOYRY (D. NICOLAS DE ——).

E. *Estudio critico-analitico sobre las versiones españolas de los Lusiadas.* Lisboa, 1880, in-8.º

GRABHAM (MICHAEL C. ——).—M. D. F. R. S. G. Member of the Royal College of physicians of London, etc.

E. *The climate and ressources of Madeira, as regarding chiefly the necessities of consumption and the welfare of invalids.* London, John Churchill and Sons, 1870, 8.º de XVI-203 pag., com uma estampa e um mappa.

GRACIAN (LORENZO ——).—Escriptor celebre, hespanhol, nascido em Calatayud, em 1584, e fallecido em 1658 em Tarragona. A *Agudeza y Arte de Ingenio,* por este auctor, apresenta um systema de pratica e de rhetorica, segundo as idéas de Gongora[3].

---

[1] Dá noticia sobre este trabalho o *Instituto,* setembro de 1874, pag. 223, Coimbra.

[2] *Instituto Vasco da Gama,* vol. II, pag. 180.

[3] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. XXI, pag. 570.

Agudeza y Arte de Ingenio. En que se explican todos los modos y diferencias de concetos, con exemplares escogidos de todo lo mas bien dicho, assi sacro, como humano. Por ——. Aumentala el mismo Autor e nesta tercera impression, con un tratado de los estilos, su propiedad, ideas del bien hablar, con el arte de erudicion, y modo de aplicarla, crisis de los Autores y noticias de libros. Ilustrala el Doctor Don Manuel de Salinas y Licana, Canonigo de la Catedral de Huesca, con sazonadas traducciones de los Epigramas de Marcial. Publicala Don Vincencio Juan de Lastonosa, Cavallero y Ciudadano de Huesca, en el Reyno de Aragon. Coronala con su nobilisima proteccion, el Excelentissimo Señor Don Antonio Ximenez de Urrea, Conde de Aranda & Grande de España. Con licencia. Impresso en Huesca, por Juan Nogues, al Coso. Año de MDCXLIX, 4.º, 376 pag.

Graciano confirma muitas vezes os preceitos que estabelece, com os exemplos de Camões, e isto mesmo confessa no prologo: «Tomé los exemplos de la lengua en que los hallé, que si la Latina blasona al relevante Floro, tãbien la Italiana al valiente Taso, la Española al Gongora, y la Portuguesa al afectuoso Camões.»

Discurso IV.— Da primeira especie de conceitos, por correspondencia e proporção, apresenta para exemplo aquelle tão conhecido soneto de Camões:

Alma minha gentil, que te partiste, etc.

Discurso V.— Da agudeza de desproporção e dissonancia, traz est'outro:

Aquella que de pura castidade,
de si mesma tomou cruel vingança;
por uma breve e subita mudança
contraria a sua honra e qualidade.

Venceu á formosura, á honestidade,
venceu no fim da vida á esperança,
porque ficasse viva tal lembrança,
tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente, e do mundo esquecida,
feriu com duro ferro o brando peito,
banhado em sangue á força do tyranno.

Estranha ousadia, estranho feito!
que dando morte breve ao corpo humano,
tenha na memoria larga vida.

Discurso VI.— Da agudeza por ponderação mysteriosa, offerece este tambem do nosso poeta:

Como fizeste, Porcia, uma tal ferida?
foi voluntaria, ou foi por innocencia?
mas foi fazer amor experiencia
se podia soffrer tirar-me a vida.

E com teu proprio sangue te convida
A não pôres á vida resistencia?
Ando-me acostumando á paciencia,
Porque o temor á morte não impida.

Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te acostumas? porque ordena
amor, que morra, e pene juntamente.

E tem a dôr do ferro por pequena?
Si, que a dôr costumada não se sente,
Eu não quero a morte sem a pena.

A este soneto, chama Gracian: «bem digno do conceituoso Camões».

Discurso XXII.—Das ponderações judiciosas, criticas e sentenciosas, por exageração:

«Assim como o engenho nos grandes objectos não se satisfaz, senão com um relevante encarecimento, assim na vontade costuma ser tão grande a intenção do affecto, que se não satisfaz com menos do que com uma exagerada ponderação. Teve eminencia n'ellas o immortal Camões, mas este foi o alvo dos seus applausos: é um soneto a Jacob, tanto mais enamorado, quanto enganado:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vel-a;
Porém o pae, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor, que com enganos
Lhe fôra assim negada a sua pastora,
Como se não tivera merecida.

Começa de servir outros sete annos
Dizendo: *mais servira, se não fôra*
Para tão longo amor, tão curta vida.

Foi extremado em taes encarecimentos este grande poeta; na primeira estancia de sua primeira canção, disse: (Pag. 143.)

De meu não quero mais que meu desejo,
nem mais de vós, que ver tão lindo gesto,
alli me manifesto

por vosso ao céu, ao mundo, alli me inflammo:
nas lagrimas que choro
é de mim, que vos amo,
em ver que soube amar-vos me namoro,
e fico por mim, se perdido de arte,
que eu hei ciumes de mim, por vossa parte.[1]

Discurso XXIV.—Dos conceitos por uma proposta extravagante.

A este genero de conceitos deram os nossos antigos hespanhoes a palma da subtileza, e com este modo de subtileza costuma concluir e aperfeiçoar o grande e sublime Camões seus sonetos, taes como este:

Assi que a vida, e alma e esperança,
e tudo quanto tenho, tudo é vosso,
e o proveito d'isto eu só o levo;

Porque é tamanha bemaventurança,
o dar-vos quanto tenho e quanto posso,
que quanto mais os pago, mais os devo.

Discurso XXXIV.—Dos conceitos por accommodação, de verso antigo, e de algum texto ou auctoridade[2]. (Pag. 229.)

Estando em Lisboa a prégar da Paixão um grande orador jesuita, e estando já no meio do sermão, entrou a Rainha, a qual lhe mandou recado para que tornasse a principiar. O padre obedeceu, e começou por este celebre verso de Virgilio:

Infandum Regina jubes renovare dolorem.

---

[1] A pag. 155 traz tambem Gracian este conceito do portuguez Diogo Brandão:

Pois tanto gosto levaes
con minha morte subida
pera me matardes mais,
me deves dar esta vida.

[2] A pag. 196 falla-se do seguinte epigramma do antigo Silvestre, engenhoso portuguez, transplantado para Granada:

Que lexos está un necio de entenderse
que cerca un majadero de enojarse
que pesado es un torpe en atajarse,
y que liviano un simples de correrse!
El uno es impossible conocerse,
el otro no ay querer desegañarse,
y así no puede el necio adelgaçarse,
que todo es para mas entorpecerse.
Alfin se han de tratar con presuppuesto,
que son en defender su desatino
mas çaños, y mas tiesos que un villano.
Mas se el mas sabio dellos es un cesto,
y no ay poder mettellos en camino,
dexarlos por quien son es lo mas sano.

Discurso XXXV.—Tratando dos conceitos por ficção, traz, para exemplo, este soneto do nosso poeta:

N'um jardim adornado de verdura,
a que esmaltam por cima varias flores,
entrou um dia a deusa dos amores
com a deusa da caça e da espessura, etc., etc.

N'este mesmo discurso apresenta o remate de um outro, para mostrar a maneira como alguns se devem concluir:

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
que não é de estranhar, dama excellente,
que quem vos fez, fizesse céu e estrellas.

Discurso XXXVII.—Das diversas maneiras de argumentos conceituosos, estabelecendo a regra de que a contrariedade é um grande fundamento de toda a subtileza, apresenta ainda para exemplo o final de um outro soneto do nosso poeta:

Porque poco aprovecha, linda dama,
que sembraste el amor en 'vos amores,
se vuestra condicion produce abrojos.

Ab adjunctis, isto é, das circumstancias: é um modo de argumentar mui justo; sirva de exemplo este grande conceito de Camões, no qual dos adjacentes tira a engenhosa consequencia:

Mi corazon me han robado,
y amor viendo mis enojos,
me dixo: fuete llevado,
por los mas hermosos ojos,
que desque vivo he mirado.

Gracias soberanas tales
te los tienen en prision;
y si amor tiene razon,
señora, por las señales,
vos teneis mi corazon.

Das causas para os effeitos, e ao contrario se toma engenhosamente o argumento, e se fórma a primeira correspondencia. O sempre agudo Camões diz:

Apartavase Nisi de Montano
en cuja alma partindose ficava
que o Pastor na memoria dibuxava
por poder sustentarse d'este engano.

Pelas praias do Indico Oceano
sobre o curvo caijado sencostava,
e os olhos pelas aguas alongava,
que pouco se doía o de seu dano.

Pois com tamanha magua e saudade
(dizia), quis deixarme ai! que eu moro,
por testemunhas tomo o céu e estrellas

Mas se em vos ondas moras piedade,
levai tambem lagrimas que choro
Pois assi me levais a causa d'ellas.

Discurso XLII.—Da agudeza por contradicção, e repugnancia nos affectos, e sentimentos do animo, traz, para exemplo, um soneto do nosso George de Montemór: (Pag. 272.)

Porque te escondes de mi,
pues conoces claramente,
que estoy quando estoi presente
muy mas ausente de ti.

Quanto a mi por suspenderme
estando donde tu estés
quanto a ti porque me vés,
y estás mu lexos de verme.

A pag. 278 est'outro do mesmo auctor:

En ese claro sol, que resplandece,
en esa perfeccion sobre natura,
en essa alma gentil, esa figura,
que alegra nuestra edad, y la enriquece.

Ay luz que ciega, rostro que enmudece
pequeña piedad, gran hermosura,
palabras blandas, condicion muy dura,
mirar que alegra, y vista que entristece.

Por eso, estoy, Pastora, retirado,
por eso temo verlo que deseo,
por eso paso el tiempo en contenplarte.

Estraño caso, efecto no pensado!
que vea el mayor bien quando te veo,
y tema el mayor mal yendo a mirarte!

Outro ainda do mesmo Jorge de Montemór: (Pag. 284.)

Bolved, señora, los ojos,
que en el mundo no hay su par,
mas no los bolvais ayrados
sino me quereis matar,
aunque de una y otra suerte
matais con solo mirar.

Do mesmo: (Pag. 225.)

No quiero decir zelosa,
que desto la desegaña,
tenerse por tan hermosa.

Discurso XLIV.—Das suspensões, duvidas e reflexões conceituosas, vem este de Camões, no qual mostra extremada contradição e encarecimento:

Saetas trae en los ojos, con que tira,
ó Pastores huid, que a todos mata,
sino a mi, que de matarme vivo.

E finalmente com o nome de Camões termina o seu notavel trabalho, dizendo:

«Asi el celebrado Camoens imita, que no roba al gran Virgilio en su *Lusiada*, describiendo la morte de Doña Ines de Castro.»

GRAFF (JACQUES ——).—Jesuita, allemão, enviado ás missões da Cochinchina em 1734.

E. *Auszug zweyer Brieffen R. P. Jacobi Graff, S. J. Missionarii in Cochinchina, aus der Unter-Reinischen Provinz, an R. P. Philippum Sibin, derselben, geschrieben zu Sinoa, dem 6 Julii 1743, und dem 9 Augusti 1746. Inhalt. P. Graff leidet Schiffwird in Cochinchina ausgeworffen. Seine Arbeiten allda, und einige seltsame Begebenheiten, die sich mit Christen und Heiden zugetragen.*

Vem no *Neue-Weltbott*, do P. Stöcklein, tomo XXXVI, n.º 712, pag. 83 a 86[1].

GRAFF (GABRIEL).—Jesuita, austriaco.

E. *Panegyris D. Francisco Xaverio, adornata.* Tyrnaviae, 1722, in-12[2].

GRAINDORGE (J.).—Docteur spécial en sciences physico-mathématiques, répétiteur à l'école des mines de Liège, membre de la société royale des sciences de Liège, etc.

E. *L'Observatoire de l'Infant Don Luiz à Lisbonne, par* ——. Bruxelles, imprimerie et lithographie de E. Guyot, rue de Pacheco, 12. 1873, 8.º, 12 pag.

O auctor faz elogios ao nosso observatorio.

GRAMMAIRE PORTUGAISE. Paris, 1854.

GRAMMAIRE PORTUGAISE *ou méthode abrégé pour faciliter l'étude de cette langue.* Angers, imprimerie des frères Mame. 1806, 8.º, XXXVI–362 pag.

É precedida de uma dedicatoria assignada por L. de B***, dirigida a Antonio de Araujo de Azevedo, ministro portuguez dos negocios estrangeiros, e de

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésu* ,vol. VI, pag. 189.
[2] Id., id.

um interessante juizo critico composto por João Guilherme Christiano Muller, censor regio do desembargo do paço, no qual se tecem os maiores elogios a esta grammatica.

GRAMMATICA LATINA *tratada por um methodo novo, claro e facil. Para uso d'aquellas pessoas que querem aprendel-a brevemente e solidamente. Traduzida de francez em italiano, e de italiano em portuguez, por Luiz Antonio Verney. Segunda edisam* (sic), *acrescentada.* Sevilha, 1768, na officina de Pedro Zurita. Com todas as licenças necessarias.

A primeira edição d'esta grammatica foi feita em Barcelona, em 1758.

GRANATENSEM (LUDOVICUM ——).— Ordinis B. Dominici professorem.

Explicatio copiosior Concionis habitae in consecrationi Reverendissimi D. Antonii Pinarij viri laudatissimi, de officio et moribus episcoporum, aliorumque Praelatorum. Per R. P. F. Olyssipone excudebat Franciscus Correa, typographus Serenissimi Cardinalis Henrici. Anno 1565, 8.º, 97 folhas numeradas.

GRANBERG (NICOLAI ——).

Commentarius Don Jirchach Abarbanelis in Cap. LII. *v. 13 ad fin. & Cap.* LIII *Esaiae Vatis.*

Vem mencionada esta obra a pag. 548, do vol. das *Acta Literaria Sueciae.* (Anno 1724.)

GRANDMAISON (PARSEVAL ——).

E. *Les amours épiques. Poëme en six chants.* Paris, 1806, in-8.º

As pag. 172 a 202, e 276 a 298, são consagradas a Camões. Ha outra edição de 1804.

GRANDPONT (A. GUICHON ——).— Commandeur de la Légion de Honneur, et de Saint Stanislas de Russie (avec l'étoile); chevalier de Saint Jacques de Portugal, du mérite scientifique et litteraire, officier de l'instruction publique.

E. *Freitas e Grotius sur la question de la liberté des mers, justification de la domination portugaise en Asie, par le dr. fr. Seraphim de Freitas, portugais, de l'ordre de N. D. de Merci, professeur de la chaire de droit canon à l'academie de Valladolid. Traduit par le Commissaire General de la Marine ——.* Lille, imprimerie Ducoulombier, 1862, in-12, 342 pag.

*
* *

«A gloria de descobrir é maior e mais duravel que a de fruir e dominar. A gloria de a revelar á Europa cubiçosa, vale mais que a vaidosa satisfação de chamar nosso ao que ninguem soube procurar e descobrir. Fizemos a epopéa sublime traduzida pelo *Camoens* na divina linguagem do seu estro. Façámos hoje a epopéa mais modesta da liberdade, da sciencia e do trabalho.» *(Panegyrico de*

Camoens, pelo sr. J. M. Latino Coelho, secretario geral da academia real das sciencias de Lisboa.)

*
* *

«No ardor de uma mocidade estudiosa, encontrei prazer em traduzir o *Mare Liberum,* de Grotius, cujas idéas generosas e energica eloquencia me tinham encantado. Selden, Burg, Welwood, e varios outros que tinham sustentado a doutrina contraria, nenhum interesse me tinham inspirado. O secretario de Grotius, seu sobrinho Graswinckel, pareceu-me que refutára peremptoriamente suas pretensões. Ignorava eu então varias cousas que, sem modificarem minha opinião emquanto á essencia e ao desfecho do debate, me teriam podido inspirar alguma reserva no tocante á solidez das argumentações respectivas e ao merecimento de certos contradictores. Ignorava, pois, ao principio, que o auctor, tão attrahente para mim, do *Mare Liberum,* era igualmente joven, e de uma sciencia ainda incompleta, e pouco segura quando escreveu esta dissertação[1]. Muito menos desconfiava de que um seculo antes d'elle os almirantes da França, os pilotos letrados e sabios de Ango, e visconde de Dieppe, tivessem protestado mais brevemente, mas da mesma sorte tão fortemente contra a usurpação exclusiva pelos portuguezes, da navegação e do commercio das Indias Orientaes. N'uma palavra, não mais do que todos os outros auctores franceezes que escreveram sobre a liberdade dos mares, conhecia eu o mais serio adversario de Grotius, o unico que com elle arcou corpo a corpo, capitulo por capitulo, argumento contra argumento, com uma sciencia tão profunda quanto vasta, com uma dialectica inabalavel, e com um fervor consciencioso e inexoravel.

«Burigny, na sua *Vida de Grotius,* tinha com effeito proferido algumas palavras ácerca de Freitas, e do seu livro: *De justo imperio Lusitanorum asiatico;* tinha provado, em harmonia com cartas do proprio Grotius, que o *Mare Liberum* se resentia da mocidade ainda excessivamente verde do auctor: *Fuit enim meum opus de mari libero, optimo scriptum in patriam animo, sed aetate juvenili*[2]; e que Freitas, oppondo-lhe *Scriptum satis diligens,* era *Vir dignus cui rescribatur*[3].

«Porém, accrescenta o biographo, quando esta refutação appareceu, estava Grotius tão descontente dos hollandezes, que julgou não dever gastar seu tempo com ingratos. «Que procurem alguem entre os meus juizes para responder ao hespanhol!», dizia elle[4]. Era uma ironia contra a ignorancia d'elles! E n'uma outra carta (pag. 364): «Não me lembro do que tenho sido, quando vejo que aquelles a quem prestei tão grandes serviços, só de mim se lembram para me

---

[1] A primeira edição é de 1608. O auctor, nascido em 1583, contava apenas vinte e cinco annos. Casava-se no mesmo anno, e publicava sua tragedia *Christus patiens,* vertida para inglez por Sander.

[2] Vide *Recueil de Burman,* cartas 15, 144, 198 e 765. Tomo II, pag. 327, 427, 750, 776.

[3] Ibidem.

[4] Grotius e seu biographo, suppõem que o livro *De justo imperio Lusitanorum asiatico,* impresso em Valladolid, onde Freitas ensinava direito canonico, era obra de um hespanhol. No emtanto Freitas n'ella se gloría de ser portuguez. Grotius, na passagem mencionada, não póde ter em vista outra resposta dada em Salamanca, por ter sido supprimida, diz Burigny, pelo proprio Rei de Hespanha.

fazerem mal. Alem do que haveria loucura em ir offender as outras nações[1] para fazer a minha côrte aos que me tratam continuamente por inimigo.

«Graswinkel tambem não disputou com Freitas. O auctor do *Mare Liberum* e o das *Vindiciae maris libri*, são, pois, por seu silencio injusto e calculado, os primeiros responsaveis do triste esquecimento em que ficou seu principal, ou pelo menos mais acalorado inimigo. Todavia, as causas d'este esquecimento foram varias. Por uma parte, a França, com effeito, ajudava poderosamente a sacudir o jugo da dinastia austro-hispana, que estendia orgulhosamente sua mão sobre o universo[2]; e perante os factos diariamente realisados, a polemica, mesmo a mais sabia, perdia muito do seu interesse. Alem d'isso era para Portugal a dolorosa epocha dos *sessenta annos de captiveiro*. Professor n'uma universidade de Hespanha, e com seu tanto ou quanto de adulador de Filippe IV, na sua dedicatoria o frade portuguez, apesar dos seus protestos de amor para com seu pae de origem, cuja gloria e riqueza tem grande cuidado em celebrar, não deveu, segundo me parece, inspirar aos seus uma viva sympathia.

«Por outro lado, Freitas tinha consagrado uma grande parte do seu livro, o interminavel capitulo VI, principalmente, aos desenvolvimentos excessivos da theoria do poder do Papa sobre o temporal dos Principes. Sobre este assumpto dá pancada de cego, mas suscitava assim peiores cegueiras, uma forte conspiração de silencio, tanto por cima, como em torno d'elle. Por fim, se fez boa e severa justiça a certas temeridades dos argumentos de Grotius, como da falsa applicação por este feita de varios textos, se o reprehende de varias negligencias ou contradicções, não está de modo algum ao abrigo de exprobações sobre defeitos desengraçados e fatigantes, que, a despeito de suas eminentes qualidades, patriotismo ardente e puro, piedade solida, saber, methodo, senso recto e superior, terão cansado a attenção dos leitores, e desviado d'elle os espiritos praticos. A superabundancia, prolixidade, ingenuidade, repetições toleraveis e muitas vezes uteis no fôro, ou n'uma cadeira de professor, são outros tantos defeitos n'uma discussão politica tão elevada. É mister ainda dizer que o texto do auctor portuguez é de um extremo ao outro de tal modo atulhado, como por um prazer, da menção das leis e das auctoridades, nas quaes se estriba, que o fio do discurso acha-se interrompido a cada passo, quasi em cada periodo, e que ás vezes só mui difficilmente se torna a ligar.

«Mas que potencia de argumentação! Que thesouro de auctoridade pró e contra cada um dos pormenores da these! E alem d'isto factos historicos, graves

---

[1] Freitas, com effeito, na sua dedicatoria aos Principes Christãos, tomado por Grotius como arbitro do litigio, não tinha deixado de lhes fazer observar que um tal appello era sem franqueza, provindo de vassallos revoltados contra seu proprio soberano, e que faziam com que se desconfiasse do regimen monarchico. Vê-se que uma tal observação não fôra perdida para o jurisconsulto e diplomata hollandez.

[2] Henrique III envia seu irmão, o duque de Alençon, para ajudar os hollandezes contra a Hespanha. Henrique IV os protege igualmente, sobretudo até ao tratado de Vervins; e, na Europa, reconstituida segundo seus sonhos, lhes reserva um excellente logar. Em 1624, na maior força das discussões sobre o *dominio do mar*, une-se Luiz XIII com elles pelo tratado de Compiègne; em 1630 pelo tratado da Haya; em 1635 pelo de París. Mas dentro em pouco Richelieu prevê um desaccordo entre nós e essa Hollanda, para cuja liberdade contribuimos. Rebenta elle, com effeito, desde as primeiras conquistas de Luiz XIV em Flandres, em seguida ás quaes os hollandezes concluem com a Inglaterra e com a Suecia essa triplice alliança que nos obriga a limitar o exito das nossas armas. (Nota do traductor.)

e numerosos, e até mesmo anecdotas simples e curiosas. Os capitulos XVI e seguintes, abundam n'ellas.

«A obra de Grotius, escripta extensamente, é exposta assim a algumas passagens erradas. A de Freitas, mais minuciosamente tratada, caminha com toda a gravidade de uma erudição profunda e paciente Sem duvida o hollandez vencedor é tambem o mais attrahente; mas o portuguez, mesmo vencido, fica muito superior em methodo e em doutrina.

«Tudo examinado, a obra de Seraphim de Freitas, que faz sobresair com uma grande habilidade os lados fracos da dissertação de Grotius, e o caracter rigorosamente legal da posse dos portuguezes, bem como os titulos d'estes á conservação do seu dominio na India, é um monumento historico, juridico e diplomatico, de uma real importancia, digno de ser patenteado á luz, e do qual se devem honrar Portugal e a universidade de Valladolid.

«Apesar da indifferença com que os tempos modernos a ameaçam certamente, ainda, considero-me feliz por ter emprehendido a resurreição d'ella.

«Quiz traduzir quasi litteralmente, seguindo n'isto o conselho dado por Chateaubriand no seu *Ensaio sobre a litteratura ingleza;* conselho comtudo discutivel, se se tratasse de escriptos em que o genio proprio da lingua do traductor não devesse ser sacrificado. Ora aqui nada de similhante temos a observar. Uma versão mais livre e mais elegante houvera sido facil, mas houvera essencialmente sido nociva á exactidão, sem conseguir dissimular a espiritos exercitados, debaixo do vago da expressão, os erros aos quaes foi exposto, e que, verosimilmente, eu não terei sempre tido a felicidade de evitar. Pensei, pois, que em taes assumptos o leitor preferiria uma traducção palavra por palavra, assás correcta, a sonoros equivalentes, e me levaria a bem o não disfarçar nem attenuar o pensamento do meu auctor, mesmo quando tal pensamento fosse injusto.

«Mas n'estes dois casos, absolutamente excepcionaes, tenho-me visto obrigado a luctar com uma difficuldade tal, quer por inhabilidade da minha parte, quer tambem pela privação dos auctores mencionados na discussão, que no receio de errar, mesmo em simples accessorios, preferi ater-me a uma curta analyse, ou transcrever duas paginas do latim de Freitas, carregadas de citações. Dará isto uma idéa do seu estylo, e d'essa mistura em que o auctor é affectado...

«Resta-me dizer uma só palavra: é que o livro de Freitas deve acompanhar o de Grotius nas grandes bibliothecas publicas de todos os povos, nas das assembléas legislativas, nas dos soberanos, dos embaixadores, das universidades e das chancellarias.

«Termina este volume por uma interessante carta do traductor dirigida a mr. Ferdinand Denis.

GRANDPRÉ (L. DE ——).

Voyage à la côte occidentale de l'Afrique, fait dans les années 1786 et 1787, contenant la description des mœurs, usages, lois, gouvernement, et commerce des états de Congo, et un précis de la traite des noirs, suivi d'un voyage au Cap de Bonne Espérance, par ——. Paris, an IX (1801).

GRAPHIC (THE), *an illustrated weekly newspaper.* Saturday, july 10, 1880.

A pag. 50 traz um artigo intitulado: *Camoens and Vasco da Gama; the Tercentenary at Lisbon.*

Diz que os festejos em Lisboa feitos em honra de Camões pertencem ao numero dos mais pomposos festejos nacionaes celebrados em qualquer paiz.

«If ever a nation paid a debt of gratitude and made amends for past forget fullness, the Portuguese nation has done so now.

«Camoens was essentially the poet of the people: he described the deeds of Vasco da Gama, a man of the people, and of his followers in language dear to the art of the Portuguese, in is own mellifluous verse, which has been done into English often and again, but the peculiar charm of which can never be revived in an alien tongue. Camoens may be described as the most patriotic of poets and the most poetic of patriots.

«No member of the honourable Guide of Literature ever fulfilled his traditional destiny more completely than did Camoens...»

Traz este numero:

1.º Vista da Torre de Belem;
2.º Claustro de Belem;
3.º Estatua de Camões, em Lisboa;
4.º Porta travessa da egreja dos Jeronymos;
5.º Egreja de Belem;
6.º Palacio de D. Fernando, em Cintra.

GRATY (ALFRED DU ——).

La République du Paraguay. Bruxelles, 1862, 8.º gr.

GRATZ.— Jesuita, natural da Styria.

E. *Franciscus Xaverius e S. J. Orientalis Apostolus, sacra Miraculorum gratia Potami in Oppido seu Casale Calabriae celebris, jussu Episcopi Miletani a Fr. Natalio collectus. Bononiae, Genuae, Neapoli italice editus, et in Collegio Graecensi S. J. latinitate donatus.* Graecii. Widmanstadius, 1636, in-8.º

GRAVIER (G.)

Le Canarien. Livre de la Conquête et de la Conversion des Canaries (1402-1422), par Jean de Bettencourt. Publié d'après le ms. original. Rouen, Ch. Métérie, 1874, 8.º, LXXXIII-258 pag.

Bella publicação, cuja tiragem foi pequena. 25 fr.[1]

GRAVIÈRE.—Vice amiral Jurien de la Gravière, membre de l'institut.

E. *Les marins du* XV *et du* XVI *siècle.* 2 tomos, in-8.º— 1.º, 321 pag.; 2.º, 344 pag.; com um grande numero de estampas e dois mappas. Paris, E. Plon & C.e, editeurs. 1879.

É obra muito curiosa, e na qual muito se falla dos feitos maritimos de nossos maiores.

«Os hespanhoes têem tomado parte na gloria dos portuguezes (vol. I, pag. 40), nas grandes descobertas do seculo XV; aos portuguezes devemos conferir a honra de terem tornado possiveis taes descobertas, sendo os primeiros a emanciparem a navegação. Americo Vespucci poderia julgar que tinha rasão em fallar com

[1] Deschamps et G. Brunet, *Suppl. au Manuel du Libraire Brunet*, vol. II, pag. 1:031.

desdem d'essas viagens, *nas quaes se arrastavam ao longo das costas,* e que deram em resultado fazerem o gyro de Africa pelo sul, como todos os auctores de cosmographia tinham indicado.

«Os mareantes que souberam chegar á Madeira e aos Açores, abriram incontestavelmente o caminho para aquelles que, sessenta annos mais tarde, chegaram a Guanahani.

«Não poderiamos, pois, sem a mais profunda injustiça, recusarmos nossa admiração aos primeiros passos da navegação no alto mar, pois estes primeiros passos foram os mais difficeis; tiveram cabimento na zona dos ventos variaveis, que é tambem a zona das frequentes tempestades. Muitos velhos marinheiros são de opinião que é na altura dos Açores que se encontram os mares mais encapellados e as rajadas mais violentas.

«Passada, porém, uma vez, a zona dos ventos variaveis, encontraram uma temperatura tão doce, brisas tão meigas, e tão constantes na sua direcção, que se julgou por um instante estarem no caminho do paraizo terrestre.

*
* *

«A 2 de julho de 1419 descobrem os portuguezes uma ilha mais consideravel do que a de Porto Santo; era a ilha da Madeira, que dentro em pouco se tornou a séde de uma colonia.

«Depois decorreram doze annos; e já não é a 120 leguas das costas de Africa, mas sim a 250, a 300 leguas do Cabo de S. Vicente, que vamos encontrar os portuguezes.

«A 5 de março de 1493 chegou Colombo ao Tejo, regressando das Indias. Mas o dia 29 de agosto de 1499 era o da brilhante desforra para Portugal. N'este dia já não era Colombo, era Vasco da Gama quem voltava das Indias, mas não d'essas Indias occidentaes, terra de decepção e de vaidade, tumulo da nobreza de Castella, mas das Indias, onde, segundo a relação de todos os viajantes, devia nascer a pimenta, colher-se a canella e o rhuibarbo.

«No mez de julho de 1501 a expedição de Cabral trazia ao Tejo carregamentos taes, que só um estava avaliado em mais de 100:000 ducados. Drogas, rubins, especiarias, louças, diamantes, rubins de sete quilates, nada alli faltava que podesse deslumbrar os olhos da Europa. D'aqui por diante a Italia e o Egypto vão receber de Portugal as especiarias.

«Assim correm as cousas! exclamava Americo Vespucci, com uma resignação philosophica. E Lisboa ia ver, como outr'ora o viu Roma, no tempo dos imperadores, rhinocerontes e elefantes combaterem nos seus circos; e seu Rei só lhe appareceria d'ahi por diante, nos dias de festejos, cercado da pompa dos soberanos asiaticos.

«Em 1521, no momento em que D. João III subia ao throno, o oceano indico, desde o Cabo da Boa Esperança até ás margens da China, só tinha um senhor. O que Portugal não occupava directamente com as suas tropas, estava submettido, graças ás discordias sensatamente exploradas, á sua influencia. (Pag. 87.)

«Que prodigioso caminho trilharam esses mareantes, que cem annos antes não ousavam galgar o Cabo Não!»

GRAVIO (CADABALE —— CALIDONIO).

De obitu et apotheosi Invictissimi Joannis Tertii Lusitaniae, & Algarbiorum Regis, Africi, Persici, Indici, Arabici, Aethiopici. Qui anno 1557. tertio Idus Junij ad superos concessit. Necnon de miseranda serenissimae Reginae Catharinae lamentatione opus a ——, cum Scholijs et annotationibus, in lucem editum. Subijt Sanctae Inquisitionis examen, cum ordinariae authoritatis approbatione & nihil quod pium lectore offendat habet. Ulissippone excudebat Franciscus Correa Typographus Serenissimi Cardinalis Henrici. Anno 1565. 22 fol.

GREEN (T.).

E. *A few facts for the consideration of those interested in the affairs of Portugal.* London, 1832.

GRENAILLE (CHASTONNIERS DE ——).

E. *Le Mercure portugais, ou relations politiques de la fameuse revolution d'État arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusqu'au couronement de D. Jean IV à present regnant.* A Monsegnor l'Excellentissime D. Vasco Luiz da Gama, comte de Vidigueira. Paris, 1643, in-8.º pequeno, LVI-645 pag.

Com o retrato de El-Rei D. João IV. Consta de seis *Mercurios* ou narrações, sendo a 5.ª e 6.ª de successos posteriores á coroação de D. João IV.

De pag. 471 a 544, com titulo especial *Le Prince vendu, ou contrat de vente de la persone du Prince libre et innocent Dom Edouard, Infant de Portugal, passé à Vienne le 25 jour de juin 1642.*

Menciona-se um exemplar d'esta obra no catalogo da livraria do Marquez de Pombal, que no anno de 1888 foi na cidade de Lisboa posta em leilão (pag. 40).

GRENAILLE (FRANÇOIS DE ——).—Escuyer, sieur de Chatouniers.

E. *Résolution prise en l'assemblée des États de Portugal en faveur du très-haut et très-puissant prince le roy Don Jean IV du nom. Traduit fidèlement sur l'impression portugaise faite à Lisbonne le 23 mars 1641.* Paris, chez Sebastien Picquet, 1631, avec privilège, 8.º de IV-28 pag.—No fim: Par Delattre. Leonel, 1883.

GRENVILLE (LORD GEORGE ——).

E. *Portugal. A poem. Second edition.* London, 1812.

GRETSER (J.).

Jacobi Gretseri e Societate Jesu, Institutionum linguae graecae libri tres, ad normam Emmanuelis Alvarez, juxta divisionem in ratione studiorum Societatis Jesu praescriptam recogniti et emendati. Editio parisiensis sexta. Paris, imprimerie Goupy et Jourdan. In-8.º, 92 pag. 28 de abril de 1879.

GRIFFONI.

E. *Carolina. L'orgoglio avvilito, dromma jocoso en musica.* Porto, 1806. Texto em portuguez e em italiano.

GRISARD (FELIX ——).

E. *Le Portugal et sa situation financière et economique.* Bruxelles, 1879, 8.º gr. de 40 pag.

GRISLEY (GABRIEL ——).

Viridiarium Lusitanicum in quo arborum, fructicum et herbarum differentiae onomasti insertae, quas ager ulyssiponensis ultra citraque Tagum ad trigesimum usque lapidem profert. Lisboa, por Craesbeck, 1661, 8.º, 40 folhas. Londres, com o Stirp. europ. extra Britann. masc. Sylloge, por Ray. 1694. Verona, imprenta del Seminario, 1749, 8.º, 110 pag., com o juizo de Ray sobre o auctor e sobre a obra, e tambem com o seguinte acrescentamento: *Lusitanarum plantarum index alter ex variis auctoribus excerptus.* Esta edição se fez debaixo dos cuidados de Seguier, tendo-se tirado sómente 125 exemplares. *Viridiarum Grisley lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum jussu Academiae in lucem editum.* Por Domingos Vandelli. Lisboa, imprensa da academia, 1789, 8.º, 134 pag.

«A edição primitiva parece haver-se reimpresso na Haya, em 1714, conservando ainda a data de 1661. A obrasinha de Grisley é um indice alphabetico de plantas cultivadas e espontaneas, todas misturadas, e com definições insufficientes para reconhecer facilmente as especies, acompanhadas ás vezes dos nomes portuguezes, porém nunca de indicações sobre as localidades em que se acham as espontaneas. O auctor mostrou-se exagerado n'algumas apreciações, e deu como não descriptas varias especies que ainda o não estavam; comtudo, devemo-nos lembrar de que chamou a attenção dos botanicos sobre Portugal, e alguma utilidade se pôde tirar d'este ensaio, classificado por Linneo e Brotero com excessiva aspereza. A edição que fez Vendelli em Lisboa poderia ser melhor, se lhe houvesse ajuntado realmente os nomes linneanos de todas as plantas, supposto que se limitou a denominar as mais conhecidas, e nem sempre com exactidão; ajuntou igualmente uma *Florae Portuensis specimen.* Esta mesma edição feita por Vendelli, com annotações manuscriptas de Link, teve presente Sprengel, ao interpretar na sua *Historia rei herbariae,* tomo II, pag. 183-185, quaes sejam uma porção de plantas notaveis do *Vindarium lusitanicum*[1].

GRISIUS (MICHEL ——).— Jesuita, natural de Anvers, onde nasceu em 1585.

Honor S. Ignatio de Loyola Societatis Jesu Fundatori, et S. Francisco Xaverio Indiarum Apostolo, per Gregorium XV inter Divos relatis; habitus a Patribus Domus Professae et Collegii Societatis Jesu, Antuerpiae, die 24 Julii 1622. Antuerpiae, ex officina Plantiniana, apud Batth. Moretum et Viduam Jo. Moreti et Jo. Meursium, 1622, 8.º, 58 pag.

GROUCHY (LE VICOMTE DE ——).— Sécretaire d'Ambassadeur.

Étude sur Nicolas de Grouchy (Nicolaus Gruchius Rothomagensis), et son fils Timothée de Grouchy, Sieur de La Rivière, par Emile Travers, ancien conseiller de Préfecture, archiviste-paleographe. Paris, Honoré Champion, 1878, 8.º, VII-230 paginas.

* *

«Grouchy, depois de ter começado seus estudos em Rouen, dirigiu-se a Paris para os completar, entrou na qualidade de estudante no collegio de Santa

[1] D. Miguel Colmeiro, *La Botanica y los Botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana,* pag. 68.

Barbara, e pouco depois passou a ser professor n'este estabelecimento, n'aquelle tempo em todo o seu esplendor, graças aos mestres eminentes, que dentro em pouco se tornaram os amigos e os companheiros inseparaveis do gentil-homem nomeado.

«Santa Barbara tinha, por aquella epocha, a honra de ver as cadeiras das suas classes occupadas por tudo quanto a França e a Europa inteira contavam de mais illustre nas letras, e nas sciencias, e alguns dos homens mais eminentes que alli liam, pertenciam, como Grouchy, a familias nobres e antigas.

«Em 1509, por exemplo, Guy de Fontenai regia grammatica, sem receio que lhe ficasse mal, elle que pertencia á casa dos senhores de La Tour de Vesvre, cujo castello fôra fundado, dizem, por um certo Gondowald, irmão de Alarico, Rei dos godos.

«Este collegio, frequentado por um grande numero de estudantes de todas as nações, tinha igualmente muitos mestres estrangeiros. Viu assim o seu ensino honrado pelo hespanhol João de Celaya, de 1515 a 1524, um dos ultimos e dos mais intrepidos defensores da philosophia escolastica, e em seguida por uma serie inteira de portuguezes, enviados primeiramente como estudantes pelos Reis D. João II, D. Manuel I e D. João III, Principes amigos das luzes, em cujo reinado o commercio da India fez de Portugal um estado tão florescente.

«Entre estes ultimos, uma familia de Gouveia (ou Govea), diz M. Julio Quicherat, o sabio historiador de Santa Barbara, que tinha ramificações em Evora, em Beja, e em Coimbra, forneceu, só ella, uma duzia de professores, que, todos elles, tomaram seu grau em Paris. A maior parte d'elles pertenceram ao numero dos mestres mais distinctos, e dos eruditos mais famosos de um tempo tão fecundo em illustrações d'este genero, e teremos de voltar a fallar de algum dos membros d'esta familia. Citemos ainda os nomes de outros portuguezes, taes como Diogo de Teive, poeta e historiador; Antonio Leitão, lente de philosophia; Belchior de Belliago, que professou tambem a philosophia com talento, intrigante habil, ao qual tinham posto a alcunha de «Judeu», que foi crivado de epigrammas por Buchanan, e conseguiu que o nomeassem bispo de Fez *in partibus*, e capellão de D. João III; Antonio Pinho ou Pin, commentador de Quintilianno, que veiu a ser perceptor do Principe Real D. Sebastião, e morreu bispo; João Ribeiro, primeiramente commerciante, que no regresso de uma viagem á Abyssinia, onde se tinha arruinado, veiu a Paris continuar seus estudos até então mui incompletos, e succedeu mais tarde a Celaya, como chefe dos escolasticos.

«A presença d'esta colonia portugueza em Santa Barbara, e as relações que Nicolau de Grouchy ligou com seus membros, teve uma influencia capital no seu destino. Com effeito, ainda não havia bem um anno que o nosso joven normando estava em Paris, instruindo-se, e aprendendo a ensinar, quando foi chamado a Bordeaux por seu amigo André de Gouveia.

«O portuguez André de Gouveia era o segundo dos quatro sobrinhos de Diogo de Gouveia, o antigo, que foi principal do collegio de Santa Barbara, antes e depois d'elle. A cidade de Bordeaux não teria podido fazer uma escolha mais acertada, pois André de Gouveia não era sómente, no dizer de seus contemporaneos, um orador excellente, era tambem um mestre, e um administrador dos mais habeis. Empregando-se em coadjuvar seu tio, diz o eminente historiador de Santa Barbara, M. de Quicherat: fez no nosso collegio o aprendizado, no qual Montaigne testemunha que elle excedeu a todos os outros. A ex-

pressão do illustre pensador, é: que elle foi sem comparação o maior principal de França.

«Logo que recebeu a communicação dos magistrados bordelezes, tratou André de Gouveia de corresponder á confiança d'elles. Alem d'isso a cidade fazia bem as cousas; encarregava-se ella de todas as despezas de viagem e de installação, e assegurava ao pessoal docente ordenados dignos dos homens de merecimento, que ella desejava attrahir a si, e capazes de os reter em Bordeaux. O novo principal do collegio de Guienne, apressou-se, portanto, a entregar a seu tio Diogo, a direcção de Santa Barbara, e a reunir os professores habeis e estimados, aos quaes tinha de confiar a regencia das cadeiras. N'esta escolha ajudou-se dos conselhos esclarecidos de seu amigo Gelida, professor no collegio do cardeal Lemoine.

«A André de Rezende não foi difficil determinar alguns dos sabios mestres de Santa Barbara em acompanharem-no para Bordeaux. Chegou, pois, com elles, a esta cidade, no sabbado 22 de julho de 1534; tres dias mais tarde, n'uma sessão celebrada no Hotel de Ville, era officialmente nomeado principal do collegio de Guienne.

«Entrou immediatamente a reorganisar o pessoal do estabelecimento, e primeiro que tudo foi feito um tratado com madame Nicole, André Zebedeu, Pierre Tiercelin, Joaquim Polite, Robert Britannus, Jeham Binet, Jehan Tanchiere e madame Guillem, que tinham pertencido á antiga direcção, e cujos ordenados foram fixados em sommas que variavam de 30 a 92 libras por anno.

«Nenhuns pormenores existem ácerca de madame Nicole e Jehan Tanchière.

«Tres dos outros mestres datavam mesmo da fundação do collegio, eram: Joaquim Polite, natural da Zelandia, erudito e grande amador de musica, que se retirou pouco depois para Italia; Pierre Tiercelin, de Vichy, no Barbonnez, mestre de artes, professor de merecimento: Jehan Binet, de Beauvais, mestre de artes.

«M. de Gaullier pensa que madame Guillem é o *Guillelmus Sylvanus*, Guilherme Forestier ou de La Forêt, de quem se faz menção nas cartas de Britannus; é elle que, de todos os professores que ensinaram debaixo da direcção de Jeham de Tortas, recebia ordenados mais avantajados.

«André Zebedeu, ou de Zebéder, era um erudito profundo. Deixou Bordeaux em 1533, abraçou a reforma, e veiu a ser pastor na Suissa, em Orbe, depois em Nyon, e, na ultima quadra da sua vida, foi o adversario encanzinado de Calvino, cuja reputação e prosperidades o tinham tornado invejoso.

«Por fim, Roberto Britannus, d'Arras, escriptor latino, distincto em prosa e verso, foi um dos adeptos mais convencidos da seita dos Ciceronianos, e um homem de um espirito generoso e elevado. Suas cartas dão preciosas informações ácerca dos eruditos da sua epocha.

«Foi a taes professores, já experimentados em Bordéus, que André de Gouveia deu logo em começo por collegas os illustres discipulos de Santa Barbara, Antonio de Gouveia, Diogo de Teive, Nicolau de Grouchy, Guilherme de Guerente, e alguns outros, cujos nomes não chegaram até nós.

«Antonio de Gouveia, o mais novo dos quatro sobrinhos de Diogo de Gouveia, o velho, é quem d'esta familia deixou uma reputação mais brilhante. M. de Quicherat faz d'este sabio um retrato notavel. É, diz elle, um d'esses raros espiritos, que hão de fazer o eterno ornamento da renascença. Não foi enviado a Paris senão depois de seus irmãos, tendo sido detido por muito tempo por seu avô, que o teria querido ver continuar a gloria militar da sua casa. Elle mesmo disse

que, desde que seu tio Diogo de Gouveia o fez beber na fonte das Musas, sentiu-se nascido para um outro genero de cavallaria. Foi com effeito o cavalleiro errante da eloquencia e da erudição. Sua vida passou-se em viagens para ír propor o combate aos professores afamados. Ficou vencedor de todos quantos tentaram medir-se com elle. Bordeaux, Toulouse, Paris, Cahors e Valence, podem attestar seus triumphos. Só dava apreço aos applausos dos francezes, pondo nosso paiz acima de todos os outros, e convencido de que devia dar ao ar que n'elle se respirava, o haver-se elevado a seus compatriotas. Nunca se consolou de ter sido obrigado a deixal-o nos ultimos tempos da sua vida.

«Thou fez menção d'elle na sua *Historia*, como do unico a quem os doutos concederam a gloria tão rara de ter sido ao mesmo tempo um grande philosopho, um grande jurisconsulto, e um grande poeta. Sua reputação na philosophia provém-lhe da lucta que sustentou contra Ramus. Como jurisconsulto é ainda contado entre os que abriram aos modernos a intelligencia do direito romano.

«Quando Cujas pela primeira vez ouviu explicar o codigo, esteve a ponto de renunciar ao ensino, tanto sentia sua propria inferioridade. Não o fez porque reconheceu depois que no seu formidavel inimigo a perseverança não era companheira do genio.

«Como poeta, Antonio de Gouveia recebeu as homenagens da Europa inteira. O prussiano Knobelsdorf o attesta: foi aos olhos de todos o mestre dos mestres. Marco Antonio Moreto lhe submetteu, tremendo, sua primeira collecção, pedindo-lhe que n'ella introduzisse todas as correcções que julgasse convenientes. Seus versos latinos, são, com effeito, o *supra summum* da graça.

«Diogo de Teive, portuguez, natural de Braga, tinha, como os Gouveias, sido educado em Santa Barbara, e depois alli tinha professado as bellas letras. Poeta, orador, e historiador, deixou obras importantes.

«O ultimo d'esta illustre pleiade, que chegava a Bordeaux ao mesmo tempo que Nicolau de Grouchy, é seu compatriota, seu companheiro de estudos, e seu amigo de infancia, Guillaume de Guerente, natural de Rouen. Guerente fôra primeiramente medico, depois havia acompanhado Grouchy, quando este se tinha dirigido a Paris, e tinham pertencido a Santa Barbara, quer como discipulos, quer como professores. Comprehende-se de prompto, diz M. Gaullieur, que não podia Gouveia levar um para Bordeaux sem convidar o outro a acompanhal-o tambem.

«M. Quicherat reuniu n'um mesmo esboço nossos dois jovens rouenenses, ambos normandos e gentis-homens, ambos unidos por uma amizade exemplar, da qual a communidade de talento formava o primeiro laço: Guerente, humanista, Grouchy, philosopho e antiquario. Seus nomes são como inseparaveis em todos os livros em que se tratar d'elles.

«Com taes professores, e debaixo da habil direcção de André de Gouveia, a prosperidade do collegio de Guyenne, não podia ser duvidosa. M. Gaullieur, assevera que desde 15 de julho a 15 de novembro, o numero dos alumnos augmentou em proporções consideraveis. Esta prosperidade, que, desde o começo, ultrapassou todas as esperanças, é attestada por uma carta de Britannus, dirigida, em 7 das calendas de novembro, ao seu amigo Pierre Lagnier, um dos mestres attrahidos a Bordeaux, em 1533, por Jehan de Tartas: «Se pedes noticias do nosso collegio, escreve elle, está florescente, e medra cada vez mais, graças aos merecimentos e á actividade do principal André de Gouveia. Os professores são homens sabios e graves. Emquanto ao numero dos discipulos, é mui grande. Temos, por isso, a

esperança de que dentro em pouco hão de florescer n'este collegio a eloquencia e o culto das bellas letras[1].»

«O numero dos regentes achou-se dentro em pouco muito restringido, e Gouveia partiu a 21 de novembro para Paris, de onde regressou logo nos primeiros dias do mez de janeiro de 1535, levando comsigo cinco novos professores: Mathurin Cordier, Claudio Budin, Jehan de Costa, Arnold Fabricio e Junio Rabirio.»

«Acabavam de lavrar um decreto de accusação contra Mathurin Cordier, ao mesmo tempo que tambem contra Clement Marot, e, obrigado a deixar Paris, lançou mão com ardor da occasião que lhe offerecia Gouveia. Tivera este sabio philologo Calvino por discipulo, e bem cedo havia abraçado as doutrinas do seu antigo discipulo. Depois de ter ensinado em Nevers, Paris, Bordeaux, Neufchâtel, Lausanna, e Genova, morreu n'esta ultima cidade em 1564. Havia tomado por divisa: *Pietas et boni mores cum litterarum elegantia,* e havia-se consagrado inteiramente á educação da infancia, tarefa que desempenhou com dedicação a mais rara. Calvino nos deixou a lembrança de um caso notavel: «Como os regentes das classes inferiores, diz elle, ensinavam muito mal em Genebra, e faziam com que os estudos ficassem mui pouco solidos na base, Cordier teve a coragem de deixar a primeira classe para dirigir a quarta, e de ensinar n'ella os primeiros elementos da grammatica.

«Assim como Mathurin Cordier, seu intimo amigo Claudio Budin, licenciado em direito, e mestre em artes, tinha adoptado as idéas da Reforma. A habilidade do seu ensino contribuiu em grande parte para estabelecer a reputação do collegio de Guienne, onde ensinou durante dez annos.

«João Fernandes, ou Fernandes da Costa, portuguez, doutor em theologia, e mestre em artes, mais tarde reitor da universidade de Bordeaux, fez-se notar como um administrador dotado de zêlo e de habilidade.

«Arnould Fabricio, nascido em La Réole, era considerado como um dos oradores mais elegantes do seu tempo. Sua amizade ao infeliz Étienne Dolet, ha de salvar sempre seu nome do esquecimento. Gouveia, que fazia muito caso do talento e do caracter de Fabricio, levou-o comsigo mais tarde para Coimbra.

«Emquanto a Julio Rabirio, era um sabio grammatico.

«Dois antigos regentes, que tinham deixado momentaneamente o collegio de Guyenne, André Zebedeu, e Pedro Allard, mestre em artes, natural de Franche-Conté, foram chamados para tornarem a occupar suas cadeiras.

«Tal era o logar brillante em que se achava o joven Nicolau de Grouchy, e no qual devia passar treze annos da sua vida. Sua intelligencia superior, coadjuvada por um trabalho incessante, a extensão do seu saber em todos os ramos dos conhecimentos humanos, sua eloquencia e merecimento como professor, não tardaram a conquistar-lhe um dos primeiros logares n'esta reunião de mestres eminentes. A communidade dos trabalhos e dos gostos, a estima reciproca, estabeleceram ou consolidaram entre aquelles homens amizades que nenhuma causa

---

[1] Si quaeris de nostro, floret illud maximeque fide et diligentia Andreae Gouveani gymnasiarche illustratur. Praeceptores sunt et viri docti et graves. Numerus ipse auditorum maximus. Ita spes est fore prope diem ut in his sedibus eloquentia ac bonarum litterarum dignitas vigeat. Roberti Britanni *Epistolae*, f. 39.

poude alterar, e que cessaram com a morte. Se alguns d'elles, e principalmente Gourchy, sustentaram contra outros eruditos polemicas sempre vivissimas, e até mesmo acerbas e virulentas por vezes, não vemos que, no emtanto, similhantes luctas tenham vindo sequer espalhar a mais ligeira nuvem sobre a concordia que existia em Bordeaux entre os sabios regentes do collegio de Guyenne. E, comtudo, devia alli haver graves dessidencias entre um grande numero, entre elles ácerca de opiniões philosophicas e religiosas, n'aquella epocha em que a reforma propagava por toda a parte o espirito de livre exame, no momento em que tantas familias iam dentro em pouco ver seus filhos armarem-se uns contra os outros, para defenderem com a espada na mão aquillo que tanto de uma parte como da outra cada um julgava ser a verdade.

«Nicolau de Grouchy estreiava-se no ensino em Bordeaux, se é que não tinha já ensinado em Santa Barbara. Foi encarregado por Gouveia do curso da dialectica, e occupou esta cadeira durante todo o anno que residiu em Santa Barbara.

O exito do seu curso foi extraordinario, e póde-se affirmar que foram uma das principaes causas da prosperidade do collegio de Guyenne. De Thou assevera que um certo numero de discipulos, attrahidos por uma justa nomeada, deixaram a universidade de Paris para virem a Bordeaux escutar as lições que o joven mestre dava a respeito de Aristoteles. Por uma innovação ousada, e a qual quasi quasi que não tinha de achar imitadores, nosso sabio dictava notaveis commentarios na propria lingua do texto, segundo assevera De Thun, *Histoire universelle*, tomo VI pag. 535 e 536; e Gaullieur, op. cit. pag. 102.

. . . . . .

Com uma tão excellente organisação, com taes mestres, com um tal conjuncto de elementos para um bom resultado, não tardou o collegio de Guyenne em ser, segundo diz Montaigne, «um dos mais florescentes e o melhor da França». De todas as partes affluiram estudantes, que se abalisavam pelo seu amor ao trabalho, e Britannus escrevia a um dos fundadores do collegio, Jehan de Ciret, momentaneamente ausente de Bordeaux: «A mocidade applica-se com tanto ardor a aprender com quanto os mestres se applicam a ensinar.

Mudanças notaveis se operaram nos annos seguintes no pessoal docente do collegio de Guyenne. Britannus, havendo caído doente, teve de deixar Bordeaux; Joachim Polite partiu para a Italia, e Mathurin Cordier, cedendo ás instancias de Calvino, seu antigo discipulo, se dirigiu para Genebra.

André de Gouveia preencheu dentro em pouco estas vacaturas, attrahindo a Bordeaux homens distinctos que se tornaram amigos inseparaveis de Nicolau de Grouchy, tanto na boa como na adversa fortuna. Citaremos, entre outros, Jehan Rabitius, antigo condiscipulo de Britannus, Gelida, Elie Vinet e Buchanan.

Jean Gelida, hespanhol de Valencia, mas francez de coração foi encarregado de um curso de philosophia. Seu nome é inseparavel do nome de um homem dos mais sabios do seculo XVI, o mathematico e orientalista Guillaume Postel, que, orphão, e sem fortuna, tinha primeiramente sido seu creado.

«Successivamente estudante em Poitiers, professor em Barberieux, depois em Paris, hellenista, mathematico, e archeologo, o proprio Elie Vernet nos informa n'uma das suas cartas, que em 1539 veiu a Bordeaux, onde passou, por diversas occasiões, mais de vinte e cinco annos.

«Foi n'essa mesma data que George Buchanan fez sua entrada no collegio de Guyenne. Elie Vinet e elle, diz M. Gaullieur, ligaram-se com uma estreita

amizade, e quarenta annos depois, separados pelo mar, ainda escreviam um ao outro.

«.....»

«João III, Rei de Portugal, era um dos Principes mais illustrados do seu tempo[1]. Amigo das letras, fazia todos os seus esforços para derramar a instrucção nos seus estados: queria que Portugal estivesse á frente das nações européas emquanto ao ensino, assim como já o estava emquanto ao desenvolvimento da marinha, á importancia de suas navegações e conquistas ultramarinas, e á extensão de suas relações commerciaes com os paizes longiquos. Para conseguir este fim nenhum meio era desprezado.

«A universidade de Coimbra, transferida para Lisboa em 1377, acabava de ser, desde algum tempo restabelecida, por sua ordem, no logar de sua fundação. Comtudo, nem o saber do Principe, nem a dedicação dos mestres, formados nas universidades estrangeiras, graças ás liberalidades regias, não tinham ainda podido dotar Portugal com um estabelecimento tal como Santa Barbara, ou o collegio de Guyenne. Por isso durante alguns annos, D. João III mandou fazer propostas, e elle mesmo escreveu a André de Gouveia, para o decidir a vir a Coimbra estabelecer uma escola sobre as mesmas bases que as de Bordeaux. Em 1543 instou com elle de novo, offerecendo-lhe toda a liberdade de regressar para a França apenas a universidade de Coimbra houvesse recebido d'elle um primeiro impulso. Era difficil resistir a um tal solicitador, e Gouveia partiu para Portugal no meiado do mez de junho, depois de ter designado para o substituir a seu compatriota, João Fernandes da Costa, o qual tomou a direcção do collegio de Guyenne a 15 de junho de 1543.

«Nicolau de Grouchy conservou sua cadeira, e se multiplicou, bem como seus amigos, Guillaume de Guérente, Claude Budin, e Diogo de Teive, para ajudarem o novo superior na tarefa que tinha assumido. Juntaram-se-lhes estes seis novos mestres, entre os quaes contentar-nos-hemos de citar Gérard Broët, regente dos physicos, e um homem ainda bem novo, Jehan Hervé, um dos melhores estudantes do collegio, no qual foi nomeado professor na entrada das ferias d'aquelle mesmo anno.

«Gouveia não podia confiar o estabelecimento a mãos mais habeis que ás de João da Costa, excellente administrador, que não desdenhava occupar-se das menores circumstancias, e soube fazer receber creditos bem difficeis de rehaver.

«Menos de um anno depois da sua partida, isto é, nos primeiros dias do mez de maio de 1544, André de Gouveia estava de volta para Bordeaux. Tinha-se obrigado para com D. João III a fundar em Coimbra uma instituição similhante ao collegio de Santa Barbara ou ao de Guyenne, e occupou-se immediatamente a reunir um pessoal escolhido, que se propunha levar para Portugal. Comtudo sua partida não se realisou tão promptamente como tinha crido ao principio.

«Querendo estar em harmonia com a cidade de Bordeaux, pediu e obteve do maire e dos jurados uma licença de dois annos, durante os quaes a regencia devia ser confiada a Jehan Gelida, que dirigia então, em Paris, o collegio do

---

[1] Não seguem esta opinião os modernos escriptores portuguezes, mas é possivel que n'isto corram atraz da moda. Dizer hoje bem de D. João III, de D. João V, ou dos jesuitas? Tudo n'elles era mau, eis a philosophia da epocha!

Cardeal Lemoine. Foi lavrado um tratado para este fim. Dos documentos relativos a este negocio, e que chegaram até nós, se vê que n'esta data Nicolau de Grouchy, alem da sua cadeira de dialectica, tinha sido encarregado de um curso elementar da lingua hebraica.

«É um pouco antes d'esta epocha que se fixa uma viagem feita á Normandia pelo nosso sabio, sem duvida para regular alguns negocios e ver seus parentes antes de acompanhar Gouveia a Portugal, em conformidade com os projectos e solicitações d'este ultimo. Os papeis da familia Grouchy, não contêem, é verdade, nenhum esclarecimento ácerca de Nicolau de Grouchy durante todo este periodo, mas achâmos nos archivos do tabellionato de Rouen, um documento authentico, que nenhuma duvida deixa ácerca da sua presença na Normandia, no mez de janeiro de 1544[1].

«André de Gouveia, não tendo posto immediatamente em execução o seu projecto de ir estabelecer sua residencia em Portugal, dirigiu ainda durante algum tempo o collegio de Guyenne. Jehan Gelida tinha voltado para París, para o collegio do Cardeal Lemoine, e a escola de Bordeaux tinha entrado no seu curso usual. M. Gaullieur suppoz, com rasão, que o clero, e principalmente o bispo de Bazas, tinha-se entregado a novos sacrificios para reter ainda o habil principal. Vemos, com effeito, pelos documentos citados por M. Gaullieur, que em 1545 André de Gouveia foi nomeado conego e sacristão da cathedral de S. João de Bazas, titulo puramente honorifico, ao qual andavam inherentes os dois curatos de Saint Gervasy, em Langon, e de Castets-en-Dorthe. Alguns dias depois foi dotado com os curatos de Ruffiac e de Cazaugitat, e de diversos beneficios de um rendimento importante. Tudo isto o devia á munificencia do seu protector Annet de Platz, bispo de Bazas.

«Sem embargo de todas estas delongas, D. João III não renunciava ao projecto de attrahir para junto de si alguns dos professores de Bordeaux, debaixo da direcção de Gouveia. Escrevia frequentemente a este ultimo, e lhe enviou até mesmo, durante o anno de 1545, dois de seus gentishomens, D. Lopo de Almeida e Ruy Gomes da Costa, para lhe recordarem suas promessas. Estas instancias reiteradas decidiram Gouveia a fazer uma nova viagem a Lisboa em 1546, de onde se retirou no mez de janeiro seguinte.

«D'esta vez, a retirada do principal e de seus professores para a universidade de Coimbra, era negocio decidido. Deram os jurados sua licença para esta retirada, com bastante pena, sem duvida, pois Gouveia levava comsigo a flor dos mestres de Guyenna, e era, alem d'isso, facil de prever que os jovens portuguezes, tão numerosos n'aquelle tempo, n'esta instituição, a desampararíam no dia em que encontrassem no paiz d'elles os meios de se instruirem, evitando viagens despendiosas e repletas de perigos de todos os generos.

«Jehan de Coste, Elie Vinet, Diogo de Teive, e um outro portuguez por nome Antonio Mendes, Arnould Fabricio de Bazas, Nicolau de Grouchy e seu inseparavel amigo Guilherme de Guerente, e finalmente George Buchanan, que chegou de París trazendo comsigo seu irmão Patricio, consentiram immediatamente em acompanhar Gouveia; mas nada poude decidir a Gelida a imital-os e deixar sua patria adoptiva. Um professor de Poitiers, Marcial de Gouveia, irmão

---

[1] Transcreve o documento.

mais velho de André, veiu igualmente juntar-se aos mestres de Bordeaux, e seguiu-os para Coimbra.

«Na occasião da chegada dos professores chamados de França, notava-se na faculdade de theologia: o dr. Affonso de Prado, antigo decano da universidade de Alcalá, um dos defensores mais intrepidos e auctorisados da doutrina de S. Thomás; fr. Martinho de Ledesma, hespanhol, da ordem dos prégadores; o dr. Francisco de Monção, hespanhol, sabio prégador, e dois portuguezes, Marcos Romeu, dr. em Sorbonna, antigo reitor de Alcalá, tão celebre pela sua sciencia, como pela pureza da sua vida, e mestre Paio Rodrigues de Villarinho, natural de Beja, doutor pela universidade de Paris, a quem os biographos proclamam o homem mais notavel entre todos os fundadores do ensino em Coimbra.

«A faculdade do direito canonico citava com orgulho: o dr. Martin Azpilcueta, de Navarra, que tinha estudado as artes e a philosophia em Alcalá, o direito civil e canonico em Tolosa, e havia professado com esplendor durante longos annos n'esta ultima cidade, depois em Salamanca, sabio universal, que só viera a Coimbra depois de instancias reiteradas do Rei de Portugal e do Imperador Carlos V; o dr. Luiz de Alarcão, fidalgo de grande nobreza, afamado pela sua memoria prodigiosa; o dr. João Peruchio Morgavejo, e o dr. Manuel de Andrade, professor habil, e dotado, como Alarcão, de uma memoria prodigiosa.

«O ensino das leis, ou do direito civil, estava confiado ao dr. Gonçalo Vaz Pinto, portuguez, um dos mais illustres jurisconsultos d'aquella epocha, e cuja doutrina se considerava como o oraculo dos tempos antigos; ao seu successor, o dr. Antonio Soares, que foi substituido por um hespanhol, o sabio dr. Santa Cruz; finalmente, aos drs. Fabio e Ascanlo, varões eruditos e graves, e oradores distinctos.

«A medicina era ensinada desde 1538 no collegio de Santa Cruz, por homens de grande nomeada; eram elles: mestre Henrique Coellar, portuguez, que tinha estudado em Paris com Brissot, e com o famoso Fernel, que estabeleceu em Coimbra o ensino da medicina, tal como o comprehendiam aquelles illustres professores; o dr. Antonio Reinoso de Vizeu, versado no conhecimento das linguas hebraica, arabe, grega e latina; o dr. Francisco Franco, de Villa Viçosa, medico de D. João III, que explicava Avicenna, e veiu a ser professor em Sevilha ao tempo da fundação de uma universidade n'esta cidade; o dr. Antonio Luiz Grego, de Lisboa, um dos homens mais sabios que illustraram a peninsula no seculo XVI, orador, historiador, philosopho e medico, o qual commentava Aristoteles e Galeno em grego; Thomaz Rodrigues da Veiga, de Evora, a quem Zacuto chama *artis hippocraticae summus antistes medicinae phœnix et omnium eruditissimorum medicorum voto doctissimus;* finalmente Affonso Rodrigues de Guevara, Antonio Barbosa, Luiz Nunes e o dr. Pedro Nunes, excellente mathematico, que foi o mestre de varios Principes da casa real.

«Nas grandes universidades em que, como as de Paris, Coimbra, Bordeaux, e Caen, comprehendiam as cinco faculdades, a mais importante, embora as outras fossem julgadas de jerarchia mais elevada, era a das artes. Desde 1537 professavam-se no palacio real de Coimbra a mathematica, rhetorica e musica; mas Portugal não possuia ainda para o ensino das humanidades um estabelecimento digno de rivalisar com os famosos collegios de Santa Barbara ou de Guyenne. Eis o motivo por que D. João III chamava para os seus estados a André de Gouveia e a seus sabios collaboradores. O monarcha não foi enganado nas suas esperanças.

«Apenas chegado a Coimbra, André de Gouveia lançou as bases de uma instituição, á qual deu o nome de «Collegio das Artes», era o nome que no seculo precedente tivera a grande escola de Bordeaux. O Rei de Portugal dotou amplamente o novo estabelecimento: seu director e seus professores, como assevera de Thou, receberam ordenados elevados.

«O collegio das artes abriu dentro em pouco suas portas a uma chusma de estudantes avidos de escutarem as lições d'estes sabios vindos de tão longe para ensinarem. Os mancebos portuguezes deixaram desde então de irem a Salamanca e a Paris, e encaminharam-se todos para Coimbra.

«Na divisão dos estudantes das artes, as cadeiras estavam confiadas a Diogo de Gouveia, irmão do principal; a um outro portuguez, mestre Luiz Alvares Cabral, e ao nosso Grouchy, a quem Pedro de Mariz chama Nicolau Grouchio, francez; o dr. Bordallo, interprete da moral philosophica.

«As outras classes tinham por professores: a primeira, George Buchanan, encarregado igualmente do ensino do grego; a segunda, Diogo de Teive; a terceira, o mestre Guilherme, sem duvida o mesmo a quem citámos entre os mestres do collegio de Guyenna; a quarta, Patricio Buchanan; a quinta, Arnould Fabricio; a sexta, Elie Vinet; a setima, Antonio Mendes; a oitava, Pedro Henrique, portuguez, que já tinha ensinado em Coimbra; a nona, um francez, a quem Pedro de Mariz chama mestre Jacques; a decima, mestre Manuel Thomás, portuguez.

«Ajuntemos ainda Marcial de Gouveia, irmão mais velho de André; João da Costa, encarregado das funcções de vice-principal, e um professor de rhetorica, João Fernandes, que tinha já adquirido reputação nas universidades de Salamanca e de Alcalá, e poderemos affirmar que por esta epocha não havia talvez collegio algum, o qual contasse tantos homens distinctos em o numero de seus professores. Dentro em pouco ainda outros mestres portuguezes, todos formados na universidade de Paris, vieram ensinar no estabelecimento fundado por Gouveia, e entre elles citaremos Lopo Gallego, Ignacio de Moraes, Belchior de Belliago, e o celebre antiquario André de Rezende. Não tem rasão Pedro de Mariz quando comprehende n'esta enumeração ao sabio philologo hollandez Nicolau Clénard ou Cleynaerts, o qual nada mais fez senão visitar a universidade de Coimbra durante as ferias do anno 1537.

«André de Gouveia não teve a dita de ver prosperar sua nova fundação. Esfalfado por seu zêlo, e pelas preoccupações de todo o genero, caíu doente, e a 5 de junho de 1548, não contando ainda um anno depois da sua chegada a Coimbra, morreu tendo apenas cincoenta e dois annos de idade.

«Antes de dar o ultimo suspiro, exprimiu desejos de ter por successores de seus trabalhos tão auspiciosamente começados, Diogo de Teive, em Coimbra, e João Gelida em Bordeaux. As ultimas vontades do illustre principal foram respeitadas, e alguns dias depois Teive tomava a direcção do collegio das artes.

«Apenas tinha elle morrido, que innumeraveis vicissitudes assaltaram seus companheiros, privados do seu chefe, e rodeados de inimigos possantes e invejosos!

«A hostilidade contra os mestres do collegio das artes, ao principio surda e moderada, não tardou a desencadear-se sem rebuço. Tres d'elles foram presos, e depois soltos no fim de algum tempo, sem terem podido conhecer o nome de seus accusadores. Buchanan não se livrou tão facilmente.

«O odio do cardeal Beaton, que lhe tinha suscitado já algumas difficuldades em Bordeaux, e que o perseguia na sua nova residencia, a liberdade com a qual

elle fallava ácerca da religião, seu gosto incorrigivel ao epigramma, suas imprudencias continuas, levantaram contra elle odios violentos. Diz-nos mesmo elle na sua autobiographia, quaes foram os aggravos que se apresentaram contra elle nos seus interrogatorios, aggravos de que se defende o melhor que póde, sem conseguir, no emtanto, justificar-se plenamente.

«Era em primeiro logar a famosa satyra escripta outr'ora contra os franciscanos, da qual, no dizer d'elle, só o Rei da Escocia, inspirador de uma tal poesia, tinha um exemplar. Tivera o auctor o cuidado de se desculpar para com o Rei de Portugal, antes da sua partida de França, e seus accusadores nem sequer o tinham lido. Devemos nós acreditar o poeta interessado em assim dizer? Limitemo-nos a asseverar que elle não diz uma unica palavra ácerca dos epigrammas virulentos que disparava então contra Belchior de Belliago, seu collega, mestre na arte da intriga, avarento e rapinante que elle denunciava ao reitor da universidade de Coimbra, nem ácerca de todos os versos que compunha contra a côrte de Roma, contra os frades, peregrinos, e contra um personagem alto e pujante, D. Antonio, abbade de Thomar, cujo mosteiro era o principal da ordem de Christo. Em segundo logar tinha comido carne na quaresma, e proferido contra os frades palavras das quaes só os frades se podiam offender. Mas o mais grave, era que n'uma conversa entre Buchanan e alguns mancebos portuguezes, se tinha fallado da Eucharistia, e o imprudente professor tinha declarado que no seu modo de pensar a opinião da Egreja romana não era a melhor. Duas outras testemunhas, um normando, Jehan Talpin, doutor e conego theologal de Périgueux, auctor de numerosas obras asceticas e de controversia religiosa, e um milanez, Jehan Ferrari, affirmaram, como Buchanan o veiu a saber alguns annos mais tarde, que numerosas pessoas dignas de fé tinham ouvido dizer que este pensava mal da religião catholica. No fim de dez mezes os inquisidores cansaram-se de conservar o poeta na prisão, mas mandaram-no encerrar por mais algum tempo n'um convento do Porto, cujos frades foram encarregados de o fazerem entrar nas mais crenças orthodoxas.

«Suas diligencias, porém, não foram coroadas de bom exito, pois alguns annos depois seu cathecumeno abraçou publicamente o protestantismo, cujos principios elle professava havia muito tempo. Foi durante esta longa e penosa detenção, que o poeta escocez começou sua traducção latina em versos metricos dos psalmos de David. Buchanan, solto finalmente, apesar dos esforços dos seus inimigos, solicitou do Rei de Portugal a permissão de voltar para França.

«D. João III quiz retel-o, e lhe deu uma pensão emquanto não obtinha algum emprego honesto[1], mas o poeta, nada obtendo á sua vontade, e perdendo as esperanças de encontrar socego n'este paiz estrangeiro, onde não tardaria em se indispor com o santo officio, embarcou em Lisboa apenas encontrou occasião propicia, n'um navio que se fazia de véla para Inglaterra. Em Coimbra, assim como em Bordeaux, Buchanan foi pois um manancial de embaraços e de desgostos para seus collegas e amigos.

«No collegio das artes, assim como de Guyenne, foi Nicolau de Grouchy encarregado do ensino da dialectica, e continuou a dictar seus commentarios sobre Aristoteles, e talvez tambem alli ensinasse as humanidades.

---

[1] Que os inimigos de D. João III notem esta passagem narrada pelo visconde de Grouchy.

«Bigot pretende que o nosso sabio foi empregado na educação do Infante de Portugal, depois D. João III. Temos aqui um erro evidente, pois era precisamente D. João III, Rei de Portugal, quem tinha chamado para os seus estados a André de Gouveia e a seus amigos.

«M. Ferdinand Deniz affirma tambem que Nicolau de Grouchy viera a ser preceptor dos filhos do conde da Athouguia. Foi no collegio das artes que o professor francez teve por discipulos estes mancebos? Ou então Grouchy achou durante algum tempo asylo em casa de um fidalgo portuguez, quando os companheiros de Gouveia foram obrigados a deixar Coimbra? Eis um ponto que não temos podido resolver. A pequena duração da residencia do nosso normando em Portugal torna a primeira hypothese mais verosimil. Parece, porém, que suas relações com o conde de Athouguia foram muito intimas, pois lhe dedicou uma obra, a qual hoje se não póde achar, a *Traducção da Ignez de Castro*, de Antonio Ferreira.

«Grouchy, durante sua residencia em Coimbra, começou, segundo diz M. de Quicherat, a publicação das suas edições latinas de Aristoteles, nas quaes tomou por base a que Joachim Périon publicára, havia alguns annos antes. O estylo do sabio benedictino era dos mais elegantes e dos mais puros; suas traducções não passavam de bellas infieis, eivadas de numerosos contrasensos, aos quaes Grouchy tomou a liberdade de corrigir. Um exemplar da edição portugueza[1], diz M. de Quicherat, veiu parar ás mãos de Vascosan, o qual propoz a Grouchy, que imprimisse á parte a *Logica*. O volume publicou-se com o titulo de *Logique d'Aristote*, traduzida por varios sabios[2].

«Achava-se no principio um prefacio enviado por Guérente, no qual toda a justiça era feita ao talento de Périon; mas como os auctores não se acham dispostos a concordarem em que se enganaram, mesmo quando lhes dão elogios pelo que fizeram bem feito, Périon zangou-se, gritou por toda a parte que o tinham «barbarisado», e para se vingar rompeu contra Grouchy um fogo de folhetos diffamatorios, que fizeram echo mesmo em Portugal, o qual se prolongou mesmo depois do regresso de Grouchy para a França.

«A retirada de Buchanan não tinha desarmado os adversarios occultos dos mestres do collegio das artes. Denuncias perfidas não cessavam de ser dirigidas contra o principal, Diogo de Teive, e contra a maior parte dos lentes, ácerca das doutrinas que ensinavam, e mórmente a respeito d'aquellas para as quaes os accusavam de tenderem secretamente. Os inquisidores envolveram-se n'ellas, e pouco faltou para que a colonia dos sabios bordelezes tivesse de responder a algumas das accusações de heresias sempre tão perigosas para os suspeitos. Quem

---

[1] Esta publicação de Grouchy é hoje completamente desconhecida. Comprehendia, alem de outros, o livro: *De Reprehensionibus Sophistarum*, do qual a bibliotheca de Palermo possue uma edição posterior, intitulada: *Aristotelis Stagiritae, de Reprehensionibus sophistarum*. Liber I, Nicolao Ghrouchio Rotamagensi interprete. Lutetiae, ex officina Michaelis Vascosani, via Jacobica ad insigni Fontis, 1551, cum privilegio. In-4.º de 42 pag. Na frente acha-se uma epistola de Grouchy, dirigida «omnibus in regio Lusitaniae gymnasio studiosis philosophiae auditoribus», e datada «Conimbricae, ex regio gymnasio, Cal. Aug. 1549.

[2] *Aristotelis logica ab eruditissimis hominibus conversa et a Nicolau Grouchio correcta atque emendata*, com um aviso ao leitor por Guérente, e uma poesia do mesmo a Grouchy, nova edição por Thomaz Richard, em 1561. Encontra-se uma outra edição na bibliotheca imperial e real de Vienna. Lugduni, apud Antonium Vincentium, 1560, in-8.º

tramava estas conspirações? Qual o fim d'ellas? Diogo de Teive e os seus amigos só o souberam seis annos mais tarde, quando uma manhã o padre Mirão, provincial dos jesuitas, se apresentou com uma ordem do Rei, datada de 10 de setembro de 1555, a qual ordenava do modo o mais positivo ao principal e a Castanheda, guarda dos archivos, que entregasse ao referido Mirão, a partir do 1.º de outubro, o collegio das artes. sua mobilia, dinheiro e papeis. Este golpe inesperado foi tanto mais cruel para os «barbistas», quanto lhes foi descarregado por um de seus antigos condiscipulos, Simão Rodrigues de Azevedo.

«Tinha este sido enviado para Santa Barbara na qualidade de porcionista do Rei de Portugal, e tinha travado intima amizade com Francisco Azpilcueta de Chabier (Francisco Xavier), e com Ignacio de Loyola, que o admittiu em o numero dos fundadores da companhia de Jesus. Em Roma, onde tinha feito companhia a Loyola, Simão Rodrigues causou impressão ao embaixador de Portugal, Mascarenhas, que fez com que D. João III o designasse para ir evangelisar nas Indias orientaes com Francisco Xavier.

«Por este tempo o jesuita portuguez caíu doente, e Francisco Xavier partiu sósinho para as regiões remotas, das quaes devia ser o apostolo.

«No anno seguinte (1542), ao mesmo tempo que Loyola tomava posse do governo dos padres da companhia de Jesus, fundava D. João III na universidade de Coimbra o primeiro collegio que teve a celebre companhia, e Rodrigues ficava sendo o director d'elle. Tomou desde então um imperio absoluto sobre o espirito do monarcha, ao qual arrancou o expediente fatal, do qual acabâmos de fallar, e uma serie de actos que submetteram completamente a universidade de Coimbra aos jesuitas, até á reforma d'ella pelo marquez de Pombal.

«A expedição dos sabios, vindos de tão longe para darem a Portugal um dos seus mais famosos estabelecimentos litterarios, tinha, graças a seu zêlo, graças a seu saber, tido um exito maravilhoso, mas não lhes era permittido colherem a gloria d'elle. Havendo chegado com a esperança no coração e accumulados de promessas, que, com pesar seu, o Rei de Portugal já não ousava cumprir, era-lhes indispensavel deixarem Coimbra como fugitivos.

«Os portuguezes receberam, com o andar dos tempos, compensações. Diogo de Teive, nomeado, algum tanto contra vontade d'elle, para um canonicato na cathedral de Miranda, n'elle acabou seus dias no esquecimento. Diogo de Gouveia, melhor tratado, veiu a ser conego em Lisboa, deputado da «Mesa da consciencia» (tribunal da inquisição), e mais tarde prior de Palmella, e deixou depois da sua morte uma grande reputação de santidade. Antonio Mendes, foi, com o decorrer dos tempos, elevado á dignidade de bispo de Elvas. Dos francezes, uns voltaram para Bordeaux e outros para Paris. Elias Vinet entrava desde julho de 1549 no collegio de Guyenne, do qual veiu a ser principal passados alguns annos; Patricio Buchanan tinha já voltado para Sainte Barbe, e Grouchy seguiu-os dentro em pouco.

«Nicolau de Grouchy, acompanhado provavelmente do seu fiel e inseparavel amigo Guilherme de Guarente, deixou Portugal nos ultimos mezes de 1549, ou no principio de 1550, e se encaminhou directamente para a Normandia, para junto dos seus. Durante mais de vinte annos habitou a terra de La Cauchie, a qual havia muito tempo que pertencia a seus antepassados,

No seu retiro, Nicolau de Grouchy esforçou-se por esquecer as vicissitudes que tinham acabado de o experimentar, entregando-se ao trabalho com seu ardor

costumado, publicando importantes trabalhos, estudando o direito civil, mantendo correspondencia activa com seus antigos collegas e com diversos sabios, e relações não interrompidas com os gentis homens distinctos da sua visinhança.

«Nosso sabio professor tinha, durante sua residencia em Coimbra, escripto um resumo de suas lições. A pedido de seus amigos completou este trabalho, o qual appareceu dentro em pouco com este titulo: *Præceptiones dialecticae, Nicolao Grouchio Rhotomagensi authore.* Lutetiae, apud Vascosanum, via Jacobea, ad insigne Fontis, 1552; in-4.º de 72 pag. Esta obra foi escripta durante a residencia de Grouchy em Portugal.

«Este livro é rarissimo, como quasi todas as obras de Nicolau de Grouchy. Passou pela sorte dos livros de escola, para os quaes a mão dos estudantes tem sempre tão pouco respeito. Quem poderá, dentro de um seculo, colleccionar as differentes edições das grammaticas, dos *Epitomes,* e dos *De viris,* impressos annualmente aos milhares?

«Mr. de Quicherat diz que nenhuma das nossas bibliothecas possue as *Præceptiones dialecticae;* encontra-se, comtudo, um exemplar conservado na bibliotheca Mazarina, e nós conhecemos outros tres na bibliotheca do convento de Ara Cœli em Roma, na bibliotheca real do Escurial, e na bibliotheca de Milão.

«Teve este tratado de Grouchy um magnifico acolhimento, e foi reimpresso varias vezes. A rica bibliotheca da universidade de Leyde possue um exemplar que julgâmos unico, de uma impressão feita em Paris no anno de 1558, in-4.º, e na de Berne, bem como na bibliotheca Mazarina, encontra-se uma outra edição, publicada em Paris com este titulo: *Præceptiones dialecticae, Nicolao Gruchio Rothomagensi authore, Disputatio ejusdem quid de nomine dialectices et logices cum Aristotele sentiendum sit, et quo singuli libri organi Aristotelis pertineant.* Parisiis, apud Gabrielum Buon, in clauso Brunello, sub signo D. Claudii, 1560.

«Em 1552 Nicolau de Grouchy publica: *Aristotelis de Demonstratione, sive de secunda parte* Ἀναλυτικῶν *libri* II, *Nicolao Grouchio Rothomagensi interprete.* Parisiis, apud Vascosanum, via Jacobæa, ad insigni Fontis, 1552, cum privilegio. In-4.º de 42 pag.

«Fôra esta traducção feita em Portugal, e Grouchy a tinha dedicado aos estudantes do collegio das artes de Coimbra.

«*Aristotelis Stagyritae de Reprehensionibus Sophistarum liber, etc.* Lutetiae, 1551. Tambem dedicado aos mesmos estudantes.

«Nicolau de Grouchy veiu a morrer na cidade de la Rochelle no anno de 1572.

GRUMSEL (GÉRARD ——).—Poeta natural de Liège, onde nasceu em 1613; entrou para a Companhia de Jesus em 1632; passou mais de vinte annos nas missões da Hollanda, e ainda vivia em 1676[1].

E. *Mechlinia illustrata luce miraculorum S. Francisci Xaverii orbis utriusque solis ac thaumaturgi Chronicis Distichis evulgata anno 1668. Auctore Gerardo Grumsel, Societatis Jesu Sacerdote.* Mechliniae, typis Gisberti Lintsii, sub signo typographiae, Superiorum permissu.

As approvações são de 1663.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. I, pag. 364.

GUALTANI (G. A).

Pompa funebre per le solemni esequie di Maria Isabella di Braganza, Regina delle Spagne e delle Indie, fatte celebrare in Roma da S. M. C. l'augusto consorte Ferdinand VII. Roma, 1820, fol., com magnificas gravuras.

GUALTIERI (GUIDO ——).

Relatione della venuta degli Ambasciatore Giaponesi a Roma, sino alla partita di Lisbona. Roma, per F. Zanetti, 1586.

Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

GUARDIA (J. M.).

L'art de gouverner, discours adressé à Filippe III (1598), publié par la première fois en espagnol et en français, par ——. Paris, 1867.

V. *Archivo Pittoresco,* de 1868, pag. 195.

GUARENTI (PIERRE ——).—Director da galeria de Dresde.

Fez uma viagem a Portugal entre os annos de 1733 e 1736, e publicou em 1753 uma nova edição do *Abecedario Pittorico* de Orlandi, na qual introduziu um grande numero de artigos relativos ás bellas artes em Portugal[1].

GUARNIERI (D. GIO. LORENZO ——).—Prete secolare da Retogliano, provinciae di Bari.

E. *Emmanuele* (sic) *volgarizzato et accresciuto dall' Accademico Arrischiato. Dedicato alla Santissima Trinità.* In Napoli, per Antonio Bulifon, 1688, nella stamperia di Gio. Francesco Paci, in-8.º, 490 pag.

Não sei bem qual o assumpto de que trata este artigo. Será a vida de El-Rei D. Manuel?

GUAY (MARCEL ——).

Le régime de la communauté entre époux dans le nouveau code civil portugais. Paris 1880.

Eugène Auriac, André de Bellecombe, Fortuné du Boisgobey, A. Borel d'Hauterive, Henri de Bornier, Augustin Challamel, Victor Cherbuliez, Oscar Commettant, Théophile Denis, Charles Diguet, Ferdinand Fabre, Elie Frebault, H. Gourdon de Genouillac, etc., etc. Comme chez Nicolet. Paris, 1885, in-8.º, xv-436 pag.

É uma especie de miscelanea em prosa e em verso, e na qual a pag. 237-253 se encontra um artigo de Marcel Guay, intitulado: *De la gynécocratie de Portugal:*

*
* *

«Os costumes e as leis portuguezas são quasi desconhecidos na França, e no emtanto ellas mereceriam ser estudadas. Portugal, embora acanhado no seu territorio, occupou um grande logar na historia da humanidade, já com sua lucta

---

[1] Comte A. Rackzynski, *Dictionnaire historique artistique de Portugal,* pag. 128.

contra os arabes, já com suas grandes descobertas maritimas, suas prodigiosas conquistas, e suas maravilhosas colonisações. Um povo que no exterior executou cousas tamanhas, merece ser estudado nas suas instituições, nos seus costumes e nas suas leis. O esquecimento em que o deixaram os trabalhos dos jurisconsultos e dos historiadores, parece-nos injusto. Portugal, que tem uma tal individualidade na historia, tem, outrosim, uma individualidade grande na sua legislação, onde se dão casos inteiramente originaes. Os grandes jurisconsultos não faltaram a este paiz, assim como tambem lhe não faltaram grandes Reis, grandes capitães e grandes navegadores; e no emtanto quem conhece o jurisconsulto Alvaro Valasco, auctor de tratados que podem tomar logar ao lado dos trabalhos juridicos os mais estimados dos outros paizes?...»

GUBERNATIS (ANG. DE ——).

Storia universale della Litteratura, vol. I. *Storia del teatro drammatico.* Milano, 1883. De pag. 485 a 492: *Teatro portoghese; Camoens.*

Storia della Poesia Epica. Milano, 1883. De pag. 249 a 262: *Camões.*

GUDIEL (JERONYMO ——).—Doutor em medicina na universidade de Salamanca, de onde D. João Telles Giron, conde de Urenha, o tirou, para estabelecer em Ossuna a universidade que fundou no anno de 1552. Varão não só douto na sua faculdade, mas na historia e genealogia.

Compendio de algunas historias de España, donde se tratan muchas antiguedades dignas de memorias; y especialmente de la antigua familia de los Girones, y muchos otros linages. Alcalá, 1577.

No capitulo XXII trata da familia de Cunhas, que passou de Portugal a Castella, e unida á dos Girones, procedem d'ellas grandes casas n'aquelle reino. Esta obra corre com grande estimação, justamente por ser fundamental. Salazar da Costa e outros reconhecem o merecimento d'este auctor.

GUENÉE (ANTOINE ——).—Abbade, e professor de rhetorica no collegio de Plessis. Nasceu no collegio de Sens, e tornou-se principalmente conhecido por uma obra intitulada:

Lettres de quelques juifs portugais. 3 vol. in-12, ou in-8.º, 1776 e 1805[1].

*
* *

«As cartas de alguns judeus portuguezes, allemães e polacos, dirigidas a Mr. de Voltaire pelo abbade Guénée, são de tal modo attrahentes e instructivas, que podiam comportar o assumpto de que se trata, não sómente por meio de uma discussão sabia e luminosa, mas até mesmo por meio de um agradavel gracejo. Embora Voltaire as tenha accusado de obras atrevidas, deshonestas, e sómente boas para alguns criticos sem gosto; embora tenha alcunhado o auctor de ignorante, imbecil, exaltado, etc., parece, todavia, que o publico não faz caso do

[1] Voltaire, *Nouvelle bibliothèque d'un homme de goût.*

que diz Mr. de Voltaire relativamente a seus criticos, e nem por isso deixou de ter em menos estima o seu trabalho ácerca dos judeus portuguezes.

«Tres edições, rapidamente desapparecidas do mercado, são a prova de um bom exito constante e duradouro. Este acolhimento é aliás merecido, pois não é possivel fazer sobresaír com mais exactidão e com mais solidez os erros de todas as castas[1].

GUENZEL, ou **GUENTZEL** ou **GUINSOL (JOÃO ——).**—Jesuita, bohemio, missionario no Brazil.

E. *Brief P. Joannis Guinsol S. J. geschrieben zu Bahia in Brasilien den 5 Jun. 1694 Gefahr und Ankunfft allda. Sein Beruf auf die Mission zu Tapuyos. Seltsame Provintze Congregation. Von P. Valentini Estancol Büchern und Schicksal, Verschiedene Zeitung aus Sina und Ost-Indien, als von V. P. Joan de Brito von Grimaldi, von P. Schuech, von P. Spinola, von P. Philippi Couplet-Tod. u. s. w.*, pag. 60–62.

Brief P. Guentzel oder Guinsol S. J. an R. P. Holtzbecher, S. J. Lisbona, den 7 Sept. 1720. Er kommt aus Brasilien daselbst an. Von der Beschaffenheit seiner Mission und denen reichen Gold-Gruben in West-Indien, pag. 31.

Foram estas cartas impressas no *Welt-Bott*, do P. Stöcklein. Tomo I, n.º 49, e tomo VIII, n.º 207.

GUEVARA (DON ANTONIO DE ——).—Obispo de Mondoñedo, Predicador y Chronista, y del Consejo de Su Magestad.

E. *Menosprecio de Corte, y alabanza de Aldea, en el qual se tocan muchas, y muy buenas doctrinas, para los hombres que aman el reposo de sus casas, y aborrecen el bulicio de las Cortes. Copilado por el ——. Dirigido al muy alto y poderoso Rey de Portugal. Don Juan, el tercero de este nombre. Quinta impresion. Con licencia.* En Madrid. Por Juan Valentino. Año de 1735. 8.º, 161 pag.

GUEVARA (JUAN BELTRAN DE ——).—Nasceu em Medina de las Torres e foi arcebispo de Salerno e depois de S. Thiago. Falleceu em 1622.

Escreveu uma obra intitulada: *De Jure Philippi Regis II Catholici ad sucessionem regni Portugalliae*, a qual Nicolau Antonio, a pag. 659 do vol. I da sua *Bibliotheca Nova*, diz que nunca se imprimiu.

Vidal, a pag. 421 da sua *Memoria historica da universidade de Salamanca*, diz-nos que se conserva manuscripta uma obra d'aquelle auctor, intitulada: *Pro jure Philippi II, Regis ad successionem regni Portugaliae.*

GUEVARA (LUIZ VELEZ DE ——).

Comedia famosa. Reynar despues de morir. Sem mencionar auctor nem data. 28 pag.

Entram os seguintes personagens: El-Rei D. Affonso de Portugal; Principe D. Pedro; D. Branca, Infanta de Navarra; D. Ignez de Castro, dama; Violante, creada; o condestavel de Portugal; Nuno de Almeida; Egas Coelho; Alvaro Gonzalez; Brito, gracioso; Alonso e Dionis, creanças; musicos e acompanhamento.

---

[1] *Les trois siècles de notre Littérature ou Tableau de nos écrivains depuis François I jusqu'en 1772, par ordre alphabétique*, vol. II. pag. 106.

GUIARD (ABBÉ ——).
Saint Antoine de Padoue, sa vie, ses œuvres, son temps. Paris, 1868, 8.º

GUIBOUT (M. J. J.).
Episodes de l'Histoire de Portugal.

GUIDA *di conversazione in italiano e in portoghese, contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronunzia figurata della parole portoghesi di M. Nabantino e A. Monteiro.* 1 vol.

GUIDE (A.) *to Madeira: containing a short account of Funchal.* London, 1801.

GUILHERME J. C. HENRIQUES.
Portugal or the result of a liberal government by ——. London, Wyman & Sons. 1880. 8.º gr., 114 pag.

GUIRIAN (N. J.).
In nuptiis Mariae II, augustissimae et Augusti Leuchtemberg Ducis ad Regium Thalamum, soliumque vocati.

Foi esta poesia latina acompanhada de uma versão portugueza feita por F. A. Martins Bastos, publicada a pag. 263 do jornal *O mosaico,* vol. I, Lisboa, 1839.

Petro IV Lusitaniae pridem Regi, Brasiliensis necnon Imperii Auctori. Epicedion.

A pag. 104 do mesmo jornal, vol. II, acompanhada tambem de versão em verso, pelo mesmo traductor.

GULLON (PIO. ——).
E. *La Fusion Iberica.* Madrid, 1861.

Este opusculo é notavel pelo seu desabrimento contra Portugal. Propõe desassombradamente *a conquista,* em estylo violento e phrase empolada.

Os proprios jornaes da epocha lhe condemnaram a doutrina, dando-a por inspirada no palacio de Santo Ildefonso, para contrapor á voga que então tinha a sonhada candidatura de D. Pedro V ao throno da Iberia[1].

GULNER (FRANÇOIS XAVIER ——).— Jesuita, hungaro.
Panegyricus D. Francisco Xaverio dictus. Tyrnaviae, 1765, in-12.

GUMB (SIMON ——).— Jesuita.
E. *Brief R. P. Simonis, Soc. Jesu, Missionarii in China, aus der Ober-Reinischen Provinz, an R. P. Hermannum Goldhagen, derselben Gesellschaft und Provinz, geschrieben zu Macao, dem 15 Christmonats 1749. Inhalt. Betrubter Zustand der*

---

[1] L. A. Palmeirim, *Portugal e os seus detractores,* pag. 295.

Stadt Macao. Seltsame Bekehrung eines Heiden. Der Kayser in China erzeigt sich gegen die Europäer in Peking etwas freudlicher, ist ein verstocker Götzen-Diener. Lasset sich von denen Götzen-Priestern schandlich verfuhren. P. Gumb bereitet sich zur Reise nach Tunkin.

Acha-se em o *Neue-Weltbott,* do P. Stocklein, tomo XXXV, n.º 697, pag. 128 a 132[1].

GURWOOD (LIEUTENANT ——).

Selection from the dispatches and general orders of Field Marshall the Duke of Wellington, by Lieut. Colonel Gurwood. London, 1838.

GUSTA (FRANCISCO ——).—Nasceu em Barcelona no anno de 1744, a 9 de janeiro. Entrou para a companhia de Jesus a 2 de outubro de 1759. Depois do decreto da expulsão da companhia de Jesus para fóra de Hespanha, retirou-se á Italia. Apenas Pio VII restabeleceu a ordem, entrou para ella em Napoles. Ensinou depois theologia em Palermo, onde morreu no anno de 1816[2].

E. *Vita di Sebastiano Giuseppe de Carvalho e Mello, March. di Pombal, Conte di Oyeiras ec. Segretario di Stato e Primo Ministro del Re di Portogallo D. Giuseppe I.* Sem logar de impressão, 8.º, 5 vol.

Caballero cita uma edição de Iverdun (Sienna), 1782, in-8.º, 4 vol., e diz ser a 4.ª edição, correcta e augmentada.

Foi esta obra traduzida para allemão pelo abbade Jagemans, e publicada em Gratz no anno de 1782, e para francez com o seguinte titulo: *Mémoires de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, Comte d'Oeyras, Marquis de Pombal, Sécrétaire d'État et premier Ministre du Roi de Portugal Joseph I.* Sem logar de impressão. 1784, in-12, 4 vol. Traduzida por Gattel, e impressa em Lyon.

Mémoires de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, Comte d'Oeyras, Marquis de Pombal, Sécrétaire d'Etat et premier Ministre du Roi de Portugal Joseph I. A Lisbonne, et se trouve à Bruxelles, chez B. Le Francq, imprimeur libraire, rue de la Magdeleine, 1784, in-12, 4 vol., pag. XXX, 220, 237, 247 e 267.

No prefacio refuta-se uma obra publicada primeiramente em inglez, depois em portuguez, e finalmente em francez, com o titulo de: *Lettres sur l'état ancien et moderne de Portugal.* Alguns extractos foram publicados em diversos jornaes francezes e italianos, principalmente nos *Annales ecclésiastiques de Florence.* No dizer de Caballero, o traductor não dá a conhecer que o original appareceu em italiano. Tal asserção não é completamente exacta. No corpo da obra o original italiano está mencionado explicitamente.

Oppozeram ás memorias:

L'Administration de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, Comte de Oeyras, Marquis de Pombal, Sécrétaire d'État et premier ministre du Roi de Portugal Joseph I. A Amsterdam, sem nome de imprensa, 1786-1787, in-8.º, 5 vol., com o *prospectus,* pag. XII-351, 196-CXIX, 380 e 204-188. Com o retrato de Pombal. *Prospectus pour placer á la tête de l'ouvrage intitulé: Administration du Marquis*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 198.
[2] Id. vol. IV, pag. 297.

de Pombal; contenant les causes de la puissance et de la faiblesse du Portugal. Ouvrage preliminaire. A Amsterdam, sem nome de impressor, MDCCLXXXVI, in-8.º, XII–108 pag.

«O prefacio da obra termina por estas palavras: «Refuto em primeiro logar um libello que apparece debaixo do titulo de: *Mémoires du Marquis de Pombal,* onde este grande homem é de tal modo desfigurado, que pelo retrato que d'elle se faz, não é conhecivel.» O prefacio é consagrado á obra do P. Gusta.

Esta obra é impressa em Paris com a indicação falsa de Amsterdam. Os documentos justificativos foram impressos com os caracteres da imprensa regia. *(Catalogo Van Hulthem,* n.º 18:431). Uma outra edição appareceu em Amsterdam, 1788, in-8.º, 4 vol., ou para melhor dizer, é a mesma edição com mudança de titulo.

Anecdoctes du ministère de Sebastien Joseph de Carvalho, Comte de Oeyras, Marquis de Pombal, sous le règne de Joseph I, Roi de Portugal. Nouvelle édition, revue et verifiée sur les Décrets emanés du Trône, sur d'autres pièces justificatives et sur le temoignage des auteurs impartiaux. A Varsovie, chez Janosrovicki, imprimeur libraire. 1784, in-8.º, XXX–432 pag.

A advertencia diz: «A unica differença que se encontra entre estas duas obras (as *Anecdotes* e as *Mémoires),* só consiste na maneira de expor os factos com mais ou menos extensão, exceptuando, todavia, o que as *Mémoires* têem ousadamente asseverado em harmonia com as sentenças absurdas e com as gazetas apaixonadas ácerca da realidade da pretendida conjuração, a respeito das aventuras e da morte do famoso Polycarpo Azevedo, e a respeito das estravagancias imputadas ao P. Malagrida.» Já elle tinha dito: «A primeira edição das *Anecdotes* foi esgotada com uma rapidez assombrosa. O editor preparava-se para publicar uma segunda retocada acuradamente, quando viu apparecer as *Mémoires*... os redactores d'estas duas obras, sem se conhecerem, e por conseguinte não se tendo podido combinar, referem geralmente os mesmos factos, revestidos das mesmas circumstancias, e produzidos pelas mesmas causas.»

«Escreveram, ainda, contra as *Anecdotes:*

Lettres écrites du Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume. Traduites de l'anglais, suivies du portrait historique de Mr. le Marquis de Pombal. A Londres, 1780, in-8.º

GUY (J. H.).

E. *Sophie et Moncars, ou l'intrigue portugaise. Comedie lyrique.* Paris, an V, 1797.

GUYON (ALFRED DE ——).

Poesies nouvelles. Paris, 1828, in-8.º

A pag. II: *Camoens s'exilant à Goa.*

GUYS.—Secrétaire du Roi, de l'Academie des sciences et belles lettres de Marseille.

E. *Voyage littéraire de la Gréce, ou lettres sur les grecs.* Paris, 1783.

«No vol. III d'esta obra, depara-se-nos (pag. 303 a 371): *Eloge de René Duguay-Trouin, lieutenant général des armées navales de France, commandeur det*

l'ordre Royal et militaire de Saint Louis. Discours qui concorut pour le prix de l'academie française, en 1761.

«Esta feliz expedição cobriu de gloria todos os officiaes que n'ella haviam sido empregados: Courserac, S. Germain, Goyon, e uma chusma de outros n'ella se distinguiram; mas o céu, na retirada, fazendo com que houvessemos de luctar contra uma medonha tempestade, nos affligiu com a perda a mais sensivel.

«Generoso e valente Courserac, fiel companheiro de armas do nosso general, vós, como elle, o terror de nossos inimigos, que nos tinheis aberto um caminho inaccessivel aos homens os mais arrojados, vós tendes triumphado dos maiores obstaculos, e não podestes resistir á tempestade que vos submergiu com vossos bravos soldados.»

GUZMAN (D. MELCHIOR DE CARRERA NUNEZ DE ——).— Hespanhol.

Madrid, patria verdadera de S. Damaso, papa. Madrid, 1678, 4.º[1].

Nicol. Ant., *Bibl. Nova*, pag. 119.

H

«C'est en Portugal surtout que la poésie a payé à la valeur nationale un juste tribut d'éloges. Les limites de la Péninsule ne l'ont pas arrêtée; elle a suivi les vainqueurs par delà les mers, sur les côtes d'Afrique et d'Asie, et partout elle a trouvé des exploits à rappeller à l'admiration de tous les âges. C'est peu de les avoir célébrés dans la langue vulgaire, connue à peine d'une étroite partie du continent; ils méritaient des vers destinés, comme ceux des chantres d'Enée et de César, à parcourir les siècles et recueillir les hommages du monde. Diu, Malacca, Arzilla, ont eu des panégyristes. Chau-était bien digne d'en trouver.

(Guerre de Tripoli, pag. XXVI.)

H. CHESTER.

Spain and Portugal, ou relation with the Peninsula, by ——. In-4.°. London, 1834.

H. JAILLOT.

Espagne suivant l'étendue de tous ses royaumes et principautés, compris sous les couronnes de Castille, de Aragon et de Portugal. Cartes geographique. Par ——.

H. S. J. F. M.

All' Eccelentissimo Signor D. Luigi Sousa Arcivescovo Primas, Consigliere di Stato, Ambasciatore Straordinario per la Corona di Portogallo, alla Santità del Papa Innocentio XI. Soneto. Fol.

H. SAY.

Histoire des relations commerciales entre la France et le Brésil. Paris, 1839.

HAAFNER (M. J.).

Voyage dans le Péninsule occidentale de l'Inde, et dans l'île de Ceilan (1780), par ——. *Traduit du hollandois par M. Jansen.* Paris, 1811.

HABBEKE (GASPAR MAXIMILIAN VAN ——).
Sanctorum Ignatii et Xaverii in divos relatorum triumphus Bruxellae ab Aula et Urbe, celebratus. Bruxellae, apud Joannem Papermannum Typographum Civitatis sub Bibliis aureis, in-8.º, 105 pag.

HABLA *Don Guindo en lenguage jocososerio, como leal vasalo con el Rey nuestro señor (que Dios guarde), y discurre sobre los mal contentos.* (Guerra da acclamação.)

HADOT (BARTHELEMY ——).
E. *Les portugais proscrits ou le dominicain ambitieux.* 4 vol. Paris, 1821.

HAENEL (D. GUSTAVO ——).
Catalogi librorum manuscriptorum qui in bibliothecis Galliae, Helvetiae, Belgii, Britanniae, Hispaniae, Lusitaniae asservantur. Lipsiae, 1830.

HAES (FRANCISCO DE ——).—Poeta hollandez, distincto.
E. *Verhcerlykle en Vernerder de Portugal.*
N'esta obra, cujo titulo em portuguez significa: *Grandeza e decadencia dos portuguezes,* faz menção do nosso Camões. Vide Juromenha, *Obras de Luiz de Camões,* vol. I, pag. 297 e 298.

HAGEN (FR. H. VON DE ——).
E. *Die romantische und Volks. Litteratur der Juden in judisch-deutscher Sprache. Erster Theil.* Berlim, 1854.
Traz: *Poetas judeus em Portugal. Salomoncino, amigo de Camões.*

HAGHE.
E. *Vivian, G. scenery of Portugal and Spain, on stone by L. Haghe. 35 lithographies.* Fol. London, 1839.

HAHAM YEOSUAH.
E. *Discorsos predicaveis que o docto Haham Y. da Silva prégou no K. K. Sahor a Samayam em Londres.* Amsterdam, 1688.

HAHN-HAHN (GONDESSA ——).
Viagem para Hespanha e Portugal.

HAIMHAUSEN (CARLOS ——).
Brief P. Caroli Haimhausen S J. geschrieben zu Penco in Chili den 1 Aprilis 1724. Beschwerliche Reise von Buenos-Ayres uber Paraguaria und Mendoza biss Jacob-Statt in Chili: Aufstand allda. Spanische Wuet.
Vem em o *Neue-Weltbolt* do P. Stocklein, tomo IX, n. 230, pag. 27.

HALLER (C. L. DE ——).
Études historiques sur les révolutions d'Espagne et du Portugal. Paris, 1841

HALM'S (FRIEDERICK ——).
Camoens. Dramatisches Gedicht. Wien, 1838, in-8.º, 44 pag.

HAMONIÈRE (G).

E. *Collecção de trechos em prosa extrahidos dos melhores auctores francezes e portuguezes.* Paris. 1818.

Nouvelle guide de la conversation en portugais et en français. Paris, 1817; Lisbonne, 1825.

Grammaire portugaise. Seconde édition. Paris, 1824; Ib., 1829; Ib., 1830.

HANBDOOK (A) *for travellers in Portugal. With a travelling Map.* London, John Murray, Albemarle Street. 8.º gr., LXI–190 pag. 1856.

A Handbook for travellers in Portugal. London, 1864.

É um guia de interesse, mas Portugal hoje é muito outro do que era n'aquelle tempo.

HANDLER (FRANCISCO XAVIER ——).—Natural de Vienna, onde nasceu em 1665. Ensinou humanidades n'esta cidade e em Gratz.

E. *Pressa, non oppressa Pietas in Alphonsi VI, Portugaliae Regis Regia Conjuge Patribus nuper ab Academica Juventute graecensi ludis Praemialibus data, nunc Perillustribus admodum Reverendis... DD. AA. LL. et Philosophiae Magistris, dum in eadem alma ac celeberrima Universitate solemni ritu Promotore R. P. Andrea Franzell e Soc. Jesu. AA. LL. et Philosophiae Doctore, ejusdemque Professore Ordinario publicum meritae gloriae Theatrum laureati subirent ab Illustrissima Oratoria Facultate Dicata.* Graecii, apud Haeredes Widmanstadii, in-8.º, 34 fol., em verso.

HANXLEDEN (JOÃO ERNESTO ——).—Missionario jesuita no Malabar, fallecido em 1732 em Pashur ou Palur. Applicou-se muito ao estudo da lingua sanscrita, e escreveu:

Dictionarium Malabarico-Lusitanum; manuscripto. Chegou até á letra F. Depois foi continuado por D. Antonio Pimentel, arcebispo de Cranganor. Poz-lhe, porém, o remate o mesmo P. Hanxleden, dando-lhe o nome de: *Vocabulario da lingua malabar.*

Dictionarium Samscredamico-Lusitanum. P. Hanxleden, D. Pimentel et P. Biscoping. *Codices cartacei.* In-fol.

Encontram-se estes manuscriptos na bibliotheca da propaganda em Roma, e são d'este modo descriptos no *Examen historicum-criticum codicum Indicorum Bibliothecae Sacrae Congregationis de propaganda fide. Auctore P. Paulino a S. Bartholomeo Carmelita discalceato Malabariae ex-Missionario, Academia Volscorum Veliternae socio. In Collegio Missionum Romae ad Sanctum Pancratium linguarum Orientalium Praelectore.* Romæ, ex typographia de Prop. fide, in-4.º, pag. 55, 56 e 77 [1].

HARCOURT (E. V.).

Apresentou uma lista das aves da Madeira, na obra *Annals and Magazine of Natural History.* Junho de 1855.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. v.

HARDER (ERNEST ——).—Doutor em philosophia.

E. *Der Einfluss Portugals, bei der Wahl Pius VI.* Könisberg, sem data. 8.º, 127 pag.

HARKORT (C.).

Projectirte preussische Cap Verd Stein-kohlen station bei Mindello auf Saint Vicent, Porto Grande. Lissabon, 1865.

HARO (ALONSO LOPES DE ——).

E. *Nobiliario genealogico de los Reyes y titulos de España.* Madrid, 1622. 2 tomos in-fol.

«Estes livros, ainda que de titulos de Castella, comprehendem muitas casas de Portugal, e ainda que este livro foi reprovado por uma lei, não deixa de ter estimação; Salazar, que o refere na introducção do seu livro *Advertencias historicas,* o quiz emendar e acrescentar, obra que seria muito util, e Joseph de Faria, como já disse, o illustrou com algumas notas manuscriptas. E tambem compoz outras obras genealogicas[1].

HARPE (LA ——).

E. *Abregé de l'Histoire générale des Voyages.* Paris, 24 tomos, in-8.º, 1816.

«No tomo I trata da primeira expedição dos portuguezes á India e Africa, do descobrimento de Cabo Verde e do commercio com os arabes; no III, da entrada e estabelecimento dos portuguezes na China; e no VI volta largamente ao mesmo assumpto[2].»

HARRIS.

A word of truth on Port-wine, addressed to the british public by a gentleman and a british merchant. Second edition, with appendix. London, 1844.

HARRIS (JOHN ——).

Navigantium atque itinerantium Bibliotheca, or a complete collection of voyages and travels, consisting of above six hundred of the most authentic writers, beginning with Hackluit, Purchass, &c., in english; Ramusio, Alamandini, Careri, &c., in italian; Thévenot, Renaudot, Labat, &c., in french; de Brye, Grinaeus, Maffeus, &c., in latin; Herrera, Oviedo, Coreal, &c., in spanish; and the voyages under the direction of the East-India Company in Holland in dutch; together with such other histories, voyages, travels, or discoveries, published in english, latin, french, italian, spanish, portuguese... originally published by ——, revised with large additions, and continued down to the present time. London, 1744, 2 vol., in-fol.

HARRISSON (W. H.).

E. *The tourist in Portugal.* London, 1839.

Nunca vi, mas julgo ser obra com algum desenvolvimento, pois Oldknow,

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 211.

[2] Camillo Castello Branco, *Narcoticos,* vol. II, pag. 41.

na sua obra: *A month in Portugal,* cita as pag. 214, 215. 231 e 232, da obra de Harrisson.

HARTOGENSIS (S.).
V. Paw (Alexanader A. ——).

HARZÉ (ANATOLE ——).
Stances à Sa Maejsté D. Maria Pia, Reine de Portugal. Lisboa, typ. Castro & Irmão

Quand l'escadre royale, atterrant d'Italie,
Tendait l'azur du Tage, et que, sous les pavois,
Détonaient les canons joyeux, à pleine voix,
Quand Lisbonne acclamait, d'allégresse remplie,
La frégate amenant, sur la vague assoupie,
Au Roi Louis Premier l'Épouse de son choix,

Alors que, sur les quais, un peuple enthousiaste
Fêtait vôtre venue et pressentait en vous
Je ne sais quoi de bon, de charmant et de doux,
Dans l'émoi d'un accueil environné de faste,
Au seuil d'un avenir qui s'ouvrait noble et vaste,
Et la main dans la main de votre auguste Époux.

N'avez-vous point, Madame, à cette heure suprême,
Revu par la pensée — en un de ces retours
Mystérieux de cœur qu'on ne vainc pas toujours —,
Le Piémont natal avec son diadême
De glaciers éternels qui sont la beauté même,
Et, de vos jeunes ans, remesuré le cours?

Soudain, n'avez-vous pas béni votre patrie
Et ses francs contadins, au langage éclatant,
Qui vous firent escorte au port en sanglottant?
Et, vous ressouvenant de cette idolatrie,
Vous avez murmuré dans votre âme attendrie:
Mes amis d'aujourd'hui m'aimeront-ils autant?

Oh! vous n'en doutez plus. Le temps qui tout dévore
N'a pu, malgré son âpre et dure activité,
Mordre au charme natif de votre royauté.
L'enchantement persiste, et, comme à son aurore,
Au bout de quatorze ans votre règne est encore
Frais, jeune et souriant de popularité.

L'affection d'un peuple, ô chose rare, exquise,
Rayon tiède et pur, fleur au délicat parfum,
Qui, pour troubler parfois, n'est jamais importun!
Elle éclot sur vos pas; au théâtre, à l'église,
Où que vous paraissiez, votre œil bleu, sans méprise,
Lit votre bienvenue au regard de chacun.

C'est que la Reine en toi n'a point tué la femme,
O Maria Pia : c'est que tu tends la main
A tout désespéré gaignant sur ton chemin,
Que, pour panser sa plaie, y poser le dictame,
On n'a point souvenance, à Lisbonne, Madame,
D'avoir vu votre cœur attendre au lendemain.

Et vous avez raison : si l'humaine nature,
Ondoyante et diverse en sa fragilité,
Se relève pourtant par un divin côté,
Si quelque vertu gît en nous, dont la culture
Au rang du Créateur hausse la créature,
Cette vertu maîtresse est pour sûr la bonté.

Hier, le Tage gonfflé, déferlant sur ses digues,
Broyant, pulvérisant la pierre et le gazon
Comme un fou furieux qui brise sa prison,
Engloutissait les champs couverts d'épis prodigues
Sevrait le laboureur du prix de ses fatigues
Et lui montrait la faim hideuse à l'horizon.

Dans son sinistre essor, l'onde battait en brèche
Les murs du métayer, stupide sur son seuil
A l'aspect du flot noir béant comme un cercueil.
Le fléau, surprenant, prompt, ainsi qu'une flèche,
L'enfant dans son berceau, les brebis à la crèche
Faisant partout l'horreur, le désastre et le deuil.

Et l'eau montait encor, n'épargnant dans sa rage
Ni le village obscur ni la fière cité :
Abrantes, ce jour-là, vit son pont emporté,
Alemquer, Almeirim, tremblèrent sous l'orage,
A Muge, à Riachos, ce fut presqu'un naufrage,
Vallada fut réduit à toute extrémité :

Énorme fut le mal, atroce la détresse.
Aux lugubres récits de l'affreux désarroi,
Pas un cœur portugais qui n'ait frémi d'effroi,
Et, sur ce beau pays, que le soleil caresse,
S'étendit comme un voile immense de tristesse
Couvrant l'abri du pâtre et le palais du Roi.

Mais alors on a su combien votre âme, ô Reine,
Recèle de splendeurs : car on la vit alors
S'épuiser noblement en généreux efforts
Et, sur des malheureux, à la vie incertaine,
Près, dans leur abandon, de mourir à la peine,
D'une charité rare épandre les trésors.

Oui, quand de pauvres gens rivés à la souffrance,
Manquant soudain de tout, sans toit, sans pain, sans feu,
Cherchaient à l'horizon quelque coin de ciel bleu,
Ce fut de vous qui vint le rayon d'espérance,
Précurseur de salut, aube de délivrance,
Qui leur rendit courage et vigueur après Dieu.

L'exemple s'imposa, tombant ainsi du trône;
De Bragance à Faro, l'on vit le Portugal
Déployer, à le suivre, un élan sans égal.
Pour ces champs ruinés pour l'impur limon jaune,
Grands et petits, chacun d'apporter son aumône.
Pour votre cœur navré ce fut un doux régal.

Et avez-vous senti que c'est bon d'être bonne,
De voler au secours de tout déshérité
S'etreignant corps à corps avec l'adversité.
Et, quand on porte au front une antique couronne,
D'aimer une vertu dont le reflet lui donne
Ce lustre étincelant : la Popularité.

Liége, janvier, 1877.

Anatole Harzé.

HASSEL U CANNABICH.

E. *Erdbeschr. der Konigreiche Spanien, Portugal und Niederl.* Weimar, 1820.

HAUSSEGER (JOSEPH ——).— Jesuita hungaro.

E. *Brief R. P. Josephi ——, Missionarii der Gesellschafft Jesu in Malabarien, aus der Oesterreichischen Provinz, an einen seiner guten Freuden: geschrieben in Malabarien dem 19 Heumonats 1742. Inhalt. Der See-Rauber Marata hausset übel auf der Fischer-Cüste, und in dem Königreich Madura. Die Missiones von Travancor und Malabarien werden durch den Krieg verderbet. Der barbarische König Bosul wird von denen Portugesen überwunden, und zum Frieden gezwungen.* Pag. 111 a 113. Tomo xxxii, n. 636.

Esta carta e a seguinte encontram-se no *Neue-Weltbott,* do P. Stocklein.

Epistola ad R. P. Carolum Galleusfels, Confessarium Mariae Annae Reginae Lusitaniae Archiducis Austriae. Goae, 7 jan. 1732, qua iter suum Ulyssipone Goam multa inter pericula peractum describit.

Epistola ad Suam Majestatem Mariam Annam, &, ex Malabaria non procul Ambalacata in sua Missionis 26 Sept. 1732 qua aggressum suae Missionis, paupertatem Missionariorum, impedientem progressum Religionis, et diversas gentilium illorum superstitiones describit[1].

Epistola ad R. P. Leopoldum Wezunger, Confessarium Gynaecei Reginae Lusitaniae ex Palure 29 Aug. 1733 qua ritus Syrorum tam unitorum quam desunitorum et occupationes suas sacras describit.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. i, pag. 393.

Epistola ad eundem ex Ambalacata 13 Jul. 1735, qua Reginae liberalitem (sic) *laudat, et laborum suorum copiam ob variolas inter infantes grassantes propriamque infirmitatem enarrat.*

Epistola ad R. P. Carolum Gallensels ex Missione sua 12 Jul. 1788 qua persecutionem in Cochin partim ab ethnicis, partim ab Hollandis excitatam, ac famem et infirmitates in Malabaria grassantes describit.

Epistola ad R. P. Leopoldum Wezunger, ex Palure 15 Jul. 1741, de turbis bellicis in Malabaria, magno Missionum damno.

Epistola ad R. P. Josephum Ritter S. J. Confessarium Mariae Annae Reginae Lusitaniae ex Palure 29 Oct. 1742, qua idolo Malabarum ritusque superstitiosos, suos Sociorumque labores describit.

Epistola ad eundem ex Ambalacata, ubi tum rector fuit, 13 Aug. 1744, de paupertate hujus Collegii, statu sat prospero Missionum in Malabarica, tanto tristioris in Ora Piscatoria.

Ha tambem cartas de Meliapor, S. Thomé, costa de Coromandel, Travancor, etc.

HAVERMAN (JOÃO ——).

Livrinho de orações. Emendado para uso da igreja reformada pelo sr. Henrico vans Diest. Traduzido por Jacobo op den Akker. Batavia, 8.º, 1 vol., 221 pag., sem data.

HAZART (CORNELIUS ——).— Controversista celebre, nascido em Audenarde no anno de 1617. Entrou para a companhia de Jesus em 1633. Viveu em Anvers mais de vinte annos e morreu em 1688.

E. *Kerckelycke Historie van de gheheele wereldt, naemelyck van de voor-gaende ende teghenwoordighe eeuwe, in welcke verhaelt worden de ghelegentheden der Landen, manieren, ceremonien, ende religien der inwoonderen, maer namelyk de verbreydinghe des H. Gheloofs, Martelaren ende andere kloecke roomsche catholycke daeden in de vier ghewest des wereldts, met verscheyden copere platen verciert. Beschreven door den Eerw. P. Cornilius Hazart, Priester der Societeyt Jesu. Het eerst deed vervattende de rycken ende landen van Japonien, China, Mogor, Bisnagor, Peru, Mexico, Brasilien. Florida, Canada, Paraguarien, Maragnon.* T' Antwerpen, by Michiel Cnobbaert, 1667, 484 pag. *Het tweede Deel vervattende de historien der Mooren, te weten: van Abassien, Angola, Bengo, beyde de Guineen, en Monomotapa ende van Duytschlandt, Hungarien, Bohemen, Polen, Transsylvanien, Sweden, Denemercken enz, ende van Vankryk.* Ibid., id., 1668, in-fol., 406 pag.

Totum opus in linguam Germanicam puriorem translatum mutato aliquantum ordine prodiit. Viennae. Pars I. 1678. Pars II versa a Mathia Soutermans S. J.

Oratio praenetica de Sancto Francisco Xaverio Indiarum Apostolo in qua describitur mirabilis ejus obedientia erga S. P. Ignatium, habita quondam in Academia Lovaniensi. Antuerpiae, apud Michaelem Knobbaert, 1680, in-12, 21 pag.

HAZE ou **HAEZE (JACQUES DE ——).**—Jesuita, natural de Anvers.

E. *Lettre du P. Jacques de Haze, missionaire de la Compagnie de Jésus, au R. P. Jean Baptiste Arendts, Provincial de la même Compagnie dans la Flandre-Belgique. Détails sur les bords de l'Uruguay, de la Parana et du Paraguay.* A

Buenos-Ayres, ce mars 1718. Nas *Cartas Edificantes,* Paris, 1839, tomo II, 95–101. Vertida para allemão no *Welt-Bott,* do P. Stocklein.

Quem desejar mais alguns esclarecimentos, encontra-os a pag. 281 do vol. V da *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* já muitas vezes citada.

HAZER *cuenta sin la huespeda. Zarzuela que se representa actualmente en Vila Viciosa, de Portugal, recreo del rey Don Pedro.* Impreso en Zaragoza, 1704. 8.º Em verso.

Saynete para la zarzuela: Hacer cuenta sin la huespeda.

Los valientes de la Ampa y fanfarron de la Europa. Entremés famoso para la zarzuela Hacer cuenta sin la huespeda. Zaragoza, 1704.

Estas peças são allusivas ás occorrencias da guerra da successão, e n'ellas até figura D. Pedro, Rei de Portugal.

Na mesma collecção que existe na bibliotheca publica de Lisboa, existem ainda as seguintes:

Comedia famosa del recebimiento que le hizo el Rey Don Pedro de Portugal al Archiduque Carlos. Lisboa, 1704.

Jornada segunda de la Comedia del Archiduque. Lisboa, 1704.

Loa para la comedia del Sueño del Perro, tercera parte de Hacer cuenta sin la huespeda y Al Freir de los Huevos, que representaron los trufaldines de las Cobachuelas. Compuesta por un ciego de la Estafeta. Traducida en castellano y portugués por un Armenio de la Puerta del Sol. Conferencia bolatil y terrestre para fin de este año de 1710 y principios del de 1711.

Comedia nueva: El sueño del Perro.

Comedia segunda de El Sueño del Perro.

Ha uma edição de Guevara: *Ignez de Castro.* Sevilha.

HEATHER (WILLIAM ——).

A new Chart of the Azores or Western Isles. A new edition, 1828.

HEAULME (VICTOR DE ——).

E. *Don Sebastien de Portugal ou les mystères de la bataille de Alcaçar. Chronique portugaise.* Paris, 1854.

HEER (DR. OSWALD ——).

Contributions à la flore fossile de Portugal. Lisbonne, 1881, in-4.º maximo.

Sur les plantes tertiaires de Portugal. Não sei mais pormenores a este respeito.

HEERINGEEN (GUSTAV VON ——).

A minha viagem a Portugal na primavera de 1836. Leipzig, 1838, 8.º

HEISE (DR. C. C.).

Die Lusiade Heldengedich von Camoens, aus dem Portugiesischen übersetzt von ——. Hamburg und Altona, bei Gottfried Vollmer. 2 vol., in-12. 1806–1807.

Esta versão é em oitava rima, e contém no principio uma dedicatoria a Camões em dez oitavas; os cantos são precedidos de argumentos, e no fim de cada volume notas, variantes, etc.

HELL (MAXIMILIANO ——).— Jesuita, allemão, astronomo habil; astronomo e conservador do observatorio de Vienna de Austria. Desde 1757 a 1792, publicou annualmente, sem interrupção, ephemerides que formam uma collecção estimada pelos astronomos[1].

Ephemerides Astronomicae Ann Bissexti 1776 ad Meridianum Vindobonensem jussu Augustorum dirigente Maximiliano Hell Astronomio Caesareo Regio Universario. Calculis definitae a RR. DD. Ignatio Lib. Barone de Rain et Francisco Güsman Astronomis Universitatis cum Appendice Observationum Astronomicarum annorum 1772, 1773, 1774 et 1775. Viennae alibi locorum factarum. Viennae, 1775, 266 folhas, 53 pag. de appendice.

As observações feitas pelos nossos astronomos, são primeiramente em Vienna e depois em Pekin, pelos padres Hallerstein e Espinha, pag. 17 a 22; na Tartaria, pelo padre Felix da Rocha, portuguez, pag. 22 a 26; pelo padre Helfenzrieder, em Ingolstadt, pag. 32 a 36.

Observationes astronomicae ab anno 1719 ad annum 1752 a patribus Societatis Jesu Pekini Sinarum factae et a R. P. Augustino Hallerstein S. J. Pekini Sinarum tribunalibus mathematici praeside et mandarino collectae atque operis editionem ad fidem autographi Manuscripti curante R. P. Maximiliano Hell e S. J. Astronomo Caesareo Regio Universitatis Vindobonensis. Vindobonae, Typis Joannis Thomae Nob. de Trattnem, Sacr. Caes. Reg. Aulae Typogr. et Bibliop. 1768, in-4.º Duas partes. Pag. 382 e 448.

HEMAN (MISTRESS ——).

The coronation of D. Ignez de Castro.

Falla-se d'este pequeno mas notavel poema nas *Voyages, découvertes et conquêtes des portugais,* por Dujardy.

HEMOENS (FELICIA ——).

The poetical works of —— complete in one volume, with a memoir by L. H. Sigourney. A new edition from the last London edition, with all the introductory notes. Philadelphia, 1883.

Contem *Translations from Camoens and other poets,* e 17 sonetos. *Appearance of the spirit of the Cape to Vasco da Gama.*

HENDERSON (JAMES ——).

A History of Brasil, comprising its geography, commerce, colonization; 27 plats und 2 maps.

HENNINGES (JERONYMO ——).

E. *Theatrum Genealogicum omnium aetatum et Monarchiorum familias complectens.* Magdeburgo, 1598, 5 vol., fol.

No tomo II, a fl. 104, e seguintes, trata da Casa Real Portugueza. Estes livros são raros e muito procurados, mas esta obra passa por pouco exacta, e bem o experimentâmos no que toca a Portugal. Entre outros erros, faz El-Rei D. João I filho de El-Rei D. Fernando[2].

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 286.

[2] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 210.

HENRI (FAURE ——).

J. B. de Almeida Garrett. Camoens, Poëme traduit du Portugais avec une introduction et des notes, par ——, Docteur ès lettres, membre de l'Institut de Coïmbre. Ouvrage orné d'un portrait de Garrett. Paris. A. Quantin, 1880, 8.º gr. XLVI–221 pag.

HENRI PIAZZI.

Mosteiro da Batalha.

Ácerca do tão famoso mosteiro portuguez, publicou o *Journal des débats,* no numero 13.º do corrente, o seguinte artigo (25 de julho de 1892):

«Agora, que todos os monumentos da Italia, da Belgica, da Hollanda, da Inglaterra e da Allemanha, são conhecidos dos artistas, os de Portugal parece conservarem-se ainda ignorados; todavia o mosteiro da Batalha não é o mais desconhecido dos monumentos de Portugal, pois que no seculo passado inspirou elle ao architecto Murphy um trabalho bastante consideravel e apreciado n'aquella epocha.

«A obra do sr. conde de Condeixa parece-nos ser a ultima palavra escripta sobre a questão, isto não sómente sob o ponto de vista historico do formoso monumento da archictectura ogival, mas tambem sob o ponto de vista da reproducção das differentes partes d'este edificio em estampas heliographicas, cujo perfeito acabamento e rigorosa fidelidade dão a este magnifico volume um valor documental do maior interesse.

«A primeira parte da obra é inteiramente consagrada a *Notas ácerca do estylo gothico,* que attestam a rara competencia do auctor sobre este assumpto; por considerações assás curiosas, consegue descriminar quaes os artistas da epocha que devem ter trabalhado no monumento alludido, de que paizes vieram, e a parte que tomaram na architectura franco-gothica da Batalha.

«Não obstante a elegancia das linhas e a belleza da execução, este mosteiro não pertence ao periodo mais puro da architectura ogival, isto é, á epocha em que foi construida a Sainte Chapelle de Saint Louis, edificada em 1251 por Pedro de Montereau.

«Em 1388 o gothico estava por toda a parte em decadencia, excepto em Portugal. Effectivamente o principal merito do monumento portuguez consiste na propria simplicidade do seu estylo, n'uma epocha em que todos os paizes o carregavam de superflua ornamentação, roubando-lhe o seu caracter proprio.

«Segundo a opinião do auctor, no risco do monumento de D. João I, teve por collaborador algum dignitario da ordem de S. João de Jerusalem, que visitára as igrejas latinas de Chypre, muito numerosas e luxuosas, com as quaes o convento da Batalha apresenta linhas de similhança muito visiveis.

«No dizer de um historiador da epocha, D. João mandou vir de longinquas regiões os mais celebres architectos que poude encontrar, e os mais habeis esculptores em pedra; concedeu-lhes honras, titulos e dinheiro, mas no emtanto a Historia de Portugal não conserva um unico vestigio de architecto de nome, que tivesse accedido ao real convite.

«É provavel que o edificio fosse construido por uma das sociedades de empreiteiros ambulantes, que edificaram quasi todas as igrejas do Oriente e a maioria das de Inglaterra, artistas nomadas, que iam de um a outro paiz, acam-

pando em redor dos grandes edificios em construcção, e que, acabados esses, seguiam a começar outros a distancias enormemente afastadas.

«São considerações artisticas d'este genero, que dão á obra do sr. visconde de Condeixa um grande interesse sob o ponto de vista da historia da arte n'essa epocha, historia tão difficil sempre de estabelecer, e ácerca da qual as investigações feitas pelo auctor vem lançar nova luz. É por isso que convidâmos com empenho os eruditos, os curiosos, n'uma palavra, todos a quem interesse este periodo tão bello da nossa arte nacional, a consultarem a tão instructiva monographia do mosteiro da Batalha; encontrarão n'ella, estâmos certos, uma quantidade de peças e documentos originaes, que poderão auxilial-os nos seus estudos e investigações, ou, quando mais não seja, gosarão do prazer de ver e apreciar um dos mais bellos specimens da architectura ogival... sem terem necessidade de fazerem a viagem a Portugal.»

HENRIQUES (GUILHERME J. C. ——).

E. *Portugal, or the results of a liberal government.* London, Wyman & Sons, 1880, in-8.º, 114 pag.

Não é possivel descrever com mais negras e tetricas côres o estado financeiro do nosso paiz, como o fez o auctor d'esta obra.

Felizmente parece não ter assustado os estrangeiros, pois elles nos continuaram sem receios a emprestar seus capitaes, e nós continuámos a ser exemplares pagadores, não sendo mister o protesto de letras.

Dar-se-hia o caso que o sr. Henriques quizesse com o seu livro fazer baixar os fundos, para depois os comprar baratinhos?

O que é um facto, é que desde 1880, em que se diz estampado o livro, Portugal ainda não deu em pantana.

HENRIQUES (HENRIQUE ——).—Natural do Porto. Entrou para a companhia de Jesus em 1522, com dezeseis annos de idade. Era muito versado na philosophia e na theologia, e professor de sciencias em Cordova e Salamanca. Morreu no Ticoli no anno de 1608, a 28 de janeiro.

O *Diccionario historico,* de Moreri, traz a seguinte noticia:

«Jesuita, portuguez, viveu alguns annos na companhia. Foi depois tentado a fazer-se dominicano, e obteve licença para tal fim. Foi apparentemente, n'este novo estado, que escreveu contra Molina. Pediu depois para tornar a entrar para os jesuitas, e tanto trabalhou, que o obteve. Morreu em Italia, no anno de 1608, depois de ter escripto *De Claribus Viris Ecclesiae* e *Summa Theologiae mordis.*»

Theologiae Moralis Summa, tribus tomis comprehensa. Tomus primus. De fine hominis et Sanctissimis Ecclesiae Sacramentis. Quid aliis tomis contineatur, habetur lib. 7, in fine. Doctore Henrico Henriques e Societate Jesu auctore, in Academia Salmentiensi Sacrae Theologiae professore. Salmanticae, ex officina Joannis Fernandez, 1591, fol., 595 pag.

Altera pars Summae Theologiae moralis. De Sanctiss. Eucharistia. De Missae Sacrificio. De Sacramento Ordinis. De Matrimonio libri duo. De Censura Excommunicationis. De Suspensione et interdicto. De irregularitatis impedimento. De Fine hominis. Ibid., id., 1593, fol., pag. 1336 e 182.

D. Clement, *Bibliothèque curieuse,* tomo IX, 405, cita as seguintes edições: *Summa Theologiae Moralis libri quindecim in quibus non sacramentum solum tam in generali, quam in particulari, sed Indulgentiarum, etiam Censurarum Ecclesiasticarum, Excommunicationes, Suspensionis, Interdicti, Irregularitatis, finisque hominis doctrina omnis non erudita minus quam methodica brevitate dilucide explicantur. Pars I.* Salmanticae, apud Joannem Fernandes, 1591. Pars II. Ibid., 1593, in-fol. Venetiis, apud Damianum Zanarum, 1596, in-fol. Venetiis, apud Baretium, 1600, in-fol. Moguntiae, apud Joannem Albinum, 1615, fol.

Summa Theologicae Moralis, tomus primus, in quo non sacramentorum solum... sed Indulgentiarum etiam, Censuraram Eccles. &&c., doctrina omnis dilucide explicatur. Venetiis, typis de Zenari, 1600, in-fol. *De Clavibus Ecclesiae.* Salmanticae, in aedibus Joannis Fernandi.

Diz Machado (vol. II, pag. 452), que o nuncio apostolico residente em Madrid mandára queimar quasi todos os exemplares d'esta obra, por n'ella se defender a auctoridade real contra a violencia praticada contra os ecclesiasticos... que tres ou quatro exemplares foram salvos, e se encontram no Escurial.

D. Clemente diz tambem que esta edição fôra quasi inteiramente destruida, á excepção de mui poucos exemplares.

O padre Alegambe et Sotowell não cita alguma edição separada do tratado *de Clavibus Ecclesiae,* mas cita-o entre os tratados que compõem o 1.º volume, e acrescenta: *Ex his libris, prohibita olim fuit Romae a Magistro sacri Palatii Summa Moralis Sacramentorum donec emendetur.*

O tratado *de Clavibus* terá, pois, apparecido antes da *Summa,* e achar-se-ha emendado n'esta ultima obra.

HENRY NELSON COLERIDGE.

Na sua obra: *Six Months in the West Indies,* de 1825, falla com enthusiasmo da ilha da Madeira, da qual se occupa no capitulo II.

HENRY SMITH.

View of Oporto, with the bridge of boats. Fine coloured engraved. London, 1813.

HENSCHENIUS (GODEFROY ——). — Natural de Venray, no Limbourg, admittido em o noviciado dos jesuitas em 1619.

E. *Illustriss. Clariss. Eruditiss. D. Antonio Magliabechio Cosmi III. Magni Ducis Hetruriae Bibliothecario Threnodorum carmina in obitu Clariss. et Doctiss. PP. Godefridi Henschenii, Joa. Garnerii, Soc. Jes. Christiani Lupi Sancti Augustini; Francisci Macedo, Min. Obs. et D. Jacobi Caparelii Bibliothecarii Emin. Armandi Card. Richelii. Anno 1681.* Massae, 1681. Typis Hieronymi Mariani. Superiorum permissu.

HERMANT (MONSIEUR ——).

E. *Histoire des Religions ou Ordres militaires de l'Eglise, et des Ordres de Chevalerie. Dédiée au Roi. Par ——.* A Rouen, 1725, in-8.º

O capitulo XXIX (pag. 429 e segg.), trata da ordem de Aviz no reino de Portugal.

HERMAN.

Témoignage de gratitude à mrs. les professeurs et mrs. les étudiants de l'université de Coïmbre, par leur très dévoué et très reconnaissant serviteur ——.

I

Parmi les maux cruels, qui déchirent les cœurs,
Il en est un surtout, qui fait verser des pleurs,
Le désenchantement, auquel rien ne resiste ;
On souffre tant, hélas ! quand on est toujours triste !

II

Ce mal, je l'ai connu, lorsque je viens ici,
Mon cœur était navré, plus d'un mortel souci
S'était glissé dans moi, troublant la joie profonde,
Que me donnent par fois les éloges du monde.

III

Le cœur était ulceré, quand pour prix d'un bienfait
On s'apperçoit alors des ingrats qu'on a fait.
Et pourtant chaque jour j'adresse à l'Eternel
Une promesse sainte, dans un vœu solemnel !

IV

Si, par lui, mon talent me donne la richesse
J'ai ma mission aussi, soulager la détresse,
Grâce à vous, tout s'éclaire, un instant a suffit,
Pour ramener enfin le calme en mon esprit.

.....

VI

Adieu, Coïmbre, adieu ! Souvenirs pleins de charmes,
En vous quittant amis, je sens couler mes larmes,
Que ne puis-je en partant, pour calmer ma douleur,
Dans un baiser d'adieu, vous presser sur mon cœur.

Coïmbre, le 9 décembre 1859.

HERNANDEZ (FRANCISCO XAVIER ——).— Jesuita, hespanhol.

E. *El Alma victoriosa de la passion dominante, per medio del examen particular de la conciencia, de los exercicios cotidianos y praticas de las devociones. Dedicada a San Francisco Xavier.* Madrid, por D. Joaquin Ibarra, 1759, in-8.º, com estampas. Madrid, por Blas Roman, 1777, in-8.º Valencia, por Josef y Tomás de Orga, 1777, in-8.º Madrid, por Benito Cano, 1787, in-8.º

HEROI *nunquam satis laudando Don Roderico Annes de Saa Almeida e Menezes, illustrissimo domino marchioni de Fontes, comiti de Penaguião Epigramma.* Romae. Typis Johanis Francisci Chracas. Anno 1716.

HEROS (D. MARTIN DE LOS ——).

E. *Examen historico-critico de la supuesta aclamacion del primer Rey de Portugal en el Campo de Ourique y falsedad de las cortes de Lamego.*

É uma dissertação que o auctor apresentou á academia de historia de Madrid, e da qual falla C. Ximenez de Sandoval a pag. 7 da sua obra intitulada: *Batalha de Aljubarrota,* Madrid, 1872.

HERPIN (GUSTAVE ——).

Précis-mémento de l'histoire de Portugal[1], *en vers techniques, avec dates intercalées dans le texte, par* ——. *A Sa Majesté Très-Fidele Dom Luiz I, Roi de Portugal et des Algarves.*

1095

En *mil quatre-vingt-quinze,* ère que Dieu féconde,
Au sud-ouest de l'Europe, un royaume se fonde;
C'est l'heureux Portugal où, domptant Mahomet,
Régneront des guerriers du sang d'Hugues Capet.
Henri veut, de la croix, étendre le domaine;
Cet espoir de Bourgogne en Espagne l'amène
Et des Saints-Lieux, peut-être, ouvre à sa foi l'accès.
Comptant dix-sept combats et non moins de succès,
Ce fier vainqueur du Maure obtient de la Castille,
Un État où sa gloire au rang souverain brille
Et meurt près d'Astorga. Gendre d'Alphonse Six,
Mais titré simple comte, il a des Rois pour fils.
A ce rival du Cid survit, autre Chimène,
La belle Thérésa, qui déjà parle en Reine.

1112. Comte.— 1139. Roi acclamé.— 1143. Roi proclamé

Alphonse Henriquez garde, à Saint-Marmède, un droit
Qu'au comte *Henri* son père *(onze cent douze),* il doit
Et bat, à Valdovez, l'allié de sa mère,
D'Alphonse de Léon coupable auxiliaire.
Cinq Rois Maures vaincus, ce héros que ses preux
Ont, près d'Ourique, au trône appelé par leurs vœux,
Reçoit, à Lamego, du peuple la couronne
Et, guidant les Croisés, au Christ gagne Lisbonne.
Mais, pris dans Badajoz, aux Léonais il rend
Le pays qu'en Galice avait perdu Fernand,
Et, bien que nul ne manque au respect qu'il inspire,
Succombant aux regrets, de douleur il expire.

---

[1] On s'est surtout appliqué à rendre ce travail très-succint et le moins incomplet possible. La réalisation de ce plan imposant à la versification une inévitable contrainte et au style une franche allure de prose rimée, les critiques ne seront certes pas ménagés à ce modeste *mémento;* on s'y résigne volontiers, car si, comme on l'espère, la clarté du sens ne souffre pas trop de l'aridité d'une concision intentionelle, non plus que du nombre et la hardiesse des inversions, le seul but poursuivi sera atteint, l'on aura rappelé beaucoup de faits en peu de mots.

1185

Sanche infant *(onze cent quatre-vingt-cinq),* au cœur
Du pays Maure entrant, à Seville est vainqueur.
Puis, suivi des Croisés, des Ordres militaires,
Il prend et perd l'Algarve, ouvre des monastères
Au moine-chevalier et, prince *Fondateur,*
Élève des hameaux à l'humble agriculteur.
Sanche, qui par ses lois au bien de tous aspire,
Sait, voyageant sans cesse, en assurer l'empire.

1211

Alphonse Deux, *le Gros (douze cent douze),* exclut
Ses sœurs des droits auxquels un testament conclut
Et, du Maure ennemi prend sa part de victoire
Aux champs de Tolosa. Mais ce Roi, non sans gloire,
Qui donne encore Elvas, Alcaçar, à la croix,
Meurt excommunié, malgré ses sages lois
Et les vœux généreux qu'en vain, pontife habile,
Forme Honorius Trois, à ces rigueurs hostile.

1223

Sanche Deux, *Capello,* l'an *douze cent vingt-trois,*
Dans l'Alemtéjo lutte, aux juifs donne des droits,
Mais, faible, léger, cède au pouvoir qui l'opprime.
Le clergé, dont la Reine est aussi la victime,
Pour le déposséder, avec les grands s'unit
Et contraint *Sanche* à fuir au cloître, l'interdit,
Quand la mort d'une épouse indigne de tendresse,
A déjà pour Mencia condamné sa faiblesse.

1248

Au comte de Boulogne, Alphonse Trois, échoit
D'un frère *(douze cent quarante-huit),* le droit.
Ce Roi sait, conquérant des Algarves, combattre;
Mais, pour Britès quittant Mathilde, d'Urbain Quatre
Il brave l'interdit, alors que Corréa,
Par son ordre, au vrai Dieu conquiert Tavira.
Mathilde morte, *Alphonse,* à qui Rome pardonne,
Voit s'accroître les droits qu'aux communes il donne
Et se constituer la féodalité.
Dans l'État politique aux Goths d'ouest emprunté.

1279

D'*Alphonse* petit-fils, Dénis, qu'Ébrard enseigne,
Presque enfant *(douze cent soixante et dix-neuf)* règne.

Père de la patrie et dit *le Laboureur,*
Le Roi par ses vertus de ce trône est l'honneur;
Poursuivant les abus sans rigueur, ni faiblesse,
Il limite en leurs vœux l'Église et la noblesse.
Sous lui, les Templiers prennent du Christ le nom
Et, de traître l'infant affrontant le renom,
Contraint, deux fois rebelle, Élisabeth sa mère,
A supplier un fils prêt à combattre un père.
Commerce, instruction, mines, reboisement,
Culture, tout alors progresse incessamment.

1325

Le sombre Alphonse Quatre, à ses goûts militaires,
Joint *(treize cent vingt-cinq),* des instincts sanguinaires.
Fratricide, et vainqueur d'Aboul-Hassan, le Roi,
Dont le surnom de *Brave,* est des Maures l'effroi,
Au Salado triomphe en lassant leur courage,
Quand, père sans pitié, ce guerrier dans sa rage
Frappe Inez de Castro, sa bru, qu'un jeu du sort
Fait princesse en sa vie, et Reine après sa mort.
Mais, bien qu'avec son père on le réconcilie,
L'infant garde sa haine: il cède et non oublie.

1357

Pierre atteint *(treize cent cinquante-sept),* ses fins:
D'Inez, l'Espagne échange et rend les assassins.
Libéral, violent, badin, plein de contrastes,
Ami de son pays et l'honneur de ses fastes,
L'époux qui venge Inez, moins en Roi qu'en bourreau.
Porte de *Justicier* le surnom au tombeau.
Seul, à ses qualités, le peuple rend hommage,
Le clergé, la noblesse, en condamnent l'usage.

1367

Fernand, en *treize cent soixante-sept,* de murs
Enceint sa capitale, aux coups mortels et sûrs
De Léonor expose, humble époux, sa famille,
Cède, dans Évora, ses droits sur la Castille
Et, contre Transtamare armant plus tard l'Anglais,
L'attire, le premier, sur le sol Portugais.
Mais, s'il est imprudent, aventureux, prodigue,
A ses vœux rarement s'il oppose une digue,
Du peuple, en ses édits, il prévient les besoins,
Compose une marine, à force d'or, de soins,
Et peut encore, avant que la morte ne l'atteigne,
Faire une paix utile à deux ans d'interrègne.

Branche d'Aviz (bâtarde)

1385

Jean chasse, Aveiro mort, la veuve sans pudeur
Du Roi ; puis *(treize cent quatre-vingt-cinq),* vengeur
De son frère, et faisant d'un vain espoir justice,
Il confond Léonor, du Castillan complice.
Jean qui, «mestre d'Aviz», monte au trône des Rois,
Maintient contre l'Espagne, à Trancoso, ses droits
Et nomme un de ses fils, uni par l'alliance
Au vaillant Pereira, premier duc de Bragance.
Les Castillans vaincus près d'Aljubarrota,
Le Tage débloqué, la prise de Ceuta,
Tels sont les faits que lègue à son siècle, à l'histoire,
Ce *Grand* roi, dont les fils rappelleront la gloire.
L'illustre Henri, l'un d'eux, aime à peupler les flots
D'explorateurs hardis, ou plutôt de héros :
C'est Gonçalo Velho découvrant une Açore,
Vaz et Zarco Madeire, et tant d'autres encore,
Qu'alors l'ère du Christ et non plus de César,
Montre sur mer comblés des faveurs du hasard.

1433

Le faible Édouard laisse une troupe héroïque
Partir *(quatorze cent trente-trois)* pour l'Afrique
Et, des Rois le premier, donne un code au pays.
Quoique à Tanger les siens par le sort soient trahis,
Il conserve Ceuta ; mais Fernand, loin d'un frère,
Meurt victime du Maure en martyr de la guerre.
Pendant ce temps, Henri parvient, prodiguant l'or
Pour armer ses vaisseaux, jusqu'au cap Boyador
Et la route qu'ainsi vers les Indes il trace,
Stimule des marins le génie et l'audace.

1438.

Pierre *(quatorze cent trente-huit),* seul, parvient
A dompter un conseil qu'Alphonse Cinq soutient ;
De cet oncle du roi que frappe la vengeance
Près d'Alfarrobeira, quand cesse la régence,
Alphonse conquiert à Tanger, Arzila,
Le surnom d'*Africain,* fuit la Beltranéja,
Perd d'un trône en Castille, à Toro, l'espérance,
Cède à son fils le sceptre et, revenant de France
Où Louis Onze élude avec lui tout traité,
Reprend, esprit changeant, le rang qu'il a quitté.

1481

Jean Doux *(quatorze cent quatre-vingt-un)* convoque
Les Cortès d'Évora ; puis, Roi de son époque,
Si Bragance et Vizeu par lui sont condamnés,
Ses glorieux efforts de succès couronnés,
Guident l'ardent Diaz au cap de l'Espérance
Et Covilham vers l'Inde où, prouvant sa constance,
Il parvient, le premier, par la route du nord.
Jean, les païens défaits, d'un fils pleure la mort,
Assigne à l'Espagnol sa part dans leur conquête,
Et de *Parfait* reçoit en mourant l'épithète ;
Mais Christophe Colomb se plaindra devant lui
D'avoir sollicité vainement son appui.

1495

Emmanuel (Béja) rend aux grands l'influence
Et fait *(quatorze cent quatre-vingt-quinze)* en France,
Bénir son droit de paix. Sous ce roi *Fortuné,*
Vasco de Gama part et, vers l'Inde entraîné,
Deux fois, doublant le Cap, à Calicut arrive,
Lorsque Cabral, jeté par les vents sur la rive
Du Brésil inconnu, semble imiter Vasco.
L'Inde ouverte, Albuquerque, Édouard Pacheco,
Francisco d'Almeida sont vainqueurs à Mascate,
Daboul, Goa, Cochin, Ormuz et Guzerate ;
Leur flotte aussi soumet les Moluques, Ceylan,
Et disperse ou détruit l'escadre du Soudan.
  Des Portugais alors le faste, à Rome, étonne
Et leur rigueur s'étend sur les juifs à Lisbonne
Où, tandis que le monde y verse ses produits,
Les arts sont cultivés, des monuments construits.

1521

Protecteur du commerce, au loin comme en Europe
(Quinze cent vingt-et-un), Jean Trois le développe.
S'il perd Arzila, Saffi, Alcaçar, Azamor,
A la gloire d'Aviz, ce prince ajoute encor :
Da Cunha, Sampayo, ses vaillants capitaines,
Des peuples indiens savent dompter les haines ;
Sousa détruit Daman ; à Malabar, vainqueur,
Il rend Béadala témoin de sa valeur
Pendant que Magellan parvient au Pacifique
Et découvre un détroit au sud de l'Amérique.
Puis, quittant la mer Rouge, où l'a conduit son plan,
Jean Castro rase Cambre, affaiblit Hydal-Khan
Et, de Mascarenhas, que presse un peuple immense,
En délivrant Diu, couronne la constance.

L'Afrique, le Brésil, l'Inde avec ses trésors,
Acquis aux Portugais, attestent leurs efforts.
Grand entre tous, Castro, sans lasser la victoire,
S'éteint pauvre à Goa, chargé d'ans et de gloire.
Mais ces États, à ceux des Romains comparés,
De la patrie, un jour, se verront séparés.
Sous le règne de *Jean* s'ouvre l'Abyssinie,
Camoëns, par ses chants révèle son génie,
De l'Inquisition siège le tribunal,
L'ordre de Loyola se fonde en Portugal,
Saint François Xavier prêche aux Indes sa doctrine
Et Macao reçoit les émigrants en Chine.

1557

Sébastien *(quinze cent cinquante-sept),* des Rois
Issu par ses aïeuls Charles-Quint et *Jean Trois,*
Se montrant animé d'un zèle fanatique
Pour la gloire et son Dieu, deux fois passe en Afrique;
Mais il y compromet dans un jour désastreux,
Le fruit d'efforts sans nombre et de combats heureux.
Vaincu près d'Alcaçar, où l'armée est détruite,
Il tombe, préférant le trépas à la fuite,
Et, de trois Rois mourant dans les champs d'El-Kébir,
L'histoire nous transmet le triste souvenir.
Du jeune *Sébastien* la fin semble un mystère,
L'imposture longtemps le dispute à la terre.

1578

Henri Roi *(quinze cent soixante et dix-huit)* fuit
Les partis et leurs chefs dont l'ardeur le poursuit
Et de Philippe Deux laissant l'ardent génie
Hâter du Portugal la trop lente agonie,
Règne, ancien cardinal et grand inquisiteur,
Sans d'un trône envié nommer le successeur.
De nombreux prétendants fondent sur les souffrances
Et sa prochaine fin, d'avides espérances.

Domination Espagnole

1580

Antoine, infant bâtard, ainsi que *Jean le Grand,*
(Quinze cent quatre-vingt), aspire au premier rang.
Ce «prieur», qu'au pouvoir le vœu du peuple entraîne,
Contre Albe lutte en vain, sa défaite est certaine.
Au Roi Philippe Deux, à l'Espagnol puissant,
Lisbonne obéira, tout en le maudissant,
Bien qu'Antoine, guidé par l'espoir vers la France,
Obtienne d'Henri Trois quelque faible assistance.

D'un peuple alors soumis, des vaillants Portugais,
Les conquêtes, bientôt, ont pour maîtres l'Anglais,
Le Batave, le Maure, enfin, qui veut les prendre !
Forte pour opprimer, mais faible pour défendre,
L'Espagne, sans combat, livre au joug étranger
Des colons, des sujets, qu'elle doit protéger,
Tandis que la Hollande au port retient captive,
La flotte portugaise à regret inactive,
Et que l'Inde, au pays par vingt-sept vice-rois
Soumise ou conservée, est ravie à ses lois.

Independance reconquise.— Branche de Bragance

1640

En *seize cent quarante,* au Portugal fidèle,
La liberté renaît et la gloire avec elle.
Soixante ans de malheur et d'odieux excès
Ont de l'adroit Pinto préparé le succès.
Dans le pays entier, au cri d'indépendance
Un autre cri répond: Vive le Roi Bragance!
Puis, Vasconcellos mort, Olivarès blâmé
Et Philippe déchu, Jean Quatre est proclamé.
Divers États bientôt reconnaissent cet acte,
De Munster, non sans droit, le Roi signe le pacte,
Un complot, par Braga, son chef, est expié,
Et, du fait d'un rival, bien qu'excommunié,
Jean Quatre, à Montijo, triomphe de l'Espagne,
Récompense bien due au prince, à sa compagne.
Mais Colombo, cédant au Batave, est rendu;
Cette perte d'un point vaillamment défendu,
Des désastres de l'Inde en accroissant le nombre,
Sur ce riant tableau vient accuser une ombre

1656

Au trône, Alphonse Six, de trois fils le puîné,
Remplace, en *seize cent cinquante-six,* l'aîné
Mort prince, à dix-neuf ans. D'une chétive enfance,
Mineur, faible d'esprit, le Roi sent l'influence;
Il prend pour favori, Conti qui part chassé
Puis, sur Castelmelhor son choix s'étant fixé,
Isabelle, qu'*Alphonse* outrage et fuit, le force,
Exilé dans Tercère, à subir le divorce,
Et s'unit, d'un époux en femme se vengeant,
A Pierre, son beau-frère, alors nommé régent.
De Schomberg, Villaflor, Marialva, l'histoire
Commande aux Portugais d'honorer la mémoire;

Devant ces nobles chefs, vainqueurs d'Ameixial
Et de Montesclaros, tremble l'Escurial
Qui désormais au rapt du Roi captif renonce,
Cintra, mieux que Tercère, en préservant *Alphonse.*

1683

Pierre Deux *(seize cent quarante-vingt-trois),* qui prend,
La Reine et le Roi morts, le titre, outre le rang
De souverain, met fin à seize ans de régence.
Ce nouveau chef d'État, du trône de Bragance
Vingt-trois ans héritier, sait remplir le trésor
Et, si l'Inde est perdue, au Brésil puiser l'or.
De Philippe, en Espagne, il devient l'adversaire,
Traite avec Methuen et livre à l'Angleterre
Le trafic Portugais sans obtenir Tanger,
Que Charle aime mieux rendre aux Maures qu'échanger.

1706

Jean cinq *(dix-sept cent six),* avec éclat rachète
Le revers d'Almanza que le pays regrette,
Sans, d'ailleurs, en souffrir dans sa prospérité.
Ce Roi, grand par le cœur, l'esprit et l'équité,
Tout en vouant à Dieu du Brésil les richesses,
Sur ce peuple répand ses bienfaits, ses largesses.
Il combat le Sultan, dans Utrecht fait la paix,
Fonde une académie, élève des palais
Et, le premier, est dit «Majesté Très-Fidèle».
Mais, de l'Inde apportée, une peste cruelle
Sévit en Portugal où, fléau de la croix,
L'horrible auto-da-fé s'impose encore aux Rois.

1750

Carvalho, que le choix de Joseph favorise,
En *dix-sept cent cinquante,* au Brésil organise
Le système minier et réforme ses lois.
Génie audacieux, profond, cruel parfois,
Il consacre au pays ses talents et son zèle.
Ce ferme appui du Roi, de l'homme ami fidèle,
Fait à ses assassins expier leur fureur;
Un tremblement du sol montre aussi, sans terreur,
Oeiras[1] conjurant les effets du sinistre;
Puis, ce devoir rempli, l'inflexible ministre
De l'ordre de Jésus obtient l'expulsion,
Brave deux fois l'Espagne en son agression

---

[1] Sébastien José de Carvalho e Mello, d'abord comte de Oeiras et plus tard marquis de Pombal.

Et, marquis de Pombal, par d'heureuses mesures
Rachetant ses rigueurs, ferme bien des blessures.
L'armée et le trafic, l'enseignement et l'art,
Ont, grâce au «grand marquis», dans le progrès, leur part.

1777

Pierre Trois, Maria, ceignent une couronne
Que le droit *(dix-sept cent soixante et dix-sept)* donne
Et, déjà mariés, suivant le vœu royal,
L'oncle et la nièce unis, règnent en Portugal.
Par *Maria,* portée à l'extrême indulgence,
La seule piété dirigeant sa clémence,
Aveiro, Tavora, sont réhabilités
Et les nombreux amis de Pombal écartés.
Pierre, qui de son rang craint l'auguste esclavage,
Abandonne à la Reine un pouvoir sans partage,
Vit, époux-roi, neuf ans et de la royauté
N'emporte en son tombeau que l'éclat emprunté.
Mais les soucis du trône accablant cette veuve
Dont la santé défend une plus longue épreuve,
Son fils devra remplir un pénible devoir:
Jean, prince du Brésil, accepte le pouvoir
Et, régent, s'associe aux hasards d'une guerre
Qui de Napoléon le rend auxiliaire.
Entre les alliés, quand la division
Menace d'amener quelque collision,
Jean gagne le Brésil, laissant une régence.
S'il se montre, au départ, favorable à la France,
L'annexion l'indigne et brise le traité,
A Badajoz, par lui naguère contracté.
Trois fois, l'invasion désole le royaume,
Tout y subit sa loi, le palais et le chaume,
Lorsque le Portugais, l'Espagnol et l'Anglais,
Près de Toulouse unis, combattent les Français.
La paix conclue, hostile en son texte à la traite,
Le Portugal permet qu'au Brésil se complète
La scission, qu'enfin, à céder l'obligeant,
Ses peuples d'outre-mer imposent au régent.

1816

Jean six *(dix-huit cent seize)* en Roi rentre à Lisbonne;
Mais l'émeute bientôt menaçant sa couronne,
Il doit adroitement éloigner Dom Miguel,
Ennemi du parti constitutionel,
Et, du Brésil-empire acceptant l'existence,
Borner au Portugal sa nouvelle puissance.

1826. Avènement.— 1828. Guerre civile.— 1833-1834. Defait du pretendant

Isabelle Marie est régente, et, par choix,
Pierre Quatre dictant au seul Brésil des lois,
Veut *(dix-huit cent vingt-six),* de cet empire immense,
Jusqu'à la liberté guider l'indépendance;
Puis, suivant le penchant de son cœur généreux.
Ce prince, en même temps, cède à Maria Deux,
Faible enfant de sept ans, sa fille bien-aimée,
Un trône en Portugal; mais, égarant l'armée,
Que son exemple entraîne au mépris du devoir,
Dom Miguel, de sa nièce, ébranle le pouvoir:
A Pierre, ayant promis le maintien de sa charte,
A la Reine un hymen que, régent, il écarte,
Dans le Tras-os-Montes il se proclame Roi,
S'efforce de ranger Tercère sous sa loi
Et *(dix-huit cent vingt-huit)* fait sans succès la guerre
A *Maria* qu'en Reine accueille l'Angleterre.
Le droit absolu tombe avec l'usurpateur
Qui fait trembler Lisbonne et régner la terreur;
Roussin lui prend sa flotte et venge ainsi la France,
Aux Açores gouverne un conseil de régence
Et Philippe, à Paris, approuve en leurs efforts,
La Reine et l'Empereur, duc de Bragance alors.
A Ponte-Ferreira, Pierre à lutter commence;
Il prend Porto, que doit illustrer sa défense,
Puis, Saldanha, non loin d'Almoster est vainqueur.
Des Jésuites, Miguel capte en vain la faveur;
Pour l'insurrection des revers se préparent:
Tercère et Palmella des Algarves s'emparent
Et Napier se ménage un facile succès
En brûlant les vaisseaux rendus par les Français.
Avec transport Lisbonne accueille enfin Tercère;
Mais les cœurs, qu'à bon droit sa charte gagne à Pierre,
Peut-être les perd-il par l'interdiction
Des «vœux», qui des couvents suit la suppression.
Dix-huit cent trente-trois clôt une ère fatale:
Dona *Maria Deux* entre en sa capitale;
Tercère et Saldanha, Bragance les guidant,
Rivalisent d'ardeur contre le prétendant
Qui, ne pouvant briser la quadruple alliance,
(Espagne, Portugal, Grande-Bretagne et France)
Signe, après deux échecs, Coïmbre, Asseiceira,
Où Tercère l'a joint, le traité d'Évora.
La guerre alors prend fin, puis, le papier-monnaie;
Le régent Pierre ainsi ferme une double plaie,
Et quoique, las du trône, il ait depuis deux ans
Rempli ses jours comptés, de labeurs écrasants,

A tout organiser, cortès, garde civique,
Impôts, presse et trafic, père et prince, il s'applique.
Ce régime établit le triomphe réel
Sur l'absolu, du droit constitutionel.
Au fils de Beauharnais, vice-roi d'Italie,
Au duc de Leuchtemberg, *Maria Deux* s'allie;
Mais son père et le Roi succombant tour à tour,
Elle épouse Fernand, duc de Saxe-Cobourg.
Déjà dissoute, part la chambre à peine ouverte;
La suivante au pouvoir semble annoncer sa perte:
Le six septembre éclate une insurrection
Qui soudain abolit la constitution;
Puis, la cour attaquant le statut qui succède,
Au peuple soulevé la garde civique aide.
Les septembristes croient dès lors, par eux domptés,
Aux chartistes loyaux dicter leurs volontés;
Mais à peine un congrès, cortès constituantes,
A-t-il paru calmer ces haines menaçantes,
Que par les vaincus d'hier rétablie en ses droits,
La couronne suspend les libertés, les lois,
Sans pouvoir empêcher, vers le sud, les carlistes
De joindre leurs efforts à ceux des miguelistes;
Le cabinet pourtant, mu d'instincts généreux,
Des esclaves défend le commerce honteux.
A l'ordre, la victoire encore étant restée,
La constitution, par la Reine acceptée,
Quoique en son texte même existent des ferments
De discorde légués aux futurs parlements,
Ajoute l'amnistie aux libertés nouvelles,
Lorsqu'aux taxes déjà s'opposent les rebelles.
La chambre dispersée, une autre session
Amène le désordre et sa répression:
La liberté, la presse, à leur perte entraînées,
Étant au «tribunal de guerre» condamnées,
La constitution de Pierre reparaît;
Adoptée ausitôt et l'apaisement fait,
Du vote à deux degrés l'épreuve se complète.
Anglais et Portugais frappent d'abord la traite;
Puis, la chambre imposant la charte au Portugal,
Contient, deux fois battu, le parti libéral
Et, dans son zèle, accepte un concordat, en somme,
Plus que le pacte ancien avantageux à Rome.
Mais, en Minho, s'allume une rébellion;
La junte de Coïmbre ose, à l'expulsion
Condamnant *Maria,* nommer une régence;
L'Angleterre interpose alors son influence,
Et, vaisseaux capturés, septembristes défaits,
Tel s'offre ce conflict en ses tristes effets.

La Reine admire à tort la paix intérieure ;
Bien que, contre la presse, aux lois force demeure
Et que certains discords dus aux États-Unis,
Par la Suède juges s'apaisent aplanis,
Saldanha, que soutient l'élément septembriste,
Au comte de Thomar, chef du pouvoir, résiste
Et prétend, à tout prix, chasser le cabinet.
Déjà maître à Porto, qui dans ses murs l'admet,
Le duc, près de Cintra, contre le ministère
Provoque un mouvement, révolte militaire,
Qui, bien conduit, répond à l'effet attendu ;
Thomar cède et s'éloigne ; au maréchal rendu,
Le pouvoir lui permet d'entourer la couronne
De conseillers choisis ; son entrée à Lisbonne
Donne des changements au statut, le signal :
L'acte additionnel passe, et, plus libéral,
Un projet de suffrage adopté suit à peine,
Quand la chambre est dissoute. Au vote, alors la Reine,
Le budget décrété, fait de nouveaux appels ;
Les septembristes joints aux ministériels,
Élus au choix direct des plus forts censitaires,
Forment, pouvoir utile, un parlement d'affaires
Qui, de droits réduits seuls, tolérant le maintien,
Frappe, à Porto, des vins le monopole ancien,
Impose à tout trafic, comme bases plus sûres,
Le système français de poids et de mesures
Et confirme le «bill» par les pairs accepté,
Disculpant Saldanha d'excès d'autorité.
Mais un huitième enfant qui, nouveau-né, succombe,
Ouvre à *Maria Deux da gloria* la tombe.

1853

C'est Fernand qui d'abord guide en père, en tuteur,
Pierre Cinq *(dix-huit cent cinquante-trois)* mineur ;
Aussitôt, aux cortès, le mari de la Reine,
Le Roi, prête serment à la loi souveraine.
Puis, l'ordre décimal par la chambre promis,
Pour les espèces d'or et d'argent est admis ;
Quand *Pierre,* en qui déjà l'homme se développe,
A Lisbonne, au retour d'un voyage en Europe,
Fait des premiers «railways» l'inauguration,
Exempte les tabacs de contribution,
Montre son dévoûment dans une épidémie
Et demande à l'hymen une épouse, une amie.
Stéphanie expirant, tout à son désespoir,
Le prince, dont l'émeute affronte le pouvoir,
Laisse Avila chercher, par d'utiles mesures
De douanes, d'impôts, à calmer les murmures ;

Mais sur ce ministère éclairé, libéral,
Pèse, le menaçant, un programme rival:
Les blés libres de droits, l'école aux sœurs fermée
Et la réforme admise au sénat, dans l'armée.
Un deuil suspend la lutte; atteint d'un mal soudain,
Pierre Cinq meurt rebelle à tout secours humain.

1861

Louis, que *dix-huit cent soixante et un* voit suivre
Au trône un frère aîné, prépare ou fait revivre
Divers projets de lois: aux sœurs de charité
Le droit d'enseignement revient incontesté,
Un observatoire aide à l'essor des lumières,
La mort par jugement cesse en toutes matières,
Les majorats frappés succombent abolis,
Des droits de vente étant, surtout, bien établis,
Enfin d'Emmanuel, alliance bénie.
Pia, la noble fille, est à *Louis* unie
Et, royale couple, ils vont, des produits portugais
Exposés à Paris, constater le succès,
Cependant l'Espagnol à ses Rois infidèle,
S'éprend de république et détrône Isabelle;
L'exemple peut tenter quelque autre moins constant,
Ce pays y résiste; impassible, il attend
Et croit, après l'essor, à la chute rapide.
Vers le vrai, son respect de ses princes le guide;
Pour lui, l'État modèle est, à la liberté,
Celui qui joint un Roi, deux chambres, l'unité.
Bien inspiré, ce peuple à ses instincts se fie;
Il honore un passé qu'à peine il modifie
Et, sans crainte acceptant l'avenir qu'il prévoit,
Prend pour lois du présent, Dieu, la raison, le droit;
Que de tels sentiments guident sa politique,
Et, fondée à jamais, règne la paix publique.
Mais à l'ambition de nouveau s'unissant,
L'émeute cède aux vœux de tel fauteur puissant;
Si, néanmoins, la troupe ose une échauffourée,
Ses efforts ont, en fait, peu d'élan, de durée,
Et, pour seuls résultats, ces légers mouvements
N'amènent en haut lieu que quelques changements,
Crises sans gravité, le pays les traverse;
Depuis lors, tout renaît, travaux publics, commerce,
Finances, industrie, arts et chemins de fer;
Le Roi, d'un tel progrès, a le droit d'être fier.
Aussi le Portugal comprenant l'importance,
D'après ces prompts effets, d'une auguste influence,
Rend grâce au Souverain dont l'appui protecteur
Par la prospérité l'a conduit au bonheur.

Le Brésil. Précis historique en vers par ——. Paris, 1866.

C'est en l'an quinze cent que Pedralvez Cabral
D'un empire nouveau dote le Portugal.
Jouet des vents, des flots, voguant à la derive,
Lorsque l'Inde l'appelle, au Brésil il arrive;
Vers Pâques débarquent, il aime, en cœur pieux,
Du nom de Vera-Cruz à désigner ces lieux.
Le doigt de Dieu, pour tous, en ce fait se révèle;
Lorsque Lisbonne apprend cette heureuse nouvelle,
Au Prince elle confirme un nom déjà donné,
Et dans Emmanuel voit le Roi fortuné.

Cabral veut que son joug, léger aux indigènes
Laisse croire au bonheur tout en donnant des chaînes;
Et les Tupiniquins, fraction des Tupis,
Dans un traître repos s'énervent, assoupis.
Dès lors, de toutes parts attirés vers ces plages
Les grands navigateurs fréquentent ces parages.
L'illustre Vespucci, de ce monde parrain,
Dans l'œuvre admire un Dieu, créateur souverain.

Et quand le mot Brésil à Vera-Cruz succède.
Le commerce naissant par échange procède.
Vers cette époque, un ordre émané de Jean Trois,
Divisant le Brésil pour la première fois,
Forme, en faveur des chefs, neuf capitaineries,
Où chacun a son lot de forêts, de prairies:
Les deux Sousa, Barros, Pereira, Tourinho,
Puis Correa, Göes, et les deux Coutinho:
Tels sont les fondateurs, d'après notre annatiste,
Que de leurs nobles noms composent cette liste.
Habiles écrivains, capitaines fameux,
De ce pays nouveau ce sont les dignes preux.

Si le hardi français, chez les Tupis pénètre,
C'est en hôte, en ami, jamais ainsi qu'un maître;
Mais dans les Portugais, dont le bras l'a dompté,
L'Indien reconnaît un vainqueur détesté,
Qui, persistant et fort, en construisant des villes
Affermit son pouvoir sur ses vallons tranquilles.
L'un d'eux est-il vers lui guidé par le destin,
Il figure aussitôt dans un hideux festin.
Pendant ce temps, au nord, les côtes sont prospères
Et les colons du sud fondent Buenos-Ayres.

1545

Des faits contemporains plusieurs relations
Donnent sur les Tupis d'exactes notions;
La plus intéressante est le récit de Hans-Stade;
Par les Tupinambas pris dans une emboscade,

Il dit naïvement ses transes, ses tourments,
Sur ces temps reculés précieux documents.
. . . . . .
. . . . . .
Le commerce au Brésil dès lors se développe,
Et bientôt ce succès tentant la vieille Europe,
Les avides enfants de ses peuples divers
Promettent cette proie à leurs instincts pervers.
Pernambuc et Bahia sont alors le théâtre
D'assauts où le Français se montre opiniâtre ;
Repoussé cependant, il porte ailleurs ses pas,
Mais sans abandonner ces attrayants climats.

1555

Pendant qu'au Paraguay l'Espagne colonise,
En France, vers ce temps, la reforme agonise.
Coligny, que le voit, sur ces bords veut offrir
Aux protestants français un tranquille avenir.
Villegagnon, choisi pour chef de l'entreprise,
Près Rio-Janeiro débarque par surprise.
Mais, à peine établi, changeant tous ses projets,
Il traite ses amis comme un Roi ses sujets ;
Par lui persecutés, ces religionnaires
Vont fuir au fond des bois ses instincts sanguinaires,
Lorsqu'en fin il s'éloigne, et de tous abhorré,
En Europe revint mourir deshonoré.
Dans le Guanabara, par la France se forme
Un autre colonie où fleurit la reforme.
Cet asyle, bientôt, par sa prospérité
Fait de puissants voisins naître l'avidité ;
Des jésuites, leurs chefs, employant l'influence,
Ils chassent les Français malgré leur résistance,
S'installent sur ce sol à leurs vœux accordé,
Et Rio-Janeiro dans ces lieux est fondé.

1560

Les Indiens, jaloux de leur indépendance,
Reconnaissent trop tard leur funeste imprudence,
Et, voulant recouvrer leur chère liberté,
Tout autre soin par eux est soudain écarté.
Parfois, à leurs efforts un destin favorable
Semble faire prévoir un succès plus durable ;
Mais les fiers portugais trompent bientôt l'espoir
Qu'un heureux coup de main peut lui faire entrevoir.
Pourtant, d'un gouverneur de capitainerie
L'horrible sort confirme encore leur barbarie,
Et des colons, un jour cernés dans leur réseau
Le péril est pressant... Quand d'Europe un fléau,

Qu'a su vaincre Jenner, arrête ces sauvages
Qui frappés de terreur, régagnent leurs ombrages,
C'est ainsi que ce mal en sévissant alors,
Porte secours ou deuil aux peuples de ces bords.

1562

Cette époque voit naître en ces rives lointaines,
Des hommes au cœur fort, aux allures hautaines;
Leur patrie est Saint-Paul; pionniers, voyageurs,
Ils se montrent autant guerriers qu'agriculteurs;
Héros aventureux d'un pays en enfance,
Rien n'arrête leur bras, n'étonne leur vaillance
Natures où le mal est primé par le bien,
L'indigène, en leur sang, le dispute au chrétien,
Dans Saint-Vincent, province où Loyola domine,
Les Paulistes soumis, adoptant sa doctrine,
Établissent bientôt un pouvoir directeur,
Qu'entoure tout un peuple, actif, luttant d'ardeur.
Là, fleurit l'industrie et la riche culture;
De ce point, s'efforçant de scruter la nature,
Ces hardis voyageurs explorent les déserts;
Des filons d'or, d'argent, par eux sont découverts,
Et, menant leurs troupeaux paître en ce vaste espace,
Un jour, la canne à sucre enrichit leur audace.
Mais détachons nos yeux de ce riant tableau
Lorsque du Portugal se creuse le tombeau
Animé d'une ardeur pieuse, fanatique,
Et demandant la gloire aux sables de l'Afrique,
Sébastien compromet, en un jour désastreux,
Le fruit de cent combats livrés par ses aïeux.
Lorsque, près de Alcaçar, son armée est détruite
Il tombe, en préférant le trépas à la fuite,
Et de trois Rois mourant dans les champs d'El-Kabir,
L'histoire nous transmet le triste souvenir.

1578

Du Roi Filippe Deux, le cauteleux génie
Hâte du Portugal la subite agonie,
Quand Henry, cardinal, Roi, grand inquisiteur,
A Coïmbre, à Goa, se fait persécuteur.

1580

Antoine monte au trône où le pays l'appelle,
Mais à tous ses efforts la fortune est rebelle:
Filippe dans Lisbonne entre en Roi triomphant;
Le peuple le subit, tout en le maudissant.
Dans sa détresse, Antoine en appelle à la France,
Et n'obtient d'Henry Trois qu'une vaine assistance.

La patrie est en deuil ! Des vaillants Portugais
Les conquêtes, bientôt, sont à tous, à d'Anglais,
Au Hollandais, au Maure !... à qui veut bien les prendre ;
Forte pour opprimer et faible pour défendre,
L'Espagne, à l'étranger ne pouvant résister,
Contraint, à sa ruine, un peuple d'assister.

1594

Mais pendant qu'au Brésil travaille le Pauliste,
De sa richesse, enfin, l'Anglais trouvant la piste,
S'empare du Récife et de Pernambuco;
La voix de la défense, est, alors, sans écho.
D'ailleurs résiste-t-on dans une ville ouverte ?
Le poste est intenable et chacun le déserte.
Tout est mis au pillage : un vaisseau, dans le port,
Arrivant de Goa, subit le même sort.

1597

Vers cette époque encor, les fils d'Angleterre
Descendent en larrons ce sol aurifère,
Surprennent Saint-Vincent, aux Paulistes si cher,
Mettent la ville à sac, et regagnant la mer,
Ils s'éloignent chargés du fruit de leurs rapines,
Ne laissant après eux que deuil et que ruines.

1610

L'île de Maranhan offre aux Tupinambas
Un réfuge, le seul, de ce peuple ici-bas :
Par cette race, ainsi qu'au temps de sa puissance,
Sont traités en amis les colons de la France.
Ils fondent Saint-Louis, dont le succès subit
De l'Espagne bientôt excite le dépit.
La ville est attaquée, et son chef Ravardière,
Par le nombre est contraint de rendre l'île entière.

1617

Lorsqu'à Tamaraca penètrent les Français,
Ils s'y livrent sans honte à des graves excès ;
Puis, pillent de Bahia les riches sucreries,
Celles des Ilheos et leurs factoreries.
Mais malgré ces revers, en ce siècle naissant,
Le Brésil se mantient prospère et florissant,
Ne devant ses succès qu'a lui seul, car l'Espagne
De ses vœux seulement l'assiste et l'accompagne.

1624

Depuis longtemps déjà le peuple Hollandais
Convoitait le Brésil naguère portugais.

D'émissaires adroit le rapport favorable
Avait permis de croire un succès immanquable.
Le Batave débarque, et soudain Siara,
Le Pernambuc, auquel le Récif se joindra,
Olinda, Piauhy, Rio Grande do Norte,
Tout plie ou se soumet, et la force l'emporte!
De plus, Porto Calvo, les forts Saint-Augustin,
Rio San Francisco, le Maranhan enfin,
Forment à la Hollande un florissant empire,
Fruit d'un rapt, il est vrai, mais que chacun admire.
Des côtes du Brésil elle occupe le tiers,
Et commande, en ces lieux, à cent peuples divers.
Dix-sept ans de combats confirment sa conquête;
Du succès elle semble atteindre alors le fait,
Bien que San Salvador, chef-lieu colonial,
Soit pour le portugais repris sur son rival.
Poursuivant ses desseins, le patient Batave
S'allie à l'Indien et rend libre l'esclave;
Puis, d'oisifs étrangers formant des partisans
De sa propre fortune ils les rend artisans.
Le Portugais, pourtant, en sujet de l'Espagne
Occupe encor le sud et sa riche campagne.
Le nord seul, appartient aux nouveaux conquérants.
Qui se montrent d'abord plus guerriers que marchands.
Villekens, Schop, Vandort, chefs que nomme l'histoire,
S'effacent, quand Nassau se montre dans la gloire.
Aussi grand général qu'habile gouverneur,
Il unit dans ses plans le génie au bonheur.
On lui doit ces secrets, précieuse capture,
Que la sait ravir à la nature.

1637

Nassau voit, cependant, du destin la rigueur,
Devant San Salvador, fatiguer sa valeur,
Quand de Bagnuolo l'énergique défense
De ses fougueux assauts démontre l'impuissance.

1640

Soixante ans de malheurs préparent le succès,
Qu'enfin Pinto confirme aux loyaux Portugais.
Tous se lèvent ensemble, ivres d'indépendance;
Un seul crit retentit: —Vive le Roi de Bragance!
Vasconcellos n'est plus: En vain Olivarès
Combat à Montijo, ses soldats sont défaits.
Dès lors, à tout jamais séparé de l'Espagne,
Le Portugal bénit Jean Quatre et sa compagne.
Un tel événement électrise les cœurs;
Chacun y reconnaît les divins faveurs.

Le Brésil, de Jean Quatre acclame la victoire,
Puis divise en deux parts son vaste territoire;
La limite fixée entre les nations,
Portugais, Hollandais, peuplent ces régions.

1643

Des envieux, alors, Nassau tombe victime ;
Ses talents, ses exploits, voilà pour eux son crime.
Mais de l'arrêt ingrat d'un pays irrité,
Son grand cœur en appelle à la postérité.
.....
De ses brillants succès si la Hollande est fière,
Le destin lui prépare une leçon sévère.
Déjà, même, un murmure, écho vague et lointain,
Le menace en grondant d'un orage prochain.
Le bruit grondit, approche; enfin, vient la tempête!
Mais où plane la mort un triomphe s'apprête:
Quatre peuples vaillants et d'ardeur transportés
Combattent pour leurs droits et pour leurs libertés.
Le drame a pour acteurs le blanc et le mulâtre,
Le nègre et l'indien: le Brésil pour théâtre!
Vidal et Vieira, trouvant plans et moyens!
Pour les réaliser, s'adjoignent deux soutiens:
Dias et Caméron. Ces quatre nobles âmes
Tendent vers un seul but, brûlent des mêmes flammes:
Du joug des Hollandais délivrer leur pays!
De cet brillant espoir leurs yeux sont éblouis.
Par un mot seulement faisons ici connaître
Ces hommes, que le ciel au Brésil a fait naître,
Et qui, pour prix d'un sort, au malheur disputé,
A leur patrie esclave offrent la liberté.
En heros, Vieira, dirigeant l'entreprise,
Veut, dit-il, qu'un plus digne au succès la conduise.
Cependant s'il est prêt à quitter le pouvoir,
Il sait, en le gardant, accomplir un devoir,
Lorsqu'à l'ordre royal qui de ses mains l'enlève
Il répond: «Sire, il faut que mon œuvre s'achève;
Alors je pourrais dire, implorant mon pardon:
J'ai conquis un empire, à mon Roi j'en fais don.
Vidal et Cameron, en luttant de noblesse,
Ne négligent jamais la force ni l'adresse,
Dias perd une main qu'un fer cruel abat,
De l'autre il prend son arme et retourne au combat.
Tels sont ces braves cœurs qui de tant rencontres
Savent, toujours heureux, sortir sans malencontres.
Enfin, Guararapi, tombeau des Hollandais,
A ce peuple interdit la lutte désormais.
Du Brésil sonne alors l'heure de délivrance,
Qui, donnant liberté, promet indépendance!

1653

Pernambuc seul résiste à sept ans de combats,
Et l'espoir se mantient au cœur de ses soldats,
Car toujours de la mer l'Hollandais est maître.
Lorsqu'on voit dans ces eaux une escadre apparaître:
Navires Portugais et d'Europe envoyés,
Les produits du Brésil par eux sont envoyés.
L'amiral, apprenant à quelle noble cause
Il peut porter secours, aussitôt s'y dispose.
Le bouillant Vieira du chef obtient l'honneur
Dans le premier assaut de montrer sa valeur.
Il y court, il combat; la lutte est acharnée,
Le triomphe complet et la ville gagnée.
Lorsque l'Hollandais quitte enfin ses remparts,
C'est défait, écrasé, rompu de toutes parts,
Le général, voulant la sauver des outrages,
Laisse à la garnison ses armes, ses bagages.
Olinda, le Récif, sont aux mains du vainqueur.
L'espérance a fait place au succès, au bonheur.
Ainsi, de l'étranger l'oppression s'achève;
La surprise l'impose et la gloire l'enlève.
Dès lors, jamais ce sol, au bonheur destiné,
Du pied d'un conquérant ne sera profané:
L'ivresse, en Portugal, accueille la nouvelle;
Elle comble les vœux de son peuple fidèle,
Et précédant d'un Roi le trépas trop hâté,
L'aide à franchir le seuil de l'immortalité.

1656

Alphonse Six est Roi; sa maladive enfance
Lui laisse un corps débile, un esprit sans puissance.
Conti, son favori, du palais expulsé,
Est par Castelmelhor dignement remplacé.
Son hymen est stérile, et la Reine le force
A deposer le sceptre, à subir un divorce.
Elle épouse son frère, et Dom Pedro, régent,
Donne d'un Roi captif le spectacle affligeant,
Villa Flor et Schomberg ont gravé dans l'histoire
Deux noms que glorifient une double victoire;
L'un est Montes Claros et l'autre Ameixial;
Leur souvenir longtemps trouble l'Escurial.
Mais, quel que soit le sort de la mère-patrie
Le Brésil, qui doit tout à sa seule industrie,
Va toujours grandissant, et sa prospérité
Confirme du travail le succès mérité,
Si dans d'habiles mains le sol s'améliore,
Des mines les produits le font plus riche encore.

Au sein des bois, couvrant ces vastes régions,
S'élèvent des cités, jeunes fondations,
Qui, se peuplant soudain, comme ruches d'abeilles,
Montrent à l'œil ravi du progrès les merveilles
S'il n'est pas vrai toujours, il l'est bien quelquefois,
Ce précepte empruntant de la raison la voix :
Sont-ils peuples heureux, ceux qu'enivrent la gloire ?
Faut donc, au bonheur, d'un passé les appas ?
Non, plus heureux cent fois sont ceux qui n'en ont pas.
Cette époque, au Brésil, nous en fournit l'exemple ;
De la gloire nul fait n'y vient orner le temple,
Et sans combat fameux, ni drame saisissante,
Heureux est ce pays ; qu'un autre soit puissant !
Mais un fait singulier, qui peut-être s'explique
Par des nécessités de haute politique,
C'est cette exclusion qui frappe l'étranger,
Qu'au Brésil on redoute à l'égal d'un danger.
Plus d'un siècle et demi règne cette défense,
Que, vers le dix-huit cent, supprime une ordonnance.
Période de calme et de securité,
Le silence et l'oubli font sa félicité.

1683

Après plus de quinze ans cesse enfin la régence.
Pierre Deux, nommé Roi, de l'éclat des Bragances
Ving-trois ans héritier, sait augmenter encor
Et, quand l'Inde se meurt, du Brésil tirer l'or.
De la succession s'il dirige la guerre,
Il laisse Methuen enrichir l'Angleterre.
Mais loin du Portugal, et sans l'abandonner,
Au Brésil, maintenant, il nous faut retourner.

1700

En Pernambuc, des noirs, la race populeuse,
Se forme librement en colonie heureuse.
Cette fondation date de cinquante ans,
Et se peuple déjà de vingt mille habitants.
Par la forme et le fond, république agricole,
Palmarès du pays semble la métropole.
Le grand chef, que toujours nomme l'élection,
Jouit du rare honneur d'une habitation.
Le Zombé, c'est à son nom, pratique un fétichisme
Qu'un peuple, ainsi que lui, croit le catholicisme.
Dans ce lieu l'on comprend, sans plus ample détail,
Que le premier devoir est, pour tous, le travail.
Par sa prospérité, cette tribu sauvage,
Au Brésil défiant porte bientôt ombrage ;

On veut sa perte, on part. Mais l'échec est complet
Il faut contre les murs les efforts du boulet.
L'on mande sur-le-champ un corps d'artillerie,
Qui de ces noirs bientôt fait une boucherie.
Le Zombé monte alors sur un roc escarpé,
Par l'ennemi vainqueur non encore occupé.
Il voit qu'il est cerné, perdu, sans espérances;
Qu'inutile est l'ataque et la défense;
Mais il est libre encor, l'abîme est sous ses pas:
Intrépide, il s'élance et trouve un beau trépas.
Tel est le dénoument de cette tentative;
Libre un jour, Palmarès est désormais captive.
Nulle trace, aujourd'hui, n'indique qu'en ces lieux,
Tout un peuple vécut et mourut glorieux.

1706

Le Portugal ressent à peine l'influence
Du revers d'Almanza: sous Jean Cinq sa puissance
Ne peut se comparer qu'a sa prospérité.
Ce Roi, grand par le cœur, l'esprit et l'équité,
A son peuple, au pays, sans borner ses largesses,
Aime à vouer à Dieu du Brésil les richesses;
Des corsaires hardis tentés par ses trésors
Trouvent dans ce voyage un but à leurs efforts.
L'aventureux Duclerc, sous pavillon de France,
Y débarque bientôt sans nulle résistence.
Vers Rio-Janeiro, par des nègres guidé,
Il en franchit l'enceinte. Aussitôt, débordé,
Sans espoir de secours, dans un précaire asyle,
Il doit se rendre au chef que commande la ville;
Et moins d'un an après, d'odieux ennemis
L'égorgent en prison, aux yeux de ses amis.

1711

Lorsqu'à Duguay-Trouin parvient cette nouvelle,
Il prétend de Duclerc venger la morte cruelle.
Au Brésil il arriva, aborde en un îlot,
Et, d'une batterie établie aussitôt
Le feu peut contenir ou foudroyer la ville.
Il arrête son plan, en commandant habile,
Et demande d'abord qu'on remette en ses mains
Les français prisonniers, les traitres assassins,
Puis, d'une indemnité fixe aussi l'importance.
Ces mots du général insultent la vaillance:
«Me soumettre à ces lois, dit-il, plutôt mourir
L'homme peut succumber, mais non l'honneur périr.»
Tel est son fier langage. Alors le bronze tonne.
Avec la foudre humaine une autre encor résonne,

Qui, d'une sombre nuit redoublant la terreur,
De tous côtés répand l'épouvante et l'horreur.
Le jour paraît enfin. Étrange découverte !
Le peuple a fui Rio, cette ville est déserte.
Pourtant on se rapproche, et le traité signé,
Le pays à son sort résigné.
Duguay-Trouin, vainqueur, revient, non sans vengeance,
Offrir au Roi son nom et sa gloire à la France.
Hors ce seul fait qu'ici rappellent quelques mots,
De cette époque rien ne trouble le repos.

*
* *

1750

Bienfaiteur de son peuple et de l'Europe arbitre,
De gran Prince Jean Cinq sait mériter le titre.
Il combat le Sultan, dans Utrecht fait la paix,
Fonde une académie et construit des palais.
Mais à tant de splendeurs contraste trop funeste.
Il voit Lisbonne en proie aux horreurs de la peste
La capitation par Joseph disparaît;
Avec joie, au Brésil, on reçoit ce bienfait.
A Rio, vers ce temps une haute cour siège.
Bien qu'un contrat sévère, au nom du Roi protège
Le droit d'extraction du sol diamantin,
Pourtant la contrebande a sa part de butin.
Voyant les possesseurs des capitaineries,
Sans culture laisser leurs vastes metairies,
La couronne reprend ces biens abandonnés.
A des lots différents d'autres noms sont donnés:
De dix gouvernements les limites se tracent,
Puis, les subdivisant, vingt provinces s'y placent.
Mais du calme Brésil venons au Portugal.
De Joseph le sens droit lui dicte un choix royal:
Carvalho se distingue, au pouvoir il l'appelle;
De ce ferme soutien la main sûre et fidèle
D'illustres assassins sait punir la fureur.
Un tremblement de terre, en semant la terreur,
Montre au peuple Oeiras reparant ce sinistre.
Bientôt le Roi, cédant aux vœux de son ministre
Des jésuites puissants prescrit l'expulsion,
Et l'Espagne cessant sa vaine agression.
Joseph peut remplacer, fermant bien des blessures,
Ses rigoureux décrets par de sages mesures.
.....
.....
.....

HERRERA.

E. *Memorias historicas de los desposorios, viages, entregas, y respectivas funcciones de las Reales Bodas de las Infantes de España y Portugal, Carlota Joachina y Mariana Victoria.* 1785, Madrid, 1787.

HERRERA (ANTONIO DE ——).

Razon de estado, con tres libros de la grandeza de las ciudades, de Juan Botero. Traducido de italiano en castellano por ——. Dirigido al Condestable de Castilla y Leon. En Burgos, en casa de Sebastian de Cañas, año 1603. Á custa de Pedro de Ossete, y Antonio Coello, libreros de Valladolid. 8.º, 175 folhas.

*
* *

Continuamente n'esta obra se falla dos feitos dos nossos:

«A este proposito, os Reis de Portugal, especialmente D. João III, fundaram na India collegios e seminarios, nos quaes educam grande numero de mancebos de differentes nações, com a disciplina dos padres da companhia de Jesus. Na Allemanha e nas Indias Occidentaes têem feito d'esta maneira muito fructo, porque as cidades da Allemanha, onde elles estão, se conservaram debaixo da fé catholica, e se faz fructo contra a infecta heresia, sendo incrivel o grande numero de pessoas convertidas no Brazil.» (Fol. 71 v.).

*
* *

«E não quero passar em silencio que El-Rei D. Manuel de Portugal foi mui ditoso nas emprezas de Africa e da India, e todas suas cousas lhe corriam prosperamente, e depois, por suggestão de alguns, se lembrou de tirar boa somma de dinheiro do estado ecclesiastico, e para isso alcançou licença do Papa Leão; o que, sabido em Portugal, deu origem a muitas murmurações; mas por isto, e porque El-Rei se achava em penuria, determinou não se aproveitar da graça, e o clero resolveu fazer-lhe um donativo de 150:000 escudos, e desde então para cá suas emprezas e reputação foram sempre declinando.» (Fol. 94 v.)

*
* *

«... E demais d'isto, pelas ordens de El-Rei D. Fernando e de El-Rei D. Manuel, saíram de Hespanha 124:000 familias de judeus, que se julgavam ser 800:000 pessoas; pelo que Bayazeto, grão turco, sem considerar nem aprofundar o negocio, disse que se maravilhava da prudencia de El-Rei D. Fernando, porque se privava d'aquillo que o engrandecia e enriquecia os estados, que era a gente; eis porque de bom grado recebeu os judeus chegados de Hespanha em Rhodes, Salonica, Constantinopla, Santa Maura e em outros logares.» (Fol. 98).

«Os romanos enviaram infinitas colonias, com cujas forças sustentaram grandes guerras. E seguindo este exemplo, os castelhanos e os portuguezes têem fundado diversas colonias nas Indias Orientaes e Occidentaes, e nas suas ilhas, embora todos elles n'isto mais tenham seguido a necessidade de suas emprezas, do que a rasão ou o exemplo dos romanos, pois as colonias são de pouco proveito para a patria.» (Fol. 105.)

*
* *

«Pela necessidade que os portuguezes têem de gente, enviam cada anno suas caravellas carregadas de mercadorias aos portos da Guiné, e em troca de suas mercadorias trazem muitos escravos, que levam para trabalharem nos engenhos de assucar, e para cultivarem a terra no Brazil e em outras partes do seu dominio, e a muitos vendem aos castellanos, que d'elles se servem para o mesmo fim. (Fol. 111.)

*
* *

«Os portuguezes, que na sua terra têem mostrado tão pouco valor, na India, contra os mamelucos, turcos e persas, têem feito cousas maravilhosas, e ganhado o imperio do Oceano, com os riquissimos estados de Ormuz, Druy *(sic)*, Goa, Malaca e Moluc, porque achando-se esta nação tão longe da sua patria, pelejam sem esperanças de remedio, e á mesma rasão (abaixo de Deus), se devem attribuir as façanhas dos hespanhoes em o Novo Mundo.» (Fol. 122.)

*
* *

«E esta ha sido, certamente, uma grande falta dos castelhanos, porque havendo obrado cousas mui dignas de memoria, corrido tantos mares, descoberto tantas ilhas, e terras firmes, e sugeitado tantas provincias, não se têem importado nada de que estas emprezas, que muito excedem as dos gregos e de Alexandre Magno, fossem escriptas por pessoas que o soubessem fazer. No que, assim como em outras cousas, têem sido mais felizes os portuguezes, porque na lingua latina, e na portugueza têem dado á luz suas façanhas, e recentemente as escreveu o padre Mafeo, da companhia de Jesus, com tanta elegancia que não póde ser louvado sufficientemente por pessoa que seja menos eloquente do que elle é.» (Fol. 126 v.)

HERRERA (D. FERNANDO DE MONFORTE Y ——).

Relacion de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid, en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y San Francisco Xavier. Dirigida al mismo Colegio Imperial de la Compañia de Jesus. Con Privilegio. En Madrid, por Luiz Sanchez, impresor del Rey nuestro señor. Año de 1622, in-4.º

HERRERA (FERNANDO ——).
Por la perdida del Rey Don Sebastian de Portugal.

Voz de dolor, i canto de gemido,
i espiritu de miedo, embuelto en ira,
hagan principio acerbo á la memoria
d'aquel dia fatal aborrecido;
que Lusitania misera suspira,
desnuda de valor, falta de gloria.
i la llorosa istoria
assombre con orror funesto i triste,
dend' el Africo Atlante i seno ardiente,
hasta el mar d'otro color se viste;
i do el roxo d'Oriente,
i todas sus vencidas gentes fieras
vên tremolar de Christo las vanderas.

Ai de los que passaron, confiados
en sus cavallos, i en la muchedumbre
de sus carros, en ti, Libia desierta,
i, en su vigor i fuerças engañados,
no alcançaron su esperança aquella cumbre
d'eterna luz; mas con sobervía cierta
s'ofrecieron la incierta
vitoria, i sin bolver á Dios sus ojos,
con cierto cuello i coraçon ufano
solo atendieron siempre á los despojos
i el Santo d'Israel abrio su mano,
i los dexó; i cayó en despeñadero,
el carro, i el cavallo i cavallero.

Vino el dia cruel, el dia lleno
d'indinacion, d'ira i furor, que puso
en soledad, i en un profundo llanto
de gente i de plazer el Reino ageno.
El Cielo no alumbró, quedó confuso.
el nuevo Sol, presago de mal tanto.
I con terrible espanto
el Señor visitó sobre sus males,
para umillar los fuertes arrogantes;
i levantó los barbaros no iguales,
que con osados pechos i constantes
no busquen oro, mas con hierro airado
la ofensa venguen i el error culpado.
Los impios i robustos, indinados
las ardientes espadas desnudaron
sobre la claridad i hermosura
de tu gloria i valor; i no cansados

en tu muerte, tu onor todo afearon,
mesquina Lusitania sin ventura.
i con frente segura
rompieron sin temor con fiero estrago
tus armadas escuadras i braveza.
L'arena se tornó sangriento lago,
la llanura con muertos aspereza,
cayó en unos vigor, cayó denuedo,
mas en otros desmayo i torpe miedo.
São estos, por ventura, los famosos,
los fuertes, los beligeros barones,
que conturbaron con furor la tierra?
que sacudieron reinos poderosos?
que domaron las orridas naciones?
que pusieron desierto en cruda guerra,
cuanto el mar Indo encierra?
i sobervias ciudades destruyeron?
do el coraçon seguro i la osadia?
como assis' acabaron, i perdieron
tanto eroico valor en solo un dia;
i lexos de sua patria derribados,
no fueron justamente sepultados?

Tales ya fueron estos, cual hermoso
cedro d'el alto Libano, vestido
de ramos, hojas, con ecelsa alteza;
las aguas lo criaron poderoso,
sobre empinados arboles crecido,
i se multiplicaron en grandeza
sus ramos con belleza;
i, estendiendo su sombra, s'anidaron
las aves, que sustenta el grande Cielo;
i en sus hojas las fieras engendraron,
i hizo á mucha gente umbroso velo.
no igualó en celsitud i en hermosura
jamas arbol alguno á su figura.

Pero elevóse con su verde ceina,
i sublimó la presuncion su pecho
desvanecido todo i confiado;
haziendo de su alteza solo estima.
por eso Dios lo derribó deshecho,
á los impios i agenos entregado,
por la raiz cortado.
qu'opresso de los montes arrojados,
sin ramos i sin hojas, i desnudo,
huyeron d'el los hombres espantados;
que su sombra tuvieron por escudo.

en su ruina i ramos, cuantas fueron
las aves i las fieras se pusieron.
Tu, infanda Libia, en cuya seca arena
murió el vencido Reino Lusitano,
i s'acabó su generosa gloria,
no estés alegre i d'ufania llena,
porque tu temerosa i flaca mano
uvo sin esperança tal vitoria,
indina de memoria;
que si el justo dolor mueve a vengança
alguna vez el Español corage,
despedaçada con aguda lança,
compensarás muriendo el hecho ultrage,
i Luco amedrentado al mar immenso
pagará d'Africana sangre el censo.

Esta poesia foi vertida para portuguez pelo conhecido poeta José Maria da Costa e Silva, e publicada no *Ramalhete,* anno de 1839:

Voz de pesar, e canto de gemido,
Espirito de medo envolto em ira,
Começo amargo faço da memoria
D'aquelle fatal dia aborrecido
Sobre que Lysia misera suspira,
Despida de valor, falta de gloria:
E a lamentosa Historia,
Assombre com horror tristonho, agreste,
Desde o Africo Atlante á zona ardente,
Té onde de outra côr Neres se veste
Té onde se limita o rubro Oriente,
E seus vencidos Povos já tem visto
Sacras bandeiras tremular de Christo.
Ai d'esses que passaram confiados
Nos fogosos ginetes e abondança,
De seus carros a ti, Libia deserta,
Desdenhando elevar sua esperança
Á eterna luz! Mas com soberba certa
Se agouraram a incerta
Victoria! A Deus os olhos não volveram
E, erguido o collo, o coração ufano,
A vista nos despojos só tiveram!
Mas a mão de Israel o Soberano,
Abre e os deixa!... No atroz despenhadeiro
Cai carro, cavallo e cavalleiro!
Veio o dia cruel, o dia cheio
D'ira, d'indignação, e de furores,
Que poz em soledade e fundo pranto,
De gente e de prazer, o reino alheio;

Confuso ao Céu negou seus esplendores,
O novo sol, presago de mal tanto;
E, com tremendo espanto,
Sobre seus males visitou o Eterno,
Para humilhar os fortes e arrogantes:
Aos bravos soprou valor superno,
Porque com peitos bravos e constantes,
Não busquem oiro, mas com ferro irado
Vinguem a torpe offensa, erro culpado.
Os impios e robustos indignados,
As ardentes espadas apontaram
Nuas á claridade e formosura
De teu valor e gloria; e, não cançados,
Com tua morte a honra te afeiaram,
Mesquinha Lusitania sem ventura.
E com frente segura
Romperam sem temor com forte estrago
Tuas armadas hostes e braveza;
A areia se tornou sangrento lago,
A planicie com mortos, aspereza,
Caiu em uns denodo e valentia,
Mas em outros o medo e a cobardia.
Ai! São estes acaso esses famosos
Intrepidos, belligeros Mavortes,
Que encheram de pavor inteira a terra?...
Que domaram terriveis nações fortes?
Que pozeram deserto em crua guerra
Quanto o mar Indico encerra?...
E as soberbas cidades arrazaram?...
Onde o impavido peito?... Onde a ousadia?
Como assim se perderam, e acabaram
Tantos nobres guerreiros n'um só dia?...
E distantes da patria derribados,
Não foram justamente sepultados?...
Assim estes já foram qual formoso
Cedro do excelso Lybano, vestido
De ramos, folhas, com frondente alteza;
As aguas o crearam poderoso,
Sobre empinadas arvores crescido;
E se multiplicaram em grandeza.
Seus troncos com belleza;
Aves, que o céu sustenta, fabricaram
Ninho na vasta copa, que estendia;
As feras sobre as folhas procrearam,
E a muita gente foi coberta umbria,
Nem pela elevação e formosura
Outra arvore igualou sua figura?
Mas elevou-se co'a verdosa cima,

E nescia presumpção inchou seu peito,
Desvanecido todo e confiado,
Sómente á sua altura dando estima,
Por isso Deus o derrubou desfeito;
Ao barbaro estrangeiro abandonado
Pela raiz cortado!...
Que opprimido dos montes arrojados,
Despido já de folhas, troncos, tudo,
Fugiram d'elles os homens espantados,
A quem na vasta sombra déram escudo;
E sobre os ramos, e ruinas varias
Se apresentaram aves e alimarias!
Tu, Lybia infausta, em cuja secca areia
Morreu vencido o reino Lusitano,
Oh, não te alegres de ufania cheia!
Porque esse braço inerte, vil, tyranno,
Ganhou sem esperança tal victoria
Indigna de memoria,
Que, se justo pesar move a vingança
Alguma vez o Hesperico ardimento
A offensa pagarás com dura lança
Toda despedaçada, entregue ao vento;
O Luso amedrontado ao mar immenso
Pagará de Africano sangue o censo.

HERRERA (FR. PEDRO DE LA TORRE ——).—Religioso de la Observancia del Assombro de la Penitencia, Prototypo de la Santidad, y abrazado Serafin nuestro Padre San Francisco, Predicador Jubilado, ex-Pro-Ministro, y Padre de la Santa Provincia del Tucuman, Paraguay, y Rio de la Plata, y Revisor de libros en el Santo Tribunal de la Inquisicion en 1729.

Sermon del glorioso San Pedro de Alcantara, predicado en la nueva Colonia del Sacramento, en la celebracion de los mutuos Desposorios de nuestros Serenisimos Principes el Señor Don Joseph, Principe del Brazil, con la Señora Doña Maria Anna Vitoria, Princesa de Castilla, y del Serenisimo Principe de Asturias, Don Fernando Felipe, con la Serenisima Señora Princesa de Portugal, Doña Maria: Colocandose juntamente una Effigie en una Capilla, nuevamente erigida, y dedicada al sobredicho Santo en el sitio, y bateria, de donde se defienden las naves, y mas embarcaciones ancoradas de qualquier insulto, cuya obra y devocion se deve á la experiencia y Cristianidad en expensas, y solicitud del Señor Don Antonio Pedro de Vasconcellos, Hidalgo de la Casa de Su Magestad Portugueza, Ayudante general de sus Exercitos, Cavallero profeso de la Orden de Christo, y Governador actual de dicha Colonia del Sacramento. Predicalo el mucho Reverendo Padre ——. Dedicado al mismo San Pedro de Alcantara por Francisco Ferran de Castel-Branco, Cavallero de la Orden de Christo, Hidalgo de la Casa de Su Magestad Portugueza, y Coronel de Infanteria Reformado en sus Reales Exercitos. Lisboa Occidental. Na officina de Pedro Ferreira, impressor da Serenissima Rainha N. S. Anno de 1732, 4.° de 37 pag.

HERVEY (CHRISTOPHER ——).

Letters from Portugal, Spain, Italy and Germany, in the years 1759, 1760 and 1761. By ——. London, Printed by J. Davis, 1785. 3 vol.

HERVILLY (ERNEST ——).

E. *Le grand Saint Antoine de Padoue. Son enfance, sa belle jeunesse, ses miracles, ses tentations, son apothéose et son petit cochon. Illustrations de W. Busch.* Deuxième édition. Paris, W. Hinrichsen, éditeur. 8.º gr., 68 pag.

É uma parodia ás acções do thaumaturgo francez, que só tem em vista fazer rir, e confunde-o com Santo Antão, como o leitor já viu no titulo da obra — *cochon.*

Il naquît — ô miracle — à Padoue. Or ses langes
Le genant quelquefois, il les jettait en l'air.
Il se mettait tout nu pour rassembler aux anges
Et pour montrer son dos à monsieur Lucifer.

Tout cela, disait-on, annonce un bien saint homme!
Il provoque Satan et s'en moque: Hosannah!
Donc il saura vaincre Eve et son trognon de pomme
Et lui crier toujours: «Va-t-en, mère à Nana!»

En têtant, il fermait ses yeux, oui, tout l'indique!
Et lorsque sa Nounou laissait un peu trop voir
Son biberon de chair, alors bébé pudique,
Il lui disait tout bas: «Prenez-moi, ce mouchoir».

Grandissant comme vous et moi, mais en sagesse,
Il respectait les jours de jeûne et ne voulait
Nul gras de vendredi quoi qu'on en fit largesse...
Et quand il n'avait pas de maigre, il en volait!

Pour avoir ce poisson sans lequel Dieu nous damne
Il allait dégarnir filets et hameçons,
Dans l'étang d'un voisin. Que nul ne le condamne:
Il laissait les filets s'il prenait les poissons.

Il les accommodait à des sauces exquises,
En y trempant ses doigts qu'il aimait à lêcher.
Les carpes qu'il chipait n'étaient point mal acquises
Puisque tout le Carême il mangeait — sans pêcher.

L'Église nous permet les œufs et le laitage:
Antoine n'ayant pas de vaches, s'en allait
Traire dans les près verts (quel courage à cet âge)
Les vaches du prochain pour en boire le lait.

Puis, toujours chez autrui pour les gober en foule,
Il attendait les œufs à l'endroit que l'on sait.
Au grand étonnement de madame la poule
Qui ne comprenait rien à ce qui se passait.

Il faisait tout cela sans débourser finance,
Pour gagner son salut en chrétien jusqu'au bout!
Car il faut observer la règle d'abstinence
A tout prix! C'est pourquoi notre saint prenait tout.

Prendre l'air ou son temps — prendre des attitudes,
Des mitaines — un ton — prendre la mouche encore:
Vieilles mœurs! Notre Antoine avait des habitudes
Modernes.— Il prenait, en volant, son essor.

Logique calembourg plein de raisons profondes
Que le pieux Antoine avec bonheur apprit:
Dans tous les pigeonniers il prennait des colombes,
Pour avoir, disait-il, le Saint-Esprit.

Sa jeune piété sans relâche
Et pour mieux admirer ce que Dieu fait si bien,
Il suçait les citrons des marchands que leur tâche
Empêchait d'avoir l'œil sur ce parfait chrétien.

Mais il ne manquait pas un seul petit office;
Il chantait au lutrin comme un cheval hennit,
Puis ayant soif buvait le vin du sacrifice
Dans la buvette; enfin, croquait le pain bénit.

Tout Padoue en parlait. Dieu! quel larron prodige!
Son flair se révélait en faits inattendus,
Et plus tard on en fit, de Tarente à l'Adige,
Le saint qui fait trouver tous les objets perdus.

De ce qu'on lui prédit, on ferait un volume,
Ne citons qu'un souhait que rien ne peut ternir,
On lui disait toujours quand il avait un rhume:
Dieu vous bénisse! Un mot qui peignait l'avenir.

Antoine ayant reçu ce conseil de la Bible:
«Les lys ne filent point et ne travaillent point,
Dormait longtemps, fumait comme un suisse terrible
Dans son lit de brevas aussi gros que le poing.

Il savait lire à peine, encore moins écrire
Ne se lavait que peu, de peur d'être noyé;
Bref, il avait cet air que l'on ne peut décrire
Qu'a toujours un mortel par le ciel envoyé.

Des grands hommes naissants telles sont les aurores!
Et sa mère disait, rajustant son chignon:
Voyez! la sainteté lui sort par tous les pores!
Pourtant, il n'avait pas son futur compagnon.

Oh ! si l'on ne gobait jamais que l'albumine
Et le jaune des œufs ! mais, non, l'amer destin
De soucis à gober nous réserve une mine :
Antoine devint donc amoureux un matin.

Bigre de bigre ! hélas ! la vie est inclémente !
On s'est couché bien calme, on se réveille épris
D'une petite femme imbécile et charmante,
Qui vous ronge le cœur de ses dents de souris.

Alors, plus de repos, plus de raison.— On passe
A l'état de toqué, les beaux comme les laids,
Et Cupidon, montreur de tours de passe-passe,
Fait de vous sa muscade avec ses gobelets.

La guitarre à la main sans gémir : «Oh que n'ai-je
Un poële à mon service ! » Antoine alla chanter,
Le ventre vide, au clair de lune, en pleine neige,
Pour une Cunégonde.— Il sut, oui, la tenter !

. . . . . .

HESIO (RICARDO ——).— Italiano.

Escreveu um compendio grammatical das illustrações e commentarios com que Vellez enriqueceu a grammatica latina do P. Manuel Alvares. Falla-se d'esta obra monumental na grammatica latina de Alvares, impressa em París no anno de 1859.

HESIO (P. RICHARD ——).— Ejusdem Societatis.

E. *Prosodiae Rudimenta ex Emmanuele Alvaro S. Jesu, multis passim additionibus illustrata. Accessere Regulae speciales cognoscendae quantitatis syllabarum. Auctore P.* ——. Coloniae Agripinae, apud Joannem Kinckium, sub Monocerote. Anno 1630, 119 pag., 8.º

HESPANHA E PORTUGAL *divididos em todos seus reinos e principados, onde são escrupulosamente observadas todas as ruas das postas, por ordem do ministro o marquez de Grimaldo.* Paris, em casa de H. Jaillot, 1721.

HEVENESI (GABRIEL ——).

E. *Vita S. Francisci Ind. et Jap. Apostoli, Philosophiae Doctoris et in Universitatis Paris Professoris, nunc Facultatis Philosophici Patrini, thesibus philosophicis distincta et vario carmine concinnata.* Viennae, 1690, in-8.º[1]

Fructus Indici, seu Quotidiana et Vita S. Francisci Xaverii Virtutis exempla decerpta et in singulos anni dies distributa. Viennae, 1696 e 1747. Tyrnaviae, 1714, in-12. Em allemão : Viennae, 1751, in-12.

Flores Indici sive documenta ex aureis Sancti Indiarum Apostoli Francisci

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VIII, pag. 273.

Xaverii S. J. epistolis decerpta et per singulos totius anni dies distributa. Viennae, 1694. Gedani, 1701, in-24. Brunsbergae, typis Coll. S. J. Anno 1707, in-24.

Coloniae Aggripae, apud Balthazarem ab Egmond, 1723, in-24.

Viennae Austriae, nunc denuo recusa. Tyrnaviae, 1714. Viennae, 1723. Viennae, 1747. Em allemão: München, 1698. Prag, 1699. Wienn, 1749.

Cura salutis sive de Statu vitae mature et prudenter deliberandi methodus per decem dierum Veneris Spiritus S. Deiparae SS. Ignatii et Xaverii honori instituendam devotionem proposita. Viennae, 1709, 1714.

HIDALGO (D. FRANCISCO ——).

Primero y segundo curso de Portugués, con la clave de temas arreglados por ——. Madrid. Carlos Bailly-Baillière, 1876. 93 pag. e o segundo curso 83 pag. e 35 pag. para a *Chave dos themas.*

HIPP (C. F.).

E. *Grammaire portugaise. Nouvelle édition.* Hambourg, 1825.

HIPPOLYTE TAUNAI et **FERDINAND DENIS.**

Le Brésil: histoire, mœurs et coutumes des habitants de ce pays, par ——, Paris, chez Nepveu. 6 vol. in-8.°

Obra ornada com 48 estampas.

HISPANIA ET LUSITANIA *vetus a R. Bonne. Carte gr. André sc.* Paris, 1787.

HISPANIA ET LUSITANIA *Itinerarium, nova et accurata descriptione iconibusque novis et elegantibus loca earumdem praecipua illustrans.* Amstaelodami, 1656, in-12, 1 vol., 364 pag.

HISPANIA ET PORTUGALIA *ex archetypo R. Mendes Silvae, &c., per G. Delisle, &c.* Paris, 1701. Chez Bauche. Avec privilège. *Carte d'Espagne et de Portugal. Avec une jolie cartouche, les limites des provinces en couleurs.* $0^m,45 \times 0^m,61$.

HISPANIAE ET PORTUGALIAE *maritimi tractus a S. Andero ad Malagam.*

Pascaert van Spangie en Portugal. Amsterdam, 1708.

Carta maritima, onde estão gravados os costumes hespanhoes e portuguezes.

HISPANUS (PETRUS ——).— Natural de Lisboa. Foi papa com o nome de João XXI, e falleceu em 1277.

Tornou-se conhecido pela sua obra *Summulae logicales,* compendio de logica das escolas. E a elle tambem pertence, sem duvida, o engenhoso quadro das diversas especies de argumentos, reproduzido frequentemente depois[1].

---

[1] V. Joh. Tob. Kœler, *Notice complète sur le Pape Jean XXI, celèbre comme médecin et philosophe, sous le nom de Petrus Hispanus.* Gotting, 1760, in-4.°

HISTOIRE *abregée du Portugal et des Algarves.* Amsterdam, 1724.

HISTOIRE *de ce qui s'est passé au royaume du Japon ès années 1625, 1626, 1627, tirée des lettres addressées au P. Mutio Viteleschi ; traduite de l'italien en français par un père de la Compagnie de Jésus.* Paris, Sébastien Cramoisy, 1633, in-12.

HISTOIRE *de Dom Juan de Portugal, Fils de Dom Pedro et de Dona Inès de Castro.* Paris, chez Pissot, 1724, in-12, 183 pag.

«Basta o titulo d'esta obra para que a curiosidade publica se ache despèrtada. Temos desejos de conhecermos a posteridade de Ignez de Castro, cujas aventuras representadas ha pouco na scena franceza, pareceram tão enternecedoras[1]; e queremos saber se as de seus filhos têem alguma cousa de tão funesta como a d'ella. É o que poderemos decidir pelo resumo que vamos apresentar d'este romancesinho historico, escripto com muita elegancia e clareza, postas de parte algumas insignificantes negligencias.

«Fernando, filho de Pedro *o Crú* ou *Justiceiro*, Rei de Portugal, e de Constança, primeira mulher d'este Principe, succedeu a seu pae, que tinha deixado outros dois filhos de Ignez de Castro, sua segunda mulher, D. João e D. Diniz. O novo Rei tornou-se apaixonado, até ao excesso, da marqueza da Cunha, sobrinha do conde de Barcellos, primeiro ministro ; esta paixão o tornou surdo a todas as propostas que lhe faziam, de partidos muito mais convenientes para um soberano. Encaminhou-o ella até mesmo ao ponto de desposar secretamente esta marqueza, depois da morte de seu marido, e de prometter a esta esposa ambiciosa que elle patentearia seu casamento logo que o podesse fazer, sem indispor contra si seus irmãos e o resto da nação.

«Por outro lado, D. João, filho primogenito de D. Ignez, e herdeiro presumptivo da corôa, achava-se apaixonado de Maria de Sousa, dama da primeira nobreza ; e para obter a permissão de a desposar, só esperava o casamento do Rei, cuja amante e primeiro ministro elle odiava mortalmente. Fernando, informado dos amores de seu irmão, nutriu esperanças de que pela complacencia que lhe mostrasse n'esta occasião, poderia pol-o do lado dos interesses da marqueza. Permittiu-lhe, pois, que desposasse Maria de Sousa, e que assim pozesse de parte as conveniencias, as quaes exigiam que o casamento do Rei precedesse o do Principe.

«Esta condescendencia de Fernando não produziu o effeito esperado. D. João, e seu irmão D. Diniz, cada vez se tornaram mais avêssos á declaração do casamento do Rei com a marqueza; e até mesmo se explicaram com esta em termos taes que lhe pareciam cortar todas as esperanças. A marqueza, enfurecida com esta recusa, resolveu vingar-se de um modo que desviasse todos os obstaculos que para o futuro podessem annuvear sua felicidade, e eis de que expediente lançou mão.

«Tinha ella, na pessoa do conde de Oran, um confidente que lhe era inteiramente affeiçoado. Este, para a servir mais utilmente nos seus maus designios contra D. João e contra a Princeza, tinha encontrado meio de ganhar a confiança

---

[1] *Journal des Sçavans*, 1724, pag. 241.

de um e de outro, e os visitava mui familiarmente. A marqueza, aproveitando-se da ausencia de D. João, que tinha partido para uma expedição em Castella, induz este conde a redobrar suas assiduidades junto da Princeza. Ordena-lhe esta até mesmo que finja estar apaixonado por ella, e de publicar que é algum tanto correspondido. Tem a marqueza o cuidado de corroborar por meio de seus emissarios e de canções satyricas propagadas entre o publico, estes falsos boatos, tão desfavoraveis á reputação de D. João, e chegam por fim até elle.

«O genio desconfiado d'este joven Principe fazia com que elle, com facilidade excessiva, désse credito a uma tão infame calumnia. Regressa incognito do exercito, e á sua chegada as suas desconfianças acham-se muito confirmadas pelas informações falsas de Rolinde, uma das açafatas da Princeza, e a quem a marqueza tinha subornado.

«D. João, disfarçado, dirige-se immediatamente para Lara, casa de recreio onde estava sua mulher. Faz com o que o introduzam no aposento, como um simples pagem que viesse da parte do Rei. Vê a Princeza com um homem, e de costas para a porta, e a quem elle ao principio toma pelo duque de Oran, embora fosse o Principe D. Diniz, pois muito se pareciam um com o outro, de modo tal que ás vezes havia enganos, D. João, cego de ciumes, puxa por um punhal que trazia escondido, e depois de ter descarregado duas punhaladas n'aquelle a quem tomára pelo conde, enterrou o mesmo punhal no seio de sua esposa. D. Diniz, sentindo-se ferido, empunha a espada, e a embebe no corpo de D. João, que elle julga ser algum assassino enviado pela marqueza. Cáem todos tres banhados no seu sangue; os dois irmãos reconhecem-se, a Princeza vê que seu assassino é seu proprio marido, e pouco tempo depois morrem todos das feridas.

«Tal é a cruenta catastrophe que termina este romance, cuja narração é interrompida pelo depoimento de Pedro *o Cruel,* Rei de Castella; episodio puramente historico e que occupa perto de um terço do livro.

«Por mais interessante que seja este trecho da historia de Hespanha, e por mais grave que pareça a narração, certos criticos pretendem que se liga tão pouco com a acção principal do romance, que seriamos tentados a acreditar que o unico motivo que o fez inserir n'este sitio, foi engrossar o volume, para o tirar da ignobil condição de *simples brochura,* e eleval-o ao honroso logar de *livro rasoavel.* Seja como for, podemos dizer que é uma das passagens do livro que se lêem com mais prazer.

«Tinhamo-nos quasi esquecido de fallar no prefacio. Merece, com effeito, que digamos alguma cousa d'elle, pois occupa 21 pag., isto é, cerca de uma oitava parte da obra.

«O auctor, n'este prefacio, avança algumas proposições muito capazes de despertarem a attenção do leitor. Diz, por exemplo: «que esse rico ornamento do poema epico, ao qual damos o nome de maravilhoso, deveria antes chamar-se o estravagante e o incrivel». Acrescenta ainda que um grande numero de pessoas só aprenderam a historia grega e romana no theatro, o que faz lembrar aquelle que disse ter aprendido a historia grega e romana no theatro.»

HISTOIRE *de Don Juan d'Ornarès. Roman portugais.* Paris, 1831, 2 vol.

HISTOIRE *de Ferdinand Alvarez de Tolède, premier du nom, Duc d'Albe.* Deux tomes in-12. Paris, chez Jean Guignard, rue Saint Jacques. 1698.

«... Filippe II, resolvido a sustentar por meio das armas suas pretensões á corôa de Portugal, escreveu ao duque d'Alba por sua propria mão, para o informar de que lhe dava o commando geral do exercito destinado para esta empreza. O duque acceitou, apesar de sua idade e doenças; conquistou o reino em menos de cincoenta dias; e como recompensa foi accusado de ter dissipado o dinheiro que lhe fôra dado para as despezas da guerra. Recusou responder ao juiz encarregado do processo, e escreveu a Filippe II dizendo-lhe que estava innocente dos crimes que lhe tinham sido imputados, e que o mau estado dos seus negocios provava bastante que nunca fôra dominado pela avareza. Havendo augmentado suas enfermidades, morreu em Tomace, nos braços de Filippe II, a 12 de janeiro de 1582[1].»

HISTOIRE *de la conjuration de Portugal en 1640.* Amsterdam, 1689.
Id., Paris, 1689.

HISTOIRE *de la conquête des Isles Moluques, par les Fspagnols, par les Portugais, & par les Hollandois; traduite de l'Espagnol d'Argensola & enrichie de figures & des Cartes Géographiques pour l'intelligence de cet ouvrage* A Amsterdam, chez Jacques Desbordes, libraire, vis-à-vis la grande Porte de la Bourse. 3 vol.: 1.º, 405 pag.; 2.º, 402; 3.º, 388. 1706, in-12.

Apparece noticia circumstanciada d'esta obra a pag. 541 e segg. do *Journal des Sçavans,* de 1707.

HISTOIRE *de la conspiration des Jésuites contre la vie de Joseph I de Portugal.*

Sem declarar o anno da impressão nem o local. Mas é de 1760.

HISTOIRE *de l'inquisition et son origine.* A Cologne, 1693, in-12.

*
* *

«Na Hespanha e Portugal ha um conselho supremo da inquisição, que tem a mesma auctoridade que a congregação do santo officio em Roma[2]. O inquisidor-mór, nomeado pelo Rei, nomeia os officiaes inferiores. O conselho compõe-se de cinco conselheiros, um dos quaes deve ser dominicano, de um procurador fiscal, de tres secretarios, de um sargento maior, de um recebedor, de dois relatores, e de dois qualificadores. O numero dos familiares é mui grande, por causa de seus privilegios. Os senhores mais distinctos consideram uma honra o serem familiares d'este tribunal.

«Os processos se podem reduzir a tres classes, emquanto ás pessoas submettidas á inquisição, ás formalidades e á execução dos processos.

«Emquanto ás pessoas, são ellas de seis sortes: os herejes, os suspeitos de heresia, os protectores, os feiticeiros, os blasphemos, os que dirigem injurias aos

---

[1] *Journal des Sçavans,* 6 de abril de 1699.
[2] *Journal des Sçavans,* 1694, pag. 189.

officiaes da inquisição, e os que resistem ás suas ordens. Addicionaram-lhes depois os judeus, mahometanos e infieis.

«Comprehendem-se debaixo do nome de herejes, aquelles que fallam em opposição aos sentimentos recebidos em Roma, relativos á auctoridade illimitada do Papa. A suspeita de heresia tem ainda maior extensão. Quando pessoas de tal genero são descobertas, ou pelo rumor publico ou pelos espiões, são ellas citadas tres vezes, depois do que, se não comparecem, são excommungadas e condemnadas em grandes multas. Algumas vezes a prisão da pessoa é ordenada sem citação precedente.

«Aquelles a quem uma tal desgraça acontece, são no mesmo instante abandonados de seus parentes e amigos, que se não atrevem a visital-os. A propria innocencia é para elles um fraco soccorro. Acontece serem conservados por alguns mezes nos carceres, sem se fallar de os interrogarem. Logo que o accusado é levado á presença do juiz, perguntam-lhe o que tem a dizer, e o menos perigoso para elle é o confessar os crimes que não commetteu, porque, pela primeira vez, não o mandam matar.

«Se as provas não são bem fortes, é mandado embora, mas os espiões o seguem, e se for outra vez preso, os juizes o exhortam a confessar seu crime. Se o negar, enviam-no para a prisão.

«Passado muito tempo fazem com que elle jure sobre o crucifixo e sobre o evangelho. Se recusar, condemnam-o como não professando a religião christã. Se obedecer, interrogam-o ácerca de todas as circumstancias da sua vida, sem nada lhe declararem ácerca do crime pelo qual é accusado. Se persistir em negar, dão-lhe a accusação por escripto, e n'ella acrescentam alguns crimes falsos. Se confessa alguns, julgam que é culpado d'aquelles dos quaes se não confessa. Com a accusação dão-lhe um advogado, que, bem longe de o ajudar com seus conselhos, não se atreve a fallar-lhe senão na presença dos officiaes.

«Depois de diversos interrogatorios, apresentam os inquisidores os depoimentos despojados das circumstancias que lhe podessem fazer conhecer as testemunhas. Se não póde responder de prompto concedem-lhe tres ou quatro dias para pensar. A execução é frequentemente adiada por alguns annos, para que o supplicio fique sendo mais exemplar. Os inquisidores estão persuadidos de que as execuções solemnes são ceremonias religiosas que robustecem a fé dos espectadores. Na Hespanha celebram-se ordinariamente por occasião da coroação dos Reis, da sua maioridade e do seu casamento. Os inquisidores sustentam que vale mais mandar matar cem catholicos irreprehensiveis na sua fé, do que deixar escapar um hereje. O catholico injustamente condemnado ha de ganhar o Paraizo, ao passo que o hereje absolvido o faria perder a uma infinidade de almas.

«No emtanto, nos paizes em que ha inquisição, são aquelles em que se vive na maxima relaxação, onde ha menos sincera piedade, e em que o povo está peior instruido ácerca de sua religião.

«Comtudo, este terrivel tribunal a ninguem poupa. Muitas vezes em Roma condemnou cardeaes, embora o seu caracter fosse considerado como inviolavel. A inquisição de Aragão processou o Rei D. João II. A de Castella tambem processou a memoria do Imperador Carlos V, e condemnou seu testamento ao fogo. Quasi nenhuns legados piedosos continha, e debaixo d'este pretexto o arcebispo de Toledo, Caculla, prégador do fallecido Imperador, e Constantino Ponce, bispo de Dresse, seu director, suspeitos de o terem aconselhado, incorreram na mesma pena.

«Filippe II despertou ao barulho que fazia este processo, e impediu a execução d'elle pelos meios mais suaves, e mais secretos, de que se poude lembrar. Caculla foi queimado vivo com a effigie de Constantino Ponce, fallecido alguns dias antes na prisão. O arcebispo de Toledo appellou para Roma, e saiu da difficuldade por meio do dinheiro.

«.....

HISTOIRE (L') *de Portugal, comprise en 2 volumes, contenant infinies choses mémorables, avenues depuis l'an du Seigneur* MXC *jusqu'à l'an* MDXC, *sous le règne de vingt Rois. Descrite en vingt livres recueillis de divers auteurs.* Cologne, Samuel Crespin, 1610. 1 gros. vol.

HISTOIRE *de Portugal.* Paris, 1827, in-16.

HISTOIRE *des drogues, epiceries, et de certains médicaments simples, qui naissent ès Indes et en l'Amérique, divisée en deux parties: La première comprise en quatre livres, les deux premiers de Mr. Garcie du Jardin, le troisième de Mr. Christophe de la Coste, et le quatrième, de l'histoire du Baulme, adjoutée de nouveau en cette seconde édition, où il est prouvé que nous avons le vray Baulme d'Arabi. Le seconde, composée de deux livres de maistre Nicolas Monard.* Lyon, 1619.

HISTOIRE *des guerres d'Espagne et de Portugal sous Napoléon (années 1808 et suivantes).* Paris, 1831, 2 vol.

HISTOIRE *du complot contre D. Miguel de Portugal, par un loyal portugais.* Paris, 1826.

HISTOIRE *du christianisme d'Ethiopie et d'Armenie, par Monsieur Maturin Veyssière La Croze.* A la Haye, 1739.

De pag. 93 até 265 apparece a versão em francez da obra portugueza:

Relation du Patriarche Jean Bermudez, traduite de l'anglais de Samuel Purchas.

O traductor diz que fez a versão n'uma traducção ingleza, por lhe não ter sido possivel obter o original portuguez, e que esta expedição de D. Christovão da Gama é tanto mais authentica na sua simplicidade, quanto o auctor residiu mais de trinta annos na Ethiopia, e viu terras nas quaes os jesuitas portuguezes nunca tinham podido entrar.

Segue-se depois: *Livre troisième, contenant les progrès et la décadence de la mission portugaise,* de pag. 269 a 326. Esta obra diz mal da inquisição.

HISTOIRE *du détrônement d'Alphonse VI, Roi de Portugal, contenue dans les lettres de Mr. Robert Southwell, alors ambassadeur à la cour de Lisbonne. Et precedée d'un abregé de l'histoire de ce royaume. Traduite de l'anglais.* Paris, 1742, 4.º, 2 vol., XXIV, 245–313 pag.

HISTOIRE *secrète d'Henry IV, Roy de Castille.* A Ville Franche, chez Pierre & Henry, 1696, in-12, 236 pag.

«Personne ne lira cette histoire, que ne soit touché du malheur d'une Princesse, exposée à des si violentes propositions; mais telle fut la Reine Jeanne de Portugal, dont nous parlons; ayant de la vertu, elle vécut sans qu'on la crût vertueuse & chacun sous le règne d'Isabelle, prenant plaisir à la déchirer, en inventa & en répandit mille honteuses calomnies.»

HISTOIRE *universelle depuis le commencement du Monde jusqu'à présent. Composée en anglais par une société de gens de lettres. Nouvellement traduite en français par une société de gens de lettres. Enrichie de figures et de cartes. Histoire moderne. Tome trente troisième. Contenant l'histoire du Royaume de Portugal.* A Paris, 1785.

HISTOIRE *véritable de ce qui s'est passé de nouveau entre les Français et les Portugais en l'île de Maragnon, au pays des Toupinambous.*

Foi publicada esta historia na obra: *Archives curieuses de l'histoire de France,* 2.ª serie, tomo I, pag. 289–297.

Estes *Archivos* são redigidos por Cimber e Danjou.

HISTOIRE *véritable de la persécution excitée contre les Chretiens au royaume de la Chine, en 1619, extraite des lettres du P. Alvarez Semmedo.* Bordeaux, S. Millanges, 1620, in-8.º

HISTOIRE *véritable des dernières et pieteuses adventures de D. Sébastien, Roy de Portugal, depuis sa prision de Naples jusqu'aujourd'hui, qu'il est en Espagne, à San Lucar de Barrameda,* MCDII (sic).

Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

HISTORIA *de Gabriel de Espinosa, pastelero en Madrigal, que fingió ser el Rey Don Sebastian de Portugal y asi mismo la de Fr. Miguel de los Santos, en el anno 1595.* Madrid, 1785, 1 vol. in-8.º

HISTORIA *de Gaia.*

É composição de João Vaz, da cidade de Evora, em verso de oitava rhythma, e impresso em Lisboa em um folheto in-fol. de 12 pag., pelos annos de 1630, na officina de Antonio Alvares.

HISTORIA *de la vida y muerte del glorioso San Juan de Dios.* Madrid, 1674, 4.º

HISTORIA *de las ultimas guerras de Barbaria y del suceso de Don Sebastian, Rey de Portugal, que murió en la batalla el cuarto dia del mes de agosto, año 1578, traducido de español en français.* Paris, 1579, in-8.º

Citada a pag. XXVII da *Historia del Reyno de Portugal,* Amberes, 1730.

HISTORIA *del descubrimento y conquista de la India Oriental. Traducida del francés por M. A. Ramirez.* Cordoba, 1773.

HISTORIA *del Reyno del Japon, descripcion de aquella Tierra, y sus cos-*

tumbres. Relacion de la venida de los Embajadores del Japon á Roma, a dar la obediencia al Papa. Avisos de la China y Japon por cartas de la Compañia el año 1587. Saragoça, em casa de Pedro Puig, 1591, 8.º

HISTORIA *del Regno di Portogallo.* Lione, 1646, 4.º

HISTORIA *delle guerre di Portogallo, succedute per la occazione della separazione di quel Regno della Corona Catholica, por Alessandro Brandano.* Venezia, 1689.

HISTORIA *de Oliveros de Castilla y Artus de Algarve.*

Parece ser uma historia de cordel, e vem mencionada a pag. 1:758 do catologo dos livros para se venderem, intitulado: *Bibliotheca Hispana; Litterature, Languages, and History of Spain and Portugal.* London, August, 1879.

A pag. 1:759 d'este mesmo catalogo, cita-se da referida historia uma edição impressa em Barcelona, no anno de 1726, e traz uma nota, cuja traducção é a seguinte:

«Oliveros de Castilla foi o editor. A historia é antiga, e embora a mais antiga edição impressa seja franceza, de 1489, traduzida por Filippe Camus do latim, é mui provavelmente de origem hespanhola. A edição hespanhola mais antiga que se conhece, é de Burgos, do anno de 1499. Existe tambem em italiano, em allemão, em dinamarquez, e na lingua ingleza imprimiu Wynkin de Werde uma edição em 1518. O interesse do livro é quasi inteiramente inglez, e a scena principal da aventura passa-se na Inglaterra e na Irlanda.

HISTORIA *de Portugal.*

Para que o leitor veja quão grande é o numero dos escriptores que escreveram ácerca dos feitos dos nossos, veja agora tão sómente aquelles que são citados na *Historia de Portugal,* por Moraes, 4 vol. in-8.º

Todos estes são estrangeiros: Ferreras; Sandoval, *Chronica de D. Affonso VI;* Hernando de Pulgar, *Historia de Plasencia;* Mayerne; Turquet; Baluz; Garibay; Frater Boquetus; Robert du Mont; Roger; John Brompton; Nicolas Tidet; Holonod; John Hoveden; Matheus Paris; Raynal, *Chronica de S. Fernand;* Zurita; Walsingham; Marmol; Chifflet; Merchant; Lamire; Spondant; Favin, *Théâtre d'honneur;* Perez de Guzman: *Antist's Register of the Garter, Chronica de D. Alvaro de Luna;* Valera, *Chronica d'España;* Alonso de Palencia, *Chronica de El-Rei D. Henrique IV;* Feijóo, *Apologia do Infante D. Fernando;* Pulgar, *Chronica de los Reyes D. Fernando e D. Izabel. ...*

HISTORIA *de Portugal.* 8.º mayor, tela. Libreria de A. de San Martin Puerta del Sol, n.º 6.

HISTORIA *vera ac sincera actorum Patriarchae Antiocheni, Tartaro sinici Imperatoris, Generalis Praefecti Macaensis, et plurium Episcoporum, vicariorum Apostolicorum, Presbyterorum Saecularium, Regularium praesertim Societatis Jesu, Sinarum Imperio atque civitate Macaensi circa Sinenses ritus et Lusitanorum patronatus.* Sem typographia nem anno.

Existe na bibliotheca publica de Lisboa.

HISTORIA *von Calecut und andare Kœnigreichen, Landen und Inseln in India und dem Indianischen Meer.* Ursell, 1565, in-8.º

Esta obra, que parece baseada na *Historia da India,* do nosso Castanheda, apparece mencionada a pag. 107 da obra do Visconde de Grouchy, intitulada: *Étude sur Nicolas de Grouchy.*

HISTORIALE *description de l'Ethiopie, contenant vraye relation des terres et païs du grand Roy & Empereur Prete-Jan, l'assiette de ses Royaumes et Provinces, leurs coûtumes, loix, et religion, avec les portraits de leurs temples et autres singularités cy devant non cogneus. Avec la table des choses mémorables contenues en icelle.* En Anvers, de l'imprimerie de Christofle Plantin, a la licorne d'or, 1558. Avec privilège royal.

Bibliotheca de Ajuda.

HISTORIE *sketches. Spain and Portugal.* London, 1835, 2 vol.

HISTORIEN *der Konigkreich Hispanien, Portugal und Aphrica darauk dann zusehen inwelcher zeit sonderlich Portugal seinen Infang genommen von weme dasselbig zum Konigreich erhaben was dieselbigen Konige fur Krieg unnd Sewerb zu Wasser unnd Land gefuhret. Auch von dem ubel angeordneten Kriegszug Konig Sebastians in Aphrica in welchen er selbst erbarmlich sampt noch zwehen Moren Konigen anch ben 18000 Mannen erschlagen unnd zugrundt gangen dardurch er dann sein Konigreich an Erben Keichthumb und bestem Adel entblokt hat. Dannenher allerlen Bnrhu in dem Konigreich Portugal erwachsen. Wie Don Anthonio der auch vermente Konig in Portugal zuwerden auk der Gefangknug in Aphrica unnd zu Lisbona sich fur ein Konig aukruffen lassen. Was er auch fur Gefahr daruber aukgestanden und wie er wunderbarlich auk der Spanier Landen entrunnen. Auch wie das Konigreich Portugal widerumb zur Tron Spanien gebrach worden. Darauk weil in diesen Handel fast die furnembsten Potentaten der gantzen Christenheit begriffen allerhand List unnd Oortheyl zuspuren der Welt. Art Briegs Practic und fursichtigkeit zulernen. Sekgleichen auch was ein wol mit zeittigem Kaht und guter fursichtigkeit oder aber obel angeordnete Kriegsrustung furl obn uit sich bringe zusehen ist. Auk dem Italianischen durch Albrecht Fursten in das Bochteutsch gebracht.* MDLXXXIX. *Mit Kom: Key: May: freyheit nit nachzudruckten.* Fol. 126 fl.

Traz os retratos de Rodolpho II, Imperador dos romanos; Filippe II, Rei de Hespanha; Fernando, archiduque de Austria; Carlos, archiduque de Austria.

Uma estampa representa a applicação da pena ultima a varios condemnados.

HISTORISCHE *Relation von sechs adelichen Christen und Weibs Personen, so in Japon im Königreich Fingo, von dess heiligen Catholischen Glaubens wegen, den 8 unnd 9 Decembris, Anno 1603 theils enthaupt und theils gecreutsiget worden. Gerogen auss etlichen Spannischen Schreiben dess Don Luis de Sequeira, Bischoffen zu Nansaqui in Japon: welche P. Joan: Marquera, der Societet Jesu zu Toledo.* Anno 1606 in offener Truck gegeben. Gedruckt zu Munster in Westphalen Lambert Rassfeldt, im Jahr 1607, in 8.º

HISTORISCHER *Bericht was sich in den Jaren 1577 bis 1581, in Bekehrung der gewaltigen Landschaft und Insul Jappon in politischen und religiösen Sachen zugetragen.* Dilligen, 1586, in-8.º

Trata dos feitos dos portuguezes no Japão.

HISTORY (A) *of Madeira with a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the costumes, manners and occupations of the inhabitants of that Island.* London, 1821, 4.º, 1 vol., 118 pag.

HISTORY *of Portugal from its erection a separáte state to the final concession of the Constitution.* London, 1836.

HISTORY *of the campaigns of the british forces in Spain and Portugal.* 4 vol. London, 1812 a 1813.

HISTORY *of the Revolutions of Portugal, from the foundation of that Kingdom to the year 1667 with Letters of R. Southwell to the duke of Ormond.* London, 1790.

HISTORY *of the siege of Oporto, and operations in Algarve.* London, sem data.

HISTORY *of the Uniting of the Kingdom of Portugall to the Crowne of Castille: containing the last warres of Portugall against the Moores of Africke, the end of the house of Portugall and change of that government. The description of Portugall their principall townes, castles, places, bridges, forces, revenues, and expenses, &c. Of the East Indies, the Isles of Terceres and other dependences, with many battailles by sea and lande.* 4. London. Imprinted by A. Hatfield for Edw. Blount, 1600.

HISTORY (THE) *of Brazil from the period of the arrived of the Braganza family in 1808 to the abdication of D. Pedro the first 1831.* John Armitage, Londres, 1836.

HISTORY (THE) *of Spain and Portugal. From B. C. 1000 to A. D. 1814. Published under the Superintendence of the Society for the diffusion of useful knowledge.* London. Baldwin and Cradock. 1833, 4.º, XVI-364 pag.

*
* *

«Poucas historias apresentam lições de maior valia do que as de Hespanha e Portugal. Ellas sustentam com provas que a independencia e a liberdade não são menos importantes para a riqueza e poder politico do paiz, do que para a sua felicidade; que nem as vantagens naturaes, nem o caracter dos habitantes, nem o augmento de territorio, nem paz externa e domestica tranquillidade podem de modo algum contrabalançar os destruidores effeitos de um jugo estrangeiro, ou um governo despotico.

«Mas não é isto ainda tudo: elles igualmente nos ensinam, o que não é tão immediatamente obvio, que uma perfeita constituição não é sempre indispensavel para a liberdade pratica, ou a paralysante influencia da intolerante superstição sempre o necessario concomittante do intolerante.»

HOCHSTETTERI. (Patris et filii.)

Flora Azorica quam ex collectionibus schedisque elaboravit et tabulis XV propria manu aeri incisis illustravit. 4.º, 1 tomo, 50 pag. e XV est. Bosnae, 1844.

HOEBLING (FRANCISCO ——).—Jesuita, natural de Lintz, onde nasceu em 1665.

E. *Liber de Cultu S. Francisci Xaverii, cujus ope ex morbo lethali convaluit Graecii*[1].

HOLLANDEZES E PORTUGUEZES.

«Aquillo a que os portuguezes dão o nome de Tornados é uma outra especie de turbilhões, que se encontram nas immediações da linha, a pequena distancia das costas. São, para melhor dizer, antes ventos da terra que do mar. Sáem impetuosamente de uma pequena nuvem, com chuvas abundantes, que duram algumas vezes dois ou tres dias, e que são acompanhadas de relampagos e de trovoadas. A nuvem detem-se ordinariamente sobre a costa ou dissipa-se dentro em pouco, quando avança para o mar. Eis porque os Tornados apenas são temiveis nas vizinhanças das terras.

«Quando os marinheiros as avistam ao longe, dizem na sua linguagem, que as terras as hão de comer. Têem, porém, mais susto, quando a tempestade os surprehende de noite. Alem de a chuva os penetrar n'um momento, são obrigados a luctar contra a tempestade durante algumas horas.

«A arvore, porém, a que os portuguezes deram o nome de «figueira da India», nada tem de commum com a figueira da Europa, e parece-se antes com as nossas nogueiras. *(Histoire des Indiens,* pag. 42.)

«Encontram-se nas margens, ambar cinzento, coral, e uma especie de noz, grande como a cabeça de um homem, á qual os indianos dão o nome de «Tavarcarré», e os portuguezes «côco das Maldivas». Gabam suas virtudes para a medicina, e vende-se muito caro no paiz. Encontram nas aguas uma raiz, que é uma especie de coral, porém mais grossa, á qual os maldivos dão o nome de Aquiri.

«A historia moderna das Maldivas quasi que não é mais conhecida, do que sua origem, e os leitores não têem mais a esperar emquanto a pormenores, e esses mesmos muito superficiaes; pódem vel-os na obra *Viagens de Pyrard.* Os portuguezes, tambem, sob pretexto de defenderem um Rei christão, levaram a guerra áquellas, e se apossaram da cidade de Male, onde o novo Rei foi morto com as armas na mão, e alli ergueram uma fortaleza e subjugaram dentro em pouco todo o resto do paiz, á excepção de Suadu, que fica na parte do sul. Dois Principes mouros se fortificaram n'este ultimo local, onde foi aos portuguezes impossivel penetrar.

«Durante o espaço de dez annos conservaram-se as cousas n'esta situação. Tudo se fazia em Male em nome do Rei christão; porém os portuguezes retinham-o em Cochim, e sua ausencia fazia com que o povo murmurasse, o qual via com pesar que todas as forças e todos os rendimentos do estado caíam nas mãos d'esses novos senhores.

«Os dois Principes que se tinham revoltado em Atollon de Suadu, resolve-

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. v, pag. 316.

ram libertar os maldivos d'esta indigna escravidão. Ajudados por alguns corsarios malabares, saltaram inesperadamente sobre a fortaleza de Male, ganharam-a e empolgaram-a por assalto. Os portuguezes, irritados por esta affronta, armaram-se poderosamente contra os Principes rebeldes, os quaes, pelo seu lado, se defenderam com muita coragem[1].

«Depois de uma guerra obstinada, chegaram a um accordo, cujas principaes condições foram: que a posse das Maldivas havia de ficar aos dois Principes; que, alem d'isso, não tomariam o titulo de Rasquans; que os maldivos que desejassem commerciar no exterior seriam obrigados a fornecerem-se de um passaporte dos portuguezes; que teriam de pagar ao Rei christão uma pensão annual, não a titulo de tributo, mas sim como um donativo gratuito de seus vassallos. O Rasquam desapossado cedeu depois o terço d'esta pensão para o Rei de Portugal.

«Alguns annos apoz esta revolução, um joven portuguez educado na côrte dos dois Principes mouriscos, accumulado de seus beneficios, concebeu o projecto de empolgar o throno das Maldivas, e manteve correspondencia secreta com o conselho de Goa. Suas conspirações foram descobertas e uma cruel morte foi a paga de sua ingratidão e de sua perfidia.

«O reino das Maldivas experimentou em 1607 uma cruel desgraça, que se deve metter no catalogo de suas principaes revoluções. Alguns corsarios bengalezes, tendo apparecido na altura de Male, com uma frota de dezeseis embarcações, foram introduzidos no porto d'esta capital por um piloto maldivo. O Rasquam assustou-se, e embarcou com suas mulheres em algumas galés, com o fim de se retirarem para as ilhas do sul, que a difficuldade das passagens torna quasi inaccessiveis. Emquanto elle se fazia ao mar, levando comsigo aquillo que de mais precioso podia salvar, os piratas saltaram na margem, não encontrando resistencia alguma.

«Seu chefe, tendo sabido da fuga do Rei, destacou de prompto oito galeras para o seguirem. Commetteram estes salteadores uma infinidade de violencias em Atollon de Male, nas ilhas vizinhas, as quaes saquearam durante dez dias, de onde trouxeram inestimaveis riquezas.

«As galeras que tinham seguido o Rei foram-se juntar com elle no fim de algumas horas, tomaram cinco de suas galeotas, e regressaram no dia immediato, carregadas de todos os thesouros que elle tinha embarcado.

«O Rasquam foi morto n'este repentino ataque, suas mulheres caíram em poder dos vencedores, roubaram as joias, mas respeitaram suas pessoas. Os piratas, ao retirarem-se, deram liberdade áquellas Princezas, e soltaram todos os outros captivos. Deixaram, porém, uma dolorosa desolação, que ainda recrudesceu com as divisões sobrevindas entre os Principes do paiz, que entre si disputavam a successão do fallecido Rei. Depois de algumas guerras cruentas, o irmão da principal Rainha foi collocado no throno com a protecção do Rei de Cananor.

*
* *

«Os differentes districtos ácerca dos quaes fallámos, estão separados uns dos outros por espessas florestas, as quaes ninguem póde derribar, por servirem ellas

---

[1] *Histoire moderne pour servir de suite à l'Histoire ancienne de Mr. Rollin,* vol. v, pag. 104.

para a defensão do reino. O paiz é tambem cortado por um grande numero de ribeiros, que descem das montanhas. Na maior parte são muito grandes, e muito piscosos, mas pouco navegaveis, por causa dos rochedos, dos quaes estão eivados. Porém o mais consideravel é o de Mavelalonga, que tem sua nascente na serra, a que os portuguezes pozeram o nome de Pico de Adam.

«Atravessa elle quasi toda a ilha, do sul ao nordeste, e vae lançar-se na bahia de Trinquemale em 8° 35′ de latitude norte, depois de ter banhado Cote-Mul, Hevoihattai, Horsepot, Mantali, Bintan, e outras provincias ou districtos consideraveis. O temor do poder dos hollandezes tem tornado quasi desertas as provincias situadas nas costas. A maioria dos habitantes retiraram para o interior da ilha, que é muito povoada.

«A mais alta montanha da ilha fica do lado do sul. Os portuguezes lhe pozeram o nome de Pico de Adam, e os indios o de Hamalel.

«Enxerga-se no pincaro uma pedra chata, que apresenta a impressão de um pé de gente, uma vez maior que fosse natural. É um objecto de culto n'este povo, como o rochedo de Prabat nos siamezes. Todos os annos sobre esta montanha, e mui principalmente no mez de março, fazem procissões innumeraveis de homens, mulheres e creanças.

«A capital do reino está situada no centro da ilha, no districto de Tattanour, que os europeus nomeiam Candi, e os indianos Hingadagul-neur, que significa Cidade do Povo, ou Moncaire, isto é, Cidade Real.

«Era outr'ora uma cidade consideravel, onde os soberanos do paiz fixavam sua residencia. Porém os portuguezes, tendo-a arruinado no tempo das suas primeiras conquistas, esses Principes têem transportado para outros logares a séde do seu Imperio. Têem elles, todavia, um bello palacio em Candi, que de vez em quando visitam.

«A configuração d'esta cidade é triangular. Está fortificada do lado do sul por uma trincheira da altura de vinte pés, que fecha um valle situado entre duas montanhas. As outras avenidas, a duas ou tres milhas de distancia, são defendidas por fortes sebes, guardadas por soldados.

«As outras cidades consideraveis, são: Nellembi, na provincia de Oudipoltant, a doze milhas de Candi, para o sul; Allout-neur, que fica ao nordeste d'esta capital, no districto de Bintan. O governo alli conserva em deposito grandes armazens de trigo e de sal; Badoula, a éste de Candi, e a dois dias d'esta cidade, na provincia de Ouvah-Digligi-neur, entre Candi e Badoula, na provincia de Hevoihattai. É n'este logar que os Reis residem, vae quasi para um seculo.

«Seu palacio nenhum outro resguardo tem mais do que uma trincheira de terra. Consiste em um grande numero de edificações irregulares, sendo na maioria muito baixas e cobertas de palha. Ha, porém, algumas cobertas de telhas, tendo dois andares, com galerias abertas de todos os lados, para respirarem a frescura. São ellas tambem rodeadas de balaustres de ebano e de pau envernizado. As janellas são guarnecidas de placas de ebano, e vê-se no cume de cada edificio alguns vasos com terra, ou com alguns ornatos. As portas são de um bello trabalho.

«O numero de villas e aldeias é mui consideravel em todo o reino; porém as maiores não contêem mais do que cem casas, e a maioria tem muito menos. Aquellas que têem algum templo e alguma divindade celebres, são as mais frequentadas. Achamos ahi, com effeito, uma agglomeracão informe de cabanas,

irregularmente dispersas, e cercadas ordinariamente de uma sébe e de um fosso. Os chingalezes não fazem construcções perto da estrada real, com receio de serem expostos aos olhares curiosos dos passeantes.

«Knox nos informa que, apenas as doenças se tornam frequentes n'um cantão, e que dentro de pouco tempo morram varias pessoas, os habitantes tomam immediatamente a fuga, e vão estabelecer-se em outros logares, persuadidos de que o diabo tomou posse d'este logar funesto

«Os hollandezes possuiam tão bellos estabelecimentos nas ilhas da India, e a historia do seu commercio anda de tal modo entrelaçada com a dos povos que habitam estas ilhas, que não posso prescindir de entrar em varios pormenores. Os hollandezes devem a origem de seus estabelecimeutos na India, á desgraça de um de seus companheiros, por nome Corneille Houtman, e a quem alguns negocios particulares tinham conduzido a Lisboa.

«Tendo-se este homem tornado suspeito ao governo, por causa de informações indiscretas ácerca dos negocios da India, e relativas aos caminhos que tomavam os navegadores portuguezes, os ministros o mandaram prender, e o condemnaram a ter de pagar uma grossa multa.

«Houtman, de modo algum podia pagar, e via-se ameaçado, por falta de pagamento, a passar o resto da sua vida nas prisões de Lisboa.

«N'esta extremidade, veiu-lhe á lembrança o recorrer a alguns commerciantes de Amsterdam, e escreveu-lhes uma carta, na qual lhes promettia, por preço da sua liberdade, o dar-lhes parte de todos os conhecimentos que elle tinha adquirido ácerca do commercio com as Indias.

«Acceitaram seus offerecimentos: o resgate foi pago, e posto em liberdade. No regresso á sua patria communicou a seus libertadores segredos importantes, e estas declarações pareceram tão interessantes, que de prompto se formou uma associação de negociantes sob o nome de «Companhia dos paizes longiquos», cuja administração foi confiada a dez directores.

«Levantaram de verga d'alto quatro navios, que tomaram o caminho da India pelo cabo da Boa Esperança, sob a direcção de Houtman.

«Os hollandezes, na primeira viagem, depois de terem reconhecido Santa Maria, Madagascar e outras ilhas da costa de Africa, romperam até ás Maldivas, chegaram até ao Cabo Comorim, e entraram no estreito de Sunda no dia 11 de junho de 1596.

«Abordaram alguns dias depois até Bentão, uma das principaes da ilha de Java, onde elles obtiveram primeiramente a liberdade de estabelecerem uma feitoria.

«Porém, tendo mudado as disposições dos insulares, Houtman foi preso no palacio do governador, e depois de um captiveiro de alguns mezes, e diversos combates crueis entre os hollandezes da frota e os javanezes, viu-se obrigado a desamparar a ilha de Bantam, e entrou no porto de Amsterdam em 14 de agosto de 1597, tendo perdido n'esta expedição um de seus navios, e perto de dois terços das equipagens de toda a frota.

«Esta viagem, ainda que muito infructifera, não arrefeceu o ardor dos negociantes de Amsterdam. Novos associados se ajuntaram aos antigos, e a companhia enviou ás Indias uma frota de oito embarcações, commandada por M. Van Nek, com 560 homens de equipagem, tanto soldados como marinheiros.

«Van Nek chegou no mez de novembro á bahia de Bantam, concluiu um

tratado de commercio com os javanezes d'aquelle bairro, trazendo quatro embarcações com pimenta, cravo da India, noz moscada e canella, e voltou felizmente ao Texel com este rico carregamento, no mez de julho de 1599, depois de ter percorrido 8:000 leguas em menos de 15 mezes.

«Jacques Warwick, que desempenhou as funcções de almirante depois da partida de Van Nek, conservou-se na India com os outros quatro navios do armamento. Seus companheiros foram muito mal tratados em Maduré, ilha visinha a Java, e alli houve varios homicidios commettidos pelos insulares. Outros, em numero approximadamente de 50, foram detidos prisioneiros, e o almirante não obteve seu livramento, senão pagando um forte resgate.

«Deixou esta perigosa região para se dirigir á ilha de Amboino, perto das Molucas, onde foi bem acolhido. Permittiram-lhe carregar dois navios com cravo, e emquanto se occupava n'este carregamento, enviou os outros dois navios que lhe restavam nas ilhas de Banda, situadas ao sudoeste de Amboino, para alli se poder fornecer de noz e flor moscada.

«O official a quem elle encarregou d'esta commissão, foi fundear em Nera, capital d'essas ilhas, onde elle teve a gloria de fundar a primeira feitoria que os hollandezes possuiram na India. Alli deixou vinte homens com dinheiro e algumas mercadorias para compra ou troca das especiarias, e tendo elle acabado com mui pouca despeza seu carregamento, continuou o caminho da Hollanda pelo Cabo da Boa Esperança.

«O exito prospero da sua expedição causou tal alegria aos directores da companhia, que mandaram expor aos olhos do povo as mercadorias d'estas duas embarcações. Os relogios foram achados tão bellos, que os hollandezes se persuadiram que em tempo algum tinham elles sido feitos melhores em Lisboa. Warwick teve do seu lado a felicidade de abrir a seus compatriotas a entrada para as Molucas, para o estabelecimento de uma casa de commercio em Ternate. Deixou cinco homens para guardarem a feitoria e para tratarem dos negocios do commercio.

«A emulação dos hollandezes crescia á medida que o seu commercio medrava. Alguns negociantes da Zelandia armaram tambem para a India, e os habitantes de Rotterdam formaram ao mesmo tempo uma companhia, que poz no mar cinco embarcações.

«Por outra parte, os negociantes de Amsterdam, não esperando o regresso da segunda frota, tinham mandado partir desde o anno 1599, tres outras embarcações, sob o commando de M. Vander Hager. Este almirante se encaminhou para Bentam no começo do anno seguinte, e d'alli para Amboino, onde encontrou guerra accesa entre os indios e os portuguezes. Estes, tendo-o convidado para se ajuntar a elles, lhes enviou dez chalupas armadas, e elle proprio desceu para a ilha, e, á frente de seus bravos soldados, para atacar um forte que pertencia aos portuguezes.

«Cercou inutilmente o logar durante dois mezes: mas teve ensejo para se consolar d'esta desgraça, pelo tratado vantajoso que concluiu com os insulares. Suas condições resavam que trabalhariam incessantemente na construcção de um forte; que os indianos fariam todos os trabalhos; que os hollandezes metteriam uma guarnição na praça e se encarregariam de a defender; que todo o cravo que crescesse no paiz seria entregue aos navios da companhia por um preço fixo, e que um tal commercio seria prohibido a qualquer outra nação.

«Apenas este tratado foi assignado, logo os hollandezes mandaram começar os trabalhos, e os continuaram com tanto ardor, que o forte ficou terminado em menos de seis semanas.

«As tentativas que fizeram, pelo mesmo tempo, para se estabelecerem na ilha de Sumatra, não foram tão prosperas. Seus navios foram insultados em Achem, capital do paiz; alguns hollandezes foram feitos prisioneiros, e o famoso Cornelio Houtman alli perdeu a vida.

«Van Neck, n'uma segunda viagem que fez á India em 1600, foi atacado na altura de Ternate pelos portuguezes, e posto fóra de combate, no qual um tiro de artilheria lhe inutilisou uma das mãos. Foi, porém, mais feliz em Patane e em Johor, estados visinhos de Siam, onde estabeleceu feitorias.

«As diversas companhias de Amsterdam armaram em 1601 quinze embarcações que partiram a 22 de abril. Wolphart Harmansen, um dos almirantes, tendo-se desviado do grosso da frota, com os navios que elle commandava, chegou a 24 de dezembro á frente da cidade que fica na ponta occidental da ilha de Java. O acaso tinha conduzido no mesmo dia a Bantam, cidade vizinha de Palimbam, uma frota portugueza, composta de trinta embarcações, entre as quaes havia oito grandes galeões de seis a oitocentas toneladas. Acabava ella de bloquear o porto d'esta praça importante, para fechar a entrada aos navios hollandezes.

«Hermansen, que não tinha mais do que uma esquadra de cinco navios, dos quaes o mais forte não era senão de quinhentas toneladas, não hesitou em ir combater os portuguezes, desde que soube da chegada d'elles.

«A 27, ao pôr do sol, encontrou seus navios, contra os quaes fez um fogo terrivel, ficando muito maltratados. Porém, um dos canhões do seu almirante, tendo rebentado perto do leme, obrigou o general hollandez á retirada. Voltou á carga dois dias depois, e atacou com furia quatro galés que formavam a vanguarda inimiga. Tomou dois na abordagem, passou ao fio de espada, ou precipitou no mar a maioria dos portuguezes e dos indios que as tripulavam, tirou-lhes toda a artilheria, e os queimou á vista do almirante portuguez, que não ousou fazer o minimo movimento para lhes dar soccorro.

«No dia 31, tendo-se approximado de Bantan, caminhando em linha recta contra a frota inimiga, os portuguezes se afastaram, e o deixaram entrar no porto sem opposição. Os javanezes, que tinham sido espectadores de todas estas acções, o receberam como seu libertador, e concederam uma feitoria aos hollandezes na cidade d'elles.

«George Spilberg, que foi enviado á India no mesmo anno que Wolphart Hermansen, não se assignalou menos em valor contra os portuguezes. Sua esquadra consistia em tres navios, que foram aprestados pelos mercadores da Zelandia com uma commissão do Principe Mauricio. Sustentou no Cabo Verde, perto de Rufisco, n'um pequeno barco de transporte, o ataque com tres caravellas portuguezas, e chegou a abordar uma, que houvera tomado, se o fogo terrivel de duas outras não o tivesse afastado.

«Algum tempo depois tornou-se elle senhor de uma d'essas caravellas.

«Havendo chegado ao Cabo da Boa Esperança, reconheceu a famosa bahia que jaz ao norte d'esse cabo, e lhe poz o nome de Bahia da Tabua, por causa de um promontorio d'esta fórma que entra nove ou dez leguas pelo mar dentro.

«Visitou, outro sim, na mesma costa, duas ilhotas, a uma das quaes deu o nome de Izabel, e á outra o de Cornelia.

«Depois de uma viagem desgraçadissima nas ilhas de Comora, onde os indianos assassinaram vinte e oito pessoas da sua gente, continuando seu caminho pelo Cabo de Camorim, chegou no mez de maio de 1602 á ponta de Galles, sobre a costa meridional de Ceylão. O Rei de Candia estava então em guerra com os portuguezes; acceitou a alliança e os soccorros que Spilberg lhe offereceu, e prometteu por sua vez aos hollandezes uma casa de commercio na sua ilha, com a escolha do local onde elles se quizessem estabelecer e fortificar.

«Spilberg, occupado n'um outro projecto, que lhe não permittiu então aproveitar-se de taes offertas, chegou no dia 16 de setembro ao porto de Achem. Foi bastante feliz, pois ganhou as boas graças do Rei do paiz, o qual, prevenido pelas calumnias artificiosas dos portuguezes, tinha parecido muito indisposto contra os hollandezes. O Rei lhe deu uma casa em Achem, e permittiu aos subditos da Zelandia commerciar em todos os portos da sua obediencia.

«Todavia, as companhias do commercio multiplicavam-se diariamente nas Provincias Unidas, e começavam até mesmo a prejudicarem-se umas ás outras. Cada uma procedia com vistas particulares de interesse, sem nenhuma correspondencia para o bem geral. Suas embarcações, encontrando-se frequentemente nos mesmos portos, faziam, pela concorrencia, com que baixasse o preço das mercadorias, e arruinavam varios armadores.

«O acto de reunião foi assignado em 20 de março de 1602, e confirmado no mesmo dia pela assembléa do Estado. Estabeleceram seis camaras particulares, as de Amsterdam, Zelandia, Delft, Rotterdam, Hoorn e Enchuise. Resolveram que os negocios da companhia fossem regulados por pluralidade de votos n'uma assembléa geral composta de dezesete deputados das camaras; que uma tal assembléa se conservasse em Amsterdam e na Zelandia; que as camaras particulares seriam obrigadas a submetterem-se a seus regulamentos, e que os negocios sobre os quaes seus membros não podessem concordar, subissem á decisão dos estados geraes. O governo concedeu á companhia um privilegio de vinte e um annos para commerciar a éste do Cabo da Boa Esperança ou pelo estreito de Magalhães, e prohibiu a todos os subditos das Provincias Unidas o fazerem o mesmo commercio, sob pena de confisco nas embarcações e nas mercadorias. E os associados deram uma tal extensão a este privilegio, que dois navios hollandezes, postos de verga de alto em 1615, tendo feito commercio sem commissão nas Molucas, o governador da Batavia se apoderou d'elles em nome da companhia, embora houvessem entrado no mar do sul por outra passagem, differente da de Magalhães.

«Em summa, os Estados Geraes, para acabarem de animar a companhia oriental, lhe concederam o poder de contratarem nas Indias toda a sorte de contratos em nome de suas altas potencias, e de erigirem alli fortes e terem tropas, e de tambem alli estabelecerem conselhos soberanos.

«Os associados aprestaram em 1602 uma frota de quatorze embarcações grandes, sob o commando do almirante Warwick já conhecido por uma primeira viagem á India. No espaço de quatro annos prestou importantes serviços á sua companhia. Erigiu em Bantam uma nova casa de commercio n'um bello sitio, da qual o Rei lhe concedeu a propriedade, e deixou aos directores instrucções muito sensatas, que depois foram adoptadas em todas as colonias hollandezas.

«Estabeleceu a mesma ordem na feitoria de Johor, estabeleceu ligações estreitas com o soberano d'este paiz, e com o Rei de Siam. Estendeu suas correspondencias até á China, onde abriu a seus compatriotas as primeiras fontes de

commercio, ganhando por meio de presentes, e por meio de carinhos, varios mandarins das cidades maritimas.

«Pelos fins do anno de 1603 viram saír dos portos de Texel uma nova frota, composta de doze navíos, commandados por M. Vander Hagen, que, cinco annos antes tinha guiado uma outra esquadra para a India. Introduziu o terror na costa de Moçambique e na de Goa; atácou na bahia de Calecut nove fragatas portuguezas, e tomou uma tripulada por oitenta homens; concluiu um tratado de alliança com o Samorim, que permittiu aos hollandezes commerciarem em todos os portos da sua dependencia. Passou depois ás Molucas, onde fez uma guerra a todo o transe aos portuguezes, aos quaes expulsou de Amboino e de Tidor.

«O Rei de Hespanha, então senhor de Portugal, creu dever oppor um dique a taes excursões. Publicou em 1605 uma declaração, pela qual foi prohibido aos hollandezes, sob pena de confisco e de prisão, o commerciarem na Hespanha, e nas duas Indias. A companhia, pouco assustada com um tal edito, enviou n'esse mesmo anno duas frotas para a India, uma de onze navios, commandados por Cornelio Matelief, e a outra de oito, sob as ordens de Van Caerden.

«Matelief fez respeitar pela primeira vez nas ilhas de Cabo Verde e na de Anno Bom, o pavilhão da sua companhia, que os portuguezes d'aquelles logarejos tinham insultado até então.

«Appareceu no mez de abril de 1606 em frente de Malaca, e atacou inutilmente esta praça, que os portuguezes possuiam havia um seculo. Apesar do auxilio do Rei Johor, alliado fiel dos hollandezes, viu-se obrigado a retirar-se, depois de dois mezes de cerco e de bloqueio. Porém d'ahi a trinta e cinco annos caíu em poder dos hollandezes.

«Matelief vingou-se d'esta affronta na frota inimiga, que elle derrotou em varios encontros, e que arruinou quasi totalmente.

«Encaminhou-se para Amboino, no começo de 1607, e estabeleceu a disciplina perfeita na feitoria e no forte. Fez porém vãos esforços para soccorrer Ternate e Tidor, onde os portuguezes tinham entrado, e tinham na oppressão os da companhia, mas construiu na primeira d'essas ilhas um pequeno forte, onde deixou uma boa guarnição.

«Uma empreza não menos importante o attrahiu no decurso do mesmo anno para as fronteiras maritimas da China. Tratava-se de abrir aos navios da companhia os portos d'este vasto imperio, e erguer o edificio, cujos alicerces o general Warwick tinha lançado.

«Matelief entrou no mez de agosto no rio de Cantão, e lançou ferro na vizinhança de Macau, depois de se ter assegurado da protecção dos mandarins da costa. Foi, porém, atacado por uma frota portugueza, que o obrigou a afastar-se, e fez abortar a sua tentativa. Voltou para Hollanda no mez de setembro de 1608, depois de uma viagem de mais de tres annos, tendo a bordo de seu navio alguns embaixadores que o Rei de Siam enviava ás Provincias Unidas, e tres jovens indios de Amboino, que eram das primeiras familias do paiz.

«Os Estados Geraes ficaram tão satisfeitos com o seu procedimento, que lhe fizeram elogios os mais lisonjeiros.

«A expedição de Van Caerden deu menos na vista. Fez alguns estragos em Moçambique, no estabelecimento dos portuguezes; mas cercou inutilmente seu forte durante um mez, e na retirada um dos seus navios ficou tão maltratado, que se viram obrigados a queimal-o.

«Encontrou-se a mesma resistencia em Tidor e em Ternate, nas colonias portuguezas. Houve depois um grande temporal, no qual pereceram quatro embarcações.

«Depois o almirante Verhoeven foi mandado ás Indias, com uma das mais bellas frotas que a companhia hollandeza jámais tinha posto de verga d'alto. Compunha-se de treze embarcações, algumas das quaes de mil toneladas. Cercou, sem resultado, o forte de Moçambique, mas tomou na entrada da barra um galeão hespanhol. Cruzou depois pela costa de Goa, e d'alli se encaminhou para Calecut, onde renovou com o Samorim o tratado de alliança concluido pelo general Vander Hagen. Tendo chegado a Johor no começo do anno de 1609, alli introduziu novos feitores, e achou o Rei do paiz em disposições assás propicias aos hollandezes. Em vão solicitou a licença para erigir um forte por aquelles sitios. Mas tendo promettido ao Rei de Jacatra a protecção dos hollandezes, este Principe lhe concedeu uma casa de commercio nas immediações da sua capital. E eis o berço da famosa Batavia — um antigo forte quadrado, que tinha pertencido aos portuguezes, e agora era quasi um montão de ruinas, e que foi posto em estado de defeza no mez de maio. Porém, tendo-o os insulares attrahido alguns dias depois a uma emboscada, assassinaram-o, e tambem a uns trinta ou quarenta officiaes da frota, que o seguiam.

«Verhoeven, algum tempo antes da sua chegada a estas ilhas, tinha enviado dois navios ao Japão, para procurar obter por meio de algum tratado a permissão de commerciar n'este reino. Fundearam no mez de julho de 1609, e passaram depois a Firrando, onde a companhia obteve a liberdade de construir uma feitoria.

«Outros navios da mesma frota foram destacados pelos mesmos tempos para as Molucas, sob o commando do vice-almirante Witter, e foi então que a potencia dos hollandezes medrou consideravelmente n'estas ilhas. Em 1610 tinham sete fortes importantes, dois em Ternate, um em Timor, tres em Machian, e um em Bachiam. Porém Witter, tendo-se deixado surprehender nas Manilhas pelos hespanhoes, tres de seus navios foram capturados, um outro saltou ao ar, o resto foi disperso e o proprio general pereceu n'este combate.

«No anno de 1614 Vanden Broeck abriu aos navios da companhia um novo caminho. Servia na qualidade de primeiro fiel n'uma frota que foi enviada ás Indias no anno de 1613, sob as ordens do almirante Reynst. Tendo esta frota ávançado para a entrada do Mar Vermelho, Broeck foi destacado com um navio para visitar os portos da Arabia Feliz, onde os hollandezes não tinham ainda estabelecimento algum.

«Depois de varias viagens, nas quaes houve muitos attrictos a vencer, o bachá d'este paiz lhe permittiu commerciar em todos os portos do Mar Vermelho, e fundar uma feitoria particular em Aden. Broeck foi encarregado ao mesmo tempo de uma commissão importante na costa occidental do Indostão. Tratava-se de obter uma casa em Surrate, para commercio, o mais famoso deposito da India. Broeck o obteve, e alli deixou feitores, e formou depois outro estabelecimento na Broitshia, em Cambaia, em Amadabad, sobre a mesma costa.

«Para se ver a indole trabalhadora dos hollandezes, basta lembrar-nos que são senhores de Ceylão, e de toda a costa da ilha, e que em alguns sitios seus dominios se estendem doze a quinze leguas pela terra dentro. Os mais consideraveis, são: Jafanapatan, Manar, Calpentin, Negumbo, Kolumbo, Point de Gale, Batecale e Trinquemale.

«Jafanapatan é uma peninsula, situada na ponta septentrional de Ceylão. Este paiz abrange quatro pequenas provincias, varias cidades consideraveis, e cerca de cento e sessenta choupanas, na maioria habitadas por indianos, que são tidos por malabares de origem. Fôra outr'ora um reino cujos habitantes lhe davam o nome de Vannis ou Vannias, nome que uma parte do paiz conserva ainda. Suas terras são baixas, e naturalmente ferteis, embora alli se encontrem poucas fontes. Substituem-nas por agua de cisternas.

«Colombo, a antiga capital das colonias portuguezas de Ceylão, tem ainda hoje o primeiro logar entre os estabelecimentos que os hollandezes possuem n'este reino. Esta cidade fica ao sul de Negumbo, da qual apenas está afastada umas nove ou dez leguas. Está construida no fundo de uma bahia, que offerece um porto commodo aos navios, que não demandam muita agua. Os hollandezes têem estreitado seu antigo recinto, que occupava um terreno muito vasto, excessivamente difficil para ser guardado; mas têem consideravelmente augmentado as fortificações do castello. O palacio do governador é um dos mais bellos edificios que podemos ver. O arsenal e os armazens são tambem outros edificios mui notaveis. Como esta cidade é a principal feitoria da companhia na ilha, é alli que residem o governador geral e o conselho soberano.

«Ponta de Galles é uma outra praça muito forte, situada na parte meridional de Ceylão, a 6º de latitude norte. Suas fortificações, começadas pelos portuguezes, têem sido muito augmentadas pela companhia hollandeza; mas destruiu ella quantidade de edificios de uma inutil sumptuosidade. A situação d'esta ilha é sobre uma ponta de terra, defendida por bordas escarpadas e pelo mar.

«Tem uma bahia, que poderia passar por um bom porto, se não houvesse na entrada varios cachopos perigosos, e se os navios não estivessem alli um pouco batidos pelas ondas.

* *

«As principaes povoações dos mouros e dos idolatras, são: Lamakere. Male, Toulon, Adenare, Prototoli, Aude e Sallelauve. Estes ultimos burgos são antigas dependencias do reino de Ternate.

«As habitações dos christãos chamam-se Cherebate, Pamancaia, e Louolaing. Continham no começo do ultimo seculo cento e cincoenta familias. O numero dos outros povos espalhados pelo paiz, não era menos consideravel. Contavam até duas mil familias, estabelecidas n'uma ilhota vizinha, cujas habitações se chamavam Carmang, Louococol, e Louongin.

«Tinham os portuguezes outr'ora alguns territorios consideraveis em Solor. Mas d'alli foram deitados fóra em 1613 pelos hollandezes. Esta ilha é de alguma importancia por causa do commercio com as Molucas.

«Os portuguezes estabeleceram-se em Lafao, na parte septentrional da ilha, a mais de sessenta leguas da habitação hollandeza, que é do lado do oeste. Os povos da sua dependencia fazem profissão do christianismo, e não fallam outra lingua que não seja a portugueza. Reconhecem o Rei de Portugal por seu soberano, mas não querem depender do Vice-Rei de Goa, nem mesmo submetterem-se ao arcebispo d'esta cidade emquanto ao espiritual. Pretendem ser governados segundo as suas leis. Quizeram dar-lhes em 1688 um Vice-Rei, mas revoltaram-se abertamente; e esta guerra, que durou quinze annos, esteve prestes a arruinar a

colonia. Os portuguezes podem armar quinhentos soldados nas differentes habitações que lhes estão submettidas.

«Batecale e Trinquemale são os unicos logares notaveis que a companhia possue na costa oriental de Ceylão. A primeira é uma ilhota situada no meio d'esta costa. Os hollandezes têem tambem alli uma cidade e um forte. Trinquemale fica muito mais para o norte. É uma fortaleza consideravel, construida na ponta septentrional de uma grande bahia, que lhe dá seu nome, e que encaminha para um braço de mar de menor amplitude, com a qual fórma um dos mais bellos portos do mundo. Encontram-se alli, por toda a parte, desde dez até vinte e cinco braças de agua.

«Os hollandezes possuem aqui varios terrenos vastissimos, mas desprezam cultival-os, quer porque a terra seja extraordinariamente afastada de Colombo, o centro de suas forças, quer por acharem elles nas outras partes da ilha muito mais canella do que a que lhes poderia faltar. E se mantêem alguns fortes n'estas paragens, é menos para defenderem suas possessões, do que para embaraçarem os estrangeiros.

«Diversos contratempos fizeram que se não levasse ao cabo uma tal tentativa aliás combinada por pessoas habeis, e a companhia oriental, que não tinha ainda estabelecimento solido na India, procurava encontrar alli alguma posição vantajosa, onde ella podesse fixar o centro do seu commercio.

«Caron propoz a ilha de Ceylão como deposito mais commodo, e designou em especial a bahia de Trinquemale. Sustentou que os francezes alli se podiam estabelecer, e fortificarem-se com a decima parte das despezas que os portuguezes e hollandezes tinham feito em Goa e na Batavia, dois logares, alem d'isso, mal escolhidos, para d'elles fazerem um emporio do trafico geral, porque a primeira é demais para o oeste, e a outra excessivamente para o oeste.

«Pelo contrario, Ceylão está como no meio das Indias. É a passagem que conduz a Coromandel e a Bengala, as mais importantes praças de commercio; todos os navios que vem da Europa, cáem por si proprios á vista d'esta ilha, e as monções alternativas permittem alli abordar, e de lá sairem em todos os tempos do anno. Caron expoz com vehemencia todas as vantagens d'esta situação, e foi como consequencia dos seus conselhos que os francezes fizeram a tentativa de que já se fallou.

«Ha quem julgue que os de Ceylão (ou antiga Taprobana), foram os que primeiramente moraram no Paraiso terreal, e tinham alli nascido. Accrescenta ainda que taes tradições subsistem no paiz desde o reinado de Vigia Roja, que viveu, segundo dizem, quinhentos annos antes de Christo.

«As cousas subsistiram n'um tal estado até o momento em que os portuguezes descobriram a ilha de Ceylão, isto é, até ao começo do XVI seculo.

«Estabeleceram-se no paiz de Kotta, e levantaram algumas habitações nas proximidades do mar, entre as ruinas de uma antiga cidade chamada Kol Amba, o que os levou a darem ao novo estabelecimento o nome de Kolombo.

«Pouco tempo depois da sua chegada, o Rei de Kotta foi assassinado por seus sobrinhos, filhos de uma de suas irmãs, que repartiram entre si seu estado. A ambição que os tinha unido n'esta perfida conspiração, não tardou em dividil-os, e o ciume do commando despertou entre elles algumas dissenções crueis. O primogenito mandou assassinar o segundo, e foi morto depois n'uma batalha que deu ao terceiro, chamado Mahabaduna, o qual, pela morte de seus irmãos,

veiu a ser o unico possuidor do reino de Kotta. Deixaram dois filhos que se refugiaram em Colombo. Tomaram o cuidado d'elles os portuguezes, que os mandaram baptisar, um com o nome de D. Filippe e outro com o de D. João, e collocaram este ultimo no throno de Kotta, depois de mandarem matar secretamente Mahabaduna. Reinaram sob o nome do Principe a quem tinham coroado, e seu poder tomou então acrescimos consideraveis.

. . . . . .

HOME (THE) COMPANION.

É um lindo e interessante romance publicado sob o nome de Sir John Froissart, em lingua ingleza, na cidade de Londres, in-folio.

A pag. 410 trata da abertura do palacio de crystal, em Londres, onde então estava a familia real portugueza em 1851.

HONOR *S. Ignatio de Loiola, Societatis Jesu Fundatori et S. Francisco Xaverio, Indiarum Apostolo, per Gregorium XV inter Divos relatis habitus a Patribus Domus Professae et Collegii Soc. Jesu, Antuerpiae, 24 Julii 1622.* Antuerpiae, ex officina Plantiniana, apud Balthasarem Moretum et Viduam Jo. Moreti et Jo. Meursium, 8°, 58 pag.

É seu auctor o P. Miguel Grisio.

HONORATI (PADRE ANTONIO ——).— Dispoz as obras do padre Antonio Vieira por modo differente que as haviam disposto outros jesuitas. Vivia em Lisboa, na casa dos jesuitas de Campolide. Morreu em setembro de 1881.

O Chrysostomo portuguez ou o padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, n'um ensaio de eloquencia, compilado dos seus Sermões, segundo os principios da Oratoria Sagrada, pelo —— da mesma companhia. Lisboa, livraria editora de Matos Moreira, 8.° gr. 1.° vol., 1878, XXVIII-638 pag.; 2.°, 1879, XXXII-600 pag.; 3.°, 1880, XXXIV-672 pag.; 4.°, 1881, LXXXVI-680 pag.

O caracter religioso dos Lusiadas de Luiz de Camões. Documentos e reflexões de um professor do Collegio de Maria Santissima Immaculada em Campolide. Lisboa, livraria editora de Matos Moreira, 8.°, 142 pag.

HOPPE (JOÃO ——).— Jesuita, bohemio.

E. *Erster Brief R. P. Joannis Hoppe, S. J. Missionarii in Cochinchina, aus der Boheimischen Provinz, aus Seine Majestät, Maria Anna, Königin in Portugall, geschrieben in der Landschaft Quang-nghia, dem 39 Christmvnats 1746 Inhalt. Er beschreibet die unfruchtbare, und theils wegen denen benachbarten heidnischen Raubern, theils wegen denen grimmigen Tigern unsichere Lage seiner Mission, die aber Gott bishero wider den Anfall deren wilden Muschen und Thieren gütigst beschützet. Einige freventliche Verachter unseres heiligen Glaubens werden augenscheinlich gestrafet. Einige, sowohl Christen, als Heiden, empfangen durch den Gebrauch deren Christlichen Hein-Mitteln leib-und geistliche Wohlthaten, und werden von denen überlästigen Aufechtungen des, zu Zeiten auch sichtbaren Höllen*

Zwyter Brief R. P. Joannis Hoppe, Missionarii Soc. Jesu in Cochinchina, aus der Böheimischen Provinz, an R. P. Joannem Tilge, derselben Gesellschaft und Provinz, geschrieben zu Macao, dem 18 Christmonats 1750. Inhalt. P. Hoppe erzehlet überhaupt die Verfolgung der Christlichen Kirch in Cochinchina; inson-

derheit aber seine Gesangennehmung und verschiedene Misshandlungen, die er von denen Heiden erlitten, bis her mit denen ubrigen Missionarien nach Macao in das Elend ist verwiesen worden.

Encontram-se estas duas cartas em o *Neue Weltbott,* do P. Stocklein, tomo XXXVI.

HORN (UFFO ——).—Poeta, natural da Bohemia.

E. *Camoens im Exil. Dramatisches Gedicht in 1 Akt.* Wien, Mausberger, 1839. XIV-40 pag.

Traz tambem um parallelo entre Tasso e Camões.

HOROLT (STANISLAU ——).—Prégador, polaco, do seculo XVIII.

E. *Wysokose w cnotach S. Franciszka Xawiera z ambony egloszoua.* Kalisz. Dr. S. J., 1718, in-fol.—(Sublimidade de S. Francisco Xavier nas virtudes.)

HORTIGAS (MANUEL ——).—Jesuita, natural de Saragoça.

Novenario de San Francisco Xavier, que comenzó a celebrarse en la Iglesia dei Colegio de la Compañia de Jesus de Zaragoza, el año de 1670. En Zaragoza, por Agustin Verges, 1678.

Suma breve del Novenario de S. Francisco Xavier. Apuntamientos de sus Sermones, y Recuerdos de la Devocion de San Josef y San Joaquim.

Vem nas obras do P. Hortigas (ou Ortigas).

HORVATH (MIGUEL ——).—Jesuita, natural de Kormon, onde nasceu em 1728.

E. *Panegyricus D. Francisco Xaverio dicatus.* Tyrnaviae, 1756, in-12[1].

HOUGH (JAMES ——).

E. *The History of Christianity in India, from the commencement of the christian era by the rev.* ——. London, 1839, 2 tomos in-8.º

«Mas sobre a India portugueza ainda não vi mais interessante expositor que ——. O auctor é protestante; mas curva-se respeitosamente diante do apostolo Francisco Xavier, e horrorisa-se da inquisição de Goa, sem se demasiar em exclamações injuriosas a D. João III nem aos papas.»

Falla d'esta obra Tolbort, no *Instituto Vasco da Gama,* de Goa, 1874, pag. 133.

HUBNER (EMIL ——).

Die antiken Bilderwerke in Madrid, nebst einen Anhang enthaltened die übrigen antiken Bilderwerke in Spanien und Portugal. Berlim, 1862, 1 vol., 8.º, 328-338 pag.

N'esta obra e nas seguintes, falla das antiguidades de Portugal.

Ephemeris epigraphica.

Deutsche Rundschau.

Ienaer Litteraturzeitung.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 328.

Inscriptiones Hispaniae Christianae edidit Aemilius Hübner. Berolini, 1871, 4.º gr. XVI-120 pag.

Contém 397 inscripções, entre as quaes 104 falsas ou suspeitas.

Additamenta ad titulos hispanos, 17 pag.

Additamenta ad corporis volumen, 22 pag.

Römische Bergwerksverwaltung, 1877, 3.º anno, pag. 196-217.

Contém o estudo de Hübner sobre a tábua de Aljustrel.

Citania, opusculo traduzido por Joaquim de Vasconcellos. Porto. 1879.

Lissabon und das südlich Portugal, von ——. In-8.º

HUBNER (JOÃO ——).—Reitor do collegio e universidade da cidade de Hamburgo.

Genealogia em Tabuas dos Reis e Principes da Europa, e outras familias illustres.

Esta obra foi continuada por seu filho Johannes Hübner, Junior de S. João de Hamburgo.

Na tábua 44 traz a dos nossos Reys, e na 46 a da Serenissima Casa de Bragança, na Casa Real reinante, e a linha do duque de Cadaval, em Leipsic, in-fol., 3 vol.; o 1.º em 1725, o 2.º em 1727, e o 3.º em 1728[1].

HULSMANN (DR. J. H. ——).

Over Camoëns Lusiaden en Tollens overwintering op Nova Zembla. Rede. Amsterdam, 1880, 33 pag. in-8.º

HUMBOLDT.

Os Lusiadas e o Cosmos, ou Camões considerado por ——, como admiravel pintor da natureza, por José Silvestre Ribeiro. Lisboa, 1853, 8.º

HUMBOLDT (BARON G. DE ——).

Supplément à la Grammaire Japonaise du P. Rodriguez: ou Remarques additionelles sur quelques points du système grammatical des Japonnais, tirées de la Grammaire composée en Espagnol par le P. Oyanguren et traduites par M. C. Landresse, membre de la Société Asiatique, précédées d'une Notice comparative des grammaires japonaises des PP. Rodriguez et Oyanguren, par M. le baron ——. Ouvrage publié par la Société Asiatique. Paris, à la librairie orientale de Dondey, Depré père et fils, 1829, in-8.º, 31 pag.

Abel Remusat (*Biographie Universelle,* tomo XXXVIII, 1824), dizia o seguinte ácerca d'este livro:

«É uma obra confusa, prolixa, e muito mal digerida, feita, bem como todas as do mesmo genero, que foram redigidas por aquella epocha, pelo plano das más grammaticas latinas, que tinham então curso na Hespanha e em Portugal. O auctor desprezou completamente as diversas escripturas do Japão, e não distinguiu sufficientemente o que tem relação com a lingua propria dos japonezes, do que diz respeito ao chinez, lingua sabia, e até certo ponto trivial entre estes povos. A orthographia que seguiu na representação das palavras japonezas, e a

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 222.

ausencia total dos caracteres originaes, para os quaes o auctor não estabeleceu nenhuma regra de transcripção, tornam o uso do seu livro absolutamente impraticavel para todo aquelle que não tiver antecipadamente uma tintura dos elementos da lingua escripta e da lingua fallada.

«Parece que Rodrigues conheceu os principaes defeitos da sua grammatica, pois elle mesmo redigiu um extracto d'ella, onde procurou dispor as materias n'uma melhor ordem, e supprimir as minuciosidades superfluas. O manuscripto d'este extracto existe na bibliotheca do Rei; e a sociedade asiatica, com o fim de fazer conhecer os elementos do japonez, julgou não poder escolher uma obra mais apropriada para tal fim. Mandou traduzir para francez este manuscripto, e actualmente acha-se no prelo. Mas como o auctor tinha querido principalmente ser util a seus confrades que se destinavam para a prégação, e para a confissão, e como elle tinha por esta rasão feito caír os córtes sobre as noções litterarias que tinha reunido na sua grande obra, houve o cuidado de comparar este, e de extrahir tudo quanto podia ser de algum interesse.»

A obra de Melchor Oyanguren, appareceu com este titulo: *Arte de la lengua japona, segun el arte de Nebrixa.* Mexico, 1738, in-4.º

HUNT.

Description de Santa Maria et de San Miguel.

No *Journal de la Société géographique,* 1845, pag. 283, tomo xv, Londres.

Vem esta obra citada na de Kerhallet, *Description nautique des Açores,* onde tambem encontro citada a pag. 68 outra de Hunt, com o titulo seguinte:

Description of the Island of San Miguel. Journal of the Royal Society, 1843, pag. 282.

HURTADO (DON PUBLIO ——).

E. *Cronica de la venida a Caceres de SS. MM. Don Alfonso XII de España y Don Luis I de Portugal, con motivo de la inauguracion de la via ferrea, que, cruzando esta provincia, une a Madrid con Lisboa.* Caceres, 1881, imprenta de Augustin Figueroa, 4.º, de 61 pag.

HUSEMANN (HERMANI THEODORI ——).— Jurium Candidati.

Des R. P. Emmanuelis Alvari e Societate Jesu Vollstandige Lateisniche Sprach-Kunst, auf die grund-und ordentlichste Lehr-Art mit vielen newen Vortheilen und grosser Erleichterung selbige edle Sprache bald grundlich zu fassen: Im Teutsche übersetzt von —— and dem Verstand der Teutschen Nation, absonderlich deren, so erst eine andere neben ihrer Mutter Sprach erlerlen wollen, vollkom mentlichst durch klare Lehr-Saz kürelich bequemet, aber zu genauer Verständlichkeit derselben und Ubung eine reine Latinität zu erlangen, durch auserlesenste Ciceronianische und dahero zuverlässige Exempla weitläuffiger erkläret. Wienn, zu finden by Adam Damer in Zwettelhoff, anno 1725, in-8.º, 696 pag.

HUYSMANNO (GUILLIELMO ——).— J. V. Licentiato et linguae latinae in Collegio Buslidiano Trilingui, in Academia Lovaniensi publico professore.

Narrationes rerum Indicarum ex litteris Patrum Societatis Jesu desumptae, ac ex Italico sermone in latinum traductae. Intepretae ——. Lovanii, ex off. Joan. Masii, 1599, 8.º, 141 pag.

I

«Then, as I said, the Duke, great Villaflor,
Mounted upon a hot and fiery steed,
With slow, but stately pace, kept on his course
While all tongues cried: «Oh Lisbon, Lisbon!»
Richard II, Shakspeare.

IAMES (RODRIGO ——).

No seu poema *Cronica en coplas de redondilhas*, achado em 1575, e no qual se descreve a batalha do Salado, apparecem muitas estrophes relativas a Portugal, á Rainha D. Maria, filha de D. Affonso IV, e ao caracter d'este monarcha.

O poema parece-se muito na structura metrica, com os fragmentos que ainda restam do poema á batalha do Salado por Affonso Giraldes[1].

ICARO *y Dedalo; necedades de toutes y avisos de cuerdos. Poesia.* Guerra da acclamação.

IGNATIUS (DIVUS ——) *Loyola et Franciscus Xaverius a SS. D. N. Gregorio XV, P. M. in Sanctorum Tabulas relati. Ingolstadii primum solemni ritu celebrati octiduo integro a Nonis Maii, usque ad Idus* CIƆIƆCXXII. *Majoris Academicae Congregationis B. Mariae Annunciatae Dominis Sodalibus. Pro Xenio oblati, dicati.* Ingolstadii, typis Gregorii Haenlin, CIƆIƆCXXIII, in-12, 114 pag.[2]

IL BUON *ragiocinio dimostrato in due scritte, ossiano saggi critico-apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu padre Gabriele Malagrida.* Lugano, 1784, 2.ª edição.

Esta obra é attribuida ao jesuita Cordara, a pag. 145 do vol. II da *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, par Augustin et Alois de Backer.

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr Theophilo Braga.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 227.

ILHAS DOS AÇORES.

Os Açores formam no meio do Oceano Atlantico um archipelago composto de nove ilhas, distribuidas em tres grupos, que occupam, sob a latitude de Portugal, uma extensão de 150 leguas maritimas, entre os 27° e 33° de longitude; sua superficie póde ser avaliada em 180 leguas, pouco mais ou menos.

Entre estas ilhas, a de Santa Maria, a mais oriental, e ao mesmo tempo mais meridional, jaz a 311 leguas das costas de Portugal, e a 335 das de Marrocos; a mais desviada no oeste, a do Corvo, está separada por um intervallo de 480 leguas das terras americanas, isto é, da ponta do sul da Terra Nova.

«Estas ilhas foram conhecidas de um pequeno numero de sabios, quasi um seculo antes da occupação portugueza; figuram já nas cartas nauticas do seculo XIV, e notoriamente sobre o famoso Portulano Mediceo, construido em 1351 por um navegador genovez. Ellas lá estão representadas com uma exactidão relativa, que não póde deixar alguma duvida.

«Foi até mesmo um documento d'esta especie, trazido da Italia em 1423, que decidiu um reconhecimento official que se confunde com a primeira descoberta. A exploração emprehendida em 1431, pelas ordens e direcção do Principe Henrique de Portugal, se estendeu successivamente, durante um periodo de vinte annos, dos escolhos chamados Formigas, até ás ilhas longiquas de Flores e do Corvo.

«Mr. Avezac tratou d'este assumpto no *Universo pittoresco,* tomo IV, pag. 36 e 32. Estas ultimas ilhas, na opinião de Humboldt, teriam sido descobertas em 1452 por Pedro Velasco, natural de Palos. Foi, segundo dizem, em harmonia com os mesmos indicios que os normandos descobriram a Islandia, partindo das ilhas Feroé. Todavia, a historia de Pedro Velasco gosa de pouco credito entre os açorianos. Mr. de Humboldt não indica a fonte, e em vão a procurariam os historiadores.» ...

ILHAS DO JAPÃO.

«Foram descobertas no anno de 1542 por alguns portuguezes que foram arrojados a ellas por uma tempestade. Estes fazem um commercio, e vantajoso, e d'elle extrahem todos os annos mais de sessenta milhões, e pouco depois havendo intentado introduzir-se n'estes paizes, não têem lucro algum. Os missionarios fizeram tambem grandes progressos; mas as grandes riquezas que grangearam lhes deu maiores alentos para que não observassem limite algum; buscavam e arrojavam ao chão os idolos com a maior liberdade, aonde seus falsos sacerdotes os conduziam e deixavam obrar livremente.

«Um simples sacerdote portuguez, tendo recusado no anno de 1596 levantar-se da sua cadeira e comprimentar um ministro, mui favorecido do imperador, com este motivo, e uma carta verdadeira ou falsa, que mostraram os hollandezes, na qual os portuguezes pediam protecção para se apoderarem do Japão, foi causa d'aquella grande perseguição, que durou quarenta annos.

«Alem dos portuguezes que morreram, houve tambem um grande numero de japonezes que padeceram o martyrio. Para obstar a que d'ahi por diante se professasse a religião catholica, celebram todos os annos uma solemne e diabolica cerimonia, de arrastarem pelo chão um crucifixo em todas as casas suspeitas, mui principalmente em Nangasaki, cidade da ilha de Ximo, onde arribavam os hollandezes.

«A atmosphera d'este paiz é bastante sadia, mas ha bastante frio.

«O terreno em geral é pouco fertil, e só produz arroz e excellente chá, e em alguns logares trigo e aveia, com que sustentam os japonezes seus cavallos. O povo come rabanos e outros alimentos grosseiros. Sua grande riqueza é proveniente das minas de oiro e prata, e algumas de mui bom estanho. Acham-se tambem perolas encarnadas, que são tão estimadas como as brancas. Os tremores de terra são continuos, e no ultimo que houve em Meaco, no anno de 1730, foi mister salvarem perto de um milhão de pessoas.

«O povo, alem de outros varios impostos, dá tambem ao Imperador uma parte do arroz que colhe, tributo que anda por cincoenta milhões de saccos, e o Imperador paga a seus officiaes e dependentes na mesma especie.

«Os japonezes são fortes, engenhosos, trataveis, sobrios e magnificos. Amam as sciencias, e são aptos para ellas. Seus costumes são oppostos em muitas cousas aos nossos. Os homens e as mulheres levam sempre a cabeça descoberta, e para cumprimentar põem o pé fóra do calçado. A côr preta é a mais apreciada, e o branco é o menos estimado. Toda a formosura de seus dentes consiste em serem pretos, e não beberem cousa alguma estando quente.

«Depois da expulsão dos portuguezes, são sómente os hollandezes os estrangeiros que são admittidos, e os fazem soffrer muitas cousas, as quaes aguentam por causa do seu commercio.

«Apenas chegam seus navios, descarregam em terra os japonezes toda a sua carga, e deixam até mesmo as peças e toda a munição, e lhes dão porcellanas, chá, e lhes entregam os navios do mesmo modo que os deixaram quando arribaram, pois os tinham por homens de boa fé. Não obstante tudo isto, no dinheiro que lhes davam continha-se pouco oiro.

«Para o uso regular estimam muito mais os japonezes, os vasos, taças e varios outros objectos envernizados, do que os de oiro.

«Até ao anno de 1585 não houve no Japão mais do que um Imperador, que residia em Meaco, sua capital, e este reuniu em si o imperio e o sacerdocio. Porém agora ha um tenente general de suas armas, que se tem tornado independente, e tem sua residencia em Iedo, que é uma grande cidade, povoada e rica. Este tenente general usurpa quasi toda a auctoridade ao Imperador, e tão sómente lhe deixa as honras e titulos do seu soberano pontificado, com o nome de Dairo. Reside este Principe em Meaco, com suas doze imperatrizes, entregando-se ao estudo da musica, poesia e ociosidade. E têem-lhe tão grande veneração, que lhe não tocam senão quando dorme, e tem o titulo de ladrão aquelle que lhe corta as unhas, as barbas, ou os cabellos.

«Quando os hollandezes se prostram aos pés do Imperador secular da ordem e lhe fazem presentes, logo lhes manda, para divertir seu serralho, que cantem, dancem, representem e joguem á moda da Europa, e com todas estas cousas se divertem muito.

«Os caminhos grandes d'este paiz, por onde são conduzidos os hollandezes, são largos, mui formosos e cheios de arvores tanto por um lado como pelo outro. Sempre estão repletos de passageiros, caçadores, mercadores e peregrinos.

«Todas as casas, mesmo as dos particulares, estão pintadas e envernizadas, e as salas enfeitadas com papeis, com flores de oiro e prata. As separações todas se podem mudar, e estão feitas á moda de cancellas, para resguardarem do ar.»

I LUPI *smascherati nella confutazione e traduzione del Libro intitulato: Monita Secreta Societatis Jesu. In virtu de quale giunsero i Gesuiti all' orrido ed esecrabile assassinio di Sua Sacra Reale Maestà Fedelissima Don Giuseppe I, Re di Portogallo, &c., &c., &c. Con un Appendici di Documenti rari, ed inediti.* Ortigano. Nell' Officina di Trancredi, e Francescantonio Padre e Figlio Zaccheri de Strozzagriffi. 8.º, 1761, CCXXXIII pag.

Segue-se:

Plirothopano Rtosis; Supplemento a Lupi Mascherati, 1761, 108 pag.

Tudo isto, como se vê, é contra os jesuitas, attribuindo-se-lhes a paternidade da celebre *Monita Secreta,* e fazendo ver que taes estatutos fizeram com que os jesuitas tomassem parte na conspiração contra El-Rei D. José.

Em maio de 1879 tive em meu poder um exemplar d'esta obra emprestado pelo livreiro sr. Ferreira.

ILLUSTRISSIMO *Principi Domino Vasco Ludovico da Gamma, Comiti da Vidigueira, Orientalis Indiae Admirallo, Regis Portugalliae, feliciter et divinutus regnanti a Consiliis, necnon apud Christianissimum Regem Legato, Lusitania Liberata. Tragœdia nova exhibentur in Theatro a selecta pube ex Athaenaeo Praelleo Bellovaco die 3 Augusti hora a meridie prima, nisi imbricius Orion prohibisset. Scena Lisbonae.*

Não copio a lista dos actores que entraram n'esta representação por ser mui longa. Ha na bibliotheca publica de Lisboa um exemplar d'esta obra.

IL SACRIFIZIO *di Diana, Componimento musicale, cantato nel Real Palazzo di Lisbona il di 26 di Luglio dell' anno 1722. Per la festività del nome della Sacra Real Maestà di Marianna Gioseffa, Regina di Portogallo.* In Lisbona occidentale, per Pasquale da Sylva, 1722, 4.º

IL SIROE. *Dramma per musica, da representarsi in Lisbona nella sala dell' Academia alla Piazza della Trinità. Anno 1738. Dedicato alla Nobilità di Portogallo.* In Bologna. Nella Stamperia di Giuseppe Le Luigi. Anno 1738. 4.º

IL SOGNO *d' Endimione ó l'indiscretezza punita. Scherzo pastorale da cantarsi il di 8 Genaio del presente anno 1732, per gli anni felicissimi del Excellentissimi Signore il Signore Marchese di Fontes.* Lisbona Occidentale. Nell' Officina de la Musica. 1732.

IL TRIOMPHO *d' Amore. Scherzo pastorale da cantarsi nel Real Palazzo il di 27 Decembre 1729. Consagrato al nome glorioso di Giovanni V, Re di Portogallo.* Lisbona Occidentale. Officina de Giuseppe Antonio di Sylva.

IL VALORE *coronato dalla Gloria. Prologo plausivo al glorioso combattimento navale sostenuto dal generoso coraggio dell' Eccellentissimo Signore Dom Lope Furtado Mendoca, Conde del Rio, Grande Generale del squadre Portoghesi contre l'Armata Ottomana, nel 1717. Al cui nome immortali si dedica e si consacra.* In Messina, Nella Regia e Camerale Stamparia di Amico, 1717, 4.º

É em verso, e são interlocutores Carybdes, Scylla e Gloria.

IL VATICINIO *di Pallade e di Mercurio, Serenata da cantarsi nel Real Palazzo di Lisbona il di 22 di Octobre del presente anno 1731, per gli anni felicissimi della Sacra Real Maestà di Giovanni V, Re di Portogallo.* Lisbona Occidentale. Nell'Officina della Musica, 1731.

IMPOSTOR'S (THE) *detected, or the life of a Portuguese, in which the articles and intrigues of Romish priests are humorously displayed. The whole interspersed with several curious and enterlaining anecdotes, relating to some of the principal personages of the Kingdom of Portugal, in two volumes.* London, 1760, 2 vol.

Esta obra, de que existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa, parece ser uma furiosa verrina contra a relaxação e hypocrisia dos portuguezes.

IN APPLAUSO *dell' Illustrissimo Signore Tommaso Gaetano de Medici, per il molto che oprò nel tempo del suo governo, della Chiesa, è Confraternità di Nostra Signora di Loretto, della nazione Italiana, in questa Corte di Lisbona Occidentale, con tanto zelo è carità per il culto Divino, è promovendo la Erezione de un Hospitale per comodo della medema Nazione. Sonetto.* Fol. Sem data, nem logar de impressão.

INCARNATIONE (FR. PETRI AB ——).—Dominicani Hyberni, Sacrae Theologiae Professoris et Sancti Officii Qualificatorii, in obsequium Authoris et Operum Elogium.

Precede a obra intitulada *Observações medicas doutrinaes,* impressa em Lisboa em 1741, uma estimadissima poesia latina em honra do medico João Curvo Semmedo. Nada mais hyperbolico do que uma tal poesia:

. . . . . .
Quoties Curvus cum Parca certaverit,
Quoties triumphaverit,
Quot superaverit morbos,
Quot servaverit moribundos;
Quot desperatos,
Quot miseros
In extremo vitae naufragio positos
Reduxerit incolumes in portum salutis,
Si Aritmeticam consulas,
Frustra laboras;
Nam ubi non est numerus,
Illa silet.
Immo si illum ipsum interroges;
Cum omnia norit,
Hoc unum nescit;
Clam caetera sciat,
Hoc ignorat.
Hos, quibus prodesse non potuit,
Ille facile recensebit,
Qui habet in cuspide linguae,

Eos, quibus profuit,
Recensere non valet, etiamsi volit;
Quia in ac re
Patitur lapsum memoriae.
Cui succurrere nescit Anacardina.
Lector candide aut invide,
Benevole aut malevole,
Unum verbum:
Si de Curvi rebus
Plenum cupis capere experimentum,
Adi aegrotantim domos,
Adi domorum angulos,
Adi pauperum tuguria,
Adi magnatum palatia,
Adi Monasteria,
Adi Xenodochia,
Sequere Curvum aegros invisentem...

INDIA.

J. H. C. Rivara: *Archivo Port. Oriental,* Nova Goa, 1856–1857, 3 vol.; *O Chronista de Tissuary,* Nova Goa, 1866–1868; *Observações sobre a Historia Natural de Goa, feitas no anno de 1862; Memorias sobre as possessões portuguezas da Asia, escriptas em 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto,* Nova Goa, 1859, 8.º; *Ensaio historico da lingua concani,* Nova Goa, 1858; *Diccionario portuguez concani,* composto por um missionario italiano, Nova Goa; *Grammatica da lingua concani, no dialecto do Norte, composta no seculo* XVII *por um missionario italiano,* Nova Goa, 1858; *O arcebispo de Goa e a Congregação da Propaganda Fide; Analyse do folheto intitulado: O visconde de Torres Novas e as eleições de Goa; Documentos sobre a occupação da bahia de Lourenço Marques; De Lisboa a Goa pelo Mediterraneo, Egypto e Mar Vermelho; Cartas de Antonio Pereira de Figueiredo aos padres da congregação de Goa; Reflexões sobre a materia de petição de aggravo em defeza do prelado de Moçambique, por L. M. Jordão,* Nova Goa, 1856–1873.

INDIA ORIENTALIS.

Karte in Kupferstich. Carte gravé avec 3 cartouches, tirée de Mercator 1592. Au revers du feuillet un texte français où on fait mention des colonies portugaises.

INDICAÇÃO *succinta de alguns manuscriptos importantes, respectivos ao Brazil e a Portugal, existentes no Museu Britannico em Londres.* Habana, 1863.

INDICASIONI *relative alla commissione di geologia in Portogallo.*

INFORMATIO *Beatificationis Canonisationis Ven. Servi Dei, P. Josephi de Anchieta, Soc. Jes.* Romae, 1733, fol.

IN LODE *della virtuosa Signora Anna Ronzi, detta la Torinese, ballando excellentemente in Lisbona nel Teatro dell' Opera, l'anno 1738. Sonetto.* Fol.

IN LODE *della virtuosa Signora Francesca Polidetta la Brescianina Che nel Dramma del Ciro reconosciuto, rappresenta la parte del medesimo Ciro nel Teatro di Lisbona, l' anno 1740. Sonetto.* Fol.

INMORTAL (A LA) *Infanta de Castilha la Señora Doña Maria Francisca de Assis, por su incomparable heroismo y sagacidad en la partida de Cadiz, de donde la Reyna Nuestra Señora y las Serenissimas Señoras Infantas Doña Maria Francisca y Doña Maria Teresa, &c.* Sevilla. Imprenta Real y Mayor, 1823, 4.° de 8 pag.

INSHA I ABULFAZL.

Obra escripta em lingua persa, na qual se falla dos portuguezes, e apparece uma carta do shach da Persia dirigida ao Rei de Portugal.

Tem esta carta a data de abril de 1582, foi vertida por Mr. Fraser no 1.° vol. da *Collecção das cartas de Abulfazl,* e tem sido transcripta em varias obras inglezas que tratam de Akbar e das cousas do Indostão.

INSOLARUM *Maluccarum nova descriptio.* Amstaelodami, apud J. Janssonium, 1640.

Carte des îles Bachian, Machian, apud Janssonium, 1640. Carte des îles Bachian, Machian, Motir, Tidor, Ternate, et d'une partie de Gilolo. Ces îles etaient en possession des portugais pendant 1580 à 1605.

INSTITUT IMPERIAL DE FRANCE.

Academie des sciences.

Extrait des Comptes-rendus des séances de l'Academie des sciences, tome LIII, séance du 19 août 1861.

Rapport sur plusieurs Mémoires présentés à l'Academie par Mr. Lourenço. Commissaires, MM. Dumas, Balard, rapporteur.

«Os trabalhos, cujos primeiros resultados o sr. Lourenço apresentou á academia, tiveram por origem e por primeiro alvo o desenvolvimento da historia do glycol. Fazendo conhecer este composto notavel, que se póde hoje caracterisar de um modo geral, apresentando-o como um alcool, e um alcool diatonico, Mr. Wurtz, como é notorio, não sómente enriqueceu a sciencia com um producto importante a mais, mas pondo nas mãos dos jovens chimicos um composto apto a formar corpos tão numerosos, e a experimentar reacções tão diversas, derivando pelas vias syntheticas, facilmente conseguiveis, de um dos gazes os mais conhecidos da chimica mineral, o hydrogenio bicarbonado, e cuja constituição molecular é muito pouco complicada, para que a volatilisação permitta realisar o isolamento de seus numerosos compostos, offerecia a seus investigadores corpos numerosos para descobrir, para estudar, e para resolver problemas de constituição mollecular tão importantes, quanto variados, problemas collocados na sciencia pelo papel de alcool triatomico, recentemente attribuido á glycerina, por Mr. Berthelot, mas a quem a descoberta do glycol dava na sua solução experimental um grau de generalidade que lhes tinha faltado até então.

«Foi para resolver alguns d'estes problemas, que se discutiam vivamente no laboratorio de Mr. Wurtz, de quem é discipulo, que o sr. Lourenço se applicou especialmente, e vamos provar que o fez de um modo feliz.»

INSTITUTAE *ab Excellentissimo Comite Cubiliarcho Extraordinario in Angliam Lusitaniae Regio Legato Navigationis & inceptae Legationis.* Londini, Impensis Stephan: Botwel. Bibliopolae, in vico vulgo dicto Popes Had Alley, 1652, 8.º

Bibliotheca publica de Lisboa.

INSTITUZIONE *del Parroco, overo specchio de Parrochi, nel quale tutti i Curati d' Anime facilmente rimtrar possono gli obblighi del loro impiego, e il metodo per ademptali a dovere, composto dal R. P Sebastiano d' Abreu Portughese della Compagnia di Giesù, tradotto dal Latino nel nostro Italiano volgare da un Sacerdote divoto di Maria. Opera molto utile e necessario non solo a' Curati, ma anche a' Superiori, Confessori, Predicatori, e ad ogn' altro spirituale del Prossimo, purgata dalle proposizioni dannate da' Sommi Pontifici.* In Trento, 1736, a spese di Michele Pleunich, 4.º, 2 vol., 582 e 522 pag.

INSULAE *de Cabo Verde, olim Hesperides, sive Gorgades: Belgice de Zoute eylanden. Carte colorée, tirée de Wit.* 1685.

INTORCETTA (P. PROSPERO ——).

Traduziu para italiano na obra intitulada: *Compendiosa narratione delle stato della Missione Cinese, dell' anno 1581 fine al 1669,* Roma, 1672, uma carta do celebre jesuita portuguez Gabriel de Magalhães, a qual tinha por titulo: *Carta escripta a 2 de janeiro de 1669, de Pekin, em que relata a perseguição succedida no anno de 1664.*

INSTRUCTION *du Roi de Portugal à son ministre en cour de Rome, au sujet des désordres que les Jésuites ont commis au Portugal et dans le Brésil.* Lisbonne, 1757.

INTERESTS *the true, of the European powers and the Emperor of Brazil in refusing to the existent affairs of Portugal.* London, 1829.

INTRODUCTION (AN) *to the latin tongue or the first book of Grammar, composed in latin by Emmanuel Alvarez of the Society of Jesus, and translated into English for young students of the same Society.* London, printed by Henry Hills, Printed to the King's Most Excellent Magesty, for his Houshold and Chappel: For him, and Mathew Turnei at the haml in High Holborn, 1686, in-12, 131 pag.

IONES (G.).

Poeseos Asiaticae Commentariorum libri sex. Lipsiae, 1777, 1 vol., in-8.º gr.

Contém o elogio de Camões e a transcripção de uma oitava de *Os Lusiadas*.

IROWSKI (JOÃO ——).—Jesuita, bohemio.

Cultus S. Francisci Xaverii, S. J. Indiarum Apostoli. Pragae, 1771.

ISABELLE (ARSÈNE ——).

Voyages à Buenos-Ayres et Porto Alegre, par la Banda Oriental; les missions d'Uruguay et la province de Rio Grande do Sul. (1830 à 1834.) Havre, 1835.

ISERT (PAUL ERDMAN ——).—Ci-devant Médecin de S. M. Danoise dans ses possessions en Afrique.

E. *Voyages en Guinée et dans les îles Caraïbes en Amérique, par ——, tirés de sa correspondance avec ses amis. Traduits de l'Allemand avec figures.* A Paris, chez Maradan, 1793, in-8.º Com boas estampas. 343 pag., e no fim: *Observations météorologiques,* 48 pag.

Os negros de ambos os sexos, que eu encontrei, me saudaram amigavelmente, com um *a hura,* palavra que sem duvida vem da saudação portugueza — *adio!* É mais de suppor que seja uma contracção das palavras: *em boa hora!* Christiansbourg é o principal estabelecimento dos dinamarquezes na Africa. Compraram-na aos portuguezes em 1660. Fica situada a 5º 44′ de latitude norte, no meio da provincia Akra. Serviam-se d'este os portuguezes, como de um forte accessorio, onde mantinham alguns escravos brancos, encarregados de vigiarem o commercio de Akra. Era então um pequeno forte, mas construido mui solidamente. (Pag. 15.)

«Em Gragi havia um preto distincto, que entendia tres idiomas: inglez, portuguez e dinamarquez, e tinha um filho em Portugal a estudar. (Pag. 120.)

«Em Fida havia tantas laranjas, que os francezes e portuguezes com ellas enchiam celhas e as mandavam para bordo de seus navios. (Pag. 149.)

«Foram os nossos que alli introduziram o tabaco de fumar. (Pag. 208.)

«Foram os portuguezes os primeiros que levaram á Guiné mercadorias europeas. (Pag. 224.)

«S. George de Mina era o forte principal dos nossos. (Pag. 225.)

«Portugal não conservou por muito tempo o privilegio exclusivo de negociar na costa da Guiné. Os inglezes não poderam soffrer vel-os os unicos em posse de uma tão grande vantagem. Fizeram com as mesmas intenções varios estabelecimentos. Erigiram na Costa de Oiro, seu principal forte de Cap Corse, e o de James Fort, na margem do rio Gambia, ambos em 1553, que posteriormente foram seguidos de varios outros. Estas duas nações foram as unicas que até 1637 fizeram o commercio da Guiné. Então os hollandezes, que se tinham apossado de quasi todas as possessões dos portuguezes nas Indias Orientaes, tambem fizeram uma tentativa contra suas fortalezas africanas. Empolgaram sem difficuldade S. Jorge de Mina, seu principal forte actual, e varias outras praças que lhes foram cedidas pelo tratado de paz de 1641. Eis porque os portuguezes, que anteriormente eram os unicos senhores d'esta costa, d'ella foram completamente expulsos. Se querem negociar sobre esta costa, como em Fida e em Porto Novo, cumpre que primeiramente lancem ferro; porém as armações não se fazem em Portugal, vem directamente do Brazil.»

. . . . . .

«Uma das costumeiras mais singulares aqui, é o casamento de nossos europeus com as raparigas da terra. Dão a taes bodas o nome de *casares,* nome que deriva do portuguez e quer dizer *pôr casa.*

ISLE (M. DE L' ——).

Nouvelles cartes des découvertes de l'amiral de Fonte, et autres navigateurs espagnols, portugais, anglais, hollandais et russes, dans les mers septentrionales, avec leur explication qui comprend l'histoire des voyages, tant par terre que par mer, dans la partie septentrionale de la terre, les routes de navigation... avec

la description des pays, l'histoire et les mœurs des habitants, le commerce l'on y peut faire, par ——: Paris, 1753.

ISRAELI D'I.).

Curiosities of Literature. Moxons's Library Edition. London, 1883, 582 pag.
Pag. II.— *Poverty of Camoens.*
Pag. 113.— *Literary Controversy. Pedantic trifling of Comentators.* (Barreto.)

ITALIA E IBERIA.

Per le Augustissime Nozze di Sua Maestà Don Luigi I Re di Portogallo, con Sua Altezza Reale Maria Pia di Savoia. Cantica del Dottore Ambrogio Curti, Avvocato alla R. Corte di Cassazione, Cav. del R. Ordine Dei SS. Maurizio e Lazzaro, membro di varie Accademie Scientifiche e Letterarie.

Suvvia, dissi alla Musa, or non più mesta
In me, o cara degli estri ispiratrice,
De' liete carmi la virtù ridesta.

Per le patrie contrade una felice
Corse novella, che plaudendo udia
Ogni piano, ogni lido, ogni pendice.

Dicea che il sacro diadema offria
Il Sir che ha sovra i Lusitani impero
Seco a partir colla regal Maria.

Levommi allor l'accesso mio pensiero
In parte ov' era una commossa gente
Come di religione a pio mistero.

Dell' azzurro più bello era ridente
Il Cielo e l'aura tutta quanta oliva
Di fraganze di fior' soavemente.

L' armonia delle musiche festiva
Dell' itale vittorie a que' raccolti
L'argomento gentil risovveniva.

Il tripudio del cor ne' loro volti.
Sfolgoreggiava e l'alma mia comprese
Quella letizia che occupava i molti.

A eccelse antenne se vedean sospese
Sventolar le bandiere unite insieme
Del lusitano ed italo paese;

Significando la concorde speme
E il novo affetto onde son questi avvinti,
Che non fia meno nelle prove estreme.

Due nomi augusti si leggean dipinti
Su que' stendardi in degna communanza,
Da raggi d'oro tutt' intorno cinti.

Savoia, l'un dicea, altro, Braganza:
Diletti nomi che nei nostri cuori
Amor suonano entrambi ed esultanza;

Perchè a le genti scisse e fra i dolori
Sacro simbolo fian di redenzione
E a' despoti spavento e agli oppressori.

Ma ecco cessa ogni suono e si compone
A silenzio la turba e a reverenza:
Ecco di maraviglia altra ragione!

Giovinetta apparia: dell' innocenza
Dal leggiandro sembiante i rai diffonde
E tutta tien d'una Immortal parvenza.

Candido ha il peplo, in cui le belle asconde
Virginee forme e candidi i ligustri
Onde ha le chiome sue cinte e giaconde.

Ben cento la seguian donzelle illustri,
Su cui manti trapunto era l'emblema
D'un itala città dell' Arti industri.

In quella schiera procedeva estrema
Una coppia severa in bruno ammanto,
Che m' ispirava una pietà suprema.

Avean entrambi gli occhi ancor nel pianto
Non pel duol, ma per l'onta che le occupa:
Esse ch' ebbero un dia si altero vanto!

Recava l'una la romulea lupa
Pinta sul petto e mormoravan tutti
Costei veggendo estenuata e cupa:

Così l' han resa i secolari lutti,
Così i suoi figli ha pur la maledetta
Sacerdotal tirannide ridutti.

E l' altra avea nella veste negletta
Il leon di San Marco e sulla guancia
I segni dell' austriaca vendetta.

Oh se tanto dolor, superba Francia,
Mirato avessi, non la tua pietate
Agli oppressi sarebbe inutil ciancia.

Mentr' io guardava aquelle addolorate,
La regal Giovinetta a me parea
Più bella ancor di si sua nobilitate.

Sovra un trono d'elettro, il qual splendea
Di smeraldi, di perle, e di piropo,
Ella raggiante di beltà sedea,

E le cento donzelle venian dopo,
Quasi a regina dell' ausonio suolo,
Fatte agli sguardi sterrefatti scopo.

Si tacque ogni memoria in cor di duolo
E alle serene aure sposarsi allora
Gli inni alati d'amor s'udiron solo.

Or chi non vide d'un bel dì l'aurora
Sull' orizzonte ascesa, in quel momento
Che imperla il piano e la montagna indora;

E sparse non miró pel firmamento
Di vide vestite, o porporine
Muover le nuvolette a cento, a cento?

Tali venian parecchie pellegrine
Verso il fulgido trono e nell'incenso
Pareano a tutti dir d'esser regine.

E como queste vi sostaren presso,
Venute come a una sorella amata,
Di ravvisarle allor mi fu concesso.

A' colori onde ognuna era fregiata
Si palesava a me la Scandinava
E la Polacca donna insanguinata:

Scorsi del paro la gran Madre Slava
E la Figlia d'Arpad e insiem la fiera
Amazzone di Grecia e la Moldava.

Innanzi a tutta l'onorata schiera
Venia recando uno gemmato scettro
Ilare e bella la matrona Ibera.

Oh perchè a me non fu concesso il plettro,
Che il Cantor de' Lusiadi ottene in dote
E che il fa ancora invidiato spettro?

Ch' io qui vorrei con immortali note
Ridir di quella i generosi accenti,
Che mal ripeter il mio labbro or puote.

O regal Giovinetta, i voti ardenti
Abbi in oggi di noi, che un giorno pure
Fummo regine di famose genti!

Ragion di stato, orribili scissure,
O la spada di barbari ladroni,
Od altre inenarrabili sventure,

Del nostro fleto furon le cagioni,
Che noi per lunga età, schiave, ó divise,
Dal banchetto cacciâr delle Nazioni.

Itale, a voi la libertate uccise
Pur lo straniero e lungamente poi,
Come la Figlia di Sïon, v' irrise.

Infino al dì che i nostri mille eroi
Alle bataglie suscitò animosi:
Emmanuel, che Iddio concesse a voi.

Noi pur, noi pur gli esempi generosi
Dalla prode trarremo itala terra
Nei non lontani giorni avventurosi,

Perchè già romba dell' estrema guerra
Delle tradite Nazioni il nembo,
Già, già l'ultrice folgore si sferra.

I nostri figli raccorremo in grembo
E del retaggio che il Signor ne die
Non più usurpato ne vedremo un lembo.

Oh! vieni, vieni alla novella sede,
Auspicata Maria, poichè l'Ibero
Ti vuol custode della patria fede.

Al tuo Luigi il nobile pensiero
Legaron gli Avi, che dall' Ebro al Tago
Una famiglia fosse ed un impero.

Tu presso a Lui sarai vivente imago
Di questa Italia, che dall' Alpe a Scilla
Già un medesmo proposito fe' pago;

Sì che l'intendimento, ancor favilla,
Tu ricordando, in incendio divampi,
Ch' ogni cittade infiammi ed ogni villa

Più tra gli ispani e i lusitani campi
Non limite s' innalzi o barriera,
Nè all' affetto comun sorgano inciampi:

Come nei giorni dell' età primiera,
Tornino entrambi i popoli fratelli
Al Santo petto della Madre Ibera.

E ne' miei fasti più gloriosi e belli
Sarà il tuo nome scrito, benedetta
E dai nepoti e chi verrà da quelli.

Disse ed alla sabanda Giovinetta
Porge il geminato scettro, e quella pia
Lieta lo scettro e i voti ardenti accetta.

Allor d' argentee voci un' armonia
S'intese, como d'infantile coro,
Intonar, dolcemente: *Così sia!*

E ascender vidi sovra i lembi d' oro
Dell' orizonte gli angioletti a cento,
E la melode si partia da loro;

Quindi con si ineffabile concento
Gui inni destar sulla divina ietra,
Che stette immoto sovra l' ali il vento.

Dagli ardenti turiboli per l' etra
Spandean altri i profumi e la soave
Onda trascorre e dovunque penetra;

Versavan altri invece il corno grave
Delle rose cresciute in paradiso,
La dove il fiore l' uragan non pave.

Bianche le vesti avean, raggiante il viso,
E diffondean intorno que' divini
Un sovrumano gaudio ed un sorriso.

Ma il più bel de' leggiadri cherubini
Spiegando il volo sovra il trono stette,
Ove l' Italia Donna i suoi destini.

Aveva udito con parole elette
Profetar poco inanzi alti e beati
Da quelle pellegrine benedette

Poscia sovra il bel capo, ove intrecciati
Erano a vaga nuzial ghirlanda
I ligustri più candidi e più grati,

Depose quel celeste — opra ammiranda!
D' oro e di gemme sfolgorante serto,
Che a tutti, a tutti lo stupor domanda.

Un plauso è un viva allor per quell' aperto
Loco improvviso si levò possente
Sovra il labbro d'ognuno; — e a me che incerto

Infra l'estasi e il ver già avea la mente,
Quell' alta fantasia dentro la testa
Si ruppe e appieno stelti a me presente.

Un gran popolo io scorsi alloro in festa
E giulivo gridar io lo sentia:
«De' Lusitani la Regina è questa:
Onore e gloria alla regal Maria.»

ITALIA MUSICALE.

Dá noticia, no n.º 8, da representação do drama sobre Camões: *Poeta e Re,* de Leone Fortis, em Milão, em 1851.

ITINERARIUM *Hispaniae et Lusitaniae. Nova et accurata descriptione, iconibusque novis et elegantibus loca eorumdem praecipua illustrans.* Amstaelodami, apud Aegidium Jansoni, Valckenier. 1656, in-12, 364 pag.

Esta descripção é baseada em obras portuguezas, como, por exemplo, *Chorographia,* de Gaspar Barreiros, *De antiquitatibus Lusitaniae,* pelo nosso Rezende, etc.

ITURRIAGA (MANUEL MARIAN DE ——).— Jesuita, nascido em La Puebla de los Angeles, no Mexico.

El Doctor Rey: Pompa funebre con que la Ciudad de Guatemala honró la memoria de la Señora Doña Maria Barbara de Portugal, Reyna de España, esposa del Señor Don Fernando VI. En Guatemala, por Arevola, 1759, in-4.º

Oracion funebre pronunciada en la Catedral de Guatemala en elogio de la expresada Reyna. Ibid, id., 1759, in-4.º

IZARD (ALPHONSE ——).

Le livre d'or des peuples. Plutarque Universel. Paris, secondième année, contenant *Camoens, 1534-1579.* 2 fasc, in-fol.

J

«Los dos grandes poetas de la navegacion son Homero y Camoens per la Odyssea y las Lusiadas. Pero la epopea del lusitano supera en magnitud á la epopea del griego como el Atlantico al Mediterraneo.» (Emilio Castellar.)

J.

Grammatic Anglo Lusitana and Lusitana Anglo. Two parties. London, 1751.
Id. London, 1770.

J. A. M. F.

Le Portugal à la hauteur du siècle. Épitre satyrique à Mr. Antonio Feliciano de Castilho, par ——. Funchal, na typographia do *Imparcial.* 1845, 4.º

J. A. RIZZI ZANNONI.

Mappa dos reinos de Portugal e Algarve, feito sobre as Memorias topographicas de Vasque de Cozuela, do padre Lacerda, etc., por ——. Paris, Lattré, 1780.

J. DRIVER.

Letters from Madeira. 1 vol. in-12. London, 1838.

J. F. R.

Com estas iniciaes foi em Madrid, no anno de 1871, distribuida a seguinte poesia em honra dos escriptores portuguezes que foram visitar aquella cidade, e sob este titulo: *A los esclarecidos hijos de la Noble Nacion Lusitana, en su visita al cuartel de Invalidos de Madrid el 18 de maio de 1871:*

Venid, nobles Portugueses:
Venid en buen hora, entrad,
A ver gloriosos troféos
De la España militar
Aquí, en Atocha[1], le plugo
Al país, seis lustros ha,
Sacrificios y virtudes
De su Ejercito premiar,
Fundando este asylo humilde;
Mansion de tranquilidad,

[1] Antigo convento de religiosos dominicos.

Donde, nunca al desvalido
Falta un bocado de pan.
Proteccion le dá al Invalido,
Para no verle implorar
Óbulos, de puerta en puerta,
Que otorga la humanidad.
Cual veis, aqui no erigieron
Palacio monumental
Las Córtes Constituyentes
En su patriotico afan.
Digna de estos veteranos
Fuera la suntuosidad,
Mas, sobre el Arte grandioso,
Los grandes hechos están.
Siendo monumentos vivos
De la Historia Nacional.
Brilharán, por lo que valen,
En su humilde oscuridad.
Todos ellos os saludan
Y agradecen, á cual más,
La visita que les hace
Lusitania liberal.
Hijos sois de un Pueblo hermano:
Honra y pres sois, además,
De las letras y las ciencias,
Que, inspirados, cultivais.
Al pisar el suelo Hispano,
Y este albergue al visitar,
Aceptamos, cariñosos,
Vuestra sincera amistad.
Que, al través de los sucesos,
Nunca el hado romperá,
Entre Portugal y España
La concordia fraternal.

Nuestras Glorias nacionales
En la tierra y en el mar,
Se alcanzaron, juntamente,
Desde tiempo inmemorial.
Si Colon buscó otro Mundo
Ignoto, inmenso, feraz,
Para eternizar su Genio
Y á España inmortalisar;
Un Américo Vespucio,
De eterna celebridad,
Dió al Nuevo-Mundo su nombre,
Y su fama á Portugal.
Vénse, pues, caminar juntas,
En pos de lauro inmortal.
Ambas Naciones gemelas,
Desde su origen acá.
Y por designios del Cielo.
Sus dos Reyes, en verdad,
Con vinculos de la sangre,
Enlazados hoy están.
Paridades infinitas,
Se podrian recordar,
Que, en ellas, aunque casuales,
Hay algo Providencial.
Bástenos citar siquiera,
Una de tantas, que dá
Firme apoyo á nuestro aserto,
Y es, también, de actualidad.

Hubo dos claras lumbreras,
Genios de talla sin par;
Aguerridos militares,
De renombre universal,
Vates insignes; dos astros
Nacidos para brillar,
Después de vivir sufriendo
Pobreza y cautividad.
Camões!... Cervantes!... Soldados
Que, en Africa, al pelear,
Y en Lepanto, perseguidos
Por la fiera adversidad.
Sangre hidalga derramaron,
É invalidos al quedar,
Nadie, entonces, pensó en ellos...
Nadie, en su estado fatal...
Nadie comprendió sus obras...
Nadie amparó su orfandad...
Nadie rompió sus cadenas...
Nadie les vió sollozar,
Portugal y España ingratas
Se mostraron, por demás,
Á sus dos excelsos hijos,
Con notoria ceguedad.
Por eso, y en desagravio,
Presumen hoy, reparar
Sus faltas, en quienes sufren,
Amparando á cuantos hay
Ved, mutilados y ciegos:
Lacerados contemplad,
Por los largos corredores
Del pobre asylo marcial,

Resignados con su suerte,
Bajan, suben, vienen, van...
Ora cantan, ora rien,
Disfrutando hermosa paz.
Si alguno de ellos pensara
Que su estrella no es igual,
A la estrella de Cervantes,
Lloraria sin cessar;
Pues llorara agradecido
A la sociedad actual,
O al siglo, que, progresando,
Robustece su piedad.
Oradores y escritores,
Que así la opinion guiais,
De los pueblos, por la senda
De la mutua utilidad:
A vuestra institucion social
Que apaga instintos feroces
Y aviva la Caridad.

Ahora bien: pues sois egida
Del bien contra lo mal;
Pues sois custodios del misero
Y sus ayes consolais.
Dios vuestra mission bendiga:
Premie Dios tan noble afan.
En pro de nuestros hermanos
Los hijos de Portugal.

J. H. DE MAGELLAN.—Membre de la Société Royale de Londres et correspondant de la Académie Royale des Sciences de Paris.

A Monseigneur Turgot, Ministre d'État et contrôleur général des Finances. Paris, librairie, rue de Saint Jacques. Londres, chez Elmsley. 1775.

«... Mr. le Chevalier de Bery, chef d'escadre dans la marine française, et de l'Academie des Sciences de Paris, est un des derniers que je sache qui ait publié en France un *Traité sur Octants Anglois.* Ce livre a paru en 1751; et le dernier qui ait été donné en Angleterre, a été publié en 1771, par Mr. Ludlam, savant anglais, déjà connu du public par d'autres ouvrages estimés.

«C'est d'après ces deux auteurs, et d'après plusieurs autres, qui les ont devancé, que j'ai entrepris de nouvelles recherches dans ce même genre; et si je m'en rapporte au témoignage de personnes instruites, je puis me flatter d'avoir ajouté aux connaissances anciennes, quelques idées nouvelles.

«Je m'étais proposé de publier dans un de mes voyages à Paris, une esquisse de mes idées sur les nouveaux instruments de ma construction parceque je n'étais pas satisfait de celle qui en avait déjà paru dans une ouvrage periodique, et d'y ajouter un petit-précis sur les usages des octants e sextants ordinaires, pour en faire présent à mes amis et aux amateurs de l'art nautique. En effet, je me suis mis cet hiver à porté d'executer mon project, et j'ai commencé mon travail pour former une suite d'articles, dans les quels j'ai arrangé mes idées afin d'abranger le discours, en faisant fréquents renvois...»

J. J.

The Lusiad of Camoens, translated into english verse, by J. J. Aubertin. In two vol. London, 1878.

I

The navigators brave to entertain
The pagan King his every effort tried,
That he the Christian King's good will might gain,
A of a people so renowned, beside.
He grieves that fortune should have placed his reign.
From European fertile lands so wide,
Nor marked him neighbour of that strait to be
Which Hercules had opened to the sea.

II

With dances, plays, and other gaieties
All in accordance with Melinda's style
With usual and pleasant fisheries,
As Egypt's Queen did Anthony beguile
This famous King doth every day devise,
His Lusian quests their time away shill wile
With banquets and with dishes new and rare:
Fruits, birds, meats, fish, of every kind were there.

III

But now the Captain, seeing that much more
Than right he'd lingered, and that the fresh wind
Invites him to depart, and quick from shore
His pilots take, and stores of every kind
Will not delay; for still there lies before
Long way upon the silvery brine to find;
So to the courteous Pagan farewell says,
Who of them all a lenghened friendsship prays

IV

And more he asks him that his port may be
Made by his ships, at all times, place of the rest,
For nothing better can he wish to see
Than his estate by such brave men possessed;
And that, while life shall still be granted, he
Will thaithfully be ready, at his best,
To engage his life and realm, at any time,
For so good King, for people so sublime.

J. J. STELZER.

Vue à rebours, colorié, montrant le palais royal, le port et une partie de la ville. $0^m,48 \times 0^m,21$.

J. MALLET DU PAN.

Mercurio britannico, ou noticias historicas e criticas sobre os negocios actuaes, por ——.

J. MARTINEZ.

Revista litteraria bibliographica portugueza por, ——. Madrid, 1868, in-8.°

JACINTHO FREIRE DE ANDRADA.

The Life of Dom John de Castro, the fourth Vice-Rey of India, by ——. *Written in portoguese, and by Saint Peter Wyche, translated into english.* London, 1664, in-fol.

JAGEMANN (C. J.).

Leben des Marquis von Pombal aus dem italienischen übersekt, von ——. Dessau, 1782, 2 vol., in-8.°

Leben des S. J. v. C. u. M. v. P. Aus d' Ital. übers. v... Dessau, 1782.

JAHRBUCHER *für wissenschaftliche Kritik, herausg. von der Societät für wissensch. Kritik zu Berlim.* Jahrgang, 1837, vol. II. Berlin, 1837, 4.°

Traz a controversia entre Gries e Donner, ácerca das principaes traducções dos *Lusiadas.*

JAILLOT (H.).

L'Espagne suivant l'étendue de tous ses royaumes et principautés, compris sous les couronnes de Castille, d'Aragon et de Portugal. Carte géographique.

Perfectissima geographica delineatio regnorum Hispaniae et Portugalliae, auctore et sculptore Suggardo van Ansé. Amstaelodami, 1700.

JANER (S. P.).—Toscano.

A Carlo Napier, Ammiraglio di Portogallo, Visconte del Capo San Vincenzo, per la vittoria navale dei 5 Luglio 1833. Canzoni di ——. Londra, presso P. Rolandi, 20, Berners Street, 1833, 8.° 42 pag.

Encontra-se n'esta obra o soneto dedicado *Al Conte de Villaflor, duca di Terceira:*

Carco di gloria, in sua costanza invitto,
Scorrea le balze del natio terreno
Villaflor generoso, e al gran conflitto
Andava incontro impavido e sereno.

Ma doppio è il vario nel guerrier tragitto,
Onde al fero corsier stringendo il freno,
Il dubitar dell' alma in fronte ha scritto,
E l' audace desio che accoglie in seno.

A' suoi favella, e in animosi accenti
Mostra il doppio sentier, mostra il periglio,
Tutti gridan: Lisbona! i dulci ardenti.

Vittoria arride all' immortal consiglio,
E tu, gran cittadino, allor diventi
Della Patria Redenta il Primo Figlio.

E est'outro: *Al medesimo mentre è minacciata Lisbona:*

Della Redenta Patria il Primo Figlio
Diventi allora, e al tuo valor s' inchina,
E lieta applaude all' immortal consiglio,
Dell' aureo fiume la città regina.

Pur ti sovrasta micidial periglio,
E te a prove novelle il Ciel destina,
Move l' eroe dello sfrondato giglio,
Move il rabido Jena a tua ruina.

Son comete di sangue, e ad aspra guerra
Per le vie del terror, con empio zelo,
Fraggon la tua diletta eroica terra.

Ma invan! S' apre del Fato il fosco velo,
L' urna dell' avvenir già si disserra,
La Libertà del Tago è scritta in Cielo.

JANINUS (LUIZ ——).—Natural de Mantua, na diocese de Lyon. Morreu em 1672.

De vita et gestis S. Francisci Xaverii e Societate Jesu Indiarum Apostoli, Libri IV, ex R. P. Danielis Bartoli e Societate Jesu italico Romae approbato et edito latine redditi a P. Ludovico Janino ex eadem Societate. Lugduni, sumptibus Adami Demen, vico Mercatorio sub signo Fortunae. 1666.

Asiaticae Historiae Societatis Jesu, Pars posterior, libris quatuor consequentibus pertexens, quae post beatum S. Xaverii obitum Soc. Padres ad Dei gloriam in iisdem Provinciis gessere. Ex italico R. P. Danielis Bartoli Romae excuso, Latine reddita a R. P. Ludovico Janino, utroque Societatis ejusdem Sacerdote. Lugduni, sumptibus Adami Demen, 1667, in-4.°, 414 pag.

JANNAPOLIS (ANTONIO ——).—Jesuita, siciliano.

Trionfi Sacri de' Sant' Ignatio Loiola, e Francesco Saverio. Messina, Francesco Bianco, 1622, in-8.°

JANNSSEN (M. LÉON ——).—Membre de la société de géographie de Bruxelles, etc.

Godinho de Eredia; Malaca; L'Inde Orientale et le Cathay; Fac-simile du manuscrit original autographe de la Bibliothèque Royale de Belgique, publié par les soins de ——. Bruxelles, 1881, fol., 82 pag. Imprimé par E. Lambert. Stevelinck.

Contém, afóra o texto:

1. Planta da fortaleza de Malaca; 2. Retrato de Affonso de Albuquerque; 3. Planta da fortificação da cidade de Malaca; 4 e 5. Mappas; 6. Tábua antiga da Aurea Chersoneso; 7. Cruz que parece ser de algum christão de Meliapor; 8. Peytaca do Doryam (arbusto); 9. Mangostan (arbusto); 10. Tambolyn com o armadilho; 11. Guerreiro malaio; 12. Tábua antiga do Chersoneso; 13. Tábua de Samatra moderna; 14. Ptolomeu XI, tabula da Asia; 15. India intra Ganges; 16. India superior; 17. Mar Indico, Taprobana; 18. Indostan de Asia; 19. Ptolomeu, tabula ultima de Asia; 20. Tábua moderna de Taprobana; 21. Lancha de malaios e junco ou soma da China; 22. Aegyptus, Aethiopia, Mar Roxo, etc., por onde passaram os mercadores antigos; 23. Typus orbis terrarum; 24. Manga do mar; 25. Macareo de ondas; 26. Armas de D. Helena Vesiva; 27. Mappa de Sincapura, estreito Sabam, Vintana, etc.; 28. Ptolomeu, tabula de Asia XI reformada; 29. Fabrico da cidade de Malaca intra-muros, anno 1604; 30. Retrato de Micer Francisco Xavier, da ordem da companhia de Jesus, anno 1542; 31. Descripção chorographica do Macasar; 32. Descripção chorographica do Moluco; 33. Christandade; 34. Mappa; 35. Cruz apparecida no céu em 24 de novembro de 1602; 36. Descripção chorographica do sertão de Malaca, anno 1602; 37. Descripção chorographica do promontorio de Vpontana; 38. Estreitos; 39. Descripção do sitio da fortaleza de Muar, fundada pelo descobridor Manuel Godinho de Eredia, anno 1604; 40. O vice-rei D. Francisco da Gama; 41. O vice-rei Ayres de Saldanha; 42. Mappa; 43. Arvore da geração desde Noé; 44. Indostão; 45. Mappa da India extra Ganges; 46. Empreza da India meridional; 47. Retrato de Manuel Godinho de Eredia; 48. Fac-simile do mappa achado no British Museum por M. Major; 49. Fac-simile da letra de Godinho Eredia.

«No 1.º de março de 1861, Mr. Major, conservador da repartição cartographica do British Museum, informava a academia das sciencias de Londres, da descoberta, nas collecções do British Museum, de um mappa manuscripto, parecendo ser copia de um mappa mais antigo, e que indicava o portuguez Manuel Godinho de Eredia como havendo descoberto a Australia. Esta copia, eivada de erros, devia ser trabalho de um copista inexperiente, e Mr. Major exprimia a respeito da sua descoberta a esperança de que ella seria completada com o encontro de outros documentos relativos a Eredia, a quem o mappa-mundi do British Museum attribuia a honra de ter sido o primeiro que conheceu a Australia.

«Por outra parte, em 22 de março de 1875, a academia das sciencias do instituto de França recebia de José da Silva Mendes Leal, então embaixador de Portugal em Paris, copia de um documento encontrado pelos fins de 1874, nos archivos de Lisboa. Este documento foi reproduzido com uma grande perfeição pelos cuidados dos sabios portuguezes. Era uma carta assignada por Manuel Godinho de Eredia, na qual pedia a um personagem, que ficou sendo desconhecido, provavelmente um dos governadores de Malaca, para ser nomeado para ir á descoberta da ilha do Ouro.

«Um documento de uma importancia bem differente se achava na bibliotheca real de Bruxellas, onde tinha estado por muito tempo sem lhe prestarem attenção, sem duvida por fazer parte de um fundo especial, e provavelmente tambem porque nas costas trazia estas palavras: — F. Xaverii, M. S. 1613 — a qual não fôra feita para chamar a attenção sobre ella como documento geographico.

«Este manuscripto, que Mr. Ruelens, conservador na bibliotheca real da Belgica fez conhecer, achava-se entre immensos materiaes recolhidos pelos bollandistas para a redacção da *Acta Sanctorum*, e parece ter sido incluido n'esses documentos pelos historiadores sagrados, por encerrar um curioso retrato de S. Francisco Xavier, com uma noticia relativa ao apostolo das Indias.

«Em 1732 o manuscripto foi dado á sociedade de Jesus pelo conego De Haze, assim como o indica esta inscripção que figura na primeira guarda: *Societati Jesu Bruxellensi, J. H. De Haze, canonicus divae Guduliae donat Francisci Xaverii, Indiarum apostoli gratia, cujus sanctissimi viri imago cernitur, fol. 47 v. 1732.*

«Em 1773, por occasião da suppressão da ordem dos jesuitas na Belgica, passou o manuscripto para as mãos do estado, e figura hoje entre os documentos mais interessantes que possue a bibliotheca real.

«Já em 1871, emquanto o cavalleiro Antas era ministro de Portugal em Bruxellas, fôra formado o projecto de fazer a reproducção d'este manuscripto. Não se realisou este projecto. Animados pelo sr. conde de Thomar, ministro de Portugal em Bruxellas, que deu para esta publicação o precioso concurso de seus conselhos, podemos terminar hoje o trabalho de reproducção do manuscripto de Godinho de Eredia, o qual a bibliotheca de Bruxellas possue.

«A reproducção dos numerosos planos e desenhos que encerra este manuscripto, e a reproducção do seu texto, foram objecto de cuidados os mais escrupulosos; até as imperfeições d'este documento foram respeitadas, com o fim de se obter um fac-simile absolutamente fiel.

«Julguei dever pôr em seguida á reproducção do manuscripto de Bruxellas um fac-simile da carta existente nos archivos de Lisboa, e uma copia da carta achada em Londres por Mr. Major. São elementos para a reivindicação dos

direitos de Portugal á descoberta da Australia e para o estudo da curiosa figura do descobridor Manuel Godinho de Eredia.

«Mostra-se, com effeito, pelo manuscripto de Bruxellas, que em 1601, Godinho de Eredia tinha conhecimento de uma terra, a qual foi encontrada pelo navio hollandez *Het Duyfken,* em 1606; e no emtanto os hollandezes reivindicam para o seu navio *Het Duyfken* a gloria de ter descoberto a Australia.

«Os documentos que publicâmos não servirão sómente para discutir esta questão tão interessante para a historia de Portugal e para a sciencia geographica, mostram-nos em Godinho de Eredia um homem erudito e um cosmographo distincto; forneceu, alem d'isso, sobre as regiões de Malaca, no principio do XVII seculo, particularidades mui completas, mui interessantes, e até mesmo ineditas, segundo julgâmos.

. . . . . .

«Malaca significa mirabolanos, fructo de uma arvore plantada ao longo de um ribeiro chamado Aertele, que desce das fontes do antigo outeiro de Ruquet China para o mar, d'aquella costa de terra firme de Viontana, áquem do rio, para sueste, onde aquelle Permicuri, primeiro monarcha dos malaios, fundou aquella povoação chamada Malaca, tão celebrada no mundo, a 2° 12′ de latitude septentrional, onde se cruzam o meridiano com o vertical, na zona torrida, antes do primeiro clima em doze horas e seis minutos de maior dia. Ptolomeu não faz menção d'este nome por ser moderno, posto pelo dito monarcha fundador de tal sitio no tempo do pontificado de João XXIII, sendo Rei de Castella Dom Juan II e Rey de Portugal D. João I. Anno 1411.

«Antes da fundação, era sitio de saletes (sic), pescadores, que se recolhiam á sombra d'aquella arvore de mirabolanos. Estes pescadores pescavam com dardes (sic) de arremesso, chamados soligues, que atravessavam o peixe nadando no fundo do mar, sem uso de outras redes; por ser gente agreste, antropophagos que habitavam no mar austral d'aquella costa.

«O antigo isthmo de terra estreita da Ponta de Tanjontuan, agora chamado Caborachado, que se encorporava com a outra ponta de Tanjonbalvala de Samâtta ou Samâttra, se estendia entre dois mares, um mar septentrional e outro austral. E como em passadiço passavam os naturaes de terra firme de Viontana para Samâtta, que significa Peninsula ou Chersoneso, chamado por Ptolomeu Chersoneso Aureo, de que adiante faremos menção.»

JANSSONIUS (G.).

E. *Nova Regni Hispaniae descriptio.* Amstaelodami, 1605.

Cartes géographiques avec vues de Lisbonne, Valladolid, Toledo et Seville.

JANVIER.

Les royaumes d'Espagne et de Portugal divisés par grandes provinces dressés sur les observations astronomiques. Par ——. Paris, 1762.

JARRIC (PIERRE DU ——).— Jesuita, natural de Toulouse, admittido ao noviciado em 1582, com dezesete annos de idade. Professou durante quinze annos theologia moral no collegio de Bordeaux, e morreu em Saintes no anno de 1616[1].

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 344.

Histoire des choses plus mémorables advenues ès Indes Orientales, que autres pays de la découverte des Portugais, en l'établissement et progrès de la foi chrétienne et catholique. Le tout recueilli et mis en ordre par le P. —— Tolosain, de la Compagnie de Jésus. A Arras, de l'imprimerie de Guill. de la Rivière, à l'enseigne du bon pasteur, 1611, in-8.º

Bibliotheca de Bruges, n.º 3728-b.

Brunet cita Arras, Gilles Bauduyn, 1611, in-8.º Watt cita: *Nouvelle histoire des Indes Orientales.* Arras, 1628, in-8.º

Histoire des choses plus mémorables advenues tant ès Indes Orientales, qu'autres pays de la découverte des Portugais en l'établissement et progrès de la foi chrétienne et catholique, et principalement de ce que les religieux de la Compagnie de Jésus y ont fait et enduré pour la même fin, depuis qu'ils y sont entrés jusques l'an 1600. Le tout recueilli des lettres et autres histoires qui en ont été écrites ci-devant et mis en ordre par le P. —— Tolosain, de la même Compagnie de Jésus. A Bordeaux, par S. Millanges, imprimeur ordinaire du Roi, MDCVIII, in-4.º, 699 pag.

Alguns exemplares trazem a data de 1610, na portada gravada.

2.ª parte. Ibid., 1610, 699 pag.

3.ª parte: ... desde o anno de 1600 até 1610.

Ibid., 1614; 1:067 pag.

Ao todo 3 vol. in-4.º

*
* *

«Embora o titulo d'estas duas obras seja o mesmo, as materias que encerram são totalmente differentes. O primeiro começa por uma dedicatoria a Luiz XIII; o segundo é dedicado a Henrique IV.

«Ao principio tinha Jarric tão sómente resolvido passar para francez as relações publicadas pelos jesuitas italianos e hespanhoes ácerca dos estabelecimentos que a Sociedade acabava de formar na America. Mas, havendo cada escriptor tratado tão sómente de uma provincia, apresentava pormenores omittidos pelos outros, e a não ser que lessemos todas estas relações, apenas poderiamos ter uma idéa incompleta dos trabalhos dos missionarios em o Novo Mundo, e dos paizes, dos quaes, para assim dizermos, elles tinham feito uma nova descoberta. Jarric, renunciou, portanto, ao seu projecto, e, tomando na relação de cada missionario o que havia de mais interessante, com isso compoz a obra de que se trata.

Embora não tenha sido, como se diz na *Biographie toulousaine,* testemunha occular dos factos que refere, nem por isso deixa sua obra de conter ácerca dos costumes dos indios e a respeito da historia natural, uma chusma de pormenores, dos quaes as narrações dos novos viajantes confirmaram a exactidão.

R. Petri Jarric Tholosani Societ. Jesu Thesaurus rerum Indicarum. In quo Christianae ac Catholicae Religionis tam in India Orientali quam aliis Regionibus Lusitanorum opera nuper detectis. Ortis, Progressus, Incrementa, et maxime quae a PP. Soc. Jesu ibidem in dictae Fidei plantatione ac propagatione ad annum usque M.D.C. *gesta atque exantlata sunt non minus vere quam eleganter recipientur. Additae sunt passim earundem regionum et eorum quae ad eas pertinent tam chorographicae quam Historicae descriptiones. Opus nunc primum a M. Martino Martinez e gallico in latinum sermonem translatum.* Coloniae Aggrippinae sumptibus

Petri Henningii, Anno 1615, in-8.º, 3 vol., 808-653-621 pag., afóra a epistola dedicatoria.

JAY (M. A.).

Voyage dans la partie septentrionale du Brésil, depuis 1809 jusqu'en 1815, comprennant les provinces de Pernambuco, et traduit de l'anglais de H. Forster, par ——. Paris, 1817, 2 vol. Com estampas coloridas.

JAY (MR.).

God bless fair Portugal
Long live her noble King
God save the King.

May them peace remain
Honour and health retain
Long may her sovereign reign
God save the King.

God bless fair Portugal
Long live her noble King
God save the King.

Make hers a happy land
Joining with heart and hand
Her best friend Old England.
God save them both.

Esta poesia foi offerecida ao presidente da camara municipal de Lisboa, o barão de Mendonça, e ao presidente da camara municipal do Porto, por occasião do jantar que o lord mayor deu em Londres em 1875, para o qual foram convidados representantes de um grande numero de camaras municipaes estrangeiras, como o syndico de Roma, de Florença e de Turim, o embaixador de França, o burgo-mestre de Bruxellas, o burgo-mestre de Amsterdam, etc., compondo ao todo uma reunião de mais de seiscentas pessoas, entre as quaes estava o ministro do Japão, o lord mayor de Dublin, etc.

Estes versos encontram-se transcriptos no relatorio apresentado á camara municipal de Lisboa pelo seu presidente, barão de Mendonça, em 1875.

JEAN FUGAIRON.

Vasco de Gama et les portugais.

Artigo publicado no jornal francez *L'Audience,* de Paris, em 5 de julho de 1892:

«La glorification des grands navigateurs est à l'ordre du jour, et il n'est rien qu'on ne fasse en faveur de l'immortel Christophe Colomb, que Léon Bloy appelle le «Revelateur du globe», et que le comte Roselly de Lorgues veut faire sanctifier.

«Le quatrième centenaire de la découverte du nouveau monde approche et en ce moment à Paris, sous le titre de «Reconstitution de la vieille Amérique»,

on a très heureusement reproduit les scènes principales du voyage et de la découverte du célèbre génois.

«Rien n'est plus équitable que cette tardive apothéose; mais il nous paraît plus équitable encore de rendre au Portugal la place qui lui revient, c'est-à-dire, la première dans l'histoire des grandes découvertes maritimes. Lorsque sous João III, Pero Gallego eut réuni quelques amis dévoués, il leur dit que — la fortune devenait amoureuse de ceux qui l'allaient chercher.

«Il semble que ce héros devenu presque légendaire, ait donné ainsi la formule des glorieuses tentatives faites autrefois par les fils de la Lusitanie.

«Mais parmi ces grands audacieux il en est un que la musique et la poésie ont rendu populaire et en réalisant ses exploits, nous pensions que s'il était juste de glorifier Colomb, le moment était opportun pour rappeller ce que fut Vasco de Gama.

«Lorsque D. Manuel, un an après qu'il fut monté sur le trône, jugea qu'il était temps enfin de réaliser les vastes projets conçus par ses prédécesseurs et pénétrer dans ces mystérieuses Indes, sur lesquelles on n'avait que d'incertaines notions, le roi se souvint que Vasco de Gama avait été l'homme de João II, et son titre de capitaine-major de la flotte des Indes lui fut maintenu.

«Pacheco, celui que Camoens a appellé «l'Achille de la Lusitanie», nous a laissé les intéressants détails des préparatifs qui furent faits au sujet du départ, qui eut lieu le 8 juin 1497, sur quatre navires.

«La première relâche s'effectua à Sant-Iago, dans l'île du Cap Vert, puis on arriva à la baie de Santa-Héléna, près du cap où on fit escale et où Vasco de Gama expérimenta divers instruments nautiques, entre autres l'astrolabe, instruments qui, dit naïvement Barros, avaient rendu des services aussi éminents qu'ils étaient grossiers.

«Le 24 février, Vasco de Gama jettait l'ancre devant Mozambique, où il courut les plus grands dangers et où sa grande intelligence se montra sous son vrai jour.

«A Mombaça ses navires furent près d'être enlevés par les Maures; enfin, le 15 avril 1498, jour de Pâques, il entrait dans le port de Mélinde dont le roi musulman avait, disent les chroniqueurs, un cœur de chrétien. Il lui fit une réception enthousiaste quoique fort effrayé par les salves qu'en son honneur fit tirer Gama.

«Ce dernier lui fit cadeau de treize prisonniers qu'il avait faits en mer.

«A la fin de mai les portugais débarquaient à Calicut.

«Il faut se reporter à l'époque où les événements ont eu lieu, pour comprendre toute leur valeur; il faut se représenter ce grand navigateur ayant tout le long de cet audacieux voyage à lutter contre des difficultés inouïes: révolte de l'équipage, trahizon des Maures de Mozambique, tentatives criminelles des habitants de Mombaça; il faut se dire qu'en ce temps on ignorait la direction des grands vents et la favorable époque des moussons, et qu'on n'avait que des cartes primitives, n'indiquant pas les lieux de relâche, pour se rendre compte de la grandeur du résultat obtenu.

«En débarquant à Calicut, Vasco de Gama et ses compagnons furent reçus par le Cantonal, ministre du Samori, suivi d'une foule immense qui les accompagna jusqu'à une pagode où les Portugais firent leurs dévotions: telle était la curiosité des Indiens, qu'on fut obligé de livrer un passage aux portugais à coups

de cimiterre. Enfin ils arrivèrent jusqu'au Samori, à qui le grand navigateur raconta tous ses efforts, la puissance de D. Manuel, le désir qu'avait son monarque de conclure un traité. Mais D. Manuel avait commis une faute que n'eût pas commise João II: c'était d'offrir des présents insuffisants.

«Vasco, sortant de cette audience, fut abreuve de dégoût, et après avoir lu Castanheda, on demeure convaincu que, sans l'effroi inspiré par l'artillerie des navires, jamais ces chrétiens ne seraient retournés en Portugal. Le Cantonal avait exigé que les gouvernails des vaisseaux fussent rémis à l'autorité, le souverain de Calicut réclamait une somme exhorbitante pour le droit de ancrage; deux portugais avaient été retenus prisonniers.

«De Gama frappa un grand coup. Feignant de tout ignorer, il attira à son bord douze grands personnages par l'appât du gain, et, les retenant comme otages, il écrivit une lettre menaçante au radjà, qui rendit la liberté aux deux portugais; mais Vasco ne remit que six otages et partit le 29 août 1498 pour l'Europe, en dissipant à coups de canons les embarcations qui essayaient de le poursuivre.

«Quand il fut revêtu du titre d'amiral des Indes, il jugea qu'il était temps d'affirmer la conquête; il repartit de Lisbonne pour la seconde fois, avec une véritable armada de vingt caravelles et aborda à Calicut en conquérant. L'histoire a conservé le souvenir de cruautés peu en l'honneur de l'amiral; mais nous devons nous reporter au temps où elles furent commises et où la mauvaise foi des arabes et la trahison des indous pouvaient presque les expliquer, sinon les excuser.

«Après avoir été sur le point de perdre sa flotte par la perfidie d'un brahme, il revint une seconde fois à Lisbonne, et D. Manuel eut l'assurance que la conquête pénétrait enfin dans le domaine de la réalité.

«Quant à Vasco de Gama, pour des raisons inconnues, il rentra dans l'oubli et y demeura pendant vingt ans.

«En 1524 cette injustice fut réparée: Vasco, renommé vice-roi de l'Inde, partit pour le Malabar une troisième fois, et alla mourir à Cochin.

«L'Inde était conquise.

«Quelques années auparavant, le Brésil l'avait été, mais d'une manière plus pacifique.

«Et maintenant, pour la gloire des conquérants portugais, nous ne rappelerons que pour mémoire la célèbre prise de Ceuta, — la decouverte de Porto-Santo et de Madère, des Açores et de leur archipel, — les voyages de Diogo Cam et d'Affonso d'Aveyro, qui allèrent jusqu'au Bénin et qui donnèrent au roi leur maître João II, le titre de «seigneur de Guinée»,— l'expédition mémorable de Bartholomeu Dias au Cap «des Tourmentes», que João surnomma «Cap de Bonne Espérance», — celle de João de Novo à l'île de la Conception et au rocher de Sainte-Hélène, — de Cabral aux Indes, — et celle du plus grand de tous, l'immortel Albuquerque. L'histoire a aussi enregistré les noms de Duarte Pacheco Pereira et Antonio de Abreu, qui allèrent à Java et à Malaca; Nuno da Cunha, que anéantit le pouvoir du sultan de Bahdour; — Heitor da Silveira, qui rendit le cheick d'Aden tributaire des portugais, — le gran Magellan qui découvrit le détroit qui porte son nom.

«Un peuple qui n'a pas su trouver des limites à sa gloire, ne saura pas en trouver à ses espérances.

«Le Portugal se transforme tous les jours; et chaque fois qu'un voyageur

revient d'une excursion dans ce beau pays, il constate combien sont légitimes les nobles ambitions des portugais. En montant sur le trône, D. Carlos a résumé de main de maître ce qu'on pouvait attendre de sa nation.

«Dans toutes les périodes de son histoire, a-t-il dit, elle a été illustre entre toutes, fidèle à la religion, vaillante dans la défense de son indépendance, hardie dans les conquêtes, audacieuse dans les découvertes maritimes, grande dans la civilisation.

«Elle se distingue aussi noblement par sa loyauté envers ses monarques et ses institutions libérales qui sont le soutient de la monarchie et la garantie de la paix et de la prospérité publique.

«Le Portugal, en effet, qui jouit du plus beau climat qui soit au monde, est aussi en pleine prospérité matérielle: il produit abondamment du vin, des céréales, de l'huile. Les mines seront plus tard d'une richesse incalculable.

«Les chemins de fer et la marine marchande sont en pleine activité; ses colonies ont deux millions d'hectares de superficie: Timor, Macao, Goa, le Mozambique, Angola, le Cap Vert, les îles de Saint-Thomé et du Prince.

«L'instruction y est largement donnée, et l'Université de Coïmbra, célèbre à plus d'un titre, a une origine qui est des plus intéressantes pour les lettrés français, puisque João III s'est inspiré pour la créer de l'école bordelaise.

«Le gouvernement portugais nous est également cher depuis qu'un royal lien a uni la maison de Bragance à la maison de France.

«C'est au roi actuel qu'il doit certainement le rang qu'il occupe; et le jour que — pour le bonheur de son peuple nous désirons le plus éloigné possible — la Providence rappellera à elle le roi D. Carlos I, il pourra dire comme un homme d'État de son pays et avec plus raison que lui: «Je sais que je vais vous manquer.»

JEANNETTE *ou la chrétienne parfaite en son état. Histoire portugaise.* A Lyon, chez Etienne Rusand, libraire, rue Merciere au Soleil d'or. 1776, 8.º pequeno 328 pag.

É um romance moral e religioso, no qual se faz ver quão felizes podem ser todos, e em todos os estados, regulando-se pelas maximas do Evangelho.

De portuguez nada tem este romance, a não ser de vez em quando o nome de alguma povoação. A paternidade portugueza talvez não passe de uma pura ficção.

Foi reimpresso mais tarde com o seguinte titulo:

Histoire de la vertueuse portugaise, ou le modèle des femmes chrétiennes. Dedié aux Rosières de Salency. Par M. l'Abbé Maydieu, ci devant chanoine de l'eglise de Troyes. Nouvelle édition. A Besançon, chez la veuve Métoyer, imprimeur libraire. 1817, 8.º VII–338 pag.

A traducção é muito mais paraphraseada e augmentada com varios factos que se não encontram na anterior.

Diz-se no prefacio que esta historia fôra encontrada n'um velho palacio por uma senhora que n'elle residia, confiada ao padre Maydieu e por este traduzida a pouco e pouco; mas que alguem sem consentimento do padre a mandára imprimir em Lyon, onde ainda se deve achar, muito imperfeita.

Eis porque se tratou de fazer uma nova edição o mais litteralmente que foi possivel emquanto ao sentido, não se sujeitando, comtudo, á construcção e a certo phraseado que não seriam supportaveis aos ouvidos francezes.

Apesar d'esta declaração não creio na origem portugueza do romance.

JEANNIN.

Les négociations de mr. le président ——. A Amsterdam, chez André de Hoogenhuysen. 1695, 8.º, 468 pag.; vol. II, 537 pag.

Encontram-se n'esta obra dois documentos que dizem respeito a Portugal.

Trancrevo a *Carta do Rei a mr. Jeanin, de 3 de março, relativa aos Principes de Portugal:*

«Senhor.—O fallecido Rei de Portugal, D. Antonio, que Deus haja, pouco tempo antes de sua morte pediu-me em uma carta sua *(lettre expresse)*, quizesse eu ter a bondade de tomar debaixo da minha protecção seus dois filhos D. Manuel e D. Christovão, e que os protegesse em seus direitos e pretensões contra toda e qualquer usurpação. Depois deixaram-se ficar na minha côrte.

«E agora que estamos proximo do termo de concluirmos algum tratado na Hollanda, o dito D. Manuel, tendo resolvido dirigir-se áquelle paiz com o fim de tentar conseguir alguma cousa relativamente a suas pretensões, eu vos escrevo esta carta, a fim de que, se porventura em tal se fallar, e vos disse tiverdes conhecimento, vós façaes a diligencia para que elles sejam favoravelmente tratados pela minha recommendação, a qual eu muito estimarei que empregueis n'esta occasião.

«Rogo a Deus, sr. Jeannin, que vos tenha na sua santa guarda.

«Escripta em Paris, a 13 de março de 1608.=*Henrique.*= E por baixo: *Brulart.*

De pag. 142 a 157, do vol. I, ha uma carta relativa ao commercio dos portuguezes, hollandezes e inglezes na India, etc.

JELLENTSCHITSCH ou **JEBLENTSCHITZ (FREDERICO ——).**—Prégador jesuita celebre, natural de Laibach, onde nasceu em 1632.

Neuntäge, Andacht zu Ehren des H. Francisco Xaverio, Indianischen Aposteln. 1662.

Der Indianische Wundermann Francisco Xaverius eine Lobrede. 1666.

JEPHSON (ROBERT ——).

Braganza. A Tragedy. London, 1775.

JÉSUITE (LE) *errant, ou Lettres du P. Alphonse, jésuite portugais au général de son ordre à Rome; avec les réponses de ce dernier sur la conspiration de Lisbonne et ses effets. Traduit de l'italien. Par le Ch... D. E. S. R. T. S. A.* Rome, aux dépens de la société, in-12, 40 pag.

A primeira d'estas suppostas cartas tem a data de—Alcantara, 2 de dezembro de 1758.

JEUDAH (PIZA ——).

Zibhe Jeudah, Dinim de Sehita e Bedica. Amsterdam, 8.º, 1 vol., 75 pag.

Pertenceu ao bibliomaniaco Pedro José da Silva. Tratado de muita importancia para os que quizerem exercer este officio.

JOACHIM.

Neu eröffneter Groschen. Cabinet 3. Fach: russ., u. portugies. Groschen. M. 10 Kupf (91 Münzabb). Leipsick, 1746.

JOÃO DE CASTRO.—Quarto Vice-Rei da India.

Roteiro em que se contém a viagem que fizeram os portuguezes, partindo de Goa até Suez, que é no fim e extremidade do Mar Roxo. Tirado á luz pela primeira vez do manuscripto original e acrescentado com o Itinerarium do Maris Rubri, por A. de Carvalho.

João de Castro. Primeiro roteiro da costa da India, desde Goa até Diu, narrando a viagem que fez Garcia de Noronha de 1533 a 1539. Publicado por Diogo Kopkë. Vista d'esta cidade pertencente aos portuguezes: gravura de Braun et Hogenberg.

JOHANN VI, *König von Portugal.* Leipsick, 1850.

JOHN LUFFMAN.

Arronches a fortified town of the Kingdom of Portugal. Plan gravé par ——. London, 1801.

The port of Lisbon. Plan gravé par ——. London 1801.

JOHN NANTIAT.

Charte von den Königreichen Spanien u. Portugal, exhibing the chains of mountains with their passes, &c., requis. for military operation by ——. Weimar, 1809; London, 1812.

JOHN (SAINT ——).

Indian Archipelago.

Trata esta obra do primitivo dominio portuguez nas ilhas do archipelago malaio[1].

JOHN (THOMAS ——).

Chronicles of England, France, Spain, and the adjoining countries from the latter part of the reign of Edward II to the coronation of Henry IV. Translated from the french by ——, *with a life of the author, &c.* 2 vol., London, 1844.

Memoranda to the lines thrown up to cover. Lisbon, 1810. *With 6 maps.* London, 1829. Printed per private circulation.

JOHNSON (D. M. RAMSAY ——).

Guia da conversação em francez e portuguez. 2.ª edição, correcta. Porto, em casa de A. R. da Cruz Coutinho, 1876.

JOLY (J. CRÉTINEAU ——).

Histoire religieuse, politique et littéraire de la Compagnie de Jésus, composée sur les documents inédits et authentiques, par ——. *Ouvrage orné de portraits. Troisième édition, revue, augmentée et enrichie d'une table alphabétique des matières.* Paris, Jacques Lecoffre et C.ᵉ, 1859, 8.º, 6 vol.

Traz varias estampas, e entre outras o retrato de João de Brito. É obra notavel, e na qual em cada pagina se falla das nossas cousas.

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama,* junho de 1874, pag. 135.

JONES (EDWARD ——).

Defence of the convention concluded in Portugal 30 of August 1808. With map. London, 1808.

JORDAN (JERONYMO ——).

Schediasma in quo generaliter de Lusitanniis rebus fit sermo, speciatim vero Camalae urbis situs, creatio atque etymologia investigantur.

Este opusculo, que não vi, parece ser extraordinariamente raro; é citado por Hübner nas suas *Noticias archeologicas de Portugal,* pag. 110.

JORDEN (ANTONIO ——).

A complet account of the Portuguese language. Being a copious Dictionnary of English and Portuguese, &c. London, 1701, fol.

Vem esta obra mencionada a pag. 37 do catalogo de livros antigos e modernos para leilão no dia 14 de novembro e seguintes. Lisboa, 1880.

JOSEPH (CAROLUS ——).—De ligne Princeps, S. R. I. Senescallus Hannoniae, marchio de Arronches, Regi a Consiliis.

In augustas nuptias Petri II Serenissimi Portugalliae et Algarbiorum Regis cum Serenissima Maria Josepha Elisabetha Neoburgensi Palatina Epithalamium canebat. Ulyssipone, ex typographia Michaelis Deslandes, 1687, fol.

JOSEPH (COMTE ——).

E. *Lettres historiques et politiques sur le Portugal (1822-1827).* Paris, 1850.

JOURNAL DES SÇAVANTS. *(Julho de 1818.)*

Os Lusiadas. Poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, correcta e dada à luz por D. José Maria de Sousa Botelho. Paris, na officina typographica de Firmin Didot, 1817, in-fol.

«Camões adquiriu sua propria gloria celebrando a da nação portugueza, porém não obteve nem recompensa nem distincção. Viveu na indigencia, desamparado e esquecido, e morreu acabrunhado pela miseria e pela ingratidão de seus compatriotas.

«E ha dois seculos e meio que os portuguezes sentem orgulho com uma tal fama litteraria, nada fazendo para repararem os aggravos de seus contemporaneos. Apenas algumas vezes reconhecidos exprimiram desejos de que um valioso monumento fosse consagrado á memoria do Homero portuguez.

«Um tal desejo realisou-o de um modo o mais nobre e mais duravel, o sr. conde de Sousa, que, justo e habil apreciador do genio de Camões, e por conseguinte um de seus mais zelosos admiradores, acaba de erigir o monumento o mais digno para honrar a nomeada do poeta, a gloria da nação, a quem o brilhantismo de suas proezas e a munificencia de um particular faz esquecer generosamente o olvido da propria nação.

«A bella edição dos *Lusiadas* publicada pelo sr. Sousa, não estando destinada para entrar no commercio da livraria, cumpre que lhe tornemos conhecidos os pormenores e a execução.

«O poema é precedido por um trabalho litterario do sabio editor. Póde um trabalho tal ser dividido em tres partes: 1.ª Cuidados que teve para ficar certo

da pureza e da correcção do texto; 2.ª Vida de Camões; 3.ª Juizo critico de sua epopéa e de suas obras.

«A primeira edição dos *Lusiadas* appareceu em 1572; uma segunda foi publicada no mesmo anno. Por muito tempo os commentadores das obras de Camões e seus biographos ignoraram a existencia de duas edições d'esta data. O primeiro que de tal fallou foi Manuel de Faria e Sousa, na segunda *Vida* que escreveu d'este poeta. São rarissimos os exemplares d'estas edições.

«O sr. Sousa determinou qual das edições é a primeira. A terceira edição, feita depois da morte do poeta, apresenta a data de 1584. Julguei conveniente indicar estas minudencias, pois conferindo estas edições de 1572 com as edições posteriores, o sr. Sousa poude ter a certeza de apresentar ao publico o texto mais puro, e mais correcto, tal, n'uma palavra, como tinha saído da pena do illustre poeta. Se em a nova edição tomou a liberdade de corrigir alguns erros, evidentemente de impressão, que encontrâmos nas edições de 1572, levou a delicadeza e o respeito a tal ponto, que cotejou verso por verso, a fim de que as pessoas que preferiam o texto primitivo, o podessem encontrar.

«Em vez de fallar eu mesmo de tudo quanto distingue esta bella edição, e que d'ella faz um dos mais bellos monumentos typographicos, do qual as imprensas francezas se podem honrar, remetto-me de bom grado ao excellente relatorio feito pela Academia de Bellas-Artes por uma commissão digna de apreciar os differentes generos de bellezas e de meritos que alli estão reunidos[1].

«Ao interesse que sempre inspiram os pormenores da vida de um poeta celebre, a de Camões tambem possue um interesse particular, e mais attrahente,

---

[1] Extracto do relatorio feito em 25 de outubro de 1817:

«A parte typographica foi dirigida e executada por Firmin Didot, muitissimo conhecido para que seja mister haver necessidade de nossos encomios; todavia não podemos dispensar-nos de dizer que este novo monumento, saído de seus prélos, iguala, se não excede, tudo quanto foi publicado até este dia. Os caracteres foram fundidos expressamente, o papel foi escrupulosamente escolhido, tanto em força como em côr, e a tiragem tão habilmente dirigida, que no emprego d'estes diversos elementos, desde a primeira até á ultima pagina não achámos nem a menor differença nem a mais ligeira alteração.

«Os desenhos, compostos por habeis artistas, foram todos submettidos á direcção de Mr. Gérard. Graças a esta vantagem as principaes scenas d'este poema foram tão bem aproveitadas, que d'ellas resultou uma physionomia unica em toda a obra, e o genio do preto nos parece ter inspirado o dos pintores. Cada um d'estes desenhos é um quadro de historia.

«Mr. Gérard determinou a escolha de differentes artistas encarregados da gravura do desenho; fazendo que o traduzissem talentos de uma habilidade reconhecida, poude felicitar-se por haver encontrado auxiliares que têem superiormente coadjuvado suas intenções, vantagem preciosa, devida á unidade de direcção n'uma empreza d'este genero, e da qual esta edição de Camões nos parece apresentar um typo perfeito.

«Pelo que nos diz respeito, só temos a felicitar o sr. Sousa por ter empregado n'uma empreza tão desinteressada, tão nobre e tão patriotica, artistas tão distinctos; e pensamos ao mesmo tempo ser do dever da academia o agradecer ao honrado editor pela escolha que fez das artes francezas para as associar á gloria do Homero portuguez.

«Este trabalho que o sr. Sousa consagrou á honra do poeta seu conterraneo, e á vantagem da litteratura do seu paiz, torna-se desde hoje pela communicação liberal que d'ella fez a todas as nações do mundo civilisado um monumento mais glorioso, mais util, e mais duradouro do que aquelles mesmos que podemos erigir com marmore e bronze. Tal é, meus senhores, a opinião unanime da vossa commissão.

«No Instituto (academia real das bellas artes), 25 de outubro de 1817.=*Bervic*=*A. L. Castellan*=*E. Q. Visconti*=*Verdier*.»

de modo que é uma lição continua dos mais nobres sentimentos. N'ella admirâmos por toda a parte a grandeza de alma, a generosidade, o amor da patria, o zêlo da gloria nacional, a sublime resignação da desgraça, que dão a mais alta idéa do caracter do Homero portuguez.

«Na analyse da vida de Camões, pelo sr. Sousa, pouco me deterei ácerca das circumstancias já indicadas pelos outros biographos; preferirei os factos menos conhecidos ou aquelles que o sr. Sousa narra com maior desenvolvimento.

«Sabemos que o poeta Camões nasceu em Lisboa no anno de 1525. Sua familia era nobre e seu pae não lhe deixou fortuna. Quando contava uns dezoito ou vinte annos de idade, Camões, que tinha cursado a universidade de Coimbra, voltou para a capital.

«Dotado de imaginação agradavel, de figura airosa, de coração sensivel e ardente, e de todas as vantagens que a natureza e a educação podem reunir, amou a D. Catharina de Athayde, dama do paço. Esta paixão inspirou a Camões a maioria de suas primeiras poesias; ella veiu a ser a causa das desditas do poeta.

«É permittido presumir que a poderosa familia dos Athaydes reclamou contra um amante sem fortuna o rigor das leis que puniam a temeridade d'aquelles que dirigiam homenagem ás damas pertencentes á côrte; foi exilado para Lisboa. Na sua terceira elegia Camões compara a sua situação á de Ovidio.

«Resolvido a não tornar a comprometter sua amante, procurou a gloria militar, e retirou-se para Africa; n'um combate naval recebeu uma ferida que o privou do olho direito. No regresso a Lisboa, acabrunhado de maguas, embarcou em 1553 para a India. Chegado a Goa, logar do seu destino, teve dentro em pouco occasião de mostrar sua bravura. Fortemente agastado com os grandes abusos de que fôra testemunha, distribuiu alguns versos, que exprimiam sua nobre indignação contra a degeneração dos costumes, villeza e perversidade, mas sem nomear nem caracterisar pessoa alguma. Instauraram processo contra o poeta e attribuiram-lhe alguns versos que elle não tinha composto, e o Vice-Rei o exilou para as ilhas Molucas.

«O poeta deplorou este injusto tratamento; e sua grandeza de alma foi tal, que elle não designou jamais em seus escriptos o governador que o maltratava tão indignamente. Se Camões, na qualidade de opprimido, conservou um generoso silencio, o sr. Sousa, na qualidade de historiador, vota á indignação da posteridade aquelle Vice-Rei, que tinha o nome de Francisco Barreto.

«A chegada de um outro Vice-Rei suavisou a sorte do poeta, que tinha de gemer, não só os maus tratos de que padecia, mas tambem seu afastamento dos logares onde vivia sua amante. Obteve um emprego em Macau, e alli se occupou muito na composição dos *Lusiadas*. Assegura a tradição que todos os dias se retirava para um tal fim para uma gruta, a qual conservou o nome de «gruta de Camões».

«O sr. Sousa escreve: «Que força de genio e de caracter tinha este poeta, para não se deixar acabrunhar nem pela adversidade, nem pelos calores do clima. Ouso acreditar que esta mesma adversidade inspirou a Camões a ambição generosa e arrojada de erigir um bello monumento á gloria de sua patria, ao passo que era maltratado ao mesmo tempo, não só pela fortuna, mas tambem pelos agentes do governo. Este genero de vingança é raro, mas está no caracter dos homens que têem uma verdadeira grandeza de alma.

«Camões obteve finalmente voltar para Goa; o navio que o transportava naufragou, e o poeta salvou-se a nado, com a ajuda de uma tábua, conservando o seu thesouro mais precioso — o manuscripto dos *Lusiadas*.

«Porém alguns revezes o aguardavam ainda. Accusado de falcatruas, preso, absolvido, restituido mais tarde á liberdade, passou ainda alguns annos na India, residindo durante os invernos em Goa, onde se applicava á composição do poema, e embarcando na primavera para expedições militares. Foi então ferido pela magua que tinha de ser a mais sensivel ao seu coração. Recebeu a noticia da morte de D. Catharina de Athayde, esse objecto constante de seu amor, esse ultimo objecto de suas esperanças. Seu poema estava terminado; formou tenção de voltar para Portugal, lisonjeando-se de que seus serviços e seus trabalhos lhe dariam algum direito a recompensas.

«Seguiu a Pedro Barreto, nomeado governador de Sofala; mas n'este paiz caiu doente, encontrando-se na maior pobreza. Alguns amigos que chegaram a Moçambique quizeram leval-o para a Europa; o governador reclamou então a importancia das despezas que dizia ter feito com elle. Viram-se então obrigados a cotisarem-se para resgatarem o poeta das mãos do avarento governador.

«Camões chegou finalmente a Lisboa em 1569, depois de uma ausencia de dezesete annos. A peste assolava a cidade; o joven Rei D. Sebastião reinava, ou para melhor dizer, seus favoritos reinavam debaixo do seu nome. Camões passou dez annos em preparar a publicação do seu poema, que foi acolhido com os mais vivos applausos, quer por causa do seu merecimento, quer por ser a primeira epopéa dos modernos, depois do restabelecimento das lettras. Nada, porém, fizeram em prol do auctor. Seus compatriotas, e até mesmo os descendentes d'esse Vasco da Gama, cuja navegação e proezas o poeta cantava, conservaram-se insensiveis á boa acceitação dos *Lusiadas;* e, o que é ainda mais vergonhoso, o governo apenas concedeu a Camões uma insignificante pensão de 15$000 réis, submettendo-o á obrigação de residir na capital.»

«N'este logar interrompi a analyse do escripto do sr. Sousa, para narrar a maneira como Mr. de La Harpe falla d'esta occorrencia em a noticia que poz na frente da sua versão dos *Lusiadas*: «No regresso a Lisboa achou no throno o joven D. Sebastião, que, sensivel ao talento, como todos os Principes nascidos para a gloria, o acolheu com os maiores signaes de honra, e lhe deu uma pensão de 4$000 réis, sob a condição de não deixar mais a côrte. Era, com effeito, dar o acompanhamento da graça a um beneficio, e assim é facil para os Principes acrescentarem um preço inestimavel a todos os donativos que concedem.»

«Esta narração de Mr. de La Harpe é bem differente da do sr. Sousa. O erro do academico francez, ou para melhor dizer dos biographos que elle copiou, procede de terem traduzido mal a palavra *Côrte,* que n'esta occasião significa *capital, cidade onde a côrte reside.* Que julguem, pois, qual era a graça inherente á modica pensão que concediam a Camoes; até certo ponto viveria na penuria em Lisboa.

«O sr. Sousa, que sente sempre, contra os auctores dos infortunios de Camões, uma indignação que o poeta tinha a generosidade de conter, como dois irmãos, culpados favoritos do joven Rei, o padre Luiz Gonçalves da Camara, seu confessor, e Martim Gonçalves da Camara, primeiro ministro, accusa-os mórmente do desastre irreparavel da desgraçada expedição de Africa, por occasião da qual a morte do joven Rei causou a ruina de Portugal. Parece que desde o tempo em

que se occupou d'esta custosa e fatal expedição, a modica pensão de Camões deixou de lhe ser paga.

«O incomprehensivel desamparo no qual a côrte e a cidade deixaram o Homero portuguez, quasi que se não póde explicar. Um escravo javanez por nome Antonio, o qual trouxera da India, mais humano e mais reconhecido do que os compatriotas de Camões, mendigava durante a noite em Lisboa para sustentar seu nobre e honrado mestre.

«Nos ultimos annos da sua vida habitou um quarto n'uma das casas vizinhas da igreja de Sant'Anna, na rua estreita que levava ao convento dos jesuitas; passava ordinariamente suas tardes no convento, na companhia de alguns sabios religiosos, com os quaes estava relacionado. Alguns fragmentos se conservam de duas cartas que escreveu pouco tempo antes de sua morte.

«Uma patenteia o extremo da miseria á qual estava reduzido:

«Quem jamais ouviu dizer que, n'um pequeno theatro, como o de um pobre catre, a sorte se apraza a reunir tão grandes infortunios! E eu, como se elles me não bastassem, ponho-me do lado da sorte, pois consideraria uma vergonha o procurar os meios de resistir a tantos males.»

«A outra diz:

«Finalmente, terminarei minha vida, e todos hão de ficar convencidos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente não me contentei com o dormir junto d'ella, mas ainda que morri com ella.»

«Com effeito, quando soube o triste e desgraçado resultado da batalha de Alcacer-Quibir, a morte de El-Rei D. Sebastião, e a sorte funesta que ameaçava a patria, Camões, erguendo-se por um momento do seu leito de morte, exclamára: «Ao menos, ao menos, morro com ella!»

«Vendo-se cada vez mais doente, acabrunhado de uma miseria excessiva, privado de seu fiel Antonio, ao qual tivera a desgraça de sobreviver, foi reduzido a entrar para o hospital dos pobres, e alli morreu em 1579, e cumpre dizel-o, n'um tal desamparo da parte de seus companheiros, que se não poude saber nem o dia nem o mez da sua morte.

«Para acabar este quadro devo transcrever algumas palavras, que um religioso que assistira a seus ultimos momentos, escreveu n'um exemplar dos *Lusiadas:* «Que cousa tão lastimosa o ver um tão grande genio tão mal abastecido dos dons da fortuna! Vi-o morrer n'um hospital em Lisboa, e não tinha um lençol para se cobrir!»

«Affirmam que da casa de D. Francisco de Portugal foi mandada uma mortalha para o sepultarem. Enterraram-no em a igreja de Sant'Anna, sem pedra sepulchral nem inscripção. Passado pouco tempo D. Gonçalo Coutinho lhe mandou erigir um mausoleu com estas palavras:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS DO SEU TEMPO;
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE E ASSIM MORREU NO ANNO DE 1579.
ESTE TUMULO LHE FOI ERIGIDO POR D. GONÇALO COUTINHO.
E NINGUEM MAIS N'ELLE SERA ENTERRADO.

«O terremoto de 1755 derribou a igreja de Sant'Anna, e ninguem se lembrou do tumulo de Camões. E n'uma palavra, em Portugal inteiro não existe monu-

mento algum consagrado á memoria d'este raro genio, a quem seu paiz é devedor de uma tão grande illustração litteraria.

«Depois de ter exposto os pormenores da vida do poeta, o sr. Sousa examina e julga sua epopéa; indica suas bellezas com o accento de um admirador profundamente penetrado, que procura communicar seu enthusiasmo aos outros, e até mesmo tem elle o cuidado de refutar as principaes criticas atrevidas proferidas contra o Homero portuguez.

«Cumpre fazer conhecer aos estrangeiros a maneira como os nacionaes motivam sua estima e sua admiração.»

*
* *

Lê-se no *Journal des Sçavans* a pag. 538:

«A these, tomada na sua generalidade, é muito verosimil: os barqueiros de Horacio, que durante uma noite inteira cantavam suas bellas á compita, a tisselã de Tibullo, que acompanhava sua canção rythmada, têem por successores naturaes os camponezes (os stornelli, as jovens que alegram seu trabalho ou o seu repouso com os amorosos *strambotti)*. Porém, estas duas fórmas em si proprias, remontam, porventura, tão alto, que pareça crivel? Não nasceram ellas na idade media, e se fosse mister procurar-lhes uma primitiva origem, não agradaria que se fosse procurar entre os gregos e romanos?

«Os cantos amebeos dos pastores de Theocrito e de Virgilio, continuam-se, porventura elles realmente no stornello, do qual ha pouco fallámos, em harmonia com o nascimento relativamente moderno? Difficilimas são essas questões... Ellas suscitam tantas outras em volta de si, que não podemos approximarmo-nos na sua passagem. O que fica decidido, e o que nos importa, é que a poesia lyrica do sul é puramente italiana, e não tem parentesco directo com a de outro qualquer paiz.

«Não se dá o mesmo caso com a epica, do norte. «Fui eu o primeiro, diz com bom direito Mr. Nigra, que indiquei claramente a identidade de uma serie de cantos populares, que são communs com os paizes romanos que têem um substratum celtico, e que não existem nos outros paizes romanos, isto é, na Italia central e inferior, e na Hespanha castelhana. Hoje esta identidade já não causa duvidas, e a presente collecção ha de apresentar novas provas em grande numero. Os futuros commentadores da poesia popular franceza, provençal, catalã e portugueza, sabem agora que um estudo sobre esta poesia não é possivel senão abarcando tambem as canções populares da alta Italia, e em primeiro logar as do Piemonte.

«O caso, exceptuada uma restricção que dentro em pouco apresentarei, é absolutamente verdadeiro. Na maioria dos paizes citados encontrâmos uma poesia popular para assumptos epicos, formada de versos que não são jamais decasyllabos, que são ligados geralmente desde o principio até ao fim da peça, por uma assonancia as mais das vezes masculina, e não conhecem as rimas cruzadas.

«Ora, não sómente esta poesia existe na França, na Catalunha e na alta Italia, com os mesmos caracteres, mas até mesmo circulam algumas canções, e apresentam por vezes uma identidade frisante, e os exemplos encontram-se em cada pagina da collecção de Mr. Nigra. Limitar-me-hei, pois, a citar os primeiros versos de uma das canções mais bellas e mais conhecidas, aquella a que elle dá

o titulo de *Mouro saracino* (n.º 40). Foi recolhida em oito versões piemontezas, sete provençaes ou languedociennas, dezeseis catalãs e uma franceza.

«O commentario comparativo, ao qual Mr. Nigra submetteu essas numerosas versões (sem desprezar a imitação bretã e os romances hespanhoes e portuguezes apparentados com o sujeito), é um dos trechos capitaes do livro, e o encaminhou a conclusões mui interessantes. Em todas as regiões onde ella penetrou, poder-se-ia quasi restituir essa fórma por uma comparação critica das versões diversas.

«Que por esses versos julguem do introito, quasi ao acaso, em cada um dos grupos regionaes:

Piemontez:

Bel galant, a si marida, tan luntan da so pais:
L'a spuzà na fia giuvo, tanto giuvo e tant gentil;
Tant gentil cuma ch'al era, si savia pas gnian vesti.

«Outro:

I han maridà Fiorensa, Fiorensinha la genti;

«Provençal:

Lou viscont se marido, dou visconte joli;
N'a preso d'Escrivoto, da flou d'aquest pais;
La n'a preso tan jouve que si sab pas vesti.

«Outro:

Maridon l'Escriveto, l'Escriveto joli;
La maridon tan jouino, se saup pa' nca vestir.

«Gascão:

Cribeto l'an casado, hillo de Cormesi;
Ero n' es tan petito, non se sab pas vesti.

«Catalão:

Tan petita d'han casada, da filha del Carmesi;
De tan petita que n'era, no se' sab calsa y vestir.

«Francez:

Petit Jean se marie, se marie à Paris;
A pris femme si jeune, qui se sait pas vêtir.

«Notar-se-ha que os versos d'esta peça não têem sempre a mesma medida: os membros (o primeiro na quéda paroxytonica, o segundo na assonancia tonica), compõem-se aqui sete (oito), acolá seis (sete syllabas), e seis syllabas.

«É preciso que uma d'estas duas fórmas seja original, e parece provavel ser a segunda. Seja, porém, como for, é bem evidente a mesma canção, nascida sobre

um ponto qualquer do dominio commum, que se vê ser hoje igualmente popular, sobre assumptos remotos. O que permittiu a transmissão d'esta peça e de todas aquellas que estão ao mesmo caso, sobre uma tão vasta extensão, é, como viu bem o sabio collector piemontez, o accordo dos fallares diversos d'esta região, em alguns traços essenciaes, sobretudo na accentuação, e por conseguinte no rythmo; todos têem em commum a predominancia das dessinencias oxytonicas sobre as paroxytonicas, de maneira que, com ligeiras modificações de versos compostos n'um d'esses fallares, poderam passar para outros, e cantar-se sobre a mesma aria, ou sobre uma aria similhante.

«Pelo contrario, na Hespanha propria e na Italia do Sul, onde a accentuação é paroxytonica, alguns canticos da região oxytonica apenas raras vezes têem penetrado, com difficuldade, passando por graves alterações. Assim se repete na provincia Hispanica o que temos asseverado na provincia Italica, A região onde as vogaes latinas, a não ser o *a* têem caído depois do accento possue uma poesia epica que lhe é propria, que tem por caracter um rythmo, que se póde chamar jambico, e é que desconhecido onde as vogaes post-tonicas se tem conservado, e onde o rythmo da linguagem dos versos é trochaica.

«Pertencendo a França toda inteira ao oxytonismo, não apresenta esta divisão. Os canticos epicos alli se encontram tão bem ao meio dia como ao norte.

«Disse que tinha uma restricção a fazer a esta bella theoria, e diz ella respeito a Portugal. Mr. Nigra colloca sem hesitar o portuguez entre os idiomas romanos, onde domina o oxytonismo; oppõe-o, n'este ponto, ao castelhano, e declara que os romances hespanhoes, onde algumas assonancias são masculinas, têem por isso mesmo uma origem catalã ou portugueza.

«Confesso, acrescenta o auctor, não comprehender a separação assim estabelecida entre o castelhano e o portuguez (entrando tambem no portuguez a lingua gallega). Uma e outra lingua têem as mesmas leis emquanto á queda das finaes; estas leis são menos destructivas do que as do gallo-romano.

«O italiano (meridional, bem entendido), conserva todas as vogaes atonas, o gallo-romano não conserva senão o *a*, o hispano-romano, umas vezes guarda, outras vezes deixa cair as vogaes, só com excepção da letra *t*. O portuguez, é verdade, pela quéda mais frequente das consoantes, e pela invasão da nasalisação, apresenta hoje mais palavras oxytonas (mórmente as monosyllabas), do que o castelhano; mas é um facto relativamente recente, que não muda o caracter geral da lingua, e que, alem d'isso, não introduz entre os dois idiomas mais do que uma tenue differença.

«A esta observação linguistica, anda annexa uma outra. O thesouro dos romances epicos é em grande parte commum a Castella; pretendo dizer com isso toda a Hespanha, exceptuada a região gallego-portugueza, a catalã, catalã-portugueza e Portugal.

«A separação que se nota na Italia entre o norte e o sul, emquanto á posse de uma poesia popular epica, não chega até aqui.

«Quando mesmo provado (o que me parece bem contestavel) que os romances hespanhoes, onde domina a assonancia masculina, provenham de Portugal, este emprestimo mesmo attestaria uma facilidade de troca, que se não encontra na Italia entre as duas regiões do sul e do norte. Esta facilidade dá brado, em todo o caso, admittido por Mr. Nigra, da passagem frequente de romances hespanhoes em Portugal.

«Alguns historiadores chegaram a pensar que todos os romances foram feitos por hespanhoes. Assim se pensou em outro tempo. Hoje, porém, é notorio que ha tres generos de romances:

«Romances compostos pelos romancistas hespanhoes;

«Romances de cavallaria, hoje muito apreciados;

«Romances modernos, e dados á luz em nossos dias; e são tantos que se póde dizer que não têem fim.»

*
* *

Historia de Portugal Restaurado, escripta por D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira. Tomo I. Acha-se em Paris em casa de Jean de la Caille[1].

«Tudo é grande n'esta historia: o assumpto, a maneira de o escrever, e o proprio auctor. O assumpto comprehende o estabelecimento da casa de Bragança sobre o throno de Portugal, na pessoa do Rei D. João IV. A maneira como ella é tratada, é nobre, elevada, repleta de reflexões moraes e politicas, e digna de um dos primeiros ministros d'este reino, que soube juntar á espada e á direcção dos negocios, o que ha de mais fino e de mais delicado n'esta lingua, á qual soube dar novas bellezas.

«É pois uma cousa extraordinaria, mas na illustre casa de um tal auctor sómente se encontram pessoas de um grande genio, pois o conde D. Fernando, seu irmão, conselheiro d'estado, trabalha actualmente na mesma historia, em latim. A senhora condessa, sua mulher, escreve mui polidamente em portuguez, hespanhol e francez, tanto em prosa como em verso, e seus filhos n'uma idade em que os outros mal sabem fallar, passam por prodigios de espirito.

«Mas, voltando ao assumpto, não abrange elle sómente todas as circumstancias que acompanharam esta grande famosa mudança; o auctor toca tambem nas guerras que se seguiram, e descreve os successos mais notaveis que occorreram nos paizes conquistados pelos portuguezes na Asia, America e Africa.

«Encontrâmos em a narrativa d'esta surprehendente revolução que se fez em Portugal, pelo zêlo, valor e fidelidade de quarenta fidalgos que d'ella quizeram ser seus auctores e executores ao mesmo tempo, no 1.º dia de dezembro do anno de 1640, depois de sessenta annos de dominio hespanhol, todas as circumstancias que acompanharam esse memoravel dia, no qual nos não deteremos, porque sendo ainda mui recentes, de ninguem são ignoradas; mas nos pormenores das guerras que os portuguezes depois tiveram com a Hespanha, lemos n'elles o nome de varios cavalheiros francezes, que n'ellas se abalisaram, uma particularidade que merece bem ser notada, pois talvez não succedeu ella mais do que esta vez em todas as nossas guerras na Europa, é que um Rei asiatico (o das ilhas Maldivas), senhor muito rico e muito poderoso nas Indias, que viera a Lisboa para pedir soccorro contra seu irmão, que lhe usurpára o reino, quiz expor sua propria pessoa nas batalhas que os portuguezes deram contra os hespanhoes, e foi tratado com o mesmo respeito e as mesmas honras que se prestam aos generaes do exercito.

---

[1] *Journal des Sçavans*, 13 de janeiro de 1681.

«Emquanto ás occorrencias dos portuguezes nas outras partes do mundo, como este auctor conta ingenuamente suas conquistas, tambem não disfarça suas perdas. Depois de ter descripto como elles repelliram do poder dos hollandezes o Brazil, na America, no anno de 1654, faz ver como elles repararam esta perda um anno depois, pela conquista que fizeram os portuguezes da ilha de Ceylão na Asia.

«Nas suas prosperidades na Africa encontrâmos duas cousas assombrosas: é a primeira a crueldade de um capitão mouro, chamado Gaylan, que mandou amarrar á cabeça de um portuguez, que fôra apanhado, a cabeça de um outro portuguez que fôra morto na batalha, e o condemnou a trazer presa á cabeça a cabeça do morto, até ser resgatado pelos seus, que o tiraram com effeito d'esta horrivel escravidão, desde que de tal tiveram noticia.

«A outra tem seu tanto de mais barbaro ainda e de inaudito, na pessoa de uma Rainha chamada Ginga. Era filha de um poderoso Rei de Angola entre o Congo e Benguella, a qual, para vingar mais depressa, mais cruelmente, e de uma nova maneira a morte de seu pae, a quem os portuguezes tinham mandado cortar a cabeça, fez-se ladra nas estradas, julgando por uma tal fórma estar dispensada de toda a sorte de humanidade. N'este furor começou ella a correr as terras com um sequito de varios individuos, e de alguns creados do fallecido Rei seu pae. Nada poupava; tudo saqueava; roubava povoações inteiras, e n'ellas, depois de ter mandado degollar os velhos, as mulheres e as creanças, fazia escravos os rapazes de boa apparencia e as raparigas de dezesete a vinte annos.

«Sustentava-se esta rainha cruel de carne humana, bem como todos seus barbaros cortezãos. Era extraordinariamente corajosa, andava sempre vestida de homem, com seiscentos negros na sua comitiva, trezentos dos quaes eram homens vestidos de mulheres, e os trezentos restantes eram mulheres vestidas de homem.

«N'esta monstruosa familia, o crime mais grave era o da luxuria. Havia estabelecido penas severas para o punir, mas no entanto ella entregava-se muitas vezes ao prazer de expor seus soldados ao perigo de o commetterem. Cortavam a cabeça a quem fosse convencido de um tal crime, e a rapariga que se tivesse deixado enganar, por uma ordem inviolavel, e que nunca era revogada, via-se obrigada a retirar-se da sua presença, emquanto se achasse gravida, e logo que a creaturinha nascia mandava que a fizessem em pedaços, e que fosse devorada pelos cães, aos quaes tinha mandado ensinar um tal mister.

«No entanto, bem longe de lhe attrahirem taes crueldades o horror e o odio de seus subditos, respeitavam-n'a até á adoração, pois nunca se apresentavam na presença d'ella senão com o rosto para o chão. Alguns annos passou n'esta abominavel vida; mas por fim foi tocada da graça, e tendo tido a ventura de ter sido baptisada na sua mocidade, terminou seus dias no seio da Igreja com signaes de uma verdadeira penitencia.

«Este tomo I deve ser seguido de outros tres, que este auctor nos promette, apesar das obrigações que lhe trazem os cargos do estado.»

*
* *

Asia portugueza, de Manuel de Faria e Sousa, Cavalleiro da Ordem de Christo e da Casa Real. Lisboa. Fol.

«É difficil imaginar um mais bello assumpto de historia do que o das conquistas que os portuguezes fizeram na Asia. A descoberta das Indias Orientaes e o dominio que elles estabeleceram n'esta grande e vasta extensão do paiz, contém alguma cousa de tão surprehendente, quer emquanto á grandeza da empreza e diversidade de acontecimentos, quer emquanto ás difficuldades que encontraram n'uma tal empreza, ou emquanto aos meios extraordinarios dos quaes se serviram para os vencerem, que nos custa a dar-lhes credito, quando os lemos n'esta obra.

«Os hespanhoes apenas encontraram nas Indias Occidentaes homens nús e desarmados, e os portuguezes tiveram de combater com povos valentes e aguerridos, a maior parte dos quaes, alem de suas forças igualmente poderosas por mar e por terra, tendo-se achado tributarios do grão senhor, ou do Rei da Persia, foram soccorridos tanto por uma como por outra d'estas potencias. De modo tal, que ao valor e coragem dos portuguezes devemos attribuir a conquista da India, e não só á ventura de a terem descoberto.

«Varios Reis de Portugal trabalharam n'esta grande empreza; eis porque é uma obra digna de mais de um seculo.

«O Infante D. Henrique, quinto filho do Rei D. João I d'este nome, é aquelle a quem devemos as primeiras tentativas feitas para esta grande empreza. A elle se deve a feliz descoberta da Guiné, na qual trabalhou por doze annos. E nota este auctor, que aquelles a quem enviou para este effeito em 1419, tendo lançado fogo ás florestas da ilha da Madeira, que tinham descoberto na sua passagem, o fogo alli se conservou por cinco annos consecutivos.

«Havendo estes primeiros bons resultados feito conceber grandes esperanças emquanto á descoberta da India, mandou de novo alguns navios, que apenas avançaram até Cabo Verde, antes da morte de Henrique. Aquelles que o Rei D. Affonso II armou, chegaram até cabo de Santa Catharina, e no tempo do Rei D. João II descobriu-se o cabo da Boa Esperança. Os capitães dos navios tinham-lhe primeiramente dado o nome de Cabo Tormentoso, por causa de uma grande tormenta que alli tinham padecido; mas o Rei quiz que trocassem este nome pelo de «Boa Esperança», por causa da esperança que desde então conceberam de descobrir as Indias.

«Depois d'este momento só houve conquistas e triumphos para os portuguezes. Os tres pequenos navios que o Rei D. Manuel enviou para dobrar o cabo da Boa Esperança em 1497, debaixo do commando de Vasco da Gama, chegaram a Calecut um anno depois, e foram como os precursores de um numero infinito de victorias surprehendentes.

«Sabemos quão grande é o numero de Reis que estão nas Indias. Não ha quasi um só a quem os portuguezes não tenham feito tributario; o que é quasi incrivel, é que entre esses Reis alguns ha que podem pôr em campanha exercitos de 300:000 homens. O Rei de Bimagar, marchando outr'ora contra o Visapur, tinha um exercito de 700:000 homens de pé, 40:000 cavallos, e 700 elephantes. O Rei de Pegu, fazendo a guerra ao de Sião, por uma simples recusa que lhe tinha feito de dois elephantes brancos, poz em pé de guerra um exercito de mais de 1.000:000 de homens, 200:000 cavallos, 5:000 elephantes e 3:000 camellos. O de Cambaya fez ver um de 450:000 infantes, 100:000 cavallos e 10:000 elephantes, no qual tambem se contavam 1:000 peças de artilheria.

«Comtudo, todos estes Reis foram feitos tributarios dos portuguezes, vendo-se

constrangidos a deixar estes leventar fortalezas até no meio das cidades capitaes de seus reinos.

«As praças não eram menos fortes, á proporção. Achavam-se na cidade de Malaca umas 8:000 peças de artilheria, depois que Affonso de Albuquerque d'ella se apossou em 1511. Não nos esqueceremos das maravilhas d'aquelles paizes, quando fallarmos dos tomos II e III d'esta Historia. Mas visto estarmos fallando de Malaca, é preciso não passar em silencio a raridade que alli se acha, e que este auctor põe entre as maravilhas do mundo. É uma arvore que se chama «arvore triste», por não produzir flores senão depois do sol posto, e por as deixar cair apenas elle nasce.

«Estas flores são quasi similhantes ás das larangeiras, são até mesmo mais bellas e mais odoriferas. Transplantaram algumas d'estas arvores para varios logares da India, onde se deram muito bem, mas as que vieram para a Europa morreram todas.

*
* *

O *Journal des Sçavans,* de janeiro de 1665, traz uma analyse por M. de Hedovvile, da seguinte obra:

Histoire des Indes Orientales, du R. P. Maffée, de la Compagnie de Jésus, traduite de latin en français par Mr. de Pure. Paris, chez Robert de Ninville, 1665.

«N'esta analyse fazem-se os mais pomposos e amplos elogios aos feitos dos portuguezes.

JOURNAL *du voyage des Grandes Indes, contenant tout ce qui s'y est fait et passé par l'Escadre de Sa Majesté, envoyée sous le commandement de Mr. de la Haye, &c.* Orleans, 1697.

«Uma frota composta de nove navios, dos quaes cinco eram de guerra, deu entrada no porto de Goa a 25 de janeiro de 1672.

«Goa é uma cidade tão grande como Rouen. A terra é esteril e a agua perigosa. Foi outr'ora para o commercio o que presentemente é Surrate. O Rei de Portugal alli tem um Vice-Rei, a cuja morte ou ausencia succedem tres governadores que têem pouca auctoridade. O poder é sempre conferido aos jesuitas, como directores absolutos de todas as cousas. Sua companhia nenhum desaire soffreu pela decadencia dos portuguezes; pelo contrario, aproveitou com as desgraças do estado, e n'estas desordens adquiriu o governo de todos os negocios, e 750 libras de renda, das quaes ainda gosa.

«Os jesuitas apoderaram-se da ilha de Calectes (sic), de onde os habitantes de Goa tiram o arroz, os legumes e as fructas de que subsistem, e ninguem póde alli levantar predios nem cultivar as terras senão com licença d'elles.

«Nada podemos ver mais sumptuoso do que a casa dos jesuitas. Sua sacristia e a capella onde repousa o corpo de S. Francisco Xavier, são reputadas as duas mais bellas obras do universo. E não temos de que nos admirarmos se elles se conservarem n'um tal explendor. São arrematantes de todos os tributos reaes e possuidores seguros de todos os rendimentos.

«Em Goa temos varias outras casas religiosas que são ricas. Os dominicanos gosam conjunctamente com os jesuitas o poder do governo espiritual. Têem em

commum a direcção dos hospitaes e da inquisição, de onde auferem lucros não mediocres.

«As outras communidades são alli muito multiplicadas, tambem como os ecclesiasticos seculares, mas ha poucos regulares nos claustros e pouca disciplina no clero. Se alguem achasse que dizer a respeito na vida desregrada dos padres, seria tratado de hereje pelo vulgo, e arrastado á inquisição. Os ricos tremem á vista d'esta casa, porém os pobres assustam-se menos, e n'ella encontram trivialmente bastante indulgencia.

«Entre os vicios que dominam em Goa, pratica-se uma virtude, que é a liberalidade para com os pobres. N'aquella cidade dão os jesuitas todos os dias esmolas a mais de 2:000 pessoas.

«Mr. de la Haye saíu de Goa e continuou sua viagem para Marzeou, o primeiro logar pertencente ao Rei de Cannava. Conquistou-o ha alguns annos aos portuguezes, e depois deixou-o caír em ruinas. A 20 a esquadra fundeou em frente da cidade de S. Thomé. Cantou-se um *Te Deum* na cathedral, que se achava no mesmo estado em que os portuguezes a tinham deixado.»

JOURNAL *historique sur les matières du temps. Contenant aussi quelques Nouvelles de Litterature et autres remarques curieuses.*

«N'esta grande collecção de volumes encontrâmos muitas noticias curiosas ácerca de varios povos e pessoas, e muitas de taes noticias são relativas a Portugal. Grande é tambem o numero das anecdotas que nos relata, sendo algumas d'ellas bem chistosas.

*
* *

«Emquanto a côrte de Madrid estava no jubilo, a de Lisboa derramava lagrimas por causa da morte do Rei de Portugal, a qual succedeu no dia 9 do mez de dezembro, do modo como havemos de relatar mais adiante, e com maior desenvolvimento, no artigo destinado para annunciar a morte das pessoas illustres. Apenas este Principe teve os olhos fechados, logo os arautos proclamaram Rei e com as formalidades usuaes, a D. João Francisco Antonio, Principe do Brazil, filho primogenito do defunto, que veiu ao mundo a 24 de outubro de 1689.

«O decurso do tempo nos elucidará se este Principe ha de reparar a perda que os alliados padeceram por esta occasião, e se o casamento que o fallecido Rei queria que seu filho contrahisse com uma archiduqueza austriaca, se levará ao cabo. Se, porém, este matrimonio pertencer ao numero d'aquelles que são escriptos no céu, realisar-se-ha.

«Todavia se observa que uma tal morte ha de trazer mudanças, ou pelo menos, demora as expedições que os alliados pretendiam fazer no corrente anno na Hespanha, e acabam de provar a realidade do vulgar proverbio: «Que para alguma cousa é a desgraça boa.» Pois se o temporal não houvesse maltratado a esquadra do almirante Schowel, teria talvez já rebentado uma revolução em Portugal, lastimosa para mais de uma nação.

«Desde o dia immediato á morte do Rei, uma grande parte dos burguezes de Lisboa gritavam pelas ruas da cidade: «Viva D. João, nosso Rei, que nos ha de dar a paz e expulsar do seu reino aos herejes!»

«Este tumulto assustou primeiramente o conde de Rivers, general das tropas

inglezas que estavam na frota, e eram destinadas para irem ao reino de Valencia, em soccorro do archiduque. Reuniu um conselho de todos os principaes officiaes de sua nação, tanto de terra como de mar, no qual foi assentado enviar um expresso a Londres, com o fim de informar a Rainha ácerca do estado dos espiritos em Portugal, e no emtanto fazer entrar em Lisboa algumas companhias de soldados inglezes, sob o pretexto de servirem de guarda aos generaes.

«Effectivamente o conde de Rivers mandou que uma guarda de cincoenta fuzileiros estacionasse em frente da sua porta, e deu uma de trinta homens ao conde de Essex, e quiz mandar uma outra para a porta de Sieur Mathurin, enviado extraordinario de Inglaterra, que mais arrojado do que aquelles, a repelliu, pretendendo que seu caracter de ministro de uma cabeça coroada o punha a salvo de qualquer insulto.

«Não se julgou a proposito que a esquadra ficasse encerrada no porto de Lisboa. O almirante Schowel mandou que ella descesse o Tejo até abaixo de Belem, e até estar fóra do alcance da artilheria da torre construida no meio do rio, e a qual fecha a entrada do porto.

«N'aquelle sitio o almirante Showel mandou lançar as chalupas ao mar, e tudo poz em ordem para desembarcar promptamente as tropas em caso de necessidade. Eis a situação em que se encontravam os negocios n'aquelle paiz, por occasião da partida das ultimas cartas. Todavia estavam alli fazendo preparativos para a coroação do novo Rei.» (Tomo VI, pag. 74 a 76.— 1707.)

«D. Pedro, segundo do nome, Rei de Portugal, morreu em Alcantara, palacio situado a meia legua de Lisboa, a 9 do mez de dezembro de 1706. Nasceu este Principe a 24 de setembro de 1648. A imbecilidade de Affonso, seu irmão mais velho, tendo obrigado a que fossem congregados os estados de Portugal em 1667, o declararam incapaz de reinar, e conferiram, por uma deliberação dos tres estados, a corôa a D. Pedro, que a recusou generosamente, dizendo que, tendo seu irmão sido coroado, não havia senão Deus que o podesse despojar da corôa, para lhe dar outra mais gloriosa; que, todavia, para bem do estado, tomaria o governo sob o titulo de regente, e assim continuou até 1683, em que este Rei enfermo morreu.

«Durante sua regencia desposou este Principe a Izabel Francisca de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Nemours, e de Izabel de Vendôme, da qual teve uma infanta, que morreu solteira. Poucas pessoas ignoram os desgostos que ella teve, de ver desmanchar-se seu casamento com o duque de Saboya.

«O Rei de quem estamos a fallar, governou tranquillamente desde 1668, em que assignou a paz com os hespanhoes, na qualidade de regente, até 1704, em que, depois de ter reconhecido a Filippe V como Rei de Hespanha, e feito um tratado de alliança com elle, a rompeu sem nenhuma apparencia de causa, para se alliar com os inglezes e hollandezes, que o tinham lisongeado com o porem-lhe uma filha, que tinha do seu segundo matrimonio, no throno de Hespanha, casando-a com Carlos, archiduque de Austria; mas esta Infanta morreu alguns dias antes de o archiduque desembarcar em Lisboa.» (Pag. 335.)

«Como o conselho de Hespanha reconheceu que a maioria das sublevações occorridas na monarchia tinham sido fomentadas por frades de diversas ordens,

entraram a pensar nos meios de prevenirem os maus effeitos que uma hypocrisia condemnavel póde produzir n'um estado. Foi por taes motivos que no mez de janeiro o mesmo conselho mandou publicar um regulamento, ordenando que todos os religiosos que fossem a Madrid, houvessem de ser obrigados a irem a casa do presidente de Castella, para inscreverem seu nome, qualidade, provincia, e convento de onde tinham saído, e qual a causa que os trazia a Madrid. E que no caso de fazerem declarações falsas, seriam punidos como traidores e espiões.» (Pag. 145.)

«Nada se tem passado em Portugal, que mereça uma verdadeira attenção, nem onde a historia do tempo deva tomar parte, exceptuada uma convenção mui louvavel que acaba de se fazer entre os portuguezes e os hespanhoes e que antigamente estava em uso entre os romanos, e as nações belligerantes com esta famosa republica. Os governadores das provincias limitrophes de Hespanha e de Portugal, concordaram em que d'aqui por diante os lavradores das duas fronteiras poderão livremente cultivar suas terras, mandar seus gados ás pastagens, sem poderem ser inquietados em tempo de guerra, a qual não se travará d'aqui por diante senão entre tropas regulares, sem que os actos de hostilidade possam dizer respeito nem aos paizanos, nem aos povos ruraes.

«O que deu motivo a esta convenção, foi que se conheceu de uma parte e de outra o abuso, e as injustiças, e as deshumanidades que se commettem por essas occasiões.

«A convenção feita entre os hespanhoes e os portuguezes, para deixarem trabalhar livremente na cultura de suas terras, não foi do gosto das outras potencias alliadas, as quaes pretendiam que a desolação fosse geral n'aquelle paiz. Os ministros do Imperador de Inglaterra e da Hollanda, representaram ao de Portugal que este tratado era de consequencias perigosas, e tendia a uma especie de neutralidade.» (Tomo X, pag. 91.—1709.)

«Ha mais de um anno que o Infante D. Francisco Xavier Antonio, irmão mais velho do Rei de Portugal não apparece na côrte por causa do seu descontentamento.

«Pretende este Principe que os generaes dos alliados lhe faltaram ao respeito em varias occasiões, principalmente quando passeava na sua barcaça no Tejo, e disparando contra as andorinhas, um tiro de espingarda feriu por acaso um marinheiro inglez, cujas queixas foram apresentadas ás côrtes, o que lhe attrahiu uma grande reprehensão da parte do Rei, seu irmão, com ordem de não apparecer na presença d'elle.

«Ha dois mezes que Sua Magestade portugueza lhe mandou dizer por um gentilhomem que podia voltar á côrte, mas o Principe deu em resposta: «Que, visto simples marinheiros inglezes terem conseguido seu exilio, não convinha ao seu nascimento apparecer na côrte por aquelle tempo em que pessoas taes tivessem a influencia que tiveram.» (Pag. 176.)

«Tendo uma accusação de judaismo sido apresentada no tribunal da inquisição, em Lisboa, contra quatro homens e uma mulher, o santo officio mandou queimar aquellas cinco pessoas no mez de julho, embora negassem e protestassem

publicamente contra uma tal accusação, dizendo-se innocentes, e que morriam christãos.

«O mesmo tribunal tinha pretendido ampliar sua jurisdicção até sobre duas mulheres de soldados inglezes ou irlandezes, mas milord Galloway e os ministros de Inglaterra os reclamaram, e representaram que taes mulheres não estavam em Portugal senão occasionalmente, e que ellas deviam gosar das mesmas liberdades que os soldados protestantes no serviço da Rainha da Gran-Bretanha. Todavia, para mais segurança, o ministro de Inglaterra lhes deu asylo no seu palacio, esperando occasião em que os podesse fazer saír de Portugal.» (Pag. 272.)

A pag. 478 e 479 falla-se de um segredo pelo qual a gente póde voar pelo ar como se fosse passaro.

«Embora o casamento de que vou fallar não seja dos mais illustres, é pelo menos um dos mais singulares, e deve ter um dos primeiros logares na collecção das peças comicas.

«No mez de novembro, na aldeia de Kestering, a cinco milhas de Northamton, uma rapariga sem pernas casou com um rapaz de vinte e dois annos que não tinha nem pernas nem braços.»

«Como o inverno interrompeu quasi por toda a parte as operações da guerra, os portuguezes se consolaram de não receberem os soccorros que esperavam da Inglaterra, mas patentearam seu descontentamento e murmurio por os inglezes que negoceiam nas Indias Orientaes, sob o pretexto de irem buscar refrescos ao Brazil, e empolgarem todo o commercio d'esta colonia portugueza.

JOURNAL *of a few Months' residence in Portugal, and glimpses of the South of Spain.* London, 1847. 2 vol.

JOURNAL *of a regimental Campayn in Portugal and Spain.* London, 1810.

JOURNAL *of a Regiment-Officier during the recent campaign in Portugal and Spain.* London, 1811.

JOURNAL *of an officier in the King's German Legion, comprising account of his campaigns and adventures in England, Ireland, Denmark, Portugal, Spain, Malta, Sicily and Italy.* London, 1827.

JOURNAL *of the Bombay Asiatic Society.*

Contém:

1841 — Traducções do nosso Diogo do Couto.

1844 — Descripção de Beijapur, por Bird.

1849 — Noticia das obras em lingua maratha, compostas pelos portuguezes.

1868 — Traducções das inscripções em lingua portugueza encontradas em Bombaim[1].

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama,* 1874, pag. 187.

«E deficiente no relativo á Asia portugueza. O seguinte artigo, porém, parece ter uma distante relação com o assumpto; e é no vol. II, de *Transacções, relações diplomaticas entre as côrtes de Delhi e Constantinopla, nos seculo* XVI *e* XVII; vol. I e II do jornal, *Memoria sobre os Christãos Syriacos;* vol. II, *Portos de mar na costa de Malabar;* vol. V (ou VI), *Relação da familia Sherley;* vol. VII, *Tribus do Conção do Norte;* vol. V (nova serie), *O Malabar.*

JOUVANCY (JOSEPH DE ——).—Um dos mais celebres litteratos do seculo XVII. Nasceu em París no anno de 1643. Entrou para a companhia de Jesus com dezeseis annos de idade, e professou rhetorica successivamente em Caen, na La Flèche, e finalmente em Paris no collegio de Luiz o Grande, com tal reputação, que o tempo ainda não a enfraqueceu. Morreu em Roma no anno de 1719[1].

In Sanctum Franciscum Xaverium Indiarum Apostolum Odae Sacrae (tres) præcipuas, ejus partes complexae. Romae, 1710, in-4.º

JOVER (JOSÉ ——).

Al pueblo portugués.

Te insulta, noble hermano, la jactancia
del gran pirata de la immensa flota
con torpe mano tu mejilla azota
despreciando tu historica arrogancia.
¿En donde está de Gama la constancia?
¿donde la intrepidez del patriota?
Si te falta el poder de Aljubarrota
inspirate en Sagunto y en Numancia;
atrás de mercaderes la miseria
únanse en pura fé los corazones
y el alma en Dios olvide a materia
apreste en anglo velas y cañones,
que solo al nombre de la madre Iberia
se abatiran britanicos pendones.

Madrid, 16 enero 1890.

JUAN (D. GEORGES ——).

Dissertation historique et géographique sur le méredien de demarcacion entre les domaines d'Espagne et du Portugal. Paris, 1776. In-12.

JUDEUS PORTUGUEZES.

O abbade Castro, a quem eu perguntei se conhecia algum judeu portuguez com o nome de Abraham, me forneceu uma lista que extrahiu da *Encyclopedia portugueza;* mas, alguns entre elles eram judeus, e relativamente aos outros ha fortes presumpções de que tambem o eram. Cita Abraham Pereira, judeu, falle-

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 411.

cido em Amsterdam no anno de 1669; Abraham Ferraz, medico no Porto, que em 1627 publicou uma obra sobre a lei judaica; Abraham Sabaa, famoso rabino de Lisboa, que foi expulso d'esta cidade com seus correligionarios no tempo de El-Rei D. Manuel, e que morreu miseravelmente em Fez no anno de 1671 e que publicou em Amsterdam uma obra; e Abraham Coen Pimentel, que publicou uma outra n'esta mesma cidade em 1669.

Depois da expulsão dos judeus, de Portugal, muitos d'elles estabeleceram-se em Amsterdam, e tem havido desde então até hoje n'aquella cidade um grande numero d'elles, os quaes, a despeito de suas crenças, servem-se de nomes portuguezes, e alli formam uma casta áparte. Em Amsterdam encontrei judeus riquissimos, e a quem dão muita consideração.

Se estou bem informado, os judeus portuguezes não se misturam com os judeus allemães.

Em Copenhague ha tambem um grandissimo numero de judeus conservando o nome de seus paes.

JULES (BENEDICT ——).—De origem israelita, filho de um banqueiro opulento, natural de Stuttgard, onde nasceu em dezembro de 1804. Falleceu em 1885[1].

Compoz a sua peça theatral em 1830.

Felix Clément assevera que fôra representada em Stuttgard no anno de 1831. Fetis, porém, na *Biographie universelle,* assevera que fôra representada em Napoles no anno de 1830.

JULIAN.

Brief P. Julian S. J. an P. Deübler S. J. geschrieben in dem Strom Marannon den 2 Novembris 1724. Pater Julian versamelt aus denen Wildnussen, und bekehrt ein gantze Völckerschafft wilder Heyden Payaguan genannt. Solcher Sitten und seine Müheseligkeiten werden obenhin beschriben. Er geneset von einer schwehren Kranckeit. Diser sonst dunckle Brief ist dürch die Ammerckungen Patris Schindler vermehrt und erkläret worden.

Apparece no *Neue-Weltbott* do P. Stocklein, tomo XI, n.º 281.

JULIAN (JERONYMO ——).—Jesuita, natural de Valencia,

Respuesta breve al Manifesto en que El Rey D. Pedro II de Portugal pretextó los motivos que tuvo para romper la guerra á las dos coronas.

Traz este escripto a data de 14 de março de 1704, e o pseudonymo: *Español, professor de Minerva.*

JULIUS FREIHRRN VON MINOTOLI.

Portugal uud seine colonien im jahre. Von ——. Augsburg, 1852, 2 vol. in-8.º

JUNK (J. ANDR. ——).

Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen

---

[1] *Le Menestrel,* de 7 de junho de 1885.

Litteratur und von Büchern, die über Portugal geschrieben sind. Franckfurt, 1778, 362 pag.

Apresenta tambem alguns trabalhos ácerca de Camões.

JURE (JEAN BAPTISTE SAINT ——).—Escriptor ascetico natural de Metz, onde nasceu em 1588. Foi admittido para o noviciado da companhia de Jesus na idade de dezeseis annos. Morreu em París no anno de 1657.

La Principessa Portoghese specchio in cui praticamente se vede il progresso dell'Anima nella perfettione dell'Amor Divino. Che non é impraticabile, come altri pensa, la strada della Virtù, che conduce a conseguirla. Opera data in luce dal P. Pierre Francesco Tresile della Compagnia di Giesù. Dedicata alla M. R. Madre Suor Teresa Margheritta Farnese, Carmelitana Scalza. Ristampata con l'Aggiunta di un altro Specchio espressivo delle principali specie, e arti piu vivi dell' amore di Giesù Christo N. S. Reggio, per Prospero Vedrotti, 1678, in-12. 214 pag.

A approvação do provincial é datada de Bononiae, 27 de setembro de 1664.

Vem de pag. 147 a 214: *Specchio di Carità in cui si representano cinque esercitii overo pratiche dell' amore di Giesù Christo nostro Signore. Il primo é di Compaciacenza; il secondo di benevolenza; il terzo d' aspiratione; il quarto d'approbatione, overo di elettione; il quinto di contritione. Cavati dalle Opere del P. Sangiure, della Compagnia di Giesù; tradotte dalla lingua francese nell' italiana. Presentato alla Sereniss. Altezza di Parma Maria Magdalena Farnese dal P. Pierre Francesco Tressilley della medesima Compagnia.*

JUSSIEU (ANTONIO LOURENÇO ——).

Escreveu observações sobre varios generos estabelecidos por João Loureiro na sua *Flora da Cochinchina,* observações publicadas nos *Annaes do Museu de Paris,* de 1808 a 1810.

JUSTIFICACION *de Portugal en la resolucion de ayudar á la inclita nacion Española a sacudir el yugo francés, y poner en el trono real de su Monarchia al Rey Católico Carlos III.* En Lisboa, por Valentin de Acosta Deslandes, 1704.

É um manuscripto da bibliotheca da Ajuda.

JUSTIFICAZIONI *del praticato sin' ora da Religiosi della Compagnia di Giesù, nelle missioni del Madurey, Mayssur e Carnate.* Roma, 1724. Fol.

JUVENAL DE CALENÇAS.

Luiz de Camões. Elogio academico lido na sala dos actos grandes da universidade de Coimbra, no dia 10 de junho de 1880, tricentenario do grande epico, pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos. Porto, 1881.

Essais sur l'histoire des Belles Lettres, des Sciences et des Arts. A Lyon, 1757. Com uma estampa.

«L'obscurité de Camoens fait une partie de son mérite; les portugais l'admirent d'autant plus qu'ils l'entendent moins; il a bien exprimé la fierté de sa nation.

La *Lusiade* a ses beautés; elle a aussi ses défauts. Rien de nouveau, rien de regulier dans l'ordenance de ce poëme, quoique très simples et peu rempli d'èvenements. Mais l'histoire tragique de Ignez de Castro est un morceaux fort inté-

ressant, et d'une beauté singulière. La description du Géant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourmentes, est une peinture des plus poetiques que l'imagination puisse se former; l'idée en est touchée avec une force qui saisit et éléve l'esprit. La manière dont le calme succède à une violente tempête serait traitée avec plus de bienséance, si le poëte ne mêloit mal a propos le secours de Venus avec celui du vrai Dieu.

«En un mot, l'agrément des détails, la variété des récits, la noblesse des sentiments, peuvent faire excuser les nuages peut-être affectes, dont le Camoens envelloppe son style.

«Venons aux espagnols: Lope de Vega est leur Homère. Il avait beaucoup d'élévation et d'étendue d'esprit, mais demesuré dans ses idées, hyperbolique dans ses expressions, outré dans ses caractèrés ; il se trouva peu propre à peindre la nature qu'aime tant la simplicité.»

K

«A foz do Tejo, tão celebrada, e, sendo possivel, superior á sua reputação; é de um esplendor, de uma amplitude, de uma variedade de perspectivas, que obrigam a emmudecer o sentimental romance, que se balbuciava já!» (Charles Monset.)

K. A. E.

Portugal und Spanien-Geographisk durchreiset von ——. Bauken, 1797, 8.º, 1 vol.

KALLEY (ROBERT R. ——).—M. D.

An account of the recent persecutions: in a letter to a friend. London, John F. Shaw. 1844, 8.º, 52 pag.

KAMPEN (N. G. VAN ——).

Proeve eener beoordeelende Vergelijking der vijf beroemdste Heldendichten van lateren Tijd, het verloste Jeruzalem van Tasso, de Lusiade van Camöens, het verloren Paradijs van Milton, de Henriade van Voltaire, ende Messias van Klopstock. Haag, 1816, 398 pag. in-8.º

Handboek van de Geschiedenis der Letterkunde bij de voornaamste Europische Volken in nieuwere Tijden. Tweede Deel. Haarlem, 1835, XVI–493 pag. in-8.º

De pag. 94 a 111 falla de Camões.

KAMPF (CHARLES ——).—Membre de l'institut d'Afrique, etc.

Sur la tombe de Dona Maria II, Reine de Portugal. Bruxelles, 1854, in-8.º 15 pag. É uma poesia.

KASSICH (BARTHOLOMEU ——).—Jesuita, polaco.

E. *Xivot S. Franceska Xaveria Apostola od India sive vita S. Francisci Xaverii Apostoli Indiarum.* Romae, typis Bernardini Tani, 1638, in-8.º

KASTEL (GEORGE ——).— Jesuita, natural de Neiss, na Silesia.
Compendium vitarum S. P. Ignatii et Xaverii. 1667, in-12.[1]

KATSCHER (LEOPOLD ——).
Luiz de Camoens. Zur 300 jährigen Feier des Todestages von Portugals grösstem Dichter. Eine biographische Skizze. Leipzig, 1880.

KAUFFMAN (MATHIAS ——).— Jesuita, natural de Vienna.
Panegyricus S. Francisco Xaverio. Viennae, Kaliwoda, 1754, in-4.°

KAUSLER (E. H.).
Cancioneiro geral. Altportugies. Liedersammlung des Garcia de Rezende. Neuherausgeg. Stuttgart, 1846-1852.

KAYSERLING (DR. M.).
Geschichte der Juden in Spanien und Portugal. II Theil. Geschichte der Juden in Portugal. Berlim, 1867, 8.°, 368 pag.
Traz uma historia de Camões e de um seu amigo judeu, por nome Salomoncino.
Sephardim. Romanische Poesien der Juden in Spanien. Ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der spanisch-portugiesischen Juden. Leipzig, 1859. XII-370 pag. in-8.°
Tambem falla de Camões.

KEIL (G).
Camoens. Biographischer Aufsatz in Allgemeine Encyclopaedie der Wissenschaften u. Künste, herausg. v. Erseh und Gruber. Band XV. Leipzig, Gleditsch, 1826, 421 pag., in-4.°

KELEMEN (ANTONIO ——).— Jesuita, hungaro.
Panegyricus S. Francisco Xaverio. Tyrnaviae, 1737.

KELLMUELLER (ERNESTO ——).— Jesuita, austriaco.
D. Franciscus Xaverius in natura Thaumaturgus. Viennae, typis Matth. Cosmerovii, 1665.

KERHALLET (CHARLES PHILIPPE DE ——).— Capitaine de vaisseau, officier de la Légion, de l'Ordre de Leopold de Belgique, chevalier de Saint Maurice et Saint Lazare, de Dannebrog, membre correspondant de l'académie royale des sciences de Lisbonne, membre de la société polymatique du Morbihan et de la société de géographie de Paris.
Description nautique des Açores, par Mr. ——. (Extrait du Manuel de la navigation à la côte occidentale d'Afrique. Deuxième édition. Paris, imprimerie administrative de Paul Dupont, 4.°, 111 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 80.

KERKHOVEN (TH. JOH. ——).
Gedichten. Amsterdam, 1825. 2 vol. 157 e 143 pag. in-8.º
Ines de Castro. Het Portugeesche von Camoens somtijds gevold.
No capitulo VI falla de Camões.

KHAFI KHAN.
«O mais util dos historiadores mahometanos abaixo de Ferishtah, tambem dá uma relação do cerco de Hugli, antepondo-lhe uma interessante descripção dos portuguezes a seu modo. Uma mais ampla descripção se acha no segundo volume, pag. 400, no reinado de Alamgir[1]»

KIERNANDER (J. Z.).—Missionario inglez.
Admoestação aos Christãos da Igreja Romana, occasionada por algumas annotações a uma (sic) *sermão, e mui affectuosamente proposta à consideração d'elles, por* ——. Calcutta, impresso na officina da missão, 1785, 8.º gr., 25 pag.
Lê-se na advertencia ao leitor:
«É feita esta traducção na lingua portugueza, conforme ao desejo de algumas pessoas que me pediram de ler esta admoestação em sua propria lingua, com letras um pouco mais grandes do que a primeira impressão na lingua ingleza.
«Todo o meu desejo é que seja saudavel a muitas almas, que sendo guiadas pelo lume da escriptura sagrada, possam saír das trevas da ignorancia e encaminhar no caminho direito, para que no fim possam alcançar aquella gloria e felicidade eterna, que Nosso Senhor e unico Salvador Jesu Christo tem procurado, e quer dar a todos os que obedecem sua voz e vivam conforme a seus preceitos.
«Jerem., VI, ý 16.—Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e olhae e perguntae pelas veredas antigas e qual seja o bom caminho e andae por elle, e achareis descanso para a vossa alma.
«João XIV, ý 6.—Jesus disse: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida, ninguem vem ao Pae, senão por mim.
«Psalm. CXXXIX, ý 23 e 24.—Esquadrinha-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e conhece meus pensamentos.
«E vê se em mim haja algum caminho trabalhoso, e guia-me pelo caminho eterno.
«(Este livrinho será dado gratuitamente aos que desejam aprender a verdade e sinceramente buscam a salvação de suas almas.)»

«Na *Admoestação aos christãos da igreja romana, &c.:*
«Como uma certa carta que eu privadamente tinha escripto a 14 de junho de 1784 ao reverendissimo Fre (sic) Francisco de Santa Maria, vigario da igreja romana em Calcutá, sem minha noticia foi impressa por uma pessoa anonyma, e publicada sob o ficticio nome de um Fabricio de Grusonio, que tem inserido a dita carta em seu *Papel apresentado aos moradores romanos de Calcuttá, da data de 30 de junho de 1784.*
«Como eu achei informação que alguns da congregação approvam o que se contém na dita carta, porém que outros pensam que ella contenha censuras mui

---

[1] *Instituto Vasco da Gama,* 1874, pag. 187.

severas contra o sermão do reverendo Fre Francisco, eu espero que me será permittido de fazer as seguintes annotações e declarações.

«A saber, quando eu escrevia esta carta ao reverendo Fre Francisco, minha intenção não era de a fazer ficar publica. Sómente eu queria dar occasião, por uma privada e familiar conversação com elle sobre esta cousa, a fim que eu podesse não sómente convencel-o de seus perigosos erros, mas tambem d'este modo encaminhar a elle o verdadeiro arrependimento e uma sincera conversão a Deus, e a verdade de sua palavra, comprehendida na escriptura sagrada, para que elle mesmo entrasse em o caminho que leva á vida eterna, e tambem fosse feito capaz a desenganar sua Congregação, e a rectifical-os em tantos pontos nos quaes elle juntamente com elles têem errado para o mais grande detrimento de suas almas. Em fazendo isto, minha obrigação era de ser justo e sincero, e de declarar-lhe sem lisonja meus sentimentos, e de representar-lhe em simples e claras palavras esta importante cousa, da qual depende sua propria prosperidade e a das almas de seu rebanho, entregadas a sua carga.

«Tambem não posso omittir de declarar, que nenhuma das expressões em minha carta tem procedida de algum odio ou affecto, amargoso, mas de amor e compaixão para com almas enganadas, o que claramente, e para a satisfação de todas as partes apparecerá, como confio, quando elles têem sómente a explicação de alguns pontos do sermão. A este fim eu cá enxerirei primeiro minha carta, e o dito papel, e então me irei a provar o que em minha carta foi fallado.

Eis o *Papel apresentado aos moradores romanos em Calcuttá, 30 de junho de 1784:*

«O mui reverendo padre Fre Francisco de Santa Maria, religioso anachoreta de Santo Agostinho, commissario principal da missão de Bengala, provisor do episcopado de Mailupur, e Vigario da Igreja romana em Calcuttá, vendo que um certo sermão prégado d'elle na dita Igreja, foi asperamente condemnado de alguns de seus ouvidores, possuidos de um pouco entendimento e bom sizo, como um sermão que servia a escandalisar e diffamar a congregação; a elle parecia bem, para justificar a si mesmo e a sua obra, de submetter o dito sermão ao juizo do reverendo sr. João Zacharias Kiernander, e de pedir-lhe a este fim um testemunho; e o testemunho que elle achou d'aquelle clerigo é o seguinte:

«Ao reverendo Fre Francisco de Santa Maria, Vigario da Igreja Romana em Calcuttá — Reverendo senhor.— O sermão de V. M. que lhe agradou de communicar a mim alguns dias passados, para que eu o lesse, torno a enviar-lhe agora; mas tocante o seu desejo de que eu lhe désse um testemunho, que nada não esteja comprehendido n'elle que possa dar offensa a sua gente, eu é mister aconselhar a V. M. que me não peça um tal testemunho.

«Assegurando a V. M. que tenho lido seu sermão inteiro com attenção, mas não sem o mais grande pasmo de ver que um tal sermão foi prégado a uma congregação; uma prégação que é tão cheia de erros, tão direitamente contrarios á palavra de Deus, e tão perniciosos a almas, que a consciencia me obriga, e a verdade de mim requer de dizer livremente, que minha opinião é, que se o Diabo mesmo tivesse subido riba do Pulpito para prégar, elle não podia com maior habilidade expôr a vista seu engano, nem com mais grande impudencia fallar taes falsidades e blasphemias contra Deus, nem em uma mais horrenda maneira procurar guiar povo simples no caminho da perdição, de que V. M. tem feito. Eu

encarecidamente rogo a Deus que elle queira abrir a V. M. os olhos, para ver seu peccado e perigo, e largando o serviço do Diabo, buscar a Divina misericordia. Tambem assim mesmo eu rogo encarecidamente por o ignorante povo de sua congregação que a Deus agrade de lhes dar entendimento para discernir verdade da falsidade, e de dar-lhes sua Santa Palavra por lume, para que n'este lume uma vez aprendam a achar o verdadeiro caminho que leva a Jesu Christo, o unico Salvador dos peccadores, e á vida eterna que elle dá, e a andar n'elle.

«Agora eu não entrarei em particularidades, mas desejára de ter occasião de ter occasião de fallar a V. M. de largo, para que o convença do mui perigoso estado no qual está.

«Confie V. M. que eu sou — Reverendo senhor — Um que deseja bem = *J. Z. Kiermander.*»

«É este sacerdote digno de taes titulos honrados? É elle capaz de executar as religiosas obrigações de seus differentes officios para honra de sua religião? É elle apto para ser Pastor de um rebanho tão numeroso e sensivel, como é o povo d'esta cidade, a qual agora é mais illustre do que a principal cidade de todo o reino, e o objecto da observação de qualquer homem de siso e penetração? Não, por certo.

«Sendo assim, não servirá porventura muito para o credito d'esta congregação se ella faz tirar este ignorante padre de sua vigararia, e se acha em logar d'elle um outro que seja qualificado na obra de seu officio, e de uma vida exemplar? Certamente servirá para isto; e a resolução é mister ser executada sem detença; porque ninguem que tem um grão de juizo, póde ser de differente opinião.= *Fabricio de Grusonio.*

«Para seu sermão elle tem tomado o texto do livro apocripho da *Sapiencia de Jesus, o filho de Sirach;* chamado *Ecclesiastes,* cap. XXXIX, ℣ 13.

Obaudite me; Divini fructus, et quasi Rosa plantata super Rivos aquarum fructificate.

«Isto é em portuguez:

«Dae ouvidos a mim, oh filhos santos, e fructificae como uma rosa plantada junto aos ribeiros de agua.»

«Dois principaes pontos são tratados em seu sermão:

«Da Virgem Maria;

«Do Rosario.

«E nem de um nem de outro ponto não ha uma só palavra mencionada no texto. Para evitar prolixidades, eu escolherei sómente alguns poucos passos de seu sermão, sufficientes para o presente intento.

«No mesmo começo de seu sermão, elle diz: «Continuos beneficios que receberão e estão recebendo de Maria Santissima.» Esta é uma doutrina falsa e blasphema. A Escriptura Sagrada nos ensina que «toda boa dadiva e todo dom perfeito é do alto, que descende do Pae das luzes, não da Virgem Maria.» S. Thiago, I, ℣ 17.

«Isto é por privar a Deus da acção de graças, louvor, e honra a elle devida por todos seus beneficios e bençãos, que cada dia d'elle recebemos, e é um estratagema diabolico, calculado para virar de nosso benignissimo Deus o amor dos corações de gente, e pol-o sobre uma creatura da qual recebemos nada.

«Esta é a mesma astucia de que a velha serpente se servia no Paraizo, quando ella, insinuando sua infernal falsidade, virava os corações de nossos primeiros paes, de Deus, o dador de todas as bençãos que elles possuiam, e os persuadia a pôr sua confiança em elle, o mau enganador. Na mesma maneira o auctor d'este sermão quer fazer crer sua gente, que todos os beneficios que elles receberam, e ainda recebem, procedem da Santissima Maria, e não de Deus. E d'isto elle se serve, como de um motivo para o persuadir ao «Culto e devoção, que o povo romano paga áquella soberana Senhora.»

KINCAID (J.).

Adventures in the rifle brigade in the Peninsula, France, &c., from 1809 to 1815.

Randow shots from a rifleman. London, 1847, 8.º

KING (CHARLES ——).

The British Merchant: containing the sentiments of the most eminent and judicious merchants of the city of London, concerning the trade and commerce of these Kingdoms: more particularly that which relates to France, Spain and Portugal. And illustrated with notes and maxims useful to trade in general. Originally composed by a Body of Merchants (whose names are mention'd in the Preface) and publish'ed by Mr. Charles King, in three large volumes octave, at one Guinea and a half. Now Republish'ed compleat, with improvements. The third edition. Printed for Tho. Osborne, in Gray's-Inn, 1748. 3 vol. in-8.º

N'esta obra encontram-se innumeras noticias ácerca do commercio de Portugal no seculo passado.

KINGHT.

The British Battalion at Oporto. With plan of Oporto and sketches. London, 1834.

KINGSTON (W. H. G.).

Lusitanian sketches of the pen and pencil. With illustrations. London, 1845, 2 vol.

KIRIS (FRANCISCO ——).— Jesuita, hungaro, fallecido em Presbourg, no anno de 1736.

Somnium Xaverii Honori Reverendorum, Nobilium ac Eruditorum DD. Neo-Baccalaureorum, cum in Alma Archiepiscopali Universitate Tyrnaviensi prima Philosophiae laurea insignirentur. Promotore R. P. Henrico Berzeviczi Societat. Jesu, AA. LL. et Philosophiae Doctore, ejusdemque Professore Ordinario. A Nobili Humanitate Tyrnaviensi dicatum. Anno salutis 1686. Tyrnaviae, typis academicis, in-8.º Em verso e em prosa[1].

KIRWITZER (WENCESLAU PANTALEON ——).— Jesuita, bohemio, admittido na companhia de Jesus em 1606. Applicou-se aos estudos de

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. v, pag. 369.

mathematica, a qual ensinou em Gratz. Embarcou para as missões estrangeiras da China e do Japão. Morreu em Macau em 1626.

Observationes Cometarum anni 1618 factae in India Orientale a quibusdam Soc. Jesu, mathematis in Sinense regnum navigantibus. Aschaffenburge, typis Balth. Lippii, 1620, in-4.º

Litterae de martyrio P. Joannis Baptistae Machadi, Societatis Jesu, qui anno 1617, in Japonia passus est. Antuerpiae, 1622, in-8.º

Relatione delle cose più notabili scritte negli anni 1619, 1620 e 1621, della Cina. Al molto Rev. in Christo P. Mutio Vitelleschi Proposito Generale della Compagnia di Giesù. In Roma, per l'Erede di Bartolomeo Zannetti, 1624, in-8.º, 252 pag. *Relatione dell' anno* MDCXIX, *datada de Macao a 7 de dezembro de 1619, e assignada Emanuele Diaz,* pag. 1 a 64. *Relatione dell' anno* MDCXX, *datada de Macau a 28 de novembro de 1620, e assignada Vinceslau Pantaleone,* pag. 62 a 100. Finalmente: *Relatione dell' anno* MDCXXI, *datada della Metropoli Hanciana, nel primo anno del nostro Imperatore Thien Ki, nell' ottavo giorno della Luna Settima, e nell' anno del Signore 1622 á 24 d'Agosto, assignada Nicoló Trigaultio,* pag. 101 a 252.

Lettere annue del Tibet de 1626 e della Cina del 1624. Scritte al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesù. In Roma, apresso Francesco Corbelletti, 1628. Con licenza de' superiori, in-8.º, 136 pag. Contém: *Lettere del Tibet dell' anno 1626, datada de Caparangue, 15 de agosto del 1616, e assignada por Antonio de Andrade,* pag. 3 a 58. *Lettera della Cina, dell' anno 1624, datada de Macau, em 27 de outubro de 1625 e assignada por Vinceslao Pantaleone,* pag. 59 a 130.

Histoire de ce qui s'est passé au royaume de la Chine en l'année 1624. Tirée des lettres (sic) *écrites et adressées au R. P. Mutio Viteleschi, General de la Compagnie de Jesus. Traduite de l'italien en français par un père de la même compagnie.* A Paris, chez Sebastien Cramoisy, 1629, in-8.º, 102 pag.

KLAUS (FRANCISCO XAVIER ——).—Jesuita, hungaro.

Panegyris de S. Joanne a Deo. Posonii, 1777.

KLOGUEN (ABBÉ COTTINEAU ——).

Journal.

Foi encontrada esta obra manuscripta em S. Thomé de Meliapor, perto de Madrasta, em 1863, por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara[1], e publicada no *Instituto Vasco da Gama,* Nova Goa, 1873.

KNOWLES (RICHARD ——).

Statement and documents respecting the british barque Dane which put into Lisbon on the May 1864, with a cargo of coals bound for Bermuda. Publish by ——. Lisbon, 12 october, 1864. 8.º, xx-20 pag.

---

[1] «L'Abbé Denis Louis Cottineau de Kloguen est assez avantageusement connu par son petit livre écrit en anglais, intitulé: *An historical sketch of Goa* (Madras, 1831), et traduit en portugais avec des corrections et additions par M. Miguel Vicente de Abreu, sous le titre de: *Bosquejo historico de Goa* (Nova Goa, 1858).

«L'Abbé Cottineau a été très bien accueilli à Madras, spécialement par les catholiques de l'ancienne ville portugaise de Saint Thomé, où il a séjourné quelques temps, et laissé ses papiers, quand sentant sa santé s'affaiblir, il est allé chercher du soulagement a Karikal, mais malheureusement il y a trouvé la mort le 11 février 1830. *Instituto Vasco da Gama*», n.º 13.

KNOX (ROBERT ——).

Relation du voyage de l'isle de Ceylan, dans les Indes Orientales; par ——. Traduit de l'anglais. Amsterdam, 1693. 2 tomos.

KOBAVIO (ANDRÉ ——).—Jesuita, natural de Cirknitz, na Illyria. Falleceu em 1644.

Vita B. Joannis Dei Fundatoris Fratrum Misericordiae. Ex italico in latinum translata. Viennae, Heyinger ... in-8.º[1]

KOCH (FRANCISCO BORGIA ——).

Brief P. Koch, Soc. Jesu, an R. Patrem Mordax, Soc. Jesu geschrieben zu Goa, im Jahr 1706. Von seiner Reis von Goa nach Agra, und ferner in die Tartarey[2].

Impresso no *Weltbott,* do P. Stocklein, tomo v, n.º 117.

KOETS (K. PR.).

Leven en marteldood van den gelukzaligen Joannes de Britto, verhaald door. To Amsterdam, by C. L. Van Langenhuysen, 1854, in-18. 186 pag., afóra o prefacio e o indice.

KOEGLER.

Observations faites à Peking sur les satellites de Jupiter, par les pères Koegler, Pereira, de la Charme et Gaubil, missionnaires de la compagnie de Jésus, 1737 et 1738.

Nas *Mémoires de Trévoux,* janvier, 1740.

KOEGLER (IGNACIO ——).—Jesuita, e mandarim na China.

Observations de l'eclipse de soleil du 15 juillet 1750, à Pekin, et des immersions des satellites de Jupiter depuis 1729 jusqu'à 1730, par les pères Ignace Koegler et André Pereira, communiquées par Jayme de Castro Sarmento.

Nas *Transactions philosophiques, années 1731 ou 1732.* Paris, 1741.

Brief R. P. Koegler, an eben R. P. Franc. Xav. Hallaner: geschriben zu Pekin, dem 5 Weinmonats 1736. Inhalt. Kurzer Begriff der ersten Verfolgung Kaysers Kien-long, wider die Christen in China. Lob R. P. Cajetani Lopez S. J. Missionarii. Frühzeitiger Tod R. P. Josephi Zallinger, eines Teutschen Missionarii.

KOENING (MARTIN ——).—Jesuita, da provincia do Baixo Rheno.

Brief R. P. Martini Königs, Missionarii der Gesellschaft Jesu aus der Unter-Rheinischen Provinz, an einen Priester derselben Gesellschaft und Provinz: geschrieben an denen Gränzen des Reichs Travancor, dem 14 Sept. 1739. Inhalt. Die Portugiesische Vestung Murmagaum haltet sich tapfer wider einen feindlichen Anfall. Die Missionarii müssen Kriegs-Dienst verrichten. Ehrenbietigkeit deren Christen um Travancor gegen ihre Seel-Sorger.

Vem no tomo XXXI do *Neue-Weltbott,* do P. Stocklein.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* vol. v, pag. 377.
[2] Id., id.

KOFFLER (JOÃO ——).— Missionario, jesuita, natural de Praga, onde nasceu em 1711. Foi admittido na companhia de Jesus com quinze annos de idade. Embarcou em 1740 para as missões da Cochinchina. Durante sete annos foi medico do Rei, mas a perseguição de 1753 o obrigou a deixar a missão. Em 1755 voltou a Lisboa, e Pombal o mandou prender na torre de S. Julião; deveu sua liberdade aos pedidos de Maria Theresa. Em 1767 veiu a Vienna, acceitou as missões da Transylvania, offerecimento de sua libertadora. Morreu em dezembro de 1780[1].

Erster Brief R. P. Joannis Koffler, S. J. Missionarii in Conchinchina, aus der Böheimischen Provinz, an R. P. Josephum Ritter, aus der Gesellschaft Jesu, Seiner Majestät der Königin in Portugal Beicht-Vatern, geschrieben zu Mucoi-co, dem 18 Maji 1744. Pag. 75 a 78.

Zweyter Brief R. P. Joannis Koffler, Missionarii Soc. Jes. in Cochinchina, aus der Böheimischen Provinz, an R. P. Josephum Ritter aus der Gesellschaft Jesu, Seiner Majestät der Konigin in Portugal Beicht-Vatern, geschrieben in dem Königl. Hof-Lager, dem 7 Julii 1747. Pag. 90 a 93.

Dritter Brief R. P. Joannis Koffler, Missionarii Soc. Jesu in Cochinchina, aus der Böheimischen Provinz, an R. P. Josephum Ritter, aus der Gesellschaft Jesu, Seiner Majestät der Königin in Portugal Beicht-Vatern, geschrieben in Cochinchina im Brachmonat, 1749. Pag. 103 a 108.

Vierter Brief R. P. Joannis Koffler, S. J. Missionarii in Cochinchina, aus der Böheimischen Provinz, an Seine Hoch-Gräfliche Excellenz, Frauen, Frauen Maria Theresia, Reichs-Gräfin von Fugger zu Wellenburg, gebohrnen, Truchses zu Zeil, geschrieben in dem Konigl. Hof-Lager, dem 30 Julii 1751. Pag. 128 a 139.

Fünfter Brief R. P. Joannis Koffler, der Gesellschaft Jesu, an obgedachte Hoch-Gräfliche Excellenz, Frauen, Frauen Maria Theresia, Reichs-Gräfin von Fugger, geschrieben in Cochinchina, dem 28 Heumonats, 1753. Pag. 139 a 144.

Foram impressas estas cartas no *Weltbott,* do P. Stocklein, tomo XXXVI, n.os 710, 714, 717, 721 e 722.

Joannis Koffler Historica Cochinchinae Descriptio in epitomen redacta a P. Anselmo Eckart S. J. edente Christ. Theoph. Murr cum Authoris Epistola Cibinio ad Eckartium 9 Maji 1779, data. Norimbergae, 1803, in-8.º, pag. 126.

Terminou na prisão da torre de S. Julião a descripção da Cochinchina, a qual o P. Lourenço Kaulen mandou em 1789 a Murr, e este em 1798 remetteu para Berlim ao livreiro Sander.

Elegium Francisci de Cunha, Sinensis, Soc. Jesu Scholastici, in carceribus lusitanicis defuncti. (Murr. Journal, VIII, pag. 247).

KOGLER (JOÃO BAPTISTA ——).— Jesuita, allemão.

Panegyres de SS. Pedro e Paulo Apostolis, S. Stephano Proto martyre, S. Francisco Xaverio, Santo Vincentio Ferrerio, S. Elisabetha, Beata Angela Ursulinarum Fundatrice. Cassoviae, 1772 e 1773.

KOHL.

J. G. die beiden ältesten Generalkarten V. America, ausgef. 1527–1529 auf Befehl Karl V. M. Karlen. Weimar, 1860.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. v, pag. 379.

Apresenta reproducções de dois famosos mappas-mundo, hespanhoes, de 1527 a 1529, com 195 pag. de texto.

Contém, outrosim, um capitulo ácerca da demarcação papal da linha, no anno de 1493, por causa das demarcações das descobertas americanas.

KONIGER (NICOLAU ——).

Africanischen Kriegs besechsei, &c. Basel, 1581, 8.º, 1 vol., 228 pag.

Trata da ida de D. Sebastião a Africa e da sua morte em Alcacer-Kîbir.

KORF (JOANNES ALBERTUS ——).—Serenissimae Russorum Imperatricio Camerarius Regendae Academiae Petropolitanae Praefectus.

Excellentissimis, Illustrissimis atque praestantissimis Regiae Academiae Ulyssiponensis Collegio S. D.

Vem esta carta no *Commercium Epistolicum Regiae Historiae Lusitanae Academiae cum Academia Petropolitana,* 31 pag.

Acha-se esta correspondencia entre a academia real das sciencias de S. Petersburgo e a academia real de historia portugueza, no vol. I da *Obra Commentarii Academiae Scientiarum Imperialis Petropolitanae.* Petropoli, 1744.

A academia real das sciencias de S. Petersburgo tinha enviado como presente alguns livros á nossa academia de historia, e esta não só mandou agradecer n'uma carta, usando de expressões muito agradaveis, áquella academia, mas até mesmo uma porção de livros portuguezes. E alem d'isso tinha sido o conde da Ericeira encarregado de fazer um catalogo dos livros remettidos pela academia de S. Petersburgo[1]. Eis porque a academia de S. Petersburgo resolveu agradecer, e alem d'isso publicar na collecção das *Memorias* a correspondencia trocada entre as duas.

«A academia de S. Petersburgo admira o trabalho e industria do conde da Ericeira na composição do referido catalogo, e tece elogios ás observações que faz E. Korf, que escreve em nome da academia, tece tambem grandes elogios ao nosso Antonio Ribeiro Sanches, medico então em S. Petersburgo, o qual se tinha encarregado da remessa dos livros para Portugal.

«A este agradecimento responderam n'uma elegantissima carta latina o marquez de Valença, Antonio dos Reis, Diogo Fernandes de Almeida, conde de Assumar, conde da Ericeira e Nuno Telles da Silva. N'esta carta fazem-se grandes encomios á academia russa, e ao medico Ribeiro Sanches.

«Foi encarregado de responder a esta carta, Carlos de Brevern, conselheiro d'estado da Serenissima Imperatriz dos russos, presidente da academia de S. Petersburgo, e cavalleiro da ordem de Santo Alexandre.

«N'esta carta louva Brevern os commentarios que o conde da Ericeira havia eito aos livros mandados de presente pela academia de S. Petersburgo[2], livro que tinha sido apresentado pelo medico da Imperatriz, o nosso Antonio Ribeiro

---

[1] *Extractos academicos dos livros que a academia de Petersbourg mandou á de Lisboa, feitos por ordem da mesma academia pelo conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, um dos seus directores, e censores, do conselho de guerra, mestre de campo general dos exercitos de Sua Magestade e deputado dos tres estados do reino, &c.* Lisboa occidental, 1738, in-4.º

[2] *Ut nihil quod ad laudem commendationemque nostrae qualiscunque diligentiae pertinere posset, omitliret.* Pag. XIV.

Sanches, e iguaes agradecimentos envia á academia de historia em nome do Imperador e da Imperatriz da Russia.

«A pag. XVII começam as noticias e extractos de alguns dos livros remettidos pela academia de historia. Diz que o auctor da vida de Nuno Alvares Pereira[1] é eloquente, e sua linguagem quasi igual á de Tito Livio.

KOZMA (FRANCISCO XAVIER ——).
Panegyris D. Francisco Xaverio dicta. Tyrnaviae, 1750.

KRACHO (JOSÉ ——).— Jesuita, hungaro.
Panegyricus D. Francisci Xaverio adornatus. Tyrnaviae, 1742.

KRENING (JOSEPH ——).— Jesuita.
Conquistas na India em Apostolicas Missoens da Companhia de Jesus, soccorridas pelo Céo com milagrosos successos, em crédito da Fé, e estrago da idolatria até ao anno de 1744. Escrito tudo pelo P. Joseph Krening; e dado á luz pelo padre procurador da provincia do Malabar, ambos da companhia de Jesus. Lisboa, na officina de Manuel da Silva, 1750, in-4.º, 56 pag.

KRIEGK (G. L.).
Schriften zur allgemeinen Erdkund. Leipzig, 1840, 370 pag. in-8.º
Falla dos *Lusiadas.*

KROTKIE *zebranie swiatobliwych zywotów S. Isidora, rolnika z Madryki, S. Ignacego Loyoli, Fundatora S. J. S. Franciszka Xawera Wyznawcy tegoz zakanu, S. Philippa Nereusza, Fundatora Congregacyi Oratori romani, nowokanonizowanych.* Jeroslaw, 1622, in-4.º (Breve compendio das santas vidas de Santo Izidro, lavrador, de Madrid, de Santo Ignacio, fundador da companhia de Jesus, de S. Francisco Xavier, confessor da mesma ordem, e de S. Filippe Nery, da congregação do Oratorio romano, canonisado ha pouco.)

KUGELMANN (JOSEPH ——).
Histoire de l'Imprimerie en Portugal. Paris, imprimerie typographique de Kugelmann, 1867, 8.º de 62 pag.

KUHN (FRÉDERICH ADOLPHE ——).
Die Lusiaden des Camoens aus dem portugiesischen in deutsche ottavereime abersetzt von ——. Leipzig, 1807, 8.º

KUNSTMANN (FRIEDRICH ——).
Die Handelsverbindungen der Portugieischsen mit Timbuctn im XV. Jahrhunderte, in-4.º, 2 vol. Sem logar de impressão nem data.

Um segundo volume d'esta obra, com 235 pag., appareceu na livraria do bibliomaniaco Pedro José da Silva.

---

[1] *De vita et rebus gestis Nonni Alvaresii Pyreriae Lusitanie Comitistabilis. Auetore Antonio Roderico Costio.* 1733, Ulyssipone.

KURZWERFASTE *Beschreibung der vortrefflichen mächtigen und reichen Haupt und Residenz-Stadt Lissabon im Königreich Portugal. Nebst einer ausfuhrlichen Nachricht wie solche den ersten November 1755, durch ein erschröckliches Erdbeben werderbet worden. Mit zweien Kupfern Medaille welche worstellen wie die Stadt in ihrens Flor gestaltet war, und wie Sie gegenwärtig in den Ruinen liegt.* Frankfurt und Leipzig, 1756. (Un résumé de la description de l'excellente, puissante et riche capitale et résidence Lisbonne, dans le règne de Portugal, outre une nouvelle précise comme elle le premier novembre 1755, par un terrible tremblement de terre, a été anéantie. Avec deux médailles de cuivre qui réprésentent comme la ville était florissante dans ce moment, et comme elle est maintenant en ruines. Frankfort et Leïpzig, 1756.)

KURZE *Lobensbeschreibung des seligen Johannes von Britto, Märtyrers der Gesellschaft Jesu. Mit Erlaubniss geistlicher Obrigkeit.* Münster, 1854, in der Asschendorffschen Buchhandlung, in-16, 68 pag.

KUSZEWICZ (JOÃO CASIMIRO ——).— Jesuita, natural de Gallicia, e fallecido em Krosno a 25 de julho de 1723[1].

Fragmenta Epistolarum S. Francisci Xaverii S. J. Indiarum Apostoli, orbis Thaumaturgi, collecta ex-voto per Joannem Kuszewicz S. J. polonum, exulem pro tunc ex peste, ac doctrinis moralibus explicata in usum utilitatemque legentium proposita. A. D. 1716 Caliosii, typus coll. S. J., in-fol., VIII–226 e 11.

KUTTNER (ROBERT ——).

Höniglich preussischen appellations-gerichts-vathe. Zur Feier der allerhö chesten vermahahlung hiren Majestäten. Der Köningin Stephanin am 29 April 1858. In tiefster ehrfurcht. geweiht von ——. Berlim, 1858, fol. de 10 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. III, pag. 421.

L

En las orillas que el Tajo
Con limpidas aguas baña,
Flores hay de su belleza
Y de su aroma preciadas.
(Canticos orientales.)

L.

«Viva Savoia!» Risonar si udio,
Sette secoli son, dal Duero al Tajo,
Quando á Mafalda, di bei nodi vago,
Il primo Affonso il core e un Trono offrio.

Sulle sponde di questo e di quel rio
Desta Maria, d'ogni virtude imago,
Plauso maggiore, or che contento e pago
Lisia ravvisa il publico desio.

Li Luigi la Sposa al Tajo in riva
Eceola giunta ormai... Danze e carole
Sciolgonsi ovumque, ed echegianti evviva!

Col diadema regal mirti e viole
Intrecciate miriamo... Italia viva!
Evviva, evviva la Sabaudeo Prole.

L. C. M. J.— Praticante de cirurgia no hospital real de Barcelona.

Carta que escreve —— a L. da G. e Lemos, praticante de cirurgia na cidade do Porto. No fim: Barcelona, 1765.

L. D. L. D. L.

Mémoires de Maximilien de Bethune, Duc de Sully, Principal Ministre de Henry le Grand; mis en ordre avec des remarques, par ——. Nouvelle édition, revue & corrigée. A Londres, 1763, 7 vol. in-8.º

«... A Rainha e todos os cortezãos em nenhuma parte achavam tantos attractivos como nos espectaculos do theatro[1]. Tinha eu mandado construir e accommodar para este fim uma sala mui espaçosa, com uma platéa em fórma de amphytheatro, e uma grande quantidade de camarotes em algumas galerias, separados uns dos outros, e tendo cada um seus degraus e suas portas particulares. Eram duas d'estas galerias destinadas para as mulheres, e nenhum homem n'ellas entrava em companhia d'estas, pois era um ponto da minha policia que eu não deixava ser violado, e que não julgava ficar-me mal zelar pessoalmente.

«Certo dia, em que dançavam um lindissimo baile n'esta sala[2], avistei um homem que conduzia uma dama pela mão, e com a qual elle se preparava para entrar n'uma das galerias das mulheres. Era um estrangeiro, e reconheci até mesmo facilmente de que paiz era, pelo seu rosto moreno. «Meu senhor, lhe disse eu, tereis a bondade de procurar uma outra porta, pois não posso cuidar que com a vossa tez possaes esperar que passeis por uma bella dama.» «Senhor, me respondeu elle em muito mau francez, quando souberdes quem sou, não me recusareis, creio eu, a cortezia de me deixardes entrar com esta bella dama, por mais trigueiro que eu seja. Chamo-me Pimentel, e tenho a honra de ser bem visto de Sua Magestade e de jogar muitas vezes com ella.»

«Era isto verdade e bem verdade! Este estrangeiro, de quem eu tinha ouvido fallar, havia ganho sommas immensas ao Rei. «Como! Com a fortuna! lhe disse eu, figurando de homem verdadeiramente encolerisado, sois vós então, segundo vejo, esse grande pandorga portuguez, que todos os dias ganha dinheiro ao Rei! Com a bréca! Não viestes em boa hora, pois nem gosto nem quero aqui pessoas taes.»

«Quiz replicar: «Ide, ide, disse-lhe eu empurrando-o, procurar uma outra entrada; pois não me persuadireis com o vosso palavreado.»

«Tendo-lhe o Rei perguntado se não tinha achado bello e perfeitamente bem dansado o baile que vira, Pimentel respondeu-lhe que tivera desejos de o ver, mas que encontrára n'uma porta seu grande financeiro, com a fronte negativa, e que o tinha mandado embora. Contou sua aventura, que pareceu tão engraçada ao Rei, pela maneira como era contada, que entrou a rir com toda a força, e não deixou de a contar a toda a côrte.»

Uma nota, porém, diz que Pimentel era italiano e não portuguez.

Relata-nos no vol. III, pag. 241:

«Fazendo por aquelle tempo a questão do verdadeiro ou falso D. Sebastião muito barulho pela Europa[3], a Hespanha mandou La Tremouille a Portugal para

---

[1] *Mémoires*, vol. VII, pag. 2.

[2] Passou-se isto no anno de 1608.

[3] Esta questão parece presentemente bem decidida pela auctoridade de quasi todos os bons historiadores, que não duvidam que o Rei D. Sebastião tenha verdadeiramente perdido a vida na batalha que deu aos mouros em Alcaçar no anno de 1578, e por conseguinte que o pretendido D. Sebastião seja um impostor, sustentado então e depois pelos inimigos da Hespanha. Vêde as provas da morte d'este Rei em M. de Thou, liv. LXV, etc. Fallar-se-ha d'elle mais tarde. A França podia ainda interessar-se n'esta questão por um outro motivo. Catharina de Médicis havia pretendido ter direitos legitimos sobre a corôa de Portugal, como dizendo-se descendente de Roberto, filho de Affonso III, por Mahaud, sua primeira mulher, fallecida em 1262. Desde aquelle tempo, sustentava ella, que todos os Reis de Portugal nada mais tinham sido do que outros tantos usurpadores. Eram aquelles pontos bem difficeis para justificar, e por isso parece que ella pouco trabalhou para que suas pretensões sortissem bom effeito.

procurar esclarecer este mysterio e não decidindo senão com pleno conhecimento sobre a justiça ou iniquidade do conselho de Hespanha, que tinha começado por mandar prender o pretendido Rei de Portugal.»

E no vol. IV pag. 89:

«É realmente cousa mui singular essa tão perfeita similhança em todas as partes; os signaes naturaes, e até mesmo os defeitos do corpo, que a natureza tinha posto, no dizer de todos os historiadores, entre o verdadeiro D. Sebastião e esse homem que dizem ser um particular calabrez. Não ficam menos perplexos no adivinhar como tinha elle podido chegar a conhecer algumas circumstancias da vida d'esse Rei de Portugal, tão particulares e tão secretas, que todas as pessoas ficavam pasmadas. Os portuguezes ainda mais embaraçados por causa da sua affeição ao sangue de seus Reis, e por causa do seu odio aos hespanhoes (este ultimo motivo poderia tambem ser applicado a Mr. de Sully), do que pelas provas que elles creram ter, persistiram em sustentar os direitos d'este impostor. O *Septenaire* lhe é mui favoravel, anno 1601, pag. 247.

«Os hespanhoes persuadiram-se terem tambem descoberto o embuste, quando Fernando, grão duque da Toscana, o entregou nas mãos do Vice-Rei de Napoles, que não receiaram expol-o á mofa publica, montado n'um burro, depois do que o enviaram para as galés.» V. P. Math., tomo II, liv. III, pag. 451.

L. M.

Étude historique sur la quotité disponible en Portugal. Paris, 1857.

LA ILUSTRACION ESPANOLA Y AMERICANA.—*Año XXXIV.*—*N.º XXI.*

N'um artigo ácerca do centenario, acompanhado do retrato de Camões e do côro das Nereidas:

«Luís de Camões és para nosotros tanto más simpático, cuanto que sus desgracias recuerdan las de Cervantes, y acaso las exceden. Sin embargo, deberia ser para nosotros un cruel y involuntario enemigo. Portugal, ese pedazo de España, separado solo por un idioma que entendemos sin aprenderle, y tan analogo al nuestro, que Camões usaba indistinctamente de los dos, se emancipó de España con los *Lusiadas* mas que con la batalla de Aljubarrota y su posterior independencia. La literatura de cada pueblo es su frontera mas inacesible.» (Pag. 362.)

Sobre bellas artes:

«A nação portugueza, enthusiasta como aquellas que mais o são, da gloria de seus filhos illustres, prepara-se para commemorar dignamente o terceiro centenario da morte de Luiz de Camões, que com o seu magnifico poema *Os Lusiadas* legou ao mundo immorredoura fama.

«A *Ilustracion española y americana* associa-se de bom grado ás demonstrações dos nossos vizinhos em honra do grande epico, publicando (alem do artigo do sr. D. Luiz Vidart, que apresentâmos no logar competente), seu retrato na pag. 365, e na 366 uma copia do quadro original de Mr. Liezen-Mayer, que tem

por titulo: *O côro das Nereides,* e cujo assumpto está inspirado no canto IX do poema de Camões:

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava,
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha a que Venus os guiava:
Alli a formosa deusa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

«Esta e outras composições allegoricas de distinctos artistas allemães, formam parte da famosa edição *Os Lusiadas,* em lingua portugueza, que com grande esmero se está imprimindo em Leipzig por conta da casa M. E. Biel, do Porto, e cuja dedicatoria se dignou acceitar Sua Magestade D. Pedro II, Imperador do Brazil.»

A pag. 367: *Recuerdos de Camoens con motivo del tercer céntenario de su muerte:*

«... E já que tanto havemos mencionado no decurso do presente escripto, ao Principe dos engenhos hespanhoes, poremos fim á nossa tarefa, expondo aqui certas considerações que muitas vezes nos têem occorrido, considerações nas quaes se entrelaçam as glorias dos dois maiores genios que produziu a Peninsula Iberica. Se nos tempos futuros, em alguma nova encyclopedia, outro novo Mr. Masson perguntar que têem feito Portugal e a Hespanha em prol da civilisação da especie humana, poder-se-lhia responder que, se a arte litteraria é uma realidade, que se a manifestação da belleza eleva e purifica o animo dos seres nacionaes, sem duvida que devem ter contribuido para o progresso do bem, o portuguez Camões ideando o melhor poema heroico da idade moderna, e o hespanhol Cervantes escrevendo uma novella que, por sua grandiosa composição, entra já nos limites do genero epico-philosophico.

«Madrid, 1 de maio de 1880.= *Luiz Vidart.*»

LA MENNAIS (M. F. DE ——).

Affaires de Rome, mémoires adressées au Pape; des maux de l'Église et de la société, et des moyens d'y remédier. Par ——. Bruxelles, Langlet & C.e, 1837, in-12, 324 pag. *Pièces justificatives,* 67 pag.

«... Quanto acabâmos de dizer a respeito da Hespanha, se applica, com mui pouca differença, a Portugal. Estes dois paizes (pag. 272), embora separados por uma antiga rivalidade, e por uma antipathia mutua, assimilham-se em quasi tudo. O portuguez é um hespanhol enfraquecido nas suas qualidades e nos seus defeitos. Povo descaído tambem, depois de uma epocha de gloria, de vez em quando agita-se no seu tumulo, como se houvesse tido alguns sonhos de vida. Emquanto ao mais, nenhum movimento, nenhum progresso, e com difficuldade uma sombra de civilisação. Dois irmãos disputam entre si, com as armas na mão, essa herança de um pae idiota. A parte da nação que aspira a reformas politicas, favorece o mais velho; o mais novo tem do seu lado o clero, e a ralé, ralé ignorante, fanatica e cruel, a qual sopeam por meio de carrascos, e divertem com supplicios.

As prisões regorgitam com desgraçados, culpados ou suspeitos de terem desejado um melhor futuro á sua patria. Quando alli falta inteiramente o logar, vem fazel-o a forca. D'esta sorte nada embaraça o serviço do sangue e «a ordem reina».

«Imagina-se bem o que póde ser a religião n'um tal paiz. A fé, com certeza, tem alli ainda raizes profundas, morreram por ella; mas, perdendo-se n'uma multidão de idéas falsas e supersticiosas, não exerce ella sobre os costumes quasi nenhuma influencia, e o clero não está ao abrigo de uma tal censura. As praticas abafam a moral. O christianismo cobre a vida, não a penetra; e em toda a parte onde estorvam a cultura do espirito, os sentidos predominam.

«Ora, no tocante a instrucção, Portugal está nas mesmas alturas que a Hespanha, e tudo está dito. Nenhuns meios de estudo, e se elles existissem, o poder assustado, apressar-se-ía a destruil-os. O primeiro raio de luz que, atravessando a atmosphera tenebrosa, com a qual está envolvida, viria fixar-se na sua fronte, e marcal-o-ía com um signal de morte. Pensar, para elle, é conspirar; só póde subsistir com a ajuda de uma obediencia implicita, cega, fóra do direito, e que não o examina jámais senão com a ajuda da obediencia dos brutos. Debaixo do regimen em que procura sua segurança, um olho que se abra, é um perigo que nasce. O clero, por causa da consciencia da sua propria fraqueza, e por uma necessidade de posição dependente que para si escolheu, coadjuva a este respeito, e bem perigosamente para a Igreja, a politica do poder. Não vê que, repellindo a sciencia, e declarando-a até mesmo inimiga da religião, trabalha por fazer um povo impio ou barbaro; barbaro, pareceria dentro em pouco; impio, que seria do sacerdote que o houvesse arrastado a este abysmo? Insisto n'este ponto porque é capital, porque não ha pretextos que não imaginem para se entrincheirarem na ignorancia. Fallam dos estragos causados por uma falsa philosophia; são elles reaes, quem os poderia negar? Mas porque lhe não oppozeram uma que fosse melhor? E, finalmente, desacreditada nos paizes que a viram nascer, não tem ella servido para fortificar a religião que estava combatendo? Fallam da simplicidado da Fé! Ah! Sem duvida, a Fé tem de ser simples: ella é, para o coração, como para a rasão, um acto de obediencia; de outro modo, a quem se daria credito senão a si mesmo? Mas, por ter a Fé de ser simples, segue-se d'ahi que devam elles ser imbecis? Segue-se d'ahi que seja indispensavel proscrever ou desprezar os conhecimentos necessarios para o seu desenvolvimento? Segue-se d'ahi que o progresso do espirito humano não seja bom? Se vos parece fatal, não nol-o gabeis mais como um dos effeitos do christianismo, e uma das provas de sua verdade. Quereis fixar-lhe limites? Quaes serão elles? Nada é estacionario n'este mundo: é indispensavel recuar ou avançar. Avançar! esta palavra assusta-vos; recuae então. Mas até onde, por favor, recuareis vós? Por toda a parte, em todos os tempos, não se tem abusado da sciencia, assim como de todos os outros dons do Creador? Ensinae-nos ainda uma vez, onde haveis de parar. A não ser que sejaes inconsequentes, ser-vos-ha necessario, contra vossa vontade, chegar até á maxima de Rousseau: «O homem que pensa, é um animal depravado.» É para annunciar esta doutrina ao mundo que vos foi dito: Ide, e ensinae todas as nações. Crêde-me: não erijaes nas trevas o altar d'aquelle que creou o sol.

«Não passaremos em silencio uma outra consequencia não menos deploravel da posição actual do clero em Portugal. Apenas confundiu a causa da religião com a causa do despostismo, logo este falso erro, produzindo suas consequencias,

a conduziu immediatamente a um enorme abuso da palavra de Deus. As paixões politicas invadiram o pulpito; mancharam-no ellas com abjectas e vis adulações. Isto ainda não é tudo. Os labios destinados para prégarem a paz, a caridade e o amor mutuo, fallaram a linguagem do odio e da vingança. Votos horriveis e ameaças atrozes fizeram-se ouvir mais de uma vez em frente dos tabernaculos onde reside o filho do homem immolado pela salvação de seus irmãos. Em logar dos ministros d'aquelle que orou sobre a cruz a favor de seus algozes, poderiamos dar-lhe o nome de padres de Caim.

«Apesar de tanta desordem, e de desordens tão graves, estes dois povos não hão de perecer: resta-lhes uma ancora na tempestade. Mas antes de chegarmos ao mundo novo, para o qual hoje todas as nações se dirigem, hão de atravessar mares bem encapellados, irão de encontro a bastantes rochedos, e, no seu trabalho, na sua angustia, o caminho muitas vezes lhes ha de parecer extenso. Depende de seus conductores o abreviarem, procurando sobre as nuvens que cobrem as ondas encrespadas, o signal que os deve guiar.»

LA NINFA DEL TAGO, *componimento musicale fatto cantare dall' Eminentiss. e Reverendiss. Principe Nuno da Cunha, Cardinale di S. Chiesa, e Generale Inquisitore in tutti i Dominii Portoghesi per il giorno delle Felice Nome della S. R. M. di Giovanni V, Re di Portogallo.* In Roma, 1721. Per Antonio de' Rossi. 4.º de 19 pag.

LA VERITA DISVELATA, *componimento drammatico per celebrare la faustissima acclamazione di Sua Maestà Fedelissima D. Maria I, Regina di Portogallo e degli Algarvi, &&.* Nella stamperia reale l' anno 1776. 8.º

LE DESASTRE DE LISBONNE, *drame, trois actes, par Bouilly.*

LE GRAND ET PRÉCIEUX TRÉSOR NAGUÈRE TROUVÉ EN PORTUGAL. *Avec la liste des Rois et des Reines, & du poids des médailles d'or et d'argent qui ont été trouvées. Juxte la copie.* Imprimé à Paris, 1641.

LE MAIRE.

Les voyages du sieur ——, aux îles Canaries, Cap Vert, Sénégal et Gambie, sous M. Dancourt. Paris, Jacques Collombat, 1695.

LE PORTUGAL ET SON EMPRUNT EXTÉRIEUR *(1832), devant les tribunaux français.* Paris, 1880, in-8.º

LE RISA DE DEMOCRITO, *dramma per musica, da representarsi nel Carnavale di quest' anno 1736, nel Palazzo Reale di Lisbona.* Lisbona Occidentale, nella officina di Giuseppe Antonio da Silva, 1736.

LE SAGE (M. SAGOT ——).— Docteur en droit.

Code Réglementaire du Crédit Foncier en Portugal, par Mr. da Silva Ferrão. Examen de cette publication au point de vue doctrinal et historique, par ——. Paris, Auguste Durand, 1860, 8.º gr., 39 pag.

LE TREMBLEMENT DE TERRE DE LISBONNE, *tragedie en cinq actes.*

LE ULTIME ORE DI CAMOENS, *allo spedale di Lisbona. Cena drammatica in versi, di Leone Fortis. Repertoire de Madame Ristori.* Lisboa, 1859.

LE VIRTU TRIONFANTI. *Serenata da cantarsi nel palazzo del Eminent. e Rev. Sigr. Cardinale D. Tommaso de Almeida, primo Patriarca di Lisbona, &. In occasione della di Lui promozione alla Dignità Cardinalizia; ed al medemo dedicata dalli Cantori Italiani.* Lisbona Occidentale, nella officina di Musica di Theotonio Antunes Lima. 1738.

LABAT (JEAN BAPTISTE ——).— Missionario celebre, nascido em 1663, e fallecido em 1738 na mesma cidade.

Voyages du ——, de l'Ordre des FF. Precheurs en Espagne et en Italie. Paris, 1730, 9 vol.

Este frade, que era muito amigo das suas commodidades e apreciador dos bons bocados, não trata expressamente de Portugal, mas no emtanto falla a miudo das nossas cousas.

Tratando da etymologia da palavra Cadiz, no primeiro volume, cita a fr. Bernardo de Brito, e pouco depois, fallando da antiguidade da mesma cidade, lembra-se do nosso Manuel de Galhegos e da Gigantomachia, citando os seguintes versos de Gongora:

Que de nieve armados, Gigante
De christal los teme il Cielo.

Cita tambem Mendes da Silva.

Dá-nos a noticia de que a ermida de Nossa Senhora do Rosario foi fundada por uma dama portugueza em 1567.

Falla-nos do consideravel roubo da prata da igreja dos frades de Santo Agostinho, feito em 1658 por um ourives portuguez, a quem tinham nomeado mordomo, e o qual fugiu para Portugal. (Pag. 217.)

Diz-nos (pag. 280) que a inquisição de Portugal é muito mais para temer que a da Hespanha. A Historia, porém, assevera exactamente o contrario.

No vol. II, a pag. 133 e segg., dá-nos muito interessantes noticias ácerca dos judeus portuguezes em Livorno, no anno de 1710, em que n'esta cidade existiam 22:000 judeus.

* *

«Estes judeus consideram Livorno e o resto dos estados do grão-duque como uma nova terra da promissão. Com effeito, alli andam elles livres, não trazendo signal algum que os distinga dos christãos; não são fechados no seu bairro; são ricos; fazem um commercio mui amplo; têem quasi todas as herdades do Principe, e são protegidos de maneira que ha um proverbio na Toscana que diz: — Vale mais bater no grão-duque que n'um judeu.

«Por isso mesmo são mais odiados de todo o resto do mundo, mas zombam d'isso, e não creio que exista logar no mundo em que elles sejam mais arrogantes e soberbos.

«Seu bairro comprehende tres ruas, nas quaes as casas são bellas, mas as ruas são alli mais porcas do que em todo o resto da cidade. Parece que a immundicie é o apanagio d'esta desgraçada nação (vol. II, pag. 134). Sente-se um cheiro nauseabundo e desagradavel nas suas casas, nem é mister perguntar, ao entrar n'ellas, se a casa é occupada por judeus: o olfato bem o descobre. Ouvi muitas vezes disputar ácerca da origem do mau cheiro que sáe d'aquella gente.

«Dizem uns, que sendo por toda a parte pobres e miseraveis, sustentam-se com muito más comidas, e com más carnes, estando extremamente apertados em suas casas, nas quaes muitas vezes uma pessima pocilga contém uma familia inteira numerosissima, succede como uma consequencia necessaria, que o ar se corrompe, se infesta, e se enche dos maus cheiros que a falta de aceio não deixa jámais de produzir. Não deveria, porém, esta rasão valer em Livorno, pois n'ella estão alojados com a largueza que querem. Ampliam o seu bairro tanto quanto têem na vontade.

«Queixavam-se em 1716, quando passei por esta cidade, que o numero d'elles crescia de um modo evidente, que estavam tomando casas de aluguer que nunca tinham sido habitadas senão por christãos, e que se o Principe não tomasse providencias, dentro em pouco encheriam toda a cidade. Alem d'isso, são todos, ou quasi todos, ricos, bem vestidos, e se comem mal a culpa é d'elles, do que, comtudo, não tenho a certeza. De onde procede, então, esse fétido? Muitas pessoas crêem que anda inherente aos corpos d'elles, e alguns sustentam ser uma parte da punição que mereceram pelo deicidio execravel por elles commettido, e do qual até hoje não se vê que estejam arrependidos. Não gosto de decidir, basta ter eu referido o que tenho ouvido a tal respeito. Deixo ao publico a liberdade de formar o juizo que for do seu gosto.

«A lingua portugueza é muito usada entre elles. Têem escola, á qual enviam seus filhos para que aprendam. D'ella se servem uns com os outros, no seu commercio; têem livros, e n'esta lingua fazem sua escripturação. Parece-me não dar isto grande honra á nação portugueza, e que o Principe que a governa, o qual é tão poderoso nas quatro partes do mundo, e tão zelozo da gloria de seus vassallos, deveria de tudo servir-se para os impedir de servirem-se da sua lingua[1] e de se dizerem portuguezes em todos os logares onde não têem liberdade de se conservarem debaixo do nome de judeus. Esta tolerancia não dá honra a uma nação christã, que de nada se esquece para manter n'ella a Fé em toda a sua pureza.

«A lingua hebraica, pelo contrario, não é muito usada entre elles. Á excepção dos rabinos, e de um bem pequeno numero de outros que a sabem explicar, embora quasi todos a saibam ler.»

*
* *

Nos seis paginas seguintes descreve o P. Labat a synagoga, os usos e costumes dos judeus, e falla com admiração da riqueza d'elles.

A pag. 257 do segundo volume, diz o P. Labat que Dellon, na sua *Historia da Inquisição de Goa,* é um impostor, e que ha de justificar com facilidade a

---

[1] Que intolerancia tão piegas a do P. Labat!

inquisição d'aquella cidade para com as pessoas sensatas, n'uma obra que ha de compôr em seguida áquella de que estava tratando.

A pag. 320 diz-nos que as pedras chamadas de aguia, que se encontram em Perusa, na Italia, são maiores do que as que se acham em Portugal.

No terceiro volume, a pag. 87, diz que seriam os francezes felizes se se entregassem á resa do Rosario com a mesma devoção com que a resam os italianos, os hespanhoes, os portuguezes, os allemães, os flamengos, os indios e os americanos.

Em S. Pedro de Roma encontrou o P. Labat (pag. 135) penitentes trabalhando em expiação dos seus peccados, aos quaes davam um alimento muito ordinario, e aos quaes tambem de vez em quando fustigavam as costas com chibatas. Eram estes penitentes, em geral, hespanhoes e portuguezes.

A pag. 173, diz-nos que nas procissões, na Italia, na Hespanha, em Portugal e nos paizes ultramarinos, a imagem de Christo não vae olhando para traz, e que n'isto, como em muitas outras cousas, se enganou o auctor da *Historia da Inquisição de Goa,* quando diz que o crucifixo, que levavam nas procissões dos autos de fé, ia com as costas voltadas para elles, querendo com isto dizer que já lhes não restava misericordia alguma.

Diz-nos tambem o P. Labat, no terceiro volume, pag. 266, que no seu tempo os livreiros e impressores de Roma tinham tomado para seu padroeiro principal a S. Thomaz de Aquino, ao qual ajuntaram, alguns annos depois, a S. João de Deus, fundador das irmãs da caridade, pois o primeiro fazia livros e o segundo os vendia.

No mesmo volume, a pag. 366, diz que quando esteve em Tivoli era bispo d'esta cidade, M. Fonseca.

São interessantissimas as viagens do P. Labat, e a nosso respeito encontrâmos alli muitas noticias, que debalde procurariamos em outros livros.

Dá-nos noticia da maneira como um cozinheiro propagou na Italia a devoção da nossa princeza Santa Joanna; da maneira briosa como se houveram os frades dominicanos portuguezes quando se tratou da canonisação de varios santos.

Ao francez Dellon tinha, porém, zanga, o P. Labat, pois aquelle tinha dito mal da inquisição, e prometteu escrever um livro para fazer ver que a obra de Dellon é toda mentirosa.

LABARTHE (P.).—Auctor da *Voyage au Sénégal.*

Voyage à la Côte de Guinée, ou description de la Côte d'Afrique, depuis le cap Tagrin jusqu'au cap Lopes Gonzalves. Contenant des instructions relatives à la Traite des Noirs, d'après des Mémoires authentiques, avec une carte gravée sous la direction de Brion fils, d'après un dessein fourni par l'aucteur. A Paris, an XI-1803, 8.º, X-297 pag. afóra o indice.

«Desde o cabo Tagrin até ao cabo Lopes Gonçalves, seiscentas leguas de costa, tem a França n'esta vasta região duas feitorias sómente—a de Amaku e a de Juda, onde se encontram tambem uma feitoria ingleza e uma outra portugueza. (Pag. 18.)

*
* *

«Encontrámos successivamente as costas de Loango, Congo e Angola, frequentadas por todas as nações. Os inglezes, e principalmente os portuguezes,

n'esta parte, têem pretenções a direitos exclusivos. Em 1783 os portuguezes fizeram uma invasão em Cabinda, e obrigaram os francezes a retirarem-se; mas tendo o governo (francez) feito uma expedição para se vingar d'este insulto, Portugal cedeu.» (Pag. 20.)

*
* *

«O rio de Santo André era um dos pontos que mr. Boaventure devia visitar: este official fez algumas perguntas aos negros que tinham vindo a bordo. Um d'elles me informou de que seu Rei era muito joven. Havia difficuldade em perceber este preto, pois começava sua narração em francez, continuava em portuguez e terminava em inglez.» (Pag. 46.)

*
* *

«Durante a breve residencia que fizemos em Axim, teve o commandante mesa franca para todos os officiaes da lancha que mr. Boaventura mandava a terra em serviço. Fez-nos a honra de vir jantar a bordo. Mandou-nos refrescos. O forte parece muito velho; está defendido por vinte pequenos canhões. Foi construido pelos portuguezes, aos quaes os hollandezes o tiraram.» (Pag. 55.)

LABBE (P).

Tableaux Genealogiques de la Maison Royale de France, &c. Haya, 1654, in-8.º

A fl. 95 traz a linha dos Reis de Portugal, até a D. João IV[1].

LABORDE (ALEX. DE ——).

Vœu de la Justice et de l'humanité en faveur de l'expédition de D. Pedro. Paris, 1832.

Leuchtenberg et Cobourg. 1836.

LABORDE (LEON ——).

Sur les voyages qui ont été faites en Abyssinie. Paris, 1838.

LABRA (RAFAEL ——).

Portugal y sus codigos. Estudios biographicos, onde se trata de el Marqués de Pombal.

Escreveu outrosim:

La colonisacion en la Historia.

Lisboa y los portugueses.

Estudios sobre la politica y sobre los contemporaneos.

Literatura portuguesa.

Legislacion judiciaria desde 1880.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 215.

LACOMBE (M.).

Histoire de Christine, Reine de Suède. A Stockholm, 1762, 8.º, XI-388 pag.

«Contam tambem entre os noivos que foram offerecidos a Christina, o Rei D. João de Portugal[1] e Filippe, Rei de Hespanha. A differença de religião punha um obstaculo extraordinariamente grande n'estes projectos; alem do que, como é crivel que a Suecia podesse ser governada por um soberano de Hespanha ou de Portugal?» (Pag. 76.)

«Havia algum tempo que Christina andava pensando em abraçar a religião apostolica romana. Antonio de Macedo, jesuita, que veiu á Suecia na comitiva do embaixador de Portugal, foi o auctor da sua mudança de religião. Esta Rainha, curiosa de aprender, desejou ver theologos habeis, com quem se podesse instruir mais particularmente. Macedo foi encarregado secretamente de lhe mandar vir sabios missionarios. Este jesuita despediu-se do embaixador sob pretexto de que o clima era excessivamente frio para a sua saude; e, como não obtivesse licença, fugiu. A Rainha favoreceu sua evasão, desconfiando de qual era o motivo. Macedo veiu a Roma, e fez com que o geral da sua ordem enviasse os padres Francisco Malines e Paulo Cassati á Suecia, os quaes pozeram Christina na resolução de abjurar o protestantismo. Executou seu designio em Bruxellas, a 24 de dezembro, no gabinete do archiduque, nas mãos do padre Guesmes, dominicano, e na presença de alguns embaixadores e ministros de Principes catholicos.»

«Esta Rainha teceu ao padre Antonio Vieira os maiores elogios, assim como aos portuguezes.»

LADY JACKSON (CATHARINA CARLOTA).

Fair Lusitania! By ——. With twenty illustrations from photographs.

....

«—Algum motivo o trouxe a Lisboa?

«—Com certeza. Portugal não é paiz aonde alguem venha simplesmente para se divertir. Póde comparar-se o Tejo a um bonito véu de filó que esconde o rosto de uma mulher feia. Lisboa é uma desillusão. Aqui não ha monumentos, nem grandeza, nem civilisação, nem sociedade. Conserva-se como Byron a deixou: «Terra de barbaros, de casaca e de chapéu de castor.»

Isto diz em uma obra recente o popular romancista Camillo Castello Branco, mediante um dos personagens da sua novella.

«Quem assim se exprime em termos tão destoantes, sobre a formosa terra de Portugal, é um auctor inglez, que perlustrou as cidades da Europa, e vae dar ao mundo dois tomos in-8.º, de suas observações ácerca dos modos, costumes e caracter de cada paiz, com abundantes notas criticas sobre a litteratura, legislação, religião e politica de cada terra.

«A passagem referida é uma exagerada e severa exposição do conceito geral que ainda hoje em Inglaterra se fórma de Portugal. Volvidos alguns mezes, o referido auctor britannico, não menos traidor e injusto, sustenta a sua opinião contra a de outro, que se julgava melhor informado em tal assumpto:

«—Que! Visitar Portugal! Um paiz que se faz apenas attendivel pelo seu

---

[1] Não é crivel esta asserção.

vinho! Um paiz que ainda se revê nas velharias e usanças do seu passado! Que adiantamento, se adiantamento póde chamar-se a esse arrastarem-se de caracoes; e para assim se moverem, é preciso que o rapido avançar das outras nações o empurre! Um paiz que apenas tem authenticamente um escriptor de genio — o poeta Camões — e cuja litteratura moderna está reduzida a traducções de despreziveis novellas francezas! Um paiz, de mais a mais, cuja lingua ninguem cura de saber, excepto alguns caixeiros do Porto, ou alguns engenheiros empregados nas duas ou tres vias ferreas que *fizemos,* cujo manejo os portuguezes não podem ainda pessoalmente desempenhar.

«Propriamente, em Portugal, esta falsa e desdenhosa opinião ácerca do estado actual do paiz, grassa entre os estrangeiros lá residentes, e com especialidade em parte dos inglezes.

«Se em Lisboa ou no Porto encontraes algum dos leaes subditos da Rainha Victoria — desterrado temporariamente, por motivo de interesses, da sua querida terra dos nevoeiros — é raro decorrerem cinco minutos na sua convivencia, sem que vos sáia com observações assim desairosas para Portugal. E como, segundo o annexim — a corda quebra pelo mais fraco — os portuguezes, occasionalmente patrocinados e constantemente defraudados pela sua grande e poderosa alliada, parecem modestamente acceitar a humilde posição que lhes marcam.

«É menos de mediocre a sympathia que liga as duas nações; e a indole britannica é por consequencia tão mal comprehendida e falsamente afigurada pelos portuguezes, quanto a sua propria o é pelos filhos de Inglaterra.

«A causa d'isto, diz um notabilissimo escriptor portuguez (Julio Diniz), meio ironico, mas algum tanto apologeticamente: é o sermos nós uma nação pequena, e pouco á moda, acanhada e bizonha n'esta grande e luzida sociedade européa, onde por obsequio somos admittidos, dando-nos já por muito lisonjeados, quando os estrangeiros se deixam benevolamente admirar por nós. Falta-nos certo uso de sociedade, que ensina cada qual a occupar o seu logar.

«Bem que pese á vaidade nacional, é forçoso fazer aqui em familia uma confissão: Nós temos o defeito d'aquelles provincianos, que nos circulos da capital soffocam envergonhados, como cousa de mau gosto, uns restos de amor da terra que ainda os punge, e deitam-se a exaltar com affectação altamente comica, os afazeres e commoções da vida das grandes cidades, que ainda mal gosaram e ainda mal saboreiam; fallam dos theatros, dos bailes, da cantora da moda, do escandalo do dia, sem se atreverem pelo menos a dizer uma palavra das arvoress, das paizagens, das tradições, dos costumes locaes, do conchego domestico da sua provincia, o que, porventura, os outros lhe escutariam com maior vontade...

«Assim tambem os portuguezes, acanhados nos circulos da Europa, não ousam conferir diplomas de excellencia a cousa que lhes pertença. Envergonham-se de fallar nas riquezas patrias, emquanto abrem a bôca por convenção a tanta insignificancia que, em todos os generos, a vaidade estrangeira apregoa como primores; levam o excesso da modestia, se é só modestia isso, até receiarem que a vista dos estranhos averigue do que lhes vae por casa, e agradecem com effusões de sensibilidade uma ou outra phrase de louvor, que em raros momentos lhes concedem.

«Se ousâmos fallar de Camões (continua Julio Diniz), ao mesmo tempo que de Tasso, de Dante ou de Milton; se ousâmos apregoar o vinho do Porto, junto com o de Xerez, Chateau-Laffite e Tokay, é porque lhes deram lá fóra o diploma

de fidalguia, que, por nós... continuariamos calados, a ler um e a beber o outro sem bem conhecer a preciosidade que liamos e bebiamos, ou pelo menos parecendo-nos um sublime, e o outro delicioso.»

* *

Á mesa de um hotel de Lisboa, alguns mezes depois, o escriptor que encarecêra a supremacia de Inglaterra não só a respeito de Portugal, mas das outras nações, declamava com ares bastantemente singulares para um inglez que chegára de Africa tres mezes antes, a fim de tratar de emprezas de vias ferreas, e de todo indifferente a que os portuguezes commensaes o percebessem ou não:

«— Com effeito, se compararmos isto com a triste parte do mundo que o senhor habitou, Lisboa deve parecer-lhe uma Babylonia!

«— Parece-me animadissima — respondeu o outro.

«— Animada! — exclamou elle desdenhosamente. — Para mim, que chego agora de Liverpool, Lisboa figura-se-me a cidade da morte. N'estes ultimos onze dias não tem havido cartas nem periodicos de Inglaterra, para aviventar esta mansão mortalmente animada. Poderá o senhor allegar que isto se deve á guerra de Hespanha; mas elles têem ahi communicação pelo mar, e do processo Tichborne, tão fallado em Londres, os seus periodicos nem uma só palavra nos disseram. Hontem perguntei a dois sujeitos que deviam saber alguma cousa do que vae pelo mundo, se Kenealy já concluíra o seu discurso. Pois se eu lhe der a minha palavra de honra, o senhor acredita que nenhum d'elles sabia quem fosse Kenealy? E, ainda mais, nem um só dos tres ou quatro que estavam, nunca tinham ouvido fallar do sr. Roger! Quer-me parecer que ignorancia assim nem nos seus pretos se encontra! E chama-se a isto um paiz civilisado! É pena que a nossa ilha, quando este mundo se fez, não assentasse um pouco mais perto da bahia de Biscaya, que então fariamos mais opportunamente entrar em regra este paiz, e quer empurrados, quer civilisados, os portuguezes se amoldariam aos inglezes.»

Ora, o interlocutor, que experimentava as influencias do calor dos tropicos, respondeu:

«— Se a Inglaterra tivesse o clima que tem Portugal, duvido que os inglezes fossem mais energicos que os portuguezes.

«— Não diga tal meu amigo — replicou o outro — que me bestialisa ouvir-lh'o! Assevero-lhe que os climas jámais rebaixaram um inglez ao nivel dos portuguezes! Não! Nunca! A Inglaterra seria sempre a primeira nação do mundo, ainda que a nossa ilha estivesse collocada no centro de Africa, porque o estofo de que foi formado um inglez, devia ser, como hoje é, talhado para se adaptar a todos os climas. Nação como a nossa não ha ahi nenhuma. A America está logo depois, mas os yankees são um pedacito pantalões de mais. A cabeça do mundo somos nós. Ninguem duvida d'isto — acrescentou elle, erguendo o copo de vinho com enthusiasmo, emborcando o liquido de dois tragos e partindo o copo contra a mesa com tal murro, que parecia denotar que a questão a final estava assim resolvida.

«No emtanto, um homemsinho fusco, de olhos espertos, que abancára perto do nosso inglez patriota, conversava com um prato de figos, emquanto apontava

o ouvido attento ao referido palavreado, levantou de subito a cabeça e a voz, e disse:

«— Os senhores são a cabeça das nações, e nós... acho eu que somos... o rabo!»

«O inglez, extremamente surprehendido, deu um salto na cadeira, emquanto os circumstantes riam ás gargalhadas, sem excepção d'aquelles que não tinham bem percebido as palavras que tão electricamente o sacudiram.

«— Peço-lhe que se não offenda... Affirmo-lhe que a minha intenção não era offender... Se eu soubesse que o senhor fallava inglez, eu... eu...

«— O senhor não me offende; pelo contrario, diverte-me; — respondeu o portuguez em correctissimo inglez, e proseguiu: — Vivi alguns annos na sua patria, e julguei-a melhor do que o senhor julga a minha. Nós não merecemos tal menospreço das nações da Europa. Portanto o senhor é a cabeça d'ella, appello para a sua generosidade a fim de que haja de conceder que, nós, os pobres portuguezes, sejamos ao menos o rabo.»

«E desfechou um franco e alegre riso, que derrotou de todo o bretão.

«Servido de sobremesa, o portuguez pegou do chapéu, cortejou ceremoniosamente aquella *cabeça do mundo* e foi-se embora.

«Porém o nosso patricio não era homem que se calasse facilmente. Bambeou gravemente a fronte e com um sorriso de zombaria, murmurou:

«— Este sujeito andou tolamente em nos não avisar que sabia inglez; mas eu ministrei-lhe uma optima lição. Agora fica elle sabendo, se não o sabia já, o que o *mundo* pensa da sua patria.»

«Este homem era, com certeza, um typo excepcional do leão britannico em Portugal. Por via de regra, este nobre animal nas suas excursões, é bastante manso e pacato. Se os negocios ou industrias o levam áquellas estranhas regiões, é de suppôr que elle saiba alguma cousa o idioma de lá; se o sabe, está mais á vontade, e revela genio bom e folgasão; porém, se inconsideradamente quer divertir-se sem poder dispor de cinco palavras portuguezas, então, de ordinario, a sua eloquencia é taciturna, e no semblante se lhe revê o dissabor e desprezo de um idioma que desconhece; desabafa, portanto, em exclamações d'esta laia: Ah! Puff! Brrr! Os phrenesis nervosos manifestam-se nos gestos, e não póde tolerar a facilidade com que os indigenas desatam a torrente incessante de palavras que lhe soam nos ouvidos como uma algaravia sem significação...

«Um passeio a Portugal, se o viajante ignora a lingua, escasso aproveitamento ou prazer lhe proporciona. Imaginar, como muita gente imagina, que não ha nada a lucrar com o conhecimento do idioma portuguez, é erro fundado em mero preconceito, porque as cidades de Portugal encerram interessantes memorias do passado, que merecem mais attenção do que até hoje têem attrahido. Ha alli grande numero de escriptores scientificos, dramaturgos vigorosos, romancistas e outros auctores que encantam com a elegancia e graça do estylo, phantasia poetica, espirito e vivacidade, que reluz em suas obras. E hoje em dia, que mais luminosas investigações elucidaram os documentos das eras passadas, e corrigiram erros que a historia transmittíra, os archivos nacionaes de um povo, que já foi o primeiro entre as outras nações, pelas suas navegações, descobrimentos e conquistas na India, com monarchas famosos por illustração, magnificencia e cultivo ás artes, ou bellicosas façanhas, devem necessariamente ser interessantissimos, e de nenhum modo desdenhados.

«Ai! Amesquinhado Portugal! Como é que um paiz tão bello, cuja capital é a segunda, em formosura, entre as cidades da Europa, cujo povo é tão policiado e bondoso, hospitaleiro, sem o sombrio fanatismo dos hespanhoes, é enxovalhado, como acontece, pelo restante mundo, e considerado o menos valioso e interessante dos reinos da Europa? Porque não vão alli os nossos artistas em busca de inspirações novas para o seu pincel? Porque as não procuram na formosa Lusitania, nas encantadoras margens do Minho, nas alpestres bellezas das ribas do Douro, do Tejo e do Mondego? Os nossos viajantes, aborrecidos das estradas chãs, e das paizagens que por toda a parte parecem as mesmas, porque se não embrenham por aquelles sertões alcantilados? Se o fizerem, de certo serão liberalmente recompensados. A perspectiva tem encantos de originalidade e frescura variadissimos: serranias escarpadas, profundas barrocas, grandes ladeiras de arvoredo e matagal, bosques de castanheiros, extensos sobreiraes, olivedos, laranjaes e limoeiros de lustrosa folhagem, compridas latadas afestoadas de parras, montes fragosos com as cintas verdejantes de arbustos, ramarias de variado colorido desde o opaco das sombras até ao verde mais suave; vastas penedias vestidas de musgo, ruinas pittorescas de castellos mouriscos e mosteiros gothicos, rapidos corregos por entre curvos salgueiraes, ornados de aromaticos relvedos. De quasi todas as eminencias, algumas leguas sertão deutro, podem avistar-se asperrimas ribas do mar com as suas arenosas bahias ou enseadas; ao longe, a infinda amplidão do Atlantico, e as suas ondas, agora scintillantes, com um colorido de opala, quando se refrangem os raios solares, logo toucadas de espuma, rugindo estridulamente, a quebrarem-se em furiosas catadupas de encontro á cinta dos penhascos, a dissolverem-se em milhares de phantasticas fulgurações.

«Posto que esta obra não pretenda servir de roteiro, pois que é simplesmente uma collecção de extractos de um diario interrompido por cartas escriptas durante uma recente visita a Portugal, depois de larga ausencia de annos, no decurso dos quaes grandes mudanças e melhoramentos em cidades e villas, se devem ter dado, e de certo espantosas se deram já, especialmente em Lisboa, pois que Portugal póde dizer-se um paiz renovado, para quem o conheceu, e hoje compara o que é ao que foi ha vinte annos, ha quinze ou mesmo dez, ainda vem de molde dizer que quem viaja por Portugal, e quer ver não só as cidades e os seus monumentos, mas tambem o paiz, com tudo o que ahi ha de bello e variado, já em paizagem, já em lanços de vista do litoral, não deve contentar-se sómente com os trajectos na via ferrea.

«Não se faz, todavia, mister, que ao viajante cumpra jornadear a pé ou continuamente a cavallo, como alguem inculcou. Póde, as mais das vezes, seguir estradas centraes, e desviar-se por caminhos trilhados, se a sorte lhe deparar passagem em diligencia, ou qualquer locomotiva, e se se predispozer a soffrer, algumas vezes, os incommodos de um mau logar.

«Posto que rude, o povo é bom, e, pelo commum, aceiado; talvez um poucochinho perguntador, curioso de saber se o viajante tem familia, onde e porque a deixou, se vae em busca de parentella...

* *

«Os portuguezes que povoam as aldeias do littoral, conservam em tradição parvoamente deliciosa, que Noé foi ao seu paiz alguns annos depois do diluvio,

expressamente para contemplar um lindo pôr do sol. É certo que elle não encontraria sitio mais apropriado ao intento. Aquella gente dá-se a grande importancia pela magnificencia do espectaculo com que, dizem elles, galardoaram a longa viagem do patriarcha ao occidente, como se os seus antepassados, com a sua grande sciencia do scenario celeste, houvessem arranjado tal espectaculo para deleite e espanto de Noé.

«Ora diz lá a lenda, que os taes avoengos tinham sido mensageiros préviamente enviados pelo patriarcha; e, como achassem a terra bonita, por alli ficacaram. Pela vaidade, senão jactancia, com que os rusticos contam estas cousas do seu bello clima, imaginar-se-hia que, por effeito de processos magicos, com estes credulos se deu o caso de collaborarem lá em cima na formacão dos céus e do seu esplendido scenario, a ponto de que o sol se despede saudoso e de má vontade, quando, por tarde, envia o adeus á terra que tanto ama. Sol e dó, é o estribilho de uma cantiga nacional e popular; e declara a cantilena, que para elles a luz do sol é com um preservativo contra as calamidades da pobreza.»

*
* *

«Actualmente, é occupado o palacio que foi do barão do Quintella e de seu filho, o famoso conde de Farrobo, já fallecido, por uma associação lettrada, o gremio litterario, que é uma assembléa de todos os litteratos nacionaes e estrangeiros residentes na capital.

«O actual conde, que herdou pouco mais que o titulo, posto que seu pae haja sido um dos mais opulentos fidalgos de Portugal, não poude manter tão despendiosa e luxuosa residencia, nem a outra dos arrabaldes, a bella quinta das Larangeiras. Em seguida, e do mesmo lado do palacio está a igreja da Encarnação, cuja portaria faz um angulo do largo das Duas Egrejas.

«Ha boas lojas no Chiado, e em muitas ostentam-se mais manufacturas de França que de Portugal. Ha sedas de Lyão, rendas de Bruxellas e valencianas, musselinas suissas e inglezas, linhos de Paris, instrumentos musicos, machinas de costura americanas, leques hespanhoes, luvas do Porto que rivalisam com as de Jouvin, quinquilherias e manufacturas parisienses.

«De onde procedem as opulentas, como os elegantes escriptores dizem, e ondeadas tranças negras que estão á venda nos estabelecimentos dos cabelleireiros da côrte? Não pretendo sabel-o; mas ha aqui abundancia de bandós, tranças, e espiraes, negros como azeviche. Tranças louras, quasi nenhumas.

«Madame Marie, e mademoiselle Virginie, possuem o seu estabelecimento n'este predilecto sitio, e têem mais lunetas que o melhor occulista. E bem assim botinhas de Paris e lindas chinellas para os pés pequeninos de Portugal e Hespanha.

«As senhoras, n'esta questão de calçado pequeno, reclamam a primazia sobre qualquer franceza ou americana, ao passo que magnanimamente concedem ás inglezas bastante juizo e conhecimento de si proprias, para se não incluirem entre as suas rivaes. Porém, contra esta sua pretensão offerece-se-me ensejo de vir com embargos, pois que fui agora favorecida com a amostra de umas botinhas de certa bella condessa e de uma donosa señorita. Pois solemnemente protesto que muitas inglezas da mesma estatura podiam metter ambos os pés em cada uma das botas,

sem contar o que ha illusorio nos saltos. É basofia de mais! Concordo que as mencionadas botas têem tacões duas vezes mais altos que os maiores que eu tenho visto. Esta moda é boa para as damas se fazerem altas; mas assevero-lhes que isto lhes redunda em prejuizo em vez de lhes augmentar a elegancia do seu pisar, porque as obriga a estorcegões de pés quando sobem ou descem o ingreme Chiado. A altura que lucram com o tacão perdem-na com a curvatura, que ás vezes lhes dá uma irrisoria e insolita proeminencia ao *puf* do vestido e muita exageração nas sobresaias á grega, provocando o riso, como muitas vezes presenciei, dos profanos espectadores do outro sexo.

«Recruzam-se no Chiado trens fechados e descobertos, particulares e de praça. Levando em conta que o mundo *fashionable* de Londres ou Paris não é bem aquelle, acharieis exquisita graça, se succede interpor-se uma recua de seis ou oito machos. O macho dianteiro leva na cabeça um ou dois chocalhos, que dão brio aos outros; o almocreve traja jaqueta com grandes alamares, corrente de prata e chapéu de abas largas com borlas de retroz. Muitas vezes vê-se um pesado carro a bois á ilharga de uma carruagem armoreada e com lacaios agaloados trepando com um enorme calhau de marmore ou granito, excitados pelos gritos do carreiro, que os repuxa por uma corda amarrada aos galhos.

«Ranchos de damas portuguezas, quasi sempre em numero de tres ou quatro, se acotovellam no estreito ladrilho; que meninas solteiras nunca andam sósinhas. Vae n'isto grande infracção das velhas usanças, e tão sómente as senhoras de idéas mais avançadas, e iniciadoras da emancipação, ousam mostrar-se fóra de casa. Trajam de côres vivissimas, e conformes á ultima moda do mais recente *Journal des modes*. Os chapéus, segundo o modernissimo modelo parisiense, brilham de flores, fitas e plumas, no topo de altos editicios de tranças e rolos, que estão agora na moda.

«As hespanholas (metade da população portugueza, n'esta occasião, parecia castelhana), tambem rivalisam com as portuguezas em exhibições de elegancia. Que deslumbramento não faz o vibrar dos seus pequenos leques! O Chiado deve ser um logar fresco! Mas o véu, o gracioso e tão nativo véu hespanhol, raro o vereis, salvo nas que chegam de viagem pelo sul, ou então em algumas que trajam á antiga, ou de classe inferior; mas as recemchegadas dão-se pressa em depor o véu, e adoptam, emquanto estão, o chapéu que as afeia e desfigura.

«Á porta de muitas lojas, e dentro dos cafés, permanece a tribu dos vadios, janotas e *dandys* de Lisboa; e, de envolta no confuso tropel, superabundam os mendigos de ambos os sexos. O uso do capote e lenço de cambraia parece que está a desapparecer de todo de Lisboa. Este foi, em outro tempo, o mais viavel trajar commum de todas as classes; a qualidade da fazenda do capote, e a finura e bordados dos lenços, marcavam as distincções.

«É o Chiado, sem duvida, o coração da cidade, o centro de um tecido de ruas e praças, a mais animada e frequentada passagem de Lisboa.

*
* *

«Estâmos, emfim, no Rocio! Que linda praça esta não é! Dizem ser a maior da Europa: mede 270 jardas de comprimento e 165 de largura. Em todo o caso

é maior, e, embora as suas casas sejam menos sumptuosas e de ahi não se aviste o Tejo, mais plana que a praça do Commercio.

«Quando D. Pedro, Imperador do Brazil, aqui esteve, na sua visita á Europa, costumava todas as manhãs dar duas voltas pela praça, com o chapéu na mão, os olhos fitos na estatua de seu pae, e comprimentava-o.

«A estatua de D. Pedro IV, o Rei soldado, como os portuguezes o denominavam, foi erigida em 1870. É de bronze, sobre uma grande columna de marmore branco, collocada em pedestal de granito. Tem na base quatro figuras allegoricas ás virtudes que mais realçaram no heroe: *Prudencia, Justiça, Valor* e *Temperança.* Resaltam em cima as armas de dezeseis cidades das principaes de Portugal. Está o Imperador vestido de general, com a carta constitucional na mão. Os marmores e granitos são de pedreiras nacionaes; a estatua e columna são obra de artistas francezes.

«A principal frontaria do theatro de D. Maria II é elegantissima; tem ao sopé uma larga escadaria, sobranceada por um alto portico assentado sobre seis columnas, coroadas por uma empena com altos relevos, imagens allegoricas, e estatuas dos cinzeis dos mais insignes esculptores.

«Em redor do trilho dos trens circula um passeio sombreado por dupla fileira de arvores, e adornado de bancos pouco intervallados. O centro é empedrado, conforme o uso vulgar de Lisboa, de mosaico, com pedrinhas brancas e pretas, formando uma especie de raias ondulantes, que produzem exquisito effeito pela regularidade dos seus contornos em uma superficie dilatada; o certo é, que ao atravessal-a sente-se a gente obrigada a erguer o pé, incommodamente, a cada passo que dá, como quem quer esquivar-se a tomar nas apparentes elevações que faz o pavimento.

«Quem olhar por sobre os edificios da parte occidental d'esta praça, verá sobranceiros aos telhados e topetando com o azul do firmamento, os bellos arcos ponteagudos do antigo templo gothico da Senhora do Carmo ou do Vencimento. Isto, que não passa de umas ruinas pittorescas, está assim tal qual o deixou o grande terremoto, ameaçando esbroar-se; mas aquella compacta massa de granito revela ainda a enorme solidez da sua primitiva edificação. Occupa o museu archeologico a parte que parece mais segura, posto que algum tanto mais perpendicular; porém, d'este museu, a principal curiosidade, como com razão se tem dito bastantemente, é o local onde está. Esta interessante reliquia de passadas eras, foi fundada pelo grande condestavel de Portugal, o valente D. Nuno Alvares Pereira, em memoria da batalha de Aljubarrota, e em cumprimento do voto que fizera ao romper o combate com os castelhanos. N'aquelle templo esteve antigamente a sua sepultura, mas ao presente as cinzas de D. Nuno jazem em S. Vicente de Fóra, no jazigo da casa de Bragança. Converteram parte do espaço do antigo convento em quartel da guarda municipal, que está situado em alegre e copada praça, a meio caminho das nuvens. Jorram alli, no centro, as bicas de um elegante chafariz, rodeado de arvores e bancos. A musica do famoso batalhão de caçadores n.º 5 vem aqui tocar uma tarde em cada semana. N'este largo está o club lisbonense, que abre frequentemente os seus bellos salões a bailes esplendidos e a outros recreios.

«As senhoras hespanholas, que principiam a dar-se a iniciativa n'esta especialidade de cousas, constituiram moda o club, pelo que, actualmente, o pequeno pateo ou largo do Carmo, que não pertence ao numero das praças, tornou-se

tumultuoso; grande vozearia, risadas, namoros, não sómente namoros de leques desde as sete até ás dez da noite, como em grande reunião particular. O compositor Almeida fez a sua estreia no Carmo com um galope, que produziu furor. As musicas regimentaes já o vulgarisaram á noite nos jardins publicos. Chama-se *Galope burlesco,* mas o seu nome popular é *Galope cantante,* porque tem um côro, e, quando todos os pares se recruzam galopando, a animação e a vertigem são taes, que é difficil conter-se a gente de pular tambem. As palavras já são de si adequadas ao effeito: *Vou dançar este galope com furor até ao dia...*

«Antes de lhes servir de refugio, Portugal era para quasi todos uma terra incognita. Agora ficam surprehendidos por achar que a capital é mais bella que a sua, que as estradas são melhores que as de Hespanha, que o paiz está livre de salteadores, e que podem viajar por onde quizerem, com perfeito conforto e segurança. A paz, a liberdade dos habitantes e a liberdade que desfructam, são feições tão agradaveis, comparadas com a discordia, oppressão e derramamento de sangue da sua patria, que a um emigrado de alguma distincção ouvi dizer que ao passar a fronteira lhe parecia ter saído do inferno para entrar no paraizo.

*
* *

«Chegámos ao Caes do Sodré, ou mais propriamente, á praça dos Remolares. Um grande espaço circular, no meio cercado de arvoredo e bem illuminado a gaz, é calçado a mosaico, como o Rocio, mas com desenho menos complicado. Em todos os lados da praça ha cafés, bilhares e hoteis. É o rialto dos commerciantes, principalmente dos que fazem o commercio maritimo. Ajuntam-se aqui em grande numero, ao entardecer, para discutirem seus negocios, quer passeando, quer agrupando-se debaixo das arvores.

*
* *

«Nas horas de isolamento relacionei-me com algumas obras modernas portuguezas, a litteratura ligeira do dia. Entre outras, li as novellas e romances do muito popular e fecundo auctor Camillo Castello Branco.

*
* *

«... A tarde estava encantadora. Bafejavam-nos docemente propicias auras, tão brandas, que de leve arrugavam a superficie do mar, que relampejava douradas faiscas sob os derradeiros raios de sol no occaso. Uma neblina cor de gaze violeta embaciava as longiquas montanhas de Portugal. Ao mesmo tempo que o purpureo resplendor do sol poente se esvahia, fulguravam uns pallidos relampagos, cuja luz era mais viva quando o breve crepusculo se esmaiava na escuridade; era o prenuncio do nascer da lua. Eil-a a surgir, pouco a pouco, e a pratear as collinas:

Já fulge a lua e não é noite ainda;
Com ella o sol poente a luz reparte.

The moon is up, and it is not night;
Sunset divides the glory with her.

«Oh! Se eu podesse fielmente pintar aquella formosa paizagem! Que vasta campina, ajardinada com ferteis valles e deliciosos vinhedos, de cujas ramadas resaltavam os assucarados fructos a receberem o beijo do sol. Os alvejantes *cottages* agrupados em redor de hervecidos terraplenos, a verdejarem, dourados por laranjaes e limeiras *(sic)*, de onde até nos chegava o perfume trazido pelas olorosas brisas! Asperrimos alcantis nas serras longiquas, a pittoresca mescla de rochas, arvoredos, agua, e o esplendor do sol poente no momento em que transpunha a amplidão do mar! O Tejo, a barra e o oceano, alem relampejando umas scintillações côr de rosa; e, ao passo que o sol se atufava nas ondas, o céu a listrar-se de barras chammejantes de oiro e azul, suavemente tingidas, no horisonte, de um verde esmaiado e côr de laranja! No alto, grandes massas de scintillante purpura de nuvens, com as orlas côr de oiro, embalando-se com magestosa belleza, ou parecendo repousarem em amplos cingulos de carmezim a desmaiar-se em côr de rosa. Era um espectaculo sublime! Extasiámo-nos longo tempo, e silenciosos, n'aquelle esplendor, até que o crepusculo o escurentou, e as estrellas começaram a tremeluzir no limpido azul do céu.

«Scismei nos idolatras da luz, e n'aquellas tribus de negros que eu vi ajoelharem reverentes ao brilhar de um sol tropical; e quiz-me parecer que o ajoelhar e adorar espectaculos assim coloridos pela mão celestial do Creador, seria não só acção benemerita de indulgencia, mas até um acto natural em si.

«Transpozemos as portas, e os guardas barreiras saíram logo a espreitar, mas attenciosamente, o interior da carruagem. Seguimos pelo cemiterio dos Prazeres, denominação que impressionava muitissimo a gente, quando lh'a pozeram. Porém, ainda que tal nome lhe quadra mais do que parece, porque a vida é na verdade um peso grande para quem antevê com prazer a morte, que lhe será allivio, não se attribua a qualificação dos Prazeres a intuitos sentimentaes de viver e morrer. Foi porque no centro do terreno hoje encerrado em cemiterio, houve uma ermida dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres. Ha por aqui bellos monumentos em marmore, e o mais precioso é talvez o do duque de Palmella. As ruas são orladas de cyprestes, e a capella reedificada, ampla e magnificente.

«Na vizinhança d'estes sitios tambem demora o vasto e extincto mosteiro de benedictinos, em cujos aposentos espaçosos as côrtes se reunem. São vastas, apropriadas e elegantes, as camaras dos pares e deputados. A dos primeiros reputa-se superior á dos senadores em Luxemburgo, pela primazia de sua opulenta decoração, em primores de esculptura, e com especialidade pela magnificencia do throno. A casa da livraria tambem é magestosa, com as formosas pinturas do seu tecto.

«O archivo da real Torre do Tombo, collecção preciosa de velhos documentos, está em outra secção do mesmo extincto convento. Vieram para alli depois que o grande terremoto assolou a torre do castello. São papeis coevos da origem da monarchia portugueza, comprehendendo não só as chancellarias regias, mercês e tratados, mas tambem todos os processos da inquisição. N'estas recordações historicas quantos romances pungentes se não encerram! A historia do Porto é com certeza a mais romantica das historias!

«N'este archivo está a celebrada Biblia dos Jeronymos, enviada pelo Papa Leão X a D. Manuel, que, em testamento, a deixou ao mosteiro de Belem. Consta de sete tomos em pergaminho bellamente escripto, com esplendidas illuminuras, e rica encadernação de velludo carmezim, com chapas e guarnições de prata

lavrada e dourada. Estes inestimaveis livros roubára-os Junot, quando os francezes occuparam Lisboa; e o governo portuguez, restabelecida a paz, os reclamou. Luiz XVIII admittiu a reclamação, e restituiu a Biblia a Portugal, comprando-a á viuva de Junot por 80:000 francos[1].

«O nosso cocheiro reteve as redeas á porta do jardim da Estrella; porém, como estivesse a anoitecer, e eu já aqui tivesse vindo mais de uma vez de manhã, apenas nos detivemos momentos a admirar os bellos loureiros-rosas que nunca vejo sem lhes prestar homenagem. Chegam alli á altura de dezoito a vinte pés; frondejam grande ramaria, sob a qual se estava como em fechado caramanchão de luzidas flores escarlates. É de uma delicada belleza aquella florescencia que se arredonda, abafando a folhagem até ao topo da arvore, e vestindo os angulos, se afigura um enorme ramilhete. Ha duas ou tres lindissimas, logo á entrada do jardim da Estrella. Este jardim é o maior dos passeios publicos de Lisboa.

«Afóra estes attractivos estava alli um bello leão, sósinho e triste na sua prisão. Uma manhã me encarou elle de má catadura, e rugiu terrivelmente, como se estivesse muito aborrecido d'aquelle ermo.

«Disse-lhe eu então:

«— Queres saír d'ahi?

«A creatura cresceu logo para mim, como se me entendesse, e parecia dizer-me que estava prompto a escapulir-se de um pulo, se eu lhe abrisse a porta.

«Voltei-me então para o guarda, o qual, imaginando ser este meu movimento susto do leão, me disse:

«— É muito manso, minha senhora, não tem duvida.

«— É uma crueldade — repliquei eu — tel-o aqui preso; porque o não deixa saír?

«O homem quasi ficou tão passado com estes meus dizeres, como o próprio leão. Fitou-me desconfiado, posto que a sorrir-se, e comecei a scismar se o sujeito me imaginaria demente, e na verdade é de crer que sim. Mas, como eu não estava sósinha, talvez se lhe applacasse o medo de que eu tentasse algum arrojado esforço para soltar o leão. Miserando bruto! Se é dotado de phantasia, póde ser

---

[1] Primitivamente viera a Biblia de Florença com as luxuosas capas que lhe dá lady Jackson. Participa esta senhora do erro bem commum de que a Biblia foi presente do Papa Leão X a D. Manuel.

Eis o resumido extracto da historia da procedencia d'esta obra prima, como a referem antiquarios de credito:

Em 1495 veiu a Portugal Adamanto Florentino com o primeiro e segundo tomo d'esta Biblia, a fim de os negociar. D. João II comprou-os por seis mil seiscentos sessenta e seis e dois terços da moeda *Justo*, em oiro, proximamente 4:000$000 réis. Condicionou no emtanto, ao vendedor, que a Biblia constaria de sete tomos. O negociante, fechado o contracto, foi para Florença, de onde voltou em 1501, com os restantes cinco tomos que entregou a D. Manuel, já Rei desde 1485.

Quando este monarcha legou a Biblia aos monjes de S. Jeronymo, na verba relativa, diz: «Item mando que se dê ao mosteiro de Nossa Senhora de Belem a Custodia que fez Gil Vicente para a dita casa, e a cruz grande que está em meu thesouro, que fez o dito Gil Vicente, e assim as Biblias escriptas de penna, que andam em minha guarda-roupa, as quaes são guarnecidas de prata e cobertas de velludo carmezim.»

Quanto ao resgate do manuscripto a illustre viajante dobrou a quantia. Os herdeiros do marechal Junot receberam 40:000 francos, postoque o sr. conselheiro Soriano, historiador conceituado e mui copioso, diga 80:000.

que se imagine nas suas selvas n'um impeto de saudade, porque o cercam ramalhosas arvores, que alli cresceram em pouco tempo prodigiosamente.

«De facto, o todo d'este prospero jardim é comparativamente de moderna formação. Foi plantado em um vasto terreno sáfaro, que no volver de poucos annos se tornou um dos mais adornados passeios publicos d'esta bella cidade. A entrada principal defronta com a basilica do Coração de Jesus, ou igreja da Estrella, a mais formosa de todas no exterior, tirante a dos Jeronymos. De quasi todos os pontos de Lisboa se lhe avista o zimborio.

«No interior é por igual formosa: capellas, altares e pavimento são formados dos mais excellentes e variegados marmores portuguezes. Os jazigos da fundadora D. Maria I, e do arcebispo seu confessor, são tambem ostentosos.

«O templo foi edificado pelo estylo de S. Pedro de Roma, e, á maneira de outros templos erigidos n'este paiz, é o cumprimento de promessa feita pelo nascimento da herdeira do throno.

«Deixámos a igreja e os jardins, e voltámos á esquerda, pela Estrellinha ou hospital militar, que tem uma lindissima cerca de recreio para os convalescentes que podem passear. D'aqui, passando por grandes casas e bellos palacios de fidalgos, chegámos ao cemiterio inglez.

«Proximo da porta gosa-se uma das encantadoras perspectivas de Lisboa, que tantas vezes nos enlevam, quer subâmos ou desçâmos, no trajecto de um curto passeio.

«A capella é como que um vasto e alto salão, correctamente plano, limpo e claro, com suas bancadas de assentos de palha. As janellas abrem-se a grande altura em um dos lados, e são em parte sombreadas pelas frondosas arvores que bracejam ao pé do templo.

*
* *

«Esta manhã lembrei ao meu companheiro de passeio — intelligente moço de quinze annos — que fossemos á igreja de S. Roque, e visitassemos a famigerada capella erigida por D. João V, e dedicada ao seu santo tutelar. A lembrança agradou ao meu joven amigo, que, vivendo em Lisboa, apenas conhecia superficialmente as maravilhosas bellezas da celebradissima capella. É raro o ensejo de a poder ver, a menos que recebam como visita especial, porque sómente em certos dias se faculta ao publico.

«Eu já a tinha visitado, aqui ha annos, e lá voltei ainda outra vez, acompanhada de umas damas que, a meu pesar, conseguiram levar-me comsigo. Andavam ellas por alli tão distrahidas a palrarem, que as desbotadas memorias que eu ainda conservava d'aquella portentosa capella, mais se deliram do que reverdeceram com tal visita. No enthusiasmo da sua admiração, chamavam-me para ver isto, ver aquillo, e, sem me deixarem examinar o que eu tinha diante dos olhos, apontavam para cima, para baixo, para aqui, para alem, tudo ao mesmo tempo; de sorte que me imaginei n'um redemoinho de columnas, esculpturas, dourados, pinturas, lampadarios, sem poder distinguir onde uma cousa principiava e acabava a outra. O proprio sacristão quedára-se mudo e estupefacto, submerso n'uma torrente de perguntas que lhe disparavam n'um francez detestavel, que aquellas senhoras, ignorando a lingua portugueza, imaginaram que o triste do homem devia entender.

«É lá costume entregar a cada visitante um dos impressos; porém, como elle não podesse descortinar qual fosse a linguagem d'aquellas creaturas, voltou-se para mim, perguntando:

«— Senhoras allemãs?

«Sacudi a cabeça; e elle, entregando-lhes todo o maço dos impressos, disse-lhes em portuguez:

«— Procurem as senhoras; a sua lingua está ahi.

«É na verdade uma joia inapreciavel — sumptuoso capricho de D. João V, fundador do soberbo convento de Mafra — o mais extravagante dos monarchas portuguezes. Chamam-lhe o *Magnifico,* o *Magnanimo,* o *Rei edificador,* para o estremarem dos seus homonymos.

«Procurei uma photographia da capella. Rocchini, o primeiro photographo de Lisboa, ou mais correctamente, de todo o Portugal, esforçou-se por tiral-a, mas não lhe deram licença. Receiaram que os visitantes, em vez de pagarem para ver a capella, comprassem a photographia, e que assim a igreja ficasse lesada no seu privilegio. Mas com certeza estavam enganados, porque nenhuma photographia póde dar uma idéa do azul escuro das estrias, lapis-lazuli, das oito elegantes columnas que formam a capella, da exquisita côr do verde antigo do altar, dos artisticos embutidos de amethysta, cornalina e alabastro egypciaco, dos degraus de porphyro e do pavimento de jaspe, jolde antigo, granito e marmores romanos. As esculpturas de marmore de Carrara, da abobada, são as mais delicadas e perfeitas obras de arte; todavia, o preciosissimo entre os portentosos primores contidos n'esta capella *bijou,* são os tres formosos quadros de mosaico representando o *Baptismo de Christo,* segundo Miguel Angelo, a *Annunciação,* segundo Guido, e a *Descida do Espirito Santo,* segundo Raphael Urbino. Quinze annos trabalharam n'isto os mais egregios artistas de Italia. Cada quadro é uma reconhecida obra de primeira execução, suave, como a pintura mais mimosa, com harmoniosa combinação de côres e perfeição de claro-escuro. Se, onde tudo é optimo, póde haver escolha, talvez caiba a preferencia ao quadro do *Baptismo;* ainda assim, a angelical expressão da Virgem na *Annunciação* é para muita gente o mais encantador. O centro do pavimento é de mosaico, e representa uma esphera armillar.

«Os homens que mostram a capella, dizem que a esphera quer significar que o mundo não contém mais famosos objectos que os referidos quadros[1].

«Os lampadarios e castiçaes são de prata macissa, dourada, e esculpturados a primor. São seis os castiçaes, com sete ou oito pés de altura. A capella foi toda construida em Roma, e, a fim de ser sagrada pelo Papa Benedicto XIV, esteve algum tempo em S. Pedro.

«Sua Santidade disse n'ella a primeira missa, pela qual se affirma que D. João V déra 200:000 cruzados. A totalidade do custo da capella diz-se que ultrapassára um milhão de libras sterlinas.

«Em 1746, nove annos antes do grande terremoto, foi a capella erigida na igreja de S. Roque. Parece quasi prodigio que S. Roque e a sua celebrada capella escapassem integralmente ao abalo, que destruiu em 1755 tudo em redor, como

---

[1] O abbade Castro, homem de não muita competencia para avaliar quadros, diz que o artista Agostinho Massuci viera a Portugal em 1747.

no local contiguo mais eminente, a esplendida igreja do Carmo! E mais singular ainda é, que a devastadora garra dos francezes invasores em Lisboa não roubasse nem destruisse os thesouros da capella.

*
* *

«A estrada de Cintra é magnifica, e de vez em quando offerece lindas paizagens. E até mesmo ha ahi bellezas pittorescas de um certo agreste que lhe dá relevo e realce até chegar ás collinas verdejantes que se vos antepõem como guardas avançadas da romanesca região onde ides entrando e não descobristes ainda. É agradabilissimo o contraste das encostas hervecidas com os pincaros penhascosos, cujos phantasticos recortes desde muitos annos vos appareceram.»

«A par e passo que avançaes, estas collinas matizam-se de pomares e vinhedos, cheios de pomos sazonados, jardins deleitosamente floridos e moitas de arvoredo da mais formosa vegetação, que encontrei no trajecto, espessas de ramagem, de um verde vivissimo e variado. Passa-se depois pelo famigerado palacio do Ramalhão, com seus pomares de cidras e laranjeiras, e seguindo as sinuosidades de um fertil e magnifico torrão, ao desdobrar de um respaldo apparece Cintra. Está como fechada ao sopé d'aquella enorme fileira de rochedos, outr'ora chamados Montes de Lua, de onde irrompem a topetar com os astros no mais alto viso, o castello da Pena e pouco distante o castello dos Mouros, que surge de outro cabeço do espinhaço da mesma serra.

*
* *

«Alem d'isso ía a gente mais livre para poder ver o que nos rodeava e sem fadiga de repuxar os burros quando saiam do trilho, ou tocal-os quando estacavam.

«Nas ladeiras sombrias e de espessa folhagem, de vez em quando encontram-se grutas e fontes com grossas bicas e assentos em que os peregrinos cansados podem repousar sob a tremula ramaria das agradaveis pimenteiras, e sentirem-se alem de descansados, venturosos; porquanto Cintra:

Quem, descansado á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas?

«Á direita erguem-se as empinadas e denticuladas cristas da serra. No respaldo da montanha, que assombrosa mescla de rochas denegrecidas, de pinhaes, moitas de arbustos pendidos, scintillantes cascatas e luxuriante vegetação, por entre a qual se recortam as ameias da muralha que se prolongam até ao castello dos Mouros! Á esquerda, lá ao fundo, extensissimo trato de terra ondulosa, fertilisada por uma corrente que se despenha espumejante da serra, e se espraia por jardins e pomares, formando um panorama não tão alpestremente romantico como o primeiro, mas que lhe não cede em encantos de poesia.

«Uns inglezes, vindos ha pouco a Cintra, dispensaram-se de admirar-lhe as suas bellezas, allegando que conheciam as passagens da ilha de Wight. Com certeza a passagem do ilheu é magnifica, mas não comporta confronto com a de

Cintra, cujas levantadas penedias têem maior grandeza e altura; quanto a vegetação é aqui muito mais opulenta e variada. Podeis, com muita propriedade, comparar a vista de Londres, de Greenwich Park, á de Lisboa, tirada de Almada, como já um consummado inglez comparou, dando a preferencia, está claro, á vista de Greenwich.

«Dizem tambem outros, que Cintra deve ao enthusiasmo de Byron e de outros poetas modernos, a sua prestigiosa belleza, mas é mais provavel que ella o deva á sua propria formosura. Antes de Byron escrever, já Lisboa e Cintra eram mais conhecidas e frequentadas por inglezes do que o são agora, exceptuando a concorrencia dos negociantes, porque então era costume os enfermos de tysica procurarem allivio no inverno de Lisboa, e é de crer que quem aqui se detivesse até á primavera não deixasse de passar alguma temporada em Cintra.

«Possuo cartas escriptas por uma senhora que aqui esteve com suas filhas em 1791. Escreve ella: «Emquanto estanciei n'este magico logar, li o *Paraizo Perdido* de Milton, e muito me impressionou a descripção do Eden, pelo que tem de similhante com este local. De facto acho aqui uma descripção de Cintra, e ainda não li obra que tão ao justo lhe quadre.»

«Entre as varias penas que tentaram descrever Cintra, só conheço uma que vingasse fazer-lhe conhecer a belleza: foi Beckford. Aspira elle menos a descrever as scenas, do que exprimir o effeito d'aquella magia que lhe fascina a indole sentimental poetica. Escreveu entre 1768 e 1794.

«E a mim me quer parecer que Cintra era então mais agradavel do que actualmente: pelo menos concorriam alli mais viajantes por prazer. Não havia então corridas de touros nem de cavallos, mas é de crer que houvesse fadas e nymphas, ou o que lá lhe approuver imaginar; mas, se em alguma parte da terra houve seres d'essa especie, devia ser n'aquella encantadora e encantada região. Dir-se-hia que os pyrilampos e as moscas phosphoricas ainda relampejam nas orgias das bruxas que por alli se vão mirrando. Em noites estivas podeis vel-as no passeio dos amores ou em qualquer bosque fechado.

«A muitos respeitos é verdade aquillo, porque de Cintra com certeza póde dizer-se:

Espessas, rudes, espenhosas e altas
Brenhas em torno d'ella o accesso vedam.
Em cima o cedro, o pinho co'a palmeira
Que iguaes estende os ramos seus, o abeto
Formavam n'uma altura alcantilada
Gratas sombras de scenas campezinas,
E amphytheatro de arvores copadas,
De vista arrebatante.....

«Este trecho e muitos outros podem quadrar a Cintra, mas na descripção do Eden não entram aquelles resvaladiços fraguedos das ribas do mar, e a perspectiva tão grande, tão magestosa, do infinito Oceano.

*
* *

«Emfim, trepámos a montanha e sem grande fadiga, se attendermos a que subimos 1:000 metros acima do nivel do mar. Entramos por uma formosa ave-

nida, de abobada tecida pelas grimpas de arvoredo, e logo avistámos o castello da Pena e o palacio alpestre de D. Fernando, *Rei artista.*

«Difficilmente se póde, eu não, pelo menos, bosquejar uma condigna idéa da variada belleza do castello da Pena. As cumiadas e flancos da serra já são vulgares, e de diversos pontos se conhecem as vistas mais grandiosas: a planicie e ferteis valles que se desdobram no decurso de leguas, as serras do Alemtejo e da Extremadura, a Estrella e outros edificios que coroam Lisboa, e, com superior sublimidade, os arrojados pincaros e desfiladeiros de Cintra, e lá em baixo o vasto Atlantico sem limites!

«Que magestoso deve ser, visto d'alli, o sol no occaso! A vista não é interceptada pelas torres e miranetes d'aquelle aerio palacio, que se firma no pinaculo da montanha; e já quando as sombras da noite empardecem o valle e Cintra, ainda lá em cima esplendem languidos os raios do sol poente.

«Ha alli pedaços de verdura de um verde como o das montanhas de Kent, sebes de geranios, moitas de cravos brancos e violetas, delicias dos olhos. Os jardins são primorosamente tratados. As zonas torrida e temperada contribuiram a adornal-os com os seus mais raros arbustos, flores e arvores, que, transplantadas para aquelle solo benigno, realçaram em grandeza e formosura que não tinham no seu torrão natal.

«Atravez da rocha menos rija abrem-se largos caminhos; e á ourela refrigerante das veredas copadas pela ramagem entretecida do arvoredo impenetravel ao sol, derivam ribeirinhos que murmuram debaixo de graciosos pontilhões, ou então borbulham em cristallinas fontes. Tendes kiosques, caramanchões, viveiros, casas de fresco e assentos sobranceiros a bellas vistas de mar; e se o sol aperta, vos convidam a descançar sob um docel de folhas e flores.

«Quando eu passava pela vereda tortuosa que desce para a estufa e vergel chamado o *Jardin de Madame,* a condessa d'Edla, esposa de D. Fernando, estava uma cobra enroscada á beira de um lagosinho. O meu guia pegou de uma pedra para lhe atirar, mas o reptil logo que nos lobrigou, sumiu-se de mergulho. Teria tres pés de comprimento e era lindamente matizada, mas não sei se era peçonhenta. O rapaz não se deleitava muito em vel-a, porque todo o seu empenho era esperal-a para dar cabo d'ella; mas, como tal caçada não me deliciava, retirei-me para admirar as moitas de flores tão artisticamente dispersas entre penedias e resaltos de rochas, como que atiradas para alli a esmo pela mão da natureza.

«Florescem n'aquelles jardins camelias brancas e variegadas, e outras plantas tão raras n'estas latitudes, que sómente lá se vos deparam os unicos exemplares conhecidos em Portugal e Hespanha. Excede toda a belleza a collecção de exoticas de estufa. O jardineiro que as mostrava e parecia muito vaidoso d'ellas, desvanecia-se extraordinariamente com as minhas repetidas exclamações: «Bellissima! Bellissima!», emquanto elle historiava algumas flores do seu thesouro. Prometteu-me vastos esclarecimentos do seu methodo de cultivo, quando tivesse, disse elle «o mui grande prazer de me tornar a ver».

«Receio, porém, que toda a sua erudição florista se desperdiçasse commigo, porque eu, ao deixar aquelle palacio-ramalhete, apenas me lembrarei da exquisita formosura das suas flores.

«Basta dizer-vos que o soberbo castello normando-gothico, suspenso como por encanto nos cabeços das rochas, foi construido em parte sobre as ruinas de

um antigo convento fundado em 1503 por D. Manuel, para frades Jeronymos, e dedicado a Nossa Senhora da Pena.

«Emquanto o meu companheiro com o guia foi em busca do cicerone que tinha de mostrar-nos parte do castello, sentei-me debaixo das janellas de um dos aposentos defezos, ao lado de uns degraus que conduziam a uma porta aberta, sobre a qual se via um entablamento esculpturado de lavores os mais caprichosamente phantasticos. Eis que oiço fallar, e logo umas phrases soltas de canto, acompanhadas de piano.

«Apoz este breve preludio, a voz feminina, não de grande força, mas suavemente trinada, e sem duvida bastantemente cultivada, cantou uma aria um tanto meiga e melancholica.

«Em um logar tal, quando tudo em redor era de molde a excitar a imaginação, a voz da cantora invisivel figurou-se-me um cantar de fada caseira d'aquelle magico alcaçar. Abriram-se á minha beira as urnas das flores; em frente verdecia um muro de folhagem vestido por trepadeiras entrançadas com vimes, e conformada em parreiral. As torres e miranetes fronteiros, uma arcaria de grande aspecto monastico, e tudo mais que me rodeiava era para enlevar a alma, por breves instantes ao menos, em suavissimo arrobo.

«De repente cessou o cantar. Não tornei a ouvil-o, nem vi ninguem até á volta dos meus companheiros, de quem soube que tinha ouvido cantar e tocar a condessa d'Edla e El-Rei D. Fernando, e que elles haviam saido do castello por outra porta, para irem pescar nos lagos.

«O mosteiro estava a desabar quando D. Fernando o comprou, depois da secularisação das casas religiosas. Parte do mosteiro subsiste em bom estado ou foi restaurado; no exterior, quanto á fachada e torreões, foi alterado em harmonia com o traçado do refazimento e remodelação do edificio. A torre grande, de onde contam que D. Manuel costumava subir a ver se vinha a frota de Vasco da Gama na volta da expedição á India, foi derruida e modificada. Houve acrescentamentos de torres, cupulas, muralhas com ameias, ponte levadiça, torreões e avenidas com arcadas.

«Os relevos que resaltam das ombreiras e cornijas de portas e janellas, tanto no exterior como por dentro, são primorosos, elegantes e ricos de engenhosas phantasias. Ao estylo architectonico ajusta-se o da mobilia. A casa de jantar é vasta, com pilares ao centro, e uma grande mesa em ferradura.

Domina o terraço do castello extensissima perspectiva; mas o espectaculo não agrada tanto d'ali como de outros pontos, porque a campina que se avista é menos fertil e pouquissimo accidentada. Fez-me lembrar o ponto de vista do terraço de Saint Germain, que, a meu ver, deve a sua celebridade mais á magnitude do que á belleza variada da paizagem.

Do terraço ha uns suaves degraus que conduzem ao templo e claustros, que são os antigos do convento sem alteração. Posto que pequenos, são interessantissimos. Instaram-nos para que vissemos secretamente o esplendido sacrario do altar mór, que foi tirado, ou antes arrancado de entre o altar e retabulo.

O sacrario é de transparente alabastro, com lindas esculpturas em baixo relevo, figurando a paixão do Salvador. É obra prima o desenho, e tão esmerado o lavor, que esta peça não tem rival no paiz. Assenta sobre grinaldas de flores esculpidas no precioso alabastro, lindamente afestoadas em columnas de porphyro preto. Disseram-me que faz bello effeito, quando lhe encerram uma lampada,

da qual transluz bastante claridade para que o celebrante possa ler no missal. Veiu de Italia este sacrario, comprado por D. João III, filho de D. Manuel, e enviado como dadiva ao convento da Pena em 1529. É para espantar que os francezes, que espoliaram os mosteiros, e levaram tudo que era bom, não cuidassem em remover este primor de arte.

Ha na igreja uma janellinha pintada, que dizem ser coeva do sacrario; representa Vasco da Gama ajoelhado diante de D. Manuel, que parece tel-o ali para o admirar, como o que quer que seja similhante a um passaro em gaiola; mas assim o copiaram de um modelo da torre de Belem. Ha no claustro outra janella pintada, e dois ou tres curiosos paineis antigos. Igreja e claustro constituem actualmente a capella particular do castello.

Voltando ao terraço, reparei na granjasinha suissa do plano inferior: chama-se o *Chalet de Madame,* e dá uns vislumbres do estylo do chalet do Petit Trianon. Do terraço descemos aos lagos, que são pittorescamente bellos. Marginam-os a espaços ramalhosos salgueiros e bastos bosquetes de fuchsias plantadas rentes com as abras dos lagos e debruçadas com os seus festões de flores que roçam á flor da agua.

Transposto um vasto portal de ferro, fui ao castello dos Mouros, que assenta em uma eminencia menos alta, pouco afastada da Pena. Aqui ha que ver a cisterna ou banho mourisco abobadado, que tem 63 palmos de comprimento e 26 de largura. A agua que lá deriva é limpida e permanente sempre no mesmo nivel. A outra muralha do castello foi restaurada por D. Fernando, e adjunta aos seus principescos dominios, mais invejaveis que o vacillante throno de Hespanha que lhe offereceram. Retouçam-se por alli em plena liberdade varios animaes, o veado, a gazella, de saltos elegantes, a corça, o boi, pavões, abestruzes, cysnes e ganços, sustentando as suas alegres plumagens. Ainda existe a antiga mesquita.

Os burrinhos, como não tinham labutado na feira, iam folgados e espertos: trotavam pelas campinas fóra; foram n'um momento para Seteaes n'outro para a Penha Verde, quinta de D. João de Castro, famoso vice-rei da India. Deixou-a aos seus herdeiros, com a clausula de a conservarem ajardinada para recreio, e que nunca plantariam n'ella arvores fructiferas, de onde resultassem proveitos pecuniosos. Dizem que as primeiras laranjeiras conhecidas na Europa se plantaram n'este jardim. Conservam-se ainda na casa algumas antiguidades indianas, e um retrato original de D. João de Castro, que falleceu em 1548.

Conduz ao eremiterio ou capellinha no penedo das Alviçaras uma avenida de magestosas arvores. D'aqui desfructa-se um amplissimo e formoso horisonte de campinas accidentadas.

Da Penha Verde seguimos pela estrada de Collares, ao longo das abras da serra, um dos mais lindos passeios d'esta deliciosa região. São indescriptiveis tantas bellezas. Todos os epithetos admirativos, todos os vocabulos que pintam o bello, exhauriram-se até ao ultimo na descripção de Cintra, antes de contemplar esta sobre todas lindissima estancia, onde os mais frios, os mais apathicos filhos da terra, os mais intangiveis á magestade da natureza, hão de ser abalados. Eu por mim, que mais hei de dizer de Cintra e Collares? Se na minha carta houvesse a pretensão de communicar uma idéa do que senti na contemplação de taes quadros, ou do que presenciei sentirem os outros, todo o meu phraseado seria extasis e arroubos, que talvez fizessem sorrir, sem mostrarem o enthusiasmo que se sente em um simples relance de vista por estas scenas portentosas,

A impressão d'estas bellezas não se vos desluz pelo habito de as ver: intensa-se, profunda-se cada vez mais, pelo mesmo modo que a admiração subindo de ponto se converte em amor. Portanto, convido-os a vir ao nosso eden lusitano. É necessario ver estas delicias para lhes sentir a magia.

E agora cavalgaremos os burrinhos, e iremos por ahi fóra: mas elles não obedecem ao *Eciho, eciho,* que em portuguez corresponde ao *Goe up!* Sacodem as cabeças e estacam. O certo é que elles quedaram-se extaticos tambem, Participariam do sentimentalismo dos cavalleiros? Posto que o seu intimo sentir não se houvesse manifestado ruidosamente, havia indicações de que um ou mais d'aquelles burrinhos se expendia em destemperado zurrar. Céus! Que dissonante toada alvorotou os echos, e rompeu o ambiente d'aquelle scenario onde só se ouviam até então os costumados gorgeios dos rouxinoes! O burriqueiro, raivoso, exclamava: malditos brutos! E arreganhava-lhes a sua branca dentuça. A final calaram-se, e nós partimos a trote.

Antes de subirmos a montanha insinuámo-nos por entre massas enormes de rochas soltas, como que vomitadas para alli em remessos vulcanicos; trepámos a escarpada ladeira, descemos com muita cautela o escabroso pedregal, subimos de novo, pegados á espessura dos arbustos, como se com isso nos salvassemos de caír, ao voltar imprevisto de uma revolta da intrincada vereda. Mas, nada de susto: os burrinhos são seguros, e hão de levar-nos por este trilho tão seu conhecido ao vertice da montanha. Ainda assim lembrei que o melhor seria soltar as redeas aos nossos ginetes, e ir-mos admirar a linda quinta do Monserrate, outr'ora a vivenda campesina, do mais opulento filho de Inglaterra, e hoje em dia propriedade de outro inglez, Mr. Cook, n'estas partes visconde de Monserrate.

Não sei se a moderna casa ou palacio, como lá dizem, está reedificada no estylo em que fôra a de mr. Beckford; mas, a julgar por uma descripção que li da antiga, quer-me parecer que mr. Cook, havendo-a comprado muito arruinada, a refez similhantemente ao que tinha sido. Presume-se que do seu extremo desbarate foi causa a rapidez da construcção, para satisfazer a impaciencia de Beckford, e concorreu tambem o desenfreado destroço que lá fez a soldadesca, emquanto os francezes occuparam Lisboa e Cintra. Só pude ver photographias do interior: dizem-me, porém, que os adornos são preciosissimos de superfino gosto e as collecções de objectos de arte valiosos.

A situação da quinta é, quanto póde ser magnifica. Assenta em planura que domina um ponto de vista horisontado largamente pelo valle de Collares, mar e serras. Ao pé de casa enverdecem vastas pradarias, já planas já declivosas, para as quaes vos conduz um caminho arborisado. Bracejam carvalheiras e cedros seculares, ao lado dos pomares de laranjas e tangerinas. Ha tanques, fontes e uma cascata que, engrossada pela chuva, se despenha estrondosamente do topo da serra ás profundezas do valle.

Fetos de rarissimas especies, jardins graciosamente recortados, bosques, campinas á similhança de parques, constituem os attractivos da quinta de Monserrate. Consta-me porém, que é difficil cousa lá entrar.

Um d'estes dias me disse um cavalheiro: «Se deseja ver o palacio e as suas riquezas, creio que poderei obter licença».

Ainda assim, não me aproveitei da quasi promessa de que as portas do palacio de mr. Cook se destrancassem para mim; pois é sabido que elle não gosta

que a gente curiosa lhe veja as lindas cousas. N'isto sómente se parece com o seu antecessor Beckford; mas sobeja-lhe rasão para proceder como lhe apraz n'aquillo que é seu. Disseram-me que a repugnancia é agora mais apertada que d'antes; porque, tendo uma dama escorregado no pavimento, foi caír de encontro a um jarrão da China e se quebrou. Caso sobremaneira consternador, por certo. Mas, apesar d'isso, mr. Cook não devia ser descortez a ponto de imaginar que todas as damas que entram no seu palacio hão de pôr o pé em falso.

Mostraram-me alguns versos chistosos, ou antes umas malignas trovas a proposito das portas fechadas do palacio de Monserrate. Quatro inglezes que desembarcaram de um paquete com escala por Lisboa, e tinham um só dia de demora, entenderam que o melhor emprego do tempo era visitarem o castello da Pena e a quinta de Monserrate.

Informaram-os de que não seria difficil aquella entrada, porém como o Rei e mr. Cook estivessem em Cintra, entendeu se que seria acertado, para maior segurança, solicitar a licença telegraphicamente. Resposta: «Que podiam ver o palacio do Rei; mas o de mr. Cook, não»

Partiram, pois, satisfactoriamente resolvidos a verem tão sómente o castello, A cortezia dos creados e as maneiras attenciosas com que aos estrangeiros, que pouco poderiam demorar-se, lhes facilitavam entrar em partes do castello defezas, quando D. Fernando residia em Cintra, tanto os penhorou que, emquanto lhes preparavam o jantar no hotel, sentindo-se de collaboração inspirados já pela gratidão, já pelo despeito, compozeram uma satyra mordente, em que a urbanidade do Rei se defronta com a grosseria do *cozinheiro*.

Ha na serra outras ruinas de conventos, a Penha Longa, a Peninha, que em outro tempo gosou mais celebridade que Santa Cruz.

*
* *

Deve a *sala das pegas* o seu curioso ornato de pintura a um lanço de galanteio praticado por D. João I, caçador extremado e vencedor dos hespanhoes em Aljubarrota. Como partisse de manhã para uma caçada, ao passar no terraço colheu uma flor de um rosal, encontrando uma dama de honor, ao atravessar a sala lhe offereceu a flôr. Ella acceitou-a cortezmente, e o Rei beijou-a no rosto, no momento em que a Rainha Filippa, Princeza de Lancaster, entrava na sala por outra porta. É possivel que ella se não conformasse grandemente com aquelle espectaculo; mas El-Rei D. João, inclinando-se diante da esposa, disse lhe, sorrindo, ao saír da sala: «é por bem, minha senhora, é por bem» dando a entender que a intenção era pura, e não havia rasão de ciume.

É de suppor que a Rainha não ficasse muito satisfeita com aquelle feitio de exhibir intenções puras ás suas açafatas; de mais a mais segredava-se na côrte que a joven dama de honor estava muito nas graças do Rei, e as linguas praguentas repetiam com ironico sorriso: «é por bem, por bem!»

O Rei informado d'isto resolveu impor silencio á mumuração escandalosa. Por sua ordem se fechou a sala temporariamente, e quando se abriu, a Rainha e a côrte entraram a ver as lindas pinturas do tecto, que estava cheio de pêgas, que ainda agora lá se divisam. Do bico de cada ave pende um flor e um letreiro que diz: «por bem!» Galantissimamente o Rei o adoptou como divisa, alludin-

do á scena da rosa e do beijo, com analoga intenção ao nosso *Honni soit qui mal y pense.*

É a sala das armas um esplendido salão accrescentado ao palacio por D. Manuel em 1515.

«O tecto, de figura octogona, foi pintado pelo pintor heraldico Duarte d'Armas, por ordem do Rei. Os sete escudos dos Infantes agrupam-se no centro; e em duas fileiras circumpostas interiormente vêem-se os brazões dos setenta e quatro fidalgos primaciaes do reino; cada brazão pendente da galhadura de um veado. A disposição das armas é circular e alphabetica para desfazer procedencias de nobreza. Nas quatro paredes, rentes com a cimalha, está escripto em letras palmares de ouro.

Pois com esforços e leaes
Serviços foram ganhados
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados.

Faltam os brazões de diversas familias porque se averiguou com sufficiente exacção se lhes pertenciam: sendo que D. Manuel resolvêra acabar com a desordem que encontrou na descurada heraldica da fidalguia portugueza. Mandou inspeccionar monumentos, sepulturas e archivos, a fim de restaurar e corrigir os escudos concernentes ás armas dos fidalgos que seguiam a côrte; e adaptando-lhes os accrescentos sobrepostos pelo decorrer do tempo, mandou illuminal-os em um livro que se depositou no archivo da Torre do Tombo.

Em 1759 foram aspadas as armas do duque de Aveiro e marquez de Tavora, accusados de conjurarem na tentativa de assassinio do Rei D. José. Estes e outros personagens foram barbaramente justiçados no caes de Belem, n'aquelle mesmo anno.

Ha n'este palacio uma chaminé de soberbo marmore esculpturado por Miguel Angelo. Foi um brinde do Papa Leão X a D. Manuel, que em 1514 enviou a Roma o seu embaixador Tristão da Cunha, com numerosa comitiva e pompa quaes nunca se tinham visto na Europa.

Denomina-se idade de ouro este periodo na historia portugueza, e El-Rei D. Manuel é cognominado *Venturoso.* Vasco da Gama havia descoberto a India e os thesouros do Oriente. Ouro, diamantes e perolas choveram sobre Portugal, por tanta maneira, que o menor dos reinos europeus tornou-se o mais opulento.

Uma escada em caracol no interior do palacio conduz a um amplo vestibulo ornamentado com formoso chafariz de marmore. Por sobre este vestibulo ha diversos aposentos particulares, que fazem consonancia em simplicidade e elegancia na decoração. Outros abrem para um terraço ajardinado de inexcedivel belleza, de onde se gosa a perspectiva encantadora da serra, da villa e do mar. Em todo o palacio encontram-se fontes, reservatorios e banhos. Uma casa balnearia, singularmente construida, e que dizem ser uma reliquia mourisca, repuxa a agua por crivos invisiveis em fina chuva, que burrifa das paredes e do tecto para o centro do recinto. Aqui se vê tambem a sala em que o famoso D. Sebastião reuniu o seu ultimo conselho d'estado, acto durante o qual a corôa lhe caíu da fronte, como um presagio, segundo se pensou, e fatalmente succedeu que não voltasse mais d'aquella expedição africana, por amor da qual reunira os minis-

tros a fim de os consultar. Tambem se vê o recinto ladrilhado em que D. Affonso VI esteve preso alguns annos. Conhecem-se nos ladrilhos os vestigios do seu constante passear de um lado para o outro; e d'aqui foi redimido pela morte. As cozinhas são vastissimas. Duas agigantadas torres ponte agudas, similhando algum tanto minaretes, e que impressionam quem as vê pela primeira vez, sendo difficil adivinhar a serventia d'aquellas excrescencias ornamentaes são chaminés. Descem até ao pavimento e repartem em dois o espaço da cozinha. São adornadas de janellas por onde entra a claridade, e sáe o fumo. Não se sabe como ellas outr'ora funccionavam; actualmente o fumo é conduzido por tubo de ferro ligado a uma fileira de fogões.

*
* *

Setubal tem uma bella praça, e pittorescos passeios que se estendem consideravelmente ao longo das margens do Sado. A parte central é Sutubal propriamente dita; á direita e á esquerda são bairros de agricultores e de pescadores. O ancoradouro é bellissimo, vasto e fundo, defendido por uma fortaleza pequena, e torres em ruinas, que, a meu ver, em caso de necessidade seriam de nenhum prestimo.

Estão por alli disseminadas bonitas casas de campo, e pelos arrabaldes ha muitas e grandes quintas com pomares, vinhas e laranjaes, de onde sáe o mais delicioso moscatel, e as mais finas laranjas da peninsula. D'esta fructa exportada em grande escala, e do commercio do sal, tira Setubal a sua actual importancia e prosperidade. Concorre tambem a engrandecel-a a estação da via ferrea.

Vi duas ou tres igrejas antigas em estylo manuelino. Em uma d'ellas ha diversos quadros, que dizem ser de Grão Vasco, a quem se attribuem todas as pinturas que em Portugal têem algum valor. N'este paiz quadros de merito são rarissimos [1].

*
* *

...«Depois de ter saído do sujo e lugubre hotel poucos minutos bastaram para que eu visse que a «leal e invicta cidade» era pelo menos tão activa e animada, quanto originalmente pittoresca. Ainda mesmo na rua estreita, de onde voltámos para a praça Nova, as altas casas eram guarnecidas de elegantes varandas com as grades pintadas de vermelho, escuro verde, azul, ou côr cinzenta e algumas douradas.

«Na praça está a casa da camara municipal, rematada por uma figura allegorica, que representa a brava cidade na fórma de um guerreiro armado. O Rei

---

[1] Não é porém muito exacto o que a escriptora assevera; são mais raros os quadros bons do que os maus. Mas ha muitos quadros bons, pintados tanto por artistas estrangeiros como por portuguezes. Naturalmente a viajante não entrou senão em poucos templos e em poucos palacios e por isso assim falla. Em Portugal ha muitissimas riquezas artisticas. Com certeza não foi ella á sé de Vizeu, nem talvez á misericordia do Porto.

No tempo em que ella andou por Portugal existia na igreja dos Paulistas em Lisboa um soberbo quadro de Rubens.

Victor Manuel presenteou a camara com o retrato de seu pae Carlos Alberto, que falleceu no Porto Entre Quintas. O centro é adornado com a estatua equestre do «Rei Soldado» D. Pedro IV, cuja memoria é quasi adorada pelo portuense». Chamaram-lhe por isso praça de D. Pedro, mas, como o Rocio de Lisboa, é mais conhecida pelo seu antigo nome. É um sitio fresco e agradavel, plantado nos dois lados de arvores, debaixo das quaes ha cadeiras e bancos de jardim, quasi sempre occupados. As lojas, cafés, a casa da camara, os passeantes a estação de carruagens dão a esta praça uma apparencia muito animada, como verdadeiro coração da cidade que é.

«Defronte da camara municipal parte para cada lado uma longa e ingreme rua, larga e bem ladrilhada: a da esquerda é a rua de Santo Antonio, em cujo topo se levanta a esplendida igreja de Santo Ildefonso [1]; a da direita é a rua dos Clerigos, em cujo cimo se vê a igreja com a famosa Torre dos Clerigos, que mede 250 pés de alto, e serve de marco de muitas leguas a distancia. As casas n'estas ruas são altas e bem construidas, as lojas espaçosas e abastecidas com objectos da moda. As das ruas dos Clerigos são especialmente brilhantes e alegres, ficando por via de regra, de um lado as lojas abertas, sem vidraças, mostrando ás portas abundancia de lenços de seda, saias, chales de cores garridas, de que mais gosta a gente dos arredores. A larga rua dos Clerigos é plantada de arvores, como os boulevards de París, o que concorre muito para a tornar aprazivel. Esta parte do Porto póde chamar-se realmente bella, muito mais bella que o Chiado. Na verdade, não conheço nada em Lisboa n'este estylo que a possa igualar. Se tomarmos a praça por um valle como foi antigamente, e as duas ruas que se levantam em frente uma da outra, cada uma com a sua eminencia coroada por uma bonita e antiga igreja, teremos assim um quadro muito attractivo que nos encanta pela surpreza.

«Era ainda de manhã cedo: fazia um calor docemente agradavel e as ruas, como as de Lisboa, muito limpas, acabavam de ser regadas; demais, era tambem dia de feira, e grande quantidade de bellas mulheres e raparigas de campo com os seus formosos olhos vendiam differentes artigos, conversavam em grupos ou faziam compras nas lojas. Lembrei-me do inglez, e puz-me a considerar com espanto se algum dos tres dias que esteve no Porto aconteceu ser de mercado. Supposto mesmo que o homem pertencesse ao typo dos mal humorados, e tivesse passado sem duvida a idade das illusões, ainda que não achasse outra cousa digna da sua attenção, aquellas formosas mulheres (e as d'estas provincia são afamadas pela sua belleza) difficilmente deixariam de lhe attrahir a vista, e excitar-lhe a admiração, qualquer que fosse a sua sofreguidão por «um bom bife, ou uma boa costelleta».

«O meu caminho era pela rua dos Clerigos. Havia multidão em todas as lojas. Mandei parar a carruagem defronte de uma, para perguntar o preço de um lenço de seda de côr alegre; mas o meu fim especial era ver mais de perto uma linda rapariga, que tinha observado a comprar ao mostrador em companhia de um rapaz, vestido com o seu melhor fato domingueiro, ambos rindo, e, ao que me parecia, comprando muito. Trajava a moça o seu collete branco-azul, mas de

[1] Não me parece que a igreja de Santo Ildefonso, tão minha conhecida, mereça o titulo de esplendida!

um linho finissimo, enfeitado de bordados abertos, e de umas rendas, que na maior parte se fazem em Peniche. O lenço de seda pregado em dobras apertadas sobre o peito, era vermelho, com cercadura branca; a saia que lhe caía em amplas pregas, era de um estofo em xadrez branco e vermelho. De cima do seu largo chapéu cercado de uma guarnição de seda esfiada fingindo pennas, cheio de tufos e maçanetas de seda vermelha e vidrilhos, descia um lenço de fina cambraia, bordado e guarnecido de rendas, que lhe cobria o pescoço e os hombros. Felizmente trazia meias e os tamancos do costume. Mas o mais notavel de tudo eram as joias. Trazia dois ou tres compridos e grossos cordões, e por cima um fio de pequenas perolas, de onde pendia uma grande medalha vasada em fórma de coração: muitos anneis de oiro ou prata, ou com pedras engastadas, completavam o seu vestuario domingueiro. A possuidora de tudo isto podia chamar-se n'estes sitios uma formosura loura. Tinha cabello castanho, amaveis olhos azues escuros, carnação branca e finas feições. Provavelmente não contava mais que dezoito estios.

«O seu companheiro era moço dos seus vinte e cinco annos, vestido de preto jaqueta muito curta, muito ornada com botões de filagrana de prata; camiza branca sem mangas, cinta de seda de côr, e chapéu muito parecido com o da sua senhora, á excepção dos vidrilhos.

«Pertenciam provavelmente á abastada classe agricola, e estavam comprando o que me pareceu dever fazer parte do enxoval da esposa, toalhas e guardanapos. Talvez fossem estes tecidos superiores aos que seus paes julgariam demasiadamente bons, mas ambos pareciam muito desejosos que fossem da mais fina qualidade. Comprei o lenço de seda, demorando-me na escolha para mais reparar na esposa. Evidentemente o lenço não lhe desagradava, pois me comprimentou, quando saí, com um doce sorriso, e um tregeito amigavel, e o seu caro esposo com uma cortezia.

«O vestido d'esta moça é o costume usual nas proximidades do Porto, variando todavia em côr e qualidade, segundo os gostos ou meios de cada uma, e a occasião. Comtudo não é raro ver mesmo as carreteiras que levam á cabeça pesados volumes (é este o modo usual de fazer os transportes aqui), com um fio de contas de oiro ao pescoço, e compridos brincos pendentes das orelhas.

«Passámos perto da igreja dos Clerigos, e do mercado de hortaliças, fructos e gallinhas, e tambem junto de outro onde se vendem raizes, objectos de barro, pannos de lã e algodão, fatos, meias e carapuças, fiado, nastros, botões, quadros e imagens de santos, crucifixos, vasos para agua benta, brinquedos de creanças *cakes*, pão branco[1] e milhares de outras cousas mais.

«Eis-nos agora no bonito jardim da Cordoaria. Do outro lado á sombra de grandes arvores vêem-se centenares de bois, e uma chusma de carros rusticos pertencentes a lavradores que vieram trazer ao principal mercado a producção das hortas e campos das vizinhanças. Os bois são jungidos por uma comprida e forte peça de madeira, que lhes passa sobre os cachaços, medindo cerca de um pé de alto, vasado ou esculpido em figurações phantasticas, com tufos de cabello ou cordas ao correr do cimo, parecendo-se o seu tanto com uma escova. Bois de

---

[1] Não se diz no Porto pão branco, diz-se «molete».

serviço são os mais usados no Porto que em Lisboa. Ordinariamente guiam-nos mulheres, que parecem aqui fazer quasi todo o serviço.

«Homens e rapazes estão deitados no chão junto dos animaes que guardam, ou assentados em cestas, comem o seu almoço. Aqui e alli vê-se uma mulher ou rapariga, mas a maior parte d'estas de aspecto campesino estão mais longe, diligentemente empregadas nos mercados, ou andam conduzindo tão grandes e pesados volumes á cabeça, que a gente pensa que serão inevitavelmente esmagadas por elles, ou sucumbirão debaixo do seu peso. Estremeço realmente quando vejo estas industriosas para receberem o carreto, mas, logo que lh'os collocam, e assentam bem, caminham vigorosamente com um passo livre e firme, trapejando com os tamancos com um compasso regular.

«Passando alem da entrada da Cordoaria fica-nos quasi defronte o magnifico hospital real de Santo Antonio.

«Uma nuvem de poeira avisa que o americano está a chegar. A jornada desde Mathosinhos até á parte superior da cidade termina á entrada d'este jardim. Espera-o muita gente. Vem completamente cheio, mas tão depressa descarrega a sua carregação de banhistas da Foz, que se enche immediatamente e parte.

«O Porto é edificado sobre dois altos montes de granito, e n'este ponto onde estamos agora, o terreno inclina-se rapidamente tanto para o rio, como a cidade baixa. Desço, e a uma pequena distancia do hospital, ou como lhe chamam geralmente da misericordia, passa-se junto do muro do jardim de um bonito palacete, e alli se nos depara uma das mais bellas vistas do rio que imaginar-se podem. O formoso Douro decorre defronte placidamente, azul como o céu azulado, que suas aguas reflectem. Possue uma belleza sua própria, muito differente da do Tejo, mais estreito, mas mais profundo, e, perto do Porto recurva-se, e encaracola-se. Os montes da margem esquerda em face da cidade, por causa da sua proximidade, parecem mais altos que os que defrontam Lisboa. Mais escarpados, mais pittorescos no horisonte, verdes, como os verdes montes do Tyrol, rescendendo á alfazema, e á flor da murta, vestem-se nas cumieiras de espessos matos, emquanto que arbustos e plantas os guarnecem ao razo da agua.

. . . . . .

«É certo todavia que o portuense tem mais vitalidade que os seus irmãos do sul, e que o Porto é uma cidade muito mais animada, mais activa e mais commercial que Lisboa. O «velho cunho» que dizem distinguir a população está da mesma fórma impresso no mesmo sitio, nas casas, ruas e lojas originaes, irregulares, pittorescas e encantadoras. Lisboa é mais magestosa e elegante. A gente tem mais vagar de fallar e fazer os seus negocios; n'um só dia gasta em meros comprimentos mais palavras que a d'aqui em um anno. Lisboa é graciosa, cortez e com os ares senhoris de uma rainha. O Porto, alegre e agradavel, uma picante dama de provincia.

«Por pouco que não deixava de ver esta animada festa da Senhora do Pilar: só no mesmo dia, e já tarde ouvi fallar d'ella, mas disseram-me que era apenas uma simples reunião de povo ordinario como n'um dia de mercado.

«Felizmente os meus amigos portuguezes pensavam de outra maneira, e vieram buscar-me á Foz. Depois propozeram-me uma visita a algum dos immensos armazens de Villa Nova de Gaia, onde se guardam os mais finos vinhos do Douro; mas, como me deixaram a escolha entre esta ou um passeio ao Valle de Amores, preferi este ultimo. Este amavel valle fica entre os cimos de dois altos montes que

se aprumam sobre a margem esquerda do Douro, e tem uma pequena historia sua propria.

«Sobre as ruinas do antigo convento de Santo Antonio está hoje estabelecida uma grande fabrica de sabão. Conta-se que, quando o convento estava já edificado, e prestes a concluir-se a ceremonia da dedicação a Santo Antonio, os monges foram de subito impressionados com a impiedade do nome de Santo Antonio do Valle de Amores!

«Os santos homens receavam que estas divindades, aladas como as brizas, os importunassem nas suas meditações religiosas, que os seus olhos, que deviam estar sempre voltados para o céu, viessem algumas vezes a ser dirigidos para a terra por estes levianos tentadores. Que fazer? Banir os amores do valle, tão proprio pelas suas graças para a habitação do amor: assim fizeram, pensando, diz-se, que com esta excommunhão dos amores, e a substituição do nome profano por este outro de valle de Piedade, teriam assim expellido do seu paraiso terrestre o mundo, a carne e o demonio.

«D'est'arte descansados, viveram os piedosos frades no meio dos seus pomares, jardins e campos ferteis, litteralmente na abundancia até ao cerco do Porto, quando o convento foi destruido pelo fogo. Depois tornou-se propriedade do visconde de Castro Silva, que edificou no seu sitio a presente fabrica de sabão a vapor.

«Chegou então á Piedade a sua vez de ser expulsa do valle, que tomou o seu antigo nome de Valle de Amores.

«Voltei para a Foz já de noite, no mesmo dia da festa. O calor tinha sido excessivo, e depois do pôr do sol começou a soprar um vento muito similhante ao sirocco, irritante, calido, que de nenhum modo se parecia com uma fresca viração. Em vez do céu usualmente claro, calmo e azulado, com myriades de estrellas resplendentes, havia grandes manchas de nuvens de côr de fumo, correndo por toda a parte, e um sopro mais forte de vez em quando levantava a areia movediça da praia, da maneira a mais incommoda. Apesar d'estas indicações de uma mudança provavel de tempo, havia alli, comtudo, passeantes em grande quantidade.

«Os americanos, que desde as cinco até ás dez horas da manhã vem do Porto cheios de banhistas, á noite enchem-se a trasbordar com as pessoas que vivem na cidade ou perto, ou entre ella e S. João da Foz, as quaes regularmente dão o seu passeio pela praia depois de jantar, onde têem a certeza de encontrar os seus amigos e relações, e assentam-se a palestrar e fumar debaixo das arvores por largo espaço. Não sómente cavalheiros se juntam n'esta esplanada movediça e cheia de pó, mas é tambem o logar predilecto para a reunião das senhoras.

«Todas as classes, elegancia, belleza e commercio do Porto e da Foz, deparam-se-nos alli trajando as ultimas modas de París.

«É um soberbo logar para namoros, e entrevistas a furto. Os seus unicos attractivos presentemente são a companhia, uma suave brisa, e uma vez por semana as harmonias da banda municipal, comtudo, por noites de luar, a praia apresenta-se mais buliçosa e animada, e nas outras tambem, antes da escuridão caír completamente, porque os candieiros sobre a estrada são poucos e de longe em longe.

«Na proxima estação, dizem, estará já feito um casino. As hespanholas vestem pela maior parte de preto, não esquecendo os seus longos véus. Giram para

baixo e para cima pelos passeios, cheias de pó com uns grandes ares de magestade, agitando sempre os seus leques, algumas trazem comsigo duas ou tres gentis creanças, sempre o mais elegantemente vestidas, acompanhadas por quasi outras tantas creadas, vestidas pittorescamente, com rosas vermelhas, ramalhetes de jasmins, e outras flores naturaes, entrelaçadas nas tranças massiças do seu cabello negro de azeviche. Acompanha-as um escudeiro, trajando geralmente fato escuro, apresilhado, faxé carmezim, e chapéu desabado. Elle parece servir para levar as creanças, a correr atraz dos seus balões e soffrer submissamente as pequenas tyranias do seu grupo, de niños travessos, outras vezes compartilha o serviço da creada grave da senhora, vão todos juntos atraz da sua ama, vagarosamente a uma pequena distancía, e o escudeiro, tira de vez em quando algumas fumaças n'um cigaaro, quando o póde fazer a occultas.

«Ás onze horas, os ultimos carros largam para o Porto: ha então um atropellamento geral por causa de logares, e a praía fica em parte vasia, mas quem está na Foz não se apressa a retirar-se, de modo que muitas vezes á meia noite ha ainda alli alguns retardatarios.

«A tarde da festa não convidava a andar á tuna, mas eu, com os meus amigos portuguezes, fomos de passeio até perto do castello. Não havia luar. Toldava o céu um largo cinto negro de nuvens arqueadas, que se engrossavam. As vagas rugiam furiosas; na barra espadanavam alvejantes espumas, emquanto no mar escuro rutilavam longos sulcos de luz phosphorica. Cuidei que chovia, mas eram borrifos de espuma á mistura com areias, que as lufadas de vento quente nos atiravam. Não trovejava, posto que os relampagos vividos e brilhantes coruscassem no espaço, agora relampadeando por largo, e envolvendo por instantes castello, monte e mar, em roxa luz intensa; logo, em linhas ondulosas que pareciam esbrazear o dorso das vagas, como se fossem uma accesa massa, que se abria e fechava com deslumbrantes lampejos por entre nuvens lugubres e negras. Não eramos os unicos espectadores da torva magestade d'aquella noite. Muitas pessoas para alli tinham ido attrahidas, e comtemplavam em grupos no alto da encosta. Ao pé de nós estava uma senhora hespanhola e um cavalheiro. A senhora trajava a sua mantilha de seda nacional. De repente, quando eu estava no alto da encosta conversando com o meu amigo, ouvi-lhe a ella dizer: «Sí, sí, es la señora ingleza». Voltei-me para ella, e tive o prazer de apertar outra vez as mãos de pessoas que tanto desejava encontrar, os meus amigos hespanhoes de Cintra.

«Eram onze horas, tarde de mais para longas conversações. Os ultimos americanos íam cheios, de modo que o sr. S. poude apenas encontrar um logar fóra. Os hespanhoes, porém, não se apressaram porque tinham vindo do hotel do Louvre em carruagem, onde combinámos encontrar-se a gente na manhã seguinte, e, depois, como a noite começasse a estar medonha, dei-lhe as buenas noches á porta do meu hotel.

. . . . . .

«Por fortuna consegui entrar na capella real de Nossa Senhora da Lapa, onde jaz o coração de D. Pedro em urna de granito, á mão esquerda do altar mór.

«Legou elle á cidade do Porto o seu coração, como testemunho de gratidão á lealdade dos habitantes devotados á sua causa. É formosissima a igreja da Lapa. Está-lhe á beira um vasto cemiterio, em que avultam curiosos monumentos e sepulturas.

«A igreja, que talvez o impressione como mais esplendida, se aqui vier ao Porto, é a de S. Francisco, fundada em 1233, á qual frequentemente chamam a «igreja de oiro» As esculpturas das columnas das naves d'este magestoso templo são primorosas, e todas sobre douradas. Isto, se não revela um supremo bom gosto, é espectaculosamente scintillante.

«A bolsa actual occupa o espaço do antigo convento a que pertencia aquella igreja, que foi queimada em 1832. Estava aqui então aquartelado o batalhão de caçadores n.º 5; e os frades, como dizem que depois se provou, pegaram de noite fogo á casa, na esperança de que a maior parte da tropa morreria no incendio; Tinham combinado que, á mesma hora, duas da manhã, outros conventos occupados seriam tambem incendiados, de modo que os aquartellados não se podessem mutuamente socorrer quando tocasse a fogo; e, na confusão em que tamanha catastrophe devia pôr a gente.

.....

«Sobre as ruinas do convento edificou-se pois um magnifico edificio, que é a bolsa, e vinte annos levou a construir. Contém uma serie de vastas salas decoradas com riqueza e elegancia. Já se fizeram aqui festejos reaes, e nos seus enormes salões se fez a exposição de 1861. O claustro do convento foi conservado e incluso no plano do novo edificio. Erigiram-lhe no centro um magnifico chafariz e lá onde outr'ora a fradaria se espanejava folgadamente, juntam-se agora os negociantes a mercadejar, prospero presagio para o futuro Portugal.

.....

«É sabbado. Vae grande animação na laboriosa cidade. É agora occasião de ver as secias cachopas dos arrabaldes do Porto. Que patear e estalar de tamancos ahi vae. É uma toada estranha, misturada com o sussurro de um vozear alegre, risadas estridulas, e o variado estrondo do tropel das ruas. Quando pela primeira-vez se ouve aquillo assim confuso não se percebe a procedencia d'aquelle rapido e incessante tic-tac. Pois com tamanha agitação, e com o apregoar dos regatões que offerecem pelas ruas as suas mercadorias, é isso nada comparativamente ao berreiro com que os vendedores de insignificantissimas cousas nos atordoam os ouvidos em Lisboa.

«No Porto ha mais obras e menos gritaria, e os jumentos segundo me pareceu, lidam aqui menos, e não nos regalam a miudo com aquelle «longo zurrar asperrimo do burro», que tantas vezes parece em Lisboa corresponder dignamente aos pregões dos donos.

«Devia ser a demais faina provavelmente na occasião em que eu vi a ruidosa vida do Porto.

«Uma chusma de labregos com carros tirados a bois tinham já chegado e descarregado o carreto; outros estavam descarregando ao mesmo tempo que uma onga enfiada de carros estrondeavam e chiavam horrendamente, quando os bois extenuados subiam a ingreme calçada que vae dos Clerigos. Sendo este o ultimo dia que tencionavamos demorar-nos no Porto, desejou o sr. Ribas que visitassemos a igreja de S. Martinho de Cedofeita. Este nome singular prende com historias longas e maravilhosas: poupal-o-hei a ouvil-as. É a mais antiga igreja do Porto, fundada em 559, unica em que os mouros, dominadores de Hespanha e de Portugal, permittiam, mediante certo tributo, que houvesse missa. É de tradição que a pia baptismal ainda existente na igreja é a mesma em que se baptisaram o fundador Rei Theodomiro e seu filho. Promettêra elle a S. Martinho de França

fazer-se christão, se seu filho, que estava em perigo de morte, se restabelecesse pela intercessão da santo; e a fim de o mover a pedir, mandou-lhe um relicario de oiro e prata, que pesava tanto como o filho.

«Contaram-se prodigiosas lendas referentes a estes successos.»

.....

«Da praça, chamada do Anjo, se infere que houve casa religiosa, onde hoje está um lindo mercado. Faceando com os Clerigos, tem dois lanços de escadas de pedra, com varanda gradeada no patamar, por onde se entra para a mais copada das alamedas. As avenidas arborisadas convergem para o centro, onde está um elegante chafariz. A regateira alli dispensa o seu enorme guarda-sol. A sombra é tanta e tão agradavel, que no estio, passadas as horas do mercado, os vadios vão para alli passear, ou se estiram a dormir a sésta mui repimpadamente. Porém a grande belleza do mercado é quando os cestos trasbordam de ameixas, pecegos e uvas — e que uvas agora alli ha! Jigos de purpureas maçãs e peras de sabor delicioso, rimas de tomates e melões, lindos ramilhetes, plantas, hortaliças de toda a especie, tão viçosas e repolhudas como as que em Covent-Garden se pagam pelo menos dez vezes mais que o preço por que alli se compram. Ha muitissimo frango branco que se estima de preferencia como em Lisboa; e não é menos digna de reparo a exposição das regateiras e raparigas rosadas, lestas, desnalgadas, com as suas arrecadas e cordões.

«Do mercado do Anjo descemos á rua de D. Fernando, em que fica o banco, e a frontaria da bolsa. Vimos a feitoria ingleza, ou club, ampla e boa casaria onde no inverno se dão bailes e outros divertimentos; depois subimos a ingreme rua de S. João, onde moram especieiros, com lojas de varios formatos e as mais lugubres do Porto. A rua Direita é edificada em arcaria, por debaixo da qual passa o rio Villa, que desemboca no Douro.

«Da rua de S. João atravessámos para a rua das Flores, pelo largo de S. Domingos. Difficilmente podiamos firmar o pé no escarpado da subida. Se a gente, quando atravessa, encontra uma junta ou duas de bois a descerem, a arquejarem para fincarem as patas, e acontece escorregarem com aquella caranguejola, que lá chamam carro *gare à vous,* é dar-lhes campo para cebolas, que, senão, a cousa póde ser muito fatal para vós, e provavelmente nada para os bois.

«Logo em frente está a pequena igreja da Misericordia. Convida a entrar a frontaria, em estylo manuelino e a porta meio cerrada. Na sacristia ha um painel que os apreciadores reputam o mais precioso quadro do Porto. Figura Christo morto na cruz, que se levanta do centro de um tanque marmoreo. A Virgem, que exprime no semblante as angustias da alma, está á esquerda; S. João, tambem amargurado, mas a transluzir esperança do aspecto triste, fica á direita. Os espectadores circumpostos, são retratos de El-Rei D. Manuel, *O venturoso,* da sua familia, de varios prelados e magnates da côrte; intitula-se: *Fundação da misericordia.* É obra do pintor portuguez Vasco Fernandes, mais conhecido pelo Gran Vasco.

«A rua das Flores é a mais frequentada do Porto. É comprida, e estreita de mais para o transito que tem, mas o pavimento é bom. Aos sabbados vae cheia de gente, como qualquer rua de Londres. Pelo meio, vão a par, e chiando, abominaveis carros. De vez em quando um cavalleiro arrisca-se a escoar-se por entre elles, serpeando por aqui e por acolá, e ás vezes depara-se-nos uma carruagem encravada entre os carros, com a parelha a esbravejar á beira dos pa-

cientes bois, porque alli não é permittido picar o gado. Que serve conduzir carruagens para baixo da rua das Flores? Os cocheiros não ousam transpor o precipicio que a separa da rua de S. João, porque não têem a pericia dos de Lisboa, que não se atrigam de galgar a todo o trote as ruas perpendiculares d'aquella cidade.

«Agora vejâmos as lojas. Uma ou duas horas de cada manhã passo-as em *flanerie* entre as ruas das Flores e dos Clerigos. Á esquerda são ourives; corresponde á rua do Oiro, de Lisboa, mas no Porto ha maior abundancia de oiro filagranado para uso das aldeãs. Ha arrecadas desmarcadamente grandes, broches e cruzes enormes á proporção, cadeias e anneis macissos, variados no feitio, mas tudo é feição mourisca. Se a mão d'obra nem sempre prima em delicadeza, posto que d'alli procedem excellentes amostras de ourivesaria, o oiro é de quilate superior ao que se usa em Inglaterra, mesmo nos joalheiros de maior fama, e só depois de contrastado é que se póde vender.

«Do outro lado da rua ha lojas cheias de chapéus desabados. Ha d'elles sem enfeites, com borlas, fivelas, fitas e laçaria. Homens, mulheres, rapazes e raparigas, estão escolhendo, que hoje é dia de todos comprarem, e enchem-se as chapellarias. Um rosto galante olha para o lojista e pergunta-lhe se o chapéu lhe fica bem. Elle ri-se. Que ha de responder, senão a verdade? «O chapéu diz-lhe a matar n'essa linda carinha.»

«Tambem n'este lado mercadejam fortemente os commerciantes de lanificios. Vendem sarjas listradas para saiotes e outros vestuarios alegres, mas de aquecer, para ambos os sexos. Todas as lojas estão abertas e sem vitrines.

«Os ourives, posto que tenham á porta grandes taboleiros, defendem com vidraças as suas preciosidades. Não lhes faltam tambem freguezes. Repare para dentro, e verá duas ou tres mulheres com as cabeças a um tempo curvadas para os brincos e discutindo gostos sobre o balcão. Ao lado ou atraz d'ellas, conforme se interessa mais ou menos na mercancia, está o pae, o marido, ou o noivo de uma das do grupo. Elle traja a sua melhor jaqueta de alamares de prata, como lhe cumpre usar quando vae ao ourives e já tem na algibeira a mão agarrada ás libras que ha de esportular quando as moças houverem escolhido os objectos que mais lhe agradarem.

«Proseguindo ao longo da mesma rua, mas tomando a um lado, acham-se os sapateiros e os alfaiates. Trabalham ás portas das lojas abertas, sentados em cadeiras. Tambem ha pequenas lojas de ourives de prata, com officinas no interior, onde se póde ver fabricar correntes, bolsas, fivelas, brincos, cruzes e outros enfeites do mesmo metal.

«Desisti de palmilhar a rua que se torce ladeira acima, por ser muito ingreme. O passeio, comquanto não fosse grande, tinha sido todo a subir, excepto na rua dos Inglezes. O sol, entre as dez e as onze, era tão intensamente forte, que o guarda-sol já não bastava a defender-me. Antes, porém, de me afastar, quizera eu que o meu amigo lançasse a vista áquella casa que se acantoa justamente no ponto em que a rua enfia para o labyrintho de predios que se agrupam no caminho das nuvens. Não é tão linda? Duas varandas de segundo e terceiro andar, alli existem emboscadas em luxuriantes parreiras. Aqui e acolá transparecem cachos de purpurinas uvas, e na varanda inferior dependuram-se perfeitamente em festões. Que formosa habitação! Quiz-me parecer mansão de bemaventurados!

«N'aquelles torcicollos pittorescos e estreitos, onde a custo um cavalleiro acharia espaço para passagem de um potro manso, apinham-se as casas na mais romantica desordem. Umas barrigudas, outras escanifradas, umas mesquinhas, outras como que encravadas no costado de outras maiores, com a mais graciosa confusão. Em muitas d'ellas enverdecem parreiras com docel das varandas, onde os inquilinos sobem a respirar á noite a fresca brisa. Têem todas uns beiraes salientes dos telhados, pela maior parte encarnados, com uma barra branca na fileira de telhas mais á beira. Os tectos descáem para os cantos, de onde pendem uns grandes tubos em fórma de trombetas. Que cascatas alli se formarão quando chove! Eu nunca vi chover no Porto, e não foi pequena ventura, porque dizem que é um espectaculo pavoroso.

«Todas as varandas do Porto possuem tubos similhantes. Vi funccionar um, quando se estava lavando uma casa, e imaginei o que seria quando funccionassem a milhares. O Porto deve ser então em catadupas pouco menos que o Niagara. N'estas occasiões, o Douro, ás vezes, enfurece-se, e a sua colera é a dos temperamentos habitualmente pacificos — formidavel. Empola-se em tumidas vagas que rolam ao mar com mais furiosa sanha que o proprio Oceano embravecido; arrasta arvores que desarraigou, pedaços de barcos que despedaçou contra o penhascal das margens; ás vezes desamarra os navios dos ancoradouros, e envolve cadaveres de maninheiros. Trasborda então o rio por tal maneira, que invade os predios da cidade baixa, transformando-a em enorme lago, e força os moradores a subirem aos ultimos andares para se escaparem em barcos. É a isto que lá se chama uma cheia.

* *

«Saímos do Porto cerca das cinco horas da tarde, por optima estrada. Em toda a parte um terreno feracissimo; fileiras de vinhas enroscadas em arvores, soutos de castanheiros e carvalhaes, as eminencias coroadas de pinheiros, moitas de alfazema e flores silvestres sem numero a marginar a estrada. Viajámos devagar. Chegámos á Povoa, logarejo balneario, com uma desgraçada estalagem, onde parámos pouco tempo antes de se pôr o sol, emquanto os cavallos se refrescavam com pão e vinho, que saboreavam deliciosamente. O transmontar do sol era esplendoroso, e, ao passo que no céu se esvaíam as suas côres de oiro, carmezim e roxo, a lua, no quarto crescente, dava-nos bastante luz para seguirmos o nosso caminho para Villa do Conde. Aqui pernoitámos. O conforto da estalagem não nos desconvenceu do proposito de saír logo que fosse dia. Não obstante, a ceia foi soffrivel e o vinho era optimo.

«Resolvemos viajar a cavallo de Villa do Conde para diante. A nossa pequena bagagem mandámol-a para Barcellos pela diligencia; e d'esta cidade, onde Rivas tinha um amigo, nos foram mandados tres cavallos. Chegaram uma ou duas horas antes, e eram bonitos animaes. Ás cinco horas da manhã seguinte estavamos prestes a marchar. Saíramos já do Porto vestidas para cavalgar.

«Disseram-nos que Villa do Conde era bello ponto de vista; mas cerrára-se tão densa nebrina á hora matinal da saída, que apenas vimos o aqueducto por onde corre a agua para o grande mosteiro de Santa Clara, e sobre as grimpas de um arvoredo avistámos a torre de uma curiosa igreja antiga. O terreno entre

Villa do Conde e Barcellos é montanhoso, e parte do transito é pragal, escabrosidade e pedregulho.

«De vez em quando escurejam pinhaes no pendor das serras, como sentinellas d'aquelles arrojados avanços da rocha; e ao mesmo tempo, a densa massa do grupo dos pinheiros, com as ramas escuras a toucarem os cabeços da serra, figuram-se mais altas e como que topetam o firmamento em ondulações negras. Todavia, de permeio ás serranias de severo aspecto, ha valles a sorrir fertilidade; e ao longo da estrada sempre se encontram graciosas vides, enroscadas em carvalhos debruçados pelos muros sobre esteios de granito. Vimos tambem bouças pittorescas de carvalhos antigos e outras arvores; cujas ramadas, já coloridas dos bellos matizes escarlates do outono, misturadas com o verde claro e brilhante do enfolhar no começo da primavera, formavam harmoniosa mescla de côres variadas, que seriam deleite aos olhos de um pintor.

«Porém o passeio de quatorze ou quinze milhas, penso eu, posto que se me figurassem nada menos de trinta, era extenso de mais para primeiro passeio por estação tão pouco convidativa em tal paiz. As vira-voltas do caminho eram bellas á vista, mas fatigantes para viajar. Reina por alli um solemne silencio, e tanto que, passado algum tempo, opprime a gente. As nossas vozes tinham um som soturno e abafado, como se conversassemos baixinho dentro de uma igreja; nem sequer as aves por alli se pousam a gorgear os seus cantares matutinos: cruzam o espaço n'um rapido esvoaçar, atemorisadas talvez das opacas sombras dos pinhaes e cyprestes. Não obstante a campina é bella.

«Se mais cansados estivessemos ainda, as magnificas vistas do rio Cavado e a interessante villa de Barcellos ter-nos-hiam de sobra recompensado os incommodos da jornada. Que lindo sitio este é!

«Eu quiz apear-me á porta de uma estalagem na praça, onde um rancho de camponios olhava para nós com risos e ademanes, exclamando: «Inglezes! Inglezes!», mas todos respeitosamente, quando passavamos. Porém o nosso conductor, ao que parecia, boçal, gallego, portador de cavallos, que nos seguia aguentando-se a pé, levou-nos para Barcellinhos, onde um cavalheiro hespanhol, de meia idade, esperava os seus amigos e parentes. Estava preparado um excellente almoço: peixe fresco do Cavado, fructa deliciosa e bello vinho, todos os mimos da terra exuberante de boas cousas. Feita justiça á lauta mesa, e depois de repousar algum tempo, convidou-nos o nosso já idoso amigo para irmos para sua casa. Eu declarei logo a minha intenção de ficar na hospedaria, que me pareceu boa, até o dia immediato, em que eu projectava continuar o passeio. Este projecto magoou os meus companheiros, que declararam considerar affronta o separar-me d'elles durante a nossa excursão. O velho cavalheiro foi do mesmo parecer. Bandeei-me com os cartistas e fiz parte do grupo que pouco depois abalava n'uma especie de arca de rodas, que em dias festivaes era provavelmente tirada por nedios bois, e assim fomos dar a uma linda quintasinha perto de Barcellos.

«Um creado gallego conduziu-nos a dois quartos aceiados, onde a nossa pequena guarda roupa de viajantes já estava depositada. Depois de uma longa sésta tornámos a jantar, e felicitei-me por ver que todos por igual se sentiam indispostos para visitar igrejas ou andar á cata de bons pontos de vista. E tinha-os arrebatadores, dominando o Cavado por todos os lados e as ferteis ladeiras ao sul, que viçavam como jardins.

«Ás cinco horas da manhã seguinte levou-nos aos nossos quartos um escu-

deiro (parece que na casa não havia mulher), e antes das seis estavamos a cavallo, guiados pelo gallego, para o monte em que está a igreja de Nossa Senhora da Franqueira. É uma empinada serra, mas o caminho é circular e facil. Por mais custoso que fosse, largamente nos indemnisaria da fadiga o grandioso prospecto. Era propicia a hora em que lá chegámos: formosa e brilhante manhã, suave viração, ao longe o horisonte sem nevoa, os espigões do Gerez e das serras vizinhas de Braga dourados pelos raios do sol nascente; em redor de nós extensas curvas de verdura, eminencias pittorescas, e o sereno rio deslisando mansamente para o Oceano agitado e irrequieto.

«O maravilhar-se a gente em incessantes extasis será cousa saudavel? N'este portentoso paiz quem não for de pau ou de pedra, é forçoso que esteja sempre em plena admiração. Em todo o caso deve ser bom para a alma de quem se defronta com tão bellos quadros. E os d'aqui são os mais deleitosos que a natureza póde ostentar. A alma sente-se erguida desde a contemplação de obras tão prodigiosas, até ao grande prodigioso Ser, auctor da natureza.

«Recolhemos com appetite voraz. O nosso amigo de idade madura (chame-se assim o sr. Castella, que é o bastante ao proposito, que eu não ousaria a indiscrição de lhe denunciar o genuino nome ainda que lh'o soubera) andava passeando na varanda, com as mãos nas costas; e, se a cortezia me permitte dizer tudo, talvez um tanto zangado, porque o obrigavam a retardar o almoço. Gostava que vissemos todas as cousas da terra; elle, porém, n'essa occasião, não pensava em nada d'isso.

«Se eu fosse sósinha, visitaria os bellos edificios de Barcellos, tão sómente por causa das suas referencias historicas. Os camponezes, no escasso tempo em que os apreciei, pareceram-me activos, industriosos e alegres. Presenciei uma estranha pantomima ou baile composto por homens e mulheres, que se ajuntaram n'um campo á beira dos jardins da quinta. Estava no centro da roda uma rapariga. Dançou por algum tempo com grandes gaifonas, batendo as palmas, gritando e dizendo umas cousas de que não percebi palavra. Eis que de repente faz uns gestos de afflicção e cáe por terra.

«Pareceu-me que o tal tregeito significava desesperos de amor, visto que um rapazola saíu da roda, e chegando-se a ella deu-lhe a mão. Ergueu-se a moça mui contente e começou a dançar com elle de roda, acenando e sorrindo aos espectadores quando passava. Parece que ganhou ciumes com isto, porque retirou a mão, segredou-lhe ao ouvido, e d'ahi destoaram ambos a vozear uns gritos tão selvagens, que não era nada agradavel ouvil-os.

«Intervieram, porém, os seus amigos a reconcilial-os, e lá se harmonisaram acabando esta ridicula scena com um bailado geral.

«Vi uma cousa similhante no hotel da Foz, entre os creados hespanhoes. As senhoras tinham saído, e o barulho era tamanho, que me queixei, suppondo que a creadagem andava ás pancadas Explicaram-me que se andavam divertindo com danças da sua patria.

«É soberba a vista da ponte. Barcellos tambem teve seu farto quinhão de mosteiros. Afóra outros edificios antigos, tem ruinas de um paço real e uma curiosa e antiga igreja com o adro apilarado. A respeito d'esta igreja ha muitas fabulas. Contaram-me que uma das superstições é que em certos dias do anno apparecem cruzes no ar a pairarem sobre a villa, e que o céu protege particularmente as creanças nascidas n'esses dias.

«Saímos antes das cinco. Acompanhava-nos o nosso hespanhol de Ponte de Lima, e um guia, que tomámos na Barca. Os nossos saccos de viagem levou-os de manhã o gallego que nos foi arranjar hospedaria em Braga. Apesar de tortuosa, a estrada que seguimos era boa, com primorosa paizagem de um lado e do outro.

«Por perto de Pico de Regalados, montanhas tudo, serra escarpada; mas, ao chegarmos ao cimo, um imprevisto panorama se desdobrou em toda a circumferencia. Ao poente, o esplendido brilho do sol a descer sobre pincaros da serra, que projectava estiradas sombras pelas collinas interpostas. Grandioso espectaculo! E mais sublime ainda quando o colorido do céu occidental se esvaecia, e o puro e limpido ambiente se rosava ao clarão intenso da lua, entremostrando mais claro que de dia o torvo espinhaço do carrancudo Gerez. Guiava-nos a lua através de tenebrosos pinheiraes, e inundava de prateada claridade as torres da bella cidade, para onde caminhavamos vagarosamente.

«Tão inspirado se sentiu o nosso companheiro adventicio pela formosura dos quadros, que, em certo sitio, prorompeu n'uns cantares improvisados em louvor das creações da natureza. Poetisou fervorosamente amorosas canções ás nymphas dos bosques e cantou-as bem, porque tinha excellente garganta. Rivas contagiou-se a final d'aquelle enthusiasmo, e desatou a cantar uma especie de aria militar, que tinha um arriscado estribilho: Por de onde vamos? Vamos por bella Hespanha. Como ouvissemos rumor de passos, D. Rita assustou-se, e pediu aos cantores que se dispensassem de acordar os echos dos bosques portuguezes com os cantos revolucionarios de Hespanha, a menos que, em vez de ir para a hospedaria, quizessemos entrar na cadeia de Braga. Quando o ruido se avisinhou, conheceu-se que era tropel de cavallos, e logo dois cavalleiros nos saudaram: Viva las damas! Viva bella España! ao que se correspondeu convenientemente.

«Acho que nos foi util ser gallego o nosso guia, porque as innocentes cantigas e saudações, do modo como ao presente está o animo do governo portuguez, poderiam dar azo a interpretações de conluio revolucionario. No emtanto, fomos muito calados, depois que passámos o Cavado, onde encontrámos o nosso gallego. Entrámos sãos e salvos em Braga ás dez e meia.

«Decentemente nos alojámos em uma hospedaria no campo de Sant'Anna, magnifica praça, rodeada de grandes predios, em um dos quaes é o deposito de livros raros e manuscriptos que constituem uma bibliotheca publica. Mas o nosso principal empenho era ver a sé ou cathedral.

«É um antiquissimo templo edificado, segundo consta, sobre as ruinas de um templo pagão, pelo conde D. Henrique, no primeiro quartel do seculo XII. Os sepulchros de D. Henrique e D. Thereza, sua esposa, estão na capella mór.

«Tendo sido reedificada em diversas epochas, a cathedral, com os seus variados estylos architectonicos, offerece construcção singular. O côro é antigo, e magnificente modelo de obra de talha, em bello jacarandá com relevos dourados. O orgão tem magestosa apparencia e magnifica toada. O altar do sacramento é tambem primorosa peça de entalhamento: é todo feito de um tronco de pinho, com diversas figuras esculpturadas. Na sacristia acham-se alguns quadros, mas nenhum de grande merito. Raro se encontram boas pinturas em Portugal; abundam, porém, as esculpturas primorosas em pedra e madeira. No tempo em que o primaz das Hespanhas não era, como hoje é, mera distincção titular, posto que Braga ainda contenda em jurisdicções com Toledo, e sobreponha em todos os seus

templos a cruz archiepiscopal, era opulentissimo o thesouro da cathedral, o mais opulento das Hespanhas. Agora mesmo ainda possue vasos de prata e oiro, joias, e ricos paramentos. Conserva-se ainda o calice usado pelo arcebispo primaz de Braga, S. Geraldo, no baptismo de Affonso Henriques, em Guimarães, pelos annos de 1109, e outro de oiro, do seculo XV, em fórma de igreja torreada com sinos. A mais notavel curiosidade da cathedral é talvez o corpo de D. Lourenço, seu octagesimo sexto arcebispo. Pelejou, e saiu ferido da grande batalha de Aljubarrota, e revelou mais pujante animo de soldado que piedade de sacerdote. Constituido arcebispo de Braga, restaurou a sé, acrescentou-lhe a capella do Santissimo Sacramento, que depois escolheu para seu jazigo. Em 1663, trezentos annos depois do seu passamento, abriu-se-lhe a sepultura, e encontrou-se o corpo incorrupto, estado em que ainda permanece sem ter sido embalsamado. É attribuido este milagre ao cheiro de santidade em que morreu.

«Em demolição de predios antigos e nas escavações encontraram-se interessantissimas reliquias romanas, esculpturas e moedas de Tito, Nero e outros imperadores.

«É famosa, por fertillidade e belleza, em todo o Portugal a mata do Bussaco; mas as eminencias do Bussaco são principalmente celebradas pela porfiosa batalha em que os francezes, commandados por Ney e Massena, foram desbaratados pelo exercito anglo-luso, sob o commando de Wellington, em 27 de setembro de 1810.

«É a sé velha de Coimbra um singularissimo edificio gothico anterior, segundo se diz, á fundação da monarchia portugueza; mas os portuguezes gostam de dizer que as suas cathedraes e outros edificios, quanto á data da edificação, se perde na noite dos seculos. A sé, porém, é antiquissima, sem duvida, e as suas decrepitas paredes afortalezadas mais assimilham antigo castello que edificio religioso. É quadrangular com zimborio encimado de cruz de ferro; mas não tem torreões nem trapeiras, salvo um gradeado de pedra sobre o arco da porta principal. Tem ao lado esquerdo uma porta com um arco de marmore primorosamente lavrado. Ha na sé diversos tumulos primorosamente esculpturados, muito para se verem, e o côro grande é reputado um primor. N'esta cathedral foi coroado D. João I. Está situada em tal eminencia que vale a pena lá subir só para gosar a vista que d'ali se abrange. Receberam-nos com aquella affavel urbanidade de maneiras tão caracteristicas dos portuguezes, e mostraram-nos as diversas peças que constituem a universidade. Parte é antiga, parte moderna: em diversos periodos houve ampliações e acrescimos. Subimos á torre, de onde se avista a cidade inteira, e o rio similhante a serpente de aço, que vem faiscando por entre os valles, bosques e serras dos seus bellos arredores por espaço de milhas. Parece-me ser aquillo superior a tudo: era com certeza o mais esplendido espectaculo que ainda viramos. Percorremos as aulas e o museu: tudo asseiado, espaçoso, elevado. Os instrumentos astronomicos do observatorio dizem-me que emparelham com os melhores da Europa. Mas, a meu ver, a mais notavel peça da universidade é a bibliotheca.

«Consiste em vistosa fileira de salas, com galerias repartidas em secções de livros das differentes linguas.

«A solemnidade de tom dos ornatos diz ao proposito a que são destinadas as salas, um certo silencio em que se compraz o espirito, e favoneia o estudo. Ha gabinetes distinctos para os academicos premiados, que queiram estudar em se-

parado. É grande a livraria, rica de edições raras, e de manuscriptos dos extinctos conventos, livros gothicos, illuminuras, e collecção de gravuras, algumas antigas e exemplares unicos.

«Este agora não é tempo proprio para visitar Coimbra. Principiaram as ferias, e poucos estudantes ficaram; de modo que as ruas estão ermas. Cursam, termo medio mil a mil e duzentos estudantes, e os lentes, que são muitos, tambem se ausentaram.

«Vivem os academicos na cidade em casas particulares designadas para os receberem, e com a sua presença dão vida áquelle provecto, lugubre e horrendo arruamento. Governam a universidade um reitor, chanceller, decanos e outros.

«As leis, ou estatutos, pelos quaes se governam, creio que divergem agora muito dos que se observavam antes da extincção dos institutos monasticos.

«Pretende-se antepor o Bussaco a Cintra como local para concurso da sociedade elegante. Avultam-lhe bellezas não só superiores a tudo que ahi ha mais celebrado, senão ainda incentivos a tão altos pensamentos de extatica admiração e profundo respeito no espectador, que não ha ahi phrases que os exprimam cabalmente.

«O prestigio que Cintra benemeritamente gosa de paraizo terreal deve-o porventura á vizinhança da capital, e ser o unico entre os varios sitios do paiz analogos em belleza, que, a um tempo, permitte facil accesso a Lisboa, e tem de per si mesmo formosuras indisputaveis.

«As bellezas nativas da mata do Bussaco ainda não bastam para attrahir consideravel porção de habitantes, posto que a via ferrea haja attenuado bastantemente as fadigas da jornada; mas o Bussaco dista algumas milhas da linha principal, e quem quer lá ir, ou tem de se resignar com o desgosto de ser palliado por algumas horas nos repellões de uma diligencia, ou alugar trem. Ora, muita gente acha que vae n'isto um grande desconto ás delicias da excursão. Dois ou tres especuladores dinheirosos compraram um grande pedaço da mata em frente da igreja, e projectam ali edificar uma vasta hospedaria, em estylo moderno; e, como não é provavel que se faça ramal para lá, cuida-se agora em construir á pressa uma estrada, por onde melhores carros e a melhores horas andarão frequentemente.

«Principiámos a subir a serra ás oito horas, por uma clara e brilhante manhã. Á mão direita vimos um grande cruzeiro tosco, formado dos troncos de duas arvores. O caminho é marginado de bellos freixos só de um lado, o outro é desassombrado, e deixa ver uma amplissima paizagem, intermeada de aldeias e villares, no prolongamento de algumas milhas até o mar. Um paredão de 10 pés de altura e 6 ou 7 kilometros de extensão circuita a mata, que tem dois portaes de entrada. Lá se vê outra cruz alta assente sobre immenso pedregulho. Conduz ao mosteiro uma avenida de cedros. De um e de outro lado adensa-se a floresta de arvores de varias especies, carvalhos, castanheiros, alamos, sobreiros, loureiros, e outras tão espessamente emmaranhadas e bracejando tão vigorosas, que já foram comparadas ás florestas virgens da America. É tão larga a estrada que duas carruagens sobem e descem a par. Cedros do Libano sombreiam o caminho até á portaria do convento. Desde aqui vae a gente sob um docel de folhas, por vasta selva religiosa, cujas ramas entretecidas formam arcos de verdura, por onde o sol apenas filtra uns lampejos, que rebrilham na sombra, quando a folhagem bolida pela viração mosqueia a terra de cores cambiantes. A tapeçaria variegada dos

musgos é matizada de boninas que parecem pedras preciosas. Pompeiam aqui arvores de todos os climas, e todo o colorido de lindas flores se ostenta. E por esta grande e solemne mata passaram outr'ora os monges, carmelitas descalços, solitarios e silenciosos, sequestrados do genero humano, praticando com Deus e com os seus corações.

«Encontram-se capellas nos bosques. Para ali se íam ermar os frades quando se devotavam a mais severa soledade que a do claustro, esquivando-se a interverem-se uns aos outros. Cada ermida tem a sua hortasinha, cujo cultivo aprazado em breve tempo lhes era aos monges o unico recreio permittido, afóra o passearem, de quinze em quinze dias, pela sua magestosa mata. Oração, meditação, abstinencia e penitencia enchiam-lhes o restante da vida.

«Mandou, porém, D. Pedro IV que os frades saissem do seu esconderijo; por algum tempo concorreram numerosos visitantes á famigerada mata, porque nenhum mundano, a não serem alguns raros padres, lá tinha penetrado, e esses haviam referido maravilhas das bellezas d'aquelles bosques aereos, de modo que desafiavam ardente curiosidade de os ver. Depois, a guerra civil por largo espaço, deixou a mata em completo desamparo.

«Tem a igreja duas estatuas, S. Pedro e a Magdalena, que são muito para reparo pela excellencia da esculptura. Tirando isto, o templo pouco encerra digno de nota. Brotam seis fontes em diversos pontos do bosque. Chama-se fonte fria a mais celebrada. 30 ou 40 leguas, tanto quanto a vista póde alcançar na profundeza de uma limpida e brilhante atmosphera! A natureza aqui ostenta-se tão grande, que não ha palavras que vinguem bosquejal-a. Os meus companheiros e eu quedámos como estupefactos e mudos nas bellezas de em redor, e concordámos em que edificar ali uma estalagem n'aquella montanha sagrada era nada menos do que profanal-a. Estes bosques fechados não são as romanticas aleas de Cintra. N'elles está impressa profundamente a tristeza monacal. O hotel deverá ser em Luso. Pelo que respeita ao templo do Bussaco, ha ali grandeza solemne que move tanto ao respeito como á admiração. Vel-o, apraz; mas habital-o, não. Ora as ridentes paizagens de Cintra, rejubilam a um tempo olhos e alma. Tambem aqui ha magestade; mas, mais encantadora do que solemne, não está puxando sempre o espirito para contemplações celestiaes. Em Cintra respirareis mais a peito cheio que no Bussaco; andareis mais de amores com a vida; esquecereis que as rosas têem espinhos; gosareis um sereno repouso intimo; e, ao saír d'ali, após violento esforço, sentireis o pungimento da saudade até ás lagrimas. Formosa Cintra! Magestoso Bussaco!

*
* *

«A situação da Batalha, á primeira vista, parece mal escolhida para tamanho edificio; e, na verdade, por causa da baixa do terreno, acontece não raras vezes, segundo ouvi, quando ha chuvas grossas de trovoada, as torrentes despenhadas da serra alagarem as naves. Porém este templo sumptuoso, que procedeu de um voto de D. João I, foi edificado no terreno onde o monarcha desbaratou o rei de Castella. Figurava-se-nos ao principio uma multidão de edificios aquellas grimpas, torres, parapeitos e capellas; mas, a par e passo que nos avizinhámos, destacavam-se como de per si, até que a immensa casaria se desdobrou ante nós

com toda a sua magestade, vastidão e formosura. São assombrosamente bellos os corucheus e setteiras envazadas.

«A porta principal é tão primorosa e esmerada nos arabescos, que um demorado exame, como eu espero fazer algum dia, demanda mais tempo que eu posso applicar ao complexo d'aquella pomposa basilica. Pilastras, estatuaria, florões, subtis rendilhados, fantasiosas laçarias e arabescos opulentam esta vasta frontaria desde as pedras que pousam no solo até ás mais guindadas por sobre o tecto.

«Não se espere de mim, pois senão uma idéa geral d'este magnifico edificio sem par, como se diz; mas com certeza não ha outro na Europa que o vença em esplendores de architectura. Apenas abrangi tudo de um lance de olhos; mas só isso me foi que farte remuneração á jornada.

«Quando entrámos, as vividas cores do arco iris, e resteas de luz dourada, effeito dos raios solares coando-se nos vidros coloridos das janellas, enchiam as alterosas naves, tremeluziam nas paredes, e mosqueavam de mosaico o pavimento de marmore, embrechando-o de safiras, rubis e esmeraldas.

«Oh! Que magestade a dos claustros! Cercam uma quadra de 200 pés, e têem janellas em ogiva, cheias de subtilissimos debuchos, pouco menos de variados até ao infinito, com esculpturas de execução prima, algumas restauradas perfeitissimamente.

«Reputa-se uma maravilha a casa capitular. Mede 70 pés, é altissima, ricamente ornamentada no tecto que descansa sobre columnas. Conta-se que a abobada d'esta sala duas vezes fôra refeita, e duas vezes o formoso arqueado desabára ao retirar dos simples.

«A terceira vez resistiu, e o architecto devotou-se a morrer sob as ruinas, se a abobada outra vez desabasse. Removidos os andaimes, o alvenel permaneceu no centro do salão contemplando a sua mirifica obra. A final, retirados os simples, nem o minimo signal de estremecimento deu a abobada.

«A perseverança e coragem do architecto tiveram recompensa: a sua obra subsiste solida, prodigio de belleza e de engenho; lá está tal qual era, não obstante o abalo que lhe deu o terremoto.

«Aqui está a maravilhosa capella imperfeita, porque não houve architecto capaz de executar a planta de Matheus Fernandes, que a principiára, e está sepultado com sua mulher na nave.

«Considera-se requinte de belleza o arco occidental pelas graças de esculptura; outros reputam-o mais phantasioso do que elegante. Não me cegam vaidades para dar dote. Eu, de mim, apenas sei que esta gloriosa Batalha, olhada a vulto, com seus moimentos reaes, capellas, relicarios de santos, fachadas imponentes, delicadas rendilhas e laçarias, que tão prodigamente a aformoseiam, é uma prodigiosa obra de arte, um padrão magnificente das eras de gloria portugueza.

«Em alguns pontos ha vandalismos praticados pelos francezes; mas, n'estes ultimos tempos, por esforços de D. Fernando, muitos e judiciosos reparos se fizeram. Se faz idéa do que foi a Batalha nos dias festivos da Igreja quando o dom abbade e grão-priores viviam principescamente nos seus dominios, quando a missa cantada se celebrava quotidianamente com o maximo explendor, quando numerosa chusma de frades palmilhavam aquellas claustras agora desertas, e jardins, e fresco refeitorio, e «a luz mystica e tenue» da grande nave coloria

pittorescamente as procissões de coristas e clerezia de habito branco, e a mystica toada das retumbantes antiphonas reboava nas naves — então, sim; mas a Batalha de hoje, com tantas excellencias architectonicas e gloriosas tradições, impressiona friamente, como um enorme casarão devoluto. As pompas da igreja catholica romana n'aquelles tempos deviam realçar os esplendores d'aquelle outr'ora mosteiro realengo.

«Ha tres maneiras de subir ao topo do edificio: duas escadas de caracol, abertas nas grossas paredes da nave, e outra escada inferior. Preferimos esta, por mais suave de subir, e que proporciona a mais ampla vista do immenso mosteiro.

«Quem não subir uma das escadas mal póde formar conceito do grande espaço que o edificio occupa. Que floresta de grimpas ponteagudas e que delicias de cinzel! Que extensas fileiras de bastiões recortados de ameias, franjados de riquissimas laçarias? A que altura sobem aquellas portentosas agulhas! e o zimborio, e a torre do relogio! Que numerosos altos e baixos na miscelanea de abobadas, capellas, mausoleus, vallas, refeitorios e varios repartimentos da assombrosa urdidura da esplendida Batalha!

«D'aqui passámos a Alcobaça, e atravessámos a povoação de Aljubarrota. Comquanto o nosso guia fosse meramente um arrieiro que nos acompanhava, com os seus machos, conhecia elle a lenda da mulher do padeiro, a famigerada padeira de Aljubarrota, que, durante a grande batalha, a historia conta matára treze hespanhoes com a pá do forno. Os meus companheiros riram á bandeiras despregadas.

—«Hoje em dia já não ha d'essas padeiras! — disse D. Antonio ao arrieiro.

—«Sim — replicou elle — temos aqui muitas mulheres tão valentes que ella.

«Depois, feita uma breve pausa, continuou:

—«Se os hespanhoes voltarem a Aljubarrota hão de topal-as!

*
* *

«Alcobaça! O nome d'este real mosteiro pinta-nos á mente uma visão de joviaes monges bernardos, todos de fidalga estirpe, medrando na exuberancia dos seus dominios, cercados de jardins, de vinhedos e de vergeis. Rendimentos principescos eram principescamente desbaratados: «São grandes as liberalidades do Senhor; faz-se mister gosal-as», dizia o bom abbade. Como saboreavam as bellas cousas da vida, cordealmente queriam repartil-as, e portanto eram generosos hospedeiros e effectivos amigos.

«A cozinha do mosteiro descreveu-a Mr. Beckford, que visitou os faustuosos frades, como o mais extremado templo de glutões em toda a face da Europa.

«Parece-me estar vendo o bonacheirão do abbade, que tambem era esmoler mór do reino, aprazivelmente contemplando os preparativos do seu banquete. Eil-o no templo culinario. Pelo meio da immensa casa de tecto artezoado, que mede nada menos de 60 pés de altura e 100 de extensão, deriva um ribeiro de limpida corrente, um braço do Alcoa, discorrendo pelos reservatorios de madeira que contém cardumes de toda a especie de peixes fluviaes. A um lado está pendurada a caça, em outro, hortaliças e fructos variadissimos.

«N'esta enorme cozinha ha tres tanques de lavar as hortaliças, carnes, etc., e as paredes são vestidas de azulejos. Ao lado da longa cadeia de fogões está a fileira dos fornos, e perto vêem-se rimas de farinha de trigo mais alva do que a neve, pães de assucar, talhas do mais puro azeite e profusa pastellaria, que uma turba numerosa de leigos e creados está enrolando sobre marmore branco, assoprando em centenares de fôrmas e cantarolando tão alegres como calhandras em seara. O grão-prior de Aviz e o prior de S. Vicente rejubilam-se presenciando os prolegomenos d'aquella hospitalidade. Tambem Beckford ahi está e mais o seu impagavel mordomo Mr. Simon, tão elogiado e gabado pelo dom abbade pela sua pericia culinaria. É elle que diz, á guisa de cumprimento, áquelle beato *gourmant* e *gourmet:* «Monseigneur rend la religion si aimable!»

«Não eram só as boas victualhas, mas a pinga dos mais especiaes vinhedos do reino: a de Aljubarrota, da lavra do mosteiro, é rival do Clos Vougeot.

«E que direi da sala de jantar? as toalhas bordadas e franjadas, e o serviço e as serpentinas de prata! E a camara do abbade? Leito cortinado de gaza e travesseiros franjados de seda! No quartos de vestir, jarros e bacias de prata, toalhas com cercaduras de renda, tapetes da Persia, reposteiros de velludo, e o mais á proporção.

«Viviam vida folgada aquelles gloriosos monges de outr'ora. Divertiam-se em representações, concertos, bailes, santificando tudo com o prazer.»

*
* *

«Está o mosteiro agradavelmente situado entre suaves declives, bosques cerrados, valles fructiferos, que dois rios Alcoa e Baça fertilisam. O edificio tem magestade. Em todo o comprimento da sua testada corre um lanço de escadas rentes com o mosteiro. É mais antigo que a Batalha. Fundou-o o grande Affonso Henriques, depois do ultimo desbarate da mourisma em Santarem. Os antigos conquistadores celebravam sempre as suas victorias com alguma fundação religiosa, de modo que os seus triumphos eram sempre obra de Deus ou dos santos. D. Affonso, a ponto de investir com os mouros, que dominavam Santarem em numero de 4:000 homens, não tendo elle mais que 250, antes de dar o assalto fez voto a Deus de, se alcançasse victoria, doar á fabrica e sustentação de um convento, quanto terreno a olho nu podesse abrangcr. Pediu a S. Bernardo que intercedesse por elle, e lhe dedicaria o mosteiro. Santarem foi tomada por astucia, e a mourisma desbaratada. E, portanto, D. Affonso fundou o mosteiro no local onde agora está o augusto edificio que data do começo do seculo XIII. A noticia da fundação está escripta nos azulejos que ladrilham as paredes da sala dos Reis.

«Que mudada está aquella prodigiosa fabrica! Que é feito do esplendor dos seus altares e córos? Que é dos thesouros de prata e oiro, e paramentos que já lhe deram a primazia nos mais opulentos mosteiros do reino? Caiu-lhe em cima já duas vezes a garra devastadora. Barbaramente os francezes destruiram o sagrado edificio. Violaram os sepulchros em cata de thesouros, e esbrucionaram *(sic)* a formosa Ignez de Castro em seu jazigo, ao pé do seu real marido, e amante. Laceraram-lhe os tumulos, mas não tiveram vagar para os derruir, porque o exercito anglo-luso se approximava; e pegando fogo ao mosteiro, que felizmente

lhe resistiu com sua solidez, os sacrilegos assoladores fugiram. São menos interessantes outros jazigos que alli ha esculpturados mais ou menos primorosamente. D. Ignez jaz em um sarcophago de pedra com os pés voltados para os de D. Pedro, o *Justiceiro,* que assim mandára collocar os tumulos, para que elle e a sua amada Rainha se erguessem rosto a rosto, e se saudassem na resurreição.

«O effeito que produz a nave central da igreja até á capella mór é deslumbrante, e o das naves lateraes não o é menos, devido á grande altura e á belleza da fórma do seu arco. A esculptura é magnifica, e tanto aqui, como em Alcobaça tem-se cuidado muito de reparar os estragos do tempo, e tambem os causados pelos visitantes.

«Os portuguezes distinguem-se como esculptores. Vi n'este convento, e em differentes capellas e igrejas que estão sendo retocados, magnificas amostras de esculptura moderna, tanto em madeira como em pedra; e apesar da acção do tempo lhes ter assignalado os seus perniciosos effeitos, ainda podem ser vantajosamente comparados com os lavores, que ainda subsistem.

«A livraria foi outr'ora uma sala explendida, ladrilhada de marmore branco e preto, com desenhos caprichosos nos intervallos das suas oito grandes janellas. A livraria ficava ao lado de um jardim, cultivado com esmero, e onde se encontravam as flores mais raras. Duas fontes serviam de adorno a este jardim. N'um dos claustros (creio que havia cinco), existiam ainda ha poucos annos as laranjeiras mais antigas de Portugal. Diz-se que haviam sido plantadas antes das de Penha Verde, que eram consideradas como as primeiras introduzidas na Europa e vindas da China.

*
* *

«Leiria é uma cidade rodeada de montanhas, e com o rio Liz serpenteando pelos seus ferteis valles. No topo de uma montanha estão as ruinas de um castello mourisco. Tem cathedral, varias igrejas, uma encantadora alameda e o Rocio, onde os elegantes de Leiria se reunem, nas margens do limpido rio. Atravessámos os extensos pinhaes plantados por El-Rei D. Diniz, e chegámos a Leiria, sua residencia predilecta.

«É logar muito mais commercial do que a maioria das cidades pequenas de Portugal; tem muitas fabricas notaveis, e na Marinha Grande ha uma importante fabrica de vidro. Na capella do paço episcopal existe uma soberba pintura: *Jesus flagellado,* devida ao pincel de Vasquez.

«No seculo XV era Leiria uma terra afamada, e foi esta cidade a que primeiro possuiu imprensa em Portugal. Era a terceira que existia na Europa. Aqui tambem se estamparam obras importantes. Leiria foi tambem o berço do distincto poeta Francisco Lobo. Adeus, donosa Leiria!»

*
* *

«Mal desembarcámos em Southampton, que um nevoeiro espesso envolveu terra e mar. Começou a choviscar e as ruas da sordida cidade a encherem-se de fumaça e lama.

«Que clima! Que mudança! Senti-me gelar a um tempo em corpo e alma. Accenda-se uma boa fogueira, desçam-se os transparentes, e que não entre aqui esse ambiente de chumbo!...

«Ah! Saudades, saudades profundas d'aquelle sereno azul do céu da formosa Lusitania!»

LAFITAU (J. F.).

Histoire des découvertes et des portugais dans le Nouveau Monde. Paris, 1733, 2 vol.

Outra edição de 4 vol. com mappas in-8.º. Paris, 1834.

LAHIER (FRANCISCI ——).—Societatis Jesu.

Annuae Paraquariae annorum 1635 et duorum sequentium.

Vem citada esta obra a pag. XXI da obra *Relation des Missions du Paraguay,* traduzida do italiano por Muratori.

LAHONTAN (BARON DE ——).

Dialogues de Monsieur le —— et un sauvage dans l'Amérique. Contenant une description exacte des mœurs et des coutumes de ces peuples sauvages. Avec les voyages du même en Portugal et en Danemarc, dans lesquels on trouve des particularités très curieuses et qu'on n'avait point encore remarqués. Le tout enrichi de cartes, etc. Amsterdam, 1704, in-12 gr. Chez la veuve de Boetman.

LAIGLESIA Y DARRAC (D. FRANCISCO ——).—Cavalleiro da Ordem de Carlos III, capitão commandante e director da real academia de equitação militar.

El mejor triunfo del amor ó el vaticinio cumplido, con parte de musica. Representada en el teatro de la ciudad de Cadiz el dia 7 de setiembre de 1816, en la celebridad de la feliz llegada de las Serenisimas Infantas de Portugal a sus augustos enlaces, etc. Cadiz, en la officina de D. Nicolas Gomes de Requena, in-4.º, 30 pag.

LAIMBECKHOVEN ou **LAMBECKHOFFEN (GODEFROID ——).**[1]—Natural de Venna, onde nasceu em 1702, e entrou para a companhia de Jesus em 1722. Embarcou para as Indias orientaes em 1735, onde residiu nove annos, e depois doze na Cochinchina. Em 1756 foi nomeado bispo de Nankin.

Neue umständliche Reiss-Beschreibung R. P. Godefridi Laimbeckhoven der Gesellschaft Jesu von Wienn nach China abgeschickten Missionarii, darinnen dessen ungemein beschwär-und gefährliche Schiffart von Genua bis Macao mit beygemengten vielen gar Lehr-reichen Astronomisch-und Geographischen Anmerck ungen beschrieben und auf vieler Verlangen ihrer Annehmlichkeit halber, samt sein von dem Authore selbs auf eigenen Augenschein fleissig ist verfertigten Wasser-und Land-Charten zum Druck beförderet worden. Wienn, Kurzböck, 1740, in-8.º, 43 pag.

Foi reimpressa esta obra no *Weltbott,* do P. Stocklein, tomo XXVIII, n.os 554 e 555.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 397.

Send-Schreiben R. P. Godefridi Laimbeckhoven der Gesellschaft Jesu Missionarii, an seine Anverwandte: zu Handen des Kaiserl, würcklichen Hof-Kammer-Raths Herrn Anton Thadeus Vogt von Sumerau, zu alten Sumerau, des Heil. Röm. Reichs Rittern, auch Herrn und Land-Mann in Tirol, und Breisgau, seines gnädigen Herrn Schwagers, gegeben zu Lissabon in Portugall den 21 Christ-Monats, 1735. Andertes Schreiben R. P. Godefridi Laimbeckhoven S. J. Missionarii an seine Anverwandte zu Wienn in Oesterreich, gegeben aus der Halb-Insel Salsete nächst Goa in Ost-Indien den 31 Christ-Monat, 1737, pag. 55–134.

Erster Brief R. P. God. Laimbeckhoven S. S. Missionarii, an seine Excellenz Freyherrn von Sumerau, seinen Schwagern; geschrieben zu Macao, dem 4 Christ-Monats, 1737, pag. 99.

Brief R. P Godefridi Xaverii Laimbeckhoven, Missionarii Soc. Jesu, an R. P. Philippum Sibin, derselben Gesellschaft, zu Macao, geschrieben zu Hukintien, dem 27 Junii 1743. Tomo XXX, pag. 54.

Sechstes Brieflein R. P. Godefridi Xaverii Laimbeckhoven, Soc. Jesu, Missionarii in China, an R. P. Josephum Ritter, Soc. Jesu, seiner Majestät, der regierenden Königin in Portugal Beichtregierenden Königin in Portugal Beicht-Vatern, geschrieben zu Hu-quam, dem 10 Augustmonats, 1746, pag. 119–120, iomo XXXIV.

Epistola data Nankini 25 Jul. 1780 ad P. Timotheum de Oliveira Reginae Fidelissimae regnantis olim confessarium, qua vitae suae cursum ac praecipue miserum postremorum annorum statum describit, et lusitanico idiomate in latinum translata. No *Journal de Murr,* tomo XI, pag. 193–208.

LAISNÉ (C.).

Comparative view of the latin, spanish, portuguese, italian, and french language. London, 1820.

Practice exercise intended to facilitate the speedy acquisition of the portuguese language. London, 1810.

Grammar of the portuguese language. London, 1811.

Copious collection of instruction and exercises on the portuguese language. London, 1815.

LAMARRE, docteur ès lettres, administrateur de Sainte Barbe, et **GEORGES LAMY,** licencié ès lettres, professeur d'histoire de l'université.

Le Portugal et l'exposition de 1878. Paris, librairie Ch. Delagrave, 1878, 8.º, VIII–314.

«... Sómente em nossos dias, n'uma data ainda bem recente, foi que este povo pequeno, mas tão grande pelas recordações e pelo seu passado, sacudiu sua lethargia, e reanimando-se finalmente a si proprio, tomou uma nova direcção, menos rapida e menos brilhante, porém mais duradoura sem duvida do que o fugitivo esplendor de sua grandeza passada. Ha muito tempo que podiamos prever que Portugal se levantaria cedo ou tarde do torpor, em que, por uma reviravolta necessaria, o tinha mergulhado o proprio excesso de suas conquistas, e no qual o mantinham deploraveis principios economicos. Por mais longa e profunda que tenha sido a decadencia politica, no dia em que a plethora de riqueza que o suffocava, desappareceu, em que salutares amputações conduziram ao centro da vida, que se gastava inutilmente nas extremidades, tudo presagiava que, saíndo do seu longo torpor, alliviado do que tinha felizmente perdido, cami-

nharia com um passo mais rapido para uma era melhor de desenvolvimento e de progresso. Foram vinte annos sufficientes a Portugal para levar ao cabo esta evolução desejada: industria, agricultura, obras publicas, tudo recebeu um benefico impulso, e o enthusiasmo uma vez despertado, já não pára, propaga-se de dia para dia, e dentro em pouco dominará todos os ramos da administração, todas as fontes da riqueza publica, e as forças vivas da nação inteira achar-se-hão em plena actividade.

«.....

«Todavia, a importancia economica de Portugal não passa alem de secundaria. Esta importancia só a elle importa. Porém a importancia que lhe confere sua posição geographica, interessa, pelo contrario, a todas as potencias maritimas da Europa.

«Sito quasi nos confins do Mediterraneo e do Oceano, acha-se Portugal assim collocado na grande estrada do mundo. Seus grandes portos, Lisboa e Porto, são portos de escala e de abastecimento para todos os navios saídos da Inglaterra ou do litoral francez do Atlantico, e que vogam para o Mediterraneo, para as Indias, para o Cabo da Boa Esperança, e para o Brazil. Eis de onde procede a immensa influencia exercida pela Inglaterra sobre os destinos de Portugal. Obstinou-se em todos os tempos a fazer d'este paiz uma provincia ingleza.

*
* *

«Portugal por muito tempo pertenceu ao numero dos paizes mais illustrados da Europa. A cultura intellectual e litteraria n'elle foi por um instante desenvolvida até ao apuro, e no momento da sua mais elevada grandeza, teve nos *Lusiadas* sua epopéa, e achou em Camões o cantor immortal das glorias nacionaes. A instrucção achava-se então assás geralmente propagada, e no tocante á diffusão das luzes, Portugal achava-se á frente dos estados europeus.

«... A fachada do edificio da exposição de Portugal é uma das mais originaes e das que mais attrahem e demoram a attenção dos espectadores da «rua das Nações.» (Pag. 217.)

«... A imprensa nacional de Lisboa é hoje uma das mais celebres da Europa.» (Pag. 236.)

«... A ourivesaria apenas occupa duas vitrines, mas tudo quanto ellas encerram é de uma delicadeza completa.» (Pag. 253.)

«... A industria das rendas em Portugal tomou ha um seculo notavel desenvolvimento.» (Pag. 264.)

«... A parte verdadeiramente interessante e instructiva é a exposição do museu das colonias portuguezas.» (Pag. 288.)

«... A exposição de Portugal occupa entre todas as exposições estrangeiras um logar mui honroso. Digamos antes: pelo numero e pela superioridade dos productos expostos, Portugal supplanta um bom numero de estados politicamente mais poderosos.

LAMARTINE.

O *Instituto,* jornal de Coimbra, em 1857, publica a poesia *A Gloria,* dedicada a Filinto Elysio dos Santos, traducção da *Meditação* de Lamartine.

Dois caminhos em frente se vos abrem,
Ó das musas mimosos, bem diversos,
Um conduz á ventura, á gloria o outro:
Cumpre escolher, ó vates.

Teu destino seguiu, ó grão Filinto,
A lei commum: — tu foste desde a infancia
Da gloria o martyr, filho do infortunio;
Choras o teu fado?

Peja-te, ó vate, de invejar ao vulgo
Esse inglorioso descanço em que vegeta:
Se o céu o cumulou dos bens da terra,
A nós deu-nos a lyra.

São teus os sec'los, tua patria o mundo;
Hão de aos manes por fim erguer-se altares,
Justiçoso o futuro ha de sagrar-te
Triumphos immortaes.

No destemido vôo aguia soberba,
Na estancia dos trovões assim pairando,
Parece um grito alçar: nasci na terra,
Mais eis-me emfim nos céus.

Tu da gloria serás, mas olha o preço
Porque te é dado o entrar seu templo augusto
Não vês de guarda á porta o infortunio
Sentado nos degraus?

Dentro não vês o velho, a quem a Grecia
Deixou de mar em mar curtir desgraças,
É cego mendigar um pão de lagrimas
Em paga dos seus hymnos?

«— Olha: alli tens o teu Camões divino;
«O sublime cantor das glorias patrias
«Morreu n'um hospital, e nem lhe déstes
«Ao menos a mortalha!»

Alem, ardendo em fogo, expia em ferros
O Tasso a sua gloria e os seus amores;
Prestes a receber laurel tardio,
Eil-o descáe na campa.

Por toda a parte victimas, proscriptos;
Uns luctando c'o algoz, outros co'a sorte:
Parece o céu que manda ás almas grandes
Dôres tambem maiores.

Oh! cala-me na lyra esses lamentos:
Os fracos se lastimem; tu, Filinto
Rei sem throno, sorri para a desgraça
Com generoso orgulho.

Os ferros dos tyrannos, nem o exilio,
Poderão algemar a tua gloria
N'estas margens do Sena inda Lisboa
Reclamará teus ossos.

Ao receber da herança ha de chorar-te;
Assim chorou Athenas seus proscriptos:
Coriolano expirou, de Roma os filhos
Seu nome reivindicam.

Quasi a descer para a mansão dos mortos
Ergue supplices as mãos aos céus Ovidio,
Ao Sarmata grosseiro as cinzas lega,
Sua gloria aos Romanos.

LAMBERTO (FR. LUIZ ——).— Da ordem dos prégadores.

Serman que por ordem de Elrey N. senhor prégou na sua Real Capella em o primeiro dia que se celebrou com a approvação dos cultos da Serenissima & Santa Princeza D. Joanna, o Padre Presentado ——. Offerecido á Serenissima & Augustissima Rainha da Gran-Bretanha. Lisboa, officina de Miguel Deslandes, 4.º, 1693, 28 pag.

Parece-me que fr. Lamberto era estrangeiro.

LAMBERTZ (JOÃO ——).— Jesuita, nascido em Vlatten, no ducado de Juliers, em 1682.

Synaxes Xaverianae cum meditationibus decendiali pietati servientibus. Treviris, 1729.

LAMENTATIONS (LES ——) *de la Province des Jésuites en Portugal. Parodie des lamentations du prophète Jeremie. Avec des notes historiques.* Amsterdam, 1759. VIII–76 pag.

Dizem ser este opusculo uma raridade bibliographica de primeira ordem.

LAMENTOS *de la verdad oidos en las calles de Madrid. Dia 24 de março de este presente año.*

LAMONT (DR. J.).

Experimentos mayneticos hechos en 1856 y 1857 en su viaje por España, Francia y Portugal. Por ——. Munich, 1858.

Esta obra appareceu mencionada nas *Memorias da academia real das sciencias de Madrid,* mas talvez fosse escripta em allemão, pois nas *Memorias* d'esta academia costumam traduzir para hespanhol os titulos das obras.

LAN (M. JULES ——).— Advogado.

Le crédit-foncier en Portugal, son origine, ses progrès, son avenir. Paris, 1865, Paul Dupont, imprimeur-éditeur.

Parallèle entre le Marquis de Pombal (1738-1777) et le Baron Haussmann (1853-1869). Par ——. Paris, chez Amyot, libraire éditeur. 4.º, 353 pag. com o retrato do senador barão Haussmann, prefeito do Sena, e com o do marquez de Pombal.

«Em 1865 recebi a missão que me foi confiada por alguns banqueiros de ir a Lisboa ajudar o conde de Avila, governador do credito predial portuguez, recentemente instituido, para organisar, installar e fazer com que funccionasse esta instituição privilegiada, verdadeiro beneficio concedido a Portugal por Sua Magestade D. Luiz I, por um decreto de 1864.

«Tornei me, por essa occasião, amigo do conde de Avila, que n'aquella epocha accumulava o emprego de governador da sociedade do credito predial com as funcções de ministro dos negocios estrangeiros e das finanças.

«No hotel Central, onde eu residia, achava-se tambem o ministro de França, M. Bourrée (hoje nosso embaixador em Constantinopla).

«Ora, em nossos passeios com o conde de Avila por essa magnifica cidade chamada em portuguez — Lisboa — e tambem em nossas conversações, quer em o nosso hotel, quer na sociedade portugueza, com o ministro de França, admirei com enthusiasmo esta bella cidade de Lisboa, destruida de alto a baixo pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755, e tão engenhosamente reconstruida por cima das ruinas, pelo illustre Carvalho, marquez de Pombal, primeiro ministro do Rei de Portugal e dos Algarves (D. José I, successor de D. João V).

«A esta admiração, na qual tomam parte tambem todos os estrangeiros que percorrem esta capital, oppunha o conde de Avila a ingratidão dos contemporaneos para com tudo quanto um homem d'estado faz de grande e de generoso.

«Assim — acrescentava o ministro de D. Luiz I — esse homem que deixou traços inapagaveis da sua passagem no poder, morreu no exilio, arruinado, banido, desprezado, calumniado por seus numerosos inimigos. Só muito tempo depois de sua morte foi que o Rei D. Pedro V rehabilitou sua memoria, ordenando que suas cinzas fossem trazidas da terra do exilio, que as encerrava, para Lisboa, testemunha de sua grandeza desconhecida.

«*Sic transit gloria mundi,* disse-me o conde.

«Sim, este grande homem a quem erigiram estatuas em todas as cidades de Portugal e Algarves[1], que se converteu n'um idolo adorado de todos os portuguezes; esse homem, como consequencia da perseguição aos jesuitas e a seus rivaes na côrte, foi para o exilio terminar sua gloriosa carreira!!! Depois, por fim, fizeram-lhe justiça! Triste reviravolta das cousas d'este mundo!

*
* *

«A cidade de Lisboa, outr'ora *Olissipo,* e mais tarde *Felicitas Julia,* é uma das mais bellas cidades da Europa. Esta magnifica cidade, que apenas contém, quando muito, 300:000 habitantes, situada na margem direita do Tejo, apresenta ao viajante, mórmente quando chega por mar, um aspecto grandioso.

---

[1] O leitor portuguez vê perfeitamente que formigam por aqui as inexactidões.

«Ao ver a praça do Rocio (pag. 19), que eu visitava em 1865 na companhia do dr. Simas, o medico de El-Rei D. Luiz (medico que frequentou os estudos na escola de medicina de Paris, emquanto eu cursava os meus na faculdade de direito no Panthéon), não poude deixar de exclamar: «Que magnifica praça! Que ar de grandeza! Ah! se vós tivesseis um perfeito do Sena! Se vós podesseis ser *haussmanisados* tão sómente por um mez, que cidade de fadas se faria de Lisboa!»

*
* *

«Em 1856 o actual marquez de Pombal trasladou da villa de Pombal para Lisboa os restos mortaes de seu bisavô, o grande marquez. Fizeram-lhe na villa de Pombal solemnes exequias, e recitaram sua oração funebre na presença do bispo de Coimbra, conde de Arganil, das auctoridades e das pessoas distinctas de todo o districto, e de uma grande commissão representando a universidade de Coimbra, com o seu reitor á frente, e de varios lentes representando cada uma das faculdades. No dia immediato o cortejo deixou Pombal em direcção a Lisboa, acompanhado por todas as auctoridades dos districtos por onde passava.

«Ao entrarem em Leiria, Alcobaça e Caldas da Rainha, fizeram á memoria do ministro de El-Rei D. José, a maior e mais espontanea ovação, pois n'ella nada havia de official. Toda a população, clero, nobreza e povo, se encaminhou para a entrada d'essas villas ao encontro do cortejo, com musicas, o que tornava o acto ainda mais solemne.

«O marquez de Pombal, acompanhado de seu cunhado, D. Antonio Manuel de Vilhena, da casa dos condes de Alpedrinha e do representante da casa de Redinha, foi pessoalmente a Pombal para assistir a todas as ceremonias. A 16 de junho chegou o cortejo ás portas de Lisboa, onde era esperado por um grande numero de pessoas no convento das religiosas de Arroios, onde depositaram os restos mortaes durante a noite.

«No dia 17, de tarde, d'alli saiu o cortejo, acompanhado da familia de Pombal, de uma grande parte da côrte, do ministerio, das auctoridades e da camara municipal de Lisboa. O marquez actual entregou, por cortezia, as chaves do caixão ao presidente da dita camara, a qual lhe tinha pedido se aggregasse a ella para ir á igreja de Santo Antonio da Sé com o fim de assistir ao officio divino, como recordação de tudo quanto a cidade de Lisboa devia á memoria do grande marquez. Entraram nas carruagens da casa real, e seguiram acompanhados de todas as tropas que se achavam em Lisboa, tendo á sua frente o marechal do exercito, duque de Saldanha, neto de Pombal. Diante d'essa famosa igreja de Santo Antonio, achava-se esperando o cortejo o virtuoso Rei de Portugal D. Pedro V. O Rei assistiu á missa mandada dizer pela camara, e d'alli foram da mesma fórma para a igreja das Mercês, onde se acha o antigo jazigo da familia Pombal Alli, o presidente da camara municipal de Lisboa tornou a entregar ao marquez a chave do caixão, e celebraram-se solemnes exequias, ás quaes assistiram o cardeal patriarcha, varios bispos que se achavam em Lisboa, o ministerio, uma parte da côrte, os diversos tribunaes, as auctoridades de Lisboa, não esquecendo uma parte dos membros das duas camaras do parlamento, e uma parte do corpo diplomatico.

«No dia seguinte o actual marquez de Pombal foi ao palacio beijar a mão de Sua Magestade, para lhe agradecer a honra que tinha prestado á memoria do primeiro marquez de Pombal, honrando com a sua presença a missa celebrada em Santo Antonio da Sé. Foi então que El-Rei se dignou dirigir-lhe as seguintes palavras: «O marquez cumpriu o seu dever trasladando os restos de seu avô, e eu cumpri o meu indo a Santo Antonio da Sé por occasião da sua chegada, pois não podemos duvidar de que o primeiro marquez de Pombal foi um dos homens que maiores serviços prestaram ao seu paiz.» Estas palavras memoraveis dão honra ao soberano que as proferiu, e foi a mais bella rehabilitação que se podia fazer a Pombal.

«Todavia resta ainda mais alguma cousa, e seria para desejar que o grande Rei, o sabio monarcha que está reinando em Portugal, e do qual cada um dos actos governamentaes tem por fim a grandeza do paiz, permittisse que um monumento ou pelo menos uma estatua de Pombal ornasse uma das praças publicas de Lisboa.

.....

LANDRESSE (M. C.).—Membre de la société asiatique.

Élémens de la grammaire japonaise par le P. Rodriguez; traduits du portugais sur le Manuscrit de la Bibliothèque du Roi, et soigneusement collationés avec la grammaire publiée par le même auteur à Nagasaki en 1604, par ——. Précédés d'une explication des syllabaires japonais et de deux planches contenant les signes de ces syllabaires. Par M. Abel Rémusat. Ouvrage publiée par la société asiatique. Paris, à la librairie orientale de Dondey-Dupré, Père et Fils, 8.º gr., xx-142 pag., 1825.

*
* *

«Dos idiomas da Asia Oriental, é o japonez um dos menos conhecidos. Ninguem, á excepção de alguns missionarios portuguezes do fim do seculo XVI e do começo do seculo XVII, fez d'elle ainda um objecto de estudo regular e aprofundado. Alguns viajantes hollandezes passaram por estarem habilitados para lerem livros japonezes; mas o conhecimento que d'este idioma tinham adquirido não chegava a ponto de poderem prescindir do soccorro dos interpretes de Nagasaki. As unicas obras das quaes se tem podido tirar até hoje algum partido, são as que foram escriptas em chinez. Todas as outras, em que as escripturas syllabicas dos japonezes foram aproveitadas, e nas quaes as palavras do seu idioma estão empregadas em conformidade com as regras particulares da sua grammatica, têem-se conservado indecifraveis, e temo-nos conservado privados do conhecimento de bastantes factos curiosos relativos ás sciencias, ás artes, á historia e á geographia.

«A sociedade asiatica, a quem esta lacuna desagradavel nos nossos conhecimentos philologicos tinha desgostado desde a origem, resolveu-se no primeiro anno da sua instituição, a dar-lhe remedio por meio da publicação de uma grammatica elementar, com a exactidão da qual os estudantes podessem contar, e cuja brevidade fosse propria para os animar. O effeito contrario, produzido pelas grammaticas japonezas que têem sido impressas até este dia, póde ser contado em o numero das causas que têem retardado os progressos d'este ramo de litteratura oriental.

«Os padres Alvares[1], Rodrigues[2] e Collado[3], compozeram grammaticas japonezas mui extensas, mas n'uma epocha em que o ensino das linguas estava ainda na infancia. A multidão de regras que apresentam estas grammaticas, é antes um obstaculo para o estudo do japonez, do que um soccorro util para superar as difficuldades d'elle. A obscuridade, a confusão, a desordem das noções que n'ellas se acham expostas, têem afugentado todos quantos d'ellas se quizeram servir; de sorte que se póde, sem excessiva severidade, considerar como não existentes, tratados tão pouco proprios a desempenhar o fim a que os tinham proposto os seus auctores. E a esta asserção somos tanto mais inclinados, quanto a grammatica do padre Collado, a mais imperfeita de todas, havendo sido impressa em Roma, é a unica que se póde obter. As outras duas foram impressas no Japão, e d'ellas apenas veiu para a Europa um pequeno numero.

«Um extracto da longa grammatica do padre Rodrigues, redigido pelo proprio auctor, depois que reconheceu a excessiva prolixidade da primeira obra, pareceu encerrado nos limites mais apropriados para as necessidades dos principiantes. É um manuscripto em portuguez, sobre papel da China, com 96 fl. in-4.º, redigido em Macau no anno de 1620, e que estava destinado para a impressão, como se vê das approvações dos superiores, que tinham mandado examinar a obra.

«Este manuscripto, pertencente á bibliotheca do Rei, merecia sair do esquecimento em que tinha caido; a sociedade asiatica resolveu mandal-o traduzir em francez e imprimil-o. M. Landresse, um dos seus membros, já conhecido por felizes ensaios relativos á litteratura chineza, se encarregou d'este trabalho fastidioso e difficil. Venceu os obstaculos que lhe oppunham a letra do manuscripto e o estylo barbaro e muitas vezes inintelligivel do padre Rodrigues, e sua perseverança lhe forneceu os meios de corrigir um bom numero de passagens, nas quaes se tinham introduzido varios erros, pela negligencia do copista ou abreviador.

«Póde-se fazer ao resumo da grammatica do padre Rodrigues a mesma censura que á grande grammatica do mesmo auctor, e aos dois outros tratados do mesmo genero que foram indicados precedentemente: seu plano é pouco judicioso. Em logar de apresentar uma doutrina grammatical baseada sobre o exame attento das propriedades da lingua, considerada nos livros e na lingua vulgar, não apresentam todas estas obras mais do que um systema estranho, tomado do dos grammaticos latinos do seu tempo, e onde se fez com que entrassem, de uma fórma mais ou menos forçada, as fórmas especiaes do idioma japonez.

«Era um costume universal então: ensinavam-se as linguas orientaes nos livros, que eram verdadeiros rudimentos, e a propria lingua chineza não foi ensinada de outra maneira até estes ultimos annos. Debaixo d'este ponto de vista, os elementos que se publicam n'este momento, hão de deixar ainda desejar um outro tratado redigido pelo methodo philosophico que se introduziu no estudo

---

[1] E. Alvarez, *De Institutione grammatica, libri III, cum versione japonica.* In Collegio S. J. Amacusano, 1593, in-4.º

[2] *Arte da lingua do Japão, composta pelo P. J. Rodrigues.* Nangasaki, Coll. da Companhia de Jesus, 1604, in-4.º

[3] *Ars Grammaticae Japonicae linguae.* Roma, 1632, in-4.º

das linguas estrangeiras, e verdadeiramente conforme com o genio particular da lingua japoneza. Mas, para compôr esta nova obra, será mister ter adquirido um conhecimento profundo do idioma japonez, e ter-se familiarisado com os monumentos litterarios d'esta nação singular. É pois indispensavel ajudarem-se com materiaes que já têem sido recolhidos, para se pôrem em estado de corrigirem mais tarde o que esses mesmos materiaes têem de defeituosos.

É um pelotão do qual é preciso destacar a primeira fileira, com a certeza de chegar depois a alinhar por completo.

O defeito do qual acabâmos de fallar, não é d'aquelles que um traductor possa corrigir sem refundir por inteiro a obra que a apresenta; mas, ao menos era facil, e pareceu necessario, fazer desapparecer os vestigios mais revoltantes. Por isso supprimiram-se certas definições, certas explicações puramente theoricas, que nunca se hão de procurar n'um livro elementar, e que, ha muito tempo, cessaram de estar em relação com os principios da grammatica geral. Tomou-se a liberdade de passar em claro certos paragraphos, nos quaes o auctor, esquecendo-se do objecto do seu trabalho, se perdia em vãs conjecturas ácerca da natureza dos supinos e dos gerundios, ou a respeito da construcção do *que* omittido, ou da questão *quo*. Os que se derem ao trabalho de compararem a edição, que se apresenta aqui com o manuscripto original, hão de reconhecer que tão sómente se fizeram suppressões em passagens d'este genero, e que, em todos os outros logares se conservou com um cuidado escrupuloso até mesmo as phrases do padre Rodrigues.

«Concordando, em que este missionario, no extracto que fez de sua grande obra, tinha sabido a maior parte das vezes distinguir e escolher as noções mais importantes, no meio d'aquellas que o eram menos, e que não eram absolutamente necessarias aos estudantes, teriam algumas pessoas podido lastimar a suppressão de um certo numero de pormenores que não são indispensaveis, mas que sentimos prazer quando achamos, se se trata de uma lingua não muito conhecida e de uma litteratura em que tudo é novo.

«Para satisfazer a estas pessoas conferiu-se cuidadosamente o manuscripto da bibliotheca do Rei, com um exemplar da grammatica impressa, que foi obsequiosamente emprestado á sociedade asiatica pelo fallecido M. Langlès. Ficámos, por isso, certos do valor preciso dos objectos supprimidos pelo abreviador, e todas as vezes que se não seguiram as vistas que o tinham dirigido no seu trabalho, restabeleceram-se, por extracto, os logares que elle tinha omittido.

«Servimo-nos dos mesmos meios para marcarmos as variantes da orthographia das palavras japonezas, cuja leitura não era sempre certa no manuscripto, apezar da sua apparente clareza.

«A divisão em paragraphos curtos e numerados, proprios para favorecerem as citações, é um melhoramento do traductor. Devem-se tambem algumas transposições, cujo objecto foi pôr alguma ordem na exposição das noções grammaticaes. Teria talvez sido para desejar que um maior numero de alterações do mesmo genero houvessem podido ser applicadas ao trabalho do padre Rodrigues; mas houveramos sido obrigados a alterar a disposição das materias, mesmo na divisão geral do livro, e tivemos medo de, ao tomarmos esta liberdade, de nos afastarmos excessivamente do objecto que a sociedade se tinha proposto, e que era apresentar ao publico o manuscripto do missionario tal como existe na bibliotheca do Rei.»

LANGSDORF (CHEVALIER C. DE ——).— Consul général de Russie au Brésil.

Mémoire sur le Brésil, pour servir de guide à ceux qui désirent s'y établir, par le chevalier ——. Paris, imprimerie et librairie de Denugon, 4.º, 32 pag.

LANGSDORF (G. H.).

Bemerkungen auf einer Reise um die Welt. Francofurti, 1812, 2 vol. in 4.º

O auctor viajou em Portugal na companhia do Principe Waldeck. Falla d'esta obra Hübner, no primeiro volume das suas *Antiguidades romanas.*

LANJEAC.

Colombe dans les fers. Epitre à Ferdinand et Isabelle. London, 1782.

A pag. 140 e 141 traz um biographia de Camões.

LANNAU ROLLAND.

Nouveau guide général du voyageur en Espagne et Portugal.

LANOYE (F.).

Le Niger et les explorations de l'Afrique centrale depuis Mungo-Park jusqu'au docteur Barth. Paris, 1858.

«Toda a costa meridional, desde o Egypto até ao cabo Soleis, onde finda a Lybia, é inteiramente occupada por differentes nações de lybios, á excepção dos estabelecimentos que os gregos e phenicios alli fundaram; mas toda a Lybia alta, quero dizer, toda a região que se prolonga atraz dos povos do littoral, só é habitada por feras, e acima d'esta zona selvagem não se encontra senão um deserto de areia, completamente privado de agua. Alguns habitantes de Cyrene me têem dado ácerca d'este deserto varias informações.»

LANSTROM (CARLOS JULIUS ——).

Lusiaderne hieldedikt af Luis de Camoens oversatting from originalat padess verstag af. Froita Sangen. Upsala, 1838.

I

Om vapenmagt och männer, segervana,
som langt fran Lusitaniens vestra strand
pa y besökta böljors bana
nu trängde bortom Taprobanas land,
som mera gjort, än skalden mägtar ana
och menskokraft förmatt, pa Osterns rand
till nya riken sen med starka händer
ha grunden lagt fjerran länder.

II

och äfvenväl de lagervärda dater
af dessa konungar, som bredde vidt
sin tro, sitt välde ut bland Asiater
och Africaner, sedan käckt de stridt
och härjning bredt och som i hedna stater
fran glömskans lag sitt hjeltenam gjort fritt
för alla folk min säng skall vidt förkunna,
om snillekraft och konst det förunna.

LARA (D. E. DE ——).— Auctor da *The spanish language.*

A Key to the portuguese language, containing expressions of a variety of subjects: to which is added A Compendium of the portuguese grammar, and rules for pronunciation; calculated to enable the student to acquire a knowledge of the language within a very short time; and particularly adapted to travellers. By ——. Londres, en la libreria de Boosey é Hijos. Broad street, royal exchange. 1825, 8.º, 154 pag.

—— *Second edition.* London, 1829.

LARAMA (MONSIEUR ——).

Sonetos Sacros Marianos, que ás principaes festividades da Virgem Maria fez na nossa lingua portugueza ——. *E os manda imprimir um devoto de Nossa Senhora.* Lisboa, com as licenças necessarias, 8.º, 27 pag.

LASSALA (MANUEL ——).— De uma illustre familia de Valencia. Nasceu a 25 de dezembro de 1738. Foi admittido na Companhia de Jesus, em Aragão, e entregou-se com ardor ao estudo das linguas e das mathematicas. Ensinava rhetorica no collegio dos nobres, em Valencia, quando Carlos III expulsou os jesuitas dos seus estados. Retirou-se para Italia, deu lições de philosophia em Ferrara, e estabeleceu-se depois em Bolonha. Carlos IV tendo dado aos exilados a liberdade de regressarem á sua patria, Lassala voltou para Hespanha, e morreu em Valença a 22 de março de 1806.

O padre Gusta attribue a este auctor a tragedia *Ignez de Castro.* Engana-se certamente, pois é composição do padre João Baptista Colones[1].

LASTEIRYE (MR. JULIO DE ——).

Portugal depois da revolução de 1820. Por ——. *Artigo extrahido da* Revista dos dois mundos, *publicada em 15 de julho de 1841, e annotado pelos redactores da* Revista litteraria. Porto, typographia da *Revista,* 1842, 8.º gr., 78 pag. e mais xx de notas.

Lasteirye esteve em Portugal servindo ás ordens de D. Pedro IV.

LATOUCHE (JOHN ——).

Travels in Portugal, &c. London, 1875.

«É pseudonymo[2] de *Oswald Crawfurd,* consul actual de Inglaterra no Porto. Os louvores que este auctor tinha dado a Herculano, desappareceram no livro que Latouche ampliou e denominou *Travels, etc.* Latouche n'esta 2.ª edição restringe as suas admirações e considera Barros e Herculano pouco longe do perfeito estylo historico, *nearly perfectly;* e pelo que resta de litteratura portugueza, diz que estamos todos influenciados pelo culteranismo, pelo sentimentalismo e pela rhetorica.

«Depois conta historias picarescas do Fajardo, e observa maravilhado que os portuguezes não escrevem *cão* sem pôrem uma estrella adiante do *c.* D'ahi procede ter elle lido em uma esquina de Lisboa o seguinte letreiro: «Travessa do

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. II, pag. 384.

[2] Camillo Castello Branco, *Bibliographia portugueza e estrangeira.* Ernesto Chardron, 1879, n.º 5.

olho do c*». Deve-se isto á superabundancia do nosso sentimentalismo. Vivemos muito das estrellas; e se necessitassemos dizer *cão*, apontariamos para uma estrella, e tudo estava feito.»

LATRIE (LE COMTE DE MAS ——).—Membro do instituto.

Relations et commerce de l'Afrique septentrionale ou Maghreb, avec les nations chrétiennes au moyen âge, par ——. Paris, librairie Firmin Didot, 1886, 8.º v-550 pag.

«Cousa estranha e todavia facil de comprehender! As descobertas de Christovão Colombo, proseguidas e proclamadas durante mais de dez annos, deixam Veneza quasi indifferente, pois não affectavam as vias e os objectos ordinarios do seu negocio (pag. 504). Uma só viagem de Vasco da Gama á India commoveu o governo veneziano e despertou sustos da nação inteira. A evidencia do perigo feriu o paiz com pasmo, como se fôra uma descarga electrica n'uma trovoada.

«Prevenido por um despacho do seu embaixador, recebido em Veneza no dia 24 de julho de 1501, da chegada a Lisboa das embarcações de Vasco da Gama, o conselho dos dez se reuniu immediatamente para deliberar com os da commissão.

«Não sabemos quaes foram as primeiras resoluções que a gravidade das circumstancias lhes inspirou, nem se julgou dever então proceder sem esperar outras informações; mas um contemporaneo faz-nos conhecer a inquietação subita e profunda que se apossou da cidade á noticia de taes occorrencias.

«Quando as noticias chegadas de Lisboa se espalharam por Veneza, diz Priuli, a cidade inteira ficou gelada de susto. As pessoas mais sensatas exclamavam que jamais desgraça tão horrorosa tinha desabado sobre a republica. Cada um comprehendeu que a Allemanha, a Hungria e a França, outr'ora obrigadas a virem comprar as especiarias a Veneza, iriam d'aqui por diante achar taes generos muito mais baratos em Lisboa.

«As especiarias que diariamente chegavam a Veneza pelo Egypto, Syria e outros paizes do Sultão, pagavam em diversas paragens direitos tão elevados, que o que na primeira mão custou um ducado, Veneza tem de o vender por sessenta e algumas vezes por cem ducados. Supprimindo a viagem por mar todos estes encargos, Lisboa d'aqui por diante póde vender por baixo preço o que Veneza teria sempre de vender por preços exorbitantes.

«Perante os perigos que ameaçavam seu commercio com uma crise incalculavel, dois expedientes se apresentavam á republica de Veneza.

«Entrar resoluta, mas pacificamente, na lucta commercial, apesar da melhor e incomparavel posição dos portuguezes, quer acceitando as offertas de El-Rei D. Manuel, para monopolisar o commercio das especiarias em Lisboa com detrimento do Egypto, quer negociando isoladamente por conta propria e procurando levar vantagem a seus rivaes por meio da livre concorrencia. Alli podia Veneza empregar vantajosamente seus immensos recursos maritimos e sua influencia politica. Avançando ao mesmo tempo por dois caminhos e pelos dois mares que cingem a Africa, podia obter com que a admitissem na India, pelos mesmos motivos que aos portuguezes, ou então recusar as propostas de Portugal, que necessariamente subordinavam o mercado de Veneza ao de Lisboa; recusar igualmente a cordialidade e a acção isolada nas vias commerciaes; acceitar a guerra e tentar com violencia deter e arruinar, se fosse possivel, o novo commercio dos portu-

guezes. Quaes foram, nos conselhos da republica, os defensores, se os houve, da concorrencia pacifica e commercial? Por que tempo hesitou a republica, se é que hesitou, entre as duas politicas que se offereciam perante ella? Não sabemos. Apenas conhecemos suas determinações n'uma epocha posterior uns dois ou tres annos, pelo despacho de 1511, quando os progressos continuos das explorações portuguezas e a depreciação enorme dos preços da especiaria redobravam a anciedade do governo e da nação.

«A republica só procurava então uma cousa, sem ousar tental-a ás claras. A todo o custo queria ella crear embaraços ao novo commercio dos portuguezes, mas não queria ainda fazer guerra a D. Manuel; e, esperando, procurava trabalhar nas Indias, por intermedio e influencia dos sultões do Cairo. Politica irresoluta e frouxa, pouco digna da grandeza de Veneza, e que não foi sufficiente para conjurar o perigo.

«Em 1503, ao mesmo tempo que a republica conserva agentes em Lisboa, encarregados de a informarem com exactidão ácerca de todas as chegadas de navios das Indias, envia ella a Bento Sanudo ao Cairo, para conferenciar secretamente com o sultão ácerca das occorrencias que ameaçavam igualmente o Adriatico e o Egypto.

«Não sabemos quasi nada ácerca d'esta missão. Possuimos felizmente as instrucções confidenciaes entregues pelo conselho dos dez a Francisco Teldi no anno seguinte (1504), enviando-o como agente intimo para junto de Kansu-al-Guri.

«A inquietação profunda do governo de S. Marcos alli se revela em todas suas recommendações. Declarar guerra aos portuguezes, provocar contra elles as desconfianças e a hostilidade dos Reis da India, está decidido a tudo quando a occasião for favoravel; se, n'este momento, hesita em fazer uma demonstração bellicosa, que despertaria a colera dos Reis christãos, é só perante a difficuldade da empreza e diante só do receio do mau exito é que não avança. Procura fazer algumas combinações com o sultão; todas lhe seriam boas. Conhece principalmente que se lhe torna indispensavel negociar com o maior segredo, com o fim de não despertar a attenção dos Principes da Europa e da côrte de Roma.

«Teldi deverá dirigir-se de novo ao Cairo, como um simples negociante particular, e continuar a occupar-se do commercio de joias, o qual lhe grangeára já poderosas relações entre os emires. Deverá empregar toda a sua industria em obter uma audiencia privada do sultão, e só alli, quando se achar sósinho diante de Sua Alteza, *solus cum solo*, mostrará as cartas de crença da republica, e fallará immediatamente d'esse grave assumpto de commercio das Indias, *materia de singulari et incomparabile importantia*. Nada occultará da immensa preoccupação do conselho ao Principe; confirmar-lhe-ha tudo quanto Bento Sanudo já lhe disse; agradecerá a Sua Alteza a resposta recentemente trazida a Veneza pelo veneravel guardião do monte Sião.

«N'uma tão importante negociação, n'uma occorrencia em que os interesses da republica e os interesses do Sultão são identicos, é mister que tudo se diga de parte a parte sem reserva. Cumpre procurar juntamente os expedientes os mais efficazes, e preparar-se o mais secretamente possivel contra o inimigo commum.

«Veneza, porém, faz a sua confissão; não se acha, na actualidade, em estado de se oppôr, por meio de uma guerra, ao novo commercio. São mais de 4:000 as milhas que separam Portugal do interior do Adriatico; e, alem d'isso, o Rei de

Hespanha, hoje senhor do reino de Napoles, o qual conquistou aos francezes, não desampararia o Rei D. Manuel, seu genro. Torna-se, pois, impossivel á republica, o combater com taes alliados.

«Sem duvida, como o Sultão o propõe, é bom reunir no Egypto immensas quantidades de especiarias, porém estes fornecimentos, proprios para fazerem baixar momentaneamente o preço dos generos indianos em Lisboa, apenas hão de causar uma tenue desvantagem ao mercado portuguez. Para arruinar, se for possivel, este commercio, cumpre atacal-o na sua fonte, antes que tenha tomado maior desenvolvimento.

«Continuando a mandar vir ao mesmo tempo grande quantidade de pimenta, de canella e de outros generos orientaes, cuja venda cerceará sempre os lucros dos portuguezes, é preciso, sem tardar, que o Sultão envie embaixadores aos Reis e aos rajahs da India, com o fim de os mover a repellir os estrangeiros que se queiram estabelecer no seu paiz, e a continuar a vender só seus generos aos mercadores do Egypto e da Syria, como tinham feito até ao presente. Cumpre animar quanto antes os Reis de Calicut e de Cambaya, que recusaram as propostas dos portuguezes, a perseverarem em sua prudente politica.

«É indispensavel, emfim, mostrar aos Reis de Cochim e de Cananôr, que, acolhendo os europeus, se expõem aos maiores perigos. Emquanto os portuguezes se sentirem fracos, hão de viver em boa camaradagem com os indigenas, procurando augmentar sempre seu commercio e seu numero ao lado d'elles. Logo que poderem ser bastantes para si mesmos, hão de procurar estabelecer-se para sempre no paiz, e o primeiro emprego que hão de fazer de sua força será o de expulsar ou despojar os Principes imprevidentes, cuja benevolencia e hospitalidade solicitam hoje com humildade.»

LAURENTIA.

Considérations sur la Charte Portugaise. Paris, 1826.

LAURENTIE.

Considérations sur les constitutions democratiques, et en particulier sur les conséquences de la Charte portugaise. Paris, 1826.

LAURETI (DOMINGOS LUIZ ——).—Italiano, e cantor da sé patriarchal de Lisboa.

Principios elementares de musica, approvados pelo conservatorio real de Lisboa, para servirem de ensino nas aulas do mesmo conservatorio. Lisboa, in-4.º max., de IV–40 pag.

LAVIGERIE (CARDEAL ——).—Francez.

Por occasião de serem organisadas missões anti-esclavagistas que iam ser estabelecidas em territorios sujeitos á soberania portugueza na região dos Lagos, disse o mencionado cardeal o seguinte:

«E agora, meus caros irmãos, cumpre-me o dever de protestar a minha gratidão para com o governo catholico, que nos permitte fundar um estabelecimento nas margens do Nyassa.

«A França não possue n'estas regiões terras sujeitas á sua influencia; é a Portugal que pertencem os territorios onde vão estabelecer-se as nossas missões,

e onde elle proprio funda uma provincia nova depois de uma recente e arriscada campanha, feita sob a auctoridade de dois intrepidos exploradores, Serpa Pinto e o capitão Cardoso. É Portugal que nobremente nos abre as portas, e não cessarei de rogar a Deus e de vos pedir que repitaes as minhas orações para que a sua bondade recompense dignamente esse acto de fé e de humanidade.

«Procedendo assim, Portugal continua effectivamente a sustentar as missões catholicas, a dominar a escravatura, a espalhar nos seus dominios mais remotos ás luzes da civilisação.

«Foi a tudo isto que com Portugal se comprometteram solemnemente os nossos missionarios que alli se acham. Ha cinco dias que effectuaram esse compromisso junto do representante de Portugal em Argel.

«Para quem conhece o passado de Portugal, meus carissimos irmãos, nada d'isso admira. Este acto é um echo de suas nobres tradições.

«É Portugal um pequeno reino, é verdade, pelo numero das suas provincias e pela extensão do seu territorio na Europa, mas não vejo em parte alguma, no decorrer de seculos, corações mais nobres, iniciativas mais gloriosas. Nenhuma outra nação prestou no passado maiores serviços á propagação da fé e ás relações fecundas entre os povos.

«Não me referirei ao que fez Portugal na America do Sul, onde fundou o Brazil, nem na India, onde elle só sustentou o commercio.

«Quanto á Africa, não vos citarei um unico nome, nem mesmo o de Vasco da Gama, esse rival de Colombo.

«Limitar-me-hei a dizer-vos que, saídos ha cinco seculos das margens que limitam o estreito de Gibraltar, os seus navegadores successivamente percorreram, e como que dominaram o nosso continente. Precederam todos os povos na passagem do Cabo das Tormentas, que um dos seus maiores Principes nomeou, com rasão, o Cabo da Boa Esperança. Avassallaram successivamente todas as costas que d'alli se estendem, não só até á Abyssinia, onde penetraram pelo valor de suas armas, mas ainda até Suez e aos confins do Mar Vermelho, deixando por toda a parte vestigios perduraveis da sua intrepidez, da sua intelligencia e da sua força.

«Ainda hontem, da propria bôca de um viajante que percorreu todas as terras africanas, ouvi eu estas palavras:

«Não ha parte nenhuma em que se não encontrem vestigios do seu esplendor; cidades ainda poderosas ou cidades em ruinas, fortalezas, portos e até nas praias desertas, destroços dos seus antigos navios e canhões, conservando ainda o nome de Lisboa e a data de sua partida.

«Nada póde haver de mais glorioso para os olhos do mundo; mas para nós christãos, a gloria mais pura dos portuguezes, é a de terem sido os mais fervorosos esteios e fieis prégadores da fé christã.

«É consideravel o numero de christandades que Portugal fundou, e ainda é maior o numero de seus missionarios. Para os recompensar de tão nobre zêlo, collocou a Providencia á frente d'estes heroes o maior apostolo dos tempos modernos, S. Francisco Xavier, que Portugal obteve da Santa Sé, e que transportou á India a bordo das suas galés[1].»

---

[1] Este artigo appareceu no *Commercio de Portugal* de 12 de julho de 1889.

LAYCOCK (JOHN ——).
Grammar of the portuguese language. Leeds, 1825. London, 1841.

LAYNES (JOSÈ ——).
Libro nuevo. El privado christiano con los movimientos de las provincias Catalunia y Portugal. Madrid, 1641, fol.

LEAO (TEMPLO SELOMOH INDA ——).
Sermam funeral. Ás deploraveis memorias do mui reverendo e doutissimo senhor Haham, Rabi Ishac Aboab. Amsterdam, 5454, 4.º, 1 vol., 35 pag.
Sermam moral discursivo. Entre a theorica e a pratica da Sagrada Lei. Amsterdam, 5454, 4.º, 1 vol., 41 pag.

LEÃO XIII.
Na sua *Carta-encyclica* dirigida á christandade em 14 de setembro de 1886, introduziu o seguinte elogio a Portugal:
«Comquanto Portugal esteja situado no extremo da peninsula iberica, e fechado em mais apertados limites do que a Hespanha, comtudo os vossos Reis, e não é isso para elles um fraco titulo de gloria, estenderam a influencia do seu poder até á Africa, á Asia, á Oceania, de tal modo que Portugal não cedia em cousa alguma ás mais poderosas nações, e era superior a muitas outras.
«Mas onde é que se deve crer que os vossos Reis foram encontrar a força igual á grandeza dos seus commettimentos?
«Sem duvida alguma, se se quer julgar acertadamente da rasão dos factos — ao amor e ao sentimento religioso.
«Estas difficeis e perigosas expedições a povoações desconhecidas e selvaticas confirmam effectivamente que o espirito que as determinava era mais pelo desejo de servir Nosso Senhor Jesus Christo, do que para proveito e gloria dos que as emprehendiam, e antes para propagar o nome christão do que para estender seu poderio. Junto da imagem representando as chagas de Christo, e que era o estandarte popular da nação, vossos antepassados tinham por costume, por piedade e por fé, levantar a Cruz Santa e Sagrada na prôa das suas galeras e collocal-a á frente das suas batalhas, de modo que, não é tanto pelo auxilio das suas armas, como pela ajuda da Cruz, que elles alcançaram as brilhantes victorias, das quaes ainda dura gloriosa recordação.»

LEBEN *des standhaften Prinzen (Fernando v. Portugal) Nach der Chronica F. J. Alvarez.* Berlim, 1827.
Trata do nosso Infante S. Fernando, filho de El-Rei D. João I.

LEBEN *einiger Heiligen Gottes aus der neveren Zeit. Nebst einer Einleitung über die Selig-und Heilig-Sprechung und einer beigefügten Lebensbeschreibung des Selig Johannes de Brito und Andreas Bobola. Aus dem Münsters'chen Sonntags-Blatte abgedrückt, von Jos. Kleutgen. Münster.* Theissing, 1854, 8.º gr., XVIII-180.

LECOCQ.
A nova opera de Lecocq cantada nas *Novidades* de Paris, *Le jour et la nuit,* teve um grande successo.

N'esta opera ha uma cousa muito curiosa: a acção passa-se toda em Portugal, e vão ver como nós somos tratados pelos *libretistas* parisienses Leterrier e Vanloo.

«O enredo é o seguinte:

«O portuguez D. Braseiro, barão de Traz-os-Montes, já viuvo de quatro mulheres, espera uma quinta esposa que um seu creado fiel lhe deve trazer de Lisboa. Ao mesmo tempo, o primeiro ministro, o principe Picatrés de Calabrazas raptou uma joven aldeã chamada Manola, que lhe foge e se refugia no palacio de Brazeiro, onde encontra o seu noivo Miguel. O principe persegue-a. Como salvar Manola? Fazendo-a passar por nova esposa de Brazeiro. O principe saudoso confunde-se em desculpas. Mas chega a noite, o que fazer? Substitue-se a Manola nas trevas pela verdadeira baroneza de Traz-os-Montes. D'este modo Brazeiro, sem dar por tal, é nem mais nem menos, que o marido de duas mulheres, a saber — a loura Manola, que elle adora de dia, e a trigueira Paquita, que nas sombras da noite o endoidece. Depois de varias complicações de mediocre novidade, é o mysterio explicado a D. Brazeiro, que com a maior galanteria se resigna a ser o feliz esposo de Paquita. O terrivel Picratés é demittido justamente no momento de se vingar das mystificações de que foi victima e Miguel casa com Manola — e eis o enredo.»

LEDESMA (D. ANTONIO ESCARATE Y ——). — Clerigo regular, examinador synodal del Arzobispado de Toledo, juez de sus concursos, theologo de la reverenda camara apostolica, examinador de la nunciatura de España, y predicador de la Magestad Cesarea.

En la desgraciada muerte del señor D. Miguel, hijo del magnanimo señor D. Pedro II. Romance.

É uma poesia que abrange cinco paginas, sem data nem logar de impressão.

Al Padre Don Francisco Xavier do Rego, clerigo regular, en la vida de Santa Victoria. Soneto.

Foi esta *Vida de Santa Victoria* impressa em Lisboa no anno de 1721.

LEDESMA (FR. MARTINHO DE ——).

«Era entrado por este tempo na universidade para lente da cadeira de prima de theologia, o famoso doutor e mestre fr. Martinho de Ledesma, que sendo de nação castelhano[1], e filho da provincia de Castella, se encorporou n'esta de Portugal, e foi perfilhado pelo convento de S. Domingos de Coimbra. E como bom filho começou logo a empregar-se em o servir, estendendo o animo a cousas grandes.

«No seu tempo era chamado de todos os grandes theologos poço de letras. Dão bom testemunho seus escriptos, com que honrou a provincia e toda a ordem. Imprimiu dois volumes sobre o *Quarto livro do mestre das sentenças,* cuja doutrina é mui seguida por solida e certa, estimada por clareza de resoluções e respostas doutissimas. Escreveu varios commentarios sobre toda a *Summa de S. Thomaz,* como quem a leu e dictou de cadeira, e não uma só vez, pelos muitos annos que teve de vida. Foram obra de muita estima, se acabára comsigo vestil-a de

---

[1] Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos,* liv. III, cap. V.

termos mais polidos e melhor phrase. Continuou a lição e as escolas com tanta constancia, que depois de jubilado não perdoava ao trabalho, e leu quasi outro tanto tempo. E enxergava-se n'elle que não era respeito de mais renda ou ambição, e gloriavam só virtude e bom zêlo. Recusou ser bispo de Vizeu, bispado que lhe dava a Rainha D. Catharina. Morreu em 1574, e jaz enterrado na capella-mór do seu collegio.»

LEFRANC (EMMANUEL ——).— Auteur d'un *Cours d'Histoire,* d'une *Histoire d'Angleterre,* d'un *Cours de littérature,* etc.

Histoire d'Espagne et de Portugal, ainsi que de leurs colonies respectives, depuis les temps les plus recoulés jusqu'à nos jours, avec une carte spéciale dans laquelle on distingue les divisions successives du pays, et les noms de tous les lieux cités dans l'ouvrage. Par ——. Librairie d'éducation de Périsse Frères. Paris, typographie de Firmin Didot, 1842, 2 vol.

Depois de ter o leitor notado que esta obra foi impressa em 1842, queira agora ver como narra a fundação do reino de Portugal, por D. Affonso *O Conquistador* (pag. 277, tomo I):

«No meio d'estas perturbações e d'estas desgraças, Portugal tomava logar entre os estados independentes. Affonso Henriques tinha passado dezeseis annos debaixo da regencia de sua mãe D. Thereza (1112-1128). Uma vez senhor do sceptro, marchou pelas pégadas de seu pae, e conquistou as bellas planicies do Alemtejo.

«Cinco Principes arabes, querendo deter seus progressos, ligaram-se e marcharam contra elle com forças superiores. Inquieto ácerca do exito de um combate extraordinariamente desigual, Affonso recorreu ao Deus dos exercitos e lhe supplicou com fervor que o ajudasse, assim como outr'ora tinha ajudado a Gedeão, o libertador de Israel. Adormeceu no meio de suas orações, e viu em sonhos um velho de uma figura veneravel. Quando acordou, um ermitão que se parecia com o do sonho, instou com elle para que fosse á sua cellula. Affonso seguiu-o, e de repente lhe appareceu do lado do oriente uma figura resplandecente de luz, que lhe disse: «Affonso, eu sou o Senhor Jesus Christo; tuas armas são abençoadas; eu te estabeleço Rei sobre o povo que tu governas; proteger-te-hei durante dezeseis gerações e mais tua casa[1].

«De volta para o seu acampamento, Affonso contou a sua visão a seus soldados, e fez passar seu enthusiasmo para as almas d'elles; por isso seu exercito obteve uma victoria deslumbrante nas planicies de Campo de Ourique, e foi proclamado Rei no campo de batalha (1139).

«Quatro annos depois, as côrtes de Portugal reunidas em Lamego sanccionaram a eleição militar de Affonso.»

LEGAL *opinion and observation on the corresponding lately addressed by the french consul in Lisbon, to the portuguese government.* London, 1831.

LEGGE *del Serenissimo e molto potente Re di Portogallo, sopra la Tratta del Pepe Drogherie e Mercantie dell' Indie, del suo gran Regno.* Fiorenza, 1571.

---

[1] Muller, *Histoire universelle,* tomo II.

LEGITIMITÉ *en Portugal.* Paris, 1828.

LEGITIMITÉ *portugaise. Avec frontispice coloré.* Paris, Pihan Delaforest, 1830.

LEGITIMITÉ. *Reveries d'un portugais.* Bruxelles, 1829.

LEGUAT (FRANÇOIS ——).

Voyages et aventures de —— et de ses compagnons, en deux îles désertes des Indes Orientales, avec la relation des choses les plus remarquables qu'ils ont observées dans l'Ile Maurice, à Batavia, au Cap de Bonne Esperance, dans l'île de Sainte Helène & en d'autres endroits de leur route. Le tout enrichi de cartes et de figures. A Amsterdam, chez Jean Louis de Lorme, libraire. En 1708, in-12, 2 vol.; 1.º, 164 pag.; 2.º, 180; prefacio, 30.

LEHR (ERNEST ——).—Docteur en droit, professeur honoraire de législation dans l'academie de Lusanne.

Traduziu para francez o *Codigo commercial portuguez e annotado.*

«Incontestavelmente as obras humanas não podem aspirar á perfeição, ou, para melhor dizer, são indefinidamente perfectiveis. As instituições commerciaes são de todas as que mais rapidamente se transformam e desenvolvem nos nossos dias; a obra do legislador, hoje excellente, terá mais tarde nova revisão e novos progressos. Temos a convicção de nos não enganarmos affirmando que o codigo que tentámos traduzir, redigido com tanto saber e paciencia, é dos melhores que têem sido publicados, e faz honra ao auctor e á nação.

LEITH.—Lieut.-général.

Mémoirs with précis of some of the events of the Peninsular War. London, 1818.

LEMAIRE.—Gérant de la côte de la bourse, et du *Méssager de la bourse.*

Le Portugal en 1878; conditions économiques du royaume de Portugal, avec un aperçu des industries portugaises à l'exposition universelle de Paris. Paris, 1878, 8.º de xv–267 pag.

Com uma vista photographica phantasiada, da porta lateral da igreja dos Jeronymos em Belem.

LEMAIRE (H.).

Beautés de l'histoire des voyages les plus fameux autour du monde et dans les deux hémisphères, ou Tableau des découvertes, entreprises, aventures, naufrages, captivité, malheurs et succès des plus célèbres voyageurs, tant sur mer comme sur terre; mœurs, usages, coûtumes des nations sauvages ou peu connues, par eux visitées. Terminé par une notice exacte et détaillée sur le naufrage de la Méduse, la captivité de Dumont, et la mort de Mungo Park. Deuxième édition, revue et corrigée par ——. Avec douze belles gravures. Paris, à la librairie d'éducation, d'Alexis Eymery, 8.º, 2 vol.; 1.º, xii–370 pag.; 2.º, 368 pag. 1823.

Estampas: *Vasco da Gama desembarca na Africa; Vasco da Gama admittido á presença do Samorim de Calicut.*

LEMARRE (CLOVIS ——).

Camöens et les Lusiades. Étude biographique, historique et littéraire. Suivi du poëme annoté. Paris, 1878.

LEMAY (GASTON ——).

A bord de la Junon. Iles Madère. Rio de Janeiro, Buenos Ayres, &c. Édition orné de cent dessins inédits. Paris, 1881, 8.º

LEMERCIER (LE C.).

Pinto, ou la journée d'une conspiration, comédie historique en cinq actes, et en prose, par le ——. Representée, par la première fois à Paris au Théâtre Français de la République, le premier germinal, an VIII. A Paris, chez Huet, libraire.

Entram os seguintes personagens:

Duque de Bragança	Monvel.
Duqueza	Madame Vanhove.
Vice-Rainha de Portugal	Mademoiselle Mars, ainée.
Dama de companhia da Rainha	Mademoiselle Devienne.
Pinto	Talma.
Lopez Osorio, almirante hespanhol	Baptiste, ainé.
Vasconcellos, secretario d'estado	Duval.
Arcebispo de Braga	Vanhove.
Mello, conjurado	Lacave.
Mendonça, idem	Desprès.
Almada, idem	Damas.
Alvaro, gentil-homem portuguez	Dupont.
Lemos, negociante judeu	Baptiste, cadet.
Flora Catharina, filha do duque de Bragança	Mademoiselle Mars, cadet.
Capitão Fabricio	Michaud.
Santonello, franciscano	Grandmenil.
Francisco, official das guardas da vice-Rainha	Florence.
Pedro, creado de Pinto, mudo	Larochelle.

LENOIR.

Fastes britanniques, continués depuis 1806 jusqu'en 1817. Ode sur l'expulsion des français hors de Portugal. Londres, 1818.

LEON (ISAAC DE ——) et JAHACOB DE SELOMOH HISQUIAU SARUCCO.

Avisos espirituaes e instrucções sagradas para cultivar o engenho da juventude no amor e temor divino. Amsterdam, 5526, 4.º, 1 vol., 11 pag.

Apparece esta obra citada no catalogo manuscripto do fallecido Pedro José da Silva.

LEON RENIER.

Encyclopedia moderna.

Começou a ser publicada em París no anno de 1850, sob a direcção de Léon Renier.

Ahi vemos que, sendo bem longos os artigos sobre a historia litteraria e a politica dos outros paizes, os que nos dizem respeito são relativamente os mais curtos e deficientes, acrescendo além d'isto a circumstancia de serem todos escriptos por M. Léon Vaisse, o qual, por uma raridade inacreditavel se dedicou a estudar os annaes tão abundantes e variados do nosso Portugal.

Mencionaremos tambem o *Curso de litteratura moderna,* de Eduardo Menechet, publicado depois da sua morte, em 1848, o qual, constando de 4 volumes, apenas consagra 33 paginas á nossa litteratura, e n'ellas apenas se falla de Miranda, Ferreira e Camões.

LEONARDO TORRANO.

A Camões.

Celeste Cigno de' gran fatti egregi
Del popol Lusitano, ardito, e forte,
Ch' in alto canto, ad onta della morte,
E del tempo, gli auvivi, e anco infregi.

Se ne gl' alti Elisi, di stellatti fregi
L' Eroico Vasco orna, e tempie accorte;
Per te dar basso Occaso al alte porte
Del Oriente, ha i più lodati pregi.

A lui la palma; a te il lauro si deve,
Luigi, degno Apollo, et degno Omero
Et degno Sol della tua penna stessa.

Vive per lui fra mille lingue; e in breve
Rivolga questo, et quell' altro Emisfero
In vive carte la tua fama impressa.

LEONE (EVASIO ——).—Carmelitano.

La virtu del Trono, Cantata per la nascita de S. A. R. Don Antonio de Braganza, Principe di Beira. Parma, nel Regal Palazzo, 1796. Co' tipi Bodoniani, fol. max., 35 pag. alem de outras não numeradas.

Esta obra é por D. Rodrigo de Sousa Continho, ministro plenipotenciario de Portugal na Sardenha, dedicada ao Principe do Brazil, D. João de Bragança.

LEONHARDT (M.).

Abentheuer und Berbrechen Don Miguel's Usurpators von Portugal während seines Aufenthalts in Lissabon, Rio Janeiro, Paris und Wien, Nach franzeosischen Quellen bearbeiter, von ——. Bergen, 1833. Berlag von S. F. Friedmann, 8.º, 251 pag.

LÉPITRE.

De iis qui ante Vascum a Gama African legere tentaverunt. Paris, 1880, 8.º

LERESCHE (L.) et LEVIER.

Deux excursions botaniques dans le nord d'Espagne et le Portugal, en 1878 et 1879. Lausanne, 1880, 8.º

LERY (JEAN DE ——).
Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil. Rochelle, 1578.

LES DEUX CENTS CINQ *Martyrs du Japon, beatifiés par Pie IX en 1867. Notice par le Père Boero, de la Compagnie de Jésus. Traduite de l'italien par le Père Aubert, de la même compagnie.* Paris, Joseph Albanel, libraire, 1868.

«A Igreja do Japão foi fundada em 1549 por S. Francisco Xavier. Suas prégações confirmadas por deslumbrantes milagres, abriram este vasto campo ao zêlo de seus confrades, os religiosos da companhia de Jesus. Os jesuitas cultivaram-no durante perto de cem annos com fadigas inauditas, e tambem muito tempo antes de lhes ser possivel penetrar n'esta terra de martyrio. Os Imperadores japonezes mostraram-se ao principio favoraveis ao christianismo; alguns dos Reis que governavam as diversas partes d'este Imperio receberam ou pediram o baptismo, e reinos quasi inteiros se tornaram christãos. Desde 1560 as igrejas se erigiam em grande numero, e com ellas, escolas, hospitaes, typographias e seminarios, que forneceram alguns annos mais tarde padres indigenas. Os padres estabeleceram um asylo para as creanças abandonadas ou compradas aos parentes pagãos, os quaes queriam desfazer-se d'ellas. Foi este o primeiro estabelecimento da obra da Santa Infancia, hoje tão propagada entre nós.

«A prégação evangelica não se levava sempre ao cabo sem encontrar violentas opposições; vinham ellas principalmente dos padres dos idolos, que, poderosos e espalhados por todas as provincias, conseguiam sublevar povoações ou seus Principes, contra os christãos. Vemos até mesmo, em 1588, Taïcosama derribar, por sua instigação, mais de setenta igrejas, e proferir um edito de expulsão contra mais de cem jesuitas ao mesmo tempo; mas deixou-se elle vergar, e consentiu em tolerar a religião christã, debaixo da condição de não tornarem o culto publico. Foi por esta epocha, em 1593, que os padres franciscanos, desejosos de tomarem parte nos trabalhos e perigos d'esta missão, chegaram a este paiz. Foram seguidos alguns annos mais tarde pelos padres dominicanos e pelos padres agostinhos. Podia-se, comtudo, ainda dizer: *Como a missão é grande e como o numero de obreiros é pequeno!*

«No anno de 1597, uma nova perseguição de Taïcosana fez correr o sangue dos fieis; foi curta, e os progressos da fé não foram sensivelmente afrouxados, pois se conta, só para o anno de 1579, setenta mil neophytos a mais. Porém alguns annos depois ateou-se uma guerra nova contra o culto dos christãos, culto que só acabou sendo destruido.

«Os hollandezes e os inglezes eram então recebidos na côrte do Imperador; arrastados pelos seus interesses de commerciantes e pelo seu odio de sectarios, quizeram excluir do Japão aos portuguezes, hespanhoes, e seus missionarios. Com a ajuda de intrigas e de calumnias habilmente concebidas e sustentadas com perseverança, chegaram a persuadir a Daïfusamá, usurpador do throno, que os portuguezes e hespanhoes tinham assegurado o bom exito de suas armas nas Indias por meio do catholicismo e dos missionarios, e que elles nada mais aspiravam do que a empolgar seus estados. O zêlo imprudente de alguns novos missionarios confirmou Daïfusama n'essas funestas suggestões, e resolveu em 1612 destruir a fé christã por toda sorte de meios.

«A perseguição tomou proporções medonhas em 1613, e, cousa admiravel, multiplicou o numero de neophytos, não podendo ainda detel-os o temor da

morte. Em 1614 Daïfusama fez deportar para Macau e para as Filippinas cento e dezesete jesuitas e vinte e sete missionarios das ordens de Santo Agostinho, S. Francisco e S. Domingos.

«Xongun I, que succedeu no 1.º de junho de 1616 a seu pae, e Xongun II, que subiu ao throno em 1622, perseguiram a religião ainda mais cruelmente.

*
* *

«O padre João Baptista Machado (pag. 13), por sobrenome Tavora, de uma familia rica e illustre, nasceu na Terceira, uma das ilhas dos Açores nas proximidades de Portugal. Em 1597, não tendo ainda chegado aos dezesete annos, entrou para a companhia de Jesus, em Coimbra. E como a leitura religiosa lhe tinha vindo da leitura das cartas do Japão, fez immediatamente ardentes pedidos para que o mandassem prégar a fé n'esse paiz. Terminados seus estudos de philosophia em Goa, e os de theologia em Macau, partiu para o Japão, onde desembarcou em 1609.

«O campo de seus trabalhos foi primeiramente os cursos do Meaco e de Fuscimi, depois os reinos de Cicongo de Bugen. Alli converteu um grande numero de idolatras, tanto pelo exemplo de suas virtudes, como pelo fervor do seu zêlo. Quando Daïfusama baniu do Japão os padres na sua ultima perseguição, o padre João Machado foi um d'aquelles a quem mandaram deixar o paiz, mas fez violencia ao céu com suas lagrimas e preces; os superiores mudaram de opinião, e permittiram-lhe que ficasse no Japão; deram-lhe o cuidado das ilhas de Goto. Foi por fim preso, o que lhe valeu a palma do martyrio. Morreu com a idade de trinta e sete annos, dos quaes passou os vinte ultimos na companhia de Jesus. Referem d'elle predicções e outras graças sobrenaturaes[1].

*
* *

«A 17 de novembro de 1619 o governador Gonrocu mandou conduzir ao seu tribunal, da prisão de Nagasaki, onde estavam encerrados havia muito tempo, os cinco confessores da fé: Leonardo Kimura, da companhia de Jesus; Domingos Jorge, portuguez; André Tocuan e João Hum, japonezes; e Cosme Taquea, coreano.

«Leonardo Kimura foi o primeiro citado. Interrogado sobre se era religioso da companhia de Jesus, respondeu: «Sim, disse elle, sou; e bem o deveis saber, tendo eu estado tantas vezes em vossa casa por ordem de meus superiores.» O governador replicou: «E porque vos deixastes ficar no Japão, contra a vontade e editos do Imperador?» Respondeu: «É para aqui fazer conhecer o verdadeiro Deus, e para prégar sua santa lei; tenho-o feito até hoje, e não deixarei de o fazer emquanto for vivo.» Concluiu o juiz: «Eis precisamente por que vos condemno, em nome do Imperador, a morrerdes queimado vivo.» Então Leonardo, mui alegre, levantou os olhos ao céu e bemdisse o Senhor; em seguida deu grandes agradecimentos ao governador, e voltando-se para os assistentes, muito nu-

---

[1] Bartoli, *Istoria del Giappone*, lib. IV, n.os 3 e 4. *Lettere annue del Giappone*, an. 1617.

merosos, disse: «Sabei-o, e dizei-o aos ausentes: é só por causa do meu amor para com Deus e para com a sua santa lei, que tenho prégado, que me condemnaram ao fogo, e d'isto me glorifico como de uma cousa desejada ha bastante tempo.» Continuou a fallar-lhes, procurando, sobretudo, fortificar os christãos em a fé.

«Depois de Leonardo Kimura, compareceu Domingos Jorge. Tinha dado asylo ao padre Spinola e ao irmão Fernandes, conhecendo muito bem as ordens do Imperador. Confessou-o logo, e acrescentou que era precisamente por causa d'isto que se achava preso havia anno e meio. André Tocuam, João Xum, e Cosme Taquea, confessaram com a mesma generosidade haverem dado hospitalidade, o primeiro ao padre Francisco de Morales, o segundo ao padre Affonso de Mena, e o terceiro aos padres Angelo Orsucci e João, de S. Domingos. Exhortava-os o juiz a conciliarem a seu favor a benevolencia do Imperador, e a salvarem suas vidas, renunciando á fé. Mas responderam todos que preferiam morrer. Seu processo ficou assim encerrado, e tornaram a leval-os para a prisão.

«Algumas horas depois trouxeram a Leonardo Kimura a noticia bem inesperada e bem desagradavel para elle, de que não tinham preparado mais de quatro postes e quatro fogueiras, e que elle estava excluido do numero dos martyres. Era verdade; mas qualquer que tivesse sido o motivo do governador, foi uma disposição particular da divina Providencia. Leonardo, não tendo de quem se occupar senão de si, passou a noite inteira com seus companheiros, inflammando seus corações e inspirando-lhes a coragem necessaria para morrerem com firmeza n'este cruel supplicio. Mas eis que, ao primeiro alvor do dia seguinte, um mensageiro veiu a correr com toda a pressa para prevenir o padre Matheus de Couros, provincial da companhia de Jesus, de que tinham erguido um terceiro poste com sua fogueira. Avisou immediatamente Leonardo, que no seu jubilo correu a abraçar seus companheiros, e entoou em alta voz o *Laudate Dominum omnes gentes.*

«Conduziram-nos para a prisão sobre uma pequena collina que domina o mar; está ella isolada por tres lados, e tinha sido escolhida em 1597 para o logar do supplicio dos vinte e seis martyres mortos sobre a cruz.

«Mais de vinte mil pessoas concorreram de Nagasaki e dos arrabaldes para este novo e enternecedor espectaculo: uns paravam no caminho para verem passar os confessores da fé, outros se agglomeravam sobre a collina em volta das fogueiras, barcas apinhadas de gente cobriam o mar por uma bem grande distancia. Nossos santos martyres saudavam affectuosamente o povo, e excitavam os christãos ao amor da sua santa religião. Pararam á vista das fogueiras, inclinaram-se para as saudarem, e se saudaram uns aos outros ao separarem-se. Quando cada um d'elles foi amarrado ao poste que lhe estava destinado, levantaram os olhos para o céu, e d'elle não os desviaram até ao ultimo suspiro. Não os viram torcerem-se durante o supplicio; conservavam a mesma postura e o mesmo rosto; ter-se-hia dito que não experimentavam nenhuma dôr.

«Leonardo Kimura, o unico d'elles que era prégador, tomou a palavra para dizer o que o seu coração inflammado no amor de Deus lhe suggeria.

«Apenas lançaram fogo á lenha, tendo seus laços sido reduzidos a cinzas, achou-se com as mãos livres; punha-as nas chammas como para as apanhar e levar á roda de sua cabeça, repetindo com voz bem alta e bem intelligivel: «Que lavaredas são estas? Que fogo é este, que não queima, e que não faz perecer?» E continuava a encaminhar as lavaredas para si.

«Durante esta execução, os rapazes e os meninos da congregação da Santa Virgem, que se achavam n'uma barca perto da praia, cantavam os psalmos em côro, e quando a chusma dos fieis postados sobre a collina viu as achas em fogo, invocou a grandes brados os nomes de Jesus e de Maria. Todos os christãos derramavam doces lagrimas, e se animavam a morrer tambem pela fé. Houve, entre outros, um chinez, que, se o tivessem deixado na sua boa fé, ia precipitar-se no meio das chammas para ganhar a palma do martyrio, e um marido teria feito outro tanto com sua mulher, se lhes não tivessem feito comprehender ser uma cousa illicita. As lavaredas não deixaram senão os ossos dos martyres, e ainda foram estes apanhados e pisados até ficarem em migalhas e lançados ao mar.

«Os fieis recolheram, comtudo, alguma cousa, mas com pesar de não poderem differençar a qual dos cinco bemaventurados pertencia cada reliquia. Este glorioso martyrio occorreu a 18 de novembro de 1619.

*
* *

«Domingos Jorge veiu ao mundo com Aguiar de Sousa, em Portugal. Passou ás Indias, serviu algum tempo como soldado, e deu provas de valor. Havendo ido depois para o Japão, alli casou com Izabel Fernandes, de quem teve um filho chamado Ignacio, e ambos estes morreram depois martyres da fé. Supportou durante um anno os soffrimentos da prisão, com uma paciencia invencivel, e quando lhe leram a sentença que o condemnava ao fogo, disse: «É para mim mais agradavel ouvir esta sentença do que entrar na posse de todo o Japão.» Na volta para o carcere, remetteu ao padre Matheus de Couros a seguinte carta: «Escrevo na vespera da minha agradabilissima partida d'este mundo, para vos recordar meu terno amor para com vossa reverencia e para com toda a companhia de Jesus. A todos abraço no amor de Jesus Christo. Aprouve, pois, ao Deus das consolações e Pae das misericordias o escolher-me para um fim tão feliz, apesar de toda a minha indignidade. E como teria eu podido esperar padecer por meu Redemptor uma morte tão gloriosa? Não posso escrever a todos os padres e irmãos, mas supplico-lhes que dêem por mim acções de graças devidas a Deus e á Santissima Virgem.»

«Quando se viu amarrado ao poste, recitou o *Credo* em alta voz, e tendo chegado a estas palavras: *natus ex Maria Virgine,* emquanto curvava a cabeça em signal de respeito, foi seu rosto coberto por tão grandes columnas de lavaredas, que não se ouviu mais nenhuma palavra, embora se podesse observar o movimento de seus labios, que continuaram a profissão de fé até seu ultimo suspiro.

*
* *

«Ambrosio Fernandes era portuguez, natural de Sisto *(sic),* no bispado do Porto. Passou, na sua mocidade, ao Oriente, para alli procurar fortuna, e encontrou-a melhor do que esperava, pois havendo desembarcado no Japão depois de uma furiosa tempestade, nada mais quiz ter de commum com o mundo; abrigou-se no porto da religião, entrando na companhia de Jesus, onde foi recebido com a idade de vinte e seis annos, em 1577. Alli viveu quarenta e tres annos,

sem descançar jámais das fadigas e dos soffrimentos que tinha de padecer n'esta missão. Era coadjutor temporal, tinha feito seus ultimos votos em 1591, e morreu a 7 de janeiro de 1620[1].

LES ROYAUMES *d'Espagne et de Portugal, representés en tailles douces très exactes, dessinés sur les lieux mêmes.* A Leyde.

É uma collecção de estampas.

LESAGE (M. SAGOT ——).—Docteur en droit.

Code réglementaire du crédit foncier en Portugal, par M. da Silva Ferrão. Examen de cette publication au point de vue doctrinal et historique, par M. Sagot Lesage, docteur en droit, Paris, Auguste Durand, 1860, 8.º gr., 39 pag.

LESNIEWSKI (FRANCISCO MIGUEL ——).— Jesuita, polaco. Em 1770 era procurador do collegio de Caminiec.

Emmanuelis Alvari Institutiones grammaticae auctae et illustratae. Calissi, 1747.

São com effeito innumeras as grammaticas do nosso jesuita Manuel Alvares.

LESPAGNOL (GANGERICO ——).

Director espiritual, que ensina um methodo facil de viver santamente. Roma, 1710, in-12, 1 vol., VII-458 pag.

O fallecido Pedro José da Silva possuia um livro com este titulo.

LESSMANN (D.).

D. König Philipp der Schöne u. Alfons Albuquerque M. Karte. Berlin, 1829.

LETTER *to a friend in Paris by one of the minority on lord Palmerston's motion respecting the affairs of Portugal.* London, 1830.

LETTER *to Joseph Hume upon the late debate on Portugal in the British House of commons by an Anglo Lusitanian.* London, 1847, 8.º, 1 vol., 118 pag.

LETTER *to the Merchants of the Portugal Committee from a Lisbon Trader.* London, 1754.

LETTER (A) *to the most noble the marquess of Landsdown of the affairs of Portugal and Spain. By W. Walton.* London, 1827.

LETTERA *al Signor avvocato N. N., autore delle Memorie sulla storia del primo secolo de' Servi di Maria e degli spedalieri di S. Giovanni di Dio, non tanto a giustificazione de' Gesuita della Russia Bianca, quanto in difesa della sovranità dell' Augusta Imperatrice di tutte le Russie.* 1783. Sem mais indicações.

---

[1] Dá-nos esta obra noticia, a pag. 63, de que a vida de Santo Ignacio foi impressa na lingua japoneza na cidade de Macau.

LETTERA *annua del Giappone del anno 1624. Al molto Reverendo Padre Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesu.* In Roma, presso l' Erede di Bartolomeo Zannetti, 1628, in-8.°, 150 pag.

É datada de Macau, 28 de março de 1625, e assignada — *Giovanni Roiz Giram.*

LETTERA *del Cav. Giovenale Vegezzi-Ruscalla al Marchese Damaso Pareto.* Asti, 1860, tipographia de' Fratelli Paglieri, in-8.°

LETTERA *delle Giappone et della Cina, de gl' anni 1589 et 1590, scritte al R. P. Generale della Compagnia di Giesu.* In Venetia, 1592, appresso Gio. Battista Ciotti, in-8.°, 214 pag.

Contém: *Lettera Annibale (sic) del Giapone delli 24 de Febraio 1589.*

LETTERE *alcune delle cose del Giappone, 'dell' anno 1579 insino al 1581.* Milano, 1584.

LETTERE *annue d'Etiopia, Malabar, Brazil e Goa dal anno 1620 fin' al 1620, al P. Mutio Vittelleschi.* Roma, 1627.

LETTERE (TRE) *annue del Giappone mandate dal P. Francesco Pasio.* Milano, 1609.

LETTERE (COPIA DI DUE) *annue scritte del Giapone de 1589 et 1590, tradotta del spagnuolo del P. Gasparo Spitelli.* Roma, 1593.

LETTERE *critiche in schiarimento del vero stato attuale dei Gesuiti nella Russia Bianca, e loro difesa del Noviziato da essi apertoci: col seguito delle altre cose favorevoli ai medesimi accordate negli stati dell' Imperatrice delle Russie, del R. di Prussia, nel Portogallo, ad altrove, dirette al Sig Marchese ***.* In Firenze, 1780, in-8.°

Este escripto é datado de Roma, 4 de outubro de 1780.

M. von Murr publicou uma traducção anonyma em allemão, e fez um appendice até 1786.

LETTERE *del Etiopia del anno 1626 sino al marzo del 1627; e delle Cina dell' anno 1625 sino al febraro 1626.* Roma, 1629.

LETTERE *d'Etiopia de 1624, 1625 e 1626, scritte al P. Mautio Vittelleschi.* Roma, 1628.

LETTERS *from Barbary, France, Spain, Portugal, &c. By an english officer. Second edition.* London, 1788-1790.

LETTERS *from Madeira, by John Driver.* Liverpool, 1838.

LETTERS *from Madeira in 1834; with an appendix illustrative of the history of the island, climate, wines, &c. Second edition.* 1838, in-12.

LETTERS *from Portugal on the late and present state of that kingdom.* London, 1777.

LETTERS *from Portugal and Spain, written during the march of the British troops under Moore. With map and plate.* London, 1809.

LETTERS *from Portugal, Spain and France, during the campaigns of 1811-1813, by an British Officer.* Edimbourg, 1819.

LETTERS *on different subjects in 4 volumes. Amongst which are interspers' d the adventures of Alphonso after the destruction of Lisbon.* London, 1766-1767, 4 vol.

LETTRE *addressée au chevalier Joseph Hume, membre du parlement, sur le dernier débat dans la chambre des communes au sujet des affaires de Portugal, par un anglo-portugais.* Lisbonne, imprimerie nacional, 1847, 8.º, 240 pag.

LETTRE *annuelle du Japon de l'an 1603. Écrite par le P. Gabriel de Mattos au R. P. Claude Aquaviva, General de la Compagnie de Jésus. Avec une épitre de la Chine et des Moluques. Traduite de l'italien en notre langue vulgaire. Suivant l'exemplaire imprimé à Rome l'an 1605.* A Douay, de l'imprimerie de Balthasar Bellere, 1606, in-12, 187 pag.

LETTRE *au sujet de la découverte de la conjuration formée contre le Roi de Portugal.* Sem data nem logar de impressão.

Reponse à cette lettre. Sem data, mas é de 1760.

LETTRE *contenant des corrections nécessaires à l'écriture: Relation de l'interdiction des collèges des jésuites.* Lisbonne, 1760, 14 pag.

LETTRE *de créance en forme de patente donnée par Don Joan, Roy de Portugal à Don Ignacio Mascaregnas. Servant de manifeste. Traduit d'espagnol.* Lyon, 1641.

LETTRE *d'un gentilhomme portugais à un de ses amis de Lisbonne, sur l'exécution d'Anne Boleyn, Lord Rochford, Brereton, Norris, Smeton et Weston, publiée pour la primière fois avec une traduction française par Francisque Michel, accompagnée d'une traduction anglaise par le Vicomte Strangford.* Paris, chez Silvestre, rue des Bons Enfants, n.º 30, 1832.

É precedida por uma introducção, em que se dá conta de como já houvera sido impresso em inglez em 1830 por Mr. Nicholas Harris Nicolas, e de que, como a testemunha ocular da execução se lhe devia dar credito talvez ainda superior aos escriptores nacionaes, em que se não der a mesma rasão; e não era esta reflexão ociosa, porque não concorda o nosso auctor com o bispo Burnet, e Hall, na allocução attribuida á Rainha, nem no facto de não deixar vendar os olhos, que refere este ultimo escriptor, nem na especie de supplicio de Sameton, que Burnet quer fosse a forca, contra o testemunho ocular do auctor da carta, e não sabemos nós quem este fosse, se bem que vehementemente suspeitâmos seria

algum ministro nosso em Londres, ou secretario, como parece poder concluir-se d'aquellas palavras: *pareceu-me agora não sómente necessario para isto, mas parece-me obrigatorio escrever-lhe o que aconteceu n'aquelle cruel acto de justiça;* e do tratamento de *senhoria* inferimos que a pessoa mui conjuncta e parenta da casa real fôra ella dirigida, que não era de uso ou lei d'aquelles tempos tratar por senhoria ao que não fosse Rei, Infante ou pessoa da sua familia.

O original estava em um livro in-fol., a fl. 138 v., que se guardava na bibliotheca de Alcobaça com o n.º 475, e do qual o procurador geral da ordem de S. Bernardo, fr. Joaquim da Cruz, remetteu para Paris uma copia exactissima, pela qual se fez a edição de que damos conta; e porque dos vinte e seis exemplares, que unicamente se imprimiram, apenas existe em Portugal um, que nos confiou o sr. dr. Antonio Nunes de Carvalho, digno socio do *Instituto dramatico,* e o livro de Alcobaça se suppõe perdido, resolvemos publical-a, que não fôra já diminuta rasão o ser ella especificada noticia do desastroso fim d'aquella formosissima e infeliz mulher, victima das paixões do Rei poeta, que do alto de uma collina solitaria do parque de Richemont foi esperar que um signal da torre de Londres lhe annunciasse que aquelle pescoço tão nevado o cortára o algoz, e que, murcha a belleza das suas faces, mudára o sangue a côr a seus formosos cabellos[1].

LETTRE *interceptée, écrite de Madrid à un gentilhomme flaman. Traduite de castillan en français.* A Rouan, 1649.

É relativa á vida do Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV.

Existe um exemplar *(falto)* na bibliotheca publica de Lisboa.

LETTRE *(traduction d'une) d'un individu à son ami sur les affaires de Portugal.* Paris, 1828.

LETTRES *de tendresse et d'amour. Tomo II.* Paris, 1808.

Contém: *Lettres d'une chanoinesse portugaise, &c.*

LETTRES *d'une chanoinesse de Lisbonne à Melcour, officier français.* 1782, in-8.º

São cartas de amor.

LETTRES *du R. P. Nicolas Pimente, visiteur de la Compagnie de Jésus en l'Inde Orientale, au R. P. Claude Aquaviva, General de la dicte Société. Écrites à Goa, le 25 jour de décembre 1599. Traduites de latin en français.* A Anvers, chez Joachim Trognese, 1601, in-12, 201 pag.

LETTRES *écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume. Traduction de l'anglais.* Paris, 1780.

LETTRES *portugaises, avec les réponses traduites en français.* Lyon, 1696, in-12.

---

[1] Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, *O Ramalhete,* vol. III, pag. 197.

LETTRES *sur le gouvernement, les mœurs et les usages en Portugal.* Paris, 1810. Ibid., 1830.

LETTRES *sur le Portugal, à l'occasion de la guerre actuelle, par un français à Lisbonne. Publiées par H. Ranque.* Paris, 1808.

LEVEN *van den gelukzaligen Martelaer Joannes de Britto, Priester der Societeit Jesu. Naer het Italiaensch van P. Josephus Booro. S. J. Antwerpeen, drukkerg van J. P. Van Dieren en Comp.* 1854, in-18, 94 pag.

Traduzido pelo P. Pierre Grietens.

Tweede uitgave. Antwerpeen, drukkery van J. P. Van Dieren en Comp. 1854, in-18.

LEYDEN (DR.) et **HUGH MURRAY.**

Histoire complète des voyages et découvertes en Afrique depuis les siècles les plus reculés jusqu'à nos jours... par le Dr. ——, traduite de l'anglais et augmentée par M. C. S. du S. de F. Paris, 4 vol., 1821.

LEYNADIER (CAMILLO ——).

Historia da Bastilha, por ——. Traduzida por José Liberato Freire de Carvatho. Lisboa, 1852.

.....

Tambem n'aquella infame prisão jazeu um portuguez, e não tendo nós á mão original da obra citada, servimos-nos da traducção impressa. (Pag. 205, vol II.)

.....

«Residia n'essa epocha em Paris um padre portuguez por nome D. Luiz Marcial Ponce de Leão, o qual, segundo parece, havia em outro tempo feito aos francezes bons serviços em Cayenna, e viera a Paris solicitar alguma recompensa, que nunca alcançára

«Achando-se este padre em 15 de julho de 1769, na loja de um mercador de perfumes, chamado Jobert, na rua Montmartre, occasionalmente fallou em um processo que tinha inventado para impedir que o ferro e o aço creassem ferrugem, ou se oxidassem.

«Então um dos circumstantes disse-lhe:

«—Isso é uma descoberta tão preciosa, que o estado bem podia dar por ella a quantia de 10:000 libras, porque ganharia muito com ella, ainda que mais não fosse senão por poder preservar as armas da ferrugem.

«—Ah! —respondeu o padre.—Essas esperanças de recompensa já me não illudem; se o Rei o recompensasse como devia aquelles que lhe fazem bom serviço, eu não precisaria vender o meu segredo para ganhar por elle 10:000 libras, que já deveria ter recebido pelo que fiz em Cayenna.

«—E é que pensaes que El-Rei seja capaz de negar as suas dividas?

«—Eu não digo tal! Mas o que sei é que qualquer póde não ser homem de má fé, e ao mesmo tempo ter bem fraca cabeça...

«Estas palavras passaram de bôca em bôca até que chegaram aos ouvidos do ministro conde de Saint Florentin, que logo deu ordem para que se prendesse o padre e o levassem para a Bastilha, o que assim se fez em 31 de agosto de 1769.

«No extracto dos papeis que Prudhome publicou ácerca d'este padre, acha-se a seguinte carta que o major da Bastilha escreveu ao intendente geral da policia, Sartine:

«Senhor.— Aqui junta achareis uma carta do governador, em que vos dá parte de ter recebido D. Luiz Marcial Ponce de Leão, cavalheiro e clerigo portuguez, natural do Brazil, o qual entrou n'esta prisão hoje ás nove horas e meia da manhã. É bem que saibaes que este preso não tem mais do que aquillo que traz sobre o corpo. Foi-me necessario dar-lhe uma camisa, lenço de assoar, sapatos e até um barrete de dormir. Não tinha comsigo mais do que quatro livros latinos, o seu breviario, e a folhinha de reza.

«Para o socegar não houve remedio senão deixar-lhe o breviario; pediu que lhe consentissem dizer missa todos os dias, e ficou muito admirado de se lhe dizer que isso não podia ser, e que só lhe consentiariamos o breviario com a vossa permissão.

«Quanto ao mais parece ser um bom homem, e foi mettido em um dos carceres do alto da torre do poço, chamados *Carapuças*.

*
* *

«Passados poucos dias fizeram-lhe perguntas, e então soube que era accusado de ter dito que El-Rei era homem de má fé! Esconjurou-se e protestou que não tinha dito tal; porém houve testemunhas, como ha sempre para tudo, que affirmaram haver elle proferido aquellas palavras. Quiz ainda justificar-se, dizendo que, fallando muito mal o francez, talvez tivesse usado de expressões improprias, porém que nunca tivera intenção de offender Sua Magestade.

«Nada lhe valeu para melhorar a sua sorte, porque continuou na prisão, segundo se colhe da carta que depois escreveu ao intendente geral da policia, da qual tambem faz menção a obra intitulada: *As revoluções de Paris*. N'ella allegou de novo todas as rasões que poude achar mais proprias para mostrar a sua innocencia, e a ellas acrescentou, que certamente todo o mal lhe vinha de uma má mulher, a quem tinha dito que *tambem sabia o segredo da pomada*, que ella vendia como cousa de sua propria invenção.

«Esta carta não produziu melhor effeito do que já tinham produzido as suas primeiras rasões, porque parece certo que decorreram dezoito mezes sem que se fizesse caso d'este infeliz. No fim d'elles faz-se menção de uma carta que o major da Bastilha escreveu ao intendente geral de policia, que diz o seguinte:

«Tenho a honra de vos enviar esse pequeno maço de papeis do sr. Ponce de Leão, clerigo portuguez, que me parece estar perdido de cabeça. E não admira, porque é preciso notar que *os estrangeiros não supportam tão bem a Bastilha como nós;* acha-se sempre uma grande differença entre nós e elles!»

«A resposta do intendente Sartine, foi: *Conserve-se preso na prisão.*

«A saude do padre foi, porém, cada vez a peior, e este seu mau estado parece haver excitado a compaixão do major da Bastilha, Chevalier, porque em 10 de maio de 1771 escreveu a favor d'elle ao intendente geral de policia, dizendo-

lhe que o preso Ponce de Leão estava em um estado deploravel, e que se obstinava a não tomar alimento algum. E n'este caso era de parecer que seria melhor mandal-o para Charenton, ou para outra qualquer casa onde se tratavam taes molestias, porque ia caindo em uma especie de imbecilidade, e essa já bem augmentada. A este officio juntava a opinião do medico assistente Lassaigne, que confirmava o que dizia no seu relatorio.

«Em verdade era tal a situação physica e mental em que estava o pobre preso, que já não podia haver perigo algum em lhe dar a liberdade; apesar d'isso o mandaram passar da Bastilha para Charenton, onde ainda estava em 14 de julho de 1789, em que o povo acabou com a Bastilha, esse abysmo de miserias e tormentos.»

LEYVA (D. ANTONIO DE COVARRUBIAS Y ——).—Natural de Toledo, lente de direito na universidade de Salamanca.

Vidal falla-nos de uma obra manuscripta d'este auctor, intitulada: *Derecho que el Señor Rey Felipe II tuvo á la Corona de Portugal.*

LIAGNO (ALVARO AGOSTINHO ——).

Repertoire portatif de l'histoire et de la litterature des nations espagnole et portugaise. Berlim, 1818.

Sómente se publicou o primeiro tomo.

LIBELLI *Anti-Michelisti, per un portoghese, estrato dalle Gazette dell' Italia Centrale — La voce della verità. Numeri 641 e 645.* 1834.

LIBELTINUS (CARLOS ——).—Jesuita, bohemio.

Divus Franciscus Xaverius e Societate Jesu Orientis Apostolus, Orbis utriusque Thaumaturgus elogiis illustratus. Vetero Pragae, typus Georgii Czernoch, 1673, 118 pag.

LICATA (R. D. PIETRO BREXI E ——).—Professore della lingua latina.

Catalogo delli verbi latini più usati da M. T. C., posti con l' ordine del M. R. P. Emmanuele della Compagnia di Gesù. Con suoi Preteriti e Supinii, e con l' Indice Latino e Volgare nel fine. Di nuovo Ristampato e accresciuto di Verbi, e Regole, con divisione e constructione del nome, per l' istesso Autore illustrato. Necessarissimo a tutti quelli che desirano breve acquistare la lingua latina Ciceroniana. Composto per il R. D. ——. In questa nuova impressione diligentemente corretto, e da molti errori expurgato. In Venezia, 1726, appresso Andréa Poletti, in-12, 272 pag.

LICHNOWSKY.

o I p. 440 *Beigebd: Jams (G) Die Portug. Besitzungen in SW. Africa.* Hambourg, 1845.
Dr. Lichnowsky

LIÇÕES *de leitura portugueza para uso da escola dos pobres, dos israelitas portuguezes em Amsterdam. Parte primeira, com o texto portuguez e hollandez.* Amsterdam, 1816.

LIEUT. COLONEL GACRWOOD.

Selection from the dispatches and general orders of Field Marshall the Duke of Wellington.

LIFE *of St. Elisabeth, Queen of Portugal.* London, (about 1860).

LIFE (THE) *of the venerable servant of God John de Britto, S. J. translated from the french of Father Beauvais, S. J. printed at Paris, 1746,* pag. 312 a 464 da obra: *The lives of Father Paul Segneri, S. J. Father Peter Pinamonti, S. J. and the Ven. John de Britto, S. S. with an Essay on catholic home missions, by the Rev. F. Feber, priest of the Oratory.* London, Thomas Richardson and Son, 1851, in-8.º, pag. 74 e 464. No fim: Richardson and Son, Derby. Com o retrato de João de Brito.

Faz parte da collecção intitulada: *Lives of the canonized Saints and the servants of God, beatified, or declared venerable by authority and others, who are commonly reputed among Catholics to have died in the odour of santity, specially in modern times.*

No prefacio diz-se: *The Lives of Fathers Segneri and Pinamonti are translated from short Italian lives published by Marietti at Turin.*

LIMBORCH (P.).

The history of the Inquisition, as it has subsisted in France, Italy, Spain and Portugal. London, 1816.

LIMIERS.

Annales de la Monarchie Française, depuis de son établissement jusqu'au present, etc. Amsterdam, 1724.

«Esta obra é dividida em tres tomos: no 1.º contém os annaes de França até ao presente, mui succintamente; no 2.º trata da genealogia da casa real de França e das soberanas que d'ella descendem; porém este volume é o mesmo do padre Anselmo, que se reimprimiu em 1712 em Paris, sem que se lhe acrescentasse cousa alguma, de sorte que é uma reimpressão do dito livro, tão fiel, que nem continuou as gerações, ficando onde as deixára o continuador do padre Anselmo[1].

LINCHOTEN (JAN HUYGEN VAN ——).

Voyage ofte schipvaert van —— naer oost ofte Portugaels Indien. Amsterdam, 1596, fol.

LINDLEY (THOMAS ——).

Narrative of a voyage to Brasil. London, 1805.

Voyage au Brésil où l'on trouve la description du pays, de ses productions, et de la ville de San Salvador et Porto Seguro. 1806.

LINDNER (ALB.).

Luiz de Camoens. Portugals grösster Dichter 1579. Leipzig, 1879.

Censuras aos portuguezes por causa da sua indifferença para com o seu poeta nacional, Camões.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 223.

LINK (ENRIQUE FREDERICO ——).

Bemerkungen auf einer Reise durch Frank reich, Spanien und vorzüglich Portugal. Kiel, 2 tomos in-8.º; 1.º XII–286 pag.; 2.º IV–266 pag.

Pritzel menciona esta obra como publicada em 1799–1804, e composta de tres partes ou tomos em allemão. Traduzida em francez por Lebrault, 2 tomos in-8.º, intitulados: *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799, suivi d'un essai sur le commerce de Portugal,* e póde considerar-se como 3.º volume da mesma viagem, um que tem o titulo de *Voyage en Portugal par M. le Comte de Hofmansegg, redigé par M. Link, et faisant suite à son voyage dans le même pays,* Paris, par Lebrault, 1805, 1 tomo de VIII–338 pag.

«Hoffmansegg e Link colheram em Portugal 1:532 plantas phanerogamicas, e 572 cryptogramicas, durante o espaço de tres annos; acham-se indicadas algumas nas obras relativas ás suas viagens[1].

Travels in Portugal and through France and Spain with a dissertation on the Litterature of Portugal, etc. Translated from german by Hincley. London, 1801, in-8.º

LINSCHOTEN (J. H. VAN ——).

Voyage to the East (and West) Indies. Edition from the first english translation. 1598 (i. e. the first Book by C. A. Burnell and Tiele). London, 1885, 2 vol.

LINTSCHINGER (ANDRÉ ——).— Jesuita, allemão.

Duellum amoris in 4 orbis partibus pro uno Xaverio magno Indiarum Apostolo expressum. Cassoviae, typis academicis, 1674, in-8.º

Columnae Herculis Christiani amplius et satis, seu adversa et prospera magni Indiarum Apostoli D. Francisci Xaverii olim toti orbi: nunc vero a Praenobili, ac generosa Humanitatis facultate, in alma episcopali Universitate Cassoviensi, septimo Idus Julii conferentur Neo-Baccalaureis. Impressum Cassoviae, 1674, in-8.º 16 folhas de versos.

LIPOWSKI (F. J.).

Peter II von Portugal. Münch, 1818.

LIPPE (CONDE DE ——).

Memoria sobre a campanha de Portugal em 1762.

Foi estampada a pag. 67 e segg. do *Investigador portuguez em Inglaterra,* vol. III, anno 1812.

Continua a pag. 245 d'este mesmo volume.

Ácerca do conde de Lippe: mesmo volume do *Investigador,* pag. 427, etc.

LISBOA. *Prelecção no Instituto Polyglotta de Paris no dia 28 de outubro de 1884. Por Eduardo Coelho Junior.* Paris, E. Dentu, 1885, 35 pag.

«... E quem era Alexandre Herculano? Nossos paes nol-o ensinaram desde a infancia; era um escriptor-lavrador, que cultivava nos campos, como cultivava

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La Botanica y los Botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana,* pag. 84.

nos livros; um bravo, que, como soldado, pelejou pela liberdade nos campos de batalha, como luctou fortemente na imprensa como jornalista.

«Entre Camões, o epico sublime, e Herculano, o historiador robusto, medeia um cyclo brilhante que tem Titos Livios como João de Barros, Ciceros como Castilho, Balzacs como Camillo Castello Branco, lyricos como Bernardim Ribeiro e Garrett. Esses têem os seus monumentos na admiração publica.»

LISBON *and Aqueduct of Alcantara.* London, 1809.

LISBON (THE). *Guide or an historical and descriptive view of the city of Lisbon, and its environs, etc. Second edition.* Lisbon, 1853, 8.º

«Com sete estampas e muitas tolices. No artigo — litteratura — especialisa: na mystica, fr. Alexandre de Gusmão, e na poesia lyrica fr. Manuel de S. José, que o leitor e eu conhecemos tanto como a fr. Alexandre. Não tem noticia de Herculano, mas sabe que um dos primeiros historiadores portuguezes é Paes Veigas (Viegas talvez). Ouvi dizer que era padre o auctor do livro. Conheceu Castilho e escreveu-lhe largamente a biographia. Nas descripções é exacto e noticioso[1].»

LISBON (THE) *guide: containing directions to invalids who frequent Lisbon: with a description of the city.* London, 1800, in-8.º

LISBONA. *Petite vue gr. p. Fr. Valegio (vers 1550).*

LISBONA. *Vue de la ville et du port, avec des vaisseaux et costumes. Gravure anonyme vers 1700.* $0^m,16 \times 0^m,26$. *(P. Schut fecit.) Avec une légende en allemand.*

LISBONA. *Vue de la ville et du port, avec des vaisseaux, vers 1700.* $0^m,21 \times 0^m,28$. *Gravure en tout dire. P. Schut fecit. N. Vischer excudit.*

LISBONNE. *L'aquéduc (os Arcos), près de Lisbonne. Lithographie annoncée vers 1830. Publié sous la superintendance de la Society for the diffusion of useful Knowledge. Drawn by W. B. Clarke architec engr. by Henshall.* London, 1833.

LISCHKE (JOHANN TRAUGOTT ——).
Löschke (Johann Traugott Burger), der städte Dresden und Leipzig. XXIV Stanzen zur Begrussung Ihre Königlichen.

LISKE (JAVIER ——).— Rector y catedratico de historia en la universidad de Lemberg, membro activo de la academia de ciencias de Cracovia, etc.

Viaje de extrangeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI *y* XVII. *Colleccion de ——. (Año de 1878.) Traducidas del original y anotados por F. F.* Madrid, casa editorial de Medina, 8.º, 267 pag.

---

[1] Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, vol. II, pag. 44.

«Quem imaginaria em Hespanha e Portugal que uma viagem dos fins do seculo XV se publicaria em um insignificante periodico da Silesia no anno de 1806, com o titulo *Schlesien chedem und jetzt,* cujas folhas desappareceram quasi completamente, e que, graças a uma casualidade se encontraram as que n'este livro servem de traducção em castelhano.

Este volume contém as seguintes viagens:

De Nicolau de Popielovo, verificada no fim do seculo XV;

De João Dantiscus, embaixador da Polonia á côrte de Carlos V, nos principios do seculo XVI;

De Erich Lassota de Steblevo, militar a serviço de Filippe II, nos fins do seculo XVI;

De Jacobo Sobieski, pae de João III, Rei da Polonia.

«A cidade de Lisboa (diz Popielovo, onde esteve em 1484), será tamanha como a de Colonia ou de Londres, na Inglaterra. Alojei-me em casa de um sapateiro. Immediatamente mandei um dos meus creados, que fallava hespanhol, ao palacio, para procurar o cozinheiro do Rei. Este cozinheiro era um flamengo, a quem os cidadãos e os negociantes de Lisboa me dirigiram, para poder conseguir pela sua intervenção, uma audiencia do Rei. Meu creado informou o cozinheiro que Sua Magestade Imperial me enviava a Sua Magestade El-Rei, pedindo que se me assigne um albergue e que tudo isto diga a El-Rei. O cozinheiro encarregou a um de seus moços que me indicasse uma casa para me alojar. Um instante depois vieram dois homens do palacio com poderes passados pelo Rei, para repartirem os viajantes pelos hoteis, e para designarem a cada um sua habitação, e me supplicaram que saisse do meu, porque, excepto aquelles de que o Rei se tinha apoderado, ninguem podia dispor de uma casa de hospedes, nem a meu favor, nem a favor de qualquer outra pessoa.

«Ouvindo eu isto, suppliquei-lhes o favor de annunciarem minha vinda a Sua Magestade; prometteram-me, mas não voltaram com a resposta. Veiu, por fim, um bobo da Rainha, a quem eu julguei mui prudente; compadeceu-se de mim, vendo-me sem albergue, e me levou a um, que em Portugal chamam *Stallasum.* N'estas casas cada um vive por dinheiro, ou melhor ou peior. O cozinheiro veiu ver-me já pela noite dentro; suppliquei-lhei outra vez o favor de avisar a Sua Magestade de quanto commigo se tinha passado, e que fizesse a diligencia para me obter alguma habitação. Prometteu-me fazer tudo, mas não voltou mais com a resposta.

«O cozinheiro, como agora sei, era um allemão; tambem o bobo fallava o brabante, e por isso teve compaixão de mim. De noite levaram-me para um quarto, onde dormi com meus creados. Á meia noite entraram raparigas alegres com ladrões, e se pozeram a gritar: «Quem são estes ladrões que estão a dormir em o nosso quarto?» Ter-nos-hiam com muito prazer deitado d'alli para fóra, porém socegaram, deitando-se juntamente comnosco, e ao nosso lado, nas camas, jogando cartas toda a noite: isto ouvi, e presenciei eu mesmo. A mesma ceremonia se repetia em as noites seguintes, emquanto residi n'aquella casa.»

LISSABON *vue à vol d'oiseau (1720). Prospectus fluminis, etc. Vue de l'embouchure du Tage et du port de Lisbonne. Vue à rebours color.*

LISSABON, *die Kgl. Haupt u. Residenz-Statt in Portogall. Vue de la ville et du port, avec des vaisseaux et costumes. Gravure anonyme. Vers 1700. Petrus Schut, fecit. N. Vischer excudit.* 0m,16 × 0,m26.

La même gravure avec une légende en allemand.

LISSABON, *een voorname stadt in Portugael. Vue gr. des environs de Lisbonne, mit dero Gegend auff 10 Stundt. Carte des environs de Lisbonne. Stridbeck fecit, vers 1700.* 0m,15 × 0m,22.

LISSABON, *mit dero Gegend auff 10 Stundt. Carte des environs de Lisbona. Vue de la ville et du port avec des vaisseaux et costumes. Gravés en taille douce. Gravure annoncée vers 1700. P. Schut fecit. N. Vischner excudit.* 0m,16 × 0m,26.

LISSABON, *mit dero Gegend auff 10 Stundt. Carte des environs de Lisbonne. J. Stridbeck, vers 1700. P. Schut fecit.* 0m,21 × 0m,28.

LISSABON. *Olisiponis oder Lisbonae der fürnemmen... Statt in Spanien wahre abcontrafacteur. Vue gravée en bois tirée de Munster. Cosmogr. 1550. Avec texte allemand.* 0m,22 × 0m,36.

LISSABON. *Vue à vol d'oiseau. G. Bodenehr, fecit et excudit. Lissabon.* Com uma legenda em allemão. 0m,16 × 0m,20.

LISSABON, *een voorname stadt in Portugael. Vue de la ville et du port, avec des vaisseaux et costumes. Gravé en taille douce, P. Schut fecit vers 1700.* 0m,21 × 0m,28.

LISSABON, *een voorname stadt in Portugael Vue gr. p. Petrus Shenk.* Amstaelodami, vers 1700. 0m,20 × 0m,26.

LISTE CHRONOLOGIQUE *des éruptions de volcans, des tremblements de terre, de quelques faits météorologiques des plus remarquables, des comètes, des maladies pestilentielles, etc., jusqu'en 1760, tirée des Mémoires des Académies de l'Europe, des ouvrages périodiques, des histoires générales et des relations particulières.*

Corre este importante trabalho de pag. 488 até 681 do volume VI da *Collection académique composée des mémoires, actes ou journaux des plus célèbres académies,* etc. Dijon, 1861.

Aqui se encontram muitas noticias ácerca dos terremotos e temporaes em Portugal e nas suas possessões.

LITTERA *annuale delle cose del Giapone del 1582.* Milano, 1585. Roma, 1585.

LITTERA *annua del Giappone dell' anno 1624 al padre Mutio Vitelleschi, generale della compagnia di Giesù.* Roma, 1628, 8.°

LITTERA *annua del Giapone, dell' anno 1596 dal P. Luigi Trois, tradotta in italiano dal Francesco Mercati.* Roma, 1599.

LITTERA *del P. Alessandro Valignano nel Giapone e nella Cina, de 10 d' octobre del 1599 al P. Claudio Aquaviva.* Milano, 1603.

LITTERAE *annua Societatis Jesu anni 1581 ad PP. et FF. ejusdem Societatis.* Romae, 1583.

Litterae anni 1582, etc. Romae, 1584.

Id., 1583, etc. Romae, 1585.

Id., 1584, etc. Romae, 1586.

Id., 1585, 1586, 1587, 1588, 1589, 1590, 1591, Romae.

Id., 1592, 1593, Florentiae.

Id., 1596, 1597, Neapoli.

Id., 1598, 1599, Lugduni.

Id., 1600, Moguntiae.

Id., 1601, 1602, Antuerpiae.

Id., 1607, Moguntiae.

Id., 1609, 1610, 1611, Dilinguae.

Id., 1612, 1613, 1614, 1615, Lugduni.

Id., 1618, Antuerpiae.

Em todas estas cartas annuaes dos jesuitas se encontra um avultadissimo numero de noticias ácerca dos feitos dos nossos nas terras orientaes.

LITTERAE *de novis Christianae religionis progressibus et certaminibus in Japonia, anno 1622. In Regno Sinarum anno 1621 et 1622.* Monasterii Westphaliae, 1627.

LITTERATOS PORTUGUEZES NA ITALIA.

É um exemplar manuscripto de 500 pag., in-4.º gr., das quaes estão escriptas 496, que o arcebispo de Evora compoz, quando residiu na Italia. No prologo assevera o dito prelado que «um dos seus primeiros cuidados foi empregar o seu ocio em utilidade da sua patria, e teve para si, que não poderia conseguir melhor o seu fim, do que extrahindo da riquissima bibliotheca vaticana tudo que fosse concernente a historia ecclesiastica, civil e litteraria do reino de Portugal.

LIUNGSTEDT (SIR ANDREW ——).

Historical sketch of Portuguese settlements in China and of the Roman Cath-Church and mission in China, with a description of city of Canton. Boston, 1836.

LIVET (CH. L.).— Commandeur de l'ordre de Saint Jacques, membre correspondant de l'académie des sciences de Lisbonne. Traducteur des *Vindiciae Liolidum,* par Mr. Gabriel Lenod.

Épisode de l'histoire des jésuites, par ——. Paris, 1883, in-8.º, 76 pag.

Rapport sur les documents relatifs à l'histoire de France, conservés aux archives de la Torre de Tombo, à Lisbonne.

Foi este relatorio publicado no vol. V da collecção: *Archives des missions scientifiques et littéraires. Choix de rapport et instructions publiées sous les auspi-*

ces du ministère de l'intruction publique. Deuxième serie. Tome cinquième. Paris, imprimerie impériale, 1868.

Este relatorio é datado de Amiens, em 20 de abril de 1868.

«Os archivos de Lisboa são extremamente ricos, e encerram peças de um valor inestimavel. Fundados em 1416 (1378 *novo estylo),* tiveram por primeiro guarda mór a D. João Annes.

«Encerram varias collecções distinctas e importantes. O *Corpo chronologico,* não contém menos de 80:000 documentos e as *gavetas* uns 50:000. Alli se acham alguns manuscriptos do maior interesse, e entre outros uma *Biblia,* acompanhada dos commentarios de Nicolau de Lyra, em sete vol. in-fol. Este trabalho maravilhoso de calligraphia e de illuminuras, foi executado na Italia, e offerecido pelo Papa Julio II ao Rei D. Manuel.

«Mencionaremos, tambem, o livro dos brasões, collecção já antiga.

«Encontra-se tambem alli uma carta relativa a Pierre de Ronsard, para quem Carlos IX pede ao cardeal Infante o habito de Christo.»

O catalogo dos documentos relativos á França corre de pag. 67 a 137.

N'este mesmo volume falla o conde Ferrière de tres volumes com documentos de 1522 a 1526, relativos a Portugal, existentes no *British Museum.*

LIVRO DA ORAÇÃO. Columbo, 1817.

Possue um exemplar d'esta obra (em portuguez da India), o ex.mo sr. arcebispo de Braga, D. João Chrysostomo, e mostrou-m'o em 10 de abril de 1878, na cidade de Braga.

LIVRO NOTAVEL.

«A Infanta hespanhola D. Paz acaba de publicar em Munich (anno de 1892) um livro que ha de ficar notavel nos annaes bibliographicos do mundo. É uma obra escripta e illustrada primorosamente pelo Papa, pelos Imperadores da Allemanha e da Austria, por uma Imperatriz, por dois Reis, por tres Rainhas, por uma Rainha regente (a de Hespanha), por quatorze Principes e Princezas Imperiaes e Reaes, por grande numero de outros Principes, e por duques e condes aparentados com as casas reinantes.

«Intitula-se *Charitas,* e a Infanta D. Paz publicou-o com o fim de destinar o producto da sua venda ao asylo bavaro de Santa Maria, do qual é protectora, e que é destinado á educação de orphãos e outras creanças desvalidas.

«O logar de honra do livro é occupado por uma poesia latina de Leão XIII.

«A Rainha regente de Hespanha contribuiu com uma aguarella que representa um grupo de flôres campestres.

«A nossa Rainha, a senhora D. Amelia, com outra aguarella, em que está figurada uma cabeça de jumento arreiada á portugueza.

«De El-Rei D. Carlos ha uma paizagem que dizem ser uma preciosa obra de arte, e apresenta no centro uma linda figura de rapariga com um cantaro á cabeça.

«As escriptoras do *Charitas,* são: a Rainha Izabel de Roumania (Carmen Sylvia), que publica uma das suas poesias; a archiduqueza Estephania, que descreve uma viagem que fez de Ragusa á ilha de Chypre; a Princeza Thereza da Baviera, que narra a ascensão de Nicolau I ao throno da Russia.

«A Infanta D. Antonia de Portugal, Princeza de Hohenzollern, firma uma

das melhores illustrações do livro, a qual representa umas barracas de pescadores.»

LIVROS PORTUGUEZES vendidos por grandes quantias em leilões estrangeiros:

Um exemplar da *Historia do descobrimento e conquista da India,* por Fernão Lopes de Castanheda, Coimbra, 1552 a 1561, edição que contém oito livros em gothico, vendeu-se em 1893, em Londres, por 11:318 libras esterlinas, porém com mais algumas outras obras portuguezas.

N'este leilão, em Beckford, a obra: *De rebus Emmanuelis,* traducção impressa em francez, por 33 libras, edição de 1587.

LLANTOS ALEGRES. *Regocigos tristes de las Señoras Mujeres de la Córte, á la Reina nuestra Señora; alusion á los gritos de Madrid, con el misto Tema y Assonantes.*

Poesias cantadas por occasião da entrada dos portuguezes em Madrid.

LLANTOS, *regocigos y triunfos del Rey nuestro señor Don Felipe Quinto (que Dios guarde), con lo sucedido en el Reino de Valencia, desde 20 de agosto de 1710 hasta 19 de deciembre de dicho año.* En Valencia, por Antonio Bordazar, año 1710.

Guerra da successão.

LLORENTE.

Los judios en Portugal.

Alexandre Herculano encontrou defeitos na obra d'este escriptor hespanhol.

LOBKOWITZ (D. JOÃO CARAMUEL ——).—Da ordem de Cister, celebre pelas muitas obras que imprimiu, em que mostrou grandes estudos e erudição.

Excellentissima Domus de Mello, quae inter Lusitanas Principes floret, Genealogiae deducta. Impresso em Lovaina, anno 1643, in-fol. gr., com algumas estampas.

Este livro foi feito em obsequio de D. Francisco de Mello, ramo da serenissima casa de Bragança, como neto de D. Francisco de Mello, segundo marquez de Ferreira, e de D. Eugenia, filho do duque de Bragança D. Jayme.

No livro *Philippus Prudens,* impresso em 1638, trata-se muito da real casa portugueza, contra os direitos d'este reino, em que o convenceram os auctores, que em obras muito doutas o refutaram[1].

Respuesta al manifiesto del Reyno de Portugal. Antuerpiae, apud Balthasarem Moretum, anno 1642, in-4.º, 2.ª edição. Sanctangelii in typographia episcopali, anno 1664, 4.º

Foi traduzido para latim, por Leandro Vander Bandt, discipulo de Caramuel. Lovanni, 1643, 4.º

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 215.

LOBO (FRANCISCO ——).

La jornada que la Majestad Católica del Rey Felipe III hizo a su reyno de Portugal, compuesta en varios romances. Lisboa, Craesbeck, 1623.

Vem mencionada esta obra em o n.º 326 da bibliotheca hispana: *Literature, languages, and history of Spain and Portugal.* London, 1879. É um catalogo de livros para se venderem.

LOEFLING.

Link falla de uma viagem d'este escriptor feita em Portugal. V. Link, *Voyage en Portugal,* vol. I, pag. 167.

LOISEAU (A.).— Docteur ès lettres de la faculté de Paris, officier d'académie, et de l'instruction publique, professeur agregé au lycée de Vannes (Seine), chevalier de l'ordre du Christ de Portugal, etc.

Troisième de Camoens. Poesie latine. Paris, typ. de A. Parent, 8.º gr. de 6 pag.

Histoire de la littérature portugaise, par ——. Paris, Ernest Thorin, éditeur, 8.º, VIII-399 pag.

«De todas as litteraturas da Europa é a de Portugal a mais ignorada. Um preconceito geralmente propagado, mesmo em nossos dias, quer que o portuguez seja apenas um dialecto do hespanhol, e que a litteratura portugueza se reduza a Camões, genio superior, sem duvida, mas que não fica um astro isolado no céu poetico da Lusitania.

«Esta ignorancia de todas as cousas relativas a Portugal, remonta de bem longe. Apesar da influencia natural que a França tem exercido primitivamente n'este novo estado, saído do seu seio; e apesar das noções positivas que deveriam haver transmittido os Burdins, os Eduardos de Cahors e os Domingos Jardos, tudo quanto se tinha podido aprender ácerca d'este paiz, era de tal modo letra morta, que até mesmo no tempo de Duguesclin nem sequer sabem o nome do Principe que reina em Lisboa: cumpre ler D. Pedro sob o nome de D. Fagon.

«Nos tempos modernos, embora Portugal tenha por muito tempo servido de campo de batalha durante as luctas da França com Inglaterra, os raros soldados de Napoleão, que tornaram a ver o solo da patria, nem eram assás instruidos, nem assás bem collocados para grangearem conhecimentos exactos e variados ácerca do estado politico, industrial ou litterario de um paiz, onde tanto sangue francez havia sido derramado.

«Algumas publicações recentes chamam a attenção publica para Portugal; mas por que motivo não é muito conhecida a litteratura portugueza?

«É porque o poder militar da Hespanha fez mal á gloria litteraria de Portugal. As duas linguas têem as mesmas origens, suas obras capitaes, datam, com pouca differença, dos mesmos tempos; todavia, Cervantes, Lope de Vega e Calderon, fizeram esquecer na Europa, Ribeiro, Sá de Miranda, Ferreira, e até mesmo Camões, que os precederam.

«As relações politicas, commerciaes e industriaes dos dois estados, tão differentes emquanto á natureza e ao theatro da acção, não contribuiram ellas, tambem, para este estado?

«Os portuguezes, potentissimos na Asia, Africa e America, nunca o foram na Europa; Hespanha, pelo contrario, tão grande em tempo de Carlos V, estendeu suas leis, artes e letras a todos os povos vizinhos. Quando se tratou da apre-

sentação de um juizo ácerca da litteratura portugueza, apresentaram-no como esses mareantes que julgam da população, recursos e costumes de uma ilha, que tão sómente costearam, pelas observações que poderam fazer de longe e na passagem.

«Sem duvida cumpre tomar em conta as circumstancias, reconhecer que da nossa parte ha leviandade ou indifferança. Mas não se diria que Portugal teve a peito o pôr em pratica, em todos os tempos, estas palavras de João III a Paulo Jovio?

«Insistindo este junto do Rei, para que tomasse cuidado com a sua gloria e publicasse no mundo o resultado de suas grandes descobertas: «Os portuguezes sabem fazer — diz o monarcha — mas não sabem dizer».

«E, todavia, qual nação tem mais titulo á notoriedade e até mesmo á admiração dos verdadeiros amigos do bello, do bom e do grande? Os portuguezes, que apenas tiveram um canto da terra para nascerem, e que tiveram o mundo inteiro para morrerem; cuja lingua, irmã da nossa, não é inferior a qualquer outra no tocante á força e abundancia, são dignos da maior attenção do que da que em geral encontram.

«E que os francezes nos agradeçam o inicial-os n'uma litteratura mais rica e mais variada do que se crê.—Vauves, le 3 septembre 1885.»

LONDONDERRY (MARQUIS OF ——).
Narrative of the Peninsular War. 1808--1813. 3rd edition. 2 vol. London, 1829.
Journal of three month's tour in Portugal, Spain and Africa.

LONGCHAMPS.
Malagrida, tragédie traduite du portugais. 1763.

LONGFELLOW (HENRY WADSWORTH ——).
The poets and poetry of Europe with introduction and biographical notices by ——. A new edition revised and enlarged. Boston, 1882.

Contém a vida de Luiz de Camões, Ignez de Castro, o espirito do Cabo, duas estancias, ácerca da morte de Catharina de Athayde, sete canções, ácerca da tragedia de Ignez de Castro, Ignez e o Rei Affonso, por João Baptista Gomes.

LOOR (EN) *de la obra* Diana, *de George de Montemayor.* Soneto.

Si de madama Laura la memoria
Petrarcha para siempre ha levantado,
Ya Homero así de lauro ha coronado,
Escribir de los Griegos la victoria.

Si los Reys tanbien, para más gloria,
Vemos que de contino han procurado,
Que aquello que en la vida han conquistado,
En muerte se remueve con su historia.

Con mas rason serás, ó excelente
Diana por hermosa celebrada,
Que quantas en el mundo hermosas fueron.

Pues nadie mereció ser alabada,
De quien así el laurel tan justamente
Merezca mas que quantos escrivieron.

Vem este soneto anonymo na edição de Lisboa, de 1624.

LOPE DE VEGA.

Tributo á Camoens.

LOPEZ (THOMAS JUAN ——).

Carta reducida y general de las islas de los Azores, llamadas tambien Terceras, para uso de los navegantes.

LORIQUET (JEAN NICOLAS ——).—Jesuita, natural de Epernay, onde nasceu em 1767, e falleceu em Paris no anno de 1845[1].

Pombal, Choiseul et d'Aranda, ou l'intrigue des trois cabinets, contenant un Précis historique de ce qui s'est passé en Portugal, en France et en Espagne, à l'occasion des jésuites, lors leur expulsion de ces trois royaumes, et des événéments qui ont précédé et suivi la destruction de leur ordre par le pape Clément XIV. A Paris, chez Prunter, éditeur (De l'imprimerie de Poussielgue-Rusand), 1830, in-8.°, XXXI–159.

Faz parte dos *Documents historiques, critiques, apologétiques, de la Compagnie de Jesus, publiés par M. de Saint Victor.*

Corrigiu a *Histoire des revolutions de Portugal, par Vertot.* Lyon, 1829, in-18.

LORMIAN (BOAOUR ——).

La Jerusalem delivrée. Paris, 1819, 3 vol.

Em as notas encontram-se extensas e frequentes referencias a Camões.

LOSCHKE (JOHANN TRAUGOTT ——).

Burger der städte Dresden und Leipzig. XXIV Stanzen zur Begrussung Ihro Königlichen hoheit der Durchlauchtigsten Prinzessin der D. Maria Anna Leopoldina... de Braganza-Bourbon, &c. Gemahlin Dona Seiner Königlichen hoteit des Durch & Gemahlin Seiner Königlichen hoteit des Durch lauchstigsten Prinzen Friedrich August George &c. Bei hochstder selben festlichen ankunft zu Dresden im lenz des Jahres 1859. Leipzig, 1859, 4.° gr., de 19 pag.

LOTH (ABBÉ ——).

Robert le Roux d'Evenal, ambassadeur de Louis XIV en Portugal. 1688 à 1691. Rouen, 1873.

Un projet de mariage en Portugal, pour le Dauphin, fils de Louis XIV.

Lettres du Comte de Cominges, ambassadeur extraordinaire en Portugal. 1657 à 1659. Publiées par ——. Ph. Tamerey de Larroque.

Correspondance de Louis XIV, avec Mr. Amelot, son ambassadeur en Portugal. 1685 à 1688. Publiée par le baron de Grandot. Nantes, 1863.

LOTTER (TOL. CONR. ——).

Regna Portugalliae et Algarbiorum cum adjacentibus Hispaniae provinciis.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 440.

LOUBÈRE (M. DE LA ——).

Description du royaume de Siam, par ——, envoyé extraordinaire du roy auprès du roy de Siam. Amsterdam, 1714, 2 vol.

LOUIS DE CAMÕES, *traduit du portugais par F. F. Steenackers.* Lisboa, 1880.

—— *(A), poëte des gloires portugaises. Centenaire du 10 juin 1880.*

Poesia franceza attribuida a madame Chiappe Cadet, e impressa em Lisboa na typographia Lallemant Frères.

Il s'est souvent trompé le Roi qu'on nomme sage:
Ce n'est pas une loi de répéter l'adage:
«Rien de nouveau jamais ne fut sous le soleil!»
Non, il n'éclaire pas toujours les mêmes choses:
Lui-même il est soumis à des métamorphoses,
Car son coucher n'a pas les feux de son réveil.

Les peuples ont jeté leurs antiques béquilles:
Ils marchent seuls. Ils ont de nouvelles faucilles
Pour moissonner le champ des innovations.
Ils n'ont plus comme alors à découvrir des mondes,
A chasser des esprits les ténèbres profondes,
A dompter le dragon des superstitions.

L'âme de Mars est moins de fureur possédée.
Il ne veut plus tirer le fer que pour l'idée,
Pour te répandre au loin, civilisation!
Et bientôt l'on verra les peuples, enfin frères,
Ne lutter que pour toi, pour donner tes lumières,
Ta science et tes arts, à toute nation.

Et c'est à nous surtout, nobles races latines,
Qu'il appartient d'entrer dans ces routes divines,
Nous du vieux Prométhée, immortel ravisseur,
Les enfants préférés, les grandes héritières,
Qui reçûmes de lui le flambeau des lumières
Pour en verser partout la féconde chaleur.

Naguère nous étions — c'étaient les temps antiques —
Pareils aux coureurs des stades olympiques:
Le bienfaisant flambeau passait de main en main,
Mais parfois en passant s'éteignait. La lumière
Sans éclipse aujourd'hui, doit, éclatante et fière
Rayonner à la fois sur tout le genre humain.

Oui, Camões de son siècle essuya la tourmente;
Poëte, il vit ternir sa lyre frémissante.
On le méconnut; mais en dépit du dédain,
Dans ces jours ténébreux, même à cette heure amère,
Où seul sur un grabat il traînait sa misère
L'amour de la Patrie illumina sa fin!

«Si nous devons combattre et l'Hydre et ses orages
A cette œuvre donnons nos bras et nos courages!»
Ainsi disait Camões. Sa voix qui retentit
Jadis si puissamment, sa divine parole
Pour nous tous en ce jour sera le vrai symbole,
Laurier souvent brisé, qui toujours reverdit!

Tu l'as compris ainsi, toi belle capitale,
Ville aimable, qui fut pour Camões sans rivale,
Toi qu'il osa nommer la «Reine des cités»,
La fête qui demain éclairera la terre,
Signifiera pour tous la haine de la guerre,
L'union des esprits, des cœurs, des volontés.

Termina com estes periodos em prosa:

«Ce n'est pas sans être émus jusqu'au fond du cœur que nous assistons à l'unanime élan des patriotes portugais, et nous partageons l'enthousiasme de la presse, faisant du troisième centenaire de Camões une grandiose manifestation nationale. Habitant depuis de longues années Lisbonne, ce cher pays devenu notre seconde patrie, nous voulons aussi, comme membres de la typographie, à titre de reconnaissance et de confraternité, payer un tribut d'admiration à ce grand fantôme du passé, saluer en ce jour solennel le drapeau du présent et l'espérance de l'avenir.

«Que l'ombre illustre de Camões veille sur le Portugal; que sa grande âme plane sans cesse sur cette terre dont il a chanté la valeur; qu'elle guide et conduise nos fils! = *Lallemant Frères, imprimeurs-typographes, Lisbonne.*

—— *Episodios de Ignez de Castro e Adamastor,* por J. A. D'Escodeca de Boisse.

Escodeca de Boisse procurou, primeiro que tudo, compenetrar-se bem do espirito das magnificas estancias d'aquelles episodios; o sentido litteral não lhe mereceu tanto cuidado; d'ahi provém, talvez, afastar-se a sua traducção em alguns pontos do original. A isso o determinaram, porventura, ou o menos profundo conhecimento dos segredos do nosso idioma, ou as restrictas e impreteriveis exigencias da metrificação.

Entretanto, se a versão de Escodeca não póde reputar-se fidelissima, incontestavelmente lhe cabe, pelo menos, a qualificação de elegante paraphrase.

Offerecendo o seu precioso autographo á imprensa nacional de Lisboa, como o estabelecimento que mais completa e perfeitamente representa a arte typographica em Portugal, Escodeca de Boisse deu mais uma prova evidente, sobre muitas outras, de quanto continua a interessar-se pelos seus progressos, aos quaes, releva confessal-o, não é estranha a sua solicitude e generosa dedicação.

Julgou-se a administração superior do mesmo estabelecimento constituida na obrigação de corresponder condignamente a tão extremada fineza, que honra não só a imprensa nacional, mas a nação a que nos devemos ufanar de pertencer. Resolveu, pois, mandar proceder á impressão dos dois episodios referidos, acompanhando-os do texto portuguez, conforme a excellente edição critica publicada sob a direcção de Freire de Carvalho. Assim, ao passo que cumpre um rigoroso

dever de reconhecido agradecimento, parece-lhe haver prestado algum serviço ás lettras patrias.

Alphonse en ses États rentrait vainqueur du Maure,
Pour jouir d'une paix de gloire et de grandeur;
Des héros, dans son âme, il endormait l'ardeur
Quand un funeste coup vint le troubler encore.
O toi, que de l'oubli préserves les mortels,
Mémoire, redis-moi la tragique aventure
De celle qui reçut, après sa sépulture,
La couronne promise au pied des saints autels.

Amour, tyran du cœur: amour, maître de l'âme,
Toi, qui, dans ton caprice, embrases tes sujets
De feux où tout se perd, repos, sages projets,
Sa mort fut ton ouvrage, et tu punis sa flamme!
Impitoyable dieu, faut-il que de ta main
S'échappent trop souvent les regrets, les alarmes?
Pour apaiser ta soif faut-il toujours des larmes?
Faut-il qu'à ton autel fume le sang humain?

Belle Inez, tu vivais, tranquille et solitaire,
Dans ces illusions, où de trop courts instants
Embellissaient ta vie, et dotaient ton printemps
Des fruits que le bonheur dore dans le mystère
Au Mondego, si fier de ses limpides eaux,
A ses riants vallons, à ses rives fleuries,
Tu disais, promenant tes douces rêveries,
Le nom cher à ton cœur, redit par les échos.

Ton Prince te payait d'une égale tendresse;
Son ardeur et ses vœux répondaient à ta foi;
L'absence ne pouvait le séparer de toi;
De cet heureux époux toi seule étais l'ivresse.
Ton image toujours allait le retrouver:
La nuit, il te voyait sourire dans un songe,
Le jour, dans la pensée où l'amour vrai se plonge,
Et tout parlait de toi pour mieux le captiver.

D'autres beautés en vain chercheraient à lui plaire;
Les fleurs d'un autre hymen s'ouvriraient vainement,
Amour, tu tiens son cœur. Qui donc, pour cet amant,
Remplacerait Inez, qui l'énivre et l'éclaire?
Et pourtant le vieux Roi s'inquiète, irrité;
Le peuple, mécontent, de clameurs l'environne:
C'est la fille d'un Roi qu'il veut pour la couronne;
Seul, un hymen royal, convient à sa fierté.

Le Prince est sourd au peuple, à la voix paternelle,
A tout: il aime Inez! Seule, la mort pourra
Rompre des nœuds si doux. Alors Inez mourra!
Le Roi l'a condamné en sa fureur cruelle;
Il veut que de son fils l'impérissable amour
Soit noyé dans le sang de cette infortunée.
L'epée, effroi du Maure, est-elle destinée
A frapper une femme, et faible et sans détour?

Les bourreaux ont traîné cette timide épouse
Devant le Souverain, qui de pitié s'émeut;
Fugitif sentiment! Du peuple, qui se meut,
Le Roi n'écoute plus que la trame jalouse.
Il voit gémir Inez sans plus s'en attendrir.
Qu'importe qu'à ses pieds, dans sa détresse amère,
Sur l'époux, sur ses fils, pleure la pauvre mère,
Il confirme l'arrêt qui la fera mourir!

Vers le ciel la victime, en son angoisse extrême,
Lève péniblement ses yeux noyés de pleurs;
Ses yeux!... car ses deux mains, que brisent les douleurs,
Subissent des liens une étreinte suprême.
Puis, tournant ses regards sur ces beaux orphelins
Que sa mort va laisser sans appui dans le monde,
A leur aïeul, qu'aveugle une rage profonde,
Ses lèvres, en ces mots, exhalent ses chagrins:

«On a vu des forêts les monstres sanguinaires,
Et les hôtes des airs, de rapines altérés,
A l'aspect des enfants par la faim dévorés,
Oublier leurs instincts, et remplacer leurs mères.
Exemples de pitié qu'ils donnaient aux mortels!
Ainsi de Ninyas la mère en son enfance;
Ainsi les deux jumeaux, délaissés, sans défense,
Qu'une louve sauva par des soins maternels.

«Toi, qui de l'homme obtins le cœur et le visage
(S'il est vrai qu'un cœur d'homme est noble et généreux,
Et qu'il ne ravit pas aux enfants malheureux
La mère dont les torts de l'amour sont l'ouvrage),
Resteras-tu sans cœur devant ces innocents?
Sois touché de leur sort! pitié pour eux! fais grâce!...
Hélas! à desarmer ton courroux qui menace,
Leur âge et leur candeur seront-ils impuissants?

«Ta main, dans les combats, moissonna l'Infidèle;
Par le feu, par le fer, elle sema la mort:
Ne peut-elle, aujourd'hui, dans un clément transport,

Se souvenir qu'Inez ne fut point criminelle?
Si mon amour t'offense, Alphonse, exile-moi
Dans la Lybie ardente ou la froide Scythie!
Dans ces tristes climats, perdue, anéantie,
Je vivrai dans les pleurs, et cacherai ma foi.

«Relègue-moi parmi les lions et les tigres;
Peut-être, quelque jour, j'aurai leur amitié,
Qui sait? en m'accordant leur sauvage pitié,
Ils vengeront l'amour, l'amour que tu dénigres.
Là, par le souvenir nourrissant ma douleur,
Je verrai mes enfants, ils auront ma tendresse,
Et leur voix angélique, ainsi qu'une caresse,
Par un nom adoré bénira mon malheur.»

Le Monarque cédait à cette voix plaintive,
Il allait pardonner; mais vain entraînement!
Le peuple et le destin ordonnent autrement;
Pour leur haine la mort n'est point assez active.
Les glaives menaçants sortent de leurs fourreaux:
Arrêtez, chevaliers!... De quel sang votre épée,
En cet instant fatal, va-t-elle être trempée?
Soutiens de la beauté, vous seriez ses bourreaux!

Ainsi jadis Pyrrhus, vengeant son père Achille,
De Polyxène en pleurs se fit le meurtrier;
Rien ne put arrêter le bras de ce guerrier
Qui priva de sa fille une mère débile.
L'ombre a parlé: Pyrrhus ne pardonnera pas!
Pareille à la brebis qui se livre tremblante,
La victime, s'offrant à sa fureur sanglante,
En regardant sa mère, accepta le trépas.

Telle succombe Inez. Ses assassins féroces
La frappent... et les flots d'un sang pur et vermeil
Ont inondé ce sein à l'albâtre pareil,
Ces lis qu'elle arrosa de ses larmes précoces,
Cette tête charmante, et ce front que la mort,
Plus juste doit bientôt orner du diadème.
Ses lâches meurtriers appellent l'anathème;
Ils seront châtiés par le retour du sort.

Soleil, qui te cachas quand l'implacable Atrée
Fit servir à Thyeste un horrible festin,
Devant ce crime affreux, qui tranche un beau destin,
Ne voileras tu pas ta lumière sacrée?
Vous, confidents d'Inez, vous tous, vallons fleuris,
Vous avez recueilli de sa lèvre expirante,
Le nom de D. Pedro, si doux pour la mourante
Et que disent, au loin, les échos attendris.

Comme la fleur des champs, de sa tige arrachée,
En refermant son sein que l'aurore entr'ouvrit,
Perd son tendre parfum, se fane, se flétrit,
Et s'effeuille, en parant celle qui l'a touchée,
Telle se meurt Inez! Les roses de son teint
Viennent de se voiler d'une pâleur mortelle,
Ses traits se sont glacés, de la nuit eternelle
Le manteau l'enveloppe, et son regard s'éteint.

Du triste Mondego les filles éplorées
Virent changer leurs yeux en larmoyants ruisseaux;
Une source jaillit de leurs pleurs, et ses eaux
Parlent incessamment d'Inez à ces contrées:
Son nom, ces flots pieux le murmurent toujours!
Passant, vois cette source, et respecte ses charmes;
Elle arrose des fleurs, et ses eaux sont des larmes,
Apprends qu'on la nomma: Fontaine des amours.

LOURMEL (FÉLIX ESPRIT DE ——).—Jesuita, natural de Rennes, onde nasceu em 1726.

Relation des Missions du Paraguai. Traduit de l'italien de M. Muratori. A Paris, chez Bordelet, 1754, in-12, XXIV-483 pag., de l'imprimerie de Girsey.

Lettre du P. Gaetan Cattaneo de la Compagnie de Jesus. A M. Cattaneo, son frère.

Relation des Missions de M. Muratari. Édition de la Société Catholique de la Belgique. Louvain, chez Valinthout et Vandenzande, 1822, in-8.°, pag. XVI-218[1].

LOVEN (NILS ——).

Lusiadern. Hjeltedikt af Luis de Camoëns Ofversatt fran Portugisiskan, I originalets versform, af ——. Stockholm, Tryckt hos S. J. Hjerta. 1839. 8.°, 2 folhas sem paginas, e 224 pag. mais XVI pag., 1 tom.

Lusiadern. Hjeltedikt af Luis de Camoëns. Ofversatt fran Portugisiskan, I originalets versform af ——. Andra omarbetade och med de Fyra Sista Sangerna Tillökta Uppiagan. Lund, Tryckt Pa C. W. K. Gleerups Förlag. 8.° gr., IV-406 pag.

LOWE.

Notices of Fishes newly observed or discovered in Madeira during 1840, 1841 and 1842. (Na obra *Annals and Mag. of Nat. History, 1st series,* vol. XIII, pag. 390, 1844).

An account of Fishes discovered and observed in Madeira, since 1842. (Annals and Mag. of Nat. History, 2nd series, vol. X, pag. 49. 1852.

Primitiae et Novitiae Faunae et Florae Maderae et Portus Sancti. 1851.

Catalogus Molluscorum Pneumatorum Insularum Maderensium. (Nos *Proceedings of the Zoological Society of London, for 1854.)*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 284.

LOY *établie par le Prince Régent de Portugal, à la prière des États de ce Royaume, pour régler les Successions de la Couronne, et les Régences et les tutelles durant les minorités.* A Paris, chez Sebastien Mabre Cramoisy.

Vem mencionada esta obra no *Journal des Sçavans* de junho de 1675, acompanhada de um elogio.

LOYOLA (SANCTUS IGNATIUS ——).

Epistola de Religiosa obedientia ad Lusitaniae socios ac filios.

Falla d'esta obra Alegambe, na *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu,* pag. 2.

LOZANO (PEDRO ——).—Jesuita, hespanhol,

Historia de la Compagnia de Jesus en la Provincia del Paraguay, escrita por el padre Pedro Lozano, de la misma Compañia. En Madrid, en la imprenta de la viuda de Manuel Fernandez, 1754 y 1755, in-fol., 2 vol.

A Historia chega até 1614.

LUCAS (CHARLES ——).—Architecte, membre de l'Institut, chevalier de l'ordre Royal de Charles III d'Espagne, architecte de S. R. Mgr. le Prince des Asturies, sous-inspecteur des travaux de la ville de Paris, directeur de la *Biographie universelle des architectes célèbres,* membre honoraire de l'academie royale des beaux-arts de Lisbonne, de la société des architectes civils portugais, membre de la société libre des beaux-arts, comité central, de la société française de numismatique et d'archéologie, de l'association polytechnique, de l'association philotechnique, de la société française d'archeologie, de la société de l'histoire de France, correspondant de la société académique de l'architecture de Lyon, de la commission archéologique de la Côte d'Or, de la société archéologique et historique de la Charente, de la société historique de Compiègne, de la société de Poligny (Jura), de la société des antiquaires de l'ouest, de la société pour la propagation de l'archictecture dans les Pays-Bas, de la société des antiquaires Rhénans (Prusse), du cercle archéologique de Termonde (Belgique), etc., etc.

Exposition retrospective de l'Art ornamental portugais (Lisbonne, 1882), d'après des notes de M. le Chevalier da Silva, Architecte de Sa Majesté le Roi de Portugal, &c. Paris, librairie générale de l'architecture et des travaux publics, 1883, in-4.°, 14 pag.

De l'abolition de la peine de mort en Portugal. Paris, Orléans, impr. Ernest Colas, 1889, 8.° de 16 pag.

L'Architécture en Portugal. Mélanges historiques et archéologiques, par ——. Paris, Ernest Thorin, éditeur, 8.° gr.

Esta obra é dedicada a Sua Magestade El-Rei D. Luiz de Portugal, e consta de 58 pag. Passa em revista os monumentos existentes em Portugal desde os que são attribuidos aos celtas até áquelles que foram construidos em nossos dias. Dá noticia dos trabalhos do nosso architecto o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva,e termina com a lista das obras que serviram para a composição do livro de Mr. Lucas.

LUCCHESINI (CARLOS ——).—Jesuita, italiano.

Narrazione della vita del Venerabile P. Ignazio d'Azzebedo, e della morte del medesimo, e di trenta nove altri della Compagnia di Giesù, uccisi da Calvinisti,

mentre navigavano verso il Brasile. Data in luce dal ——, della istessa Compagnia. In Roma, nella stamperia e getteria di Giorgio Placho, 1702, 232 pag., afóra a dedicatoria.

LUCCHESINIO (JO. VINCENTIO ——).—Patritio Lucensi.

Oratio in funere Serenissimi Lusitaniae Regis Petri II habita in Templo S. Antonii ejusdem nationis dum ei regio nomine parentaretur, ab ——. Romae, Typis Bernabó, 1707, 8.º, 96 pag.

LUDOLFI (JOBI ——).

Historia Aethiopica sive et succinta descriptio Regni Habessinorum, quod vulgo male Presbyteri Joannis vocatur. Francfurti, 1681, fol.

Na analyse a esta obra, que se encontra no *Journal des Sçavans* de 1682 (janeiro), lêem-se as seguintes palavras:

«Dão em geral o nome de Ethiopia a uma grande parte da Africa. Este auctor não a prolonga na sua obra mais do que só até aos estados sujeitos ao Rei dos abyssinios, cuja historia elle nos apresenta. Já tinhamos de um tal paiz diversas relações, entre as quaes a do padre Telles, jesuita portuguez, que fôra enviado áquelle paiz para trabalhar em retirar aquelles povos do scisma e da heresia em que se acham abysmados ha muito tempo, é sem duvida a mais exacta. É pelo testemunho d'este padre, e de um outro de seus collegas, que este auctor escreve a maior parte das cousas que assevera, e pela relação de um padre abexim chamado Gregorio, que viera á Allemanha, corrige ou suppre o que ainda ha de defeituoso na historia d'estes padres e na de todos os outros auctores que d'elle fallaram.»

Publicou-se no anno de 1684 um resumo d'esta obra: *Nouvelle histoire d'Abissinie ou d'Ethiopie, tirée de l'histoire latine de M. Ludolf, avec figures.* Paris, chez la veuve Cellier.

LUGGARDO VAN ANSÉ.

Perfectissima geographica delineatio regnorum Hispaniae et Portugaliae, auctore et sculptore. Amstaelodami, 1700.

LUNA (JANVIER SANCHES DE ——).—Natural de Napóles, onde nasceu em 6 de julho de 1725; entrou para a companhia de Jesus em 9 de janeiro de 1739. Ensinou no collegio de Napoles rhetorica, lingua grega e philosophia. Morreu em Roma no anno de 1794, a 23 de junho[1].

Graecae linguae Institutiones aptiore methodo et auctiore concinnatae a Januario Sances de Luna et Societ. Jesu in suorum auditorum usum. Neapoli, 1751, per Benedictum Gessari, in-8.º, 351 pag.

Graecae linguae Institutiones aptiore methodo et auctiore concinnatae a Januario Sances de Luna et Societ. Jesu. Post primam editionem Neapolitanam anni MDCCI. Vilnae, typis academicis, Soc. Jesu 1753, in-8.º, 98 pag.

O auctor seguiu o mesmo methodo do qual se tinha servido o nosso padre Manuel Alvares para o latim.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 358.

La verità difesa col disvelarsi. Firense (Venetia), 1761, Antonio Zatta, 8.º

Esta edição foi dada á luz sob o pseudonymo de *Cratillis Calliado.* Uma edição anterior havia apparecido anonymamente, no formato de folio. Luna refuta um folheto intitulado: *Riflessioni d'un portoghese sopra il memoriale presentato da' PP. gesuiti alla Santità di Papa Clemente XIII (del P. Tosetti, scolopio).* Lisbona (é falso o logar), 1758, in-8.º

Existe ainda um appendice ás presentes reflexões, com a indicação de Genova, 1759, composição do proprio Tosetti. Vide Zaccaria, *Storia letteraria d'Italia.*

Appendice alle Riflessioni del portoghese sul memoriale del Padre Generale de' Gesuiti, presentato alla Santità di Papa Clemente XIII felicemente regnante, ó sia risposta dell' amico di Roma all' amico di Lisbona (di Mon. Giovanni Bottari). In quest' ultima edizione accresciuta d' una lettera apologetica dell' autore, in risposta ad un' altra publicata contro di lui dal Marc. Angelo Gabrielli, romano. Lugano, 1760, in-8.º

O presente appendice estava composto no anno antecedente, com a data de Genova (Melzi, I, 78).

Com estes livros têem relação os trabalhos seguintes:

Reflexions d'un portugais sur le Mémoire du R. P. Général des Jésuites, presenté au Pape Clement XIII à présent régnant, traduites en français, avec une préface, où est réfuté un article de la Clef du Cabinet des Princes, inséré dans le mois de juillet 1759. Par M. C. P. S. M. D. C. A Londres, sem nome de impressor, 1760, in-12, L-239 pag.

Versam estas reflexões ácerca do memorial que os jesuitas tinham apresentado ao Papa, relativo á reforma que o cardeal Saldanha tinha querido fazer na ordem d'elles em Portugal, em virtude da commissão que lhe fôra dirigida por Bento XIV. (Ann. typog. 1760, I, 500 pag.)

Reflexions of a portuguese upon the Memorial presented by the J... to his present holiness pope Clement XIII, translated from the copy printed by authority at Lisbon: to which is added the opinion of the congregation of cardinals, to whom the said Memorial was referred by the pope. London, printed for Millar, 1760, 8.º

Sendschreiben eines Portugiesen aus Lissabon, an einen seinen Freunde in Rom. über das Memoire der J... an den jetzigen Papst Clemens den XIII, aus dem Italiänischen ins Deutsch übersetzt, und mit einigen Anmerkungen versehen. Frankfurt und Leipzig, 1759, in-4.º

O traductor allemão poz á frente da obra um longo prefacio, o qual contém uma historia dos jesuitas... O auctor, como protestante, vocifera muito contra esta sociedade. Emquanto á carta, é um memorial que o geral dos jesuitas apresentou ao papa, relativo aos negocios de Portugal. O auctor d'esta carta não é, como se vê, amigo dos jesuitas. (Ann. typogr., 1761.)

Betrachtungen über die seiner glücklich regierenden papstlichen Heiligkeit Clemens XIII, von denen PP. Jesuiten überrechte Bitt-schrift in einen Schreiben, an einen Freund in Rom vorgetragen. Gedruckt zu Francfurt, in der Knoch und Eolingerischen Buchhandlung, 1760, in-8.º

É a carta do portuguez traduzida pela segunda vez, e augmentada com um grande numero de reflexões novas, interessantes e curiosas, para todos os lutheranos. (Ann. typogr., 1760, I, 377.)

Supplément aux réflexions d'un portugais sur le Mémoire presenté par le

P. Général des jésuites, à notre Saint Père le Pape Clément XIII ou réponse de l'Ami de Rome à son Ami de Lisbonne. A Genès, 1759. Avec la permission des supérieurs, in-12, 347 pag.

Observations critiques d'un romain sur les reflexions d'un portugais, ou nouveau supplement aux dites reflexions sur le Mémoire des jésuites, presenté à notre Saint Père le Pape Clément XIII. En Europe, 1760, in-12, 244 pag.

LUNDBYE (G. W. ——.).

Luis de Camoen's Lusiade, oversat af Portugiesische ved —— forhenvœrende Consutatsecretair og Chargé d'Affaires i Tunis. Kisbenhavn, 1828, 8.° gr. 1.°, xx-212 pag.; 2.°, Kisbenhan, 1830, 214 pag.

LUSIADAS (LOS ——) *de Luis de Camoens, traducido por el conde de Cheste.* Madrid, 1872, 1 vol., in-8.°

LUSITANO (LUCINDO ——).

El Principe encubierto, manifestado en cuatro discursos politicos, exclamados al Rey Don Felipe IV de Castilla, por un vasallo que lo fué suyo hasta las nueve de la mañana del siempre memorable dia sabbado 1.° de diciembre del año de 1640. Escrivelos ——. Lisboa, off. de Domingos Lopes Rosa, á custa de Lourenço de Queiroz, livreiro do estado de Bragança. Anno 164?

LUZITANO (SALANIO ——).

Vida do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Saragoça.

Esta obra é composição do portuguez Antonio de Escobar. Mas, tendo-lhe desapparecido o manuscripto durante o tempo que andava submettido á approvação para ser impresso, alguem o deu á luz em Saragoça, debaixo do nome de differente auctor.

LYEELL (CHARLES ——).—F. R. S.

On the Geology of some parts of Madeira, by ——. No *Quarterly Journal of Geological Society.* August., 1854.)

LYRICA AMOROSA DA ITALIA.

«A lyrica amorosa da Italia meridional, tem, n'outros paizes, alguns similares, porém não tem alli congeneres. As coplas hespanholas, os *schnadahüpfel* não têem alli congeneres italianos; os disticos gregos, as canções slavas, etc., são manifestações independentes e originaes d'essa poesia espontanea, que o prazer, mórmente o amor, fazem desabrochar no coração dos homens.

«Os sabios italianos têem tendencia a remontar a muita altura o seu lyrico, e n'elle a não verem mais do que uma continuação da poesia popular dos gregos e dos romanos. A these, tomada na sua generalidade, é muito verosimil. Os remadores de Horacio, que cantavam durante toda a noite o seu bello certatim, a fiandeira de Tibullo, que acompanhava sua tarefa com a sua canção rithmada, têem por successores naturaes alguns companheiros que se despedem — os *stonnelle.*»

LYTTON.

Despatch substantiating the statements in his report of January 1867, relative to the manufacture of Port-wine. London, 1867.

M

«Los catalanes, vizcaynos, gallegos y portugueses son tan diestros en la mar, que se puede llamar señores de la navegacion. Y las fuerzas de la mar, en poder de tal gente, causan que el Imperio, que parece apartado y dividido, parezca unido y casi continuo; y tanto más agora, que se ha juntado Portugal con Castilla.»

(*Razon de Estado*, Burgos, 1603, pag. 8.)

M. ** (MONSIEUR).

Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs, par ——. A Amsterdam, chez George Gallet, 1700, 8.º

M. (MR.).— Historiographe de France.

Abregé de l'Histoire d'Espagne et de Portugal, et de Navarre, contenant les choses plus mémorables qui se sont passées en ces trois royaumes, depuis leur origine jusqu'à présent: recueillies de plusieurs mémoires, par ——. A Paris, chez Charles Sercy, au Palais, dans la sale Dauphine, à la bonne Foy couronnée. 1652. Avec privilège du Roy. 8.º, 597 pag. alem do prefacio, não paginado.

«Os lusitanos, ou portuguezes, são os mais fortes e robustos de todos os hespanhoes, dextros e agois. Alguns paizes incognitos por elles foram descobertos, de modo que em todos os tempos se deram á navegação, e por este meio forneceram sempre á Europa grandes commodidades, não fallando no oiro e prata em grande abundancia.» (Pag. 495.)

M.EL

Agnez de Castro. Nouvelle portugaise par ——. Amsterdam, chez Pierre Savouret, 1688.

M. * (MAX. DE ——).**

Le martyr de l'Inde, ou le B. Jean de Brito, missionaire et martyr. Par ——. Lille, chez Lefort, 1855, in-18.

—— 2.ª edição. Lille, chez Lefort. 1857, in-12, 71 pag.

Encontram-se tambem noticias ácerca do nosso padre Brito, em *Annus gloriosus; Synopsis annalium* e na *Mission du Maduré,* pelo padre Bertrand.

M. F. L. S. J.

Auxilium tyronum latine discentium ex Emanuele Alvaro. 8.º, 36 pag., sem logar nem data, mas com certeza impressa na Polonia em 1769.

M. J. GIRARDIN.

Leçons de chimie élémentaire. Paris, 1872.

A pag. 130 narra a invenção do balão por Gusmão, tendo bebido a noticia em H. Blerzy, *La Navigation aérienne, Revue des Deux Mondes,* 1863, pag. 279.

M. HEMENT.

Jacob Rodrigues Pereire, prémier instituteur des sourds-muets en France. Paris, chez Didier.

M. P. BE. IV. TH.

Declaration du droit de légitime succession sur le royaume de Portugal, appartenant à la Reyne mère du Roy très-chrétien. Avec la réponse aux consultations, etc. 1582, 4.º, 1 vol., 124 pag.

M. S. * * *

Voyage de France, d'Espagne, de Portugal, et d'Italie. Par ——, du 22 avril 1729, au 6 février 1730. Paris, 1770, 8.º

MAASIR UL UMARA.

Obra musulmana, a qual contém a biographia dos homens grandes do imperio do Mogol. N'esta obra são os portuguezes frequentissimas vezes citados.

MABLIN.

Lettre sur le texte des Lusiades. Paris, 1826, in-4.º gr.

Diz respeito á edição do morgado Matheus.

MACEDO (FR. FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO DE ——).— Ensinou philosophia e theologia no collegio de Santo Antonio de Pedreira. Depois foi nomeado por El-Rei D. João IV, seu chronista e prégador latino, mandando que ácompanhasse elle os embaixadores destinados ás côrtes de Londres, París e Roma. Na Inglaterra se escolheram os homens mais doutos na lingua latina, para no parlamento responderem ao padre Macedo.

Conta-se que, vendo-se embaraçado um dos embaixadores inglezes, lhe disse: «*Scias nos anglos elegantius scribere quam loqui.*» (Saberás que nós, os inglezes, escrevemos com mais eloquencia do que fallâmos.) Ao que redarguiu Macedo: «*Noveris nos lusitanos aeque eleganter scribere ac loqui.*» (Saberás, porém, que nós os portuguezes, escrevemos e fallâmos com igual eloquencia.)

Em certa disputa litteraria, na qual tomou parte o padre Macedo (e isto se passou em França), exclamou em publico um dos que tomaram parte na polemica: «*Non putabamus nasci in Hispania ejusmodi Macedo latinos.*» (Ignoravamos que na Hespanha nascessem latinos de um tal calibre.) Macedo respondeu serenamente: «*Etiam inter Hispanos reperiri eloquentes.*» (Tambem entre os hespanhoes se encontram homens eloquentes.)

Conta-se tambem que o Rei de França desejava com o maximo empenho, e promettia uma consideravel somma de luizes a todo o poeta que em o menor numero de versos descrevesse melhor a magnificencia do seu palacio. Entre tantos que se apresentaram, só o padre Macedo obteve a palma, reduzindo só a dois versos a descripção de uma fabrica tão maravilhosa; e, sendo-lhe levado o premio, não o quiz acceitar, postoque o cardeal Mazarino, primeiro ministro do Rei, com sua propria mão lh'o offerecesse, desculpando-se com a prohibição rigorosa da sua religião, que lhe não permittia pegar em dinheiro.

«São ainda hoje falladas as conclusões *de omni scibili,* que defendeu em Roma pelo espaço de oito dias, e que versavam sobre os seguintes assumptos:

Da sagrada escriptura, tanto do novo como do velho testamento, dos seus sentidos, versões e interpretações;

Da serie dos pontifices romanos, successão e auctoridade suprema. Dos concilios ecumenicos, de suas causas, presidentes e doutrina;

Da historia ecclesiastica desde Adão até Jesus Christo, e desde Jesus Christo até ao anno presente;

Da idade e doutrina dos santos padres latinos e gregos, principalmente de Santo Agostinho, cujas obras se expenderão, trarão as sentenças e se defenderão;

De toda a philosophia e theologia especulativa, moral, e das suas escolas, principalmente scotica, thomistica e jesuitica dos sagrados canones, institutos e livros do direito civil;

Da historia grega, latina, barbara, especialmente da Italia e de Veneza;

Da rhetorica, de sua arte e methodo reduzido a uso, de modo que orará de repente sobre qualquer assumpto que se lhe propozer;

Da poetica, segundo a mente de Aristoteles; de suas fórmas e versos; dos poetas principaes gregos, latinos, italianos, hespanhoes e francezes. Qualquer materia que se lhe proponha, promptamente a descreverá em verso.

Taes são as conclusões celebres do padre Macedo. Elle as propoz e defendeu nos mencionados oito dias, correndo de sua veia correntes de versos latinos com a maior facilidade e rapidez. Diz-se que um dos arguentes, querendo ver se o podia vencer, lhe propoz que lhe descrevesse de repente a Gigantomachia e Medea enfurecida. E Macedo, como se houvera de antes já sabido o ataque, sem demora satisfez o seu contrario, improvisando no mesmo instante mais de 2:000 versos.

E aconteceu que certo individuo recitasse mal um texto da sagrada escriptura; que a um outro esquecêra um verso de Virgilio, e que um terceiro allegasse em seu favor alguns auctores suspeitos. E o padre Macedo, com toda a serenidade de espirito, ao primeiro coordenou o texto da escriptura; ao segundo suggeriu o verso; e ao terceiro indicou os auctores.

Para fechar as suas theses compoz um epigramma em honra da republica de Veneza, que esta senhoria achou tão famoso, que por ordem sua se expoz na bibliotheca de S. Marcos, escripta pela mão de seu auctor. Alem d'isto o mandou retratar o senador Grimani. Caíu, porém, no desagrado da republica, que o mandou encerrar por dois annos na prisão do palacio, que sómente servia para as pessoas de posição elevada, mas restituindo-o depois á sua liberdade, o creou e adoptou cidadão veneziano.

E ácerca de tão afamadas theses, escreveu o padre Archangelo de Parma o seguinte ao cardeal Noris:

«Estas theses, recebidas de todos com summa expectação e admiração, mantiveram o padre Macedo com felicissimo successo, achando-se presentes muitos senadores e nobres da republica de Veneza, e grande numero de doutores, religiosos e estrangeiros, que a fama havia convocado.

«Tentaram-no com innumeraveis perguntas e argumentos, varios doutores e mestres de todas as ordens, respondendo elle a todos como se tivesse de antemão premeditado as respostas, com tanta felicidade que nunca se viu titubear, deter-se ou embaraçar-se; antes succedeu muitas vezes que, esquecendo-se os arguentes de alguma cousa que deviam proferir, ou recitando mal, elle lhes acudia suggerindo-lhes o que queriam dizer, ou emendava o que tinham dito.»

«O mesmo padre Archangelo refere n'este logar como elle emendára o verso de Virgilio, lembrou o texto da escriptura e subministrou auctores idoneos para o logar dos suppositiciós.»

Como o padre Macedo fizesse um tal peso no orbe litterario, e fosse dotado de um genio incapaz de tolerar aquillo que repugnava ao seu grande saber, escreveu algumas obras litterarias, repletas de grande vivacidade e acrimonia. Teve grandes dissensões com o cardeal Noris, e a resposta que lhe deu se teve por cousa muito má, e foi em Roma posta no catalogo dos livros prohibidos.

Macedo, porém, com isto não se irritou; porém, sabendo que Noris lhe tinha posto a alcunha de *Fradinho*, mandou reimprimir a sua resposta com mui consideraveis emendas, e lhe poz no rosto todos os seus titulos, os quaes vertidos para portuguez, soam do modo seguinte: *Disputa theologica sobre o rito do pão asmo, e fermentado; dedicada ao nosso Santissimo Pontifice Clemente, por Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, frade menor, mestre em Coimbra, leitor jubilado na sua ordem, professor publico em Padua, ex-leitor regio em Madrid, no collegio pontificio de Roma, de propaganda fide, e no da sabedoria mestre, ex-qualificador do santo officio de Roma, prégador e conselheiro de El-Rei Christianissimo, chronista latino do Serenissimo Rei de Portugal, e cidadão veneziano.*

O cardeal offendeu se; ignora-se, porém, se o frade portuguez foi preso ou não. Falleceu em 1 de maio de 1681, e seu corpo foi sepultado no convento de S. Francisco de Padua, onde lhe fizeram exequias, como tambem no convento de Ara Cœli.

No convento de S. Francisco da Cidade, em Lisboa, tambem se via na entrada da magnifica bibliotheca d'este convento um busto do padre Macedo, de excellente marmore.

MACHADO (FR. BOAVENTURA ——).—Franciscano.

Escreveu em versos hespanhoes a vida do jesuita portuguez Pedro Dias, natural de Arruda, em Barcelona, por Sebastião Jayme Materad, 1632, in-4.º[1]

MACHAULT (JACOBI DE ——).

Relationes de Paraquaria.

Vem citada esta obra a pag. XXII do livro *Rélation des Missions du Paraguai.* Paris, 1757.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. II, pag. 167.

MACHAULT (JEAN (BAPTISTE ——).—Jesuita, natural de París, fallecido em Pontoise no anno de 1640.

Histoire de ce qui s'est passé aux royaumes de la Chine et du Japon, tirée des lettres écrites par les missionnaires de la Compagnie de Jésus, etc. Traduit de l'italien en français. Paris, Sébastien Cramoisy, 1627, in-8.°

MACHER (JOÃO ——).—Jesuita, natural de Pleibourg, na Corinthia.

Vita Magni Indiarum Apostoli 50 poematis illustrata. Viennae, 1690, in-8.°

Paraphrasis Precationis D. Xaverii pro salute peccatorum numinumque inanium cultorum. Viennae, 1696.

MACKINTOSH (J.).

Indicação e discurso sobre os negocios de Portugal. Londres, 1829.

Observations sur les mœurs et usages des espagnols, au commencement du XIX *siècle.* Paris, 1825, 2 vol., avec gravures et plusieurs vignettes.

MACPHERSON (D.).—M. D. Madras Army, attached to the service of his Highness the Nizam, and lately with the 37th grenadier regiment in China.

Two years in China. Narrative of the Chinese expedition from its formation in April 1840, till April 1842. With an appendix, containing the most important to the general orders and despatches published during the above period. London, Saunders and Otley, 1842, 8.° gr. XII-391 pag.

A pag. 39 e 40 falla da gruta de Camões e dá em outras paginas algumas noticias da nossa Macau.

MADAME GAUTHIER.

Os amores de Camões.

Aureos paços, adeus... adeus, ó échos,
Echos brandos que o nome repetieis
De Natercia famosa... Adeus campinas
Tão verdes, tão lindas, tão saudosas,
Ai, tão lindas, por ella, que as ornava!
Adeus, adeus tambem caballa santa,
Meus symbolos de amor, signaes occultos,
Muda expressão, interprete engenhosa
De anciosos corações assim distantes!
Adeus, musa gentil dos meus folgares,
Adeus, adeus, meus ternos devaneios!
Amizade que o amor purificavas,
Encantos divinaes, enlevos d'alma,
Saudades, impressões que me ereis vida,
É força, é força esta partida!

Camões fallando com Vasco da Gama:

Vasco, le cui felice ardite antenne
Incontro al sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colla ritorno
Ove egli per che di cadere accenne.

Non più di te per aspero mar te sostenne
Quel, che fece al Cyclope oltraggio e scorno,
Nè chi turbò l'arpie nel suo soggiorno,
Nè diò più bel sujetto al colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi.
Tant' oltre stende il glorioso velo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge:
Ond' a quelli a cui s' alza il nostro polo
Ed a chi forma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

MADAME H. DUJARDAY.
Voyages et conquêtes des portugais. Paris, 1839, 4.°

MADAME ZUPI.
Souvenirs de Penha Verde. 1834.

Des rochers de Cintra, j'ai vu l'aspect sauvage,
Et du bonheur, mon âme, a senti le présage!
Que là j'aimerais vivre avec mes souvenirs!
Que je rirais du monde et de ses vains plaisirs!

De paix, de solitude, ah! mon âme est avide;
J'irais, seule, m'asseoir sur cette cime aride
Où, de l'homme pieux, j'ai vu l'humble séjour,
Là, je méditerais et prierais chaque jour!

Puis, souriant au bruit de l'Océan qui gronde,
Bientôt je reprendrais ma course vagabonde
Et je viendrais errer sous ces ombrages frais,
Que les feux du midi ne pénètrent jamais.

Je m'incline en passant devant ce chêne antique
Qui cache, à mes regards la chapelle rustique
Que j'aime ces rochers! ces arbres toujours verts
Dont la cime orgueilleuse a bravé cent hivers.

Mais une tombe manque sous le sombre feuillage,
Ma mère! Ah!... ce serait un doux pèlerinage,
Et du bois agité le bruit mystérieux
Me semblerait ta voix, que j'entendrais des cieux!

Oh!... Puis là, j'oserais laisser couler mes larmes,
Car désormais pour moi l'existence est sans charmes!
Cintra! Je t'ai rêvé pour mes jours de bonheur
Tes sauvages beautés n'ont point surpris mon cœur!

Oui, je t'avais rêvé pour retraite profonde
Lorsque mon âme en pleurs fuyait les joies du monde
Et je te quitte, hélas! beau lieu, que j'aime tant,
Je dois cacher encore mes regrets en partant,
Moi, je suis un esclave! adieu, douce chimère
Mon bonheur a passé comme une ombre légère.

MADRE MARIA DO CÉU.—Abbadessa da Esperança, em Lisboa.

A Marcella[1] dourada
É empenho de certa madrugada,
E por isso he desvello,
A manhã do Baptista ha de dizel-o;
Reparte em muitas partes seus cabellos,
Que estes são de uma dama os desvellos,
E são cabellos louros,
De que a vangloria faz os seus thesouros,
Mereciam melhor outros cuidados,
Que tão loucos inventos,
Desdouram na figura os pensamentos.

MADRID (DIEGO DE ——).—Predicador de S. M, definidor y chronista de la provincia de San Joseph.

Vida admirable del phenix serafico y redivivo Francisco, San Pedro de Alcantara, hijo legitimo del Patriarca de los pobres evangelicos, y mejorado heredero de su espirito apostolico, robusto Atlante de la descalzez, y mas estrecha observancia, valiente Alcides del renovado Carmelo, fundador de la Santa Provincia de San Joseph, y de toda su posteridad portentosa, y reformador de la Religion Serafica. Obra posthuma. Escrita por el reverendo Padre Fray ——. Sacala a luz el R. P. Fr. Juan de la Calzada, Predicador y ex-definidor de la referida provincia, y Visitador de la Santa Provincia de la Purissima Conception. En Madrid, en la oficina de Manuel Martins, año MDCCLXV. 2 vol., 8.º gr.

S. Pedro de Alcantara entrou em Portugal, ou no fim de 1541, ou nos principios do seguinte, para fundar um convento franciscano na serra da Arrabida.

MAFFAEUM (F. RAFFAELEM ——).—Venetum theologum servorum, et **DIVI ANTONII** de Padua minoritae.

Sermones dominicales moralissimi super Evangelia totius anni. Adjectis in fine tribus sermonibus in gratiam eorum qui juxta Evangelia Missalis reformati concionatur. Per ——. Venetiis, 1574, apud Joan. Antonium Bertanum. 8.º, 607 pag.

MAFFEI, em latim, ou **MAFFEJUS (JOÃO PEDRO ——).**—Natural de Berganno, onde nasceu em 1535; acceitou em 1563 a cadeira de eloquencia em Genova, e addicionou no anno seguinte a este emprego o de secretario da

[1] Marcella significa desvello.

republica, que abandonou de repente, e entrou para a Companhia de Jesus em Roma no anno de 1565. Foi immediatamente designado para succeder ao padre Perpiniano na cadeira de eloquencia do collegio romano, e a regeu por espaço de seis annos com grande aproveitamento. É um dos melhores escriptores da companhia. Morreu em Tivoli no anno de 1603[1].

Historiarum Indicarum libri XVI. Florentiae, 1588. *Selectarum Epistolarum ex India, libri* IV, *Jo. Petro Maffeio interprete. Ejusdem de* LII *e Societate Jesu dum in Brasiliam navigavit, pro Catholica fide interfectis Epistolae II. Item Vita Ignatii Loyolae, lib.* III. *Eodem Maffeio auctore.* Venetiis, 1588, in-4.º

Historiarum Indicaram lib. XVI. *Selectarum item ex India Epistolarum eodem inteprete, lib* IV. *Accessit Ignatii Loyolae Vita postremo recognita. Et in opera singula copiosus index.* Lugduni, ex-officina Junctarum, 1589, in-4.º, 688 pag. sem os indices. *Omnia ab auctore recognita, et nunc primum in Germania excusa. Item in singula copiosus index.* Coloniae Agrippinae, in officina Birckmannica, sumptibus Arnoldi Mylii, 1589, fol., 541 pag.

Omnia ab auctore recognita et emendata. In singula copiosus index. Coloniae Agrippinae, in officina Birckmannica, sumptibus Arnoldi Mylii, 1590, in-8.º, 763 pag., não incluindo o indice. Coloniae Aggrippinae, ex-officina Birckmannica, 1593, in-fol. Jo. Petri Maffei, Bergomatis, e Societate Jesu, *Historiarum Indicarum libri* XVI. *Selectarum item ex India Epistolarum libri* IV. *Accessit liber recentiorum Epistolarum a Joanne Hayo Dalgattiensi Scoto ex eadem Societate nunc primum excusus, cum Indice accurato. Duobus tomis distributi. Omnia ab Auctore recognita et emendata. In singula copiosus index.* Antuerpiae, ex-officina Martini Nutii, MDCV, in-8.º Contém este volume: *Indice; Historiarum Indicarum liber primus, etc., etc.,* 478 pag. *Selectarum Epistolarum ex India libri quatuor Joanne Petro Maffeio interprete,* pag. 1 a 202. *De quinquaginta duobus e Soc. Jesu, dum in Brasiliam navigant, pro catholica fide interfectis, epistolae duae. Petri Diazi ad Leonem Henricum provinciae Lusitaniae pro Societate Jesu Praepositum,* pag. 202 a 213. A primeira carta é datada de: *Ex Insula Materia* XV, *Kal. Sept.* MDLXX; e a segunda: *Olisipone V Idus Decemb.* MDLXXI. *Emmanuelis Acostae Lusitani Historia rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum, ad annum usque Christi Domini* MDLXVIII. *Recognita et latinitate donata a Joanne Petro Maffeio Bergomate, Societatis Jesu, Presbytero,* pag. 213 e 279. *De Japonicis rebus Epistolae, in editione Veneta praetermissae, quarum lectio Christiano lectori mirifice placebit,* pag. 271 e 359. *De rebus Indicis Epistolae in editione Veneta praetermissae,* pag. 360 e 401, alem do index. Apparece a seguir: *Ignatii Loyolae Vita, etc.* O padre Coronelli faz menção d'esta edição; D. Clemente (*Bibl. Cur.*, tomo I, pag. 37, duvidava da sua existencia). *Omnia ab Auctore recognita et emendata. In singula copiosus index.* Cadomi, apud Adamum Cavelier ou Jacob. Mangeant, 1614, in-8.º *Joannis Petri Maffeii Bergomatis e Societate Jesu Historiarum Indicarum libri* XVI. *Selectarum Epistolarum ex India libri quatuor. Anno* MDCCLII. Viennae Austriae, ex officina Trattenerianna sumptibus Augustini Bernardi, bibliopolae, in-fol., 2 tomos, 366 e 157 pag., afóra os indices. Esta edição é menos completa que a de Anvers de 1605.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 472.

Foi esta historia traduzida para varios idiomas:

Le Istorie delle Indie Orientali, scritte in latino dal P. Gio. Pietro Maffei, della Compagnia di Gesù, tradotte da M. Francesco Serdonati. Firenze, Fillippo Giunti, 1589, in-4.º, in Venezia, appresso Damian Zenaro, 1589, in-4.º *Le Storie dell' Indie Orientali, del P. Gio. Pietro Maffei, tradotte di latino in lingua Toscana, da M. Francesco Serdonati Fiorentino citate, come testo di lingua nel vocabulario della Crusca, colle lettere scelte scritte dall' Indie e dal medesimo tradotte.* Bergamo, appresso Pietro Cancellotti, 1749, in-4.º, 2 vol., 551 e 224 pag., afóra a epistola dedicatoria e a vida do auctor. Boa traducção, citada pela academia della Crusca. *Istorie dell' Indie Orientali del. P. Gio. Pietro Maffei, tradotte in lingua Toscana da M. Francesco Serdonati Fiorentino.* Milano, 1806, in-8.º, 3 vol.

Histoire des Indes, de Jean Pierre Maffei, &c., traduite par F. A. D. L. B. Chanoine de Périgueux. (François Arnault de la Boirie.) Lyon, J. Pillehotte, 1603 ou 1604, in-8.º

Histoire des Indes Orientales et Occidentales, par Jean Pierne Mafée, traduie du latin par M. M. D. P. (Michel de Pure.) Paris, Robert de Ninville, 1665, in-4.º

As traducções francezas são pouco estimadas.

Tambem foi vertido para hespanhol.

Opera omnia latine scripta, nunc primum in unum corpus collecta, variisque illustrationibus exornata. Accedit Maffeji vita Petro Antonio Serassio auctore. Bergomi. Excudebat Petrus Lancellotus, 1747, in-4.º, 2 vol., XLVIII-458 e 515 pag. 1747, in-4.º

Contém esta edição: Tomus I: *Historiarum Indicarum libri sexdecim,* XLVIII-458 pag. Tomo II: *De rebus Indicis ad annum usque a Deipara Virgine* MDLXVIII. *Commentarius Emmanuelis Acostae Lusitani a Jo. Petro Maffejo Bergomate recognitus et latinitate donatus.* Pag. 1. *De rebus Indicis Epistolarum liber.* Pag. 47. *De Japonicis rebus Epistolarum libri sex.* Pag. 91. *De quinquaginta duobus et Societate Jesu dum in Brasiliam navigant pro fide Catholica interfectis Epistolae duae.* Pag. 325. *Acta Consistorii legatis Japoniis publice exhibiti.* Pag. 337.

MAGALHÃES (D. J. G. DE ——).

Faits de l'esprit humain. Paris, 1860.

Foi traduzido do portuguez por Chauselle.

MAGALHÃES (DIOGO DE ——).—Jesuita, portuguez.

La conversion de trois grands rois infidèles de la secte de Mahomet, lesquels se sont rendus chrétiens et tous leurs sujets, au pays des Indes méridionales par le R. D. Diego di Magalianes, de la Compagnie de Jésus. Paris, chez A. Lefebre, jouxte la copie imprimée à Rouen, par P. Courant, sur la copie imprimée à Aix, par Philippe Coignat, 1608, in-8.º Lyon, Jean Gareau, 1608, in-8.º

Na *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* a pag. 369 do vol. IV, assevera-se ser Magalhães jesuita portuguez, e desconhecido de todos os bibliographos antigos, e manda consultar Ternaux Campans, *Bibliothèque asiatique,* n.ºs 990 e 991.

MAGASIN PITTORESQUE. *(De 1876.)*

Publica:

Vista da cidade de Macau; Pés de vinha notaveis em Portugal, pag. 187;

Barbas de D. João de Castro, pag. 207; *Methodo de ensinar mudos, por Jacob Rodrigues Pereira,* pag. 311.

MAGNIN (CHARLES ——).

Causeries et méditations. Paris, 1843, 2 vol. in-8.º

O segundo tomo d'esta obra, consagrado quasi inteiramente á litteratura portugueza, contém: *Vida de Camões,* que occupa 101 pag.

É um artigo rarissimo e foi tambem publicado na *Révue des deux mondes,* a 15 de abril de 1832.

MAGOLOTTI (LAURENT ——).— Florentino.

Relazioni varie cavate de una traduzione ingleza del original portughese, fatta de Girolamo Lobo, jesuita. Florencia, 1793, in-4.º

Thévenot julgava ter dado no vol. IV de suas *Viagens* a relação, ao menos em parte, do padre Lobo, e alguns o repetiram assim, crendo na sua palavra; mas o que Thévenot deu foi sómente o fructo de algumas conversas que Mr. de Sotwell, enviado de Inglaterra a Portugal, e Toynard, tiveram com o padre Lobo durante os annos de 1666 e 1667. Nem uns nem outros tinham visto os manuscriptos dos quaes o padre Gand apresentou a traducção.

Um extracto de Lobo se encontra na *Collecção de viagens,* por Gotfried, traduzido em hollandez:

Gedenkwaardige Aanteekeningen, gehouden door den Eerwaarden Vader Hieronimus Lobo op syn Voyagie gedaan in het Jaar 1636. Aangaande het Rykder Abyssinen: de Oorsprongen en Overvloyingen des Nyls; de Oorsprong van den Tytel van Priester Jan, Koning der Abyssinen; Oorsaak des naams van de Roode-Zee; Beschryving van den Eenhoorn, de Phaenix, de Pellikaan en de Paradys-Vogel. Waar by gevoegt zyn, de Aanteekeningen door den Heer Thevenot Bibliothecaris van den Koning van Vankryk; strekkende tot beter verstand van Vader Lobo. Nu alder-eerst uyt het Frans vertralt. Met noodig Register en Konst-Printen vernykt. Te Leyden by Pieter van der Aa (sem data), fol. (Gothico.)[1]

MAHON (EUGÈNE ——).

Tribute (A) to the genius of Arthur Napoleon, the portuguese pianist. London, printed by J. Moore, 6, Southampton Street, 1855, 8.º, 24 pag.

Lines addressed to Arthur Napoleon, Liverpool, 1853.

Lorsque sur les touches d'ivoire
On voit tes doigts passer, bondir,
Comme sous un rayon de gloire
Ton front semble alors resplendir!

Dis-moi, jeune âme à peine éclose,
Où tu puises tes purs accents?
Quelle phénomenale cause
Ainsi développa tes sens?

D'où te vient cette intelligence
Si grande en sa précocité?
Qui te donne tant de puissance
Avec tant de fragilité?

Que cherche, aux vagues de l'espace,
L'éclair fièvreux de ton regard?
Est-ce quelque songe qui passe,
Ou quelque secret de ton art?

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. II, pag. 365.

Pauvre enfant, né d'hier à peine,
Chacun se demande comment
Ton âme est déjà toute pleine
D'harmonie et de sentiment.

Que t'inspire la rêverie
Que ton front ne peut contenir?
Oh! dis-moi — d'une autre patrie
Serait-ce le ressouvenir?

N'importe! ta route est tracée,
Dieu la fit belle devant toi;
Napoléon! suis ta pensée,
Et dans ton art tu seras Roi!

Royauté touchante et bénie,
Empire puissant sur les cœurs:
Ton sceptre sera le génie,
Ta couronne sera de fleurs.

Mais cette foule qui te nomme,
Tous ces bravos que tu reçois,
T'en disent bien plus que ma voix,
Petit enfant déjà grand homme!

(Pag. 21.)

The following lines, addressed to Arthur Napoleon, appeared in the Königlich Privilegirte Berlinische Zeitung, February 27, 1855.

In der Sphären ew' ger Klarheit
Tönt Musik;
Aus des Glaubens sel' ger Warheit
Weht Musik;
Mit Musik, der Liebe Sehnen
Schwellt die Brust;
Und sie kehrt des Schmerzes Thränen
Froh in Lust!
Als des Himmels beste Gabe
Reinster Glück,
Hast du, holder, süsser Knabe,
Die Musik;

Hast im kindlich reinen Herzen
Harmonie,
Und der Liebe und der Schmerzen
Poesie!
Unbewusst durch deiner Klänge
Misterschaft,
In der Brust weckst du Gesänge
Geisterhaft!
Wahre Dir so hohen Segen
Gottes Schutz;
Engel seien Deinen Wegen
Schirm und Truth!

MAILLATII DE SZEKHELY (ALTONIO ——).—Jesuita austriaco.

Panegyricus S. Francisco Xaverio magno animo, constantia, fortitudine Apostolica. Tyrnaviae, 1766, in-4.°

MAINTENON (MADAME ——).

Conversations inédites de ——. Paris, 1828, in-12.

Vem n'esta obra uma carta a mademoiselle D'Artigny, carta que diz respeito á mulher de El-Rei D. Affonso VI de Portugal.

MAIO (ANGELO ——).—Sanctissimi Domini Praelato domestico, Vaticanae Basilicae Canonico et Bibliothecae Praefecto.

A este jesuita celeberrimo as letras devem relevantissimos serviços com a decifração dos antigos palimpsestos, que nos restituiu tantos trabalhos dos antigos gregos e romanos.

Laudatio funebris in Johannem VI, Lusitanae Regem Fidelissimum et Brasiliae Imperatorem habita in Sacello Vaticano V. Kal. Julias an. MDCCCXXVII. *Ad Leonem XII. Ab Angelo Maio Sanctissimi Domini praelato domestico Vaticanae*

Basilicae Canonico et Bibliothecae Praefecto. Romae, typis Vaticanis, MDCCCXXVII, in 4.º, 50 pag.

Traz os retratos de D. João VI, D. Pedro IV e D. Izabel Maria.

Maio, nascido no anno de 1782 em Schilpario, e fallecido em 1854, é uma verdadeira celebridade na republica das letras. Foi elle que, com uma paciencia heroica, se entregou ao exame dos palimpsestos, e d'este penosissimo estudo resultou possuirmos hoje:

M. T. Ciceronis trium orationum pro Scauro, pro Tullio, pro Flacco partes ineditae cum antiquo scholiaste etiam inedito.

M. Tullii Ciceronis trium orationum in Clodium et Curionem, de aere alieno Milonis, de rege Alexandrino fragmenta inedita, item ad tres praedictas orationes et ad alias Tullianas quatuor editas. Commentarius antiquus qui videtur Asconii Pediani.

M. Cornelii Frontonis opera inedita, cum epistolis etiam ineditis Antonii Pii, Marci Aurelii, Lucii Veri et Appiani, necnon aliorum veterum fragmentis.

Quinti Aurelii Symmachi, VIII rationum ineditarum partes, cum vetere anonymi oratoris fragmento et Pliniani panegyrici variis aliquot lectionibus.

Marci Accii Plauti fragmenta inedita, item ad F. Terentiam commentationes et picturae ineditae.

Planti Vidularia et Isaei oratio de haereditate Cleonymi.

Themistii philosophi Oratio adhuc inedita in eos a quibus ad praefecturam susceptam fuerat vituperatus, graeca cum latina editoris interpretatione.

Dyonisii Halicarnassi Antiquitatum Romanarum pars hatenus desiderata, nempe libri postremi novem.

Philonis Judaei De virtute ejusque partibus.

Porphyrii philosophi ad Marcellam conjugem, &c.

Sibyllae libri XIV: additur sextus liber et pars octavi, &c.

Itinerarium Alexandri.

Julii Valerii de rebus gestis Alexandri Macedonis libri tres.

Philonis Judaei de Cophini festo.

M. T. Ciceronis oratiorum partium ineditarum editio altera.

Virgilii Maronis interpretes veteres. Asper Cornutus, Haterianus, Longus, Nysus, Probus, Scaurus, Sulpicius et anonymus.

Eusebii Pamphili Chronicorum Canonum libri II.

Dydimi Alexandri Marmorum et lignorum quorumvis Mensurae graece et latine.

Ilyadis fragmenta antiquissima.

Juris civilis antejustiniani reliquae ineditae.

Vaticana Juris Romani fragmenta.

M. Tulii Ciceronis De republica quae supersunt.

Catalogo de' papiri egiziani della Bibliotheca Vaticana.

Scriptorum veterum nova collectio e Vaticanis codicibus edicta.

Spicilegium Romanum.

Patrum nova Bibliotheca.

Por estes immensos trabalhos se póde avaliar quem era o homem em nome do qual a Inglaterra mandou cunhar uma moeda, e que recitou a oração funebre de D. João VI.[1]

Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XXXII.

MAIRE (LE ——).

Les voyages du Sieur —— aux Isles Canaries, Cap Verd, Senegal & Gambie, sous M. Dancourt, Directeur general de la Compagnie Royale d'Afrique. In-12. Paris, chez Jacques Combat, rue Saint Jacques, au Pelican, 1695[1].

MAJOR (RICH. HENRY ——).

The Discoveries of Prince Henry the Navigator and their results; being the narrative of the discovery by sea, within one century, of more than half the world. London, 1877, 326 pag. in-8.º Coloured portrait of Prince Henry.

MAKEBLYDE (LUIS ——).— Jesuita, natural de Poperingue, em Flandres Oriental, onde nasceu am 1564, vindo a fallecer em Delft no anno de 1630.

Historie der Christenen gemartelizeerd in Japonien in het jaer 1604. Vertaeld uyt het fransch. T' Antweerpen, by Hieronimus Verdussen, 1609, in-12.

MALAGRIDA (GABRIEL ——).— Nascido em 1689, em Marcajo, no Milanez. Passou ainda novo á America, onde desempenhou pelo espaço de vinte e nove annos as funcções de missionario no Maranhão e no Brazil. No seu regresso a Portugal veiu a ser uma das victimas de Pombal, julgado como hereje, e queimado vivo n'um auto de fé a 21 de setembro de 1761.

Conhecem-se tres peças dramaticas compostas pelo padre Malagrida para collegios: *A fidelidade de Lorentino, Santo Adriano* e *Aman.* Esta ultima não tinha talvez pouco contribuido para o odio que o marquez havia concebido contra o auctor[2].

Judicium de vera causa terrae motus quem passa est Ulisipo die 1 Nov. 1755.

«No dia 1.º de novembro de 1755, um tremor de terra, ao qual o incendio addicionou seus estragos, veiu trazer a Lisboa o lucto e a miseria. Os jesuitas arrojaram-se ás ruinas e ás lavaredas para salvarem os desgraçados. O padre Malagrida mostrou-se um dos mais intrepidos, mas por esta occasião tambem se levantou com muita liberdade contra os vicios da capital. Malagrida não podia escapar a uma censura. Um edital condemnou expressamente o: *Giudizio della verace Cagione del terremoto, che a sofferto la corte di Lisbona, nel primo di Novembre del 1755. Autore Gabriele Malagrida.*

Vida heroica e admiravel da gloriosa Sant'Anna, mãe da Santa Virgem, dictada pela propria Santa.

Historia imperii antichristi.

Por causa d'estes dois escriptos foi Malagrida julgado como hereje e condemnado ao fogo; suas obras, quando mesmo fossem d'elle, nada mais provariam do que um simples delirio n'este velho, enfraquecido pelos horrores de uma prisão de tres annos. O manuscripto não foi apresentado durante o processo, e os pretendidos fragmentos que foram citados são da composição do famoso padre Norberto, que então escrevia recebendo ordenado de Carvalho, debaixo do nome de abbade Platel. A memoria do padre Malagrida foi justificada pelos escriptores

---

[1] *Journal des Sçavans*, 1695, 30 de maio.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. III, pag. 475.

religiosos e até pelos proprios protestantes. Pombal teve o cuidado de justificar o seu procedimento por uma chusma de libellos contra os jesuitas.

Appareceu um grande numero de escriptos por esta occasião:

Rélation abregée, concernant la République, que les Religieux, nommés Jésuites, des Provinces de Portugal et d'Espagne ont établie dans les Pays et domaines d'outre-mer de ces deux Monarchies, et de la guerre qu'ils y ont excitée et soutenue contre les armées Espagnole et Portugaise. Dressée sur les régistres de secrétariat des deux commissaires respectifs, principaux et plénipotentiaires des deux couronnes, et sur d'autres pièces authentiques. Traduit de original portugais, publié par ordre de la Cour de Portugal. A Amsterdam, aux dépens de la Compagnie, 1758, in-12, VI-60 pag.

Histoire de la Conspiration des Jésuites contre la vie de la Personne Sacrée de Sa Majesté Très-Fidèle, le Roi de Portugal Joseph I, avec ce qui a précédé et suivi cet attentat. In-12, 102 pag. e 202. Sem mais indicações.

Procès-verbal de condamnation de Gabriel de Malagrida, Jésuite, par l'inquisition de Portugal; contenant la sentence des inquisiteurs et de l'Arrest de la Cour Souveraine appelée de la Relation. A Lisbonne, chez Antoine Rodrigues Galhardo, 1761, in-12, IV-47 pag.

Procès verbal de condamnation de Gabriel Malagrida, Jésuite, par l'Inquisition de Portugal; contenant la sentence des inquisiteurs et l'Arrêt de la Cour Souveraine, appelée de la Relation (sur la copie imprimée à Lisbonne chez Antoine Rodrigues Galhardo, rue Saint Bénoit, 1761). A Amsterdam, chez Rey, 1762, in-8.º

Arrest des inquisiteurs, Ordinaire et Députés de la Sainte Inquisition, contre le père Gabriel Malagrida, Jésuite, lú dans l'Acte public de Foi, célébré à Lisbonne le 20 setembre 1761. Traduit sur l'imprimé portugais. A Lisbonne, chez Antoine Rodrigues Gallardo, rue Saint Bénoit, 1761, in-12, 123 pag. em francez e em portuguez.

Contra o costume da côrte, mandou imprimir immediatamente o processo do padre Malagrida, e distribuiu alguns exemplares para sondar o publico, mas Carvalho mandou immediatamente recolher os exemplares para os substituir por um outro impresso. Para tornar este mais authentico e desacreditar o primeiro, mandou que um juiz assignasse todos os exemplares.

Liste des personnes qui ont été condamnés à l'Acte public de Foi célébré dans le Cloître du Couvent de Saint Dominique de Lisbonne le 20 setembre 1761. A Lisbonne, 1761, in-12, 28 pag.

Relation de l'Autho da Fé de Lisbonne. In-12, 12 pag. Folheto tecido das mais infames calumnias.

Exécution du père Malagrida, jésuite, auteur du régicide commis sur le Roi de Portugal, le 3 septembre 1758. In-12, 12 pag.

Lettre de M. l'Abbé Platel, sur l'exécution du père Malagrida. In-12, 16 pag. O titulo anterior resa: *Lettre de M. l'Abbé Platel à un de ses amis de Paris, contenant une relation exacte et circonstanciée de l'exécution du père Malagrida, jésuite.* De Lisbonne, le 22 septembre 1761.

Osservazioni sopra la Relazione della condamna, ed esecuzione del Gesuita Gabriele Malagrida dall' Abbate Platel scritta ad un vescovo di Francia. In-16, 42 pag., sem qualquer outra indicação.

Idée véridique du révérend père Gabriele Malagrida, jésuite italien, exécuté à Lisbonne, par sentence de l'inquisition. Extrait de deux lettres, l'une écrite de Se-

ville le 14 octobre 1761, l'autre de Madrid, le 17 novembre 1761. A Liège, chez Szyme, imprimeur-libraire, proche le Palais, à l'Enseigne de la Verité, MDCCLXII, in-12, 8 pag.

Extrait des Registres du Parlement séant à Rouen. In-12, 10 pag. No fim: A Rouen, chez Jac. Jos. de le Boullanger, imprimeur du Roi et du Parlement, rue du Petit Maulevrier, 1762.

O parlamento de Rouen ordenou que o libello intitulado: *Idée véridique, etc.*, ha de ser rasgado e queimado proximo da grande escadaria do palacio, pelo executor da alta justiça, como attentatorio contra o respeito devido á magestade dos Reis, injurioso contra a dignidade dos seus ministros, fanatico e insidioso. Esta *Idée*, a favor do padre Malagrida, está escripta com muita moderação e só diz a verdade.

Prose en l'honneur du père Malagrida, sur l'air du Dies irae, dies illa, qu'on chante à l'Église. In-12, 15 pag.

Le chevalier d'Oliveyra brulé en effigie comme hérétique. Comment et pourquoi? Anédoctes et reflexions sur ce sujet, données au public par lui même. A Londres, de l'imprimerie de J. Haberkorn, et se vend chez W. Nicoll, 1762, in-12.

A sentença do Santo Officio contra Oliveira e Malagrida foi executada no mesmo auto de fé. Oliveira emprehende sua defeza contra a injustiça do tribunal da inquisação, como sendo refugiado em Londres e tendo abraçado o protestantismo, eis a unica rasão que elle faz valer. Alem d'isso podemos censural-o por empregar excessivos azedumes e impeto em suas rasões.

Sentenza della Santa Inquisizione di Lisbona contro il padre Gabriele Malagrida, della Compagnia denominata de Gesù, con la Conferma della medesima fatta dal Tribunale della Relazione. Tradotta dalla lingua portughese. Lisbona, 1761, nella stamperia di Michele Rodrigues, stampatore patriarcale, in-8.°, 61 pag.

Relazione della condanna, ed esecuzione del Gesuita Gabriele Malagrida, dall' Abbate Platel, scritta ad un vescovo di Francia, tradotta dal francese in italiano. Ibid., in-8.°, 29 pag.

The Proceedings and Sentence of the spiritual court of Inquisition of Portugal, against Gabriel Malagrida, jesuit, for heresy, hypocrisy, false prophecies, impostures and various other heinous crimes, together with the sentence of the lay court of Justice, passed on him the 20th day of September 1761, and published in Lisbon by authority, faithfully translated from the original portuguese. London, printed for Marsh, 1762, in-4.°

Il buon raziocinio dimostratto in due scritti, o siano saggi critico apologetici sul famoso Processo, e tragico fine del fu P. Gabriele Malagrida, Sacerdote Professo e celebre Missionario della già soppressa Compagnia di Gesù, Consigliere straordinario ezandio di sua Maestà Fedelissima il fu Re D. Giuseppe I, di felice recordanza ne' dominj oltramarini. Giustiziato a Lisbona addi 20 settembre 1761, MDCCLXXXII. *Con le debite licenze.* In-8.°, CLXXXII pag. e 10 fl. para o prefacio. *Saggio primo sul Processo del fu P. Malagrida; con una chiara dimostrazione della sua innocenza, ricavata dal Processo medesimo,* pag. 1-LXXXVI. *Saggio Secondo sull' argomento stesso del Processo e della condanna di Malagrida. Dimostrasi, non essere il S. Tribunale, ma Carvalho, con nome di esso, l'autore principale, ed inventore famigerato di quanto legessi in detto Processo,* pag. LXXXVII, etc.

Caballero diz: «Cordara foi tambem auctor de um dos dois escriptos, que foram dados á luz juntamente em 1782 e 1784, com este rosto: *Il buon ragiocinio*

dimostrato in due scritti, ossiano saggi critico-apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu Padre Gabriele Malagrida. Lugano, 1784. Isto é 2.ª edição, de nenhum modo nomeados Cajetano Forti, promotor da fé, auctor do primeiro opusculo, nem Cordara, auctor do segundo, o qual já desde o anno de 1761 andava pelas mãos de todos com este titulo: *Estratto del processo del P. Malagrida con una chiara dimostrazione della sua innocenza cavata dal processo medesimo in risposta ad un Amico — ut scribit Franciscus Carrara, qui primigenium MSS. penes se habebat. Unde perperam in his duobus editis Luganensibus alius dicitur fuisse Auctor.*

Les Jésuites, odes enrichies de notes curieuses pour servir à l'intelligence de cet ouvrage (par l'abbé du Laurens et Grouber de Groubental). Rome, au dépens du général. Paris, 1761, in-8.º

«O abbade Laurens, que até hoje por um erro mui propagado foi chamado Laurent, partiu a pé para a Hollanda no dia immediato ao da publicação d'esta obra, sem dizer adeus a seu collaborador e amigo, a quem vieram prender no seu domicilio em virtude de uma ordem de prisão, e que esteve um mez na Bastilha. O abbade Laurens publicou na Hollanda uma nova edição das suas satyras contra os jesuitas, debaixo d'este titulo: *Les Jesuitiques enrichis... suivies des honneurs et de l'oraison funèbre du R. P. Gabriel Malagrida, prononcée dans la Sainte chapelle des Oreillons par le R. P.—Thunder Ten Tavrik Jésuite.* Rome, 1762, in-12.

Vide a noticia ácerca do abbade de Laurens (por Gaubert) á frente da nova edição do poema *La Chandelle de Arras,* Paris, Delance, 1807, in-12, e nas *Les Quatre Saisons du Parnase,* Printemps, 1807, pag. 105 e segg.

O padre Francisco Rodrigues escreveu a *Vida do P. Malagrida.* Mr. de la Serna Santander possuia o manuscripto, e o descreve, assim como tambem uma historia da perseguição de Carvalho:

Historia persecutionis Societatis Jesu in Lusitania, Sebast. Josepho Carvalho Mello, sub Josepho I, regnum moderante. 7 vol. in-fol.

«Esta interessante historia, da qual se imprimiu um extracto debaixo do titulo de *Anecdotes sur le Ministère de Seb. Jos. Carvalho, &c.* Varsovia, 1773, in-12, e que serviu de base ás *Memoires de Seb. Jos. Carvalho,* impressas sem designação de localidade em 1784, 4 vol. in-12, é dividida em tres partes. A primeira comprehende em cinco livros o que se passou no reino de Portugal; a segunda o que occorreu na provincia de Goa nas Indias Orientaes, e a terceira comprehende os acontecimentos occorridos nas provincias do Brazil e do Maranhão, na America. Os auctores, testemunhas oculares d'esta horrivel catastrophe, narram todos os factos historicos com a maior minuciosidade. Á geração futura ha de custar bastante a acreditar que a oppressão e a tyrannia tenham sido levadas, n'um reino como o de Portugal, a ponto de fazerem morrer no meio dos tormentos que fazem bramar a humanidade, mais de quatrocentas pessoas innocentes e sem defeza, debaixo do governo despotico do mais execravel ministro que jámais existiu, cujo nome ha de ser em todos os tempos de horror para o genero humano. Comtudo seu desprezo para com a côrte de Roma, e particularmente seu odio implacavel contra os jesuitas, lhe souberam merecer os maiores elogios em a nova edição da *Arte de verificar as datas,* Paris, 1783, in-fol, *Tantaene animis cœlestibus irae?*»

De Vita Ven. P. Gabrielis Malagridae Societatis Jesu, insignis Missionarium

Apostolicorum prototypi libri IV, *a P. Mathia Rodriguez scripti Romae anno Domini 1762.* In-fol. ms. em papel de 377 pag. afóra os preliminares e as provas.

«Faz este volume parte da historia precedente. Os trabalhos apostolicos aguentados com um zêlo tão ardente para a propagação do evangelho no Maranhão e no Brazil, a vida exemplar do padre Malagrida depois do seu regresso a Lisboa, suas virtudes heroicas, seu zêlo para com a religião, suas prégações, etc., eram continuas exprobações, que inflammavam cada vez mais o odio implacavel do ministro Carvalho, o qual empregou tudo quanto o poder arbitrario póde imaginar de mais odioso contra o padre Malagrida, cujo tragico fim ninguem desconhece. Seneca diria muito a proposito: *Non potest ullam authoritatem habere sententia, ubi, qui damnatus est, damnat. (Catalogue des livres de la Bibliothèque de M. C. de la Serna Santander, redigé et mis en ordre par lui-même; avec des notes bibliographiques et littéraires; nouvellement corrigé et augmenté.* Bruxelles, an XI (1803), in-8.º, 4 vol., n.os 4:040 e 4:041.»

Uma copia da obra de M. Mathias Rodrigues se conserva na bibliotheca dos padres bollandistas, em Bruxellas.

De Vita V. P. Gabrielis Malagridae Natione Itali, Patria Menasiensis e Societate Jesu Socii V. Provinciae Maragnonensis, insignisque Missionariorum Apostolicarum Prototypi libri quatuor. A quodam ex eadem Societ. ac V. Prova Presbytero locubrati Anno a partu Virg. MDCCLXII. Romae, 8.º, 312 pag. afóra a epistola e dedicatoria. Assignado, Mathias Rodrigues.

Malagrida, tragedie en trois actes. Paris, 1763, in-12, 64 pag., comprehendendo os preliminares, sem nome do auctor. Pelo abbade Pierre Longchamps.

Foi reimpressa com este titulo: *Malagrida, ou les jésuites conspirateurs, tragedie en trois actes et en vers.* Paris, de l'imprimerie Duverger, 1826, in-32.

«Esta tragedia, que foi attribuida a Leblanc de Guillet, é dirigida contra os jesuitas, aos quaes acabaram de expulsar de Portugal: «A sociedade, diz o auctor, podia existir dez seculos com uma melhor economia; porém, por immenso que fosse o seu poder, despendeu mais ainda em crimes do que medrou em credito. Supprimiram cuidadosamente estas expressões violentas e anti-jesuiticas, cujos exemplares se tornaram raros.» *(Bibl. dram. de Soleinne,* n.º 2:049.)

Este drama é muito mal urdido e o seu auctor muito cobarde, não pondo o seu nome na peça, sem duvida porque trazia habito ecclesiastico, pois nenhum perigo havia então em declamar contra os jesuitas, que acabavam de ser expulsos da França.

MALATESTE (ABBÉ P. FELIX ——).—Bachelier en theologie, curé de Cuzorn, diocese de Agen.

Saint François Xavier ou Conquête de l'Inde et du Japon. Poëme en douze chants par ——. Ouvrage approuvé par Mgr. Chaulet d'Outremont, evêque d'Agen. Paris, Bray et Retaur, 1875, 434 pag.

MALDONADO (P. JOANNE BAPTISTE DE ——).

Illustre Certamen R. P. Joannis de Britto e Societate Jesu Lusitani in odium Fidei a Regulo Marava trucidati quarta die Februarii 1693. Antuerpiae, 1697.

MALESWORTH.

Several years travels through Portugal, Spain, Italy, Germany, Prussia, Sweden, Denmark and the United Provinces. London, 1702.

MALLET (ALLAIN MANESSON ——).

Les Travaux de Mars ou la fortification nouvelle, tant régulière qu'irregulière, divisée en trois parties, dedié au Roy par ——. Paris, 1671, 2 vol. in-8.º[1]

Na primeira parte, pag. 176, 212, 218 e 246, Manesson Mallet, havendo regressado a Paris, onde de engenheiro passára a professor de mathematicas dos pagens de Luiz XIV, falla dos planos, profis e outras obras que tinha executado no decurso dos annos de 1667 e 1668, por ordem de Schomberg e Affonso VI, em Villa Viçosa, Extremoz e Setubal.

N'outra obra, *La Conduite du comte de Galloway en Espagne et en Portugal, &c.,* Rotterdam, 8.º, pag. 15, faz-se menção de um engenheiro e capitão Massé, que acompanhava á peninsula Henri de Massue, marquez de Povigny.

MALLET (DAVID ——).

Elvira. A tragedy. London, 1763.

No *post scriptum* falla com muito louvor de Camões.

Ha outra edição de 1778.

A tragedia foi inspirada pelo episodio dos *Lusiadas*[2].

MAMIANI (P. LUIZ VINCENCIO ——).

Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri. Rio de Janeiro, 1877.

MANARA.

Breve raconto delle vitte delle due Eroine Domenicane Giovanna Principessa di Portogallo, et Osannena Andreasi di Mantoua. Vieña, 1698. (Opusculeto), in-8.º picciolo.

MANDELSLO (JEAN ALBERT DE ——).

Voyages célèbres et remarquables faits de Perse aux Indes Orientales, par le sieur ——, contenant une description nouvelle et très-curieuse de l'Indostan, de l'empire du Grand Mogol, des îles et presqu'îles de l'Orient, des royaumes de Siam, du Japon, de la Chine, du Congo, &c., mis en ordre et publiés par Adam Olearius, traduits de l'original par A. de Wicquefort... Divisé en deux parties. Nouvelle édition. Amsterdam, 1727, 2 vol.

MANGIONI (GIO. BATT. ——).

Il Giardino Grammaticale raccolto nel P. Emmanuele Alvares della Compagnia di Giesù, ed in altri celebri Autori della Compagnia, da ——. Roma, Domenico Hercole, 1710, 8.º

MANIFESTE *du royaume de Portugal.* Delf, 1641, in-4.º

Falla d'este livro o sr. Camillo Castello Branco, *Narcoticos,* vol. II, pag. 43.

---

[1] R. Francisque Michel, *Les portugais en France et les français en Portugal,* pag. 56.

[2] Theophilo Braga, *Bibliographia camoneana,* pag. 216.

MANNING (REV. HENRY EDWARD ——).—D. D.

Pictures of Christian Heroism by the Rev. ——. London. Burns and Lambert. 1855, in-8.º

O prefacio corre desde pag. VII até XX.

Principia na pag. 1 a biographia dos martyres portuguezes Azevedo e seus companheiros, ou os quarenta jesuitas, no anno de 1570, e termina na pag. 25.

A pag. 44 começa a biographia do bemaventurado João de Brito, da companhia de Jesus, e termina a pág. 73.

E a pag. 241 começa a vida do nosso fr. Thomé de Jesus, a qual termina a pag. 256.

MANOUCHI (M.).—Venetien.

Histoire générale de l'Empire du Mogol, troisième partie, contenant le règne d'Orangzeb, sur les Mémoires portugaises de ——, *par le P. Catrou, de la Compagnie de Jésus.* A Paris, chez Jean de Nulli.

«Nos dois primeiros volumes d'esta obra, impressos em 1705, o padre Catrou, jesuita, deu ao publico sobre as Memorias de Mr. Manouchi, a *Historia geral do Mogol desde o estabelecimento d'este imperio, por Tamerlank, até ao reinado de Orangzeb;* n'estes dois ultimos volumes verá o publico com prazer a historia de Orangzeb, tão famoso por suas acções e caracter, quanto pela duração de seu reinado. Manouchi podia fornecer memorias muito exactas, por isso que esteve na côrte d'este Mogol.»

Diz o *Journal des Sçavans,* de 1705, pag. 128, que Manouchi escrevêra em lingua portugueza a *Historia do Mogol.*

MANTEGAZZA (P.).

Une Journée à Madère. Traduit de l'italien avec l'auctorisation de l'auteur, par Madame C. Thiry. Paris, C. Reinwald, 1822, 8.º, VIII-214 pag.

«Tres vezes passei por defronte da Madeira, e sempre ouvi sair dos labios dos viajantes os mais vulgares, estas palavras: «Porque não tenho eu uma cabana n'este paraizo?» (Pag. 17.)

«Toda a ilha é um jardim.» (Pag. 20.)

O auctor faz, com effeito, os maiores elogios á ilha da Madeira n'esta obra; mas o livro, admiravelmente bem escripto, faz por vezes que as lagrimas involuntariamente cáiam sobre o livro, ao descrever os horrorosos soffrimentos dos tisicos, e ao narrar as atrozes consequencias da tisica hereditaria.

MANUEL *géographique et statistique de Portugal.* Paris, 1810, 8.º, 1 vol., 125 pag.

Vem mencionada esta obra no tomo VI pag. 43 de *L'Espagne et le Portugal,* par Mr. Breton.

«Le Tage, dit un de nos écrivains, est le prince des fleuves de la Peninsule, et celui dont la navigation tire le plus de parti, grâces au port de Lisbonne qui est un des plus beaux du monde.»

MANUEL *du Voyageur en 6 langues: Anglais, Allemand, Français, Italien, Espagnol et Portugais.* Paris, 1810.

MANZANO (DR. D. FRANCESCO RAMOS DEL ——).

A Nuestro Santissimo Padre Alexandro VII, sobre la provision de los Obispados vacantes en la corona de Portugal. Madrid, por Joseph Fernandez de Buendia, 1659, fol. de 120 fl.

Al nostro S. Padre Alessandro Settimo in torno al provedimento de' vescodavi vacanti nella corona di Portogallo. Il dottor ——. Madrid, 1661, fol.

MAP (A) *new and exact of Spain and Portugal.* 1717.

MAP (A NEW MILITARY) *of Spain and Portugal. Compiled from the nautical surveys of Don Vicent Tofino: the new Provincial Maps of Don Thomas Lopez; the large map of the Pyrenees by Roussil, and various original documents. On twelve large sheets.* 1812.

MAPA *de Hespanha e Portugal, segundo D. Thomas Lopes.* 1810.

MAPPA *de los caminos de hierro de España y Portugal.* Madrid, 1863.

MAPPA *dos reinos de Portugal e Algarve, feito sobre as memorias topographicas de Vasque de Cozuela, e as do padre Lacerta, &c., por J. A. Rizzi Zanoni.* Paris, Lattré, 1780.

Bella carta colorida, dividida em duas folhas, medindo cada uma 30 × 42.

MAPPAS MUNDI.

O mappa-mundi de John Ruysch, mappa mundi mais conhecido por causa das recentes descobertas observadas em Roma no anno de 1508, é a primeira carta gravada onde figura o Brazil.

A nomenclatura, como as configurações, são exclusivamente em portuguez. O que, porém, é proprio d'este geographo, é a Terra Nova, aonde elle mesmo foi, sendo tambem o primeiro que sondou o continente. Emquanto ao resto da America, não a visitou, e por consequencia seguiu o que dizem os mappas portuguezes.

No mappa mundi denominado de Santo Agostinho, ao norte do rio da provincia de Pernambuco, Cabo Frio, ao norte do Rio de Janeiro e Cananea, posto do sul da provincia de S. Paulo[1].

«Sem entrarmos em desenvolvimentos muito longos, a primeira carta gravada para este trabalho foi feita no anno de 1508.

«Todavia mencionarei, á vista de uma carta que me escrevia recentemente o Imperador D. Pedro, alguns documentos d'esta obra importante, que o augusto associado da academia das sciencias me apontava como sendo de indole para attrahir particularmente a curiosidade de seus compatriotas.»

MARCABRUS.—Antigo trovador da Aquitania.

Allude a Portugal nos seus versos, como havendo tomado parte na cruzada contra os Almohades, em 1142. V. Raynouard, *Choix de poesies des troubadours,* pag. 192[2].

---

[1] *Journal des Sçavans,* de 1890, a pag. 497.

[2] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

MARCHESE (D. ANNIBALE ——).

Canzone delle lodi del Serenissimo D. Giovanni V Re di Portogallo, di Algarbe, del Brasile, &c. Composta dal duca ——. En Napoli, nella stamperia di Felice Mosca. 1723, 16 pag.

MARCHETTI (ANNIBAL ——).— Jesuita, italiano.

De laudibus D. Francisci Xaverii Oratio. Florentiae, typis Francisci Vitaliani, 1698, in-12, 100 pag. A approvação é de Roma, 1696, 25 de outubro.

MACHETTI (GIOVANNI ——).

A Maria Pia di Savoia quando andava esposa a Don Luigi I Re di Portogallo. Canzone. Torino, 1862, tipographia Eredi Botta Palazzo Carignano, 4.º gr., 9 pag.

MARCOS ZAPATA.

Poz em scena na cidade de Madrid uma zarzuela intitulada *Camões.* V. o jornal satyrico *O Rigoleto,* n.º 9, julho de 1890.

MARECHAL DUCA DI SALDANHA.

Concordanza della scienze naturali e principalmente della geologia con la genesi. Roma, 1863, in-4.º

MARGARITA (CONTE CLEMENTE SORARO DELLA ——).— Ministro e primo segretario di stato per gli affari esteri del Re Carlo Alberto.

Avvedimenti politici del ——. Torino, dai tipografii-librai Speirani e Tortoni, 1853, 4.º, 384 pag.

Esta obra é extraordinariamente hostil ao marquez de Pombal.

«... tristo il marchese di Pombal, infelice il Portogallo! Questa nazione annoverata un tempo fra le prime potenze, padrona di un vasto imperio, di sette colonie, è scesa fra quelle di terz' ordine, senz' influenza in Europa, senza possanza e quasi vassalla dell' Inghilterra. Cessò d' essere fiorente, cominciò la sua rovina dal regno dell' inetto Giuseppe I, che lasciò il governo in mano dell' uomo più infausto che sia mai nato in quella terra, ed a ragione annoverato fra i grandi precursori della rivoluzione sociale. La guerra dichiarata dal marchese dal Pombal alla Chiesa, le sue contese colla S. Sede, l' oppressione del clero, le persecuzioni de' migliori vescovi, de' più santi istituti, le sue violenze, le vittime del suo furore, son tutte scritte nella 'storia: mi basta rammentare che alle opere inique tennero dietro calamità irreparabili...» (Pag. 296.)

Á vista do exposto não admira que sympathise com D. Miguel, ao qual, com effeito, se mostra affeiçoado.

MARGBY (PIERRE ——).

Les navigations françaises et la révolution maritime du XIV *au* XVI *siècle, d'après les documents inédits tirés de France, d'Angleterre, d'Espagne et d'Italie, par* ——. Paris, librairie Tross, 1867, 8.º gr., 443 pag.

.....

«Os escriptores estrangeiros, para fazerem sobresaír mais as expedições de seus concidadãos, parecem comprazer-se em rebaixar as dos francezes. Por outra

parte, o amor proprio local de algumas de nossas provincias tende a exagerar o merecimento de seus marinheiros nas descobertas sobre o nosso continente.

«Onde está a verdade entre as allegações de uns e as pretensões dos outros? Em que epocha pozemos nós o pé pela primeira vez na Africa, alem do Cabo Bojador? Descobrimos nós a America do Norte antes dos inglezes, a do Sul antes dos hespanhoes, e a Asia e as terras Austraes antes dos portuguezes? Foram os hollandezes os primeiros que na realidade reclamaram a liberdade dos mares?

«Tem-se, em summa, dito tudo quanto importa conhecer ácerca dos homens que desde o seculo XIV até ao XVI tomaram parte entre nós na reforma maritima? Tem se, por exemplo, precisado o estado da sciencia da navegação e das idéas cosmographicas que deviam concorrer para mudar a face do mundo, multiplicando para os habitantes da Europa as obras do Creador?

«As paginas seguintes têem por alvo responder a uma parte d'estas questões e fazer conhecer melhor alguns d'esses generosos pilotos, que, segundo as palavras do poeta, prepararam uma nova ordem de cousas, conduzindo ousados peões para terras desconhecidas:

Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo.
Alter erit tum Tiphys, et altera quae vehat Argos
Delectos hereas.

«Se procurarmos em primeiro logar examinar as primeiras navegações dos europeus na Africa, vemos que os portuguezes baseiam seus titulos de prioridade nos terrores que experimentavam seus marinheiros quando se engolphavam alem do cabo Bojador, n'aquelle tempo *terminus* do mundo conhecido do lado da Africa.

«Como ultrapassariamos nós, diziam elles, os limites assentes por nossos paes? Que proveito póde, alem d'isso, colher o Infante, da destruição de nossos corpos, e ao mesmo tempo da perdição de nossas almas, pois é com perfeito conhecimento das cousas que havemos de ser homicidas de nós mesmos? É claro, ajuntavam elles, que para alem do Cabo Bojador não ha nem povos nem cidades. A terra não é menos areenta do que os desertos da Lybia, onde não existe nem agua, nem arvore, nem herva verdejante, e o mar é alli tão baixo, que a uma legua de terra já se não encontra uma braça de fundo. As correntes são taes, que o navio que ultrapassar aquelle ponto, não poderá voltar. E eis porque nossos antepassados nunca tiveram animo para irem alem, e certamente é mister que a obscuridade, na qual tudo isto tem jazido, não tenha contribuido pouco para não terem sabido marcar aquelles pontos nas cartas por meio das quaes nos guiamos em todos os mares patentes á navegação dos homens. Segundo parece, á vista d'esta passagem da *Chronica da Guiné*, escripta por Gomes Eannes d'Azurara, o receio d'aquelles marinheiros era tão grande, que, durante muito tempo, para o dominar, houve necessidade da perseverança do Infante D. Henrique, e ainda mais da auctoridade do seu caracter, que da sua alta posição.

«Não contestâmos os terrores dos navegantes portuguezes, pois é um dos seus historiadores que d'elles falla. Mas então eram elles desconhecedores das theorias dos povos mais adiantados do que elles nos estudos cosmographicos; e se o Infante tanto apertava com elles, era, sem duvida, porque alem das indicações que recebêra de certos prisioneiros, depois da tomada de Ceuta, ácerca dos

paizes situados alem do Cabo Bojador, podia tambem, possuindo uma instrucção superior á de seus marinheiros, ter conhecimento das doutrinas que se professavam na França, no collegio de Navarra.

«As doutrinas de Nicolau Oresme, bispo de Lisieux em tempo de Carlos V, faziam presentir a extensão do mundo tanto ao sul, como ao oeste, e, se os portuguezes as ignoravam, tinham ainda maiores rasões para não conhecerem as navegações pelas quaes haviam elles sido precedidos no reconhecimento da Africa, assim como tambem tinham sido precedidos nas conjecturas fecundas da erudição pela universidade de París.

«Citámos já Tedisio Doria e Ugolino Vivaldi, como tendo tocado em Guiné na sua procura, em 1285, de uma passagem ás Indias pela Africa. Não é, porém, a sua tentativa a unica que precedeu as explorações dos portuguezes alem do Cabo Bojador.

«Ao lado d'aquella marinha tão activa e tão habil da Italia, havia tambem uma outra não menos notavel desde o seculo XIII: era a dos catalães, e a da ilha de Majorca. *O Fenix de las maravillas del órbe,* de Raymond Lulle, refere que os catalães serviam-se antes de 1286 de cartas de marear, e Cristóbal Cladera diz que se fabricavam em Majorca instrumentos, grosseiros sem duvida, mas permittindo, comtudo, achar o tempo e a altura do polo a bordo dos navios.

«D'alli, diz M. de Humboldt, algumas luzes na primitiva recebidas dos arabes se espalharam por toda a bacia do Mediterraneo, e o illustre sabio não hesita em trazer á lembrança que um navegador catalão, D. Jaime Ferrer, tinha chegado no mez de agosto de 1346 á embocadura do rio Ouro, cinco graus ao sul do cabo Não. M. de Humboldt traz ao mesmo tempo á lembrança algumas navegações dos dieppenses ás costas de Guiné, de 1364 a 1390.

«Outros eruditos, não se limitando a essas navegações, chegam igualmente mesmo a dizer que no seculo XIII alguns negociantes rochellenses tinham penetrado até ao interior da Africa pelo Senegal e pela Gambia[1].

«Não é do meu gosto nenhum genero de disputa, mas certas considerações dão origem a discussões provenientes das reclamações de diversos povos contra os portuguezes sobre este ponto, uma questão do mais alto interesse na historia do direito das gentes.

«Os portuguezes se auctorisaram com titulos, com os quaes pretenderam e pretendem ainda a prioridade da descoberta das costas occidentaes de Africa, para obterem da côrte de Roma privilegios que estabelecessem não sómente sua soberania exclusiva sobre os mares vizinhos da Africa e da India[2], mas ainda a permissão para reduzir á escravidão os povos pagãos ou idolatras que descobrissem, com o fim de os levarem ao conhecimento da verdadeira fé[3]. Foram-lhes

---

[1] Eugène Couchy, *Droit maritime international*, Paris, 1862, vol. I.

[2] Quod nullus, nisi cum suis nautis ac navibus et certi tributi solutione obtentaque prius desuper expressa ab eodem rege vel infante licentia, sed dictas provincias navigare aut in earum portubus contractare seu in mari piscari praesumeret. *(Declaratio tum Septam tum reliquam Africam a promontoriis Baradoc et Nam ad Ghineam usque, vel etiam ultra ad antarcticum omniaque adjacentia Saracenorum regna Lusitanae coronae esse addictas.* 1454.)

[3] Nos, praemissa omnia et singula debita meditatione attendentes, quod cum olim praefato Alfonso Regi quoscumque Saracenos ac paganos aliosque Christi inimicos ubicumque constitutos ac regna, ducatus, principatus, dominia, possessiones et mobilia et immobilia bona quaecumque per eos detenta, ac

estes privilegios concedidos em 1454, nas bullas de Nicolau V, e essas bullas marcaram a introducção de dois erros igualmente funestos, contra os quaes a humanidade teve de reagir.

«A reivindicação da liberdade de navegação e de commercio sobre o Oceano tem mantido durante mais de cento e cincoenta annos as nações europeas, e a França á frente d'ellas, em armas contra Portugal, bem como contra a Hespanha, e desde 8 de agosto de 1444, dia nefasto, em que teve logar em Lagos a celebre venda de escravos pretos debaixo das vistas de D. Henrique, as consciencias perturbadas dos christãos poderam assistir aos estragos de um flagello que não cessou de despertar os odios e a guerra contra a raça negra e contra a raça branca, se é verdade que, debaixo d'uma relação, e até certo ponto as bullas terminaram por terem o effeito que os papas desejavam.

«Com effeito a raça negra foi iniciada na civilisação por meio da escravatura[1], que a transportava para fóra do seu continente natal.

«Á vista de taes resultados, mas tambem á vista da dupla violação do direito das gentes, que marca a gloria conquistada pelos portuguezes nas suas expedições africanas, póde a historia ligar um real interesse a conhecer se os privilegios já contrarios ao direito natural eram igualmente mal baseados sobre uma pretensão insustentavel, quero dizer, aquella que os considerandos da bulla de Nicolau V poem á vista primeiro que tudo, isto é: que os paizes em que os portuguezes desembarcaram, eram inteiramente desconhecidos antes d'elles[2].

«Irei mais longe. Deixo de parte as relações dos rochellezes com a Africa no seculo XIII, ácerca das quaes nada sei. Mas importa conhecer, a proposito, da questão suscitada entre os normandos e os portuguezes, se os primeiros tinham levado a religião christã ás costas de Africa ao mesmo tempo que elles alli haviam chegado, e se tinham julgado necessario empregar a violencia para ganharem para a nossa fé alguns povos que os portuguezes só julgavam fazer-lhes adoptar pelo emprego da força. N'uma palavra: o trafico da escravatura remontára á primeira chegada dos francezes á Africa, assim como a doutrina do *mare clausum* data certamente da vinda dos portuguezes ás costas d'este continente.

«Bem o vemos; a questão da prioridade entre os dois povos complica-se com varias outras de uma ordem mais elevada, que estão á espera de uma solução. As numerosas polemicas travadas ácerca d'este assumpto, não o esclareceram; pelo contrario, deixam ainda muita indecisão no espirito. É pois tempo de pôr fim a esta indecisão, sem nada fazermos com precipitação. Se a influencia da

---

possessa *invadendi, conquirendi, debellandi, et subjugandi, illorumque personas in perpetuam servitutem redigendi ac regna,* ducatus, comitatus, principatus, dominia, possessiones, et bona sibi et successoribus suis applicendi, appropriandi ac in suos successorumque suorum usus et utilitatem convertendi aliis nostris litteris plenam et liberam inter caetera concessius. *(Declaratio tum Septam, &c.* 1454.)

[1] Exinde quoque multi Ghinaei et alii nigri vi capti, quidam etiam non prohibitarum rerum permutatione seu alio legitimo contractu emptionis, ad dicta regna sunt transmissi. Quorum inibi *copioso numero ad catholicam fidem conversi extiterunt,* operaturque, divina favente clementia, quod si hujusmodi cum eis continuetur progressus, vel populi ipsi ad fidem convertentur, vel saltem multorum ex iis animae Christo lucri fient. *(Declaratio tum Septam, &c.* 1454.)

[2] Praeterea, cum olim ad ipsius infantis pervenisset notitiam, quod nunquam vel saltem a memoria hominum non consuevisset per hujusmodi Oceanum mare versus meridionales et orientales plagas navigari, illudque nobis occiduis adeo foret incognitum ut nullam de partium illarum gentibus certam notitiam haberemus. *(Declaratio tum Septam, &c.* 1454.)

Europa na Africa teve um grande desenvolvimento com os estabelecimentos formados por aquella nas costas d'este continente, o papel da raça africana exportada para a America não é de menor importancia, pelos serviços que prestou em o Novo Mundo, como pelas revoluções que produziu, e por sua emancipação, que, com o andar dos tempos, lhe permitte aspirar ás mesmas vantagens que a raça branca

«A meu ver, são estes os motivos que dão cada vez mais o desejo de conhecermos a epocha precisa das primeiras relações entre as duas raças, e se é á França, ou ao reinado de Carlos V que devemos em parte essa iniciativa, cujos resultados têem sido bons.

«Debaixo da preoccupação d'este desejo, pensei em introduzir a luz na obscuridade em que terçâmos a favor da tradição franceza, e a mostrar a nós mesmos qual foi o nosso ponto de partida na grande revolução que se preparava então.

*
* *

«Cumpre dizel-o, não foram os nossos francezes os primeiros que reivindicaram para si a prioridade das descobertas alem do Cabo Bojador antes dos portuguezes; foram os estrangeiros, e quando os francezes entraram a fallar n'um tal assumpto, só o fizeram de um modo summario, mui insufficiente. Foi esta até mesmo uma das causas que prolongaram pelo espaço de duzentos annos o processo, ao qual nós tinhamos desde o principio sem duvida alguma meio de findar.

«Á frente dos que sustentam a prioridade das descobertas francezas alem dos limites que os antigos não tinham ousado transpor, figura o dr. Samuel Braun, que fez de 1611 a 1620 tres viagens á Guiné, e a quem alguns negros de uma idade mui avançada, contavam em 1617 as cousas que sabiam de seus antepassados, cujos paes viviam ao tempo do primeiro estabelecimento dos portuguezes. Em conformidade com estas tradições tinham nossos francezes precedido muito estes ultimos na feitoria da Mina (na costa de Oiro). Não fallo do Rei preto que Braun em 1614 encontrou no Cabo Monte (costa da Serra Leôa), fallando muito bem o francez, pois os nossos marinheiros tiveram relações com os pretos no seculo XVI, e continuaram.

«Mais tarde, em 1643, a hydrographia do padre Fournier recordava que antes que os portuguezes nos houvessem tirado a Mina, toda a Guiné estava cheia de nossas colonias, que tinham os nomes das cidades da França, de onde ellas tinham saído.

«Lemos, depois, na descripção da Africa, publicada em hollandez pelo dr. Olivier Drapper, que differentes datas, postas em alguns logares, demonstravam a antiguidade do nosso estabelecimento do castello de Mina. Por exemplo, uma bateria em ruinas, restaurada alguns annos antes, tinha o nome de «bateria de França», por ser de construcção franceza, e por se terem os francezes, conforme o que diziam os indigenas, estabelecido n'este logar antes dos portuguezes. Para apoio d'esta asserção tinham os hollandezes achado o millesimo do anno de 1300, desgraçadamente não se tinha podido perceber os dois ultimos numeros.

«N'uma pequena camara do forte existia tambem uma outra inscripção gravada em pedra, entre duas velhas pilastras, mas quasi inteiramente apagada e

por conseguinte illegivel, ao passo que o armazem ou tercena via-se haver sido construido no anno de 1484, em tempo de D. João II, Rei de Portugal, como o manifestava o millesimo collocado por cima da porta, o qual estava ainda claro e tão inteiro como se remontasse sómente a alguns annos; de onde era mister concluir, na opinião de Dapper, que as outras datas mencionadas precedentemente deviam ser muito mais antigas.

«Finalmente, em 1669 e 1670, o sr. d'Elbée, commissario geral da marinha nas ilhas e na costa da Guiné, observava ao longo de Ceberé (Riocobus) e proximo d'este local, entre a costa do Marfim e a costa de Ouro, uma capella pertencente aos hollandezes, á qual davam o nome de Santo Antonio de Axim. Parecia muito bem construida, e tinham assegurado ao sr. d'Elbée, que outr'ora pertencêra aos francezes, e que até mesmo tinham estado por cima da porta d'este castello as armas do Rei de França, as quaes, havia sete ou oito annos, tinham sido apeadas pelos hollandezes.

«A estes documentos já citados por diversos escriptores, é preciso ajuntar um manuscripto. O capitão Gabriel Ducasse, na sua relação da viagem que fez á Guiné dois annos antes da sua nomeação para o governo de S. Domingos, confirma com algumas particularidades mais, todos os factos asseverados por Dapper ácerca da posição da Mina.

«A opinião commum das pessoas oriundas do paiz, diz elle, é de que foram os francezes os primeiros que construiram e fizeram as descobertas d'esta costa, com quatro navios. Contam algumas particularidades que parecem fabulosas, e que os francezes residiram por muito tempo n'estes logares, e que esta fortaleza foi dada por uma filha da França em casamento a um infante de Portugal.

«O que é certo é haver alli uma bateria chamada de «França», desde tempos immemoriaes, e que depois da conquista (1637), querendo os hollandezes continuar as obras, encontraram pedras, por cima das quaes estava escripto: *année 13*, o resto achando-se sumido, e como só ha a nação franceza que pronuncie *année*, confirma isto a opinião dos pretos.

«Alem do que dizem os negros da Mina a respeito dos francezes, os de Commendo asseveram que os primeiros brancos que viram foram aquelles, e que se conservaram no paiz d'elles por muito tempo, e que com o decorrer dos annos alli morreram todos, e mostram o logar em que foram enterrados, dizendo até mesmo haverem conservado os titulos d'elles durante a successão de diversos Reis, mas que, tendo o seu paiz sido saqueado e queimado, e seu Rei morto em uma guerra que tiveram contra o Rei d'Adomey, se perderam.

«Esta antiguidade, acrescenta Ducasse, não concorda com a Historia de Portugal, pois diz que no anno de 1441 o dito Tristão, enviado á descoberta, não chegou a mais do que 20°, de onde se deve inferir que o que era desconhecido dos portuguezes, não o era dos francezes.

«O tratado concluido a 15 de dezembro de 1687, por Ducasse com o Rei de Commendo, o qual cedia aos francezes a povoação de Aguitagny, recordava n'estes termos as antigas relações dos Reis da Costa de Ouro com os francezes:

«Amoysi, pela divina Providencia e soberano de Commendo, filho e legitimo herdeiro do fallecido Asyfy, Rei e soberano do mesmo reino.

«A tradição tendo-se conservado ha alguns seculos do amor e da affeição que os Reis meus predecessores tiveram para com a nação franceza, e os testemunhos que todos meus vassallos dão, da brandura que seus antepassados gosa-

ram durante a residencia dos francezes sobre esta costa, que foi por mais de um seculo... havemos dado, cedido para todo o sempre em favor de Sua Magestade, a povoação de Aguitagny na costa do mar...[1]

«Tendo a presente cedencia sido acceita pelo sr. Ducasse, estando actualmente n'esta costa de Guiné um dos officiaes de Sua Magestade com um navio de guerra.»

«Por mais constantes que fossem estas asserções a favor dos francezes, reclamando a honra de terem precedido os portuguezes na descoberta da Africa, por mais baseadas que fossem pelos ditos dos indigenas e dos outros europeus, não bastavam ellas para a critica, que podia, com rasão, representar que nos seculos XVI e XVII tinha havido companhias commerciaes nas costas de Guiné, e que as tradições tinham sem duvida uma origem mais recente do que se suppunha. Podia então a critica, com rasão, exigir pormenores mais circumstanciados, factos mais precisos.

«Era provavelmente o que tinha sentido um sr. Villaut de Bellefonds, auctor de uma relação das costas de Africa, ao terminar essa relação com observações proprias para justificar a anterioridade dos francezes na costa de Ouro sobre todas as outras nações. Estas observações recordam, com effeito, uma serie de expedições executadas de 1364 a 1410. Em conformidade com esta narração, na primeira, que teve logar de novembro de 1364 a 1365, alguns marinheiros de Dieppe teriam armado dois navios de porte de umas cem toneladas cada um, haveriam velejado para as Canarias, teriam chegado pelo Natal a Cabo Verde, e teriam ancorado em frente de Rio Fresco, na bahia que conserva ainda, diz Villaut, o nome de «Bahia de França». Depois de algum commercio com os negros d'estes sitios, teriam elles navegado para o sudoeste, chegado a Bulembel ou serra Leôa, passado em frente do Cabo, e teriam, finalmente, parado na costa das Bagas, na embocadura de um pequeno ribeiro, junto de Rio Sestos, onde estava uma povoação que elles teriam chamado a «Pequena Dieppe», por causa da parecença da enseada e da povoação situada entre dois cerros. Tendo acabado de tomar seus carregamentos de marfim e de malagueta, teriam velejado para França.

«As seguintes emprezas, indicadas n'estas observações, mostram a associação dos commerciantes de Rouen com os de Dieppe, tendo, por conseguinte, uma expedição de quatro navios em logar de dois, e, como resultado, descobertas alem do paiz já conhecido.

«Dois d'estes navios deviam traficar desde Cabo Verde até á Pequena Dieppe, e os dois outros ir mais alem. Porém a grande quantidade de pimenta que um d'estes ultimos encontrou no Grande Sutro, não lhe permittiu ir mais longe, ao passo que a quarta embarcação passava alem da Costa dos Dentes, e continuava até á costa que segue, de onde tornava a trazer algum oiro em pó, porém ainda maior porção de marfim.

«O pobre acolhimento que tinham feito a nossos marinheiros n'estes dois logares, fez com que elles nos annos seguintes limitassem seu commercio entre

---

[1] O preto redactor d'este tratado era na realidade um preto bem fallante. Os das nossas possessões são boçaes, e não podem redigir com tanta elegancia. E quantos ha por lá que saibam escrever? Mas as palavras do tratado serão de um preto ou de um francez que lh'as dictava?

Pequena Dieppe e Grande Sutro, a que elles tinham posto o nome de París. E para tornarem mais facil seu commercio, estabeleceram-se n'estes ultimos logares, tendo igualmente aposentos em Cabo Verde, Serra Leôa e no Cabo do Monte.

«Comtudo, em 1380, a rivalidade dos estrangeiros, que seguiam seu exemplo, havia cinco annos, e a grande quantidade de productos trazida á Europa, fazendo diminuir seus lucros, resolveram os commerciantes de Dieppe e de Rouen enviar mais para o sul, para o mesmo logar em que dezeseis annos antes o primeiro navio tinha achado oiro.

«Foi, por conseguinte, aprestado em Rouen um navio de cousa de umas cento e cincoenta toneladas, e chegou á Costa de Ouro pelo fim de dezembro, de onde, nove mezes depois, regressou para Dieppe, ricamente carregado. Tendo os pretos d'esta costa notado, depois da primeira viagem, que os povos do interior procuravam as mercadorias que tinham comprado aos nossos, se tinham tornado inteiramente favoraveis. Tambem no anno seguinte, de 1381, os commerciantes da Normandia enviaram tres navios para aquelles lados. Tinham estas embarcações os nomes de *Virgem, S. Nicolau* e *Esperança*.

«As expedições seguintes são muito importantes, e cumpre, portanto, citar na integra a relação de Villaut de Bellefonds:

«A *Virgem,* diz este viajante, parou no primeiro logar que se tinha descoberto, ao qual deram o nome de Mina, por causa da quantidade de oiro que para alli se levava das circumvizinhanças. O *S. Nicolau* traficou em pretos no cabo Corse e Moré, e abaixo da Mina, e a *Esperança* foi até Atara, havendo traficado em Fantin, Sabouc e Cormentin. Dez mezes depois nossos marinheiros voltaram e souberam tão bem persuadir os commerciantes, gabando-lhes o paiz, a doçura dos habitantes e a quantidade de oiro que se poderia extrahir, que por fim resolveram estabelecer-se n'aquelle sitio, e abandonar o mais depressa possivel todos os outros.

«Em 1383 para alli enviaram tres embarcações, duas grandes e uma pequena, as quaes deviam passar alem d'Akara, para descobrirem o resto das costas. As duas grandes, havendo mettido como lastro, materiaes proprios para construcções na Mina, fizeram n'ella uma pequena cabana, onde deixaram uns dez ou doze homens, e retiraram-se ainda ricamente carregados dez mezes depois da sua partida.

«Mas a pequena embarcação, a qual queria passar Cormentin e Akara, tendo sido arrastada pelas correntes, viu-se constrangida a desviar-se, e chegou tres mezes antes do que os outros, com metade da carregação.

«Fizeram-na partir apenas os outros haviam chegado, para levar refrescos áquelles que tinham ficado em a nova habitação da Mina, que em quatro annos medrou tanto por causa da nova colonia que foi estabelecer-se n'aquelle sitio, que n'elle construiram uma igreja que ainda hoje se vê.

«Estes começos, acrescenta Villaut de Bellefonds, eram tão extraordinariamente prosperos e os lucros tão grandes, que não podiam ter longa duração.

«Tendo as guerras civis principiado em 1410, o commercio definhou com a morte de alguns commerciantes, e em vez de tres ou quatro embarcações, que partiam todos os annos do porto de Dieppe, já era muito quando em dois annos podiam lançar uma ao mar para a Costa do Ouro, e uma outra para o Grande Sutro. Por fim, augmentando-se as guerras, aquelle commercio perdeu se completamente.»

«Se compararmos as tradições que acabâmos de mencionar, com as que refere o grande chronista das descobertas na Africa, vemos que foi sómente em 1415, depois da tomada de Ceuta, que o Infante D. Henrique concebeu o designio de conquistar os paizes situados alem do cabo Bojador, por informações que lhe tinham sido fornecidas pelos arabes.

«Ainda mais: Gomes Eannes de Azurara não nos mostra que este Principe tenha começado a realisar seus projectos antes de 1433. Foi, e bem se sabe, sómente n'aquelle anno, que Gil Eannes, animado por elle, foi o primeiro entre os portuguezes, que resolveu affrontar com os perigos que faziam o terror dos mareantes do seu paiz. Só em 1434 passaram o cabo Bojador, e não chegaram senão em 1436, debaixo da direcção de Gonçalves Baldaia e de Gil Eannes, ao estuario chamado depois pelos portuguezes Rio de Ouro.

«Por isso, admittindo a narração de Villaut de Bellefonds, e as datas que os proprios portuguezes deram ás suas primeiras descobertas, teriam os normandos precedido a estes cousa de uns setenta annos alem do cabo Bojador.

«Agora, sem termos conhecimento de qualquer outro documento, haveria impossibilidade para a historia o admittirmos a narração de Villaut de Bellefonds? Não o cremos. Quando mesmo elle não se recommendasse já á confiança, pela multidão de factos que precisa, aos quaes ajunta documentos e nomes, acharia o apoio da verosimilhança nos factos anteriores. A sciencia historica do nosso tempo tem já encontrado vestigios das viagens de varios navegantes nas costas da Africa, anteriores aos dos nossos normandos; ha sómente uma differença entre as descobertas dos primeiros: é que estas têem um caracter isolado e como casual, ao passo que as navegações, das quaes Villaut fez a narração, continuam-se durante perto de cincoenta annos e deixam postas sobre as costas.

«Ha, pois, não o effeito do acaso, mas o de uma vontade constante e de uma sciencia que tem sabido vencer todos os terrores, bem como todas as difficuldades que o historiador das conquistas portuguezas attribue a seus compatriotas terem superado.

*
* *

«É mister procurar evidentemente n'esta differença que existe entre as expedições de nossos normandos e as das outras nações, a rasão dos ataques dirigidos contra nossas reclamações mais vivamente, do que contra quaesquer outras.

«Um dos ataques ficou celebre nos annaes da erudição: é o de um antigo ministro de Portugal, ao qual não foi necessario menos do que um volume in-8.º para dar vasão á sua colera. N'este livro, intitulado: *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte d'Afrique, au délà du cap Bojador,* Mr. de Santarem, em conformidade com o cardeal Saraiva, patriarcha das Indias[1], atacando todos os testemunhos que venho de citar, se esforçou por desacreditar os auctores que os apresentam.

---

[1] É tambem outra novidade que nos dá Mr. de Margry. Fr. Francisco de S. Luiz patriarcha das Indias!

«Se, por exemplo, falla de Dapper, a opinião de Mr. Eyriès, a quem Humboldt chama o sabio e engenhoso geographo, parece-lhe dever ser invocada contra a pouca escolha d'este viajante, nos materiaes por elle colhidos, os quaes induziram em erro os escriptores que n'elle se fiaram.

«Mas os tiros mais fortes que Mr. de Santarem tenta disparar, são dirigidos naturalmente contra Villaut de Bellefonds e contra o padre Labat, o qual, chegado depois d'este, diz ter visto, antes do incendio dos archivos de Dieppe, em 1694, a escriptura da associação dos rouenenses e dos dieppenses, para o commercio de Guiné.

«Aqui, embora Mr. Eyriès, cujo testemunho ainda não ha muito parecia a Mr. de Santarem bom contra Dapper, considere a obra de Villaut como uma das melhores publicadas ácerca da Africa occidental, e do auctor como dando n'ella provas de discernimento e de sinceridade, acautela-se bem o diplomata portuguez em não repetir este elogio. E está tão longe de o repetir, que, para que ninguem tenha a tentação de lhe dar credito, fustiga a importancia do pobre padre, o qual, já nas Antilhas, por ter dito a verdade ácerca de certas familias de colonos, fôra por ellas ameaçado com azorragadas.

«A verdade, que obtinha para Freret por esta epocha a Bastilha, e custava a Mzeray sua pensão, não é sempre, como vemos, proveitosa aos historiadores. Aos olhos de Mr. Santarem [1], o pae não passa de um escriptor mui superficial, merecendo pouco credito, e acrescenta, como se os escriptores houvessem revolvido todos os depositos dos tabelliães da Normandia, os quaes, segundo o que tenho visto, dormem bem tranquillamente em camadas de pó [2].

«Se o pretendido documento, do qual o padre Labat affirma ter visto uma copia, nos annaes manuscriptos houvesse existido, e houvesse outras copias, estas deveriam encontrar-se tambem nos archivos de Rouen, archivos que não foram incendiados. Mas ninguem poude encontrar, até hoje um unico documento que comprovasse a associação dos commerciantes d'esta cidade com os de Dieppe. Como póde ser que todos os documentos que deviam attestar este facto tenham desapparecido?

«O diplomata portuguez quer então que lhe mostrem alguma copia, mas quasi a seguir, por inconsequencia estranha, acha-se decidido a recusar o valor d'ella. «Bem sabemos, escreve elle, que certos espiritos que têem a mania de duvidarem de tudo, nos poderão objectar ser possivel que se consiga descobrir alguns documentos que tenham de modificar o sentido absoluto de nossa asserção; mas, embora uma tal objecção não seja nenhuma resposta, todavia nós diremos que *não é com documentos* que se póde descobrir ou pôr em duvida a historia positiva. Quando mesmo um documento se viesse a descobrir, que estivesse em opposição com factos reconhecidos por verdadeiros, não bastaria elle para deitar por terra o testemunho unanime dos contemporaneos.»

«Mr. de Santarem, aos singulares raciocinios, nos quaes nos não deteremos, cita, para provar este testemunho unanime, auctores sobre auctores, e mappas sobre mappas.

---

[1] Ignoraria Mr. de Margry que elle era visconde?

[2] Pois era bom que o governo portuguez mandasse á Normandia pessoa competente para os estudar, e para acabarem por uma vez as pretensões, pouco criveis aliás, de Avezac, Margry e varios outros.

«Esforça-se por demonstrar que todos os numerosos documentos e os escriptores contemporaneos, eram accordes para certificarem a prioridade da descoberta da costa occidental de Africa alem do cabo Bojador. Estabelece que taes documentos estavam na harmonia mais perfeita com os mappas, como com o estado da sciencia d'aquelles tempos: lembra que a prioridade dos portuguezes tinha sido geralmente proclamada e reconhecida por todos os povos da Europa, mesmo na epocha das descobertas, e reconhecida sem interrupção durante mais de dois seculos. Procura fazer ver que os auctores francezes, pelo contrario, não provavam, nem com documentos authenticos, nem com passagens dos auctores do seculo XIV ou XV, que os marinheiros da sua nação houvessem navegado alem do cabo Bojador, e tivessem fundado n'aquella epocha algum estabelecimento na Africa occidental.

«Estriba-se principalmente Mr. de Santarem nas cartas traçadas em tempo de Carlos V. A seus olhos, aquella que se acha collocada no manuscripto das *Chronicas de Saint Denis,* e apresenta a assignatura do Rei, não dá nenhum indicio que se tivesse conhecimento da costa occidental da Africa, mesmo alem do cabo Não. Com effeito, ella não traz outros nomes de regiões africanas, senão os de Egypto, Babylonia, Thebaida, Alexandria, Ethiopia e Nilo.

«Ora Mr. de Santarem sustenta que, se as pretendidas expedições dieppenses em Guiné houvessem sido feitas no reinado d'este monarcha, em 1364, que se esses mesmos dieppenses houvessem formado estabelecimentos no paiz, como pretenderam Villaut e os auctores pelos quaes foi copiada a relação da sua viagem, este immenso progresso geographico houvera sido necessariamente consignado no mappa do Rei.

«Mr. de Santarem tira as mesmas inducções do traçado da carta catalã de 1375, sobre a qual, diz elle, observámos igualmente as costas de Africa alem do cabo Bojador, sem nenhum nome: nem mesmo alli se encontra, acrescenta elle, o traçado da costa; apenas se observa uma simples linha, que se não poderia tomar senão por traçado arbitrario e feito por conjectura.

«Na opinião d'elle, este monumento geographico não offerece, por conseguinte, nenhum traço que lhe possa fazer suppor que a dita costa tenha sido conhecida dos cosmographos catalães mais do que ella o tinha sido dos da Italia. Ha, pelo contrario, diz elle, n'esta carta, perto do cabo Bojador, a nota seguinte: *Caput finis terrae occidentalis de Africa.* (Aqui começa a Africa.)

«Mr. de Santarem, que não conhece nada alem da carta de 1375, tambem não suppõe que nos cinco annos que restam de vida a Carlos V, tivesse este Principe tempo para aprender o que tinha ignorado até então. O rigor das conclusões de Mr. de Santarem daria a crer que, no seu espirito o seculo XIV era, como o nosso, um tempo de centralisação, em que o governo sabia o que fazia cada uma de suas provincias até nas circumstancias mais secundarias. Por conseguinte, desde que Carlos V ou os seus cosmographos ignoraram as primeiras expedições na occasião da sua execução, nosso adversario nega os factos allegados pelos normandos. Que lhe importa que taes expedições sejam da alçada da praça do commercio ou do almirantado, talvez mesmo expedições devidas a particulares, e por este motivo, quasi fóra dos meios de exame, taes como eu poderia hoje citar um, que tem sido feito em segredo, e receia a noticia que seria fatal a seus interesses; a unica graça que Mr. de Santarem consente em nos fazer, é de nos indicar a epocha de Francisco I como aquella em que os marinheiros fran-

cezes, aos quaes dá o nome de piratas, começaram a seguir as pégadas dos portuguezes. Recorda por esta occasião que o Rei cavalleiro prohibiu a seus marinheiros navegarem n'aquellas paragens, por causa das bullas da Santa Sé, as quaes tinham concedido aos portuguezes a soberania exclusiva d'aquelles mares, baseados na anterioridade de suas descobertas.

«Fallando assim, Mr. de Santarem não deve ignorar, comtudo, que na occasião em que Francisco I cedia momentaneamente ás pretensões dos portuguezes, a navegação nas costas da Guiné, do Brazil e das Indias, era porque este Principe, que tinha desposado em segundas nupcias a viuva de D. Manuel, recebia, por emprestimo, dinheiro do Rei de Portugal. Ora bem sabemos que os que têem necessidade, fazem áquelles que lhes emprestam dinheiro estranhas concessões, que não recommendam mais a generosidade do que a equidade d'estes ultimos[1].

Na mesma obra, e sob a epigraphe *Les deux Indes au* XIV *siècle, et l'influence sur C. Colomb,* vêmos a pag. 74:

«A descoberta da Africa alem do cabo Bojador tinha mostrado, emquanto ao sul, o pouco fundamento da opinião, que figurava as zonas inhabitaveis, por causa do seu grau de calor. Mas alem d'este empecilho, havia tambem a questão dos antipodas e a da extensão da agua, a qual julgavam cobrir a maior parte do mundo.

«Ora Santo Agostinho explicava-se muito categoricamente a respeito d'estes dois pontos:

«Emquanto ao que se conta, escreve o auctor da *Cidade de Deus* (XVI-9), que existem antipodas, isto é, homens cujos pés estão oppostos aos nossos, e que habitam esta parte da terra em que o sol se ergue, quando se esconde para nós, é mister não acreditar nada d'isto. E até mesmo não o asseveram baseados em alguma narração historica, mas sobre conjecturas e raciocinios, porque, sendo a terra redonda e achando-se suspensa no ar, imaginam que a parte que fica por debaixo de nossos pés não tem habitantes; mas não consideram que, quando mesmo fosse demonstrado que a terra é redonda, não se seguiria d'ahi que a parte que nos é opposta não esteja coberta de agua. Alem d'isso, quando ella o não estivesse, que necessidade haveria de que ella fosse habitada, pois que a Escriptura, que faz fé a respeito das cousas passadas, que ella refere como cumprimento d'aquellas que predisse, não póde mentir, e ha um extraordinario absurdo em dizer que os homens tenham atravessado uma tão vasta extensão de mar para irem povoar uma outra parte do mundo.»

«O que Santo Agostinho tinha considerado como absurdo, não devia ser julgado como tal no seculo XV, e em 1480 o poeta florentino Luígi Pulci, no *Morgante Maggiore,* fazia-se o interprete da rasão e da sciencia contra as crenças que o Papa Zacharias tinha imposto a Virgilio, bispo de Salzbourg, quando este tinha pedido ao Rei dos bohemios que as discutisse perante sabios capazes de o julgarem.

---

[1] Ácerca das pretensões francezas á prioridade das descobertas em a Guiné, é necessario ver tambem a *Vida do Infante D. Henrique,* de Henry Major.

«Mas desde 745 a critica tinha guardado bastante terreno na propria igreja, e Pulci, por sua vez, tinha por mui pouco sensata a crença de Santo Agostinho. É verdade que punha sua opinião na bôca de um espirito *molto savio, terribil, molto fero,* á vista das columnas de Hercules.

«Por um erro, cujo absurdo não foi reconhecido durante bastantes seculos, diz Astaroth a Rénaud, que informa do que este signal quer dizer, se se falla das columnas de Hercules, assegura-se que muitas pessoas pereceram querendo passar alem d'ellas.

«Sabe que tal opinião não é verdadeira; póde-se, com effeito, navegar alem; a agua é plana em todo o logar, embora a terra seja redonda. No tempo em que aquellas columnas foram portas, a especie humana era mais ignorante do que no dia de hoje, de modo que Hercules teria agora vergonha de ter erigido suas columnas, pois os navios hão de passar ainda adiante.

«Póde-se igualmente ir ao outro hemispherio, pois tudo se sustenta pelo centro, de tal sorte que a terra, por um divino mysterio, fica suspensa no meio das estrellas do céu, e n'este outro hemispherio estão cidades, castellos e imperios. Porém nós não conhecemos esses homens primitivos. Vê o sol que se apressa a marchar para os paizes em que eu te digo que o esperam.

«E como um astro se ergue no oriente, um outro se põe no occidente, como tu o vês, com uma precisão admiravel, por uma justa ponderação dos movimentos do céu. Estas nações, desconhecidas de vós, chamam-se antipodas; adoram ellas o Sol, Jupiter e Marte, e assim como vós têem ellas plantas, animaes, e têem umas contra as outras grandes batalhas.

«Nove annos depois da publicação do poema italiano, tocava Bartholomeu Dias o Cabo da Boa Esperança. Tres annos depois d'esta celebre navegação do grande piloto portuguez, chegava Colombo á America, e os navegantes, trilhando a carreira aberta antes d'elles, não tardariam em se engolpharem no que se dava antes o nome de mar Tenebroso, e no qual, ainda havia pouco, os proprios companheiros de Colombo julgavam que não havia vento para os levar á Europa. Entraram então os povos da Europa á porfia a ver qual seria d'elles o primeiro que abordasse ás Indias pelos caminhos de oeste e de éste; tambem então um artista representava n'um escudo, que está na Armeria real de Madrid, Hercules sobrepujando suas columnas debaixo dos braços, e no seu poema da *Sepmaine de la création*, nosso Saluste du Bartas consagra a redondeza da terra, prestando homenagem a esse Typhis, que

Trouvoient dessoubs nos pieds tant de mondes nouveaux vivant sur les eaux,

*
* *

Margry pretende provar que as idéas que foram o motor da expedições dos portuguezes ao Cabo da Boa Esperança, foram idéas francezas. (Pag. 94.)

«Com effeito, depois da leitura da passagem da *Chronica da Guiné,* por Gomes Eannes de Azurara, se abrirdes a *Chronica de D. João III,* de Bettencourt, o conquistador das Canarias, não encontraes alli, no capitulo LVIII, estas palavras: «A intenção do sr. Bettencourt é de abrir o caminho do Rio do Ouro, pois

se elle chegasse a bom resultado, seria grande a honra e o proveito do reino de França e de todos os reinos christãos, visto que nos approximariamos dos mercados do Preste João, do qual tantos bens e riquezas vem.».

«Vê se, pois, que no mesmo tempo em que Carlos VI, a exemplo de S. Luiz e de seus successores, mantinha relações com os monges conquistadores da Syria, da Persia e da India, os francezes precediam os portuguezes na idéa que levou estes ultimos ao Oriente pelo Cabo da Boa Esperança, assim como os tinham precedido na descoberta da Africa alem do Cabo Bojador.

«Não quero, comtudo, aproveitar-me das relações do sobrinho de D. João III de Bettencourt com os portuguezes dos Açores, para fazer suppor que foi por elle que as idéas do conquistador das Canarias passaram em tradição entre elles. Não vou tão longe. Mas se a influencia directa de nossos francezes sobre os descobridores portuguezes não póde ser provada n'este ponto, não se poderia negar, desde esta mesma epocha, a que nós tivemos sobre os hespanhoes na formação do projecto, que levou esta nação ao mar das Indias, e Colombo á America.

«Nada será mais facil para mostrar. Será o proprio Colombo que ha de dar testemunho em nossa honra. Na relação da sua terceira viagem, onde achamos seus pensamentos sobre a extensão da terra habitavel, assim se exprime:

«O mestre da historia scholastica, diz, fallando do *Genesis*, que as aguas são pouco abundantes; que quando ellas foram creadas não cobriam toda a terra senão por serem vaporosas, e como nevoeiros, e que, quando se tornaram solidas, occuparam mui pouco logar. Nicolau de Lira tem a mesma opinião. Aristoteles diz que este mundo é pequeno, que ha pouca agua e que se póde passar facilmente da Hespanha para as Indias. Avenruyz confirma esta idéa, e o cardeal Pedro d'Ailly o cita, apoiando esta opinião, que é conforme á de Seneca, dizendo que Aristoteles poude conhecer muitas cousas secretas sobre o mundo, por causa de Alexandre, o Magno, e Seneca por causa de Cesar Nero, e Plinio por causa dos Romanos, havendo uns e outros despendido muito dinheiro, empregado muitos homens, e posto muito cuidado para descobrir os segredos do mundo, e propagar o conhecimento d'elle. O mesmo cardeal concede a estes escriptores uma auctoridade maior do que a Ptolomeu e aos outros gregos e arabes: e para confirmar o que elles diziam sobre a pouca abundancia de agua, e a fraca porção de terra coberta d'essa agua, em comparação do que era narrado sobre a auctoridade de Ptolomeu e de seus sectarios, acha-se aqui uma auctoridade no terceiro livro d'Esdras, onde este escriptor sagrado diz que, das sete partes do mundo, seis estão a descoberto, e a outra está coberta de agua, a qual auctoridade é approvada por pessoas taes como Santo Agostinho e Santo Ambrosio no seu *Hexameron*, que dão credito ao terceiro e quarto livros de Esdras, onde elle diz: «Aqui virá meu filho Jesus e morrerá meu filho Christo.»

«Vê-se a importancia que Colombo dá á opinião do cardeal d'Ailly, mas não foi esta a unica acção d'este prelado francez sobre Colombo; ella se continuou até ao fim da vida do grande descobridor. Colombo, que hauria na sua fé uma parte de suas inspirações e da sua intrepidez, pensava, como se disse, pela procura das Indias ao oeste, tratar da conversão dos subditos do grão Khan, que diziam avidos de prégação. Queria igualmente contribuir, com as sommas que a India lhe fornecesse, para livrar o Santo Sepulchro.

«Mas se o duplo motivo religioso que animava a Colombo era urgente no seu pensamento, era-o principalmente, dizia elle no seu livro das *Prophecias*,

porque tudo annunciava, segundo calculos exactissimos do cardeal d'Ailly, a conversão proxima de todas as seitas, a chegada do Antechristo e a destruição do mundo. É debaixo d'esta influencia que elle escreve estas palavras: «Nosso Senhor quiz fazer um grande milagre com a minha viagem á India».

. . . . . .

MARGUERITTES (LE BARON DE ——).

La Révolution de Portugal. Tragédie dédiée a S. M. le Roi de Portugal. A Amsterdam, 1777, 8.º gr., 86 pag.

MARIA (D. NUNO BENAVIDES DE SANTA ——).

La Estrella de Portugal coronada en Esphera superior. Sermon en las exequias de la Serenissima Señora D. Izabel Luiza Josepha, Princesa de Portugal. Predicava el doctor... Que la consagra a los soberanos piés de la Reina de los Angeles, Maria Santissima, Madre de Dios, Protectora de los hombres en su Devotissima Imagen de Nuestra Señora de Peña de Francia, del Religiosissimo convento de Santo Agustin extramuros de Lisboa. Por las reales manos del Señor D. Pedro Segundo, N. S., Rey de Portugal. En Madrid, por Juan Garcia Infanzon. Año 1691, 4.º, 57 pag.

MARIA (FRANCISCA ——).

Relatio super vita, sanctitate, actis, canonizatione et miraculis Beati Francisci Xavier. Romae, 1622.

MARIA (F. ANTONIUS DE SANCTA ——).— Placentinus.

Vida de San Antonio de Padua, en octavas. 1588, 8.º

V. Nicolau Antonio, pag. 143 do primeiro volume da *Bibliotheca Nova.*

MARIA (JACOBO SUAREZ A S. ——).— Doctore theologo, Franciscanae familiae de observantia alumno, necnon Christianissimi Galliarum Regis Concionatore.

Octo Conciones Solemnitatis Corporis Christi: in quibus octo etiam causae deducuntur, ob quas a Domino Jesu Sacramentum Eucharistiae fuit institutum. Habitae Lutetiae Parisiorum a ——.

Cum duplici Indice: uno locorum Sacrae Scripturae; altero vero, rerum et verborum satis locupleto. Lugduni. Sumptibus Horatii Cardon. 1607, 8.º

Esta obra é dedicada a D. Affonso de Castelbranco, bispo de Coimbra. 220 pag.

MARIA (SUAREZ A S. ——).— Lusitanum Minoritam.

Conciones vinginti tres in tria prima Apocalypsis capita. Habitae in celeberrima Cathedrali Ecclesia Lugdunensi. Per ——. Additi sunt Sermones sex pro diebus Dominicis Adventus, ac festis Conceptionis Virginis et Nativitatis Domini. Lugduni, ex officina Juntarum 1598, 8.º, 688 pag.

A obra é dedicada a Pedro de Pinac, arcebispo de Leon, e traz os seguintes elogios em honra do auctor[1]: quatro em latim e um em grego.

---

[1] O auctor era lente de theologia no convento de S. Boaventura de Leon (prologo do 1.º volume d'esta obra).

Ha outra edição de 1599: *Per R. P. F. Jac. Suarez a S. Maria Lusitanum, Doct. Theologum, Minoritam, ac Christianissimi Regis Concionatorem.* Apud Horatium Cardon.

MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

V. *Revista Contemporanea*, vol. III, pag. 274 e 310.

MARIA (VINCENZO ——).—Missionario carmelita.

Viaggio all' Indie Orientali.

Trata das missões dos portuguezes na Asia entre os annos 1640 e 1663, segundo diz Tolbort[1].

MARIANI (ANTONIO FRANCISCO ——).—Jesuita, italiano.

Pratica divota per li dieci Venerdi, e per la Novena di S. Francesco Saverio, della Compagnia di Gesù, Apostolo dell' Indie, proposta, &c. In Bologna, per Lelio dalla Volpe, 1729, in-12; 1733, in-12 pequeno.

Vortreflichkeiten des heiligen Ignatii Lojolae, Francisci Xaverii, Francisci Regis, Francisci Borgiae und Stanislai Kostkae. München, 1752, in-12.

MARIANA (JOÃO ——).—Jesuita, escriptor celebre. Nasceu em Talavera no anno de 1537, e falleceu em Toledo em 1624. Suas obras estão continuamente fallando dos feitos dos portuguezes.

Joannis Marianae e Societate Jesu historiae de rebus Hispaniae libri XXV. Toleti, typis Petri Roderici, 1592, in-fol.

É a edição original, e ao mesmo tempo rarissima. Contém vinte livros.

Algum tempo depois apparecem exemplares com uma continuação, e apresentando a data de: Toleti, Thomas Gusmanius, 1595; outros exemplares, porém, trazem a data de 1595, tendo o seguinte titulo:

Joannis Marianae Historiae de rebus Hispaniae libri XXV *cum Indice et Vocum obscuriorum explicatione.* Toleti, typis Petri Roderici, 1595, fol.

Para tornar completa a edição original, temos de lhe acrescentar:

Historiae hispanicae appendix, libri scilicet XXI–XXX, *cum indice.* Francofurti, 1616, in-fol.[2]

Joannis Marianae historiae de rebus Hispaniae libri XX. Francofurti ad Maenum, tipis Claudii Marnii, 1603, in-fol. *Accedunt libri* X *novi a* XXI *ad* XXX. Francofurti ad Maenum, 1606, in-fol.

Encontra-se esta edição na *Hispania illustrata,* do P. André Schott, S. J. Os vinte primeiros livros no segundo tomo, e os restantes dez no quarto. Os ultimos cinco livros, acrescentados n'esta edição, estendem-se até á morte de Fernando o *Catholico* em 1516, e são tirados da edição hespanhola de 1601.

Joannis Marianae historiae de rebus Hispaniae libri XXX, *cum Indice et Vocum obscuriorum explicatione.* Moguntiae, tipis Balth. Lippii, impensis heredum Andreae Wechelii, 1605, in-4.º, 619 pag. Tomo II, 638 pag. afóra os indices.

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama,* junho de 1874, pag. 134.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 514.

É a primeira edição em que os trinta livros de Marianna se encontram reunidos n'um só corpo. A *Bibliotheca Mencken,* pag. 530, cita uma segunda edição, de Mayença, do anno 1609. Talvez convenha ler 1619, pois encontram-se alguns exemplares da edição de 1609 com esta data renovada, porque lhe juntaram o *Summarium,* que foi realmente impresso em 1619. O P. Charenton, da companhia de Jesus, acreditou que a edição de Francfort tinha sido feita depois da de Mayença, mas acabâmos de ver o contrario. Acrescenta elle que esta historia em latim havia sido impressa em outra parte, porém não havia a esse tempo, com toda a certeza, nenhuma outra edição.

Joannis Marianae Historiae de rebus Hispaniae, libri xxx *Accedunt F. Josephi Emmanuelis Minianae, Valentini Ordinis SS. Trinitatis Redemptionis Captivorum, continuationis novae libri* x; *cum Iconibus regum.* Hagae Comitum, apud Petrum de Handt, 1733, in-fol., 4 vol., 428, 379, 439 e 416 pag., afóra o indice geral, etc.

Estes dez livros de Marianna estendem-se até á tomada de Ostende, em tempo de Filippe II, anno de 1604. É edição pouco procurada, apesar dos argumentos n'ella contidos.

Joannis Marianae Summarium ad Historiam Hispaniae eorum, quae acciderunt annis sequentibus. Moguntiae, Impensis Danielis ac Davidis Aubriorum, et Clementis Schteichii, 1619, in-4.º, 41 pag. seguidas dos *Annalium Hisp. Joann. Marianae Castigationes Editionis Moguntinae,* in-4.º

Prolonga-se este *Summario* desde o anno de 1516, no qual Mariana tinha terminado sua *Historia geral,* até 1619, quinze annos mais alem da continuação de Mariana, e não é outra cousa mais do que uma lista chronologica dos principaes successos occorridos n'este espaço de cento e tres annos. A maioria dos que fallam d'este *Summario,* dizem que elle se estende a 1621. O que tão sómente se póde dar nas edições posteriores, onde o auctor poderia ter acrescentado dois ou tres annos, para conduzir a obra até á morte de Filippe III. Seja como for, este *Summario* ou *Supplemento* só parece haver sido impresso para tornar completa a edição de Mayença, e, com effeito, encontram-no algumas vezes no fim d'esta edição, que é pouco vulgar.

Historia general de España, desde su primera poblacion hasta el año de 1516, en 30 libros: compuesta primero en latin, despues buelta en castellano, por el padre Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus. En Toledo, casa de Pedro Rodriguez, 1601, in-fol., 2 vol., 1:015 e 962 pag.

Esta edição foi onde se viram os cinco ultimos livros, os outros vinte e cinco tinham já sido publicados em latim. A *Historia geral* é menos uma traducção do que uma nova obra do auctor, revista e enriquecida de quantidade de correcções e de augmentos consideraveis, e, por conseguinte, preferivel ao latim, como o reconhece expressamente o auctor na sua epistola dedicatoria a Filippe III, como o provou muito bem D. Gregorio Majans, professor de direito em Valencia.

Historia general de España, compuesta primero en latin, despues vuelta en castellano por el P. Juan Mariana. Madrid, en casa de Luís Sanchez, 1608, in-fol., 2 vol.

Ha tambem algumas correcções n'esta edição, e a esta dava o proprio auctor a preferencia, no que foi seguido pelos sabios da sua nação, que recommendam com grande cuidado que nunca citem o latim d'ella sem que previamente tenham examinado se está conforme com o hespanhol de 1608.

Historia general de España. En Madrid, por la viuda de Alonso Martin, 1617, in-fol., 2 vol.

As edições até aqui citadas só chegam até ao anno de 1516. O segundo volume d'esta edição foi impresso por Juan de Cuesta em 1616; imprimiu em 1617 o *Summario,* que apenas abrange noventa e sete annos.

Historia general de España con el Summario del P. Juan de Mariana, desde el año 1516 hasta el de 1621. Em Madrid, em casa de Luiz Sanchez, 1623, in-fol., 2 vol.

É a ultima edição feita durante a vida do auctor. O *Summario* comprehende cento e seis annos. O segundo volume foi impresso em Toledo por Diego Rodriguez.

Historia general de España, con el Sumario del P. Juan de Mariana, desde 1516 hasta 1621, y tablas cronologicas de los Reyes de los diversos Reynos de España. En Madrid, en casa de Francisco Martinez, 1633, in-fol., 2 vol.

Historia general de España... con la continuacion de Ferdinando Camargo y Salcedo. En Madrid, en casa de P. Sanchez, 1650, in-fol., 2 vol.

Esta continuação estende-se até 1650.

Historia general de España... con la continuacion de Fr. Basilio Varen de Soto. En Madrid, en casa de Andres Garcia de la Iglesia, 1670, fol., 2 vol.

Chega esta continuação até 1669.

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el P. Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus, con el Sumario y tablas. Y aora nuevamente añadido en esta ultima impresion por Don Felix Lucio de Espinosa y Malo, todo lo succedido desde el año de mil seiscientos y sesenta y nueve, hasta el de setenta y ocho. Dedicado al ilustrissimo señor doctor Don Francisco Moscoso Ossorio y Sandoval, Cavallero del Orden de Santiago, Arcediano de Madrid, en la Santa y Primada de las Españas, Iglesia de Toledo, Sumiller de Cortina de Su Majestad Católica, y de su Consejo en el Real de los Ordenes Militares de Castilla, &c. Año 1678, con privilegio. En Madrid, por Andrés Garcia de la Iglesia, impresor de libros. A costa de Gabriel de Leon, mercador de libros, diputado de los reales hospitales y consiliario del real hospicio del Ave Maria y Santo Rey Don Fernando de España. Vendese en su casa en la Puerta del Sol. In-fol., 2 vol., 751 e 622 pag.

Os *Supplementos* estão no segundo volume, o qual tem o seguinte titulo:

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el P. Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus, con el Sumario y tablas. Y aora nuevamente añadida en esta ultima impresion por Don Felix Lucio de Espinosa y Malo, todo lo succedido desde el año de mil seiscientos y sesenta y nueve, hasta el de setenta y ocho. Dedicado al ilustrisimo señor doctor Don Francisco Moscoso Ossorio y Sandoval, Cavallero del Orden de Santiago, Arcediano de Madrid en la Santa y Primada de las Españas, Iglesia de Toledo, Sumiller de Cortina de Su Majestad Católica y de su consejo en el real de las Ordenes Militares de Castilla, &c. Tomo segundo. Con privilegio. En Madrid. Por Andres Garcia de la Iglesia, impresor de libros. Acosta de Gabriel de Leon, mercador de libros, diputado de los reales hospitales y consiliario del real hospicio del Ave Maria y Santo Rey Don Fernando de España. Vendese en su casa en la Puerta del Sol.

Por toda a parte o padre Mariana, n'esta obra, está fallando dos feitos dos portuguezes. Por exemplo: livro XXII, das bodas do Rei de Portugal; liv. XXIV,

cap. VI, como El-Rei de Portugal tomou debaixo de sua protecção a D. Joanna, sua sobrinha; cap. VII, como El-Rei de Portugal se intitulou Rei Castella; cap. VIII, como El-Rei de Portugal tomou Çamora; cap. IX, como El-Rei D. Fernando recuperou Çamora; cap. X, da batalha de Toro; cap. XI, como El-Rei de Portugal se retirou para a sua terra; cap. XII, como El-Rei de Portugal partiu para França; cap. XIII, como a cidade de Toro foi tomada aos portuguezes; cap. XX, das pazes que se fizeram entre Castella e Portugal; cap. XXI, como falleceu El-Rei de Portugal; cap. XXIII, de uma conjuração feita contra o Rei de Portugal; liv. XXV, cap. XIV, como D. Affonso, Principe de Portugal, casou com a Infanta D. Izabel; liv. XVI, cap. XI, da morte de El-Rei de Portugal; cap. XVII, como os portuguezes passaram á India oriental; cap. XVIII, do que Vasco da Gama fez em Calicut; cap. XX, da navegação que se fez para a India oriental; liv. XXVI, cap. VIII, do casamento de El-Rei de Portugal; liv. XXIX, cap. XVI, da armada que o sultão enviou á India de Portugal; cap. XXIII, das cousas de Portugal; cap. XXV, da morte de Affonso de Albuquerque.

A pag. 341 começa o *Summario* do que aconteceu nos annos seguintes: 1517, morte da Rainha de Portugal; 1518, casamento de D. Leonor de Austria com El-Rei D. Manuel; 1521, casamento de D. Beatriz de Portugal e morte de El-Rei D. Manuel; 1525, casamento de D. João de Portugal com a irmã do Imperador; 1526, casamento do Imperador com D. Izabel de Portugal; 1527, questão entre Portugal e Hespanha por causas das Molucas; 1531, terremoto de Lisboa; 1537, cerco de Diu; 1545, casamento do Principe D. Filippe com D. Maria de Portugal; 1553, casamento do Principe D. João de Portugal; 1554, nascimento de El-Rei D. Sebastião; 1557, morte de El-Rei de Portugal, etc.; 1574, passagem de El-Rei de Portugal á Africa; 1577, resolve D. Sebastião passar á Africa; 1578, desgraça de El-Rei D. Sebastião e morte da Infanta D. Maria de Portugal; 1579, succede em Portugal o cardeal D. Henrique; pretendentes ao reino; escriptos dos letrados; prepara-se Filippe para a empreza de Portugal; morte do cardeal; duque de Alba destinado para tomar Portugal; D. Antonio vencido; fuga de D. Antonio; morte do historiador Jeronymo Osorio; chegada da Imperatriz e do cardeal Alberto a Portugal; 1584, o cardeal Alberto governador de Portugal; 1589, chegada da armada ingleza a Portugal, vindo n'ella D. Antonio; 1619, ida do Rei de Hespanha a Portugal; beatificação de S. Francisco Xavier.

Prosiguese el Sumario Historial de las cosas mas notables que han sucedido en toda la Europa, especialmente en España, desde el año 1621 hasta el principio del de 1849. Por el padre Fray Hernando Camargo y Salcedo, Predicador de la Orden de San Agustin, y cronista general de dicha Orden. (Pag. 381.)

1624, tomada de S. Salvador pelos hollandezes; 1630, beatificação de João de Deus; 1631, tomada de Pernambuco pelos hollandezes; 1632, jornada de D. fr. Aleixo de Menezes; conde de Linhares em Mombaça; juramento do Principe Balthazar; judeus portuguezes penitenciados; 1638, terremoto na ilha Terceira; 1640, levantamento de Portugal; a nação portugueza segue o levantamento da Catalunha, a cujo fogo quiz acrescentar mais lenha, e despenhar-se acclamando para Rei ao duque de Bragança; 1644, os francezes dissimulados em soccorro de Portugal; ida do marquez de Leganes a Portugal; 1648, presas e correrias em Portugal

Prosigue el padre Basilio Varen de Soto, antes provincial de los padres cle-

rigos regulares menores, el Summario Historical de los sucesos mas considerables, acaecidos en diferentes provincias de la monarquia española, y no menos en el ambito de la Europa, desde el año de 1650 hasta el presente, en que se termina esta adicion á la excelente historia del reverendo padre Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus.

Este continuador da historia do padre Marianna é um raio contra os portuguezes. A El-Rei D. João IV trata elle por «o de Bragança».

1651, escaramuças entre hespanhoes e portuguezes; 1654, «o de Bragança» pede ao Papa eleição de bispos; o embaixador de Portugal em Londres; desordens entre portuguezes e inglezes; 1658, cerco de Badajoz, etc., etc.

Relaciones historicas generales desde el 1.º de enero del año de 1670 hasta el ultimo de diciembre de 1676. Que escrevia Don Felix de Luzio Espinosa y Malo, &., en continuacion de la Historia del reverendo padre Juan Mariana, de la Compañia de Jesus.

As noticias chegam até ao anno de 1677, e este volume finda na pag. 622, á qual se segue a tábua dos auctores consultados, entre os quaes apparecem citados André de Rezende, Francisco Alvares e Jeronymo Osorio.

Historia general de España. Madrid, 1719, in-fol. En Leon de Francia, por Antonio Briasson, librero en la calle de Miriaderes, en la insignia del sol, 1719, in-12, 11 vol., pag. 519, 619, etc. Madrid, 1733, 1734.

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el padre Juan de Mariana. Amberes (Leon de Francia), Bousquet, 1737, 1739 ou 1751, in-12, 16 vol.

Contém esta edição a continuação do padre Mariana, vertida para hespanhol e impressa aqui pela primeirá vez.

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el padre Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus, con el Sumario y tablas. Madrid, Ibarra, 1780, in-fol., 2 vol.

É a edição mais perfeita que existe d'esta obra.

Historia general de España, que escribió el padre Juan de Mariana, ilustrada en esta nueva impresion de tablas cronologicas, notas, y observaciones criticas, con la vida del auctor. Tomo primero. Con superior permiso. En Valencia y oficina de Benito Monfort, año 1783–1796, in-fol. peq., 9 vol.

O tomo I contém: *Lista dos subscriptores; Prologo*, onde se diz que D. Domingo quiz dar á estampa esta obra, mas que morreu em 1782; *Historia da vida e escriptos do padre João de Mariana; tabuas chronologicas; Prologo do auctor;* corpo da obra, que abrange 378 pag.

É edição bem executada, ornada de retratos e vinhetas, e tornada muito recommendavel por causa das notas que a enriquecem. Fuster informa-nos que D. Vicente Antonio Noguera y Ramon cuidou d'esta edição, bem como da seguinte:

Historia general de España, que escribió el padre Juan de Mariana, ilustrada en esta nueva edicion de tablas cronologicas, notas y observaciones criticas, con la vida del autor. En Valencia y oficina de Benito Monfort, 1783, 1790, in-4.º, 6 vol.

Notas, ilustraciones y apendices á los tomos VII, VIII *y* IX *de la Historia general de España, del padre Juan de Mariana.* Valencia, por Monfort, 1791, 1796, in-4.º, por D. José Francisco Ortiz.

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el padre

Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus, con el Sumario y tablas. Decima sesta impresion. Valencia, 1794, imprenta de Don B. Monfort, in-fol., 2 vol. Valencia, 1799, imprenta de Don Benito Monfort, in-fol., 2 vol.

O volume cujo titulo segue póde servir para completar todas as edições in-fol. d'esta historia.

Continuacion de la Historia general de España del padre Juan de Mariana, por fr. José Manuel Miñana, traducida de latin al castellano por D. Vicente Romero. Madrid, 1804, fol. peq.

Historia general de España... y la continuacion por el padre fr. José Manuel Miñana, traducida al castellano por D. Victor Romaro. Madrid, Cano, 1794, in-8.º, 10 vol. com retratos.

Historia general de España, ilustrada con notas historicas e criticas, y nuevas tablas cronologicas y criticas hasta la muerte del Rey D. Carlos III, por doctor D. Jose Sabau y Blanco. Madrid, 1817, 1822, 2 vol., 4.º peq. Edição preferivel a todas precedentes, mesmo á de Valencia, 1783–1796, publicada por Vicente Noguera y Ramon.

Historia general de España. Nueva edicion, que contiene el Sumario y las tablas escritas por el autor, la continuacion del padre Miñana, traducida de la narracion de los sucesos principales desde el año 1600 en que acaba dicha continuacion, hasta el de 1808. Madrid, 1828, 1829, 9 vol., 8.º peq.

Historia general de España, que escribió el padre Juan de Mariana. Nueva edicion, en que ademas de la continuacion del padre Miñana, y una relacion de los mas notables acaecimentos hasta el año 1808; contiene las notas del señor Sabau, y otras actualmente añadidas por los editores, con un nobiliario en que se hace mencion del origen de las principales familias de España. Valencia, 1830, 1841, imprenta de M. Lopez, in-4.º, 18 vol.

Historia general de España, compuesta, emendada y añadida por el padre Juan de Mariana, aumentada en esta ultima edicion con las tablas del autor, la continuacion de Miñana hasta 1600, una narracion de los sucesos ocurridos hasta 1833, por Don José Maria Gutierrez de la Peña, y un escrito clasico del señor conde de Floridablanca á Don Carlos III, que contiene lo acaecido durante su ministerio. Barcelona, 1840, imprenta y libreria de D. Francisco Oliva, editor. Madrid, libreria de Cuesta, in-8.º, 10 vol.

Historia general de España, escrita por el padre Juan Mariana, con la continuacion de Miñana y demas autores hasta el año de 1808. Aumentada con todos los sucesos que comprenden la historia del levantamento, guerra y revolucion, escrita por el conde Toreno, y las de los demas escritores de nuestros dias hasta el pronunciamiento del 1.º de setiembre de 1840. Redactada por una sociedad de literatos. Madrid, oficina del establecimento central, 1841, etc. 20 tomos in-4.º

Histoire générale d'Espagne. Traduite en français par le père Charenton. Paris, 1725.

Histoire générale d'Espagne, traduit tant du latin que de l'espagnol, de Jean de Mariana, jésuite; avec des notes historiques, chronologiques, géographiques et généalogiques, et une préface, dans laquelle on fait la critique et l'apologie de Mariana; par Jean Rou, interprete des États-Généraux à la Haye.

Publicou-se tambem um resumo muito secco e muito succinto de Marianna:

Histoire d'Espagne, commençant à l'origine des premiers habitants du pays, et continuée jusqu'à présent, tirée de Mariana, et des plus célébres auteurs espagnols,

par Mad... A Rotterdam, chez A. Acher, 1694, in-12, 2 vol., os quaes foram seguidos de um terceiro no anno de 1699. É obra de mademoiselle de la Roche Guillen.

Histoire générale d'Espagne, depuis le commencement de la Monarchie, jusqu'à présent, tirée de Mariana et des autres historiens espagnols, par l'abbé Mureau de Bellegarde. Paris, P. H. Huart, 1723, 1726, 9 vol., in-12.

The General History of Spain from the first Peopling of it by Tubal, till the Death of King Ferdinand, Who United the Crowns of Castile and Aragon, with a continuation to the death of King Philip III. Written in Spanish by the R. F. F. John de Mariana. To which are added Two Supplements, The first By F. Ferdinand Camargo y Salcedo, the other by F. Basil Varen de Soto, bringing it down to the present Reign. The Whole translated from the Spanish by Cap. John Steves. London, printed for Richard, &c., 1699, fol., 563 pag. e mais 95 para a continuação, desde o anno 1615 até 1521 (sic).

Advertencias a la Historia del padre Juan de Mariana, de la Compañia de Jesus; impresa en Toledo en latin el año 1592, y en Romance el de 1661, en que se emenda gran parte de la historia de España, por Pedro Mantuano, secretario del Condestabile de Castilla, y Leon, &c. En Milan, por Hier. Borden, 1611, in-4.°, pag. 216. *II Impresion: En esta segunda impresion va añadida la respuesta a todas las dificuldades que puso el padre Juan de Mariana a los discursos que pricevan la Venida de Santiago á España, sacados de la libreria del Condestable de Castilla. Y tambien se responde al padre Juan de Pineda, en lo que escribió en su libro* De Rebus Salomonis, de la venida de Nabuchodonosor. *A Don Bernardino Fernandez de Velasco, Condestable de Castilla, y Leon, &c. Por Pedro Mantuano, su secretario.* En Madrid, en la imprenta Real, 1613, in-4.°, 322 pag.

No dizer do padre Charenton (prefacio de sua traducção, pag. XVI–XVII), este Pedro Mantuano não passava de reles empregado de bibliotheca, tão presumido quanto ignorante; mas, na opinião de outros, era o secretario do sabio condestavel de Castella, D. Juan Fernandez de Velasco; e até mesmo na opinião de alguns, e do proprio padre Charenton (prefacio, pag. XIV, XVI e XXX), nada mais fez do que emprestar o seu nome a seu patrão, zangado contra Mariana por causa de uma certa duvida injuriosa, e por alguma diversidade de opinião relatimente á vinda de S. Thiago á Hespanha, ácerca do qual Mariana havia escripto em latim, e Connetable em hespanhol.

La Historia general de España, del padre Juan de Mariana, defendida contra las advertencias de Pedro Mantuano, por el doctor Tomas Tamayo de Vargas. En Toledo, en casa de Pedro Rodriguez, 1616, in-4.°, 341 pag.

Tamayo de Vargas assevera que, tendo o padre Mariana recusado ler a obra, não quiz ler a defeza. O padre Charenton diz, todavia (prefacio de sua traducção, pag. XIX), que Mariana, depois de haver lido as *Advertencias,* poz as respostas na margem, e enviou tudo a Mantuano, que se mostrou muito penalisado por se ver d'este modo desprezado.

Acha-se geralmente no fim da obra citada:

Razon de la Historia del padre Juan de Mariana, de las Advertencias de Pedro Mantuano *contra ella; y de la defensa del doctor Don Tomás Tamayo de Vargas.* Toledo, 1616, in-4.° de 55 pag.

Advertencias al adicionador de la Historia del padre Juan de Mariana, impresa en Madrid el año 1669; escrita por Mr. de Cohon Truel. Paris, 1679, in-8.°

Pseudonymo de Duarte Ribeiro de Macedo, enviado ordinario de Affonso VI, Rei de Portugal, na França.

Advertencias sobre la Historia del padre Juan de Mariana, por Gaspar Hañez de Segovia (marquez de Mondejar). Valencia, 1746, in-fol. Madrid, 1795, in-8.º

Histoire de Don Jean de Portugal, roman historique, imité de l'espagnol par l'abbé Desfontaines. 1724, in-12.

Quérard attribue este livro ao padre Mariana.

A vida de Marinna foi escripta por Tomás Tamayo de Vargas.

MARIANUS (R. P. F.).

Chronicae observantiae strictioris per Christianos orbes non solum, sed Americam, Peru, Chinas, Japones, Chichemecas, Zacachecas, Indos Orientis, &c. Ingolstadii, 1625, in-4.º

MARIE (JACQUES SUARES DE SAINTE ——). — Observantin portugais, docteur en theologie, conseiller et prédicateur ordinaire du Roi.

Thresor Quadragesimal, enrichy de plusieurs relevées et admirables considérations, tant de l'Escriture Saincte que de la doctrine des Saincts Pères, pour les Sermons de tous les cours de Caresme. Composé par le R. P. F. Seconde édition, revue, corrigée, &c. Augmentée. Tome Second. Avec privilège du Roy. A Paris, chez Nicolas du Fossé, rue Saint Jacques, au Vase d'Or, 1608, 8.º, 601 pag.

Este volume (o unico que existe na bibliotheca de Lisboa) é precedido por uma poesia franceza composta por Motin em honra do auctor.

MARINHA DOS TURCOS.

«Foi sempre fraquissima[1] a marinha dos Turcos. Tendo-lhes a experiencia ensinado a conhecer quanto eram inferiores aos christãos n'um tal campo, tomaram o costume de dizerem que Deus concedeu o imperio do mar aos infieis, e o da terra aos musulmanos. Todavia, se elles se quizessem applicar á navegação, ser-lhes-ía facil serem senhores do Mediterraneo, e d'alli expulsarem os corsarios, que tão frequentemente insultam o pavilhão da Porta. Bastam tão sómente as florestas do Mar Negro para construirem frotas formidaveis. Podem extrahir da Albania e da Valachia uma grande quantidade de alcatrão, de pez e de sebo; as grossas teias e os cabos lhes vem do Cairo. O Mediterraneo lhes offerece numerosos e excellentes portos; têem estaleiros commodos e magnificos arsenaes em Constantinopla, em Sinope, na ilha de Candia e na de Chypre. Homens não lhes faltam, pois alem de outro grande numero de escravos que lhes fornecem os tartaros, e com os quaes se formam aqui os chiurmos, e levam ás costas quantidade de camponezes robustos, chamados Abab, que destinam para o serviço no mar.

«Apesar de todos estes soccorros, não tiveram jamais marinha respeitavel.

«Antes do reinado de Solimão não tinham elles sequer um navio de alto bordo. Foi este Principe que poz de verga de alto algumas embarcações, constituindo frotas consideraveis, que não fizeram jamais grandes expedições, por lhes faltarem bons marinheiros. Com difficuldade sabem elles servirem-se da bussola

---

[1] *Histoire moderne des Turcs.*

nos seus navios de guerra, e o emprego d'ella não é conhecido sobre os Saiques, que são seus navios mercantes. Os venezianos só com suas galeaças têem quasi sempre derrotado as frotas ottomanas.

«No tempo da guerra de Candia um navio francez de oitenta e quatro peças de artilheria, havendo sido atacado por trinta galés ottomanas, as poz em fuga depois de um renhido combate e se apoderou, á vista d'ellas, de uma Saica, a qual conduziu para a ilha de Syra.

«Os logares mais commerciantes, são: Smyrna, Constantinopla, Alexandreta, Seid, Rossette, Alexandria, Alepo, Cairo, Caffa, no Mar Negro, onde só aos venezianos é permittido abordar: Scio, Candia, Chypre, Rodes, Angora, etc.

«As nações europeas mantêem alguns consules ou alguns vice-consules, na maioria d'estes logares, e os francezes têem ainda outro alem de Athenas, em Napoles, de Roumania a Negroponto, em Modon, na Morea, em Durazzo, sobre o golpho de Veneza, em Salonica, em Naxos, em Paros, em Tine e em Mikon, etc.

«As mercadorias que levam para o levante, são: coxenilla, marfim, salsa parrilha, pau santo, campeche, verdete, tartaro, pimenta, outras especiarias, pannos, alguns estofos de seda, papel, estanho, obras de relojoaria, aço, espelhos, vidraças, esmaltes, faianças, café commum e pelles de fuinha.

«.....

MARINI (GIO. FILIPPO DE ——).

Delle missioni di Giesuite nella provincia del Giapone e del Tonkino. Roma, 1663, 4.º

MARKIEVITS (JACQUES ——).— Jesuita, hungaro.

S. Franciscus Xaverius vario carminum genere celebratus. Tyrnaviae, 1679, in 8.º

MARLÈS (HENRY ——).

Histoire de Portugal. Paris, 1820.
Ibidem. *Avec planches.* Paris, 1840.
Ibidem. Paris, 1851.
Ibidem. Tours, 1853, in-12, 192 pag.
Ibidem. Tours, 1860, 8.º, 185 pag.

MARLÈS (M. DE ——).

Histoire de la domination des Arabes et des Maures en Espagne et en Portugal, depuis l'invasion de ces peuples jusqu'à leur expulsion définitive; redigée sur l'histoire traduite de l'arabe en espagnol de Mr. Joseph Conde, par ——. Paris, 1825, 3 vol. in-8.º

MARQUES (RODRIGUES —).

Aventures d'Arminde et de Florise, Histoire véritable écrite en France en 1588. Avec le texte portugais. Paris, 1803.

MARRE (ARISTIDE ——).

N'uma noticia communicada á sociedade academica indo-chineza, encontra-

se um trabalho em que o referido auctor traz a seguinte lista das palavras de origem portugueza usadas na India franceza[1]:

1 — *Adjudant* (adjudant) — *Ajudante.*
2 — *Agostu* (août) — *Agosto.*
3 — *Beludo* (velours) — *Veludo.*
4 — *Bizurey* (vice-roi) — *Vice-rei.*
5 — *Boulate* (boule, bille) — *Bolla.*
6 — *Bomba* (pompe) — *Bomba.*
7 — *Boneka* (poupée) — *Boneca.*
8 — *Bosseta* (boîte) — *Boceta.*
9 — *Boya* (boîte) — *Boia.*
10 — *Dadu* (dé à jouer) — *Dado.*
11 — *Deidal* (dé à coudre) — *Dedal.*
12 — *Fita* (ruban) — *Fita.*
13 — *Garfu* (fourchette) — *Garfo.*
14 — *Gredja* (église) — *Igreja.*
15 — *Inteiro* (entier) — *Inteiro.*
16 — *Istingarda* (ancien fusil) — *Espingarda.*
17 — *Jandela, Djandella* (fenêtre, croisée) — *Janella.*
18 — *Jalu, Djulu* (juillet) — *Julho.*
19 — *Jun, Djun* (juin) — *Junho.*
20 — *Kamar* (chambre) — *Camara.*
21 — *Kameja* (chemise) — *Camisa.*
22 — *Karetta* (charrette) — *Carreta.*
23 — *Krjo, Kedjo* (fromage) — *Queijo.*
24 — *Kowelo* (lapin) — *Coelho.*
25 — *Lingsu* (tissu de fil, de coton, mouchoir) — *Lenço.*
26 — *Mantega* (beurre) — *Manteiga.*
27 — *Marmor* (marbre), *Marmore.*
28 — *Medja, Mesa* (table à manjer) — *Mesa.*
29 — *Milu* (maïs) — *Milho.*
30 — *Minggo* (dimanche) — *Domingo.*
31 — *Murang* (mèche à canon) — *Murrão.*
32 — *Orgaon* (orgues) — *Orgão.*
33 — *Padri* (père, prête) — *Padre.*
34 — *Paseyar* (se promener) — *Passear.*
35 — *Peluro* (boulet, grosse balle) — *Pelouro.*
36 — *Pombaq* (colombe) — *Pomba.*
37 — *Prada* (argenfure, mince feuille d'argent) — *Prata.*
38 — *Pulan* (un tel, quelqu'un) — *Fulano.*
39 — *Renda* (dentelle, bordure, galon) — *Renda.*
40 — *Roda* (roue) — *Roda.*
41 — *Sanggrah* (signer) — *Sangrar.*
42 — *Sapatu* (soulier, chaussure) — *Sapato.*

---

[1] R. Francisque Michel, *Les portugais en France et les français en Portugal*, pag. 164

43 — *Sekula* (école) — *Escola.*
44 — *Sinnor* (seigneur) — *Senhor.*
45 — *Soldado* (soldat) — *Soldado.*
46 — *Sumaka* (semaque, embarcation de transport, à deux mâts) — *Sumaca.*
47 — *Tchinela* (mule, pantoufle) — *Chinela.*
48 — *Tempo* (temps) — *Tempo.*
49 — *Tenda* (tente) — *Tenda.*
50 — *Terigu* (blé, froment) — *Trigo.*
51 — *Tinta* (teinture, couleur, encre) — *Tinta.*
52 — *Tangkeira* (palissade) — *Tranqueira.*
53 — *Trinquet* (misaine) — *Trinquete.*
54 — *Tuala* (tuwala, serviette, essuye mains) — *Toalha.*

MARTELLI (MARIANO DE BORGONZONI ——).—Socio e Censore dell' Arcadia Lusitana, &c., &c., sotto nome di Martillo Felsineo.

La Vera Felicità. Componimento Drammatico Da cantarsi Nella Real Villa di Queluz Per il felice Natale del Serenissimo Real Principe della Beira. Nella stamperia di Francesco Luigi Ameno. 1761.

Por el felicisimo cumpleaños di Sua Reale Altezza il Serenisimo Signore Don Giuseppe, Principe della Beira. Soneto pastoral anacreontico.

MARTENE (D. EDMUNDO) e **D. URSINO DURAND.**—Monges benedictinos da congregação de S. Mauro.

Thesaurus Novus Anecdoctorum, Chronica varia aliaque cum Ecclesiastica, tum civilia, omnium pene nationum monumenta historica. Paris, 1717.

«A Infanta D. Thereza, segunda filha de El-Rei D. Affonso I, a quem os auctores de Flandres chamam Mathilde, foi dada por esposa a Filippe de Alsacia, conde de Flandres, com quem celebrou as bodas em agosto de 1184. Foi grande o apparato e magnificencia do acto, como se lê na *Genealogia dos condes de Flandres,* tirada de um codice antigo do mosteiro de Clari-marisci, que se imprimiu na *Collecção* acima mencionada. O mesmo escreveu Radulfo Diceto, auctor que viveu n'aquelle tempo *(Historiae anglicanae scriptores,* fol. 623), supposto se engane em lhe chamar Brites[1]».

MARTHA (LUIZ SCEVOLA E SANTA ——).

Historie genealogique de la Maison de France, &c., impresso em 1628 e 1648.

No primeiro tomo, fol. 637, trata diffusamente da casa real portugueza, e de toda a sua descendencia; esta obra é excellente, estimadissima, e justamente, por ser escripta mui fundamentalmente, com notavel exacção, mas não deixa de ser diminuta nas nossas cousas[2].

MARTHE (LOUIS DE SAINTE ——).

Genealogical history of the Kings of Portugal. London, 1662, fol.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 74.
[2] Id., vol. I, pag. 202.

MARTHE (M. DE SAINTE ——).
L'État d'Espagne et de Portugal. Paris, 1680.

MARTIAL (VISCONTE DE SAINT ——).
Restauration de Portugal. Hommage à D. Miguel. Paris, 1822.

MARTIN (CHRISTOPHE ——).— De la compagnie de Jésus. Né à Mons.
Vie de Saint François Xavier. Douai, 1608.

MARTIN (S. GREGORIO DE ——).
El triunfo más famoso que hizo Lisboa á la entrada del Rey Felipe III de España y segundo de Portugal. Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1624, in-4.º

MARTINELLI (GAETANO ——).
Il Trofeo di Gloria, componimento dramatico per celebrare il felicissimo giorno natalizio della Serenissima Signora D. Carlotta Gioachina, Principessa del Brasile, li 20 Aprile 1791. Lisbona, stamperia reale, 4.º, de 14 pag.
Existe um exemplar na bibliotheca da Ajuda.

MARTINEZ (D. ANTONIO ——).
El tercero de su afrenta. Comedia famosa de ——. Fiesta que se hizo á Su Majestad en el Real Palacio, en verso.

MARTINEZ (FRANÇOIS ——).— Natural de Monterey, admittido na companhia na idade de 22 annos, 1596. Ensinou por muito tempo uma classe de grammatica, e exerceu o santo ministerio em Pamplona, onde morreu em 1624.
Vie de Saint François Xavier. Composée d'après les biographies écrites par H. Tursellini et Pierre Gusman.

MARTINHO CORREIA.— Missionario na China, pelo meiado do seculo XVIII.
Brief R. P. Martini Correia, Missionarii der Gesellschafft Jesu in China, an R. P. Andream Pereyra, Vorsteher der Sinischen Vice-Provinz, derselben Gesellschafft; geschrieben in der Gegend der Stadt Sumkiang, im Brachmont. 1759. Inhalt. Grausame Verfolgung wider die Christen in dem Land Xam-Has Ein Christ besänfftiget den wutenden Heyden-Pövel. Ungefähre zwischen ihnen zum Nuzen der Christenheit entstandene Zwistigkeit. Allgemeiner Bett-und Buss-Tag zu Abwendung grösserer Ubel. P. Carvaglio leidet mit seinen Christlichen Reis-Gessellen Schiffbruch, wird aber wunderlich errettet. Er ist in Gefahr, von denen Heyden erkannt zu werden; entgehet aber derseben. Pater Corea erzehlet die Früchten, so er und seine Mit-Arbeiter gesammlet. Seine und ihre Reisen durch das Land: Trost und Misstrost in selben. Hochschazung deren Christen für die durch Kirchen-Gebetter geweghte Sachen. Ihre Andacht gegen der seeligsten Gottes Mutter. Diese erscheinet einem Mägdlein in ihrem Tod Beth. Eine erwachsense Weibs-Person führet sie zum Priester und zur Beicht. Ein altes Mütterlein erhaltet wunderbarlich die Gnad, die lezte Sacramenten zu empfangen. Augenscheindliche Bestraffung einiger, welche die Gebott der Kirchen freventlich übertretten. Gott erhaltet den P. Corea von vielen Gefahren und Nachstellungen.

Encontra-se esta versão allemã em o *Neue-Weltbot,* do padre Stöcklein, tomo xxx, n.º 593, pag. 128-134.

MARTINI (LOURENÇO ——).—Jesuita, italiano.

Novena per la festa di San Francesco Saverio della Compagnia di Giesù, Apostolo dell' Indie. Adattata al SS. Natale, e Sacro Auvento, con alcune Detti e Documenti Spiritaali del medesimo Santo. Accresciuta in questa seconda Impressione. In Roma, e di nuovo in Macerata apresso Giacomo Felippo Pannelli, 1668, in-12.

A 1.ª edição é de Roma, per il Varese, 1663, in-12.

Foi esta novena tambem traduzida para latim. Graecii, 1665.

MARTINS ROEDER.

Publicou na *Gazetta Musicale,* de Milão, nos dias 4 e 18 de março de 1877, o retrato e uma honrosissima biographia do fallecido compositor portuguez Joaquim Silvestre Simão. Para vergonha nacional, segundo affirma o sr. dr. Theophilo Braga, este nome é desconhecido em Portugal, ao passo que na Italia é considerado como o compositor de musica sacra que melhor comprehendeu este estylo no presente seculo.

Nasceu este celebre compositor de musica em Setubal, a 16 de agosto de 1801 e morreu na ilha de S. Miguel em 20 de fevereiro de 1877.

MARTIUS (DR. CARL FRIEDR. PHIL VON ——) and DR. JOH. BAPT. VON SPIX.

Reise in Brasilien auf befehl. S. Magestät Maximilian Joseph I Königs von Baiern, in den jahren 1817 bis 1820. Munchen, 1823.

MARTY (ANGEL RAMON ——).—Taquigrafo mayor da camara dos deputados.

A la feliz llegada a Lisboa de S. A. R. el Señor Infante Don Miguel. Lisboa, 1828.

É uma poesia.

MARTYRIS (PETRI ——).—Anglerii Mediolensis, Protonotarii Apostolici atque a consiliis rerum Indicarum.

Opus Epistolarum. Compluti, 1530, fol. Amstaelodami, 1670, fol.

Decades III, de rebus Oceaniis, et orbe novo. Edente Sim. Grynaeo, Basilaee, 1533, in-fol.

Edente Gervino Calenio, Lipsiensi. Coloniae, 1574, 8. *cum Petri Martyris Libris III de Babilonica Legatione, et Damiani a Goes, Opusculis de rebus aethiopicis, indicis, &c. Decades octo Edente R. Hakluyt.* Parisiis, 1578, 8.º

A primeira edição d'estas *Decadas* é do anno 1516, Madrid, in-4.º Em lingua ingleza: Londres, 1650, in-4.º

MARUCCI (PERE JEAN ——).

Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales. Paris, 1651, 114 pag. Rarissima.

MAS (D. SINIBALDO DE —— Y SANZ).—Natural de Barcelona.

A Iberia. Memoria sobre a conveniencia da união pacifica e legal de Portugal e Hespanha. Escripta por ——, ex-enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. C. na China. Traduzida em portuguez. Terceira edição. (Corrigida). Lisboa, typographia do *Progresso*, 1855, 8.º gr., 244 pag. Com os retratos de D. Pedro V e de Maria Izabel Francisca de Assis, Princeza das Asturias.

Escreveu no jornal litterario *Revista Peninsular*, vol. II, impresso em Lisboa, ácerca da polemica travada entre varios escriptores ácerca da batalha de Ourique.

MASCARENAS (D. HIERONYMO ——).

Viage de la Serenisima Reyna Doña Maria Anna de Austria, segunda mujer de Don Felipe IV de este nombre, Rey Católico de España, hasta la Real Corte de Madrid, desde la Imperial de Viena. Madrid, 1650.

MASSEI (JOSEPH ——).— Jesuita, italiano.

Della vita di S. Francesco Saverio, della Compagnia di Giesù, Apostolo dell' Indie, descritta dal Padre Giuseppe Massei, della medesima Compagnia, libri tre. In Roma, 1681, alle spese de Ignatio de' Sazzeri, in-4.º, 351 pag., afóra a dedicatoria, prefacio e indice.

—— *Seconda editione, riveduta, e correta dall' istesso Autore.* In Roma, per Ignatio de' Lazzeri, 1682, in-4.º, 428 pag., afóra a epistola dedicatoria, prefacio e indice. Milano, nella stamperia di Giuseppe Marelli, 1762, 8.º

Della vita di S. Francesco Saverio, della Compagnia di Giesù, Aposto dell' Indie, descripta dal Padre Giuseppe Massei, della medesima Compagnia, libri tre. Torino, presso Giacinto Marietti, stampatore. Librago, 1827, in-12, 2 vol., 448–360 pag.

Faz parte da *Bibliotheca edificante.*

Compendio della vita di S. Francesco Saverio, della Compagnia di Giesù, tratto della vita scritane dal Padre Giuseppe Massei, della stessa Compagnia. Roma, 1793. Per Michele di Nicola d' Antonj, stampatore de rami, presso S. Ignazio. Con licenza e privilegio, in-8.º, VIII–104 pag.

MASSEN (A.).

Un mot aux portugais. Paris, 1834.

Versa sobre as questões entre D. Miguel e D. Pedro.

MASSI (IGNATIUS ——).

Invictissimo Lusitaniae Regi Aloisio I. Fortissimaeque Reginae Mariae Piae Militari. Gloria. Maiorum. Exemplo. Apprime florentibus Bonarum Artium. Ac Litterarum. Fautoribus Christianae. Reipublicae vindicibus. Ne Diem Regali Partu Faustissimum aetas ulla conticescat. Praeclaris Lusitanorum triumphis. Ignatius Massi. Ode em 5 pag.

MASSIAC.—Chevalier de Sainte Colombe.

Escreveu de Lisboa umas cento e cincoenta e cinco cartas, desde 1662 a 1668, pois então se achava n'esta cidade. Encerram pormenores mui curiosos relativos á revolução de Portugal e ás suas consequencias.

V. Francisque Michel, *Les portugais en France et les français en Portugal*, pag. 66.

MASTALIER (CARLOS ——).—Jesuita, natural de Vienna, onde falleceu em 1795.

Sermones de la Immaculata Conceptione B. V. Mariae, de S. Catharina, de S. Ivone, de SS. Cosme et Damiano, de S. Stephano, de SS. Ignatio et Francisco Xaverio Viennae, habitae latine.

MATÉRIAUX *pour servir à l'histoire de l'expédition de Don Pedro en Portugal, et de la guerre actuelle de l'Espagne.* Paris, 1836.

MASTRILLI (MARCELLO FRANCISCO ——).—Natural de Nola, onde nasceu em 1603. Entrou para o noviciado em Napoles, a 25 de março de 1618, e embarcou para as missões da India em 1635. Havendo sido curado de uma ferida mortal por S. Francisco Xavier, n'uma apparição milagrosa[1] recebeu ordem de se obrigar por voto a pedir a missão do Japão. Foi-lhe esta missão concedida, mas apenas poz os pés n'este reino, foi preso, submettido ao supplicio da agua, e depois ao da cova. Cortaram-lhe a cabeça em Nangasaki, a 17 de outubro de 1637.

Narratio miraculi in se a S. Francisco Xaverio Indiarum Apostolo patrati, quod auctoritate Francisci Cardinalis Boncompagni Archiepiscopi Neapolitani legitime probatum est. Neapoli, 1634. Viennae Austriae, 1635.

Appareceu esta narração vertida para varios idiomas: em italiano, Napoles, 1634; em hespanhol, Madrid, 1634; em francez, Luxembourg, 1635, in-8.º

O padre Scipião Paolucci publicou no mesmo anno: *S. Francisci Xaverii Prodigium in P. Marcello Mastrillo momento temporis curato.* Neapoli, apud Lazzarum Scorigium, 1634, in-8.º

Em italiano: *Ristretto del miracolo operato da S. Francesco Saverio in persona del P. Marcello Mastrilli della Compagnia di Gesù nell' anno 1634. E della gloriosa morte di lui nel Giapponne nell' anno 1637. Cavato dalla seconda parte dell' Istoria dell' Asia nel libro quinto descritto dal P. Daniello Bartoli della medesima Compagnia.* In Napoli, 1734. Per Secondino Porsilo, in-12, 33 pag.

R. P. Marcelli Mastrilli e Societate Jesu et XXXII *sociorum, ac* XVI *aliorum religiosorum, iter in Indiam S. P. Francisci Xaverii patrocinio feliciter peractum. Ab eodem Marcello descriptum, atque ad Catholicam Hispaniarum Reginam transmissum.* Antuerpiae, typis Joannis Meursi, 1637, 8.º, 63 pag.

A carta é datada de Goa a 28 de dezembro de 1635. Foi vertida para flamengo pelo padre André de Boeye: *Reyse van P. Marcellus Mastrillus van de Societyt Jesu overgheset ugt het latyn.*

Marcellus Mastrillus Neapolitanus Societatis Jesu. Ex Marchionum S. Marciani familia. Anno 1634 a S. Francisco Xaverio, ingenti miraculo, e lethali morbo vitae redditus: Anno 1637 in Japonia pro fide catholica exquisitis tormentis interemptus. A. R. P. Joanne Eusebio Nierembergio, ex authenticis instrumentis calamo hispanico lucidatus. Nunc ab alio ejusdem Societatis latino idiomate orbe propositus. Addito LXXIX *Martyrum Japonensium Syllabo. Et capitum ac rerum Indicibus. Cum facultate Superiorum.* Anno 1648, in-8.º, 340 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 403.

La vie du P. Marcel François Mastrilli, de la Compagnie de Jésus, guéry miraculeusement par Saint François Xavier, et mort depuis au Japon, pour la défense de la Foy, le 17 octobre 1637. Composée en espagnol par le P. Eusebe Nieremberg, de la même compagnie. A Paris, chez Mathurin et Jean Henault, 1646, in-12, 271 pag. A approvação para o padre Nieremberg é do anno de 1640 e para o padre Conart de 16 de dezembro de 1645.

MASTRILLI (P. NICOLAS ——).

Annuae Paraquariae.

Trata esta obra das missões do Paraguay, e vem citada a pag. XXI do livro: *Relation des missions du Paraguay, traduite de l'italien de M. Muratori.* Paris, 1757.

MASTRILLI (NICOLAU ou DURAN ——).—Natural de Nola. Em 1750, com quinze annos de idade, embarcou para a missão do Perú, onde tomou o nome de Duran, e trabalhou com ardor na conversão dos infieis. Morreu em Lima, no anno de 1633[1].

Litterae annuae (1626 et 1627) Provinciae Paraquariae Societatis Jesu ad admodum R. P. Mutium Vitelescum ejusdem Societatis Praepositum Generalem missae a R. P. Nicolau Duran Paraquariae Praeposito Provinciali; ejus nomine ac jussu scriptae a P. Jacobo Rançonnier Belga ejusdem Societatis. Antuerpiae, typis Joannis Meursi, 1636, in-8.º, 168 pag.

Foram estas cartas vertidas para francez com o seguinte titulo:

Relation des progrès de la religion chrétienne, faits au Paraguay dans les années 1626 et 1627, par le P. Nicolas Durand. Paris, Cramoisy, 1638, in-8.º

MATEO ARANDA.

Tratado de canto llano nuevamente composto por Mateo Aranda, maestro en musica. Dirigido al muy alto y ilustrissimo señor Don Alonso, cardenal Infante de Portugal, Arzobispo de Lisboa. Lisboa, por German Gallarde, 1533, em gothico.

Ha tambem uma edição rara da Celestina.

MATTEI (PASCHAL DE ——).—Nasceu em Lecce a 4 de abril de 1705. Entrou para a companhia de Jesus a 18 de maio de 1720. Foi reitor do collegio de Napoles, provincial e superior da casa professa. Falleceu em Roma no anno de 1779.

L'Apostolo delle Indie S. Francesco Saverio proposto in esemplare di ben vivere. Roma, Salomoni, 1786, in-12.

L'Apostolo delle Indie S. Francesco Saverio protettore di Torino, proposto in esemplare di ben vivere in alcune considerazioni, preghiere, pratiche di virtù, ed esempj a celebrar con frutto i dieci venerdi e la novena in onor dello stesso santo. Roma e Torino, presso Saverio Fontana, 1789, in-12, 131 pag.

Dieci venerdi e la novena in onore di S. Francesco Saverio, del Sacerdote Pasquale de Mattei. Torino, per gli eredi Bianco e C, 1839, in-8.º, 148 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 524.

MATTER (CHRISTOVÃO ——).—Irmão coadjuctor, nascido na Silesia pelo annos de 1681. Embarcou para a India em 1708, e ficou em o collegio de Goa na qualidade de pharmaceutico[1].

Brief Bruders Christophori Matter, eines gebohrnen Schlesiers, der Societät Mithelffers, aus der Böhmischen Provinz: An R. P. Tobiam Lossenitzki des Colegii gedachter Gesellschafft zu Neuhauss Rectorem. Geschrieben zu Goa der Portugiesischen Haupt-Stadt in Ost-Indien den 26 Decembris 1710. Pag. 108 a 125.

Vide, emquanto ao conteúdo d'esta carta, o *Weltbott* do padre Stocklein, serie 2.ª, appendice, pag. 69. A carta alli está impressa no tomo XXIV, n.º 508.

MATTHEY (J. L.).

Sulla morte di Vincezo Bellini, dedicata al Excellentissime Signore D. Maria Joaquina Quintella. Lisboa. Na imprensa nacional, 1835.

MATTHEWS.

Diary (The) of Invalid. Being the Journal of a tour in pursuit of health, in Portugal, Italy, Switzerland and France. 2 vol.

MAUDUIT.—Jesuita, francez, e missionario nas Indias orientaes.

Lettre du P. Mauduit au P. de Gobien. Progrès de la religion à Pondichéry et dans le Maduré. A Pouleour, dans les Indes Orientales, le 29 septembre 1700. Nas *Lettres édifiantes,* Paris, 1843, tomo II, pag. 281 a 283. Reimpressa pelo padre Bertrand na sua *Missão ao Maduré,* Paris, 1847–1854, tomo IV, pag. 53 58[1].

Traduzida para allemão em o *Neue-Weltbott,* do padre Stocklein, tomo II, n.º 59, pag. 101 e 102: *Brief P. Mauduit S. J. an P. le Gobien, geschrieben zu Puleur in Ost-Indien den 29 septembre 1700. Die Jesuiter aus Franckreich errichten in dem Fuss deren Jesuitern aus Portugall. Nutzen dieser Missionen, in welchen die Missionarii ein überaus strenges Leben führen.*

Lettre du P. Mauduit au P. Le Gobien. Notions sur le royaume de Carnate. Les brames et les bayadères. A Couvepondi, le premier janvier, 1702. Relation de son voyage à ouest, du royaume de Carnate, de 1701. Ibid., pag. 306 a 316.

Traduzida para allemão. Ibidem, tomo III, n.º 76, pag. 64 a 69.

Brief Patris Mauduit, Soc. Jes. an R. P. Carolum le Gobien, Soc. Jes. geschrieben zu Caruvvepundi, in der Landschafft Carnate, den 1 Jenner 1702. Pater Mauduit stifftet in dem Reich Carnate neue Missiones nach dem Fuss deren Portugiesischen Jesuiter von Madura. P. Josephus Carvalho, Soc. Jesu, stirbt als ein Zeug Christi in dem Kercker zu Tanschaur. Irrthum und lächelicher Wahn deren Brachmännern von denen Finsternussen, derer eine Pater Mauduit zutrefflich vorgesagt. Er thut eine ziemliche Reise von Osten nach Westen, und gegen Mitternacht. Was ihm unter Wegs begegnet? von denen Linganisten, einer gewissen Sect in Indien. Er wird von der Mogorischen Armee gefangen, aber ohne Leid wieder losgelassen. Er kehrt zuruck, nachdem er da und dort einige Catechisten hinterlassen hat.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 525.
[2] Id. vol. VI, pag. 332.

MAUGIN.
Historia de Portugal.
Ha duas edições: 1.ª, París 1699; 2.ª, París, 1707, in-8.º

MAURISPERG (ANTONIO ——).—Jesuita, austriaco.
S. Franciscus Xaverius olim Parisiis in Collegio D. Barbarae AA. CC. et Philosophiae Doctor. Viennae, 1657.
Annus saecularis Consecrationis SS. Ignatii et Xaverii. Viennae, 1722, in-fol.

MAVOR (VICAR OF HARLEY, BERKSHIRE ——).
The History of Spain and Portugal. 1812.

MAY (TH.).
Camoens als Dichter und Krieger. Braunschweig, 1859.
(*Archiv für das Studium d. neueren Sprachen,* vol. 49. De pag. 121 a 138 trata de Camões.)

MAYDIEU (L'ABBÉ ——).
Histoire de la vertueuse portugaise. Besançon, 1817.

MAYER (PAUL ——).—Illustre philologo romanista.
N'um pequeno estudo sobre os *Conti antichi portoghesi,* de Monaci, foi o primeiro que determinou uma origem tradicional nas balladas do *Cancioneiro portuguez da Vaticana*[1].

MAYO (THE EARL OF ——).—F. R. G. S.
De rebus africanis. The claims of Portugal to the Congo and adjacent littoral, with remarks on the french annexation. By ——. London, W. H. Allen & C.º, 1883, 8.º gr. 63 pag. com um mappa.
Este livro é contra o dominio portuguez no Congo, e assevera que as colonias portuguezas na Africa estão n'um estado inexprimivelmente infeliz e desgraçado. (Pag. 15.)
Assevera que Loanda não tem progredido, e que os portuguezes nada fazem. (Pag. 22.)
«Os portuguezes fallam, fallam, e tornam a fallar, e nada fazem. Em Loanda, d'aqui a um seculo já não haverá porto (pag. 23), pois vae sendo entulhado pelas areias.
Copia trechos de uma obra composta por Joaquim Monteiro, intitulada: *Angola and River Congo,* impressa em 1875, para asseverar que na Africa portugueza ha negocio de escravatura. (Pag. 28.)
Em Loanda o governo municipal está em bancarota, e ás vezes nem sequer ha dinheiro para pagar aos empregados publicos. (Pag. 60.)
A Inglaterra nenhum tratado deve celebrar com Portugal. (Pag. 60.)

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

MAZIO (RAPHAELE ——).— Romano Sanctitatis Suae Praelato Domestico et ab epistolis latinis.

In funere Mariae I Lusitaniae Reginae Fidelissimae Oratio habita in Sacello Vaticano ad Sanctissimum Dominum Nostrum Pium Septimum Pont. Max. a ——. Romae, 1817, typis Pauli Salviucci, fol., VI-38.

É dedicada a El-Rei D. João VI.

MÉDECINE ET HYGIÈNE *en Espagne et en Portugal.* 1887.

La fièvre jaune en Portugal. Simonet. 1887.

MEDERO (DON FRANCISCO CASTELLANO Y ——).— Nasceu em Puerto de Santa Maria, provincia de Cadiz, em 1845. É presbytero[1].

Sermon, que en la festividad de la Asuncion de la Santisima Virgen Maria, y con motivo de la primera misa del presbytero D. Antonio Valient y Medero, doctor en Sagrada Teologia, catedratico de Teologia Dogmatica en el Seminario de Vizeu, pronunció en la iglesia de la Mina de Santo Domingo el jueves 15 de agosto de 1872. Coimbra, imprenta de la Universidad, 1873, 8.º, 32 pag.

Foi prégado este sermão na igreja da Mina de S. Domingos, por occasião de celebrar missa nova o padre portuguez dr. Antonio Sebastião Valente.

MEDITAÇÕES *ou discursos religiosos,* por Bastos, foram vertidos para o francez com o seguinte titulo:

Méditations ou discours religieux sur les sujets les plus importants du christianisme, par Madame J. da Silva, publiés par l'abbé A. Dennis. Paris, 1845.

MEDORI (L. F.).

New Grammar of the portuguese and english languages. London, 1832.

MEERHOUTS (ANTONIO ——).— Jesuita, francez.

Sancta Hebdomada virtutum S. Francisci Xaverii ex latino. Antuerpiae, typis Corndu Woens, 1666, in-12.

MEIRELLES (E. DE ——).

Relation des conquêtes faites dans les Indes par d'Almeida, Vice-Roy des Indes. Traduction du portugais. Paris, 1749.

MELLA (JUAN DE ——).— Natural de Zamora, collegial de S. Bartholomé, cathedratico de decreto na universidade de Salamanca, bispo de Zamora.

Escreveu uma obra intitulada: *Alegationes á las 42 leyes de Portugal,* a qual se conserva manuscripta[2].

MELLO Y MENEZES (FR. DIEGO DE ——).

Novo epitome de grammatica latina ou verdadeiro methodo de ensinar grammatica latina a um principiante. 2.ª edição. 1804.

---

[1] *Instituto,* jornal de Coimbra, 1874, pag. 285.

[2] D. Alejandro Vidal y Diaz, *Memoria historica de la universidad de Salamanca,* pag. 405.

«Cuatro ú cinco años se gastan en el estudio de la latinidad, cuando en cualquier otro idioma bastan dos años: ¿y en que consiste? en que se principia muy pronto por la traducion. ¿Y por que no se habia de hacer lo mismo con el latino? ¿Hay en el mecanismo de este alguna dificultad superior al otro?» (Mata y Araujo, en su prologo á la traducion y arreglo del *Nuevo epitome de gramatica latina, ó verdadero metodo de ensinar la gramatica latina, etc.)*

Esta passagem é citada por Hidalgo no seu *Ollerdorff aperfeiçoado,* ou *Gramática latina y metodo para aprenderla.* Cadiz, 1877, 3.ª edicion.

MELLO SOARES.

Luiz de Camões, drama en cinco actos por ——. Rio de Janeiro.

La mort d'Ignez de Castro. Lisbonne.

Beitraege zur textkritik der Lusiades de Camoens. Munchen, 1872.

MEMOIR *of the duke of Wellington.* London, 1852.

MÉMOIRE *raisonné sur la retraite de l'armée combinée espagnole et portugaise du Roussillon.*

MÉMOIRES *de l'Academie Royale des Sciences Arts et Belles Lettres, de Caen.* 1825.

Mémoires sur l'instruction des sourds-mouets.— Premier mémoire.

«Parece que a arte de ensinar surdos-mudos não remonta a uma epocha muito afastada. Pelo menos o que até hoje nos tem chegado ás mãos sobre tal assumpto, não tem data muito antiga.

«É verdade, porém, que a historia moderna faz menção de alguns sabios que tinham tentado fazer com que os surdos-mudos fallassem.

«Nenhuma tradição, porém, nos resta, ácerca dos processos que empregavam. Todos os seus esforços para nós ficaram desconhecidos. Apenas conhecemos os nomes de alguns de taes sabios. Fallam-nos de um padre Ponce, religioso hespanhol, não nos dizendo outra cousa mais, senão que ensinava a fallar os surdos-mudos, e que morreu em 1584.

O primeiro que escreveu ácerca d'este interessante assumpto, foi Mr. Bonnet. Não fallo de um certo Affinate, italiano de origem, ao qual attribuem uma obra mui mediocre e quasi ignorada, que foi impressa em 1606.

«Este sabio hespanhol consignou seu methodo n'uma obra estimavel que appareceu em 1620 sob o titulo de: *Arte para enseñar los mudos a hablar.* Ácerca d'esta obra fez a academia de Madrid o elogio mais lisongeiro.

«Se dermos credito a Mr. Bonnet, o Principe que tinha recebido suas lições pronunciava distinctamente a lingua hespanhola, lia a palavra nas feições do rosto d'aquelles que lhe fallavam, e conversava facilmente com elles.

«Cerca de cincoenta annos depois de Mr. Bonnet, isto é, pelos annos 1655 ou 1660, varias obras appareceram na Inglaterra, onde se encontrava seu methodo. Um embaixador d'este reino junto da côrte de Madrid, tinha assistido ás lições de Mr. Bonnet, e maravilhado de seus exitos, os publicou na sua patria. Varios instituidores fizeram ensaios, e no espaço de sete ou oito annos, Wally, Digley, Wallis e Barnet mandaram imprimir seus methodos, e proclamaram os nomes dos surdos-mudos aos quaes tinham restituido a palavra.

«Distinguiu-se principalmente Wallis entre seus emulos, e os supplantou dentro em pouco. Era um sabio que tornou seu nome celebre por um grande numero de descobertas uteis na physica. Resolveu os problemas que Paschal tinha apresentado ácerca do cicloide, e foi um dos primeiros membros da cidade real de Londres, para cujo estabelecimento tinha muito contribuido.

«Manuel Ramirez, natural de Cortona, dava lições a uma menina surda e muda na Byscaia. Porém o mais celebre dos instituidores foi Conrad Amman. Natural da Suissa, foi estabelecer sua residencia em Amsterdam, onde professou a medicina até sua morte, que occorreu no começo do ultimo seculo.

«Esta sciencia foi para elle um meio de se tornar util aos infelizes surdos-mudos. Tentou o ensinar-lhes a fallarem, meditou profundamente ácerca dos meios que o poderiam encaminhar a este feliz resultado, e obteve, segundo dizem, exito assombroso. Asseguram que uma de suas discipulas, da cidade de Harlem, fallava muito bem as linguas latina e hollandeza, e que defendia theses n'estes dois idiomas.

«D'elle possuimos duas obras impressas, uma em Harlem no anno de 1692 sob o titulo de *Surdus loquens;* a outra em 1700, em Amsterdam. Esta tem por titulo: *De loquela surdorum et mutorum.* São curiosas e mui procuradas. É o que de melhor e de mais aprofundado se tem publicado ácerca de um tal assumpto. Seus successores, Pereira, Ernaud, Heinich, Deschamps, e o proprio Abbé de l'Epée nada mais fizeram do que copiarem a Amman sem nada lhe poderem acrescentar.

«Finalmente viu a Allemanha apparecer um homem a quem não faltava genio, mas excentrico, e dominado por idéas extravagantes. Era Francisco Mercurio Van Helmont, irmão do celebre physico d'este nome. Apesar de ser novo escripturou-se n'uma comitiva de ciganos, com os quaes percorreu quasi todas as cidades da Europa. No regresso para a sua patria applicou-se á instrucção dos surdos-mudos, assim como a muitas outras sciencias, pois entretinha-se com todas ellas sem profundar a nenhuma.

«Persuadido, para ser bem succedido nas suas tentativas, de que era preciso figurar a palavra aos alumnos, tentou pôr sob seus olhos o mechanismo d'este orgão. Concebeu, para isso, um projecto igualmente engenhoso e ousado. Mandou gravar trinta e seis cabeças, cujas faces cortadas põem a descoberto o interior da bóca e deixam observar o jogo dos orgãos da palavra na articulação dos sons diversos. Os labios, os dentes, a lingua, a glotta e a larynge, alli se encontram nas differentes posições exigidas pela pronunciação das syllabas simples, e mesmo de algumas syllabas compostas.

«Val-Helmont compoz um livro assás volumoso, no qual descreve seu methodo e dá explicação de suas estampas. Fez ainda mais, pois se não limitou a pôr taes quadros em frente dos olhos do surdo-mudo: mandou executar as figuras em relevo, e julgou poder, com a ajuda d'aquelles orgãos artificiaes, fazer-lhe comprehender o mechanismo admiravel da palavra, e desatar assim sua lingua. Era por meio d'estas cabeças fingidas que, postado em frente de um espelho, o discipulo se exercitava por si mesmo em articular sons, pondo seu orgão n'uma posição similhante á das figuras que elle tinha sob os olhos.

«Ao primeiro aspecto este methodo parece seductor. Parece que deveria facilitar o ensino, e apressar os progressos. Mas para fazer com que o methodo tivesse bom exito, conviria poder reunir ao mesmo tempo n'um só homem os

talentos do pintor, do grammatico, do esculptor e do anatomista. Mas onde encontrariamos um homem que fosse ao mesmo tempo um Phidias, um Platão, um Zeuxis e um Hyppocrates?

«Este methodo tinha de morrer com seu auctor. Eis porque foi sepultado n'um profundo esquecimento. Em vão um lexicographo moderno tem preconisado de novo as vantagens, para o fazer reviver. Fallou elle de Van-Helmont como de um sabio de primeira ordem, que tinha conseguido que a sciencia désse um grande passo; a idéa de Van-Helmont é muito engenhosa, sem duvida, mas é impraticavel. Talvez seus orgãos artificiaes seriam empregados como um meio auxiliar de alguma utilidade; mas como executal-os com perfeição bastante para poderem guiar o surdo-mudo no estudo da palavra? E não carece elle de um mestre, que o advirta e que lhe faça conhecer se pronunciou bem ou mal? Se o som da sua voz é aquelle que exige a palavra que pronuncia?

«Alem d'isso Van-Helmont queria d'isso fazer a applicação na lingua hebraica, que elle julgava que, nascida em um tempo em que os homens não tinham mais do que um pequeno numero de idéas para exprimirem, e ignoravam o luxo das linguas modernas, devia ella ser de uma pronunciação mais natural, mais simples e mais facil do que todas as que fallâmos hoje.

«A pronunciação d'esta lingua ficou perdida para sempre; e mandar ensinar o hebreu aos surdos-mudos, era impossibilital-os de communicarem com os outros homens.

«Havia mais de um seculo que a arte de fazer com que os surdos-mudos fallassem era conhecida em quasi toda a Europa. Da Hespanha se tinha propagado pela Inglaterra, Allemanha, Hollanda, Italia e França.

«Foi só em 1735, que um portuguez por nome Antonio Pereira veiu a Paris dar as primeiras lições d'ella. Como não conhecia outro methodo alem do de Bonnet, não suspeitava que podessem os surdos-mudos ser instruidos por meio de signaes. Sómente pensava em desligar do orgão a palavra.

«Foi o padre Vanin, religioso da doutrina christã, o primeiro que tentou um tal genero de instrucção. Porém a morte o arrebatou quasi logo que começou seus ensaios. Todavia a elle somos devedores de tão importante descoberta. Não teve tempo para escrever sobre o seu methodo, porém seus ensaios deram ao celebre Abbé de l'Épée occasião para desenvolver o germen fecundo de seus talentos, que, sem as tentativas do padre Vanin, teriam ficado para sempre estereis.

«Este bom religioso residia no convento dos doutrinarios, em Paris, na rua des Fossés-Saint-Victor. Havia alguns mezes que dava lições a duas meninas que (na realidade cousa notavel) eram irmãs gemeas surdas-mudas. Sua residencia era defronte do seu convento. E por meio de signaes era que, sem methodo algum, procurava instruil-as. Até mesmo tinha obtido alguns bons resultados, e a esperança mais lisonjeira animou seus esforços, quando no anno de 1755 a morte o veiu roubar a seus infelizes discipulos, e tirar-lhes a esperança de ver algum dia quebradas as barreiras que os separavam da sociedade.

«O acaso, ou melhor, essa Providencia, cujos olhares paternos estão sempre abertos sobre nós, conduziu o Abbé de l'Épée a esta casa. A mãe das duas meninas lhe descreveu sua dôr e a perda que soffriam suas filhas, com toda a energia e com todo o pathetico de uma terna mãe, e profundamente afflicta. O ar interessante e espiritual d'estas duas novinhas surdas-mudas, e ainda mais, a

desgraça á qual as via condemnadas, fizéram uma viva impressão sobre seu coração bom e sensivel. Entra em sua casa, reflecte ácerca da scena que acaba de o enternecer, e, não podendo resistir ao desejo de levar a consolação áquella familia attribulada, vae ter com a mãe, e lhe offerece continuar a instrucção principiada pelo padre Vanin. Acolhem-no com transporte, e dentro em pouco vê seus esforços coroados pelos mais felizes como mais brilhantes exitos.

«Suppre as palavras com signaes, cria uma nova linguagem, que tem suas regras, sua grammatica e seu diccionario. N'uma palavra, desperta a intelligencia de suas discipulas, e as põe em communicação com a sociedade, da qual se julgavam ellas repellidas para sempre.

«As gazetas annunciam por toda a parte seu novo methodo; sua fama vôa de bôca em bôca, e de toda a parte lhe trazem novos discipulos. Os surdos-mudos aprendem a pensar com ordem, e a combinarem suas idéas. Por meio de signaes indicadores, submettidos ás regras grammaticaes, o instituidor faz passar no espirito d'elles algumas idéas novas, no seu coração novos sentimentos, e lhes transmitte as idéas, mesmo as mais metaphysicas.

«Mas ao boato das primeiras lições do Abbé de l'Épée, de todos os lados os inimigos erguem sua voz, seu methodo é vivamente combatido, e a censura mais amarga se descarrega contra este bemfeitor do genero humano.

«Pereira, aquelle portuguez que desde alguns annos tentava em Paris dar a palavra aos surdos-mudos, disse em voz alta que o methodo dos signaes não podia ser util aos discipulos; que pelo menos retardaria, quando não paralysasse completamente seus progressos. Não conhecia outra fórma de ensino, mais do que formar com os dedos successivamente todas as letras necessarias para exprimir cada palavra; e é isto ao que se chamava dactyologia[1].

«Só foi depois de uma lucta assás longa, e acremente sustentada tanto de uma parte como da outra, que Pereira, cedendo finalmente ás urgentes solicitações de Mr. de l'Épée, foi convencer-se pessoalmente. Interrogou os discipulos do novo instituidor, e viu com uma surpreza que não poude dissimular, suas respostas igualmente justas e precisas.

«Mas dentro em pouco um phenomeno mais assombroso veiu ferir seus olhos. O mestre lhe pergunta se traz comsigo uma carta, seja qual for.

«Apresenta uma escripta sobre assumptos abstractos.

«O Abbé de l'Épée colloca cinco dos seus discipulos de modo que um não podia ver o que outro escrevia. E, sob o dictado de um unico e mesmo signal, escrevem todos os cinco em differentes linguas.

«Estas linguas eram o francez, o hespanhol, latim, inglez e italiano. Então Pereira exclamou: «Jamais poderia eu acreditar um tal prodigio, se o não tivesse visto com meus olhos!

«Mr. Ernaud, de quem não pude descobrir a patria, veiu dentro em pouco engrossar o numero dos inimigos de Mr. de l'Épée. Mandou, segundo se diz, imprimir seu methodo, e não poupou seu adversario. Gostava de comparecer em sociedades, acompanhado do cavalheiro d'Arcy, um de seus discipulos.

«Apesar da derrota d'estes dois primeiros defensores do systema da palavra,

---

[1] Apresentou, para prova da bondade do seu methodo, um de seus discipulos, que fallava muito bem: era Mr. Saboreau de Fontenay.

apresenta-se um terceiro. O abbade Deschamps, capellão da igreja de Orleans, publicou em 1780 uma obra, na qual queria provar que o methodo da palavra era o unico que podia alcançar o alvo, que a si a gente se deve propor na instrucção dos surdos-mudos; isto é, o unico que os podia pôr em communicação com os outros homens.

«Todavia oppoz a Allemanha ainda ao Abbé de l'Épée, um inimigo mais obstinado. Mr. Heinick ensinava os surdos-mudos a fallar. Mas seu methodo só era conhecido d'elle e de seu filho. Elle mesmo nol-o disse: *Hanc quam inveni surdo-mutos erudiendi methodum, nemo novit praeter me et filium meum.*

«Sabemos apenas que era pela rasão da palavra que instruia seus discipulos e nos assegura que o orgão do olfacto substituia algumas vezes o do ouvido. *Mea methodus* (nol-o diz elle ainda) *lingua articulata et sonante, et haec deinceps gustu, qui absentis auditus vices sustinet, nititur.*

«Este instituidor, que dava suas lições na cidade de Leipsick, atacou vivamente o abbade Storck, e publicou diversos escriptos contra o methodo de signaes. Discipulo de l'Épée, para junto do qual o Imperador Joseph o tinha mandado, para aprender a arte de instruir os surdos-mudos, Mr. Storck tinha estabelecido em Vienna uma escola mui frequentada, e seguia o methodo de seu mestre. Desdenhou responder a Mr. Heinick, e não quiz justificar senão pelos factos sua maneira de ensinar. Porém l'Épée, que se julgava offendido pelas inculpações dirigidas contra seu discipulo, encarregou-se de uma tal causa; e, depois de varios escriptos tanto de uma parte como da outra, propoz a Mr. Heinick que decidisse a questão o *veredictum* de uma sociedade sabia.

«Não quiz até mesmo escolhel-a entre as que floresciam então na França. Foi a academia de Zurich rogada que désse o seu parecer entre os dois methodos. Seu julgamento, datado de 25 de janeiro de 1783, é tambem glorioso para o instituidor de Paris, quanto é humilhante para o de Leipsik. Um academico de Berlim, Mr. Nicolaï, levantou-se tambem com azedume contra o systema dos signaes. Mandou publicar sua critica, e a voz dos jornaes, que echoou em toda a Europa, fez conhecer ao mundo litterario uma disputa, que, pelo azedume do estylo, e pela dureza das censuras, não foi honrosa para Mr. Nicolaï.

«Estes combates singulares, estes ataques parciaes, perturbavam pouco o repouso de l'Épée. Mas alguns adversarios mais formidaveis appareceram em scena. Uma chusma de philosophos, de academicos, de theologos, mesmo de todos os paizes, pretenderam que as idéas metaphysicas não podiam ser submettidas a signaes; que jamais, por este meio, não se transmittiria aos surdos-mudos outras idéas mais do que aquellas dos objectos corporaes, e das acções puramente physicas; que estes desditosos não sairiam de suas trevas; que não seriam jámais capazes de entrarem comnosco em communicações intimas; que as verdades intellectuaes, e mórmente as da religião, lhes haviam de ser estranhas em todos os tempos; que não conheceriam jámais a Deus, nem sua alma, nem sua origem, nem suas relações com os outros seres, nem seu destino eterno.

«O preconceito é sempre obstinado: repelle a luz, mesmo quando esta parece estar em todo o seu brilhantismo. Foi necessaria ao novo professor uma longa serie de sessões publicas e particulares para desenganar tantas pessoas, e para levar a convicção aos espiritos tão fortemente prevenidos.

«Todavia, espectadores de todas as classes correm ás sessões de l'Épée. O boato corre até longe. Sabios de todos os paizes, um grande numero de Principes

e quasi todos os soberanos da Europa, vem pessoalmente ouvir suas assombrosas lições. Interrogam seus discipulos, conversam com elles por meio da escripta, e deixam finalmente rebentar uma admiração, da qual já não são senhores.

«Cáe então o preconceito. O Abbé de l'Épée vê seus inimigos derribados, e o publico glorifica-o. Os outros instituidores ficam em silencio, suas escolas ás aranhas, e seus methodos são dentro em pouco sepultados no esquecimento.

«Quem se lembraria agora, com effeito, de um Pereira, de um Ernaud, de um Deschamps, se não houvesse lançado os olhos para a historia das perseguições que suscitaram contra o Abbé de l'Épée?

«Porém os soberanos se apressam a pedir ao immortal instituidor alguns mestres que possam estabelecer taes escolas em seus estados, e alli propagarem seu methodo. Enviam-lhe alguns homens de um merecimento distincto para receberem suas lições. Eis porque Sylvestre, Dangulo, Ulrich, Storck e Delo vem instruir-se com elle, e convertem-se, sob sua mão, em mestres que vão abrir novas casas de ensino em Roma, Madrid, Zurich, Vienna e Amsterdam.

«Este homem bemfazejo fórma principalmente alguns mestres para o seu paiz.

«Mrs. Huley e Sicard recebem suas lições, e vão agrupar os surdos-mudos em varias cidades da França, para d'elles fazerem homens.

«O primeiro estabelece-se em Rouen, logar do seu nascimento, e para alli convida alguns em volta de si. Porém sua escola apenas é composta de quatro discipulos, e como não fórma mestres, extinguir-se-ha necessariamente com elle.

«Emquanto a Mr. Sicard, volta a Bordéus. Mr. Champion de Cicé, que d'ella era arcebispo, tinha-o enviado para junto de l'Épée, para d'elle aprender a nova maneira de instruir os surdos-mudos.

«Este prelado, que fôra o primeiro da França, que tinha concebido o projecto de dar um successor a este homem celebre, tinha escolhido o abbade Sicard, para o encarregar da escola que elle acabava de fundar em Bordéus, e foi no mez de junho de 1786 que o novo instituidor alli deu suas primeiras lições. Está este estabelecimento funccionando, e alli os alumnos são numerosos.

«Mademoiselle Blouin, a quem l'Épée tambem tinha communicado seu methodo, veiu a Angers, onde se consagrou ao ensino de surdos-mudos.

«A França conta pelo menos nove: Paris, Bordéus, Rhodes, Angers, Saint-Etienne, Aurai, Rouen, Arras, e nossa cidade tem-os mais ou menos numerosos. Algumas parecem estar solidamente estabelecidas para darem esperanças de uma longa duração.

«A de Rhodes póde, de alguma sorte, ser comparada com as de Paris e de Bordéus. Dirigida pelo abbade Perrier, cujo zêlo infatigavel não receia alguma pena, e não conhece o obstaculo invencivel, quando se trata de ser util aos surdos-mudos, esta escola tem varios mestres, e poderá perpetuar-se. Emquanto ás de Santo Estevão, de Aurai, e de Arras, não posso dizer se offerecem as mesmas esperanças. A primeira tem por chefe um surdo-mudo de nascimento, saido da escola de Bordéus.

«A segunda, formada por Mademoiselle B. Duler, foi confiada ás irmãs da Sabedoria, e antes que ella partisse para Arras, onde ella procura, vae para tres annos, assentar os alicerces de uma nova escola. Sete ou oito discipulos recebem agora suas lições.

«Nos outros estados da Europa vemos alguns mestres, não sómente em

Roma, Madrid, Zurich, Vienna e Amsterdam, onde seguem o methodo dos signaes, mas ha tambem em Londres e S. Petersbourgo dois padres francezes, discipulos do abbade Sicard, que dão lições em conformidade com seus principios. Le Clerc, surdo-mudo da mesma escola, está á frente do estabelecimento o mais consideravel, que tenha jámais sido formado[1].

«Todos estes mestres seguem o novo methodo; por meio de signaes instruem seus discipulos; mas alguns instituidores conservam ainda a antiga maneira. Vienna, Praga, Kell, Leipsick e Berlim têem tambem algumas escolas, na verdade pouco numerosas, onde os surdos-mudos aprendem a fallar.

«Uma cousa, sobretudo, me pareceu surprehendente, e se ella for verdadeira, parece um prodigio. Em Berlim ha um surdo-mudo de nascença, Mr. Habermass, que sob as vistas do mestre dirige os discipulos no estudo da palavra, e lhes faz distinguir as diversas inflexões da voz na articulação do som.

«Tal é a origem da arte de instruir os surdos-mudos. Seu nascimento foi tardio, e seus progressos foram recentes. Póde dizer-se que só foi em nossos dias que pareceu dar-se-lhe algum interesse.

«Vê-se, pois, que se seguiam tres methodos differentes nos diversos estabelecimentos conhecidos.

«Um faz com que os surdos-mudos fallem, mas tem dois inconvenientes. O primeiro é que só mui imperfeitamente podem pronunciar, e com um som de voz desagradavel. O segundo, é que um tal methodo exige muito tempo e trabalho. Não se póde mostrar a mais de um surdo-mudo por sua vez.

«N'isto, tudo é pessoal. Um mestre sómente se poderia encarregar de um pequeno numero de discipulos. Alem do que, uma grande parte dos surdos-mudos apenas conseguem pronunciar alguns dos sons da nossa lingua.

«O segundo, que é o do Abbé de l'Épée, consiste em mandar escrever aos discipulos, sob o dictado dos signaes. Este é muito mais facil que o primeiro. Um grande numero de surdos-mudos podem ao mesmo tempo receber lições de um só mestre. Porém este methodo é imperfeito. Como consiste n'um puro mechanismo, não dá aos surdos-mudos um conhecimento analytico e aprofundado da lingua que lhes ensinam; não lhes ensina ella de modo algum o enunciarem com clareza seus pensamentos, exprimirem-os sósinhos. Quasi nada mais são do que méros copistas.

«O terceiro é muito preferivel. Mr. Sicard applica-se a interrogar seu discipulo, e procura pol-o em a necessidade de buscar termos para lhe responder. Pratica elle algumas acções, e o obriga a dar-lhe conta d'ella por escripto. Analysa algumas palavras, e lhe mostra a syntaxe particular de cada palavra. Assim o educando aprende por principios uma lingua, que em nossa infancia aprendemos por uma fórma puramente mechanica.

«O mestre applica-se a desenvolver o sentido das palavras por meio de pantomimas muitas vezes mui expressivas. Seguindo este methodo, o surdo-mudo marcha a passos lentos, mas seguros. Aprende com ordem, e os conhecimentos que adquire classificam-se facilmente no seu espirito.

---

[1] O abbade Sicard ha mais de um anno leu n'uma sessão publica de seus discipulos, uma carta de Mr. Le Clerc. Segundo affirmaram, este joven mestre dizia a Mr. Sicard, que perto de seiscentos surdos-mudos recebiam suas lições e que uma somma de 150:000 francos lhe era dada para sustentar sua escola.

«Todavia esta maneira de ensinar não chegou ainda á sua perfeição. Falta lhe alguma cousa, e é que o surdo-mudo possa fallar a lingua que estuda.

«O discipulo de Mr. Sicard, tem na realidade uma lingua escripta; mas não é de modo algum uma lingua manual; não a póde fallar senão com a penna ou com o lapis na mão. Emquanto recebe a lição póde conversar com seu mestre; a escripta é um meio de communicação facil entre elles; mas fóra d'isso, o mestre já o não póde entreter senão de um modo vago e penoso; falta-lhe um vehiculo expedito e seguro para lhe transmittir os seus pensamentos. Até mesmo muitas vezes não póde conseguir fazer-se comprehender.

«Tenho eu, porém, adoptado um outro methodo. Aquelle que é seguido para a instrucção dos meus discipulos, já não é o do Abbé de l'Épée. Tambem já não é o de Mr. Sicard. Não recebi lições nem de um nem de outro, e quando comecei a ensinar uma surda-muda, seus systemas differentes me eram completamente desconhecidos. Todavia, o que elles escreveram não me foi inutil.

«Eu não me limito, como l'Épée, a mandar escrever meus discipulos sob o dictado dos signaes.

«Não me restrinjo, como Mr. Sicard, a reproduzir as palavras da nossa lingua por meio de longas pantomimas. Não emprego as scenas mimicas senão quando se trata de fazer conceber ao surdo-mudo o verdadeiro sentido, ou as diversas accepções de uma palavra. Mas logo que elle é comprehendido, já não temos necessidade do soccorro da pantomima. Um signal unico, simples e conciso a substitue. Nas conversas que meus discipulos têem uns com os outros, ou com seu mestre, este signal faz as vezes do som da voz. É uma palavra manual, quasi tão simples como a palavra oral[1].

«Alguns de entre vós, meus senhores, têem já sido testemunhas d'essas conversas de meus discipulos. Vós os tendes visto perguntarem e responderem reciprocamente uns aos outros. Conservam n'esta linguagem a mesma precisão e quasi a mesma promptidão que os outros rapazes.

«As longas e penosas scenas mimicas se abreviam e reduzem a uma expressão simples e unica, como n'um diccionario francez cada palavra nada mais é do que um resumo das explicações numerosas que dão a intelligencia d'ella.

«Seja, porém, como for, o tempo e a experiencia hão de fazer ver qual d'estes methodos deverá ser preferido. Mas eu não tenho o orgulho de pretender que o meu deva supplantar o dos outros. Eis, pois, um esboço rapido do que tenho encontrado de mais authentico ácerca da instrucção dos surdos-mudos. Vi com prazer que os estabelecimentos se multiplicam. Uma nobre emulação encaminha para esta empreza penosa a um grande numero de mestres. Mas quanto não resta ainda para fazer! E quão longe estamos ainda do alvo que devemos desejar! Ah! Cumpre que todos os infelizes surdos-mudos recebam o beneficio da instrucção.

«Investigações feitas com muito cuidado me levam a crer que na França existem mais de 12:000 surdos-mudos, e todas as escolas reunidas não contam mais de 600 alumnos. É porque a classe indigente, sendo a mais numerosa,

---

[1] As pantomimas são para os surdos-mudos da minha escola o mesmo que para nós é um diccionario. Servem ellas para lhes darem a definição da palavra, ou, pelo menos, uma explicação capaz de lhe fazer comprehender o verdadeiro sentido.

abrange um numero consideravel de surdos-mudos, e não tendo os nossos estabelecimentos mais do que recursos muí acanhados, não podem admitttir a todos. É tambem porque bastantes paes e mães, a quem a Providencia dispensou fortuna, são indifferentes para com a sorte de seus desditosos filhos. Olham para elles, como para vís animaes, dos quaes se envergonham, e não suppõem sequer que sejam entes racionaes, aos quaes tão sómente falta a instrucção para desenvolver suas faculdades, e para d'elles fazer homens similhantes a nós. Dil-o-hei? É até mesmo muitas vezes o interesse que impelle seus paes barbaros a retel-os junto de si, para não perderem o salario de seu trabalho.

«Já o magistrado que está á frente d'este departamento, e cuja administração diariamente abençoâmos, tem solicitado para alguns surdos-mudos indigentes, alguns soccorros, que o conselho geral se apressou a conceder-lhes.

«Já o departamento du Pas de Calais tem seguido o exemplo do de Calvados, assegurando á escola de Arras uma somma annual de 6:000 francos para 12 surdos-mudos.

«Os da Mancha, do Morbihan e de La Loire, deram tambem provas da mesma solicitude.

«Possam estes exemplos multiplicarem-se e restituirem finalmente á sociedade essa chusma de homens desditosos, que, sem a instrucção, d'ella seriam separados para sempre![1]»

. . . . . .

MÉMOIRE *sur les connaissances scientifiques de Jean de Castro. Extrait du Bulletin de la société de géographie.*

MÉMOIRES *de la vie de Jacques Auguste de Thou, Conseiller d'État et Président á mortier au Parlement de Paris. Nouvelle édition enrichie de portraits.* A Amsterdam, chez François Honoré, 1714, 8.º, 370 pag.

A pag. 212, anno 1588, encontra-se a seguinte passagem relativa ao nosso D. Antonio, prior do Crato:

«... D'alli enviou Thou ao Rei, que estava em Châtelleraud, com ordem de dar conta a Sua Magestade do motivo de seu regresso, e de lhe representar:

«Que a unica via que lhe estava aberta, eram as praças do Rei de Navarra;

«Que era preciso mudar de opinião, conforme as occorrencias, e que n'esta occasião o caminho mais curto era o que mais seguro se tornava;

«Que D. Antonio, esse infeliz Rei de Portugal, querendo retirar-se para França, estivera a ponto de ser apanhado na ilha de Susinio[2], nas costas da Bretanha, pelos partidarios de Filippe II;

«Que este Principe não tinha estado em segurança senão na Rochella;

«Que d'alli havia escripto a Sua Magestade, que só entre os infieis tinha achado fidelidade (era assim que elle denominava os protestantes);

«Que se elles foram para temer outr'ora, já não havia presentemente mais do que suas praças, onde o Rei e seus fieis subditos podessem passar sem perigo, pois quasi tudo o mais estava em poder dos sediciosos.

---

[1] Desde 1820 formou-se uma escola em Nogent le Rotrou, e outra em Besançon.

[2] Ou Socinio, como lhe chama d'Aubigné, e, seguindo a este, o sabio Duchat, nas suas notas ao *Catholicon*.

MÉMOIRES *du Maréchal Suchet, Duc de Albufera, sur ses Campagnes en Espagne, écrits par lui-même.* Paris, 1828, 2 tomos.

MÉMOIRES *de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, Comte de Oeyras, Marquis de Pombal, Sécrétaire d'État et premier Ministre du Roi de Portugal, Joseph I.* Bruxelles, chez B. Le Francq. 1784, 8.º, 4 vol. 1.º, xxx–247 pag.; 2.º, 267 pag.; 3.º, 220 pag.; 4.º, 237 pag.

Como esta obra é uma não interrompida catilinaria contra o marquez de Pombal, o editor precedeu-a de uma refutação de algumas publicações favoraveis ao celebre ministro de D. José.

«Ao lado dos nomes famosos, podemos, sem duvida, com justiça, collocar o de um homem que no ultimo periodo da sua vida fixa ainda sobre elle os olhares da Europa inteira, e a divide em dois partidos, condemnando uns a altos brados a extrema severidade do seu comportamento, lastimando-o outros na sua desgraça e louvando os vastos projectos de um ministro, o primeiro motor da grande empreza que occupou por tanto tempo os gabinetes os mais illustrados, o principal artifice da destruição de uma sociedade poderosa, cuja existencia parecia ser, para elle, um tormento continuo.

«É este homem o celebre marquez de Pombal, primeiro ministro de D. José I, Rei de Portugal, o qual, durante mais de vinte annos, representou um tão grande papel n'esta côrte. Embora tenha usado de nomes differentes segundo os acrescimos successivos do seu poder, esta mudança nunca poude deixar de o fazer conhecer, porque suas acções tiveram sempre um sainete que não deixava attribuil-as a qualquer outro.

«Talvez alguem creia no quadro que vamos traçar que vae reconhecer uma copia do de Sejano; mas, examinando-o com mais attenção, hão de notar differenças bem salientes, e uma singularidade de feições que só ao marquez podem convir. Pois tal é, pelo menos, a vantagem da nossa empreza, que, se n'esta historia nós não podemos offerecer á Europa illustrada um emulo dos Ximenes, dos Sully, dos Richelieus, dos Colberts, dos Alberonis, dos Chatams, e dos outros grandes ministros restauradores da gloria e da felicidade da sua nação, ha de conter ella a vida de um homem que, por seu caracter extraordinario, parece formar elle sósinho uma classe á parte, e cujas menores acções, por conseguinte, não podem deixar de ser interessantes. Quando nos propozemos a reunir n'esta obra as numerosas e picantes anecdotas que tornam a vida do marquez de Pombal tão memoravel, tão propria a despertar a curiosidade dos leitores, temos sentido que o nosso primeiro dever era a exactidão e a imparcialidade. E emquanto a isto tivemos sempre o cuidado de nunca nos afastarmos d'ella. Nem quizemos offender os amigos que este ministro poude conservar, nem avivar as feridas das degradações, victimas da sua severidade.

«Esta mesma exactidão, que nos induz a dizer aqui duas palavras de uma obra mui recentemente publicada, primeiramente em inglez, depois em portuguez e por fim em francez, com o titulo de *Lettres sur l'état ancien et moderne de Portugal*, da qual se encontra o extracto em diversos jornaes francezes e italianos, particularmente nos *Annaes ecclesiasticos de Florence.* Não examinaremos aqui qual poude ser o alvo a que se propoz, fazendo apparecer todas estas cartas ao mesmo tempo; contentar-nos-hemos com observar que lemos n'ellas uma apologia mui artificiosa e mui seductora do comportamento do marquez de Pombal;

e como alguns factos alli se encontram apresentados de um modo totalmente opposto ao que temos dito, devemos a nós mesmos e á verdade o patentear os erros para os quaes foram arrastados o auctor d'aquellas cartas e os jornalistas de Florença, quer por causa da paixão que os cegava, quer pelos poucos conhecimentos que tinham dos negocios de Portugal, e até mesmo das occorrencias da vida de Carvalho.

«O auctor das cartas, e depois d'elle os annalistas, começam por se mostrarem inimigos declarados dos jesuitas. D'isto até mesmo se ufanam, e querem, por conseguinte, que o que tornou o marquez de Pombal tão odioso, não direi como elles, sómente a Portugal, mas ainda á Europa inteira, foi o odio implacavel que tinha dedicado a esta sociedade, e a guerra sem treguas que não cessou de lhe fazer até sua total extincção. Mas antes que a proseguisse com tanta animosidade, já elle se tinha tornado insupportavel á nobreza e ao povo portuguez pelas suas violencias, vexames, caracter cruel, oppressor e interesseiro; tinha já verificado o que d'elle dizia D. João V: «que tinha o coração coberto de pellos», expressão energica, que bem marca de que tempera era, na opinião do monarcha, a alma d'este ministro. E mesmo que não houvesse outras provas da crueldade do marquez de Pombal, mais do que a maneira como procedeu para com os jesuitas, seria isto bastante, sem duvida, para justificar nossas imputações n'um seculo, principalmente, em que a humanidade é olhada, com rasão, como base de todas as virtudes.» (Pag. VIII.)

*
* *

«Não se deveria dizer que no tempo em que D. José I succedeu a seu pae, estava Portugal no *estado mais deploravel que se póde imaginar*. Com certeza este estado não se approximava d'aquelle em que o reino se tinha achado em tempo do governo do Rei de Hespanha Filippe IV, e muito menos do que tinha soffrido durante a cruenta guerra causada entre as duas nações pela elevação da casa de Bragança ao throno. É verdade que nos ultimos oito annos do reinado de D. João V, a impossibilidade em que se achava este Principe, acabrunhado debaixo do peso de suas enfermidades, de applicar aos negocios a attenção empregada até aquelle tempo, fez decaír a monarchia do estado de esplendor e de prosperidade a que tinha chegado, mas não até ao ponto em que o auctor das cartas e os analystas nos queriam persuadir. Mesmo durante estes oito annos Lisboa achou-se tão rica e tão pujante quanto o havia sido anteriormente, exceptuando os tempos em que, nos reinados de D. Manuel e de D. João III, só ella possuia as preciosas especiarias do Oriente.

«Não era mister, emfim, dizer-se que D. José se estreiou fazendo Carvalho seu primeiro ministro. Este só teve ao principio a direcção dos negocios estrangeiros; o emprego de primeiro secretario d'estado era então, e foi ainda por muito tempo, desempenhado por Pedro da Motta e Silva.

*
* *

«É uma falsidade o atreverem-se a dizer, como o auctor das cartas, que um dos grandes prazeres do Infante D. Antonio, era andar de noite assaltando quem

passava. Todos quantos conheceram este Principe sabem perfeitamente quanto o seu comportamento era regular, seu caracter brando e seus entretenimentos pacificos. Não devem dar mais credito a esses *Ranchos* (pois assim é que o auctor devia escrever esta palavra); não é permittido calumniar até esse ponto a memoria do duque de Cadaval, e dos marquezes de Marialva e de Cascaes, representando-os como outros tantos malvados e assassinos. Não podemos deixar de desconfiar da falsidade de taes imputações, quando pensamos na vigilancia de D. João e da sua extrema attenção em reprimir os excessos dos grandes, e em afastar de seus povos até a sombra do vexame; quando nos recordâmos, principalmente, com que constancia este Principe seguiu o plano que para si mesmo havia traçado, de conservar a nobreza em seus estados n'um continuo abatimento.

«Seja como for, a pretendida bravura de Carvalho n'estas nocturnas expedições, tão exaltada pelos auctores das cartas e dos annaes, provaria, quando muito, ter sido na sua mocidade um audaz perturbador da ordem publica, um libertino temerario e intrepido, e isto mesmo cercearia a sua gloria, em vez de a exaltar.

«O auctor das cartas colloca muito tempo antes da sua verdadeira epocha a viagem de Carvalho a Vienna. Este não chegou a essa capital do imperio senão depois de ter sido durante alguns annos ministro de Portugal na Inglaterra, e alli chegou sem que se achasse revestido de algum caracter publico. Se foi secretamente encarregado de alguns negocios, isso só foi por solicitação de seu tio, Paulo de Carvalho, conego da patriarchal, prelado distincto por sua sciencia, e mui estimado do Rei D. João.

«Mas este Principe esteve tão affectado da admiração que lhe suppõem os annalistas, por causa dos pretendidos talentos do seu heroe, que o chamou para Lisboa, mui descontente de sua negociação, e aqui o deixou sem lhe confiar o menor emprego.

«É falso, pois, o dizerem que só foi depois da morte de D. João que Sebastião de Carvalho e Mello foi chamado para entrar no conselho.

*
* *

«Dizem que D. José I, ao subir ao throno, achou o thesouro real esgotado, e o estado sobrecarregado de dividas! D. João V, seu pae, foi talvez de todos os Reis de Portugal aquelle que ajuntou mais riquezas, e era tal a opinião de as possuir, que por aquelle tempo correu o boato de que se víra obrigado a especar a sala em que tinha o seu thesouro, para obstar a que viesse abaixo com o peso!

Não foi por ter sido este Principe em todos os tempos bem regular nas suas despezas; mas, pelo menos, exceptuando suas tropas, das quaes é preciso confessar que sua indole pacifica e sua aversão á guerra, faziam com que elle não fizesse muito caso, as pensões, os ordenados de seus ministros, tudo era pago com a maior exactidão.

«Sabemos bem até que ponto, durante os sete ou oito annos ultimos do reinado de D. José, e do ministerio de Carvalho, estes pagamentos de restricta obrigação e de justiça rigorosa foram desprezados. É uma anecdota mui curiosa e mui verdadeira, que o Infante D. Manuel, tendo mandado buscar á Moeda o que lhe era devido do seu ordenado, foi obrigado a receber o dinheiro em cobre. O

thesoureiro apresentou como rasão, que não havia nem oiro nem prata em cofre. O mesmo aconteceu em outra occasião ao cardeal patriarcha.

«Os annalistas não deixaram de citar como um outro effeito de suas vistas superiores e do espirito reformador de Carvalho, a expulsão e o completo anniquilamento dos jesuitas. Mas se, como elles crêem, o numero dos frades era excessivo, e era proprio da prudencia do marquez de Pombal trabalhar para o diminuir, seria pelos jesuitas que se deveria começar esta importante operação?

«Confessava a nação inteira que esta porção do clero era incontestavelmente não só a mais regular, mas tambem a mais util. Ainda se sente n'aquelle reino o vacuo que n'elle deixou esta laboriosa e edificante sociedade nas lettras e na religião.

«O procedimento do nuncio Acciajuoli, contra o qual se levantaram com tanto calor, nada teve, seguramente, nem de muito extraordinario nem de muito reprehensivel. Tinha um bilhete da secretaria d'estado informando todos os ministros estrangeiros do casamento do Infante D. Pedro com a Princeza do Brazil. Acciajuoli pediu n'uma respeitosa carta, que do mesmo modo lhe dessem parte d'este feliz acontecimento; mas Carvalho, que queria, fosse por que preço fosse, romper com a côrte de Roma, nenhum caso fez de tal carta, e mandou que lhe não dessem resposta.

«O nuncio, tão notoriamente desprezado, não poz luminarias no seu palacio. Julgou dever este ligeiro signal de resentimento ao caracter de que estava revestido, e á auctoridade do Principe que representava; Principe que merecia, sem duvida, mais respeitos, não só como soberano, mas tambem como chefe da Igreja. Mas o que este caso teve verdadeiramente de extraordinario, foi que o espirito partidario foi o unico que fez com que os auctores das cartas e dos annaes louvassem o que as sãs maximas da politica não deveriam approvar, foi o indigno tratamento havido para com um nuncio e para com um cardeal, expulsando-o de um reino catholico com violencia e ignominia.

«Fazem os jornalistas um pomposo elogio do regulamento que tirou ao tribunal da inquisição o exame dos livros, para o entregarem ao famoso conselho da censura. Mas, se esta lei foi tão sensata, por que motivo não deixou ainda Portugal de ser inundado, desde aquella epocha, com escriptos impios e licenciosos, igualmente contrarios á religião e aos bons costumes, e dos quaes, graças á vigilancia da inquisição, havia sido, até então preservado? São então estas as fontes puras e fecundas de doutrina e de virtude, essas obras dos solitarios de Port-Royal, que, na opinião dos annalistas, devem servir de regra a qualquer catholico para a sua crença e para a sua conducta? São esses os depositos de sciencia e de luzes que deviam afastar os estudos dos empecilhos, com os quaes tinham até então estado sobrecarregados, e fazel-os de novo florescer com tanto brilhantismo em Portugal? Tem esta desgraçada experiencia aberto de mais os olhos ao governo actual, e por isso não é para receiar que se repita no governo da mais piedosa das Rainhas a mais sinceramente aferrada á Igreja e á verdadeira religião.

«Que na universidade de Coimbra houvesse abusos, é o que não tratâmos de negar; não tinham, porém, chegado ao ponto ao qual o marquez de Pombal e seus partidarios pretendiam fazer acreditar. Teve esta universidade, em todos os tempos, abalisadissimos professores de direito civil, direito canonico e de medicina, etc.; os abusos que lhe exprobam não obstaram a que tenham saído do seu

seio uma multidão de magistrados celebres, de sabios jurisconsultos, profundos theologos e medicos habeis. O que, porém, ha de bem singular, é os annalistas, descontentes da reflexão que faz o auctor das cartas ácerca d'estes abusos, dizerem que ha um ponto de contacto notavel, uma ligação intima entre os liberaes e as artes mechanicas. Quereriam que tivesse subsistido esta: Que a decadencia dos estudos na universidade de Coimbra tinha por causa a auctoridade excessiva que gosavam os jesuitas em Portugal. Como se se ignorasse que estes padres, limitados na universidade á faculdade das artes, não ensinavam no seu collegio de Coimbra mais do que philosophia, rhetorica, humanidades, grammatica, e as linguas grega e hebraica. Em tudo o mais, essa grande influencia que lhes attribuem era absolutamente nulla. Toda a universidade, da qual elles apenas faziam uma pequena parte, estava submettida á inspecção do conselho de consciencia, onde os jesuitas não tinham entrada, e onde, por consequencia, não podiam dominar. Porém, os annalistas, pouco escrupulosos, querem ver os jesuitas por toda a parte, para terem o prazer de os desacreditar, e de lançar por cima d'elles o fel do seu odio.

«Porém esta reforma da universidade, feita com tanta ostentação, e celebrada com tanta emphasis, não teve outro effeito real mais do que satisfazer á vaidade do marquez de Pombal, o qual quiz apparecer em Coimbra com toda a pompa da soberania, e carregar com impostos novos a nação já empobrecida, debaixo do pretexto das despezas exigidas pelo novo plano de estudos, mas que ficou quasi inteiramente sem execução.

*
* *

«Não queremos contestar a Carvalho o merecimento de ter formado muitas vezes magnificos projectos a favor do commercio e das manufacturas nacionaes, nem roubar-lhe a gloria de ter realisado alguns. Mas com elle, o bem que d'alli resultava, não podia ser de longa duração, por isso que todas as vezes que tinha necessidade dos inglezes e das outras nações estrangeiras (como aconteceu por occasião da guerra com a Hespanha), não deixava de abrir a seus productos a entrada em Portugal, e até algumas vezes mesmo, de tornar a submetter o commercio ao odioso monopolio.

*
* *

«Para levantarem até ás nuvens a administração do marquez de Pombal, os auctores das cartas e dos annaes nos representam Portugal antes d'esta epocha como um paiz barbaro, um covil de ladrões e de assassinos. É uma falsidade manifesta. Estes flagellos da sociedade não se faziam sentir em Portugal mais do que em qualquer outra parte. Qual é o povo, mesmo o mais policiado, no qual se não commettam, de vez quando, alguns homicidios ou alguns roubos? Lisboa, por causa da sua immensa população, e pela mistura de diversas nações que alli habitavam, devia, sem duvida, achar-se mais exposta do que outras cidades a esse perigo; porém D. João V tinha sufficientemente providenciado ácerca da segurança d'esta capital, por meio de rondas e de patrulhas, que rigorosamente percorriam a cidade durante todas as noites. Não vemos que o reinado de D. José I e o ministerio do marquez de Pombal tenham sido, a tal respeito, mais

privilegiados; e não receiamos ser desmentidos por aquelles de nossos leitores que tiverem algum conhecimento de Portugal.

*
* *

«Se Carvalho se pareceu com Richelieu, não foi, pelo menos, nas qualidades brilhantes que fizeram d'este cardeal celebre o objecto da admiração de um seculo e da posteridade. Como aquelle, sem duvida, foi ambicioso, oppressor e sanguinario. Mas teve porventura o genio, as luzes, o amor á religião, o zêlo em a ampliar, e consolidar a auctoridade do seu Rei, que teve o primeiro?

«Este parallelo, imaginado para realçar a gloria do ministro de D. José I, quasi que não é para mais do que para fazer sentir quanto Pombal fica inferior ao ministro de Luiz XIII».

MÉMOIRES *du Marquis Maffei, lieutenant général des troupes de l'Electeur de Bavière et ensuite de celles de l'Empereur. Contenant une exacte description de plusieurs des plus fameuses expéditions militaires de notre siècle. Traduits sur l'original italien.* A la Haye, chez Jean Neaulme, 1740. 2 vol.

*
* *

«Na Hespanha, a frota combinada dos inglezes e dos hollandezes, apresentou-se no mez de agosto defronte de Lisboa. O Rei de Portugal, comtudo, mostrou-se neutral.» (Vol. I, pag. 121.)

*
* *

«N'este mesmo anno o Rei de Portugal desamparou o partido das duas corôas e seguiu o do Imperador e dos alliados (anno 1703). Foi esta negociação encaminhada pelo almirante de Castella, que era contrario a Filippe V, e se tinha retirado para Lisboa. Fez esta occorrencia tomar a resolução de fazer com que passasse o archiduque, segundo filho do Imperador, a Portugal, com o fim de entrar na Hespanha. Assim, depois de ter sido proclamado Rei em Vienna, e tendo o Imperador, assim como o Rei dos romanos, seu irmão, renunciado em seu favor a monarchia de Hespanha, encaminhou-se para a Hollanda, onde embarcou na frota britannica para a Inglaterra, e chegou no 1.º de janeiro a Portsmouth, sendo recebido pelos duques de Marlborough e de Sommerset. Fez-se alli admirar este Principe, geralmente, tanto pela sua grande prudencia como pelo conhecimento que tinha de varios idiomas, os quaes fallava com facilidade.» (Pag. 196.)

*
* *

«N'este anno (1704), fez-se tambem a guerra sentir na Hespanha. O Rei Carlos foi levado a Portugal pela esquadra ingleza, acompanhado do duque de Schomberg. Uma tempestade que sobreveiu tinha-o primeiramente arrojado para

traz, de sorte que sómente chegou á barra do Tejo no principio de março. O Rei Filippe marchou contra Portugal com um exercito commandado pelo duque de Berwick, e tomou varias praças.» (Vol. II, pag. 75.)

*
* *

«Houve n'este anno uma grande revolução na Hespanha. A presença do archiduque na Catalunha lhe suscitou ainda um partido nas outras provincias. Valencia foi tomada facilmente, e pensava-se já em ir mais longe, quando o Rei Filippe (1706), tendo recebido poderosos soccorros da França, foi cercar Barcelona por terra, emquanto uma frota franceza, commandada pelo conde de Tolosa, a fechava pelo lado do mar.

«O Rei Carlos nunca quiz consentir em se retirar para a cidade. O castello de Martinic foi tomado, e a cidade, atacada furiosamente, começava a estar em grande perigo, quando chegou, finalmente, a esquadra franceza. O conde de Tolosa, que não tinha forças bastantes para o esperar, retirou-se para Toulon, de sorte que Barcelona foi soccorrida e o cerco levantado.

«Por um outro lado os portuguezes, conjunctamente com as tropas inglezas e hollandezas, tomaram algumas cidades na Hespanha, e, tendo-se approximado de Madrid, obrigaram o Rei Filippe a desamparar esta cidade, que foi por isso tomada poucos dias depois por suas tropas. O mesmo aconteceu a algumas outras cidades, que no espaço de alguns mezes mudaram varias vezes de partido e de senhor.» (Pag. 144.)

*
* *

«Na Hespanha, pelo contrario, a fortuna foi propicia ás duas corôas; pois n'uma batalha que se pelejou no fim de abril, perto de Almanza, o duque de Berwick, o qual commandava o exercito de França e de Hespanha, alcançou uma assignalada victoria contra as tropas inglezas, portuguezas e hollandezas.» (Pag. 155.)

*
* *

«Chegámos a Futack (1717), villa consideravel, junto da qual estavam acampados cinco regimentos de cavallaria, não estando a força do exercito afastada mais do que uma legua e meia. O conde de Terring foi enviado ao Principe Eugenio para o avisar da chegada dos Principes, os quaes, depois de terem jantado, montaram a cavallo e se encaminharam para a sua tenda; mas não o encontraram n'ella, pois tinha jantado em casa do duque de Aremberg. Deram um giro pelo acampamento, e depois voltaram ao quartel general, onde o Principe Eugenio os recebeu com todas as honras possiveis. Voltaram para Futack, e passaram a noite n'um barco. Foram tambem visitar o Principe Manuel de Portugal, irmão do Rei de um tal paiz, e receberam por sua vez as visitas de varios Principes e generaes.

MÉMOIRES *sur le Portugal.*

Existe na bibliotheca publica de Lisboa um volume, sem rosto, no qual se encontram as seguintes memorias:

Mémoire géographique sur le Portugal.

Mémoire militaire sur le Portugal, fait en 1762.

Discours militaire sur la guerre de Portugal faite en 1762.

Plan de campagne en Portugal.

Plan de campagne donné à la cour de France et à celle de Madrid en 1767.

Abregé du Journal de campagne que les troupes françaises ont faite en 1762 en Portugal, sous les ordres de M. le Prince de Beauvau.

Mémoire touchant le royaume de Portugal pour être présenté à monseigneur le Chamillart, par le sieur le Caixon. (Année 1704.)

Mémoire des matières dont M. de Puységur est chargé de rendre compte à sa Majesté Catholique de la part de M. le Prince de Tzerclaer et de M. de Rouquille sur l'état où se trouve actuelment la frontière d'Extremadure et de Castille et des dispositions qu'on prendra suivant les differens cas qui peuvent arriver. (Année 1704.) A Paris, de l'Imprimerie de la Republique. Floreal an IX.

MEMOIRS *(authentic) concerning the portuguese inquisition, with remark on the infamous character given of the British Nation also reflecting on ancient and modern popery.* London, 1761, 8.º

MEMOIRS *of the Court of Portugal and of the Administration of Count d'Oeiras.* 8.º, 1 tomo.

Apparece esta obra mencionada no *Diccionario bibliographico,* tomo VII, pág. 213. Porém Innocencio ácerca d'ella não poude obter mais esclarecimentos.

MEMORANDUM *d'une conférence de A. R. Saraiva, agent diplomatique portugais à Londres, sous le gouvernement de Don Miguel, avec lord Grey, premier ministre de la Grande Bretagne, le 20 décembre 1833, sur le meilleur moyen de pacifier le Portugal, d'y mettre fin à la guerre civile, d'y retablir un vrai gouvernement constitutionel. En outre, un project pour assurer la pacification du Portugal, addressé, quelque temps après, aux portugais de tous les partis. Suivi d'une lettre à S. A. M. le Prince d'Esterhazy, ambassadeur d'Autriche en Angleterre.* Londres, Simpkins, imprimeur, 70, Strand, 1847, mars.

MEMORIA *dos festejos celebrados em Hong-Kong por occasião do tricentenario do principe dos poetas portuguezes, Luiz de Camões.* Hong-Kong, 1880.

MEMORIA *genealogica dos successos dos Pyreneos Orientaes entre Hespanha e a França, exactamente observados e examinados desde o dia do desembarque do exercito portuguez em Rosas até o seu reembarque em Barcelona em 28 de outubro de 1795.* In-8.º

MEMORIAL *ajustado entre D. Carlos de Bourbon e D. João VI, Rey de Portugal.* Madrid, 1821, fol.

MEMORIAL *por la continuacion de Grande de España en D. Manuel Eugenio de Portugal, Marqués de Trancoso.* Madrid, 1672.

MEMORIAL *portatif de chronologie, de biographie, d'economie politique, etc., contenant les dates des principaux événemens de l'histoire générale, politique, etc., littéraire, de celle des sciences, des arts et de l'industrie; plusieurs actes et documens politiques publiés depuis le* XV *siècle, tels que la bulle du Pape Alexandre VI de l'année 1493, touchant le partage du nouveau monde entre l'Espagne et le Portugal, l'édit de Philippe II contre Guillaume de Nassau, Prince d'Orange, l'acte déclarant les droits et libertés des sujets anglais en 1689, la déclaration d'indépendance des États Unis de l'Amérique septentrionale du 4 Juillet 1776, etc., etc.*

Vem esta obra mencionada no *Journal des Sçavans,* de 1822, janvier...

MEMORIALS *of the British Consul and Factory at Lisbon to H. M., Ambassador at that Court and the Secrétary of State of this Kingdom.* London, 1866.

MEMORIE *della Società geographica italiana.* Roma, stabilimento Giuseppe Foro Trajano, n.º 37, 1878.

MEMORIE *istorische del Portogallo.* Torino, 1682, in-12. Per Bartolomeo Zapatta. 321 pag.

MEMORIE *sulla istoria del primo secolo dei servi di Maria e degli spedalieri di S. Giovanni di Dio.* Madrid, 1780, nella stamperia reale della *Gaceta,* in-8.º, XXVIII–17 pag.

MENASSEH (BEN. ISRAEL ——).—Theologo e philosopho hebreu. Nasceu em Lisboa no anno de 1605. Pelo espaço de vinte e cinco annos foi prégador da synagoga em Amsterdam.

Origen de los americanos. מקוה ישראל. *Esto es, Esperanza de Israel. Reimpression á plana y Renglon del libro de ——, sobre la origen de los Americanos, publicado en Amsterdam 5410 (1650). Con un preambulo, una bibliografia de las principales obras que sobre los origenes, historia y conquistas de America y Asia se han impresso, y el retrato y la biografia del autor, por Santiago Junquera.* Madrid, 1881. Libreria de Santiago Perez Junquera. 8.º, XXXVII–126 pag.

«Principia o rabino sua obra rebatendo as opiniões de Alejo de Vanegas, Arias Montano, Jonatas ben Uziel, R. Joseph Coen y Francisco Ribera, ácerca da origem dos americanos; apresenta depois a opinião de Montezinos, a qual suppõe mais provavel, fundando-a no livro IV de Esdras, e confirmando-a com a auctoridade do padre Malvenda, citando o capitulo XVIII do livro III das *Antiguidades,* e corroborando sua opinião com a relação de alguns que fizeram viagens na America.

«A pag. 46 dá conta dos diversos tempos do captiveiro das dez tribus e de sua constancia na observancia da lei de Deus, e se occupa logo, até pag. 114, da reducção das dez tribus á Terra Santa, deduzindo d'esta exposição, que as Indias Occidentaes foram desde tempos mui remotos habitadas por individuos das dez tribus, que desde a Tartaria foram á America, atravessando o estreito de Annan, em cujas partes, ainda não exploradas, vivem occultos; que estes individuos dispersos não habitam em um só ponto, mas sim em differentes; que os primeiros dispersos não tornaram ao segundo templo, embora seus descendentes conservem a religião judaica, sendo obrigatoria sua volta á patria.

«Termina a obra recapitulando brevemente a relação de Montezinos e apoiando-a na auctoridade, deduz ser a mais provavel, isto é, que os povoadores primitivos da America foram parte das dez tribus, a quem os tartaros persegui ram e lhes fizeram guerra, e vencidos se occultaram de novo nos paizes mai escabrosos e asperos, atraz das serras.

«E até tal ponto me surprehendeu sua leitura, por causa da maneira de tratar o assumpto, e pelo methodo de exposição que no livro encontrei, que a idéa de reimprimil-o se apresentou á minha imaginação como realisavel, sem que a ella me podessem subtrahir as difficuldades inherentes a esta classe de trabalhos. Consultei, com effeito, pessoas para mim de grande respeito e de reconhecida capacidade, e achando-a acceitavel e pratica, me animaram a leval-a ao cabo sem hesitação de especie alguma.» (Pag. XIII.)

Escreveu em portuguez um ritual com o titulo de: *Thesouro dos dominicanos.*

Cita tambem a favor de suas asserções a João de Barros e Jeronymo Osorio.

Falla a pag. 26 de um sepulchro encontrado na ilha de S. Miguel com epitaphio hebraico.

MENDONÇA (ALPHONSO FURTADO DE ——).—Seminarii Romani Convictore.

De Spiritu Sancto. Oratio habita in Sacello Pontificio die Pentecostes ad Sanctissimum Dominum Nostrum Benedictum XIV Pontificem Maximum ab equite. Anno 1741. Romae. Typis Antonii de Rubeis, in Via Seminarii Romani. Fol. 8 pag.

MENDONÇA CORTE REAL (DIOGO DE ——).

Exame e resposta a um escripto publicado pela companhia das Indias Occidentaes, sob o titulo de — Refutação dos argumentos e das rasões allegadas pelo sr. D. M. Côrte Real, &c. 1724, in-4.", sem logar de impressão e com um mappa. Traducção da demonstração da Companhia das Indias Occidentaes, contendo as rasões pelas quaes os portuguezes não estão em estado de navegarem para as costas da alta e baixa Guiné, &c. E um exame e refutação de todas estas razões, por Diogo de Mendonça Côrte Real, enviado extraordinario de S. M. El-Rei de Portugal perante os Estados Geraes das Provincias Unidas dos Paizes Baixos. 1727. Sem logar de impressão.

MENEFELD (J.).

Inez de Castro. Braunschweig, 1864.

(Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Litteraturen herausg, von L. Herrig), vol. XXXVI.

De pag. 233 a 238, *Episodio de D. Ignez de Castro,* e traducção de treze estancias dos *Luziadas.*

MENESTES *Genalde von Lissabon.* Leipzig, 1799, 8.º, 1 vol., 504 pag.

MENEZES (ALONSO TELLES DE ——).—Nobre toledano, filho de Francisco Telles e de D. Izabel de Menezes.

Espejo de la Nobleza ou Origen, Armas y Blasones de varias linages de Espana.

«... que vemos allegado muitas vezes por D. Luiz de Salazar y Castro, do qual faz menção D. Nicolau Antonio na *Bibliotheca Hispanica,* e Franckeau na *Genealogica:* d'este nobiliario tenho copia em dois volumes de folha, que foram do chantre Manuel Severim de Faria, porque tem as suas armas, o que costumava pôr nos livros manuscriptos, de que temos alguns e visto muitos; depois foram de D. Anilo de Gusmão, e ultimamente de D. Francisco Ronquilho, conde de Gramedo, presidente de Castella, que por sua morte, quando se venderam seus livros, fiz comprar em Madrid, e D. Luiz Salazar foi quem me inculcou esta obra por texto da *Genealogia de Hespanha,* depois de Aponte. É muito bem fundada sobre as historias antigas. No tomo I de minha copia, a fl. 42, trata da *Genealogia dos Reyes de Portugal,* e a fl. 59, da *Casa de Portugal;* no tomo II, fl. 222, trata da *Casa de Pereira, su origen y divisa,* da qual deduz a Serenissima Casa de Bragança até ao duque D. João I, do nome, com os ramos *Tentugal* e *Gelves,* isto é, os duques de Cadaval e Veraguas; depois trata da *Origen de la Casa de Sousa,* e outras portuguezas no decurso d'aquella obra[1].

MENGA (DOMENICO ——).

Volgarizzamento della Grammatica del Padre Emanuele Alvaro, della Compagnia de Gesù, col suo texto latino innumerabili errori corretto; e restituito alla sua vera lezione; con osservazioni, addizioni, antologie e commentarii da ——. Diviso in tre libri. Verona, 1726, per P. Antonio Berno, in-12. Sem a epistola dedicatoria.

MENNECHET (ED.).

Matinées Littéraires. Paris, 1867, 6 vol.

Nas pag. 434 a 439 apparece um estudo sobre Camões.

MENZEL (DR. W.).

Literatur-Blatt auf das Jahr 1834. Redigirt von ——. Stuttgart, Tübingen, 1834, 396 pag. in-4.º

Traz um artigo contra uma critica do *Novellenkranz, 1834, Tod des Dichters* (Camões).

Literatur-Blatt auf das Jahr 1835. Redigirt von ——. Stuttgart, Tübingen, 1835, VIII-512 pag.

N.º 1, pag. 104: *Camões. Critica contra a traducção dos Lusiadas, por Donner.* Stuttgart, 1833. Com extractos de vinte e nove estrophes d'esta versão.

MERAT et DE LENS.

Fallam de algumas das nossas caldas, nomeadamente de Moledo, referindo-se a Albert. (J. L.)

Précis historique sur les eaux minérales les plus usités en medecine. Paris, 1826.

«É por isso de todo o ponto injustificavel a supina ignorancia do dr. Rotureau ácerca das aguas mineraes de Portugal, n'este momento pertencendo a uma sociedade, a quem tal assumpto não podia ser desconhecido sem grave quebra do seu credito scientifico.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 207.

MERAULT (A. J.).
Résumé de l'Histoire des établissements européens dans les Indes Orientales, depuis la découverte du Cap de Bonne Espérance jusqu'à nos jours. Par ——. Paris. Lecointe et Durey, libraires. 1825, in-12. VIII–315 pag.

As descobertas dos portuguezes começam a pag. 19, e seguem sem interrupção até pag. 97. No resto da obra descreve a lucta entre os hollandezes e os nossos nas regiões asiaticas.

MERCATOR'S.
Letters on Portugal and his commerce. London, 1754.

MERCURIO GRAMMATICAL, *dirigido aos estudiosos da lingua latina em Portugal, com a noticia do que na Dieta da Grammatica na sessão III se consultou, e determinou sobre o Novo methodo da grammatica latina, que para uso das Escolas da Real Casa das Necessidades ordenou e compoz a Congregação do Oratorio. Por Philiarcho Pherepono.* Em Augusta. Na imprensa de Martinho Veith. Anno de 1753, 4.º, 87 pag.

MERCURIO HISTORICO *y politico, que contiene el estado presente de la Europa, lo sucedido en todas las Cortes, los interesses de los Principes y generalmente todo lo mas curioso, perteneciente al mez de Marzo de 1759. Con reflexiones politicas sobre cada Estado. Compuesto del Mercurio de la Haya y de otras noticias. Con licencia del Rey Nuestro Senor.* En Madrid, en la imprenta de Antonio Marin.

N'este numero do mez de março, com paginação desde 187 até 288, encontra o leitor noticias mui circumstanciadas ácerca da conspiração em Lisboa contra El-Rei D. José. Occupa-se muito de Portugal esta numerosa collecção.

No mez de junho de 1760, dá-nos a noticia de que falliu o negociante portuguez em Lisboa, por nome Feliciano Velho, o qual tinha o privilegio de enviar annualmente ás Indias Orientaes um navio. A quebra foi de um milhão e oitocentos mil cruzados.

Em abril de 1761 foram condemnadas a desterro perpetuo varias pessoas que fallaram mal do governo. Na primeira conjunctura seriam enviadas para Angola ou Cacheu, na costa de Africa, ou para a India.

Em março de 1769, o tribunal dos censores regios acabava de publicar um decreto contra o edito ou carta pastoral do bispo de Coimbra, a qual foi queimada pelas mãos do verdugo no dia 24 de dezembro proximo passado, etc., etc.

MERKWURDIGKEITEN *von Portugal.* Francfurt und Leipzig, 1777, 8.º

MERSON (OLIVIER ——).
Voyage dans les provinces du nord de Portugal.
Assim, simplesmente, acha-se citado em Lemaire *Le Portugal en 1878.*

MERTHIAC (MARIE MARTIN GUILLAUME GILBERT DE ——).
Traduction de l'Araucane, avec des notes et précedée d'une dissertation sur Camoens, Tasse, Arioste, considérés comme poëtes. Paris, 1821.

MESA (CHRISTOBAL DE ——).

Las Eclogas y Georgicas de Virgilio, y Rimas y el Pompeyio, tragedia. De ——. A Don Alonso Fernandez de Cordova y Figueroa, Marquez de Priego y Montalvan, senor de la Casa de Aguilar y Castroelrio y Vila Franca. Año 1618. Con privilegio. En Madrid. Por Juan de la Cuesta, 8.º, 1891.

Contém este soneto:

Las armas de los Duques de Braganza,
que armas Reales son, y armas divinas,
de soberanas cinco heroycas quinas,
que exceden la mortal breve alabanza,

En ti la prospera esperanza
de memorables obras peregrinas,
dignas de eternos títulos y dignas
de quien tanto favor del cielo alcanza.

Que tu valor magnanimo, Duarte,
ilustra con sus inclitas hazañas
toda la tierra y todo el mar profundo.

y dando mayor gloria al fiero Marte,
le dás alto blason á las Españas,
y fama desde el nuestro al nuevo mundo.

Um soneto que se encontra a fl. 125 traz-nos á lembrança uma poesia de Camões.

MESSINA (GIACOMO ALAGNA OF ——).

Charts of coast of Portugal, etc. London, 1764.

MESSUM (WILLIAM ——).— Inglez.

Escreveu no jornal inglez *Mercantile and Shipping Gazette,* janeiro de 1855, e foi reimpressa n'uma folha periodica do Cabo da Boa Esperança, o *Advertiser and Cape Town,* uma carta ácerca do celebre lago Ngami, pela qual se prova não ter sido Livingstone o primeiro que teve conhecimento d'este lago[1].

MESTRE (MIGUEL ——).— Lector jubilado de la Orden de N. S. P. S. Francisco, de la Regular observancia.

Vida y milagros del glorioso San Antonio de Padua, Sol brillante de la Iglesia, lustre de la Religion Seraphica, Gloria de Portugal, Honor de Espana, Tesoro de Italia, Terror del Infierno, Martillo perpetuo de la heregia, entre los Santos por excelencia il Milagrero. Escrita por el R. P. Fr. ——. Dedicada al Senor Don Miguel Mayordomo, Oficial de Numero de la Contaduria General de Valores de la Real Hacienda, y antes lo fué de la Tesoreria Mayor del Rey nuestro Senor Año 1735. Con licencia. En Madrid. Por Lorenzo Francisco Mojados, impresor

---

[1] D. José de Lacerda, *Exame das viagens do dr. Livingstone,* pag. 33.

de libros, y á su costa. 8.º gr. 296 pag. afóra a dedicatoria, licenças, approvação, indice, etc., etc.

Vêde o capitulo IX, intitulado: *De los gosos del glorioso padre Santo Antonio de Padua.*

Pues vuestros santos favores
Dan de quien sois testimonio,
Humilde y Divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Vuestra palabra divina
Forzó á los peces del mar,
Que saliesen á escuchar
Vuestro sermon y doctrina:
Y pues fué tan peregrina,
Que estirpó diez mil errores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Vos sois de la tempestad
El amparo milagroso,
Del incendio riguroso,
Agua de la caridad:
Puerto de seguridad,
Del mar, y de sus rigores
Humilde y divino Antonio
Rogad por los pecadores.

Sanais mudos y tullidos,
Paralyticos, leprosos,
Endemoniados, furiosos,
Restituis los sentidos:
Bolveis los bienes perdidos,
Y curais todos dolores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Sanais la gota cural,
Ciegos, contrahechos, llagados,
Consolais desconsolados,
Y curais de qualquier mal:
Qual medico celestial,
A quien haze Dios favores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

De tres dias ahogados
Resuscitasteis diez niños,
Y dos, qual bellos armiños,
De sucesos desastrados;
Porque sus padres amados
Lloraban por sus amores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

De una que no creía
Que la perdonasse Dios,
Tomasteis vos sobre vos
la pena, que merecia:
Y en tomarla, el mismo dia
La hizo Dios mil favores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Vos librais a qualquier Reo
De los grillos, y cadenas,
Y al que os clama, y se enagena
Del pecado sucio e feo
Y pués sois divino Orpheo
De Jesus, flor de las flores,
Humilde y divino Antonio
Rogad por los pecadores.

A la que, con santo zelo
Os suplíca en su oracion,
El fructo de bendicion
Si lo dais por su consuelo:
Pues por vós esto haze el Cielo,
Y aun otras cosas mayores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Sois de Jesus tan amado,
Que á solas con él jugais,
Haziendoos, por que le amais,
Su Profeta regalado,
Su zelador estimado,
Y luz de sus confessores,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

Y pues aquestos favores
Dan de quien sois, testimonio,
Humilde y divino Antonio,
Rogad por los pecadores.

METASTASIO (ABBADE PEDRO ——).

Composições dramaticas, traduzidas por João Carneiro da Silva. Vol. I. Lisboa, 1783.

«Querendo o insigne David Peres alguma novidade n'este drama *(Demetrio)*, quando estava compondo a musica para elle se representar no Real Theatro de Sua Magestade Fidelissima, pediu ao abbade Metastasio lhe mandasse alguma nova letra para uma aria, e satisfazendo ao seu desejo lhe mandou a que vae abaixo com a sua traducção, dizendo-lhe que para a sua composição se lembrára da despedida de Luiz XIV, Rei de França, de Mademoiselle de Mancini, a qual, vendo-o chorar quando ella partiu, lhe disse:

«Vous m'aimez, vous êtes Roi, vous pleurez, et je pars!»

Mio bel Nume, oh non scordarti Del tuo povero pastor.	Não te esqueças, meu thesouro Do teu misero pastor.
Son Regina, io piango e parti, Legge barbara d'onor!	Partes, sou Rainha, e choro! Impia lei do pundonor!
Ah non perder la costanza!	Ah não percas a constancia!
Ah non ceder al mar.	Ah resiste ao padecer!
Non fo poco, ó mia speranza, A lasciarti, o non morir.	Muito faço, ó minha esperança, Em deixar-te, e não morrer.
Deh pietosi amici Dei, In quel cor reggete il mio, Qual coraggio a ver potrei, Nel vederla oh Dio languir!	Ah! regei, piedosos Deuses, Pelo seu, meu coração: Se vejo a sua afflicção Qual esforço eu posso ter?

METODO *verdadero de estudar, proporcionado ao estilo e necesidade de Portugal.* Napoles, 1746, 2 vol. in-4.°

A *Bibliotheca hispano-portugueza,* parte II, Leipzig, 1889, refere-se a esta obra.

MESTSCHERSKI (LE PRINCE ELIM ——).

Camoens. Drame en un acte, imité de l'allemand.

Faz parte do livro de versos *Les roses noires,* pag. 119 e 159. París, 1845.

METTON (LEDUC ——).—Ancien administrateur militaire, auteur de quelques projects d'utilité publique éxecutés en France et ailleurs.

Mémoire communiqué à quatre puissances, renfermant une proposition soumise aux chefs de gouvernements qui ont des établissements sur les côtes de l'Afrique, la France, l'Angleterre, le Portugal et l'Egypte. Bruxelles, 1855, in-8.°, 16 pag.

La Belgique et le Portugal. Mutualité d'intérêts politiques et commerciaux, etc. Bruxelles, 1856, in-8.°, 24 pag.

MEXIA (FRANCISCO DE VARGAS ——).

Nicolau Antonio no vol. I da sua *Bibliotheca nova,* falla de uma obra d'este escriptor, com o seguinte titulo:

Contra Bracharensem Archiepiscopum pro Toletano in causa Primatus Hispaniarum apud Tridentinam Synodum suscitata.

N'aquelle tempo ainda se conservava inedita.

MEYER ET GASTON.

Formes diverses des mots portugais.

Vem na *Roumania.* Paris, 1874, pag. 281 a 294.

MEZERAY FRANÇOIS EUDES DE ——).

Mémoires historiques et critiques sur divers points de l'Histoire de France et plusieurs autres sujets curieux. Amsterdam, chez Jean Frederic Bernard, 1753.

Diz a pag. 84, que a *Chronica dos frades menores,* por Fr. Marcos de Lisboa, foi vertida para francez por Santeul, mas que este alterou a ordem de alguns capitulos.

O mesmo Mezaray, a pag. 104, falla de Santo Antonio de Lisboa.

MICHAELIS (CAROLINA ——).

Studien zur romanischen Wortschöpfung. Leipzig, Brockaus, 1876, 8.º

MICHAELIS (H.).

Novo diccionario das linguas portugueza e allemã. Leipzig, 1889. Dois grandes volumes.

MICHAULT (JACQUES DE ——).—Nasceu em Paris no anno de 1600; entrou para a companhia na idade de dezesete annos; ensinou humanidades e philosophia em differentes collegios, e foi depois reitor em Alençon e em Caen. Morreu em Paris em 1680.

Relation des missions des jesuites au Japon, au Malabar, en l'île de Ceylan, et en d'autres lieux compris sur le nom de provinces du Japon et du Malabar, par Cardim et Baretti, traduits de le portugais de l'un, et de l'italien de l'autre. Paris, 1646, in-8.º

Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales, en ces trois provinces de Goa, de Malabar, du Japon, de la Chine et d'autres pays nouvellement découverts par les Pères de la Compagnie de Jésus. Traduite de l'italien par le P. Jacques de Machault, et suivie d'une lettre du P. Antoine Barradas, de 1650. Paris, Seb. et Gabr. Cramoisy, 1651.

Relation des progrès de la Foy au royaume de la Cochinchine. Envoyée au R. P. Général de la Compagnie de ésus (sic). *Par le P. Alexandre de Rhodes, employé aux missions de ce pays.* A Paris, chez Sebastien et Gabriel Cramoisy, 1652, in-8.º, 134 pag. afóra a epistola dedicatoria.

Relation de la Mission des Pères de la Compagnie de Jésus, établie dans le Royaume de Perse par le R. P. Alexandre de Rhodes. Dressée et mise au jour par un Père de la même Compagnie. A Paris, chez Jean Henault, 1659, in-8.º

Relation dernière de ce qui s'est passé dans les royaumes de Maduré, de Tangeor et d'autres lieux voisins du Malabar, aux Indes Orientales. Eclairés de la lumière

de l'Evangile, par les Pères de la Compagnie de Jésus. Composée en italien par le Père Hiacinthe de Magistris, missionnaire de la même Compagnie en ces pays-là et traduite en français par un autre Père. A Paris, chez Sebastien Cramoisy, 1663, in-8.º, 453 pag.

Des missions du Paraguay et d'autres dans l'Amérique méridionale. Paris, 1636.

Voyage de vingt-cinq religieux de la Compagnie de Jésus vers les Missions des Indes. Paris, 1659.

MICHEL (LÉON ——).

Escreveu no *Moniteur universel,* n.º 16, de fevereiro de 1866, ácerca da obra de D. Dantas, *Les faux D. Sebastien.*

MICHEL (M. FRANCISQUE ——).— Vice-consul de Portugal.

Les Portugais en France et les Français en Portugal. Avec trois reproductions de sceaux et un fac-simile d'une lettre de Marie de Savoie, Reine de Portugal. Paris, Guillard, Aillaud & C.e, éditeurs. 1822, 8.º gr., v-285 pag.

Esta obra, indubitavelmente interessante, é dedicada a José da Silva Mendes Leal, ministro de França em Portugal.

«O Rei de Portugal, querendo testemunhar seu reconhecimento a Turenne, por tantos serviços que d'elle havia recebido, mandava o marquez de Sande á França com plenos poderes para tratar do casamento de mademoiselle de Bouillon (Febronia de la Tour d'Auvergne), sobrinha do illustre marechal, com o Infante D. Pedro; esta alliança progrediu tanto, que os artigos do contrato foram assignados. O casamento, porém, desmanchou-se, sem que as relações do tio com esta côrte soffressem, por isso, o menor esfriamento, concedendo D. João IV a seu amigo o perdão de um criminoso, e Turenne, tornando-se tambem, elle mesmo, criminoso, oppondo-se a uma declaração do Rei ácerca do tratado dos Pyreneus, pela remessa para Portugal de alguns officiaes de merecimento, nomeadamente Jeremias Giovet, na qualidade de coronel de cavallaria, posto recusado, ignorâmos porque, a mr. de Salagosse, gentil-hommem de Languedoc, vindo para offerecer seus serviços ao Rei de Portugal[1].

«Mr. de Guénégaud tinha substituido em 1675 Mr. de Ambeville, enviado extraordinario do Rei de França, de quem nada mais sabemos a proposito do nosso assumpto, senão que em 1672 o duque de Cadaval lhe recommendava um gentil-homem portuguez, D. Rodrigo Salazar, o qual se queria retirar para França para offerecer seus humilimos serviços a Sua Magestade[2].

---

[1] *Correspondence de Portugal,* vol. II, fol. 307, negociações de Mr. Lanier, setembro de 1646.— Cf. fol. 308 v.—Em o numero d'estes auxiliares designemos Mr. de Beaumont, gentilhomem da Picar, dia. (Ibidem, fol. 406 v.), Mrs. de Montade, cavalleiro do Parc, de Larochefoucaal, Rostelin, chegados a Lisboa em agosto de 1647 (Ibidem, fol. 414), Pellefigue, engenheiro, Dumont, mineiro, e Guitau, outro engenheiro que servia em Portugal desde 1641 (Ibidem, vol. III, fol. 17, de 8 de novembro de 1847). O conde de Brienne, querendo recommendar o sr. de Cerisantes, arrastado pela inclinação a ligar-se ao serviço de Portugal, e indo offerecer ao Rei sua espada, sua pessoa e sua vida, o senhor Lanier tinha ordem de apoiar esta recommendação (Ibidem, vol. I, fol. 375, maio de 1647). Existe d'este diplomata uma memoria a Mr. Servient ácerca de Portugal. (Ibidem, vol. I, fol. 275, 29 de junho de 1646).— Cf. fol. 491.

[2] Ibidem, vol. XII, fol. 95 (1 de outubro de 1672); vol. XIII, fol. 229 (3 de julho de 1675); vol. XIV sem paginação, 17 de julho de 1678).

«O Principe de Crivelli, embaixador de Portugal na França desde 1650 até 1666, recebia em 1654 ordem de concluir a liga por dois milhões em oiro, mas de não a concluir senão com o casamento. De qual casamento quer fallar Colbert[1]?

«Em 1663 tinham proposto a mademoiselle de Montpensier que se desposasse com D. Affonso VI, Rei de Portugal[2], mas este projecto não chegára a realisar-se[3], e só em 1666 os dois paizes apertaram sua união por meio do casamento de D. Affonso VI com mademoiselle de Aumale, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Nemours; é provavelmente d'este casamento que se tratava.

«A 9 de março do mesmo anno, Colbert, informado da partida da frota da companhia das Indias Orientaes, manifestava a esperança de que os quatro navios regressariam dentro em pouco aos ancoradouros de oeste, depois de os ter escoltado fóra dos cabos para esperar mademoiselle de Nemours[4], como lhe chama erradamente, pertencendo este nome a sua irmã mais velha, a duqueza de Saboya.

«A nova Rainha partiu acompanhada de mr. de Saint Romain, ministro de França em Portugal, do bispo de Laon, mais tarde cardeal d'Estrées, seu parente, de seu medico, o dr. Ivelin, irmão do sr. de Roquement de Ivelin, sargento-mór n'uma das fronteiras de Portugal[5], e do P. Verjus, o secretario de suas ordens[6], e sem duvida de Velhera, seu cirurgião, e do P. Villes, tio do P. Pommereau[7]. A respeito das damas de honra do seu sequito nada temos a dizer, a não ser que a mais qualificada parece ter sido Victoria de Cardillac e Bourbon, avó de Helena de Bourbon, filha do conde de los Arcos, casada com Fernando Telles da Silva, marquez de Alegrete[8].

«Outras duas damas de honra parecem designadas por Hamilton. Nomeia Manette e Henriette como estando na vespera da sua partida para Portugal, mas sem dizer uma só palavra mais que nol-as faça conhecer[9].

---

[1] *Lettres de Colbert*, tomo I, pag. 226.

[2] De Ramsay, *Histoire du vicomte de Turenne, &c.* Paris, 1735, in-4.º, liv. V, tomo I, pag. 407. V. tambem pag. 403 e 404 (anno 1601), onde se mostra como Luiz XIV entrega á mercê do visconde a direcção do negocio de Portugal, e o tratado do projecto de casamento entre a Princeza de Montpensier e Affonso VI, etc., sem esquecer as provas n.os XIII, pag. XXXI; XIV, pag. XXXII; XV, XVII, pag. XXXIII, XLI. M. de Saint Romain, depois de ter dado ao conde de Castello Melhor a segurança de que Turenne lhe continuará *ses assistances*, acrescenta que «não deseja senão a honra e segurança do seu reino, por qualquer maneira que a podesse encontrar, e que elle *entrera dans vos sentiments*, para provar uma e outra cousa, tanto na guerra como na paz.» (*Correspondance de Portugal*, vol. V, fol. 74. — Cf. *Quadro elementar*, tomo IV, 2.ª parte, pag. 447, 448, 495 e 515 e segg., annos 1695, 1660; e Schaefer, tomo IV, pag. 556.)

[3] Carta de Ferron a Colbert, na correspondencia do ministro publicada por P. Clément, tomo II, 2.ª parte, pag. 437 e 438.

[4] *Mémoires de madame de Montpensier*, na *Collecção de Petitot*, 2.ª serie, tomo XLIII, pag. 44, 53, 61 a 63. — Cf., pag. 100.

[5] *Correspondencia de Portugal*, vol. II, fol. 442, 31 de agosto de 1647. V. vol. III, fol. 206.

Ibidem. V. relativamente a este jesuita, vol. VII, fol. 119, 265 e 340; VIII, fol. 30 e 96; IX, fol. 219. — Cf. 232 e 239.

[7] Ibidem, tomo XIII, fol. 184 v., 185, 189 e segg., 25 de março de 1675. Lisboa, 11 de agosto de 1679.

[8] Ibidem, vol. XLV, fol. 412.

[9] *Oeuvres du comte Antoine Hamilton*, Utrecht, 1731, in-12, tomo IV, pag. 129; tomo V, pag. 200. É pouco provavel que o discreto escriptor tenha na mente a mademoiselle Deleille, açafata da Rainha, mencionada por M. de Guénégaud (Ms. 720, fol. 126 r.); trata-se antes, emquanto a uma d'ellas, de

Elevada a Rainha de Portugal, mademoiselle de Aumale queria levar na sua companhia a madame Scarron, a qual, antes de partir, desejava ser apresentada a madame de Mostespan, já em favor. A futura esposa morganatica de Luiz XIV escrevia a um de seus familiares: «Não hei de ir a Portugal; é negocio decidido. N'estes ultimos dias, madame de Thianges me apresentou a sua irmã, dizendo-lhe que eu devia partir immediatamente para Lisboa.» «Para Lisboa! exclamou ella, fica muito longe; é mister ficar aqui!»[1]

«Quem sabe se mr. de Saint Romain não lhe tinha feito entrever alguma cousa das decepções que ella podia ter no termo d'esta longa viagem? Escrevendo da Rochella a Colbert, a 28 de dezembro de 1665, para pedir um augmento de ordenado, dizia: «É preciso levar tudo para o paiz para onde vou, até mesmo a bateria de cozinha, e, alem das malas, das quaes vós tendes visto a relação, que mandei vir de minha casa, ainda comprei outras com a maior parte do dinheiro que me enviaram de Paris. Espero, senhor, que tereis a bondade de tomar isto em consideração, e que a presença de uma Rainha franceza e de toda a sua côrte é ainda um motivo para despezas[2].

«Existe uma relação de tempo intitulada: *L'arrivée de la Reine de Portugal en la ville de Lisbonne, avec les particularités de son voyage, depuis son embarquement à La Rochelle*[3].

«Em fevereiro de 1666 o embaixador de França escrevia para Lisboa, fallando de mademoiselle de Aumale: «Nada mais se póde acrescentar ao respeito e á estima que têem para com ella n'este paiz, e n'elle foi mui bem servida; mas o futuro lhe é ainda muito mais importante; ella tem, sobretudo, necessidade, no principio dos bons officios (de Castello Melhor), junto do Rei de Portugal, e d'esses se póde assegurar[4].»

«Sabemos qual foi o destino do desgraçado monarcha.

«Ao principio D. Affonso VI era todo de fogo para com sua esposa. A 9 de agosto de 1666, o padre Verjus escrevia a Colbert: «O Rei passa todas as séstas na camara da Rainha, e quasi que não póde ficar sem a ver. Tem condescendencias para com ella, que jamais se tiveram para com as pessoas que muito se amam; e como a paixão que elle tem para com ella é a mais justa e a mais racional que se possa ter, podemos asseverar que D. Affonso nunca a teve tão forte. Ha tanto mais apparencia que ha de durar, quanto a Rainha, pela sua parte, é commovida com os cuidados e affeição do Rei, e procura não ter menos condescendencias para com elle. Os que melhor o conhecem são os mais persuadidos de

---

madame de Puy, qualificada de *sous-gouvernante*, n'uma lista da côrte d'aquella epocha. V. *Rainhas de Portugal*, tomo II, pag. 115, ou de mademoiselle Daucourt, mulher do neto de Gualtier, celebre tocador de cithara, que devia dar logar a um escandalo por causa de seu descuido em não ceder o passo a madame de Guénégaud. *Mieux entendue et avisée*, uma outra açafata da Rainha, que tinha casado com Galvão, escudeiro de D. Pedro II, mademoiselle Dorigny, se tinha deixado ganhar por mr. de Saint-Romain, para o casamento de mademoiselle de Bourbon com D. Pedro. (*Correspondencia de Portugal*, vol. XXI, fol. 249 v., 29 de maio de 1684.)

[1] *Maintenoniana, &c., par M. B. de B.*, Amsterdam, 1773, in-8.º, pag. 9. V. tambem uma carta a mademoiselle d'Artigny (1666), nas *Conversations inédites de madame de Maintenon*, Paris, 1824, in-12, pag. XXIV.

[2] *Correspondance de Portugal*, vol. IV, fol. 40.

[3] *Gazette de France*, anno de 1666, n.º 126, pag. 1:069 a 1:080.

[4] *Correspondance de Portugal*, vol. V, fol. 66.

que ella tem já muito credito sobre seu espirito, e de que o ha de ter inteiro com o andar do tempo.»[1]

«As cousas, porém, tinham de mudar bastante.

«Desgostosa de um marido, a quem ella accusava de o não ser, entrou a Rainha a abandonal-o. Fallava em regressar ao seu paiz; mas, tendo sido D. Affonso VI desthronado no anno seguinte, se fixou no partido de desposar seu cunhado D. Pedro II[2].

«O periodo que na historia de Portugal se prolonga de 1668 a 1682 deu origem a não menos de 155 cartas escriptas de Lisboa por um mr. de Massiac, cavalleiro de Santa Colomba, que alli se achava n'aquella epocha. Contém esta correspondencia pormenores mui curiosos ácerca da revolução de Portugal e suas consequencias; os originaes de taes cartas acham-se annunciados no *Catalogue des autographes précieux provenant de la bibliothèque de Mr. Jacques Charles Brunet*[3].

«Um navio da marinha real de França, que se mostrou alguns annos depois nas aguas do Tejo, esteve a ponto de introduzir a desharmonia entre os dois paizes. Maria de Saboya tinha grandes desejos de um casamento em que, com um solido estabelecimento para sua filha, achasse o meio da fazer caír a corôa de Portugal na sua casa. Emprehendeu o negocio com ardor, e nada desprezou para obter bom exito.

«Foi na maior força d'esta negociação que occorreu o episodio narrado por Mr. Desbrosses de Guénégaud[4].

«Luiz XIV, querendo manifestar sua approvação ao casamento, tinha ordenado ao cavalheiro d'Hery que passasse a Villefranche-sur-mer com o navio *L'Entreprenant*, de cincoenta canhões, para embarcar e conduzir a Lisboa o marquez de Dronero, enviado piemontez[5]. A 10 de setembro de 1680, tendo-se achado este navio a umas 15 milhas do rio de Lisboa, e á vista de duas fragatas portuguezas do mesmo porto, ellas o seguiram com uma tal obstinação, que não tendo podido evitar mudar de rumo contra ellas, houve um combate de duas

---

[1] *Correspondance de Portugal*, fol. 206. V. *Mémoires relatifs à la Reine de Portugal*, pelo mesmo, fim de abril de 1667, vol. VI, fol. 280, curioso até ao fim do volume.

[2] Mignet, *Négociations relatives à la succession d'Espagne*, parte IV, secção I, tomo II, pag. 565 a 571. A Rainha, por esta occasião, escreveu do convento da Esperança, para onde se tinha retirado, duas cartas: uma, a seu real esposo, e a outra ao cabido de Lisboa, sendo esta para pedir a annullação do casamento.

[3] Não eram estas suas primeiras victorias nas luctas de amores francezes, pois mr. de Montaigne fallando de um commandante de navio de guerra portuguez, diz: «É dos meus amigos intimos, e em geral da nação franceza, de onde procede, sendo filho natural de um embaixador de França em Portugal, que vós vistes morrer arcebispo de Cambray. Sua mãe, que tambem era franceza, deu brado n'esta côrte, tendo sido amante do Rei D. Pedro, antes e depois do abbade d Estrées, e ella era mãe do Infante D. Miguel, reconhecido pelo fallecido Rei de Portugal, seu pae. Aquelle de quem vos fallo, é um rapaz muito amavel na sua especie, cheio de merecimento, e que ha de subir postos na pequena marinha de Portugal. (*Carta de mr. de Montagnac*, de 17 de abril de 1736, na *Correspondance de Portugal*, vol. LXXI, fol. 78.)

[4] Ms. da bibliotheca nacional, n.º 7:120, fol. 189 r.

[5] Depois de ter annunciado, com a data de 14 de outubro de 1680, pag. 587, a chegada a Toulon do cavalleiro de Hery em o navio *L'Entreprenant*, a *Gazette* acrescenta: «O marquez de La Porte arma o *Temeraire* para ir a Villefranche receber o embaixador de Saboya (o marquez Dronero) e para o transportar a Lisboa». V. 16 de novembro, pag. 638.

horas por causa dos cumprimentos. Por fim, o commandante portuguez, tendo sido desmastreado, desapparelhado e posto em estado de ir a pique, não viu que podesse tomar outro partido, senão o de prestar, tanto elle como o seu companheiro, homenagem ao pavilhão francez, consoante a prescripção do cavalheiro d'Hery, saudação de onze tiros de peça, aos quaes só correspondeu com tres para ambos, o que foi um modo de punir seu procedimento, censurado aliás pela Rainha.

«Um outro official portuguez incorreu em identica desgraça n'uma circumstancia narrada pela *Gazetta*, com data de 20 de agosto do mesmo anno[1]. Dois navios da esquadra do cavalheiro de Chateau-Regnault, commandados pelo marquez de Langeron e pelo senhor de Rolingue, depois de terem aguado em Lagos, na provincia do Algarve, tinham-se feito ao mar com o fim de cruzarem ao longo das costas de Portugal, e vigiarem os piratas barbarescos. A 31 do mesmo mez estes dois navios se mostraram no Tejo e fundearam na enseada de Santa Catharina. O capitão da torre deixou-os entrar, sob a segurança que lhe foi dada pelo marquez de Langeron, de que tinha licença para isso. O Principe regente, que a não tinha ainda concedido, mandou prender este capitão, e o expulsou. Mas, pela recommendação de mr. de Guénégaud, foi reintegrado no seu posto, e alem d'isso, nossos navios poderam abastecer-se de viveres.

«Em 1643, um gentilhomem francez, de nome e de armas, tinha contrahido matrimonio dos mais illustres n'uma grande casa de Portugal. N'esta data, Soares de Abreu escrevia de Valledeflores a Theodore Godefroy, historiographo do Rei: «Escrevo tambem uma outra carta a madame de Surgères Helena de Fonsecque, com um discurso da poderosa casa de Fonseca, pois eu o tinha promettido em París. Contentar-me-hia se vós tivesseis visto o que eu tenho escripto, para o censurardes e para me communicardes vosso juizo[2].

«No principio do anno de 1683, a attenção publica se fixou mais do que em nenhum outro tempo sobre Portugal; corria o boato do casamento de Luiz XIV com a Infanta d'este paiz; diziam até mesmo ser madame de Maintenon que procurava a realisação de um tal consorcio; mas tudo isso era bem incerto[3], embora o filho de mr. de Croissy não houvesse ainda regressado de Portugal, onde o retinham as affeições delicadas, das quaes elle era o objecto[4]. Parente dos Colberts, tinha elle achado em Lisboa a lembrança de seu priminho de Ferron; hospedado na casa de Schomberg[5], teria podido ver um negociador, intromettendo-se nas cousas do seu cargo.

---

[1] Pag. 501 e 502. V. pag. 504.

[2] *Bibl. de l'Institut de France, fonds Godefroy*, vol. 493, fol. 372.

[3] *Mémoires de M (Frémont) d'Ablancourt, envoyé de S. M. Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal..., de 1659 à 1668*. Amsterdam (Paris et aussi La Haye), 1701, pag. 123. V. La Clède, *Hist. gen. du Portugal*, tomo II, pag. 759, col. 2.ª, anno 1664.

[4] A 18 de julho de 1684, mr. de Saint Romain escrevia ao secretario d'estado: «A companhia de mr. de Forcy não sómente me consola, mas até mesmo nos alegra. Afflijo-me muito com a lembrança da sua partida, e é do meu dever agradecer-vos a residencia que faz aqui.» *(Correspondance de Portugal*, XXI, fol. 314.)

Ms. da bibliotheca nacional, 5:853, fol. 124 v. V. ácerca da missão do cavalheiro de Jant, Tessir, pag. 290; Ravaisson, *Archives de la Bastille*, tomo I, pag. 200 a 203, e Valfrey, *Hugues de Lionne, &c.*, Paris, 1881, in-8.º, cap. V, pag. 304 e 305.

«O cavalheiro de Jant, guarda e capitão geral das fronteiras do reino, tinha partido, por ordem do Rei para Portugal, com estas instrucções secretas do cardeal: «O cavalheiro verá e fallará o maior numero de vezes que podér á Infanta; reparará mui particularmente no seu espirito, estatura e linguagem, e informar-se-ha, se podér, por meio de alguns creados, officiaes e creadas, se nada ha que dizer relativamente á sua pessoa ou ao seu corpo, emquanto aos defeitos ou a qualquer outra cousa. Sendo tiradas as ditas informações com grande segredo e prudencia, terá dois retratos da Infanta.»

«N'uma esphera menos elevada, o vento soprava então a favor dos casamentos portuguezes.

«Maria Angelica Henriqueta de Lorena, filha de Francisco, conde d'Harcourt, havia desposado, em segundas nupcias, em 7 de fevereiro de 1761, a Nuno Alvares Pereira de Mello, duque do Cadaval, marquez de Ferreira, condestavel e grão-mestre da casa da Rainha[1]. Tendo fallecido esta dama a 9 de junho de 1674, pensou o duque em se tornar a casar, no anno seguinte, em terceiras nupcias. Um projecto de casamento com mademoiselle d'Elfeub, não havendo sido levado a effeito, a condessa de Soissons propoz ao fidalgo portuguez um outro matrimonio[2], mas fixou sua escolha em Margarida Armande de Lorraine, filha de Luiz, conde d'Armagnac e escudeiro-mór de França, e de Catharina de Neuville-Villeroy[3].

«Depois da morte de seu marido, Marguerite Armande de Lorraine teve saudades da sua terra. No 1.º de abril de 1754, o conde de Baschi, embaixador de França, escrevia de Lisboa ao seu governo: «O Rei de Portugal acaba de fazer uma grande reforma na casa da senhora duqueza de Cadaval. Tirou-lhe vinte creados, á frente dos quaes estava um francez encarregado da educação do joven duque, rapaz muito sabio, e que de modo algum merecia ser despedido. O senhor duque de Cadaval, pae, tinha disposto no seu testamento, que um frade, que fôra encarregado da educação de seus filhos naturaes, seria encarregado da educação do joven duque. A senhora duqueza não tinha julgado a proposito o seguir sua vontade a tal respeito; havia pedido ao Principe Carlos alguem a quem podesse entregar a mocidade de seu filho, e o Rei de Portugal tinha approvado as rasões que a isso a tinham levado. Hoje, não sómente mandou entregar o duque á direc-

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, 2.ª impressão, pag. 35 e 36. V. ácerca do casamento do duque de Cadaval com mademoiselle d'Harcourt, a *Correspondance de Portugal*, vol. x, fol. 130, 10 de outubro de 1670. Por uma carta em portuguez, assignada por *De Lionne*, e datada de Paris a 6 de fevereiro de 1671, Luiz XIV não tinha perdido tempo sem felicitar o duque pelo seu casamento com uma Princeza franceza.

[2] V. no ms. da bibliotheca nacional do Porto, n.º 26, fol. 75, 77 e 176, duas cartas alem da do Rei, acima mencionada, uma do cardeal Bouillon, tio de mademoiselle d'Elbeuf, e a outra da condessa de Soissons, de 22 e 24 de fevereiro de 1675, ambas relativas ao mesmo assumpto. O annuncio do terceiro casamento do duque do Cadaval, a 25 de julho de 1675, acha-se na *Gazette*, n.º 76, pag. 566. V. Madame de Sévigné, *Cartas* de 16 de janeiro de 1671 e 26 de julho de 1675; Danjeau, anno 1687, e Oliveira, tomo I, pag. 46 e 47.

[3] Carta em francez e portuguez, de mr. de Lionne, com a data de 26 de fevereiro de 1671. (Ms. da bibliotheca nacional do Porto, n.º 31, fol. 225 e 229). V. emquanto ao casamento de um duque do Cadaval com mademoiselle de Lambèse, em 1738, a *Correspondance de Portugal*, vol LXXIII, fol. 25 (9 de dezembro de 1738), fol. 255 e fol. 7 (11 de janeiro de 1748). Nomeemos ainda D. Anna de Lorraine, filha do marquez de Abrantes, e viuva de um irmão do duque de Cadaval, camareira-mór da Princeza do Brazil, para ter occasião de mencionar uma illustre amizade da duqueza de Ventadour. (Ibidem, vol. LXXIII, fol. 90, 11 de maio de 1728; LXVII, fol. 29, 37 e 61 v., 4 de março de 1722.)

ção do frade, mas até mesmo quer que tenha uma inspecção geral em toda esta casa. Todos os creados francezes que n'ella haviam entrado depois da morte do duque, foram, da mesma sorte, do numero dos reformados[1].»

«Outras uniões matrimoniaes merecem tambem ser mencionadas em seguida ás da casa de Cadaval. O conde de Villa Nova tinha desposado mademoiselle de Villars. A nobre menina proposta ao filho do conde da Atalaya fôra recusado por esta. Madamoiselle de Vivonne foi talvez menos difficil[2]. O filho do Principe de Courtenai tinha desposado a irmã de mr. des Vertus, dos bastardos de Bretanha, viuva de Gonçalves Carvalho Patalin, inspector dos navios do Rei de Portugal, paiz de onde ella tinha vindo[3]. Uma menina da familia de Brancas, casada com o Soares, senhor d'Aulan, estava igualmente viuva em 1713[4].

«Emfim, o conde de Calheta, filho do conde de Castello Maior, que tinha sido o favorito de Affonso VI, desposava mademoiselle de Soubise[5], no mesmo momento em que o conde de Prado, genro do marechal de Villeroy, banido de Portugal por haver morto um official de justiça, se refugiava na França sob o

---

[1] *Correspondance de Portugal*, vol. LXXXVI, fol. 64. V. 74, 78, 130, etc.

[2] Ibidem, 9 de janeiro de 1689; vol. XXVI, fol. 147 e 148. Pormenores genealogicos.

[3] *Mémoires de Saint Simon*, anno 1713; tomo XI, pag. 23. V. mais adiante, tomo XVIII, pag. 474, a respeito do que o nobre escriptor diz de um francez, Hugues Bertrand, o qual, depois de um casamento com uma herdeira da casa de Albuquerque, tomou só o nome e as armas de la Cueva. Em 1716 o filho do marechal de Berwick, duque de Liria, desposava D. Catharina de Portugal, irmã e unica herdeira do duque de Veraguas. *(Mémoires du maréchal de Berwick*, na *Collecção Petitot*, 2.ª serie, tomo LXV, pag. 398, n'uma nota.

[4] Anselme, *Histoire généalogique e chronologique de la maison royale de France*, tomo V, pag. 281-F. Faz-se menção na *Correspondance de Portugal*, vol. LVII, fol. 374, com data de 12 de janeiro de 1723, de um cavalheiro, Pierre Nolasque Couvay, com o titulo de consul da nação portugueza na França; por outro lado, o *Mercure*, de outubro de 1722, pag. 198, nos revela: «Mr. Couvay, portuguez de origem e secretario do Rei, casa e corôa de França e de suas finanças», sem nos informar como das margens do Tejo este personagem, cujo nome parece antes inglez, viera tomar raizes nas margens do Sena. Nós nada mais sabemos por miudo, do que o que d'elle diz Bouyn, cognominado *O'Gilvy*, no seu *Nobiliario de Guienne* (tomo I, Bordeaux, 1856, in-4.º, pag. 88), a respeito de Benoit Pierre Charles Musino, cavalheiro que desposou em 1773 Charlotte du Hamel. Finalmente, e para acabar com isto, um genealogista, aliás respeitavel, Mr. de Courcelles, dá logar na sua *Histoire des pairs de France*, tomo II, pag. 1, á pretensão que tinham os membros da casa de Bombelles, de descenderem de Portugal.

Parece que Couvay se devêra ler antes Convay. Assim o lemos no alto de um catalogo de sua bibliotheca, impresso em Paris no anno de 1828, in-fol. V. tambem, ácerca d'aquelle, uma nota do marquez de Palmy, publicada no *Bulletin du bibliophile*, de Tchener, março de 1859, pag. 138.

[5] As condições do casamento reguladas com o conde de Castello Melhor pelo abbade d'Estrées, em Lisboa, no anno de 1694. *(Correspondance de Portugal*, vol. XXVI e XXX, fol. 18.) V. tambem *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, Lisboa, 1755, in-4.º, pag. 357 e 506. Lemos na *Gazette*, de 22 de maio de 1683, pag. 8: «A 18 d'este mez, o duque de Rohan, em virtude de uma procuração de D. Joseph Rodrigo da Camara... desposou em seu nome Constance Emilie Rohan, filha do Principe de Soubise, sua sobrinha.» A nomeação de mr. de Saint Romain, que não estava na sua primeira missão em Lisboa, tendo occorrido pelo mesmo tempo (Schaefer, *Gesch. von Portugal*, tomo V, pag. 29; ella é annunciada a 29 de maio), podemos crer que o mesmo navio levou ás margens do Tejo o embaixador e a recemcasada, e que elles se encontraram com D. Salvador Taborda de Portugal, enviado extraordinario de D. Pedro II á França (*Gazette* de 31 de dezembro de 1683, pag. 7), que imaginâmos ter vindo a bordo da frota portugueza, ancorada em Villa Franca, perto de Nice. *(Mercurio galante*, dezembro de 1682, pag. 281 a 286). Salvador ainda se achava em Paris no dia 20 de junho de 1682. (Ms. da bibliotheca nacional portugueza, n.º 24 fol, 171) e figurava na qualidade de procurador no casamento de mademoiselle de la Motte com Duarte de Sousa Coutinho, inspector mór dos correios. *(Gazette*, 1687, n.º 1, pag. 11.)

nome de marquez das Minas[1], com um de seus parentes, que tinha o titulo de Atalaya[2], seguro de um bom acolhimento na côrte de Principe, em que os portuguezes se achavam mais no galarim do que em nenhum outro tempo[3], e que não tinha receiado intervir em prol de um outro assassino menos consideravel[4].

E ainda isto não é tudo: pela recommendação de Luiz XIV, D. Pedro concedeu o alvará á condessa de Prado[5].

«Aos casamentos portuguezes devemos addicionar o de madame de Elvas «franceza de nação e duplamente pelo zêlo». O Rei D. Pedro a tinha amado e casado com um homem rico, deixando por sua morte um filho com mais de 50:000 libras de rendimento. «Esta dama expoz-se a muito, acrescenta o escriptor de uma carta de Lisboa, e sem a amizade do Rei a inimizade da Rainha ter-lhe-ia custado a vida. Esteve elle por tres vezes na prisão, por suspeitas de conluio; a morte da Rainha terminou este negocio, com satisfação d'aquella.» Esta accusação do conluio merece alguns esclarecimentos.

«Madame de Elvas era irmã de mr. de Verger, consul de França em Lisboa, expulso de Portugal em 1704, sem duvida por causa de manejos politicos continuados de combinação com ella[6], e inaugurados por uma dama do mesmo nome, da qual mr. de Saint Romain parece querer dar a capacidade, quando, depois de ter lido a recommendação de queimar um bilhete que lhe era dirigido, lhe chama «la du Verger».

«Espiã, se quizerem, madame de Elvas não era, comtudo, uma aventureira como uma outra franceza, que em 1724 se dirigia a Lisboa sob o nome de con-

---

[1] *Correspondance de Portugal*, vol. XLV, pag. 131. Mais do que em nenhum outro tempo a França contava amigos em Portugal. (Ibidem, fol. 127, outubro de 1707).

[2] *Journal du marquis de Dangeau*, maio de 1694, tomo V, pag. 8. V. pag. 506: «Casada em Lisboa em 1688, no proprio anno da nomeação do vidama (o que representava a pessoa do bispo senhor temporal) d'Esvenal para o logar de embaixador (Ms. da bibliotheca nacional portuense, n.º 32, fol. 246); madame de Prado morreu em 1713 (*Mémoires de Saint Simon, éditeur Hachette*, tomo X, pag. 424), depois de madame de Ribeira Grande, filha de mr. de Soumise e sobrinha do cardeal de Rohan. (*Correspondance de Portugal*, vol. XX, fol. 75, em 31 de janeiro de 1683, e a 11 de maio, folha 274 v.; vol. LVI, fol. 16. V. *Mémoires du marquis de Dangeau*, tomo XIII, pag. 100; 12 de fevereiro de 1710). O conde da Ribeira, embaixador extraordinario de Portugal na França, era filho d'esta senhora; fez sua entrada em Paris a 18 de agosto de 1715, com uma inaudita magnificencia, e atirou ao povo muitas medalhas de prata e algumas de oiro. (*Gazette*, 1715, pag. 47; Dangeau, tomo XVI, pag. 97; Saint Simon, tomo XII, pag. 315 e 316: *Quadro elementar*, tomo V, pag. 146 e 147). Citemos ainda uma parisiense, Angel d'Ancourt, mãe de Pedro Norberto d'Ancourt e Padilha, que viveu pelo anno de 1746. (*Bibl. Lusit.*, tomo III, pag. 604, col. 2.ª; P. de Sousa, *Bibliotheca Historica*, pag. 332. V. pag. 314, n.º 402).

[3] N'um despacho de mr. de Saint-Romain, o embaixador portuguez D. João de Athayde é representado como louvando-se do bom acolhimento que tinha recebido em Versailles e em Chantily. (*Correspondance de Portugal*, vol. XXII, fol. 13, anno 1684.)

[4] Ms. da bibliotheca nacional, fundo portuguez, n.º 27, fol. 30. Um outro homicidio de um francez, official da Rainha, assassinado por um arrieiro, deu origem a uma contestação porfiada, narrada na obra *Relation des troubles arrivées dans la cour de Portugal*, pag. 136 a 142.

[5] *Correspondance de Portugal*, vol. XXX, fol. 225 e 226, 30 de agosto de 1695. V. tambem vol. XXXII, fol. 99 e 241, e XXXIII, fol. 201 a 207. Um outro portuguez, Manuel Mendes, preso no grand Chatelet, só d'alli tinha saido para ser expulso da França. (Ibidem, vol. XXIX, fol. 355, 28 de agosto de 1693). Igual ordem de saída da Bastilha, e depois do reino, com a data de 30 de maio e 13 de outubro de 1712, tinha sido dada contra um falso conde de Sousal. (Ibidem, vol. XCVII, fol. 131, 132, 199 e 202.)

[6] Ibidem, vol. XLIII, fol. 224 e 236; XLIV, fol. 50; XLV, 113 e 146 v. Não sabemos se mr. de Vergier foi reintegrado no seu posto; mas achâmos na mesma collecção, vol. XLV, fol. 319, com a data de 22 de maio de 1712, uma lembrança d'este funccionario no commercio dos dois paizes.

dessa ou marqueza de Brenne, com uma numerosa comitiva. Chegada á fronteira de Hespanha, morreu em Extremoz de uma doença de languidez. Affirmaram-me, acrescenta o narrador, que esta pretendida condessa era a Peneverd em Paris, sustentada por D. Luiz da Cunha, que lhe dava, alem de mesa posta, 12:000 libras por mez. Sua creada de camara me disse tambem que tinha feito seu testamento, no qual ordenava que tudo fosse entregue nas mãos d'ella, para entregar a um filho que ella declarou ter em Caen, na Normandia, etc.[1]

«No fim do seculo XVII, Luiz XIV annunciava á Rainha a ida de um novo embaixador, Rouillé Marbœuf[2], o qual parece ter tido por missão principal o estudo do commercio da França com Portugal e suas colonias e vice-versa[3]. Que outros façam saber o objecto da sua missão, da qual não possuimos relação seguida, como possuimos de seu antecessor. Nomeado embaixador no mez de abril do anno de 1697, para substituir o abbade d'Estrées, que desempenhava este cargo havia cinco annos, o marquez de Chasteauneuf de Castagnières, cioso de sua reputação, tomava o cuidado de o certificar por um memorial de sua embaixada a Portugal[4].

«Tambem não investigaremos se o capitão du Bucage, que encontrâmos na *Correspondencia de Portugal,* no anno de 1703, era um d'esses officiaes francezes que, com ou sem licença do Rei, ás vezes mesmo sem esperança de regresso, iam servir em Portugal.

«Nomeemos ainda, pois temos occasião de o fazer, o sr. Ferrette, outr'ora official de hussards na França e cavalleiro de S. Luiz, e mr. de Labatut, conde de la Rivière, a respeito do qual Mr. de Martignac escrevia ao conde de Vaulgrenant, de Lisboa, em maio de 1735: «Chegou na semana passada a esta côrte um conde de la Rivière, que nos disseram ser um d'esses bretões que conjuraram contra o estado durante a regencia. Vem de Hespanha, onde, segundo me foi narrado, era coronel, conforme o que elle disse, e que por motivos de descontentamento tinha passado para aqui, onde espera ser empregado. Diz ser parente da casa de Rohan, e por conseguinte mandou informar á senhora condessa da Calheta, irmã do sr. cardeal de Rohan, que lhe desejava apresentar seus cumprimentos; mas ella, segundo me contaram, mandou-lhe recusar a visita antes de estar bem informada de quem elle fosse. Tambem quiz fazer uma visita ao duque de Banhos, que lh'a mandou recusar pelo seu suisso.

«Uma outra carta de Lisboa, de 22 de dezembro de 1744, nos revela um gentilhomem de Languedoc, expatriado, o cavalleiro de Salvan d'Hauterive, pensionista no Rei de Portugal, mais afortunado do que um de nome Pereira de Olivares, portuguez, nacionalisado francez, reclamando com instancia o goso de um *mayorasque,* que elle devia herdar depois da morte da senhora de Bonneuil, sua tia, e em virtude de uma sentença proferida em Lisboa.

---

[1] *Correspondance de Portugal,* vol. XXI, fol. 350, 29 de agosto de 1864; XXII, fol. 64 v., 31 de outubro do mesmo anno; XXXIII, fol. 69, 180, etc.

[2] Ibidem, vol. LX, fol. 119 v., 126 v., 153 e 155.

[3] Ms. da bibliotheca nacional, fundo portuguez, n.º 32, fol. 217. V. ácerca de Pedro Rouillé, o senhor de Marbeuf, a *Nouvelle Biographie Universelle,* tomo XLII, col. 720, e a *Correspondance de Portugal,* vol. LXXXI, fol. 170.

[4] *Correspondance de Portugal,* vol. XXXI, fol. 30 e 42, 28 de julho e 7 de agosto de 1697.

«Mr. de Chavigny era então embaixador de França em Portugal; a marqueza de Lons escrevia de Orleans a 28 de março de 1748, para obter uma carta de recommendação para elle em favor do conde de Gaubert, tenente coronel do regiménto de Alcantara.

*
* *

«Depois da visita de Affonso V a Luiz XI, tinham de passar muitos tempos antes que a França tornasse a ver um Principe portuguez. A 16 de maio de 1716, D. Manuel, que não contava ainda dezeseis annos, chegava a Paris, e apeava-se á porta do embaixador da sua nação[1].

«Espancado pelo Rei, seu irmão, n'um momento de colera, o joven Principe já se não julgava seguro no seu paiz. A nenhuns incommodos se deram para o receberem, diz Saint Simon, sob o pretexto do incognito. A Inglaterra, que desde o tratado de Methuen dominava Portugal[2], em tudo comprazia com o Rei D. João V. A consideração dos inglezes entrou, pois, em grande dóse na fria recepção que a côrte de França fez ao joven D. Manuel. O duque de Orleans ficou até bem contente por se furtar á despeza e aos incommodos pessoaes de uma recepção conveniente; preferiu, portanto, chegando á maior indecencia, tudo supprimir. O nobre estrangeiro não viu nem o Rei nem o regente, nem as damas de França, nem os Principes nem as Princezas de sangue. Viveu, pois, em Paris como um particular, e só alli viu as pessoas das classes baixas. Aborreceu-se por isso, dentro em pouco, e ao cabo de seis semanas retirou-se, apesar de todos os rogos do embaixador de Portugal[3].

«De Paris, D. Manuel passou á Allemanha, e avançou até Vienna, com o fim de tomar parte na guerra da Hungria, que estava prestes a declarar-se. Segundo parece, n'ella se cobriu de gloria; mas a lembrança dos prazeres que tinha gosado em Paris o chamava para esta capital. A ella tornou depois de se ter conservado

---

[1] Elle tinha tomado o titulo de conde de Ourem. V. ácerca da sua viagem na Europa a *Correspondance de Portugal*, vol. XLIX, fol. 86, citado no *Quadro elementar*, tomo V, pag. 51.

[2] Este tratado, concluido em 1703, deu seu nome ao embaixador inglez que o havia negociado. Foi publicado por Chalmers (*Collection of Treaties*, ed. de 1790), e por Macpherson (*Annals of commerce*, vol. II, pag. 729).

[3] *Mémoires de Saint Simon*, anno de 1716, tomo XIII, pag. 436 e 437. Viajando incognito, não devia D. Manuel querer que o tratassem em conformidade com a sua gerarchia, a não ser em casa do embaixador do seu paiz, que tinha, certamente, recebido suas instrucções. O chronista da côrte de França, registrando uma festa dada por este diplomata por occasião do nascimento de um filho do Rei de Portugal, acrescenta: «Foi ella mui magnifica, como todas as festas, que está no costume de dar. A senhora duqueza de Berry, o senhor duque de Orléans e quasi todos os Principes e Princezas alli estavam mascarados no baile.» (Dangeau, 10 de agosto de 1717; tomo XVII, pag. 146. V. ainda o mesmo jornal, 18 de outubro de 1714 e 28 de janeiro de 1716; tomo XV, pag. 265 e tomo XVI, pag. 309; o *Mercure*, de janeiro, pag. 205, etc.

A nós mesmos perguntâmos por que motivo o narrador nada diz ácerca da embaixatriz de Portugal, proclamada uma das damas mais bellas e completas que se tinham jamais visto entre as da sua nação. Em a relação do baile dado pelo Principe eleitor de Saxe, no palacio de Soissons, a 16 de fevereiro de 1715, e que parece ter sido um dos mais sumptuosos, sendo as despezas do eleitor muito grandes em Paris. Fallando d'esta despeza, assignalada n'uma carta de 8 de abril seguinte, o escriptor acrescenta: «Se o Rei de Portugal quizer fazer uma similhante para o Principe, seu irmão, achal-a-ha, sem duvida, pesada». *Correspondance de Portugal*, vol. XLVIII, fol. 83 v. V. a collecção de *Mémoires de Cimber et Danjou*, 2.ª serie, tomo XII, pag. 365.

na Hollanda desde o fim da campanha, e, como da primeira vez, foi apear-se á porta do embaixador de Portugal[1].

«Chamado ao seu paiz pelo Rei, seu irmão, em 1719[2], D. Manuel voltou uma segunda vez a Paris em 1722. Eis em que termos o *Mercurio* de outubro annuncia sua chegada: «A 9 d'este mez, D. Manuel, Infante de Portugal, chegou á côrte do Imperador n'esta cidade, acompanhado do marquez Villaparaizo, grande de Hespanha, e do conde de Vazquez, genro de Mr. Perlada, secretario d'estado de Sua Magestade Imperial. Era a terceira viagem que este Principe fazia a París incognito, guardando-o d'esta vez sob o titulo de cavalheiro de Barcellos, uma das principaes terras da casa de Bragança, tornada o tronco da casa real de Portugal, depois da proclamação que se fez em 1640, do Rei D. João IV, avô do Infante[3]».

«Havendo o Principe manifestado desejos de assistir á sagração de Luiz XV, o secretario d'estado escreveu immediatamente ao embaixador portuguez, dizendo: «No dia em que o Infante de Portugal julgar a proposito, senhor, para vir a Versailles, o Rei e Sua Alteza Real terão muito prazer em o verem, e receberá o tratamento que já lhe deram. O official mór encarregado dos alojamentos *(le grand maréchal des logis du Roy)* mandou ordem para Reims para procurarem a casa mais commoda entre as que não estivessem já occupadas.»

«O gazeteiro informa-nos de que o alvo da viagem de D. Manuel era o de assistir á sagração de Luiz XV, e não se cança de elogiar o Principe portuguez, misturando os elogios de um Rei:

«Qui depuis...; mais alors il était vertueux.»

«A 14, diz o auctor da relação que estâmos analysando, fez sua primeira visita a Sua Magestade e ao senhor Regente. Foi sem cerimonial, e n'um dos bosques do jardim de Versailles, e como por um encontro. O Rei e o Infante abraçaram-se».

«Se nos merece credito o chronista, D. Manuel ficou deslumbrado com o esplendor da Magestade Real; comtudo esta surpreza nada tirou á belleza do seu cumprimento. Foi curto, mas nobre, e em termos que marcavam a vivacidade de seu espirito e seu respeito para com o monarcha. Depois de terminado o cumprimento tanto um como outro se cobriram, bem como o Regente, e o conde de Clermont, a quem Sua Alteza Real apresentou ao Infante. Um momento depois o Principe despediu-se do Rei e foi visitar o cardeal Dubois.

«Não o acompanharemos mais, a não ser em Lisboa, para mencionarmos uma carta de recommendação do Infante dirigida ao duque de Choiseul, a favor de um abbade de Launay, e suas velleidades naturaes e outras; mas se passarmos por casa de um outro grande dignitario da igreja, o cardeal Fleury, aqui havemos de achar um certo Francisco Mendes de Goes, agente do Rei de Portugal em París. Tinha grangeado um tal grau de importancia junto de sua eminencia, que

---

[1] Danjeau, 16 de maio de 1716 e 26 de setembro de 1718; tomo XVI, pag. 380 e 381, e tomo XVII, pag. 394.

[2] Saint Simon, tomo XVII, pag. 131.

[3] Saint Simon, tomo XVII, pag. 196 e 197.

de tudo lhe fallava e mui livremente. «Provém isto, diz o marquez de Argenson, de o sr. cardeal amar muito o bem do reino; considera Mendes como creatura sua, por elle ganha pelos cuidados que teve em o acariciar, e crê que devido a estas caricias é que elle deve as compras e esse pequeno commercio que o Rei de Portugal mantém com a França para comprar sinos[1], grades e carruagens. D'aqui poderemos conjecturar quanto valeria junto de sua eminencia qualquer pessoa que augmentasse este commercio e o tornasse universal[2].

«Tanto quanto é permittido inferir de uma deliberação da nação franceza ácerca do exame das contas e despeza do thesoureiro durante o anno de seu exercicio, em 1767, e para testemunhar seus sentimentos de reconhecimento ao cavalleiro de Saint Priest, teria este diplomata empregado todas as diligencias possiveis para obter este resultado[3].

«Alguns annos antes do despertar da nação franceza, não se acreditava ainda entre nós no de Portugal[4].

«Mendes, segundo parece, era tão alto como louco, e, o que não é pouco dizer-se, apesar d'isto tinha espirito e passava por ser velhaco e traidor. Gabava-se de ter contribuido muito para a quéda do guarda dos sellos Chauvelin, e, com effeito, tinha contribuido muito para tal fim. Quando Amelot foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros, Mendes foi a casa do cardeal, emquanto o ultimo secretario d'estado estava trabalhando. Sua eminencia perguntou-lhe: «Que dizeis vós d'este novo ministro? Tudo quanto lhe falta é o que vós tendes de mais.» E apontou para a sua estatura.

«Em outra occasião, se é que não foi no decurso da conversação, perguntou-lhe o cardeal: «Que pensava o publico da escolha que acabavam de fazer de mr. Amelot para succeder a mr. Chauvelin», respondeu: «Que o publico não tinha ficado muito contente com tal escolha; mas que, emquanto a elle, agourava-a melhor do que outra qualquer, porque nada sabendo mr. Amelot da politica, se por meio de sua eminencia havia de aprendel-a[5].»

«Deu certo dia o marquez de Argenson um grande jantar a D. Luiz da Cunha[6], embaixador de Portugal na França, o qual succedêra a D. Luiz da Ca-

---

[1] Allusão a um caso, cujo processo encontrâmos na *Correspondance de Portugal*, vol. LXXII, fol. 61 e 62.

[2] *Journal et mémoires du marquis d'Argenson*, publicadas por E. J. B. Rathery, tomo I, Paris, 1859, in-8.º, pag. 247, março de 1737. No mez seguinte Mr. d'Argenson foi nomeado embaixador em Portugal. Encontrâmos pormenores ácerca do seu tratamento e da sua despeza, na *Correspondencia do ministerio dos negocios estrangeiros*, vol. LXXVIII, fol 284 e 289, maio de 1743. V. tambem vol. LXXIX, fol 184; LXXVI, fol. 195 (17 de janeiro de 1741) e 320.

[3] Na *Correspondance de Portugal*, XCVII, fol. 236. O processo verbal, alem do nome de Gérard Claude de Semonin, consul geral do Rei, apresenta as assignaturas de vinte e tres francezes. No volume precedente, verso, trata-se dos portuguezes devedores aos nossos compatriotas.

[4] Métra escrevia na data de 3 de fevereiro de 1785: «Corre tambem um gracejo... são os quatorze *tout:*

«Le Portugal s'écarte de — *tout.*»

Ha talvez dois ou tres mui felizmente rematados. (*Correspondencia secreta*, tomo XII, pag. 285.)

[5] Flassan, *Histoire générale et raisonnée de la diplomatie française*, 6.e période, liv. III, tomo V, pag. 77. París, 1811, in-8.º

[6] A casa de Coigne dizia-se alliada da casa da Cunha, por conseguinte oriunda de Portugal. (*Inventaire genealogique de la noblesse de Touraine*, pag. 161.)

mara[1], e convidou ao mesmo tempo a Mendes e a D. José Galvão de Lacerda, enviado extraordinario de D. João V[2]; mas parece não ter tido grande jubilo com esta reunião. «Com estes estrangeiros, que estropiam o francez, diz o amphytrião, torna-se-me indispensavel uma contenção de espirito, que dá cabo de mim quando os ouço[3]. Mr. de Lacerda parece-me amavel, falla intelligentemente, e nada diz que deixe de ser sensato. D. Luiz da Cunha tem setenta annos. É um homem consummado nas negociações em que tem sido empregado ha quarenta e cinco annos. Tem muito espirito, e julga e aprecia bem. Talvez, porém, a idade lhe tenha cerceado sua penetração e perspicacia.» Um ardor senil parecia ter dado rasão ao marquez, e origem a boatos, nos quaes entrava a maledicencia. Noticias chegadas de Lisboa em 1749, annunciavam a expulsão de Paris, de uma dama, Salvador, e o receio de que D. Luiz da Cunha houvesse desamparado seu posto, para a seguir á Hollanda.

«Pelo mesmo tempo, um embaixador transmittia á Hollanda uma anecdota notavel: «Um sujeito por nome André, creado do sr. de la Bourdonnais, dirigiu-se para Lisboa com madame de la Bourdonnais, e lá se deixou ficar depois que ella voltou para França. Elle ainda hoje se encontra aqui. Este creado acha-se depositario de uma parte de diamantes extraordinariamente consideravel, e que, segundo todas as apparencias, pertence ao sr. de la Bourdonnais. O consul de França em Lisboa foi encarregado de aconselhar a André a que se dirigisse de boa vontade a França com os diamantes que tem em seu poder, mas não foi possivel resolvel-o a isso. Poz nas mãos do consul de França em Lisboa uma declaração por elle assignada, declarando que os diamantes que tem em seu poder pertencem a elle proprio e a alguns amigos, e que não pertencem, nem directa nem indirectamente, ao sr. de la Bourdonnais[4]».

«Um dos successos de D. Luiz da Cunha, na qualidade de ministro de Portugal, foi «o R. P. Dom Sousa», como lhe chama madame Deffand, que a esta designação ajunta a de *pouco devoto*. Morreu em França, onde tinha desposado mademoiselle de Canillac[5], depois do fallecimento do seu primeiro marido, Mendes de Goes, cuja successão, consistindo de moveis, deu logar a um regulamento relativo, ao Rei herdar os bens deixados pelos subditos do Rei de Portugal.

«Ao mesmo tempo o conde da Ericeira e um outro portuguez chamado José Joaquim da Silva, residente em Paris, ficavam isentos da capitação por um pri-

---

[1] A relação de sua entrada publica em 18 de agosto de 1715, foi publicada no mesmo anno na mesma cidade. O embaixador fez alarde de todos seus titulos no rosto do livro.

[2] Edouard de Septenville, *Étude historique sur le marquis de Pombal*, 1738-1777. Bruxelles, 1868, in-12 gr., pag. 100.

[3] Quando o consul Duverney deu ao ministro Azevedo os parabens pelo seu casamento, respondeu: «Que não sabia bastante da lingua franceza para exprimir todo o seu reconhecimento.» Mais tarde o conde de Baschi ha de escrever de Lisboa: «O sr. conde de Macedo parece até aqui tão concentrado, e mostra tão grande difficuldade em se exprimir em qualquer outro idioma que não seja o seu, que duvido que se possa vir a formar entre nós uma ligação bem intima.» (*Correspondance de Portugal*, vol. LXXXIV, 29 de abril de 1749, e col. LXXXV, fol. 115.)

[4] *Correspondance de Portugal*, vol. LXXXIV. V. tambem vol. LXXXVI, fol. 163. Mais adiante, fol. 375 v., encontrámos outros nomes portuguezes em Paris: D. Antonio e o conde de Arcos, dois primos da familia Noronha.

[5] *Correspondance inédite de madame Deffand*, tomo I, pag. 466.

vilegio geral a favor de seus compatriotas, dos quaes, dois, pelo menos, estavam estabelecidos em Montpellier[1].

«Descendente de uma das primeiras casas de Portugal, o bailio de Sousa desejava entrar ao serviço de França, e o Rei mostrava-se disposto a dar-lhe uma patente de coronel. Em 4 de dezembro estava em París com seus dois filhos.

«Um outro Sousa, conde de Sousa Botelho, auctor em París de uma magnifica edição de Camões, desposou, n'este seculo, a condessa de Flahault.

«Citemos ainda D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que tem podido ser apreciado fóra do paiz, e dois gentishomens francezes em relações com Portugal. Um, Pedro de Bonnefont, escudeiro, natural e residente na cidade de Bordeaux, reclamava a protecção de Luiz XVI junto de D. José I, para obter a restituição dos rendimentos de uma baronia junto de Lisboa, que lhe coubera em herança de seus antepassados, os quaes rendimentos tinham sido confiscados para o Rei de Portugal, na occasião da guerra entre as duas corôas[2].

«Um outro gentilhomem, Nunes Pereira de Olivares, visconde de la Menande e de Pereira, igualmente habitante de Bordeaux, apresentava um memorial ácerca dos vexames que experimentava por parte dos dominicanos de Portugal, que, dizia elle, queriam prival-o de um morgado que possuia, proveniente de seus antepassados.

«A estes bordalezes poderiamos ainda addicionar um certo Desaiges, que, sob o nome de conde de Hautbrion, se comportava em Lisboa de modo tal, que seu proprio pae se dirigia ao consul de França, Mr. de Saint Julien, para o mandar prender. É, porém, mui preferivel estender um véu sobre este escandalo, como sobre o de um processo intentado pelos annos de 1757 por dois negociantes em París, os irmãos Desbrières, contra o principal Saldanha, embaixador de El-Rei D. José.

«Terminaremos esta galeria com o duque de Lafões, D. João de Bragança, o conde de Sampaio, D. João de Almeida, e D. Antonio de Araujo e Azevedo, negociador da paz concluida entre a republica e o Rei de Portugal. No começo de 1798 foi preso e conduzido ao Temple. Foi isto, porém, uma scena de theatro, e desde este momento começaram a preparar-se seriamente contra Portugal, emquanto o directorio mandava a Lisboa o cidadão Segui, encarregado de uma missão.

«Por occasião da guerra um medico francez chamado Rauque, estabelecido em Lisboa, publicou algumas cartas ácerca de Portugal, com observações sobre uma viagem a este paiz, attribuida ao duque de Chatelet, e alguns pormenores sobre as finanças n'este reino[3].

«O meiado do seculo XVIII mal tinha passado, e logo um dia nefasto tinha de ser inscripto nos annaes de Portugal. Uma conjuração fôra urdida contra D. José; ella se terminou pela retirada veloz do Principe destinado a succumbir sob os golpes dos homicidas. Um certo José Antonio de Moraes e Sarmento, havendo-se gabado de ser um d'elles, teve a desdita de cair, em Perpignan, nas

---

[1] *Correspondance de Portugal*, anno 1756, vol. LXXX, fol. 55. V. fol. 70, 75, 77 e 105; vol. LXXXV, fol. 13, 14, 16, 71, 72, 86 e 90; vol. LXXXVI, fdl. 73 e 10 ; vol. LXXXVI, fol. 28, 93, 178, etc.

[2] Idem, vol. XCIV, fol. 15 a 18, anno 1763.

[3] O verdadeiro auctor d'este livro é o barão Desoteux de Cormatin. No dizer de Quérard (*Les supercheries littéraires devoillées*, tomo I, pag. 593).

mãos de um de seus compatriotas, Castro de Mendonça, residente na França havia quarenta annos, e verificador no correio d'esta cidade. Este empregado de nada mais cuidou do que denunciar o fanfarrão, o qual não passava de um bebado, e este ficou detido á disposição de Mr. de Sainte-Affrica, governador de Perpignan. Informado d'esta occorrencia, Mr. de Mailly, commandante da provincia de Russillon, apresentou seu relatorio ao secretario d'estado dos negocios estrangeiros, e por sua intervenção chegou a noticia á côrte de Lisboa, a qual mandou commissarios portuguezes para confrontarem a identidade do preso no homem denunciado á policia.»

. . . . . .

MICHELE (ANTONIO ——).—Professor da lingua italiana, franceza e ingleza.

Thesouro da lingua italiana, ou seja methodo para aprender facilmente, por meio de uma arte resumida e clara, e para poder ficar com perfeito conhecimento d'ella, ainda mesmo sem auxilio de mestre, e isto em brevissimo tempo. Por ——. Lisboa, 1807, 8.º Na officina de João Rodrigues Neves. 145 pag.

MICHELET.

«No seu *Resumo de historia moderna,* capitulo XIV, § 8.º, *Descobertas e estabelecimentos dos portuguezes,* trata este escriptor summariamente, mas com justiça, do periodo em que actuâmos directamente sobre a marcha da civilisação moderna[1]».

MICHELOTTI (G. F.).

Sagio idrographico del Piemonte, dedicato a sua Altezza Reale il Principe del Brasile regente di Portogallo. Roma, 1803.

MICKLE (WILLIAM JULIUS ——).

The Lusiad. Fifth edition. Revised by Richmond Hodges, M. C. P. Hon. London, 1877. Librarian to the society of biblical archeology.

No fim do livro VII apparece uma investigação ácerca do dogma e philosophia dos brahmanes, investigação que occupa todo o espaço contido de pag. 305 até 332. E no fim do livro IX uma dissertação sobre a ficção da ilha de Venus.

Toda a traducção dos *Lusiadas* é acompanhada de notas explicativas do texto, e n'ellas por vezes se fazem os maiores elogios ao nosso poeta, como nas seguintes:

Na ida de Vasco da Gama para a India; na *Eneida,* quando os troianos deixam uma colonia de invalidos na Sicilia, nada se vê tão terno e magestoso, e na *Odyssea* não ha circumstancia que se lhe possa assimilhar.

«Deve ser, na verdade, um leitor insensivel, quem não podér comprehender e saborear a espantosa variedade que predomina em nosso poeta. Apparece em cada pagina.

«Em a narração historica de guerras, onde ella é mais necessaria, e comtudo por causa da aridez do assumpto, mais difficil de alcançar, nosso auctor sempre a consegue com a mais graciosa promptidão.

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

«Na descripção de paizes, não sómente segue a maneira de Virgilio e de Homero, não sómente distingue cada paiz pelo seu caracter mais saliente, mas até mesmo adorna sua geographia com outros incidentes introduzidos pela menção do logar.» (Pag. 465.)

Mickle em toda a parte se mostra grande apologista do nosso poeta.

. . . . . .

That snowy neck was stained with spouting gore,
Another sword her lovely bosom tore.
The flowers that glisten'd with her tears bedew'd,
Now shrunk and languish'd with her blood imbrew'd.
As when a rose, erewhile of bloom so gay,
Thrown from the careless virgin's brest away,
Lies faded on the plain, the living red,
The snowy white, and all its fragrance fled;
So from her cheeks the roses dy'd away,
And pale in death the beauteous Ignez lay:
With dreadful smiles, and crimson'd with her blood,
Round the wan victim the stern murderers stood,
Unmindful of the sure, though future hour,
Sacred to vengeance and her Lover's power.
O Sun, couldst thou so foul a crime behold,
Nor veil thine head in darkness, as of old
A sudden night unwonted horror cast
O'er that dire banquet, where the sire's repast
The son's torn limbs supplied! Yet you, ye vales!
Ye distant forests, and ye flowery dales!
When pale and sinking to the dreadful fall,
You heard her quivering lips on Pedro call;
Your faithful echoes caught the parting sound,
And Pedro! Pedro! mournful, sigh'd around.
Nor less the wood-nymphs of Mondego's groves
Bewail'd the memory of her hapless loves:
Her griefs they wept, and to a plaintive rill
Transform'd their tears, which weeps and murmurs still.
To give immortal pity to her woe
They taught the riv'let through her bowers to flow,
And still through violet beds the fountain pours
Its plaintive wailing, and named Amours.

MIEL.

Essai sur les beaux-arts et particulièrement sur le salon de 1817. Paris, 1818.

De pag. 440 a 442 apparece uma noticia sobre a edição dos *Lusiadas* pelo Morgado Matheus.

MIGNET (M.).— De l'académie française, secrétaire perpétuel de l'académie des sciences morales et politiques.

Négociations relatives à la succession d'Espagne, par ——.

No tomo II, parte IV, trata de El-Rei D. Affonso VI e de sua esposa.

«São dignas tambem de notar-se, citadas com frequencia pelo visconde de Santarem no *Quadro elementar*, tomo IV, parte II.»[1]

Charles V. Son abdication. Son sejour et sa mort au monastère de Yuste. Par ——. *Troisième edition. Revue et augmentée.* Paris, Didier & C.e 1857. 8.o, XXIII–468 pag.

«Quem desejar formar um juizo seguro ácerca de Carlos V, depois de ler Robertson e outros escriptores, tem de ler tambem este trabalho de Quinet. N'elle verá que a retirada do Imperador para um mosteiro, em 1556, não foi effeito de uma lembrança repentina, mas que, pelo contrario, já em 1535, n'uma conversa com o embaixador portuguez Lourenço Pires de Tavora, lhe disse as seguintes palavras: «Disse-me... quanto havia desejado tirar esta carta, e como estava para não casar, para a deixar mais cedo, e tambem o quizera depois fazer quando veiu de Tunis, e que o deixava a seu filho...» (Pag. 6.)

«Carlos V, como muitos crêem, não foi viver no convento de Yuste, pertencente á ordem de S. Jeronymo, mas sim n'um palacio que mandou fazer annexo a este convento, palacio expressamente principiado dois annos antes para este fim[2], e para o qual se retirou com grande comitiva, na qual iam alguns homens notaveis.

*
* *

«O Imperador, crendo poder retirar-se para Yuste na primavera de 1536, tinha dado ordens para que tudo estivesse prompto n'aquella epocha para alli o receberem. Tinha já escolhido os empregados da sua casa, que o deviam acompanhar ao mosteiro. Esta casa, em cujo pessoal entravam alguns dos primeiros senhores de Hespanha, dos Paizes Baixos e da Allemanha, comprehendia setecentas e sessenta e duas pessoas de todas as jerarchias e empregos. Deixou ficar os personagens mais notaveis ao serviço de Filippe II e de Fernando, e escolheu entre os restantes, para o acompanharem na sua viagem, cento e cincoenta, dos quaes mais de um terço deviam encerrar-se com elle em Yuste. Entre estes tinha o primeiro logar o coronel Luiz Mendes Quijada, senhor de Villa Garcia.

«Quijada estava ao serviço de Carlos V havia trinta annos. Recebido primeiramente em o numero de seus pagens, tinha vindo a ser, mais tarde, um dos seus mordomos, e tinha-o acompanhado em todas as suas guerras. Dois de seus irmãos tinham morrido ao lado d'elle, o mais velho, D. Gutierres, em frente de

---

[1] Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, vol. II, pag. 43.

[2] Dès le 30 juin 1553 il ordonna de remettre de l'argent au prieur général des hyéronomites, et le 13 décembre suivant, deux années avant son abdication, et non quelques mois, comme le dit Robertson, il écrivit à son fils une lettre réservée, et toute de sa main, dans laquelle il prescrivait de «faire bâtir sur le flanc du monastère de Yuste une habitation suffisante pour y vivre avec la suite des serviteurs les plus indispensables à une personne dans une condition privée». *(Charles V*, pag. 65.)

Que o Imperador não deixava de todo de se importar com os negocios publicos, serve de prova Cienfuegos na *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 273, Madrid, 1717.

«Charles V, restait toujours Empereur. Malgré le désir qu'il en avait, il n'avait pas pu déposer encore la couronne impériale. Depuis le traité de Passau, il s'était tenu étranger à l'administration de l'Empire, et ses sentiments catholiques l'avaient détourné de prendre part aux resolutions finales de la diète de Augsbourg, qui, par son recès du 21 setembre 1555, avait prescrit et reglé la *paix perpetuelle de religion en Allemagne*. (Pag. 116.)

Guletta, onde tinha sido ferido por um tiro de arcabuz; o mais novo, D. Juan, no cerco de Theruane.

«Capitão na expedição de Tunis, e na invasão da Provença, o Imperador lhe tinha dado a guarda da sua bandeira em 1543 e em 1544, e quando estava prestes a travar batalha com Francisco I, em Landrecies, quando punha o capacete na cabeça, disse ao esquadrão da sua côrte: «Combatei como cavalleiros, cheios de honra, e, se virdes meu cavallo caído, e o estandarte que empunha Luiz Mendes Quijada derribado, levantae antes o estandarte do que a mim.»

«Aquelle a quem estava reservado, depois de Quijada, o primeiro logar junto do Imperador, e que com Quijada devia fazer-nos conhecer melhor sua vida no mosteiro, era o secretario Martin de Gaztelú. Carlos V o tinha escolhido entre os officiaes principaes da secretaria d'estado. Na ausencia de Erasmo, o Imperador se tinha algumas vezes servido de Gaztelú, de quem tinha notado o espirito claro, o juizo seguro, a redacção prompta e elegante, a perfeita discrição, o ardor tranquillo e a doçura invariavel. Lembrou-se d'elle então, e fel-o secretario do soberano que deixava atraz de si seus reinos, mas a quem os negocios deviam acompanhar do throno para solidão.

«Carlos tambem não se esqueceu do celebre mechanico de Cremona, Giovanni Torriano, a quem os hespanhoes chamavam Juanello, e a quem levou para Yuste na qualidade de relojoeiro.

«Carlos V, que tinha precedido na Hespanha a Luiz Quijada, partiu a 8 de agosto de Bruxellas, depois de ter dito ternos adeuses a sua filha, a Rainha da Bohemia, e a seu genro Maximiliano, os quaes tomaram o caminho da Allemanha. Filippe II acompanhou-o até Gand. A 28 separaram-se para sempre, e Carlos V, seguido de suas irmãs, Leonor, viuva de Francisco I, e Maria, Rainha da Hungria, desceu pelo canal de Gand para a Zelandia, onde o esperava uma frota de cincoenta e seis vélas. Alguns dias antes de se fazer ao mar, lavrou a favor do Rei dos romanos, Fernando, o acto de renuncia ao Imperio, o qual deviam levar mais tarde á Allemanha seus embaixadores, a cuja frente se achava o Principe de Orange. Escreveu a seu irmão, a 12 de setembro, dizendo que o deixava livre de escolher o logar e o momento em que se reunissem os eleitores para o nomearem para o seu logar, mas recordando-lhe o que lhe tinha já dito, que tinha pressa de se ver livre, não sómente de todos os seus poderes, mas até mesmo de todos os seus titulos.

«No dia seguinte de tarde embarcou no porto de Flessingue, em o navio almirante chamado *Bertendona*, onde lhe fôra preparado um aposento mui commodo, e a frota levantou ferro no dia 13 pela manhã. Porém, primeiramente a calmaria, depois os ventos de sudoeste, a retiveram a algumas leguas de Flessingue, e a obrigaram a aportar a Rammekens, de 14 a 17. N'aquelle dia, tendo os ventos cessado de serem contrarios, singrou para a costa da Biscaia, com o fim de ir sepultar-se na Hespanha, no retiro que para si tinha escolhido, e que lhe tinham preparado.»

*
* *

«Carlos V não era sómente em Jarandilla objecto de homenagens ardentes e respeitosas; remettiam-lhe ainda presentes de diversas especies, e principalmente iguarias delicadas para a sua mesa. O correio que ia e voltava de Valladolid a

Lisboa, levavá todas as quintas feiras á tarde para Jarandilla, peixe grosso para o serviço do Imperador nos dias de magro. Sua filha, a Princeza *governadora*, remettia-lhe da côrte provisões abundantes e regalos continuos, e não era ella a unica. Os grandes e os prelados lhe faziam chegar á porfia o que era mais proprio para lhe agradar. Recebeu doces, pasteis de enguias, grandes trutas de Valladolid, perdizes delicadas da aldeia de Gama, pertencentes ao marquez d Osorno, salsichas feitas á moda de Flandres na casa do marquez de Denia, caça de Aragão e de Castella a Nova, veados de Saragoça, ostras frescas, linguados, patruças e lampreias de Sevilha e de Portugal, fornecimentos de anchovas de Andaluzia, azeitonas de bago pequeno preparadas pelo commerciante Perejon, as quaes elle preferia ás de bago graudo da Extremadura.

«O arcebispo de Toledo mandou partir, por varias vezes, da sua rica metropole, oito ou nove mulas carregadas de todos os generos para Jarandilla. O prior de Nossa Senhora de Guadelupe não cessou de lh'as remetter do seu rico mosteiro, quer para Jarandilla, quer para Yuste. A duqueza de Béjar, e a duqueza de Frias offereceram tambem a Carlos V regalos de bôca e presentes. Entre estes ultimos se achavam uma cassoleta de prata para queimar perfumes, aguas de cheiro e luvas.

«Mostrou-sé o Imperador sensivel a taes attenções, mas disse ao lançar os olhos sobre as luvas que lhe tinha enviado a duqueza de Frias, e sobre seus dedos presos por causa da gota: «Teria sido tambem necessario mandarem-me mãos que as podessem calçar.» (Pag. 177.)

«As guloseimas, as salmouras, a caça, as comidas apimentadas que chegavam a Jarandilla, e que o Imperador comia com prazer e em abundancia, amarguravam o fiel Quijada, o qual escrevia para Valladolid: «Tudo isto nada mais faz do que despertar seu appetite, e o proverbio diz: *A gota cura-se tapando a bóca.*»

«A gota, com effeito, reappareceu dentro em pouco, e um accesso violento se declarou de 27 de dezembro a 4 de janeiro. O mal procurou primeiramente a mão direita, subiu até aos hombros, apoderou-se do pescoço, ganhou depois a mão e o braço esquerdos, e se lançou em ultimo logar nos joelhos. Este forte ataque, depois de alliviar um pouco, tornou a começar, para não cessar inteiramente senão a 26 de janeiro.

«Emquanto soffria tinha chegado pela posta de Milão um medico muito celebre, Giovanni Andréa Mola, chamado a Jarandilla para submetter o Imperarador áquillo a que se dava então o nome de uma *cura*, e cural-o das hemorrhoidas por meio de uma planta que não encontrou na Extremrdura, e que remetteu mais tarde da Lombardia. O doutor italiano pediu-lhe primeiramente que renunciasse ao uso da cerveja, como contrario á sua saude; mas era exigir de mais de um flamengo, e Carlos V respondeu que nunca o faria. O doutor declarou que aquella terra era excessivamente humida e não muito sadia para elle; a isto, Carlos replicou: *Ainda não pronunciei meus votos.* Estava, comtudo, bem resolvido a estabelecer-se em Yuste, e Gastelú, que começava a conhecel-o perfeitamente, escrevia a Vasquez de Molina: «O Imperador nada alterará dos seus projectos, nos quaes não se deixaria abalar, quando mesmo o céu se juntasse com a terra.»

«Durante sua residencia em Jarandilla, Carlos V tratou de alguns negócios delicados ou graves, que interessavam, quer á familia real, da qual elle ficava sendo o chefe respeitado, quer á monarchia hespanhola, cujas necessidades e

perigos não cessaram mais, digam o que disserem os historiadores, de occupar sua ardente solicitude. Depois de curtas interrupções, tinha lhe voltado o gosto dos negocios; mostrou então o antigo vigor de seu espirito e de sua vontade.

«A Rainha Leonor desejava que sua filha, a Infanta D. Maria de Portugal, viesse para junto de si na Hespanha. Havia mais de vinte e cinco annos que a não via, e suspirava por uma reunião que sua idade e achaques deviam tornar bem longa. Mas a partida da Infanta de Lisboa para Valladolid tinha encontrado a opposição interessada do Rei D. João III, pouco disposto a desembolsar um milhão de escudos em oiro, que pertenciam a sua irmã consanguinea, D. Maria. A Infanta, alem d'isso, mostrava uma orgulhosa repugnancia em apparecer em um paiz, do qual ella devêra ser Rainha, e onde havia de encontrar a lembrança humilhante do casamento ajustado e rompido entre ella e Filippe II. Eis porque as instancias da Rainha Leonor nada mais tinham alcançado do que recusas.

«D. João III tinha escripto a D. Duarte de Almeida, seu embaixador em Valladolid: «Eu não posso espantar-me de mais de que pretendam fazer saír de minha casa a Infanta, minha irmã, que eu criei. e que amo como minha propria filha, de modo differente d'aquelle como costumam saír as Infantas de Portugal. Nem a sua honra nem a minha permittem que ella deixe seu paiz, e a minha casa sem estar casada.» Pretendia elle, com o fim de conciliar os deveres da natureza com as conveniencias da posição, que em vez de mandar a filha para sua mãe, era mister que a mãe viesse para a companhia da filha.

«Attribulada por causa d'esta resistencia, que ella bem conhecia não poder superar sósinha, a Rainha Leonor invocou a poderosa intervenção de Carlos V. Supplicou-lhe ella, como aquelle a que olhava como senhor e pae, que apoiasse seus desejos maternos junto da côrte de Portugal, reclamando elle mesmo a vinda da Infanta, a qual não ousariam recusar, pedindo elle, baseada, alem d'isso, em um artigo formal do tratado de casamento concluido entre ella e El-Rei D. Manúel.

«Carlos V escreveu, como o desejava sua irmã, a D. João de Mendoza, embaixador ordinario de Hespanha, em Lisboa, onde mandou tambem extraordinariamente a D. Sancho de Cordova, o qual veiu receber suas instrucções em Jarandilla, e a quem encarregou de reclamar, em seu nome, de D. João III, a justa e prompta partida da Infanta.

«Encontrando um tal negociador, o Rei de Portugal devia acabar por ceder. Recorreu antes a todas as sortes de subterfugios, e não aspirou senão em augmentar as delongas. Fez com que Lourenço Pires de Tavora partisse para Jarandilla, a quem o Imperador conhecia havia muito tempo, e o qual lhe tinha sempre sido muito agradavel, com ordem de ganhar tempo, por meio de propostas preliminares de casamento a favor do Infante.

«Tendo chegado a Jarandilla a 14 de janeiro de 1557, Lourenço Pires foi recebido no dia seguinte, 15, pelo Imperador, que o acolheu mui graciosamente, e não quiz que lhe fallasse de joelhos, e com a cabeça descoberta. O embaixador de D. João III, em conformidade com as ordens de seu amo, nada desprezou para provar que a Infanta não poderia deixar Portugal sem estar casada, e pediu que a fizessem desposar, ou o Rei dos romanos, viuvo havia algum tempo, ou o archiduque Fernando, seu filho, de quem gostavam muito as duas Rainhas viuvas, de França e de Hungria.

«A penetração de Carlos V nenhuma difficuldade teve em perceber as intenções dilatorias de D. João III. Não annuindo de modo algum ao casamento da

Infanta com seu irmão Fernando, a quem uma idade já avançada e numerosos filhos não permittiam saír da sua viuvez, admittiu que seus dois sobrinhos, o archiduque Fernando e o duque Philiberto Manuel de Saboya, poderiam mui convenientemente desposar a Infanta. Mas, se não foi avesso ao casamento de sua sobrinha, foi imperioso emquanto á sua vinda, a qual reclamou em virtude da clausula peremptoria a este respeito, a qual tinha feito inserir no contrato de união entre Leonor e o Rei D. Manuel.

«N'esta conferencia Carlos V fallou com effusão franca a Lourenço Pires, de sua vida nova, dos sentimentos que tinha, do repouso que lograva, e das disposições que o tinham conduzido a isso, e ás quaes deplorou vivamente não ter cedido mais cedo[1]. Foi então que fixou o primeiro pensamento de sua abdicação no regresso da expedição de Tunis, dizendo que o não tinha podido pôr em execução por causa da pouca idade de seu filho. «Mas, acrescentava elle com um suspiro, que não era sem fundamento e sem magua, devia ter-me retirado para um mosteiro depois de ter terminado a guerra da Allemanha. Fazendo-o então, teria tido a vantagem de não enfraquecer minha reputação, ao passo que hoje se resente das occorrencias que se seguiram».

«Depois de dois dias de conferencias, mandou o Imperador a Valladolid, com cartas para as Rainhas suas irmãs, a Lourenço Pires, o qual lhes devia propor o casamento da Infanta com o archiduque Fernando, ou com o duque Philiberto Emmanuel. Porém estas tinham ambição mais alta. Pensavam que a Rainha de Inglaterra, que tinham julgado gravida, e que estava hydropica, não viveria por muito tempo, e aspiravam a continuar, quando ella fallecesse, o projecto de casamento de 1553, e a darem a Infanta D. Maria por terceira mulher de Filippe II.

«A 31 de janeiro escreveu Carlos V uma carta. Tres dias depois, restabelecido da gotta, e achando-se tudo prompto no logar do seu retiro, deixou definitivamente o castello de Jarandilla, para ir estabelecer-se no mosteiro onde se encerrou definitivamente a 3 de fevereiro[2].

---

[1] «... Doendose tambem de nam recolher, acabada a guerra de Allemanha, confessando que fôra nessa ocasiam, sem perda de reputaçam, o que agora era o contrario dos acontecimentos de depois.» (Despacho inedito de Lourenço Pires a D. João III, e datado de 15 de fevereiro.) Dá-lhe conta da segunda conferencia que teve com Carlos V. (Pag. 183.)

[2] «Charles V, ne vécut point parmi les moines, comme on l'a cru, et à Juste le cénobite ne cessa pas d'être Empereur. S'il n'y trouva point la splendeur d'une cour, il fut tout aussi loin de s'y réduire à la nudité d'une cellule, et de s'y condamner aux rigueurs de l'existence monastique. Dans cette retraite à la fois pieuse et noble, dans cette vie consacrée à Dieu, et encore occupée des grands intérêts du monde, son esprit resta ferme, son âme haute, son caractère décidé, ses vues fortes; et il donna sur la conduite de la monarchie espagnole les plus habiles conseils et les directions les plus prévoyantes à sa fille, la gouvernante d'Espagne, et au Roi son fils, qui les sollicitèrent avec instance et les suivent avec respect. Il n'y eut pas en lui un seul moment d'affaiblissement moral, et les assertions de Robertson a cet égard ne sont pas plus vraies que ne sont exacts les récits donnés par Sandoval et par lui sur le séjour de Juste. (Pag. 204.)

«Charles V tenait ses propres papiers dans un grand portefeuille de velours noir, qui, à sa mort, fut envoyé cacheté à la gouvernante d'Espagne, sa fille. Ce portefeuille restait toujours dans sa chambre, où se voyaient encore toutes sortes de joyaux et de petits meubles délicatement travaillés en argent, en or, en émail, contenus dans des boîtes couvertes de velours de diverses couleurs; les plus précieux étaient sans doute ceux qui renfermaient des substances auxquelles la crédulité du temps attribuait des vertus curatives. Charles V possédait une grande quantité de ces talismans médicaux : il avait des pierres in-

«Tinha elle proseguido com actividade na vinda da Infanta de Portugal. Lourenço Pires de Tavora, depois das infructuosas conferencias em Valladolid com as Rainhas de França e de Hungria, tinha voltado a Yuste. A mãe e a tia de D. Maria, divisando nas artificiosas propostas de casamento que fazia D. João III, a intenção em que este Principe se achava de reter sua irmã em Portugal, pediram, primeiro que tudo, que podesse ella dirigir-se livremente á Hespanha, ao que os tratados lhe davam direito. Dirigiram ellas ao Imperador um longo memorial a tal respeito, e até mesmo mandaram que Vasquez supplicasse de que não consentisse elle que D. João III conservasse a Infanta até certo ponto como presa, debaixo do pretexto de lhe achar um marido, o qual elle não tratava de lhe procurar.

«Pelo seu lado, D. João III, irritado com as impacientes e injuriosas exigencias das duas Rainhas, tinha ordenado a Lourenço Pires que fosse ter com o Imperador, cujas palavras eram as unicas que tinham auctoridade sobre elle.

«Chegou Pires ao mosteiro no dia 4 de março. Carlos V, todo occupado n'este momento de suas devoções, e privado, alem d'isso, do seu secretario Gastelú, que estava ainda em Valladolid, mandou Pires por alguns dias para Quacos, o qual ficou sendo hospede de Quijada.

«Quando a negociação foi continuada, a 7 de março, foi mui simplificada. A Infanta declarou que não se queria casar. Restava só a questão da viagem. Para a resolver como entendia, andou Carlos V mui habilmente. Louvou muito a affectuosa solicitude de D. João III, que tinha andado para com a Infanta mais como pae do que como irmão. Mas acrescentou que D. João III não devia considerar um caso de honra o deixal-a partir sem ter casado; que tal era a sua opinião como christão e como cavalheiro.

«Tendo-lhe Lourenço Pires objectado que, no dizer do embaixador portuguez Rodrigues Correia, chegado recentemente de Londres, a presença da Infanta na côrte de Filippe II produziria mau effeito, e poderia até mesmo despertar as

---

crustées dans de l'or, propres à arrêter le sang; deux braceletes et deux bagues en or et en os contre les hémorrhoïdes; une pierre bleue enchâssée dans des griffes d'or, pour préserver de la goutte; neuf bagues d'Angleterre contre la crampe; une pierre philosophale que lui avait donnée un certain docteur Beltrand; enfin, plusieurs pierres de bézard venues d'Orient et destinées a combattre diverses indispositions. Avec ces merveilleux spécifiques il aurait dû être delivré de toutes ses maladies. Mais si son imagination avait pu le disposer un moment à mettre en eux quelque espérance, l'intraitable realité l'avait ramené bien vite aux ordonnances presque aussi vaines de son médecin Mathys et aux remèdes non moins impuissants preparés par son pharmacien Overstraeten.

«L'argenterie qu'il avait portée au monastère était appropriée avec profusion aux besoins variées de sa personne et de sa maison. Il avait en vermeil et double tout le service pour l'autel de sa chapelle particulière. Des cadres d'or, d'argent et d'émail contenaient toutes sortes de joyaux ou d'objects de prix. La vaisselle de sa table, les objects destinés aux soins assez recherchés de sa toillette ou employés dans l'intérieur de sa chambre, des vases, des bassins, des aiguières, des flacons de toutes dimensions, des utensiles de toute espèce, des meubles de diverses natures pour sa cuisine, sa cave, sa peneterie, sa pharmacie, etc., étaient en argent, et passaient au délà de quinze cents marcs.

«Loin d'être indigente et restreinte, comme l'ont prétendu Sandoval et Robertson, la maison de Charles V comprenait des serviteurs, dont le nombre était aussi étendu et dont les fonctions étaient aussi variées que pouvaient l'être ses besoins. Elle se composait de cinquante personne, qui en remplissaient les divers offices. Le majordome, Luiz Quijada, en avait la suprème direction. En l'attachant définitivement à son service, l'Empereur lui accorda le traitement qu'avait eu le marquis de Denia, lorsqu'il était auprès de sa mère Jeanne la Folle, dans le château de Tordesillas. Venaient ensuite, en

inquietas desconfianças da Rainha de Inglaterra, o Imperador lhe replicou: «Que os inglezes não eram invejosos, e que, alem d'isso, a Infanta ficaria na Hespanha, onde sua presença não traria inconveniente algum.» Insistiu, pois, em que D. João III, respeitando as estipulações do tratado de casamento do Rei D. Manuel, seu pae, permittisse á Infanta que viesse para junto da Rainha D. Leonor. «Eu o espero, disse elle, da sua amizade, como o maior favor que me possa fazer na minha solidão. Tivesse eu a posse de mais reinos e estados, do que aquelles que deixei, nenhum outro meio empregaria senão a supplica, que me é imposta pela nova profissão que abracei.»

«Eis o que elle escreveu a D. João III e á Rainha D. Catharina, sua irmã, ao enviar Lourenço Pires para Lisboa. Os favoraveis effeitos da sua intervenção não se deixaram por muito tempo esperar. Elle mesmo o participou a Carlos V, enviando-lhe um gentil-homem portuguez, o qual lhe levou tambem cartas da Rainha D. Catharina, e a quem Carlos V, no seu contentamento, deu uma cadeia de oiro e cem ducados. O bispo de Salamanca e o marquez de Villanueva foram designados para irem á fronteira de Portugal receber a Infanta, para junto da qual o Imperador approvou que se enviasse D. Geronymo Ruiz, para ordenar o estado da sua casa e o numero de seus servidores.

«Ao mesmo tempo que se ultimava este negocio de familia, que enchia de jubilo as duas irmãs de Carlos V, tinha o Imperador tratado de outros negocios de mui grande importancia, e os quaes eram relativos aos interesses essenciaes da monarchia hespanhola.

«Emquanto elle retardava as hostilidades do lado da Navarra, era obrigado a insistir de novo junto da côrte de Lisboa, para arrancar d'ella a Infanta D. Maria. (Pag. 290.) O Rei D. João III, que tinha promettido deixal-a partir, havia morrido repentinamente a 11 de junho. Sua morte suspendeu a viagem da Infanta, e alem d'isso esteve a ponto de causar um conflicto de auctoridade entre sua viuva, a Rainha D. Catharina, e sua nora, a Princeza D. Joanna, uma

---

les classant d'après la somme d'argent qu'ils recevaient chaque année, d'abord le secrétaire Gastelú et le médecin Mathys, ayant l'un et l'autre 150:000 maravedis de gages, ou 750 florins, dont la valeur équivaudrait à celle de 16:000 francs au moins de notre monnaie, puis le Franc-Comtois Guyon de Moron, à qui il était alloué 400 florins comme maître de la garde robe.» (Pag. 222.)

«Le service de la chambre impériale était confié à quatre *ayudas de camara*, qui étaient Guillaume van Male, Charles Prévost, Ogier Bodard et Mathieu Routart, ayant chacun 300 florins, et à quatre *barberos*, ou sous aides, nommés Guillaume Wyskersloot, Nicolas Bénigne, Dierick Tack et Gabriel de Suert, en recevant tous 250.

«Le savant et habile Giovanni Torriano avait une pension un peu plus forte, puis qu'il touchait 350 florins; mais l'horloger, Jean Valin, n'en avait que 200. Les autres serviteurs de Charles V, la plupart belges ou bourguignons, étaient un apothicaire et son aide de pharmacie un panetier, et son aide deux boulangers, dont un allemand, deux cuisiniers et deux garçons de cuisine, un sommelier pour le vin avec un valet de cave, un brasseur et un tonnelier, un patissier, deux fruitiers, un saucier et son aide, un chef du garde-manger et son contrôleur, un cirier, un pourvoyeur de volaille, un chasseur de gibier, un jardinier, trois laquais porteurs de litière, un garde joyaux, un portier, un écrivain employé dans l'office de fray Lorenzo del Losar, auquel l'Empereur confia les approvisionnements de sa maison, enfin, deux lavandières, Hippolyta Reynier, femme de van Male, et Isabeau Pletinckx, ayant soin, l'une du linge du corps, l'autre du linge de table. Charles V avait de plus amené pour lui l'aumônier George Nepotis, et pour les gens de sa maison, le moine franciscain Jean de Hallis, qui les confessait et leur administrait à Jarandilla les sacrements de l'Eglise. La totalité de leurs gages montait à plus de 10:000 florins, qui auraient aujourd'hui la valeur d'environ 210:000 de nos francs. (Pag. 224.)

avó, e a outra mãe do novo Rei D. Sebastião, apenas na tenra idade de tres annos.

«D. João III tinha deixado a administração do estado e a tutella de seu neto, a Catharina[1], a mais nova das quatro irmãs de Carlos V. Mas D. Joanna, na qualidade de mãe do Rei em menor idade, pretendeu esta tutela e esta administração. Enviou de Valladolid a Lisboa, para as reivindicar em seu nome, a D. Fradique Enriquez de Guzman, que teve de passar a Yuste com o fim de receber ordens do Imperador.

«Carlos V, que tinha mandado celebrar no mosteiro exequias em honra de seu cunhado D. João III, recebeu em audiencia a D. Fradique Enriquez, a 3 de julho, ao mesmo tempo que o embaixador ordinario de Hespanha em Portugal, D. Juan de Mendoza de Ribera. Disse-lhes, tanto a um como ao outro, a maneira pela qual deviam apressar a vinda da Infanta. Supprimiu as instrucções escriptas de sua filha, que levava D. Fradique, e as substituiu por outras, que eram tão nobres como dextras. Participou-o, a 5 de julho, n'estes termos, a Princeza D. Joanna:

«Minha filha.— Ouvi a leitura das instrucções que entregaste a D. Fradique Enriquez, ácerca do que eu tinha de fazer em Portugal. De nenhum modo me pareceu que devesse tratar da vossa parte com a Rainha minha irmã, nem com os outros personagens para os quaes vós lhe tinheis dado cartas, do governo do reino durante a menoridade do Rei vosso filho, bem como d'aquillo que é concernente á formação da sua casa, e aos serviços que lhe são inherentes. Eis porque lh'o prohibi: poderia isto ter inconvenientes nos tempos actuaes, e não conviria. As instrucções que lhe dou, e das quaes vos envio copia, lhes prescrevem a maneira como elle deve proceder. Emquanto ao resto, terá tempo adiante d'elle. Fica bem, em tal caso, e entre irmãos, obrar com muita circumspecção, debaixo de todos os pontos de vista, e com mais forte rasão o deveis fazer a respeito de uma Rainha, da qual sois enteada.»

«D. Fradique Enriquez recebeu as instrucções que o Imperador lhe deu por escripto, e partiu de Yuste encarregado de suas cartas de pesames para toda a familia real de Portugal. Foi a Lisboa cumprir as ordens, não de D. Joanna, mas de D. Carlos, que se dirigia a sua irmã D. Catharina com a affeição de um irmão, á viuva de D. João III com as consolações de um christão retirado do mundo, e collocado mais á frente do que nenhuma outra pessoa, no inevitavel caminho da morte, e á regente de Portugal com as prudentes insinuações de um negociador consummado.

«Sua intervenção entre a mãe e a avó do Rei D. Sebastião, foi opportunissima, pois obstou a que as pretensões de uma não se encontrassem com os poderes da outra.

«A Rainha Catharina conservou a regencia de Portugal, que lhe tinham confirmado as côrtes, e a tutela de D. Sebastião, que ella só largou quatro annos mais tarde, depois da morte de Carlos V, entre as mãos do cardeal D. Henrique, e não da Princeza D. Joanna.

---

[1] Vide o testamento de D. João III, e a sancção que recebeu em Andrade, *Cronica del Rey D. Juan*, vol. III, parte IV, cap. CXXVIII, Barbosa, *Memorias del Rey D. Sebastian*, vol. I, part. I, liv. I, cap. III, pag. 31 a 42.

«Alem da missão temporaria dada a D. Fradique Enriquez, o proprio Imperador acreditou na côrte de Lisboa, como seu embaixador, a D. Juan de Mendoza de Ribera, com o fim de que alli tivesse o primeiro logar, e de que o embaixador do Rei de França não tivesse a tentação de lhe disputar a precedencia. (Pag. 293.)

«Mendoza e D. Sancho de Cordova instaram cada vez mais e sem cessar, a respeito da partida promettida e sempre adiada da Infanta, a qual pareceu emfim decidir-se a visitar a Rainha D. Leonor, sua mãe. Veiu esta esperal-a na Extremadura com a Rainha de Hungria, da qual era inseparavel companheira.

«Antes que as Rainhas suas irmãs comparecessem na sua presença, tinha Carlos V chamado do palacio de Villagarcia a Quijada, de quem não podia prescindir, para que preparasse tudo para a installação d'ellas.

«Voltando Quijada á Extremadura na primeira metade de agosto, tinha preparado o palacio de Jarandilla para n'elle receber as duas irmãs de Carlos V. Tinha ao mesmo tempo preparado na pequena residencia imperial, dois aposentos onde ellas podessem descançar. «Quando ellas quizerem ver Sua Magestade, dizia Quijada, dar-lhe-hemos gêlo para beber; é o maior regalo que lhe podemos dar.»

«As duas Rainhas partiram de Valladolid a 18 de setembro, para irem ter com seu irmão, do qual estavam separadas havia dez mezes. Dirigiram-se a pequenas jornadas para a Extremadura, e chegaram no dia 28 a Yuste. O Imperador teve grande alegria quando as viu. Acharam-no ellas todo preoccupado com as grandes occorrencias que se passavam em França, e procurando distracções no arranjo da sua residencia e na cultura de seus jardins.

«Carlos V formava tambem o plano de uma outra construcção que elle destinava para alojar seu filho, muito perto de si, quando Filippe II voltasse para Hespanha e o viesse visitar a Yuste. As Rainhas suas irmãs, as quaes elle não alojou na sua residencia, conservaram-se dois mezes e meio em Jarandilla. Subiam ellas de vez em quando ao mosteiro para gosarem da presença e das conversas do Imperador, seu irmão. Tinham para com elle uma dedicação sem limites, sendo correspondidas por uma grande affeição.

«Leonor, então na idade de cincoenta e nove annos, era mais velha do que elle quinze mezes: boa, meiga, submissa, sem ambição e quasi sem vontade propria, tinha sido o flexivel instrumento da politica de seu irmão, que a tinha feito subir alternadamente aos thronos de Portugal e de França. Depois da morte de seu segundo marido, o brilhante mas pouco leal Francisco I, tinha-se ella chegado para sua irmã, a Rainha de Hungria, para nunca mais a deixar. Tinha esta uma sorte de adoração pelo Imperador Carlos V, a quem chamava «seu tudo n'este mundo, abaixo de Deus», e cujo vigor de espirito e altivez de caracter ella tinha.»

* *

«O Imperador não tinha tido grande satisfação do lado de Portugal. (Pag. 307.) A Infanta D. Maria tinha-se finalmente decidido a apparecer na Hespanha, e a visitar n'aquelle paiz sua mãe. Esta viagem não lhe foi arrancada sem trabalho. Tinham-se visto, finalmente, obrigados a transigir com ella. A Infanta tambem não vinha juntar-se para sempre com a Rainha D. Leonor, mas tão sómente vel-a; e, em vez de se dirigir a Jarandilla, como tinha primeiramente sido convencio-

nado, não devia ella passar alem de Badajoz, de onde, depois de ter recebido os abraços e a benção de sua mãe, poderia, se quizesse, voltar para Lisboa.

«Este mediocre resultado de diligencias que tinham durado mais de um anno, tinha contentado as duas Rainhas. O Imperador a isso se tinha igualmente resignado. Tinha despendido mais tempo e mais negociações em obter a entrevista de uma filha com sua mãe, do que tinha gastado outr'ora para concluir os mais importantes negocios do seu Imperio. Não sómente o embaixador ordinario D. João de Mendoza, e o enviado extraordinario D. Sancho de Cordova, chamados varias vezes a Yuste, n'elle tinham intervindo por parte do Imperador, mas tinha-se até mesmo servido do padre Francisco de Borja, que partiu para Lisboa com o fim de contrabalançar n'aquella cidade a influencia exercida pelos religiosos portuguezes sobre a Infanta, cuja devoção igualava o orgulho, e que era tão secca como obstinada.

«Desde que a partida de D. Maria havia sido convencionada, as duas Rainhas viuvas, de França e de Hungria, se tinham resolvido a ir ao encontro d'ella. Carlos V não tinha querido, alem d'isso, que suas irmãs se conservassem por mais tempo n'uma terra que sua elevação montanhosa tornava frequentemente humida e fria na estação de inverno. Tinha desejado que ellas se retirassem para o lado do sul, onde esperariam a Infanta, sua filha e sobrinha.

«Tinham-se, pois, as duas Rainhas dirigido para o mosteiro de Yuste a 14 de dezembro, e tinham-se despedido do Imperador. No dia seguinte haviam deixado Jarandilla e tinham-se posto a caminho para Badajoz. Em menos de oito dias depois da partida d'ellas, chegou de Lisboa, e veiu dar conta ao Imperador das diversas missões que elle tinha confiado para Portugal. Alem de se ter envolvido na vinda da Infanta e na questão da regencia portugueza, tinha-o Carlos V encarregado, se a morte roubasse prematuramente o joven D. Sebastião, seu neto, de preparar para outro seu neto, D. Carlos, a herança do reino.

«Tinha-lhe entregado uma instrucção muito secreta, redigida por Gastelú, attestando a perseverança de suas vistas ambiciosas, senão para elle, ao menos para sua familia.

«Carlos V, enxergou de Yuste em 1557 aquillo que Filippe II executou de Madrid em 1580, a reunião eventual dos dois reinos da Peninsula n'um só estado, mas dando a Portugal um Rei hespanhol antes de o encorporar na Hespanha. Esta reunião, provocada pelo contacto dos territorios e repellida pelo ciume das nacionalidades, tinha parecido a ponto de se executar sessenta annos antes, mas n'um sentido inteiramente contrario.

«Em 1497, o Rei de Portugal D. Manuel e sua mulher D. Izabel de Aragão, tinham sido reconhecidos herdeiros presumptivos dos reinos de Castella e de Aragão pelas côrtes d'estes dois paizes, que em 1498 tinham prestado juramento a seu filho D. Miguel como a seu futuro soberano. O que tinha sido legalmente estabelecido no fim do seculo XV a favor de um Principe portuguez, filho de uma Infanta de Hespanha, e o que uma morte prematura fôra a unica que tinha impedido de se realisar, Carlos V pensou em o fazer consagrar no fim do seculo XVI em proveito de um Principe hespanhol, filho de uma Infanta de Portugal. Seu neto D. Carlos tinha a isto um duplo titulo, por sua avó a Imperatriz Isabel, e por sua mãe D. Maria. Mas o reconhecimento do seu direito parecia subordinado ao direito superior do cardeal D. Henrique, que representava o ramo varonil da casa real de Portugal, e a quem Carlos V na sua paternal ambição,

considerava sem duvida, como incapaz ou de succeder no throno por causa do seu caracter sacerdotal, ou de continuar a dynastia por causa da sua idade e das suas enfermidades.

«Já em 5 de julho de 1557 tinha elle encarregado a D. Fradique Enriquez de dirigir á Rainha Catharina, sua irmã, uma insinuação indirecta a este respeito, e que lhe dissesse da sua parte: «que sendo todos sujeitos á morte, e podendo *os novos morrer, assim como os velhos,* desejava elle saber o que se tinha disposto para um tal caso[1]».

«Mas a missão confiada ao padre Francisco de Borja, tinha sido mais expressa. Depois de o haver plenamente exposto á Rainha D. Catharina, tinha o piedoso embaixador ordem de instruir com palavras disfarçadas o Imperador, ácerca dos resultados obtidos ou promettidos, servindo-se de nomes suppostos para designarem as pessoas e os paizes. N'esta correspondencia, em que o padre Francisco devia assignar com o pseudonymo *Pedro Sanches* as cartas dirigidas a Carlos V, debaixo do nome de *Micer Agustino,* a Rainha de Portugal devia chamar-se *Catalina Diez,* o joven Rei *Sebastien Diez,* Filippe II *Santiago de Madrid, etc.* Castella recebêra a denominação de Milão, e Portugal a de Perpignan[2].

«Como hespanhol dedicado, tinha ido o padre Borja desempenhar a missão grave e mysteriosa que lhe tinha confiado seu antigo amo. N'esta viagem emprehendida a pé, com o bastão na mão, durante os maiores calores do estio, tinha caido mui perigosamente enfermo em Evora. A Rainha D. Catharina alli o tinha mandado buscar n'uma liteira, logo que elle se tinha achado em estado de se pôr a caminho, e o tinha feito conduzir a Aldeia Gallega, sobre o Tejo, onde o esperava o bergantim real, e de onde tinha sido transportado para o palacio de Xabregas, que lhe havia servido de residencia.

«Quando ella soube o projecto de seu irmão, a regente de Portugal, longe de o repellir como impossivel, ou de se assustar d'elle como perigoso[3], approvou-o, e prometteu de fazer com que tivesse bom exito promptamente.

«Catalina Diez, escreveu o padre Francisco a Carlos V, á qual eu fallei em conformidade das instrucções que trazia, abriu-se plenamente com Pedro Sanches, mas aconselhando-o a que não confiasse de uma carta a resposta, que ella lhe dava, e a que não a communicasse senão de viva voz... Esperando, Micer Agustino póde ficar muito satisfeito[4].» Acrescentou n'uma outra carta: «que Catalina Diez obedeceria a Micer Agustino como o poderia fazer S. Thiago de Madrid[5]»

---

[1] Instrucção de 5 de julho dada pelo Imperador a D. Fradique Enriquiez. (*Retiro e morte de Carlos V*, etc., vol. II, pag. 210.)

[2] Carta do padre Francisco de Borja ao Imperador, de 6 e 12 de outubro de 1557. (*Retiro e morte de Carlos V*, etc., vol. II, pag. 253 a 255, com a cifra que lhe está annexa, nota 1.ª)

[3] É o que diz erradamente Barbosa, ao qual me tinha reportado na primeira edição d'este livro. Não tendo os documentos authenticos d'esta negociação, tinha julgado exacto n'este ponto o auctor bem informado das *Memorias de El-Rei D. Sebastião* (vol. I, cap. VI, pag. 71 e segg., 4.º gr., Lisboa, 1736). Mas, como bom portuguez, fez com que a Rainha D. Catharina rejeitasse a proposta do Imperador seu irmão, á qual o testemunho do padre Francisco de Borja e a affirmação positiva de Carlos V provam que ella tinha adherido.

[4] Carta do padre Francisco de Borja ao Imperador, de 6 de outubro de 1557. (*Retiro e morte de Carlos V*, etc., vol. II, pag. 254.)

[5] Carta do padre Francisco de Borja ao Imperador, de 12 de outubro de 1557. (Idem, pag. 255.)

«Tinha, com effeito, sido ajustado, que a Infanta D. Maria fosse á Hespanha ver a Rainha D. Leonor, sua mãe; que D. Carlos seria reconhecido, por uma pragmatica, herdeiro da corôa de Portugal, e que, para impedir mais tarde o casamento de D. Sebastião com uma Princeza de França, assim como o queria o partido contrario á Hespanha, lhe reservariam, para mulher uma neta Carlos V, filha da Rainha da Bohemia, a qual viria para a côrte de Valladolid, e n'ella seria educada [1].

«No seu regresso para junto do Imperador, o padre Francisco lhe deu parte d'estes importantes resultados da sua missão a Lisboa. O futuro, do qual os homens os mais previdentes e os mais poderosos são tão pouco reguladores e senhores, parecia fixado antecipadamente; mas as occorrencias desarranjaram estas distantes combinações. A pragmatica tão formalmente annunciada a Carlos V, e destinada a regular a ordem de successão ao throno de Portugal em favor de D. Carlos, não foi publicada; a ciumenta nacionalidade dos portuguezes d'ella desviou sensatamente a regente D Catharina.

«D Sebastião não desposou a filha da Rainha da Bohemia. Afastado do matrimonio pela piedade exaltada que lhe inspirou o jesuita Luiz Gonçalves da Camara, seu confessor e senhor, arrastado para as emprezas religiosas e desmarcadas pelo ardor de uma fé conquistadora, e pelas aspirações de uma imaginação bellicosa, sem posteridade, como sem prudencia, foi-se deixar matar em Africa, e sepultar-se com elle todas as esperanças da dynastia portugueza sobre o campo de batalha de Alcacer-Quibir. Se Portugal não foi annexado á Hespanha por D. Carlos, que morreu antes de D. Sebastião, foi n'ella encorporado por Filippe II, que sobreviveu ao velho cardeal Rei D. Henrique, e que operou a união dos dois reinos, que vinte e tres annos antes o Imperador seu pae preparava do claustro da Extremadura.

MIGUEL I (DON). Paris, Delaforest, libraire, place de Bourse. Août, 1828, in-8.º, 185 pag.

Alguns exemplares ha, mas são raros, precedidos de uma estampa allusiva á apparição de Christo a D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, e por baixo os dois seguintes versos dos *Lusiadas* de Camões, canto I, estancia VII:

Na qual vos deu por armas e deixou
Ao que elle para si na cruz tomou.

MIKOTZI (JOSEPH ——).
Panegyricus D. Francisco Xaverio. Tyrnaviae, 1763, in-12.

MILCENT (GASTON ——).
Portugal et Bragance. Paris, typ. Edouard Vert, 1872, in-8.º, 177 pag. e mais duas de indice.

Ha um exemplar na bibliotheca da Ajuda.

---

[1] Carta do Imperador a Filippe II, de 31 de março e 7 de abril de 1558. (Idem, vol. II, pag. 368 a 370.)

MILFORD (JOHN ——).

Peninsular sketches during a recent tour. With 10 pages of Music (Spanish and Portuguese airs). London, 1816.

MILLER (S.).

Erinnerung an die hole Vermählung der Durchlauchligsmaplung der Durchlauchtigsten Prinzessin Stephanie zu Hohenzollern mit Seiner Majestät dem König D. Pedro von Portugal ——. Vier-Fest jedichte von S. Miller Pfarrer zu Dietershofen Sigmaringer. 1858, 8.º gr., 29 pag.

MILLIÉ (J. B. JOHN ——).

Les Lusiades ou les Portugais, poëme en dix chants, par Camoens; traduction de ——, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, de la Bibliothèque Réale; précédée d'une notice sur la vie et les ouvrages de Camoens, par M. Charles Magnin, membre de l'Institut. Paris, Charpentier, libraire-éditeur, 8.º, LIX–363 pag.

Les Lusiades ou les portugais, poëme de Camoens, en dix chants. Traduction nouvelle avec des notes. Par ——. Paris, Firmin Didot, Fils, 1825. 2 tomos, 8.º; 1.º, 397 pag.; 2.º, 413 pag.

Esta versão é dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho, membro da academia real das sciencias de Lisboa.

«Camoens, pour remplir son poëme, il n'a pas été obligé comme Simonide, de se rejetter sur l'éloge des Dieux; il n'a pas même épuisé son sujet. Honneur, donc, à vos illustres compatriotes! Il n'est aucun d'eux qui, les *Lusiades* à la main, ne puisse se dire avec orgueil: Et moi aussi, je suis portugais!»

.....

Essas velas, ousado navegante,
Nas aguas orientaes já branquejaram:
As enramadas pôpas já brilharam
Ao sol do leito a erguer-se deslumbrante.

Ulysses, infeliz, vogando errante,
Jason e o que primeiro o mar sulcaram,
Nem tão audaz espirito mostraram,
Nem honra mereceram tão prestante.

Mas teu feito mortal, ó Gama, fôra,
Se immortal alta musa o não tornára,
Mais veloz do que a nau triumphadora.

Deu-te Engenho com Arte a gloria rara
Que o mundo encheu desd'onde nasce a aurora
Té onde busca Phebo a lympha clara![1]

---

[1] Esta versão foi feita pelo poeta Mendes Leal.

Ó meu Tejo feliz, meu confidente,
Comtigo, exhalo aqui minha alma ardente.
Tem dó, tem dó de mim. Oh quantas vezes
Da tua gentil Nayada os amores
Te descantei submisso! E quantas, quantas,
A contar-te algum mystico segredo,
Da terra toda inteira não sabido,
Pelo azul do teu pego andei perdido.
Quem me dera saudar-te, cuidadoso,
As fecundas entranhas! Quem me dera
Arrancar-te o metal, que turba os mundos.
Se inda acaso te lembra a lyra antiga
Quem me déra a meus pés curvado e humilde
Ver-te agora ajuntando os teus thesouros!
Se eu víra tal, radioso, transportado
Domára a sina má; vencêra o fado!

«O que tem provocado uma critica mais judiciosa, é a mistura que Camões fez das verdades do christianismo com as ficções mentirosas dos pagãos. Na verdade, nada produz peior effeito do que tal combinação nos leitores christãos. Com que olhos, por exemplo, se póde ver Baccho prostrado diante da imagem da Virgem e do Espirito Santo, e queimando incenso no altar do verdadeiro Deus?

«E outras passagens, provocando a mesma severidade, provam que nenhuma cousa perfeita póde saír das mãos dos homens; de uma parte essas excepções ridiculas, e de outra uma prevenção exagerada contra o maravilhoso da fabula, talvez encerrassem a celebridade de Camões nas raias da sua patria, se o episodio de Ignez, e sobretudo a soberba ficção de Adamastor, medonho guarda do Oceano, não tivessem arrancado a admiração do universo.

«Esta ultima invenção não cede em nada ao que a antiguidade offerece de mais sublime, e Virgilio mesmo não fez ouvir canticos mais enternecedores e mais harmoniosos, que os inspirados a Camões pelas desgraças da amante de D. Pedro.

«Não foram só os *Lusiadas* que eternisaram a memoria de Camões, a collecção das suas poesias fugitivas o pozeram a par dos maiores lyricos, tanto se podia modificar aquelle grande genio. Bastantes vezes tenho tido pena, ao desenhar o quadro de seus amores e de suas desgraças, de não saber bem a fundo a lingua portugueza para me arriscar a dar a meus leitores algumas imitações de seus canticos destacados. Esta impossibilidade me reduziu a pôr na bôca de meu heroe versos da minha composição, que se não podem de maneira alguma comparar com os que legou á posteridade, e que devem ser considerados conforme á sua situação, como impulso de uma alma victima de seus pezares, que esquece um instante depois as queixas escapadas á sua dór, e que não lhe dá importancia alguma poetica.»

MILLIN (DR.).
Stories of Torres Vedras. London, 8.º

MINERVAL *Austriacum Serenissimis Majestatibus Joanni V Portugalliae et Algarbiae Regi... Mariae Annae Austriacae Leopoldi Magni Filiae, Josephi I Romanorum Caesaris Sorori, Nuptiale D. D. D.* Viaenae Austriae, typis Annae Franciscae Voigtin, Viduae. Fol. com estampas.

MINHARD (M. JOH. NIC. ——).
Versuche über den Character und die Werke der besten italienischen Dichter. Neue Aufl. Braunschweig, 1774.

Traz um prefacio de F. W. Zachariae, contra uma critica á versão dos *Lusiadas,* por Minhard, com um resumo do canto III, *Ignez de Castro.*

MINS (CAPTAIN ——).—Knight of the Tower and Sword; late second in command of the Squadron, etc., etc.
A Narrative of the Naval Part of the expedition to Portugal, under the orders of his imperial Majesty Don Pedro, Duke of Braganza. By ——, with a vindication of himself against the aspersions of Vice Admiral Sertorius and his Secretary, captain Boyd. London, Sherwood, Gilbert and Piper, 1833, 8.º XV-353 pag. com 4 estampas.

MINUTOLI. *(J. v. Portugal u. s. Colien im J. 1854.)* Stuttgart, 1855.

MIR *at i Ahmadi.*
É uma obra que parece escripta em lingua persa, e que trata das guerras dos portuguezes na Asia. Foi traduzida para inglez por Bird.

MIROIR *des fourberies politiques, administratifs et sociales. Rêveries des voleurs qui exploitent l'État. Traduit du portugais, par Garay de Monglave.* Paris, 1848.

MISS ANNA M. PORTER.
D. Sebastian (romance) by ——. 3 vol. London, 1817.

MISSAGLIA (PADRE LUIGI DA ——).—Minor Osservante.
Vita di San Antonio di Padova. Parma, 1776.

MITAND (DU).
Grammatic tables of the portuguese and spanish languages. London (about 1830).

MITCHELL (J. MURRAY ——).—Celebre missionario protestante e sabio orientalista da presidencia de Bombaim.
Marathi works composed by the Portuguese. (No *Journal of the Bombay Branch of the R. Asiatic Society.* N.º XII, vol. III, janeiro de 1849.)

A sua memoria não é uma obra *ex professo* sobre a litteratura concani portugueza, que elle tem por maratha portugueza. Contém apenas algumas observações, que, diz elle, poderão servir para despertar a investigação de um assumpto ao mesmo tempo interessante e importante[1].

---

[1] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Grammatica da lingua concani,* pag. XLIII. Nova Goa, 1857.

MOCATA (MOSES ——).

The Inquisition and Judaism. A Sermon addressed to Jewish Martyrs on occasion of an Auto da Fé at Lisbon 1705, by the Archbishop of Cranganor. Also a Reply to the Sermon by C. Vero translated by M. London, 1845.

MOLINA (GONÇALO ARGOTE DE ——).—Nobre, natural de Baeza, alferes-mór da milicia de Andaluzia. Viveu em Sevilha.

Entre as suas obras, louvadas universalmente, escreveu: *Nobleza de Andalucia,* impresso em Sevilha no anno de 1588, fol. Trata de D. Fernando de Portugal, filho do Infante D. Diniz, que, casando com D. Maria de Torres, procedem d'elles os condes de Villar, Dompardo. Eu tenho este livro com as cotas do insigne Joseph de Faria.

«É bem de advertir que este auctor refere em abono da lingua portugueza, que as coplas, que no tempo antigo se compunham em Hespanha, eram na nossa lingua, e assim, no referido livro, a fl. 273 do capitulo CXLVIII, tratando da historia do celebre Macias, e das composições que fazia á sua dama, refere umas trovas que estão em livro antigo da livraria do Escurial, que principiam:

Cativo de minha tristura,
Já todos prende espanto
E perguntan, que ventura
Foy, que me atormenta tanto,
Etc., etc.

E diz: «Y se alguno (por causa de las coplas de Macias, referidas), le pareciere que Macias és portugués, esté advertido que hasta los tiempos del Rey Don Enrique el Tercero, todas las coplas que se hacian comumente, por la mayor parte eran en aquella lengua, hasta que despues, en tiempo del Rey Don Juan, con la comunicacion de las naciones estrangeras, se trató de este genero de letras con más curiosidad».

«Faça-se reflexão que El-Rei D. Henrique III falleceu em 25 de dezembro de 1406, e que El-Rei D. João, seu filho, tinha pouco mais de um anno quando lhe succedeu na corôa, e que veiu a fallecer no anno de 1454, a 20 de julho, tempo que em Portugal reinava El-Rei D. Affonso V.[1]

MOLINA (P. LUIZ DE ——).—Natural de Cuenca.

Era estrangeiro, mas acabou os dois annos do noviciado em Portugal, e depois nas duas universidades de Coimbra e Evora. Floresceu em virtudes e letras. Depois de recebido na companhia, na idade de dezoito annos, veiu para Portugal ainda a tempo de encher aqui os dois annos de noviciado[2], e depois nas duas universidades de Coimbra e Evora, floresceu em virtudes e letras. Faz numero com os varões santos e doutos em Portugal. Assim como na universidade de Alcalá se fazia nomeado por singular engenho e grande capacidade de letras,

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 208.

[2] Francisco de Matos, *Vida chronologica de Santo Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus.* Lisboa, 1718, pag. 353.

quando entrou na companhia e depois na de Evora, tendo as cadeiras de vespera e de prima, subiu ao magisterio das sciencias, que hoje celebra e venera o mundo, lidas as maravilhosas obras que deu á estampa, de toda a theologia, das Partes de S. Thomás, da concordia da graça e da liberdade, da materia de justiça, em seis tomos, comprehendendo n'elles todo o direito civil, não fallando em outros muitos e avultados escriptos seus, que se não imprimiram, pelo sepultar a morte em Madrid, pouco depois de ser chegado de Portugal.

Este varão, pois, era tão douto e de tão grande conceito de letras na universidade de Coimbra, que para lente de prima foi igualmente pedido com o padre Soares, na escolha de haver de ser um ou outro, e tambem como Soares, insigne no estudo das virtudes.

MOLTENI (ENRICO ——).

Communicazioni dalle biblioteche di Roma e da altre biblioteche per lo studio delle lingue e delle litterature. Romanze a cura di Ernesto Monaci.

Il Canzoniere Portoghese Collocci-Brancuti, publicato nelle parti che completano il codice Vaticano 4803 da ——, con un facsimile in eliotipio. Halle A/S. Max Niemeyer, Editore. 1880. Fol., IX–187.

MOLUKKEN.

Insulae Indiae Orientalis praecipue in quibus Moluccae celeberrimae sunt. Carte tirée de Mercator, 1592. Accompagné d'un texte latin au verso du feuillet, relatif aux expéditions des portugais.

MONACI (E.) e F. D'OVIDIO.

Manualetti d'introduzione agli studi neolatini. II. *Portoghese ed Gallego.* Imola, 1881, in-8.º

MONER (P. PHILIBET ——).

Relation de la Province du Paraguay depuis l'an 1635 jusqu'en 1657, ouvrage écrit en espagnol par le —— et traduit en français par François Hamal.

MONLOD.

Correspondance commerciale. Portugais et français. Paris, 1857.

MONIER (MARC ——).

Goranni, aventureiro italiano, quiz ser monarcha da Corsega, e esteve em Portugal em tempo de El-Rei D. José. Escreveu umas memorias, que foram publicadas em 1884, acompanhadas de um largo e minucioso estudo de Marc Monnier.

O tal Goranni diz as cousas mais ineptas ácerca do marquez.

Em Lisboa alojou-se na estalagem das *Almas Santas do Purgatorio,* que elle pinta com as côres mais odiosas. Á noite saiu de casa, foi dar uma volta pelo Rocio, e encontrou uma preta, que lhe offereceu leval-o a casa de uma bonita rapariga.

Ahi lhe succedeu aventura mais grave, porque foi assaltado por uns poucos de homens, que o queriam roubar, e dos quaes fugiu a bom fugir, meio despido, de espada em punho, e esbarrando a cada momento com as ruinas ainda em

muitos pontos accumuladas, dos edificios derrubados pelo terremoto de 1 de novembro.

Apresentado depois ao marquez de Pombal, para quem trazia cartas de recommendação, recebeu d'este estadista o commando de uma companhia de granadeiros. Foi com elle o marquez, que então era simplesmente conde de Oeiras, da mais completa amabilidade.

O modo como Gorani lhe pagou, foi pintando-o com as côres de um tyrannete de opera burlesca, um ministro com musica de Offenbach, feroz e ridiculo. Que assim procedesse um aventureiro italiano, cheio de vaidade, que o marquez teve de pôr no seu logar, e que, á primeira fustigadella, mordeu logo a mão que o protegêra, não admira; mas que o sr. Marc Monnier acceite sem criterio as mentirolas de Gorani, é o que parece um pouco mais censuravel...[1]

MONRAVA (DR. D. ANTONIO ——).—Medico catalão.

Batalha Medica entre um medico pigmeu e vinte gigantes. Lisboa, 1751.

Vide a *Gazeta de Lisboa,* de 29 de abril de 1751.

MONTAGUE (WORTLEY ——), (LADY MARY).

Letters of ——, written during her travels in Europe, Asia and Africa, to which are added poems by the same author. Paris, at the printing office and stereotype foundry, of P. Didot, the elder 1800, in-12, 320 pag.

Ao passo que Pouqueville, por exemplo, diz o peior que é possivel dos turcos, fazendo côro com centenares de outros escriptores, esta escriptora defende-os e exalta-os.

A pag. 59 falla do Principe portuguez em Vienna.

A pag. 49, do jantar com o embaixador portuguez.

A pag. 229 e 239, do conde de Tarouca.

E a todos estes tece elogios.

MONTAIGNE (MICHEL DE ——).—Celebre moralista francez. Nasceu em 1533 e falleceu em 1592.

Essais de ——. A Paris, an IV, 1796, 4 vol., 4.º

Apenas no volume I encontrei o seguinte elogio ao nosso celebre Jeronymo Osorio: «*L'évêque Osorius, non méprisable historien de nos siècles.*» (Pag. 340)[2].

No entanto Montaigne nos outros volumes mostra bastante conhecimento dos feitos dos portuguezes. Por exemplo, a pag. 68 do volume II narra o seguinte caso:

«Ninachetuen, senhor indiano, tendo sido o primeiro que deu fé da deliberação do vice-rei portuguez, de o desapossar, sem nenhuma causa apparente, do cargo que elle tinha em Malaca, com o fim de o dar ao Rei de Campar, tomou comsigo mesmo a seguinte deliberação: manda erigir um cadafalso, mais comprido que largo, estribado sobre columnas, regiamente atapetado e ornado de flores e de perfumes em abundancia. E depois, tendo-se envolvido n'uma tunica

---

[1] *Diario Illustrado* do dia 15 de setembro de 1884.

[2] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. XXXVI, pag. 55.

de panno bordado a oiro e carregado de quantidade de pedrarias de grande preço, saiu para a rua: e por degraus subiu ao cadafalso, a um canto do qual havia uma pyra de paus aromaticos accêsos. Correu a gente para ver qual o destino dos aprestes não costumados.

«Ninachetuen mostrou com rosto carregado e descontente as obrigações em que a nação portugueza lhe estava; com quanta lealdade tinha desempenhado o seu logar; que tendo tantas vezes testemunhado em prol de outrem, mas com as armas na mão, que a honra lhe era muito mais cara do que a vida, não havia motivo para abandonar o cuidado d'elle senão espontaneamente, e por isso, recusando-lhe a fortuna qualquer outro meio de se oppor á injuria que lhe queriam fazer, mandava-lhe ao menos sua coragem que a si mesmo tirasse o sentimento da injuria e de não se deixar servir de fabula ao povo, e de triumpho a pessoas que valiam menos do que elle. Proferidas estas palavras, arrojou-se no fogo.»

«Os animaes (pag. 264), nos mostram assás quanto a agitação do nosso espirito produz enfermidades[1]. O que nos dizem dos do Brazil, que só morriam de velhice, attribue-se á serenidade e tranquillidade do seu ar; eu, porém, o attribuo antes á tranquillidade e serenidade das suas almas isentas de quaesquer paixões, pensamentos ou occupações que tendam ao desgosto; como passavam sua vida n'uma admiravel simplicidade e ignorancia, sem letras, sem lei, sem Rei, sem qualquer religião.»

Eis agora, vol. III, pag. 98, uma passagem relativa ao nosso Rei D. Sebastião, mas passagem que, infelizmente, não póde ser traduzida com aquella candidez e resaibo de outros tempos, que se encontra em Montaigne[2].

«Moley Moluch, Rei de Fez, o qual acaba de ganhar contra Sebastião, Rei de Portugal, essa batalha, famosa pela morte de tres Reis, e pela transmissão d'esta grande corôa á de Castella, achou-se gravemente doente logo depois que os portuguezes entraram de mão armada no seu estado, e foi cada vez peiorando mais até chegar á morte, e prevendo-a, jámais homem se serviu de si com mais vigor e bravura. Achou-se fraco para aguentar a pompa cerimoniosa da entrada do seu acampamento, que é, segundo a sua moda, cheio de magnificencia, e carregado de tudo quanto é cheio de acção, e resignou esta honra a seu irmão; mas foi tambem este o unico officio de capitão que resignou; todos os outros, necessarios e uteis, desempenhou-os elle mui gloriosa e exactamente, tendo o seu corpo deitado, mas o seu entendimento e a sua coragem firmes, até ao ultimo suspiro, e até certo ponto alem d'elle. Podia minar seus inimigos indiscretamente

---

[1] Muitos outros philosophos estrangeiros se mostram lidos nas obras portuguezas. Por exemplo: «Quando o Rei de Hespanha se fez senhor do reino de Portugal, ordenou ao seu logar-tenente que tivesse muito cuidado em que a gente de guerra não fizesse estragos alguns no paiz, com medo de irritar os brios do povo». O que foi tão á risca cumprido, que os soldados hespanhoes disseram depois: «Que tinham elles conquistado Portugal pelos mesmos meios que é mister pôr em pratica para ganhar o reino dos céus, a saber: por meio de jejuns, e da abstinencia dos bens dos outros.» Messire François Bacon, Grand Chancelier d'Angleterre, de la version de J. Baudoin, *Oeuvres morales e politiques*, Paris, 1639, pag. 521.

[2] Ia esquecendo fazer menção d'esta passagem (vol. III, pag. 97): «Dizem os portuguezes que em certo logar de suas conquistas nas Indias, encontraram alguns soldados, que se tinham condemnado com horriveis execrações a não entrarem em nenhuma composição, e deixarem-se matar ou ficar victoriosos, e para signal d'este voto usavam de cabeça e barba rapadas.»

entranhados nas terras d'elles; e succedeu-lhe[1] maravilhosamente que por falta de um pouco de vida, e por não ter a quem substituir no commando d'esta guerra e nos negocios de um estado agitado, teve de procurar a victoria cruenta e arriscada, tendo uma outra pura e limpida nas suas mãos. Todas as vezes regulou milagrosamente a duração da sua doença, de modo que fez consumir seu inimigo, attrahil-o para longe da sua esquadra, que andava pelo mar, e das praças maritimas que tinha na costa de Africa, até ao ultimo dia de sua vida, o qual de caso pensado empregou e reservou para este grande dia. Dispoz sua batalha em fórma circular, cercando de todos os lados o exercito dos portuguezes, a qual fórma circular, vindo a curvar-se e a estreitar-se, os embaraçou, não sómente no conflicto (que foi mui aspero por causa do valor d'esse joven rei assaltante), visto terem elles de voltar o rosto para todos os lados; mas tambem lhes foi avessa á fuga depois da sua derrota. E achando todas as saídas tomadas e fechadas, foram constrangidos a lançarem-se sobre elles mesmos, *coacervanturque* (T. Livio), *non solum caede, sed etiam fuga* (e atropellam-se não só por causa dos mortos, mas tambem por causa dos fugitivos), e amontoam-se uns por cima dos outros, fornecendo aos vencedores uma victoria mortiferissima e plenissima. Ao morrer faz-se levar e encaminhar para onde a necessidade o chamava; e correndo ao longo das fileiras, exhortava seus capitães e soldados, uns atraz dos outros. Mas deixando-se derrotar uma ala da sua batalha, não lhe poderam ir á mão que não montasse a cavallo com a espada em punho. Esforçava-se por ir envolver-se no conflicto, quando sua gente o deteve, já pelas redeas, já pelo fato, e já pelos estribos. Este esforço acabou de lhe extinguir esse pouco de vida que lhe restava: deitaram-o de novo. Tornando a si, como de sobresalto d'esse pasmo, expirou, conservando o dedo na sua bôca fechada, signo usual para impôr silencio.

«Quem viveu, pois, por tanto tempo, e tão depois da morte? Quem morreu, pois, tão de pé?

*
* *

No vol. IV falla Montaigne dos vinhos (pag. 254); diz que os ordinarios *(vins au bas)* são em Portugal tidos por delicias, e são a bebida dos Principes. Termina por esta exclamação: «Em summa, cada nação tem varios costumes e usos, os quaes não são sómente desconhecidos, mas até mesmo ferozes e milagrosos para qualquer outra nação.»

Admirava-se, porém, muito, Montaigne, de um gentil homem que asseverava ter ido, no rigor do verão, de Madrid a Lisboa sem beber.

«Qual o conceito que Montaigne formava do nosso compatriota André de Gouveia, a quem chamava: *sans comparaison, le plus grand principal de France.* Veja-se o artigo Grouchy.

---

[1] Na minha edição vem *poisa*. *Poiser* não se encontra no diccionario de Littré, mas sim *Poisser*.

MONTALVAN (DR. JUAN PEREZ DE ——).

Comedia famosa el divino Porluguez San Antonio di Padua. Madrid, en la Imprenta de Antonio Sanz, calle de la Paz. Año de 1731. Não paginada.

MONTALVAN (JUAN PEREZ ——).—Poeta hespanhol e discipulo predilecto de Lope de Vega [1].

Vida de Santo Antonio de Padua.

MONTELLE.

Géographie moderne du Portugal. Paris, 1784.

MONTEMAYOR (GEORGE DE ——).

La Diana. Parte I. Madrid, 1795, in-8.º

MONTEIRO (MISS HENRIQUETA ——).

Portuguese folk-tales collected by Consiglieri Pedroso, and translated from the original ms. By ——. With an Introduction by W. R. S. Ralston, M. A. London, published for the Folk Lore Society by Elliot Stock. London, 1888, in-8.º

MONTEVIDEU.

Os sacerdotes que assistiram ás exequias do Rei de Portugal em 1862, foram os seguintes: D. Juan Domingo Fernandes, ex-provicario apostolico de la republica de Montevideu; dr. D. Francisco Majesté, fiscal ecclesiastico; canonigo honorario D. Juan José Bird, cura rector de la matriz; D. Pedro Giral, catedrático de la aula de latinidad; D. Lazaro Gadea, capellan del cementerio; D. Fernando Lozano, cura de la parroquia de la Aguada; D. Francisco Perez, director de la escuela del cordon, canonigo brasileiro; D. Juan Pedro Gay, vicario de S. Borja; D. Mariano Nieto, capellan español; D. Melchior Jimenez; D. Florentino Conde; D. Nicolas Aguirrechi y D. Santiago Mamberto.

A imprensa oriental de Montevideu, de janeiro, dedica o seu artigo principal á descripção d'estas exequias, precedendo-as das seguintes linhas:

«Um dever religioso consagrado pela mais remota antiguidade e pelo unanime costume de todos os povos e de todos os cultos, é o de honrar as cinzas dos soberanos dos que presidiram aos destinos dos povos, fazendo-se amar durante a vida por sua sciencia e virtudes.

«Esse triste, porém imprescindivel dever, cumprido pela nação portugueza para com seu moço e querido monarcha D. Pedro V e seu augusto irmão D. Fernando, acabam de o realisar tambem com amor e piedosa solicitude, no Rio da Prata os portuguezes residentes em Montevideu.

«A honrada e pacifica povoação portugueza e seu digno representante, participando da acerba e geral dôr motivada pela sensivel perda do ungido da sua nação e do Principe D. Fernando, arrebatados na aurora da vida por uma morte

---

[1] «Son discipule le plus chéri, son ami, son biographe et son imitateur.» Sismondi, *De la littérature du Midi*, vol. pag. 361.

prematura, quizeram associar-se á dôr de Portugal, a mais de 2:000 leguas de distancia da cara patria, rendendo um publico tributo de pesar, de carinho e de veneração.

MONTFAUCON.

Les revolutions de Portugal. Limoges, 143 pag.

MONTIUS ou **MONTANUS (JOÃO BAPTISTA ——).**—Natural de Ferrara, onde nasceu em 1552. Penetrou no Japão no anno de 1562. Morreu em Firando em 1587.

Epistolae de rebus Japonicis ab anno 1564, usque ad annum 1571.

Foram escriptas em portuguez estas cinco cartas. Duas foram traduzidas pelo padre Maffejo, e publicadas no livro IV das *Epistolae Japonicae.*

MONTOBAR (DON FERNANDO DE ——).

Extasis metrico de las Musas al pulsar Apolo su lirico instrumento en armonico aplauso de las Fiestas que el Ex.mo señor D. Antonio Guedes Pereyra, Embajador de Portugal en la Córte de Madrid, executó al prospero Natal de su Quarto Infante, nacido en Lisboa a 24 de octobre de este año de 1723. Escribióle el licenciado ——, cuyo rendimiento lo dedica á la galante generosidad de el mismo Ex.mo señor Embajador.

MONTORIO (DON FERDINANDO DE SIMEONIBUS DE' CONTI DI ——).

Alla Serenissima Mariana Regina Archiduchessa d'Austria, Regia Sposa della Maestà di Don Giovanni Re di Portogallo, e di Algarbia. Augurio di Felicce Viaggio. Poesia.

MONTOYA (ANTONIO RUIZ DE ——).

Historia de missa Christi jugum Paraquaria.

Apparece citado este livro a pag. XXII da obra: *Relation des missions du Paraguay, traduite de l'italien de M. Muratori.* Paris, 1757.

MONTPLAISIR (HYPPOLITE ——).

Mirages et Souvenirs. Poesies intimes par ——. Typ. da sociedade typographica franco-portugueza, 1860, 8.º, 83 pag.

Le Tage

Un soir, que la brise légère
Ridait la surface des eaux,
Et ma barque solitaire
D'Almada fuyait les côteaux,

Cette nuit, tout dans la nature
Se remplissait de majesté,
Le Tage, avec un doux murmure,
Roulait sur un lit argenté.

La fleur, dont le parfum enivre,
Ouvrait son calice embaumé;
Et tout disait: — il nous faut vivre,
Mais vivre pour être aimé!

Au loin, la cité de Lisbonne
S'illuminait de mille feux;
Et la mer, dont la voix résonne,
Allait se perdre dans les cieux.

Sur les ondes capricieuses,
On croyait voir dans les vapeurs
Les ombres mystérieuses
De ses anciens navigateurs !

Avec nonchalance couchée,
Se reposant sur un volcan,
Lisbonne paraît embrasée
Par un bras du grand Océan.

Pour miroir cette coquette
A pris un fleuve murmurant,
Où l'alcyon et la mouette
Battent des ailes le courant.

Et pour couronner sa tête
D'un diadème souverain
Le bleu firmament lui prête
Les étoiles d'un ciel divin.

Illusion, douce harmonie,
Je vous revois en ce séjour,
Illuminant ma triste vie
D'un céleste rayon d'amour.

Aussi, sur le déclin de l'âge,
Dans ce souvenir enchanteur,
Lisbonne aura marqué sa page
D'espoir, d'amour, et de bonheur.

Lisbonne, 4 juillet, 1857.

A Camoens

Il est des hommes sur la terre,
Que Dieu marque d'un sceau divin,
En cachant l'éternel mystère
Que les mortels cherchent en vain !
Ces élus d'un pouvoir suprême,
Ces gloires de l'humanité,
Prédestinés par le ciel même
Pour dévoiler l'immensité,
Reçoivent tous une parcelle
Du feu sacré du Tout-Puissant,
Et cette légère étincelle
Devient un phare éblouissant;
Car c'est la lumière du monde
Qu'ils répandent dans l'Univers,
Qui fortifie et qui féconde,
Et qui châtie les pervers !
Que chaque brillant météore
Se nomme Homère ou Byron !
Hugo, le Dante, ou bien encore
Alfieri, le Tasse ou Milton !
Tout siècle produit son génie
Comme un bienfait consolateur;
Pour qu'ici bas rien ne dénie
L'existence du Créateur.
Parmi ces superbes pléiades
Où tout poète est immortel,
De Camoens les Lousiades
Sont dignes d'un barde du Ciel !

Fier Titan de l'intelligence
Ton chef-d'œuvre fut un degré
Qui diminua la distance
De la terre au trône éthéré.
Pour ce géant de la pensée,
Le globe entier fut trop petit;
Car sa merveilleuse odyssée
Du premier élan le franchît.
Lui, qui conquit assez de gloire
Pour illustrer sa nation !
Lui, qui poétisa l'histoire,
Et chanta la création !
Lui, dont le sublime génie
Des chrétiens défendit l'autel,
Dont la mémoire fut bénie,
Dont le nom devint immortel !
Car son auréole rayonne
De ces feux qui font ressortir
L'éclat d'une triple couronne
De soldat, poète et martyr !
Lorsque le sort implacable
Vint atteindre son noble front,
De la misère qui l'accable
Il supporta le dur affront !
Et dans son pays, pas un homme,
Ne vint soulager sa douleur.
L'amitié refusa son baume
Ce doux remède du malheur !

Devant l'abandon sacrilège
Du peuple son contemporain.
Un seul cœur eut le privilège
D'un dévouement souverain.
Et cet homme était un esclave!
Mais un esclave d'un grand cœur;
Qui ne connut aucun entrave
Pour servir son pauvre seigneur.
. . . . . .
Les jours, les siècles, les années
Se brisent sous la faux du Temps,
Et les splendides destinées,
Pauvres, riches, amis, parents,
Tout retourne vers le mystère.
Quand la mort dit: — Tout est fini,
L'esprit seul en quittant la terre
Revient au sein de l'infini!
Et lorsque de tous ces pygmées,
Qui furent tes persécuteurs,
Il ne reste de leurs renommées
Nuls vestiges révélateurs;
Alors des hauteurs immortelles
Vers la terre descends un jour,
Frapper du bout de tes ailes
La place du dernier séjour!
Puis en soulevant la poussière
De qui jadis t'a méconnu
Ainsi que l'aigle vers son aire
Reprends ton vol vers l'inconnu!

Lisbonne, août 1859.

Le Douro

(A Mr. J. C. Vieira de Castro)

Douro, rivière gracieuse,
Ne te plains jamais de ton sort.
La vanité capricieuse
Du bonheur brise le ressort.

Il est vrai, le Tage est sublime;
Mais toi, n'as tu pas tes beautés?
Oui, ton orgueil est légitime,
Tu peux régner à ses côtés.

Si ton rival est magnifique,
S'il éblouit par ses splendeurs,
Ton aspect est plus poétique
Car ton lit est bordé de fleurs!

Tu connais le feu, la mitraille,
Cette tempête des combats.
Et plus d'une fois la bataille
Sur tes flots a pris ses ébats.

Tu fuis, imposant et tranquille,
Arrosant les charmants jardins
Qui couvrent les pieds de ta ville,
Dont les eaux baignent les gradins.

T'avançant entre deux montagnes
A l'ombre des feux du soleil,
Dominant les verts campagnes
Par l'ordre d'un Dieu sans-pareil,

J'ai parcouru tes bords fertiles,
Couché dans un de tes bateaux,
Qui guident des femmes agiles
Dont les rames coupent tes eaux.

J'ai savouré la douce ivresse,
Que le cœur en peine ressent,
Quand l'harmonie, qui caresse,
De son trône d'azur descend.

Douro divin, superbe Tage,
Si l'un est grand, l'autre est charmant.
Pour le penseur et pour le sage
La fleur vaut bien le diamant!

L'Océan tous deux vous entraîne!
La même vague vous unit!
Le même destin vous enchaîne!
Car le même Dieu vous bénit.

Porto, 1858.

Adieu!

Amis, je vais partir, le destin me l'ordonne,
Pour obéir, je dois étouffer mes soupirs.!
Il faut donc m'éloigner, il faut quitter Lisbonne,
Pour chercher de nouveau la gloire et ses plaisirs.

Adieu, Lisbonne, adieu, cité noble et brillante,
Si belle de l'azur de ton bleu firmament,
Où l'étoile paraît, et reluit scintillante;
Comme le vif rayon du plus pur diamant.

Où pourrais-je trouver la bienfaisante ivresse,
De ton air embaumé par l'oranger en fleur?
Et tes divines nuits, où la brise caresse,
Et vient du cœur souffrant adoucir la douleur.

Adieu, Tage charmant, beau fleuve poétique,
Fier d'un noble passé, par ton barde chanté,
Si grand de souvenirs, que ta splendeur antique
Resplendit à nos yeux comme un rêve enchanté.

MONTPENSIER (MADEMOISELLE DE ——).—Fille de Gaston d'Orléans, frère de Luiz XIII, Roi de France.

Mémoires de ——. Nouvelle édition, où l'on a rempli les lacunes qui étaient dans les éditions précédentes, corrigé un très-grand nombre de fautes et ajouté divers ouvrages de Mademoiselle, très-curieux. A Maestricht, chez J. Edme Dufour et Phil. Roux., 1776, 8 vol.

Esta mulher celebre nasceu em Paris no anno de 1627 e falleceu em 1693.

«Mademoiselle deixou *Memorias* admiraveis na sinceridade d'aquillo que a enternece, cheias de franqueza, e sem abjecção dos outros. Seu estylo não é muito correcto, não obstante ter sido revisto, pelo menos nas duas primeiras partes, por Segrais, secretario da duqueza; mas a leitura é agradavel e instructiva[1].»

Eis tudo quanto nas *Memorias* se encontra relativo a Portugal:

«Mr. de Turenne, que era meu parente pela parte de minha mãe, havia sempre vivido commigo em boa harmonia (vol. v, pag. 213). Quando regressei do meu exilio, appliquei-me a ser-lhe agradavel, e queria tornal-o meu amigo particular. Parecia-me que isto lhe convinha, e que lhe dava prazer; correspondeu com signaes de calorosa amizade, vinha ver-me frequentemente, e quando o encontrava no palacio da Rainha, quasi que com ninguem fallava senão com elle.

«Tive um dia a curiosidade de querer saber se o Rei tencionava ir no dia seguinte a Versailles, e por isso lhe escrevi um bilhete, o qual continha apenas simplesmente esta curiosidade. Respondeu-me com a maior seriedade que de nada queria saber, e que me supplicava, quando eu quizesse saber cousas de tal natu-

---

[1] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. xxxvi, pag. 387.

reza, que me dirigisse a pessoas que não fossem elle; este comprimento não me surprehendeu menos do que o seu procedimento. Desde aquelle dia evitava approximar-se de mim tanto quanto podia; vi aquelles modos estromboticos, e não me apressei mais em lhe ir fallar. Tudo isto se tinha passado antes do que eu tinha dito ácerca da batalha de Rethel, da qual a Princeza lhe tinha dado conta.

«Quiz explicar tudo isto para fazer ver que não tinha elle vivido de maneira que procedesse para comigo como procedeu. Veiu tres dias a fio procurar-me, e uma tal solicitude me pareceu extraordinaria. Encontrei-o no palacio da Rainha, e perguntei-lhe se me queria fallar. Respondeu-me affirmativamente, que voltaria no dia seguinte a minha casa; esperei-o, por isso, até ás quatro horas. Não vinha; impacientei-me, e mandei buscar as carruagens para saír. Ia descendo os degraus, quando vi que a carruagem d'elle vinha entrando no meu pateo, e tornei a subir. Entrámos no meu gabinete, e depois de estarmos sentados perto do fogão, disse-me:

«—Sempre vos amei como minha filha; e embora haja uma grande differença entre mim e vós, ouso tomar a liberdade de me servir d'estes termos para vos exprimir quanto tenho andado occupado de tudo o que vos diz respeito. Estou persuadido de que me tendes amizade, e de que a honra que eu tenho de vos ser tão proximo como sou, fará com que me deis algum credito, e com que defiraes as minhas opiniões nos negocios mais importantes da vossa vida.»

«Respondi-lhe com toda a cortezia devida ao seu cumprimento; e como sou inimiga de demoras e impaciente, disse-lhe:

«—Então de que se trata?

«—De um casamento para vós.

«Sem o deixar fallar por muito tempo, disse-lhe ser um negocio arduo para se tratar d'elle; que estava satisfeita da minha condição, e mui resolvida a não mudar d'ella.

«—Quero-vos fazer Rainha. Escutae-me.—disse elle—Deixae-me dizer-vos tudo, e depois fallareis. Quero-vos fazer Rainha de Portugal.

«—Fóra com isso, pois não quero uma tal cousa.

«—As meninas da vossa qualidade não devem ter outra vontade que não seja a do Rei.»

«A estas palavras perguntei-lhe se era da parte do Rei de Portugal que me vinha fallar. Respondeu-me que não, e que o escutasse.

«Começou por me dizer que a Rainha de Portugal era uma mulher habil, que tinha muita ambição, do que tinha dado provas quando tinha feito Rei ao seu marido, pois fôra ella quem o fizera Rei e dirigíra a revolta, e quem sustentava os negocios no estado em que elles se achavam. Que ella via seu filho em idade e com desejos de se casar, mas que tinha favoritos, os quaes n'um momento estragavam tudo quanto ella fazia; que os hespanhoes tinham grande interesse em os corromperem, e que para obstar a isto ella o queria casar. Fôra ella que propozera o meu casamento. Que ella queria retirar-se á vida particular, mas que via que o favorito a faria expulsar. Que ella lhe havia dito seu designio a respeito do meu casamento e que tinha testemunhado desejal-o. Ou fosse por loucura ou por amizade que elle tinha á conservação do estado, dizia saber que eu era habil, e que o Rei seu senhor não se podia conservar sem que fosse por meio de alguem que podesse governar com um poder absoluto. Que elle se retiraria para me deixar tudo nas mãos, e que eu lhe ficaria na obrigação de ter

contribuido para este negocio. Que estava persuadido de que eu procederia bem para com elle. Que a alliança da França era o unico meio que podia manter o seu Rei contra o poder e forças dos hespanhoes. Que o Rei de Portugal era um rapaz que nunca tinha tido outra vontade que não fosse a de sua mãe, e que estava no costume de fazer tudo quanto d'elle queriam. Que, depois de me caír uma vez o poder nas mãos, ficaria eu sendo a senhora absoluta de tudo. Que se não sabia bem se elle era dotado de tino, ou não. Que um tal marido como este me era necessario para eu ser feliz (vol. v, pag. 217). Que no tocante ao rosto era muito bonito e louro, e que seria bem conformado se não houvesse nascido com uma especie de paralysia de um lado, o qual lhe tinha ficado um pouco mais insensivel do que o outro, mas que se não conhecia isto quando estava vestido. Tão sómente arrastava uma perna, e com difficuldade movia um braço. Que ia começando a montar a cavallo sósinho. Não tinha nem boas nem más inclinações, e que, por isso, eu lhe incutiria aquellas que fossem do meu agrado. Que emquanto ao ser bem ou mal feito, uma pessoa nobre, como eu, d'isso não devia fazer caso. Que eu havia de ser a senhora, tanto mais agradavelmente, quanto eu havia de gosar de toda a minha fortuna. Que levaria quem eu quizesse. Que o Rei tinha tenção de mandar para Portugal e de sustentar n'aquelle paiz um forte exercito. Que eu escolheria na França os officiaes generaes, e tomaria e nomearia aquelles que o haviam de commandar ás minhas ordens. De tudo disporia. Metteria e tiraria a quem me agradasse. Que o Rei o acharia bom.

«Interrompi-o a estas palavras, e disse-lhe:

«—Meu primo, pois, o Rei, nada sabe de tudo que me acabaes de dizer, e dispondes assim de suas tropas? Sei que tendes grande credito; tudo quanto me acabaes de dizer, é lindo, mas parece-me detestavel ser eu a ligação de uma guerra eterna entre a França e a Hespanha, pois sustentaria a primeira um Rei revoltado contra o seu Rei. E parece-me que não seria menos vergonhoso para mim o ver n'aquelle paiz fazer a paz, e esperarem os hespanhoes que os francezes tivessem saído de Portugal para expulsarem d'este paiz este pretendido Rei, o qual viria á França pedir esmola, quando os meus bens estivessem comidos; toda a minha consolação seria a de representar de Rainha em alguma pequena cidade. Prefiro ser Mademoiselle na França com 500:000 libras de renda, contribuir para o luzimento da côrte, nada lhe pedir, ser respeitada tanto por causa da minha pessoa, quanto pela minha nobreza; e por isso dae-me credito: meu primo, quando nos achâmos n'este estado, quer o bom senso que n'elle nos mantenhâmos.

«Depois de ter acabado de fallar, respondeu-me:

«—Tudo quanto acabaes de dizer é bem imaginado, mas esqueceu-vos acrescentar que embora se seja Mademoiselle com todas as qualidades e bens que tendes dito, nem por isso se é menos subdita do Rei; póde elle querer o que quer; e quando se não quer, ralha, causa mil dissabores á côrte, passa muitas vezes mais adiante, expulsa as pessoas quando isso lhe vem á phantasia, tira-as de uma casa para as enviar para uma outra; se se dão muito bem n'aquellas em que moram, muitas vezes as faz passear, outras vezes prende-as nas proprias casas d'ellas, manda-as para um convento, e depois de todas estas provas nem por isso se tem de obedecer menos, e faz-se á força aquillo que se não quiz fazer por vontade. Quando tiverdes reflectido que venho de vos expor, perguntar-vos-hei o que tendes para me responder.

«Redargui-lhe:

«—Sei o que tenho a fazer; se o Rei me houvesse dito outro tanto que vós, dar-lhe-ia uma resposta. Pelo que vos diz respeito nada tenho que vos dizer, nem nenhuma explicação a dar-vos.

«Ao ver que me zangava, tomou um modo adocicado, e disse-me mil amabilidades, ás quaes a unica resposta que dei foram mil cumprimentos.

«Contentei-me com lhe repetir por tres ou quatro vezes:

«—Se quereis que dê credito a todos os vossos protestos, não me torneis a fallar a respeito de um tal casamento; e se vos quizerem encarregar de uma outra tal commissão, procedei de modo que afugenteis os que tiverem desejo de que eu fizesse um tal casamento.

«Sem embargo de me ter promettido nunca mais se envolver em similhantes negocios quando se separou de mim, passados cinco ou seis dias não deixou de me tornar a fallar na mesma cousa. Respondi-lhe tão graciosamente como da primeira vez.

«Monsieur e madame de Navailles, que têem sido meus amigos em todos os tempos, aquella a quem eu via todos os dias no palacio Rainha, fallou-me ácerca d'este matrimonio, e disse-me:

«—Se quizerdes ha de ser de Navailles quem ha de commandar vosso exercito; seria isto para uma pessoa do vosso genio a mais bella cousa do mundo, e repetiu-me quasi todos os mesmos termos e todos os bellos trechos pelos quaes Mr. de Turenne tinha julgado mover-me.

«Conheci perfeitamente que tinha combinado esta conversa com o marido e com a mulher, com o fim de que ella me fizesse caír na rêde, por meio do interesse que ella achava n'este casamento para de Navailles, que esperava ir commandar um exercito, e fazer-se governador n'aquelle paiz. Madame de Navailles acrescentou:

«—Não acrediteis que mr. de Turenne vos tenha proposto este casamento por sua alta recreação; o Rei, que não quiz ser o primeiro a fallar-vos n'elle, o encarregou de uma tal missão; e por isso, se me quizerdes acreditar, vós annuireis a elle.

«Depois de ter pensado algum tanto no procedimento de mr. de Turenne, em suas ameaças e nos conselhos dos esposos de Navailles, com o fim de penetrar ou de fazer fallar o Rei, escrevi-lhe uma estirada carta, na qual lhe dizia que estava receiosa de que elle formasse mau conceito, julgando que eu nada mais pensava do que em me divertir como uma menina, sem ter em vista o meu estabelecimento; que eu tomava a liberdade, pela confiança que depositava na sua bondade, de lhe supplicar que se lembrasse d'elle; que lhe rogava, outrosim, que pensasse em que nem tudo me ficava bem na minha idade; que estava persuadida, e esperava com impaciencia, que me pozesse n'um logar onde podesse ser de utilidade ao seu serviço, e com algum prazer para mim; que até elle poder dar-me alguns signaes de consideração, lhe supplicava me désse uma pensão, no que me daria grande prazer.

«Meu designio era fazel-o fallar; e, depois de ter escripto a minha carta, fui procurar o conde de Saint-Aignan, primeiro gentil-homem que estava de serviço, e lhe dei a carta para a entregar ao Rei, e lhe disse tudo quanto mr. de Turenne fizera; que era isto o que me obrigava a escrever-lhe, com o fim de saber se tinha seguido as ordens do Rei.

«Mr. de Saint-Aignan respondeu-me que não deixaria de cumprir o seu dever, mas que estava persuadido de que mr. de Turenne fizera o que lhe tinha vindo á cabeça, com o fim de ganhar preponderancia; que o Rei com certeza não me constrangeria. Passados alguns dias disseram-me que tinha entregado a carta, mas que o Rei nenhuma resposta lhe havia dado ao que lhe tinha dito; quiz obrigal-o a pedir uma resposta, mas respondeu-me ser preciso deixar andar o Rei sem nada lhe dizer; que no emtanto faria aquillo que fosse do meu agrado, mas se quizesse estar pelos seus conselhos, que não desse nem mais um passo a tal respeito.

*
* *

«Mr. de Turenne já me não fallava de Portugal, e os esposos de Navailles não cessavam de me quebrar a cabeça. Estava enfadada por ver que o Rei tinha para commigo um ar mais embaraçado do que tinha por costume: a Rainha mãe, que odiava de morte os portuguezes [1], escutou attentamente a relação que fiz de tudo quanto mr. de Turenne me tinha dito. Julgava que ella ia achar que lhe dizer, quando me respondeu:

«— Se o Rei o quizer, é uma terrivel piedade, mas elle é o senhor; pelo que me diz respeito nada tenho a aconselhar-vos.

«Via que todo o mundo era contra mim, e por isso não tive outro recurso mais do que desejar que o tempo das aguas de Forges chegasse, para saír airosamente das perseguições dos de Navailles; julgava até mesmo que pensariam menos em mim, quando eu estivesse alguma cousa retirada.

«Quando me despedi do Rei para ir a Forges, com o fim de o fazer esquecer do casamento em Portugal, disse-lhe que mr. de Beziers, que ía a Veneza, poderia passar por Turim, que era dos meus amigos, no caso de lhe querer dar ordens para negociar o meu casamento com o duque de Saboya, elle as executaria com todo o gosto.

«Disse-me então o Rei em resposta:

«— Quem vos disse que mr. de Beziers vae a Veneza, e ha de passar por Turim?

«Respondi-lhe que o povo o andava a dizer pelas ruas. Repondeu-me com modos de enfado:

«— Hei de casar-vos onde fordes util para o meu serviço.

«Dei-lhe em resposta que n'isso me dava prazer, pois desejava com paixão ser-lhe boa para os seus designios; a isto saudou-me com frieza, e eu fui tomar as minhas aguas.

«Quando estive em Forges recebi uma carta de mr. de Saint-Aignan, na qual me dizia:

«O Rei manda que vos envie uma carta que se achou na roupa de um irmão de mr. de Beloy, que morreu na Hespanha, a qual vós tinheis escripto ao conde de Charny.

«Enviei-lhe um delicado agradecimento; pela minha resposta eu lhe significava que não teria de que ter cuidados por haver esta carta sido tomada em

---

[1] «Mutuellement», diz o original, mas parece-me não fazer sentido. (Vol. v, pag. 224.)

Portugal, pois nada tinha de que me importar com aquelle paiz; que se tinha proferido alguns gracejos contra o Rei de Portugal quando tinha escripto ao conde de Charny, desejava que vencesse uma batalha contra elle, o que não julgava que fosse um crime; que me não importava para cousa alguma aquelle Rei; que não ficava zangada se elle soubesse que nem o estimava, nem o respeitava, embora fosse o Rei de Inglaterra seu cunhado. Havia pouco tempo que tinha casado com sua irmã, a respeito da belleza da qual se tinha fallado muito.

«Quando Comminges veiu da sua embaixada, tinha mandado fazer um retrato o mais agradavel do mundo (vol. v, pag. 228); todos quantos a têem visto dizem ser ella de uma urbanidade extraordinaria; que é negra[1], e que tem dois dentes saídos para fóra, os quaes lhe fazem a bôca feiissima; comtudo é de uma virtude e de uma piedade exemplares, e o Rei seu marido lhe deu motivos bastantes para a exercitar.

«Não sei se a resposta por mim dada a mr. de Aignan agradou; sei bem que me não dava cuidado o que se podesse dizer.

«Depois de ter tomado minhas aguas, fui a Eu, onde residi por algum tempo. Tres dias antes d'aquelle em que eu tinha resolvido partir, achando-me á missa, chegou um pagem, o qual me disse que o sr. marquez de Gêvres, capitão das guardas do corpo, tinha partido para vir ter commigo da parte do Rei, e que ninguem lhe tinha podido dizer para que fim. Esta nova causou-me alguma inquietação; mas como nos casos, para os quaes não ha remedio, é mister tomarmos um partido, determinei-me a supportar todo e qualquer mal que me quizessem fazer; não duvidei de que elle viesse para esse fim, e até mesmo disse a todas as pessoas que se achavam perto de mim, e nas quaes eu depositava alguma confiança:

«— Eis o negocio de Portugal, e o effeito das ameaças de mr. de Turenne.

«Chegou muito tarde, e eu estava no meu gabinete com muitas pessoas, ás quaes mandei que saíssem.

«Desde que elle se achou sósinho commigo, disse-me:

«— O Rei mandou-me que vos dissesse da parte d'elle que elle vos ordena que vades a Saint Fargeau até que elle vos mande dar uma segunda ordem; acrescentou que eu estaria bem persuadida de que elle tivera grande desgosto por haver sido encarregado de uma missão, que não me podia ser agradavel.

«Respondi-lhe que obedeceria, e que me dissesse o dia em que eu devia partir. Perguntei-lhe se tinha ordem de me levar comsigo, ou se lhe tinham dito qual o caminho por onde devia ir. Respondeu-me ainda mais uma vez que eu era a senhora.

Repliquei-lhe:

«— Direis ao Rei que partirei em tal dia, e que irei pelo caminho mais afastado de Paris; que o dia de Todos os Santos está a chegar, e julgo que levará a bem que eu passe estas festas antes em Jouarre do que n'uma aldeia.

«Disse-me que não duvidava que o Rei não levasse isso a mal. Depois de ter acabado com elle tudo quanto dizia respeito á sua ordem, fiz-lhe meus cumprimentos para corresponder aos que me tinha feito por sua conta particular.

---

[1] É uma das mais refinadas falsidades que jámais têem sido lançadas em livros.

Disse-lhe que havia de estar muito embaraçado em adivinhar o que eu tinha feito, que eu nada tinha a exprobar-me, a não ser que me lembrasse de que mr. de Turenne me havia ameaçado, e que lhe pedia que o participasse ao Rei.

«Respondeu-me que me supplicava mui humildemente que o não encarregasse de nenhum recado; ficou para ceiar commigo, e durante a ceia fallei-lhe a respeito de muitas cousas indifferentes. Depois de me ter levantado da mesa oi dormir á hospedaria, e não quiz nem pernoitar nem comer em minha casa.

«Chegado o dia que eu tinha marcado, parti sem nada mandar dizer ao Rei; não juguei que viesse a proposito escrever-lhe, ou informal-o de alguma cousa antes de ter executado suas ordens. Mandei, comtudo, um correio, não me lembro com certeza a quem, creio que foi a madame de Brienne, com o fim de que fallasse ella á Rainha mãe, para que tivesse a bondade de fazer com que se mudasse a ordem da minha residencia, e com que permittissem que eu me conservasse em Eu, em vez de Saint Fargeau; e com o fim de receber a resposta no caminho, não andei nas duas primeiras jornadas mais do que dez leguas.

«Fui a Foucarmont, e no dia seguinte a Aumale, onde tive conhecimento da resposta que deram: Que o Rei estava tão irritado contra mim, que nem a Rainha se tinha atrevido a fallar-lhe.

«Assim terminei a minha jornada, durante a qual recebi um bom numero de correios com muitas cartas de cumprimentos. Quasi que ninguem houve na côrte que me não testemunhasse tomar parte no que vinha de me acontecer.

«Mr. de Turenne enviou-me um gentilhomem, o qual me trouxe uma carta da parte d'aquelle. Disse-lhe em resposta que era elle um homem de palavra, que para a outra vez me fiaria n'elle, visto ter cumprido o que tinha promettido. Com o fim de que elle não podesse deixar de ser bem informado do que se continha na minha carta, repeti ao seu gentilhomem tudo quanto acabava de lhe escrever, para que a causa do meu exilio fosse conhecida de todo o mundo. Escrevi a todos os meus amigos rogando-lhes que dissessem por toda a parte que o meu unico crime era não ter querido casar com o Rei de Portugal, marido que mr. de Turenne me viera offerecer, e como eu o tivesse recusado, Mr. de Turenne me ameaçára com o exilio.

«Bem percebo que não procedi com a maior prudencia quando divulgava esta occorrencia, do que elle quando me predisse tudo de quanto foi o causador.

«Conservei-me em Jouarre durante todas as festividades, e depois dirigi-me a Saint Fargeau, de onde escrevi á Rainha mãe, a mr. Turenne e a todos da côrte que podiam mostrar as minhas cartas, embora eu já o tivesse feito. Estas ultimas não mostravam irritação alguma, pois tive tempo para reflectir.

«Não recebi resposta de Suas Magestades, e a Rainha diz que nunca víra o Rei tão enfurecido contra alguem, como estava contra mim. Eu não me podia arrepender de cousa alguma, pois sabia que até certo ponto nada tinha feito que lhe podesse desagradar. Tirei, portanto, o repouso da minha boa consciencia, e desde o essencial até á bagatella, não fazia a mim mesmo nenhuma exprobação.

«Foi mister resolver-me a passar minha vida na solidão que me tinham prescripto, e n'ella me conservei o mais tranquillamente que me foi possivel.

«Cheguei no mez de novembro a Saint Fargeau. Mr. de Entragues, que me escrevia regularmente, informou-me de que no mez de janeiro seguinte mr. de Turenne o tinha ido ver, e que depois de lhe ter pedido noticias de mim, e de lhe ter feito mil protestos de serviços a meu favor, o encarregou de mandar-me

perguntar se eu já tinha reflectido em tudo que elle me tinha proposto a respeito de Portugal (vol. v, pag. 236), e se eu ainda não queria dar ouvidos a uma proposta tão util para o serviço do Rei e tão vantajosa para o meu estabelecimento.

«Respondi a esta carta no mesmo tom de tudo quanto lhe tinha dito sempre; fiz-lhe ver que o afastamento da côrte me fazia ainda melhor conhecer o quão duro era separar-se d'ella a gente por toda a sua vida.

«O bom homem, Mr. de Entragues, mandou-me dizer que tinha mostrado a minha carta a mr. de Turenne, e que este não perdia as esperanças de que chegasse um dia a seguir seus conselhos.

«Andava eu a passear certo dia em Saint Fargeau, quando vi chegar um frade. Eu tenho medo dos frades; sou do numero d'aquelles que dizem que devem elles ser do numero dos anjos ou dos diabos. Mandei um creado saber quem era, e que me veiu dizer que era um franciscano, que andava a prégar n'uma aldeia proxima.

«Mandei-o chamar e disse-me ser um observante da provincia de Tolosa, o que me deu occasião de lhe pedir noticias de um padre d'esta ordem, que eu conhecia ser um grande astrologo, por nome padre Gaffardy. Disse-me que era um dos seus amigos, e me respondeu habilmende a todas as perguntas que eu lhe fazia. Tentei embaraçal-o, e perguntei-lhe porque andava a passeiar sem companheiro; respondeu-me sem se perturbar, que o tinha deixado por se achar doente, pois a não ser assim já se teria retirado, pois tinha acabado de prégar o seu advento; que se tinha achado perto de Saint Fargeau, que tinha tido desejo de me ver, por vir de uma terra onde tinha ouvido fallar de mim.

«Estas primeiras palavras me deram curiosidade, e interroguei-o. Disse-me que tinha chegado de Portugal havia tres ou quatro mezes, e que n'aquelle paiz tinha residido por algum tempo, durante o qual via muitas vezes a Rainha, pois os frades, mesmo os estrangeiros, tinham sempre entrada franca no palacio. Contou-me mil maravilhas a respeito da Rainha de Portugal, da de Inglaterra, e do Rei de Portugal; que era, sem exageração, tão bem feito como o Rei de França; que a Rainha lhe tinha muitas vezes fallado do projecto que tinha, de que eu casasse com o Rei, seu filho, e de que ella se retiraria á vida particular, para me pôr nas mãos todos os negocios. Que Portugal era o mais bello paiz do mundo.

«Perguntei-lhe se não tinha ouvido fallar do homem que o Rei de Portugal tinha matado, atirando com elle da janella abaixo.

«Respondeu-me com a maior seriedade que tinha sido uma surpreza, e ficou espantado de me achar tão bem informada. Disse-me tambem: «Vejo bem que vos poderão vir contar que elle percorre durante a noite as ruas, e mata quantos encontra.»

«Depois de ser elle o primeiro a fallar de todos os vicios do Rei de Portugal, achei-me ainda melhor informada do que tinha estado.

«Deixou-se ficar dois dias em Saint Fargeau; mandei-lhe dizer que faria muito bem em se retirar.

«Alguns dias depois vieram dizer-me que um gentilhomem por nome Richardière, que tinha a honra de ser meu conhecido, pedia para me apresentar seus respeitos; disse que o mandassem entrar. Quando o vi, disse-lhe: «Quando me fallaram no vosso nome, custou-me a recordar-me d'elle. Ha muito tempo que somos conhecidos.

«Era um gentilhomem da Normandia, que tinha desposado uma velha creada, que tinha visto toda a minha vida com a condessa de Fiesche, antes de ser minha governante.

«— De onde vindes? Ha muito tempo que vos não vejo! — lhe disse eu.

«—Venho de Portugal, onde sirvo ha alguns annos.— Respondeu-me com modos prazenteiros.

«Apresentou-me um papel, e acrescentou:

«— Aqui está uma carta de mr. de Turenne, o qual mandou que vol-a entregasse.

«Para não dizer o que ella continha, vou apresentar a copia tal e qual.

«Mademoiselle.— Esse gentilhomem disse-me ter a honra de ser conhecido de Vossa Alteza Real, e vae ter comvosco; não vos quiz deixar de renovar as seguranças de meu muito humilde serviço, e de vos dizer que o conheço tão bem que tenho a certeza de que vos ha de fazer uma fidelissima narração de todos os negocios, se lhe fizerdes a honra de fallar com elle, e podeis dar inteiro credito a tudo quanto elle vos disser, com o fim de tomardes depois vossa resolução. Informei-o muitissimo bem; e como o vi na intenção de lhe ir prestar seus serviços, julguei que Vossa Alteza Real não levaria a mal que eu lhe assegurasse de que ninguem é com maior submissão e respeito do que eu, Mademoiselle, vosso humillimo e obedientissimo servo = *Turenne.* = 18 de março de 1663.

«Depois de ter lido esta carta, metti-a na minha algibeira sem dizer palavra a Richardière, e puz-me a trabalhar na minha obra até á hora de meu passeio; saí e entretive-me com toda a gente, sem fallar ao portador da carta.

«Viu que eu perseverava em não querer nem fallar-lhe, nem pol-o em estado de conversar commigo; resolveu-se a dirigir-me a palavra, e de repente se approximou de mim, e disse-me:

«— Estou espantado da pouca curiosidade de Vossa Alteza Real, ou da pouca confiança que deposita em mim.

«Toda a gente se retirou, e respondi-lhe:

«— Ha muitissimo tempo que vos conheço, e por isso não creio que me quizesseis enganar. Não vejo em que o podesseis fazer, nem sobre que eu poderia lançar minhas desconfianças, quando mesmo eu imaginasse que tivesseis vindo para esse fim; eis porque vos toca explicar-vos.

«— Pois que! — exclamou elle — A um homem que vem de Portugal, que deixou o senhor embaixador na Inglaterra, que vem para o vosso casamento, nem Vossa Alteza Real quer escutar, nem tem nenhuma curiosidade de o fazer? mr. de Turenne não me tinha dito que fosse Vossa Alteza tão indifferente ácerca d'este negocio.

«Affirmei-lhe que, se elle lhe tivesse dito que eu tinha algum pensamento a respeito de Portugal, o havia enganado, pois bem o sabia elle que eu não o tinha querido escutar, tão grande aversão tinha eu a um tal casamento!

«Deu-me em resposta que não era isto o que elle tinha mandado dizer para Portugal; que d'isso podia julgar pelo embaixador que tinham feito partir para vir ter commigo.

«Esta maneira de proceder de mr. de Turenne deu-me curiosidade. Pedi a Richardière que me contasse tudo quanto tinha sabido n'aquelle paiz.

«—A Vossa Alteza—respondeu elle—não custará acreditar que um capitão de cavallaria, como eu, não saberia novidades, se ellas não fossem publicas, ou se me não tivessem encarregado de alguma commissão a tal respeito.

«Depois de ter feito este preludio, continuou:

«—No anno passado, o Rei fez conhecer á Rainha, sua mãe, que não queria que ella se envolvesse nos seus negocios, e que lhe daria prazer se se retirasse á vida particular. Ninguem duvidava de que não tivesse sido o marquez de Castello Melhor, seu favorito, quem obrigou o Rei a fazer-lhe este cumprimento.

«Respondeu-lhe a Rainha: «Que obedeceria a seu filho com prazer; mas que, antes de deixar os negocios, lhe queria dar um conselho, o qual era—que se devia casar; que tinha acreditado que o favorito havia de se oppor a tal casamento, e que o Rei se zangaria contra elle, e que por este meio ella continuaria a governar. Que a Rainha tinha achado seus projectos mal combinados, pois o favorito havia respondido que ella tinha rasão, e que era mister procurar todas as Princezas que mais lhe conviessem; que em pleno conselho se tinha dito que a alliança com a França era a unica que podia sustentar Portugal; que era preciso fazer tudo quanto se podesse para obter Mademoiselle de Orleans, pois era uma Princeza de grande virtude, a qual tinha um espirito capaz de governar, e que tinha grandes bens; a qual, com a sua pericia na direcção dos negocios, e com a protecção que tivesse da França, manteria o reino no estado em que estava, e que ainda o poderia engrandecer á custa dos hespanhoes; que a Rainha, o favorito e todo o conselho, tinham unanimemente ficado de accordo a este respeito, e que depois de ficar isto resolvido, tinham mandado chamar mr. de Schomberg, o qual havia enviado um correio a mr. de Turenne; e que depois de terem esperado por algum tempo a resposta, tinha ella chegado, pela qual mr. de Turenne mandava dizer que o Rei tinha recebido mui agradavelmente esta proposta; que tinha acabado de assignar a paz com os hespanhoes, e queria pensar nos meios que poderia empregar para fazer a paz sem lhes dar motivo para se queixarem; que este negocio não tinha sido encaminhado com tal segredo, que o rumor não tivesse chegado até ás tropas; que tinha isto causado uma muito grande alegria aos francezes, os quaes naturalmente não gostavam dos portuguezes, e que estes, não tendo a menor aversão contra elles, do que contra os hespanhoes, tanto uns como outros andavam desconfiados.

«O saber tudo isto causou-me prazer; acrescentou que todos os portuguezes em geral testemunhavam um ardente desejo de me quererem ter para Rainha; disse-me ainda, que tinha chegado áquelle paiz uma noticia de que o Rei de França tinha enviado Mademoiselle para uma de suas terras, e que diziam muito baixinho que era para fingir que estava mal com ella, com o fim de fazer crer aos hespanhoes que ella se tinha casado sem dar parte ao Rei, e que, com este designio, tinham enviado um embaixador, que se tinha demorado na Inglaterra, com o fim de que acreditassem que elle tinha tratado commigo, sem dar parte a ninguem. Que, apenas elle havia partido, me prepararam um aposento, e trabalhavam em arranjar a minha casa, e que não duvidavam de modo algum que o casamento estivesse justo commigo; que tinha sido informado da partida do embaixador, cujo nome me disse, e do qual me esqueci. Que tinha pedido a mr. de Schomberg que o deixasse partir na companhia d'elle; que tinha a honra de ser conhecido de mim, e que ousava esperar que eu tivesse alguma consideração para com elle. Que trabalhava junto de mim em qualquer emprego que eu lhe man-

dasse dar, pouco mais consideravel que fosse do que aquelle que tinha n'aquelle paiz. Que depois de ter exposto todas estas rasões a mr. de Schomberg, elle lhe tinha dado a baixa. Que eu podia ver que elle estava informado dos projectos d'elles, e dos meus. Supplicava-me que o considerasse como um homem que me queria ser particularmente affeiçoado.

«Terminado este bello discurso puz-me a rir, e disse-lhe que eu não sabia uma unica palavra ácerca de tudo quanto me acabava de dizer, e que me daria gosto se me explicasse o que lhe tinha dito mr. de Turenne quando elle tinha chegado.

«Respondeu-me que depois de ter feito a mesma relação, elle lhe perguntára de onde tinha elle a honra de ser meu conhecido; que depois de lh'o ter dito, mr. de Turenne lhe havia respondido:

«— Estou mui contente, e vos prestarei meus serviços junto d'ella.

«Que elle tinha escripto a carta a qual tivera a honra de me entregar, e que elle tambem o tinha prevenido de que não ficasse admirado se me achasse surprehendida quando me dissesse o estado do negocio, pois que eu havia de fingir nada saber; que eu tinha minhas rasões para assim proceder; e que não deixasse de seguir o seu caminho junto de mim.

«— Aconselho-vos — repliquei-lhe — que fiqueis para me dizerdes o que mr. de Turenne vos aconselhou; e podeis, com o mesmo espirito, escutar tudo quanto vos vou dizer.

«Contei-lhe por miudo tudo quanto mr. de Turenne me tinha proposto, e o que eu lhe havia respondido.

«Depois de lhe ter dito tudo quanto tenho já escripto, e tudo quanto fiz a toda a gente, pareceu-me muito espantado da maneira como se havia de saír de todo este negocio para com o embaixador, do qual me tinha fallado, de maneira que ella nem podia comprehender dem perceber.

«— Para acabar — disse elle — de vos informar do que se tem projectado com mr. de Turenne, eis pouco mais ou menos o que têem de fazer: Que vós pedireis para voltar a Paris; que o Rei vol-o permittiria; que lhe dirieis que não tem pensado no vosso casamento até aqui, que tinheis achado occasião de negociardes um consideravel, no qual Sua Magestade não tinha nenhuma parte; que, em attenção ás contemplações que o Rei queria testemunhar para com os hespanhoes, havia de apresentar alguma difficuldade; que depois de algumas solicitações que eu lhe havia de fazer para lhe representar que elle não podia ou não devia arruinar minha fortuna, deixar-me ía celebrar o meu casamento. Que depois de celebrado, não poderia elle deixar de me tratar como Rainha de Portugal, pois reconhecia o Rei de Portugal como quem era. Que me fariam todas as honras imaginaveis, excepto a de mandarem que os officiaes do Rei me acompanhassem até eu ter saido de França; que podia levar na minha companhia quem me aprouvesse, e recrutar tropas, ou fingir que subornava aquellas que estavam em armas para as levar na minha companhia. Que todas as cousas succederiam da mesma fórma, que eu lhe tinha dito que mr. de Turenne m'as tinha referido.

«Apenas terminado este commentario á relação, disse eu a Richardière:

«— Eis um projecto bem fabuloso, o qual com toda a certeza não ha de ser executado, e eu levo muito a mal a mr. de Turenne o ter illudido aquellas pobres pessoas, e ter causado o meu exilio.

«Perguntei-lhe qual era a physionomia do Rei de Portugal. Pintou-m'o tanto a elle como a sua mãe, taes quaes já os descrevi.

«Explicou-me como a Rainha tinha percebido que já não seria senhora do espirito de seu filho, o qual era naturalmente maligno e cruel, que tinha um prazer singular em matar as pessoas, que tinha um amor extraordinario ao vinho, e era muito inclinado a outras sensualidades. Que seu favorito era um joven libertino, como elle. Que no entanto, no espirito, tinha muita doçura. Que era um homem honrado, e que seria eu, com certeza, a senhora n'aquelle paiz, que tudo governaria. Que introduziria alli a liberdade para as mulheres, onde ellas estavam fechadas como escravas, e a ninguem viam. Que se as encontravam a fallar com um homem, ou se se punham á janella, eram tidas por pessoas de mau porte. Que eram infalizes, e que eu regularia tudo como podesse.

«Acabei a conversa assegurando a Richardière que lhe daria gosto em tudo quanto podesse; mas que durante a sua vida nunca havia de receber signaes de minha protecção a favor de Portugal.

«Depois d'isto mandei uma resposta a mr. de Turenne; ver-se-ha pela copia que vae n'este logar, que o desenganei da esperança que concebêra até então, de me enviar para Portugal.

«Senhor meu primo.—Fallei por bastante tempo com um gentilhomem que me não persuadiu mais do que vós; tambem não seria justo que a sua eloquencia houvesse supplantado a vossa. Quizera eu poder crer que a intenção que vos fez trabalhar em tal negocio fosse boa para mim, mas os meios de que vos tendes servido para fazer com que eu consentisse, são taes que bem difficil se torna que eu o possa crer. Sabeis que vos protestei, desde o anno passado, todas as vezes que me fallastes de Portugal, que este negocio me não convinha. Se me tivesseis amizade, não pensarieis mais em tal cousa. E, como já tenho trinta e cinco annos, com grande pesar meu, podeis capacitar-vos de que tinha tomado esta resolução depois de reflexões taes, que me impediam o mudar d'ella. Sabeis como tendes procedido depois d'aquelle tempo; não ignoraes o estado em que me acho, e por isso podeis julgar se tenho tido motivo para estar contente comvosco. Não posso mudar a estima, e estou bem irritada que me tenhaes posto em estado de ter de vos dizer que separo d'ella a amizade.=Sou, senhor meu primo, vossa affeiçoada prima, *Anna Maria Luiza de Orléans.*

«De Saint Fargeau, 31 de março de 1663.»

«Alem d'esta carta escrevi uma outra ao bom homem d'Entragues, para o informar de tudo quanto Richardière me tinha dito. Mandei-lhe que dissesse a mr. de Turenne que eu estava surprehendida por um tão honrado homem se entreter por tanto tempo n'um negocio que elle devia conhecer irrealisavel. Que eu me sentia mortalmente enfurecida contra elle.

«Mr. d'Entragues mandou-me dizer que, dissesse elle o que dissesse, não tinha sabido tirar-lhe isto da cabeça. Dizia que me não podia dar signaes mais fortes de sua amizade, que o obstinar-se em me fazer mudar de sentimentos, e que eu não conhecia o que me era conveniente.

«O Rei da Dinamarca tinha mandado viajar seu filho mais velho. Veiu passar o entrudo a París, e o Rei o recebeu muito bem. Disseram-me ser muito airoso, e que dansava, e ia mascarado com Monsieur e Madame, e que fallava francez.

Não ouvia fallar senão d'elle, e até mesmo algumas pessoas quizeram dar a entender que elle pensava em mim.

«Madame de Choisy trabalhou muito para o casar com minha irmã d'Alençon. Ella, porém, não era bem feita, e elle não a quiz.

«Mandaram-me dizer que elle queria vir ver-me, e d'Entragues me escreveu que mr. de Turenne lhe tinha dito que o Rei achava bom que eu recebesse a visita. Eu tinha tão pouca vontade de ir para Dinamarca como para Portugal, e por isso não tratei de receber aquella visita. Estava zangadissima por andarem a espalhar boatos taes. Minha casa nem estava acabada, nem bem mobilada para receber estrangeiros d'aquella jerarchia; eis o que respondi aos que me escreviam a respeito d'elle. Quizeram-me mover com um dito que me não sensibilisou, que era o ser bello para mim, que no meu exilio, os Reis que vinham á côrte e não me encontravam n'ella, me vinham procurar onde eu estava. E fiquei bem contente por elle não me vir visitar.

«Estava eu sempre occupada (vol. v, pag. 258) com o meu negocio de Portugal, o qual me tinha no exilio, e pouco me informava a respeito de outros novos. Apesar de algumas pessoas da côrte e de París me escreverem mui regularmente, eu era tão indifferente a isso, que a maior parte do tempo, depois de queimar as cartas das pessoas da minha amizade, apenas lhe tinha respondido, já me não lembrava do que me tinham escripto, e não me lembrava, n'aquelle tempo, de que ainda me havia de pôr a escrever memorias. E como tive um outro negocio que me occupou, e que ainda me occupa, muitas occorrencias desappareceram da minha memoria. Até mesmo me espanto de me lembrar de tudo quanto escrevi ha um mez.

«Recordo-me de que o frade de S. Francisco voltou a prégar a quaresma perto de Saint Fargeau, onde tinha prégado o advento. Quando chegou veiu ver-me, e, depois de ter terminado a sua quaresma, veiu fazer-me uma visita para me dizer que víra mr. de Turenne em Paris, e que elle muito lhe fallava de mim; que por maior desejo que eu tivesse de deixar Saint Fargeau, não me dariam licença para me retirar, sem eu ter dado a minha palavra de que havia de estar por aquillo que me pediam a respeito de Portugal.

«Fiquei muito surprehendida por ver que mr. de Turenne tinha tido a imprudencia de se fiar n'um frade, prégador de aldeia, como aquelle era; residia o frade em Saint Fargeau, e disse-me certa manhã que ia d'ahi a umas duas leguas ter com um homem que mr. de Turenne lhe tinha enviado.

«Por este tempo achava-me bem mal de uma constipação que durava já havia uns quatro mezes, e que me não deixava quasi a respiração livre. Escrevi ao Rei, dizendo-lhe que tinha mandado esgotar um tanque onde caíam todas as aguas, e que o ar tinha ficado mau; que eu estava definhando; que lhe supplicava com toda a humildade que considerasse que eu nada tinha praticado que devesse attrahir sobre mim uma tal mortificação; que tomava a ousadia de lhe pedir ainda mais uma vez que me fizesse a honra de dizer-me em que tinha eu sido criminosa; que se me não queria dizer, e ainda me queria dar uma punição mais prolongada dos crimes que tinha commettido, tivesse a bondade de me deixar ir a Eu; que bem sabia que me não devia deixar ir á côrte, pois tinha tido a desgraça de lhe ser desagradavel. Eis pouco mais ou menos o conteudo da carta que lhe foi entregue por mr. d'Entragues.

«O conde de Béthune já não se envolvia nos meus negocios, depois que

tinha comprado o cargo de cavalheiro de honra da Rainha, do duque de Bournonville, a quem o tinham feito vender, e seu governo ao marechal d'Aumont, por ser dos amigos de mr. Fouquet.

«Mr. d'Entragues entregou minha carta ao Rei. Depois de a ter lido, disse-lhe:

«— Nada vos poderei responder sem ver mr. de Turenne, pois lhe prometti nenhuma attenção fazer a respeito de minha prima, sem lh'o participar.

«Dizia-me que o Rei lhe tinha dado aquella resposta com muita moderação, e que elle ia ter com mr. de Turenne. Soube que o não tinha encontrado; que no dia seguinte o outro estivera em casa d'elle para lhe dizer que o Rei lhe não queria escrever; que elle achava bom que eu fosse a Eu. Porém que isto não obstava, comtudo, a que desejasse sempre o negocio de Portugal; que estava persuadido que o Rei tinha abrandado a meu respeito, e me fazia conhecer que tomava interesse pela minha saude, me faria pensar em lhe obedecer em um negocio que lhe era importantissimo para o seu serviço.

«D'Entragues não ficou satisfeito por me haver escripto; enviou-me o marquez de Illiers, seu filho, para melhor explicar o caso. O frade que tinha partido para ir d'ahi a duas leguas, voltou d'aquella cidade antes que de Illiers d'ella tivesse chegado; fez-me ver a carta que mr. de Turenne lhe tinha escripto para lhe dizer que fossem ter com elle. Trazia-me um retrato do Rei de Portugal para m'o mostrar; reconheci-o, por o ter visto em casa de minha mãe antes de ir a S. João de Luz, feito pelo pintor de Comminges, na idade de treze annos. Disse ao reverendo padre que eu já tinha visto o que elle me mostrava, que se podia retirar, que não queria que se conservasse na minha casa, que me não importava que elle não fizesse a relação das ordens que mr. de Turenne lhe podia ter dado, nem queria ouvir fallar mais d'elle nem de suas negociações.

«Logo que Illiers me deu conta d'aquillo que seu pae me tinha já escripto, e que lhe fallei do imprudente procedimento de mr. de Turenne, retirou-se, e puz-me a caminho para ir a Eu.

«A Rainha tinha dado á luz uma filha durante o tempo que estive em Saint Fargeau, e anno e meio depois de me achar em Eu vim a saber que ella estava gravida (vol. v, pag. 273). Tinha eu estado muito tempo sem escrever para a côrte, e reflecti que a nova da prenhez da Rainha podia ser um pretexto decente para escrever ao Rei. Pensei que talvez quizesse elle que eu lhe pedisse uma vez, no espaco de dezoito mezes, que se lembrasse de mim, e que alguma vez poderia elle pensar que eu o desprezava; por isso, em virtude de todos estes raciocinios, escrevi-lhe para lhe dar os parabens pela gravidez da Rainha, e lhe exagerei o desejo que tinha de que Deus lhe desse um filho. Patenteei-lhe depois a dôr que eu tinha de estar por tanto tempo afastada d'elle, e o desejo de ter a honra de o ver.

«Recebi uma resposta mui honrosa. O Rei dizia-me que pela sua parte teria prazer em me ver, que podia ir para junto d'elle, e que levava a bem que eu partisse quando quizesse.

«Confesso que tal resposta me causou um grande prazer, por isso que a não esperava. Julguei que depois de me terem dado uma tal licença, não devia por mais tempo deixar-me ficar em Eu; e por isso puz-me a caminho logo que os festejos do Espirito Santo estavam passados.

«Dirigi-me para Paris. No dia seguinte achei todos os campos, desde Petit-

bourg até Fontainebleau cheios de carruagens que vinham ao meu encontro; toda a côrte alli veiu ter, á excepção de mr. de Turenne.

«Fui logo em direitura a casa da Rainha; o Rei, que alli se achava, se adiantou para me saudar, e me disse com um modo muito agradavel, que tinha muita alegria em me ver. Não sei o que lhe respondi, por estar n'aquelle momento muito perturbada. A Rainha estava no seu leito, á qual fiz uma profunda reverencia. Até me terem dado licença de a beijar, não a saudei senão d'esta maneira respeitosa.

«O Rei levou-me a um *Medianox,* no Canal, com Madame, onde havia uma musica, mais destinada a mademoiselle de la Vallière do que para o resto dos espectadores.

«Fiz tudo quanto pude para obrigar a Rainha a dizer-me o que tinha eu feito para ser exilada por tanto tempo, mas nunca me quiz responder, senão que era preciso não fallar mais do passado. Creio que tinham vergonha de haverem seguido tão ás cegas os conselhos de mr. de Turenne.

«O Rei veiu buscar-me um dia á saída da comedia, e me levou a um terraço, onde me disse ser preciso esquecer o passado, e que ficasse eu na certeza de que receberia d'elle toda a sorte de bons tratamentos, e que elle queria pensar em me casar; que mr. de Savoye era um melhor partido depois que sua mãe tinha morrido.

«Disse-lhe em resposta que no mundo nada mais desejava do que a sua amizade; que, se me quizesse dizer em que eu tinha sido culpada, ser-me-ia facil justificar-me; que tinha sempre acreditado que mr. de Turenne lhe tinha dito que eu lhe havia feito a promessa de me casar para Portugal; que elle lhe tinha dado a entender que eu me tinha retractado; que isto o tinha feito zangar; e que eu lhe protestava pela minha vida em como nunca lhe tinha dado esperança alguma. Que desde a primeira vez que em tal me tinha fallado, lhe tinha rogado de não pensar mais em similhante cousa.

«— Não fallemos mais n'isto; — respondeu-me — asseguro-vos que estou contente de vós; e me abraçou com muita ternura.

«Quando se approximou da Rainha, e do resto da companhia, disse em voz alta:

«— Minha prima e eu, acabâmos de nos abraçar.

«Poz-se depois a gracejar, e disse-me:

«— Confessae a verdade; vós vos enfadastes bem.

«Respondi-lhe que não, e que muitas vezes nas minhas occupações, dizia commigo mesmo:

«— Andam elles bem enganados na côrte; pensam que estou no desespero, e eu acho-me mais feliz e mais tranquilla do que elles.

«Tudo isto se passou em brincadeira (vol. v, pag. 280).

«Mr. de Turenne veiu ao meu quarto pela manhã, quando eu ia mudar de camisa, de modo que teve de esperar no gabinete uma meia hora. Toda a gente acreditou que eu o tinha feito de caso pensado, mas é certo que o não fiz de proposito. Nossa conversação foi muito seria e não muito cordial; não estava satisfeita d'elle, e elle tinha que se exprobar a si mesmo o eu não o estar.

«Estava eu em Saint Germain quando madame de Vendôme levou alli a mademoiselle de Nemours para se despedir do Rei com o fim de ir á Saboya, para onde a conduzia (vol. v, pag. 310). Este casamento não estava a par da grandeza

d'esta casa, a qual tinha sempre desposado filhas, irmãs, ou netas de Reis. Mr. de Laon, actualmente cardeal de Étrées, primo de madame de Vendome, fizera este casamento, não fazendo a minima reflexão de que tivera já casado mademoiselle de Nemours com o Principe Carlos. Tinha-o sempre patrocinado até ao momento em que pretendia trabalhar na conclusão do de Saboya; accommodava sempre os negocios segundo lhe convinha. O mesmo praticou a respeito da Rainha de Portugal, que era mademoiselle d'Aumale: casou-a com o Rei; consummado o casamento, escreveu a todas as suas amigas, participando-lhes quão grande rasão tinha para estar satisfeita. Que ella tinha casado com o homem mais honrado do mundo; que nenhuma cousa faltaria á sua felicidade quando tivesse um filho, e que dentro em pouco o esperava ter[1].

«Vi tudo quanto acabo de dizer, n'uma carta que ella tinha escripto a madame de Béthune, que a leu á Rainha na minha presença, e dois annos depois o cardeal d'Étrées, quiz que ella não estivesse casada, e lhe negociou o casamento com o Principe de Portugal; fez desterrar o Rei seu irmão para uma ilha, e disse que sua vida não estava segura; assim acha-se ella no caso de ter dois maridos, e no de ter casado com dois irmãos.

«Mr. d'Étrées póde fazer a si mesmo este genero d'exprobação, e ter algum remorso de haver conseguido o chapéu de cardeal por este caminho, quando o poderia ter conseguido por sua capacidade grande e ampla, por sua qualidade, e por muitas outras rasões, sem outro auxiliar que não fosse o seu merito. Deve ter suas amarguras, porque algumas considerações humanas lhe fizeram approvar o que se não póde fazer sem ser condemnado no intimo da sua consciencia. Teve ella um filho d'este ultimo marido, o qual é muito devasso, segundo toda a gente diz. Ha no emtanto esperanças de que ella se deixe ficar com este: se a causa do desregramento fosse sufficiente para romper um casamento, não poderia ella deixar seu marido, e desposar um terceiro irmão, pois não ha outro em Portugal senão o Rei e o que é marido d'ella.

*
* *

«Nasceu mademoiselle de Montpensier no anno de 1627, e falleceu em 1693. Seu nome figura na *Biographie universelle,* de Firmin Didot (vol. XXXVI, pag. 387), e n'esta obra apparecem linhas em francez, que vertidas em vernaculo resam do modo seguinte: «Mademoiselle deixou *Memorias,* onde existe uma sinceridade admiravel em tudo quanto a enternece, memorias cheias de candura. Seu estylo não é muito correcto, apesar de ter sido revisto por Segrais, secretario da duqueza; a leitura, porém, é agradavel e instructiva.»

«Mas a nós os portuguezes interessam-nos sobretudo as paginas em que mademoiselle narra muito por miudo tudo quanto Luiz XIV e o marechal de Turenne pozeram em pratica para conseguirem que ella casasse com D. Affonso VI, Rei de Portugal.

---

[1] É bom que o leitor note esta passagem. Vide tambem *Vida de El-Rei D. Affonso VI, escripta no anno de 1684. Com um prefacio de Camillo Castello Branco.* Porto, 1873.

«Os inimigos, porém, do nosso monarcha e da nossa independencia, de tudo haviam lançado mão para desacreditarem por toda a parte o nosso desditoso Rei. Este era ainda pintado com côres mais negras do que as de que se tinham servido Tacito e Suetonio para descreverem os caracteres dos monstros que, sentados no throno imperial, conservavam debaixo do seu infame jugo o imperio romano.

«Isto era o requinte de perversidade, e é mister que nós, os homens do seculo XIX, livres de preconceitos, façâmos a devida justiça ao infeliz monarcha,

«É mister que o pobre Affonso VI se patenteie tal como foi, e para este fim se encontram algumas palavras bem preciosas nas *Memorias* de mademoiselle de Montpensier, taes como: *Sua mulher* (a de Affonso VI) *escreveu a todas as amigas, participando-lhes que tinha grandes motivos para estar contente, pois havia casado com o mais honrado dos homens de todo o mundo, e que nenhuma cousa faltaria á sua felicidade, quando possuisse um filho, o qual esperava ter dentro em pouco.*»

MOOR (JOHN ——).
Letter from Portugal and Spain. London, 1809, in-8.º

MORAES (MANUEL ——).— Jesuita. Partiu para o Oriente em 1545, e evangelisou durante doze annos na costa da Pescaria.

Carta escripta de Goa a 3 de janeiro de 1545 aos padres do collegio de Coimbra.

Carta escripta de Malaca a 6 de agosto de 1545, aos padres da Provincia de Portugal.

Carta das Molucas no anno de 1551 aos seus companheiros.

Uma parte d'estas cartas foi vertida para italiano com outras. Venetia, por Tramesino, 1559, in-8.º

MORAGUES (D. JAIME JOSÉ ——).
Genealogia de los Reyes de España y de Portugal. Barcelona.

MORALES (AMBROSIO DE ——).
Insigne texto nas antiguidades de Hespanha, pela erudição e fundamento com que escreveu; falleceu em 1583.

Annotaciones al Conde D. Pedro, de que faz menção Argote de Molina no *Index dos auctores manuscriptos,* e D. Nicolau Antonio na *Bibliotheca Hispanica*[1].

MORALES (D. JUAN AUGUSTIN DE ——).
Lamentable y tragica relacion, que refiere los lastimosos y memorables casos que occurrieron en este año de 1732, en el mes de setiembre y octobre en la plaza de Campo Mayor, raya de España, por un rayo que caió en el almacen de la polvora. Y el otro en el puerto de la ciudad y córte de Lisboa, de un huracan ú

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 209.

tormenta, habiendo en una y otra parte muchos estragos. Por ——. En verso, 8 pag., 4.º Sem data, nem logar de impressão.

Bibliotheca publica de Lisboa.

MORATELLI (D. SEBASTIANO ——).— Capellano d'onore della Serenissima Archiduchessa Mariana d'Austria.

L'eco in Germania al viva del Portugallo negli augustissimi e felicissimi sponsali delle SS. MM. della Regina Maria Sophia e di D. Pietro Re di Portogallo. Funzioni poetiche, per commando di S. A. Serenissima Il duca de Neuburgo, Principe Elletoral Palatino. Condotte in musica dal Signore ——. Dusselds, Typis Joh. Hen. Boyer. Seren. Elect. Princip. Typographi. 4.º, 32 pag.

MORATIN (LEANDRO FERNANDEZ ——).

Foi publicado este soneto, offerecido a D. Luiz de Silva Mousinho de Albuquerque, auctor das *Georgicas portuguezas,* a pag. 60 do vol. x dos *Annaes das sciencias, das artes e das letras,* Paris, 1820, parte II.

Cantó el de Mantua con sonoro acento
La cultura del campo y los pastores:
Después, empresas celebró mayores,
Y á Roma alzó durable monumento.

Tu así, que en el bucolico instrumento
Ensayaste del arte los primores,
Desdeñando las selvas y las flores,
Épica trompa harás sonar al viento.

Si, que en los fuertes lusitanos dura
El mismo aliento que les dió victoria
En los opuestos límites del mundo.

Y al valor y á la virtud procura,
Silva, tu verso, inextinguible gloria,
De tu patria serás Maron segundo.

MORDENTE (J. EM.).—Teacher of languages.

Exercises upon the different parts of speech of the portuguese language referring to the rules of Mr. Vieyra's grammar. To which is added a Curse of Commercial Letters in Portuguese. London, Printed for F. Wingrave, 1807, 8.º, IV–174 pag.

«Tendo frequentemente encontrado jovens cavalheiros, cuja occupação exigia o conhecimento da lingua portugueza, puz nas mãos d'elles a grammatica de Mr. Vieyra, a qual eu julgo a todos os respeitos boa quanto é possivel, e vi com prazer o aproveitamento que elles obtinham, vertendo portuguez para inglez. Era, porém, isto, apenas metade do que desejava que elles praticassem, e vi-me, portanto, obrigado a compôr exercicios curtos para cada um dos meus discipulos, com o fim de verterem de inglez para portuguez. Obrigou-me isto, por fim, a compor o presente livro de exercicios, que me lisongeio de ser um valioso serviço para os que têem o desejo de ficarem inteiramente conhecedores d'este bello idioma.»

MOREAU (M.).

Analyse historique et chronologique des royaumes d'Espagne et de Portugal. Paris, 1786.

MORELET (ARTHUR ——).

Notice sur l'histoire naturelle des Açores, suivie d'une description des mollusques terrestres de cet archipel, par ——, membre de l'academie des sciences de Dijon, correspondant de l'academie des sciences de Lisbonne, de la société philomatique de Paris et de la société d'histoire naturelle de la Moselle. Paris, 1860.

«A Sua Magestade Fidelissima D. Pedro V, Rei de Portugal e dos Algarves.— Senhor! Dignando-se acceitar a homenagem d'esta noticia, Vossa Magestade mostra o apreço que ella vae ligar aos trabalhos, mesmo os mais modestos, que interessam a Portugal. É ao mesmo sentimento, cuja nascente é toda nacional, que nos devemos attribuir, Mr. Drout e eu, as marcas da alta benevolencia que têem animado os exordios da nossa empreza, por uma parte. Eu guardo, pela minha parte, uma preciosa recordação, e fico sendo, com o maximo respeito — Real senhor — De Vossa Magestade humillimo servo, *Arthur Morelet.*»

*
* *

«Os Açores formam no meio do Oceano Atlantico um archipelago composto de nove ilhas, distribuidas em tres grupos, que occupam sob a latitude de Portugal uma extensão de 150 leguas maritimas, entre os 27° e 33° de longitude; sua superficie póde ser avaliada em 180 leguas quadradas, pouco mais ou menos.

«Entre estas ilhas, Santa Maria é a mais oriental, e ao mesmo tempo a mais meridional: jaz a 311 leguas das costas de Portugal, e a 335 das de Marrocos; a mais recuada ao oeste — Corvo — está separada por um intervallo de 480 leguas das terras americanas, quero dizer, da ponta sul da Terra Nova.

«Os Açores foram conhecidos por um pequeno numero de sabios, cousa de um seculo antes da occupação portugueza.

«Estas ilhas figuram nas cartas nauticas do seculo XIV, e notoriamente sobre o famoso Portulano Mediceo, construido em 1351 por um navegador genovez. Estão ellas por alli representadas com uma exactidão relativa, que nenhuma duvida poderão deixar.

«Foi até mesmo um documento d'esta especie, proveniente da Italia em 1428, que decidiu um reconhecimento official, que se confunde geralmente com a primeira descoberta.

. . . . . .

«. . . Mais tarde, n'uma memoria concisa mas substancial, um homem de espirito eminente, Mousinho de Albuquerque, esboçava a passos largos a configuração de S. Miguel e repetia no valle das Furnas as analyses do seu predecessor, cujos trabalhos elle ignorava. Esta memoria, sem embargo das suas apreciações mui justas, não poderia ser classificada entre as producções que lançaram luz bastante ácerca da historia natural do archipelago, tendo o auctor dirigido principalmente suas investigações ácerca das questões da economia politica.

«Outro tanto podemos dizer, sob outro ponto de vista, das *Observations géologiques faites aux Madère et Açores,* par Vargas Bedemar.

MORELLI.

Reduccion y restituicion del reyno de Portugal a la serenissima Casa de Bragança, por J. B. ——. Turin, 1648.

MORENO (D. FRANCISCO PORCEL ——).

Retrato de Manuel de Faria y Sousa, que contiene su vida, un catalogo de sus obras y un sumario de sus elogios. Madrid, 1650.

MORENO (F. CHRISTOBAL ——).—Natural de Moxente, no reino de Valencia.

Vida de San Antonio de Padua. Valentiae, 1756, 8.º [1]

MORERI.

El gran diccionario historico. Miscellanea curiosa de la historia sagrada y profana, que contiene en compendio la historia fabulosa de los dioses, y de los heroes de su antiguedad pagana; las vidas y las accioues notables de los patriarchas, jueces y reyes de los judios, de los papas, de los santos martyres y confesores, de los padres de la iglesia, de los obispos, cardenales, emperadores, reyes, principes illustres, capitanes insignes, de los autores antiguos y modernos, y de quantos se hicieron famosos en alguna ciencia y arte. El establecimiento y el progresso de las ordenes religiosas y militares: y la vida de sus fundadores. Las genealogias de muchas familias ilustres de España, de Portugal y de otros paises. La descripcion de los imperios, reynos, republicas, provincias, ciudades, islas, montañas, rios, y otros logares dignos de consideracion de la antigua y nueva geografia, etc. La historia de los concilios generales y particulares, con el nombre de logares donde se celebraron. Traducido del francés de Luis Moreri; con amplissimas adiciones y curiosas investigaciones relativas a los reynos pertenecientes á las coronas de España y Portugal, assi en el antiguo como en el nuevo mundo. Por Don Joseph de Miravel y Casederante, de la real academia de la Historia, y Canonigo del sacro monte de Granada. En Paris, á costa de los libreros privilegiados, y en Leon de Francia, de los hermanos Detournes, libreros. 1753. Con los privilegios reales. 8 tomos em 10 volumes.

MORGANTI (BENTO ——).—Natural da cidade de Roma, e bacharel formado nos sagrados canones pela universidade de Coimbra.

Nummismalogia, ou breve recopilação de algumas medalhas dos Imperadores Romanos, de oiro, prata e cobre, que estão no museu de Lourenço Morganti, bibliothecario do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Thomás, primeiro patriarcha de Lisboa, a que se ajunta uma bibliotheca de todos os auctores que escreveram de medalhas e inscripções antigas. Parte primeira. Offerecida á Magestade de El-Rei nosso senhor D. João V, por ——. Lisboa. Na officina de Joseph Antonio da Silva, 1737, 4.º, 175 pag.

Descripção funebre das exequias que a Basilica patriarchal de Santa Maria dedicou á memoria do Fidelissimo senhor Rei D. João V. Lisboa, 4.º gr., com diversas gravuras de Delric e Bouteux.

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. I, pag. 248.

MORIER (JACQUES ——).

Second voyage en Perse, en Arménie, et dans l'Asie Mineure, fait de 1810 à 1816, avec le journal d'un voyage au golphe Persique, par le Brésil et Bombay, suivi du récit des opérations de S. E. Sir Gore Ouseley, ambassadeur de S. M. Britannique, par ——. Traduit de l'anglais par M. E. (Eyriès). Paris, 1818, 2 vol.

MORNER (THEODORO ——).— Allemão.

Osorii vita ejusque Historiarum libri VII *adversus Paganos.* Berolinae, 1844.

MORONE (CHARLES (THOMAS ——).—Jesuita, italiano.

Annuale di prediche e panegirici co' discorsi per la novena di S. Francesco Saverio e colle considerazioni pel Triduo avanti il Natale. In Parma, per Giuseppe Rosati, 1706, in-4.°, 139 pag.[1]

MORVILIERS (MASSON (DE ——).

Abrégé élémentaire de la géographie universelle de l'Espagne et du Portugal. Avec carte. Paris, 1786.

MOSHEMI (IO. LAURENTII ——).

Historia Tartarorum Ecclesiastica. Adjecta est Tartariae Asiaticae secundum recentiores geographos in mappa delineatio. Helmstadi, Apud Fridericum Christianum Weygand. 1741, 4.°, 216 pag.

Parecerá á primeira vista que a *Historia dos tartaros* nada tem que ver com os portuguezes, mas no emtanto n'ella encontrâmos noticias mui circumstanciadas a respeito das tentativas dos nossos para descobrirem quem era o decantado Preste João das Indias, e cita os seguintes auctores:

Antonio de Gouveia, *Jornada do Arcebispo de Goa.*

Jos. Franc. Lafitau, *Histoire des découvertes des portugais dans le nouveau monde.*

Luiz Cadamosto, *Navigationes.*

Ludovicus Romanus Patricius, *Navigationes.*

Alvares, *Preste João.*

Maffaeus, *Historia Indiarum.*

Genebrardus, *Chronicas.*

Morino, *De Sacris Ecclesiae ordinationibus.*

Damião de Goes.

Kircher, *China illustrata.*

Balthazar Telles, *Historia da Ethiopia.*

Affonso Mendes, *De rebus aethiopicis.*

E alem d'estes Otto Fringensis, Guillelmus Tripolitanus, Abericus, Vincentius Bellovacensis, Marino Sanuto, Jacob de Vitriaco, Marco Paulo, Joannes de Plano Carpini, Guillaume Rubriquis, Petit de la Croix, Histoire de Genhizcan, e muitos outros.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 389.

MOSQUERA (CHRISTOBAL ——) DE FIGUEROA.
Comentario ou breve compendio de disciplina militar, en que se escrive la jornada de las islas de los Açores. En Madrid, por Luis Sanchez, 1596, in-4.º, de IV–184 folhas numeradas, mais 4 folhas para a *Tabla.*
Valeu setenta francos no leilão de Don José Miró.

MOT (UN) *sur la crise de Portugal, les dangers de l'Espagne et l'alliance entre la France et l'Angleterre.* Paris, 1826.

MOTIVI *dell' accidente di Portogallo.* Lugano, 1759, 8.º, 1 vol., 32 pag.

MOTS (QUELQUES) *en réponse à quelques personages, sur les affaires de Portugal.* Londres, 1831.

MOUGINS (M. E.) DE ROQUEFORT.
Histoire chevaleresque de Portugal.

MOUVEMENT (LE) *économique de Portugal et le Vicomte de San Januario, membre correspondant de la Société Académique Indo-Chinoise.* Paris, 1882. 14 pag.

MR. PAYEN.
Rapport au nom de la commission du regime alimentaire dans les hopitaux, par ——. Lisbonne, 1864, in-8.º

MULLER (CHRISTOVÃO ——).—Jesuita, natural de Breslau.
Andacht der Zehn Freytage zu Ehren des h. Indianer Apostels Francisci Xaverii. Prag., typis academicis, in-8.º[1]

MULLER BEECK (F. G.).
Eine Reise durch Portugal. Hambourg, 1883. 84 pag. Com uma carta geologica.
Falla de Camões e traz poesias do nosso poeta, vertidas para allemão.

MULLER (JOHN. CHR.).
Portugiesische Sprachlehre. Hambourg, 1840. XVI–282 pag.
No *Supplemento* tem: *Leseübungen,* 219 a 223. *Vida de Luiz de Camoens,* 223 a 230. *Poesias. Soneto. Decima. Da Lusiada,* canto I, 1 a 12.

MUNCH.
Geschichte von Portugal. Dresden, 1827. 3 vol.

MUNCH BELLINGHAUSEN (BARÃO ——).
Camoens Dramatisches Gedicht. Wien, 1838, in-8.º. Sob o pseudonymo de D. Friederich Halms. V. Halms.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. o, pag. 548.

MUNNICH (H. A.).

Die Camoensgrotte. Aus dem Tagebuche eines Supercargo. Braunschweig, 1873. 6 pag. in-8.º Com uma estampa: *A gruta de Camões em Macau.*

MUNOZ (LUIZ ——).—Natural de Madrid.[1]

Vida de Fr. Bartholomé dos Martyres, de la Orden de Santo Domingo, Arzobispo y Señor de Braga, sacada de las historias que de el escribieron los Padres Fr. Luiz de Granada, Fr. Luis de Cazegas, y Fr. Luiz de Sousa, de la misma orden. Madrid. 1645, 4.º

MURATORI (LODOVICO ——).—Bibliothecario del Sereniss. Sig. Duca di Modena. Nasceu em Vignola no anno de 1672, e morreu em Modena no de 1750.

Il Christianesimo felice nelle Missioni de' Padri della Compagnia di Gesù nel Paraguai, descritto da ——. In Venezia, 1743. Presso Giambatista Pasquali. 4.º gr., 196 pag., com um mappa.

Relation des Missions du Paraguay. Traduit de l'italien. Paris, 1754.

Lusitaniae Ecclesiae Religio in administrando Pœnitentiae Sacramento.

MURCHISON (SIR RODERICK IMPEY ——).

Siluria. 1854.

É uma memoria do marquez de Rezende, publicada no *Panorama* de 1854, pag. 372, na qual se encontram muitas e mui curiosas noticias geologicas dos contornos de Lisboa.

MURO (D. FRANCISCO DE CASEDA Y ——).

Este presbytero hespanhol em 1799 propoz-se a traduzir e publicar em castelhano a *Tentativa philosophica* do padre Antonio Pereira.

Esta traducção parecia ser auxiliada pelo governo, pelas ordens energicas e amiudadas que o ministro de Carlos IV, D. Mariano Luiz de Urguijo, dirigiu ao supremo conselho de Castella, sobre a sua prompta expedição.

O supremo conselho de Castella é o tribunal de mais respeito e consideração que ha em Hespanha; elle contava então trinta vogaes os mais conspicuos em nobreza, sciencia e virtudes; e é a quem os soberanos de Hespanha mandam consultar sobre quaesquer objectos de importancia, ou seja em materia de consciencia, ou em objectos de utilidade publica.

E como em Hespanha a publicação de obras, especialmente theologicas e politicas, foi sempre olhada como um objecto de alta importancia para a conservação da pureza da Fé e manutenção dos bons costumes, foi remettida a dita traducção, com um despacho de D. Mariano Luiz de Urquijo, em data de 31 de outubro do mencionado anno, ao supremo conselho, para dar o seu parecer, sobre se havia ou não inconveniente na publicação d'aquellas obras em lingua vulgar.

O conselho, seguindo a marcha ordinaria de similhantes negocios, remetteu

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. I, pag. 55.

no dia 8 de novembro do mesmo anno as traducções aos fiscaes da corôa. Estes, vendo a qualidade da materia, e conhecendo, alem d'isso, quaes eram as vistas do ministro Urquijo, o qual protegia decididamente as idéas liberaes, que transtornaram a Hespanha, tornaram a remetter a traducção, manifestando ao conselho, em data de 17 de dezembro, que, attendendo ás materias que continha a traducção, seria conveniente e necessario que se remettessem ao cabido de curas de Madrid, a fim de que elles, como theologos, censurassem e qualificassem estas obras, para sobre esta censura e qualificação fundamentarem elles o seu parecer.

O conselho, julgando mui acertado este procecedimento dos fiscaes, remetteu a traducção ao cabido em data de 5 de janeiro de 1800, para elle dar a sua censura theologica.

Mas como todo este expediente pela sua demora desagradasse ao ministro, que se empenhava na prompta publicação, mandou uma ordem ao conselho, em data de 25 de dezembro, recommendando a prompta execução da primeira ordem de 31 de outubro, e perguntando ao mesmo tempo o motivo de tanta demora; e como o conselho lhe respondesse que, attendidas as rasões dos fiscaes, haviam mandado as traducções ao cabido de Madrid, para dar a censura theologica, expediu o ministro outra ordem em 6 de janeiro, em que estranhava muito o procedimento do conselho e que formava outra idéa de suas luzes; que os julgava com sufficientes conhecimentos para dar o seu parecer sobre uma questão que lhe devia ser conhecida; que desconfiava haver algum fim sinistro n'esta delonga; e ultimamente lhe ordenava, que sem perda de tempo e sem esperar a censura dos theologos, desse o seu parecer sobre se convinha ou não a publicação das duas obras; e que para isto fosse convocado conselho pleno, tomando-se em separado quaesquer votos que divergissem da pluralidade.

Convocado o conselho em virtude d'esta ordem, tornou a remetter a traducção aos fiscaes, para darem o seu parecer sem a audiencia dos theologos.

No dia 20 de janeiro remetteram os fiscaes ao conselho os seus pareceres precedidos de uma defeza do seu comportamento áquelle respeito, dando as rasões, sem duvida mui solidas, porque assim haviam procedido, e explicando ao mesmo tempo o motivo da delonga.

O fiscal mais antigo formulou o seu voto em separado, insistindo mais sobre as traducções serem feitas por outras traducções, como acontecia á obra de Pereira, que era traduzida da traducção italiana, do que sobre a essencia da materia; e que seria necessario que estas traducções fossem corrigidas e emendadas segundo a primeira edição de Lisboa em 1766, porque o mesmo Pereira rejeita e não quer que se olhem como suas as differentes traducções que se haviam feito. Acrescentou mais o fiscal, que algumas proposições encontrava que eram dissonantes; mas que essas, como eram sobre materia divina, só os theologos e bispos podiam censurar; porque suspendia o seu parecer sobre esta materia, apesar de que este primeiro fiscal parecia concordar alguma cousa com a intenção do ministro, concluiu o seu voto, dizendo:

«Por tudo isto é o fiscal de parecer que não ha necessidade de que se imprima e publique, traduzida em o nosso idioma, a obra *Tentativa theologica,* do padre Pereira; e que podem ter logar e seguir-se muitos inconvenientes e males espirituaes e temporaes, em que se publique. O conselho accordará o melhor.»

Os dois fiscaes mais modernos foram do mesmo parecer; e pelo que pertence á obra de Pereira, disseram o seguinte:

«Que não convem se imprimam e publiquem as traducções das obras de Pereira e Cestari, porque as consideram contrarias á pureza da fé e da religião catholica, e contrarias ás maiores e mais eminentes regalias do nosso catholico monarcha, e contrarias á paz e tranquillidade d'estes reinos.»

Estas proposições, que no conceito de alguns seriam tidas por excessivas, arriscadas e até temerarias, poderiam sem duvida demonstral-as os fiscaes com a devida solidez e extensão, se para isto se lhes desse o tempo necessario; porém no extremo e summo apuro em que se lhes pede seu parecer só poderão indicar ou expor algumas regras ou principios geraes comprovativos da verdade das tres mencionadas proposições, insistindo todavia em que o seu parecer não póde salvar a delicadeza da consciencia de Sua Magestade na parte theologica que encerra a primeira das tres proposições, pelo que deixam manifestado n'esta e na sua anterior resposta.

O resto do livro contém a refutação das doutrinas do nosso padre Antonio Pereira.

MURR (M. CHRISTOPHE THEOPHILE DE ——).

Geschicht der Jesuiten in Portugal unter Pombal. Nürberg, 1787–1788.

Histoire diplomatique du chevalier portugais Martim Behaim de Nuremberg. Avec la description de son globe terrestre. Par ——. Traduit de l'allemand par le citoyen H. J. Jansen. Troisième edition, revue et augmentée par l'auteur. Avec deux planches. A Strasbourg et Paris. Chez Treuttel et Würtz, libraires. An x, (1802), 8.º, VIII–156 pag. com uma estampa e atlas.

«Depois da primeira edição d'esta *Histoire diplomatique* em 1778, que eu agora apresento muito augmentada, publicaram em Paris uma versão franceza por Mr. H. J. Jansen, na *Recueil de pièces intéréssantes traduites de différentes langues,* tomo I e II, à Paris, 1787, 8.º gr., com a estampa do hemispherio do globo, onde se deve ler na ilha Cipangù: *il y a de l'or et des arbres de Pisange.* Chez Barrois l'aîné. O traductor pol-a como appenso á traducção do cidadão Charles Amoretti da primeira viagem á roda do mundo pelo cavalleiro Pigafetta, *Sur l'escadre de Magellan, pendant les années 1519, 1520, 1521 et 1522...*

«O cidadão Charles Amoretti, um dos bibliothecarios e doutores do collegio Ambrosiano em Milão, publicou o *Ragguaglio della navigazione alle Indie Orientali per la via de l'Occidente, fatto dal cavaliere Antonio Pigafetta, Patrizio Vicentino, sulla squadra del cap. Ferdinando Magaglianes, negli anni 1519–1522.* Milano, 1800, in-4.º gr., acompanhado de mappas e estampas. Traduziu-o tambem para francez, com um extracto do *Tratado de navegação do cavalleiro Antonio Pigafeta.* Demonstra claramente que o nosso Martim Behaim nenhuma parte tomou na descoberta da America, e ainda menos na do estreito de Magalhães.

«O cidadão Amoretti diz no seu prefacio, pag. 21: «Para nos certificarmos de que Magalhães procurou esta passagem, por a ter visto desenhada na carta de Martim de Bohemia, basta só ler o que diz Pigafetta a tal respeito. E as suas palavras são as seguintes: *Il capitano generale che sapeva de dover fare sua navigazione per uno streto molto alcoso, como vide ne la thesoraria dal re de Portugalo in una carta fatta per quello excelentissimo huomo Martim de Boemia mando due navi, etc.* Pag. 40.

MURRAY.

Asiatic Discoveries.

«As missões portuguezas na côrte de Akbar desde 1582 até 1605, constituem um dos mais interessantes capitulos da historia da India portugueza. A narrativa usualmente citada é a de Mr. Manouchi, que foi por muitos annos physico de Aurang-zeb. Não vi a sua historia, mas parece ter saído em corpo sobre si. Segundo Hough, que dedica um capitulo a estas missões, ha sobre ellas preciosos manuscriptos no museu britannico, alguns dos quaes parecem ser originaes dos proprios missionarios. Ha tambem relações d'esta missão nas *Asiatic Discoveries* de Murray e uma relação italiana de Akbar, e da missão jesuitica por Peruschi[1].»

MURY (P. PAUL ——).

Histoire de Gabriel Malagrida. Paris, 1865, 8.º, 1 vol. III-272 pag.

MUSEO *español de antiguedades, bajo la direccion del doctor D. Juan de Dios de la Rada y Delgado. Editor D. José Gil Dorregaray.* Madrid.

É publicação importante, onde se falla bastante de Portugal.

MUSGRAVE (THOMAS MOORE ——).

D. Ignez de Castro. A tragedy by Ferreira. London.

The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens. Translated from the portuguese. London, John Murray, 1826, 8.º gr. 585 pag.

Traz o retrato de Camões desenhado por W. Skelton, e o de D. Ignez de Castro, pelo mesmo. A traducção é offerecida ao conde de Chichester.

Segue-se um prefacio no qual o traductor declara que de bom grado escreveria a vida do poeta se Mickle o não tivesse já feito, acrescendo a circumstancia de não se ter feito nenhuma descoberta posteriormente, que elucidasse a vida do poeta, havendo ainda a este respeito muitas outras obras, como as de Adamson, Bonterweek, Sismondi, etc., as quaes eram bem conhecidas.

«Seria imprudente, realmente, negar que, independentemente das censuras que têem sido feitas ao machinismo mythologico de Camões, haja alguns outros defeitos nos *Lusiadas,* os quaes difficilmente podem deixar de ferir a attenção dos mais indulgentes leitores do poema. Algumas vezes estão estes defeitos singularmente misturados com muita cousa, que póde justamente ser admirada.

«O episodio de D. Ignez de Castro em parte é bello; porém está estragado pela introducção de allusões as mais frias e desapropriadas. O genio do Cabo da Boa Esperança está revestido de portentosos terrores; mas se bem que seu aspecto é medonho, sua narração titanica não desperta interesse. A ilha dos Amores é encantadoramente descripta; mas a rica e agradavel vegetação, que a cobre, é de alguma sorte profanada pelas recreações figurativamente voluptuosas, das quaes a scena é composta. Nem se póde negar que as digressões historicas e geographicas nos *Lusiadas* occupam demasiada porção do poema, e que as varias illustrações classicas, nem sempre introduzidas com felicidade, algumas vezes apresentam as vãs pretensões de erudito, com exclusão das mais attractivas graças

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama,* junho de 1874, pag. 132.

do poeta. É bem para lamentar que Camões pedisse emprestado tanto ao genio dos outros, quando com segura confiança, podia judiciosamente ter se fiado no seu proprio.»

. . . . . .

Os ultimos cinco cantos foram submettidos á apressada, mas critica inspecção de Mr. William Lukin, no tino do qual depositou grande confiança.

A traducção é em verso solto.

And thou alone, O Love, whose barb'rous sway
With pow'er resistless rules the human heart,
Thou wert the cause of her lamented fate,
As if thy rites perfidiously she scorn'd.
Yes, cruel Love, thy thrist insatiable
Not tears of deepest sorrow can allay,
Nor aught can satisfy thy tiranny
Unless thy Altars reek with human blood.

In sweet retirement, happy and serene,
Thou, lovely Ignez, pass'st those tender years
In which the soul to bright delusions yields,
Which soon, alas! misfortune dissipates.
Amidst th' enamelled lawns that grace the banks
Of fair Mondego's stream, swell'd by thy love
The hills and vallies echoed the dear name
Engraven on thy heart. Each scene recall'd
The tenderest remembrances of Love.
And thee thy Prince in fancy e'er beheld,
Though by thy sweet impassion'd eyes unseen,
Each night in blissful, but deluding dreams.
Each day in faithful thoughts that flew to thee,
While all the meditated, all he saw,
Awak'd the mem'ry of transporting joy.
Beauty and royal rank in vain aspire
To hymeneal bonds. Both he rejects.
With thee, pure Love, these nothing can avail,
If once subdued by the impressing glance
Of gentle loveliness. The vary King
Regarding, as a fantasy, this love,
That wean'd his Son from other nuptials,
To public murmurs lends too prompt an ear,
And cruelly resolves on Ignez' death,
Affection's link that binds his Son to break,
Believing that her blood, thus basely shed,
Alone could quench this constant, ardent flame.
What madness could unsheath bright honor's sword,
Which with such heroism had sustain'd
Th' impetuous fury of the Moor, and point
Its edge against a lovely, helpless Fair!

Dragg'd by the ministers of death before
The King — his heart soft pity's impulse touch'd;
But the blind fury of the insensate mob
Urg'd him the lovely Ignez to condemn.
In accents of profoundly — moving grief,
Not for her own sade fate, but for her Prince
And tender offspring from their Mother torn;
(A pang to her more cruel far than death!)
To Heav'n she rais'd her sweet imploring eyes,
More sweetly eloquent by sorrow's tears,
Her eyes alone, for attitude of pray'r
To her imprison'd hands was then denied;
With looks of tenderest maternal love,
Hear dear, her darling children she beheld,
And with a Mother's fears their orphan state
Viewing with dread — thus to the King she spoke:
If savage and ferocious animals
Nature has made, instinctively,
And equally has prompted birds of prey
Themselves by rapine solely to subsist,
Yet even these have tender infants spar'd,
By the soft impulse of compassion mov'd;
No Ninus' Parents was of old preserv'd,
And the twin founders of majestic Rome.
O thou, whose mien humanity bespeaks,
(Yet can it be humane a damsel weak
And helpless to destroy, because his heart
Who, gain'd her love, by love she holds enchain'd?)
Let these sweet Innocents thy pity move,
Though none induce thee to avert my fate;
For them let me, and thy compassion plead,
Although thy mercy be withheld from me
Guiltless of all offence. If the proud Moor
Thou couldst by fire and sword exterminate,
The clemency now show in granting life
To her who never merited its loss.
But if my innocence can nought avail,
Consign me to perpetual banishment,
To Scythia's cold, or Libya's heat expos'd,
Where I with bitter tears may weep away
The sad remainder of my wretched days;
Place me with lions and with tigers fierce;
That pity amidst them I still may find,
Which in the human breast I seek in vain;
Retaining there that virtuous spotless love
For him for whom I now am doom'd to die,
These fruits of his affection which thou seest,
Their Mother's grief will there alleviate.

To pardon, the benignant King inclin'd
By these pathetic words to pity mov'd;
But adverse destiny and bitter foes
Check'd in its course the royal clemency.
Swift from their scabbards flew the glitt'ring swords
Of those who triumph'd in this horrid deed
Against defenceless innocence.—Monsters
Ferocious, ye were, yet chevaliers
Profess'd! The beautiful Polyxena,
The only solace of her Mother's age,
By fierce Achilles' shade condemn'd to die,
Awaited thus death's stroke from Pyrrhus' sword;
Her eyes, e'er wont a cheerful influence
To shed around, on her griev'd Parent, now
To reason lost, she fix'd and as a meek
And unresisting lamb was sacrific'd.
Thus was fair Ignez, too, of life bereft;
Her base assassins arm'd with brutal rage,
Unheedful of all future punishment,
Their tarnish'd swords, and the white lovely flowers
Which often she had water'd with her tears,
Now bath'd with blood, shed from that snow-white breast,
Which love had grac'd with treasures that subdued
Him who proclaim'd her after death his Queen.
At sight of such a deed well mightest thou,
O Sun, withdraw thy conscious rays, as erst
From Atreus' cruel feast, when on his child
Thyestes fed, deceiv'd by impious fraud!
And you, ye gloomy vallies, that receiv'd
The last faint accents of her dying lips,
Her royal Lover's name with her last sigh
Invoking — long this consecrated name
In sadness ye rehears'd! As the sweet flower,
White as pure snow, when prematurely pluck'd
By the light hearted maiden's careless hand,
Destin'd her rustic chaplet to adorn,
Its fragance loses with its native hue;
So thus in death the pallid Ignez lay,
Her roses wither'd, her complexion gone,
And ev'ry vivid tint, with life, extinct.
Mondego's Nymphs this tragical event
Commemorated long with poignant grief,
And, in perpetual mem'ry of her fate,
To a pure fountain chang'd their copious tears.
The name it then receiv'd it still retains,
For still it is the fount of Ignez' Loves.
What faunt like this revives the drooping flowers!
Tears are its spring, and Love its hallow'd name.

MUSZKA (NICOLAU ——).— Jesuita, hungaro.

Absolutum patientiae exemplar D. Franciscus Xaverius. Tyrnaviae, 1741.

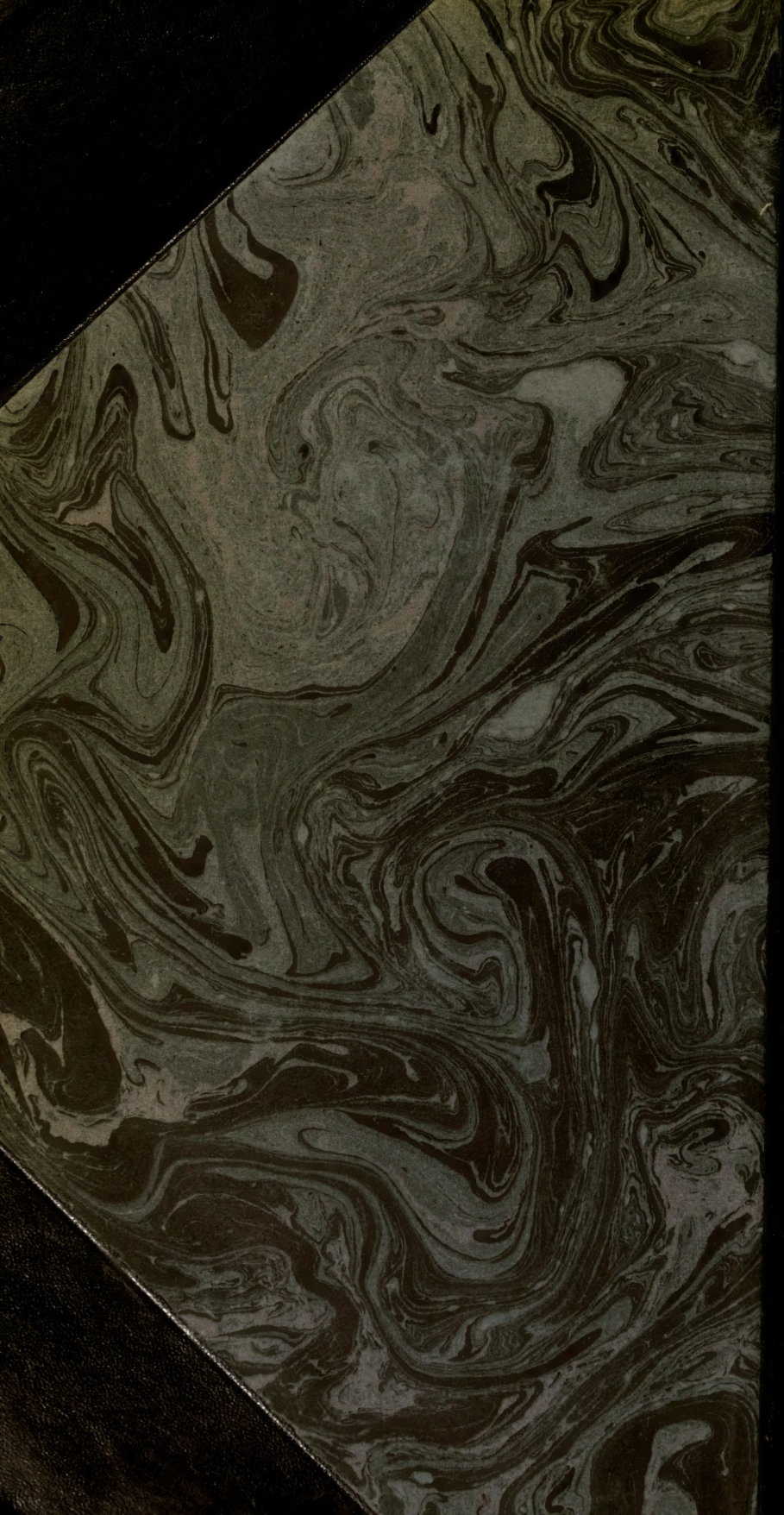
MUXICA (JOSEPH ANTONIO BRUTON Y ——).— Jesuita, hespanhol.

Octavas. Impressas no Sacro Monte Parnaso de las Musas en elogio de San Francisco Xavier. Valencia, por Francisco Mestre, 1687, in-4.°

FIM DO SEGUNDO VOLUME

Z
2726
B522
v.2

Bernardes Branco, Manoel
Portugal e os estrangeiros

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY